LUCÉLIA BRAGHINI

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Este exemplar corresponde à versão final da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, para obtenção do título de Doutor em Ciências Médicas, Área Saúde Mental.
Campinas, 15 de fevereiro de 2001.

Prof. Dr. Joel Sales Giglio
Orientador

MASCULINO E FEMININO NUM ESTRATO CULTURAL BRASILEIRO: mandatos de gênero e expressões simbólicas arquetípicas

CAMPINAS

2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

LUCÉLIA BRAGHINI

MASCULINO E FEMININO NUM ESTRATO CULTURAL BRASILEIRO: mandatos de gênero e expressões simbólicas arquetípicas

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Ciências Médicas, área de Saúde Mental

Orientador: Prof. Dr. Joel Sales Giglio

CAMPINAS

2001

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

B78m
B73m

Braghini, Lucélia
Masculino e feminino num estrato cultural brasileiro: mandatos de gênero e expressões simbólicas arquetípicas / Lucélia Braghini. Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador : Joel Sales Giglio
Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

1. Gênero. 2. Identidade. 3. Arquétipo (Psicologia). 4. Imagens (Psicologia) . I. Joel Sales Giglio. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Banca examinadora da tese de Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Joel Sales Giglio

Membros:

1.

2.

3.

4.

5.

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas, área de concentração em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 15.02.01

Dedicatória

Aos meus pais Aldo e Janete,

Que me ensinaram os segredos da colheita e da semeadura, dedico este fruto maduro, produto de uma longa e árdua trajetória, onde pude exercitar paciência, perseverança e aprender no silêncio o sentido do sacrifício, para somente então efetuar o domínio das condições adversas do tempo.

AGRADECIMENTOS

- Aos homens e mulheres, sujeitos deste estudo, que em sua disponibilidade tornaram possível a realização da pesquisa, relatando suas experiências imaginativas e sua visão das relações de gênero;

- Ao SOS/Ação-Mulher e Família, um campo inesgotável para a pesquisa, que cedeu o espaço físico e parte da amostra, viabilizando desta forma a realização da coleta-de-dados;

- Ao meu orientador, Prof. Dr. Joel Sales Giglio, cujo conhecimento possibilitou-me aprofundar a aprendizagem dos conceitos em Psicologia Analítica, cuja sabedoria me permitiu o desenvolvimento de algumas atitudes básicas, inerentes ao papel de pesquisadora;

- Ao setor de Apoio Didático da Faculdade de Ciências Médicas que completou a lapidação deste estudo em referência aos parâmetros de cientificidade;

- À Mônica Aparecida C. Garcia de Almeida, secretária da área de concentração de Saúde Mental do curso de Ciências Médicas, cujo papel foi essencial nos procedimentos finais de homologação desta tese.

Trabalho realizado com apoio FAPESP

Processo nº 96/08650 -7

"O equilíbrio depende do casamento que pode ser feito entre o masculino e o feminino, que são a representação simbólica de todos os opostos que constituem a vida. Quando pudermos viver esse casamento interno realizando em nosso psiquismo o símbolo do Andrógino, a relação entre o homem e a mulher será mais rica e criativa" (CAVALCANTI, 1987).

SUMÁRIO

VOLUME I

1 - INTRODUÇÃO ..... p. 37

1.1) Objetivos

1.1.1) Objetivo geral ..... p. 41

1.1.2) Objetivos específicos ..... p. 41

1.2) Justificativa ..... p. 42

2 - REVISÃO TEÓRICA ..... p. 43

2.1) Os arquétipos e os mandatos de gênero ..... p. 45

2.1.1) Macho ou fêmea: o ponto de vista da biologia ..... p. 48

2.1.2) Perfazendo a trajetória de construção das identidades masculina e feminina: os passos de Adão e Eva ..... p. 50

2.1.3) Lilith, o lado sombrio de Eva ..... p. 57

2.1.4) Como ser homem ou mulher??? Consultar "script" ..... p. 65

2.1.5) A herança arquetípica: a busca do essencial ..... p. 69

2.1.6) *Animus* e *anima:* 'Esse outro estranho que me habita' ..... p. 71

2.1.6.1) Relacionamento com o *animus/anima* ..... p. 75

2.1.6.2) Diálogos com a *persona* ..... p. 77

2.1.7) Uma visão simbólica do masculino e feminino ..... p. 80

2.1.8) O papel do símbolo ..... p. 82

2.2) Identidade, cultura e religião ..... p. 85

2.2.1) A tradição judaico-cristã e a despatriarcalização das escrituras ..... p. 85

2.2.2) Identidade feminina nas escrituras: ser mulher é ser mãe ..... p. 87

2.2.3) Aspectos psico-sociológicos da identidade ..... p. 87

2.2.4) As representações coletivas e a identidade coletiva das mulheres ..... p. 91

2.2.5) A identidade étnica brasileira ..... p. 96

2.2.5.1) As raízes luso-hispânica-ameríndias do brasileiro ..... p. 99

2.2.5.2) A contribuição do elemento negro e outras raças ..... p. 101

2.2.5.3) O princípio feminino na cultura brasileira ..... p. 103

2.2.5.4) O princípio masculino na cultura brasileira ..... p. 106
2.2.6) O caminho aberto pela mulher ..... p. 108
2.2.7) Buscando um caminho para ser homem ..... p. 109
2.2.8) Relação homem/mulher: a complexa urdidura de uma tentativa de ajustamento ..... p. 112
3 - METODOLOGIA ..... p. 119
3.1) Considerações metodológicas ..... p. 121
3.1.1) As idiossincrasias do movimento: consciente ⇔ inconsciente ..... p. 121
3.1.2) As técnicas imaginativas ..... p. 123
3.1.3) A técnica simbólica ..... p. 128
3.1.4) O método fenomenológico aplicado à entrevista semi-dirigida ..... p. 132
3.1.5) O uso do questionário ..... p. 137
3.1.6) Algumas considerações sobre o método fenomenológico em Psicologia ..... p. 139
3.2) Método ..... p. 144
3.2.1) Sujeito ..... p. 144
3.2.2) Amostra ..... p. 144
3.2.3) Instituição ..... p. 145
3.2.4) Procedimento para coleta-de-dados ..... p. 145
3.2.4.1) Imaginação ativa ..... p. 146
3.2.4.1.1) Cuidados tomados quanto a não indução na aplicação da técnica de imaginação ativa ..... p. 147
3.2.5) Pesquisa-piloto ..... p. 150
3.2.6) As hipóteses de trabalho ..... p. 151
3.2.7) Procedimento de análise
3.2.7.1) Entrevista semi-dirigida ..... p. 153
3.2.7.2) Imaginação ativa ..... p. 154
4 - RESULTADOS ..... p. 157
4.1) Perfil dos sujeitos ..... p. 159
4.2) Imaginação ativa ..... p. 162

4.2.1) Casos de mulheres ..... p. 162
Caso nº 1: Cibele
1) Figura feminina ..... p. 162
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 167
2) Figura masculina ..... p. 175
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 177
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 181
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 184
Caso nº 2: Verônica
1) Figura feminina ..... p. 187
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 189
2) Figura masculina ..... p. 195
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 198
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 204
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 206
Caso nº 3: Ester
1) Figura feminina ..... p. 210
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 213
2) Figura masculina ..... p. 217
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 220
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 223
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 225
Caso nº 4: Judite
1) Figura feminina ..... p. 228
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 232
2) Figura masculina ..... p. 235
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 237
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 239
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 242

Caso nº 5: Aline

1) Figura feminina ..... p. 244

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 251

2) Figura masculina ..... p. 256

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 261

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 264

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 266

Caso nº 6: Laura

1) Figura feminina ..... p. 269

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 271

2) Figura masculina ..... p. 274

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 276

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 277

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 279

Caso nº 7: Samanta

1) Figura feminina ..... p. 281

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 282

2) Figura masculina ..... p. 284

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 286

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 290

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 292

Caso nº 8: Letícia

1) Figura feminina ..... p. 294

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 297

2) Figura masculina ..... p. 300

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 302

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 305

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 307

Caso nº 9: Diana

1) Figura feminina ..... p. 308

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 312
2) Figura masculina ..... p. 317
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 320
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 323
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 326
Caso nº 10: Paloma
1) Figura feminina ..... p. 328
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 330
2) Figura masculina ..... p. 333
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 336
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 338
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 340
Caso nº 11: Vitória
1) Figura feminina ..... p. 343
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 347
2) Figura masculina ..... p. 355
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 357
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 362
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 364
Caso nº 12: Ivone
1) Figura feminina ..... p. 367
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 370
2) Figura masculina ..... p. 374
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 376
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 380
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 381
4.2.2) Casos de homens ..... p. 386
Caso nº 1: Aldo
1) Figura masculina ..... p. 386
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 388

2) Figura feminina ..... p. 390
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 393
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 395
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 397
Caso nº 2: Rafael
1) Figura masculina ..... p. 399
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 402
2) Figura feminina ..... p. 405
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 407
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 410
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 413
Caso nº 3: Isac
1) Figura masculina ..... p. 416
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 418
2) Figura feminina ..... p. 422
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 425
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 428
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 429
Caso nº 4: Arquimedes
1) Figura masculina ..... p. 431
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 435
2) Figura feminina ..... p. 440
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 442
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 444
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 446
Caso nº 5: Yuri
1) Figura masculina ..... p. 450
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 453
2) Figura feminina ..... p. 456
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 459

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 462
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 464
Caso nº 6: Alexandre
1) Figura masculina ..... p. 466
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 469
2) Figura feminina ..... p. 472
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 475
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 479
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 481
Caso nº 7: Diógenes
1) Figura masculina ..... p. 482
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 486
2) Figura feminina ..... p. 489
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 492
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 495
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 497
Caso nº 8: Adriano
1) Figura masculina ..... p. 499
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 501
2) Figura feminina ..... p. 504
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 506
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 511
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 513
Caso nº 9: Átila
1) Figura masculina ..... p. 516
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 518
2) Figura feminina ..... p. 520
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 525
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 530
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 532

Caso nº 10: Pedro

1) Figura masculina ..... p. 536

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 539

2) Figura feminina ..... p. 541

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 543

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 545

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 547

Caso nº 11: Wotan

1) Figura masculina ..... p. 548

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 554

2) Figura feminina ..... p. 560

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 563

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 567

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 569

Caso nº 12: Heródoto

1) Figura masculina ..... p. 570

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 576

2) Figura feminina ..... p. 582

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 589

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 598

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 606

VOLUME II

4 - RESULTADOS (continuação) ..... p. 25

4.2.3) Síntese dos resultados obtidos na técnica de imaginação ativa

4.2.3.1) Figuras de identificação ..... p. 27

A - Quadro resumo: figuras de identificação dos casos de mulheres .... p. 31

B - Quadro resumo: figuras de identificação dos casos de homens ..... p. 32

C - Discussão dos dados obtidos nas figuras de identificação..... p. 34

4.2.3.2) Figuras de sexo oposto: *animus/anima* ..... p. 41

A - Quadro resumo: investigação da *anima* (casos de homens) ..... p. 43
B - Quadro resumo: investigação do *animus* (casos de mulheres) ..... p. 44
C - Discussão dos dados obtidos nas figuras de sexo oposto ..... p. 45
4.2.3.3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 52
A - Casos de mulheres ..... p. 55
B - Casos de homens ..... p. 61
C - Discussão dos dados obtidos no encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 70
4.3) Entrevista semi-dirigida ..... p. 79
4.3.1) Casos de mulheres ..... p. 79
Unidades significativas relacionadas..... p. 79
Análise das unidades significativas ..... p. 80
1ª UT: Quando e como 'eu comecei a me sentir mulher' ..... p. 80
Caso nº 1: Laura
O discurso do sujeito ..... p. 80
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 81
Caso nº 2: Cibele
O discurso do sujeito ..... p. 82
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 83
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 85
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 86
Caso nº 6: Aline
O discurso do sujeito ..... p. 88
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 90
Caso nº 9: Ivone
O discurso do sujeito ..... p. 93
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 94
Caso nº 11: Vitória
O discurso do sujeito ..... p. 96

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 98
Síntese da 1ª UT: quando e como 'eu comecei a me sentir mulher' .... p. 101
2ª UT: O lado prazeroso do relacionamento ..... p. 107
Caso nº 3: Paloma
O discurso do sujeito ..... p. 107
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 107
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 108
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 108
Caso nº 6: Aline
O discurso do sujeito ..... p. 109
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 109
Caso nº 8: Diana
O discurso do sujeito ..... p. 110
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 111
Caso nº 9: Ivone
O discurso do sujeito ..... p. 111
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 112
Caso nº 10: Judite
O discurso do sujeito ..... p. 114
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 114
Síntese da 2ª UT: o lado prazeroso do relacionamento ..... p. 114
3ª UT: Os conflitos do relacionamento ..... p. 118
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 118
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 119
Caso nº 6: Aline
O discurso do sujeito ..... p. 121
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 122

Caso nº 7: Letícia

O discurso do sujeito ..... p. 124

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 125

Caso nº 8: Diana

O discurso do sujeito ..... p. 128

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 129

Caso nº 10: Judite

O discurso do sujeito ..... p. 132

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 134

Caso nº 12: Verônica

O discurso do sujeito ..... p. 136

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 137

Síntese da 3ª UT: os conflitos do relacionamento ..... p. 142

4ª UT: As diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher ..... p. 148

Caso nº 1: Laura

O discurso do sujeito ..... p. 148

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 148

Caso nº 4: Ester

O discurso do sujeito ..... p. 149

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 150

Caso nº 5: Samanta

O discurso do sujeito ..... p. 152

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 152

Caso nº 6: Aline

O discurso do sujeito ..... p. 154

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 155

Caso nº 7: Letícia

O discurso do sujeito ..... p. 157

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 158

Caso nº 10: Judite

O discurso do sujeito ..... p. 194

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 195

Caso nº 12: Verônica

O discurso do sujeito ..... p. 197

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 199

Síntese da 5ª UT: a 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados ..... p. 204

6ª UT: O relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla p. 212

Caso nº 1: Laura

O discurso do sujeito ..... p. 212

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 212

Caso nº 2: Cibele

O discurso do sujeito ..... p. 213

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 213

Caso nº 4: Ester

O discurso do sujeito ..... p. 214

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 215

Caso nº 5: Samanta

O discurso do sujeito ..... p. 215

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 216

Caso nº 7: Letícia

O discurso do sujeito ..... p. 217

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 218

Caso nº 8: Diana

O discurso do sujeito ..... p. 220

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 220

Caso nº 9: Ivone

O discurso do sujeito ..... p. 222

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 222

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 191
Caso nº 10: Judite
O discurso do sujeito ..... p. 194
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 195
Caso nº 12: Verônica
O discurso do sujeito ..... p. 197
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 199
Síntese da 5ª UT: a 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados ..... p. 204
6ª UT: O relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla p. 212
Caso nº 1: Laura
O discurso do sujeito ..... p. 212
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 212
Caso nº 2: Cibele
O discurso do sujeito ..... p. 213
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 213
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 214
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 215
Caso nº 5: Samanta
O discurso do sujeito ..... p. 215
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 216
Caso nº 7: Letícia
O discurso do sujeito ..... p. 217
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 218
Caso nº 8: Diana
O discurso do sujeito ..... p. 220
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 220
Caso nº 9: Ivone
O discurso do sujeito ..... p. 222

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 222
Caso nº 12: Verônica
O discurso do sujeito ..... p. 224
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 225
Síntese da 6ª UT: o relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla ..... p. 228
7ª UT: A descoberta do sexo oposto ..... p. 236
Caso nº 8: Diana
O discurso do sujeito ..... p. 236
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 236
Caso Nº 10: Judite
O discurso do sujeito ..... p. 237
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 238
Caso nº 11: Vitória
O discurso do sujeito ..... p. 241
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 241
Caso nº 12: Verônica
O discurso do sujeito ..... p. 242
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 243
Síntese da 7ª UT: a descoberta do sexo oposto ..... p. 245
8ª UT: A importância de se ter um vínculo amoroso ..... p. 248
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 248
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 249
Síntese da 8ª UT: A importância de se ter um vínculo amoroso ..... p. 251
9ª UT: A experiência de um relacionamento extra-conjugal ..... p. 251
Caso nº 9: Ivone
O discurso do sujeito ..... p. 251
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 252

Caso nº 10: Judite

O discurso do sujeito ..... p. 254

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 255

Síntese da 9ª UT: a experiência de um relacionamento extra-conjugal p. 257

10ª UT: 'Receitas' bem-humoradas para lidar com o sexo masculino ..... p. 259

Caso nº 1: Laura

O discurso do sujeito ..... p. 259

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 259

Caso nº 11: Vitória

O discurso do sujeito ..... p. 261

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 261

Síntese da 10ª UT: 'receitas' bem-humoradas para lidar com o sexo masculino ..... p. 262

11ª UT: Separando para estar junto ..... p. 263

Caso nº 1: Laura

O discurso do sujeito ..... p. 263

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 264

Síntese da 11ª UT: separando para estar junto ..... p. 265

4. 3.2) Casos de homens ..... p. 267

Unidades significativas relacionadas ..... p. 267

Análise das unidades significativas ..... p. 267

1ª UT: Quando e como 'eu comecei a me sentir homem' ..... p. 267

Caso nº 1: Aldo

O discurso do sujeito ..... p. 267

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 268

Caso nº 2: Heródoto

O discurso do sujeito ..... p. 269

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 271

Caso nº 4: Pedro

O discurso do sujeito ..... p. 274

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 274
Caso nº 5: Rafael
O discurso do sujeito ..... p. 276
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 278
Caso nº 8: Diógenes
O discurso do sujeito ..... p. 281
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 281
Caso nº 9: Alexandre
O discurso do sujeito ..... p. 283
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 283
Síntese da 1ª UT: quando e como 'eu comecei a me sentir homem'.... p. 285
2ª UT: O lado prazeroso do relacionamento ..... p. 289
Caso nº 1: Aldo
O discurso do sujeito ..... p. 289
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 289
Caso nº 3: Isac
O discurso do sujeito ..... p. 289
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 290
Caso nº 4: Pedro
O discurso do sujeito ..... p. 290
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 291
Caso nº 7: Wotan
O discurso do sujeito ..... p. 292
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 292
Caso nº 9: Alexandre
O discurso do sujeito ..... p. 292
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 293
Caso nº 12: Arquimedes
O discurso do sujeito ..... p. 293
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 294

Síntese da 2ª UT: o lado prazeroso do relacionamento ..... p. 294
3ª UT: Os conflitos do relacionamento ..... p. 298
Caso nº 1: Aldo
O discurso do sujeito ..... p. 298
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 299
Caso nº 2: Heródoto
O discurso do sujeito ..... p. 300
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 301
Caso nº 3: Isac
O discurso do sujeito ..... p. 304
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 304
Caso nº 7: Wotan
O discurso do sujeito ..... p. 305
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 306
Caso nº 8: Diógenes
O discurso do sujeito ..... p. 308
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 308
Caso nº 11: Adriano
O discurso do sujeito ..... p. 311
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 311
Caso nº 12: Arquimedes
O discurso do sujeito ..... p. 315
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 315
Síntese da 3ª UT: os conflitos do relacionamento ..... p. 317
4ª UT: As diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher ..... p. 323
Caso nº 1: Aldo
O discurso do sujeito ..... p. 323
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 324
Caso nº 2: Heródoto
O discurso do sujeito ..... p. 326

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 327
Caso nº 3: Isac
O discurso do sujeito ..... p. 329
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 330
Caso nº 4: Pedro
O discurso do sujeito ..... p. 332
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 333
Caso nº 9: Alexandre
O discurso do sujeito ..... p. 335
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 335
Caso nº 10: Yuri
O discurso do sujeito ..... p. 338
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 339
Síntese da 4ª UT: as diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher ..... p. 342
5ª UT: A 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados ..... p. 350
Caso nº 1: Aldo
O discurso do sujeito ..... p. 350
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 351
Caso nº 2: Heródoto
O discurso do sujeito ..... p. 354
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 355
Caso nº 3: Isac
O discurso do sujeito ..... p. 357
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 358
Caso nº 4: Pedro
O discurso do sujeito ..... p. 359
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 360

Caso nº 6: Átila

O discurso do sujeito ..... p. 362

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 363

Caso nº 7: Wotan

O discurso do sujeito ..... p. 365

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 366

Caso nº 9: Alexandre

O discurso do sujeito ..... p. 369

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 370

Caso nº 10: Yuri

O discurso do sujeito ..... p. 372

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 372

Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito ..... p. 374

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 375

Síntese da 5ª UT: a 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados ..... p. 377

6ª UT: O relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla p. 384

Caso nº 1: Aldo

O discurso do sujeito ..... p. 384

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 385

Caso nº 2: Heródoto

O discurso do sujeito ..... p. 387

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 388

Caso nº 3: Isac

O discurso do sujeito ..... p. 393

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 393

Caso nº 4: Pedro

O discurso do sujeito ..... p. 396

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 397

Caso nº 7: Wotan

O discurso do sujeito ..... p. 399

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 400

Caso nº 8: Diógenes

O discurso do sujeito ..... p. 402

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 403

Caso nº 10: Yuri

O discurso do sujeito ..... p. 405

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 406

Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito ..... p. 408

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 409

Síntese da 6ª UT: o relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla ..... p. 410

7ª UT: A descoberta do sexo oposto ..... p. 419

Caso nº 3: Isac

O discurso do sujeito ..... p. 419

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 420

Caso nº 5: Rafael

O discurso do sujeito ..... p. 422

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 422

Caso nº 8: Diógenes

O discurso do sujeito ..... p. 424

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 424

Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito ..... p. 426

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 426

Síntese da 7ª UT: a descoberta do sexo oposto ..... p. 428

8ª UT: A importância de se ter um vínculo amoroso ..... p. 431

Caso nº 7: Wotan

O discurso do sujeito ..... p. 431

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 431

Síntese da 8ª UT: a importância de se ter um vínculo amoroso ..... p. 432

9ª UT: A experiência de um novo relacionamento ..... p. 432

Caso nº 9: Alexandre

O discurso do sujeito ..... p. 432

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 433

Síntese da 9ª UT: a experiência de um novo relacionamento ..... p. 436

10ª UT: O irmão gêmeo, "um grande companheiro," em substituição à figura feminina ..... p. 438

Caso nº 6: Átila

O discurso do sujeito ..... p. 438

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 438

Síntese da 10ªUT: O irmão gêmeo, "um grande companheiro," em substituição à figura feminina ..... p. 440

4.4) Questionário de gênero ..... p. 442

4.4.1) Apresentação dos resultados ..... p. 442

4.4.2) Conclusões resultantes do questionário de gênero ..... p. 446

5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ..... p. 449

5.1) Quanto aos objetivos específicos da pesquisa ..... p. 452

5.1.1) Objetivo nº 1 ..... p. 452

5.1.1.1) Sobre o essencial ..... p. 452

5.1.1.2) Sobre o relacional ..... p. 455

5.1.1.2.1) Aspectos concernentes ao relacional na atribuição do masculino e feminino indicados por sujeitos de ambos os sexos ..... p. 456

5.1.2) Objetivo nº 2 ..... p. 464

5.1.2.1) O cultural se interligando ao relacional ..... p. 470

5.1.3) Objetivo nº 3 ..... p. 472

5.1.4) Objetivo nº 4 ..... p. 472
5.2) Em referência às hipóteses ..... p. 473
5.2.1) 1ª Hipótese ..... p. 473
5.2.2) 2ª Hipótese ..... p. 475
5.2.3) 3ª Hipótese ..... p. 476
5.3) Aspectos de significativa relevância a serem destacados ..... p. 479
5.3.1) Como se processa a estruturação do gênero para homens e mulheres p. 479
5.3.2) Como se dá a diferenciação ..... p. 480
5.3.3) Em que direção aponta o relacionamento homem/mulher hoje na sociedade de Campinas e região ..... p. 486
5.3.4) Algumas significativas aprendizagens efetuadas pelos sujeitos a partir de suas experiências de relacionamento com o sexo oposto ..... p. 487
6 - CONCLUSÃO ..... p. 489
7 - SUMMARY ..... p. 495
8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... p. 499
9 - ANEXOS ..... p. 513
Anexo 1: Dados biodemográficos do sujeito ..... p. 515
Anexo 2: Roteiro para aplicação da entrevista semi-dirigida ..... p. 517
Anexo 3: Questionário de gênero ..... p. 519
Anexo 4: Questionário de Morbidade Psiquiátrica para Adultos (QMPA) .... p. 521
Anexo 5: A relaxação progressiva de Jacobson ..... p. 523

RESUMO

Esta pesquisa, uma abordagem qualitativa das questões de gênero, apresenta como tema geral as identidades masculina e feminina, tendo como referencial teórico a Psicologia Analítica. O objetivo geral consiste em investigar o psiquismo de homens e mulheres residentes em Campinas e região, detectando mandatos de gênero e expressões simbólicas arquetípicas. O principal objetivo específico é investigar o que se deve ao essencial (arquetípico) e/ou ao relacional na atribuição do masculino e feminino. A amostra constituiu-se em doze homens e doze mulheres da faixa etária adulta, com diferentes níveis de escolaridade. O procedimento para coleta-de-dados correspondeu aos seguintes passos: levantamento dos dados biodemográficos, entrevista semi-dirigida, aplicação do questionário de gênero e do QMPA. Para a investigação de imagens psíquicas utilizou-se a imaginação ativa precedida do relaxamento de Jacobson.

Os resultados obtidos evidenciaram que a 'cultura antiga' ainda exerce poderosa influência na formação das identidades de gênero, sendo a heterogeneidade a tendência dominante. Prevaleceram conteúdos diretamente ligados à dinâmica psíquica do sujeito, que, a princípio, emergiram do inconsciente pessoal na forma de imagens de recordação, acessando ou não o arquétipo, fato que se evidenciou pela intensidade e pelo caráter numinoso com que a experiência foi vivenciada. Quanto ao que se deve ao 'essencial,' observamos que a imagens manifestadas podem funcionar como uma via de acesso para se atingir a transcendência, muito mais do que para definir e demarcar atributos ao masculino e ao feminino. Embora as mulheres tenham demonstrado mais fácil acesso ao mundo da imaginação e da fantasia, os homens manifestaram em maior número conteúdos que abordaram o tema da transcendência, partindo de imagens do cotidiano para o nível arquetípico. Com exceção deste aspecto, parecem não haver diferenças essenciais que sejam devidas ao homem e à mulher propriamente ditas. Considerou-se que as diferenças que são atribuídas a cada um dos sexos, vêm sendo produzidas pela cultura há milênios e já se tornaram parte integrante dos aspectos que compreendem as manifestações de gênero.

1 - INTRODUÇÃO

Os conceitos de 'masculino' e 'feminino,' cujo conteúdo parece tão evidente à opinião de senso comum, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos. Ora são empregados no sentido psicológico, isto é, reduzindo-os às polaridades de atividade e passividade, de poder e submissão, ora no sentido biológico, ora, ainda, no sentido sociológico.

O sentido biológico compreende masculino e feminino pela presença de espermatozóides ou óvulos, respectivamente, e pelas funções decorrentes deles. A atividade e suas manifestações concomitantes - desenvolvimento muscular mais vigoroso, agressividade, maior intensidade da libido costumam ser vinculadas à masculinidade biológica. Inclusive FREUD (1987a) reporta-se à biologia para justificar a atividade masculina em oposição à passividade feminina: o espermatozóide é ativo e nada vigorosamente em direção ao óvulo enquanto este permanece à espera (lembrando que há uma competição entre os milhões de espermatozóides liberados numa ejaculação enquanto tem-se apenas um óvulo).

Quanto ao sentido sociológico, o autor acrescenta que a sociologia possibilita a observação de indivíduos masculinos e femininos interagindo em sociedade, o que permite concluir que a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido biológico, nem no psicológico. Cada pessoa exibe uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto e ainda uma conjugação de atividade e passividade.

Estudos antropológicos evidenciam que homens e mulheres milenarmente têm sua existência definida previamente por uma ordem social patriarcal. Já ao nascerem encontram preparada uma 'indumentária' (papéis sexuais), que basta ser vestida para defini-los enquanto homens e mulheres. Não se faz necessário, pois, muito trabalho nem que empreendam fatigantes jornadas em busca de seu Eu.

Por consenso a mulher é definida basicamente pelo casamento, pela maternidade e por uma certa propensão ao sofrimento, isto é, por uma tendência ao masoquismo e à vitimização. Na literatura especializada é muitas vezes designada como o 'segundo sexo,' supostamente em amargo repúdio ao instituído e famigerado sexo frágil.

Pelo senso comum, o homem é definido como provedor, o chefe-da-casa, o sexo forte detentor do poder, aquele que muitas vezes no exercício de sua agressividade 'natural' desempenha o papel de algoz, e que tem no mundo seu habitat natural; aquele cujas mulheres que conquista representam troféus de virilidade e para quem são sentidas como estranhas manifestações de ordem emocional e inconsciente, pois seu guia é sobretudo a lógica racional consciente.

Educados como rivais e estranhos uns aos outros, passam a vida em conflito ao mesmo tempo que projetam um no outro a imagem do companheiro ideal e se relacionam com esta imagem como se fosse a própria pessoa. Espera-se que todas as necessidades, ansiedades e desejos sejam satisfeitos e aplacados pelo outro. No entanto, quando o (a) parceiro (a) necessariamente não satisfaz as expectativas, pelos próprios limites que a condição humana lhe confere, este, antes tão idealizado e amado, passa a ser odiado intensamente e transforma-se no monstro aterrador, na terrível megera, no mais cruel dos inimigos. Contudo, com este inimigo se compartilha o leito, se trocam carícias, se tem filhos comuns e dele se é completamente dependente. Este padrão de relação homem/mulher ainda é bastante comum na sociedade contemporânea, embora minimizado por diferenças de grau.

Tem-se assim delineada uma relação altamente ambígua, permeada por amor e ódio intensos, onde, sobretudo o outro se mantém desconhecido no que tange à sua verdadeira identidade, inclusive para si mesmo. A questão que ora se apresenta consiste, pois, em desvelar estereótipos e trazer à luz este 'outro grande desconhecido,' investigando 'mandatos de gênero' [1] e expressões simbólicas arquetípicas do masculino e feminino manifestados na região de Campinas, Brasil, utilizando-se do referencial teórico junguiano.

Nesta pesquisa estar-se-á, pois, trabalhando com as identidades masculina e feminina dentro de um enfoque interdisciplinar: partindo de alguns pressupostos

[1] Por mandatos de gênero entende-se o legado cultural dos gêneros masculino e feminino tido como herança e impingido como destino, atribuindo *a priori* uma identidade pré-fabricada, não deixando espaço para a recriação e a transformação dos papéis de homem e mulher (ver p. 67).

elementares da biologia, tem-se como referencial básico a psicologia junguiana inserida em um contexto sócio-antropológico.

1.1 - Objetivos

1.1.1) Objetivo geral:

- investigar o psiquismo de homens e mulheres residentes em Campinas, detectando mandatos de gênero e expressões simbólicas arquetípicas, visando obter uma radiografia[2] das identidades feminina e masculina.

1.1.2) Objetivos específicos:

- verificar o que se deve ao essencial (arquetípico) e/ou ao relacional na atribuição do masculino e feminino, procurando reconhecer as possíveis influências de cada uma destas modalidades na formação das identidades de gênero.
- observar e estudar a influência de fatores culturais e ideológicos sobre a formação das identidades masculina e feminina através dos respectivos 'mandatos de gênero.'
- situar os atributos do masculino e feminino dentro do referencial da cultura brasileira, mais propriamente da região de Campinas.
- observar como se dá a inter-relação do masculino e do feminino num nível mais profundo: onde se chocam, onde se encontram, onde se complementam.

[2] Radiografia aqui tem o sentido de análise em profundidade de uma situação, fato ou fenômeno (AURÉLIO, 1986).

1.2 - Justificativa

- Este estudo, onde a perspectiva do homem também está incluída - visto que ele será ouvido diretamente - aborda as questões de gênero de um ponto de vista relacional que sugere complementaridade e ação mútua. Isto diverge da maioria dos estudos realizados até então, os quais são unilaterais enfocando basicamente o feminino.
- O aspecto interdisciplinar da pesquisa permite que se possa ter uma visão bem mais ampliada e inter-relacional dos vários aspectos que compõem as identidades masculina e feminina, possibilitando assim uma visão mais globalizante a respeito do assunto.
- Os resultados podem oferecer instrumentos para estratégias de intervenção e atendimento à população em questões de gênero, gerando recursos técnicos e científicos para instituições e profissionais afins.
- Esta pesquisa oferece uma contribuição para a compreensão das diferenças que há milênios vêm dificultando as relações entre os sexos, tendo sido marcadas por confronto e competição.

2 - REVISÃO TEÓRICA

2.1) Os arquétipos e os mandatos de gênero

Para TUCKER & MONEY (1981) a identidade é o senso de si mesmo como um indivíduo único, é a sua essência e no seu núcleo repousa o senso de si mesmo como homem ou mulher, isto é, sua identidade sexual. Esta última está presente na pessoa em todas as situações, seja no amor ou no ódio, no trabalho e no lazer, em todas as suas relações com os outros. A compreensão de si mesmo e dos outros é limitada pela compreensão do que significa - para si e para os outros - ser homem ou mulher. Os autores citados afirmam que não há como evitar a encruzilhada da identidade sexual. É praticamente impossível a pessoa desenvolver qualquer senso de identidade sem identificar-se como homem ou mulher. A identidade sexual deixa sua marca em tudo que o indivíduo pensa e sente, diz e faz.

TUCKER & MONEY (1981) mencionam a diferença entre identidade de sexo e identidade de gênero. A primeira é mais biológica, leva em consideração os cromossomos, as gônadas, os hormônios e os genitais e vai definir o macho e a fêmea. A identidade de gênero está voltada para as formulações sociais, culturais e psicológicas, que envolvem sentimentos, papéis, atitudes e tendências, que são impostas sobre as diferenças biológicas.

STOLCKE (1991) afirma que o termo 'gênero' como categoria de análise foi introduzido nos estudos feministas na década de oitenta (nos anos setenta a pesquisa feminista demonstrou que o que então se chamava papéis sexuais variava amplamente em termos transculturais). O conceito analítico de 'gênero' destina-se a desafiar a máxima freudiana de caráter fortemente essencialista e universalista de que 'biologia é destino,' isto é, o fato de ser homem ou mulher já estaria definido e determinado a partir da genitália e não haveria alterações neste quadro ao longo da vida do indivíduo. Em contrapartida, o conceito de gênero envolve relações socialmente definidas entre mulheres e homens. A abordagem categórica dos estudos sobre mulheres encontrou sua expressão política na luta por direitos iguais aos dos homens. A teoria do gênero, ao contrário, introduziu uma abordagem relacional que envolvia o estudo das mulheres em suas relações com os homens. Nessa perspectiva, a referida teoria implica uma nova e subversiva forma de política de gênero que não apenas desafia o poder masculino, como

também as raízes sócio-políticas gerais da desigualdade de gênero. A partir disto, o objetivo deixou de ser aquele de tornar-se tão semelhante aos homens quanto possível, mas transformar radicalmente as relações de gênero, projeto político que requer a superação de todas as formas de desigualdade.

Considerando que existem apenas quatro imperativos biológicos limitantes da natureza: o homem fecunda; a mulher menstrua, gesta e amamenta (os demais caracteres sexuais - barba, pêlos, seios - podem aparecer tanto no homem quanto na mulher), o que decide o gênero logo no nascimento é o grito do parteiro: É menina! ou É menino! Esse assinalamento ocorre em função da anatomia. O rótulo menino ou menina tem uma força tremenda como 'profecia auto-realizadora' (mandato), pois direciona toda a carga da sociedade para um dos lados à medida que o recém-nascido se aproxima da encruzilhada da identidade sexual. Os pais e as pessoas em torno reagem de forma distinta ao sinal de filho ou filha desde o primeiro momento. Pouco depois do nascimento, o sexo da criança é registrado em sua certidão de nascimento, sendo mais um elo na cadeia de sua identidade sexual. Seu nome é escolhido e codificado de acordo com o sexo. Eles começam a vestí-la com roupas do tipo masculino ou feminino já algumas semanas depois. O conceito que eles têm como menino ou menina, respaldado por todas as outras pessoas em torno, constitui-se numa pressão incansável sobre a criança contribuindo para determinar os 'mandatos de gênero.'

Segundo MONEY & EHRHARDT * a identidade sexual consiste na persistência, unidade e continuidade da individualidade da pessoa como homem, mulher ou ambivalente, vivenciada em termos de autoconsciência e comportamento, em maior ou menor grau. A identidade sexual é a experiência particular do papel sexual e o papel sexual é a expressão pública da identidade sexual. Este inclui tudo que uma pessoa diz e faz para indicar aos outros ou a si mesma o grau em que é homem, mulher ou ambivalente. Embora a identidade/papel sexual esteja mais relacionada ao estereótipo cultural dos sexos, ela reflete também os acontecimentos biográficos da vida, do corpo e da personalidade de cada um.

---

* MONEY, J. & EHRHARDT *apud* TUCKER, P. & MONEY, J. - **Os papéis sexuais.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

TUCKER & MONEY (1981) afirmam que nem tanto a corrente nativista - aquela que pressupõe que o que torna uma pessoa masculina ou feminina já está determinado no código genético das glândulas sexuais - nem tanto a corrente educacionista - a que tende a minimizar o papel das diferenças sexuais anatômicas e a supervalorizar o papel da cultura e do meio ambiente - estão totalmente corretas, pois entendem que o indivíduo é um produto de uma interação contínua entre sua hereditariedade e seu ambiente. Para eles, crescer envolve o ajustamento às normas e aos padrões sociais. Se os estereótipos forem demasiado rígidos, a sociedade impede o desenvolvimento de seus membros e instala-se a estagnação. Se, ao contrário, forem amorfos demais, a mesma não consegue prover aos seus membros os meios necessários para a cooperação e, em pouco tempo, se desintegra. A tendência dos estereótipos culturais de resistir à mudança é essencial para a manutenção da sociedade, mas a flexibilidade é fundamental para manter a saúde, tanto da sociedade, quanto de seus membros. Portanto, são necessários estereótipos que sejam fortes o bastante para estimular a cooperação, mas flexíveis o suficiente para permitir o desenvolvimento individual.

MEAD (1971) considerando a dimensão cultural dos papéis sexuais e sua conseqüente relatividade afirma que às vezes uma qualidade tem sido atribuída a um dos sexos, às vezes a outro. Às vezes os meninos são considerados infinitamente vulneráveis e necessitados de um cuidado especial, outras vezes são as meninas. Alguns povos pensam nas mulheres como fracas demais para trabalhar fora, outros encaram as mulheres como carregadoras adequadas de fardos pesados "porque suas cabeças são mais fortes do que as dos homens" (MEAD, 1971). A periodicidade das funções reprodutoras femininas levou alguns povos a fazerem das mulheres as fontes naturais de poderes religiosos ou mágicos, enquanto para outras significou a antítese de tais poderes. Em algumas culturas as mulheres são vistas como peneiras pelas quais passam os segredos mais bem guardados, ao passo que em outras os homens é que são considerados fofoqueiros. Quer se lide com assuntos insignificantes, quer com assuntos importantes, encontra-se esta grande variedade de formas, muitas vezes abertamente contraditórias,

nas quais os papéis de ambos os sexos têm sido padronizados. Mas sempre se encontra a padronização.

STOLLER (1982) sugere que importantes aspectos da estrutura do caráter são fixados permanentemente muito cedo em vida, não por fatores inatos, mas por imposição do ambiente humano circundante. Extrapolando para questões de gênero, afirma que é provável que masculinidade e feminilidade possam ser permanentemente estabelecidas no início da vida por forças psicológicas, em oposição ao estado biológico.

2.1.1) Macho ou fêmea: o ponto de vista da biologia

Sabe-se que para formar um novo ser óvulo e espermatozóide - as células sexuais feminina e masculina - contribuem com 23 cromossomos cada, sendo que cada cromossomo leva consigo centenas de gens. Os 23 cromossomos do espermatozóide combinam-se com os 23 cromossomos do óvulo dando à nova célula 23 pares, ou um total de 46 cromossomos. Apenas um par determina o sexo genético. As mães sempre contribuem com um X no par regulador do sexo ao passo que os pais contribuem com um X ou com um Y. Se o espermatozóide portador do cromossomo X chega primeiro ao óvulo, tem-se uma mulher do ponto de vista cromossômico; se a prova é vencida por um Y, então tem-se um homem. Tudo isto nos é muito familiar. A definição anatômica dos sexos, contudo, já não é assim tão conhecida.

Segundo TUCKER & MONEY (1981), no início, a partir de uma célula única que se multiplica rapidamente, as células em pouco tempo se agrupam para formar os órgãos rudimentares de um embrião. Sexualmente este embrião ainda é indefinido com órgãos tanto masculinos quanto femininos. Primeiramente, há um par de gônadas, que podem se desenvolver de modo a formar testículos ou ovários. Depois há dois conjuntos de canais ou tubos genitais internos. Um deles, chamado de conjunto wolffiano evolui para formar as vesículas seminais, a glândula da próstata e os canais deferentes, para o homem. A outra estrutura, chamada mülleriana, evolui para formar o útero, as trompas de Falópio e a vagina superior na mulher. Há também uma minúscula formação de tecido saliente chamada de tubérculo genital, que pode adaptar-se a qualquer um dos

sexos, tornando-se um pênis ou um clitóris. Debaixo do tubérculo genital há uma abertura que se fecha no homem ou fica aberta, na mulher.

Até as seis semanas de vida, os embriões XX e XY continuam ao longo do mesmo caminho neutro do desenvolvimento sexual. No final da sexta semana, há uma encruzilhada onde um dos lados leva à direção masculina. Neste ponto os cromossomos Y de um embrião masculino mandam uma mensagem - não se sabe ainda como - para as duas gônadas, a esquerda e a direita, ordenando-lhes que se proliferem, desenvolvam estruturas tubulares e se tornem testículos. Se o embrião não tem Y fica mais seis semanas até as gônadas primitivas, indiferenciadas, começarem a se desenvolver definitivamente em ovários. Os cromossomos XX, por sua vez, agem para que seja tomado o rumo feminino. Quando diferenciada como testículo, a gônada começa a fabricar hormônio sexual. O colesterol, um parente químico da gordura, é a matéria-prima para a linha de produção do hormônio sexual. Do colesterol os testículos inicialmente sintetizam a progesterona, conhecida como hormônio da gravidez, o androgênio, o hormônio masculinizador, e, finalmente, o estrogênio, o hormônio feminilizador. É verdade, no entanto, que todas as pessoas mantêm todos os três hormônios sexuais em circulação. A diferença está na proporção da mistura. Os testículos irão produzir androgênio suficiente para dominar o estrogênio no caso do macho, ao passo que os ovários produzem estrogênio suficiente para dominar o androgênio na fêmea. Assim, enquanto um dos conjuntos de estruturas começa a se desenvolver, o outro atrofia-se. Finalmente, chega-se, então, à última encruzilhada no caminho da diferenciação sexual antes do nascimento: a 'moldagem' dos órgãos genitais externos. Com este termo os autores querem assinalar que os materiais utilizados na confecção de qualquer um dos modelos são da mesma natureza. Além do tubérculo genital e da abertura única, os materiais são uma prega ou uma faixa de pele e uma pequena protuberância em cada lado da abertura.

A moldagem feminina não necessita do estímulo hormonal, apenas da ausência do hormônio masculino. Neste caso o tubérculo genital irá se manter pequeno para se transformar no clitóris; as duas pregas de pele não se fundem, mas ficam separadas tornando-se os dois pequenos lábios e a cobertura do clitóris; as duas

protuberâncias permanecem separadas tornando-se os dois grandes lábios. A abertura desenvolveu uma parede divisória que separa a entrada da vagina e a uretra.

Na moldagem masculina o tubérculo genital torna-se o pênis e as duas pregas de pele fundem numa costura na parte inferior e se enrolam em torno do pênis para formar o tubo uretral. As duas protuberâncias juntam-se e formam a bolsa escrotal para receber os testículos quando estes descem (o que ocorre em torno dos sete meses). O tubo uretral liga-se com a bexiga e com a próstata, canais deferentes e testículos.

É este último ponto, a moldagem dos genitais externos, que determina a classificação como sexo masculino ou feminino na certidão de nascimento.

Pelo exposto, TUCKER & MONEY (1981) observam que a primeira escolha da natureza é 'criar Eva.' Todos têm um cromossomo X e são cercados de estrogênio materno durante a vida pré-natal. Embora não seja condição suficiente para se alcançar a plenitude de uma mulher fértil, é o bastante para propiciar o desenvolvimento feminino. O desenvolvimento como homem requer uma propulsão efetiva na direção masculina em cada estágio crítico. Se o 'princípio de Adão' (hormônios produzidos pelos testículos que estimulam o desenvolvimento das estruturas wolffianas, tomando a forma de vesículas seminais, próstata e canais deferentes) não for fornecido em proporções corretas e nos momentos apropriados, o desenvolvimento subseqüente do indivíduo segue o padrão feminino.

2.1.2) Perfazendo a trajetória de construção das identidades masculina e feminina: os passos de Adão e Eva

A mulher, assim como o homem, são influenciados em sua conduta por duas vertentes básicas: externamente, por padrões sociais contemporâneos e, internamente, por padrões arquetípicos.

Relativo à influência dos padrões sociais, CAVALCANTI (1987) observa que toda a história da vida da mulher é marcada por uma amputação e uma deturpação de sua essência básica e a atribuição de uma falsa identidade que é alterada dependendo da conveniência histórica do momento. Também, PAIVA (1993) afirma que a história e a

cultura são uma limitação evidente à constituição de nossas expressões simbólicas enquanto gênero masculino ou feminino.

A partir do relato do Jardim do Éden, homens e mulheres já recebem suas conceituações, as quais marcarão toda a sua história. HILLMAN (1984) afirma que "a história psicológica da relação masculino-feminino em nossa civilização pode ser vista como uma série de notas de rodapé ao mito de Adão e Eva" (p. 194).

Adentrando um pouco no mito, pode-se ir recompondo os primórdios dos parâmetros que forjaram a identidade masculina e feminina.

SICUTERI (1990) assim descreve a criação da espécie humana:

> "Na aurora do mundo, Jeová Deus pensou em criar o homem para que pudesse se tornar o coroamento da Criação. E Deus disse: 'Façamos o homem, que seja a nossa imagem, segundo a nossa semelhança.' Assim, Ele estendeu sua mão sobre a superfície da Terra, e apanhando poeira fina, misturou-a com outra terra das quatro partes do mundo, borrifada com água de cada rio e cada mar existente. Uma massa de pó, sangue e bile que deu vida a Adão, o primeiro homem vivente. Jeová Deus colocou Adão no Jardim do Éden para que lhe fizesse honra" (p. 13).

No Gênesis I, 27 é dito: "E criou Deus o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus; e criou-os varão e fêmea." Logo em seguida: "E Deus os abençoou, e disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra" (GÊNESIS I, 28, grifos nossos). Segundo SICUTERI (1990) o pronome que muda do singular para o plural pode revelar o conceito de hermafroditismo ou androginia no indivíduo segundo o supremo princípio da harmonia total do Uno que é feito de Dois. Adão trazia em si, fundidos, o princípio masculino e o princípio feminino e tais arquétipos só posteriormente foram separados sucessivamente[3].

[3] Isto remete ao conceito junguiano de *animus* e *anima* que será discutido posteriormente (ver p.71).

No Livro do Esplendor * é dito: "O primeiro homem foi criado macho e fêmea ao mesmo tempo precisamente para que se assemelhasse a Deus" (p. 14). Além disso, nos comentários rabínicos aparece, embora velado, o segredo removido de que Adão vivesse sexualmente promíscuo com animais.

O conceito de androginia pode também ser encontrado na literatura mítica, onde PLATÃO ** narra o surgimento do homem e da mulher:

> "Na origem Zeus tinha criado seres hermafroditas, com dois rostos, quatro orelhas, quatro mãos e dois sexos. Como estes quisessem medir forças com os deuses, Zeus cortou-os em dois, 'como se divide uma fruta ou um ovo'. Separados, o masculino e o feminino buscam insaciavelmente reencontrar a unidade primitiva através do Eros e vencer a sua mútua incompletude" (p. 59).

Se se exclui a androginia como arquétipo celeste refletido no Adão terrestre, deve-se necessariamente aceitar que se trata de Adão com uma companheira feminina, não Eva, mas Lilith[4] , sua primeira companheira. SICUTERI (1990) extrai os testemunhos da existência de Lilith das passagens sutis, dos subentendidos e das alusões analógicas, os quais foram encontrados no Beresît-Rabba[5]. Neste sentido as supostas

---

[4] SICUTERI (1990) esclarece que o mito de Lilith pertence à grande tradição dos testemunhos orais que estão reunidos nos textos da sabedoria rabínica definida na versão jeovística - textos do Pentateuco, os cinco primeiros livros do Velho Testamento atribuídos a Moisés, dentre eles, o Gênesis, onde Deus é denominado Jeová (daí o Jeovismo, a antiga tradição religiosa dos hebreus, sendo chamados jeovistas, seus adeptos) - que se coloca lado a lado, precedendo de alguns séculos a versão bíblica dos sacerdotes. Sabe-se que tais versões do Gênesis, particularmente o mito do nascimento da mulher, são ricas de contradições e enigmas que se anulam. O autor deduz que a lenda de Lilith, primeira companheira de Adão, foi perdida ou removida durante a época de transposição da versão jeovística para a sacerdotal, que logo após sofre as modificações dos "Pais da Igreja."

[5] O **Beresît-Rabba** é um dos livros sagrados da Cabala. Segundo WHAT (1982) a Cabala é uma filosofia associada ao conteúdo religioso da tradição de Israel. O ensinamento original teria sido dado a Abraão, patriarca da nação hebraica por Melquisedec, rei de Salém. Nos livros de Moisés se acha exposta a Cabala; mas os principais conhecimentos dos primeiros cabalistas se acham no Sepher Yetzirah - o livro da Creação ou Formação - que se acredita ter sido escrito por Abraão; mas sob um ponto de vista mais preciso, foi conhecido no século XII pelo Rabi Akiba Ben Joseph Hamore e no livro do Esplendor, o Sepher-ha-Zohar, escrito no século XIII e atribuído a Moisés de Leon.

* LIVRO DO ESPLENDOR *apud* SICUTERI, R. - **Lilith, a lua negra.** 5. ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1990. 211 p.

** PLATÃO *apud* PAIVA, V. - **Evas, Marias, Liliths... as voltas do feminino.** 2. ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1993. 242 p.

menções a Lilith remontam ao Gênesis I. Somente no Gênesis II aparece a fêmea Eva.

Continuando, no Gênesis (II, 18-23):

> "Disse Jeová Deus: 'Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe um adjutório semelhante a ele.' No entanto, o Senhor não a criou enquanto ele não a tivesse pedido. (...) Mandou, pois, um profundo sono a Adão; e, enquanto ele estava dormindo, tirou uma das suas costelas, e pôs carne no lugar dela. E da costela que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher, e a levou a Adão. E Adão disse: - 'Desta vez é osso dos meus ossos e carne de minha carne...!' "

No BERESÎT-RABBA* encontra-se a seguinte referência à criação da mulher:

> "Foi criada bela como um sonho, a primeira de seu sexo, a tanto desejada. Aparece-lhe no Jardim do Éden à sombra de uma alfarrobeira ou de um sicômoro, ornamentada com preciosos colares. Jeová Deus a havia criado não da cabeça para que não se assoberbasse; não do olho para que não fosse ansiosa por ver; não da orelha para que não fosse ansiosa em ouvir; não da boca para que não fosse faladeira; não do coração para que não fosse ciumenta; não da mão para que não tocasse no que estivesse ao alcance da mão; nem do pé para que não fosse andarilha: mas do lugar em que o homem está escondido e quando o homem está nu, aquele lugar ainda está coberto" (p. 32).

Atente-se aqui para o tabu que insidiosamente já pairava sobre a figura feminina e para todas as amarras e mordaças de que o homem se assegurou diante da criação da mulher, tamanho era o temor que a natureza desta lhe inspirava (diretamente proporcional ao desejo que por ela nutria).

Segundo PAIVA (1993), Eva é o protótipo da mulher moldada pelo Deus judaico-cristão, o grande Pai Todo-Poderoso, em cujo nome foi estabelecido um padrão eterno de conduta para a mulher. Propõe a lei dessa tradição que a mulher: - seja mulher de algum Adão, porque foi criada de sua costela (pedaço do homem e não criação

---

* BERESÎT-RABBA *apud* SICUTERI, R. - **Lilith, a lua negra.** 5. ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1990, 211 p.

independente de Deus); - seja sua auxiliar e companheira, - e que sua posição social esteja atrelada à responsabilidade pela preservação do casamento e pela felicidade do lar.

Quanto às religiões orientais, BADINTER (1986) assevera que as antigas religiões da Índia, da Pérsia ou da Europa Oriental entre o VIII e o VI milênio a.C. - quase com dois mil anos de antecedência em relação ao Ocidente - têm em comum o mito da 'Grande Mãe,' divindade das águas. Seu nome é dado aos grandes rios que irrigam e fecundam a terra. Também é a deusa dos combates, divindade belicosa que preside à destruição dos seres, encarregando-se de trazer a morte de uns para que outros possam nascer e crescer.

NEUMANN (1995), em seus estudos, também constatou que, adorada do Egito à Índia, da Grécia e Ásia Menor à África negra, a Grande Mãe foi sempre considerada a deusa da caça e da guerra; seus ritos eram sangrentos, seus rituais, orgiásticos.

O ventre da terra - símbolo da Grande Mãe[6] - precisa ser fecundado, sendo que os sacrifícios de sangue e os cadáveres são seu alimento preferido, na manifestação da face mais terrificante do arquétipo. Originalmente se sacrificava por toda parte o elemento masculino-fecundador, porque a fecundação só é possível pelo derramamento do sangue que contém a vida. "A terra feminina exige a fertilização pela semente-sangue masculina" (NEUMANN, 1995, p. 59). Esse é o aspecto terrível, o lado mortal do caráter da terra. Os mais antigos cultos de fertilidade implicavam o esquartejamento da vítima sacrificial, cujas partes ensangüentadas eram oferecidas à terra como bem precioso para torná-la fértil. Esses sacrifícios humanos pela fertilidade eram comuns no mundo inteiro e surgiram independentemente uns dos outros nos ritos da América e da região mediterrânea oriental, na Ásia e no norte da Europa [7]. Em toda parte o sangue tem papel

---

[6] Segundo BACHOFEN *apud* NEUMANN (1995) não é a terra que imita a mulher, mas esta que imita aquela. Os antigos consideravam o casamento uma questão agrária, sendo que toda a terminologia da lei matrimonial vem da agricultura. Isto justifica o fato das culturas da Deusa Mãe estarem intimamente relacionadas com a fertilidade e o crescimento e, especialmente com a agricultura e, por conseguinte com a matéria e a área corporal.

[7] A Grande Mãe escolhe para amantes jovens púberes, que podem até ser deuses da fertilidade, mas cujo papel preponderante está em ser seus companheiros fálicos, sendo estes sacrificados tão logo temine a união sexual. Todos os amantes das Mães Deusas têm certas características em comum: são portadores de uma beleza encantadora, mas de ego frágil e sem personalidade; não têm destino próprio, seu destino é coletivo. Ainda não são indivíduos e sua existência é apenas ritual. Do mesmo modo, a Mãe Deusa não se

de destaque no ritual de fertilidade, não só pela sua extração derivada da auto-flagelação, como também pela castração e sacrifício humano. A grande lei terrestre segundo a qual não pode haver vida sem morte cedo foi compreendida, e ainda mais cedo representada no ritual, significando que um fortalecimento da vida só pode ser 'comprado' com a morte sacrificial.

Para NEUMANN (1995) a 'senhora da zona do sangue' é a mulher. Ela tem a magia do sangue que faz surgir a vida. A relação entre a mulher, sangue e fertilidade e a cessação do fluxo menstrual durante a gravidez era percebida intuitivamente pelos antigos como o meio através do qual o embrião era construído. O sangue condiciona a fertilidade e a vida, do mesmo modo que o derramamento de sangue, originalmente um ato sagrado, implica na perda de vida e morte. Por isso a mesma deusa é frequentemente a senhora da fertilidade, da guerra e da caça.

O culto das Deusas-Mães não significava, no entanto, segundo BADINTER (1986) que reinava então um matriarcado todo poderoso, que teria reduzido os homens ao estritamente necessário. Tudo indica que eles detiveram o poder político e continuaram a partilhar o poder econômico com as mulheres. A Deusa-Mãe não é um mito, nem uma lenda, nem mesmo um símbolo. As estatuetas de pedra que ornam os museus atestam a extrema importância dos valores femininos e de sua realidade histórica. Assim, ao contemplar a célebre Pótnia sentada num trono, acompanhada de duas panteras em cujas cabeças ela coloca as mãos, compreende-se que este imponente personagem é ao mesmo tempo a mãe e a senhora da natureza.

Numa época em que os homens começam a dominar a natureza em vez de sofrer seus efeitos, as mulheres estão na linha de frente. São elas que fazem crescer os produtos da terra, associando o poder de fecundidade ao de fertilidade. Não é, portanto, espantoso que se tenha representado o divino sob a forma feminina, e seria surpreendente que o prestígio da divindade não tivesse servido à causa das mulheres, afirma BADINTER (1986), o que nos parece altamente significativo.

---

relaciona com um indivíduo, mas unicamente com o jovem como figura arquetípica. "Os jóvens pertencentes à Grande Mãe são deuses da primavera que devem morrer para serem lamentados por ela e renascerem" (NEUMANN, 1995, p.54).

PAIVA (1993) acrescenta que na tradição judaico-cristã ocorre a cisão entre o matriarcado e o patriarcado através da afirmação de uma superioridade projetada no homem e da perseguição da suposta inferioridade da mulher (representante do feminino). A tradição patriarcal adota o estilo repressivo de desenvolvimento pessoal e cultural à custa de muita mutilação, podendo isto ser observado em cada passo da mitologia bíblica.

Assim, continua a autora, na cena original a violação da norma - "não comer do fruto proibido" - é interpretada como conseqüência do espírito inferior da mulher, a "Eva seduzida pela serpente." A primeira consequência foi a expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Este modelo do ego patriarcal, simbolizado no Deus-Pai, substituiu a antiga Deusa matriarcal (e seu consorte) associada à serpente. Cabe ao ego, como novo centro, controlar a natureza instintiva; ao verbo, substituir o mágico. O instinto sexual e o agressivo deverão estar sempre a serviço da Lei e do grupo, e a interdição do sexo será sempre o grande símbolo da interdição da animalidade. O que é negado, no entanto, não é removido. Esta inflação do ego que transforma a existência instintiva em não existência gera sua própria negação, tornada destrutiva, representada no mito de Lílith.

Algo semelhante se pode dizer a respeito da interdição da agressividade. FREUD (1987f) afirma que a espécie humana é dotada de poderosos instintos agressivos, que não somente levam-na a defender-se quando atacada, mas, a satisfazer seu potencial destrutivo toda vez que tem a oportunidade de explorar a capacidade de trabalho do outro sem compensação, de utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, de apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. Por isso, diz Freud: "Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, essa cruel agressividade também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho" (p. 133).

Segundo FREUD (1987f), a existência da inclinação para a agressão constitui o fator que perturba o relacionamento interpessoal e força a civilização a um tão elevado dispêndio de energia. Em conseqüência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de

desintegração. O interesse pelo trabalho em comum não a manteria unida já que as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis. Daí a necessidade de se utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas.

FREUD (1987f) conclui que isto explica o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade; explica a restrição à vida sexual e, principalmente, o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo, nada mais tão fortemente contrário à natureza original da espécie humana. No entanto, ele observa que, apesar de todos os esforços, não se conseguiu muita coisa nesse sentido. A lei espera impedir os excessos mais grosseiros da violência por si mesma, arvorando-se o direito de usar a violência contra os criminosos, no entanto, ela não é capaz de controlar e impedir as manifestações mais refinadas e cautelosas da agressividade humana.

Lembre-se que a posição freudiana é diametralmente oposta àquela da psicologia existencial humanista, a de que o homem é essencialmente bom, "a sociedade é que o corrompe," tendo a considerar a primeira como mais relevante em função de alguns eventos notadamente significativos da história da humanidade, entre eles, os martírios e requintes de tortura em que se especializaram alguns representantes da igreja na Idade Média, o extermínio dos judeus na Segunda Guerra Mundial (holocausto) e até mesmo manifestações de perversidade e assassinatos cometidos por jovens e crianças de classes sociais abastadas da atualidade.

2.1.3) Lilith, o lado sombrio de Eva

O Mito de Lilith, conforme SICUTERI (1990) representa certamente o arquétipo da relação homem-mulher ao nível mais primitivo no sentido evolucionista. O referido mito trata da exclusão da primeira mulher de Adão, igual a ele, e não pedaço de sua costela, que reivindica sua igualdade nas práticas sexuais com o homem, pois deseja manter a relação de igual para igual com o outro-diferente. Depois de sua demonização e exclusão segue-se a criação de Eva, garantia maior de submissão ao Pai e ao homem.

"Lilith é a história de um incubo[8] , de um sonho, ou então é a história da mais inquietante imagem derivada do arquétipo da grande Mãe. Em todas as épocas o homem interroga a Lua; chegou mesmo a tocá-la com as mãos. Não obstante, não desvendou para si mesmo o mistério inconsciente incluído em figurações e mitos que em certas épocas fazem-lhe apelo, com seu fascínio e com uma mensagem obscura que, seguramente, fala da alma e da carne, do amor e da morte. Isto porque fala da mulher" (SICUTERI, 1990, p. 9).

O primeiro homem e a primeira mulher estavam em estado animal, sendo sua sexualidade indiferenciada. Eles eram informes. A costela (ou o osso) é o símbolo da nova entidade que nasce deles, isto é, o casal, o qual já existia antes do nascimento de Eva.

Neste ponto, em suas pistas que sugerem a existência de Lilith, SICUTERI (1990) menciona uma passagem do Beresît-Rabba, em que disse R. JEHUDAH em nome de RABI: "No princípio a criou, mas quando o homem a viu cheia de saliva e de sangue afastou-se dela, tornou a criá-la uma segunda vez, como está escrito: 'Desta vez. Esta e aquela da primeira vez' " (p. 27).

Sicuteri relaciona Lilith à mulher da primeira vez, aquela cheia de saliva e sangue que provocou o desgosto de Adão. O sangue, evidência cabal da menstruação, é associado pelo autor ao caráter carnal, fisiológico e instintivo da mulher; à experiência sexual livre de tabus e proibições. A saliva é um símbolo ainda mais indicativo da sexualidade, facilmente associável à secreção erótica e ao transvasamento mágico pelo beijo profundo. Sangue e saliva pertencem à mulher da primeira vez. Isto faz com que Adão se sinta amedrontado com esta realidade de sua companheira, afastando-se dela.

Em seus comentários sobre o Pentateuco, o Rabi Reuben COHEN * conta que

---

[8] Segundo CAMPBELL (1986), íncubo consiste especificamente no pesadelo que algumas mulheres experimentam, onde um homem ou espírito maléfico relacionado com o demônio, vem pela noite copular com ela - segundo velha crença popular - perturbando-lhe o sono. Para SICUTERI (1990), no íncubo, como na experiência de terror, o indivíduo perde toda a energia e capacidade de defesa e reação - a opressão, o sentimento de culpa arcaico, e as mais violentas emoções reprimidas são desencadeadas. Junto à angústia se manifesta também uma profunda voluptuosidade, especialmente nas mulheres, que crêem haver tido um coito com o inimigo. Nos incubos existe sempre um componente fortemente sexual manifestando-se instintos que pertencem aos estratos mais inferiores do inconsciente.

* COHEN R. *apud* SICUTERI, R. - **Lilith, a lua negra.** 5. ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1990. 211 p.

Deus criou Lilith, a primeira mulher, da mesma forma com que havia criado Adão, mas usando fezes e imundície ao invés de pó puro.

Aspectos fortemente misóginos transparecem nas entrelinhas desta frase, ilustrativa dos valores patrilineares rigidamente estruturados da sociedade hebraica. Além disso, Lilith é apontada não como mulher, mas como demônio, desde o início da relação com Adão, conforme relata SICUTERI (1990): "Então, Lilith nasce com Adão, logo após Adão: répteis, demônios e Lilith foram as últimas criações de Deus no sexto dia, entardecer da sexta-feira" (p. 29).

Os dois protagonistas estão no palco do mundo: Adão e Lilith, aquela que primeiro exprimia a seu homem algo de importante, de fundamental no que dizia respeito à sua relação de criaturas viventes, de Homem e Mulher.

Eis o resumo do mito de Lilith que figura no BERESÎT-RABBA:*

> "O amor de Adão por Lilith foi logo perturbado; não havia paz entre eles porque quando eles se uniam na carne, evidentemente na posição mais 'natural' - a mulher por baixo e o homem por cima - Lilith demonstrava impaciência. Assim perguntava a Adão: " - Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo?" Talvez aqui houvesse uma resposta feita de silêncio ou perplexidade por parte do companheiro. Mas Lilith insiste: ' - Por que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual.' Ela pede para inverter as posições sexuais para estabelecer uma paridade, uma harmonia que deve significar a igualdade entre os dois corpos e as duas almas. Malgrado este pedido, Adão responde com uma recusa seca. Lilith é submetida a ele, ela deve estar simbolicamente sob ele, suportar seu corpo. Portanto, existe um imperativo, uma ordem que não é lícito transgredir. A mulher não aceita esta imposição e se rebela contra Adão. É a ruptura do equilíbrio. Qual é a ordem e a regra do equilíbrio? Lilith profanou o nome de Deus Pai: 'Não a criei da cabeça, mas ela se assoberbou... Nem do olho, mas ela é ansiosa por ver. Nem do ouvido, mas ela é ansiosa por ouvir. Nem da boca, mas ela é faladeira. Nem do coração, mas ela é invejosa. Nem da mão, mas ela toca tudo. Nem do pé, mas ela é andarilha...' "

---

* BERESÎT-RABBA *apud* SICUTERI, R. - **Lilith, a lua negra.** 5. ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1990, 211 p.

Assim, Lilith é o veículo do pecado, da transgressão e da rebeldia. Nela há o pedido da inversão das posições sexuais equivalentes aos papéis sexuais.

Continuando o mito, depois de haver profanado o nome de Deus Lilith voou para longe, em direção às margens do Mar Vermelho. Jeová insistiu para que ela voltasse ao marido. Mas a natureza de Lilith mudou no momento em que blasfemou contra Deus, e não existe mais obediência. Ela não é mais a companheira de Adão, mas o demoníaco manifesto[9]. Assim sendo, ela decide permanecer nas charnecas desertas do mar Arábico, rodeada por todas as criaturas perversas saídas das trevas, lugar maldito onde se produzem espinhos e abrolhos, onde mosquitos, pulgas e moscas malignas infectam os seres, urtigas e cardos ferem o pé e covis de chacais se confundem com as pedras. Jeová puniu Lilith exterminando seus filhos (ela acasalando-se com os diabos produzia cerca de cem demônios por dia - os Lillim - que em definições acadianas significa multidões). Em sua vingança, Lilith segue por todo lugar estrangulando à noite as crianças pequenas nas casas, ou surpreende os homens no sono induzindo-os a mortais abraços. [10]

Assim é apresentada a história de Lilith na tradição hebraica. Não há conclusão: Lilith permanece na própria liberdade, endemoniada, quem sabe rainha no palácio do Demônio, como seu espírito feminino.

SICUTERI (1990) supõe que as versões do Gênesis e as contradições e enigmas que se anulam sobre a criação da mulher permitem deduzir que a lenda de Lilith, primeira mulher de Adão, foi perdida ou removida durante a época da transposição da versão jeovística para a sacerdotal. Mas, independentemente disso, passou para os arquivos da história da mulher, via inconsciente coletivo, e ficou amalgamada como o lado sombrio de Eva.

Segundo CAVALCANTI (1987), todo este relato histórico reverte para o psiquismo da mulher da seguinte forma: não sendo criada diretamente da divindade, a mulher possui uma imperfeição inerente, o que torna mais fácil sua queda à tentação da

[9] Daí a simbologia da serpente, face maligna da figura feminina, personificada por Lilith.
[10] Isto nos remete ao folclore popular, cuja crença de que se possa morrer durante o coito, fundamenta a vivência e experiência das coisas do sexo como algo perigoso.

serpente. Portanto, fica justificada a necessidade do controle da mulher e de sua proteção. Dentro da tradição do ensino religioso, é essa informação que é passada subliminarmente: a noção de que a mulher está ligada ao pecado, tanto por sua natural inferioridade como por sua incapacidade para discriminar o bem do mal. Tudo isto ficou profundamente gravado no psiquismo feminino, conferindo-lhe uma identidade negativa. A identidade feminina fica marcada pelo estigma de ter nascido mulher, além do resultado esperado que é a repressão da própria feminilidade.

Vem de encontro a isso, o fato já mencionado de que a mulher não tenha sido criada para ver, ouvir, falar, manifestar sentimentos, ter espírito aventureiro ou curiosidade exploratória, estando desde o Gênesis fadada ao recato, à nulidade e à inexistência psicológica. Em contraposição, ela contrariou todos os desígnios que lhe foram impostos: é ansiosa por ver, ouvir e emitir sua opinião; é ansiosa por existir e ocupar o seu lugar no mundo. Isto atribuiu ao seu caráter um traço subversivo que não estava previsto. Note-se que o sistema patriarcal[11] tem elaborado um intrincado conjunto de leis, crenças e estratagemas para subjugar e tornar inócua a rebeldia da mulher e a própria natureza do feminino. Não conseguiu com Lilith. Não conseguiu com Eva.

A pecha da submissão feminina - lembrando que submissão subentende o uso do poder e do domínio de alguém sobre um outro - essa qualidade receptiva, que permite a expressão das sementes do vir-a-ser sem interferência diretiva, tem sido mal compreendida e usada como instrumento de dominação (CAVALCANTI, 1987). A submissão, nesse sentido, é a expressão de uma realidade da natureza, qualidade indispensável a qualquer processo criativo. Dentro de uma mentalidade com uma direção exageradamente ativa e controladora, esse aspecto adquire uma conotação

[11] Segundo BADINTER (1986), o patriarcado não designa apenas uma forma de família baseada no parentesco masculino e no poder paterno. O termo designa também toda uma estrutura social que nasça de um poder do pai. Assim, o 'Principe da Cidade' ou o 'chefe da tribo' têm o mesmo poder sobre os membros da coletividade quanto o pai sobre as pessoas de sua família. Os poderes do pai, e com ele, os do chefe, variam de uma sociedade para outra. Parecem mais comedidos entre os massais, na África, do que na França de Luís XIV. Tirânico ou liberal, o pai decide, controla e manda aplicar a sua lei. O sistema patriarcal mínimo é reconhecido pelo fato de que os pais trocam suas filhas por noras, com ou sem o consentimento delas. As mulheres vão então adquirindo progressivamente o *status* de bens, tornando-se literalmente propriedade de seus esposos, podendo ser compradas ou vendidas. A característica da sociedade patriarcal, em sua forma mais absoluta, reside no rigoroso controle da sexualidade feminina. O adultério feminino passa a ser a obsessão dos homens, visto que põe em dúvida a linhagem paterna e a conseqüente transmissão co-sanguínea dos bens.

pejorativa. Muitas das qualidades primordiais do feminino foram deturpadas em seu significado, sendo impostas em seu lugar outras mais adequadas a uma mentalidade que valoriza o uso da força sobre o outro. O feminino se viu reduzido ao fraco, ao submisso, ao incapaz, quando sua verdadeira manifestação é a capacidade de acolher, cuidar e nutrir em seu seio largo e inesgotável. Com isto ficou garantida a repressão de todo o mundo feminino, a partir de uma necessidade social do patriarcado na busca civilizatória que teme as forças da natureza.

Conforme PAIVA (1993) no momento de implantação do patriarcalismo, a mulher representa a sombra,[12] um pedaço do ser humano original a ser submetido, despotencializado de seu valor primordial, tornado uma impureza e mal necessário.

Segundo NEUMANN (1995) a natureza passional e emocional da fêmea no abandono selvagem é algo terrível para o homem e para a sua consciência. O lado perigoso da lascívia feminina constituiu-se numa vívida experiência nos primórdios da humanidade e foi reprimido, ignorado e ilusoriamente minimizado nos tempos patriarcais. Como tal agregou-se à experiência evolutiva do homem, jazendo como medo nas profundezas de sua psique e atuando como um veneno sempre que uma consciência coibidora o mantenha soterrado no inconsciente.

CAVALCANTI (1987) afirma que na sociedade patriarcal o feminino foi associado ao fraco, ao submisso, ao incapaz, como uma estratégia usada para se

---

[12] A sombra para JUNG (1917) é "a parte 'negativa' da personalidade, isto é, a soma das propriedades ocultas e desfavoráveis, das funções mal desenvolvidas e dos conteúdos do inconsciente pessoal ao qual corresponde" (p. 58). Ela inclui não só aquelas tendências, desejos, memórias e experiências rejeitadas pelo indivíduo como incompatíveis com a *persona* e contrárias aos padrões sociais, como também aquilo que é negligenciado, considerado inferior, ou que não está desenvolvido. Quanto mais forte for a *persona*, e quanto mais se está identificado com ela, mais se estará repudiando outras partes que serão relegadas à sombra. Esta última é vivida em sonhos como uma figura escura, primitiva, hostil ou repelente, porque seus conteúdos foram violentamente retirados da consciência por serem sentidos como antagônicos à percepção consciente. SAMUELS, SHORTER, PLAUT (1988) afirmam que, visto ser a sombra um arquétipo, estes conteúdos são poderosos, obssessivos, autônomos e marcados pelo afeto, podendo causar alarme e dominar o ego estruturado. Quando a consciência se vê numa condição ameaçadora ou duvidosa, a sombra então se manifesta como uma projeção forte e irracional, positiva ou negativa, tornando-se perigosa. Entretanto, a sombra é uma parte integral de nossa natureza e não pode ser simplesmente eliminada. À medida que esta se torna consciente - objetivo da psicoterapia - recuperam-se partes previamente reprimidas e freqüentemente projetadas. FADIMAN & FRAGER (1979) afirmam que a sombra não é apenas uma força negativa na psique. Trata-se de um depósito de considerável energia instintiva, espontaneidade e vitalidade, e é a fonte principal da criatividade humana. Assim como todos os arquétipos, a sombra origina-se no inconsciente coletivo. No momento em que o indivíduo acha que a compreende, ela aparecerá de outra forma. Lidar com a sombra, no entanto, é um processo que dura a vida toda.

menosprezar aquilo de que se tinha medo e sobre o qual não se possuía controle. A tendência é que o ser estigmatizado incorpore psicologicamente o estigma. Assim, a mulher acabou então forjando artificialmente sua identidade quando incorporou a ideologia de sua inferioridade, assim como o sentimento interno de torpeza e fragilidade de sua constituição e, também, uma impotência generalizada.

Pedaço da hegemonia de Adão, Eva é, antes, impura, inferior e submissa, depois companheira. Lilith é mais infernal, personifica a sombra dessa cultura que, para dela se defender, precisa prendê-la no inferno. Como toda sombra, apesar das defesas, acaba atuando de outras maneiras, representando a força dos padrões arquetípicos limitados pela lei. Essa faceta do feminino, matiz lilás desta mesma identidade (também projetado e perseguido), fragmento da *anima* do homem, foi por milênios vivenciado pelas mulheres de forma infernal, ou culposamente, por aquelas que tão somente pressentiam seu potencial demoníaco.

Fazendo um paralelo entre Eva e Lilith, PAIVA (1993) encontra em ambas não só a insubmissão, como também a articulação com a Lei do Pai. Lilith quer ser igual, Eva não pensa na punição ao desejar a sabedoria proibida. Lilith desobedece à supremacia de Adão, Eva desobedece à proibição. Entretanto, Lilith será o 'chicote de Deus,' Eva, o seu modelo de inferioridade. Lilith é demônio puro, Eva é a porta da impureza que exclui do Paraíso. Esta é a herança arquetípica, que, sob diversos matizes, nuances e graus, está presente no psiquismo da mulher atual.

Ainda segundo a autora, hoje, o padrão arquetípico representado no mito de Lilith, tanto tempo reprimido, foi resgatado pela revolução feminina e tornado objeto de consumo da cultura das massas. A reaparição deste padrão regula: - a luta pela igualdade de direitos entre o homem e a mulher em um primeiro momento e, posteriormente, a luta pela igualdade na diferença, isto é, que estas últimas sejam reconhecidas, mas não usadas como instrumento de dominação; - o protesto feminino diante da imposição divina de sua inferioridade; - o protesto da mulher diante de sua dominação pelo homem. Rege também a maneira sombria com que se obriga as pessoas a experimentarem a sua Lilith, em promiscuidade demoníaca; e ainda a recente separação entre gestação e prazer, feita tecnicamente pelos anticoncepcionais. De qualquer forma, o

padrão arquetípico representado no mito de Lilith tem sido presença obrigatória no espaço aberto pela crise dos modelos de socialização, para ser elaborado ou reprimido na vivência de todas as mulheres, assim como dos homens. O mito de Lilith pode então ser resgatado, do impuro e destrutivo, tornado fértil e criativo, o que nos parece necessário e fundamental.

Ao homem também é imposta uma identidade. As funções e os deveres que lhe são impingidos o impulsionarão de forma exacerbada a lutar para ganhar dinheiro, posição e prestígio social. E, à custa de manter o poder e o *status* que a sociedade lhe confere, mutila e sufoca aspectos fundamentais de sua personalidade, aos quais é conveniente que permaneçam soterrados. Assim, estabelece-se também uma unilateralidade no desenvolvimento do masculino, encarcerando o homem dentro desta identidade imposta socialmente (AZEVEDO, 1985).

Relativo a esta questão, assim se expressa um dos sujeitos da pesquisa de ALMEIDA (1996): [13] "O homem tem a coisa do guerreiro, do endurecimento, que não é só o endurecimento muscular não, tem o endurecimento psíquico, é o criar calo na cabeça da gente!" (p. 135).

Os resultados obtidos pela autora indicam que a estruturação subjetiva do masculino ainda é irrelativizável na medida em que há vários exemplos de associação do masculino à resistência física e psicológica, à capacidade de suportar provações (derrocada financeira, entre outras), dureza de espírito, aptidão para a 'guerra,' além de situar na figura paterna o ideal paradigmático do que é ser homem.

[13] ALMEIDA (1996) em seu estudo empírico sobre a subjetividade e a sensibilidade masculinas, entrevistou 25 homens da classe média do Rio de Janeiro, realizando uma exaustiva investigação do ponto de vista destes sujeitos sobre os mais diversos aspectos que envolvem a relação homem/mulher - sexo, casamento, fidelidade/infidelidade, separação conjungal, masculinidade, a ligação entre sexo e amor, conceitos de intimidade, vida profissional e situação econômica - sempre a partir de uma referência, a interação com a própria pesquisadora, que na condição do outro funcionava como testemunha imprescindível para a externalização do sujeito.

2.1.4) Como ser homem ou mulher??? Consultar "script"

A percepção, os conceitos e valores que cada um tem do outro estão firmemente calcados na consciência ocidental através de uma história milenar - que acabou sendo incorporada pela cultura brasileira - de dominação machista na diferenciação entre os gêneros masculino e feminino instituindo padrões de certo e errado, de saudável e doente, de capaz e incapaz. Portanto, homens e mulheres quando estabelecem uma relação não o fazem de uma forma espontânea, livre de estereótipos e preconceitos, mas levam consigo um "script" que contém a definição pronta e acabada do que vão experimentar.

Assim, para CUSCHNIR (1992) ser homem na cultura brasileira, ainda consiste em:

- "ser o provedor econômico da família;
- ser o reprodutor;
- tomar decisões em família;
- tomar a iniciativa nas relações sexuais;
- conseguir ter, ou ter tido, a mulher amada;
- dar 'porrada' se necessário;
- protegê-la mesmo que ela declare que não quer ser protegida;
- fazer os trabalhos braçais;
- impor regras, colocar limites para o outro e para si mesmo;
- enfrentar situações sem se desesperar;
- 'comer mulheres;'
- conquistar respeito e admiração;
- ser responsável pelos seus atos;
- ter corpo robusto e falar com voz grossa;
- ser livre, astuto e dono de si."

Em conseqüência disso, restou para a mulher, adaptar-se através de 'perversões,' meros arremedos de uma suposta identidade:

- "a perversão do poder de sedução, através da sexualidade auto-destrutiva e da prostituição dentro do casamento ou fora dele;

- a perversão do papel maternal-educacional, na continuidade masoquista de educar os filhos (meninos e meninas) de maneira tão diferenciada;
- o mito da intuição e da sensibilidade (em lugar da inteligência) expressando-se na eterna expectativa mágica do príncipe encantado e do 'lar, doce lar;'
- a perversão do poder, vista no 'travestismo' de querer ser igual e na semi-destruição do vínculo com o companheiro" (CUSCHNIR, 1992, p.31).

Embora atenuados, estes estereótipos ainda mantêm a sua força, diferindo apenas em termos de grau e grupos específicos. Todavia, está surgindo uma nova mentalidade entre os homens, para os quais ser homem na cultura brasileira também é:

- "não ser machista;
- saber recuar, capitular, reconhecer, ceder, abdicar, preservar;
- ter o direito de sensibilizar-se e chorar;
- saber perceber o momento;
- entender a mulher física e emocionalmente;
- saber dividir; ser disponível;
- poder sentir emoções sem medo, inclusive o próprio medo;
- conviver bem com seus medos;
- saber expor o que se sente;
- proporcionar e permitir prazer e liberdade para si e para sua parceira;
- ser afetuoso e amoroso" (CUSCHNIR, 1992, p. 92-3).

Todavia, apesar de muitos avanços setorizados e restritos a alguns grupos específicos, tanto o homem quanto a mulher ainda são concebidos através de visões falsas e unilaterais que os limitam e impedem o desenvolvimento mais amplo de sua personalidade. Para o homem é dito freqüentemente e é ensinado: 'Seja homem!' 'Tem que ser macho!' 'Homem que é homem não chora!' 'Não pode ter medo!' 'Não seja mole!' 'Vai lá e briga!' Para a mulher, que cumpra fielmente com seus deveres de esposa e dona-de-casa, e continue sendo uma 'boa menina,' isto é, assexuada, submissa e dócil. São estes alguns dos mandatos de gênero, que são impingidos verbal ou subliminarmente.

No Novo Dicionário de Língua Portuguesa, AURÉLIO (1986) mandato está definido como "ordem ou preceito de superior para inferior; autorização que alguém

confere a outrem para praticar em seu nome certos atos; procuração; delegação; missão; incumbência."

Em trabalho de referencial teórico psicodramático, [14] foi elaborado um conceito de mandato através da criação de um personagem, cujo nome era Elo:

> "O 'script' deste personagem Elo é integrar e manter a família unida. O mandato é equivalente a um bem precioso, um legado, uma herança que deve ser protegida permanentemente" [o legado cultural dos gêneros masculino e feminino]. "O mandato confere identidade à família e garante a sobrevivência de alguns códigos e leis através das gerações utilizando-se de um poder transgeracional. Eles são mantidos pelos códigos de lealdade e fidelidade" (p.26); [os códigos de lealdade e fidelidade entre homens e entre mulheres].

O legado cultural dos gêneros masculino e feminino vem reforçar a cisão e a oposição entre os sexos, onde "o feminino é para o masculino e o masculino é para o feminino o outro grande desconhecido, a dimensão oculta de cada uma dessas polaridades" (CAVALCANTI, 1987, p. 119).

Assim, cada um dos sexos se apropria de determinados dogmas e conhecimentos secretos, que são transmitidos ritualisticamente, de geração a geração, os quais ao mesmo tempo que reforçam a identidade e a força de coesão do grupo, segregam e alijam o outro diferente.

Desta forma, NEUMANN (1995) afirma que os homens são associados aos pais, os velhos, que são o baluarte da lei e da ordem, e, com eles, a um sistema de mundo que se pode chamar, simbolicamente, de 'céu,' por estar em oposição à terra feminina. Aqui, o céu não é a sede da divindade, mas o princípio 'ar-espírito-pneuma' que, na cultura masculina não levou apenas à divindade patriarcal, mas também à filosofia científica. Toda uma série de figuras - espíritos, ancestrais, animais-tótens, deuses - são representantes do mundo dos homens e são transmitidos ao jovem. Por isso, nos ritos de iniciação, eles são 'engolidos' por um espírito pertencente ao mundo

---

[14] BRAGHINI, L. - Mandatos em linhagens femininas: herança de sorte ingrata ou história recriada? **Cad. Pesq. N. E. P. UNICAMP, 1 e 2**:75-88, 1995.

masculino e renascem como filhos deste espírito, e não da mãe, filhos do céu e não apenas filhos da terra. Esse renascimento espiritual significa o nascimento do 'homem superior,' que está associado à consciência, ao ego e à força de vontade. Daí vem a correlação fundamental entre céu e masculinidade. Nisto reside a superioridade da ação, do conhecimento e da criação conscientes, em contraposição ao impulso cego de forças inconscientes. O fogo e outros símbolos de alerta desempenham papel importante nos ritos de iniciação dos jovens, que precisam se manter acordados, isto é, aprender a vencer o corpo e a inércia do inconsciente ao lutar contra o cansaço. Manter-se desperto e suportar o medo, a fome e a dor caminham lado a lado como elementos essenciais do fortalecimento do ego e da educação da vontade. "O critério de masculinidade é a comprovação da firmeza de vontade, isto é, da capacidade manejável de preservar, onde necessário, o ego e a consciência, e de superar a natureza inconsciente e infantil dos medos e impulsos" (NEUMANN, 1995, p. 114).

O grupo masculino - especialmente aqueles instituídos e organizados em sociedades secretas - é o lugar de nascimento, não só da consciência e da 'masculinidade superior,' como também da individualidade e do herói. O acento individual e o caráter de eleito do grupo estão em marcante contraste com o grupo matriarcal, onde o arquétipo da Grande Mãe e o estágio correspondente de consciência predominam. O coletivo masculino é a fonte de todos os tabus, leis e instituições que se destinam a dissolver o domínio da Uroboros e da Grande Mãe, que nesse nível psíquico se manifesta ambigüamente nos aspectos da mãe devoradora e malvada, e da mãe doadora e bondosa. Céu, pai, espírito e masculino são os elementos representativos da vitória do patriarcado sobre o matriarcado. Este último é regulado pelas leis do instinto, do funcionamento inconsciente e natural, cujo sentido é a propagação, preservação e evolução da espécie, e não o desenvolvimento do indivíduo (NEUMANN, 1995).

Para que homens e mulheres possam assumir suas verdadeiras identidades terão que descobrir quem são, expressando os aspectos básicos de suas personalidades através do modo próprio de cada um, usando a linguagem, os símbolos e os signos femininos e masculinos, respectivamente. CAVALCANTI (1987) indica o caminho interno, isto é, a descida profunda dentro de si mesmo, como um meio para resgatar os

valores de seu sexo e atualizá-los através de seus símbolos femininos ou masculinos no mundo.

2.1.5) A herança arquetípica: a busca do essencial

Segundo SAMUELS, SHORTER, PLAUT (1988) esta descida pode levar ao confronto com os arquétipos, os quais esperam no inconsciente o momento de se realizarem na personalidade. Unindo corpo e psique, instinto e imagem, os padrões arquetípicos carregam consigo uma forte carga de energia, potencialmente arrasadora à qual é difícil resistir; os arquétipos suscitam o afeto, cegam o indivíduo para a realidade e tomam posse da vontade. Viver arquetipicamente é viver sem limitações, ou seja, em estado de inflação do ego, sob a invasão de conteúdos arquetípicos inconscientes. O indivíduo, ao ser tomado por um arquétipo - por exemplo, o arquétipo do herói ou do *animus/anima* - pode cometer atos desatinados. A paixão está ligada a um arquétipo, geralmente ao *animus* ou *anima*.

JUNG (1989) denominou arquétipos a certos padrões universais descobertos em estudos do psiquismo humano realizados em diversas culturas: "Os arquétipos são configurações das leis dominantes e dos princípios que se repetem com regularidade à medida que se sucedem as figurações, as quais são continuamente revividas pela alma" (p. 86).

O autor deduziu que essas forças psíquicas assemelham-se ao código genético do corpo físico; elas predeterminam estruturalmente a anatomia e a função da psique. Aparecendo em sonhos, na fantasia, na arte, no mito, na religião, e até mesmo no pensamento científico, os arquétipos delineiam assim a totalidade da experiência humana. Eles são essencialmente os mesmos em qualquer lugar do mundo e não variam de pessoa para pessoa; não podem ser destruídos através da integração ou da recusa em admitir a entrada de seus conteúdos na consciência; permanecem uma fonte à canalização das energias psíquicas durante a vida inteira e precisam ser continuamente trabalhados.

JUNG (1991) afirma que: "Todas as vezes que nos deparamos com formas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular, temos diante de nós um arquétipo, quer reconheçamos ou não o seu caráter mitológico" (p. 73).

Assim como os instintos impelem o homem a adotar uma forma de existência especificamente humana, também os arquétipos forçam a percepção e a intuição a assumirem determinados padrões especificamente humanos.

Os instintos e os arquétipos são conteúdos essenciais ou básicos do inconsciente coletivo, correspondendo este último a "uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência," a camada mais profunda do inconsciente.

Para JUNG (1989) o inconsciente estruturalmente comporta duas camadas segundo níveis diferentes de profundidade: o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas, evocações dolorosas, percepções, que, por falta de intensidade não ultrapassaram o limiar da consciência, e conteúdos que ainda não amadureceram o suficiente para se tornarem conscientes. Corresponde, portanto, à experiência acumulada a nível individual. O inconsciente coletivo é independente do inconsciente pessoal e caracteriza-se essencialmente por sua natureza universal e uniforme - visto que seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte - relacionando-se ainda à herança psicológica, que potencializa a capacidade de gerar imagens ancestrais, juntamente com a biológica. Ambas são determinantes essenciais do comportamento e da experiência. Asseveram JUNG *et al.* (1969):

> "Exatamente como o corpo humano representa um verdadeiro museu de órgãos, cada qual com sua longa evolução histórica, da mesma forma deveríamos esperar encontrar também, na mente, uma organização análoga. Nossa mente jamais poderia ser um produto sem história, em situação oposta ao corpo, no qual a história existe" (p.67).

Jung postula que a mente da criança já possui uma estrutura que molda e canaliza todo o desenvolvimento posterior e interação com o ambiente. Este inconsciente

é como o ar, que é o mesmo em todo lugar, é respirado por todo o mundo e não pertence a ninguém.

O inconsciente coletivo é o 'berço' de vários arquétipos, entre eles o *animus* e a *anima*.

2.1.6) *Animus e anima:* 'Esse outro estranho que me habita'

Embora haja diferenças básicas entre homens e mulheres, todos têm traços masculinos e femininos. Biologicamente cada um possui tanto gens masculinos quanto femininos, sendo que os dominantes são responsáveis por diferenças fisiológicas. Psicologicamente coexistem ambos os sexos: à parte feminina do homem JUNG (1986), deu o nome de *anima* e à parte masculina da mulher, *animus*[15].

São suas palavras sobre a *anima:*

> "Every man carries within him the eternal image of woman, not the image of this or that particular woman, but a definite feminine image. This image is fundamentally unconscious, an hereditary factor of primordial origin engraved in the living organic system of the man, an imprint or 'archetype' of all the ancestral experiences of the female, a deposit, as it were of all the impressions ever made by woman - in short, an inherited system of psychic adaptation" (JUNG, 1981).[16]

Assim, todo o ser do homem, corporal e espiritualmente, já pressupõe o da mulher. Seu sistema está orientado *a priori* para ela, do mesmo modo que para um

---

[15] Do latim, *anima* é do gênero feminino e *animus*, do gênero masculino. Traduzido para o português tem-se alma e ânimo, respectivamente. Estas denominações suscitam em JUNG (1986) a velha questão escolástica: "A mulher tem alma?" Na opinião do autor a mulher não tem a *anima* - que é de índole erótica e emocional - mas o *animus*, que é de caráter raciocinador. JUNG (1978) afirma que o *animus* corresponde ao sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem, tendo um caráter criativo e engendrador, não segundo as formas de criação masculina, mas produzindo "a palavra que engendra." "Assim como o homem faz brotar sua obra, criatura plena de seu feminino interior, assim também o masculino interior da mulher procria germes criadores, capazes de fecundar o feminino do homem" (p. 199).

[16] "Cada homem carrega dentro de si a imagem eterna da mulher, não a imagem desta ou daquela mulher em particular, mas uma imagem definitiva do feminino. Esta imagem é fundamentalmente inconsciente, um fator hereditário de origem primordial incrustrado no sistema orgânico vital do homem, um "imprint" ou arquétipo de todas as experiências ancestrais do ser feminino, um depósito de todas as impressões deixadas pela mulher - em suma, um sistema herdado de adaptação psíquica" (JUNG, 1981).

mundo bem definido (cuja forma é inata, como imagem virtual) em que há água, luz, ar, sal, hidratos de carbono. Tais categorias apriorísticas são de natureza coletiva; deve-se pensar nelas como isentas de um conteúdo, sendo portanto, inconscientes. Elas adquirem conteúdo, influência, tornando-se finalmente conscientes ao encontrarem fatos empíricos que tocam as predisposições inconscientes, infundindo-lhes vida (JUNG, 1978).

JUNG *et al.* (1969) afirma que a *anima* é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique de um homem, tais como vagos sentimentos e estados de humor, suspeitas proféticas, captação do irracional, capacidade para o amor pessoal, sensibilidade para a natureza e sua relação com o inconsciente.

Em sua manifestação individual, o caráter da *anima,* via de regra, adota a forma da mãe, a qual corresponde à primeira experiência que o homem tem da mulher com todas as sensações, emoções e sentimentos que isto envolve, permanecendo num nível pré-inconsciente.

FRANZ (1995) afirma que é assim que a mãe marca não só os aspectos femininos do filho, como também a imagem que ele cria da mulher - suas aspirações, exigências e temores face às mulheres. Essa imagem, vaga e mítica, que oscila entre a deusa e a prostituta, evolui ao contato das mulheres reais que encontra ou ama. Um dos problemas do homem é aprender a ajustar suas fantasmagorias à realidade e reconhecer em sua parceira um outro indivíduo humano.

JUNG *et al.* (1969) observa que se a mãe teve uma influência negativa sobre o filho, sua *anima* se expressará com freqüência em formas irritáveis, deprimidas, com incerteza, insegurança e suscetibilidade. Estes humores da *anima* produzem uma espécie de embotamento, medo de enfermidades, de impotência ou de acidentes. A *anima* destrutiva simboliza um irreal sonho de amor, felicidade e calor maternal, o qual atrai os homens alienando-os da realidade, podendo induzí-los ao suicídio. Neste caso, a *anima* se converte em demônio da morte - fêmea fatal. Outra manifestação da *anima* negativa está nos comentários venenosos, afeminados com que tudo rebaixam, os quais são sutilmente destrutivos e contêm uma depreciável tergiversação da verdade.

As manifestações mais freqüentes da *anima*, todavia, tomam a forma de fantasias eróticas, nutridas através de filmes, romances e espetáculos, geralmente de caráter sensual.

Todos esses aspectos da *anima* podem ser projetados, visto que são inconscientes, de modo que apareçam ante o homem como as qualidades de alguma mulher determinada. É a presença da *anima* que faz com que um homem se enamore de repente quando vê uma mulher pela primeira vez e sabe imediatamente 'que é ela.' Nessa situação o homem tem a impressão de haver conhecido intimamente a essa mulher desde sempre, se enamora dela tão perdidamente que ao observador leigo lhe parece completa loucura. Mulheres que são como 'fadas' atraem especialmente tais projeções da *anima* porque os homens podem atribuir quase tudo a uma criatura que é tão fascinantemente indefinida, o que facilita que continuem fantasiando em torno dela. A projeção da *anima* dessa forma tão repentina e apaixonada pode causar grandes transtornos a um homem casado por ver-se de repente envolvido em um triângulo amoroso.

Apesar disso, o confronto com a *anima* favorece o desenvolvimento psicológico, pois traz consigo a possibilidade de integrar aspectos inconscientes e obscuros da personalidade à vida consciente (JUNG *et al.*, 1969).

Outra ação positiva da *anima* está no fato de auxiliar o homem a encontrar a cônjuge adequada. Funcionando como força interior, coloca a mente do homem em sintonia com os valores interiores bons, abrindo caminho até as profundezas do inconsciente. Segundo o autor, é como se um rádio interior ficasse sintonizado com certo comprimento de onda permitindo a audição da voz do eu superior - "Grande Homem" - excluindo ruídos dissonantes. Agindo assim a *anima* funciona como guia ou mediadora, no mundo interior, e com o "self." Estas funções assumem diversas nuances e formas dependendo do nível em que se encontram.

Há quatro etapas no desenvolvimento da *anima*. Na primeira ainda se está num nível de relações puramente instintivo ou biológico tendo na figura de Eva sua maior expressão. Helena de Fausto ilustra a segunda etapa personificando um nível romântico e estético que, não obstante, está caracterizado por elementos sexuais. A Virgem Maria, figura que eleva o amor às alturas da devoção espiritual, personifica o

terceiro tipo. O quarto e último simboliza a *Sapiencia,* sabedoria que transcende o mais santo e o mais puro.

JUNG *et al.* (1969) afirma que da mesma forma que a *anima,* a personificação masculina no inconsciente da mulher - o *animus*, que também é uma imagem inata "de homens" [17] - possui aspectos bons e maus. O *animus* não aparece, no entanto, com frequência na forma de fantasias eróticas; é mais apto para tomar a forma de "convicção sagrada oculta." Mesmo em uma mulher que exteriormente seja muito feminina e não demonstre sinais visíveis de masculinidade (voz grave, postura virilizada), o *animus* pode ser também um força dura e inexorável.

O *animus* é moldado basicamente pelo pai da mulher através de um matiz especial de convicções indiscutíveis, as quais não incluem a realidade pessoal da própria mulher. Raramente se pode contradizer a opinião de um *animus* porque geralmente só ele tem razão. Essa é a causa de que algumas vezes o *animus* seja - como a *anima* - um demônio da morte. Psicologicamente trata-se de uma forma particular do *animus* que atrai as mulheres, excluindo-as de todas as relações humanas e, em especial de todos os contatos com homens autênticos. Nos mitos e nos contos de Fadas o *animus* negativo também desempenha o papel de ladrão e assassino (exemplo: Barba Azul).

JUNG *et al.* (1969) assevera que o *animus* negativo personifica todas as reflexões semiconscientes, frias e destrutivas que invadem uma mulher, a qual, alimentando secretas intenções pode conduzir seu marido, ou seus filhos, a enfermidades, acidentes, ou, inclusive, à morte. Ou pode decidir, mesmo que isto nunca chegue à sua mente consciente, que seus filhos não se casem. Esta forma maléfica, profundamente escondida, raramente sobe à superfície da mente consciente da mãe.

---

[17] Segundo JUNG (1978) o *animus* não se apresenta como uma única pessoa, mas como uma pluralidade de pessoas, ou melhor, o *animus* personifica-se em uma "assembléia de pais e outras autoridades," que formam uma espécie de tribunal e formulam opiniões incontestáveis, racionais e muitas vezes, condenatórias. Essas opiniões parecem constituídas de palavras e conceitos reunidos, talvez inconscientemente, desde a infância e amontoados numa espécie de "cânone da verdade." É um tesouro de pressupostos que, ao faltar um critério consciente e idôneo sugere imediatamente uma opinião. NEUMANN (1995), ao tentar entender melhor esta questão da multiplicidade de figuras do espírito, complexa em contraposição à *anima*, explica que a diversidade cultural daquilo a que ele dá o nome de "céu," isto é, as inúmeras imagens do pai-homem que a humanidade conhece, deixou um depósito na experiência inconsciente da mulher, tal como ocorreu com a imagem uniforme da mãe-mulher na experiência inconsciente do homem.

Fica demonstrado, portanto, o poder das forças do inconsciente (neste caso através do *animus* negativo) agindo em nível da rede das relações familiares, de forma insidiosa e até mesmo fatal.

Por outro lado, da mesma forma que a *anima*, o *animus* não consta somente de qualidades negativas; também tem um lado muito positivo e valioso. Também pode construir uma ponte até o si mesmo, mediante sua atividade criadora. Apesar do tempo requerido e de todo sofrimento que o enfrentamento do *animus* possa causar à mulher, este pode se converter em um companheiro interior dotando-a de atributos masculinos tais como iniciativa, espírito empreendedor, objetividade e sabedoria espiritual.

Assim como a *anima*, o desenvolvimento do *animus* tem sua expressão em quatro tipos bem definidos. Tarzan, no primeiro nível, é a personficação do poder físico por excelência; da mesma forma isto é encontrado em um campeão atlético ou num homem musculoso. Ernest Hemingway - o herói da guerra - é um bom exemplo do segundo tipo; possui iniciativa e capacidade para planejar a ação. Na terceira etapa o *animus* se transforma através da palavra, aparecendo com freqüência como professor ou sacerdote; Lloyd George, orador político ilustra o tipo característico desta fase. Na última etapa o *animus* é a "encarnação do significado". Neste elevado nível converte-se em mediador da experiência religiosa pela qual a vida adquire um novo significado proporcionando à mulher firmeza espiritual; Gandhi é um personagem típico desta fase (JUNG *et al.*, 1969).

2.1.6.1) Relacionamento com o *animus/anima*:

Talvez devido à unilateralidade com que esses elementos sejam vividos em sociedade - a mulher expressando apenas os atributos femininos e o homem, os masculinos - o que mais se encontra é que a outra parte (a imagem masculina na mulher e vice-versa) esteja recalcada, neste caso, o *animus*. Visto que esta imagem é inconsciente, ela será projetada também, inconscientemente, na pessoa amada.

Quando o *animus* permanece inconsciente - o que acontece até um nível relativamente elevado de maturidade psicológica - suas qualidades não podem ser

utilizadas de modo construtivo pela mulher; mais que isto, pode resultar em uma estranha passividade e embotamento afetivo, ou numa profunda insegurança que pode conduzir a uma sensação de menosvalia (depreciação do eu). Em contrapartida, o que ocorre com o homem é que este normalmente reprime sua *anima* porque se sente pouco confortável com o domínio irracional do instinto e da emoção.

Falando desse difícil relacionamento que o homem e a mulher mantêm com sua *anima* e *animus*, respectivamente, assim como com a *anima* ou *animus* do parceiro, FRANZ (1995) afirma que "a mulher real exerce uma influência sobre a *anima* do homem e, inversamente a *anima* do homem influencia a mulher. Esta questão fica esclarecida quando se compreende as interações que se produzem na realidade entre a *anima* de um lado, e a mulher concreta de outro" (p. 14).

A autora explica que a mulher pode ter uma influência educadora e transformadora sobre o Eros do homem. Um homem, freqüentemente, terá a tendência de se mostrar rude e indiferente na área afetiva. Se a mulher for capaz de sustentar seus direitos enquanto ser humano sem cair sob a influência do *animus* negativo - espírito de recriminação ou de desencorajamento, o que só pioraria a situação - poderá fazer com que o homem com quem vive compreenda melhor a psicologia feminina.

A mulher, por sua vez, sofre a influência da *anima* do homem. Uma mulher que se comporta espontaneamente de determinada maneira, ao observar que o homem que ama fica chocado ou perturbado com seu comportamento, porque este fere a imagem que ele tem da mulher, tenderá a adaptar-se ao que o homem deseja por medo de perdê-lo. Assim, essa mulher-*anima* adotará o papel que se lhe é sugerido ou imposto. Conseqüentemente, ela perde sua autonomia e passa a ter consciência de si enquanto espelho dos desejos do parceiro. Neste caso a mulher pode até conseguir agradar o homem por um certo tempo, mas quando ele faltar sentir-se-á arrasada, pois sua consciência da própria identidade depende de alguém que está fora dela.

> "Uma mulher assim é muito afetada pela *anima* do homem, o que leva, tanto da parte de um como do outro, a um nível de consciência muito primitivo, coletivo e indiferenciado, em que não se pode mais distinguir o que pertence à *anima* do que é característico da personalidade da mulher. Quando as duas estão assim confundidas,

atuam uma sobre a outra, o que é fonte incessante de conflitos" (FRANZ, 1995, p. 16).

JUNG (1978) afirma que a *anima* e o *animus* agem como catalisadores para o relacionamento quando mutuamente projetados em pessoas do sexo oposto. Assim, o homem, em sua escolha amorosa sente-se tentado a conquistar a mulher que melhor corresponda à sua própria feminilidade inconsciente: "A mulher que acolha prontamente a projeção de sua alma." Quando a tela sobre a qual se projeta o companheiro ideal fica desgastada pela relação diária, permite que se veja a outra pessoa como ela realmente é, o que pode despertar o ódio e fazer com que se sinta enganado ou traído.

2.1.6.2) Diálogos com a *persona:*

Conforme JUNG (1978) a psique da mulher difere da psique do homem de forma básica; isto se manifesta não só nas diferenças entre a *persona*[18] masculina e a *persona* feminina, assim como entre o *animus* e a *anima*. Além disso, os atributos da *persona* feminina e do *animus* são claramente distinguíveis dos atributos paralelos da *persona* masculina e *anima*. A *anima* tem um caráter receptivo, emocional e erótico, ao passo que o *animus* é principalmente racionalizador e ativo. Enquanto a *anima* produz caprichos, o *animus* produz opiniões; assim como os caprichos do homem brotam de um fundo obscuro, do mesmo modo as opiniões da mulher provêm de pressupostos aprioristicos inconscientes. Na realidade, não houve reflexão para sua elaboração, apesar

[18] Para JUNG (1978) a *persona* consiste em um complicado sistema de relações entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara, cuja finalidade é produzir determinado efeito sobre os outros e simultaneamente ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. Suas origens remontam às máscaras usadas pelos atores no drama grego para compor os personagens que estavam representando. FADIMAN & FRAGER (1979) afirmam que a *persona* é a forma pela qual cada um se apresenta ao mundo, e através da qual se relaciona com os outros. É o caráter assumido que inclui não só os papéis sociais, como também a indumentária e o estilo pessoal de cada um. A *persona* tem aspectos tanto positivos quanto negativos. Uma *persona* dominante pode abafar o indivíduo, sendo que quem se identifica com sua *persona* tende a se ver apenas na superficialidade de seus papéis sociais e de sua fachada. No entanto, a *persona* não é totalmente negativa. Ela tem a função de proteger o ego e a psique das inúmeras forças e estímulos ambientais que o invadem. A *persona* é também um instrumento precioso para a comunicação, além de desempenhar um papel muito importante no desenvolvimento. São símbolos da *persona*: roupas e véus (usados para se cobrir); instrumentos, pastas (objetos-marcas reveladores do papel profissional); carro, casa e diploma (objetos que representam o *status* da pessoa).

de toda convicção com que são enunciadas pela mulher. Elas já estão prontas, afirma o autor.

Estas naturezas diversas do *animus* e *anima* compensam as naturezas diversas da *persona* masculina e feminina. Assim, a *persona* masculina, que corresponde à imagem ideal de homem forte, é compensada interiormente pela "fraqueza feminina: por dentro torna-se mulher, torna-se anima, e é esta que se opõe à *persona*"[19] . A *persona* feminina é a imagem adaptativamente organizada do "self" que a mulher apresenta ao mundo. Trata-se de um aspecto da personalidade socialmente determinado. As diferenças entre as *personas* masculina e feminina são determinadas por normas culturais e distinções de papéis. *Animus* e *anima* são mais profundamente inconscientes do que a *persona*. Ambos são imagens sexualmente determinadas que derivam da estruturação arquetípica da vida emocional e também de tendências reprimidas do sexo oposto que foram expelidas da consciência. O *animus* (ou a *anima*, no caso do homem) pode ser patologicamente dominado pela identificação com imagens arquetípicas (por exemplo, o príncipe encantado, o poeta romântico, o pirata saqueador) e/ou por uma extrema fixação paterna (JUNG *et al.*, 1969).

Para uma mulher, o processo de desenvolvimento psicológico envolve um diálogo entre sua *persona* e seu *animus*. O *animus*, a princípio, é visto como uma *persona*lidade inteiramente separada. Na medida em que é reconhecida a influência do *animus*, este começa a assumir o papel de ligação entre consciente e inconsciente até que aos poucos se torna integrado ao "self."

FREUD (1987c)[20] , TUCKER & MONEY (1981) e STOLLER (1982) acentuam a natureza essencialmente bissexual do psiquismo humano. JUNG (1985) da

---

[19] O homem forte no contexto social é, freqüentemente, uma criança na vida privada, no tocante a seus estados de espírito. Sua disciplina pública fraqueja lamentavelmente no lar e a "alegria profissional"que ostenta, em casa deixa entrever um rosto melancólico. Quanto à moral pública, sem mácula, tem um aspecto estranho atrás da máscara, sendo que suas mulheres teriam muita coisa para contar a esse respeito. Quanto ao seu abnegado altruísmo, a opinião dos filhos é outra (JUNG, 1978).

[20] Freud sempre acreditou numa bissexualidade constitucional (biológica) que influenciaria e escolha de objeto e o grau de masculinidade e feminilidade de uma pessoa. Em 1905, nos "três ensaios da teoria da sexualidade" admitia que dificilmente seria possível chegar a uma compreensão das manifestações sexuais observadas em homens e mulheres sem levar em conta a bissexualidade. Em 1923, em "o ego e o id" a bissexualidade entra na elucidação do complexo de Édipo: "Pareceria, portanto, que em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe..." (p. 47). Bem antes disto, em 1899, FREUD

mesma forma, considera a existência da união de opostos (neste caso, feminino e masculino) como o determinante principal do funcionamento psíquico:

> "Quando o inconsciente mistura o masculino e o feminino, tudo se torna indiferenciado, não é mais possível estabelecer diferenças de espécie alguma... Vemos então que o fundo da cisterna é caracterizado pela completa união dos opostos. Aí está a condição primordial das coisas e que é também por si um fim ideal, a qual na filosofia chinesa é denominada Tao, e consiste na total harmonia entre o céu e a terra. A união dos dois princípios, masculino e feminino, é a imagem arquetípica... Um mito negro diz que o primeiro homem e sua mulher dormiam juntos na 'calabash' (cabaça em português); estavam totalmente inconscientes até que alguma coisa se moveu e os despertou: era o filho no meio dos dois. O homem estava entre eles, e desde então ambos tornaram-se entidades separadas e puderam conhecer-se. ... Essa união simboliza a plenitude total, a eternidade antes e depois da criação do mundo, um condição dormente, nirvânica. Talvez seja a coisa buscada pelo desejo do homem" (p. 110-1).

CAVALCANTI (1987) coloca que o conflito observado externamente entre homens e mulheres nada mais é do que a projeção do conflito interno de cada pessoa, entre sua parte masculina e feminina. Encontra-se, então, nas raízes deste conflito, uma identidade não resolvida, negada, ou pouco conhecida.

HARDING (1970) descreve a *persona* feminina - a face tangível de sua personalidade que intermedeia sua relação com o mundo - como um composto de modos de agir que são culturalmente femininos. Estes modos tendem a ser dependentes, receptivos, tímidos, atraentes, não agressivos, ingênuos e irrefletidos. Contudo, estas características constituem apenas uma parte da identidade de qualquer mulher. Quando a mulher começa a tornar consciente seu *animus* inconsciente começa a desenvolver as qualidades ditas masculinas: auto-afirmação, independência, vigor e capacidade para o pensamento lógico e analítico. Sua natureza feminina básica expressa o que em tradições orientais é conhecido como princípio "Yin," mas ela só se torna indivíduo integrado, psicologicamente desenvolvido, quando reclama o princípio masculino "Yang" que

---

numa carta a FLIESS afirmou "Bissexualidade! Estou certo de que você está com a razão a respeito dela. E estou-me acostumando a encarar todo ato sexual como um acontecimento entre quatro indivíduos."

reside em seu *animus* inconsciente. Se a mulher não reconhecer e não se familiarizar com seu próprio *animus*, permanecerá expressiva somente de seu lado "Yin;" não conseguirá aceitar seu lado masculino inconsciente como parte de si própria, projetando-o perpetuamente nos vários homens em sua vida.

2.1.7) Uma visão simbólica do masculino e feminino

NEUMANN (1995) em sua versão sobre o início das coisas, afirma que o lugar onde tudo começou é o 'redondo,' uma cabaça que contém os Pais do Mundo, o céu e a terra, que jaziam um sobre o outro, unidos na ausência do espaço e do tempo, porque até então nada havia se posto entre eles para criar a dualidade, a partir da unidade original. O continente dos opostos masculino e feminino é o grande hermafrodita, a cobra circular, o dragão primal do princípio, que morde a própria cauda, a autogerada Uroboros: "Ela mata a si mesma, casa-se consigo mesma e engravida a si mesma. É homem e mulher, gerando e concebendo, devorando e dando à luz, ativa e passiva, em cima e embaixo, ao mesmo tempo" [21] (NEUMANN, 1995, p. 28).

Na lenda da criação dos Maori, Tane-Mahuta separou os Pais do Mundo (o masculino e o feminino) através de um golpe para cima com as pernas arrancando um do outro e mandando para cima o céu, e para baixo, a terra, para que se viesse a luz, porque até então tudo era treva e não era possível conhecer a luz, e saber a diferença entre noite e dia.

Segundo CAVALCANTI (1987) masculino e feminino são polaridades psíquicas que se complementam para uma percepção mais rica do mundo. Eles têm, no entanto, naturezas e orientações diferentes. O relacionamento com o mundo pode ter uma direção mais solar (masculina) ou mais lunar (feminina), isto é, um modo de ser mais produtivo, "Yang," ou mais receptivo, "Yin."

[21] A uroboros, que pode ser encontrada em todas as épocas e culturas, surge na fase mais avançada do desenvolvimento psicológico individual como rotundidade da alma, como símbolo da integralidade e plenitude recuperadas da vida. "É o lugar da transfiguração e da iluminação, do fim, assim como do começo mitológico, da aurora primordial" (NEUMANN, 1995, p.45).

Assim, o sol com sua claridade e luz brilhante, estabelece a relação perfeita com o princípio masculino, o Logos, a razão. O que está ligado aos valores da consciência pertence à dimensão do masculino, do fálico. O que analisa, discrimina, estabelece regras e leis. O masculino é diretor, penetrante, separador, executivo, histórico, racional e censor. O sol todas as manhãs traz um novo dia, ele organiza o tempo, é regular no seu surgimento, previsível, certo e esperado. O sol desperta os seres vivos da noite da inconsciência para a vida consciente. É o contato claro com o real, que pressupõe limites e obrigações. A manifestação do masculino se expressa através da força, do movimento veloz que busca o seu complementar para a realização da união criativa. A criatividade solar masculina se dirige sempre a um objetivo definido. Não há flexibilidade e maleabilidade quando a direção já foi determinada. O masculino é o agente de um tempo e direção que não podem ser mudados. Ele é o Chronos inexorável. O feminino é a Kairós que pede flexibilidade e paciência (CAVALCANTI, 1987).

A lua apresenta um outro tipo de saber, a sabedoria que vem do inconsciente, da natureza e do instinto. O conhecimento da intuição, que não segue um plano lógico. A lua é o símbolo do princípio feminino, que está ligado a valores que vêm do inconsciente. Esse princípio é não conceitual, obscuro, inexato, imprevisível, irregular, irracional, atemporal. Possui ritmo e natureza próprios, difíceis de definir porque escapam a toda tentativa de conceituação. Suas qualidades aparecem ligadas à fertilidade, à receptividade. É acolhedor, nutridor, propiciador do crescimento. Em contraste com a secura solar, percebe-se na lua uma umidade refrescante, associada ao aspecto da fertilidade. É a terra pronta para o recebimento da semente. O receptivo que se abre e acolhe a germinação e o crescimento.

O feminino, em sua essência, está ligado à transformação, à mudança rítmica da vida, ao movimento circular, enquanto o masculino está mais ligado ao movimento linear, à mudança histórica, ao cultural e ao civilizado, que são, em contrapartida, a expressão da essência masculina.

O sol rege mais em um plano exterior; ele age no plano da consciência, do concreto e exerce influência no domínio do poder. O que caracteriza essa consciência solar masculina, brilhante e poderosa é a criatividade explosiva, uma força penetrante

que faz interferências no mundo real. Seus produtos têm uma base sólida, estável e persistente.

Já o ritmo cósmico lunar influencia o corpo e o psiquismo humano. O nascimento, o crescimento e a morte se alternam constantemente dentro da existência do homem. E são regidos pelo princípio feminino, cuja expressão básica é a renovação. Costumes antigos, mas que ainda sobrevivem na expressão de crenças e fé ancestrais mostram bem isto. Em algumas comunidades primitivas o parto é considerado coisa de mulher e é tido como um ritual de que só a mulher pode participar. Da mesma forma a morte também é um ritual presidido pela mulher. Cabe a ela preparar o corpo para a morte. As carpideiras, através do seu lamento, ajudam a conduzir a alma para o reino dos mortos. O maternal prepara para a vida e também para a morte. Acolhe a vida e acolhe a morte.

A lua e o sol são símbolos do casal cósmico, agentes de toda a mudança e transformação da vida. Todas as coisas se expressam em suas polaridades, em suas correspondências simbólicas. Apesar de serem regidos por princípios internos diferentes, o homem e a mulher se necessitam para se complementarem; o homem precisa aprender a arrefecer sua consciência solar para se permitir ser iluminado pela lua e também a mulher necessita que a luz solar a ilumine. Nem sempre isto é possível, contudo. Muitas vezes as exigências da consciência solar entram em conflito com as exigências da lua. Logos não quer ceder a Eros. É preciso ter flexibilidade para intuir o momento adequado de que o sol ceda para que a lua possa surgir, e que a lua saiba o tempo adequado à presença do sol. Sem competição, um ritmo natural aparece, favorecido pela cooperação e pela complementação (CAVALCANTI, 1987).

2.1.8) O papel do símbolo

Mas o que é o símbolo, afinal?

Conforme JUNG (1967), o inconsciente coletivo comunica-se com o consciente primariamente por meio de símbolos. Imagens e expressões simbólicas representam conceitos que não se pode definir com clareza ou compreender plenamente, conservando uma essência relativamente desconhecida. Para o autor, um símbolo não

explica, mas remete para além de si mesmo, em direção a um sentido inatingível, indistintamente pressentido que nenhuma palavra da língua falada poderia exprimir de modo satisfatório. Ele é alguma coisa em si mesma, algo dinâmico e vivo. Um símbolo vivo constitui a máxima expressão possível do pressentido, mas ainda não conhecido. E ele só se conserva vivo enquanto estiver repleto de significado e for a melhor expressão desta coisa. Em tais circunstâncias possibilita uma manifestação do inconsciente, produzindo um efeito vitalmente criador e estimulante. A imago, cujo papel é designar da melhor forma possível este caráter obscuro do símbolo, representa seu pólo externo, enquanto o arquétipo constitui o pólo interno.

JUNG (1967) afirma que a expressão de algo conhecido é um mero signo, jamais sendo um símbolo, pois as conexões conhecidas nunca conterão nada além do que nelas foi incluído.

NEUMANN (1995) explicita que a natureza metafórica do símbolo mantém uma relação de semelhança entre dois elementos (conteúdos), e não de igualdade. Em suas palavras "jamais uma resposta simbólica deve ser entendida completamente ou tomada ao pé da letra," pois seria confundida com a resposta matematicamente lógica da consciência que diria "isto é isto, aquilo é aquilo." "A psique, como o sonho, mistura; fia e tece combinando cada coisa com cada outra coisa. O símbolo é, por conseguinte, uma analogia; é mais uma equivalência do que uma equação; nisto reside a sua riqueza de significados, mas, da mesma maneira, o seu caráter instável" (NEUMANN, 1995, p. 27).

Segundo TARDAN-MASQUELIER (1994), o símbolo é o produto de uma atividade espontânea da alma, cuja inclinação natural procura a unificação; já a imagem (ou imago) representa a situação global da psique, mas em relação com um objeto que a cristaliza e lhe serve de catalisador. Relacionando, o símbolo dá forma e sentido a um movimento que parte da energia pura, não representável e exprime-se por uma imagem que, se amplamente compartilhada, atesta em favor da existência do inconsciente coletivo. É em torno do símbolo que este movimento toma corpo, passando do pré-formal ao decifrável e susceptível de se tornar consciente. Nas palavras da autora:

"O inconsciente coletivo 'fala' à consciência por meio dos símbolos: cabe a ela saber decifrar essa linguagem, e aí termos o caminho da cura da alma. A antiga palavra 'symbolon' indica sempre uma mediação entre dois polos que podem ser bem diferentes. Para Tomás de Aquino o símbolo, além da aparência que apresenta aos nossos sentidos, faz vir ao pensamento algo que vai além disso, assim como a pegada do animal nos informa sobre a passagem da fera. O autor mostra que essa 'Presença não-sensível' não se opõe à presença sensível, mas a prolonga, de modo a lhe dar um acréscimo de sentido" (TARDAN-MASQUELIER, 1994, p. 124).

Uma extensa variedade de imagens simbólicas pode ser associada a um dado arquétipo. Por exemplo, o arquétipo materno compreende não somente a mãe real de cada indivíduo, mas também todas as figuras de mãe, figuras nutridoras. Isto inclui mulheres em geral, imagens míticas de mulheres (tais como Vênus, Virgem Maria, a Mãe Natureza) e símbolos de apoio e nutrição, tais como a Igreja e o Paraíso. O arquétipo materno inclui não somente aspectos positivos, mas também negativos, como a mãe ameaçadora, dominadora ou sufocadora. Na Idade Média, por exemplo, este aspecto do arquétipo estava cristalizado na imagem da bruxa.

JUNG (1967) conserva as duas características fundamentais do símbolo: sua capacidade de revelar um sentido oculto, e sua propensão a formar cadeias, e portanto acolher novos valores no decorrer da história. Ao longo de sua obra o autor atribuiu ao símbolo três dimensões básicas: a representação, a mediação e a unificação.

A psique se auto-representa, em sua globalidade (pelo simbolismo das mandalas), ou se personifica em alguns de seus componentes (a sombra, o feminino, o velho sábio). Tais figurações, além de mostrar um estado atual, indicam freqüentemente uma orientação propondo escolhas de comportamentos, apresentando uma dimensão prospectiva.

Como mediador, o símbolo funciona como um mecanismo intrapsíquico de tradução, que possibilita que a indiferenciação dos processos inconscientes possa transvasar em formas diferenciadas. Consciente e inconsciente necessitam de um 'tradutor,' pois constituem dois sistemas diferentes: um é mais racional, o outro, irracional; um é focalizado, o outro, difuso; um é definido, o outro, indefinido.

A unificação decorre da dimensão mediadora do símbolo. Ao formar ponte entre dois modos de existência da alma, o símbolo constitui igualmente um ponto de junção. Ele utiliza o paradoxo, não para dividir, mas para totalizar. Na realidade o símbolo liga dois opostos; ele é o 'terceiro termo' que permite estabelecer semelhanças entre os contrários. Ao fazer isso, instaura um novo estado, mais bem adaptado que o precedente, caracterizado por uma *coincidentia oppositorum*, um encontro paradoxal de dualidades numa totalidade harmoniosa. Esse novo estado transcende o precedente no sentido de que ultrapassa os seus conflitos.

É meditando sobre as significações do símbolo que se constrói paulatinamente uma nova síntese psíquica. Tal síntese refere-se a uma totalidade espiritual em que se executa a articulação justa do consciente com o inconsciente - uma imagem e seu arquétipo subjacente.

2.2) Identidade, cultura e religião

2.2.1) A tradição judaico-cristã e a despatriarcalização das escrituras

FRANZ (1995) afirma que em nossa civilização judaico-cristã - uma tradição estritamente patriarcal - não existe a imagem arquetípica da mulher, ou seja, nas palavras de Jung "ela não tem representação no Parlamento de Cima." O resultado é que de um lado a *anima* do homem é negligenciada, e de outro, a mulher fica incerta quanto à sua própria essência; não sabe nem o que é, nem o que poderia ser. Só lhe restam duas alternativas: regredir a um comportamento instintivo/primitivo agarrando-se a ele para resistir às pressões da civilização, ou cair numa atitude de *animus*, identificando-se com ele. Ao construir uma imagem masculina de si mesma estaria compensando a incerteza que sente interiormente quanto à sua natureza. É assim que encontra-se a esposa devotada, a perfeita dona-de-casa e a mãe que sacrifica tudo pelos filhos.

PAIVA (1993) observa que a tradição judaico-cristã é uma expressão religiosa eminentemente masculinizante. São os varões que detêm todos os meios de

produção simbólica, organizam e presidem a comunidade cristã; a mulher ocupa um lugar marginal.

A revalorização do feminino foi se impondo na história de forma muito lenta e somente a partir de papéis socialmente valorizados. Em 431 d.C. o Concílio de Éfeso definiu a maternidade divina de Maria. As duas convicções simbólicas mais importantes do culto à Virgem Maria - a Imaculda Conceição e a Assunção da Virgem - só foram elevadas pela Igreja à categoria de "artigos de fé cristã" em 1854 e 1950, respectivamente. Na atualidade, o movimento da Teologia da Libertação dentro da Igreja Católica, através do padre Leonardo Boff, tem encontrado grande repercussão. Ele propõe uma interpretação singular da história de Cristo diferente da visão patriarcalista dominante e reivindica a valorização do oprimido, dentre eles, o feminino.

BOFF (1979) explica que a posição marginal que a mulher ocupou em toda a tradição judaico-cristã se deve ao fato de que a revelação se deu dentro da era patriarcal onde o feminino desempenhava uma função secundária. "O Antigo Testamento e o Novo Testamento são livros de varões, numa sociedade de varões onde a mulher aparece como ajudante" (p. 24-5). O autor propõe então "despatriarcalizar as Escrituras," hermeneuticamente, lembrando a significativa participação de algumas mulheres na comunidade judaica (Míriam, Ester, Judite) antes da sedentarização do povo judeu, quando então emergiu o antifeminismo. Jesus Cristo é considerado por ele um feminista, nas palavras e nos atos. O Reino de Deus tem como destinatário os pobres, marginalizados e oprimidos, dentre eles, a mulher. Jesus quebra tabus ao se manter próximo e relacionar-se publicamente com mulheres, ao defender a adúltera e deixar-se tocar pela prostituta.

BOFF (1979) defende uma linha positiva, onde a mulher tem sua dignidade elevada tanto quanto a do varão. O autor sustenta a "igualdade criacional do varão e da mulher" com base nas reciprocidades varão-mulher constantes no Gênesis ("não há mulher sem varão, nem varão sem mulher," BÍBLIA, Cartas de S. Paulo, 1°Cor. 11, 11). Todo elemento de ternura, aconchego, derradeiro refúgio da salvação de Deus, é apresentado por ele na tradição da linguagem feminina.

2.2.2) Identidade feminina nas escrituras: ser mulher é ser mãe

BOFF (1979) propõe que a maternidade, personificada por Maria, não defina apenas uma função da mulher, mas a própria mulher que possui um espírito maternal mesmo que jamais chegue a gerar.

"Maria, a mãe de Cristo, é elevada ao nível de Deus para poder gerar Deus; só o Divino pode gerar o Divino," afirma BOFF (1979), que admite não só a divinização do maternal, como também a presença em Deus de um princípio feminino e, na mulher, de um princípio masculino. Um avanço sobre a mulher subordinada, inferior e impura.

JUNG (1990), que constatou em seu trabalho com o inconsciente a existência da divinização do feminino, analisou os dogmas marianos considerando a assunção um dos eventos maiores do cristianismo desde a Reforma. A Assunção permitiu a integração da matéria com o espírito e o casamento definitivo entre o céu e a terra. Eva teria um sentido coletivo como mulher geradora, ctônica, origem de toda a vida. Maria seria a sublimação de Eros, como Sofia ou sabedoria. Para Eva, a mãe dos mortais, estava proibido o *hierosgamus* (casamento sagrado e celeste). Maria, feita esposa de Deus, é mãe do Filho de Deus, fruto do *hierosgamus*.

Numa estrutura matriarcal, como a do sul da Índia, por exemplo, as mulheres confiam espontaneamente em sua natureza feminina. Têm consciência de sua importância, do fato que possuem traços particulares que as diferenciam dos homens, os quais não implicam em sentimentos de inferioridade.

2.2.3) Aspectos psico-sociológicos da identidade

Em sua visão psicológica ERIKSON (1976) considera que a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, onde o indivíduo se julga a partir do que ele percebe como sendo o juízo que os outros fazem dele. O processo é de crescente diferenciação e torna-se mais abrangente à medida que o indivíduo vai ganhando consciência de um círculo em constante ampliação, da pessoa da mãe até a humanidade.

ERIKSON (1976) afirma que quando se discute identidade não se pode separar o desenvolvimento pessoal e a transformação comunitária, assim como não se pode separar a crise de identidade na vida individual e a crise contemporânea no desenvolvimento histórico, porque ambas ajudam a definir uma à outra e estão verdadeiramente relaciondas entre si.

A identidade para o autor reveste-se de um caráter individual e coletivo. Em suas palavras: "estamos tratando de um processo localizado no âmago do indivíduo e, entretanto, também no núcleo central de sua cultura coletiva, um processo que estabelece de fato, a identidade dessas duas identidades" (ERIKSON, 1976, p. 21).

FREUD (1987e) refere-se à identidade coletiva como forças emocionais obscuras tanto mais poderosas quanto menos possam ser expressas em palavras, bem como a uma nítida consciência de identidade interna a partir de uma reserva segura de uma construção mental comum.

Para JAMES (1920) * o componente individual da identidade compreende "algo que nos é revelado" como um reconhecimento, quase como uma surpresa, mais do que algo que tenha sido extenuamente procurado. É uma tensão ativa (mais do que uma interrogação paralisante), a qual possa gerar um desafio sem a garantia de que as coisas funcionem dentro do esperado, ao invés de uma tensão que se dissipe diante de um amontoado de certezas.

Um trabalho, que aborda em suas conclusões a questão da busca da identidade,[22] sugere que a estreita vereda está à espera de qualquer um que se atreva a expor-se aos perigos do mundo, sendo esta uma viagem para a qual não existem roteiros ou mapas, pois a trilha é inacabada e precisa ser construída a meio do caminho. No que tange ao aspecto coletivo da identidade menciona-se a união pela semelhança; ao individual, a necessidade de estar em solidão para "olhar para dentro de si," buscar a herança arquetípica e se reorientar no mundo acrescentando componentes pessoais.

---

[22] BRAGHINI, L. - **Um estudo exploratório sobre a submissão feminina a situações crônicas de violência doméstica.** Campinas, 1990. [Tese - Mestrado - Universidade Estadual de Campinas]

* JAMES, W. *apud* ERIKSON, E. - **Identidade, juventude e crise.** 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976. 322 p.

Por outro lado, antropólogos e sociólogos também têm trabalhado intensivamente a noção de identidade. OLIVEIRA (1976) afirma que há duas dimensões possíveis para a identidade: a pessoal (ou individual) e a social (ou coletiva). O autor afirma que ambas estão interconectadas, permitindo-nos tomá-las como dimensões de um mesmo e inclusivo fenômeno: o nível individual, onde a identidade pessoal é objeto de investigação por psicólogos, e o nível coletivo, plano em que a identidade social se edifica e se realiza. A identidade social e a identidade pessoal são parte, em primeiro lugar, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão.

Para OLIVEIRA (1976), o código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento das relações entre os grupos tende a se exprimir como um sistema de oposições ou contrastes. A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade (étnica para o autor, mas isto podendo ser estendido a outras identidades como gênero, por exemplo). Implica a afirmação do nós diante dos outros. Ao se afirmarem desta forma uma pessoa ou um grupo o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que não se afirma isoladamente, mas surge por oposição negando a outra identidade por ela visualizada.

A relação entre identidade e valor - ideologia - foi bem percebida por ERIKSON (1976) em seus estudos sobre a confusão individual e a ordem social, especialmente no que tange à socialização do adolescente. Diz ele que "identidade e ideologia são dois aspectos do mesmo processo. Ambos fornecem a condição necessária para uma maior maturação individual e, com ela, para a próxima forma de identificação mais inclusiva, ou seja, a solidariedade ligando identidades comuns em vida, ação e criação conjuntas" (p. 189).

O autor afirma que sem este compromisso ideológico a juventude pode sofrer de uma confusão de valores, que pode ser perigosa, não só para alguns, como também para a sociedade como um todo.

OLIVEIRA (1976) reitera o acima exposto quando discute o papel da ideologia. O autor afirma que não tendo por função fornecer aos indivíduos ou grupos um

conhecimento verdadeiro da estrutura social, a ideologia busca simplesmente inseri-los em suas atividades práticas que sustentam esta estrutura. Em suas palavras: "A ideologia tem precisamente por função, ao contrário da ciência, ocultar as contradições reais, reconstruir em um plano imaginário um discurso relativamente coerente que sirva de horizonte ao vivido dos agentes" (p. 40).

A ideologia pode ser consciente ou inconsciente, ainda que para os agentes das relações sociais que lhe deram origem e que a sustentam freqüentemente seja inconsciente.

BERGER & LUCKMANN * afirmam que a identidade é um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduo e sociedade. Sendo formada por processos sociais, uma vez cristalizada é mantida, modificada ou, mesmo, remodelada pelas relações sociais.

CUNHA (1985) acrescenta que a identidade é construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, que ela constitui resposta política a uma conjuntura, resposta articulada com as outras identidades em jogo com as quais forma um sistema. É uma estratégia de diferenças. A identidade também é um lugar de enfrentamentos. Há toda uma luta em que os contendores querem afirmar categorias para deslocarem fronteiras, porem em realce ou simplesmente fazerem reconhecer grupos sociais. Outra característica importante é que as diferenças reais transformam-se em algo mais como sinais diacríticos, ou seja, é pela tomada de consciência das diferenças, e não pelas diferenças em si que se constrói a identidade.

Segundo CUNHA (1985), o processo de atribuição da identidade se faz sob o signo da semelhança absoluta:

> "Busca-se a fidelidade total ao modelo. Ao tornar-se um traço diacrítico, um traço cultural torna-se simulacro de si mesmo, espectro. (...) Essa semelhança ao passado é um projeto irrealizável. A produção cultural em uma sociedade dada é uma inovação constante e perceptível: a ênfase está na continuidade, não na imutabilidade do produto. Passa-se assim, da identidade enquanto uma constante, algo imutável que 'caracterizaria' um grupo a uma

* BERGER, P.L. & LUCKMANN T. *apud* OLIVEIRA, R.C. - **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976. 118 p.

concepção algébrica da identidade: embora se trate sempre da mesma variável, seu valor muda em função dos valores dos outros fatores" (p. 207).

GRIMBERG & GRIMBERG* referem-se ao jogo dialético entre a semelhança e a diferença como um dos elementos importantes para a consolidação do sentimento de identidade, entendido isto como semelhanças e diferenças de alguém consigo mesmo no curso do tempo, ou com outro no plano grupal.

A identidade, conforme SIMMEL,** tanto a pessoal quanto a de um grupo, são pressupostos metodológicos, são *a priori*, sem os quais seria impossível classificar e entender os dados históricos, sociológicos, antropológicos. LÉVI-STRAUSS*** compreende a identidade como um tipo de "foco virtual," ao qual é indispensável que se refira para explicar certo número de coisas, mas sem que tenha jamais existência real.

2.2.4) As representações coletivas e a identidade coletiva das mulheres

Contrariamente às ideologias, as representações coletivas são sempre inconscientes, fracamente delineadas e desprovidas daquele caráter sistêmico inerente ao discurso ideológico. As representações coletivas não podem ser conscientes, pois são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para as produzir uma multidão de 'espíritos' diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e seus sentimentos, longas séries de gerações acumularam sua ciência e sua sabedoria (DURKHEIM, 1989).

Para o referido autor uma representação coletiva, porque é coletiva, já apresenta garantias de objetividade, porque não foi sem razão que ela conseguiu se generalizar e se manter com suficiente persistência. E mais, uma reprensentação coletiva

---

* GRIMBERG, L. & GRIMBERG, R. *apud* OLIVEIRA, R.C. - **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976. 118 p.

** SIMMEL, G. *apud* CUNHA, M.C. - **Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1985. 231 p.

*** LÉVI-STRAUSS, C. *apud* CUNHA, M.C. - **Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1985. 231 p.

necessariamente submetida a verificação,[23] indefinidamente repetida através da própria experiência humana. Nas palavras de DURKHEIM (1989):

> "Foi sob a forma de pensamento coletivo que o pensamento impessoal se revelou à humanidade. (...) Pelo simples fato de que a sociedade existe, existe também, fora das sensações e das imagens individuais, todo um sistema de representações que goza de propriedades maravilhosas. Por meio delas os homens se compreendem, as inteligências penetram umas nas outras. Têm em si uma espécie de força, de ascendente moral, em virtude do qual se impõem aos espíritos particulares" (p.515). [24]

Assim, a atual evolução das mulheres corresponde à soma de milhares de reações individuais produzidas durante os três ou quatro últimos séculos. A amargura sentida por incontáveis mulheres por terem sido rejeitadas ou pouco valorizadas, e por não terem podido trazer à tona suas potencialidades acabou por desencadear a aparição do movimento de emancipação das mulheres, o qual desenvolveu-se lentamente de maneira subterrânea antes de explodir na superfície (FRANZ, 1995).

O *status* da mulher na sociedade começou a mudar com a queda do feudalismo e o nascimento do capitalismo. Nos séculos XVI e XVII, na Inglaterra, as mulheres começaram a participar do comércio. A marca do início consciente da luta pelos direitos da mulher foi em 1792, quando Mary Wollstonecraft escreveu sua "Vindicación de los derechos de la mujer" (BIBLIOTECA SALVAT, 1979).

Segundo HIGONNET (1991) a feminilidade é em parte uma questão de aparências. A cultura visual do século XIX produziu inúmeras imagens de mulheres,

---

[23] Deve ser lembrado que objetividade e verificação são critérios de cientificidade, que no caso estão sendo aplicados ao estudo de grupos sociais.

[24] Note-se que as "representações coletivas" de que fala DURKHEIM (1968) se aproximam do conceito de "expressões arquétipicas" de JUNG (1991), no entanto, ambos não coincidem. JUNG (1977) diferencia o conceito de arquétipos das chamadas "fórmulas históricas," entre elas, as representações coletivas. Segundo o autor, o conceito de arquétipo só indiretamente pode aplicar-se às representações coletivas, visto que este designa conteúdos psíquicos não submetidos a elaboração consciente, constituindo portanto um dado psíquico imediato. Contrariamente, as representações coletivas se transformaram em fórmulas conscientes que são transmitidas pela tradição, em geral sob a forma de doutrina secreta, a qual é uma expressão típica de transmissão de conteúdos coletivos originariamente procedentes do inconsciente. JUNG (1977) enfatiza que o arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, que, ao ser percebido e tornado consciente, modifica-se adotando as nuances e os matizes da consciência individual na qual aparece.

muitas delas consistentes, outras contraditórias, todas elas poderosos elementos de definição, sempre em mudança, do que significava ser mulher. As imagens continuaram a dar uma forma permanente ao fluxo social e econômico. Mas, pela primeira vez na história, as mulheres puderam, tal como os homens, representar uma percepção do mundo.

Três arquétipos que dominaram a imaginação do século XIX foram os de madona, sedutora e musa. Embora na maior parte dos países europeus e nos Estados Unidos os arquétipos femininos evoluíssem neste período do religioso para o profano, as suas referências e objetivos permaneceram constantes e intimamente ligados a tendências idênticas na literatura. Os arquétipos femininos adquiriram um renovado vigor em tempos de crise, quer através da inovação formal e temática, quer por pura repetição.

Na década de 1860, os desafios burgueses aos princípios artísticos estabelecidos produziram novas imagens de temas domésticos contemporâneos, que insistiam no papel das mulheres como filhas, mães e esposas castas. No final do século, estetas burgueses marginais reagiram contra esses valores com imagens que foram classificadas como "ídolos de perversidade." Os arquétipos femininos eram muito mais do que o reflexo dos ideais de beleza; eles constituíam modelos de comportamento.

Desta forma, a musa permaneceu o que sempre tinha sido, mais uma figura alegórica do que uma pessoa específica. É óbvio que representava ideais: o ideal de liberdade, por exemplo. Não menos abstratas eram as imagens das madonas e das sedutoras. Elas organizavam a feminilidade em torno de dois pólos opostos: um normal, ordenado e tranqüilizador, o outro desviante, perigoso e sedutor; de um lado, a vida familiar regrada; do outro, prostitutas, profissionais, ativistas e a maior parte das mulheres trabalhadoras, assim como mulheres de cor. Estas alternativas também não eram equivalentes; as mulheres de feminilidade tida como normal eram representadas como admiráveis, virtuosas, felizes ou recompensadas, enquanto as mulheres de feminilidade tida como desviante eram representadas como ridículas, depravadas, miseráveis ou castigadas.

Do ponto de vista das mulheres que tiveram acesso aos meios de se representarem visualmente, também não era fácil para elas imaginarem uma identidade

feminina. Não existia um ser feminino essencial que as mulheres pudessem descobrir e revelar. Havia apenas experiências femininas culturalmente determinadas que incluíam as motivações de sua própria invisibilidade. A segurança e os prazeres femininos eram elementos intrínsecos de sua própria feminilidade, e era quase impossível não sacrificá-los ao desafiar outros aspectos da mesma identidade, mais opressivos ou dolorosos. A maior parte das mulheres que empreenderam uma carreira artística no século XIX eram de origem burguesa, pertenciam ao grupo de mulheres que mais tinha a perder em termos de classe ao melhorar o seu destino em termos de gênero. Apanhadas por estes impulsos contraditórios, as mulheres não conseguiram produzir imagens de si próprias fundamentalmente diferentes em estilo e conteúdo das imagens que os homens faziam delas.

O simples fato, no entanto, das mulheres terem se dedicado às artes, maiores ou menores, constituía em si mesmo um passo significativo. Em números crescentes e em termos cada vez mais profissionais, as mulheres modificaram o conceito que tinham de si próprias em relação à cultura visual, ao tornarem-se as suas produtoras ativas e já não apenas seus objetos passivos.

No Brasil as coisas foram um pouco diferentes. País escravocrata até quase a última década do século passado, até então a maioria das mulheres eram trabalhadoras escravas na lavoura ou nos serviços domésticos propiciando um equilíbrio entre homens e mulheres na força de trabalho. Nas grandes propriedades agrárias, as mulheres tinham diferentes papéis para a reprodução social da unidade doméstica: como escravas encarregavam-se tanto de trabalhos na lavoura quanto das inúmeras atividades cotidianas das fazendas; como senhoras, administravam o trabalho das escravas e, no caso de viuvez ou incapacidade do marido, geriam os negócios da família; como mulheres livres, mas pobres, eram vendedoras ambulantes de produtos artesanais, empregadas nos armazéns, agricultoras, costureiras, doceiras, prostitutas (VAITSMAN, 1994).

A partir da segunda metade do século XIX, a incipiente modernização provocou mudanças no modo de organização da vida social e de relacionamento familiar entre as elites citadinas, quando as atividades produtivas das mulheres foram se tornando

invisíveis, já que figuravam como mães e esposas. O desenvolvimento da família conjugal moderna fundada no casamento por livre escolha ocorreu simultaneamente a uma reformulação dos papéis de homens e mulheres no casamento, estimulando novos modelos de comportamento masculino e feminino.

TUCKER & MONEY (1981) observam que a Segunda Guerra Mundial constituiu-se numa espécie de divisor de águas para os estereótipos sexuais, os quais foram profundamente abalados. Milhões de rapazes recrutados para as forças armadas foram obrigados a reconhecer que não eram biologicamente inaptos para cozinhar, fazer limpeza ou lavar roupa; outras tantas moças aprenderam que um emprego e um bom salário não as tornava menos femininas. Quando a paz voltou, a população reverteu rapidamente aos antigos padrões, o que resultou na orgia doméstica que produziu o fenômeno da explosão de natalidade pós-guerra. Mas os estereótipos sexuais perderam o seu caráter cristalizado e as crianças cujos conceitos básicos de feminilidade e masculinidade se formaram depois da guerra cresceram com uma idéia mais flexível do que é ser homem ou mulher.

PAIVA (1993) ressalta as várias facetas da identidade feminina já na segunda metade do século XX correlacionando isto às várias ocorrências sincrônicas deste período. Simultaneamente à revalorização secular do Cristo, ao movimento dos pacificistas dos anos 60 e 70, às idéias dos ecologistas, ao reconhecimento do dogma da Assunção ocorrido em 1950, aos movimentos das mulheres, às ações dos defensores do controle de natalidade (que libertaram o padrão Lilith, embora sem torná-lo transformador), às feministas de primeira geração que negam a maternidade como valor ou modelo, à pressão avassaladora pelo exercício do amor materno (reafirmado por psicólogos), a obras como as de Jung e outros autores brasileiros, coexistem a mulher inferior ('louca e infantil'), a impura, a *mater dolorosa*, a mãe divina, as sensuais-objeto, as 'rebordosas,' amazonas e diadorins. Alguns desses protótipos emergem de movimentos de afirmação com sínteses que propõem um modelo de uma nova mulher, de mulher cristã, de mulher liberada.

Algumas mulheres aprendem na depressão a prisão da maternidade exclusiva, sentindo-se incapazes de desempenharem a 'divina maternidade.' Se passam

pelo feminismo descobrem tardiamente os prazeres encontráveis na gravidez, no parto e amamentação; têm seu corpo natural tornado doença sendo medicalizadas a menstruação, a contracepção, a gestação e o parto. Permanecem numa zona intermediária entre a pureza e o perigo, a qual provoca sentimentos de inadequação permanente. O contato com o outro produz a mobilização interna e provoca a libertação de várias entidades antes renegadas à sombra, as quais exigem realização. A falta de instrumentos que possibilitem uma síntese singular obriga as mulheres vivendo em ambigüidade, a esgotarem-se no desempenho de múltiplos e variados papéis.

PAIVA (1993) assevera que diante da confusa e ambígua definição de papéis, diante da crise de modelos, pode-se acompanhar e fazer emergir para a luz padrões arquetípicos até agora exilados no submundo da patologia ou do pecado. Como pressupõe a tradição junguiana, a sujeira que normalmente é destrutiva, pode tornar-se criativa.

2.2.5) A identidade étnica brasileira

Segundo ALMEIDA (1996), habitualmente o brasileiro é identificado como um povo que costuma primar pelo bom humor, pelo otimismo, cordialidade, simpatia e espírito hospitaleiro. Não é freqüente, portanto, a associação da raça com a melancolia e a tristeza. Apesar disso, subsiste, impávido, o peso de um grande mal-estar.

Autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Paulo Prado que trabalham os aspectos sociológicos e psicológicos de nossa realidade, observam a contínua relação de contrastes que se evidencia por meio do dualismo estrutural da sociedade brasileira, por exemplo aquelas que se verificam entre a casa e a rua, o sobrado e o mucambo, o brasileiro e o europeu, o engenho e a praça (FREYRE, 1977). Apesar disso, várias combinações e ajustes foram efetuados entre esses mesmos contrastes através do exercício da plasticidade. A cordialidade brasileira,[25] por exemplo,

[25] Segundo FREYRE (1977), a simpatia e a cordialidade brasileira transbordam principalmente do mulato: "Ninguém como eles é tão amável; ninguém tem um riso tão bom; uma maneira mais cordial de oferecer ao estranho a clássica xicrinha de café; a casa; os préstimos. Nem modo mais carinhoso de abraçar e de transformar esse rito orientalmente apolíneo em expansão caracteristicamente brasileira, dionisiacamente mulata, de cordialidade" (p. 644, 2° Tomo).

possibilitou a aproximação de sentimentos, atitudes e valores, aparentemente tão díspares e contraditórios. Para o autor, hoje o caráter mais vivo do ambiente social brasileiro parece ser o de reciprocidade entre as culturas. Reciprocidade esta que se tem feito acompanhar de intensa mobilidade social, entre classes e entre regiões. Mobilidade vertical e mobilidade horizontal.

Estas noções de fragmentação e contraste radical entre duas situações são encaradas por Freyre como basicamente formadoras e inerentes ao funcionamento e à identidade brasileira. Em sua obra evidencia-se a concepção de uma espécie de identidade vulcânica, encarnada pela figura típica do mulato, na medida em que estaria diretamente vinculado ao politeísmo e à poligamia. Esse hibridismo característico da raça brasileira, ao mesmo tempo que representa aquilo que escapa ao controle, que viola as regras do equilíbrio, também contém a definição plena de um estilo de vida e de uma visão de mundo.

Já PRADO (1981) aborda a tristeza brasileira como chave do psiquismo nacional e como produto da exacerbação sexual, da fome do ouro, dos cruzamentos poligâmicos; no entanto, também aqui se mantém o raciocínio de oposições contrastantes observadas no processo de produção de traços marcantes na psicologia social de nosso povo, oriundos das variáveis da raça e da história.

PRADO (1981) delineia em seu ensaio sobre a tristeza brasileira, o retrato de uma atmosfera de melancolia e psicopatia herdada da época de nossos primeiros colonizadores, o que se deve aos excessos na vida sexual com suas perversões eróticas (luxúria), de um fundo acentuadamente atávico e à cobiça manifestada na fascinação pelo ouro, equiparada ao nível de uma mania ou doença do espírito. O resultado foi abatimento físico e moral, fadiga, insensibilidade, abulia, tristeza. Os fenômenos do esgotamento não se limitaram às funções sensoriais e vegetativas; estendem-se ao domínio da inteligência e dos sentimentos. Produzem no organismo perturbações somáticas e psíquicas, acompanhadas de uma profunda fadiga.

Desde os tempos primeiros a família brasileira teve como sustentáculo um tripé fundamental: pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados. Nesse ambiente se desenvolvia a tristeza do mameluco, do mazombo, do reinol, abafado na atmosfera

pesada da colônia. O português transplantado só pensava na pátria do além-mar: o Brasil era um degredo ou um purgatório.

A ausência da sensação de saciedade, de desconhecimento da satisfação advinda da conquista de objetivos revela em alto grau a psique dos primeiros colonizadores. Igualmente deve ser destacado a inexistência de princípios mais elevados ou de ideais de qualquer ordem, imperando o domínio absoluto dos instintos na vida dos indivíduos em nossa sociedade. ALMEIDA (1996) considera que este aspecto aliado à ausência de sentimentos e afetos de ordem superior, que pudessem funcionar como uma espécie de calção a estes instintos ilimitados, representam a chave para a compreensão de traços contemporâneos da subjetividade masculina brasileira.

Segundo PRADO (1981) o povoamento no Brasil se deu através de forasteiros de passagem, que se consideravam vítimas da sorte ou do exílio, estupidificados, vivendo uma vida vazia e monótona. O mestiço, acostumado às contingências do sertão limitava seu esforço à ganância do enriquecimento fácil, ou à poligamia desenfreada, sem nenhuma outra simpatia humana mais elevada. Dois grandes fenômenos, apenas, em séculos, parecem indicar o alvorecer de algum sentimento nacional: a luta contra o invasor holandês e a expansão geográfica do movimento de gado e das bandeiras. Mesmo assim, em ambos os casos preocupações de ordem material e aquisição de riqueza se sobrepujaram a quaisquer outras manifestações de amor à pátria ou de uma identidade nacional. O brasileiro não existia nesse período inicial.

HOLANDA (1983) aponta entre o conjunto de influências geradas pela colonização portuguesa no Brasil, a presença esmagadora do ruralismo - evidenciada pelas grandes propriedades monocultoras e escravocratas em contraposição à incipiência do desenvolvimento das cidades - o caráter de pura exploração comercial da colonização norteado pela busca desordenada de riqueza fácil e finalmente o papel central do grupo familiar, onde o princípio da autoridade patriarcal mostrou-se um dos suportes mais estáveis da sociedade colonial, a família colonial fornecendo uma idéia natural de poder, de respeitabilidade, obediência e coesão entre os homens.

2.2.5.1) As raízes luso-hispânica-ameríndias do brasileiro

Os cientistas sociais já demonstraram plenamente que o que mantém vivo um grupo é sua cultura, sua mitologia, sua identidade, aquilo que faz um grupo ser exatamente o que é. Sem exceção, a perda da identidade cultural em decorrência da conquista, colonização ou contato implica o fim de um grupo; poucos indivíduos podem sobreviver, mas levando uma existência vegetativa que não tem mais nenhum traço de força, orgulho ou criatividade.

Quanto aos primórdios da civilização brasileira, isto é, os índios nativos da região e os portugueses que aqui chegaram é fato que aventureiros franceses e espanhóis escravizaram os índios dilapidando sua cultura e sua identidade étnica, mas os registros históricos deixam claro que foram os próprios portugueses que em grande parte escravizaram e exterminaram a população indígena, somente passando a preferir escravos africanos quando perceberam que os índios não sobreviviam ao cativeiro (GAMBINI, 1988). Assim, afirma o autor: "Os bons cristãos que colonizavam a terra para a glória do Senhor se comportavam como aves de rapina, causando desde o início a ruína da população nativa" (p. 85).

Segundo SAMPAIO (1961) os colonos portugueses não vinham para o Brasil com o intuito de se constituir, eles próprios, a força de trabalho. Ao contrário, vinham com o objetivo de enriquecer, mediante a utilização do trabalho indígena[26]. Para tanto colocaram em suas mãos instrumentos de ferro que estes desconheciam, tais como machados, foices, anzóis, facas, tesouras e outros e reduziram-nos compulsoriamente à condição de escravos. Mais tarde, com o movimento expansionista, através das entradas e

[26] Conforme HOLANDA (1983) a época predispunha aos gestos e façanhas audaciosas, galardoando bem os homens de grandes vôos. As nações, cujo traço de caráter de seu povo era mais do tipo aventureiro, como por exemplo Portugal e Espanha, estiveram em evidência. Este tipo humano ignora fronteiras; vive dos espaços ilimitados, dos horizontes distantes. Seu objetivo é tão somente atingir a meta dispensando processos intermediários, ou seja, colher o fruto sem plantar a árvore. Em contrapartida, o tipo trabalhador enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. Sua atuação se faz pelo esforço lento, persistente, pouco compensador, medindo todas as possibilidades de desperdício. Seu campo visual é naturalmente restrito. Existe uma ética do trabalho, assim como uma ética da aventura. A ética básica da colonização empreendida pelos portugueses, servir-se da terra não como senhores, mas como usufrutuários, diferia diametralmente do perfil do trabalhador e acabou nos legando o espírito de aventura, importante traço de caráter que caracteriza, no brasileiro, a ânsia de prosperidade sem custo, de riquezas fáceis, além de conferir-lhes atributos como a audácia, a imprevidência, a irresponsabilidade, a instabilidade, a vagabundagem.

bandeiras, os colonizadores continuaram visando a preagem dos indígenas e sua escravização. A cada investida submetiam-se tribos inteiras, quando não eram dizimadas. Com isto, o movimento, na verdade, era despovoador. Por outro lado o indígena, desconhecendo a exploração do homem pelo homem, e desconhecendo também o trabalho organizado, desde logo manifestou seu inconformismo em relação ao que lhe imputavam. Rebelou-se guerreando contra os colonos, atacando os primeiros centros povoados.

GAMBINI (1988) relaciona as contribuições mais citadas pelos pesquisadores feita pelos índios à cultura brasileira: a elevada freqüência estatística de traços indígenas na população, alimentos e frutas, técnicas agrícolas, redes e demais artefatos, lendas, nomes próprios e vocábulos do tupi-guarani. Também o catolicismo popular é sincrético encontrando-se ricas combinações, onde se inclui também o legado africano. O caboclo da umbanda é índio. O referido autor, contudo, chama a atenção para o fato de que nossa consciência dominante e nossa psicologia são européias e não indígenas. A assimilação se deu somente em nível pragmático e não naquele, mais profundo em que uma verdadeira *coniunctio*[27] pode se realizar. E acrescenta que até hoje a mulher indígena é "a última das criaturas," que se algum valor tiver será pelo seu corpo enquanto jovem.

Como a conjunção não ocorreu, o autor considera que houve uma chance perdida de estabelecer uma base de individuação para a sociedade em termos históricos através de uma fertilização mútua criativa. O resultado, então, só poderia ter sido a destruição de um dos pólos, representado pela vida indígena, e a afirmação exclusiva do modelo europeu.

[27] JUNG (1987b) estudou extensivamente os mistérios que envolvem a *coniunctio*, expressão que provém da alquimia - e significa ligação química, sendo freqüentemente usada para designar a idéia de matrimônio místico. A *coniunctio oppositorum* - união de opostos na figura do sol e da lua, ou na dos pares régios de irmão-irmã ou de mãe-filho - ocupa um lugar de grande importância na alquimia.

2.2.5.2) A contribuição do elemento negro e outras raças

Outras raças também concorreram para a formação da identidade étnica brasileira, especialmente a negra. Sabe-se que, como foi dito acima, os negros foram trazidos ao Brasil para substituir a força de trabalho escravo do elemento indígena, substituição esta que se deu de forma progressiva até que os escravos negros se tornaram o esteio da economia e da sociedade brasileiras. Sem eles, com os atrasadíssimos meios técnicos da época, nada ou quase nada se poderia construir. SAMPAIO (1961) relata que "na colônia, realmente, tudo custava o suor dos escravos. Trabalhavam de sol a sol sob o relho do feitor, vítimas de terríveis castigos. Habitando incômodas senzalas e mal alimentados, viviam os escravos em tão más condições de vida, a ponto de se dizer que o Brasil era inferno dos negros" (p. 38).

Seria ingenuidade por outro lado afirmar-se que o negro se adaptava à escravidão. Sua reação, que logo se tornou patente, foi uma constante na história brasileira. Os quilombos são um exemplo explícito da continuidade de sua luta secular. Segundo SAMPAIO (1961), quando o escravo negro não fugia para os quilombos, "ficava com a revolta muda no peito," entregue à miséria e ao sofrimento de sua vida. Muitos não resistiam às condições de vida que lhes eram impostas. E, embora seu índice de natalidade fosse superior ao de qualquer outra raça no Brasil, era acentuadamente ultrapassado pelo índice de mortalidade. A vida média do escravo não ultrapassava os 25 anos. A frieza estatística deste dado evidencia, contudo, o horror do regime de exploração a que estavam submetidos os negros escravizados.

De acordo com RODRIGUES & RIBEIRO (1940), um dado relevante na formação da raça brasileira consiste em que os elementos europeus e orientais que vieram para o Brasil eram quase que exclusivamente formados por homens. Somente o elemento negro-africano e o ameríndio continham grande número de mulheres. A preta e a índia eram as que se submetiam ao regime da poliandria, imposto pelas condições sociais, uma vez que a mulher dos demais elementos era rara. Isto deu origem a inúmeros mestiços de variedade espantosa, sendo que a mulher escrava - preta ou índia - legava ao seu descendente deplorável 'defeito' e marca indelével, razão de inúmeros complexos de inferioridade oriundos de sua condição social. O mestiço não podia fugir, portanto, a esse

determinismo psico-biológico tornando-se um pária na sociedade brasileira, estando esse traço de marginalidade já presente nas raízes de nossa identidade étnica[28].

FREYRE (1977) corrobora os dados acima nas seguintes afirmações:

> "O verdadeiro mal estaria nas *illicit connections*... a união ilícita cria por si só uma situação de nítida inferioridade para o bastardo, inferioridade que se torna maior, tratando-se de bastardo mestiço... A 'patologia da miscigenação' se apresenta neste grupo tristonho e sofredor de híbridos nos seus traços mais grossos e mais salientes. Talvez na sua expressão mais dramática. Neles é que melhor se sente e se vê o problema social dos renegados ao lado do biológico, dos meio-sangues" (p. 635).

É fato que a humanidade civilizada não cultua sua origem ancestral, seja ela vermelha ou negróide, ao contrário, "tenta esquecer a vergonha de um passado tão baixo" (GAMBINI, 1988, p.122). O próprio desenvolvimento da consciência e do ego é uma vitória sobre a inconsciência do homem primitivo. Em termos psicológicos, essa imagem obscura é um arquétipo que continua a existir intocado no inconsciente coletivo manifestando-se sob a forma de instinto ou mito. Só muito recentemente, em grande parte devido aos trabalhos de Jung, foi que se percebeu a relevância deste aspecto.

De uma perspectiva histórica, a imagem negativa do homem primitivo favorecia o contraste que dava ao civilizador a ilusória confirmação de sua superioridade.

> "Os relatos de Colombo e dos viajantes do século XVI eram a validação empírica de um mito eterno, e nesse sentido a catequese dos indígenas assume os ares de uma repetição da Criação. Os jesuítas fincaram o pé no Novo Mundo com o fim de moldar de novo a argila corrupta à imagem do autor, convencidos de que a argila era má. Os índios já eram conhecidos muito antes de serem encontrados, porque a imagem através da qual seriam percebidos sempre existiu na psique do homem civilizado, aguardando apenas o momento

[28] Esse caráter marginal da identidade étnica brasileira é reforçado pelo fato de que, ainda no período pré-colonial, segundo ALMEIDA PRADO (1966) náufragos, degredados e desertores constituíam a população que se aventurava para o Novo Mundo. Entre eles estavam os biscainhos, genoveses, napolitanos, levantinos cristãos, orientais e antigos maometanos. O Diário de Pero Lopes logo depois falaria em tripulantes portugueses, alemães, franceses e italianos. Esta era a variada ascendência branca dos primeiros mestiços do litoral, que prestariam inúmeros serviços à infiltração portuguesa.

certo para ser projetada - o que se deu com a velocidade de uma flecha" (GAMBINI, 1988, p. 122-3).

2.2.5.3) O princípio feminino na cultura brasileira

Tomando a relação entre os sexos na época da colonização no Brasil, GAMBINI (1988) assevera que para que esta possa ser compreendida no Novo Mundo é preciso ter em mente que a Conquista era um assunto exclusivamente masculino. Somente os homens de Portugal cruzaram o oceano. Em contraste com as mulheres devotas, submissas e contidas que conheciam, os conquistadores encontraram no Brasil algo novo e diferente, mulheres a seus olhos amorais, sedutoras e acima de tudo disponíveis e nuas, com quem podiam por em prática suas fantasias sexuais.

Para os jesuítas, as índias representavam o pecado, o mal e a destrutividade. Manoel da Nóbrega, recém-chegado ao Brasil (cerca de 1549), estava tão assustado com as índias que chegou a solicitar a seu superior em Lisboa que despachasse algumas mulheres para atrair a atenção dos colonos, não importando sua reputação. Qualquer mulher seria melhor do que uma índia. Em outra carta, ele é mais explícito e diz que até mesmo prostitutas serviriam, claramente indicando que as índias valiam ainda menos.

A importação de prostitutas - que o referido padre mandou trancafiar no barco - trouxe com ela a introdução da sífilis no Brasil, cujas piores vítimas foram obviamente os índios. No entanto, os jesuítas ignorando o plano salvador de Nóbrega, passaram a referir-se às índias como sendo as malignas portadoras do vírus.

Para o chefe da missão, a união entre brancos e índias constituía o pior desastre, assim pediu ao rei que só enviasse para o Brasil governadores casados, para que uma sociedade 'decente' pudesse ser estabelecida e mantida a polaridade esposa/prostituta. Apesar de todos os esforços, a miscigenação se dá no Brasil desde o início, indicando que pelo menos a nível biológico raças diferentes poderiam se misturar. Psicologicamente, no entanto, o que está na base desse processo de contato entre dois mundos é uma constelação arquetípica negativa que impediu a união de opostos ao nível

mais elementar,[29] o que implica também na impossibilidade de relacionamento com a *anima*.

Explicando, GAMBINI (1988) relata que os jesuítas não possuíam mulheres que devessem abandonar ou trazer consigo, nem sequer uma ordem religiosa feminina (como as clarissas em relação aos franciscanos). A Companhia de Jesus era uma empresa absolutamente masculina, sem a menor brecha para o princípio feminino, apesar das igrejas consagradas à Virgem. Comparando as visões de Inácio de Loyola com as de outros místicos, percebe-se a notável ausência do tema da *unio mystica* (união mística) ou conjunção de opostos: os princípios masculino e feminino não se encontram jamais simplesmente porque este último foi eclipsado. A compensação clássica para esse tipo de problema na psicologia masculina é a idealização do feminino irrealizável sob a forma do culto de Maria. Ao desembarcarem no Brasil os jesuítas traziam consigo seus elevados ideais, sua força de vontade, seu senso de obediência e organização, sua cabeça lógica, sua coragem e capacidade de iniciativa - valiosos traços masculinos - mas esqueceram de trazer a *anima* simplesmente porque não tinham contato com esse fator psíquico. O resultado prático desta situação era a total ausência de Eros e da função do sentimento em seu relacionamento com os índios de ambos os sexos. Era sobre as mulheres - índias - que os jesuítas projetaram essa dimensão vazia de seu psiquismo. As índias - como espelhos - refletiam a deplorável condição amorfa, caótica e arcaica da alma dos jesuítas. A *anima* permite a um homem relacionar-se positivamente com o sexo oposto, sendo também o arquétipo da vida e da alegria de viver. Para os jesuítas estava longe disto.

Apesar de ausente e depreciada, a *anima*, no entanto, não deixa de agir; ela irá atuar destrutivamente por detrás dos bastidores tornando-se, no inconsciente, o fator básico da produção de projeções. No caso dos jesuítas, a *anima* negativa provocava a perigosa projeção da sombra ameaçando-os do lado de fora na figura tangível das mulheres indígenas. Em sua presença os missionários provavelmente sentiam o mesmo

---

[29] De acordo com GAMBINI (1988) esta conjunção de opostos não se verificou porque as forças que movem a História não o permitiram, ou, de outra perspectiva, porque os opostos representados pela vida indígena e civilizada estavam - e ainda estão - polarizados demais e a única possibilidade era a negação da primeira em favor da consolidação da segunda.

horror e o mesmo medo que lhes causava sua dimensão inconsciente e feminina, e tentavam eliminar o problema externa e concretamente, degradando as índias e procurando convertê-las a algo irreal e inócuo através de uma metamorfose em réplicas da Virgem.

Do ponto de vista dos colonizadores a mulher indígena representava não só uma novidade fascinante como também uma ameaça maligna. As mulheres indígenas literalmente praticavam a antropofagia, resultante final de um jogo composto por lances de sedução, curiosidade, atração e magia. Os colonizadores então, se apossavam de todo um grupo de mulheres índias (vinte ou mais) escravizavam-nas e usavam-nas como concubinas, estratégia assumida face ao perigo de serem possuídos por elas devido à alteridade que representavam.

A grande navegação pelos mares foi também uma navegação pelas águas da psique. Américo Vespúcio demonstrou muito interesse em todas as novas possibilidades de conhecimento diante de uma nova realidade que recebeu a forma feminina de seu nome: América é a mulher, a terra e a *anima*.

Esse é, portanto, o outro aspecto do princípio feminino encontrado no Novo Mundo: novidade, entusiasmo, descoberta, expansão, novos conhecimentos, riqueza, abundância, renovação, aventura, criatividade. Numa palavra, libido. Desde a época de Vespúcio até o século passado, essa imagem feminina brasileira (mais tarde reduzida a mera alegoria nas representações plásticas) desempenhou enorme papel na imaginação do europeu, seja em termos de negócios ou de arte. A exploração econômica de um amplo leque de possibilidades apareceu em pinturas, estátuas, porcelanas, gravuras e tapeçarias sob a forma de uma índia oferecendo seus tesouros a homens corajosos e capazes de domar seus perigos. A América enquanto terrra, mulher e *anima* estava ali para ser estuprada e vilipendiada.

Segundo GAMBINI (1988) na nossa cultura, a *anima* ou princípio feminino permaneceu algo periférico, preferencialmente aceito quando aufere algum lucro. O brasileiro exalta a beleza da mulher da terra, mas prefere que ela permaneça num nível de cornucópia-papagaio. Quanto às índias, para os jesuítas seu desejo era de que elas não existissem.

CUSCHNIR (1992) afirma que o sistema educacional brasileiro teve início em 1549 com a Companhia de Jesus. Entretanto as mulheres permaneceram sem acesso à alfabetização até o século XVIII, pois os jesuítas só se dedicaram ao ensino dos meninos. Somente em 1879 as instituições de ensino superior do país se abriram às mulheres. No início foram poucas aquelas que se aventuraram devido à pressão decorrente da desaprovação social. Em poucos anos, no entanto, seu número cresceu vertiginosamente. Mesmo assim, na atualidade é marcante a diferença de estímulos para ambos os sexos nos esportes e nos estudos, principalmente nas ciências.

2.2.5.4) O princípio masculino na cultura brasileira

ALMEIDA (1996) observou o caráter fortemente ideológico que marca o plano da subjetividade masculina no panorama da literatura nacional especializada. Conforme a autora, isto está alicerçado na figura nuclear do grande patriarca ou do senhor de engenho, que até hoje funciona como uma espécie de "arquétipo central," formador de modelos de conduta, e continua a orientar e organizar o imaginário brasileiro. Assim, ainda hoje são comuns as identificações e analogias traçadas entre os conceitos de macho/virilidade, dono/senhor, força/violência, e os pilares formadores da legítima identidade masculina no Brasil.

Segundo CUSCHINIR (1992) o homem não sabe falar de sua intimidade; homens se encontram muito, mas para falar de temas superficiais, em clima superficial. Falam de profissão, esportes - no Brasil, o futebol é um excelente assunto-pretexto - do quanto ganham em dinheiro e de com quantas mulheres transaram (sempre em alta "performance" sexual).

Em sua pesquisa sobre a subjetividade masculina, ALMEIDA (1996), ao entrevistar um grupo de homens da classe média do Rio de Janeiro, encontrou dados curiosos a respeito da intimidade e da vida privada destes. Alguns deles condenaram a sua 'classe' a uma situação de lamentável pobreza de espírito frente ao avanço muito mais expressivo do universo feminino no aspecto de sensibilidade e densidade. Assim, aparentemente fazendo o estilo despojado a respeito das dolorosas verdades sobre as

vicissitudes que acometem o sexo masculino, sublinharam a incompetência dos mesmos - excluindo-se evidentemente - para lidar com aspectos da subjetividade, do mundo interno e da vida privada.

CUSCHINIR (1992) afirma que, para outros homens, o homem só mostra os troféus, só abre os sucessos. É proibido falar de medos, inseguranças e fantasias, principalmente se estas se relacionam a outros homens. O homem não deve se queixar de insatisfações relacionadas ao terreno afetivo, e ao profissional, com muita parcimônia.

CUSCHNIR (1992) se questiona se o homem brasileiro, especialmente preocupado em provar sua virilidade, não estaria perdido em meio a conceitos ultrapassados ou se sua real situação estaria mal retratada. Um fato inconteste consiste em que nossa sociedade parece ter se empobrecido com a perda de alguns rituais de iniciação.

Entre nossos ancestrais, um golpe concreto de machado dado pelo pai, fazia parte de um ritual que remetia o jovem aspirante a uma vida autônoma, adulta. Hoje este golpe muitas vezes consiste na preparação para a ruptura do mundo familiar para o mundo externo (da infância para a fase adulta) através da aprendizagem de uma profissão. Com a machadada o filho deixa de ser um 'galho' dependente do pai e passa a criar suas próprias raízes e seu sustento. No entanto, freqüentemente isto ocorre simplesmente pelo distanciamento, porque o pai está ausente, redundando na autonomia por si mesma, sem remeter a nada.

Da mesma forma tem sido muito questionado e cada vez menos usado, o costume do pai iniciar seu filho homem, levando-o para a zona do meretrício ou contratando prostitutas.

CUSCHNIR (1992) sugere que uma forma de recuperar esta perda de rituais seria manter os valores positivos, os quais já existiam para dar identidade ao gênero masculino antes da crise que o homem está vivendo agora. Assim, a agressividade tem uma dupla conotação: ela é energia e força para o sexo masculino e ao mesmo tempo representa sua própria destruição. Os homens estão percebendo que as cultivadas imagens de valentão não funcionam na vida real, porque elas nunca foram reais. Admitem que "paga-se um preço muito alto para cantar de galo," constatação esta feita

no confronto com as mulheres. Por outro lado, sua reavaliação tem que começar pela recuperação de sua auto-estima e pelo resgate dos valores que foram precipitada e desnecessariamente descartados. O que o homem realmente precisa é aprender a pensar em si, nos seus valores mais verdadeiros, e não nos valores das gerações dos homens que o antecederam, porque estes tinham outra realidade, outro tipo de relacionamento social e de 'músculos.'

2.2.6) O caminho aberto pela mulher

CUSCHNIR (1992) afirma que, de fato, os dois gêneros têm uma visão e uma experiência da vida diferentes e pensam de maneira distinta. Contudo, evidências de pesquisas mostram que a mulher não é só emoção e intuição. Ela é inteligência também e necessita não de favores, mas de oportunidades, para construir uma carreira e perseguir objetivos intelectuais.

A identidade feminina é tão carente de revitalização quanto a masculina, mas os motivos são diferentes. Enquanto homens tentam suicídio por orgulho ferido na competência profissional, mulheres que conquistam o mercado de trabalho continuam tentando suicídio ao sentirem que falharam em seus vinculos amorosos, familiares ou fraternos. Os relacionamentos são questões essenciais em todos os aspectos da vida das mulheres. Assim elas usam a conversa para expandir e aprofundar seus relacionamentos enquanto eles usam soluções convenientes tentando encerrar conversas. As mulheres tendem a olhar as pessoas vendo uma dependência mútua entre elas; para os homens "o bom é se virar sozinho." Enquanto as primeiras dão ênfase ao carinho, estes últimos valorizam a liberdade. A mulher considera ações dentro de um contexto que a englobe; o homem tende a olhar para os eventos isoladamente e discretamente.

Meninas exploram o exterior diferentemente dos meninos, pois lhes é estimulado o desejo e a possibilidade de desenvolver o papel de 'cuidadoras' de alguém e ao mesmo tempo estar se cuidando. O autor enfatiza que o ônus disso tem sido a transformação desses papéis em estereótipos tais como: mulher doadora, mãe do homem, mulher proibida de aventurar-se. No entanto, neste período de transição, se algumas

mulheres ainda têm nesses padrões um referencial forte e determinante em que se baseiam ao pautar sua trajetória cotidiana, outras estão redescobrindo seu papel e estão em busca de outros valores que venham a constituir os marcos de um caminho próprio.

VAITSMAN (1994) afirma que em circunstâncias pós-modernas, a constituição das mulheres como indivíduos passando pela ruptura da dicotomia entre público e privado atribuída segundo o gênero levou à diferenciação das aspirações e projetos de vida, e fez com que se modificassem os rumos da construção de sua identidade e fossem desconstruídos os significados de um feminino que se colocava não só como diferença, mas como submissão ao masculino. Isto afetou também a construção da identidade de homens e fez-se acompanhar da instabilidade no casamento e na família.

2.2.7) Buscando um caminho para ser homem

ALMEIDA (1996), refletindo sobre as razões pelas quais o homem não consegue se expor e procura se esconder utilizando-se de subterfúgios, deparou-se com uma pista instigadora: "A idéia de um indivíduo que precisa distrair-se de si mesmo" (p.102). Um tema bastante recorrente entre os achados da autora foi um sentimento de insuportabilidade, manifestado pelos sujeitos quanto a viverem consigo mesmos, ou a impossibilidade de convivência com a solidão.

Uma possível solução para isto é a polidez brasileira, pois ao mesmo tempo que atua como anteparo ao desvelamento das emoções pessoais, liberta o indivíduo do pavor de viver consigo mesmo.

Quando o homem se esconde, há uma tendência de volta aos papéis tradicionais (o de provedor, por exemplo), aqueles que por princípio o definem, e não é necessário muito esforço para que isto ocorra. "Mesmo para um homem moderno, cuja esposa trabalhe fora de casa ser homem ainda é ter o poder econômico" (CUSCHINIR, 1992, p.23).

Isto remete a HOLANDA (1983), para quem os espanhóis e portugueses, importantes referências de nossa cultura, "o índice do valor de um homem infere-se,

antes de tudo, da extensão de que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, em que se baste. Cada qual é filho de si mesmo, de seu esforço próprio, de suas virtudes" (p. 4). A herança desta mentalidade ibérica atua sobre o desenvolvimento de uma forte cultura da personalidade desenvolvida no Brasil. Esta cultura, uma dimensão do individualismo radical, prima pela valoração à autonomia do ser humano, à ausência de qualquer tipo de dependência, e à negação de relações de hierarquia, supervalorizando profissões liberais. No caso brasileiro, o modelo de individualismo se faz acompanhar, paradoxalmente, por uma lógica de base essencialmente sentimental, passional e até mesmo irracional.

O perfil da autoridade do proprietário de terras ilustra claramente este aspecto, segundo o autor. Sua estrutura de absoluta auto-suficiência e auto-referência no engenho "constituía um organismo completo e que, tanto quanto possível, se bastava a si mesmo."

Para ALMEIDA (1996), o modelo de individualismo radical no caso brasileiro - desenvolvido por Buarque de Holanda (1983) - está paradoxalmente ancorado na garantia de sua inquestionável supremacia. Ou seja, nesta estrutura valores, regras e códigos não toleram o confronto e acabam se desestabilizando. Os valores e procedimentos diversos serão vistos como uma réplica à sua autoridade e imunidade e não como um salutar confronto de posições.

Para CUSCHINIR (1992) a busca da energia masculina é o caminho para a reconstrução da identidade masculina a partir de valores não mais machistas-sexistas, mas estruturalmente masculinos. Buscar o lado feminino do homem pode ser um equívoco pois, para desenvolver sua sensibilidade, não necessita ser mais feminino até porque sensibilidade não é atributo exclusivo do gênero feminino. O desenvolvimento desta sensibilidade especificamente masculina dar-se-á na busca de sua energia masculina. Assim, na cultura brasileira hoje, o homem tem múltiplos papéis. Não é mais um peludo primitivo nem é todo o tempo um trabalhador braçal. Não precisa mais ficar restrito a um único papel estereotipado. Pode resgatar os valores de potência que todo ser humano tem e que são expressos de forma diferente por homens e mulheres. Existem muitos homens hoje que estão interessados em saber como vão acompanhar o

crescimento dos filhos (há pais que não sabem em que ano o filho está nos estudos). Estes pais desejam que seus filhos façam ou vivenciem aquilo que não lhes foi possível fazer no passado de tal forma que consigam realizar assim antigos desejos frustrados.

VERÍSSIMO, * falando do amor entre homens no Brasil menciona que apesar desta ser a "terra do abraço," verificam-se certas hesitações afetivas. O brasileiro é expansivo mas tem ao mesmo tempo um certo pudor dos seus sentimentos. O meio termo encontrado é o insulto carinhoso. Depois dos insultos se abraçam com fúria, com sonoros tapas nas costas, costumes estes, instituições nacionais. Chegam ao limite entre a cordialidade e a costela partida. Isto, para que ninguém se engane é amor entre homens. Quanto maior a amizade, maior a agressão. Infelizmente, como componente herdado da antiga estrutura masculina o homem ainda tem a tendência de guardar a dor, ocultar o afeto. Para ele ainda é vedado o doloroso, o não-festivo, o não-divertido. Em contrapartida, na identidade masculina, o ataque é permitido, sendo que o homem é incentivado inclusive para isto. É permitido, inclusive, que o ataque se materialize. Já o medo é proibido.

Continuando, CUSCHNIR (1992) afirma que da infância à vida adulta, o homem incorpora componentes estruturais referentes ao que é masculino, ao que é ser homem. São valores tão fortes e repetitivos, que são carregados e sentidos como 'mitos' imutáveis. A partir desses mitos, estabelece-se vínculos característicos e modos de comportamento no mínimo intrigantes: hoje no Brasil uma parcela considerável de mortes no trânsito, principalmente na faixa etária mais jovem é de homens. É o mito do herói ou a imagem do heroísmo compulsório incorporada pelo homem.

O homem, sem ter valorizado as emoções masculinas, está começando a descobrir agora que ser homem também é entrar em contato com as emoções e buscar um encontro genuíno com o outro, o qual pode ser o filho, o amigo, a mulher.

A cena, muito comum, de homens parando em bares para se encontrarem com os amigos - até agora a espécie de encontro mais comum - revela a busca de um encontro afetivo com outros homens além da necessidade de se 'medicar' com algum

* VERÍSSIMO, L.F. *apud* CUSCHNIR, L. - **Masculino/feminina.** Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1992. 208 p.

recurso artificial para poder enfrentar o ambiente inóspito que é o próprio lar, onde muitas vezes se sente isolado e marginalizado.

Segundo CUSCHNIR (1992) disfarçar emoções pode ser a causa do fracasso de vários casamentos. Aquele colete-de-força-ideológico impede os dois, sobretudo o homem, de entregar-se sem receio de parecer vulnerável diante da pessoa amada. Assim, ambos se fecham no seu mundo particular. Os diálogos se tornam escasseados, os desejos tornam-se frustrados e o desinteresse mútuo gradualmente se estabelece. Despotencializados pelo isolamento afetivo passam a encarar sua emoção como coisa proibida: se ela sair machucará, aniquilará, destruirá. São homens que engolem, encolhem e acabam explodindo de alguma forma, transformando-se em "homens golpeadores de mulheres golpeadas" que assim se justificam: "O que ela não percebe é o quanto golpeou antes de ser golpeada."

Além disso, muitos homens associam tornar-se adultos a envelhecer, e associam envelhecer à impotência sexual. O homem que envelhece com essa crença torna-se o velho que ele próprio programou. Impotente, doente e deprimido. A dificuldade do adulto com os velhos é a dificuldade com o próprio pai. O pai, por sua vez, não é só um 'abandonador' ou traidor, mas também outro homem ferido, porque não soube passar a paternidade, a masculinidade, o como ser homem.

CUSCHNIR (1992) afirma que é possível que problemas de masculinidade tenham se acentuado com a revolução industrial, porque o homem passou a ficar no trabalho, mais deslocado da família e da força de trabalho doméstico. Na verdade, a industrialização retirou tanto o homem quanto a mulher de perto da família.

2.2.8) Relação homem/mulher: a complexa urdidura de uma tentativa de ajustamento

A partir das transformações das mulheres, os processos de educação passaram a correr o risco de serem ambíguos e contraditórios: a mulher passou a querer do homem uma resposta a seu novo modelo, mas também queria do homem comportamentos e atitudes ligados ao modelo tradicional. Paralelamente os mitos correm soltos nas mentes dos homens. Supõe-se que o homem não deva ter certos sentimentos

tais como a fraqueza, a insegurança e vulnerabilidade. "O homem não deve se apaixonar senão a mulher o abandona..." Tais sentimentos são reservados às mulheres. No vínculo com a mulher muitos homens supervalorizam o desempenho sexual.

Assim, ALMEIDA (1996) atribui a busca da novidade ao fracasso da articulação entre sexo e amor após uma experiência de relacionamento prolongada, justificativa constante apresentada pelos sujeitos que entrevistou. A idéia do cansaço ou da exaustão sexual do desejo abre espaço, entre outras coisas, para relacionamentos extra-conjugais. Eis o depoimento de um dos entrevistados da autora:

> "Os homens são mais infiéis do que as mulheres, não por uma questão cultural, mas por uma questão de auto-avaliação. Ele precisa saber se é só com aquela. Se é feitiço ou é ancestral. Ele precisa saber se não está possuído por aquela mulher, se aquela mulher não é uma feiticeira. A quebra desse encanto é a traição. E a raiva surda que o homem tem de pertencer a alguém; ele não foi criado para isso, ele é um senhor sobre a terra" (ALMEIDA, 1996, p.99).

Segundo JUNG *et al.* (1969), o matrimônio pode ser considerado um rito de iniciação em que o homem e a mulher precisam submeter-se mutuamente. Para o homem freqüentemente o matrimônio se converte em uma espécie de prisão governada por uma poderosa figura materna. Independente disso, o rito matrimonial é um rito de iniciação da mulher onde o homem é mero coadjuvante. Em contrapartida, a mulher, muitas vezes teme perder sua identidade em um casamento onde o patriarcalismo impera. Não obstante, ela deve compartilhar com o homem sua parte mais instintiva e natural, representada pelo seu lado esquerdo, mais especificamente, pelo dedo anular de sua mão esquerda. Isto proporcionaria uma relação mais estável e equilibrada com o princípio masculino.

Para CUSCHINIR (1992), o homem costuma fugir de um contato mais profundo, mais íntimo, constante e duradouro com a mulher e se questiona: "O quanto vou me entregar e ficar nas mãos dela, perdendo qualquer poder?..." O medo da perda da identidade masculina impede o homem de viver e experimentar em profundidade os sentimentos e emoções da relação afetiva. Esse bloqueio torna-o mais frágil e mais exposto ao tédio, traição e a separações. A carência de espaços privados de intimidade

fora do casamento é outro motivo que leva o homem a relações extraconjugais. A esposa fica ligada à figura da mãe - a quem deveria contar tudo que se passa consigo - e a amante, aquela a quem efetivamente o faz. Ele necessita burlar a regra para firmar sua identidade.

Diante das modificações que impôs o movimento feminista, o homem ficou sem parâmetros, sem uma identidade definida. E a mulher, também não consegue lidar com esse homem: misterioso, distante, sem um posicionamento claro. Na realidade, ele está mais frustrado que desesperado. Está procurando saídas sem perceber que tomou o caminho errado e, portanto, não encontra companhia.

Em resposta ao movimento feminino surge o movimento masculino em estudos acadêmicos, livros, conferências e terapias de grupo. Embora muitos ainda estejam alienados desta nova realidade, os homens mais atentos mostram um interesse cada vez maior pelo seu papel na sociedade, onde o poder é dividido com as mulheres. No Brasil, o movimento masculino surge em redutos tipicamente femininos, tais como a revista Cláudia que, após trinta anos de existência, trouxe estampada na capa a figura de um homem e abordou este assunto como matéria principal.

O homem inveja muito a mulher. Inveja de outros papéis, dos potenciais, da questão biológica. Assim, pode não querer ficar 'grávido' porque é muito temeroso das transformações corporais, mas inveja a condição da gravidez, de ter esse poder da mãe, de gerar e alimentar dentro de si um novo ser. Além disso, a multiplicidade de talentos e de papéis da mulher - a que sabe lidar com a casa, com negócios, com as crianças e com as relações sociais - é outro objeto da inveja do homem. Na realidade, a desvalorização da mulher por parte do homem, é geralmente um sinal de como é difícil entrar em contato com coisas que ela tem e ele não. Dar espaço a ela significaria permitir que esta realizasse coisas de forma diferente, as quais ele não saberia fazer tão bem. O homem tem dificuldade em ver que, se está faltando alguma coisa, é dentro dele.

Segundo o DIEESE* homens desempregados acreditando que isto se deva à crescente ocupação do mercado de trabalho pelas mulheres entram em sérias crises

---

* DIEESE *apud* CUSCHNIR, L. - **Masculino/feminina.** Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1992. 208 p.

agravando os problemas na relação entre os gêneros. Muitos homens associam o poder econômico à sua virilidade. Sua masculinidade fica desacreditada quando perde este poder econômico. O homem desempregado, com sua mulher trabalhando, sente um constrangimento muito grande e esta também vive este mesmo constrangimento, mesmo quando não acredita que o sustento da casa se deva somente ao homem.

Socialmente, o homem detém a imagem de dono do poder. Poderoso, grande e forte. E, a mulher, o de ser delicado. Mas numa charge citada pelo autor isto aparecia seguido de uma inversão: de dentro do homem poderoso sai um homenzinho por uma porta aberta nele mesmo; diante desse homenzinho a mulher passa a ser a figura poderosa. Na verdade qualquer ser humano tem um ser pequenininho e desprotegido dentro de si. O fato é que ainda se está lidando com mulheres muito desvalorizadas e homens muito 'calados,' que não desenvolveram a linguagem emocional e não se ajustaram dentro de uma complementaridade saudável.

O homem de hoje continua associando sua companheira à imagem de sua mãe. Com a companheira ele poderia estar realizando trocas emocionais de forma mais profunda e autêntica, mas o modelo paterno não lhe possibilitou aprender isto, tendo, portanto medo de demonstrar fragilidade. Na realidade, o homem não quer a mulher-companheira, mas a mulher-mãe, pois necessita de alguém que preencha suas lacunas provenientes do relacionamento com a mãe. Outros homens carecem de mulheres-filhas. Buscam mulheres frágeis, dependentes que, no vínculo, comportem-se como filhas porque eles próprios não estão preparados para conviverem com mulheres fortes que lhes solicitem o papel de homens. Os homens que procuram mulheres-companheiras são geralmente os mais centrados, cujas relações com a família de origem estão satisfatoriamente resolvidas ou que ousaram questionar os valores trazidos da infância.

O homem está despertando para a insatisfação, permitindo-se não ter vontade de trabalhar, permitindo-se não 'paquerar' por obrigação, não pagar todas as contas e mesmo assim continuando a se sentir um homem forte e não um 'frouxo.' O autor afirma que, no fundo, os homens não desejam ser os 'donos da bola,' não desejam o poder e a supremacia o tempo todo. Quando deixam cair a máscara do 'supermacho' que pode bancar tudo se mostram desamparados, abandonados, débeis, super exigidos,

solitários, amedrontados. Não é só a mulher, mas toda a sociedade que lhe cobra esse hercúleo poder.

A maioria dos homens, segundo CUSCHNIR (1992) não está pronta para esta discussão, mas já existe uma vanguarda que percebe seu novo papel no vínculo amoroso; sentem-se menos ameaçados em sua sexualidade e mais dispostos a buscar uma parceira com a qual possam empreender ricas trocas emocionais.

A queixa muito comum de homens onde a mulher alcançou um grande domínio e presença no seu espaço de trabalho é exatamente o inverso, ou seja, de que as atividades profissionais das mulheres foram moldadas pelo pensamento masculino. "No poder a mulher se torna durona, como se precisasse mostrar que é boa no que faz," dizem alguns. Mulheres ressentidas e desvalorizadas já têm internalizada essa desvalorização dentro delas, na sua identidade. Tornam-se queixosas, reclamonas, eternamente insatisfeitas.

Segundo ALMEIDA (1996) o cenário constituído pela família patriarcal é uma 'arena' onde se verifica o caráter difuso e impreciso que impede a demarcação rigorosa e nítida de noções como legitimidade e ilegitimidade, certo e errado, presente no elenco de valores que orienta comportamentos, atitudes e práticas dos indivíduos na sociedade brasileira.

É neste cenário burlesco do patriarcado que vai ser observado um dos traços mais típicos do brasileiro: a bravata sexual. Nas palavras de ALMEIDA (1996): "O modelo de fanfarronice sexual, a manifestação ostensiva da capacidade geradora do homem, tão difundida como representação coletiva da virilidade" (p. 64).

Contudo, dentro desta mesma mentalidade, caminham paralelamente à representação do homem sexualmente forte e atacante - o machão - a ameaça da perda da condição viril e o conseqüente fantasma do homossexualismo. Na opinião da referida autora esta relação paradoxal é crucial para a compreensão de certas especificidades da construção da identidade masculina no Brasil.

VAITSMAN (1994) em seu estudo sobre identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas, trabalhou com uma amostra de 22 pessoas formando casais, nascidas entre 1944 e 1954, todas residentes no Rio de Janeiro, pertencentes ao

que a autora chama de "nova classe média urbana." Esta nova classe emergiu e expandiu-se a partir dos anos 70 com a modernização e o crescimento das atividades industriais, administrativas, científicas, acadêmicas e culturais, sendo ela composta por tecnocratas e intelectuais, os quais compartilham uma ideologia comum, a cultura do discurso crítico. Seu objetivo foi não se restringir a discutir o pós-moderno somente como um estilo, mas entender como os comportamentos e padrões heterogêneos, "flexíveis, instáveis, plurais de casamento e família em um determinado segmento social vinculam-se a transformações sociais mais amplas, no curso das quais redefiniram-se as práticas de gênero" (p. 19).

VAITSMAN (1994) concluiu que para as mulheres o papel da educação, e para ambos os sexos, a participação nas atividades do mundo universitário no final dos anos 60, quando se contestava o autoritarismo, foram elementos decisivos para as mudanças na construção das identidades feminina e masculina, afetando os comportamentos afetivo-sexuais.

Embora homens e mulheres tenham se casado formando famílias nucleares que aparentemente reproduziriam os padrões da geração anterior, o casamento submetia-se agora, de forma cada vez mais evidente ao indivíduo. De uma aliança livre, porém hierárquica, institucionalizando uma família marcada pela divisão sexual do trabalho e, por isso mesmo, mais estável, o casamento transformou-se numa aliança definida pelo igualitarismo e pela satisfação emocional e, conseqüentemente, muito mais instável.

Em sua rebelião contra a família e o casamento modernos as mulheres desafiaram duas dicotomias típicas da construção de gênero da família conjugal moderna brasileira: a primeira, entre papéis públicos e privados atribuídos segundo o gênero; a segunda, referente às normas de comportamento afetivo-sexual diferenciadas para homens e mulheres (VAITSMAN, 1994).

Permanece nos casamentos pós-modernos a tentativa de resolver o conflito entre o individual e o coletivo. Agora, além de adquirir a consciência de que a individualidade de cada um ergue barreiras entre os dois, perdeu-se a convicção de que duas e somente duas pessoas sejam feitas uma para a outra. Assim como o casamento, a

família empurrada pela dinâmica da mudança, não desapareceu; assumiu novas formas, tornou-se plástica, flexível, fazendo e refazendo seus limites freqüentemente.

A identidade, como o casamento e a família, também tornou-se plástica e flexível, o que não significa que o indivíduo tenha anulado sua individualidade. Ele não perdeu sua capacidade de sentir, criar e produzir mudanças; ainda quer algum tipo de segurança e estabilidade.

Por sua vez, as mulheres, ao derrubarem as barreiras do mundo público no enfrentamento das diferentes práticas da vida cotidiana, modificaram os rumos da construção da identidade feminina e desconstruíram os significados de um feminino que se colocava não só como diferença, mas como submissão ao masculino.

Por outro lado, VAITSMAN (1994), em suas conclusões, afirma que com a modernidade, a hierarquia entre os homens deixou de ser pensada como pertencente à ordem natural e passou a ser vista como decorrente do mundo social. Foi este o fundamento da concepção de igualdade universal conquistada no mundo público do mercado e da cidadania, sobre o qual a desigualdade sexual moderna estruturou-se.

Finalmente, a ruptura da dicotomia entre público e privado, segundo o gênero, não resolveu os dilemas das desigualdades e diferenças entre homens e mulheres, mas mudou seus fundamentos de legitimação. Não eliminou as distintas funções no casamento e na família, mas deixou em aberto quem deve desempenhá-las e quando elas devem ser desempenhadas. Agindo em uma pluralidade de espaços, os atores contemporâneos deram-lhes múltiplas significações e redesenharam as fronteiras que marcaram a formação das práticas e dos discursos modernos.

É importante ressalvar que os resultados da pesquisa acima reportam-se a um grupo diferenciado intelectual e economicamente. Como estamos num período de transição da redefinição dos papéis sexuais, outros segmentos de outras classes sociais certamente apontarão resultados bastante distintos.

3 - METODOLOGIA

3.1) Considerações metodológicas

Antes de se adentrar na fundamentação teórica das técnicas que serão utilizadas, é necessário tecer algumas considerações a respeito da noção de consciente e inconsciente e suas implicações na metodologia.

3.1.1) As idiossincrasias do movimento: consciente ⇔ inconsciente

Segundo JUNG (1991), consciente e inconsciente raramente convergem no que tange a seus conteúdos e tendências. Isto se deve ao fato de que o inconsciente se comporta de maneira compensatória ou complementar em relação à consciência, ou vice-versa. A razão desta relação se deve aos seguintes aspectos:

- os conteúdos do inconsciente são liminares, isto é, não são suficientemente fortes para serem percebidos pela consciência, permanecendo, assim, no inconsciente podendo, todavia, influenciar o comportamento.
- o consciente, devido às suas funções dirigidas, exerce uma inibição sobre todo o material incompatível com o que o indivíduo tem como verdade, levando-o a mergulhar no inconsciente.
- o consciente é um processo momentâneo de adaptação, enquanto o inconsciente contém não só todo o material recalcado do passado individual, como também os traços funcionais herdados que constituem a estrutura do espírito humano.
- o inconsciente contém todas as combinações da fantasia que ainda não ultrapassaram a intensidade liminar e, com o correr do tempo, entrarão no campo luminoso da consciência.

Continuando, o autor enfatiza o papel de contraposição dos conteúdos do inconsciente a fim de compensar a unilateralidade da consciência, ocasionada por sua natureza dirigida e determinada:

> "A contraposição é inócua, enquanto não tiver um valor energético maior. Mas se a tensão dos opostos aumenta, em consequência de uma unilateralidade demasiado grande, a tendência oposta irrompe na consciência, isto quase sempre precisamente no momento em que é mais importante manter a unilateralidade da consciência" (JUNG, 1991, p. 3).

A integração das tendências do inconsciente e do consciente realiza-se por intermédio da mediação da função transcendente. É chamada transcendente porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra, sem anulação da tendência inconsciente, pelo contrário, reconhecendo sua importância para a compensação da unilateralidade da consciência.

ZIMMERMANN (1992) refere-se à função de transcendência como a função psíquica capaz de realizar uma síntese, a nível mais elevado entre duas tendências contrárias. A própria relação entre consciente e inconsciente expressa um processo contínuo de oposição, ou polarização, e subseqüente síntese.

A psique, como o corpo vivo, é um sistema auto-regulador na sua natureza mais primordial. É no inconsciente, contudo, que se desenvolve a contra-reação reguladora. Se a função consciente não fosse dirigida pelo ego, as influências opostas do inconsciente poderiam manifestar-se desimpedidamente. Mas é precisamente o fato de ser dirigida que as elimina. Isto, naturalmente, não inibe a contra-reação que se verifica, apesar de tudo. A função reguladora do inconsciente é parcialmente eliminada pela atenção crítica e pela vontade orientada para um determinado fim. Por isso, a psique do homem civilizado não é mais um perfeito sistema auto-regulador. Quando a reação inconsciente é reprimida ela perde sua influência reguladora e passa a ter um efeito acelerador no sentido do processo consciente, pois, além de não haver uma reação inibidora, toda a sua energia parece acrescentar-se à energia da direção consciente. Inicialmente isto ajuda a levar a efeito as intenções conscientes, mas, como estas não são controladas, podem impor-se demasiadamente à custa do todo.

A facilidade com que se reprime a reação é proporcional à grande dissociabilidade da psique e conduz à perda dos instintos, que caracteriza o homem civilizado, e lhe é também necessária, pois, com sua força original os instintos dificultam consideravelmente a adaptação social.

ZIMMERMANN (1992) afirma que para o ser humano adulto ocidental, o consciente se tornou o ente mais próximo em contraposição ao corpo que, com seus recursos empíricos - capacidade para realizar movimentos extrovertidos e voltados aos

objetos - ficou relegado a um segundo plano. Em compensação, o consciente, como guia-mestre determina como se deve agir, quais os objetivos devem ser alcançados, que percepções são importantes.

3.1.2) As técnicas imaginativas

Para compreender o inconsciente e comunicar-se com ele, é importante perceber que o mesmo é energizado por dinâmicas emocionais, e 'pensa' em termos de imagens e símbolos. Este nível da psique não faz distinção entre realidade e imaginação, o que é demonstrado pela utilização da imaginação ativa, dramatização e outras técnicas.

O termo "imaginação ativa" foi pela primeira vez usado por JUNG em 1935, para descrever um processo de sonhar com olhos abertos, mas já em 1916 ele descreve a técnica no artigo: "A função transcendente." Em 1946 em suas considerações téoricas sobre 'a natureza do psíquico,' Jung refere-se à imaginação ativa como "o meio de fazer a descoberta do arquétipo sem precisar recuar e mergulhar na esfera dos instintos, o que levaria a um estado de inconsciência, onde é impossível qualquer conhecimento" (JUNG, 1991, p. 148).

JUNG (1987) afirma que, diferente da fantasia que se aproxima da invenção e permanece à superfície das coisas pessoais e das expectativas conscientes, a imaginação ativa designa imagens dotadas de vida própria e os acontecimentos simbólicos se desenvolvem de acordo com uma lógica que lhes é peculiar.

Começa-se pela concentração em um ponto de partida, que pode ser uma disposição, um quadro ou eventos específicos, o que possibilita que uma cadeia de fantasias associadas se desenvolva e gradativamente assuma um caráter dramático. Quando se concentra em um quadro mental interior ele ganha movimento, as imagens ganham vida própria, se enriquecem de detalhes, se dinamizam e se desenvolvem. E todo este material é constituído por conteúdos do inconsciente que literalmente caem na consciência, já que através da mente consciente se pode produzir muito pouco. A dúvida consciente deve ser superada e conseqüentemente há uma permissão para que qualquer coisa incida na consciência. Psicologicamente, cria-se uma situação nova. Conteúdos

anteriormente isolados tornam-se mais ou menos claros e articulados. Pode-se obter uma estória completa a partir de uma série de imagens produzidas pelo inconsciente.

Segundo SAMUELS, SHORTER, PLAUT (1988) deve-se contrastar imaginação ativa e devaneio. Este último depende da intervenção do indivíduo e se mantém na superfície da experiência pessoal e cotidiana. A imaginação ativa é o oposto de invenção consciente. O drama, que é encenado, parece querer compelir à participação do observador. Uma nova situação é criada e nela os conteúdos inconscientes surgem no estado de vigília. Jung entendia ser isto uma evidência da função transcendente operando, isto é, uma colaboração entre fatores conscientes e inconscientes. Em contraste com os sonhos, que são experimentados passivamente, esse processo da imaginação requer a participação ativa e criativa do ego.

Segundo KAST (1997) as condições básicas para a imaginação ativa são a capacidade de deixar as imagens fluírem de um lado, e por outro, a capacidade de controle, pois é preciso que a própria pessoa entre em sua fantasia e interfira levando suas figuras internas a dialogarem entre si. Concentrando-se em uma imagem inicial e ao mesmo tempo cortando o canal de percepção do mundo exterior, torna-se possível perceber o fluxo e as mudanças das imagens interiores. Este estado de atenção interior é mais facilmente atingido quando se deixa de lado a crítica a fim de que ela não interfira na observação do fluxo interior das imagens e adota-se simplesmente uma postura de curiosidade que absorve e aceita os fatos.

KAST (1997) afirma que o caráter ativo desta técnica diz respeito ao modo como o ego intervém na imaginação e à capacidade de fazê-lo de forma a controlar os acontecimentos imaginativos, modificando-os e transformando-os. Isto leva o inconsciente a integrar-se à consciência. Em contrapartida, fantasias passivas são seqüências de imagens que sempre nos acompanham como um fluxo incessante que pode ou não ser percebido, que 'assaltam de surpresa,' estando o indivíduo à sua mercê. Assim, a imaginação só se torna imaginação ativa quando o diálogo entre a consciência e o inconsciente ocorre.

Vale ressaltar que a imaginação ativa, tal como foi proposta originalmente por Jung, não era introduzida por sugestões ou imagens iniciais e não incluia sequer a

apresentação de um tema. Contudo, novas contribuições de pós-junguianos afirmam a possibilidade de praticar a imaginação ativa sugerindo uma situação inicial e deixando depois o processo desenvolver-se livremente. A situação inicial pode ser um lugar, um tema, uma pergunta (no caso deste estudo os temas propostos - o masculino e o feminino - são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa).

Segundo KAST (1997), concentrando-se em uma imagem inicial e ao mesmo tempo cortando o canal de percepção do mundo exterior, torna-se possível perceber o fluxo e as mudanças das imagens interiores. Este estado de atenção interior é mais facilmente atingido quando se deixa de lado a crítica a fim de que ela não interfira na observação do fluxo interior das imagens e adota-se simplesmente uma postura de curiosidade que absorve e aceita os fatos.

Para que os conteúdos do inconsciente possam aflorar com mais facilidade é necessário promover o relaxamento da consciência de vigília. DALBIEZ (1947) refere-se a isto nos termos de fazer cessar o controle das funções psíquicas superiores sobre as funções inferiores, considerando que a inibição interna do psiquismo superior acarreta a desinibição externa do psiquismo inferior. Obtém-se um efeito similar através do "rebaixamento do nível de consciência,"[30] expressão utilizada por Pierre Janet - professor de Jung - para explicar a sintomatologia da histeria e outras neuroses.

Conforme KAST (1997) o relaxamento geralmente aumenta a intensidade das reações afetivas, e tem por objetivo desconstruir um estado em que se está completamente desperto, de modo que se torne mais ativa a percepção pelo hemisfério direito do cérebro. Em estado de relaxamento, as emoções tornam-se mais vivas, mais ego-sintônicas, sendo, portanto, vivenciadas com maior proximidade além de atingir mais fortemente o imaginante.

Referente aos conteúdos que emergem através do uso da técnica da imaginação ativa, há várias formas de objetivação, isto é, procedimentos para se lidar com tais conteúdos. Segundo JUNG (1987), certos materiais apresentam tendência para a

[30] O rebaixamento do nível de consciência segundo SAMUELS *et al.* (1988) pode ser conscientemente induzido como fator preparatório para a imaginação ativa. Jung usou o termo para descrever uma condição fronteiriça em que a consciência de determinados conteúdos inconscientes era iminente. Em tal condição, o jogo de opostos normalmente refreado pelo ego é liberado, ocasionando uma relativa inversão de valores.

visualização (pintura), para a modelagem ou para a dramatização. Outros ainda, podem ganhar forma através da escrita e do registro da seqüência em que ocorreram as fantasias; da expressão por meio de símbolos ou de uma emoção. Algumas pessoas tecem e outras dançam suas figuras inconscientes. De qualquer forma o processo de imaginação ativa pode, ele próprio, ter um efeito positivo e vitalizante.

O autor recomenda que os tipos visualmente dotados devem concentrar-se na expectativa de que se produza uma imagem interior; esta, freqüentemente, é de natureza hipnagógica e deve ser cuidadosamente observada e registrada. Os tipos áudio-verbais em geral ouvem palavras interiores, que podem ser apenas fragmentos de sentenças ou sua "outra voz" (crítico ou juiz internalizado que julgam de imediato suas palavras e ações), conteúdos que devem também ser fixados de qualquer modo. As pessoas que são capazes de se expressar através de movimentos do corpo, como a dança, são bastante raras. Deve-se encontrar um paliativo para o inconveniente de que não se pode fixar mentalmente os movimentos, desenhando-os cuidadosamente em seguida, para que não se apaguem da memória.[31] As pessoas que, com suas mãos, podem dar expressão concreta aos conteúdos do inconsciente têm nos recursos plásticos um método eficaz.

Estes diferentes procedimentos utilizados na objetivação dos conteúdos suscitados pela imaginação ativa correspondem às diversas formas de realização do símbolo, seja uma simples manifestação visual na imaginação, seja de modo mais representativo através da pintura ou da escultura, ou até mesmo da dança. O modelo de formação simbólica descrito por JUNG* é vivenciado na imaginação ativa da seguinte

---

[31] ZIMMERMANN (1992) realizou um estudo clínico de Psicologia Analítica a partir de um trabalho em grupo com dança meditativa e desenho livre. Segundo a autora, a realização e a observação dos movimentos corporais possibilitam a conscientização da realidade interior. Assim, os estados emocionais se expressam em uma sensação espacial interior, que se manifesta na postura corporal e no padrão de movimento, podendo isto ser registrado logo em seguida através do desenho. Com base nestes pressupostos, seu trabalho partiu do exercício de consciência corporal, manifestando-se através dos movimentos da dança e propiciando a emergência de imagens interiores que foram objetivadas - no sentido da imaginação ativa junguiana - através do desenho livre e do relato verbal. O objetivo da utilização desta metodologia consistiu em que, desenhando e relatando os sujeitos davam uma realidade concreta a pelo menos parte do seu imaginário. A objetivação dos conteúdos interiores através do desenho é vista pela autora como uma forma de estimular o diálogo do Eu consciente com as imagens interiores consteladas.

* JUNG C.G. *apud* KAST, V. - **A imaginação como espaço de liberdade.** São Paulo, Edições Loyola, 1997. 204 p.

forma: o inconsciente aparece, é percebido e assimilado e quando em diálogo com a consciência, com o ego desperto, tanto o consciente como o inconsciente se modificam; isso pode ser percebido tanto nos símbolos em transformação como nas novas formações simbólicas. Esses símbolos são as marcas do caminho do processo de individuação, que consiste num confronto entre o consciente e o inconsciente, levando a pessoa a chegar cada vez mais perto do ser humano que ela de fato é.

Em suas várias manifestações, o procedimento da imaginação ativa funciona como uma ponte que liga o consciente ao inconsciente, possibilitando uma cooperação entre ambos para que atuem de maneira harmoniosa, ao invés de se degladiarem causando uma cisão da personalidade. A confrontação entre os opostos gera tensão carregada de energia que produz algo vivo e leva a uma nova situação. A consciência é ampliada de tal forma a integrar os conteúdos inconscientes. O inconsciente não mais age perigosamente sobre o eu, porque ambos passam a trabalhar cooperativamente.

As técnicas imaginativas, cuja característica básica é elevar à consciência aqueles conteúdos que jazem imediatamente abaixo do limiar do inconsciente não estão destituídas, no entanto, de riscos psicológicos:

1. o processo pode se tornar estéril se o paciente permanece preso ao círculo de seus próprios complexos;
2. o paciente fica iludido com o aparecimento das fantasias e ignora a exigência destas por um confronto;
3. os conteúdos inconscientes possuem um nível de energia tão alto que, quando conseguem uma saída, podem inflacionar, tomando posse da personalidade;
4. o rebaixamento do nível de consciência pode favorecer a emergência de tendências psicóticas latentes. Por isso não é uma condição a ser promovida a não ser que exista uma força por parte do ego, não somente para resistir ao confronto com o inconsciente, mas também para promover a integração do simbolismo arquetípico que pode irromper.
5. Além disso, as imagens produzidas no estado acima mostram descontinuidade, têm um caráter fragmentário, revelam formações de analogias, envolvem associações

superficiais do tipo verbal, auditivo ou visual, podem encerrar condensações, expressões irracionais, confusões.

KAST (1997) igualmente afirma a respeito dos limites do método: "O método requer um ego bem estruturado, em condições de enfrentar o inconsciente; mas não se pode contar com um ego bem-estruturado em qualquer imaginante" (p. 194).

Segundo a autora, quando se está em interação com uma outra pessoa acaba-se influenciando um ao outro, mesmo inconscientemente, o que cria algo como um inconsciente coletivo; assim, é preciso assumir que as imagens sempre estarão afetadas por uma relação de mútua influência, o que pode ser tanto um fator intensificador como uma obstrução.

3.1.3) A técnica simbólica

Remetendo-se aos objetivos desta pesquisa, onde as expressões simbólicas arquetípicas e os mandatos de gênero são dois objetos básicos de investigação, a direção a seguir consiste em buscar subsídios bibliográficos nesta linha.

O símbolo é ao mesmo tempo um veículo universal e particular. Universal porque transcende a história, e particular por corresponder a uma época precisa. Segundo CIRLOT (1984) a maioria dos autores concorda em situar o princípio do pensar simbólico nos fins do paleolítico. O conhecimento atual sobre o pensamento primitivo e as deduções estabelecidas com validade sobre a arte e os utensílios do homem daquele tempo, justificam os diversos estudos sobre gravações epigráficas.

FROMM* observa que os mitos babilônicos, hindus, hebreus ou achantis, apesar das diferenças existentes, estão escritos numa mesma linguagem: a linguagem simbólica. Esta obedece a categorias que não são o espaço e o tempo, mas a intensidade e a associação.

As criações simbólicas se mantêm com constância através do tempo, sendo que expressam em épocas remotas o essencial do humano, brotando do inconsciente na forma de anelo construtor e configurador. A persistência dessas formas

* FROMM, E. *apud* CIRLOT, J.E. - **Dicionário de símbolos**. São Paulo, Editora Moraes, 1984. 614 p.

primárias de vida imprimiu vestígios indeléveis na alma humana; tratam-se de fenômenos paralelos, análogos do cultural e do psicológico (CIRLOT, 1984).

Para RICOEUR (1978), símbolo é "toda estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa, por acréscimo outro sentido indireto, secundário, figurado, que só pode ser apreendido através do primeiro. Essa circunscrição das expressões de duplo sentido constitui, propriamente o campo hermenêutico" (p.15).

Hermenêutica é a arte de interpretar textos. Um dos sentidos tradicionais do termo "hermenêutica" é dado por ARISTÓTELES,* onde a *hermeneia* não se limita à alegoria - seqüência de metáforas que significam uma coisa nas palavras e outra no sentido - mas diz respeito a todo um discurso significante. O autor afirma que o discurso significante é a própria *hermeneia*, que interpreta a realidade, na medida em que diz algo de alguma coisa.

A hermenêutica trata do problema do sentido múltiplo. Com isto uma expressão, de dimensões variáveis, significando uma coisa, significa ao mesmo tempo outra coisa, sem deixar de significar a primeira. O problema do sentido múltiplo na atualidade se coloca, então, quando se leva em conta o conjunto onde são articulados acontecimentos, personagens, instituições, realidades naturais ou históricas. Este conjunto significante que se presta à transferência de sentido do histórico ao espiritual remete também à questão da interdisciplinaridade.

O conceito de interpretação e símbolo têm a mesma extensão para Ricoeur. A interpretação é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal. A exegese é a interpretação dos sentidos ocultos. Símbolo e interpretação tornam-se, assim, conceitos correlativos, pois é na interpretação que a pluralidade dos sentidos (propriedade do simbólico) se manifesta.

RICOEUR (1978) menciona, especialmente, os símbolos cósmicos, evidenciados por uma fenomenologia da religião; o simbolismo onírico revelado pela psicanálise com todos os seus equivalentes no folclore, nas lendas e mitos; as criações

---

* ARISTÓTELES *apud* RICOEUR, P. - **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica.** Rio de Janeiro, Imago Editora, 1978.

verbais do poeta, segundo o fio condutor das imagens sensoriais, visuais, acústicas. Apesar de seus diferentes enraizamentos, todos esses símbolos convergem para o elemento da linguagem. O autor afirma que não há simbólica antes do homem que fala, mesmo que o poder do símbolo esteja enraizado mais embaixo.

Segundo JUNG *et al.* (1969) o que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que pode ser familiar na vida diária, mas que possui conotações especiais além do seu conteúdo evidente e convencional implicando em algo vago e desconhecido. Uma palavra ou imagem tem um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. Logo, esta palavra ou imagem é simbólica quando sugere alguma coisa além de seu significado manifesto e imediato. Além disso, os símbolos aparecem em todos os tipos de manifestações psíquicas; existem pensamentos, sentimentos, situações e atos simbólicos.

O autor acrescenta que, quando se se ocupa dos símbolos deve-se distinguir os símbolos 'naturais' daqueles ditos culturais. Os primeiros derivam dos conteúdos inconscientes da psique e, portanto, representam um número enorme de variações nas imagens arquetípicas essenciais. Por outro lado, os símbolos culturais são aqueles que expressam 'verdades eternas' e ainda se empregam em muitas religiões. Passaram por muitas transformações através de um maior ou menor desenvolvimento consciente, mantendo, no entanto, muita de sua original numinosidade ou feitiço.

Conforme ECO (1991) representações lunares, vegetais, solares, metereológicas podem ser expressões simbólicas arquetípicas, as quais não podem ser completamente interpretadas nem como signos nem como alegoria. São símbolos autênticos justamente por serem plurívocos, carregados de significado, inexauríveis. As manifestações do inconsciente, não obstante sejam reconhecíveis por sua riqueza de atribuições, são inefáveis, indescritíveis. Nenhuma formulação unívoca é possível: eles são contraditórios e paradoxais como o espírito é para os alquimistas.

Para JUNG *et al.* (1969) os símbolos são importantes integrantes da nossa constituição mental e têm o papel de forças vitais na formação da sociedade humana. Se reprimidos, sua energia específica submerge no inconsciente com conseqüências

imprevisíveis, servindo para reviver e intensificar experiências avassaladoras fortalecendo desse modo a sombra.

ECO (1991) afirma que "símbolon" ou "simbálo" - lançar com, pôr junto, fazer coincidir - é originariamente o meio de reconhecimento permitido por duas metades, por exemplo, de uma moeda. Mesmo possuindo as duas metades, estas só realizam a plenitude de sua função somente quando se reúnem para reconstituir uma unidade. Diversamente do signo, onde toda vez que o significado é interpretado, isto é, traduzido num outro signo, descobre-se alguma coisa mais, no símbolo, ao contrário, a idéia é de uma reunião com a origem, um momento de máxima riqueza do significado.

A técnica simbólica, segundo JUNG *et al.* (1969), consiste em sistematizar as identificações progressivas dentro de ritmos verdadeiros e comuns. A imagem simbólica não é um 'exemplo' (relação externa e possível entre dois objetos ou conexões), mas sim uma analogia interna (relação necessária e constante).

Continuando, o autor assinala que a interpretação dos símbolos tem dois aspectos: o que o símbolo representa em si (interpretação objetiva) e o que significa como projeção (interpretação subjetiva). Segundo CIRLOT (1984), a interpretação objetiva proporciona apenas uma certa compreensão simbólica, sendo que a interpretação subjetiva que consiste na tradução do sentido mais geral e profundo do símbolo a um momento concreto e particular, é a verdadeira interpretação.

Por outro lado, OSAKAB E (1979) refere-se ao discurso como sendo um campo suficientemente amplo de investigações de tal forma que dentro dele caibam os mais diferentes interesses científicos. Neste sentido, é que está incluído o estudo dos mandatos de gênero, cuja via verbal de manifestação se privilegia aqui. As palavras são carregadas de sentidos e como fortes instrumentos de poder, podem definir previamente imputando artificialmente uma identidade masculina ou feminina.

Segundo ECO (1991), uma vez fechado o dicionário e começado a falar, tudo na linguagem (e certamente também nas linguagens não verbais) é simbólico. Tanto é simbólica a prática textual como a comunicação no seu conjunto. O referido autor afirma que há teorias que identificam a área do símbolo com aquilo que hoje é chamado de "semiótica," a doutrina dos signos (na lingüística um signo é uma alusão evidente da

qual se podem tirar deduções em relação a algo latente). Nessa perspectiva, simbólica é a atividade pela qual o homem explica a complexidade da experiência, organizando-a em estruturas de conteúdo a que correspondem sistemas de expressão. O simbólico não só permite nomear a experiência, como também organizá-la, tornando-a pensável e comunicável.

Pensando nisto a entrevista é a técnica que facilmente viabilizaria a manifestação da experiência humana em seus mais variados sistemas de expressão. Mais especificamente optamos por trabalhar com a entrevista semi-dirigida, por ser o instrumento que mais se adequa aos objetivos propostos.

3.1.4) O método fenomenológico aplicado à entrevista semi-dirigida

Os pressupostos teóricos adotados para a realização das entrevistas nesta pesquisa estão baseados nos princípios do método fenomenológico em psicologia (GIORGI, 1988), desenvolvidos e adaptados por KVALE (1996) para a situação de entrevista em pesquisa qualitativa em doze aspectos fundamentais:

- Mundo-vivido: o objeto da entrevista é o "mundo-vivido" do sujeito e sua relação com ele. Assim, procura-se descrever e entender o tema central da experiência do sujeito que se move em certa direção.
- Significado: procura-se na entrevista interpretar o significado do tema central no mundo-vivido do sujeito. O entrevistador registra e interpreta o significado o mais próximo possível do que é dito, sendo esta sua principal tarefa na entrevista. Para captar o significado preciso das descrições do sujeito são usadas técnicas de clarificação. Em uma entrevista de pesquisa qualitativa procura-se cobrir tanto o nível fatual, quanto o do significado, embora este último seja usualmente mais difícil. É necessário ouvir as descrições explícitas e significações tão bem quanto o que está nas entrelinhas. O entrevistador pode procurar formular a mensagem implícita, enviá-la de volta ao sujeito, e obter uma imediata confirmação ou desconfirmação da interpretação do entrevistador do que o entrevistado está dizendo.

- Qualidade: procura-se na entrevista conhecimento qualitativo expresso em linguagem corrente; não se objetiva a quantificação; trabalha-se com palavras e não com números. Precisão na descrição e severidade na interpretação do significado correspondem em entrevistas qualitativas à exatidão em pesquisas quantitativas.
- Descrição: tenta-se na entrevista obter descrições de nuances de diferentes aspectos do mundo da vida do sujeito, o qual descreve tão precisamente quanto possível 'o que' ele experiencia e sente e como age. O foco está na descrição das diferentes e variadas nuances do fenômeno, mais propriamente que o estancamento com categorias fixas. A questão do por quê o sujeito experiencia e age da forma como age é tarefa para o pesquisador avaliar posteriormente. A ênfase deve ser 'no que' e não no 'por quê.' No momento da coleta-de-dados a obtenção de descrições terá relevância fundamental, pois constituir-se-á no material preciso do qual serão tiradas suas interpretações posteriores.
- Especificidade: a entrevista de pesquisa qualitativa procura descrever situações específicas e ações seqüenciais do mundo do sujeito; não são opiniões gerais que são perguntadas a ele. Com base em extensas e ricas descrições de situações específicas do tema em foco, o entrevistador será capaz de chegar aos signficados em um outro nível, ao invés de solicitar a opinião do sujeito sobre o assunto em questão.
- Ingenuidade deliberada: antes de guiar-se por categorias e esquemas de interpretação elaborados previamente, o entrevistador adota uma postura deliberada de ingenuidade e ausência de pressupostos ao mesmo tempo que demonstra uma abertura para fenômenos novos e não esperados, de forma que as descrições dos temas relevantes do mundo-vivido do entrevistado sejam tão ricas e despojadas de pressuposições quanto possível. O entrevistador deve ser curioso, sensível para o que é dito - tanto quanto para o que não é dito - e crítico quanto a seus pressupostos e hipóteses durante a entrevista.
- Foco: a entrevista de pesquisa qualitativa está focalizada em um tema específico do mundo-vivido do entrevistado; ela não é nem rigorosamente estruturada com questões padronizadas, nem inteiramente não-diretiva, mas está focalizada em certos temas. LÜDKE & ANDRÉ (1986) afirmam que a entrevista semi-estruturada (ou semi-

dirigida), que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permite que o entrevistador faça as devidas adaptações. A tarefa do entrevistador é, pois, manter o foco no tema da entrevista, mas dentro de diferentes perspectivas ou contextos, de forma que o sujeito traga à baila as dimensões que achar importantes dentro do foco da área. "O entrevistador conduz o sujeito em direção a certos temas, mas não a certas opiniões sobre estes temas" (KVALE, 1996, p. 34).

- Ambigüidade: afirmações do entrevistado podem algumas vezes ser ambíguas. Uma expressão pode implicar várias possibilidades de interpretação e o sujeito pode também emitir aparentemente afirmações contraditórias durante a entrevista. É tarefa do entrevistador clarificar tão profundamente quanto possível se a ambigüidade é devida a falha de comunicação na situação de entrevista ou se reflete real inconsistência, ambivalência e contradições do entrevistado. O objetivo da entrevista de pesquisa qualitativa é descrever um significado contraditório e possivelmente ambíguo expresso pelo entrevistado. As contradições deste não podem ser devidas nem à primeira nem à segunda hipótese, mas podem de fato ser adequadas reflexões de contradições objetivas no mundo em que vive o sujeito.
- Mudança: pode acontecer que no curso da entrevista o sujeito mude suas descrições e os significados sobre o tema. O sujeito pode por si mesmo ter descoberto novos aspectos do tema que está descrevendo e subitamente apreender relações não conscientes até aquele momento. O questionamento da situação de entrevista pode instigar processos de reflexão onde o significado dos temas descritos pelo sujeito não são mais os mesmos depois da entrevista. Assim, o processo de estar sendo entrevistado pode produzir novos "insights" e tomadas de consciência, e o sujeito no curso da entrevista pode vir a mudar suas descrições e os significados sobre o tema.
- Sensibilidade: entrevistas obtidas por diferentes entrevistadores usando o mesmo roteiro de entrevista podem ser diferentes produzindo diferentes afirmações sobre o mesmo tema, devido à variação dos níveis de sensibilidade de cada entrevistador, assim como o conhecimento de cada um sobre o tema da entrevista.
- Situação interpessoal: o conhecimento obtido é produzido através de interação interpessoal na entrevista. A entrevista de pesquisa é uma interação entre duas

pessoas, onde o entrevistador e o sujeito reciprocamente influenciam um ao outro (KVALE, 1996; SCHEEFFER, 1980; LÜDKE & ANDRÉ, 1986). A situação de entrevista pode, para ambas as partes, ser caracterizada por sentimentos positivos de curiosidade intelectual comum e um respeito recíproco. A entrevista pode também ser ansiosa provocando e evocando mecanismos de defesa no entrevistado da mesma forma que no entrevistador. Este último deve estar consciente da dinâmica interpessoal dentro da interação e levar isto em consideração na situação de entrevista e na posterior análise dos dados. A influência recíproca de entrevistador e entrevistado em um nível cognitivo e emocional, contudo, não necessariamente é fonte de erro, mas pode ser um ponto forte em entrevistas de pesquisa qualitativa. Mais do que procurar reduzir a importância desta interação, o que importa na entrevista de pesquisa é reconhecer e aplicar o conhecimento ganho da interação interpessoal.

- Experiência positiva: uma entrevista de pesquisa bem conduzida (manejada) pode ser uma rara experiência de enriquecimento para o entrevistado, que pode obter novos "insights" em sua situação de vida. É provavelmente não muito comum a experiência de que no nosso cotidiano outra pessoa esteja interessada, e de uma forma sensível, procure entender tão bem quanto possível a experiência e a visão sobre um assunto de uma outra. Na prática é freqüentemente difícil terminar uma entrevista qualitativa, pois os sujeitos desejam continuar o diálogo e explorar mais além os temas e os "insights" advindos da interação da entrevista.

Há ainda alguns conceitos que são por nós considerados básicos quando se trata do uso da técnica de entrevista semi-dirigida.

Vale ressaltar que a entrevista é considerada uma técnica de investigação científica da psicologia (BLEGER, 1971). Assim, ao mesmo tempo que possibilita a aplicação de conhecimentos científicos, também permite levar a vida diária do ser humano ao nível da elaboração científica. Tudo isto é um processo de interação, onde o tipo de entrevista está condicionado aos objetivos da pesquisa, tendo como foco o estudo do comportamento total do sujeito em todo o curso da relação estabelecida com o pesquisador. São dois os tipos de entrevista: aberta ou fechada. Nesta última, as perguntas já estão previstas tanto como o estão a ordem e o seu delineamento, sendo que

o entrevistador não pode alterar nenhuma destas disposições. Na entrevista aberta, pelo contrário, o entrevistador tem ampla liberdade para suas intervenções, permitindo-se-lhe toda a flexibilidade necessária para cada caso específico, a fim de que o entrevistado configure tanto quanto possível o campo da entrevista segundo sua estrutura psicológica particular. Já a entrevista fechada é na realidade um questionário, onde esta é executada através de um manejo controlado de certos princípios e regras. Enquanto a entrevista aberta possibilita uma investigação mais ampla e profunda da personalidade do entrevistado, a entrevista fechada permite uma melhor comparação sistemática de dados, tanto como outras vantagens próprias do método estandardizado.

O campo em que se configura a entrevista é determinado predominantemente pelas modalidades da personalidade do entrevistado. Pode-se dizer que o entrevistador controla a entrevista, mas que quem a dirige é o entrevistado. Cada ser humano possui sistematizado em sua personalidade uma série de pautas ou um repertório de possibilidades, as quais devem ser exteriorizadas no decorrer da entrevista. Para obter o campo particular da entrevista conta-se com um enquadre fixo, que consiste em uma transformação de um certo conjunto de variáveis em constantes. Isto inclui não só a atitude técnica e o papel do entrevistador, como também os objetivos, o lugar e o horário da entrevista.

BLEGER (1971) ressalta que, na entrevista, o entrevistador como parte do campo em questão, em certa medida condiciona os fenômenos que ele mesmo vai registrar. A objetividade total nunca se consegue em nenhum campo científico. A máxima objetividade que se pode conseguir só se alcança quando se incorpora o observador como uma das variáveis do campo. Este posicionamento é justificado pelo autor em uma importante discussão considerando-se as prováveis críticas: se o investigador está condicionado aos fenômenos que investiga, poderia-se dizer que não se está estudando o fenômeno em si, mas em relação com a presença deste. BLEGER (1971) argumenta que, na verdade, estão superpostas considerações ontológicas com outras de tipo gnosiológicas. No primeiro caso se subentende a existência de um mundo objetivo cuja existência independe de que seja ou não conhecido. No segundo caso, há alguém interessado em conhecer este mundo - o pesquisador - o qual deve ser

necessariamente incluído no processo de conhecimento. As duas afirmações não invalidam uma à outra e se referem a coisas distintas: uma, à própria existência dos fenômenos; a outra, ao conhecimento que deles se alcança. Outro argumento refere-se ao fato de que toda conduta se dá sempre em um contexto de vínculos e relações humanas; a entrevista não é uma distorção das pretendidas condições naturais, pelo contrário, é a situação natural em que se manifesta o fenômeno que nos interessa estudar: o fenômeno psicológico. Ainda, no entanto, poder-se-ia insistir em que as manifestações do objeto estudado dependem da relação que se estabelece com o pesquisador, estando condicionados por esta relação todos os fenômenos que apareceriam; quanto a isso pode-se afirmar que as qualidades do objeto são sempre relacionais, isto é, derivam das condições e relações em que se encontra cada objeto em cada momento.

SERRAT & HOFF (1977) afirmam que, apesar de alguns problemas de aplicação - o estabelecimento de condições rigorosamente padronizadas para sua realização, o registro de informações e a análise dos dados obtidos - o contexto da entrevista permite ao entrevistador motivar o sujeito se isto for necessário, como também possibilita uma flexibilização maior no questionamento do examinando. A interação entrevistando/entrevistador que este instrumento favorece é uma rica fonte de dados.

Todavia, quando se inicia a entrevista com uma série de perguntas para as quais se deseja obter respostas, sua aplicação não deve assumir a forma de um interrogatório de tipo administrativo: os temas de interesse são introduzidos no decurso da conversa, cuja tonalidade deve ser de liberdade e descontração (REUCHLIN, 1971).

A entrevista semi-dirigida tem a vantagem de focar e explorar as questões específicas de interesse para a pesquisa. Padronizada, implica numa seqüência prévia de perguntas organizadas pelo pesquisador.

3.1.5) O uso do questionário

O questionário propriamente dito pertence às técnicas inquisitivas; seu emprego justifica-se quando se deseja obter dados objetivos de um grande número de pessoas. Em geral, trata-se de um instrumento escrito, constituído por perguntas precisas e específicas, de caráter objetivo. A elaboração das perguntas deve ser cuidada de modo a

evitar ambigüidades e que estejam ao alcance do sujeito, isto é, acessível do ponto de vista da linguagem. Além disso, fornece um anonimato que a entrevista não possibilita e permite comparação acurada entre diferentes pessoas, pelo fato das perguntas que o compõem serem padronizadas. Entre suas limitações estão a possibilidade de serem dadas respostas inverídicas e de refletirem apenas o que a pessoa julga significativo, ou ainda, interpretarem de um modo diferente os quesitos na ausência de um ponto comum de referência (SERRAT & HOFF, 1977).

O Questionário de Gênero, elaborado para os fins desta pesquisa, visa investigar os seguintes aspectos na definição da identidade de gênero (OLIVEIRA, 1976; CUNHA, 1985):

1) Essência X Relacional: concepção da identidade como um produto pré-formado, que faria parte da própria natureza das coisas, em contraposição àquela de que a mesma estaria sempre em relação a um outro.
2) Estático X Dinâmico: visão da identidade como produto imutável em contraposição ao fato de que ela estaria sempre sujeita a uma inovação constante e perceptível.
3) Substância X Situação: a identidade manteria um suporte sempre idêntico que permaneceria e sobreviveria às transformações em contraposição ao fato de que estaria referida a contextos situacionais específicos funcionando como agentes de mudança.
4) Perene X Contingente: a identidade seria sempre uma constante em contraposição ao fato de que sofreria variações em decorrência da contingência de outros fatores.
5) Politicamente neutro X Politicamente relevante: o poder teria um papel neutro na definição da identidade em contraposição ao fato de que seu papel seria altamente relevante.

O Questionário de Morbidade Psiquiátrica para Adultos (QMPA) é outro instrumento também utilizado neste estudo com a finalidade precípua de detecção e asseguramento do grau de saúde mental dos sujeitos, condição necessária para aplicação da técnica da imaginação ativa. Componentes de personalidade histérica e tendência à dissociação são características não recomendáveis para aplicação da referida técnica.

Sujeitos onde estas tendências tenham sido detectadas foram descartados. O QMPA é um instrumento de investigação epidemiológica sobre doenças mentais com metodologia adequada às peculiaridades do contexto social brasileiro, considerando os escassos estudos realizados no país a respeito do assunto. Segundo SANTANA (1982), o estudo visou uma estimativa da prevalência de doenças mentais na população adulta dos residentes do bairro de O. em Salvador, com idade igual ou acima de 15 anos. Os valores finais dos procedimentos de validação do QMPA indicaram taxas de sensibilidade (93%), especificidade (72%) e taxa de classificação incorreta (12%) compatíveis em relação aos objetivos da pesquisa. Além disso, a determinação do grau de concordância entre os diagnósticos psiquiátricos revelou uma alta taxa de confiabilidade (80%). O escore de corte utilizado foi de valor 7. Isto significa que foram considerados "não suspeitos" de doença mental todos os indivíduos com escore entre 0 (zero) e 6 (seis). Resultados iguais ou superiores a 7 (sete) indicaram casos "suspeitos" de doença mental.

Na presente pesquisa adotou-se o mesmo critério quanto ao escore de corte.

3.1.6) Algumas considerações sobre o método fenomenológico em Psicologia

Finalmente, serão discutidos aqui alguns conceitos básicos do método fenomenológico em Psicologia, o qual fundamentou o procedimento de análise dos dados coletados na pesquisa.

A fenomenologia de Husserl e Heidegger emergiu como a contestação inicial do objetivismo e, neste sentido, não privilegiou nem o sujeito nem o objeto, mas a relação entre ambos. FRANÇA (1989) explica a interdependência existente entre o sujeito e o objeto, entre a consciência e o mundo: "Um é determinante do outro, pois não pode haver a consciência desvinculada de um mundo para ser percebido, nem é possível haver o mundo sem que haja uma consciência para percebê-lo" (p.23). Por isto a intencionalidade da consciência, isto é, ela está sempre voltada para alguma coisa. Considerada em termos de atos, a intencionalidade da consciência faz com que o ato consciente ponha o sujeito diante do objeto e dele tome consciência.

Segundo FRANÇA (1989), a fenomenologia procura abordar o fenômeno tentando vê-lo tal como é, na manifestação mais genuína da experiência, sem que seja parcializado ou explicado a partir de conceitos prévios, crenças ou afirmações. Ela interroga o fenômeno abordando-o diretamente, tentando descrevê-lo e procurando captar sua essência. MERLEAU-PONTY* afirma que os fenômenos constituem a camada da experiência viva através da qual as outras pessoas e coisas nos são primeiramente dadas, sendo que a tarefa do pesquisador consiste em redescobri-los.

GIORGI (1978) afirma que uma das conseqüências desta abordagem é que o conhecimento está na aparência dos fenômenos e não por trás deles. Assim, além de haver verdade também na própria aparência do fenômeno, estes revelam bem como ocultam. Neste caso o desdobramento do fenômeno, de tal forma que o que estava originalmente oculto torna-se revelado, é possível por causa da aparência e não apesar dela.

O termo fenômeno para RICOEUR (1978) exprime um jogo de manifestação e ocultamento. Em suas palavras:

> "A imaginação opera a passagem entre a objetivação do ato puro e a simbolização do desejo natural. A imaginação tem o duplo poder de exprimir, já que ela simboliza o princípio e eleva o desejo ao símbolo. É nessa imaginação que se deveria buscar a chave do desdobramento entre a pura produção dos atos e sua ocultação nos signos" (p.187).

O autor afirma que o ser humano não está imediatamente na posse de si, mas sendo não idêntico a si mesmo está incessantemente se apropriando do que é através das expressões múltiplas de seu desejo de ser. Logo, a lei do fenômeno é ao mesmo tempo uma lei de expressão e uma lei de ocultamento.

Em sua crítica ao objetivismo, HUSSERL* contesta a pretensão da epistemologia das ciências naturais de fornecer às ciências humanas o único modelo metodológico válido. Ao mesmo tempo, o autor articula isto a uma nova problemática

---

* MERLEAU-PONTY M. *apud* GIORGI, A. - **A Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica.** Belo Horizonte, Interlivros de Minas Gerais, 1978. 230 p.

* HUSSERL *apud* GIORGI, A. - **A Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica.** Belo Horizonte, Interlivros de Minas Gerais, 1978. 230 p.

que tem por tema "o mundo-vivido," isto é, uma camada da experiência anterior à relação sujeito-objeto, fato que o leva a propor uma substituição de uma epistemologia da interpretação para uma ontologia da compreensão.

RICOEUR (1978) corrobora esta asserção quando afirma que é necessário sair do círculo da problemática do sujeito e do objeto e interrogar-se sobre o ser:

> "Compreender não é, então, um modo de conhecimento, mas um modo de ser, o modo desse ser que existe compreendendo. Procedendo-se a essa inversão da relação entre compreender e ser, o problema não será o de reforçar o conhecimento histórico em face do conhecimento físico, mas o de cavar sob o conhecimento científico, para atingir um vínculo do ser histórico com o conjunto do ser, que seja mais originário que a relação sujeito-objeto da teoria do conhecimento" (p. 10).

Existe todo um campo de significações anterior à estruturação de uma "natureza matematizada" e anterior à objetividade para um sujeito cognoscente. Antes da objetividade há o horizonte do mundo, o mundo tal como o encontramos na experiência cotidiana e buscamos realizar nossas metas e objetivos, o mundo como cenário de todas as atividades humanas, isto é, o próprio "mundo-vivido." Assim, antes do sujeito da teoria do conhecimento há a vida operante. A questão da verdade, portanto, não passa pela discussão do método, mas pela manifestação e compreensão do ser (RICOEUR, 1978; GIORGI, 1978).

Segundo RICOEUR (1978) toda a compreensão ontológica se exprime através do canal da linguagem. A exegese - arte de compreender textos a partir de sua intenção - explicita que um texto tem vários sentidos, os quais se imbricam um no outro.

O elemento comum de toda hermenêutica é certa "arquitetura de sentido," que pode ser chamada de duplo ou múltiplo sentido, cujo papel consiste em mostrar ocultando.

Toda interpretação se propõe a vencer a distância entre a época à qual pertence o texto e o próprio intérprete. Ao fazer isto o exegeta apropria-se do sentido: da condição de estranho o faz próprio, torna-o seu. Assim, toda hermenêutica é, explícita ou implicitamente, compreensão de si mesmo mediante a compreensão do outro.

A fenomenologia, oriunda da filosfia, pode ser relacionada dentro da psicologia, ao existencialismo e à psicologia humanista. Ela focaliza todo o universo interno de sentimentos, atitudes, emoções, pensamentos e propósitos do indivíduo classsificando-os e descrevendo-os como fenômenos em si, sem uma tentativa de explicá-los. Os fenomenologistas sobretudo estão preocupados com o desenvolvimento, ou melhor a auto-atualização da pessoa no seu todo, como um ser social, que pensa e sente (CHASTAIN, 1976).

A psicologia, enxertada pela perspectiva fenomenológica, tenta então configurar-se como ciência humana e não como ciência natural (GIORGI, 1978). Nesse sentido o autor sugere uma mudança de paradigmas que tornariam os métodos mais coerentes ao objeto de estudo da psicologia: qualidade ao invés de quantidade; significado ao invés de mensuração; respostas intencionais ao invés de reações determinadas; observador participante ao invés de observador independente; uma atitude engajada (inserção do pesquisador dentro da situação) ao invés de uma postura objetiva. Considerando a atitude objetiva como um certo tipo de presença que nunca deixa de exercer influência, cada cientista deve incluir tanto quanto possível os seus pressupostos, tendências, intenções nos resultados de suas produções científicas. No contexto das ciências humanas é essencial para o pesquisador estar presente de uma forma humana e não de uma forma neutra. Esta presença humana pode ser descrita tanto por ele próprio quanto por seus sujeitos, e os significados que emergem dessas descrições representam o controle, ou o conjunto de limites para a compreensão de outros dados que possam ter sido obtidos. Nas palavras de GIORGI (1978):

> "A principal proteção contra a tendenciosidade é que o próprio ponto de vista seja explicitado, de tal forma que a sua validade seja circunscrita. Não é a simples presença de uma tendência que vicia os dados, mas a extensão de tendências limitadas para situações onde elas não são relevantes e perdem assim a sua produtividade" (p.177).

GIORGI (1978) admite explicitamente a perspectividade para qualquer esforço humano, incluindo-se a Ciência. Em conseqüência disso a universalidade acaba se tornando um ideal que não é nunca verdadeiramente realizado. O autor acredita que a

Psicologia deveria lidar com mais parcimônia com generalidades e que avanços poderiam ser feitos da mesma forma, senão mais, pela circunscrição precisa do contexto no qual estas generalidades são válidas. Assim, a intenção do cientista é um fator chave na circunscrição de um contexto válido.

Dentro da perspectiva concebida como uma ciência humana a principal preocupação é descobrir-se o real, por meio de uma descrição, a fim de que se possa apreender a estrutura da situação como um todo, o que é feito revelando-se o contexto. As análises são sempre realizadas dentro do contexto de uma estrutura ou situação mais abrangente. Assim, a situação não é vista primeiro experiencialmente e depois comportamentalmente. Ao invés disso, contém aspectos experienciais e comportamentais, sendo que o ponto de vista interno (ator) é a posição privilegiada para o desvendamento da experiência, enquanto o ponto de vista externo (observador) é a posição privilegiada para o acesso ao comportamento.

São características do método fenomenológico (FRANÇA, 1989):

- Redução: modo peculiar de prestar atenção onde o que se pretende é ver o fenômeno por si mesmo, retornando à experiência vivida tal como é experienciada. Longe de reduzir ou restringir eventos, a redução fenomenológica implica numa atitude de abertura consciente e ativa ao fenômeno enquanto fenômeno.
- Descrição: através de uma atitude descritiva o inquiridor fenomenológico se coloca mais próximo do fenômeno, tentando assim torná-lo presente. Descrever consiste, pois, em enumerar aqueles aspectos que são imprescindíveis para conhecer a natureza do fenômeno que está sendo investigado.
- Interpretação: completa a trajetória da pesquisa do fenômeno em foco. Se se considera que a verdade só pode ser apreendida em mútua dependência, esta não estará nem no sujeito nem no objeto, mas em ambos. Daí a necessidade da interpretação para que a verdade seja desvelada.

3.2) Método

3.2.1) Sujeito: São 12 homens e 12 mulheres da faixa etária adulta (acima dos 21 anos de idade), habitantes de Campinas e região, com diferentes níveis de escolaridade (1° Grau Completo ou Incompleto, 2° Grau Completo ou Incompleto, Superior Completo ou Incompleto, Nível de Pós-Graduação).

3.2.2) Amostra: Os critérios para seleção da amostra a grosso modo foram os acima expostos. O tamanho da amostra foi definido a partir dos pressupostos apontados por KVALE (1996) e MINAYO (1992). KVALE (1996) afirma que o número de sujeitos em estudos de natureza qualitativa tende a ser em torno de 15 ± 10. Este número deve-se a uma combinação de tempo e recursos disponíveis para a investigação e ao alcance do ponto de saturação. MINAYO (1992), por sua vez, considera como amostra ideal em pesquisa qualitativa aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões e apresenta alguns critérios básicos para a composição da mesma:

- definição clara do grupo social mais relevante para as entrevistas e para a observação;
- não se esgotar enquanto não delinear o quadro empírico da pesquisa;
- embora desenhada inicialmente como possibilidade, prever um processo de inclusão progressiva encaminhada pelas descobertas do campo e seu confronto com a teoria;
- prever uma triangulação, isto é, em lugar de se restringir a apenas uma fonte de dados, multiplicar as tentativas de abordagem. Triangulação é um termo usado nas abordagens qualitativas para indicar o uso concomitante de várias técnicas de abordagens e de várias modalidades de análise, de vários informantes e pontos de vista de observação, visando à verificação e validação da pesquisa.

Como conseqüência, a amostragem qualitativa:

- privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer;
- considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares, cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta;

- entende que, na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informantes possa ser diversificado para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças;
- esforça-se para que a escolha do *locus* e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa (MINAYO, 1992, p. 102).

3.2.3) Instituição: a seleção dos sujeitos e a coleta-de-dados foi intermediada pelo SOS/Ação-Mulher e Família, uma instituição que oferece um serviço de orientação e apoio a mulheres e casais em situações de violência doméstica e sexual, visando atingir a família como um todo, além de funcionar como um centro de estudos e pesquisas em relações de gênero.

3.2.4) Procedimento para coleta-de-dados: sujeitos em potencial foram contatados e informados a respeito da realização desta pesquisa e de seus objetivos, tendo sido solicitada sua participação com a garantia de proteção e sigilo sobre sua identidade. Nos casos em que houve disponibilidade e aceitação da proposta foi agendado um único encontro para que a coleta-de-dados pudesse ser então efetuada. Inicialmente procedeu-se ao levantamento dos dados biodemográficos (o que também funcionou como "rapport") e logo em seguida, à realização da entrevista semi-dirigida tomando por base um roteiro elaborado previamente. Na seqüência foram aplicados o Questionário de Gênero e o Questionário de Morbidade Psiquiátrica para Adultos,[32] isto logo seguido por um intervalo de descanso. O último passo deste procedimento foi a realização do relaxamento seguido imediatamente pela aplicação da técnica de imaginação ativa, tendo como música de fundo "Celtic Harp," de Patrick Ball. O material coletado nas técnicas de entrevista semi-dirigida e imaginação ativa foi gravado na íntegra com prévio assentimento dos sujeitos.

[32] Constam em anexo: modelo da ficha dos dados biodemográficos (excluindo-se aqueles que poderiam identificar o sujeito); roteiro para entrevista semi-dirigida; questionário de gênero; questionário de morbidade psiquiátrica para adultos (QMPA) e uma breve descrição do relaxamento de Jacobson.

3.2.4.1) Imaginação ativa

Para que o sujeito pudesse estar em condições favoráveis para se submeter à aplicação da técnica de imaginação ativa foi necessário promover nele um estado de relaxamento físico e mental. O método escolhido foi o relaxamento de Jacobson porque: é mundialmente conhecido; garante uma ampla aplicação, inclusive coletivamente; o sujeito não necessita de grau de instrução elevado para sua compreensão e execução.

Para assegurar-se de que a técnica de imaginação ativa tivesse um caráter menos indutivo possível a única consigna proferida, após a realização do relaxamento de Jacobson foi a seguinte:

> "Deixe que todas as memórias que você tem guardadas sobre o Ser feminino (masculino)[33] venham à sua mente neste momento. Observe qual é a primeira imagem que lhe ocorre a partir disso. Concentre-se com toda a atenção nesta imagem e note as mudanças que se sucedem. Procure deixar de lado toda a crítica, apenas observe e relate o ocorrido o mais precisamente possível. Lembre-se de que você pode conversar com a imagem. Conte-me tudo o que estiver acontecendo." Pausa para os relatos do sujeito. "Agora, deixe que todas as memórias guardadas sobre o Ser masculino (feminino) venham à sua mente. Observe qual é a primeira imagem que lhe ocorre. Concentre-se novamente com toda a atenção e note as mudanças que se sucedem na imagem. Observe e relate o ocorrido o mais precisamente possível. Também aqui você pode conversar com a imagem. Conte-me tudo o que estiver acontecendo." Pausa para os relatos do sujeito. "Agora, pense no encontro da imagem que representa o Ser feminino com a imagem que representa o Ser masculino. Conte-me como se dá esse encontro."

Além disso, durante a aplicação da técnica as intervenções realizadas foram somente no sentido de auxiliar o sujeito a trazer para a consciência todo o conteúdo que lhe fosse possível, utilizando-se para esta finalidade de perguntas abertas, reflexão de conteúdo, clarificação e recapitulação.[34] A objetivação dos conteúdos

[33] O que define masculino ou feminino é o sexo do sujeito, ou seja, para sujeitos do sexo masculino foi solicitado inicialmente uma imagem do masculino, e em um segundo momento, uma imagem do feminino, e vice-versa, pois considerou-se que a figura internalizada do sexo oposto invariavelmente está menos acessível à consciência imediata do sujeito que aquela correspondente ao seu próprio sexo.

[34] Veja a descrição destas técnicas no sub-item que se apresenta em seguida referente aos cuidados tomados quanto a não indução na técnica da imaginação ativa (5.2.4.1.1).

manifestados ocorreu na forma de relato verbal, o que, conforme já mencionado, foi simultaneamente gravado e posteriormente transcrito.

3.2.4.1.1) Cuidados tomados quanto a não indução na aplicação da técnica de imaginação ativa

Além da consigna propriamente dita que foi elaborada visando ser o menos indutiva possível, outras questões foram consideradas. Segundo o enfoque fenomenológico a atitude objetiva não é a melhor atitude possível para todas as situações no contexto das ciências humanas. GIORGI (1978) propõe para o contexto da psicologia concebida como uma ciência humana "uma atitude completamente engajada." Com isto o autor pretende dizer que "se falham as tentativas de manter o homem como pesquisador fora da situação, então talvez a solução seja colocá-lo completamente dentro dela" (p. 176).

Dentro desta linha de pensamento ROGERS (1975) afirma que através da adoção do centro de referência da pessoa por meio do uso da técnica de reflexão de conteúdo (emocional e cognitivo), pode-se apreender as vivências do sujeito, tal qual ele estaria percebendo. Assim, o pesquisador funciona como um 'ego substituto,' despindo-se de suas próprias vivências emocionais para se por a serviço do sujeito: reflete suas emoções, temores, inseguranças e ansiedades. Tentando compreender como o sujeito percebe e sentir da maneira como o sujeito sente, aquele responde como que lhe perguntando se sua compreensão está correta. Com isso o pesquisador tenta eliminar o seu próprio julgamento e visa compreender as percepções e comportamentos do sujeito da forma como elas parecem para a própria pessoa. Conforme SCHEEFFER (1980), a adoção do centro de referência interno que cria o clima psicológico não-diretivo consiste numa contínua tentativa de penetrar no psiquismo do sujeito e viver as atitudes expressas por ele, em vez de simplesmente observá-las. FADIMAN & FRAGER (1979) reiteram o acima exposto ao mencionar a prática da compreensão empática (procedimento adotado tendo como via o conhecimento interpessoal ou fenomenológico), que implica na penetração no mundo subjetivo / particular do outro para verificar se a compreensão da

opinião dele é correta - não apenas se é objetivamente correta, mas se é correta no sentido de compreender a experiência tal como ele a experiencia.

Além da reflexão de conteúdo emocional-cognitivo, técnicas de clarificação, recapitulação e perguntas abertas (sempre que possível) foram cuidados tomados no sentido de se manter afastado o viés provocado pela subjetividade do pesquisador. Através da clarificação de vivências o pesquisador responde aos verdadeiros conteúdos expressos pelo sujeito, porém os apresenta de maneira mais clara e mais facilmente compreensível. Segundo FIORINI (1987), as intervenções do tipo clarificação visam reformular o relato do sujeito, de modo que certos conteúdos e relações do mesmo adquiram maior relevo; além disso pretende-se desembaraçar o relato emaranhado do sujeito a fim de recortar os elementos significativos do mesmo. Freqüentemente a clarificação vem por meio de uma reformulação sintética do relato. Como um corolário disso, acaba-se 'ensinando' ao sujeito um modo de perceber a própria experiência: este aprende a observar seletivamente, a percorrer a massa dos acontecimentos e de suas vivências e a fixar pontos marcantes, incorporando assim um método que faz chegar à auto-compreensão pela discriminação.

Intervenções por meio de perguntas visam a obtenção de dados precisos, ampliações e aclarações do relato, explorando em detalhe as respostas do sujeito. Interrogar é um dos recursos mais essencias ao longo da coleta-de-dados. Perguntar é continuamente consultar a consciência do sujeito; é também sondar as limitações e distorções dessa consciência; é, ainda, transmitir um estilo interrogativo, um modo de se colocar frente aos fenômenos humanos com atitude investigadora e não onipotente. Ao pedir detalhes precisos sobre cada situação está implícito nisto uma atitude não esquemática, que não sofre a tentação de generalizações fáceis. Cada um dos detalhes fornecerá elementos para enriquecer as hipóteses do trabalho de forma que uma situação possa ser vista em seus complexos e variados matizes. É também uma maneira de indagar sobre a perspectiva em que o sujeito coloca a situação; cada resposta às perguntas do pesquisador contém dados reveladores de sua mundovisão pessoal, singular da situação (FIORINI, 1987).

Especificamente, perguntas abertas objetivam o não-direcionamento do sujeito, ao mesmo tempo que se lhe é aberto todo um campo onde ele possa se expressar, e configurar este campo segundo suas próprias idiossincrasias. LÜDKE & ANDRÉ (1986) afirmam que perguntas que antecipem e forcem a resposta do informante, sem deixar margem de liberdade de resposta, a não ser a própria confirmação contaminam os dados e comprometem todo o resultado da pesquisa.

A recapitulação, outra intervenção utilizada, consiste em resumir pontos essenciais surgidos no processo exploratório da investigação. Tal como as clarificações, estas intervenções estimulam o desenvolvimento de uma capacidade de síntese. Sempre que não sofra distorções, esta atividade de síntese é fundamental no manejo do processo exploratório a fim de produzir recortes e fechamentos provisórios. Sem se firmar em contínuas sínteses provisórias, o processo de imaginação e pensamento não avança. SARTRE* mostrou que a dialética do conhecimento opera por meio de um movimento contínuo de totalização-destotalização-retotalizações, movimentos através dos quais se visa uma auto-definição sintética progressiva.

Por outro lado, SCHEEFFER (1980) aponta duas maneiras do pesquisador controlar a projeção de suas atitudes, bem como a interferência das mesmas no processo de coleta dos dados:

a) Conhecer, com precisão, a natureza da técnica que usa e as atitudes que (através da aplicação dessa técnica) ele objetivará na sua relação com o sujeito.

b) Compreender qual o clima psicológico que a técnica determina.

O uso da imaginação ativa à luz das questões acima, requer uma atenção especial não só pelo relaxamento que precede a técnica, que causa uma diminuição da consciência de vigília e, portanto, induz a um estado alterado de consciência, mas pelo fato de se estar trabalhando com a imaginação, terreno arenoso que requer grande habilidade no manejo. Assim, através do relaxamento atinge-se um clima de natureza hipnagógica, um estado entre a vigília e o sono, onde não se perde, contudo, a

* SARTRE, J.P. *apud* SCHEEFFER, R. - **Aconselhamento psicológico.** 7. ed. São Paulo, Editora Atlas, 1980. 190 p.

consciência, o sujeito sendo capaz de vivenciar intensamente seus acontecimentos imaginativos, sendo possível dialogar com ele inclusive.

Desta forma, o uso da técnica de imaginação ativa reflete na relação entre o pesquisador e o sujeito criando uma maior aproximação entre ambos, que já vinha sendo trabalhada no "raport" e na entrevista. O pesquisador também participa da experiência do sujeito, mas sem perder de vista que ele também é um observador e um facilitador.[35]

Como facilitador, o pesquisador se esforça por ajudar o sujeito a explorar conteúdos e trazer para a luz da consciência o mais amplo corpo de material possível, de forma que o sujeito de fato vivencie sua experiência imaginativa, fato que atribui um caráter de autenticidade à experiência. Por isso, apesar deste não ser o objetivo imediato, a experiência acaba sendo também terapêutica. Quem se submete à aplicação da técnica, invariavelmente termina sua incursão imaginativa muito tocado emocionalmente, quer por haver se adentrado no "setting" do numinoso,[36] quer por haver se confrontado com figuras e pontos nevrálgicos do seu psiquismo. É também freqüente a sensação de integração de aspectos do eu, com mais clareza sobre quem se é realmente.

3.2.5) Pesquisa-piloto: O procedimento acima descrito foi submetido a uma pesquisa-piloto, para efeito de testagem e verificação de como estes instrumentos funcionavam na prática dentro do nosso universo de pesquisa.

---

[35] Segundo LÜDKE & ANDRÉ (1986) o pesquisador dever exercer o papel subjetivo de participante e o papel objetivo de observador, estando com isto mais instrumentalizado para compreender o significado manifesto e o latente dos comportamentos dos indivíduos, ao mesmo tempo que procura manter sua visão objetiva do fenômeno, colocando-se numa posição ímpar para explicar o comportamento humano.

[36] A experiência do numinoso, misteriosa e enigmática, é profundamente impressionante e independe da vontade do sujeito. Consiste num confronto com uma força que encerra um significado ainda não revelado, profético e fatídico, de natureza transcendental. A numinosidade é um aspecto de uma imagem de Deus supra-ordenada, seja pessoal ou coletiva (SAMUELS *et al.*, 1988).

3.2.6) As hipóteses de trabalho

Segundo MINAYO (1992) na abordagem qualitativa, as hipóteses perdem a sua dinâmica formal comprobatória para servir de caminho e de baliza no confronto com a realidade empírica, razão pela qual são também chamadas de pressupostos, a fim de subtrair-se às conotações formais que o termo hipótese possui para a pesquisa quantitativa. A autora define hipóteses como "afirmações provisórias a respeito de determinado fenômeno em estudo." E acrescenta:

> "São afirmações para serem testadas empiricamente e depois confirmadas ou rejeitadas. Uma hipótese científica deriva de um sistema teórico e dos resultados de estudos anteriores, e, portanto fazem parte ou são deduzidas das teorias, mas também podem surgir da observação e da experiência nesse jogo sempre impreciso e inacabado que relaciona teoria e prática" (MINAYO, 1992, p. 95).

A seguir estar-se-á relacionando as hipóteses que serviram de base a esta pesquisa, fundamentando-as através de pressuposições teóricas e de observações oriundas da experiência prática (o cotidiano do 'mundo-vivido' dos sujeitos), sendo isto seguido das teses que se pretende demonstrar.

1ª Hipótese: As identidades masculina e feminina são formadas a partir de uma essência básica - as expressões simbólicas arquetípicas - que, enquanto herança coletiva, antecedem e constituem o arcabouço em que se imprimem e se fixam os padrões culturais para ambos os gêneros.

Esta hipótese fundamenta-se nos pressupostos sobre a *anima* (JUNG, 1981) e *animus* (JUNG *et al.*, 1969), às páginas 71-80 deste estudo; no conceito de arquétipo (JUNG, 1989), às páginas 69-70; nos pressupostos concernentes às polaridades psíquicas do masculino e feminino vistas como um reflexo do próprio macrocosmo em suas polaridades sol e lua (CAVALCANTI, 1987; NEUMANN, 1995), às páginas 80-82.

Em tais pressupostos ficou demonstrado que as expressões simbólicas arquetípicas para o masculino e o feminino constituem a essência da natureza do homem e da mulher, sendo portanto um receptáculo proveniente da herança ancestral da

humanidade, cujo formato, tamanho e padronagem de matizes precedem as impressões posteriores advindas da cultura e da história individual. A natureza da mulher, veículo por excelência do feminino, não é portanto manifestada pela submissão e passividade, atributos que através dos séculos foram tidos como essencialmente femininos. O acolhimento espontâneo e a espera paciente são expressões genuínas de qualquer processo criativo.

2ª Hipótese: A somatória da herança coletiva, juntamente com as experiências da história individual e os padrões culturais são os elementos que compõem estruturalmente as identidades masculina e feminina.

As asserções teóricas que fundamentam esta hipótese estão no conceito de inconsciente pessoal e inconsciente coletivo (JUNG, 1989; JUNG *et al.*, 1969), às páginas 70-1 deste estudo; e na dimensão cultural dos papéis sexuais (MEAD, 1971; TUCKER & MONEY, 1981; STOLLER,1982; STOLCKE,1991), às páginas 45-8.

Desta forma, as identidades masculina e feminina são consideradas resultantes de um precipitado desses três elementos, cujo matiz absolutamente singular em cada homem e em cada mulher viventes constitui a marca de sua individualidade, e possibilita a recriação do papel tradicional subtraindo-se à unilateralidade dos padrões estereotipados, expressões sociais a que muitas vezes se reduzem à manifestação do masculino e do feminino. Portanto, o conhecimento interno e a noção de si mesmo no que diz respeito à experiência de gênero passa por estas três fontes de influência.

3ª Hipótese: Os mandatos de gênero são a via através da qual são impingidos unilateralmente os padrões culturais para o masculino e o feminino.

As asserções que fundamentam esta hipótese são admonições oriundas da experiência - o mundo-vivido dos sujeitos - às páginas 65-6 deste estudo; o conceito de mandato (BRAGHINI, 1995), à página 67; a questão do aprendizado dos papéis sexuais (CAVALCANTI, 1987), à página 67.

Os mandatos de gênero estão a serviço da manutenção e perpetuação dos padrões culturais. A unilateralidade e a rigidez com que são impingidos resulta numa

forma patogênica de exercer o masculino e o feminino criando estereotipias, pois não há espaço para outras manifestações, nem tão pouco a recriação do papel tradicional. Tal fato impede ao indivíduo o conhecimento mais profundo de sua identidade de gênero, visto que são padrões artificiais externos ao eu, mas que lhe fornecem uma identidade fácil e imediata quanto a ser homem ou mulher, sendo por isso, rapidamente introjetados. A descida dentro de si, então, torna-se vazia e inócua. Por outro lado, os padrões culturais são necessários até por se tratarem de uma referência. Segundo TUCKER & MONEY (1981) se os estereótipos forem demasiado rígidos, a sociedade impede o desenvolvimento de seus membros e instala-se a estagnação. Se, ao contrário, forem amorfos demais, a sociedade não consegue prover aos seus membros os meios necessários para a cooperação e se desintegra em pouco tempo. Assim, a tendência dos estereótipos culturais de resistir à mudança é essencial para a manutenção da sociedade, mas a flexibilidade é fundamental para manter a saúde, tanto da sociedade, quanto de seus membros.

3.2.7) Procedimento de análise

3.2.7.1) Entrevista semi-dirigida: os dados obtidos através desta técnica serão interpretados tomando por base o método fenomenológico utilizando-se da proposta metodológica de GIORGI (1988) cujo enfoque é voltado para a psicologia fenomenológica.

Este método delineia-se em quatro passos sucessivos:

1) Sentido do todo: implica em uma leitura completa do texto e habilidade do pesquisador para entender a linguagem do narrador, a fim de que se possa obter uma boa compreensão do todo.
2) Discriminação das unidades significativas dentro de uma perspectiva psicológica e com enfoque no fenômeno que está sendo pesquisado: desde que o texto em seu conjunto não pode ser analisado simultaneamente, é necessário 'quebrá-lo' em unidades manejáveis. A leitura, que passa a ser feita com um critério psicológico em mente, revela as unidades significativas que emergem em conseqüência da análise, as

quais são discriminações espontaneamente percebidas a partir da descrição do sujeito. Tais unidades são diretamente notadas na descrição sempre que o pesquisador, ao reler o texto, capta uma mudança de sentido na situação do sujeito. GIORGI (1988) compreende as unidades significativas como constituintes, isto é, como partes determinadas de um contexto e cujo sentido está em função deste contexto.

3) Transformações das expressões coloquiais do sujeito em linguagem psicológica com ênfase no fenômeno que está sendo investigado: aqui o pesquisador tenta apreender de todas unidades significativas um "insight" psicológico de forma mais direta, especialmente daquelas relacionadas ao fenômeno em questão, utilizando-se para isto do próprio referencial teórico (no caso desta pesquisa, a psicologia analítica). Indubitavelmente há uma tensão entre o específico da situação concreta e categorias psicológicas mais gerais evocadas pela descrição. A intenção do método, contudo, é chegar a categorias gerais - deter-se aos fatos centrais - indo através de expressões concretas e não por abstração ou formalização.

4) Síntese da unidade significativa transformada em um consistente parecer do assunto em questão: finalmente os "insights" contidos nas unidades significativas são sintetizados e integrados em uma descrição consistente da estrutura psicológica do evento. Nesta síntese todas as unidades significativas transformadas devem ser levadas em consideração, de forma que seu conteúdo esteja pelo menos implicitamente contido na descrição geral.

3.2.7.2) Imaginação ativa: a análise dos dados obtidos através da referida técnica foi realizada com base nos subsídios de uma hermenêutica, visando em última instância o reconhecimento de expressões simbólicas arquetípicas, referentes a imagens do psiquismo masculino e feminino. Nesse sentido a técnica de amplificação, criada por Jung, adequa-se perfeitamente, pois aumenta a base sobre a qual repousa a construção de uma interpretação, fazendo uma conexão do conteúdo em questão com imagens universais, ampliando e explicitando aquilo que é revelado pelo inconsciente do sujeito. SAMUELS *et al.* (1988) explicam que a amplificação envolve o uso de paralelismos

míticos, históricos e culturais a fim de esclarecer e ampliar o conteúdo metafórico dos símbolos. TARDAN-MASQUELIER (1994) corrobora o acima exposto ao afirmar que a imaginação ativa amplifica e permite associações. O método de associação, pela amplidão das camadas de sentidos que encontra e explora, desemboca necessariamente no universal: tudo acontece como se potencialidades infraconscientes se encontrassem ativadas por uma experiência, uma palavra, uma emoção e entrassem em ressonância com esse acontecimento pessoal, de maneira espontânea, para criar encadeamentos de símbolos. Mas a língua falada por esses símbolos é coletiva; ela é partilhada pelos seres humanos de gerações precedentes e pelos contemporâneos.

4 - RESULTADOS

4.1) Perfil dos sujeitos

A amostra constituída por 12 homens e 12 mulheres adultos residentes em Campinas e região, tendo como critérios de seleção idade acima de 21 anos e um satisfatório contato com a realidade é intencionalmente diversificada para as categorias de classe social, nível de escolaridade, nível sócio-econômico, faixa etária, estado civil, presença ou não de filhos, raça, religião, considerando que teoricamente a manifestação de expressões simbólicas arquetípicas independeria destes critérios. Desta forma, o grupo de mulheres ficou assim caracterizado:

- Faixa etária entre 30 e 53 anos;
- nível de escolaridade do 1° Grau Incompleto (2) até Pós-Graduação (1); ao longo deste *continuum,* três delas têm o nível Superior Completo e uma, Incompleto; três têm o 2° Grau Completo e uma Incompleto; uma tem o 1° Grau Completo.
- duas delas se originam do interior do Estado de Minas Gerais, uma de São Paulo (Capital), enquanto as demais provêem do interior do Estado de São Paulo, incluindo Campinas;
- quatro mulheres vivem em sistema de união estável, sendo que apenas três são casadas judicialmente; três não têm um parceiro no momento, muito embora já tivessem sido casadas ou constituído união estável no passado; duas apesar de ter um parceiro não vivem em sistema de coabitação;
- quanto à profissão há uma bibliotecária, duas assistentes sociais, três comerciantes (trabalham com microempresa), duas manicures, uma dona-de-casa, uma professora, uma empregada doméstica, uma auxiliar administrativa; dez trabalham no momento, enquanto uma está afastada por problemas de saúde e outra aposentada;
- a renda mensal do grupo se estende entre 1,47 e 22,05 salários mínimos[37] ; uma delas é dona-de-casa e não possui nenhuma fonte de renda;
- sobre credo religioso, uma declarou não professar qualquer religião, enquanto três se declararam católicas; outras três afirmaram ter formação católica, entretanto, admitiram praticar outro tipo de credo religioso tal como o esoterismo/ecumenismo e a seicho-no-iê. Duas simplesmente assumiram que pertencem à categoria bastante

[37] Valor do salário mínimo vigente no ano de 1999: R$ 136,00 (cento e trinta e seis reais).

comum: católica não praticante. Uma delas se diz espírita, outra cristã, especificando que freqüenta a Igreja Universal do Reino de Deus, enquanto uma terceira se diz freqüentar a Igreja Messiânica;

- todas pertencem à raça branca;
- das doze mulheres, onze têm filhos e somente uma não tem.

O grupo de homens ficou assim constituído:

- Faixa etária entre 23 e 44 anos;
- Em sua origem, um deles provém do interior do Estado do Paraná, um do interior do Estado da Paraíba, um do Espírito Santo, dois de São Paulo (Capital) e sete do interior do Estado de São Paulo (incluindo Campinas);
- Há cinco casados, dos quais três são separados-de-fato; dos três solteiros, um vive em sistema de união estável e outro passou por esta experiência no passado; dois são divorciados e dois separados judicialmente (um vive em sistema de união estável). No momento, oito deles não vivem em sistema de coabitação.
- Quanto ao nível de escolaridade, dois estão cursando Pós-Graduação, cinco têm o nível Superior Completo, dois o Superior Incompleto, um tem o 2° Grau Completo e dois o 1° Grau Completo.
- Quanto à profissão, há um mecânico de manutenção, um psicólogo, um aeronauta, um auxiliar de enfermagem, um gerenciador de informática, dois médicos/ psicoterapeutas; dois professores universitários, um serralheiro, um comerciante, um publicitário. Deste grupo, nove trabalham no momento, sendo que dois estão desempregados e um está afastado por problemas de saúde.
- A renda mensal oscila entre 7,35 e 88,23 salários mínimos, sendo que dois estão desempregados.
- Sobre credo religioso, quatro deles declararam não professar qualquer religião específica; um afirmou ser budista, outro espírita, e um terceiro afirmou freqüentar a Igreja Evangélica (Batista). Cinco declararam ter o catolicismo como formação, todavia enquanto um deles afirmou ser também cristão (Igreja Assembléia de Deus),

outro disse freqüentar a seicho-no-iê e um terceiro declarou ser católico não praticante.

- Onze pertencem à raça branca e um à raça negra.
- Quanto à presença de filhos, oito deles têm filhos, sendo que quatro não os possuem.

Os resultados do QMPA (Questionário de Morbidade Psiquiátrica para Adultos) para detecção do grau de saúde mental dos sujeitos indicaram escores mais baixos (isto é, um índice de saúde mental mais elevado) entre os homens do que entre as mulheres, muito embora todos tenham apresentado resultados na faixa entre zero e seis, isto é, foram considerados "não suspeitos" quanto a um possível diagnóstico de doença mental. Apesar de que em ambos os grupos tivesse havido sujeitos nos dois extremos, isto é, um ou dois casos que apresentaram escore 0 (zero) ou 6 (seis), de uma maneira geral, os resultados entre as mulheres tenderam a se concentrar na faixa entre quatro e seis (oito delas se situaram neste intervalo), ao passo que entre os homens esta relação se inverteu, oito dos sujeitos apresentando escores na faixa entre um e três. Tais resultados, a princípio, indicam que os homens desta amostra possuem um nível de saúde mental mais elevado do que as mulheres. Todavia, há que se considerar o aspecto apontado por EMMA JUNG (1991) de que os homens de uma maneira geral apresentam uma tendência à racionalização e de negar tudo o que não lhes parece razoável, enquanto estatisticamente as mulheres são as que mais procuram pelos serviços de psicoterapia por admitirem seus conflitos emocionais e pedirem ajuda mais facilmente.

4.2) Imaginação ativa

4.2.1) Casos de mulheres

Caso nº 1: Cibele

1) Figura feminina

Tendo sido enunciada a consigna referente à figura feminina, solicita-se ao sujeito que relate o mais amplamente possível o que está se passando em sua imaginação:

Lucélia: ...Diga-me: como é esta imagem... onde ela está? O que está acontecendo com ela?

Cibele: Uma mulher...

Lucélia: Uma mulher?

Cibele: Isso! Uma mulher magra... com um vestido rosa... ao vento! Correndo... como se estivesse flutuando num bosque...

Lucélia: Ela está num bosque?

Cibele: Isso! Um lugar muito bonito com raios de sol! E ela está assim... andando como se estivesse flutuando! É... prá frente... e seu vestido é assim... tem panos ao vento! Ela brilha... como se ela fosse assim... uma fada!

Lucélia: Como se fosse uma fada?

Cibele: Isso! Leve!

Lucélia: Muito leve?

Cibele: E... flores! Flores no cabelo! ... Ela é muito bonita!

Lucélia: Ela é muito bonita?

Cibele: Isso! E serena!

Lucélia: E serena também?

Cibele: Isso!

Lucélia: E ela está correndo por esse bosque?

Cibele: Isso! E os bichinhos, junto dela!

Lucélia: Que bichos são esses?

Cibele: Cervos... coelhos... guaximins... é... borboletas... passarinhos coloridos!

Lucélia: Hum hum... todos coloridos!

Cibele: Isso!

Lucélia: Você disse que ela corre. Ela vai ao encontro de alguma coisa, de alguma pessoa? Ou ela corre simplesmente por correr?

Cibele: Ela vai ao encontro da liberdade!

Lucélia: Da liberdade...

Cibele: Isso!

Lucélia: Ela busca a liberdade! Ela gosta da liberdade, é isso?

Cibele: Isso!

Lucélia: Como ela se sente?

Cibele: É... feliz! E... crescendo!

Lucélia: Crescendo? Ela se sente crescendo! E você? Onde você está ali?

Cibele: Eu? Observando!

Lucélia: Observando! Você se aproxima dela? Tenta falar com ela? Você pode conversar com ela se quiser.

Cibele: Eu tenho vontade de tocá-la!

Lucélia: Tocá-la! Hum hum... e você faz isso?

Cibele: Faço!

Lucélia: E como é a sensação?

Cibele: É... de serenidade! Ela é macia, gostosa. É gostosa a sensação!

Lucélia: Serenidade... É sensação prazerosa? É isso?

Cibele: Isso!

Lucélia: Você toca a roupa dela ou a pele dela?

Cibele: A pele, e depois a roupa. O rosto... depois descendo...

Lucélia: É quase como um reconhecimento?

Cibele: Isso! Detalhes!

Lucélia: Detalhes! Hum hum... Começa pelo rosto, e vai descendo, descendo... o que mais acontece?

Cibele: Ela quer continuar a caminhada dela!

Lucélia: Vocês então não se falam? Não há comunicação verbal?

Cibele: Não!

Lucélia: Só tátil?

Cibele: É! Ela empurra e vai embora!

Lucélia: Ela te empurra?

Cibele: É! Ela quer seguir o caminho dela!

Lucélia: Ah! Ela quer mais é seguir o caminho dela?

Cibele: É!

Lucélia: Vocês se olham?

Cibele: Ela dá uma olhada, sim, prá mim... (Riso) E vai embora! Não dá muita importância prá mim!

Lucélia: Não te dá muita importância?

Cibele: Não!

Lucélia: E como você se sente?

Cibele: Caída no chão! (Riso)

Lucélia: Caída no chão? Ela chega a te derrubar?

Cibele: É! Eu sinto assim... vontade de ir atrás... mas... ela tem que seguir o caminho dela!

Lucélia: Você ainda tem vontade de ir atrás, mas sabe que ela tem que seguir o caminho dela.

Cibele: Isso!

Lucélia: Ah! Entendi! E ela vai correndo em busca da liberdade dela, é assim?

Cibele: Isso!

Lucélia: ...Por este bosque, seguida de animais, pássaros! E você a vê se distanciando, correndo, indo embora?

Cibele: Vejo!

Lucélia: Ela carrega alguma coisa consigo? Tem alguma coisa nas mãos?

Cibele: Não! (Pausa) Tem! É... uma chave!

Lucélia: Uma chave? Chave de onde? O que essa chave abre?

Cibele: Da porta... A porta da liberdade!

Lucélia: Ah! A porta da liberdade!

Cibele: Eu vejo a porta, e ela indo em direção à porta!

Lucélia: Ah! E você consegue visualizar, inclusive, ela indo na direção da porta?

Cibele: Isso!

Lucélia: Hum...

Cibele: Só que aí vêm bruxas! E tentam agarrá-la! E ela luta com essas bruxas e... consegue pôr a chave na porta. Só que ela não está tão bonita! Ela está um pouco machucada pela luta que ela teve com as bruxas. Mas ela conseguiu abrir a porta, e entrou! As bruxas ficaram do lado de fora, e os bichinhos também. Ela fechou e... e está se sentindo só!

Lucélia: Está se sentindo só?

Cibele: É! Tem uma luz dourada muito forte como se ela estivesse muito próxima do sol! Mas ela está se sentindo só!

Lucélia: Ela só vislumbra essa luz dourada?

Cibele: É! Agora ela está dançando aí! Rodando! Bailando!

Lucélia: Dançando, rodando, bailando...

Cibele: E a luz continua forte! E ela se torna assim...: toda dourada!

Lucélia: Ela fica dourada?

Cibele: É! Ela absorve essa luz!

Lucélia: Hum hum... Ela absorve a luz...

Cibele: Isso! (Pausa) Cria asas!

Lucélia: Cria asas! Ela fica dourada, absorve a luz e cria asas!

Cibele: E voa...

Lucélia: E voa! O que você sente vendo tudo isso acontecer?

Cibele: Eu queria estar junto dela!

Lucélia: Queria estar junto?

Cibele: É! Não observando!

Lucélia: Você pode estar junto, se quiser. A imaginação é sua! Pode interferir quando e como quiser.

Cibele: Aonde eu estou é escuro!

Lucélia: Ah! É escuro! Não tem aquela luz fulgurante?

Cibele: Não! Mas eu vou correr! E no decorrer do caminho... vai clareando!

Lucélia: Você já está correndo?

Cibele: Eu estou andando! Eu me sinto pesada! E de quatro!

Lucélia: Está difícil?

Cibele: Está! Estou levantando... estou andando de pé... e agora, estou correndo! Meus trapos estão caindo pelo caminho... Eu estou nua! As bruxas estão lá na porta, mas eu as empurro com violência, e abro a porta. Agora eu estou nessa luz dourada, forte, e eu estou me sentindo envergonhada de estar nua. Eu estou com as minhas partes genitais... (inaudível) De repente vem um vestido vermelho!

Lucélia: "Estou com um vestido vermelho!"[38]

Cibele: É! Estou me sentindo muito bonita! Estou muito feliz!

Lucélia: "Estou me sentindo feliz e bonita!"

Cibele: Ela pode voar! Ela está no ar... e eu não!

Lucélia: Você ainda não tem asas?

Cibele: Não! Ela me dá um par de asas, só que, pequenas! São pequenas, e eu não consigo levantar vôo. Mas estão crescendo, naturalmente. Se tornam grandes! E não sou eu que levo as asas... De tão grandes, são as asas que me levam!

Lucélia: São as asas que te levam... de tão grandes que elas estão...

Cibele: É! Agora estamos... as duas... no ar!

Lucélia: As duas no ar?

Cibele: Aí, vem um pássaro preto! Um gavião! Começa a bicar nas minhas asas! Eu caio... Ela vem e me ajuda, me põe de pé. Ela diz que eu sou um ser terrestre! Não é prá eu ficar no ar, e sim na terra!

Lucélia: Ela lhe diz isso?

Cibele: Diz! Esse gavião vai embora! E ela continua perto, dançando perto de mim!

Lucélia: E como você se sente com esse desfecho? O que lhe parece essa fala dela?

Cibele: Que ela tem o lugar dela!

Lucélia: Hum...

Cibele: ...a liberdade tem o lugar dela!

Lucélia: "A liberdade tem o lugar dela!"

Cibele: E eu posso estar com ela às vezes, mas não sou ela!

Lucélia: "Eu não sou ela!"?

---

[38] Sempre que se utiliza a técnica 'reflexo,' em que a fala do sujeito é repetida, muitas vezes na primeira pessoa, isto vem acompanhado de aspas duplas.

Cibele: Isso!

Lucélia: "Mas compartilho com ela alguns momentos?"

Cibele: Isso!

Lucélia: E você fica...

Cibele: Um pouco chateada... mas... estou ciente que ela volta! Se eu chamar ela vem...

Lucélia: Ah! Você sabe dessa possibilidade? Que você pode chamar, que ela vem?

Cibele: Isso!

Lucélia: Ela está sempre por perto! É isto?

Cibele: Isso!

Lucélia: Hum hum... Está bom! É isso? Terminou?

Cibele: É! Fica... no dourado!

Lucélia: No dourado! Sem asas ou com asas?

Cibele: Sem asas!

Lucélia: Sem asas! Então está bem! Eu gostaria que a partir deste momento, você fosse se despedindo desta imagem, desta mulher alada! E daquela Cibele que está lá no dourado, que vai continuar no dourado. Que você fosse lentamente fechando esta janela da sua imaginação...

1.1) Amplificação e interpretação

Antes de mais nada, o sujeito, em uma profunda e longa incursão pelo mundo avernal produziu imagens de grande beleza plástica carregadas de detalhes e riqueza de motivos, além do que o acesso é facilitado por uma comunicação livre e fluente com os conteúdos do inconsciente (coletivo). Este fato acrescido do clima de encantamento e magia que atribuem um caráter numinoso à experiência, sugerem um contato direto com expressões simbólicas arquetípicas. O nível do material coletado neste caso demonstra profunda sensibilidade, sagacidade e percepção de si, além de um destacado compromisso com o crescimento psicológico.

Para Cibele, a figura feminina é uma 'mulher-fada' correndo num bosque banhado por raios de sol, seguida por animais silvestres, pássaros e borboletas. Uma mulher magra, muito bonita, tão etérea e translúcida que parece flutuar ao vento. Seu vestido rosa farfalhando sugere ainda mais uma sensação de leveza e liberdade; seu

brilho natural indica tratar-se de um Ser supra-terrenal, pleno de felicidade interior e engajado num movimento de crescimento.

Quase como que para reconhecer e absorver um pouco da magia e do encantamento desta mulher tão especial Cibele a toca e experimenta a sensação de maciez e suavidade de suas roupas, sua pele, seu rosto e segue em movimento descendente à procura de detalhes. Tal atividade exploratória é acompanhada por sentimentos de serenidade e prazer. A mulher-fada, contudo, parece não dar muita importância para Cibele e a empurra, obstinada em seguir seu caminho. Apesar de ter sido derrubada, Cibele não parece se ressentir, pois sabe da imperiosidade do que a 'fada' tem a fazer.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) a fada, mestra da magia, simboliza os poderes paranormais do espírito ou as capacidades mágicas da imaginação. Ela opera as mais extraordinárias transformações e, num instante, satisfaz ou decepciona os mais ambiciosos desejos, desta forma representando a capacidade de se construir na imaginação, os projetos que o ser humano não pode realizar no mundo real. De início, a fada, personagem que se confunde com a mulher, é uma das mensageiras do "Outro-Mundo," viajando muitas vezes sob a forma de um pássaro, preferentemente a do cisne.

Nos processos de evolução psíquica, que envolvem a adaptação ao real e a aceitação de si mesmo, costuma-se recorrer às fadas e às suas operações mágicas na medida em que não se romperam os laços das ambições desmedidas, ou como uma tentativa de compensação para as aspirações frustradas. A vara de condão e o anel são as insígnias do poder das fadas. Elas estreitam ou desfazem os "nós" do psiquismo (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Neste caso específico, a fada de Cibele porta uma chave, "a chave da liberdade." E ela corre em busca da liberdade, acompanhada pelos animais já mencionados. Vale salientar que o tema da liberdade é por si, um tema arquetípico.

Contudo, antes que consiga abrir a porta a 'mulher-fada' precisa lutar contra as bruxas, que representam o lado sombrio, as forças negativas que ameaçam a sua trajetória rumo ao "self" e ao processo de individuação, simbolicamente representados

pela luz. Ao mesmo tempo pode-se traçar um paralelo entre a fada e as bruxas, como o elemento protetor versus o elemento perseguidor do ego para Cibele, os quais se encontram em relação de oposição. Assim, enquanto sobre a imagem da fada ela projeta todos os conteúdos positivos e facilitadores do crescimento e que expressam seus esforços na caminhada rumo ao "self," na imagem das bruxas são projetados todas as tendências obscuras e maléficas do inconsciente, que a mantêm presa às forças viscosas do mundo ctoniano e à baixa vibração das energias telúricas. A teoria de Melanie Klein em seu enfoque sobre o conflito entre o instinto de vida e o instinto de morte ocorrido nas fases primevas do desenvolvimento infantil, onde a criança é exposta à ansiedade provocada pela polaridade inata destes instintos, oferece uma leitura condizente com o que se passa agora em uma escala mais refinada. SEGAL (1975) em sua introdução à obra da autora citada, afirma que bastante cedo, a criança tem uma relação com dois objetos, visto que o objeto primário, o seio, é, nesse estágio, dividido em dois: o seio ideal e o seio persecutório. A fantasia do objeto ideal funde-se com as experiências gratificantes de amor e alimentação recebidos da mãe externa real e é confirmada por essas experiências, ao passo que a fantasia de perseguição funde-se de modo semelhante com experiências reais de privação e sofrimento que são atribuídas pelo bebê a objetos perseguidores. O objetivo do bebê é tentar adquirir, manter dentro de si e identificar-se com o objeto ideal, que ela vê como algo que lhe dá vida e como algo protetor (a mulher-fada de Cibele), bem como manter fora o objeto mau e aquelas partes do eu que contêm o instinto de morte (que neste caso encontram-se representadas pelas bruxas).

JUNG (1985) chamou o "self" de arquétipo central, arquétipo da ordem e "totalidade" da personalidade, constituída pela complementação mútua do consciente e inconsciente. O significado de totalidade é "tornar sagrado ou curar." A descida à profundidade trará a cura. É o caminho para o encontro pleno, para o tesouro que a humanidade sempre buscou com sofrimento e que se esconde num lugar guardado por um perigo terrível (as bruxas de Cibele). É o lugar da inconsciência primordial, e ao mesmo tempo de cura e redenção, pois contém "a jóia da inteireza."

Lembrando que a porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a

pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico, pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além. A passagem à qual ela convida é, na maioria das vezes, na acepção simbólica, do domínio profano ao domínio sagrado. Assim são os portais das catedrais, os "torana" hindus, as portas dos templos ou das cidades "khmers," os "torii" japoneses. As portas dos templos são muitas vezes guarnecidas de guardiães ferozes (animais fabulosos, "dvarapala" nos templos da Ásia e até nas mandalas tântricas, guardas armados nas lojas das sociedades secretas; neste caso as bruxas de Cibele também poderiam ter o sentido de guardiãs). Trata-se ao mesmo tempo de proibir a entrada no recinto sagrado de forças impuras, maléficas, e de proteger o acesso dos aspirantes que são dele dignos. É para estes a entrada "na cidade pelas portas" (Apocalipse, **22,** 14); para os outros, a rejeição nas "trevas exteriores." O simbolismo dos guardiães está claramente ligado à iniciação (entrada), que pode ser interpretada como a travessia da porta. Jano, deus latino da iniciação aos mistérios, detinha as chaves das portas solsticiais, isto é, das fases ascendente e descendente do ciclo anual. Trata-se respectivamente da porta dos deuses e da porta dos homens (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Quando consegue entrar, a mulher-fada deixa do lado de fora não só as bruxas, como também os animais, seus amigos e companheiros de jornada. Ela sente-se então muito só. A solidão parece ser uma circunstância inevitável de quem está trilhando o processo de individuação. Lá dentro, contudo, existe uma intensa luz dourada que provém do sol. A mulher-fada, como num ritual, dança sob esta luz para celebrar a liberdade e a vida, até que se torna impregnada deste dourado fulgurante. CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) asseveram que através da dança o ser clama pela identificação com o imperecível, e busca uma libertação no êxtase.

Por outro lado, CAVALCANTI (1987) afirma que o sol, com sua claridade e luz brilhante, estabelece a relação perfeita com o princípio masculino, o "Logos," a razão. Todas as manhãs ele traz um novo dia e desperta os seres vivos da noite da inconsciência para a vida consciente; é o contato claro com o real que pressupõe limites e obrigações.

A 'mulher-fada' ao absorver esta luz, cria asas e voa chegando à realização da sua finalidade última: o encontro e a experiência plena da liberdade. Isto sugere que a luz do sol, que fertilizou-a e tornou possível a transformação e a metamorfose, acrescentou o elemento que faltava, a energia "Yang," masculina, que, somada à sua energia "Yin," lhe possibitou alcançar a inteireza, e assim poder voar em uma renovadora (terapêutica) experiência de superação dos limites humanos e de repúdio ao apelo viscoso das forças telúricas, e buscar enfim, a direção do céu (simbolicamente representando o espírito/"self").

Lembre-se que na alquimia o objetivo final é a transformação dos metais em ouro (o dourado do sol de Cibele), isto é, do impuro e imperfeito ao mais puro, nobre e incorruptível. O ouro, por sua vez, equivale ao "self."

Segundo CIRLOT (1984), genericamente as asas simbolizam espiritualidade, poder de sublimação, imaginação, pensamento e inteligência. Dada a interpretação das asas no sentido de poder de movimento, deduz-se da união deste sentido com o anterior, que estes atributos correspondem à possibilidade de "avanço na luz" ou evolução espiritual. Na alquimia as asas correspondem ao elemento superior, ativo e masculino. Já para CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o feminino autêntico e puro é, por excelência, uma energia luminosa e casta, portadora de coragem, de ideal e de bondade. O feminino representa a face atraente e unitiva dos seres. Goethe fala do "eterno feminino" para designar a atração que guia o desejo da espécie humana no sentido de uma transcendência. Nesse caso, o feminino representa o desejo sublimado.

O sujeito, em sua atividade exploratória, após ter reconhecido a 'mulher-fada' através do tato e de outros órgãos do sentido - mulher esta que supostamente representa o arquétipo de sua feminilidade inconsciente, aquela que abriria e iluminaria seu caminho rumo ao "self" - identifica-se com ela numa projeção do objeto ideal (já citado anteriormente) e tenta seguir o caminho desta em busca da liberdade. Cibele encontra dificuldades, pois em contraposição àquela sua face luminosa e transcendente, ela parte de um nível humano, inferior, portanto, mais grosseiro e escuro, cujas limitações tornam-na mais pesada, despreparada para a jornada. Para tanto é necessário reaprender a andar e com isso, refazer o sentido da evolução cósmica: a princípio apenas

se arrastando (ela está "de quatro"); em um segundo momento, levantando-se e começando a andar, até que finalmente põe-se a correr. À medida que ela transpõe o umbral do nível animal para o humano, e neste último pode 'perseguir' velozmente objetivos mais elevados, seu caminho vai gradualmente clareando, porque se sutiliza e depura das energias telúricas.

Em sua corrida, Cibele se transforma ao longo do caminho e vai perdendo seus trapos, sua *persona* no mundo abissal, que, grotesca e primitiva, relega-a à condição de indigência e inferioridade. Esta sua casca que anteriormente recobria o diamente incrustrado no âmago do seu Ser, agora não lhe serve mais no lugar para onde se dirige. Da mesma forma que a mulher-fada ela também luta contra as bruxas diante da porta da liberdade e entra. Em sua nudez, seus órgãos genitais ficam expostos sob a luz fulgurante do sol (o princípio ativo masculino). Envergonhada Cibele 'ganha' um vestido vermelho, que recobre suas partes íntimas, mas deixa entrever a voluptuosidade dos seus instintos e exalta a sua beleza. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) se por um lado, muitas vezes na Bíblia o simbolismo da nudez é claramente pejorativo, sendo uma expressão da vergonha, os gnósticos afastam-se nitidamente dos escritores bíblicos, ao considerarem a nudez como um símbolo do ideal a ser atingido. Trata-se então de uma nudez da alma que rejeita o corpo, sua vestimenta e sua prisão (os trapos de Cibele), para reencontrar seu estado primitivo e voltar às suas origens divinas.

Continuando a seguir os passos da mulher-fada, esta lhe dá um par de asas pequenas, que crescem e, de tão grandes levam Cibele para o ar. As asas a conduzem para aquele meio (ambiente) tão pouco conhecido: o ar. Agora, assim como aquela que lhe serve de modelo e guia, ela também pode voar. O limite físico deixa de ser então um obstáculo para se aproximar das fronteiras do espírito, pois o corpo já não é a sede mais imediata do ego e de sua identidade, situando-se esta última agora, nos domínios do espiritual/arquetípico.

Contudo, um gavião negro bica nas asas de Cibele e a faz cair no chão, obrigando-a através deste duro choque com a realidade a tomar consciência de sua condição humana. O sujeito, como ser imperfeito que é, não dispõe naturalmente da faculdade de voar precisando desenvolver esta capacidade para então chegar até o 'outro

mundo.' Por ora, seu *habitat* é a superfície da terra, onde deve ocupar-se em superar suas limitações. Cibele, apesar de frustrada, acaba aceitando sua realidade e permanece no dourado se fortalecendo, e efetuando a transmutação dos aspectos sombrios de sua personalidade, sabendo que tem a mulher-fada como guia interior, e que pode chamá-la se quiser (isto é, a iniciativa parte de si própria). "Eu sou um ser terrestre! Não é para eu ficar no ar, e sim, na terra!"; "A liberdade tem o lugar dela. Eu posso estar com ela às vezes, mas não sou ela!", foram estas as conclusões que Cibele pontuou para si mesma. Em seu processo de elaboração desta experiência o sujeito realizou um importante aprendizado: a liberdade tem seu preço e deve ser conquistada.

Reportando-se ao simbolismo do gavião, a ave que interceptou o vôo de Cibele, CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que como ave caçadora e agressiva, este designa com freqüência o pênis. No Egito, o gavião era a ave do deus Hórus; portanto, um emblema solar, que, assim como a águia, simboliza os poderes do Sol. Também os gregos e romanos viram no gavião a imagem do Sol.

Refletindo sobre isso, o próprio sol, fonte da luz que ao ser absorvida potencializa a metamorfose - ou seja, possibilita criar asas e voar - este mesmo sol também tem o seu emissário das trevas, quando por razões ocultas é necessário reverter esse processo levando o sujeito a um recolhimento e a um redirecionamento de suas energias. Observe-se que o gavião de Cibele é negro, ou seja, o reverso da luz que brilha.

Ainda há que se acrescentar o fato de que a figura feminina de Cibele - uma mulher que corre pelos campos acompanhada de animais em busca da sua liberdade - ao mesmo tempo que pode ser um símbolo da Grande-Mãe ou da Mãe-Natureza, também sugere uma deusa da mitologia grega, Ártemis, a Senhora das Feras. Segundo WOOLGER & WOOLGER (1997) a mulher-Ártemis está ligada apenas superficialmente ao mundo civilizado. Ela não se sente à vontade na cidade porque, na realidade, seu lugar são os campos e as florestas. Continuamente, ouve dentro de si o atávico chamamento da selva, que lhe desperta um anseio, um desejo de "retornar," que irá assediá-la para o resto da vida enquanto não for seguido.

Para os gregos antigos, Ártemis era a deusa dos lugares agrestes, habituada a caçar nas montanhas e a seguir o ritmo dos animais, e em harmonia com os ciclos da

lua. Ártemis se tornou conhecida como uma deusa lunar esguia, virginal e seminua, acompanhada por seus cães e trazendo um arco dourado nas mãos.

A virgem Ártemis representa o arquétipo de uma feminilidade mais pura e mais primitiva. Nos meandros do patriarcado, a feminilidade raramente é representada em termos absolutos, mas sempre em relação com alguma outra realidade do mundo masculino. Como amazona e arqueira infalível, Ártemis garante a resistência das mulheres a uma domesticação que seria completa demais.

O lado forte da jovem Ártemis, que poderia ser equivocadamente chamado de masculino, é seu amor intenso pela liberdade (a liberdade por que anseia a mulher-fada de Cibele), pela independência e pela autonomia, um amor que pode transparecer como agressão, pois ela sempre irá lutar para preservar sua liberdade (o empurrão dado pela mulher-fada em Cibele). Na realidade, Ártemis é andrógina, o que significa ser ao mesmo tempo feminina e masculina. Este é o verdadeiro segredo da sua tremenda força interior e de sua extraordinária independência.

A mulher-Ártemis costuma apreciar um estilo rude de vida e, fisicamente está magnificamente bem preparada para isso. Ela gosta de caminhar, correr (como o faz a mulher-fada) e praticar esportes competitivos, ou então de cuidar de animais, velejar, cavalgar - tudo que a mantiver ao ar livre e em agitação.

Quando o mundo lhe é demasiadamente sufocador (incômodo), o espírito contemplativo da deusa clama por renovar-se na solidão e no discurso interior, não exterior. A mulher-Ártemis sabe disso instintivamente; em solidão ela recupera a profunda e inexprimível dimensão da sua alma que se reflete na atividade silenciosa dos animais, no vôo dos pássaros, no ir e vir do mar, na majestade do cume das montanhas (a solidão vivenciada pela mulher-fada ao abrir a porta da liberdade).

O cervo (um dos animais que acompanhava a 'mulher-fada'), um símbolo de velocidade, mas também de temor, foi um animal consagrado na Antiguidade clássica à deusa Ártemis (Diana), sendo que na iconografia mitológica greco-romana, apareciam atrelados à carruagem da deusa, que os conduz com rédeas de ouro. Este privilégio, eles devem à sua agilidade.

Concluindo, todas estas similaridades tornam possível considerar-se o sujeito em sua estrutura psíquica como pertencente ao tipo de mulher-Ártemis, carregando consigo os anseios da deusa.

2) Figura masculina

Tendo sido proferida a consigna referente à figura masculina, e após uma pequena dificuldade de entendimento sobre o que estava sendo solicitado, o sujeito assim se expressa tentando relatar o que está visualizando:

Cibele: ...Um animal!

Lucélia: Um animal! Que animal é este?

Cibele: Um touro!

Lucélia: Hum hum... Fale mais desse touro! O que acontece com ele? Onde ele está?

Cibele: Num pasto... Sozinho... ele é de cor preta!

Lucélia: Ele é preto...

Cibele: Tem chifres enormes! É forte! E... robusto! E é bravo!

Lucélia: É bravo?

Cibele: É! (Pausa) Tem fumacinhas pelo nariz! Só que ele está cercado! Está numa cerca! Está só!

Lucélia: Está só! Hum hum... Em volta dele tem uma cerca?

Cibele: Isso!

Lucélia: E ele está totalmente só?

Cibele: Tem uma pequenina ovelha... no canto!

Lucélia: Uma pequenina ovelha... E aí? O que acontece?

Cibele: A ovelha está lá tremendo de medo dele! Não se mexe! Ela olha prá ele com muito... medo!

Lucélia: Com muito medo, a ovelhinha... hum...

Cibele: Isso! E ele, todo-poderoso, desfila prá lá, prá cá dentro do cercado... bate a pata no chão! E ela se sente... pequenininha... diante do tamanho... do tamanho do touro!

Lucélia: Diante desta imponência do touro, de tamanha ostentação de força, não? Algo acontece depois disso?

Cibele: Ela quer correr, mas ele olha prá ela e ela pára. Ela tenta correr para o outro lado, também ele põe medo, e fica nesse pega-pega.

Lucélia: Hum! Ela quer correr, mas ele...

Cibele: ...mas ele não deixa!

Lucélia: Mas ele também não pega?

Cibele: Não!

Lucélia: Não machuca!? Não fere a ovelha!?

Cibele: Não! Ele quer mostrar, assim, que ele é o poderoso, o forte, que ele é quem manda!

Lucélia: Hum hum... Que ele é quem manda!

Cibele: Mas ela já não agüenta mais isso!

Lucélia: Essa situação está incomodando a ovelha...

Cibele: Está! E ela começa a pensar numa situação, onde ela possa perder esse medo, jogar fora esse medo.

Lucélia: Hum hum...

Cibele: E aí, ela se põe a pensar. E ela chega nele e pergunta prá ele: " - Por que ele faz aquilo?" Aí, ele diz a ela que ele faz aquilo prá se sentir forte!

Lucélia: Para se sentir forte! Hum...

Cibele: Ela, por ser fraca e pequena, ele se sente no direito de por medo nela.

Lucélia: Por ela ser fraca e pequena?

Cibele: Isso! E ela diz prá ele, que ela não é fraca e pequena. Ela é uma ovelha, e ele, um touro! E que a diferença está ali!

Lucélia: Ah! A diferença está nisto? Ela é uma ovelha e ele é um touro?

Cibele: Isto!

Lucélia: Mas ela não se sente nem fraca e nem pequena?

Cibele: É! Porque prá ela, outros animais menores seriam mais fracos e pequenos diante dela! Que ela é uma espécie diferente da dele! Que ele parasse de fazer aquilo! Porque eles poderiam ser grandes amigos!

Lucélia: Hum... Ela é uma espécie diferente! E ele pára, ele ouve isso que ela diz? Ele reflete sobre isso?

Cibele: Ouve! (Pausa) E ficam amigos!

Lucélia: Olha! Ele muda a estratégia! Ele não age mais como antes?

Cibele: Não! Começam a andar juntos dentro daquele cercado!

Lucélia: E ela também não tem mais medo?

Cibele: Não! Ela passa a admirá-lo! E ela pede prá ele que arrebente aquela cerca, prá que eles possam passear pelos pastos afora! E ele faz isso... e... eles saem passeando pelos pastos afora!

Lucélia: Eles saem passeando pelos pastos afora! (Pausa) Termina assim ou haveria mais alguma coisa?

Cibele: Termina assim! Eles indo embora pelos pastos...

Lucélia: Eles indo embora pelos pastos! E você assistiu tudo isso de onde você estava?

Cibele: Isso!

Lucélia: E como você está se sentindo agora, vendo os dois caminhando juntos, um ao lado do outro, pelos pastos afora?

Cibele: É... feliz! E... com saudades!

Lucélia: Com saudades! Com saudades de...

Cibele: Saudade deles!

Lucélia: Dos dois?

Cibele: É!

Lucélia: Então, vá lentamente se despedindo deles. Aos poucos vá tomando distância até que os veja bem pequenos, lá longe... os dois caminhando pelos pastos... Veja como o touro e a ovelha estão ficando cada vez menores, até que você não os vizualiza mais. E ao mesmo tempo, vá fechando esta janela da sua imaginação...

2.1) Amplificação e interpretação

A figura masculina para o sujeito se manifestou na forma de um animal, isto é, um touro forte, bravo e robusto, de chifres enormes e de cor preta, que a princípio parece estar sozinho num pasto.

De uma maneira geral o animal, em sua qualidade de arquétipo, representa as camadas profundas do inconsciente e do instinto. Os animais são símbolos dos princípios e das forças cósmicas, materiais ou espirituais e remetem a um fenômeno infinitamente mais vasto que o da 'besta' (que representa o conjunto das manifestações abissais da espécie humana que tantos embaraços causou ao moralismo judaico-cristão, especialmente a libido), porquanto engloba toda a história humana, e não apenas um momento de nossa própria civilização. Haja visto o totemismo que, longe de estar em relação com uma certa mentalidade primitiva ou com um estudo arcaico de sociedade,

atesta uma tendência fundamental e onipresente da humanidade (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

O touro, por sua vez, evoca a idéia de irresistível força e arrebatamento. Evoca o "macho impetuoso" (a força, a robustez, a ferocidade do touro que representa a imagem do Ser masculino para Cibele) assim como o terrível Minotauro, guardião do labirinto.

Símbolo da força criadora, o touro representou o deus El, sob forma de uma estatueta de bronze destinada a ser presa à extremidade de um bastão. O culto de El, praticado pelos patriarcas hebraicos, imigrados na Palestina, foi proscrito por Moisés.

Na tradição grega, os touros indomados simbolizavam o desencadeamento sem freios da violência. São animais consagrados a Poseidon, deus dos oceanos e das tempestades, a Dionísio, deus da virilidade fecunda. Hesíodo se refere ao touro como animal altivo, de ardor indomável. Este caráter indomável e feroz evidencia-se no touro de Cibele através das "fumacinhas" que o mesmo lança pelo nariz, por bater a pata no chão e pelo fato de uma cerca circundar o pasto em que se encontra, indicando com isto tratar-se de um animal selvagem (não domesticado), portanto perigoso.

A natureza animal do touro, de complexão instintiva, confere rica sensorialidade à pessoa: viver nos universos do touro significa cheirar, provar, apalpar, ver, escutar. É abandonar-se à cobiça dos alimentos terrestres, é entregar-se à embriaguez dos encantos dionisíacos.

O sentido simbólico geral de bovino consiste no calor que anima todo ser vivo. O touro Indra é a força calorosa e fertilizante. Está ligado ao complexo simbolismo da fecundidade: chifre, céu, água, raio, chuva. Assim, o touro que representa a imagem do Ser masculino de Cibele tem chifres enormes. Segundo (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996) seu simbolismo mais imediato é o próprio poder. Enquanto os chifres do carneiro são de caráter solar, os do touro são de caráter lunar e constituem o emblema da Magna Mater divina; onde quer que eles apareçam assinalam a presença da Grande Deusa da fertilidade. Eles evocam os 'prestígios' da força vital, da criação periódica, da vida inesgotável, da fecundidade. Jung ressalta uma significativa ambivalência no simbolismo dos chifres: se por um lado representam um princípio ativo

e masculino pela sua força e penetração, por outro simbolizam um princípio passivo e feminino, por sua abertura em forma de lira e de receptáculo. Reunindo esses dois princípios na formação de sua personalidade, Cibele integraria os opostos dentro de si atingindo assim o equilíbrio, a harmonia interior.

Os touros com sua força bruta também simbolizam a dominação perversa. Sujeitar o touro à servidão significa que o herói deve domar o ardor de suas paixões antes de apropriar-se deste símbolo de perfeição espiritual, isto é, deve sublimar os seus desejos instintivos (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

A relação que se estabelece entre o touro e a ovelha na imagem de Cibele pode ser relacionada ao aspecto da dominação perversa acima mencionado. Aqui o touro, 'todo-poderoso,' procura intimidar e ostentar a sua força fazendo demonstrações de valentia e irreverência diante da ovelha. Evidenciam-se as proporções desmesuradas deste em contraposição à fragilidade e à pequenez daquela que, sentindo-se muito pequena diante do touro, treme de medo e nem se mexe.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), o simbolismo da ovelha em nada difere daquele do cordeiro ou do carneiro castrado, o qual depende estreitamente do simbolismo usual do cristianismo. Nesta religião, o carneiro torna-se uma variante do Cordeiro de Deus que se oferece à morte para a salvação dos pecadores, tornando-se o símbolo não apenas do Cristo, mas dos fiéis que aceitam a morte expiatória, numa sublimação da simbólica do fogo, do sangue e da fecundidade regeneradora.

A ovelha, contudo, não se sujeita com facilidade e tenta escapar correndo, mas o touro consegue impedir suas tentativas intimidando-a através do olhar. O pega-pega a que se refere Cibele faz reportar ao comportamento de coquetismo, que é assim definido por EIBESFELDET:* "comportamento inato, ritualizado, de aproximação e de fuga, que convida à perseguição," cumprindo as regras de um jogo onde os papéis de cada um já estão previamente definidos.

---

* EIBESFELDET *apud* BELOTTI, 1973, BELOTTI, E.G. - **Educar para a Submissão,** 2. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.

Assim a ovelha quer correr, mas o touro não a deixa escapar. Contudo, ele também não investe em sua direção. Na verdade, não deseja feri-la, mas reassegurar-se de sua posição de poder, à custa de uma relação de dominação valendo-se do seu tamanho e compleição física.

Esta situação começa a incomodar muito a ovelha que, à mercê e sob o controle do touro, sente-se muito oprimida. Então ela decide "perder o medo" confrontando-se com o seu verdugo, saindo desta forma do papel de dominado. Quando a ovelha o questiona sobre a razão de sua conduta, ele admite que "é para se sentir forte," ou seja, na verdade o elemento masculino representado pelo touro necessita reassegurar-se de sua força instituindo uma relação de dominação, tendo como contra-papel o feminino "fraco e pequeno," uma condição de inferioridade aparentemente notória. Na verdade, o touro tenta ocultar através desta estratégia sua fragilidade psíquica, sua insegurança sobre seus atributos, apesar de seu tamanho e sua força física.

Quando a ovelha diz ao touro que "ela não é fraca e pequena, mas, uma ovelha, e ele, um touro!", as diferenças devidas à espécie são reconhecidas e assumidas como distintivo de identidade, e não podem mais ser usadas como instrumento de dominação.

A partir do momento que a ovelha saiu do papel de dominado tais diferenças ganharam legitimidade e passaram a ser respeitadas, cada um percebendo a importância de sua espécie e sua individualidade, fato que lhes possibilitou desenvolver uma relação simétrica, de amizade, não mais de dominação. O touro então deixa de ser perigoso, e se deixa domar pela força do feminino supostamente frágil. A partir disso, eles começam a caminhar juntos dentro do cercado, até que surge o desejo de ampliar as fronteiras.

Não há mais a necessidade da cerca, porque o masculino/*animus* domesticado já não constitui perigo e ambos podem então viver uma relação plena, sem medo de entrega porque não há mais domínio e, com ele, o risco da perda de identidade. A ovelha, ao invés de temer o touro, agora o admira e ambos "passeiam pelos pastos afora," como parceiros de jornada.

Através desta resolutividade que foi dada ao conflito referente ao risco de dominação presente na relação entre o masculino e o feminino, o que é milenar na relação homem-mulher, Cibele sente-se em paz, feliz consigo e saudosa de seus personagens, o que indica que, em se tratando de diferentes aspectos do seu psiquismo, desenvolveu uma relação amistosa com as duas figuras.

Poderia-se dizer que o touro representa o *animus* de Cibele - forte, perigoso, indomável e com forte tendência à dominação - ao passo que a ovelha, figura com a qual parece se identificar, representa ela própria em nível do ego.

Neste caso parece ter havido uma 'lapidação' consciente do *animus*, pois vários aspectos antes esboçados como conflitantes foram trabalhados na relação com a ovelha, seu oposto complementar.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto um encontro do Ser feminino com o Ser masculino, isto é, a mulher-fada e o touro ocupando o mesmo espaço físico, o sujeito se certifica:

Cibele: É... no mesmo espaço?

Lucélia: No mesmo espaço físico! Agora, o 'como,' isto é você quem vai me dizer. Se estão perto... se estão longe... o que acontece entre eles é o que eu gostaria que você me relatasse.

Cibele: É... perto! Muito perto! É... eles estão na natureza!

Lucélia: Estão na natureza?

Cibele: É! Eles amam a natureza! Começam a... a rodar, né, e... a se... a se tocarem!

Lucélia: Hum... A rodar, e a se tocarem?

Cibele: Isso! Acariciando um ao outro! E nessa... nessa dança, nesse movimento, o touro se transforma. Ele vira homem! E... eles continuam se acariciando, se conhecendo...

Lucélia: Como homem e mulher?

Cibele: Isso! Observando detalhes físicos! E... começam a conversar...

Lucélia: Começam a conversar um com o outro.

Cibele: Isso! E... um põe o dedo na boca do outro! (Risos)

Lucélia: O dedo?

Cibele: É! (Risos)

Lucélia: Ah, é? Para se reconhecer?

Cibele: É! Mordem... e se abraçam, percebem as diferenças...

Lucélia: As diferenças... um do outro? Seria isso?

Cibele: Isso! Vão percebendo as diferenças!

Lucélia: Que diferenças são essas?

Cibele: Um ser assim, delicado e sensível... o outro é mais... forte! É... mais musculoso, forte! É... personalidade mais resistente!

Lucélia: Resistente?

Cibele: Isso! ...às coisas da vida.

Lucélia: Neste caso, o mais resistente é...

Cibele: O homem!

Lucélia: O homem!

Cibele: Ele se encanta com... a... a beleza dela! Com a... delicadeza de pensamentos! Com... com a sabedoria! ...Com a serenidade! E... ela com a fortaleza! É... com a sabedoria, também! ...Com o formato do... corpo...

Lucélia: Formato do corpo dele?

Cibele: Isso!

Lucélia: Sim! Cada um está reconhecendo o outro e se encantando com o outro.

Cibele: Isso! Eles... fazem um pacto...

Lucélia: Um pacto?

Cibele: É! De um perceber o outro... em pequeninas coisas... para que... ele possa assimilar um pouco da personalidade dela, e ela possa assimilar um pouco da personalidade dele... para que eles possam se tornar um todo!

Lucélia: Cada um assimilar um pouco da personalidade do outro para que possam se tornar um todo.

Cibele: Isso! Não ser totalmente só homem, nem totalmente só mulher! Aprender com o outro!

Lucélia: Aprender com o jeito de ser do outro; com o jeito masculino de ser dele e com o jeito feminino de ser dela.

Cibele: Isto! Eles estão sentados num gramado... de mãos cruzadas, um com o outro. As mãos dele, entrelaçadas com as mãos dela... Se olhando!

Lucélia: Se olhando!

Cibele: Olhos nos olhos!

Lucélia: O que cada um vê no olhar do outro?

Cibele: Vê aprendizado! Paz! Vê crescimento! (Pausa) Vê principalmente o outro!

Lucélia: O outro! Principalmente o outro!

Cibele: Eles se tocam, no rosto um do outro.

Lucélia: No rosto?

Cibele: Isto! E percebem as diferenças aí também!

Lucélia: Ah! Na face de cada um?

Cibele: Isso!

Lucélia: Como é a face de cada um?

Cibele: Como é a face de cada um??

Lucélia: Sim!

Cibele: Na face dele tem... momentos, mas tem... tristezas, tem alegria, tem força!

Lucélia: É tudo isto junto? Tristeza, alegria, força...

Cibele: Em partes! (Pausa) Conhecimento!

Lucélia: Conhecimento!

Cibele: Na dela tem... felicidade... é... sensualidade... conhecimento!

Lucélia: Conhecimento também?

Cibele: Também!

Lucélia: Felicidade, sensualidade e conhecimento! Então, à medida que se toca, cada um a face do outro, dá para ir sentindo essas coisas, dá para ir apreendendo essas coisas, esses elementos! É isso?

Cibele: Isso!

Lucélia: E com isso, vai se aprofundando no conhecimento de cada um! No conhecimento um do outro! É um jeito de se conhecer o outro.

Cibele: É! As razões... as razões internas... de procedimentos!

Lucélia: De procedimento! Mais alguma coisa? Ou termina assim?

Cibele: Termina assim, se conhecendo!

Lucélia: Se conhecendo! Termina assim, eles se conhecendo!

Cibele: Eles estão... encantados!

Lucélia: Encantados?

Cibele: É! Com o conhecimento mais... profundo!

Lucélia: Com o conhecimento mais profundo! Você teria alguma mensagem prá deixar prá eles? Prá esse casal? Prá esse homem e prá essa mulher?

Cibele: Que eles... não sejam apressados! Que eles têm todo o tempo... e a sutileza... a favor deles! Que eles... sejam detalhistas!

Lucélia: Que eles sejam detalhistas! Não precisam se apressar, que eles têm todo o tempo e a sutileza a seu favor! É essa a sua mensagem?

Cibele: É! Que eles acentuem essas sutilezas...

Lucélia: Acentuem as sutilezas! Ou seja, aprofundem cada vez mais o conhecimento, um do outro! É por aí?

Cibele: Isso!

Lucélia: Está bom! Então agora, vá se despedindo, lentamente, deste casal, que corresponde ao seu ser masculino e feminino se encontrando. Vá se despedindo, se afastando, e visualizando os dois cada vez menores! E ao mesmo tempo, você vai fechando essa janela da sua imaginação, para que possamos voltar a esse momento presente.

3.1) Amplificação e interpretação

A mulher-fada e o touro encontram-se na natureza, ambiente em que seu Ser se expande e onde podem estar próximos. Através de movimentos circulares - que expressam a totalidade da psique, incluindo o aspecto da relação entre o homem e o conjunto da natureza - iniciam o ritual de apresentação e conhecimento mútuo. Isto os leva a se aproximarem ainda mais, até que se tocam e acariciam um ao outro.

É através da dança e do movimento que o touro sofre uma metamorfose transformando-se em homem. CIRLOT (1984) afirma que a dança enquanto arte rítmica é símbolo do ato da criação e, por isso, é uma das antigas formas de magia. Toda dança é uma pantomima de metamorfoses, que tende a converter o bailarino em deus, demônio ou uma forma existencial pretendida. Tem, conseqüentemente, função cosmogônica.

Por outro lado CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que de um ponto de vista analítico, as metamorfoses são expressões do desejo, da censura ou do ideal saídas das profundezas do inconsciente tomando forma na imaginação criadora. Todas as mitologias estão cheias de descrições de metamorfoses, as quais revelam, contudo, uma certa crença na unidade fundamental do ser, tendo as aparências apenas um

valor ilusório e passageiro. A metamorfose é também um símbolo de identificação em uma personagem em vias de individualização, que ainda não assumiu a totalidade de seu eu nem atualizou todas as suas potencialidades.

Após a metamorfose, ambos dão continuidade ao processo de reconhecimento mútuo enquanto homem e mulher, principalmente através do tato trocando carícias, e de jogos amorosos, tais como colocar o dedo na boca um do outro, de mordidas, abraços, os quais sugerem explicitamente o ritual da corte e namoro, tidos como atos preliminares do acasalamento. A percepção e o reconhecimento das diferenças do corpo do homem e da mulher conduzem a um conhecimento mais profundo - de ordem psíquica - sobre a natureza do Ser masculino e a do Ser feminino. Cibele então verifica que o Ser feminino é mais delicado e sensível, enquanto o Ser masculino é mais forte, e está mais bem preparado para enfrentar as adversidades da vida não só por sua compleição física - é mais musculoso - como também por sua estrutura de personalidade.

Nesse processo de reconhecimento cada um se encanta com o que vê no outro. Ele, com a beleza, a "delicadeza de pensamentos," a sabedoria e a serenidade dela; ela, com "a fortaleza," a sabedoria (masculina, que é diferente da feminina) e as formas do corpo dele. Este encantamento, que evoca a experiência do numinoso, parece nascer da percepção das diferenças mútuas, e do fato de que sendo ambos tão diferentes, juntos, todavia, podem se complementar e constituir um todo.

O homem que contém em si o touro, e a mulher que contém em si a fada, condensam em si mesmos aspectos aparentemente díspares e opostos da natureza humana; ele, as pulsões instintivas e primitivas, o indomável, o irrascível; ela, as sutilezas do espírito, as aspirações do mundo etéreo e transcendente da alma. Apesar destas diferenças, ou talvez por causa delas, ambos efetuam um pacto, onde através da percepção mútua e profunda um do outro, cada um assimile um pouco da personalidade do outro. O feminino se mescla com as cores do masculino e o masculino se mescla com as cores do feminino, evidenciando assim a dimensão do andrógino em cada um.

A alquimia deste pacto tornou possível realizar em cada um a *coniunctio oppositorum*, isto é, a união de opostos, o casamento interior, de forma que em sua unicidade ambos pudessem constituir um todo. O fato de que cada um não ser totalmente

homem ou mulher, mas ambos, cumpre à lei fundamental da criação, a qual assevera que cada ser humano seja a um só tempo macho e fêmea em seu corpo e em seus princípios espirituais (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

O princípio do andrógino, conforme CIRLOT (1984) expressa a idéia de totalidade, de integração dos contrários e traduz em termos sexuais a idéia essencial de integração de todos os pares de opostos na unidade. CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) acrescentam que toda oposição é levada a abolir-se pela união do celeste e do terrestre, exercendo uma força sobre o cosmo em sua totalidade.[39]

Finalmente, o homem-touro e a mulher-fada para 'coroar' o seu encontro estão sentados num gramado, com as mãos entrelaçadas (idéia de união e cumplicidade) fitando um ao outro; são "olhos nos olhos," atitude que possibilita uma penetração íntima e profunda na alma do outro. Segundo Cibele cada um vê no olhar do outro uma perspectiva de aprendizado, de paz e crescimento; e ainda, "vê principalmente o outro," isto é, a outra pessoa tal como ela é, livre de projeções neuróticas, tendo suas diferenças reconhecidas enquanto tal, contribuindo para a perspectiva de enriquecimento de si próprio.

Completando esta descoberta, ambos se tocam na face e reconhecem também aí nuances de emoções que transparecem na fisionomia masculina e feminina. Na face dele a tristeza, a alegria e a força se alternam juntamente com o conhecimento. Na face dela há felicidade, sensualidade e também conhecimento. Através desta forma de comunicação não-verbal é possível não só compreender e conhecer as "razões internas de procedimentos" do outro, como também ir apreendendo, assimilando e integrando em si mesmos elementos que constituem o outro-diferente.

O sujeito enfatiza que ambos estão "encantados com o conhecimento mais profundo" um do outro, o que acentua o caráter numinoso, e portanto, a natureza arquetípica desta experiência.

---

[39] Tendo sublinhado a androginia como uma das características da perfeição espiritual, MIRCEA ELIADE *apud* CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) escreve em São Paulo e no Evangelho de São João que com efeito, tornar-se macho e fêmea, ou não ser nem macho nem fêmea são expressões plásticas através das quais a linguagem descreve a metanóia, ou seja, a conversão, a inversão total de valores. É igualmente paradoxal ser macho e fêmea como tornar-se de novo criança, nascer novamente ou passar pela porta estreita (senda da evolução).

Como mensagem de despedida Cibele recomenda ao casal que não se apressem, "pois eles têm todo o tempo e a sutileza a favor deles," que explorem os detalhes e "acentuem as sutilezas!" Esta atemporalidade e este refinamento na percepção sugere ricas possibilidades de aprofundamento do conhecimento mútuo, fato que propicia que a assimilação de aspectos do outro-diferente possa ser feita com consciência plena, e paulatinamente.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 2: Verônica

1) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando uma imagem referente ao Ser feminino, o sujeito assim se manifesta:

Verônica: Ah! Eu vejo uma criança!

Lucélia: Uma criança?

Verônica: A criança está andando no meio de um campo florido... correndo... feliz!

Lucélia: Uma criança andando num campo florido...

Verônica: É! Tem bastante flores!

Lucélia: Bastante flores?

Verônica: Ela está com um vestido comprido...

Lucélia: É uma menina?

Verônica: É!

Lucélia: Hum.... É uma menina!

Verônica: Cabelo comprido...

Lucélia: Vestido comprido e cabelos compridos...

Verônica: Está com uma sombrinha na mão... Está correndo feliz, cantando...

Lucélia: Correndo feliz e cantando! Que idade tem essa menina?

Verônica: Uns oito, nove anos!

Lucélia: Uns oito ou nove anos. E ela corre em direção a alguma coisa? Ou ela corre simplesmente por correr?

Verônica: Não! Por correr!

Lucélia: Hum...

Verônica: Não tem direção certa!

Lucélia: Não tem direção. Hum hum... E ela está só?

Verônica: Sozinha!

Lucélia: Hum... Sim! E esse local que ela corre, você disse que é um campo florido?

Verônica: É! Tem bastante árvores...

Lucélia: Hum...

Verônica: Tem o barulho de um riachinho...

Lucélia: Ah! Tem árvores e o barulho de um riacho?

Verônica: Tem! Tem um campo muito verde...

Lucélia: Um campo verde!

Verônica: E no fundo tem umas montanhas.

Lucélia: Hum hum... Continue!

Verônica: O céu muito azul... O sol gostoso!

Lucélia: Tem umas montanhas no fundo, o céu azul e o sol gostoso!

Verônica: Bastante borboletas!

Lucélia: Borboletas! (Ênfase)

Verônica: Nas folhas...

Lucélia: É uma paisagem muito bonita então?

Verônica: É!

Lucélia: Hum hum... E ela está feliz por estar ali?

Verônica: É!

Lucélia: E você? Você diz alguma coisa prá ela? Você se aproxima ou apenas observa?

Verônica: Não! Eu só estou observando!

Lucélia: Só está observando?

Verônica: Eu acho que sou eu!

Lucélia: Ah! É você?

Verônica: A menina...

Lucélia: A menina é você?

Verônica: Acho que sim! Presumo que seja!

Lucélia: Sim! Então a Verônica adulta observa a Verônica menina, de oito, nove anos?

Verônica: Isso!

Lucélia: Uma menina saudável e feliz!

Verônica: Hum hum...

Lucélia: Não é isto? Está correndo, está feliz! Acontece alguma coisa em seguida ou ela apenas continua correndo?

Verônica: Não! Ela só continua correndo, andando assim. Não é bem correr, andando assim... feliz, cantarolando!

Lucélia: Despreocupada!

Verônica: Isso!

Lucélia: Feliz e cantarolando...

Verônica: Hum hum... Deve estar em busca de alguma coisa, mas eu não sei o que é.

Lucélia: E como você se sente observando essa menina?

Verônica: Ah! Me sinto bem!

Lucélia: Hum hum... Se sente bem!

Verônica: Hum hum...

Lucélia: Está bem! Haveria mais alguma coisa, Verônica?

Verônica: Não! Eu acho que não!

Lucélia: Está certo! Então, nós vamos agora fechar esta janela da sua imaginação...

1.1) Amplificação e interpretação

O sujeito afirma que a imagem que visualiza referente ao seu Ser feminino é uma criança, na verdade uma menina de oito ou nove anos, correndo num campo

florido. Verônica observa que existem muitas flores no campo. A menina usa um vestido comprido, também tem cabelos compridos e carrega uma sombrinha na mão (indumentária e aspecto romanescos). Ela está correndo feliz e cantarolando, o sujeito afirma que, sem uma direção definida, mas corre simplesmente por correr, supostamente movida pelo prazer que esta atividade suscita. A menina está só. Parece que toda a sua alegria e exuberância se dão por honra da vida e para festejar a vida.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) a infância é símbolo de inocência: é o estado anterior ao pecado e, portanto, o estado edênico, simbolizado em diversas tradições pelo retorno ao estado embrionário, em cuja proximidade está a infância. Infância é símbolo de simplicidade natural, de espontaneidade e este é o símbolo que lhe é dado pelo taoísmo: "Apesar de vossa idade avançada, tendes a frescura de uma criança." (TCHUANG-TSÉ*). A criança é espontânea, tranqüila, concentrada, sem intenção ou pensamentos dissimulados.

A idéia de infância é uma constante nos ensinamentos evangélicos e de toda uma parte da mística cristã, como por exemplo, o caminho de infância de Santa Teresa do Menino Jesus, ao lembrar (Mateus, 13, 3): "Em verdade vos digo, se não mudardes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus." Na tradição cristã ocorre que os anjos são muitas vezes representados como crianças, em sinal de inocência e pureza. Na evolução psicológica do homem, atitudes pueris ou infantis - que em nada se confundem com as do símbolo da criança - assinalam períodos de regressão; inversamente, a imagem da criança pode indicar uma vitória sobre a complexidade e a ansiedade, e a conquista da paz interior e da auto-confiança (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Continuando, Verônica descreve o campo em que se encontra a menina como sendo "muito verde," com muitas árvores, o ruído de um pequeno riacho, e montanhas ao fundo. "Um céu muito azul e o sol gostoso," acrescenta. Há também bastante borboletas nas folhas das árvores, observa. É uma paisagem muito bonita, sendo que a menina parece muito feliz ali.

---

* TCHUANG-TSÉ *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

Todos os elementos desta paisagem parecem compor com perfeição o quadro edênico acima referido, do qual a menina emerge como protagonista. Assim, referindo-se aos campos, CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que, antítese dos infernos, os campos são o símbolo do Paraíso, ao qual os justos têm acesso após a morte, destacando os Campos Elísios da mitologia greco-romana.

A árvore, por sua vez, considerada como símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, evoca todo o simbolismo da verticalidade. Por outro lado, serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Ela reúne em si todos os elementos: a água circula em seu interior com sua seiva, a terra integra-se a seu corpo através das raízes, o ar lhe nutre as folhas e dela brota o fogo quando se esfregam seus galhos um contra o outro.

Sobre o "céu muito azul e o sol gostoso" a que se refere o sujeito, CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) compreendem que o azul-celeste é o limiar que separa os homens daqueles que governam, do Além, seu destino. Esse azul sacralizado é o campo elísio, "o útero através do qual abre seu caminho a luz de ouro" que exprime a vontade dos deuses: Azul-Celeste e Ouro, valores respectivamente feminino e masculino. Por sua vez, o sol, se não é o próprio deus, é, para muitos povos, uma manifestação da divindade (epifania uraniana). Pode ser concebido como o filho do Deus supremo e irmão do arco-íris. O Sol é a fonte da luz, do calor, da vida. Seus raios representam as influências celestes - ou espirituais - recebidas pela Terra. Além de vivificar, o brilho do sol manifesta as coisas, não só para torná-las perceptíveis, mas para representar a extensão do ponto principal, para medir o espaço.

Já o simbolismo da montanha é múltiplo: prende-se à altura e ao centro. Na medida em que ela é alta, vertical, elevada, próxima do céu, participa do simbolismo da transcendência; na medida em que é o centro das hierofanias atmosféricas e de numerosas teofanias, participa do simbolismo da manifestação. Ela é assim "o encontro do céu e da terra, morada dos deuses e objetivo da ascensão humana" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996, p. 616). Vista do alto, ela surge como a ponta de uma vertical, é o centro do mundo; vista de baixo, do horizonte, surge como a "linha de uma vertical," o eixo do mundo, mas também a escada, a inclinação a se escalar. FRANZ (1990) afirma

que nas religiões índias, a montanha relaciona-se com a Deusa-Mãe. Estando perto dos céus, ela é sempre um local para revelações, como a transfiguração de Cristo. Em muitos mitos da criação significa um local de orientação, como por exemplo, a aparição inicial de quatro montanhas nos quatro pontos cardeais. Os apóstolos e líderes espirituais da Igreja eram cognominados de 'montanhas' pelos padres da Igreja primitiva. Ricardo de São Vítor interpreta a montanha de Cristo como um símbolo de auto-conhecimento que conduz à sabedoria inspirada dos profetas. Freqüentemente a montanha é a meta de uma longa busca, ou o local de transição para a eternidade. O tema da montanha também denota o "self." "A montanha marca o lugar - o ponto na vida - onde o herói, depois de um esforço árduo (a escalada), orienta-se e ganha firmeza e auto-conhecimento, valores que desenvolve através do esforço de se tornar consciente no processo de individuação" (FRANZ, 1990, p. 132). No caso da imagem de Verônica, a montanha é apenas um pano-de-fundo, portanto, uma meta ainda muito distante a ser atingida, muito embora consciente.

Na pintura chinesa clássica, a montanha se opõe à água como o "yang" ao "yin," a imutabilidade à impermanência. A primeira é, na maioria das vezes, representada pelo rochedo, a segunda, pela cascata. Seja a descer as montanhas ou a percorrer sinuosas trajetórias através dos vales, escoando-se nos lagos ou nos mares, o rio (ou o riacho a que o sujeito se refere) simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções e a variedade de seus desvios.

Ainda a borboleta, também citada pelo sujeito, de imediato é considerada como um símbolo de ligeireza e de inconstância. No Japão, em seus aspectos de graça e presteza de movimentos, a borboleta é um emblema da mulher. Um outro aspecto do simbolismo da borboleta se fundamenta nas suas metamorfoses: a crisálida é o ovo que contém a potencialidade do ser; a borboleta que sai dele é um símbolo de ressurreição. Um simbolismo dessa ordem também é utilizado no mito de Psique, que é representada com asas de borboleta (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Considerando as muitas flores do campo de Verônica, São João da CRUZ* faz da flor a imagem das virtudes da alma, e do ramalhete que as reúne, a imagem da perfeição espiritual. A flor é também símbolo do amor e da harmonia que caracterizam a natureza primordial; além disso, identifica-se ao simbolismo da infância e, de certo modo, ao do estado edênico. O simbolismo tântrico-taoísta da Flor de Ouro é também o do alcance de um estado espiritual: a floração é o resultado de uma alquimia interior, da união da essência e do sopro, da água e do fogo. A flor é idêntica ao "Elixir da vida;" a floração é o retorno ao centro, à unidade, ao estado primordial.

De uma maneira geral toda essa profusão de símbolos parece ter para o sujeito o sentido único de tentar realçar e corroborar a sua ligação com o transcendente; representam sua busca por estados mais elevados de consciência, seu desejo de ascensão para um mundo espiritual, paradisíaco e nirvânico, onde teriam sido superadas através da sublimação as limitações e manifestações grotescas da alma humana, próprias do mundo ctoniano a que pertence. Neste mundo por ela idealizado, caracterizado pela ascensão de um princípio volátil, que se avizinha das fronteiras do território uraniano, o sujeito estaria funcionando em níveis mais sutis de consciência, onde, portanto só haveria mesmo lugar para a sua criança, dada a sua pureza d'alma, sua castidade, e sua perfeição espiritual.

Além disso, o elemento feminino, representado pela menina, pode ser considerado a via de acesso a este mundo etéreo. Goethe, no segundo Fausto usa a expressão "eterno feminino" para designar a atração que guia o desejo da espécie humana no sentido de uma transcendência. Nesse caso, o feminino representa o desejo sublimado: "Margarida ouve-se a si mesma dizer: 'Vem, alça teu vôo para as altas esferas. Se ele adivinhar tua intenção te seguirá.' E o coro místico proclama: 'O Eterno Feminino nos atrai para o Alto.' " (GOETHE**). Também BERDIAEFF*** afirma que a mulher está mais ligada do que o homem à "alma do mundo," às primeiras forças elementares, e é através da mulher que o homem comunga com essas forças. Assim, não

---

* CRUZ, J. *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

** GOETHE *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

*** BERDIAEFF *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

será a mulher emancipada nem aquela que se tornar semelhante ao homem a que terá um importante papel a desempenhar no período futuro da história, mas sim, o "eterno feminino." CHARDIN* via nessa expressão o próprio significado do amor, como a grande força cósmica. É o encontro de uma aspiração humana à transcendência e de um instinto natural em que se manifestam: o vestígio do domínio dos indivíduos por uma corrente vital extremamente vasta; a fonte, de certo modo, de todo potencial afetivo; e, por fim, uma energia eminentemente apta a aperfeiçoar-se e enriquecer-se de matizes cada vez mais espiritualizados, a reportar-se para múltiplos objetos, principalmente para Deus. A Virgem-Mãe, Nossa Senhora, é portanto, a mais perfeita encarnação desse tema, pois é, por excelência, uma manifestação do feminino autêntico e puro, uma energia luminosa e casta, portadora de coragem, de ideal e de bondade (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Na seqüência do trabalho de imaginação, inquirido sobre a forma como se relaciona com a imagem, o sujeito afirma que apenas observa a menina à distância, sem aproximar-se. Verônica presume que a menina seja ela própria, tomando assim, consciência de sua projeção, na verdade, uma projeção de seu ideal do ego. JUNG (1986) assevera que no adulto está oculta uma criança - "uma criança eterna" - algo ainda em formação e que jamais estará terminado, algo que precisará de cuidado permanente, de atenção e de educação. Esta é a parte da personalidade humana que deveria desenvolver-se até alcançar a totalidade, afirma.

Desta forma, a Verônica adulta pode observar a Verônica menina, uma criança saudável e feliz, de oito ou nove anos, cheia de esperança na existência. O sujeito afirma que a menina continua "correndo," na verdade, explica que não é exatamente correndo, mas andando (possivelmente saltitando). Ela continua andando despreocupada, feliz e cantarolando. O sujeito presume que a menina deve estar em busca de alguma coisa, mas que ela ignora o que seja isto. Por sua vez, ela própria "se sente bem" observando a menina (isto é, a tranqüilidade e a leveza de espírito da criança também é

---

* CHARDIN, T. *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

sua). Talvez o que a menina busque seja o que já tenha sido apontado anteriormente: sua ascensão espiritual e sua transcendência, em suma, a superação de sua condição humana.

Vale salientar que neste caso, os conteúdos arquetípicos parecem ser pressentidos, intuídos, ou 'levemente esboçados,' mas não são vividos com intensidade. O conteúdo que prevalece é a imagem arquetípica do paraíso, onde a menina (que o sujeito tem consciência de ser ela mesma) emerge como protagonista.

2) Figura Masculina

Logo após ter sido proferida a consigna, solicitando uma imagem referente ao Ser masculino, o sujeito assim se expressa:

Verônica: Eu não vejo nada!

Lucélia: Não vê nada? Hum... O que está impedindo que você visualize a imagem?

Verônica: Não sei! Está escuro!

Lucélia: Está tudo escuro? (Pausa) Faça o seguinte: imagine que você pode ir lentamente graduando a luz... Eu não sei que lugar é esse que você está, mas tente ir lançando luz no ambiente, aumentando a luz devagar até que você consiga ver a imagem!

Verônica: Não dá! (Ela chora baixinho).

Lucélia: Hum... Não dá? O que está acontecendo? Que emoção é essa que está vindo aí? Hum? Que emoção é essa, Verônica?

Verônica: Não sei...

Lucélia: "Não vejo nada! Não sei que emoção é essa!" Parece que você está me dizendo assim: "Olha! Não quero entrar em contato com essas coisas! Não quero entrar em contato com esta figura que eu tenho dentro de mim! Não quero ver essa figura! Não quero conhecê-la! Não quero ver seus traços, sua forma..." Por outro lado, não seria uma maneira de você desvendar esse desconhecido que parece ser para você o masculino?

Verônica: Não sei! Não consigo entender! (Acesso de tosse) Não consigo!

Lucélia: Você não consegue ir lançando luz, um pouquinho de luz? Gradualmente?

Verônica: Não! É tudo escuro!

Lucélia: É tudo escuro? (Pausa) Tudo escuro! Hum hum... Se eu estou entendendo, o masculino prá você é escuro? É isso o que você está me dizendo? É escuro?

Verônica: Hum hum... (Chorando)

Lucélia: É escuro, não tem formas, não tem traços... É um escuro só!? É completa escuridão? É isso que é o masculino prá você?

Verônica: Pelo que eu entendi, é!

Lucélia: E não dá para fazer nada? Não dá para clarear esse escuro? É isso o que você está me dizendo?

Verônica: Hum hum...

Lucélia: Sim! Você gostaria de deixar alguma mensagem registrada para o escuro? Alguma palavra?

Verônica: Não sei! Acho que é porque eu queria tanto ter um filho-homem!

Lucélia: Hum...

Verônica: Talvez seja isso!

Lucélia: E você não tem?

Verônica: Filho-homem não!

Lucélia: Hum...

Verônica: Eu queria ter todos meninos!

Lucélia: Todos...?

Verônica: Todos meninos!

Lucélia: Meninos? (Ênfase) Você queria que seus filhos fossem todos meninos? Ah, sim! E você, ao contrário, só tem meninas e não meninos?

Verônica: Não! Só meninas!

Lucélia: Hum... Então, por isso o masculino ficou todo escuro, está todo escuro?

Verônica: Não consigo ver nada!

Lucélia: Hum hum... Só tem meninas, não tem meninos!

Verônica: Por mais que eu queira entrar, não consigo!

Lucélia: Não consegue! Hum hum... Você gostaria de deixar alguma palavra registrada prá esse menino que você não tem? Prá esse seu desejo?

Verônica: O que eu posso fazer agora? Não tem mais jeito, né, de ter!

Lucélia: Não tem mais jeito de ter?

Verônica: Ah! Não! Quem sabe na próxima!

Lucélia: Sim! E o masculino então, prá você está relacionado a menino e a filho-homem? Não é?

Verônica: Exatamente!

Lucélia: ...Filhos esses que você não teve. E que deixaram então, esse vazio e essa escuridão.

Verônica: Eu sinto falta disso!

Lucélia: Você sente falta disso!

Verônica: Muita!

Lucélia: Muita falta!

Verônica: Talvez eu não tivesse porque... Sei lá! Dizem que Deus traça tudo prá gente certo, mas pelo menos um, eu gostaria de ter tido!

Lucélia: Pelo menos um...?

Verônica: Eu gostaria de ter tido!

Lucélia: Ah! Você gostaria de ter tido! Pelo menos um menino... Que poder mágico teria esse 'um menino?'

Verônica: Não sei! Porque da forma que eu fui criada, talvez sentisse necessidade de ter um masculino perto de mim, sei lá! Eu... hum... Fazendo carinho prá mim... Eu amamentando essa criança... Ele tendo que precisar de mim, certo?

Lucélia: Hum...

Verônica: Eu podendo cuidar de um Ser masculino, certo?

Lucélia: Certo!

Verônica: Como eu cuido das meninas, né? Fazer um carinho sem interesse! Um carinho... sem planejar assim... sem saber que vai ter alguma coisa por trás disso. Poder conversar sem interesse algum!

Lucélia: Sem interesse algum! (Ênfase)

Verônica: Exatamente!

Lucélia: Não pode ter nenhum interesse!

Verônica: Não! Um interesse assim...

Lucélia: Nenhuma conotação sexual. É isso o que você está dizendo?

Verônica: Exatamente! No caso do filho não vai ter isso. Presumo que...

Lucélia: Sim! Então é a única garantia que você teria? Que se fosse um filho, você poderia ter o afeto e o cuidado por esse Ser masculino, sem que isso não tivesse nenhuma conotação sexual?

Verônica: Exatamente!

Lucélia: Hum...

Verônica: É isso o que eu queria... Eu tenho muita inveja das minhas vizinhas, minhas amigas que têm filho-homem!

Lucélia: Hum...

Verônica: Não é bem inveja, né, mas é aquela... Aquele sentimento que eu não consegui sentir!

Lucélia: Sim! Ficou esse vazio!

Verônica: Está muito vazio!

Lucélia: Esse vazio... essa falta... esse buraco?

Verônica: Que as meninas, pouco interesse têm pela mãe, né?

Lucélia: Sim! Continue!

Verônica: São iguais! Pelo menos lá em casa, sim. Acho que o menino ia diferenciar muita coisa! Talvez o pai não fosse tão autoritário, que ele tinha que disputar com outro homem dentro de casa... Sei lá!

Lucélia: A dinâmica seria muito diferente?

Verônica: Eu acredito que sim!

Lucélia: Hum hum...

Verônica: E minhas meninas cobram muito um irmão também! Elas gostariam de ter tido um irmão. Mas o que eu posso fazer?

Lucélia: Não veio!

Verônica: Deus não permitiu!

Lucélia: Deus não permitiu! Está bom Verônica! Haveria mais alguma coisa?

Verônica: Não!

Lucélia: Está certo! Então, eu gostaria que você fosse se despedindo dessa escuridão, desse vazio causado por essa falta de um filho-homem, de um menino...

2.1) Amplificação e interpretação

Tendo sido proferida a consigna referente à figura masculina o sujeito declara logo em seguida: "Eu não vejo nada!" E nenhum recurso utilizado - a graduação da luz, por exemplo - foi eficiente ou auxiliou no sentido de que ela pudesse vislumbrar alguma coisa. Questionada sobre o que estaria impedindo que visualizasse a imagem do Ser masculino, Verônica afirma simplesmente que "não sabe" e que "está escuro." Ela reitera que não é possível ir graduando a intensidade da luz no ambiente e, parecendo sentir-se muito impotente, começa a chorar baixinho. Questionada sobre a emoção que estaria sentindo naquele momento, o sujeito afirma que também não sabe. É forçoso recorrer-se então ao recurso da interpretação, tendo sido colocado que a atitude de

Verônica parece demonstrar que ela não está querendo entrar em contato com essas questões. Ou seja, ela parece não querer 'ver' essa figura (masculina) que tem dentro de si; não quer ver seus traços, sua forma, enfim, não deseja conhecê-la. Por outro lado, sugere-se, no sentido de encorajá-la a se expor: "Não seria uma maneira de você desvendar esse desconhecido que é para você o masculino?"

Verônica afirma que não sabe e que não consegue entender o que está acontecendo consigo. Os caminhos parecem estar todos obliterados. Fica-se instaurado um impasse, onde a única constatação possível é a do próprio escuro.

Segundo CIRLOT (1984) a escuridão, identificada com a matéria, com o maternal e germinal, é anterior à diferenciação do concreto. O dualismo luz-trevas não apareceu como formulação de um simbolismo moral até que a escuridão primordial dividiu-se em luminosidade e sombras. Assim, o conceito puro da referida escuridão não se identifica tradicionalmente com o tenebroso; contrariamente, corresponde sim ao caos primigênio. Também tem relação com o nada místico; por isto a linguagem hermética é um *obscurium per obscurius,* via de adentramento às origens. A luz é o princípio da diferenciação e da ordenação hierárquica. As trevas - anteriores ao *fiat lux* - expressam sempre, no simbolismo tradicional, o estado das potências não desenvolvidas que dão lugar ao caos. Por isto, a escuridão projetada no mundo ulterior ao aparecimento da luz é regressiva; e se identifica tradicionalmente com o princípio do mal e com as forças inferiores não sublimadas.

Muito embora esse sentido esotérico da escuridão tenha a sua validade, principalmente se pensarmos que o sujeito não tivesse conseguido graduar a luz a fim de que pudesse visualizar a imagem, seria interessante pesquisar também em termos da dinâmica psíquica do sujeito.

Consulta-se então o sujeito, se não seria o próprio escuro, a representação do masculino para si. Isto é, o masculino seria para Verônica um escuro sem formas e sem traços, um "escuro só," apenas e tão somente a completa escuridão. Ela admite chorando que no seu entendimento, parece que se trata disso mesmo.

Inquirida se gostaria de deixar registrada alguma palavra ou mensagem para o escuro, Verônica formula uma frase muito mais em termos de uma compreensão

psicológica, buscando entender o que aconteceu: "Não sei! Acho que é porque eu queria tanto ter um filho-homem!" "Talvez seja isso!" Conjetura com sagacidade. Verônica explica que não tem nenhum 'filho-homem,' pois só teve meninas. E confessa: "Eu queria ter todos meninos!" Assim, muito embora seu desejo de que seus filhos fossem todos meninos, Verônica só teve meninas.

Supostamente, por só ter tido meninas e não meninos, o masculino para ela tenha ficado todo escuro. O sujeito reitera que por mais que queira ver alguma coisa, "não tem jeito!" Assegurando com isso que o escuro continua presente. Questionada se gostaria de deixar alguma mensagem registrada para esse menino que ela não teve, Verônica lamenta: "O que eu posso fazer agora? Não tem mais jeito de ter! Quem sabe na próxima!" Lembre-se que o sujeito tem 50 anos, portanto supostamente já não se encontra mais em idade fértil. Além disso, "a próxima" a que se refere trata-se provavelmente da próxima vida, ou a próxima encarnação, conceito muito utilizado nas religiões espiritualistas, onde é tido como certo a vida após a morte.

Até aqui pode-se deduzir que a concepção do masculino (ou do *animus*) para o sujeito parece estar relacionada a 'filho-homem,' isto é, o conhecimento e a relação com o masculino somente se dão e podem ocorrer via maternidade. Como Verônica não teve filhos do sexo masculino, sentiu-se, portanto, privada desta experiência, o que lhe deixou todo esse vazio interior e essa escuridão, tornando impossível uma vivência do masculino mesmo que em nível da imaginação. O que não deixa de ser bastante curioso, visto que ela nega totalmente a relação que teve com homens adultos em sua vida, virtuais modelos de masculinidade.

Verônica enfatiza que sente muita falta de ter tido um 'filho-homem.' Ou seja, ficou um vazio e um "buraco" de considerável extensão a nível emocional. Ela tenta compreender a causa disto refletindo consigo mesma (e até tentando se conformar) que supostamente "Deus traça tudo prá gente certo!" Mas faz uma ressalva em tom lamuriento: "Pelo menos um, eu gostaria de ter tido!" Apesar de buscar uma justificativa nos desígnios da sabedoria divina, que definiu seu destino através de traçados Superiores, ela, contudo, parece ainda lamentar muito esta falta, como se não houvesse nenhuma outra forma de relação possível com o masculino a não ser através do vínculo mãe-filho.

Inquirida sobre que 'poder mágico' teria esse menino, o sujeito, considerando a forma como foi criada e educada, explica: "Talvez sentisse necessidade de ter um masculino perto de mim... fazendo carinho prá mim... eu amamentando essa criança... ele tendo que precisar de mim! Eu podendo cuidar de um Ser masculino!"

As associações do sujeito são bastante sugestivas e remontam de imediato ao já citado, Complexo de Édipo. Sua descrição pressupõe uma relação mãe-filho, que mais sugere um enlevo amoroso, envolvendo exclusividade, dependência, troca de afetividade e prazer no ato da amamentação. Assim, a ideada dependência da criança para com a mãe parece ser sentida como prazerosa e gratificante pelo sujeito, pois também ela parece 'depender desta dependência.' Ter um Ser masculino que dela dependa, principalmente em algo tão essencial como é o ato da alimentação, pressupõe uma condição de fragilidade do objeto (que na relação com o contra-papel, exige a força como complemento), alguém que não lhe oferece perigos e que, portanto, ela não precisa temer, mas que ao contrário necessita de seus cuidados, pois está totalmente à sua mercê. Verônica pode cuidar intimamente deste Ser, pode protegê-lo, controlá-lo, mimá-lo, acalentá-lo, fazer o que quiser com ele e se sentir segura e realizada.

Ela acrescenta que poderia cuidar deste menino da mesma forma como cuida das meninas. Isto é, poderia fazer um "carinho sem interesse! Um carinho sem planejar assim... sem saber que vai ter alguma coisa por trás disso. Poder conversar sem interesse algum!" O sujeito admite que este interesse que não poderia existir é no sentido de que não haja nenhuma conotação sexual no vínculo. Verônica presume que na relação mãe-filho "não existe esse tipo de interesse." Essa é a garantia que ela teria, pois, sentindo-se protegida por esse vínculo, esse Ser masculino sendo um filho seu, ela poderia manifestar sua afetividade irrestritamente e sem censura e externar todo cuidado e afeto por esse Ser, sem que isto tivesse qualquer conotação de cunho sexual. Desta forma ela se sentiria então gratificada e satisfeita em suas necessidades de completude e carinho pelo outro-masculino.

Verônica parece que precisa negar todo o erotismo existente na relação mãe-filho-homem, que ela reputa como destituída de qualquer conotação de cunho sexual, valendo-se da interdição do incesto e ao mesmo tempo, assegurando que cuidaria

de um menino da mesma forma que cuidou das meninas, suas filhas. Todavia, em flagrante contradição às asseverações do sujeito, ECHENIQUE & FASSA (1992) referindo-se à relação mãe-filho na primeira infância, afirmam que a vivência sensual e prazerosa do contato corporal pele-a-pele não só existe, como ocorre para ambos os sexos. No entanto, quando se trata de um menino, a mãe projeta no filho o seu imaginário da figura masculina, e se mobiliza fortemente pelo fato deste ter um pênis e se relaciona com ele como um complementar sexual, o que erotiza o vínculo e o faz, por sua vez, vivenciar a fusão como contato com o sexo oposto. Assim, diferentemente da menina, na relação que a mãe estabelece com o filho predomina o erotismo sobre o processo de identificação. Experimentando o filho como seu oposto, a mãe fascina-se por ter produzido um homem, encanta-se com a diferença - a sensação de parir e amamentar um filho-homem é de potência e excitação - o que desencadeia o surgimento dos mecanismos socio-culturais de interdição ao incesto. A mãe então se contém e seu tônus, mais tenso, reflete a censura à expressão de seu afeto (isto reassegura a expectativa de Verônica de que esta relação seja destituída de qualquer conotação sexual). Por outro lado, a mãe é vista magicamente pela criança, totalmente poderosa, reunindo tudo de bom que se possa desejar no mundo. Na verdade, considerando-se as reduzidas dimensões para as quais a vida da mãe foi programada, entre cuidados do lar e dos filhos, nesse momento, ela se apresenta realmente poderosa e competente: o ponto máximo de importância se verifica quando tem um recém-nascido para criar. É então que ela se sente competente e capaz de lidar com a realidade; "a vivência da maternagem a gratifica a níveis profundos, no resgate de experiências arcaicas e a nível sócio-cultural, no reforço dos papéis para os quais foi intensivamente preparada" (ECHENIQUE & FASSA, 1992, p. 29).

As autoras corroboram que a fusão erotizada é gratificante para ambos; a mãe está orgulhosa do fato de ter gerado um homem; o menino sente-se amado, desejado e adequado. O erotismo da mãe o confirma enquanto objeto de seu amor e de seu desejo, ele é tudo o que sua mãe precisa para ser perfeitamente feliz (o que se coaduna perfeitamente aos sentimentos expostos pelo sujeito). Todavia, essa plenitude e proximidade tão intensas e excitantes contêm o germe da ambivalência: o filho é tão

desejado, e o prazer da fruição é tão grande, que se torna perigoso e desencadeia um processo de afastamento.

Vale ressaltar que o sujeito parece estar revelando indiretamente que o que atrapalha e perverte o vínculo com o masculino é a ameaça de que isto tenha um colorido sexual. A sexualidade sendo considerada então como uma manifestação muito perigosa e corruptível, supostamente indecorosa, degradante e pecaminosa, ofensiva para seu código de valores morais, éticos e religiosos.

Verônica admite que sente muita inveja de outras mulheres, vizinhas e amigas, que têm um 'filho-homem.' A seguir reconsidera dizendo que não é exatamente inveja (sentimento que talvez seja 'muito feio' para si admitir que o possua), mas aquele sentimento que não conseguia sentir (supostamente ela está se referindo às dificuldades apresentadas no início deste quadro). Verônica conclui que pelo fato de não ter tido o 'filho-homem' que tanto desejou, ficou então "este vazio, essa falta, esse buraco" dentro de si. Na verdade "está muito vazio!" Ressalta ela, demonstrando com isso seus sentimentos de profunda carência afetiva. Continuando com suas reflexões, o sujeito acrescenta que as meninas normalmente manifestam pouco interesse pela mãe, pelo fato de serem iguais. Em sua própria família, ela pode observar isso. Já, no caso de um menino, Verônica acredita que muita coisa iria se diferenciar. Em sua fantasia, talvez o pai não fosse tão autoritário, pois teria que disputar o poder com outro homem dentro de casa. O sujeito conclui então que a dinâmica seria totalmente diferente. Inclusive, ela corrobora sua opinião citando que suas meninas também cobram muito a não existência de um irmão. Seu desejo era por ter tido um irmão. "Mas o que eu posso fazer?" Queixa-se o sujeito em tom lamuriento. "Deus não permitiu!" Assevera, tentando se consolar tristemente.

O sujeito intuiu brilhantemente através das considerações acima a trama do Complexo de Édipo, agora ampliando sua análise da esfera da relação mãe-filho, para abranger o contexto familiar mais amplo. Isto corrobora a hipótese anteriormente levantada por nós. Tendo um 'filho-homem' Verônica teria na verdade um cúmplice e um aliado na luta contra o masculino forte e dominador, o marido, figura supostamente ameaçadora que em nenhum momento aparece. Ao mesmo tempo ela contaria com a

particular deferência que o menino nutre em relação à mãe, um vínculo privativo do qual nenhum outro membro da família participaria.

Por outro lado, EMMA JUNG (1995) afirma que quando o *animus* é representado como um rapaz, o filho ou o jovem amigo, entende-se quase sempre que o componente masculino da mulher estaria em desenvolvimento, o que parece ser o caso de Verônica, apesar dela se encontrar numa condição ainda mais regressiva, visto que este filho nem sequer existe concretamente.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Logo após ter sido proposto com muito critério e 'tato' o encontro do Ser feminino com o Ser masculino...

Lucélia: ...Agora você vai se possível, imaginar o encontro do seu Ser masculino com o seu Ser feminino, ísto é, os dois juntos no mesmo espaço físico. Veja se aquela menina correndo no campo florido, se ela pode se encontrar com essa escuridão. Veja se existe alguma forma de juntar essas duas coisas, se elas estabelecem algum tipo de relação. Veja se isto é possível!

...O sujeito se manifesta com firmeza:

Verônica: Não se encontram!

Lucélia: Não se encontram?

Verônica: Não!

Lucélia: Como que fica então?

Verônica: Ela fica parada olhando o escuro!

Lucélia: Ah! Ela fica parada, olhando o escuro. É assim que ocorre a relação da menina com o escuro? Ela apenas olha... ela fica parada, e fica olhando?

Verônica: Hã hã...

Lucélia: E ela diz alguma coisa?

Verônica: Não!

Lucélia: Não diz nada? Apenas olha?

Verônica: Isso!

Lucélia: E o que ela sente ali, olhando aquele escuro?

Verônica: Muito triste!

Lucélia: Muito triste? Hum... A menina sente muita tristeza? Por quê, Verônica?

Verônica: Eu não sei!

Lucélia: Você não sabe?

Verônica: Não!

Lucélia: E ela fica parada olhando o escuro, e não diz nada a ele?

Verônica: Não! (Chorando)

Lucélia: E o escuro? Diz alguma coisa prá ela? (Lembre-se que o escuro também pode falar).

Verônica: Não! Está muito longe!

Lucélia: Ah! Eles estão longe um do outro!

Verônica: Estão!

Lucélia: Hum....

Verônica: Está do outro lado da montanha!

Lucélia: Ah! O escuro está do outro lado! Do outro lado da montanha... E você? Interfere? (Você pode interferir, lembre-se disso).

Verônica: Não!

Lucélia: Não interfere?

Verônica: Só fico olhando!

Lucélia: Só fica olhando? (Pausa) Hum hum... Um, de um lado e o outro, do outro lado da montanha...

Verônica: É! Bem distantes! Bastante!

Lucélia: Bastante! Hum hum... Não dá prá eles conversarem porque eles estão...

Verônica: Não! Ela já está voltando!

Lucélia: Ah! Ela já está voltando? Ela deixou o escuro do outro lado, e está onde agora?

Verônica: Está vindo embora... chorando!

Lucélia: Ela está vindo embora chorando! (Ênfase) Ela está chorando! Por que será que ela está chorando?

Verônica: Porque eu também estou!

Lucélia: Porque você também está!? Parece que esse escuro dói, não é? 'Ver esse escuro?' Entrar em contato com esse escuro, dói, machuca, faz chorar?

Verônica: Faz! Bastante!

Lucélia: Bastante! Hum hum... Mas ela já está voltando. Prá onde ela está indo agora?

Verônica: Não sei! Talvez eu encontre com ela!

Lucélia: Talvez você encontre com ela? Talvez...

Verônica: Eu vou tentar!

Lucélia: Vai tentar? Hum hum... Mas não é prá já? Não é agora que isso vai acontecer?

Verônica: Não!

Lucélia: Não? Nesse momento, você teria alguma coisa a dizer a ela?

Verônica: Não tenho!

Lucélia: Não tem? Está bom! Acontece mais alguma coisa, Verônica?

Verônica: Não! Ela já foi embora!

Lucélia: Ah! Ela já foi embora? O campo agora já está 'vazio?' O campo de flores?

Verônica: Não tem mais flores!

Lucélia: Não tem mais flores também? O que restou?

Verônica: Está tudo meio nublado!

Lucélia: Nublado? Está tudo meio nublado? Mudou de repente a paisagem?

Verônica: É!

Lucélia: Ah... Ficou nublado! Não tem mais flores, a menina já foi embora. Está certo! Acontece mais alguma coisa?

Verônica: Não!

Lucélia: Está bom! Então nós vamos agora, lentamente, fechando esta janela da sua imaginação...[40]

3.1) Amplificação e interpretação

Imediatamente à proposta de encontro entre o Ser feminino e o Ser masculino (neste caso, a menina e a escuridão), o sujeito afirma com segurança: "Não se encontram." A única relação que se estabelece entre eles parece ser a de contemplação à distância: a menina permanece imóvel olhando em direção ao escuro. O sujeito assegura que a menina nada diz ao escuro (ou seja, não se estabelece uma comunicação verbal),

[40] Logo após o término da aplicação da técnica de imaginação ativa, Verônica, em seus comentários sobre o trabalho, disse estar com as mãos frias.

ela apenas olha para ele, e sente muita tristeza ao contemplá-lo. Verônica afirma que ignora porque a menina esteja triste (isto é, o que existiria no escuro de tão tenebroso, que a deixaria tão triste). Mas ela mesma manifesta a emoção da menina através do seu próprio choro, e ao mesmo tempo reitera com um não taxativo o que já havia sido dito anteriormente (que aquela apenas "fica parada olhando o escuro," e não diz nada a ele). Neste momento já é possível perceber que o sujeito se identifica de tal forma com a menina, que ambas parecem ser duas faces da mesma pessoa. A emoção de uma é a emoção da outra. A menina está triste, e é Verônica quem chora, isto é, quem manifesta a emoção da tristeza, pois trata-se da tristeza da menina que ela traz dentro de si.

Em seguida o sujeito acrescenta que o escuro tão pouco conversa com a menina, pois ele está muito longe, isto é, "do outro lado da montanha," diz ela. A distância física e geográfica é uma expressão da distância emocional, portanto. O sujeito tão pouco interfere neste estado de coisas. Assim como a menina, Verônica se limita a olhar, e parece se sentir tão impotente e consternada quanto ela. Tudo o que ela pode ver é que uma está de um lado, e o outro está do outro lado da montanha, esta última servindo como um sólido divisor de águas, e um obstáculo 'convincente' entre um e outro. Assim, ambos estão segura e definitivamente muito distantes e separados um do outro, pois há um obstáculo natural que impede a aproximação e que se vejam como realmente são (a não ser que haja um esforço no sentido de superar este obstáculo). Esta situação não só impede a comunicação e a visualização clara do outro, como também torna-se um estímulo pouco atraente para a menina (na verdade é desalentador), pois ela já está voltando, afirma o sujeito, supostamente como quem não gostou muito do que viu.

Continuando, Verônica acrescenta que a menina deixou o escuro do outro lado da montanha, e está vindo embora chorando, parece que emocionalmente mobilizada com o que acabou de ver 'do outro lado.' Inquirida sobre o motivo pelo qual a menina está chorando, o sujeito afirma: "Porque eu também estou!" declarando assim sua incontestável identificação com a imagem, de forma que, tal como irmãs siamesas, uma parece ser o prolongamento e o espelho da outra. Foi observado, então, que parece ser doloroso para o sujeito (implicitamente, através da menina) "ver esse escuro;" tal como uma ferida aberta, "o escuro dói;" entrar em contato com ele "machuca, faz

chorar," aspecto que é reiterado pelo sujeito. Refletindo um pouco mais sobre o escuro pode-se considerá-lo como um aspecto tenebroso da personalidade de Verônica, algo que ela teme conhecer e entrar em contato e que Jung em seus estudos denominou como a sombra.

JUNG (1990) afirma que a confrontação com a sombra causa primeiramente um "equilíbrio morto" ou uma parada que impede decisões morais, e torna ineficazes as convicções e mesmo as impossibilita. Tudo se torna duvidoso, e por isso os alquimistas denominam adequadamente esse estado inicial como *nigredo* (negrura), *tenebrositas* (escuridão), caos e melancolia (relacione-se a isto a escuridão com que se defronta a menina e a tristeza que sente diante dela).

Segundo CASTILLEJO (1997), a sombra é aquela parte da psique que deveria se tornar consciente, ainda que esteja inconsciente. A sombra consiste naquelas características que não se reconhece em si mesmo. Infelizmente as pessoas tendem a acreditar que esta signifique suas más 'qualidades.' Mas a sombra pode ser brilhante (clara) tanto quanto escura e ruim. Uma virtude genuína freqüentemente está oculta no inconsciente. Por exemplo, uma pessoa tímida pode demonstrar coragem em uma emergência que surpreende ela mesma tanto quanto seus amigos. Ou um homem mesquinho pode ter um ataque de inesperada generosidade, de forma que ele mesmo se sinta positivamente embaraçado. A generosidade e a coragem podem ambas ser consideradas 'qualidades' da sombra, porque são desconhecidas do seu possuidor, mas neste caso a sombra deveria ser brilhante. É o caráter inconsciente de uma 'qualidade' que a torna uma sombra, não seu caráter pernicioso. Se as 'qualidades' da sombra são boas ou más, precisa-se conhecer sua presença de maneira que se possa começar a adquirir responsabilidade pelos seus efeitos em outros e em si mesmo, afirma a autora. Quanto à sombra escura, já se tornou conhecimento de senso comum o fato de que projeta-se 'qualidades' sobre outras pessoas com as quais se antipatiza, ou positivamente se detesta, por alguma característica que inconscientemente se compartilha com elas. Enquanto somente se vê sombras escuras em alguém, não se pode assumir responsabilidade por elas em si mesmo. Meramente odeia-se o outro companheiro.

Assim, o 'lado de cá' da montanha onde se encontra a menina, o campo florido, o dia ensolarado e o céu azul, corresponde aos aspectos conscientes, com tudo aquilo que Verônica pôde idear (e que tem amalgamado dentro de si através da herança coletiva) de mais belo e perfeito, algo que ela identifica como sendo o feminino, a sua 'terra firme,' tão conhecida e segura. O 'lado de lá' corresponde aos aspectos sombrios e obscuros de sua personalidade que foram negados e relegados ao inconsciente pessoal, aspectos estes dos quais se envergonha e teme, e que, portanto, não reconhece como sendo seus, e cujo contato lhe é bastante doloroso. O escuro foi identificado com o masculino, e tudo aquilo que lhe é estranho, assustador, sombrio e causador de sofrimento. Então, supostamente esse confronto não só seria doloroso, como também se torna inadmissível e impraticável, pois são dois opostos inconciliáveis. Convenientemente, o escuro permanece com seu aspecto tenebroso, este imenso 'buraco negro' na alma de Verônica, e a menina, muito embora sua tristeza, mantém intocado seu ar virginal, sua pureza e todo o ideal de perfeição e beleza etérea que representa.

Verônica afirma que não sabe dizer para onde a menina está indo agora, logo após se afastar de sua contemplação do escuro. E acrescenta que talvez se encontre com ela, prometendo que irá tentar. Mas isto não é algo que ocorra imediatamente, pois ela parece não estar muito predisposta a este encontro, talvez pelo fato da menina ser um reflexo do seu próprio eu. Verônica afirma que nesse momento nada tem a dizer àquela. E fecha o quadro dizendo que a menina já foi embora. Além disso, não existem mais flores no campo. O dia, antes ensolarado, e o céu muito azul, agora se tornou nublado. É como se toda aquela natureza exuberante e paradisíaca somente existisse e fosse criada em função da menina, como na magia de um conto de fadas, e fosse a pura expressão de seu estado d'alma. O encanto foi desfeito quando a menina se entristeceu e foi embora. Assim a paisagem mudou de repente; sem a menina não há mais flores no campo (a pura expressão de sua alegria e vivacidade) e tudo o que restou foi um dia nublado, tão cinzento quanto seu estado anímico. O sujeito assegura que nada mais acontece.

O choro silencioso de Verônica, associado à observação de que tenha ficado com as mãos frias durante a técnica da imaginação ativa, corresponde a um tipo de

manifestação emocional e fisiológica que demonstra que ela, de fato, vivenciou intensamente essa experiência.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 3: Ester

1) Figura feminina

Tendo sido proferida a consigna referente à figura feminina, Ester assim se manifesta:

Ester: Eu vejo uma moça... adolescente... jovem... está num lugar assim... verde. Muito bonito! Cheio de grama! Tem flores no chão. Ela está encostada no galho de uma árvore. Ela está tranqüila, serena, sem preocupação nenhuma. Como se... aquele espaço é só dela ali naquele momento!

Lucélia: Aquele espaço é só dela?

Ester: É!

Lucélia: Hum hum...

Ester: Tem pássaros! O céu está azul! Está assim, um dia maravilhoso!

Lucélia: E ela está sozinha ali?

Ester: Ela está sozinha!

Lucélia: Ela está encostada nesta árvore... no galho desta árvore...

Ester: É! No galho!

Lucélia: Hum hum... o que ela está fazendo ali?

Ester: Ela está acariciando o cabelo. Ela está tão tranqüila! O mundo é bonito prá ela! Não tem problemas, está tudo em paz...

Lucélia: O mundo está em paz prá ela e ela está em paz com o mundo, é isso?

Ester: Isso!

Lucélia: Hum... E você disse que é uma adolescente, quantos anos ela tem?

Ester: Uns dezessete anos!

Lucélia: E ela espera alguém ali? Ou não?

Ester: Espera!

Lucélia: Quem ela está esperando?

Ester: Um rapaz! Bonito... carinhoso... que ela possa dividir com ele aquele momento. É muito gostoso, esse momento! Tranqüilidade... paz... ela se acha bonita!

Lucélia: Ela se acha bonita... Hum hum... e ela espera esse rapaz para poder compartilhar toda aquela beleza com ele. E ele vem?

Ester: Ele vem!

Lucélia: Como isso acontece?

Ester: Ele vem em câmara lenta... o vento batendo no cabelo! Ele está feliz! Sorrindo! Está indo prá ela! Ao encontro dela!

Lucélia: Hum hum... está indo ao encontro dela, sorrindo... o vento batendo no cabelo... e depois?

Ester: Eles se abraçam! Não precisa dizer muita coisa. Ela não precisa dizer nada. Troca de olhares, o calor do corpo! Eles... um completa o outro!

Lucélia: Então eles se comunicam pelo corpo. Há uma linguagem corporal aí, é isso?

Ester: É! Pelo olhar!

Lucélia: Um completa o outro. Tudo ali é perfeito?

Ester: Tudo é perfeito!

Lucélia: Onde você está ali? De onde você observa esta cena?

Ester: Eu... acho que eu estou do lado dela...

Lucélia: Você diz alguma coisa prá ela, prá ele? Você interfere? Ou não?

Ester: Não! Eu só acho muito lindo! Maravilhoso! Chega a passar prá mim aquele instante, aquele momento dos dois, eu acabo sentindo também!

Lucélia: Hum.. De onde você está você também sente aquela alegria, aquela sensação de prazer?

Ester: A emoção!

Lucélia: A emoção do encontro!

Ester: Isso!

Lucélia: Hum hum... Mas você não se aproxima?

Ester: Mas eu estou pertinho!

Lucélia: Ah! Você está pertinho?

Ester: Eu estou quase... tomando o lugar dela! Estou bem pertinho!

Lucélia: Hum... Quase tomando o lugar dela! Continue!

Ester: Parece que a árvore que eles estão embaixo, parece que ela irradia luz! Parece que tem coisas escritas nas folhas!

Lucélia: Coisas escritas nas folhas da árvore?

Ester: É!

Lucélia: E você toma o lugar dela (da adolescente)?

Ester: Tomo! (Pausa) Ah! Está gelada a minha mão!

Lucélia: Sua mão está gelada?

Ester: É! Tem uma sensação esquisita!

Lucélia: Uma sensação boa?

Ester: Boa!

Lucélia: Sensação de...

Ester: Acho que de aconchego!

Lucélia: De aconchego?

Ester: De calor!

Lucélia: De calor?

Ester: É! De dois corpos, assim! De carinho!

Lucélia: De tesão?

Ester: É! De tesão (ênfase) mesmo!

Lucélia: Hum hum... Macho e fêmea se encostando, é isso? Homem e mulher...

Ester: Macho e fêmea! É!

Lucélia: ...Se tocando! Se sentindo um ao outro!

Ester: (Inaudível) Muito bom!

Lucélia: É muito bom, não é? Está bem! (Pausa) E para onde foi a adolescente?

Ester: (Silêncio)

Lucélia: Ela não está mais aí?

Ester: Não está! Eu não prestei atenção.

Lucélia: Hum hum... a partir do momento que você entrou...

Ester: Eu me sinto assim. Eu me sinto adolescente!

Lucélia: Você é um pouco essa adolescente?

Ester: É!

Lucélia: Você se fundiu com ela?

Ester: É! Eu acho que é isso. Porque eu não tenho noção se ela foi embora ou não, eu acho que a gente se tornou uma só.

Lucélia: E você continua ali abraçada com o rapaz? Sentindo esse encontro... a beleza desse encontro... o calor desse encontro... a excitação desse encontro?

Ester: Tem um carinho muito suave! A mão... passa no meu cabelo como se estivesse acariciando, assim... uma pelúcia, um bichinho de pelúcia! Muito carinhoso...

Lucélia: Muito carinhoso. E você se sente amada, não é?

Ester: É!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa?

Ester: Não! É muito perfeito! Acho que o mundo podia acabar ali que... eles não iam ver! Estava muito bom! Um lugar perfeito! Tudo! Aquele verde, flor, pássaro! Parece o paraíso!

Lucélia: Parece o paraíso! Tudo é perfeito! Desde a natureza, os pássaros, o verde, até o casal... tudo, tudo é perfeito.

Ester: Tudo!

Lucélia: Está bem! Agora, se nada mais acontece quero que você vá se despedindo desta cena paradisíaca... lentamente...

1.1) Amplificação e interpretação

O Ser feminino para o sujeito personificou-se na imagem de uma jovem adolescente de dezessete anos. Uma paisagem bucólica compõe o cenário que lhe serve de pano de fundo: um verde gramado com flores espalhadas pelo chão, pássaros cantando e um céu azul; "o dia é maravilhoso," diz ela. A adolescente repousa tranqüila e serenamente apoiada ao galho de uma árvore, "como se o espaço fosse só dela."

Ela está só, acariciando o cabelo. Não demonstra nenhum sinal de preocupação, nada parece inquietá-la; "o mundo é bonito prá ela," afirma o sujeito. Ela se sente bonita, e está em paz com todo o universo, acrescenta. Esta descrição sugere um estado de graça e comunhão com o cosmos, que remete ao costume dravidiano[41] do

[41] Os drávidas são um povo indígena do sul da Índia e do norte do Sri-Lanka, de raça diferente da indo-européia e anterior a essa região (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

casamento místico entre árvores e humanos (anterior ao enlace entre humanos propriamente dito), o qual, segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) destina-se a reforçar a capacidade de procriação da mulher. Tradições análogas são atestadas no Punjab e no Himalaia.

Para completar este quadro, a adolescente espera alguém do sexo oposto com quem possa compartilhar a beleza e o fascínio daquele momento. Como que por encanto, este alguém logo aparece. E surge em câmara lenta trazendo consigo toda a magia de um conto de fadas: um rapaz bonito, carinhoso, tal qual Ester sempre sonhou. Ele está sorrindo, feliz, e vem ao seu encontro com os cabelos agitados pelo vento (uma cena de romance e sonho). Ambos se abraçam. Prescinde-se de palavras nesse momento. A comunicação se processa através da troca de olhares e de ondas de calor pelo corpo. A sensação de união é plena: "Um completa o outro," diz ela.

Isto nos remete à *coniunctio oppositorum*, um símbolo alquímico de uma união de substâncias desiguais, um casamento de opostos em uma relação sexual que tem sua fruição no nascimento de um novo elemento, objetivo último de todo ser vivente. JUNG* compreende a *coniunctio* como um arquétipo do funcionamento psíquico, simbolizando um padrão de relacionamento entre dois ou mais fatores inconscientes. Sendo tais relacionamentos, inicialmente, incompreensíveis à mente percebedora, a *coniunctio* se expressa por meio de projeções simbólicas (o belo rapaz). Quando ela está operando, a sensação experimentada é um estado de serenidade e beatitude.

Por outro lado, a extrema plasticidade e harmonia observadas na sucessão das imagens, e as próprias referências do sujeito de que "tudo é perfeito," sugerem uma expressão do paraíso, estado a que ela própria se referiu explicitamente no final do trabalho. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), a aspiração do paraíso perdido é universal, o desejo de nos encontrarmos sempre e sem esforços no coração do mundo da realidade e da sacralidade, em suma, o desejo de superar de uma maneira natural a condição humana e de recuperar a condição divina. O retorno ao estado edênico

* JUNG, C.G. *apud* SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. - **Dicionário crítico de análise junguiana.** Rio de Janeiro, Imago Editora, 1988. 236 p.

é, com efeito, a obtenção de um estado central, a partir do qual se pode fazer a ascensão espiritual ao longo do eixo terra-céu.

O paraíso sugere ainda um "estado de graça sobrenatural," sendo na maioria das vezes representado como um jardim, cuja vegetação luxuriante e espontânea é fruto da atividade celeste. Os paraísos budistas são povoados de pássaros (que também estão presentes na imagem de Ester). De modo geral, os pássaros simbolizam os estados espirituais, os anjos, os estados superiores do ser. Os documentos mais antigos entre os textos védicos mostram que o pássaro ou ave era tido como um símbolo da amizade dos deuses para com os homens.

Dando prosseguimento ao trabalho imaginativo, Ester se coloca ao lado da adolescente, bem próxima a ela, de forma que do ponto em que está possa captar também aquela energia e sentir toda a magia e a emoção do encontro. Assim, ela considera o momento "lindo e maravilhoso," e observa então que a árvore sob a qual estão irradia muita luz - o que pode ser entendido como consciência e sabedoria - sendo que há alguma coisa escrita nas suas folhas. Estas indicações sugerem ser esta árvore, um símbolo da árvore do conhecimento ou do bem e do mal, da qual Adão foi impedido de comer seus frutos nos Jardins do Éden, sob pena de ser morto. O sujeito, por sua vez, somente tem acesso a tais manifestações sem prejuízo para sua sobrevivência psíquica, após ter se processado a *coniunctio oppositorum,* que lhe abriu o caminho para a 'iluminação,' de forma a ascender a estados espirituais mais elevados intermediados pelo processo de individuação.

Finalmente Ester toma o lugar da adolescente. Quando isto ocorre, há uma queda na temperatura das mãos, que se tornam gélidas, o que é um aparente sinal de ansiedade. Em seguida refere-se a uma sensação "esquisita." Quando consegue decodificá-la percebe que se trata de uma sensação prazerosa de aconchego, de carinho, de calor, até que finalmente admite que o contato dos dois corpos juntos - macho e fêmea se roçando - deixam-na excitada. Ambos continuam se sentindo um ao outro, o que "é muito bom," diz ela. Interessante observar que não há aqui nenhuma nota dissonante, que sugira sentimentos de culpa ou de desconforto. Ao contrário, a sensação de plenitude e de prazer é total.

Questionada sobre onde se encontra a adolescente, Ester afirma que ela não está mais aí. Não sabe dizer para onde ela foi. Refletindo, admite que se sente assim, como uma adolescente."Eu acho que a gente se tornou uma só," diz ela. Na verdade, aqui o ego ao tomar o lugar (assumir o papel) de seu personagem, tira a sua 'máscara' (*persona*) destituindo-se de suas defesas e assume como suas as idiossincrasias deste.

Observe-se que a energia arquetípica da já citada deusa, que na mitologia grega imperava nos lugares agrestes como a soberana Senhora das Feras - Ártemis - irrompe com maior força na adolescência, que representa o pico de energia das mulheres abençoadas pela deusa. Tão poderosa é essa energia que, na realidade, as mulheres que vivem quase que exclusivamente por meio de Ártemis permanecem, sob diversos aspectos, perpetuamente juvenis, o que, se fisicamente é uma dádiva, psicologicamente, contudo, existe o risco de Ártemis dominar a consciência de uma mulher para o resto de sua vida, excluindo as energias das outras deusas (WOOLGER & WOOLGER, 1997).

Continuando, Ester sente o toque suave do rapaz, sua mão deslizando pelo seu cabelo, como se estivesse acariciando um bicho de pelúcia. Ele é muito carinhoso, observa. Tudo ali é perfeito, reitera. O lugar é o próprio paraíso. "O mundo poderia acabar que eles nem notariam," diz ela, tão enlevados parecem estar um com o outro. Através de todo este jogo de mútua exploração transbordante de sensualidade e carinho, Ester parece se sentir plenamente amada. Toda esta cena do paraíso é tão perfeitamente acabada e completa em si mesma - o belo rapaz se constituindo na mais perfeita projeção do príncipe encantado - que faz supor que corresponda ao desejo profundamente idealizado e longamente acalentado pelo sujeito, em contraposição a uma suposta dura e amarga realidade, da qual se permitiu momentaneamente escapar.

Atente-se para a seqüência em que os fatos se deram: inicialmente a adolescente 'comunga' com a natureza, o que simbolicamente se expressa através do 'casamento' com a árvore em um cenário paradisíaco. Em seguida ocorre o encontro com o belo rapaz, processando-se então a *coniunctio oppositorum* e a união de opostos concomitante. Logo após, a árvore começa a irradiar luz e exibe escritos em suas folhas, demonstrando com isso ter-se atingido estados superiores de consciência e sabedoria. Finalmente o sujeito assume o papel da adolescente, possibilitando assim a fruição direta

e sem disfarces de toda a beleza e o encantamento daquele momento, de forma que se lhe opere internamente toda a alquimia psíquica desencadeada pela integração de opostos.

O caráter numinoso desta experiência indica tratarem-se as respectivas imagens de expressões simbólicas arquetípicas provenientes do inconsciente coletivo do sujeito.

2) Figura masculina

Tendo sido proferida a consigna referente à figura masculina, Ester assim se manifesta:

Ester: Ele é forte...

Lucélia: Quem é ele? (Antes de mais nada)

Ester: O meu lado masculino?

Lucélia: Sim! Que forma ele tem? Ele pertence a... ele é humano? Ele é animal? Vegetal? Mineral?

Ester: É animal!

Lucélia: É um animal? Você estava dizendo que ele é forte, não é?

Ester: É!

Lucélia: Que animal é esse? Dá para identificar?

Ester: Acho que é um urso!

Lucélia: Um urso! (Ênfase) Um urso bem forte?

Ester: Bem forte!

Lucélia: Hum hum... continue. Onde está esse urso? O que acontece com ele?

Ester: Ah! Esse urso, ele é bem forte, ele é bravo! Não pode chegar perto dele, que ele machuca!

Lucélia: Ele é agressivo?

Ester: Ele é agressivo! Muito agressivo!

Lucélia: Muito agressivo! Hum hum...

Ester: Ele machuca ele mesmo sendo dessa forma!

Lucélia: Machuca a si mesmo?

Ester: Outros querem chegar até ele, e não conseguem!

Lucélia: Hum...

Ester: Ele sempre acha que... é... eles vão fazer mal prá ele. Então ele já ataca assim... ele já se defende, sem saber se vão fazer bem ou mal prá ele. Ele já...

Lucélia: Ele já ataca prá se defender? Sem saber a intenção do outro, ele simplesmente ataca?

Ester: Ataca! O medo dele é grande!

Lucélia: Do que ele tem medo?

Ester: Que os outros achem que ele é fraco! Pelo tamanho dele, ele é forte. Então, por dentro, ele tem medo!

Lucélia: Vamos ver se eu entendi: ele tem uma estrutura física avantajada, mas tem medo que os outros o achem fraco, é isso?

Ester: É! Dentro dele, lá no fundo... ele também tem medo! E ele tenta mostrar que ele é forte!

Lucélia: Ele tenta mostrar que é forte!

Ester: (Pausa) Um mal-estar (inaudível)

Lucélia: Mal-estar?

Ester: É! Eu estou... gelando a minha mão!

Lucélia: Sua mão está gelando?

Ester: É!

Lucélia: Esse mal-estar é seu ou é do urso?

Ester: Eu acho que é dele.

Lucélia: O que ele tem?

Ester: Eu não sei! Eu acho que é medo. Ele está com medo!

Lucélia: Você faz alguma coisa por ele? Você fala com ele? Você interfere ou apenas observa?

Ester: Eu apenas observo!

Lucélia: É?

Ester: O urso precisa de ajuda!

Lucélia: Então: "Eu, Ester, estou observando, mas eu vejo que ele precisa de ajuda!" É isso o que você está me dizendo?

Ester: É! Vontade de acolher ele!

Lucélia: Hum hum...

Ester: Tranqüilizar! Já que ele está nervoso!

Lucélia: Ele está nervoso também! Você gostaria de tranqüilizá-lo, de acolhê-lo. Você faz isso?

Ester: Eu consegui chegar!

Lucélia: Conseguiu chegar?

Ester: É! E ele ficou tão calmo! Ele recebeu bem! Eu fui meio assustada, achando que ele ia me agredir, mas ele gostou. Ele está todo encolhidinho! Eu estou aconchegando ele.

Lucélia: Ele gostou que você tivesse se aproximado, e você está aconchegando ele.

Ester: É!

Lucélia: Continue...

Ester: É só uma... uma troca mesmo!

Lucélia: Troca? Troca de quê?

Ester: ...de carinho! De aconchego! (Ele recebe bem) De proteção mesmo!

Lucélia: Até de proteção!

Ester: Acho que eu estou protegendo ele. No momento, eu me sinto assim. Como se estivesse protegendo... aquele bicho grandão e forte! E ele ficou tão... é... não sei que palavra usar... (sussurrando)

Lucélia: Fale o que vier à sua mente.

Ester: É! Ele não é mais feroz, não é bravo! Ele está...

Lucélia: Ele ficou dócil?

Ester: Isso! Dócil!

Lucélia: Perdeu toda aquela ferocidade, aquela agressividade?

Ester: Isso!

Lucélia: Porque você pôde cuidar dele. Você pôde chegar perto. Você venceu o seu próprio medo para cuidar dele! É isso?

Ester: Isso!

Lucélia: E isso faz bem a ambos?

Ester: Faz! Faz bem a ambos.

Lucélia: Hum... Acontece mais alguma coisa?

Ester: Não! Eu acho que passou mesmo, assim, aquele calor! Porque eu vejo o mesmo, eu sinto o mesmo, os pêlos dele... quentinho!

Lucélia: Você está sentindo isso agora em você? No seu corpo? O calor, o quentinho dele? Os pêlos dele?

Ester: Isso! É!

Lucélia: Está bem! Acontece mais alguma coisa?

Ester: Não!

Lucélia: Então agora vá se despedindo dessa cena, desta figura que representa o seu Ser masculino...

2.1) Amplificação e interpretação

Após uma certa hesitação inicial, o sujeito finalmente apreendeu a imagem do Ser masculino na forma de um animal, mais especificamente um urso.

Tentando caracterizar o animal, ela afirma ser o mesmo "bem forte e bravo," e acrescenta que não se pode aproximar dele porque corre-se o risco de ser ferido por ele (é portanto, perigoso). Na verdade, Ester afirma tratar-se de um animal muito agressivo, podendo inclusive "machucar a si próprio."

Na mitologia grega, o urso acompanha Ártemis, divindade lunar de ritos cruéis. O animal lunar encarna uma das duas faces da dialética ligada ao mito lunar: pode ser monstro ou vítima, sacrificador ou sacrificado. Como toda hierofania lunar, o urso tem relação com o instinto. Dada sua força é considerado como símbolo do aspecto perigoso do inconsciente (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Continuando, Ester afirma que quem deseja aproximar-se do animal, não consegue fazê-lo, pois o urso pressupõe que quem se aproxima deseja lhe causar algum dano, então de imediato já ataca para se defender, ignorando as verdadeiras e reais intenções do elemento estranho. Na verdade, ele ataca "porque seu medo é grande," diz ela, e teme ser considerado fraco no meio exterior. Ester acrescenta que considerando as dimensões e a aparência do urso, ele parece ser muito forte, mas internamente, intimamente, o animal também tem medo, isto é, ele se sente frágil e tenta supercompensar e ocultar isto valendo-se de sua compleição avantajada, e sua força física.

Como todas as grandes caças, o urso faz parte dos símbolos do inconsciente ctônico: lunar e, portanto, noturno, ele está ligado às paisagens internas da terra-mãe. Poderoso, violento, perigoso, incontrolável, como uma força primitiva, foi

tradicionalmente o emblema da crueldade, da selvageria, da brutalidade. Contudo, outro aspecto do símbolo aparece: o urso pode ser, em certa medida, domesticado: dança, e é hábil com uma bola. Pode-se atraí-lo com mel, pelo que é apaixonado. Isto sugere o contraste entre a leveza da abelha (cuja substância ele ama, a da dançarina, cujo passo ele imita, e sua lentidão nativa). Simbolizaria em suma, as forças elementares suscetíveis de evolução progressiva, mas capazes também de terríveis regressões (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Na seqüência do trabalho de imaginação, o sujeito refere-se a "um mal-estar" que está sentindo: suas mãos de repente se tornaram gélidas. Ao tentar situar a origem desta sensação, ela percebe que o mal-estar na verdade, é do urso. Ele está sentindo medo. Apesar de constatar que o animal parece necessitar de ajuda, Ester apenas observa. Ela sente desejo de acolhê-lo, de tranqüilizá-lo, pois percebe que ele está nervoso, mas reluta, pois está temerosa de aproximar-se e ser atacada. Quando finalmente vence seu próprio medo e se aproxima, o urso, contrariamente às suas expectativas recebe-a bem. Ele parece ter gostado de sua presença junto a si, e finalmente se acalma.

Agora "aquele bicho grandão e forte está todo encolhidinho," e ela própria o está aconchegando, diz Ester. Paradoxalmente, "o bicho grandão e forte" necessita ser protegido (o sujeito se percebe protegendo o animal). Procedeu-se desta forma à domesticação do urso, descrita anteriormente por CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), sendo que a ferocidade transmutou-se em docilidade e ternura.

A relação entre os dois se dá através de uma troca de carinho, de aconchego, de proteção, o que beneficia a ambos, pois atende ao desejo infantil de ser acariciado e mimado, tal como quando se recebe os cuidados de uma mãe (a atitude do sujeito em relação ao urso sugere uma postura maternal). Assim, o urso deixou de ser bravo e feroz, e docilizou-se quando encontrou alguém que não só percebeu, como entendeu o seu medo, a sua fragilidade interna, e lhe 'deu colo.' Além disso, este alguém venceu o seu próprio medo para aproximar-se e aconchegá-lo. Esta atitude sugere as qualidades do princípio feminino, que estão ligadas à fertilidade, à receptividade, ao acolhimento, além de ser nutridor e propiciador do crescimento (CAVALCANTI, 1987).

Ester sente o contato com o corpo do urso no seu próprio corpo: o calor que dele emana, seus "pelos quentinhos" e aconchegantes. Isto, além de profunda intimidade, sugere um estado nirvânico de entrega, união e cumplicidade.

O sujeito expressou desta forma o aspecto perigoso, violento, ameaçador, de que freqüentemente se reveste o masculino na cultura patriarcal, mas que, cuja força ostensiva oculta um núcleo frágil e regressivo, o qual quando percebido e acolhido, pode se manifestar com ternura e docilidade. A arma para domar o urso está exatamente na continência transformadora propiciada pelo princípio feminino. Pode-se considerar também o urso, como o aspecto de que se transveste o *animus* de Ester, aparentemente perigoso e ameaçador, capaz de promover auto-mutilações (portanto, com um potencial auto-destrutivo), mas que, quando domado e aconchegado, sente-se seguro para expressar sua fragilidade interna e sua docilidade. Isto significa que se não aceito e integrado à consciência, o *animus* pode se tornar perigoso e destrutivo para o próprio sujeito.

Salientando a profunda identidade que se estabelece entre o sujeito e o urso observada anteriormente, FRANZ (1995) afirma que no passado não era raro que se visse uma carcaça de urso pendurada no gancho do açougue, o que, ao seu ver apresenta o aspecto grosseiro de uma silhueta humana. Isto, acrescido do fato de que o urso se ergue e caminha de bom grado sobre suas patas traseiras pode ter sido suficiente para acarretar a projeção, muito difundida, segundo a qual "os ursos são seres humanos." Encontra-se por toda parte no folclore contos nos quais esse animal é um príncipe encantado ou um homem enfeitiçado e condenado a errar pelo mundo na pele desse animal (veja o suposto príncipe encantado observado nas produções imaginativas da figura feminina para Ester).

Continuando, FRANZ (1995) relata que entre os adeptos de Wotan existiam os "berserks" (ber = urso; serk = pele ou camisa). Tornar-se um "berserk" era considerado um dom hereditário e conta-se que por ocasião de uma batalha, o senhor, sentado em seu castelo, de repente começava a bocejar assustadoramente e caía num sono profundo como a morte (o mal-estar sentido por Ester, o qual ela afirma ser "do urso"). No mesmo instante, um urso aparecia no campo de batalha e massacrava todos os inimigos. Logo que o urso desaparecia, o senhor despertava extenuado porque, tornada

"berserk," sua alma, encarnada no urso, havia lutado. Atribuía-se a esses ursos fantasmas grandes proezas guerreiras e o que provava que se tratava do senhor era o fato de que se o animal havia sido ferido na pata direita durante o combate, o homem ao despertar, tinha um ferimento em sua mão direita. Nos antigos países germânicos, esse fenômeno era tido como um autêntico talento, transmitido de pai para filho. Foi somente mais tarde que se modificou a opinião sobre esse assunto, de maneira que a faculdade de tornar-se "berserk" passou a ter um sentido ambíguo e a designar a capacidade de entrar em grandes furores, confinando com a experiência religiosa extática. Por esta razão muitas pessoas em nossos dias temem a ceder a seus acessos de cólera.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) acrescentam que na China o urso é um símbolo masculino, anunciador do nascimento dos meninos, expressão do "Yang." Tem relação com a montanha, que é seu *habitat*, e opõe-se à serpente ("Yin," correspondente à agua). Os algonquinos do Canadá chamam o urso de "avô." Dessa última crença provém aparentemente o mito, muito difundido, das mulheres raptadas por ursos, que vivem conjugalmente com seu raptor. Entre os "koriaks" do nordeste da Sibéria, e outras tribos o urso está presente nas cerimônias de iniciação, da mesma forma como desempenhava um papel essencial nas cerimônias do paleolítico.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto ao sujeito o encontro das figuras feminina e masculina, questiona-se então:

Lucélia: ...O que acontece entre eles? Você pode me dizer?

Ester: Eles não estão tão próximos! Mas eles sentem que têm que ser amigos, eles vão ser amigos, não tem perigo. Ele não traz perigo nenhum prá ela! Ele é um urso grande... tem um carinho no olhar dos dois! Um para o outro!

Lucélia: Hum hum...

Ester: Eles ficam se olhando...

Lucélia: Eles ficam se olhando.

Ester: É! Como se estivessem olhando num espelho! Vendo coisa boa! Um vendo coisa boa no outro e gostando... E achando bonito!

Lucélia: Hum hum... um vendo coisa boa no outro. Como se estivesse cada um olhando num espelho...

Ester: É!

Lucélia: Hum hum... E eles gostam do que vêem. Acham bonito, o que vêem.

Ester: Gostam! Gostam! Começam a se tocar... mexer no cabelo! Ver se é de verdade! Assim...

Lucélia: Se reconhecendo?

Ester: Isto! Se reconhecendo.

Lucélia: Hum hum... "Será que é de verdade?"

Ester: É! Tem que pegar, tem que apalpar prá ver se é.

Lucélia: Ah! Tem que apalpar. Tem que sentir com o toque.

Ester: Tem que sentir! É!

Lucélia: E eles estão se descobrindo, se reconhecendo, através do olhar e através do toque?

Ester: É!

Lucélia: Hum hum... (Pausa) Acontece mais alguma coisa entre eles?

Ester: Eles estão andando agora de mãos dadas num gramado sem fim... assim, verde! (Ênfase) Um verde... uma descida, como se fosse uma serra assim! Sem... sem fim! Não tem...

Lucélia: Não tem fim? Um gramado sem fim?

Ester: É! Um gramado verde! Bonito! Eles estão andando... Pode andar, andar, andar...

Lucélia: Pode andar, andar... até perder de vista a extensão desse gramado? Pode andar muito?

Ester: Isso! (Pausa)

Lucélia: E eles estão andando...

Ester: Estão andando! De mãos dadas!

Lucélia: De mãos dadas! Eles se tornaram amigos!

Ester: É! Se tornaram amigos!

Lucélia: Eles confiam um no outro?

Ester: Confiam!

Lucélia: A adolescente sabe que o urso não vai machucá-la. Ela passou daquela fase de reconhecimento, de descoberta e agora ela já sabe que ele não é perigoso. E também o urso sabe que a adolescente não representa nenhum perigo! Ele que tinha tanto medo!

Ester: É! (Pausa) É uma cena bonita! Interessante! Uma adolescente de mãos dadas, com um urso enorme... passeando!

Lucélia: Você está vendo essa cena?

Ester: Eu estou vendo! Eles estão andando... às vezes eu sou a adolescente, às vezes eu estou atrás acompanhando... o movimento do braço dele! De mãos dadas!

Lucélia: Então, às vezes você é a própria adolescente, ali, de mãos dadas com o urso. Às vezes você está atrás, acompanhando.

Ester: Acompanhando!

Lucélia: Você está, então, bem perto ali?

Ester: Pertinho! Pertinho!

Lucélia: Hum hum... Como você se sente estando ali com eles?

Ester: É bom! É bom! (Pausa) Acho que eu peguei na mão dos dois. Acho que eu entrei no meio! Acho, não! Eu entrei! (Riso)

Lucélia: Entrou no meio dos dois?

Ester: É! Gostei de também saltitar pelo verde!

Lucélia: Saltitar pelo verde! Junto com a adolescente e com o urso!

Ester: É!

Lucélia: Vocês dizem alguma coisa um para o outro?

Ester: Não! Só uma sensação de liberdade! Só!

Lucélia: Ah! Liberdade! Uma sensação de liberdade! Hum hum... Sensação boa, muito boa...

Ester: Muito boa!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa?

Ester: Não!

Lucélia: Então, vá mentalmente se despedindo desta cena e destes personagens que representam o Ser feminino e masculino para você. Visualize-os se distanciando ao longe, ficando cada vez menores. Feche esta janela da sua imaginação e volte a sua atenção para as suas sensações corporais...

3.1) Amplificação e interpretação

A princípio a adolescente e o urso estão um pouco distantes neste encontro, receosos de se aproximarem, pois ainda não se conhecem bem. A situação proposta parece tê-los colocado numa situação inesperada, e agora sentem que de alguma

maneira "têm que ser amigos." No entanto, ambos se asseguram rapidamente de que não há nenhum perigo um no outro e logo se destituem de suas defesas. Assim, o urso não representa uma ameaça para a adolescente e vice-versa. Ester observa, inclusive, um carinho no olhar de um para com o outro. Eles permanecem se fitando, como se estivesse cada um a se olhar num espelho. "Vendo coisa boa no outro, e gostando do que estão vendo, achando bonito," explicita o sujeito, sugerindo com isso que parece ter havido neste caso uma projeção mútua positiva de imagens refletidas pelo olhar do outro, e satisfação decorrente dos conteúdos que lhes estão sendo reveladas, tanto de si próprios como do outro.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o olhar aparece como o símbolo e instrumento de uma revelação. Mais ainda, é um reator e um revelador recíproco de quem olha e de quem é olhado. O olhar de outrem é um espelho que reflete duas almas. As metamorfoses do olhar não revelam somente quem olha; revelam também quem é olhado, tanto a si mesmo como ao observador.

O olhar parece ter sido a via régia inicialmente utilizada pelos personagens para se proceder ao conhecimento mútuo. Em um segundo momento, isto prossegue através do sentido do tato em franca atividade exploratória e de reconhecimento mútuo. Ambos começam então a se tocar um ao outro, agitam o cabelo com a intenção clara de averiguar se de fato são reais. É preciso apalpar para constatar "se é de verdade," afirma o sujeito.

Finda esta etapa, eles então se dão as mãos e começam a caminhar por um gramado verde, muito verde e bonito, sem limites nem fronteiras, como se estivessem descendo uma serra.

Isto faz lembrar o mito grego, onde a deusa Ártemis corre livre pelos campos, cercada de ninfas. Ela mesma é uma ninfa, eterna namorada das florestas, símbolo da fecundidade da terra, rainha absoluta do universo (CAVALCANTI, 1987).

O sujeito reitera que o gramado não tem fim. Esta visão panorâmica da imensidão da natureza verde sugere a experiência interior de liberdade e plenitude, quando se dá o encontro e a união do masculino com o feminino, constelando assim o arquétipo da *coniunctio oppositorum*. O urso e a adolescente continuam caminhando de

mãos dadas, sabendo que podem andar indefinidamente. Somente então ocorre a percepção súbita de que eles se tornaram amigos; um vínculo de afetividade e confiança então se formou.

Relacionado ao processo da *coniunctio* JUNG (1990) afirma que tanto a combinação dos elementos químicos na alquimia, quanto a síntese final do masculino e feminino significa um "êxito da arte," isto é, um produto do esforço consciente. O resultado desta composição é entendido pelo adepto corretamente como auto-conhecimento. Além disso, as substâncias que os alquimistas procuravam combinar tinham para eles (devido ao desconhecimento de sua natureza) constantemente um caráter de certo modo numinoso, que de forma clara ou velada visavam a personificação de algum espírito.

Talvez como numa manifestação de tais aspectos, Ester se encanta com a cena: "Uma adolescente de mãos dadas com um urso enorme, passeando." Ela inicialmente alterna com a adolescente o lugar ao lado do urso. Quando não está de mãos dadas com ele, continua bem próxima deslocando-se levemente para trás, e focando a sua atenção no movimento dos braços de ambos, nas mãos entrelaçadas, um sinal visível que traduz a aliança estabelecida entre a adolescente e o urso.

Esta perfeita união e complementaridade harmoniosa entre o princípio feminino e masculino parece ser tão terapêutica para Ester que ela deixa de alternar com a adolescente e passa a integrar definitivamente o quadro, pois "entra no meio e pega na mão dos dois," constituindo-se na ponte que interliga os dois pólos. Assim, ela também saltita pelo verde junto com eles, coroando desta forma sua experiência com o êxtase artemisiano. Não há diálogos; apenas a inefável sensação de liberdade.

Lembre-se que o lado forte da mulher-Ártemis, que poderia equivocadamente ser chamado de masculino, é seu amor intenso pela liberdade, pela independência e pela autonomia - um amor que também pode transparecer como agressão, pois ela sempre irá lutar para preservar sua liberdade (WOOLGER & WOOLGER, 1997).

Muitos mitos de ursos envolvem Ártemis, sendo este um de seus animais totêmicos (a própria raiz do seu nome - "art" - está ligada à raiz indo-européia da palavra

urso). Nas primeiras histórias gregas, ela aparece como uma ursa ao lado dos seus filhotes. Nada é mais feroz do que a "mamãe-ursa" protegendo seus filhotes; mas, ao mesmo tempo, nada é mais terno e carinhoso do que ela carregando-os pelo seu pelo grosso. Ártemis, na qualidade de Mãe Ursa, sobreviveu na Grécia clássica no culto artemisiano da Braurônia. As meninas atenienses com menos de nove anos de idade eram dedicadas à deusa como "avktoi," ursinhas. Eram vestidas com pele de urso e dançavam danças de urso em seu templo. Eram feitos sacrifícios de animais para a deusa, de forma que resta pouca dúvida de que tais meninas pubescentes também ficavam conhecendo o lado sombrio da Mãe e os seus mistérios sangrentos de morte, sacrifício e renovação (WOOLGER & WOOLGER, 1997).

Uma outra visão é que o culto ao urso para garotas pubescentes na Atenas da Antiguidade e a prática de esportes podem atuar como uma 'ponte' entre a menina e a mulher. O termo moderno - adolescência - foi cunhado exatamente para designar esse período de transição. Assim, quanto a Ester, o encontro entre a adolescente e o urso pode ter sido a ponte (o elemento catalisador) que a conduzirá à maturidade e com ela, à sua plena feminilidade.

Vale ressaltar que a experiência imaginativa de Ester parece estar prenhe de elementos oriundos do inconsciente coletivo (o gramado sem fim, o urso que passeia de mãos dadas com a adolescente), expressões simbólicas arquetípicas cuja autenticidade é corroborada pelo caráter numinoso da experiência.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 4: Judite

1) Figura feminina

Tendo sido proferida a consigna referente à figura feminina, solicita-se então que Judite diga qual é a primeira imagem que lhe vem à mente, ao que esta responde:

Judite: Ainda não veio!

Lucélia: Hum... não veio ou você não deixou que ela aparecesse?

Judite: (Silêncio)

Lucélia: Deixe que venha essa imagem, libere essa imagem! Eu vou lhe dizer novamente: "Deixe que todas as memórias que você tem guardadas sobre o seu Ser feminino venham à sua mente. Você tem muitas memórias guardadas! Muitas memórias! Qual é a primeira imagem que lhe ocorre a partir disso?" Dito de outra forma, quando você pensa no feminino qual é a primeira imagem que vem?

Judite: Poderia ser uma flor?

Lucélia: Uma flor? Sim! Qualquer coisa! É o que vier! O que vier. Que flor é essa?

Judite: Uma orquídea!

Lucélia: Uma orquídea? Hum hum... me fale mais dessa orquídea. Onde ela está? Como ela é? Que cor ela tem?

Judite: É rosa...

Lucélia: Hum... É rosa. Que tamanho ela tem? De que espécie ela é? Tudo o que vier à sua mente!

Judite: É grande! (Pausa) Comum!

Lucélia: Encontra-se bastante dela na natureza?

Judite: Hum hum...

Lucélia: E onde ela está?

Judite: No meio de muitas coisas secas!

Lucélia: Ah! Quer dizer, em torno dela tem coisas secas?

Judite: Hum hum...

Lucélia: Plantas secas? Folhagens secas? Seria isso?

Judite: Hum hum... ramos secos!

Lucélia: Ramos secos? Hum... Ela dá vida a esse lugar?

Judite: Dá!

Lucélia: Hum... é só ela ali que é viva?

Judite: Eu só vejo ela!

Lucélia: E o que acontece com essa orquídea? Onde você está em relação a ela?

Judite: Estou perto!

Lucélia: E o que você sente estando perto da orquídea?

Judite: (Pausa) Vontade de pegá-la!

Lucélia: E você faz isso? Você a pega para si?

Judite: Não!

Lucélia: E por quê não?

Judite: (Silêncio)

Lucélia: Sem pensar muito, Judite! Sempre assim: a primeira coisa que lhe vem à mente! Solta a sua imaginação! Não segura não! Solta!

Judite: Minha mão, eu acho que não alcança!

Lucélia: Ah, sim! Sua mão não alcança? E você tenta se aproximar?

Judite: Não!

Lucélia: Por quê? Existe algum obstáculo?

Judite: Muitos galhos secos!

Lucélia: Ah! Tem galhos secos lá. Muitos galhos secos?

Judite: Hum hum...

Lucélia: Não dá para você chegar mais perto?

Judite: Não!

Lucélia: Entendi! E o que você faz então?

Judite: (Pausa) Fico observando!

Lucélia: Só observando? Só olhando? É isso?

Judite: É!

Lucélia: E você diz alguma coisa prá ela? Vocês conversam? (Você sabe que pode conversar com ela se quiser)

Judite: (Silêncio)

Lucélia: Hum... o que está acontecendo, Judite?

Judite: Eu não consigo falar nada!

Lucélia: E com os olhos, você fala alguma coisa? Entende o que eu digo? Você se comunica com ela de alguma forma além das palavras?

Judite: Um olhar triste!

Lucélia: Você lança prá ela um olhar triste? É isso?

Judite: Hum hum...

Lucélia: Hum...

Judite: Ela também parece que está meio murcha!

Lucélia: Ah, é?

Judite: Murchando...

Lucélia: Está murchando? O que está acontecendo com ela?

Judite: Ela está triste! Eu acho!

Lucélia: Ela está triste também? E você sabe por que ela está triste?

Judite: Eu acho que é porque ela está sozinha!

Lucélia: Ah! Ela está sozinha? Quem ela gostaria que estivesse com ela? Quem ou o quê? Seja lá o que for!

Judite: Eu acho que ela está se sentindo abandonada! Sozinha! Sem ninguém para conversar, sem alguém para compartilhar! Sei lá!

Lucélia: Alguém para compartilhar?

Judite: É!

Lucélia: Com quem ela poderia conversar, que ela se sentiria bem? Sem pensar muito! O que vier!

Judite: Ah! Alguém! Qualquer alguém!

Lucélia: Hum... e aparece esse alguém?

Judite: Não!

Lucélia: Esse alguém pode aparecer?

Judite: Eu acho que pode!

Lucélia: Depende do quê, aparecer esse alguém?

Judite: Eu acho que depende dela mesma.

Lucélia: É? E o que ela tem que fazer?

Judite: Ah! Ela tem que ser mais alegre! Assim... deixar... sei lá, deixar limpo o espaço, assim. Não sei! Limpar o espaço! E...

Lucélia: Hum hum... limpar o espaço?

Judite: Limpar em volta, né.

Lucélia: Limpar em volta? Por que tem muito ramo seco ali, é isso?

Judite: Tem! É! Não tem como alguém entrar, né. Está tudo fechado!

Lucélia: Tudo fechado em volta dela. Hum... então, é isso o que ela precisa fazer? Limpar o espaço? Abrir o caminho para que alguém possa se aproximar, é isso?

Judite: Hum hum...

Lucélia: Está certo! Existe mais alguma coisa?

Judite: Não! Não vejo nada mais!

Lucélia: E ela continua ali? Sozinha?

Judite: É! Hum hum...

Lucélia: Está bom! Então, Judite, nós vamos fechar essa janela da sua imaginação...

1.1) Amplificação e interpretação

O sujeito parece apresentar inicialmente uma certa dificuldade para 'abrir as janelas' de sua imaginação. Isto faz com que se recoloque a consigna novamente de maneira breve, mas objetiva. Judite parece hesitante, insegura e temerosa. Pergunta se poderia ser uma flor. Quando se reafirma que poderia ser qualquer coisa, "o que vier," o sujeito então prossegue afirmando que se trata de uma orquídea. Uma orquídea cor-de-rosa, grande, mas de uma espécie encontrada com facilidade na natureza.

Segundo CIRLOT (1984), no simbolismo geral da flor, pode-se considerar dois aspectos: a flor em sua essência e em sua forma. Por sua natureza, a flor é símbolo da fugacidade das coisas, da primavera e da beleza. Considerando-se a sua forma, corresponde a uma imagem do "centro" e, por conseguinte, uma imagem arquetípica da alma.

JUNG (1987b) assevera que a linguagem das flores revela uma relação de ordem simbólica que tem por meta realizar o processo de individuação.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) de maneira geral a flor é símbolo do princípio passivo. O simbolismo tântrico-taoísta da Flor de Ouro revela o alcance de um estado espiritual: a floração é o resultado de uma alquimia interior, da união da essência e do sopro, da água e do fogo; é também o retorno ao centro, à unidade, ao estado primordial. No caso das lendas celtas, a flor parece ser um símbolo não de

uma versatilidade que seria própria da mulher, mas da instabilidade essencial da criatura, voltada a uma perpétua evolução e, em especial, símbolo do caráter fugidio da beleza.

As orquídeas, especificamente, muito apreciadas e inigualáveis, são comumente conhecidas como flores exóticas, produto de estufas e de climas quentes, mas existem muitas espécies menores que crescem nos campos como flores silvestres. Todas elas têm manchas, que são sua marca peculiar de beleza. Como diferentes sub-espécies têm flores variadas de formatos curiosos, a orquídea foi chamada de língua-de-serpente, dedos-de-mortos, chifres-de-carneiro, além de ser associada à fêmea do ganso com sua ninhada, devido à maneira como as flores se agrupam em torno do talo (PICKLES, 1992).

Na China antiga, as orquídeas eram associadas às festas da primavera, onde eram utilizadas para expulsão de influências perniciosas, sendo a mais ameaçadora, a esterilidade. A orquídea, como seu nome indica, é um símbolo de fecundação, sendo que também na China favorece a geração e é uma garantia de paternidade. A beleza da flor faz dela, entretanto, um símbolo de perfeição e de pureza espirituais (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Prosseguindo a aplicação da técnica de imaginação ativa, como o sujeito durante todo o transcurso do trabalho parecesse muito distante e respondesse por monossílabos, entremeando o seu relato por longos momentos de parada (pausas) e silêncio, foi preciso inquirir muito e ir extraindo 'a saca-rolha,' dado por dado (isto é surpreendente na medida em que na entrevista semi-dirigida Judite revelou um discurso fluente, abundante de conteúdos), além de estar freqüentemente encorajando-a para que 'soltasse a imaginação.' Aparentemente ela parecia estar pensando muito e não ter se 'abandonado' ao fluxo da imaginação, isto é, apesar de estar fisicamente relaxada, mentalmente ainda exercia um certo tipo de controle e censura. Uma outra hipótese é que tendo todo o caminho aberto à sua frente, e estando acostumada a ser direcionada por outrem (ver entrevista), ela não sabia que direção seguir.

Continuando, o sujeito afirma que a orquídea está entre "muitas coisas secas," isto é, ramos secos. Ela, como único ser vivo ali presente, é quem dá vida ao lugar. Isto de imediato já evidencia a sua profunda solidão, visto que não há outro ser

vivo com que possa se relacionar. Judite está próxima a ela e sente o desejo de pegá-la para si, mas não a colhe. Após muito pensar, justifica dizendo que "sua mão não alcança" a flor, e ela se sente desta forma impossibilitada de se aproximar. Há muitos galhos secos no caminho, que obstruem a sua passagem.

Esta flor tão inacessível poderia representar o próprio "self," a jóia da inteireza e a verdadeira essência de sua feminilidade. Seu desejo por apanhar a flor estaria relacionado à sua busca pela diferenciação e por estar se apropriando de sua feminilidade mais genuína e inconsciente. Todavia, Judite parece não se esforçar muito nesse sentido, pois, apesar de haver aí um desejo, existem aqueles galhos secos que obstruem e impedem a sua passagem e ela nada faz para alcançar a flor, parecendo ter sido paralisada por este obstáculo. Simplesmente, permanece observando a orquídea de forma passiva. Os galhos secos, por sua vez, poderiam representar os aspectos obscuros e sombrios de sua personalidade, ou ainda, etapas do processo de individuação ainda por serem vivenciadas e superadas. Curiosamente os galhos estão secos e a orquídea é o único ser que dá vida a um meio ambiente inóspito, fato que pressupõe um feminino regenerador, vivificante e propiciador em contraposição a um meio ambiente circundante frio, hostil e até mesmo agressivo.

O sujeito se mantém observando a flor, mas não se estabelece nenhum diálogo com a mesma. Judite afirma após alguma hesitação que "não consegue falar nada!" Ela parece de fato paralisada, fechada sobre si mesma, pois não consegue agir e nem tão pouco falar, sua resposta parecendo ser a passiva impotência. A comunicação entre elas se processa através de "um olhar triste" de Judite para com a flor. Esta última também parece que "está meio murcha," diz ela. Na verdade, a orquídea está murchando. Inquirida a respeito disso, o sujeito afirma que a flor está triste porque "está se sentindo sozinha, abandonada, sem ninguém para conversar," alguém para compartilhar (o ato de murchar reflete a tristeza da flor por estar se sentindo só e abandonada, e pode ser entendido também como uma resposta ao olhar triste de Judite, um sinal de que ambas estão sentindo a mesma coisa). "Qualquer alguém" bastaria que pudesse conversar com a orquídea, alguém que estivesse disponível para compartilhar, e disposto a lhe dispensar atenção e um pouco de seu tempo. Todavia este alguém não aparece. Mas pode aparecer.

Para que isto ocorra, Judite já sabe o que deve fazer: é preciso que se torne "mais alegre" e que limpe o espaço em torno (ela está se referindo aos ramos secos), "porque não tem como alguém entrar! Está tudo fechado!", explica ela.

O sujeito manifesta claramente que os ramos secos servem para impedir a aproximação e a entrada de quem quer que seja, pois eles fecham o espaço em torno da orquídea ao mesmo tempo isolando-a do mundo ao seu redor (fator limitante), e protegendo-a (fator propiciador) desta forma do perigo e da suposta ameaça que elementos estranhos possam representar. Isso demonstra que a orquídea parece muito temerosa do mundo à sua volta, pois protegendo-se de forma tão ostensiva ela se isola, e conseqüentemente torna-se infeliz, sentindo-se solitária e abandonada (a flor está murchando, isto é, em sua tristeza, ela vai morrendo lentamente).

Apesar do sujeito saber o que é preciso fazer para ajudar a orquídea, Judite, que tem na flor uma expressão do seu próprio ego, continua paralisada por seu suposto medo de relacionar-se e a orquídea, por sua vez, continua solitária e triste.

2) Figura masculina

Tendo sido proferida a consigna relativa à figura masculina, o sujeito assim se expressa:

Judite: Ah! É um tronco forte! Um tronco que agüenta... os machados!

Lucélia: Hum... Um tronco forte que agüenta os machados?

Judite: É!

Lucélia: Hum hum... é uma madeira muito resistente, esse tronco?

Judite: É!

Lucélia: E você sabe que madeira é essa?

Judite: Uma aroeira, não sei. Um negócio forte!

Lucélia: Aroeira! E ele é velho?

Judite: Ele é bem velho, ele está grosso assim, forte!

Lucélia: Hum hum... ele é grosso, é forte, é de aroeira, é grande?

Judite: É! Tem muitas raízes assim, fincadas no chão!

Lucélia: Ele está firmemente fincado no chão?

Judite: Hum hum... muitas raízes...

Lucélia: E como é o ambiente em que ele está? O lugar em que ele está?

Judite: É... aberto, parece! Não tem ninguém em volta dele. Não tem nenhuma outra árvore!

Lucélia: Ah! Só tem ele então? Só esse tronco?

Judite: É!

Lucélia: Hum hum... E é uma praça? Um campo? Onde é?

Judite: Não! É um mato, um cerrado!

Lucélia: Um cerrado? Hum... e você? O que você faz diante desse tronco? (Lembre-se que você pode conversar com ele se quiser, ou se comunicar de uma outra forma que não só a verbal)

Judite: Como ele está serrado, eu subo... eu subo lá em cima e pulo em cima dele!

Lucélia: Hum hum...

Judite: E pulo de volta!

Lucélia: Você faz uma 'festa' com ele?

Judite: É! É!

Lucélia: Hum hum... e como você se sente ali fazendo isso?

Judite: Como uma criança que está pulando, brincando!

Lucélia: Uma criança pulando, brincando?

Judite: É!

Lucélia: Não é uma mulher então? É uma menina que está ali fazendo isso?

Judite: É!

Lucélia: Hum hum... e o que mais acontece? Ele responde alguma coisa do jeito dele?

Judite: Ah!... "Que bom que você está aqui!"

Lucélia: "Que bom que você está aqui!" Hum hum... vocês já se conheciam antes?

Judite: Não!

Lucélia: É a primeira vez? O primeiro encontro?

Judite: É! Mas eu gosto. Eu gostei dele!

Lucélia: Você gostou dele? Como você se sente estando ali com ele?

Judite: Alegre!

Lucélia: Quanto tempo você fica ai com ele?

Judite: Ah! Eu não sei a hora. Bastante tempo!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa?

Judite: Não! Eu brinco de roda ao redor dele!

Lucélia: Ah! Brinca de roda ao redor dele! Na roda só tem você ou tem mais alguém?

Judite: Não! Só eu!

Lucélia: Sim! Você brinca muito com ele então? Faz a festa mesmo?

Judite: Hum hum...

Lucélia: Está bom! É isso?

Judite: É!

Lucélia: Agora, eu gostaria que você fosse se despedindo desse tronco...

2.1) Amplificação e interpretação

Judite refere-se ao seu Ser masculino como sendo "um tronco forte," que resiste aos machados. Sua espécie é a aroeira, madeira conhecida pela sua resistência e durabilidade. Ele já é "bem velho," fato que é atestado pelo tamanho do diâmetro, tendo se tornado bastante grosso após longos anos de vida. O tronco também possui muitas raízes fincadas no chão. Ele está num lugar aberto, na verdade, trata-se de um cerrado[42] e não há nenhuma outra árvore à sua volta.

Estando ali com o tronco o sujeito brinca com ele: "Como ele está serrado, eu subo lá em cima, e pulo em cima dele... e pulo de volta!" Judite afirma literalmente que se sente como "uma criança que está pulando, brincando!" Assim fica claro que não é a mulher adulta que está ali, mas a menina.

[42] Cerrado: tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e suberosa, espaçadas, e que leva por baixo, um tapete de gramíneas. Ocorre no Planalto Central Brasileiro, na Amazônia, em parte do Nordeste, e muito pouco no Sul. O terreno com esse tipo de vegetação é ordinariamente plano, sendo que costumam ocorrer longos períodos de seca (AURÉLIO, 1986).

Por sua vez, o tronco fica satisfeito. Ele responde: "Que bom que você está aqui!" Judite afirma que ambos estão se encontrando pela primeira vez, mas que ela gostou dele. Ela sente alegria estando com ele. Todavia, não sabe dizer exatamente quanto tempo fica com o tronco (perdeu a noção da hora). Finalizando, Judite ainda brinca de roda ao redor dele.

FRANZ (1990) ressalta que em documentos astecas, a palavra que exprime a terra original de onde emigraram os astecas e maias, representa uma árvore cortada, uma espécie de tronco de árvore e tronco para a autora é imagem fálica, paternal. Existem histórias de mulheres que passando sob uma árvore, recebem uma semente da árvore no seu útero. Logicamente, então, a árvore é o pai e isso relaciona a árvore com sol, que é uma figura paternal.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) reiteram a proposição acima ao afirmarem que "no plano do mundo dos fenômenos, o tronco erguido em direção ao céu, símbolo de força e de poder eminentemente solar, diz respeito ao falo, imagem arquetípica do pai, ao passo que a árvore oca evoca, por sua vez, a imagem arquetípica lunar da mãe fértil" (p. 88). Sexualmente, o simbolismo da árvore é, pois, ambivalente, sendo que em sua origem, a árvore da vida pode ser considerada como imagem do andrógino inicial.

Assim, pode-se deduzir que a interação que o sujeito estabelece com o tronco (que é único e especial, visto que não há nenhuma outra árvore à sua volta) representaria simbolicamente a relação pai-filha, onde aquele estaria no lugar da figura paterna. Isto fica bastante evidente considerando-se a forma como Judite se comporta: conforme já mencionado, a imagem é de uma criança brincando, sendo que seus jogos lembram aqueles que uma menina realiza com o pai. Vivenciando indiretamente suas fantasias edípicas inconscientes, o sujeito parece desfrutar de seu jogo com o falo com o máximo de prazer e excitação, explorando todas as possibilidades, regozijando-se ante tudo aquilo que lhe é proibido, mas externado simbolicamente através de atitudes infantis socialmente inofensivas (é só uma 'inocente criança' que brinca com um tronco de árvore). O "subir no tronco, pular em cima, e pular de volta" pode representar

simbolicamente o ato de se apossar do falo, e num ato de traquinagem, fruir todo o 'gozo' que isto envolve.

Quando, finalmente, o sujeito brinca de roda em torno do tronco, ela pode estar selando num ritual de circum-ambulação, a união com o masculino através do pai/tronco. FRANZ (1990) observa que o ato de marchar em círculo lembra um "temenos," o espaço sagrado protegido e delimitado, seja pela circum-ambulação, seja pelo traçado de um círculo. Na Grécia, um "temenos" era simplesmente um pequeno local sagrado num bosque, ou numa montanha no qual a pessoa não pode entrar sem que tome certas precauções, um local onde as pessoas não podem ser mortas.

> "Um 'temenos' é um asilo, e dentro dele a pessoa é um 'asulos' (inviolável). Como um lugar do culto divino, ele significa o território que pertence a Deus. Os círculos das bruxas têm um significado semelhante; existe um pedaço de terra delimitado, um local redondo reservado para um propósito arquetípico e numinoso. Tal local tem uma função dupla: de proteção e de concentração para o que está dentro e exclusão do que está fora. A palavra 'temenos' vem de 'temno:' cortar. Indica cortar o aspecto sem significado e profano da vida - uma parte cortada fora - isolada para propósitos especiais" (FRANZ, 1990, p. 86).

O tronco agora consagrado no centro do "temenos," com suas muitas raízes fincadas no chão efetua a ligação do eixo Terra-Céu. As raízes, como tais, simbolizam um sólido contato com a realidade e também podem ser entendidas como atributos de força e poder.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto o encontro entre as imagens que representavam o Ser feminino e o Ser masculino, Judite assim se manifesta:

Judite: A orquídea está perdida! E... o tronco não.

Lucélia: Hum... o tronco não.

Judite: Ela é medrosa!

Lucélia: Ela é medrosa?

Judite: É! Só que ela gosta muito do tronco!

Lucélia: Ela gosta...

Judite: É! Só não sabe o que fazer, né.

Lucélia: Hum hum... e eles estão próximos um do outro? Estão afastados? Como eles estão?

Judite: Estão próximos!

Lucélia: Hum... e...

Judite: (Silêncio)

Lucélia: Continue!

Judite: Acho que é só!

Lucélia: O que está dificultando?

Judite: (Silêncio)

Lucélia: Solte a imaginação, Judite! Fale aquilo que vier à sua mente! Sem censura, sem crítica! Na sua imaginação tudo pode acontecer! Você é dona da sua imaginação. Ninguém vai interferir!

Judite: A orquídea, acho que ela está querendo sair da... do... daquele monte de mato... de mato seco!

Lucélia: Hum... ela está querendo sair de dentro do mato seco?

Judite: É! Quer ficar junto do tronco, mas existe um pouco de...

Lucélia: De... continue!

Judite: De arame! Não sei!

Lucélia: Arame?

Judite: É!

Lucélia: Hum! E esse arame prende a orquídea? Ele chega a impedir?

Judite: É! Impede!

Lucélia: Não haveria um jeito de passar por baixo, por cima? Sei lá! Porque o arame, ele deixa espaços!

Judite: É! Dá prá passar por baixo!

Lucélia: Hum... E aí? Ela passa?

Judite: Passa!

Lucélia: Passou! Passou por baixo do arame?

Judite: Hum hum...

Lucélia: E onde ela está agora?

Judite: Ela está do ladinho do tronco!

Lucélia: Hum... ela chegou a ir até o tronco!? Hum hum... e como estão os dois agora?

Judite: Alegres!

Lucélia: Os dois? Alegres?

Judite: É! Os dois alegres!

Lucélia: Hum hum... ela está do ladinho, mas não está grudada no tronco? Está?

Judite: Está grudada!

Lucélia: Ah! Está grudada?

Judite: Está grudada no tronco!

Lucélia: Porque normalmente orquídea fica grudada, não é?

Judite: É! Está grudada! E ela não quer soltar não!

Lucélia: Ah! Não quer soltar? Ela gostou de ficar ali?

Judite: Gostou!

Lucélia: Hum hum... e o tronco?

Judite: O tronco também está segurando forte!

Lucélia: Está segurando forte! Ele está gostando da orquídea estar ali grudada nele?

Judite: Está!

Lucélia: Hum... e a Judite? O que ela acha disso tudo? Como ela se sente vendo esta cena, os dois grudadinhos ali?

Judite: Sinto a maior inveja!

Lucélia: Fica com a maior inveja!!?

Judite: E feliz, né!

Lucélia: Feliz também? Você meio que compartilha dessa felicidade deles? É isso?

Judite: Hum hum...

Lucélia: Acontece mais alguma coisa?

Judite: Acho que não!

Lucélia: Você gostaria de deixar uma mensagem prá eles, se você tiver alguma coisa prá dizer...

Judite: (Silêncio)

Lucélia: Tem alguma coisa prá dizer?

Judite: Não!

Lucélia: Se você não tem nada prá dizer, apenas se despeça! Se afaste! E nós vamos fechando essa janela da sua imaginação...

3.1) Amplificação e interpretação

A princípio a orquídea parece muito constrangida e desorientada na presença do tronco. O sujeito afirma que ela é "medrosa." Apesar de admitir "gostar muito do tronco" (a flor se sentiu atraída pelo tronco), ela não sabe o que fazer. Isto é, como parece ser muito tímida, e supostamente capaz de 'enrubescer-se' na presença de um elemento de sexo oposto que desperte a sua sexualidade, ela parece a princípio, envergonhada, desnorteada e confusa. Ambos estão próximos um do outro, mas o próprio sujeito parece ter se paralisado também na sua narrativa. A pesquisadora então encoraja Judite para 'soltar sua imaginação,' sem censura, sem crítica, enfatizando a autonomia e a subtaneidade dos processos imaginativos, atribuindo-se apenas a ela a autoria das ocorrências que se sucederiam.

Então, a orquídea, que havia sido deixada abandonada pelo sujeito naquele monte de mato seco, sem que se houvesse apresentado uma resolução para o seu drama, parece agora querer sair do seu torpor e manifesta o desejo de sair do "monte de mato seco" (a sua defesa e a sua proteção) e "ficar junto do tronco." Todavia ainda existe um obstáculo: uma cerca de arame (o limite externo e a fronteira de sua proteção). O arame, por sua vez, é uma barreira que não a impede totalmente, pois ela pode passar por baixo dele. E é o que faz a orquídea. Agora ela está "do ladinho do tronco," ou melhor, "grudada nele." Os dois estão muito alegres, afirma Judite.

Estar "grudada" no galho ou tronco de uma árvore maior, que possa ser o seu hospedeiro, é o objetivo de toda planta parasita, como é o caso da orquídea. Nada melhor do que um tronco forte como o de Judite, capaz de resistir aos machados para cumprir perfeitamente este papel. Muito mais do que um quadro de dependência, isto

sugere uma simbiose[43] entre os dois elementos, isto é, uma situação onde ambos tiram proveito e se beneficiam reciprocamente, equilibrando-se através de uma compensação mútua de diferenças. Neste perfeito casamento, o Ser masculino e o Ser feminino complementam-se harmoniosamente: se o tronco tem a solidez, a resistência, a longevidade, a segurança e a força, a orquídea traz consigo a delicadeza, a fragilidade, a beleza e a etérea fugacidade.

A orquídea "grudou," isto é, aderiu firmemente ao tronco e não quer soltar (ela se ajustou perfeitamente aos contornos de sua superfície). O tronco, por sua vez, "está segurando forte," isto é, ele corresponde ao 'abraço' da orquídea. Isto pode ser entendido como a situação de maior intimidade e proximidade possível alcançada pelo tronco e pela orquídea, uma imagem de cópula entre opostos sexuais, portanto, e uma perfeita união que faz lembrar a *coniunctio oppositorum.*

Segundo JUNG (1987b), a imagem da *coniunctio* deve ser entendida a partir da união no plano biológico como símbolo da união de opostos em seu sentido mais elevado. É o mesmo que declarar, por um lado, que a união de opostos é tão essencial para a arte régia, quanto a coabitação para a razão comum e, por outro, que o *opus* (a obra) é uma analogia da natureza, o que faz com que a energia do instinto se desloque, pelo menos em parte, para uma atividade simbólica. A criação de tais analogias libera o instinto e toda a esfera biológica da pressão dos conteúdos inconscientes. A ausência do símbolo, porém, sobrecarrega a esfera do instinto.

Finalizando, o sujeito declara que "sente a maior inveja" desta união dos dois, e também se sente feliz. Na verdade, Judite como ego compartilha da felicidade do tronco e da orquídea, na medida em que estes são seus opostos integrados, mas não deixa registrada nenhuma mensagem verbal. Seu sentimento de inveja pode ser compreendido no sentido de que traduz seu desejo mais profundo de não estar apenas como observadora de seus próprios conteúdos projetados, mas como protagonista direta, vivenciando a cena mais de perto.

---

[43] O fenômeno da simbiose em seu significado original na natureza designa a vida em comum de dois seres de diferentes espécies, solidarizando-se para fins de mútuo interesse. Isto pode ser observado não só no reino animal, como também no reino vegetal, ou entre animais e plantas (FRISCH, 1975).

A imaginação ativa cumpriu neste caso a sua finalidade última: o diálogo entre o consciente e o inconsciente, tendo se manifestado toda uma elaboração ao longo do trabalho (tomando a figura feminina como ponto de partida). Além disso, pode-se afirmar que provavelmente as imagens são expressões simbólicas de natureza arquetípica e provêm do inconsciente coletivo.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 5: Aline

1) Figura feminina

Logo após ter sido dada a consigna, solicita-se a Aline que diga como é a imagem que representa o seu Ser feminino, e relate os acontecimentos que então se sucedem:

Aline: A imagem de uma flor! De uma rosa!

Lucélia: É uma rosa?

Aline: É uma coisa delicada, bonita!

Lucélia: Hum hum... e onde está essa rosa, Aline?

Aline: Ela está num... num jardim!

Lucélia: Num jardim?

Aline: Mas é como se estivesse só ela, não tem outras flores!

Lucélia: Ah! Não tem outras flores?

Aline: Hum hum... só ela!

Lucélia: As outras plantas não estão floridas? Só ela?

Aline: É! Eu vejo grama e uma rosa!

Lucélia: Ah! Tem um gramado e tem a rosa. Que cor é esta rosa?

Aline: É rosa!

Lucélia: É uma rosa cor-de-rosa?

Aline: Uma rosa cor-de-rosa!

Lucélia: E em que ponto do jardim você está observando esta rosa? Onde você está?

Aline: Eu estou no portão.

Lucélia: No portão!

Aline: Eu estou de fora!

Lucélia: Do lado de fora?

Aline: É!

Lucélia: Hum... E o que você faz?

Aline: Parece que... é... eu quero entrar!

Lucélia: Hum...

Aline: Mas é como se eu quisesse só... eu estou só observando com vontade de entrar, mas não faço isso!

Lucélia: Você tem a vontade de entrar e chegar mais perto, mas...

Aline: Estou só admirando!

Lucélia: Prefere admirar?

Aline: Hum hum...

Lucélia: Prefere manter-se à distância, sem se aproximar?

Aline: Sim!

Lucélia: E você fica do lado de fora do jardim?

Aline: Fico!

Lucélia: Hum... de onde você está, você tenta entrar em contato com ela? Fica só no olhar ou você tenta outras formas? Você tenta conversar com ela?

Aline: Não! Parece que eu acredito que é uma coisa para eu admirar!

Lucélia: Ah! É uma coisa prá você admirar? Só prá ser admirada?

Aline: É! Prá ser observada! Prá ser... não prá ser conversada. Não prá assim, conversar, mas como assim, se fosse uma coisa prá ser admirada!

Lucélia: Ah! Não é uma coisa prá ser conversada? É prá ser admirada somente?

Aline: Sim!

Lucélia: Hum... E o que tem ela, que você admira tanto?

Aline: A forma...

Lucélia: A forma?

Aline: As cores! Ela está desabrochada! Está bonita!

Lucélia: Ah! Ela desabrochou?

Aline: Hum hum... vistosa, bonita!

Lucélia: Vistosa e bonita?

Aline: É!

Lucélia: Então é uma rosa na sua plenitude?

Aline: É!

Lucélia: Já não é mais uma rosa em botão. Ela desabrochou e está no auge da sua beleza.

Aline: É!

Lucélia: Hum hum...

Aline: Mas é estranho! É como se já nascesse a rosa já desabrochada dessa forma, e não tivesse uma roseira, um pé. É como se já tivesse a rosa mesmo.

Lucélia: Só a rosa?

Aline: É! Estranho!

Lucélia: Você não vê o pé da roseira, não o visualiza?

Aline: É! Não visualizo!

Lucélia: Você só visualiza a rosa...

Aline: Hum hum...

Lucélia: E ela está ali pronta, como se não tivesse passado pelo processo de botão?

Aline: É!

Lucélia: Hum... E quanto tempo, você fica ali observando?

Aline: A impressão que dá... é que é muito tempo!

Lucélia: Muito tempo? E ela está ali, daquele jeito como rosa há muito tempo?

Aline: Dá impressão que sim! Como se fosse um estado constante.

Lucélia: Um estado constante... sim, acontece mais alguma coisa, Aline? Com esta rosa? Com você ali, observando?

Aline: É engraçado! É como se eu sentisse que ela quer conversar comigo!

Lucélia: Você sente que ela quer conversar com você. Ela sabe que você está ali?

Aline: Sabe!

Lucélia: Hum... Ela quer conversar...

Aline: É como se eu tivesse uma certa resistência em conversar ou... fizesse de conta que eu não estou sabendo o que está acontecendo.

Lucélia: Ah! Você sente que tem uma certa resistência?

Aline: Hum...

Lucélia: E faz de conta que não sabe o que está acontecendo?

Aline: Hum hum...

Lucélia: Sim!

Aline: É como se ela insistisse!

Lucélia: Ela insiste!

Aline: É! É como se eu ficasse imaginando o que ela quer conversar comigo! (Riso)

Lucélia: Você prefere imaginar a chegar mais perto e ir lá verificar?

Aline: É! Como se fosse um certo medo também... de aproximar!

Lucélia: Hum... Do que você tem medo exatamente?

Aline: Não sei! Não é concreto!

Lucélia: Não sabe? Não é nada concreto?

Aline: Não! Porque pensando, uma rosa não poderia oferecer risco. Mas é como se ela guardasse algum segredo. Alguma coisa...

Lucélia: É como se ela guardasse algum segredo!

Aline: É! Que esse segredo fosse... alguma coisa minha!

Lucélia: Ah! Alguma coisa relacionada com você? Hum hum...

Aline: Eu sinto que eu entro...

Lucélia: Hum... entra no jardim?

Aline: No jardim!

Lucélia: Você estava do lado de fora do portão, não é?

Aline: É! Hum hum...

Lucélia: Você entra e...

Aline: Eu vou me aproximar. Eu vou tentar conversar!

Lucélia: Ah! Você está tentando se aproximar. Vai tentar conversar?

Aline: É! Mas é como se fosse mais... tentar não conversar, mas ouvir!

Lucélia: Hum hum...

Aline: É como se o diálogo fosse muito mais dela do que meu!

Lucélia: Do que seu?

Aline: Essa coisa mais de ouvinte!

Lucélia: Você chega mais próximo, mais na disposição de ouvir?

Aline: Hum hum...

Lucélia: Preparada para ouvir?

Aline: Mas como se tivesse um certo medo do que ela fosse falar. Como se fosse algum segredo meu! Alguma coisa que eu temesse. Alguma coisa que eu não quisesse que viesse à tona.

Lucélia: Hum hum... e ela chega a falar alguma coisa? Ou não? Alguma coisa que tem a ver com você? (Você agora está mais perto, não é?)

Aline: Não! É como se ela tivesse falando, mas eu não conseguisse entender. Ou como se eu estivesse perto, mas tivesse uma... uma dificuldade de... compreensão!

Lucélia: Não dá para entender o que ela diz?

Aline: É!

Lucélia: Hum hum...

Aline: Ela me pergunta do que eu tenho medo.

Lucélia: Ah! Ela pergunta: "Do quê você tem medo?"

Aline: É! E eu falo que é dela! (Riso)

Lucélia: "É dela?" É essa a sua resposta?

Aline: É!

Lucélia: É da própria rosa que você tem medo?

Aline: É da própria rosa!

Lucélia: Hum hum... e então...

Aline: Só isso! Eu fico... parada! Eu fico muda!

Lucélia: Fica muda? Fica parada? Fica imobilizada?

Aline: É!

Lucélia: Ela lhe retorna alguma coisa? Quero dizer, quando você diz que é dela que você tem medo, ela diz alguma coisa a partir disso? Ou não?

Aline: Não sei! Mas é como se eu sentisse que ela olhasse e dissesse que isso é desnecessário.

Lucélia: Não é necessário temê-la?

Aline: É! Ela quer me ajudar... uma coisa assim!

Lucélia: Ela quer te ajudar?

Aline: É difícil falar!

Lucélia:Você sabe por que a rosa lhe faz sentir medo?

Aline: Não! Eu não tenho claro. É como se fosse um segredo muito grave! Uma coisa muito errada! Uma coisa que só ela soubesse!

Lucélia: A seu respeito?

Aline: É! É como se ela dissesse: "Eu sei o que você fez!" (Riso)

Lucélia: "Eu sei o que você fez!" Hum...

Aline: É!

Lucélia: E ela assim... ela te censura por isso?

Aline: Não!

Lucélia: Ela apenas sabe? Ela tem o conhecimento a respeito disso?

Aline: É! Não é uma coisa de censura, nem de punição!

Lucélia: Hum! Nem censura, nem uma punição.

Aline: Hum hum... é um medo meu, a punição é minha!

Lucélia: Um medo de punição? O medo é seu?

Aline: É! Hum hum...

Lucélia: Você continua aí com ela?

Aline: Continuo! É como se fosse uma posição muito de... tipo assim: parada, esperando para ver o que ela vai falar!

Lucélia: Hum hum...

Aline: O que ela vai falar de mim!

Lucélia: "Que terrível segredo é esse que ela guarda (ou sabe) a meu respeito?"

Aline: Hum hum...

Lucélia: Você continua ali esperando?

Aline: É! É como se ela dissesse que "não é nada! Não é para eu me preocupar!"

Lucélia: Ela tenta te acalmar dizendo: "Não é nada! Não se preocupe!"

Aline: É! Mas é difícil começar algum... algum assunto.

Lucélia: Hum hum... é muito difícil sair alguma coisa?! Esse segredo, parece que está muito bem guardado, muito trancado...

Aline: É! É como se o meu medo prá ela não fosse nenhum segredo. Nada muito grave! Nada grande! Nada... pavoroso, né! Eu é que me sinto paralisada em estar conversando sobre qualquer assunto com medo de estar tocando num ponto...

Lucélia: Em um ponto?

Aline: É!

Lucélia: Existe um ponto que parece que é perigoso, que é ameaçador?

Aline: É! Parece que eu... como se eu tivesse medo de conversar sobre... um determinado assunto.

Lucélia: Hum hum... assuntos que envolvem...

Aline: Sexo! (Riso)

Lucélia: Sexo? Hum hum... está relacionado com este tema, o tema da sexualidade...

Aline: É! É como se eu sentisse uma... que ela fosse uma figura de... não punição, mas conservadora ou crítica em cima da minha vida sexual!

Lucélia: Hum... você sente que ela exerce um crítica em cima...?

Aline: É! Da sexualidade!

Lucélia: Em cima da sua vida sexual?

Aline: Hum hum...

Lucélia: Uma censura?

Aline: É! Censura seria a palavra! Uma coisa de... de estar olhando como... pecado, né?

Lucélia: Pecado? (Pausa). Isso tudo é o que você sente?

Aline: Hum hum...

Lucélia: E ela lhe diz alguma coisa a respeito disso?

Aline: Não! É como se a posição dela não fosse nenhuma dessas. Nem de crítica, nem de punição! Fosse uma postura muito mais de... de ajuda, de conversa! De abertura mesmo, sem uma crítica. É o medo meu!

Lucélia: Sei! E acontece mais alguma coisa nesta cena? Neste seu encontro com a rosa?

Aline: Não! Não sinto que acontece um diálogo. Fica essa imagem na minha cabeça. Essa imagem de que ela não é esse bicho-papão, mas que em compensação eu não consigo romper e criar um diálogo.

Lucélia: Você não consegue se sentir à vontade ali para dialogar com ela? O diálogo não flui, não acontece de fato?

Aline: Não!

Lucélia: Sim! Seria isto?

Aline: Seria!

Lucélia: Está bem! Então procure ir lentamente se despedindo da rosa, para que possamos fechar esta janela de sua imaginação...

1.1) Amplificação e interpretação

A imagem que para o sujeito representa o Ser feminino é a de uma flor, mais propriamente uma rosa. "É uma coisa delicada, bonita," diz Aline. Ela está num jardim, mas é como se estivesse sozinha, pois o sujeito não visualiza outras flores e plantas ao seu redor. Ela vê somente a rosa cor-de-rosa e um gramado. Aline está do lado de fora do portão. Ela sente o desejo de entrar, mas se detém. Permanece observando a rosa à distância, a qual lhe desperta admiração.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), famosa por sua beleza, sua forma e seu perfume, a rosa é a flor simbólica mais empregada no Ocidente. O aspecto mais geral deste símbolo floral é o da manifestação, oriunda das águas primordiais, sobre as quais se eleva e desabrocha. Designa uma perfeição acabada, uma realização sem defeito. Ela simboliza a taça de vida, a alma, o coração, o amor. Pode-se contemplá-la como uma mandala e considerá-la como um centro místico. JUNG *et al.* (1969) reitera a acepção acima ao afirmar que uma mandala cósmica na forma de brilhante rosa branca foi revelada a Dante em uma visão. Segundo JUNG (1985), o círculo mágico ou "mandala," como é denominado no Oriente, tem exatamente o significado de lugar sagrado, de "temenos," para proteger o centro. É um dos mais

importantes motivos na objetivação das imagens inconscientes. Destina-se a proteger o centro da personalidade de ser invadido e influenciado por meios exteriores. Segundo JUNG (1987), a rosa, além de outros símbolos como o redondo, a roda, apreende simbolicamente a idéia de totalidade, que consiste em uma combinação do eu e do tu, ambos se manifestando como partes de uma unidade transcendente.

Especificamente a rosa e a cor rosa constituiriam um símbolo de regeneração e de iniciação aos mistérios, em virtude do parentesco semântico do latim rosa com *ros*, a chuva, o orvalho. E a rosa, nos textos sagrados, acompanha com muita freqüência o verde (o gramado de Aline), o que confirma esta interpretação. É este simbolismo de regeneração que faz com que desde a antiguidade, se coloquem rosas sobre as tumbas. No século sétimo, a tumba de Jesus Cristo era pintada com uma cor em que se misturavam branco e vermelho. Encontram-se estes dois elementos componentes da cor rosa, o vermelho e o branco, com seu valor simbólico tradicional, em todos os planos, do profano ao sagrado, na diferença atribuída às oferendas de rosas brancas e de rosas vermelhas, assim como na diferença entre as noções de paixão e de pureza, e entre as de amor transcendente e de sabedoria divina. A rosa tornou-se um símbolo do amor e mais ainda do dom do amor, do amor puro (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Vale ressaltar que Aline se mantém do lado de fora do portão, apesar do seu desejo de entrar. Conforme já mencionado em casos anteriores, o portão (porta) simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Ela tem também um valor dinâmico, psicológico, pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996). Para o sujeito, além do portão, estão o gramado e a rosa, a qual admira à distância. Supostamente, o gramado circundado parece representar para ela este mundo desconhecido, provavelmente um "temenos" - local sagrado - onde se oculta inviolável a sua "jóia da inteireza," a rosa, que no estado intermediário entre a paixão e a pureza acima mencionados, traz consigo os mistérios e os segredos do amor. Aline permanece do lado de fora do portão, isto é, ela não o atravessa possivelmente por estar temerosa do que irá encontrar além dele.

O sujeito não tenta estabelecer com a rosa uma comunicação a nível verbal, pois ela acredita que se trata de um objeto para ser admirado, observado, e não "conversado." Isto sugere que ao entrar em contato com o arquétipo, Aline esteve próxima da experiência do numinoso, que pertence ao plano do enigmático e inefável sendo difícil traduzir suas impressões em palavras (conversar). Assim, ela admira a forma e as cores da rosa: "Está desabrochada! Está bonita, vistosa!" É uma rosa na plenitude de sua manifestação. Aline declara sua estranheza, pois é como se a rosa "já nascesse assim desabrochada," e não existisse uma roseira (ela não visualiza o pé da planta), mas somente a rosa pronta e acabada, reitera. Estas impressões corroboram a idéia da rosa como mandala, visto que não se trata da simples floração de um vegetal na natureza, mas de uma manifestação surreal. Além disso, a forma como ela se refere ao tempo que permanece observando a rosa, "muito tempo, como se fosse um estado constante," remete-nos à propriedade de atemporalidade arquetípica.

Aline afirma que "é como se" sentisse que a rosa desejasse conversar com ela, mas reconhece em si mesma uma certa resistência, e simula não perceber o que está acontecendo. Todavia, a rosa insiste e Aline fica imaginando qual seria o assunto que ela teria para tratar. O sujeito admite que tem medo de se aproximar e, por isso, parece hesitar. Ela sabe que este medo não é concreto e, à primeira vista, parece irracional, pois uma rosa não poderia lhe oferecer risco ou constituir-se numa ameaça. "Mas é como se ela guardasse algum segredo! ... Que esse segredo fosse alguma coisa minha," explica Aline. Este aspecto é no mínimo, intrigante, pois a rosa detém uma verdade sobre ela, verdade que o sujeito parece querer ocultar, visto tratar-se de um segredo. Isto faz supor que a rosa seja uma parte diferenciada do próprio sujeito (seu alter-ego, ou o reflexo de uma entidade supra-terrenal).

Hesitante, Aline acaba entrando no jardim. Ela decide se aproximar e tentar conversar. Em seguida reconsidera dizendo que não se trata exatamente de conversar, mas de ouvir (é a rosa quem possui um segredo seu, o que lhe confere uma condição de poder, e denota já por si uma relação de hierarquia). "É como se o diálogo fosse muito mais dela do que meu," explicita Aline, destacando estar ali no papel de ouvinte. O sujeito admite, contudo, sentir um certo medo sobre o conteúdo do que ela

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

teria a dizer, reiterando intuitivamente: "Como se fosse algum segredo meu, alguma coisa que eu temesse, alguma coisa que eu não quisesse que viesse à tona," ou seja, um conteúdo aparentemente perigoso, ameaçador e pecaminoso. Aline observa que é "como se" a rosa tivesse falado, mas ela não conseguisse entender, ou como se estivesse próxima, mas houvesse uma dificuldade de compreensão, ou seja, problemas de comunicação. Na verdade, há uma resistência do sujeito em ouvir o que a rosa tem a dizer.

A rosa então questiona Aline: "Do que você tem medo?", e esta responde prontamente afirmando ser da própria rosa, e permanece muda e imóvel. O sujeito então "sente" que a rosa está olhando em sua direção e lhe dizendo que isto é desnecessário; na verdade, ela parece querer ajudá-la. Todavia, "é difícil falar," diz Aline, explicando que não tem consciência clara sobre as razões pelas quais a rosa lhe inspira temor. Ela sente que é como se fosse "um segredo muito grave, uma coisa muito errada, uma coisa que só ela soubesse", e acrescenta que é como se a rosa declarasse ter conhecimento sobre o que ela fez. Observa-se que pelo peso interior que o sujeito carrega, o que em linguagem psicológica pode ser traduzido por sentimento inconsciente de culpa, o segredo parece ter se tornado para ela em fonte de grande angústia, o que ocorre "tanto para aqueles que o guardam quanto para aqueles que o temem" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996, p. 808). Todavia, Aline sente que a rosa não a censura sobre algo que ela tenha feito; sua postura não é nem de censura nem de punição. O sujeito admite que o medo e a predisposição à punição partem dela própria.

Aline continua imóvel, na expectativa do que a rosa tem a dizer a seu respeito. A rosa procura tranqüilizá-la, pois é como se dissesse: "Não é nada! Não é para você se preocupar!". O sujeito diz que é difícil entabular uma conversação, iniciar algum assunto. "É como se para ela não fosse nenhum segredo; nada muito grave, nada grande, nada pavoroso," diz ela. Na verdade, Aline, movida pelo sentimento de ter cometido uma falta grave e irremediável, projetou o seu próprio medo, e a conseqüente censura e punição interna sobre a imagem da rosa. Todavia, ela está consciente de suas dificuldades, observando em si mesma uma certo torpor e uma paralisia vocal, pois admite que fica muda. Isto parece tratar-se de uma recusa inconsciente de falar, como se

fosse perigoso conversar sobre qualquer assunto sentindo-se temerosa de tocar involuntariamente em um ponto específico, e que o tão bem guardado segredo ("uma coisa muito errada") pudesse lhe escapar. Assim, tornou-se persecutório o fato de que alguém mais pudesse ter conhecimento sobre o seu segredo, possivelmente sentido como algo pavoroso para si.

Finalmente, o sujeito acaba revelando que este assunto envolve a questão da sexualidade. Na verdade, o que ela tanto teme, o seu grande segredo, está relacionado com a questão da sexualidade. Curiosamente a rosa, o objeto de suas projeções, conforme já apontado anteriormente é um símbolo do amor (e também pode ser compreendida como uma manifestação do desejo sexual). "É como se eu sentisse que ela (a rosa) fosse uma figura... não de punição, mas conservadora," diz ela. Aline teme que a rosa critique ou censure sua vida sexual, como se a considerasse pecaminosa. Evidencia-se aqui mais uma vez a projeção efetuada pelo sujeito sobre a imagem da rosa. Na verdade é ela própria quem censura e considera como pecaminoso o exercício da sexualidade, não aceitando tal prática como uma manifestação da natureza em si mesma.

O sujeito, todavia, consegue tomar consciência de sua projeção ao reconhecer que, de fato, as atitudes de crítica, censura ou punição não são próprias da rosa. Sua postura é muito mais de ajuda, de se dispor a dialogar; uma atitude de abertura, sem críticas ou julgamento. Aline admite: "É o medo meu!"

O sujeito conclui reiterando que "não sente" que ocorra um diálogo, apesar de ter sido desfeita a imagem de "bicho-papão." Ela afirma que não consegue romper suas barreiras internas e "criar um diálogo," ou seja, apesar de ter-se desvanecido o caráter assustador, permanece a noção de que a rosa é uma figura de autoridade, que apesar de não censurá-la, ainda detém a verdade sobre ela. Vale ressaltar que apesar do acima exposto (possivelmente Aline está falando da comunicação verbal), houve toda uma comunicação não verbal que se processou num nível mais intuitivo na esfera do 'como se.' Assim, todo o relato do sujeito foi efetuado a partir desta expressão: "É como se fosse...."

O 'como se' é uma expressão muito usada em Psicodrama, sendo que diz respeito ao contexto dramático, local onde toda ação acontece e se situa no estreito

limite, na brecha entre a fantasia e a realidade. No caso de Aline, protegida no 'como se' de sua imaginação, ela pôde vivenciar todas as suas fantasias, e até mesmo se arriscar a uma temerosa tentativa de aproximação da rosa, limitando-se a explorar a experiência dentro dos limites de suas possibilidades. No mágico contexto do 'como se' ela pode apreender tudo o que a rosa lhe dizia, e ainda assim afirmar que não houve diálogo. Quando então de volta à sua realidade concreta, tudo não passou de uma brincadeira de faz-de-conta. O 'como se' possibilitou a ela adentrar-se, entrar em contato com os conteúdos de sua imaginação, e sair ilesa desta 'perigosa' incursão nos subterrâneos da psique.

2) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna referente à figura masculina, o sujeito assim se expressa:

Aline: Engraçado! Mas a primeira imagem que vem é a do meu pai!

Lucélia: Do seu pai? Hum hum... Sim! Continue!

Aline: É uma imagem que eu vejo ele... forte! (Ênfase)

Lucélia: Hum hum...

Aline: (Pausa)

Lucélia: A imagem que você o vê "forte?"

Aline: É! É uma personalidade de... características dele, né?

Lucélia: Hum hum... características de personalidade?

Aline: É! ... (Inaudível) nada do comportamento masculino.

Lucélia: Hum hum... Onde ele está?

Aline: Estranho! Está difícil...

Lucélia: Está difícil visualizá-lo?

Aline: Hum hum... é como se ele estivesse no alpendre da nossa casa lá no Espírito Santo!

Lucélia: Ah! Sim! No alpendre da casa onde vocês moravam...

Aline: É!

Lucélia: Hum hum... e você? Onde você está nesta imagem?

Aline: Eu estou... de fora desse alpendre. Me vejo... criança!

Lucélia: Você se vê criança?

Aline: Me vejo!

Lucélia: Ah, sim!

Aline: Hum... E em volta...

Lucélia: Em volta do alpendre...

Aline: É! Como se eu quisesse aproximar!

Lucélia: Hum hum...

Aline: Estivesse olhando, mas com medo também de aproximar! Aquela coisa meio tímida, meio assim, com medo de aproximar!

Lucélia: Com vontade de chegar mais perto, mas ao mesmo tempo com medo?

Aline: É!

Lucélia: Hum hum... e então?

Aline: Não sei! A imagem que eu tenho é que... como se fosse poderoso! Muito grande! Muito forte! Que eu fosse muito pequena! Muito... hum... estivesse desproporcional!

Lucélia: Ele é muito poderoso, muito grande, muito forte?

Aline: É! E como se eu tivesse medo de chegar perto!

Lucélia: Hum... sim!

Aline: Eu sou pequena demais!

Lucélia: Você tem quantos anos? Quero dizer, a criança que está lá?

Aline: Na imagem, sete anos!

Lucélia: Sete anos...

Aline: Hum hum...

Lucélia: Sei! E você ali se sente pequena...

Aline: É! E ele muito grande!

Lucélia: Hum... ele, muito grande? Daí, dá medo de chegar perto?

Aline: Poderoso... é... muito bravo, né? Muito poderoso! É como se não tivesse porquê conversar! Não é porquê, é medo mesmo de conversar!

Lucélia: Medo?!

Aline: É! Medo do que eu vou ouvir... como se ele fosse me punir pela aproximação! Ou por alguma coisa que eu vá falar...

Lucélia: Hum hum... como se ele pudesse te punir?

Aline: É!

Lucélia: E você permanece com esse medo à distância ou você ousa chegar mais perto? E o que ele faz também? Ele fica lá parado ou ele te chama? Como é isto?

Aline: Não! Ele não me vê! É como se eu estivesse escondida, assim, numa mureta além do alpendre, de forma que ele não me visse!

Lucélia: Ah! Ele não consegue te ver?

Aline: Não! Só eu o vejo! Como se ele estivesse fazendo alguma coisa, comendo alguma coisa, e eu estivesse vendo, mas escondida, com medo de aproximar!

Lucélia: Hum hum...

Aline: Sinto que é difícil aproximar!

Lucélia: É difícil?

Aline: É difícil perder (ênfase) o medo de aproximar!

Lucélia: Hum... esse medo é muito grande?

Aline: É! Como se eu visse a figura dele muito... vamos dizer, muito grande, muito poderosa, muito assustadora, né?

Lucélia: Hum hum...

Aline: Assustadora, mais!

Lucélia: Assustadora?

Aline: Hum hum... eu sinto que eu tento entrar dentro do alpendre, mas aquela coisa... com vergonha, com medo! Ah! Meio já entrando assim, parecendo aquele... a expressão assim... não é expressão. Não sei expli... não sei a expressão. Mas é assim... já entrando... de cabeça baixa, com medo, tímida!

Lucélia: Hum hum... Sim!

Aline: Parece que eu já vou com medo de... já se punindo antes de entrar, né... prá conversar!

Lucélia: Se punindo antes de entrar...

Aline: É! Como se sempre tivesse o poder de... de... de julgamento! De punir! De crítica!

Lucélia: Você já está entrando no alpendre. Ele consegue te ver daí de onde você está? Ou não chega a tanto?

Aline: Não sei! Não dá para saber. Não sei! É como se ele não me visse!

Lucélia: Hum hum...

Aline: E não me percebesse!

Lucélia: Não te percebesse?

Aline: Hum hum... e eu caminhando, chegando mais perto. E ele está sentado... é como se eu chegasse perto dos pés dele... sentado, com as pernas esticadas!

Lucélia: Hum hum... você agora chega perto dos pés dele?

Aline: É! Me sinto assim, extremamente... pedinte de uma... de uma atenção, ou de um "me ver!" Ou de... um... como assim: "Conversa comigo! Ou 'me olha!"

Lucélia: Hum hum... como se você estivesse mendigando isto?

Aline: É!

Lucélia: Uma atenção: "Me olhe! Me veja! Conversa comigo!"?

Aline: Hum hum... é!

Lucélia: E o que acontece em seguida?

Aline: Não sei! A impressão que eu tenho, é que é como se ele não percebesse essa vontade minha!

Lucélia: Hum hum...

Aline: E ele continua fazendo o que ele estava fazendo, sem prestar muita atenção!

Lucélia: Ele pode te ver agora, é isto?

Aline: Sim!

Lucélia: Mas ele não percebe a sua necessidade? O seu desejo de receber atenção dele?

Aline: É!

Lucélia: E o que ele está fazendo?

Aline: Não sei! Eu sinto como se estivesse descascando alguma coisa. Comendo alguma coisa. O meu pai, na realidade não fuma, mas é como se estivesse preparando um cigarro. Fazendo alguma coisa!

Lucélia: Sim! E você, a criança ali, o que a criança faz?

Aline: Eu volto!

Lucélia: Volta...

Aline: Eu saio do alpendre! Volto para o mesmo local que eu estava...

Lucélia: Volta para o mesmo local?

Aline: É!

Lucélia: Fez a sua tentativa, um tanto tímida, não é?

Aline: É! (Riso)

Lucélia: E acabou voltando? Não teve coragem de ir mais fundo, mais longe?

Aline: Não!

Lucélia: Chegou até os pés dele, e como ele continuou fazendo o que ele estava fazendo, a menina também... voltou atrás.

Aline: É!

Lucélia: Perdeu a coragem?

Aline: Foi!

Lucélia: Sim! Como ela está se sentindo agora?

Aline: Triste!

Lucélia: Está se sentindo triste!

Aline: Não valeu nada! Meio tipo: "Ninguém me ama! Ninguém me quer!"

Lucélia: "Ninguém me ama! Ninguém me quer!" ?

Aline: É! (Riso)

Lucélia: Sim! E você, a Aline adulta, ela interfere de alguma maneira nessa cena? Você fala com esta menina? Você faz alguma coisa ou só se mantém à distância observando?

Aline: Me mantenho à distância! Mas a vontade é de que ela... voltasse e mudasse o... é... tivesse uma atuação mais forte, de mais cobrança! Verbalizasse mais a vontade dela!

Lucélia: Que ela fosse mais ativa, ousasse mais?

Aline: É!

Lucélia: Esse é o seu desejo?

Aline: É!

Lucélia: Mas você fica também no desejo?

Aline: Fico! (Riso)

Lucélia: E se mantém à distância? É assim?

Aline: Sim! É assim!

Lucélia: E acontece mais alguma coisa nesta cena? Assim, a menina está lá com a tristeza dela: "Niguém me quer! Ninguém me olha! Ninguém me ama!" Voltou para onde estava. O pai continua fazendo o que estava fazendo! E você aqui observando?
Aline: Sim! Não mudou! Continua assim!

Lucélia: Termina assim?

Aline: Termina assim!

Lucélia: Está bem! Então, eu gostaria que você mentalmente se despedisse desta imagem que representa o seu Ser masculino, o seu pai, para que pudéssemos em seguida fechar esta janela da sua imaginação...

2.1) Amplificação e interpretação

Ao ser-lhe solicitada uma imagem que representasse o seu Ser masculino, Aline declara com uma certa surpresa ter sido a imagem de seu pai, a primeira que lhe veio à mente. Ela o vê como uma figura forte, referindo-se às suas características de personalidade. Aline estranha que esteja difícil visualizá-lo, principalmente quando se trata de "ver" o local em que ele está.

Em seguida afirma que "é como se" o tivesse visto no alpendre da casa em que moravam no Espírito Santo. Aline, que na imagem é uma criança de sete anos, está do lado de fora do alpendre (assim como no ítem anterior ela está de fora do portão, ou seja, a barreira a ser transposta continua existindo). A menina está em volta do alpendre, como se desejasse se aproximar (o discurso do sujeito passa para a primeira pessoa, o que significa que este assume o papel da menina). Continuando, Aline afirma que "é como se" estivesse olhando em direção ao pai, mas tal como na situação da rosa, também aqui sente medo de se aproximar. Um ensaio "meio tímido," diz ela, resultado da ação de duas forças contrárias operando dentro de si: o desejo de se aproximar e o medo de se aproximar.

Na imagem "é como se" seu pai fosse poderoso, "muito grande, muito forte," e ela, "muito pequena," explicita Aline, de forma que haveria uma desproporcionalidade e um contraste incômodo. Tais diferenças tão diametralmente opostas parecem intimidar especialmente a menina, que sente-se então, temerosa de aproximar-se. "Eu sou pequena demais!", e "ele é muito grande!", diz ela, realçando a desproporcionalidade. Aos seus olhos o pai - a figura em que se transvestiu o seu *animus* - parece "muito poderoso, muito bravo," situação que lhe desperta medo de tentar

conversar, o que se dá principalmente em função do que imagina que irá ouvir, como se ele fosse puni-la por se aproximar, ou por algo que ela vá dizer (o sujeito parece projetar suas tendências auto-punitivas sobre a figura paterna internalizada, a qual lhe parece ter um caráter fortemente inibidor e censor).

A princípio, seu pai não a vê. É como se ela estivesse escondida numa mureta além do alpendre, convenientemente de forma que ele não a visse. Só Aline pode vê-lo, pois poderia ser perigoso se o inverso ocorresse. Ele parece estar entretido em alguma atividade (descascando algo, comendo alguma coisa ou preparando um cigarro), que ela não consegue saber exatamente qual seria. A menina está observando o pai, mas mantém-se escondida, com medo de aproximar-se; ela sente que isto é difícil. "É difícil perder o medo de aproximar," ressalta, pois é como se visse a figura do pai muito grande, poderosa, e, principalmente, assustadora, declara Aline.

Observa-se que o Ser masculino - o *animus* - tal como é ideado pelo sujeito possui duas linhas básicas de compreensão: por um lado ele se reveste de toda a aura de poder e força, que o adulto tem aos olhos de uma criança, em função do seu tamanho e de todas as coisas aparentemente espetaculares que é capaz de realizar (na verdade, uma relação assimétrica fortemente idealizada). Além disso, este adulto não é um adulto qualquer, mas o pai da menina - uma figura de autoridade, portanto - alguém por quem ela nutre um vínculo afetivo, e para o qual possivelmente lhe dirige fantasias incestuosas. No discurso do sujeito ressalta-se principalmente a característica do masculino como um Ser "bravo" (agressivo), "poderoso" (onipotente), "muito grande" (excepcionalmente forte), em suma, uma figura superior que está muito acima e além dela, podendo lhe despertar supostos e prováveis sentimentos de inferioridade.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o pai é símbolo da geração, da posse, da dominação, do valor. Nesse sentido ele é uma figura inibidora, castradora, nos termos da psicanálise. Ele é uma representação de toda forma de autoridade: chefe, patrão, professor, protetor, deus. O papel paternal é concebido como desencorajador dos esforços de emancipação, exercendo uma influência que priva, limita, esteriliza, mantém na dependência. Ele representa a consciência diante dos impulsos

instintivos, dos desejos espontâneos, do inconsciente; é o mundo da autoridade tradicional diante das forças novas de mudança.

Continuando, a menina mesmo atemorizada, faz uma tentativa e tenta entrar dentro do alpendre. Aline já se vê entrando, mas sente dificuldade em descrever o que se passa, à procura da expressão adequada. Ela está "de cabeça baixa, com medo, tímida, se punindo antes de entrar!", como se a figura paterna tivesse o inalienável poder de julgamento, de punição, de crítica, e ela estivesse insegura de sua aceitação. O sujeito afirma que mesmo após ela ter se adentrado no alpendre, não é possível saber se ele a vê. Aline afirma que "é como se ele não a visse," isto é, não a percebesse.

A menina está se aproximando cada vez mais. Ele está sentado, com as pernas estendidas, e agora "é como se" ela chegasse próximo dos pés dele. Neste ponto, ela se sente "extremamente pedinte" de atenção, de um "me ver," diz ela. Seu desejo é que ele a olhe, que converse com ela. "A impressão que eu tenho é como se ele não percebesse essa vontade minha," diz ela. E ele continua fazendo o que estava fazendo, acrescenta Aline, "sem prestar muita atenção!" Ele pode vê-la, mas não percebe a sua necessidade, seu desejo de receber atenção. Isto corrobora a idéia de que a menina seja tão "pequena" (insignificante) para o pai, que nem sequer é notada, isto é, ele não lhe dá a menor importância, e não cultiva por ela laços de afeto e consideração emocional. Entenda-se que a percepção do sujeito de ser pequena demais em relação ao pai reforça o contraste e seus sentimentos de inferioridade ao masculino onipotente e resulta em última análise em sentimentos de rejeição e desamor.

A situação de mendicância afetiva é tão intensa e incômoda que a menina se volta e sai do alpendre. Ela retorna para o mesmo local em que estava anteriormente, onde sentia-se protegida. A menina fez a sua tímida e frustrada tentativa, mas lhe faltou coragem e auto-confiança para exigir mais, para explicitar com clareza sua necessidade. Agora Aline está se sentindo triste e rejeitada, entregue a sentimentos de auto-comiseração, o que a faz pensar: "Ninguém me ama! Ninguém me quer!" Enquanto isso, a mulher adulta se mantém à distância, ela não se aproxima para dar força e apoio à menina, apesar de sentir o desejo de que esta reconsidere sua postura apresentando uma atuação mais forte, mais incisiva, de mais cobrança, de forma a expressar verbalmente o

seu desejo. Identificada com a menina, a Aline adulta fica também no desejo estéril, incapaz de reverter a situação através da força transformadora da ação.

Vale ressaltar que apesar da imagem que representa o Ser masculino para Aline, inicialmente referir-se a uma figura de sua história de vida - o pai - houve toda uma criação (imaginação criadora) a partir disso, o que sugere tratar-se de uma expressão simbólica arquetípica.

Além disso, mantém-se a linguagem do 'como se,' perdura a situação de faz-de-conta, o que faz com que o sujeito se mantenha seguro e protegido na estreita brecha da fantasia-realidade. Uma distância (sentida como obstáculo) entre ela e o objeto, seguida de hesitantes tentativas de aproximação foram elementos comuns nos dois quadros. Tudo isso revela uma estrutura de personalidade, onde o sujeito apresenta um seperego rígido, censor, punitivo para um ego aparentemente frágil e infantil.

Vale salientar ainda o caráter extremamente autoritário e inacessível de seu *animus*, incapaz de enxergá-la e atender às suas necessidades, acentuando desta forma a distância psicológica entre eles, que parece enorme e intransponível. Por sua parte Aline não se mobiliza no sentido de vencer isso, recuando aos limites de sua intimidação e de sua passividade.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto o encontro entre as imagens que representam o Ser feminino e o Ser masculino, o sujeito assim se manifesta:

Aline: É como se fosse difícil!

Lucélia: Difícil?

Aline: Hum... (suspiro). É!

Lucélia: Dá até para suspirar?

Aline: Dá! (Riso) É como se fosse um pai forte demais e uma rosa frágil demais! Com características muito diferentes!

Lucélia: Hum... um muito forte e o outro muito frágil?

Aline: É!

Lucélia: Hum hum... extremos opostos?

Aline: É! (Pausa) Parece difícil essa interação! É como se ele menosprezasse ela!

Lucélia: É como se o pai menosprezasse a rosa?

Aline: É! A sua fragilidade! A sua feminilidade!

Lucélia: Hum hum... A sua fragilidade e a sua feminilidade parecem ter sido menosprezadas...

Aline: Hum hum... (Pausa) E... e prá ela, é como se assustasse também!

Lucélia: Ela se assusta com aquela figura?

Aline: É! Muito forte! Muito... hum... muito... não sei se racional! Muito cheia de certezas, né?

Lucélia: Muito cheia de certezas, muito racional, muito forte?

Aline: É!

Lucélia: Sim!

Aline: É difícil estar vendo aproximação!

Lucélia: Hum hum... a princípio continua cada um no seu espaço?

Aline: Continua cada um no seu espaço!

Lucélia: Hum hum... cada um no seu mundo?

Aline: É! Cada um no seu mundo. Parece que eu tenho uma vontade de aproximar, mas é como se cada um não quisesse abrir mão de... não sei se abrir mão, ou de entender o outro! Alguma coisa assim...

Lucélia: Abrir mão... entender o outro... como assim?

Aline: É! A fragilidade... o 'ser forte' do outro! O 'ser frágil' do outro!

Lucélia: Ah! Deixa ver se eu entendi: nenhum deles se dispõe a entender, um, a força (do outro) e o outro, a fragilidade (do outro)? Seria isso?

Aline:Seria!

Lucélia: Ah! Então nenhum deles se dispõe a isto?

Aline: Não!

Lucélia: Hum... como se eles sentissem o impacto dessa diferença: "Tamanha força e tamanha fragilidade!" E ficassem parados nisto?

Aline: Ou o medo de descobrir que não é tanta força, nem é tão frágil, né!

Lucélia: Ah! Você está dizendo que ambos têm medo de descobrir que um nem é tão forte quanto pensa que é, e o outro nem tão frágil quanto pensa que é?

Aline: É!

Lucélia: Hum...

Aline: Na distância se preservam mais!

Lucélia: Se preservam? Este encontro, esta aproximação, iria abalar muito o auto-conceito de cada um, seria isto?

Aline: Seria!

Lucélia: Porque são naturezas muito... aparentemente distintas e opostas?

Aline: Não sei! A princípio sim! É como se o distanciamento mantivesse um pouco isso, mas com a aproximação descobrisse que não. Nem tanto!

Lucélia: Hum hum... Está certo! E como termina? Eles de fato, não se aproximam? Ficam cada um no seu mundo?

Aline: É! Cada um no seu medo de se descobrir! (Riso)

Lucélia: Cada um...

Aline: No seu medo de se descobrir!

Lucélia: Você intervém de alguma forma? Ou não?

Aline: Não!

Lucélia: E termina assim?

Aline: Sim!

Lucélia: Sim! Então, de fato eles não se encontram?

Aline: Não!

Lucélia: Está bom! Então, procura ir visualizando os dois, cada um no seu canto, cada vez menores, e você lentamente se afastando, se despedindo dessas imagens...

3.1) Amplificação e interpretação

Diante da proposta de encontro das imagens que representam o Ser feminino (a rosa) e o Ser masculino (o pai), o sujeito afirma considerar difícil a possibilidade de que isto ocorra. "É como se fosse um pai forte demais, e uma rosa frágil demais!", afirma Aline acentuando as diferenças entre os dois. São na verdade o extremo-oposto um do outro, situação que inviabilizaria uma possível interação (observa-se que permanece a mesma situação de contraste e conflito ocorrida no quadro anterior, vivenciada entre a menina e o pai). Além disso, "é como se ele menosprezasse ela!",

acrescenta Aline. O pai menospreza a fragilidade e a feminilidade da rosa. Enquanto isso, para a rosa "é como se" a figura dele a assustasse: "Muito forte, muito cheio de certezas... seria racional?", se pergunta ela. Devido a essas diferenças tão contrastantes, que mais contribuem por afastá-los acentuando a inferioridade de um (a rosa, símbolo do feminino) e a superioridade do outro (o pai, símbolo do masculino), é difícil estar havendo aproximação, diz Aline, de forma que continua cada um no seu espaço.

Segundo CAVALCANTI (1987) muitas das qualidades primordiais do feminino foram deturpadas em seu significado. Foram impostas outras significações, adequadas a uma mentalidade que valoriza o uso da força sobre o outro. O feminino se viu reduzido ao fraco, ao submisso, ao incapaz, garantindo-se como isso toda a repressão do mundo feminino, como uma necessidade social patriarcal na busca civilizatória que teme as forças da natureza. Tais atribuições pejorativas que lhe foram impostas passaram a ser usadas como mecanismo de controle. A grande manifestação do feminino é a capacidade de acolher, cuidar e nutrir em seu seio largo e inesgotável. Nesse seio da terra-mãe as coisas podem se desenvolver em todas as suas possibilidades, sem que ela nada acrescente ou dirija. Porém, numa cultura com um desenvolvimento exagerado do aspecto masculino, as qualidades do feminino serão muito mal compreendidas. Será feito o uso inadequado, distorcido e tendencioso, diz a autora, tal como ocorreu no caso de Aline, cujo masculino-Pai menosprezou os atributos femininos da rosa como se estes fossem inferiores ou marginais.

Por sua vez, a atitude do masculino neste caso desencadeia no feminino - a rosa para Aline - reações de susto e temor diante da força ostensiva, da prepotência e da excessiva linearidade racional consciente do masculino, o que evidentemente só contribui por aumentar a distância e dificultar uma eventual aproximação.

O sujeito sente em si o desejo de que as figuras feminina e masculina se aproximem, todavia, "é como se" para que ocorresse o encontro, cada um tivesse que abrir mão de algumas prerrogativas próprias, ou fosse levado a entender o outro nessa nova situação, condições estas que redefiniriam os papéis e a identidade de cada um. Assim, é mais confortável a situação em que cada um está, com suas certezas, suas definições já prontas e acabadas, de forma que nenhum deles se dispõe a 'descer' ou sair

de sua suposta força ou sua fragilidade, para chegar até a fragilidade ou a força do outro. Existe neste caso um medo comum de descobrir que cada um não é tão forte nem tão frágil quanto pensa que é, ou seja, se deparar com a relatividade das coisas, desfazer velhas crenças, estereótipos, 'conservas culturais,'[44] em última instância, descobrir o novo.

Aline afirma que "na distância eles se preservam mais," isto é, correm menos risco de se haver com o novo, o inusitado, e não saber o que fazer com isso. Portanto, o preservar aqui não está sendo empregado no sentido de manter a integridade psicológica e por conseguinte a saúde mental de cada um, mas no sentido de manter intactos os velhos conceitos de masculino e feminino, que, tal como mandatos de gênero, se tornaram muletas e falsos referenciais de identidade. Este encontro é potencialmente ameaçador, pois, provavelmente, iria abalar o autoconceito de cada um, desmoronar-se-iam falsas crenças e ambos se veriam às voltas com a inexorável reconstrução de identidades masculina e feminina menos unilaterais. Se a princípio existe o pressuposto de que masculino e feminino são naturezas aparentemente distintas e opostas, o distanciamento iria contribuir por manter e corroborar essa oposição (o contraste das diferenças). Com a aproximação ambos poderiam correr o risco de descobrir que estas diferenças não são assim tão absolutas. Afinal, poderiam não ser tão diferentes quanto julgavam que fossem! "Pelo menos, nem tanto!", afirma Aline, sugerindo e antevendo a suposta relatividade destas diferenças.

Assim, termina cada um no seu mundo; não há encontro entre o Ser feminino e o Ser masculino, pois isto não seria interessante para nenhuma das partes. Permanece "cada um no seu medo de se descobrir!", reitera Aline, querendo dizer com isso que ambos estariam "protegidos" e ao mesmo tempo isolados pelo seu medo. Mesmo diante deste desfecho o sujeito não intervém, pois na verdade, há um conluio de ambas as partes e até do próprio sujeito para que as coisas permaneçam como estão. A ameaça do encontro desvelador, permanece, pois, à distância e sob controle.

---

[44] "Conserva cultural são manifestações de uma dada cultura (obras de arte, comportamento, usos e costumes) que se mantêm idênticas e se cristalizam. Para que a criatividade se manifeste é necessário que as conservas culturais constituam somente o ponto de partida e a base da ação, sob pena de se transformarem em seus obstáculos" (GONÇALVES, WOLFF, ALMEIDA, 1988, p. 47-8).

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 6: Laura

1) Figura feminina

Tendo sido dada a consigna referente à figura feminina, o sujeito é estimulado a relatar de maneira ampla como é a referida imagem e o que está sucedendo com ela:

Laura: É uma mulher...

Lucélia: Uma mulher?

Laura: ...dançando... (inaudível)

Lucélia: Uma mulher dançando? Como é essa mulher? Ela é jovem? É velha? É alta? É baixa?

Laura: É moça!

Lucélia: É moça! É jovem! (Pausa). Continue Laura! Observe... Observe essa mulher! Você disse que ela estava dançando... Como é a dança dela?

Laura: Ela está mexendo os braços... Ela está de tranças... Dançando... Virando... Cabelos escuros... As formas eu não vejo. Vejo só gestos!

Lucélia: Mais os gestos! É o que mais te chama atenção nela? Os gestos?

Laura: É!

Lucélia: Ela está mexendo os braços...

Laura: ...e dançando! Virando!

Lucélia: Ela tem muito movimento?

Laura: Isso!

Lucélia: Como ela está vestida?

Laura: Não vejo roupa!

Lucélia: Não dá para ver a roupa?

Laura: Não dá para...

Lucélia: Hum hum... Você disse que é uma mulher jovem?

Laura: Isso! Usa um macacão bege, mas eu não vejo muito as formas...

Lucélia: As formas não dá para ver muito. E o movimento dela? O que você vê no movimento?

Laura: ...Ela se vira em círculos...

Lucélia: Círculos?

Laura: É! Ela sobe o braço, a perna. Vira!

Lucélia: E o que ela passa prá você? Qual é o sentimento que ela desperta em você?

Laura: Serena, alegre...

Lucélia: Ah! Estado de serenidade, alegria! E o que você tem vontade de fazer ao vê-la dançar assim?

Laura: Ficar só olhando!

Lucélia: Só olhando! Só observa? Você não chega perto?

Laura: Tem espaço... mas... eu estou só observando...

Lucélia: E você então não dança com ela? Não fala com ela? Não interage?

Laura: Hum hum...

Lucélia: Que ritmo é esse? Você conhece a música que está tocando?

Laura: Tango, um samba? Não sei! Uma batucada!

Lucélia: Ela está dançando sozinha? Está dançando com alguém? Prá quem ela está dançando?

Laura: Ela está dançando prá festejar!

Lucélia: Prá festejar o quê?

Laura: Prá ela mesma!

Lucélia: Hum hum... Existem outras pessoas no local?

Laura: Não!

Lucélia: Onde é esse lugar, dá prá perceber?

Laura: Eu vejo isso igual a uma pintura em guache!

Lucélia: Em guache! Ah! Meio nebuloso, assim?

Laura: Não é tão definido o traço! O cenário... um caminho... uma casa... um castelo...

Lucélia: No fundo tem um castelo? Não é dessa nossa época?

Laura: É de outra! (Inaudível) ...não tem roupa. Só um macacão velho!

Lucélia: É uma figura um tanto indefinida, não é? Hum hum... Dá prá ver o cabelo? Outros traços dela?

Laura: O cabelo é comprido, solto! Sei que é mulher porque tem as formas arrendondadas...

Lucélia: Formas arrendondadas, sim! Seria basicamente isso? Você então, não se aproxima, apenas fica olhando a mulher dançando... você não interage com ela em outro nível? É isso?

Laura: É!

Lucélia: Ela não te viu ali?

Laura: Não!

Lucélia: Você disse que ela estava dançando para si mesma!

Laura:É! Eu é que estava olhando prá ela!

Lucélia: Então, vocês estavam bem distantes uma da outra?

Laura: Isso! (Pausa) Não muito distantes!

Lucélia: Existe alguma mensagem que você gostaria de deixar registrado prá esta figura que é o seu Ser feminino?

Laura: Ah... tem muito verde, tem verde, tem rosa!

Lucélia: Tem verde e tem rosa? Essa é a sua mensagem: "Verde e rosa?"

Laura: É como eu estou vendo!

Lucélia: Você falou que parece uma pintura em guache, não é? É mais uma pintura?

Laura: Isso! Parece... uma coisa estilizada!

1.1) Amplificação e interpretação

A figura feminina para Laura personificou-se na forma de uma mulher fracamente delineada, cuja apreensão foi possível por suas formas arredondadas. Os traços estilizados da imagem lembravam pintura em guache, sendo portanto pouco definidos, sugerindo impressões provenientes de uma época remota. Esse caráter um tanto quanto indefinido, a vaguidade das imagens, e sobretudo o caráter numinoso da experiência verificado ao longo do trabalho de imaginação ativa, indicam tratar-se de conteúdos do inconsciente coletivo.

O que chama a atenção de Laura, no entanto, são mais os gestos que as formas da imagem. O sujeito observa que a mulher está dançando num cenário surreal destacando-se "verde e rosa, um caminho... um castelo," o que sugere tratar-se de um espaço e um tempo indefinidos, supostamente mítico. A mulher dança para si mesma, para festejar, e não percebe a presença de Laura observando-a. O ritmo que está tocando é uma "batucada," um ritmo africano primitivo.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), a dança é celebração, é linguagem. Como linguagem aquém da palavra, as danças de cortejamento dos pássaros o demonstram. A dança também pode ser uma forma de linguagem para além da palavra, porque onde as palavras já não bastam, o ser humano apela para a dança. Para os autores ela é uma espécie de "febre," uma manifestação explosiva do instinto da vida, capaz de apoderar-se de uma criatura e de agitá-la até o frenesi. Desta forma rejeita-se toda a "dualidade do temporal" e reencontra-se de um salto, a unidade primeira, em que corpos e almas, criador e criação, visível e invisível se encontram e se soldam, fora do tempo, num só êxtase. A dança clama pela identificação com o imperecível; celebra-o. Desde a cultura grega à África, pátria dos orixás e do vodu, ao xamanismo siberiano e americano, e até nas danças mais livres do nosso tempo, o ser humano exprime pela dança a mesma necessidade de livrar-se do perecível.

Por outro lado, EMMA JUNG (1995) acrescenta que a música pode ser entendida como uma "objetivação do espírito," que nem expressa conhecimento no sentido usual, lógico-intelectual, nem se realiza materialmente, mas significa uma representação manifesta dos contextos mais profundos e da mais inabalável regularidade. Nesse sentido, a música é espírito que leva a lugares escuros e remotos (o castelo de Laura), não mais acessíves à consciência, e cujos conteúdos não podem ser concebidos com palavras, mas sobretudo, através de sentimento e sensibilidade. Este fato aparentemente paradoxal mostra que "a música tem condições de permitir o acesso a profundezas onde o espírito e a natureza são ainda ou novamente um, e por isso, ela se constitui numa das formas principais e mais primitivas na qual a mulher vive o espírito de modo absoluto" (EMMA JUNG, 1995, p. 49). Daí também o importante papel que a dança e a música como formas de expressão representam para a mulher, observa a autora, salientando que a dança ritual está claramente baseada em conteúdos espirituais. O arrebatamento para essas regiões cósmico-musicais distantes da consciência, propiciado por esse espírito, constitui uma contrapartida à mentalidade consciente da mulher, voltada para o que está mais próximo e para o mais pessoal.

Refletindo ainda sobre a imagem, uma mulher assim, com tranças que se desprendem, envolta em um macacão velho, dançando para si mesma sem estar

preocupada com o mundo à sua volta evoca a figura de Ártemis, deusa grega, Senhora dos animais e da própria natureza, uma figura legendária e portanto arquetípica. Uma mulher-Ártemis não se veste com sofisticação; seu "jeans" desbotado e suas camisas folgadas lhe permitem toda a agilidade de movimento de que precisa. Para os gregos antigos, Ártemis era a deusa dos lugares agrestes, habituada a caçar nas montanhas e a seguir o ritmo dos animais, e em harmonia com os ciclos da lua.

Segundo WOOLGER & WOOLGER (1997) um aspecto maravilhoso do Eros de Ártemis são suas danças, sua paixão pelos ritmos da Terra, o balanço e a ginga do seu corpo ágil: "Ártemis dança para si mesma enquanto Afrodite dança para si e para seu parceiro. A dança de Afrodite pode levar ao leito, pois é parte do seu ritual de corte, mas Ártemis talvez acabe dançando sozinha noite adentro, alheia a tudo exceto, talvez, à lua" (p. 293).

A 'mulher dançante,' o Ser feminino de Laura, com seus movimentos circulares transmite ao sujeito um sentimento de alegria e serenidade demonstrando com isso estar em harmonia com o ritmo da natureza e em sintonia com seu próprio Eros. Segundo JUNG *et al.* (1969) o círculo ou esfera é símbolo do "si mesmo," sendo que expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluída a relação entre o homem e o conjunto da natureza. Aparecendo em motivos diversos em diferentes culturas - desde o primitivo culto solar até a religião moderna, em mitos e sonhos, nos traçados das cidades ou nas idéias esféricas dos primeiros astrônomos - assinala sempre o aspecto mais essencial da vida: sua totalidade e integração definitivas.

O sujeito, por outro lado, não se faz notar, não se aproxima da imagem de maneira a não intervir no que está acontecendo. Permanece a observá-la em sua dança, não se estabelecendo portanto, uma comunicação. Fica evidente que a relação com a referida imagem é de contemplação, sendo mantida uma distância a fim de impedir que o encanto se quebre.

A mulher, ao dançar para si mesma com seu macacão velho, cabelos soltos, em honra da vida, além de estar em harmonia com todo o universo, celebra a liberdade experimentada em plenitude, numa autêntica manifestação do arquétipo artemisiano.

2) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna referente à imagem do Ser Masculino, é questionado do sujeito:

Lucélia: Como é essa figura? Quais são seus traços, suas características? O que ela está fazendo?

Laura: Eu vejo duas figuras de homens!

Lucélia: Duas figuras?

Laura: É! (Pausa) Se eu me concentrar... Eu não estou conseguindo...

Lucélia: Não está muito nítido?

Laura: Não! Tipo de um... está dançando...

Lucélia: Tipo de um...?

Laura: Está com aquela calça de dançar, meio de smoking... está dançando! E, uma outra imagem... de terno e chapéu... andando!

Lucélia: E qual a imagem que veio primeiro? Ou, vieram as duas juntas?

Laura: Nenhuma! Vieram as duas juntas! A mais forte é... a...de terno e chapéu, andando...

Lucélia: Ele está vestido a caráter?

Laura: Hum hum...

Lucélia: Está sozinho também? Está andando solitário?

Laura: Está!

Lucélia: De que ângulo você o vê? De costas? De lado? De frente?

Laura: Meio de lado... Quer dizer, meio atrás, mas de lado. O que está dançando é de frente.

Lucélia: Ah! E o que está dançando, você vê de frente?

Laura: É. Eu vejo igual àquela figura... só os traços...

Lucélia: Assim, estilizado também? Os dois?

Laura: É! Estilizado!

Lucélia: E, essas duas figuras masculinas estão em contextos diferentes ou estão no mesmo lugar?

Laura: Estão em lugares diferentes!

Lucélia: Como são esses lugares?

Laura: O dançarino, está no mesmo contexto da primeira imagem!

Lucélia: Sim! Da primeira imagem!

Laura: O de terno está numa rua, andando numa calçada comum!

Lucélia: Calçada comum! Está andando na rua simplesmente! Deles dois, qual o que te chama mais atenção? Assim, você observando cada um - o dançarino e o caminhante - qual dos dois te atrai mais, Laura? Qual dos dois, dá vontade de chegar mais perto e se deter nele?

Laura: O dançarino!

Lucélia: O dançarino! O que ele tem de especial?

Laura: Um jeitinho... alegre! É uma pessoa alegre! É solto dançando...

Lucélia: É solto... e dança! E o outro?

Laura: É sério!

Lucélia: É mais sério! Hum hum... E você chega perto do dançarino? Você se aproxima dele?

Laura: Sim!

Lucélia: Se aproxima? E o que acontece depois?

Laura: Eu vejo a gente dançando, dando voltas!

Lucélia: Ah! Você começa a dançar também?

Laura: Com o outro de chapéu também eu olho de frente! (Pausa) Eu me vejo com os dois!

Lucélia: Você se vê com os dois?

Laura: É! Com o dançarino, dançando naquele contexto daquela figura...

Lucélia: Sei! E com o outro...

Laura: Com o outro... ele me olha de frente, como se estivesse conversando...

Lucélia: Se fosse para você dizer uma palavra para cada um deles, que palavras você diria?

Laura: Não sei!

Lucélia: Está bem! É mais a nível corporal a sua interação, não é com palavras. Então, com um você dança e, você dança com ele ou ao lado dele?

Laura: Com ele!

Lucélia: Com ele! Ah! E com o outro, você chega perto?

Laura: Não! Eu só estou olhando... parece que ele está falando alguma coisa...

Lucélia: Você sabe o que ele está dizendo?

Laura: Não!

Lucélia: Está bom! Duas figuras masculinas... Acontece mais alguma coisa?

Laura: Não!

2.1) Amplificação e interpretação

As imagens que representam o Ser masculino para Laura são da mesma natureza que as da figura anterior, isto é, são estilizadas e tomam forma através de traços não muito definidos. A partir disso, a figura masculina se apresenta sob forma dupla: são dois homens; um dançarino descontraído, vestido de forma apropriada para a dança, e um outro homem, trajando-se a rigor, com terno e chapéu. De um lado o Ser masculino livre e solto, dançando em honra da vida, sem estar preso a estereótipos ou a uma *persona* que lhe atribuísse o distintivo da masculinidade e o enquadrasse a padrões culturais específicos; de outro lado o Ser masculino vestido a rigor, isto é, usando terno e chapéu - componentes típicos da *persona* masculina - andando por uma rua qualquer, uma figura urbana, portanto. A indumentária acrescida de uma seriedade em sua fisionomia confere à figura uma certa austeridade, fato que leva o sujeito a identificá-la como sendo a que se impõe mais fortemente.

Visto que são figuras de naturezas distintas, que assumem diferentes simbologias e funções no psiquismo do sujeito, cada uma está circundada por distintos cenários, isto é, o dançarino está naquele mesmo lugar em que se encontra a figura feminina: uma paisagem brumosa fracamente definida em tons de verde e rosa, um caminho, e ao fundo, um castelo. O homem de terno e chapéu anda solitário por uma calçada comum de uma rua qualquer. O dançarino emerge de um cenário bucólico e surreal, enquanto o homem de terno e chapéu, figura que se destaca de um cenário urbano, emerge de um mundo concreto onde impera a civilização, funcionando como porta-voz autorizado do masculino.

Todavia, o dançarino parece encantar Laura: "É uma pessoa alegre! É solto dançando...", diz ela. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), todas as danças, populares ou eruditas, elaboradas ou de improvisação, individuais ou coletivas, em maior ou menor grau buscam uma libertação no êxtase, quer ela se limite ao corpo, quer ela seja mais sublimada (os xamãs confessam que é através da dança, acompanhada

pelo seu tambor, que se consuma a sua ascensão para o mundo dos espíritos). Em uma experiência que beira a instância do numinoso, Laura se defronta com um *animus* liberto da rigidez, do peso opressivo e da sisudez da *persona* masculina; um *animus* livre dos mandatos redutores, alienantes e estereotipados impingidos aos homens no exercício do seu papel na cultura patriarcal; um *animus* que vive plenamente a flexibilidade, a leveza, a graça e a alegria femininas, em perfeita harmonia com o atributos que compõem sua masculinidade dominante.

Do caminhante - a outra face de seu *animus* - Laura se mantém à distância, apesar deste fitá-la, tentando de onde está lhe dizer alguma coisa. Com o dançarino ela chega a dançar, denotando com isto estar mais à vontade e menos receosa de sua presença. O dançarino, Laura encara de frente, isto é, o contato é direto; o homem de terno ela vê de perfil (à esquiva), isto é, existem aspectos que não podem ser vistos.

Aparentemente estas duas faces do *animus* do sujeito se opõem e se chocam, e precisaram por isso, ser dissociadas, por serem supostamente inconciliáveis. Assim, Laura mantém relações diferentes com os dois tipos de homens. O dançarino é a figura com a qual mais se identifica a nível consciente, o Ser masculino sem algemas, limitações, prescrições ou mandatos. Ele acontece por si mesmo. Com ele a relação se dá de forma fluida, espontânea e natural. Já o homem de terno se referenda a uma cultura e a uma civilização que impõe mandatos para ser homem, aos quais obedece. Por sua vez, apesar do sujeito manter uma certa distância e estranheza em relação ao homem de terno, visualizando-o apenas de perfil (rejeitando os elementos que ele representa), este tipo na verdade a atrai, tanto que ela fica com os dois. No final ele a olha de frente e parece conversar com ela, mas não dá para saber o conteúdo do que está dizendo, ou seja, existem alguns aspectos que ainda são velados.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido dada a consigna relativa ao encontro das duas figuras, o sujeito assim se manifesta:

Laura: Quando você estava falando juntou... pensando no homem de terno...

Lucélia: Juntou?

Laura: É, juntou!

Lucélia: Ficou um só?

Laura: Ficou o homem de terno... um está dançando, o outro dançando...

Lucélia: Agora, é o homem de terno que dança? É isso?

Laura: Isso!

Lucélia: Ah! Ele está dançando e depois...

Laura: Eu estou dançando com ele!

Lucélia: Com...

Laura: Com ele!

Lucélia: Ah! Você está dançando com ele! E aquela mulher que você havia visto no início, ela não está mais aí? O que aconteceu com ela?

Laura: Eu não sei... eu acho que agora sou eu!

Lucélia: É você?

Laura: ...Sou eu!

Lucélia: E o que você está sentindo Laura?

Laura: Eu estou feliz, estou bem... sorrindo!

Lucélia: Sorrindo? E dançando com o homem de terno!?

Laura: É isso!

Lucélia: Estão alegres os dois, sorrindo?

Laura: É! Mais eu do que ele.

Lucélia: E onde ocorre esse encontro?

Laura: No mesmo cenário do outro... na rua!

Lucélia: Na rua!?

Laura: Hum hum... dançando, os dois na rua!

(Pausa grande)

Lucélia: Acontece mais alguma coisa?

Laura: Não!

Lucélia: Hum hum... Você teria um nome prá dar prá essa dança?

Laura: Não sei... (Risos). "Partner!"

Lucélia: "Partner?" Quer dizer... parceiros, não é?

Laura: É!

Lucélia: Parceiros! Companheiros! Está bom! Podemos fechar essa janela da sua imaginação? Ou você tem mais alguma coisa para acrescentar?

Laura: Não! Acho que eles são felizes! Só isso!

Lucélia: Felizes... e... dançando? É isso?

Laura: (Risos) Dançando!

Lucélia: Está bom! Então, nós vamos encerrar esse trabalho, e você vai fechando a sua janela, lentamente...

3.1) Amplificação e interpretação

No encontro da figura feminina com a masculina houve a fusão - mais especificamente, o fenômeno de condensação - das duas imagens masculinas (aqueles aspectos que eram aparentemente inconciliáveis puderam se integrar e se reunir de uma forma harmoniosa para compor uma imagem consistente e totalizadora do masculino). Agora o homem de terno e chapéu condensa em si a flexibilidade e a ginga do dançarino; é ele agora quem dança e, em um segundo momento, Laura dança com ele. O cenário é o mesmo daquele do homem de terno, ou seja, a rua, uma calçada comum.

Por outro lado, o sujeito tomou o lugar da figura feminina - a mulher dançarina - que está ausente na imagem do encontro. Laura é agora quem está dançando com o homem de terno. Quando inquirida sobre o que havia acontecido à figura feminina, ela responde vagamente: "Eu não sei... acho que agora sou eu!", afirma. Possivelmente, o processo de integração e elaboração resultantes do trabalho da imaginação ativa possibilitou ao sujeito trazer de dentro de si a bailarina que possuía escondida em estado de latência e ousar mostrá-la ao mundo (mesmo sendo este o mundo de sua imaginação). Desta forma, Laura soltou suas 'amarras' psíquicas e arriscou os primeiros passos, superando os limites do seu Ser, numa experiência profunda de totalidade e auto-atualização de suas potencialiades. A sensação resultante, como era de se esperar, é de felicidade e apaziguamento interno.

Finalmente, ambos parecem ter "afinado o passo," isto é, conseguiram falar a mesma 'língua,' puderam então se aproximar e dançam harmoniosamente. O sujeito não parece mais temer o homem de terno, e não precisa manter-se afastado, ao contrário ambos parecem sentir prazer na companhia um do outro, pois sorriem entre si.

Desta forma, a denominação "partner" atribuída pelo sujeito à sua dança, expressa bem a relação entre os dois. Esta palavra oriunda da língua inglesa[45] significa par (de dança); e também parceiro, co-participante, companheiro, consorte, cônjuge. Todos estes termos evidenciam uma certa cumplicidade, participação e envolvimento, seja ela em maior ou menor grau.

Neste caso a imaginação ativa cumpriu o seu objetivo que é a integração de conteúdos inconscientes à consciência, o que se revelou pela sensação de apaziguamento interno e de felicidade mencionados anteriormente. Isto se dá pela ação da *coniunctio oppositorum,* o já citado símbolo alquímico que traduz a união de substâncias desiguais. Psicologicamente a *coniunctio* representa um casamento dos opostos sacramentado em um coito em nível superior que tem sua fruição no nascimento de um novo elemento (gravidez psíquica). Isto é simbolizado por uma criança - a "criança da alma" - que manifesta um potencial para uma totalidade maior recombinando atributos das duas naturezas opostas (tal como procedeu Laura em relação à sua dupla figura masculina). Assim, porque a *coniunctio* simboliza processos psíquicos, o renascimento e a transformação que se seguem têm lugar dentro da psique (SAMUELS *et al.*, 1988). No caso de Laura o novo ser estaria supostamente representado no homem de terno dançante que, por sua vez, se une ao sujeito na dança, para juntos executarem a sua "partner" e, talvez, quem sabe, produzirem um novo elemento resultante dessa alquimia de opostos.

Lembre-se que para JUNG (1987a) a dança pode ser também um jogo de acasalamento (como ocorre entre os pássaros e outras espécies animais) e de imitação do ato sexual, através de uma canalização da energia e de sua transferência para um objeto análogo ao original.

---

[45] MICHAELES, **Dicionário ilustrado.** Inglês - Português. 57 ed. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1995, v. **I**.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 7: Samanta

1) Figura feminina

Tendo sido proferida a consigna referente ao Ser feminino, solicita-se então ao sujeito que diga qual é a primeira imagem que lhe ocorre. Samanta assim se expressa:

Samanta: (Pausa) É uma mocinha de sutiã!

Lucélia: Uma mocinha de sutiã?

Samanta: Um sutiã bonito!

Lucélia: Bonito, o sutiã dela! Me fale mais dessa mocinha! Onde ela está? O que ela está fazendo?

Samanta: Ela está no quarto vestindo o sutiã. Está se olhando!

Lucélia: Ela está nesse momento vestindo o sutiã? Está se olhando no espelho, é isso?

Samanta: É! (Pausa)

Lucélia: E depois? Ela está se vestindo... está se olhando... observe Samanta! Não censure. O que acontece depois com a mocinha?

Samanta: Só! Ela não sai do quarto!

Lucélia: Ah! Ela está no quarto... e ela permanece lá?

Samanta: Hum hum...

Lucélia: E o que ela pensa enquanto veste o sutiã? O que sente?

Samanta: Assim... ah... bonita!

Lucélia: Ela se sente bonita?!

Samanta: É! Feminina!

Lucélia: Feminina?! Hum hum... Ela se sente bonita e feminina! Quantos anos tem essa mocinha?

Samanta: Acho que uns treze.

Lucélia: Treze anos? É a primeira vez que ela usa um sutiã?

Samanta: É!

Lucélia: Hum... (pausa). E depois, ela já vestiu o sutiã?

Samanta: Já!

Lucélia: E agora? Acontece mais alguma coisa com a mocinha?

Samanta: Não!

Lucélia: Hum hum... onde você está nesta cena: "A menina vestindo o sutiã"?

Samanta: Eu sou a menina!

Lucélia: Ah! Você é a menina?

Samanta: Hum hum...

Lucélia: Ah! Está certo! E a cena termina aí ou acontece mais alguma coisa? Ela sai do quarto? Ela se veste?

Samanta: Fica só nisso!

Lucélia: Fica só nisso?! Podemos então fechar essa janela da sua imaginação?

Samanta: Pode!

Lucélia: Está bem! Procure ir mentalmente se despedindo desta menina. Visualize sua imagem à distância, vestindo o sutiã, de forma que ela vá se tornando cada vez menor até que você não consiga mais vê-la...

Amplificação e interpretação

O Ser feminino para o sujeito manifestou-se através da imagem de uma "mocinha de sutiã." "Sutiã bonito!", reitera ela. Uma adolescente (que mais tarde admite ser ela própria) que observa despontarem em si os caracteres sexuais secundários, os quais constituem o 'passaporte' que a conduzirá do mundo sereno e tranqüilo da infância para outro mundo que pressupõe responsabilidades e é, ao mesmo tempo, agitado por um certo tipo de hormônios (progesterona) que rege um grupo particular de pessoas - as mulheres. Seus seios, agora proeminentes e em evidência para o mundo, numa autêntica e inegável demonstração de sua emergente feminilidade, atestam sua maturidade sexual e constituem os primeiros sinais da ação do ciclo vital, que até então mantinha sua sexualidade em estado de latência. O sutiã - usado para sustentar e ao mesmo tempo recobrir os seios, também constitui um adorno para tornar mais desejável e atraente esta parte do corpo feminino, fonte de tabus e zona erógena das mais sensíveis - para o sujeito parece ser objeto de orgulho e ostentação, pois a confirma em sua feminilidade.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), o seio é símbolo de proteção e de medida. O seio tem relação com o princípio feminino, isto é, com a medida no sentido de limitação; ele só é medida pelo próprio fato dessa limitação. E isso, em oposição ao princípio masculino que ilimita - o sem-medida. O seio direito simboliza o sol, e o esquerdo, a lua.

O seio é sobretudo símbolo de maternidade, de suavidade, de segurança, de recursos. Ligado à fecundidade e ao leite - o primeiro alimento - é associado às imagens de intimidade, de oferenda, de dádiva e de refúgio. Qual taça inclinada, dele, como do céu, flui a vida. Mas ele é também receptáculo, como todo símbolo maternal, e promessa de regenerescência.

Continuando, para Samanta a mocinha está no dormitório vestindo o sutiã e se olha no espelho enquanto executa esta atividade. A imagem refletida lhe possibilita reavaliar sua auto-imagem a partir deste novo órgão, cujo atavio - o sutiã - é a prova cabal de sua nova condição, oferecendo-lhe em última análise uma dimensão do novo *status* que vai ocupar no mundo dali para frente: o *status* de mulher. Neste momento, contudo, ela permanece no dormitório. Trata-se de um evento muito íntimo, que parece ser exclusivamente seu e ela não se dispõe a compartilhá-lo com mais ninguém. Isto demonstra que a princípio a relação mais importante é consigo mesma - do ego para com sua nova auto-imagem, que ela necessita introjetar - e não com o mundo (um momento posterior).

Portando esta nova peça de sua indumentária, o sutiã, a adolescente se sente "bonita e feminina," fato que corrobora a idéia de que o sutiã é para o sujeito o objeto que lhe confere a 'marca registrada' de sua tão sonhada feminilidade.

A mocinha tem treze anos; ela está, pois, vivenciando as manifestações avassaladoras da puberdade, sendo este o ato inagural que ritualisticamente lhe confere uma identidade feminina, introduzindo-a no mundo misterioso e ansiado da mulher.

A produção imaginativa neste caso tende para a imobilidade, sendo que a única ação presente é aquela de vestir o sutiã, e se observar enquanto faz isto. Não existe uma continuidade que configure uma cena; a imagem parece ter se fixado naquele ponto. As respostas do sujeito são lacônicas e cortantes: palavras como "nada," "não" são

freqüentes, fato que obrigou a pesquisadora a questionar muito. O sujeito, por sua vez, não interage com a imagem, pois a identificação com ela parece ter bloqueado tal interação, como se fosse impossível conversar consigo mesma. No fim, ela afirma que "fica só nisso," fechando qualquer tipo de exploração. Há duas hipóteses para esta postura: ou o sujeito tem uma atividade imaginativa pobre ou ela está involuntariamente interrompendo o fluxo imaginativo, talvez por temer outros conteúdos que possam emergir. Acredita-se ser mais provável a segunda hipótese.

Vale ressaltar que este quadro remonta provavelmente a uma cena da história de vida do próprio sujeito, para ela um momento feliz em que se sentiu orgulhosa e plena em sua feminilidade, momento este que Samanta está agora revivescendo. Não se trata, pois, de uma imagem arquetípica oriunda do inconsciente coletivo, mas uma imagem do inconsciente pessoal. Assim sendo, não foi utilizada neste caso imaginação criadora, mas reprodutora.

2) Figura masculina

Após ter sido proferida a consigna referente à figura masculina, solicita-se ao sujeito que relate como é a imagem que a representa e o que então se sucede. Samanta assim responde:

Samanta: Uma mocinha...

Lucélia: Hum...

Samanta: ...que usa tênis, calça "jeans," que gosta de camisa! Só roupa masculina!

Lucélia: Ah! Uma mocinha que usa tênis, calça "jeans" e gosta de camisa! Ela gosta de se vestir assim com roupas masculinas...

Samanta: Isso!

Lucélia: Hum... E o que acontece com esta mocinha?

Samanta: Ela gosta de jogar bola com os meninos!

Lucélia: Ah! Ela também joga bola com os meninos?

Samanta: É! O pai dela fala prá ela que não é mais prá ficar jogando bola, porque ela já está crescida. Já é uma mocinha! Não fica bem ela ficar no meio dos meninos jogando bola!

Lucélia: O pai dela falou prá ela: "Não joga bola porque não fica bem. Você já está uma mocinha! Já está crescida!" Não é prá ficar jogando bola!

Samanta: Com os meninos!

Lucélia: Com os meninos! (Ênfase) Hum... Quantos anos tem essa mocinha?

Samanta: Acho que uns quinze!

Lucélia: Quinze?! E ela obedece o pai?

Samanta: Obedece!

Lucélia: E como ela se sente deixando de jogar bola com os meninos?

Samanta: Chateada!

Lucélia: Chateada! Mas ela pára de fazer isso? Não joga mais bola com os meninos?

Samanta: Não!

Lucélia: Hum... e é o pai dela quem diz isto a ela?

Samanta: Hum hum...

Lucélia: E ela diz alguma coisa para o pai?

Samanta: Não!

Lucélia: E você, onde está?

Samanta: Estou olhando a menina de longe!

Lucélia: Você diz alguma coisa a ela? Tenta se aproximar?

Samanta: Não!

Lucélia: O que você sente a respeito dessa menina? O que ela desperta em você?

Samanta: Nada!

Lucélia: Nada? Nada mesmo?

Samanta: Não! (Silêncio)

Lucélia: Acontece mais alguma coisa?

Samanta: Mais tarde uma amiga dela a leva numa sapataria...

Lucélia: Hum...

Samanta: ... e a faz comprar um sapato bem feminino!

Lucélia: A amiga a leva até a sapataria e a faz comprar um sapato bem feminino...

Samanta: Hum hum...

Lucélia: Hum... E ela compra?

Samanta: Compra!

Lucélia: Hum... não usa mais tênis?

Samanta: Usa! Mas usa menos!

Lucélia: Menos?! Hum... ela está aprendendo a se vestir de mulher?

Samanta: Isso!

Lucélia: A se calçar como mulher, pelo menos?

Samanta: Hum hum...

Lucélia: E me diga uma coisa: quando ela parou de jogar bola com os meninos, ela passou a fazer o quê no lugar disso?

Samanta: Nada!

Lucélia: Nada?

Samanta: (Pausa)

Lucélia: Acontece mais alguma coisa com essa menina de quinze anos, que agora usa um sapato feminino, que não joga mais bola?

Samanta: Não!

Lucélia: Então, está bom! Vamos agora fechar essa janela da sua imaginação. Vá se despedindo dessa menina...

2.1) Amplificação e interpretação

A imagem que representa o Ser masculino para Samanta também é a de uma "mocinha" (supostamente a mesma da figura feminina), só que agora um pouco mais velha, com 15 anos de idade. Esta mocinha, todavia, usa tênis, calça "jeans" e gosta de camisa, uma peça da indumentária tida como masculina. Ela também aprecia jogar bola com os meninos, afirma Samanta. Quanto a isto, o pai a advertiu de que "ela já está crescida; não fica bem ficar no meio dos meninos jogando bola!"

"Não é mais para jogar bola com os meninos," destaca o sujeito o mandato que categoricamente foi imposto à mocinha. Esta obedece ao pai, mas fica "chateada," por não poder mais fazer o que tanto gostava. Todavia, ela não manifesta

seus sentimentos de contrariedade ao pai, e, resignada, interrompe a atividade que o desagrada, na ânsia de ser uma boa filha e garantir a continuidade do amor paterno. O sujeito observa a menina à distância, mas não tenta se aproximar. Samanta afirma não sentir nada a respeito da mocinha, sugerindo que esta não desperta nela nenhum sentimento. Aqui, se depreende não a inexistência de tais sentimentos, mas a negação dos mesmos, com o sujeito se esquivando de se aprofundar neles aparentando uma certa preguiça mental, numa atitude típica de quem visa a evitação do desprazer e a manutenção da energia constante (princípio do prazer de Freud).

Contudo, tendo sido interceptada sua incursão no mundo do masculino, para reintroduzi-la no caminho correto, certo e esperado socialmente, aquele que a levaria ao mundo do feminino, mais tarde uma amiga curiosamente a conduz até uma sapataria e a "faz comprar" (expressão impositiva) "um sapato bem feminino." A mocinha passa então a usar menos tênis. A amiga ensina-a a se vestir/calçar como mulher; entendido de uma maneira mais ampla, ensina-a a ser mulher. Ou seja, através da *persona* imposta, pretende-se que ela atinja o centro e seja capaz de engendrar uma identidade feminina.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), o sapato que Cinderela abandonou no palácio do príncipe quando fugiu, à meia-noite, se identificava com a moça. Assim, grande foi a surpresa quando Cinderela tirou do bolso o sinal de reconhecimento, a prova irrefutável, o outro sapatinho, que colocou no pé: a prova de identidade da pessoa. O príncipe, apático desde o seu desaparecimento, tendo-a enfim reencontrado, casa-se com ela por sua beleza, apesar de sua pobreza. Alguns intérpretes fizeram deste símbolo de identificação um símbolo sexual, ou pelo menos, do desejo sexual despertado pelo pé. Aqueles que consideram o pé como um símbolo fálico verão facilmente no sapato um símbolo vaginal e, entre os dois, um problema de adaptação que pode gerar angústia (isto se aplica perfeitamente ao caso de Samanta, quando se considera seus prováveis conflitos entre a feminilidade e a masculinidade).

Quando parou de jogar bola com os meninos, a mocinha não encontrou uma outra atividade que pudesse substituí-la, a não ser usar seus novos sapatos femininos (que supostamente devem ter lhe provocado muitas dores e calosidades). A mocinha, que

não teve aceita sua 'masculinidade,' precisou se adequar aos padrões vigentes de feminilidade usando um sapato bem feminino.

Esta parte pode ser vista como uma continuidade da primeira (figura feminina), vindo a compor uma estória em torno de um personagem - a mocinha - considerando-se que ambas sejam a mesma pessoa (apenas, agora dois anos mais velha) sendo que o tema central sugere uma busca sinuosa de sua identidade de gênero. Assim, esta frágil identidade, quase como num arremedo, começa a tomar forma a partir da descoberta fantástica de um busto de mulher ornamentado com um belo sutiã, para se perder entre os pés de garotos correndo atrás de uma bola, interpondo-se, pois, nessa busca uma masculinidade astuciosa (ardilosa) que parece querer corrompê-la nos seus esforços, desviá-la do caminho. Tais incidentes revelam no sujeito, conflitos inconscientes em relação à sua identidade sexual.

Isto faz lembrar a já citada deusa da mitologia grega - Ártemis - que personifica um dos mais expressivos árquetipos da feminilidade inconsciente. Conforme já mencionado, sua energia arquetípica irrompe com maior força na adolescência, que representa o pico de energia das mulheres abençoadas pela deusa. Tão poderosa é essa energia que as mulheres que vivem quase exclusivamente sob o signo de Ártemis permanecem, sob diversos aspectos, perpetuamente juvenis. Fisicamente falando isto é uma dádiva, mas psicologicamente corre-se o risco de ser a mulher uma eterna promessa (por seus sucessivos movimentos de expansão, que não chegam a criar raízes e a concretizarem-se produzindo frutos) e ao mesmo tempo pode monopolizar a consciência da mulher, excluindo as energias das outras deusas. O perigo é que a jovem mulher-Ártemis jamais chegue a cruzar inteiramente o período de transição, a ponte que é a adolescência, atendo-se à sua *persona* esportista, a suas mochilas ou a seu envolvimento com os animais em detrimento dos relacionamentos humanos, e de tornar-se membro pleno da sociedade (WOOLGER & WOOLGER, 1997).

A energia que se capta em Ártemis não é mental, mas provém de seu corpo ágil e atlético. Ela também não se veste com a sofisticação profissional da mulher-Atena. Seu "jeans" desbotado e suas camisas folgadas lhe proporcionam a flexibilidade de que precisa. Na realidade, as roupas, simplesmente não lhe parecem ser importantes.

O motivo é simples: a mulher-Ártemis está ligada apenas superficialmente ao mundo civilizado. Ela não se sente à vontade na cidade porque, no fundo, seu lugar são os campos e as florestas. Para os gregos antigos, Ártemis era a deusa dos lugares agrestes, habituada a caçar nas montanhas e a seguir o ritmo dos animais, e em harmonia com os ciclos da lua. Desta forma, a mulher-Ártemis costuma apreciar um estilo de vida rude e, em termos físicos, está magnificamente bem preparada para isso. Há algo intensamente juvenil e, por vezes, uma puerilidade de rapazote, no físico da mulher-Ártemis, que gosta de caminhar, correr e praticar esportes competitivos ou então de cuidar de animais, velejar, cavalgar - tudo que a mantiver ao ar livre e em agitação (WOOLGER & WOOLGER, 1997).

O lado forte da jovem Ártemis, que poderia ser equivocadamente chamado de masculino, é seu amor intenso pela liberdade, pela independência e pela autonomia - um amor que também pode transparecer como agressão, pois ela sempre irá lutar para preservar sua liberdade. Assim, a adolescente-Ártemis quer ser tão ou mais durona que os meninos; poderá ter o temperamento estouvado destes, brigando e lutando com o pior deles. Logo aprende a engolir suas lágrimas e a planejar vinganças pelas humilhações sofridas, devolvendo tudo na mesma medida. Sua total falta de interesse por roupas ou pela higiene pessoal é motivo de desespero para suas mães. Para ela, é como se pudesse usar "jeans" para o resto da vida: ela sabe que essa é a roupa mais prática para trepar em árvores, correr na lama e jogar bola.

Antes da puberdade as diferenças de gênero passam-lhe desapercebidas, o que não a impede de sentir-se plena e confiantemente menina graças à forte ligação que tem com a mãe. É exatamente a confiança que tem em sua feminilidade que lhe permite explorar tão precocemente e com tanto vigor sua 'masculinidade,' vale dizer, seu lado que ama a liberdade. Ela não tem paciência para trivialidades com bonecas, festinhas e maquiagem.

Parece que Samanta não chegou a esse nível de elaboração, isto é, não fez ainda o resgate de sua Ártemis interior, de forma a poder conviver harmoniosamente com seu lado masculino, ou até ver nele um importante instrumento para o seu desenvolvimento enquanto mulher. Possuir elementos masculinos em sua personalidade

não a tornaria menos feminina, mas isto não parece ser o que ela acredita ou sente. As palavras do pai parecem ressoar ainda muito forte dentro dela, de forma que ela precisou reprimir vigorosamente seu lado masculino - seu ainda incipiente '*animus* travesso' - para se sentir mulher.

O sujeito mantém seu estilo lacônico e cortante, o que se evidencia principalmente no final desta parte.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposta a situação de encontro entre as imagens que representam as figuras feminina e masculina, o sujeito assim se manifesta:

Samanta: Não! Eu não consigo!

Lucélia: Não consegue?

Samanta: Não!

Lucélia: Por que não? O que está te impedindo?

Samanta: (Silêncio)

Lucélia: Hum?

Samanta: É... são mundos diferentes!

Lucélia: Ah! Elas estão em mundos diferentes? E qual é o mundo de uma e qual é o mundo da outra?

Samanta: (Silêncio)

Lucélia: Onde está a menina de sutiã? E onde está a menina de calça "jeans?"

Samanta: Em lugares diferentes!

Lucélia: E que lugares são esses?

Samanta: Uma é numa casa de cidade do interior...

Lucélia: Uma casa de cidade do interior. Quem está nesse lugar é a mocinha de calça "jeans" ou é a de sutiã?

Samanta: Não! É a de sutiã. Agora, a outra já está numa cidade grande cheia de gente estranha.

Lucélia: Numa cidade grande cheia de gente estranha. A de calça "jeans" está nesta cidade grande com gente estranha.

Samanta: Hum hum...

Lucélia: São ambientes muito diferentes?

Samanta: São!

Lucélia: Uma, na cidade do interior, e a outra, na cidade grande com gente estranha.

Samanta: Isso!

Lucélia: Hum hum... e elas, de fato, não podem se encontrar?

Samanta: (Silêncio) Parece que a de sutiã ficou perdida lá (ênfase) atrás no tempo!

Lucélia: Ficou perdida atrás no tempo?

Samanta: Isso!

Lucélia: Ah... que tempo é esse que ela está perdida?

Samanta: (Silêncio)

Lucélia: Você sabe dizer que tempo é esse?

Samanta: Só sei que ela ficou perdida no tempo.

Lucélia: Ela está numa outra época então?

Samanta: Isso!

Lucélia: Hum... e se eu estou entendendo, a de calça "jeans" seria mais moderna? É por aí?

Samanta: É! Alguns anos depois.

Lucélia: Ah! Alguns anos depois! Certo! Em que época isto se passa? É época atual?

Samanta: É remota. É adolescência!

Lucélia: Ah! É na adolescência. Hum hum... E elas então vivem em mundos diferentes e, realmente não se encontram?

Samanta: Não!

Lucélia: E você tem alguma coisa a dizer prá elas? Ou você não intervém?

Samanta: Não!

Lucélia:Acontece mais alguma coisa ou a gente pode fechar a janela?

Samanta: Pode fechar!

Lucélia: Pode fechar?! Está bem! Então, lentamente, vá se despedindo dessas duas adolescentes...

3.1) Amplificação e interpretação

Logo ao ter sido proposta a situação de encontro, o sujeito verbaliza que "não consegue" (supostamente imaginar a cena do encontro). Questionada sobre o que a estaria impedindo, Samanta justifica afirmando que as duas adolescentes provêm de mundos diferentes. "Estão em lugares diferentes!", explicita. A figura feminina - a mocinha de sutiã - está numa casa de cidade do interior, e a figura masculina - a mocinha que usa tênis, calça "jeans" e camisa - está numa cidade grande repleta de "gente estranha." Estão simbolicamente representadas aqui duas situações opostas: o modo de vida pacato e tranqüilo de uma cidade interiorana (relacionado isto ao feminino), contrapondo-se à agitação e ao anonimato que constituem a marca de uma cidade grande (relacionado ao masculino). Lembre-se ainda que tênis, calça "jeans" e camisa compõem também o conjunto de uma *persona* considerada "unissex" no mundo moderno, isto é, trata-se de peças indiferenciadas para ambos os sexos, que bem poderiam ser uma indumentária apropriada para o ser andrógino.

Samanta acrescenta que uma delas, a de sutiã, "ficou perdida lá atrás no tempo." O sujeito não sabe precisar em que época isto se passa, mas refere-se a uma fase 'remota,' a adolescência, dando a entender que ela toma como referência a sua história pessoal. Já a mocinha que usa "jeans" e tênis vem alguns anos depois. Estas evidências sugerem que se tratam de atos seqüenciais do seu próprio desenvolvimento: primeiro a mocinha começou a usar sutiã; em um segundo momento usa "jeans," tênis e camisa, e também joga bola com os meninos. Como tais manifestações do seu Ser masculino não foram aceitas, e não puderam ser integradas à sua auto-imagem, considerando que por outro lado, haviam nuances ainda incipientes de uma feminilidade recém-descoberta, ambas precisaram ser dissociadas e irremediavelmente separadas não só pelo tempo como também pelo espaço, tornando impossível qualquer confronto ou diálogo entre elas.

Interessante observar, contudo, que o núcleo, o padrão básico é feminino, ou seja, a imagem que representa o Ser feminino e aquela que representa o Ser masculino, remetem-se a uma mesma figura feminina vivendo as manifestações típicas da puberdade. Isto sugere que o sujeito ainda está voltado para os primeiros embates e

principais conflitos que envolvem a questão do gênero (e a conseqüente definição da identidade sexual), os quais, por sua vez, estão localizados na esfera intra-psíquica. Portanto, Samanta parece não ter ainda amadurecido para a escolha efetiva de um parceiro, o qual lhe permitiria confrontar-se com o seu *animus* e lidar a nível consciente com os conflitos decorrentes disso, de forma que isto não lhe parecesse tão ameaçador para a sua feminilidade, possibilitando uma hipotética integração daqueles conteúdos agora dissociados de sua personalidade.

Separadas pelo espaço e pelo tempo, todavia, o sujeito parece não vislumbrar a mais remota possibilidade de encontro entre as duas adolescentes, mesmo que seja na brecha entre a fantasia e a realidade (o 'como se' do contexto psicodramático). Uma separação apresentada, pois, como definitiva e irremediável. "Não é mais para jogar bola com os meninos!", o mandato ouvido pela mocinha que usa roupas masculinas e gosta de jogar bola e que, supostamente também foi impingido ao sujeito, parece que reverbera até o presente em seus ouvidos, tendo-a acompanhado em sua vida adulta e paralisado todas as suas tentativas de relacionamento com o sexo oposto.

Insiste-se sobre se de fato elas não se encontram, mas o sujeito é categórico e também não demonstra nenhuma disponibilidade para intervir. Ao contrário, aqui a tendência lacônica de Samanta parece que se acentuou ainda mais. Além do seu discurso ser cortante e monossilábico, e das respostas constituirem-se algumas vezes do próprio silêncio, parece ser também outras vezes vaga e evasiva. O sujeito parecia estar, de fato, paralisado pela situação inicial: "Eu não consigo."

Esta impossibilidade de encontro corrobora a hipótese anterior de que a 'masculinidade' do sujeito poderia estar ameaçando sua feminilidade, portanto parece que nela os princípios princípios masculino e feminino estão cindidos e dissociados, pois são incompatíveis e excludentes entre si.

CASTILLEJO (1997), todavia, declara sua convicção de que uma mulher não pode, de qualquer modo, encontrar sua "imagem da alma feminina" a menos que ela primeiro fique em muito bom termo com seu *animus*. É ele de fato quem, carregando no alto sua tocha, indica o caminho até o mais secreto recôndito onde a imagem da alma de uma mulher, de maneira muito bem sucedida, esconde-se. Entretanto, como é ele quem a

mulher encontra primeiro, pode lhe parecer ser ele próprio a "imagem da alma" que ela está procurando. Mas se ela aventurar-se com ele mais além na escuridão e no desconhecido, poderá descobrir que seu *animus* não representa ele próprio sua alma, mas está mais propriamente agindo como seu guia em direção a ela.

Supostamente, Samanta ainda não se tornou consciente destes aspectos, porque ela ainda responde aos mandatos e padrões sociais, e não realizou sua travessia interna. Desta forma, ela parece ainda confundir o *animus* com sua própria identidade, como se este tomasse o lugar da imagem do Ser feminino para si.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 8: Letícia

1) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna relativa ao Ser feminino, o sujeito assim se expressa referente à imagem que o representa:

Letícia: É uma bailarina!

Lucélia: Hum... e onde está essa bailarina? O que ela está fazendo? Com quem ela está?

Letícia: Ela está sozinha!

Lucélia: Hum...

Letícia: Tentando calçar as sapatilhas!

Lucélia: Tentando calçar as sapatilhas? Hum hum...

Letícia: E com uma expressão muito feliz!

Lucélia: Com uma expressão feliz!! (Ênfase) Ela está se preparando para dançar? É isto?

Letícia: É isto!

Lucélia: Hum... e ela está num palco? Onde ela está?

Letícia: Não é um palco. É um... um cômodo.

Lucélia: Ela está sozinha num cômodo?

Letícia: Sozinha!

Lucélia: E o que acontece em seguida? Você disse que ela estava tentando calçar as sapatilhas. E depois?

Letícia: Depois ela está imóvel!

Lucélia: Imóvel? Ela já calçou a sapatilha?

Letícia: Já! E está tentando um passo, imóvel!

Lucélia: Está tentando um passo, imóvel? É isso o que você disse?

Letícia: É! (Silêncio)

Lucélia: Sim! Ela está tentando um passo. E aí? O passo sai?

Letícia: Não!

Lucélia: Não sai?

Letícia: Não! Eu só vejo isso!

Lucélia: Ah! Você só vê isto? Hum... termina assim?

Letícia: Termina!

Lucélia: Hum... e como está se sentindo a bailarina?

Letícia: Não sei! Porque ela está tentando um passo. Está muito linda! Está pronta! Com um vestido muito bonito, cheio de flores, e toda arrumada! E só!

Lucélia: Sim! E você sabe dizer porque o passo não sai?

Letícia: Sei! Parece que ficou perpetuado assim. Petrificou assim!

Lucélia: Petrificou?

Letícia: É! Petrificou a imagem!

Lucélia: Ah! Petrificou a imagem da bailarina como se ela não tivesse movimento?

Letícia: Exatamente! Como se fosse um quadro!

Lucélia: Ah! Mas você sabe que ela está viva?

Letícia: Ela está viva! É que apenas assim, não... não tem continuidade!

Lucélia: Ah! Não tem continuidade! Hum hum... e de onde você está visualizando esta bailarina? Onde está você?

Letícia: Eu estou apenas vendo a bailarina.

Lucélia: Hum... você está apenas vendo. Então, mas você tenta se aproximar, chegar mais perto, conversar? (Você sabe que pode conversar com a imagem se quiser).

Letícia: Não!

Lucélia: Não? Você prefere ficar olhando?

Letícia: Isto!

Lucélia: A que distância você está?

Letícia: Uns... um metro, mais ou menos!

Lucélia: Hum... então ela sabe que você está ali observando-a?

Letícia: Sabe!

Lucélia: Ela pode ver você?

Letícia: Pode!

Lucélia: Ah! E ela diz alguma coisa a você?

Letícia: Não! Ela só olha!

Lucélia: Ela só olha? Hum... E você vê alguma coisa no olhar dela?

Letícia: Vejo!

Lucélia: Hum... o que você vê?

Letícia: Muita ternura!

Lucélia: Muita ternura! Ela olha para você com ternura. Hum hum...

Letícia: Parece que ela me chama!

Lucélia: Ela te chama! Ela te chama com o olhar!

Letícia: Com o olhar!

Lucélia: Hum hum... e como você reage? O que você faz?

Letícia: Nada! Fico só olhando e admirando!

Lucélia: Você não responde ao chamado?

Letícia: Não!

Lucélia: Continua olhando a uma distância de um metro, admirando a beleza dela, mas não se aproxima?

Letícia: Não!

Lucélia: Hum hum... não tem desejo de responder ao chamado?

Letícia: Não!

Lucélia: Está bem! Acontece mais alguma coisa?

Letícia: Eu sempre falo assim... quando eu vejo a bailarina, eu falo que ela é muito linda!

Lucélia: Hum hum... a beleza dela te encanta?

Letícia: Me encanta! E algumas vezes eu imagino, sem falar, assim... que talvez fosse eu mesma. Em uma outra... num outro estágio da minha vida! Não sei! Uma coisa assim!

Lucélia: Ah! Talvez seja você mesma num outro estágio da sua vida? Você imagina isso?

Letícia: Eu imagino! Por isso que eu não falo com ela.

Lucélia: Ah! Por isso que você não fala?

Letícia: Eu não chego perto!

Lucélia: Hum... você imagina que seja você mesma e isto faz com que você se mantenha à distância?

Letícia: É!

Lucélia: Você tem medo de se ver nela?

Letícia: Não! Eu acho que é inacessível voltar a isso!

Lucélia: Ah! Sim! É inacessível prá você?

Letícia: É!

Lucélia: Ah! Entendi! Mas ainda assim, a beleza dela te encanta?

Letícia: Me encanta!

Lucélia: É isso? Acontece mais alguma coisa?

Letícia: Não!

Lucélia: Então, procure ir se despedindo dessa bailarina para que possamos fechar esta janela de sua imaginação...

1.1) Amplificação e interpretação

A imagem de uma bailarina é a expressão simbólica que para o sujeito representa o Ser feminino. "Sozinha num cômodo," ela está tentando calçar as sapatilhas, supostamente se preparando para dançar. "E com uma expressão muito feliz," acrescenta Letícia. Em seguida é flagrante o aparente paradoxo: "Ela está tentando um passo, imóvel!" O sujeito explica que ela está imóvel, como se a imagem houvesse se petrificado, 'congelado,' no momento em que ela arriscava executar o passo, tal como um quadro sem movimento. E o passo não sai e tudo então fica paralisado (a energia vital da bailarina). Nada mais acontece a partir disso. Não há continuidade na cena, como se o

momento tivesse se perpetuado assim. Segundo CIRLOT (1984) petrificar é deter, encerrar. A petrificação envolve os aspectos contrários e particulares dos movimentos da evolução e involução e implica na detenção do progresso moral, na evolução, e mesmo que não precipite o envolvido no abismo, de qualquer modo o paralisa e detém. CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que a petrificação simboliza o castigo infligido ao olhar indevido[46] . Ela resultaria ou de uma ligação que permanece depois da falta cometida - o olhar que se fixa - ou de um sentimento de culpa excessivo - o olhar que paralisa; ou ainda do orgulho e da cobiça - o olhar possessivo. A petrificação simboliza o castigo do descomedimento humano.

O sujeito não sabe explicar porque ocorre a petrificação, apresentando o próprio fenômeno como justificativa de si mesmo. A pesquisadora então tenta explorar os conteúdos que apareceram. Letícia tão pouco sabe expressar os sentimentos da bailarina. Tudo que pode dizer é que ela está "tentando um passo." E ressalta sua beleza, diz que está pronta, "toda arrumada," com um vestido muito bonito, cheio de flores - na plenitude de sua feminilidade primaveril - "e só!", diz ela. Este parece ser um ponto importante, pois a bailarina tem o potencial para dançar, ela se preparou, "está pronta" (está vestida a caráter, pronta para debutar no mundo feminino através de sua dança), mas no momento em que a inicia e ensaia um passo, algo a impede de continuar. Uma possível hipótese seria que há um conflito que paralisa o seu passo, e que isto pode estar relacionado à sensação de falta cometida acima mencionada, com os subseqüentes sentimentos de culpa e auto-punição, ou talvez o próprio medo de dançar.

O sujeito do ponto em que se encontra, "está apenas vendo" a bailarina a uma distância de um metro; ela não tenta se aproximar, nem tão pouco conversar. A bailarina sabe que está sendo observada. Ela pode ver Letícia e olha para ela com muita ternura no olhar, mas nada diz. Letícia sente que está sendo chamada pela bailarina através do olhar, mas não vai até ela. Permanece observando-a e admirando-a,

[46] Vale lembrar que neste caso uma expressão do "olhar indevido" pode ser encontrado na própria história do sujeito (5ª UT da entrevista semi-dirigida) quando Letícia ainda menina, surpreende sua mãe em adultério com outro homem; em outra situação testemunha os abortos realizados por ela, e mais tarde, já na vida adulta, surpreende seu próprio marido em adultério numa ligação homossexual.

seguramente à distância. O sujeito reitera que não sente o desejo de responder ao chamado, apesar do calor de seu terno olhar.

Letícia, referindo-se ao símbolo da bailarina de maneira genérica, acrescenta que quando a vê, costuma dizer que "ela é muito linda!", de forma que sua beleza parece encantá-la. Em suas ilações algumas vezes imagina que a bailarina pudesse ser ela mesma, num outro estágio de sua vida (possivelmente na adolescência, ou no início de sua vida profissional) e revela que por isso mesmo não ousa falar com ela, e nem tão pouco se aproximar. O sujeito explica que não se trata de ter medo de se ver nela, mas simplesmente porque considera "inacessível voltar a isso." Esta atitude de quem já se dá por derrotado antes de começar, pode ser uma defesa eficaz no sentido de se manterem afastados os perigos de uma suposta tentativa. Se, neste caso, uma tentativa de aproximação talvez pudesse resultar na libertação da bailarina, por outro lado, paradoxalmente isto pode ser aquilo que o sujeito mais teme que aconteça. Portanto, parece ser mais "seguro" e confortável deixá-la assim como está, "petrificada," e continuar admirando sua beleza à distância. Nesse sentido, vale lembrar GAIARSA (1988) em suas asseverações sobre "a bailarina e a estátua," representando diferentes maneiras de se relacionar com a vida: enquanto a primeira simboliza tudo o que é espontâneo, livre, improvisado, surpreendente, criativo e inesperado, a segunda está ligada à rigidez de comportamento ou de caráter, a tudo o que é repetição, hábito, rotina, lógica, automatismo, regulamento e instituição.

Evidentemente a primeira situação é muito mais geradora de ansiedade, assim a bailarina de Letícia apesar de ter todo o potencial para dançar, não executa a sua dança. Letícia ainda é chamada silenciosamente pela bailarina com seu olhar, o que pode ser entendido como um pedido de ajuda de seu lado saudável. Todavia, apesar de sentir um fascínio por sua beleza, ela se recusa a aproximar-se, pois se isto acontecer há o risco de desfazer-se a maldição tal como ocorre nos contos de fadas e até mesmo na Bíblia, isto é, a bailarina sair do estado de imobilidade, de petrificação, e então voltar a dançar. Se por um lado este pode ser o maior e o inconfessável desejo do sujeito, por outro, isto também pode ser seu medo mais visceral, tendo em vista os perigos que isto implica. Poderia-se dizer, que neste caso o arquétipo não foi realizado.

Entre estes supostos perigos há o risco de não se sentir aceita ou aprovada em sua dança, aquela que pretende ser a dança do feminino e da celebração da vida. Ela pode também errar o passo, e não conseguir executar a sua coreografia, sentindo-se incompetente diante de si própria e do mundo.

2) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna relativa à figura masculina, o sujeito assim se refere à primeira imagem que lhe vem à mente:

Letícia: É um cavalo muito lindo!

Lucélia: É um cavalo muito lindo? Hum hum...

Letícia: Num pasto...

Lucélia: Ele está num pasto!

Letícia: Com uma cerca em volta. E tem os movimentos muito... precisos!

Lucélia: Movimentos precisos!

Letícia: E olhar muito profundo! Com olhos negros!

Lucélia: Olhos negros! Olhar profundo!

Letícia: E a pele... o pêlo é meio avermelhado.

Lucélia: Hum hum...

Letícia: É um cavalo muito lindo!

Lucélia: Hum... é um cavalo muito (ênfase) lindo!

Letícia: Perfeito!

Lucélia: Perfeito! E ele está neste pasto, que tem uma cerca, não é?

Letícia: Hum hum...

Lucélia: E ele está sozinho? Ou há outros cavalos em volta?

Letícia: Ele está sozinho!

Lucélia: Está sozinho? E o que ele está fazendo?

Letícia: Ele está... ele não está correndo. Ele está andando, assim majestosamente! De uma forma... não sei explicar. Está andando e... parece um príncipe! Uma pessoa assim muito importante, mas que... de classe, vai! Um cavalo de classe!

Lucélia: Um cavalo de classe. Tem "pedigree!"

Letícia: Tem! (Riso)

Lucélia: Sim! E ele está andando majestosamente?

Letícia: Isto!

Lucélia: Só andando?

Letícia: Andando em volta do pasto!

Lucélia: Hum... e onde você está?

Letícia: Eu estou vendo o cavalo! De longe!

Lucélia: De longe? E ele pode te ver?

Letícia: Eu acho que não!

Lucélia: Então não dá para conversar com ele?

Letícia: Não! Está muito longe!

Lucélia: Você está dentro do pasto, ou fora do pasto?

Letícia: Fora!

Lucélia: Depois da cerca?

Letícia: Depois!

Lucélia: Do lado de lá da cerca? Seria isto?

Letícia: Isto!

Lucélia: Ah, sim! Você tem vontade de se aproximar?

Letícia: Não! Eu tenho medo!

Lucélia: Tem medo! Hum... e qual é o perigo que existe?

Letícia: Do cavalo ser bravo!

Lucélia: Ah! Ele pode ser bravo! Pode ser selvagem! É isto?

Letícia: É!

Lucélia: Hum hum... pode ser bravo! Você tem esse receio, esse medo, e então permenece à distância sem correr o risco de se aproximar?

Letícia: Permaneço à distância. E admirando!

Lucélia: Admirando a beleza dele, mas bem longe? É isto?

Letícia: É!

Lucélia: Sim! (Pausa) Você continua admirando?

Letícia: Continuo!

Lucélia: Hum hum... que sentimento este cavalo desperta em você assim, admirando à distância?

Letícia: Sinto força!

Lucélia: Hum...

Letícia: Coragem! Acho lindo!

Lucélia: Sim! Mas você continua lá no seu posto? Lá longe?

Letícia: É!

Lucélia: Não se aproxima mesmo?

Letícia: Não!

Lucélia: Está bom! Acontece mais alguma coisa?

Letícia: Não!

Lucélia: Então procure ir se despedindo desse cavalo, e lentamente veja a sua imagem se tornando cada vez menor, para que possamos fechar esta janela de sua imaginação...

2.1) Amplificação e interpretação

Referindo-se à imagem que representa o seu Ser masculino, Letícia visualizou a imagem de "um cavalo muito lindo!" Ela o vê sozinho num pasto, com uma cerca em volta. Seus movimentos são muito precisos, os olhos negros, e o olhar muito profundo. Seu pelo é de cor avermelhada. "É um cavalo muito lindo!" "Perfeito," ressalta ela, parecendo estar fascinada com o que vê.

Continuando, o sujeito observa que ele está andando "majestosamente;" e tentando com uma certa dificuldade tornar mais precisa a sua percepção ela acrescenta: "Como se fosse um príncipe, uma pessoa muito importante, de classe... um cavalo de classe," definindo enfim a imagem. Sua forma de se expressar sugere que o sujeito mais parece estar se referindo a uma pessoa do que propriamente a um cavalo, que tal como

nos contos de fadas supostamente tenha adquirido a forma animal pela ação maléfica da magia de uma bruxa qualquer. O sujeito se mantém à distância observando o cavalo, que possivelmente não pode vê-la por ela estar muito longe.

Letícia está do lado de fora do pasto, além da cerca. Ela não quer se aproximar, pois teme que o cavalo possa ser "bravo," isto é, perigoso. O objetivo da cerca parece estar cumprindo à finalidade de mantê-la afastada e protegida dos supostos e prováveis perigos que o cavalo representa, isolando-o em um espaço delimitado, do qual não possa escapar. Desta forma ela pode continuar admirando seu porte e sua beleza, mas em segurança, além da cerca, e à distância, sem que possa ser vista. Observando-o assim, este lhe inspira força, coragem, e a encanta com sua magnífica beleza. Apesar disso, seu medo parece ser maior, e Letícia continua no lugar em que está, sendo que definitivamente não se aproxima.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) uma crença que parece estar fixada na memória de todos os povos associa originalmente o cavalo às trevas do mundo ctoniano, quer ele surja galopante das entranhas da terra ou das abissais profundezas do mar. Filho da noite e do mistério, esse cavalo arquetípico é portador de morte e de vida a um só tempo, ligado ao fogo, destruidor e triunfador, como também à água, nutriente e asfixiante. A multiplicidade de suas acepções simbólicas levou os psicanalistas a fazerem do cavalo um símbolo do psiquismo inconsciente ou da psique não humana, arquétipo próximo ao da Mãe, memória do mundo, ou então ao do tempo, porquanto está ligado aos grandes relógios naturais, ou ainda, ao da impetuosidade do desejo. Ao passar pelo processo em que a noite conduz ao dia, o cavalo abandona suas sombrias origens para elevar-se aos céus. Vestido de um branco manto de majestade, ele cessa então de ser lunar e ctoniano, para tornar-se uraniano ou solar, na esfera dos deuses bons e dos heróis.

Símbolo de força, de potência criativa, de juventude, adquirindo uma valorização quer sexual quer espiritual, o cavalo participa simbolicamente tanto do plano ctoniano como do uraniano. E é a partir do momento em que se transpõe o umbral da puberdade, que o cavalo se torna plenamente o símbolo da "impetuosidade do desejo," da

juventude do homem, com tudo o que ela contém de ardor, de fecundidade, de generosidade.

Além disso, o cavalo é também considerado símbolo de sagacidade e de beleza formal, o que inspirou VALÉRY* a descrevê-lo com as características de uma aérea dançarina:

> *"O realismo e o estilo, a elegância e o rigor harmonizam-se nesse ser que possui a opulência pura do animal de raça. O cavalo caminha como se estivesse na ponta dos pés, apoiado de leve sobre os quatro cascos. Nenhum outro animal assemelha-se tanto à primeira bailarina, à estrela de um corpo de balé como um puro-sangue em perfeito equilíbrio, que a mão do cavaleiro parece manter quase suspenso no ar, e que avança em passos miúdos e delicados, à luz do sol."* (p. 210).

Esta descrição se coaduna perfeitamente com aquela que o sujeito faz de sua imagem: "Ele está andando majestosamente... como se fosse um príncipe... um cavalo de classe!"

Além disso, a descrição de VALÉRY é também significativa por evocar a imagem da bailarina, aquela que representa o Ser feminino para o sujeito. Intuitivamente Letícia associou que as duas figuras aparentemente tão diferentes - uma condensando em si o etéreo do humano e a outra o instinto animal - na verdade têm a mesma natureza arquetípica, são complementares e perfeitas em sua essência; ambas possuem movimentos precisos, suaves, leves e harmoniosos. O cavalo com seus olhos profundos e negros, sugere uma visão penetrante e sagaz capaz de enxergar até o âmago do ser. Dotado de todas essas qualidades especiais ele mais parece um psicopompo, aquele que na qualidade de *animus* do sujeito serve de guia na travessia até o inconsciente, e ajuda a perfazer a ponte ego-"self."

---

* VALÉRY, P. *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) corroboram esta idéia ao afirmar que do mesmo modo que o cavalo representa a força fecundante e o instinto, ele também através da sublimação representa o espírito. Tanto nos textos búdicos como nos da Índia, e mesmo nos textos gregos influenciados por Platão, "os cavalos são sobretudo os símbolos dos sentidos atrelados ao carro do espírito, e que o arrastam ao sabor de seus desejos, a menos que sejam guiados pelo 'self,' que é o senhor do carro" (p. 210).

Por outro lado, na Roma antiga, era um procedimento ritual sacrificar um dos cavalos destinados à tropa, ao término de suas expedições militares, uma vez por ano, e consagrá-lo a Marte (deus da Guerra). Esse cavalo-guerreiro é onipresente nas epopéias célticas. Ele é muitas vezes caracterizado por sua pelagem alazã, cor de fogo. Foi encontrado num tesouro céltico na França, um cavalo votivo acompanhado de uma inscrição dedicada a Rudiobus (o Vermelho): é o cavalo ruivo do Apocalipse, anunciador de guerra e de derramamento de sangue.

O cavalo avermelhado de Letícia, com sua suposta periculosidade pode ter uma relação simbólica com o cavalo-guerreiro acima citado de pelagem alazã, cor de fogo, elemento familiarizado a expedições militares e consagrado ao deus da guerra. Isto evidencia a ambigüidade do símbolo: ao mesmo tempo que o cavalo descrito pelo sujeito é majestoso e solene com funções nobres a desempenhar, tem também um potencial para a destruição e a agressão. Talvez por isso, a própria Letícia apresente uma ambigüidade na forma como se relaciona com ele: ao mesmo tempo que se sente fascinada, o teme e se mantém à distância.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto o encontro entre as imagens que para o sujeito representam o Ser feminino e o Ser masculino, Letícia assim se manifesta:

Letícia: A bailarina está correndo!

Lucélia: Hum...

Letícia: Com a mesma roupa... e ela chega perto do cavalo. Passa a mão na crina dele, e com muita facilidade ela sobe no cavalo!

Lucélia: Com muita facilidade?

Letícia: Muita facilidade! E cavalga!

Lucélia: Hum hum... o cavalo está em pêlo? Está sem...

Letícia: Em pêlo! E ela segura na crina!

Lucélia: Sim! E cavalga? Ela sobe em cima dele e cavalga?

Letícia: Cavalga!

Lucélia: Hum hum... e ele se deixa montar?

Letícia: Se deixa! Ele está tranqüilo!

Lucélia: Ele está tranqüilo!

Letícia: E ele cavalga devagar com ela, como se ela fosse uma criança!

Lucélia: Ah! Ele tem cuidados especiais com ela?

Letícia: É!

Lucélia: Cavalga devagar... hum hum... naquele mesmo pasto?

Letícia: Naquele mesmo! (Pausa)

Lucélia: A bailarina continua cavalgando?

Letícia: Hum hum...

Lucélia: Como ela se sente ali?

Letícia: Ela se sente bem! Se sente solta! Livre!

Lucélia: Hum.. solta! Livre! E o cavalo?

Letícia: Também!

Lucélia: Os dois ali parece que se entendem bem? Se comunicam?

Letícia: Se entendem! Se comunicam! Parece que ele já conhece ela há muito tempo. Já é acostumado com ela.

Lucélia: Pelo jeito parece que eles já se conhecem. Hum hum... acontece mais alguma coisa?

Letícia: Não!

Lucélia: Então, os dois estão ali, cavalgando no pasto. O cavalo parece já conhecer a bailarina e ele até tem um certo cuidado com ela como se tivesse uma criança em cima dele.

Letícia: Isto!

Lucélia: Não uma mulher?

Letícia: Exatamente!

Lucélia: Sim! Eles não se falam um com o outro?

Letícia: Não!

Lucélia: Hum hum... o contato deles, se eu estou entendendo, é apenas corporal?

Letícia: Só corporal!

Lucélia: Está bom! É isso então?

Letícia: É!

Lucélia: Então, procure ir se despedindo desta imagem, deste cavalo que representa o seu Ser masculino...

3.1) Amplificação e interpretação

No encontro entre a bailarina (figura feminina) e o cavalo (figura masculina), o sujeito visualiza a bailarina com a mesma vestimenta, mas agora correndo naquele mesmo pasto em que está o cavalo. Ela chega perto dele, segura-se em sua crina - ele está nu em pelo - e com extrema facilidade efetua a monta. O cavalo parece estar tranqüilo e se deixa montar sem problemas. Ambos então cavalgam. Letícia ressalta que ele cavalga devagar com ela, isto é, com cuidado, "como se ela fosse uma criança," um objeto precioso e frágil. Vale ressaltar que muito ao contrário de confirmarem-se os temores manifestados pelo sujeito no item anterior quanto à ferocidade do cavalo, aqui ele se mostra deferente e até mesmo cauteloso para com a bailarina.

Assim, a bailarina sente-se bem, sente-se solta e livre. E o cavalo, da mesma forma. Letícia observa que ambos entendem-se e comunicam-se perfeitamente; "parece que eles já se conhecem há muito tempo, parece até que ele já é acostumado com ela," acrescenta, o que já se antevia pela facilidade e confiança com que se deixou montar. Todavia a comunicação não é verbal, visto que seu contato é basicamente corporal.

Esta familiaridade, a perfeita harmonia e a cumplicidade com que se relacionam além de evidenciar o que parece óbvio, isto é, o caráter profundo e arcaico de seu vínculo, sugere também uma relação que foi possível que acontecesse natural e fluentemente, dado o fato de que a essência arquetípica de um é aparentemente muito similar à do outro. Assim, a sensação de plenitude, de soltura e liberdade que ambos

experimentam cavalgando juntos, sugere uma experiência de totalidade e integração decorrente da união de opostos que pôde então ser realizada a partir disso.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirma que as palavras cavalo e potro, ou égua e potranca chegam até mesmo a assumir uma significação erótica, revestindo-se da mesma ambigüidade que tem a palavra cavalgar (ou montar). Mais de um poeta inspirou-se nessa significação; por exemplo, Garcia Lorca, no célebre Romance à casada infiel: "Aquela noite corri / o melhor dos caminhos, / montado em potranca de nácar / sem bridas e sem estribos."

O sentido de 'cavalgar' no relato do sujeito parece apontar fortemente para a significação acima, mais propriamente para uma expressão simbólica do ato sexual, efetuando-se desta forma a *coniunctio oppositorum* - união de opostos - já citada em casos anteriores (Laura, Judite, Cibele).

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 9: Diana

1) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna referente à figura feminina o sujeito assim se manifesta em um tom muito baixo de voz:

Diana: É muita luz!

Lucélia: Como?

Diana: Muita luz! Muita cor!

Lucélia: Muita luz? Muita cor?

Diana: Parece caleidoscópio!

Lucélia: Hum... é um caleidoscópio?

Diana: Sim!

Lucélia: É a imagem que representa o seu Ser feminino?

Diana: É!

Lucélia: Hum...

Diana: Ele muda! Tem muitas cores! Muita formação. Muito azul! Muito lilás, verde, amarelo!

Lucélia: Hum hum... ele cintila?

Diana: Cintila, movimenta...

Lucélia: E onde está esse caleidoscópio?

Diana: Não sei! Estou vendo o espaço.

Lucélia: O espaço? Hum hum...

Diana: Muito aberto, assim! Em todo o campo da visão!

Lucélia: Em todo o campo da visão?

Diana: Em todo o campo!

Lucélia: Hum hum... em todo o seu campo de visão você observa...

Diana: É! Tem um foco como se houvesse um centro.

Lucélia: Hum...

Diana: Sabe? Como mandala?

Lucélia: Uma mandala? Tem um centro? Hum hum... continue!

Diana: Está mudando muito de cor!

Lucélia: Está mudando de cor?

Diana: Ou de luz assim, várias luzes...

Lucélia: Hum hum...

Diana: Sabe? É que nem olhar de repente na parte baixa assim, parece uma chama de vela!

Lucélia: Na parte de baixo parece uma chama de vela?

Diana: É!

Lucélia: Hum hum... então assume novas formas?

Diana: É! A imagem é assim!

Lucélia: Hum hum...

Diana: É aquilo que eu visualizo, não é?

Lucélia: Sim! É o que você visualiza. Exatamente! E de onde você está visualizando tudo isso? Onde está a Diana no meio de toda essa luz, desse caleidoscópio, dessa luz de vela?

Diana: Dá uma sensação de espaço, sabe?

Lucélia: Espaço! Sensação de espaço?

Diana: É!

Lucélia: Hum...

Diana: Como se eu estivesse viajando, assim, pelo espaço sideral! Uma visão bem cósmica mesmo.

Lucélia: Hum hum... a Diana está então viajando no espaço sideral? Seria isto?

Diana: É!

Lucélia: Hum hum...

Diana: A mulher tem muita figura assim... tipo... sabe? Tipo cristal assim. Tipo... facetada! (Ênfase), sabe?

Lucélia: Uma figura facetada?

Diana: É! Muita forma geométrica assim, sabe?

Lucélia: Várias formas geométricas?

Diana: É! Tipo facetas mesmo, de cristais!

Lucélia: Ah! Facetas de cristais! Hum hum... então, este seu Ser feminino, ele muda de forma, não é? Ele tem várias formas... várias cores...

Diana: É! Assim como se fosse uma mandala mutante...

Lucélia: Hein?

Diana: É mutante! Tem hora que pinta assim, como agora, uma estrela bem no centro assim, sabe? Branca!

Lucélia: Uma estrela branca! Hum hum...

Diana: Com pontos de luz muito reluzentes!

Lucélia: Com pontos... pontos de luz?

Diana: É! Um ponto muito reluzente!

Lucélia: Ah! Um ponto de luz reluzente! Hum hum... Você sabe que pode conversar com a imagem. Você teria alguma coisa a dizer prá ela? Ou ela diz prá você?

Diana: Ah! "Que nunca me abandone!"

Lucélia: "Que nunca me abandone!" (Pausa) Acontece mais alguma coisa, Diana?

Diana: (Inaudível) Está ficando assim mais claro, mais claro...

Lucélia: Mais e mais claro?

Diana: É! É mais claro, mas dentro de tons azuis!

Lucélia: Tem tons azuis. Hum hum... continua mudando de cor?

Diana: Fica assim! Muito vaporoso! Muito vaporoso assim! Muito... espaço! Eu não consigo ver nada assim....

Lucélia: Mais concreto?

Diana: Não! Isso!

Lucélia: É algo bem abstrato prá você? Não é?

Diana: È!

Lucélia: Está bem! Então assim, veio primeiro o caleidóscópio...

Diana: Isso!

Lucélia: Depois do caleidoscópio...

Diana: A... tipo, uma chama de vela!

Lucélia: Uma chama de vela? Hum hum... e depois?

Diana: Um ponto de luz branca reluzente em forma de estrela!

Lucélia: Sim!

Diana: E depois, só essas imagens assim! Azul, vermelho, e tal... com claridade e depois escurece. É muito mutante assim! É toda de cristal assim, sabe?

Lucélia: Como?

Diana: É uma coisa difusa e ao mesmo tempo de cristal!

Lucélia: De cristal? Hum hum... e não tem mesmo nenhuma forma assim específica, concreta?

Diana: Definida? Não!

Lucélia: Não tem uma forma definida?

Diana: Não!

Lucélia: Está bem! Haveria mais alguma coisa?

Diana: Prá ver? Não!

Lucélia: Podemos então fechar essa janela da sua imaginação?

Diana: Podemos!

Lucélia: Então, lentamente vá se despedindo dessa imagem que representa o seu Ser feminino..."

1.1) Amplificação e interpretação

O sujeito não visualizou formas concretas, que viessem a definir com precisão o seu Ser feminino. A princípio, Diana afirmou que havia "muita luz, muita cor" se manifestando, de forma que isto lhe sugeriu o princípio de funcionamento de um caleidoscópio, constantemente adquirindo novas configurações. Havia muitas cores em formação. "Muito azul! Muito lilás, verde, amarelo!", disse ela, cintilando e se movimentando.

Na tradição cristã a cor é uma participação da "luz criada e incriada." Os artistas cristãos são muito sensíveis a esse reflexo da divindade, que é a estrutura luminosa do universo, sendo a beleza das cores extraordinária nas miniaturas e nos vitrais. Assim a cor simboliza uma força ascensional no jogo de sombra e de luz, tão impressionante nas igrejas romanas, onde a sombra não é o inverso da luz, mas acompanha a luz, para melhor valorizá-la e colaborar na sua plena manifestação (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Diana não visualiza o objeto em si (o caleidoscópio) situado em um determinado lugar. Ela apenas vê o "espaço muito aberto," o máximo que o seu campo de visão consegue abarcar, com cores e formas em composições sucessivas como se fossem as imagens geradas pelo caleidoscópio ampliadas. Em seu campo de visão destaca-se um foco como se houvesse um centro, algo como "uma mandala," diz ela, que está freqüentemente mudando de cor ou de luz, de forma que a imagem assume constantemente novas formas. Assim, olhando na parte baixa, assemelha-se de repente a uma chama de vela.

Em todas as tradições a chama é um símbolo de purificação, de iluminação e de amor espirituais. É a imagem do espírito e da transcendência, "a alma do fogo." Já a vela acesa é como o "símbolo da individuação ao cabo da vida cósmica elementar que nela se vem concentrar" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996, p. 934).

Inquirida sobre o ponto a partir do qual está visualizando tudo isso, Diana afirma que é como se estivesse "viajando pelo espaço sideral," uma "visão cósmica" no seu entendimento. O espaço simboliza o infinito, onde se movem os corpos celestes; é como uma extensão incomensurável, o universo na sua amplidão, cujo centro se ignora e

que se dilata em todos os sentidos. No sentido de situação de um objeto, simboliza um conjunto de coordenadas ou de indicações que constitui um sistema móvel de relações, a partir de um ponto ou de um centro qualquer, irradiando sobre 'x' dimensões. Fala-se também em espaço interior para simbolizar o conjunto das potencialidades humanas na via das atualizações progressivas, o conjunto do consciente, do inconsciente e dos imprevisíveis possíveis (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Diana visualiza em seguida imagens de cristal facetado, e se remete ao fato de que a mulher é muitas vezes representada por figuras facetadas que lembram o cristal, com muitas formas geométricas associadas como se fossem "facetas de cristais," conclui ela.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o cristal é um embrião: ele nasce da terra, da rocha. Sua transparência é um dos mais belos exemplos da união dos contrários: se por um lado é um elemento constituído de matéria, permite que se veja através dele, como se material não fosse. Representa assim, "o plano intermediário entre o visível e o invisível" (p. 303). O cristal é também o símbolo da adivinhação, da sabedoria e dos poderes misteriosos conferidos ao ser humano.

JUNG *et al.* (1969) afirma que o 'si-mesmo' ("self") se representa freqüentemente na forma de pedra, preciosa ou não. Em muito sonhos, o centro nuclear, o 'si-mesmo,' também aparece como um cristal. A disposição matemática do cristal (as formas geométricas facetadas das imagens de Diana) evoca o sentimento intuitivo de que mesmo na chamada matéria morta, atua um princípio de ordenação espiritual. Por isso, simbolicamente o cristal representa a união de extremos opostos: a matéria e o espírito, corroborando o acima exposto. Talvez cristais e pedras sejam símbolos especialmente aptos do 'si-mesmo' devido à exatidão de sua matéria, alega o autor.

JUNG * acrescenta que ainda que o ser humano difira diametralmente de uma pedra, seu centro mais íntimo se assemelha de modo especial e estranhamente com ela (talvez porque a mesma simbolize a mera existência remotamente pressentida de emoções, sentimentos, fantasias e pensamentos discursivos do ego-consciente). Neste

* JUNG, C.G. *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

sentido, a pedra simboliza o que talvez seja a experiência mais singela e profunda: o conhecimento imediato de algo eterno no ser humano, capaz de assomar-se à consciência nos momentos em que este se sente imortal e inalterável.

Continuando, o sujeito denomina com surpreendente originalidade, como uma "mandala mutante," às configurações obtidas pelas sucessivas mudanças de forma e cor das imagens que representam o seu Ser feminino.

JUNG *et al.* (1969) empregou a palavra hindu "mandala" - círculo mágico - como uma representação simbólica do 'átomo nuclear' da psique humana (a imagem de foco sugerindo um centro de Diana), cuja essência não é conhecida. Entre outros povos, os índios navarros realizam o tratamento de uma pessoa doente através de pinturas feitas com areia representando estruturas análogas a mandalas, a fim de que o enfermo encontre a harmonia consigo mesmo e com o cosmo, devolvendo-lhe assim a saúde. Nas civilizações orientais são empregadas pinturas análogas para consolidar o ser interior ou para auxiliar no processo meditativo. A contemplação de uma mandala conduz à paz interior, à sensação de que a vida voltou a encontrar sua ordem e seu significado.

Geralmente o redondo, o motivo mandala, simboliza uma totalidade natural, enquanto que uma formação quadrangular representa a realização desta na consciência.

Logo após reiterar o caráter mutante das imagens que lhe ocorrem, Diana já visualiza bem no centro "uma estrela branca," com pontos de luz muito reluzentes. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) no que concerne à estrela, costuma-se reter sobretudo sua qualidade de 'luminar,' isto é, de fonte de luz (lembrando que o branco é a cor da luz e do brilho). Seu caráter celeste faz com que elas sejam também símbolos do espírito e, particularmente, do conflito entre as forças espirituais (ou de luz) e as forças materiais (ou das trevas). As estrelas transpassam a obscuridade; são faróis projetados na noite do inconsciente. Assim, tal como quem busca a proteção de um guia de luz, em sua mensagem Diana solicita à estrela "que nunca a abandone," o que pode ser interpretado como um pedido de ajuda e uma presença incondicional em sua caminhada rumo ao "self." É a estrela quem a nutre de forças e energia, ao mesmo tempo que ela também lhe ilumina o caminho em seu processo de individuação.

A luz em si é relacionada com a obscuridade para simbolizar os valores complementares ou alternantes de uma evolução. Uma época sombria é seguida, em todos os planos cósmicos, de uma época luminosa, pura, regeneradora. A luz sucede as trevas tanto na ordem da manifestação cósmica como na da iluminação interior. Luz e trevas constituem, de modo mais geral, uma dualidade universal, que a dualidade do "yang" e do "yin" exprime com exatidão.

Na linguagem e nos ritos maçônicos, receber a luz é ser aceito na iniciação. Quando uma autoridade maçônica é introduzida, o Mestre-de-cerimônias o precede levando uma estrela que simboliza a luz representada pelo visitante. Essa luz a que se referem com tanta freqüência os ritos não é nada mais do que o conhecimento transfigurador, que no caso, os maçons têm por dever adquirir (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

JUNG (1991) faz menção a uma luz natural inata no elemento humano. DORN* explica: "O adepto perceberá pouco a pouco, com os olhos da mente, que algumas centelhas brilham cada vez mais, dia após dia, e crescem até se tornarem uma luz tão grande, que, com o correr do tempo, se conhecerão todas as coisas que lhe são necessárias" (p. 130). Jung afirma que esta luz é o *lumen naturae* (luz da natureza) que ilumina a consciência, e as centelhas são luminosidades germinais que brilham de dentro da escuridão do inconsciente. Em Paracelso, o *lumen naturae* provém primariamente do *astrum* ou *sydus*, a 'estrela' que há no ser humano. O firmamento (sinônimo de estrela) é a luz natural. Por sua vez, HUSER & SUDHOFF** acrescentam:

> "A estrela deseja levar o homem para a grande sabedoria... para que ele apareça maravilhoso na luz da natureza, e os mistérios da maravilhosa obra de Deus sejam descobertos e revelados em sua grandeza." ... Agora toda a luz natural está na estrela, e o homem extrai dela o alimento à semelhança do alimento que ele extrai da terra para a qual ele nasceu; assim também deve nascer para essa estrela."

---

* DORN, G. *apud* JUNG, C.G. - A natureza da psique. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** 3.ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1991, vol. VIII, t. 2. 402 p.

** HUSER, J. & SUDHOFF, K. *apud* JUNG, C.G. - A natureza da psique. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** 3.ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1991, vol. VIII, t. 2. 402 p.

Em seguida o sujeito visualiza um padrão de tons azuis tornando-se mais e mais claro. Diana acentua que é tudo muito "vaporoso," isto é, etéreo e volátil, atributos que sugerem uma noção de espiritualidade e transcendência.

O azul é a mais profunda das cores: nele o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito. O azul é também a mais imaterial das cores: a natureza o apresenta geralmente feito apenas de transparência, isto é, de vazio acumulado, vazio de ar, vazio de água, vazio do cristal ou do diamante. O vazio é exato, puro e frio. Domínio, ou antes, clima da irrealidade, o azul resolve em si mesmo as contradições, as alternâncias - tal como a do dia e da noite - que dão ritmo à vida humana. Impávido, indiferente, o azul não é deste mundo; sugere uma idéia de eternidade tranqüila e altaneira, que é sobre-humana (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Finalizando, o sujeito reitera que apesar de sua noção muito ampla de espaço (o que evidencia um movimento de expansão que tende ao infinito), não consegue *"ver"* nada assim, mais definido e concreto. Suas imagens são essencialmente abstratas e etéreas, sendo que se transfiguram das formações caleidoscópicas à chama de vela, e destas ao ponto de luz branca reluzente em forma de estrela até os tons degradê de azul e vermelho, com claridade e depois escurecendo. "Uma coisa mutante assim!", reitera Diana, algo que ao mesmo tempo que é difuso, é também de cristal e não possui uma forma fixa.

A evolução das imagens que antes demonstravam as "rivalidades entre o céu e a terra" presentes no conflito entre as forças do mundo material (ctônico) e o mundo espiritual (uraniano) - isto manifesto na oposição entre o difuso e o cristal, no contraste de luz e sombra que faz o clarear e o escurecer, na natureza ambígua do cristal, e no próprio símbolo da estrela que expressa em si esta contradição - terminam por encontrar na profundidade e na imaterialidade do azul a força integradora e restauradora que resolve em si mesmo todas as contradições. Lembrando que, conforme já citado no caso Verônica, o azul sacralizado - azul-celeste - é o campo elísio (na mitologia: morada dos justos e dos heróis após a morte), o útero através do qual abre seu caminho a "luz de ouro" que exprime a vontade dos deuses: azul-celeste e ouro, valores respectivamente feminino e masculino (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

As constantes mutações do Ser feminino, seu caráter extremamente volátil, se por um lado sugerem um 'feminino polimórfico' que tem o poder de ser várias coisas sucessivamente, guiando-se por um fio condutor que é a realização do processo de individuação, por outro lado evidenciam a falta de uma identidade mais definida, fixa e estável, cujo característica essencial é a busca de um Ser feminino em evolução e em constante transformação.

2) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando a imagem referente ao Ser masculino, o sujeito assim se manifesta:

Diana: Não tem nada! Gozado! Só um pano assim... um pano como se fosse uma coisa azul-marinho.

Lucélia: Um pano azul-marinho?

Diana: Não sei que pano, mas assim, uma coisa azul-marinho.

Lucélia: Bem azul?

Diana: É! Um azul forte!

Lucélia: Hum hum...

Diana: Gozado! Eu não vejo nada concreto!

Lucélia: Não vê nada concreto. Hum hum... esse pano, esse azul... ele não tem uma forma definida?

Diana: Não! Não! É como se fosse uma coisa de parede assim. É uma coisa só! Um fundo!

Lucélia: É como um fundo de parede?

Diana: Um fundo de parede... ou como se fosse uma superfície... ah... sei lá... qualquer.

Lucélia: Sim!

Diana: Um painel! Não sei te dizer. É gozado que eu não vejo nenhuma forma concreta!

Lucélia: Hum hum...

Diana: É estranho!

Lucélia: Você sente que isso é estranho? Não ver nada concreto?

Diana: Eu acho estranho!

Lucélia: Esse azul-marinho, que sentimentos ele lhe desperta? Dá vontade de chegar perto? Dá vontade de falar alguma coisa?

Diana: É indiferente! Sabe?

Lucélia: Indiferente! Ah! Ele desperta indiferença em você?

Diana: É! Por exemplo... não é que desperta indiferença. É que é indiferente simplesmente, sabe?

Lucélia: Sim! Então o azul-marinho sem forma lhe é indiferente. Se você fosse vestir um personagem com esse azul, haveria um personagem a ser vestido por ele?

Diana: O marinheiro Popeye! (Risos)

Lucélia: O marinheiro Popeye?

Diana: Pois é! Porque é uma coisa tão... tão marinha! Sabe? Ah! Eu acho engraçado!

Lucélia: Você tem alguma coisa a dizer para esse marinheiro Popeye?

Diana: Acho muito engraçado! Só isso!

Lucélia: Você acha muito engraçado?

Diana: É verdade! Acho!

Lucélia: Sim!

Diana: Sabe, depois que eu falei do marinheiro, eu vejo até ele pendurado num mastro de navio!

Lucélia: Você visualiza o marinheiro Popeye...

Diana: É uma figura! (Riso) Acho muito engraçado!

Lucélia: Sei! Pendurado no mastro?

Diana: Sabe? Como se procurasse terra à vista!

Lucélia: Ah! Procurando terra à vista?

Diana: É!

Lucélia: Hum hum...

Diana: Ah! Eu achei muito engraçado, sabe? (Riso) Muito engraçado ver a figura pendurada lá!

Lucélia: Hum hum... você está se divertindo ao vê-lo pendurado lá em cima?

Diana: (Riso) Completamente! Sabe?

Lucélia: Ele lhe parece ridículo?

Diana: Não! É apenas engraçado, só! Ai, ai! É gozado que eu só vejo assim, essa... essa... o mastro do navio. Um navio meio assim... como fala? Meio assim, tombadinho, sabe? Na marola!

Lucélia: Hum hum...

Diana: É isso aí! Eu só vejo uma parte do navio, sabe?

Lucélia: Sim! Porque ele está tombadinho?

Diana: É!

Lucélia: Sim! E o mastro e o marinheiro lá em cima?

Diana: Pois é! Com cachimbo e tudo, sabe?

Lucélia: Com cachimbo e tudo?

Diana: É! Como de um desenho animado mesmo, sabe?

Lucélia: E ele diz alguma coisa a você de lá de cima? Ele te vê?

Diana: Não! Não! Eu acho que ele nem percebe que é observado.

Lucélia: Ah! Ele não percebe que está sendo observado? Certo!

Diana: Mas eu estou achando tão engraçado! Sabe? Muito engraçado!

Lucélia: E o que tem nele que é tão engraçado?

Diana: Eu estou falando assim... dos movimentos, sabe? Daquela figura...

Lucélia: A figura dele é engraçada?

Diana: É! Eu acho a figura engraçada!

Lucélia: Hum hum... e você então se diverte um bocado com ele, não é?

Diana: Pois é!

Lucélia:Hum hum... então ele está procurando terra à vista?

Diana: Pois é! Pois é! Só que não tem nem sinal, sabe? (Riso)

Lucélia: Não tem nem sinal? (Riso) Não tem sinal de terra de jeito nenhum?

Diana: Não!

Lucélia: E ele está lá, com cachimbo e tudo...

Diana: Pois é! Pendurado no mastro do navio, sabe?

Lucélia: Hum hum... ele não desce do mastro?

Diana: Não desce viu, Lucélia! (Riso) Embora tenha uma tripulação toda torcendo para que desça! (Riso) Ai, ai!

Lucélia: Ele insiste em procurar terra? Em visualizar a terra?

Diana: Pois é! O navio está... está indo, né?

Lucélia: Sim! Termina assim ou acontece mais alguma outra coisa?

Diana: Tem uma outra imagem, sim! Como se tivesse outras embarcações também.

Lucélia: Ao redor?

Diana: Ao redor assim! E também navegando, né?

Lucélia: Hum hum...

Diana: Que coisa engraçada, viu? Eu jamais pensei que eu pudesse ver uma imagem assim! Só vi em desenho animado!

Lucélia: É uma imagem típica de desenho animado?

Diana: Completamente!

Lucélia: Sim! E embarcações ao redor, não é?

Diana: É! Com tripulação, tudo! Mas assim, como aquelas figuras de desenho animado, tá?

Lucélia: Sim!

Diana: Depois você vai me interpretar isso porque (riso) eu estou achando uma pândega! Estou achando uma pândega!

Lucélia: Hum hum...

Diana: Ah! Eu estou querendo até abrir os olhos porque eu estou enjoada dessa imagem!

Lucélia: Você quer fechar essa janela? Não acontece mais nada?

Diana: Não! Não! Porque já até perdeu a graça, né?

Lucélia: Está bem! Então, vamos fechando essa janela...

2.1) Amplificação e interpretação

Quanto à imagem que representa o Ser masculino, a princípio o sujeito não consegue visualizar nenhuma forma definida; somente "um pano como se fosse uma coisa azul-marinho," um azul forte, diz ela. Diana parece se sentir perturbada por não conseguir visualizar nada de concreto. Ela tenta explicar que é como se fosse uma parede, "uma coisa só," um fundo azul, ou uma superfície, um painel.

A imagem que logo se impõe de um azul extenso e sem fronteiras talvez seja uma reminiscência do quadro anterior, quando o sujeito diante do vazio que se lhe ocorreu ainda tinha isto impregnado na sua retina. Em um primeiro momento o "não ver

nada" sugere um bloqueio de imagens do inconsciente, o que evidencia conflitos em relação à figura masculina.

Por sua vez, Diana considera "estranho" que não consiga ver nada concreto. Isto pode ser entendido como uma atitude de resistência e oposição face aos valores formalmente instituídos. A princípio, o azul-marinho não lhe desperta qualquer tipo de sentimento. "Ele é indiferente simplesmente," diz ela, o que demonstra que continua sendo mantida a atitude de resistência.

Inquirida sobre a possibilidade de haver "um personagem a ser vestido por esse azul," Diana imediatamente se remete ao marinheiro Popeye, idéia que de chofre lhe provoca muito riso. Ela justifica o riso dizendo que a imagem é "uma coisa tão marinha," e que isto lhe parece muito engraçado.

Diana afirma não ter nada a dizer ao marinheiro Popeye, a não ser que o acha muito engraçado. Ela acrescenta que após ter pensado no marinheiro, consegue até vizualizá-lo pendurado num mastro de navio como se procurasse terra à vista. "É uma figura!", diz ela rindo, e reiterando por diversas vezes o fato de considerá-lo muito engraçado. A figura do marinheiro pendurada no mastro do navio para o sujeito é um motivo particularmente hilariante, de forma que ela se diverte muito com isso. Entretanto, ele não consegue vê-la do local de onde se encontra. Na verdade, nem percebe que está sendo observado.

O fato da figura masculina ser objeto de tanto riso e troça por parte do sujeito, sugere que ela não só não leva a sério, como também despreza e ridiculariza (apesar de afirmar o contrário) a postura masculina em voga (dominante) na sociedade patriarcal: aquela de 'subir em cima do mastro' e tentar de lá de cima exercer o seu poder, numa atitude de prepotência e autoritarismo. O marinheiro Popeye, um personagem de estórias em quadrinhos, com seu tom jocoso e burlesco veicula perfeitamente a sátira de Diana, a qual deixa exposto nas entrelinhas de seu relato um tom de repúdio e menosprezo, desqualificando o masculino formalmente instituído (um modelo que na verdade é frágil, e que somente se torna forte à custa de um artifício duvidoso: o 'espinafre' de Popeye). A figura do marinheiro pendurado no mastro, motivo de tanta troça para o sujeito parece simbolizar o homem de posse do seu próprio poder - o

mastro aqui parece sugerir um símbolo ostensivamente fálico - se agarrando a ele na ânsia de garantir uma condição que na verdade é ilusória, pois quando procura terra à vista, isto é, a terra firme do feminino onde ele possa fincar a sua bandeira e desbravá-la, subjugando-a ao seu domínio, ele nada vislumbra a não ser a imensidão dos mares.

O sujeito explica que só vê uma parte do navio, o mastro, em função deste estar tombado na marola, neste caso o mastro se projeta como a parte que para ela tem maior significado. É no mastro que está o marinheiro, lá em cima, com cachimbo e tudo. Estas últimas atribuições - o cachimbo e o topo do mastro - contribuem por corroborar ainda mais a caricatura do Ser masculino tal como num quadro de desenho animado, acentuando e satirizando sua pretensa masculinidade.

O fato de Diana continuar considerando tudo muito hilariante, e justificar isso vagamente referindo-se à figura em si e aos seus movimentos, corrobora os aspectos apontados acima.

Apesar do marinheiro continuar à procura de terra à vista, Diana assegura rindo que "não tem nem sinal," isto é, não existe uma complementaridade, um feminino que se curva e se deixa possuir em atitude de sujeição ao masculino dominador. Todavia, ele continua obsessiva e cegamente no seu posto, negando-se a aceitar uma realidade que os seus sentidos lhe revelam - um horizonte que não lhe aponta qualquer indício de terra firme - talvez porque o pretenso poder masculino lhe seja muito lisonjeiro ao ego. São inúteis os rogos de "toda uma tripulação torcendo para que desça," isto é, ele também ignora o chamamento do meio ao seu redor.

Finalmente, o navio está indo embora. Há outras embarcações ao redor, navegando também com tripulação.

Diana ressalta que nunca imaginou que pudesse visualizar uma imagem com tais traços e características, só vistos anteriormente em desenho animado, dado este que atesta a autenticidade do método da imaginação ativa. Novamente o sujeito reitera que considera tudo muito engraçado, exprimindo a comicidade e o tom burlesco da cena através das seguintes palavras: "Eu estou achando uma pândega!"

Todavia, o tom de diversão e comicidade é interrompido abruptamente, quando Diana afirma que está querendo abrir os olhos (interromper o processo

imaginativo) porque está "enjoada" da imagem. "Até já perdeu a graça!", diz ela, contradizendo o tom de humor saudável e inconseqüente que declarava assumir, e evidenciando em lugar disso um sarcasmo mordaz, que deixou de ser prazeroso inclusive para si.

Contrariamente aos conteúdos manifestos no quadro referente à figura feminina, que, tudo indica, eram expressões simbólicas de natureza arquetípica, aqui, parece que o sujeito está trazendo outro tipo de material, pois as imagens que caracterizam o Ser masculino não remetem a uma essência básica universal e atemporal, mas supostamente a conteúdos oriundos do inconsciente pessoal, onde os valores e padrões sócio-culturais deixaram a sua 'marca' impressa. Através de uma crítica sutil e mordaz, o sujeito repudia com veemência o *status quo* reinante - o marinheiro que no topo do mastro procura terra à vista - e debocha de uma sociedade patriarcal que brindou o masculino com uma ilusória posição de prestígio e poder, posição esta que só existe para a respectiva ordem masculina, já que não conta com o reconhecimento e a complementaridade do contra-papel, a mulher.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Logo após ter sido proposto o encontro entre as imagens que representam simbolicamente o Ser feminino e o Ser masculino, o sujeito, retomando o tom baixo de voz (quase num murmúrio), refere-se ao azul-marinho, um dos elementos componentes do quadro relativo ao Ser masculino da seguinte forma:

Diana: É! Fica de fundo mesmo!

Lucélia: Como é que é?

Diana: Não! Mas aí a figura não aparece mais, o marinheiro. Só fica o pano de fundo mesmo!

Lucélia: Sim! O pano de fundo, você quer dizer, o azul?

Diana: O azul-marinho! É!

Lucélia: Então como que fica? O azul-marinho assim como pano de fundo e...

Diana: E as luzes! Como uma mandala toda... toda... sobre... em primeiro plano!

Lucélia: Hum... as luzes em primeiro plano se sobrepondo?

Diana: Isso!

Lucélia: Ah! Sim! Então seria assim, uma figura abstrata harmoniosamente composta? Seria isso?

Diana: Sim! Lembra uma coisa assim... como é que fala? Uma imagem holográfica?

Lucélia: Sim! Que tipo de sentimento ou sensação essa imagem lhe provoca?

Diana: Agradável!

Lucélia: Agradável? Esse 'agradável' eu entendo assim como uma paz, uma harmonia, uma serenidade interior?

Diana: Sim!

Lucélia: Hum hum... e eles então compõem a mesma figura? O azul que está no fundo, e as luzes que estão mais na frente? Que constituem assim, meio que a figura que se destaca?

Diana: Compõem! Sim!

Lucélia: E são luzes mesmo? Apenas luzes?

Diana: É! Como se fosse... pode ser até uma figura em relevo! Assim, sabe? Tipo um cristal facetado... uma bola.

Lucélia: Um cristal facetado?

Diana: É! Forma uma bola esse cristal! Sobre o fundo azul-marinho!

Lucélia: Sobre o fundo azul-marinho...

Diana: Ele é cristalino!

Lucélia: Então é uma bola de cristal?

Diana: É!

Lucélia: Hum...

Diana: Não é lisa! É facetada!

Lucélia: Sim! Uma bola de cristal facetada! Hum hum...

Diana: Tem facetas assim interessantes! São triangulares!

Lucélia: Hum... facetas triangulares?

Diana: É!

Lucélia: E existe movimento nessas facetas?

Diana: Ah! Sim! Como se estivessem girando!

Lucélia: Como se estivessem girando?

Diana: É! Mas a imagem... engraçado! Esse cristal, ele gira! Ele orbita prá você!

Lucélia: Hum hum... você diz alguma coisa prá esse cristal?

Diana: Ah! "Vida e paz sempre!"

Lucélia: "Vida e paz sempre!" Hum hum... ele é a fonte da sua paz. E ele responde alguma coisa?

Diana: Não! Há um silêncio...

Lucélia: Um silêncio!

Diana: Bom! Acho que a resposta são as luzes, sabe?

Lucélia: A resposta são as luzes?

Diana: As luzes, o movimento suave... (murmurando)

Lucélia: O movimento suave! (Pausa). Acontece mais alguma coisa Diana?

Diana: Esse cristal, de repente ele ganha distância assim no espaço, sabe?

Lucélia: Hum...

Diana: Ah! É tão sideral a imagem que eu vejo!

Lucélia: O cristal ganha distância no espaço. Ele se locomove no espaço?

Diana: É! Sabe aquelas imagens de começo do espaço?

Lucélia: Sim!

Diana: E o fundo mais escuro ainda...

Lucélia: Ainda mais escuro?

Diana: E aquele contraste daquela bola de luz forte (ênfase) cristalina!

Lucélia: O contraste daquela luz tão forte e aquele fundo tão escuro?

Diana: ... (Inaudível) escuro!

Lucélia: Um fundo escuro. Um azul muito escuro!

Diana: É!

Lucélia: Sim! É isso? Ou tem mais alguma coisa?

Diana: Não! É isso!

Lucélia: Está bem! Então procure lentamente ir se depedindo destas imagens...

3.1) Amplificação e interpretação

No encontro das imagens que representam o Ser feminino e o Ser masculino, Diana afirma que o marinheiro Popeye já não se encontra mais presente. O masculino agora está representado somente pelo azul-marinho, tal como num pano de fundo, e o feminino pelas luzes, delineando a imagem de uma mandala em primeiro plano se sobrepondo ao fundo escuro, lembrando um quadro semelhante ao de imagens holográficas. O contemplar desta imagem provoca no sujeito uma sensação agradável de bem-estar.

Neste último quadro Diana já não se refere ao masculino no tom sarcástico que usou anteriormente dirigido ao marinheiro, talvez a razão pela qual ele já não esteja mais presente. Agora somente a cor azul personifica a figura masculina na forma de um pano de fundo escuro, isto é, numa manifestação em segundo plano, sem o destaque mesmo que jocoso anteriormente atribuído ao marinheiro Popeye. Este rearranjo possibilitou uma perfeita integração do escuro azul masculino com as luzes femininas.

Referindo-se às luzes o sujeito acrescenta que pode ser até uma figura em relevo, tal como uma bola de cristal facetado sobre o fundo azul-marinho (são retomados os mesmos elementos mencionados anteriormente no quadro referente à figura feminina: a luz, o cristal facetado).

Vale ressaltar que o xamanismo oceano-australiano, e mesmo norte-americano faz dos cristais de rocha "pedras de luz destacadas do Trono celeste," e instrumentos da clarividência do xamã. Já entre os semangs e os "dayaks," os xamãs possuem pedras-luz que refletem tudo o que chega à alma do doente e, por conseguinte, onde essa alma se encontra perdida. Na cristandade, a luz que penetra o cristal é uma imagem tradicional da Imaculada Conceição: "Maria é um cristal; seu filho a luz celeste. Assim, ele a atravessa toda sem, no entanto, quebrá-la" (SILESIUS*).

O sujeito reitera que a superfície do cristal não é lisa, mas facetada; são facetas triangulares, diz ela. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o

* SILESIUS, A. *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

simbolismo do triângulo abrange aquele do número três, um número fundamental universalmente, que exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmo ou no homem. De acordo com os chineses o três é um número perfeito, a expressão da totalidade e da conclusão: nada lhe pode ser acrescentado. Assim, na conclusão da manifestação o homem, o filho do Céu e da Terra, completa a Grande Tríade. O símbolo chinês "tsi," antigamente representado por um triângulo, exprime a noção de união e de harmonia. O triângulo, só ou contendo o tetragrama hebraico, ou ainda o Olho Divino, é um símbolo da Trindade; com a ponta para cima simboliza o fogo e o sexo masculino; com a ponta para baixo, simboliza a água e o sexo feminino.

Continuando, Diana afirma que o cristal gira como se estivesse orbitando para ela, isto é, existe uma comunicação e uma cumplicidade entre os dois. O sujeito solicita à bola de cristal: "Vida e paz sempre!", o que sugere que ela tem no cristal a sua fonte de vida e luz, ou o próprio "self," reiterando o que havia sido exposto anteriormente. Há um silêncio posterior. O sujeito acredita que a resposta são as luzes e o movimento suave, o que sugere ter sido o seu pedido registrado e aceito. O girar ou mover-se em círculos encontra sentido e significação no próprio simbolismo cósmico: a ronda dos planetas em torno do Sol, o turbilhão de tudo que se move, ou reproduz a própria busca de Deus simbolizado pelo Sol. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) a imitação dos ciclos astrais tem, seguramente, por objetivo assegurar a harmonia do mundo, adaptando os ritmos do microcosmo aos do macrocosmo. Ela resume e reúne o universo no templo ou no monumento que figura, no caso, o centro. Girar em torno do monumento é reintegrar a circunferência no seu centro.

O cristal aos poucos vai ganhando distância no espaço. O sujeito afirma que é "muito sideral" a imagem que visualiza. "São imagens de começo do mundo," diz ela, onde se observa o contraste entre um fundo ainda mais escuro, com a bola de luz forte e cristalina. Supostamente trata-se de expressões simbólicas arquetípicas referentes à formação e evolução cósmica, com a participação e concorrência dos elementos masculino e feminino no ato de formação da vida no universo.

Vale salientar que o contraste que evidenciou a oposição entre os opostos: o fundo escuro azul - as trevas do universo - e a bola de luz forte e cristalina - a vida em

formação - possibilitou que se desse também em perfeita harmonia a *coniunctio oppositorum* - união dos opostos masculino e feminino - através da ação de uma força integradora e fertilizadora, resultante do brilho das luzes da bola de cristal facetado em conjunção com a força altaneira do cósmico azul-escuro.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 10: Paloma

1) Figura feminina

Tendo sido enunciada a consigna referente ao Ser feminino, o sujeito assim se manifesta:

Paloma: É uma moça loira de cabelo cacheado! Olhos azuis! É magra. Tem hora que ela abre o olho, tem hora que ela fecha o olho!

Lucélia: Hum... Tem hora que ela abre o olho, tem hora que ela fecha o olho?

Paloma: Tem hora que ela fecha.

Lucélia: E porque ela faz isso? Abre e fecha o olho?

Paloma: Ela está... ela está virando em volta de mim! E ela abre o olho quando ela... não sei explicar porque ela abre. Acho que é para dizer que ela está viva!

Lucélia: Para dizer que ela está viva?

Paloma: É!

Lucélia: Ah! Você disse que ela está virando em volta de você. Como assim, virando?

Paloma: Ah... no lugar que ela está parece assim uma caverna! Ela está com roupa... daquela época assim, de Roma, branca, fina... e eu estou numa caverna também. E ela estava... tipo assim, numa redoma de vidro!

Lucélia: Ela está numa redoma de vidro?

Paloma: É! E eu estou no meio, assim da caverna, olhando. E parece que essa redoma tem uma rodinha, e ela está andando em volta de mim!

Lucélia: Ela gira à sua volta dentro desta redoma?

Paloma: Dentro da redoma!

Lucélia: Então você também está nessa caverna?

Paloma: Eu estou!

Lucélia: Vocês conversam uma com a outra? Se falam?

Paloma: Não! Só olha!

Lucélia: Uma olha para a outra?

Paloma: Isso!

Lucélia: Ah! E o que você vê no olhar dela?

Paloma: Hum... Eu não consigo! É como se eu fosse ela!

Lucélia: É como se você fosse ela?

Paloma: Isso! É como se eu fosse ela de verdade. E que eu, esse eu, fosse só uma... uma casca, entendeu? Como se ela fosse o meu interior verdadeiro, e eu fosse uma casca!

Lucélia: Ah! Entendi! Ela é seu interior verdadeiro, e você, uma casca?

Paloma: Isso!

Lucélia: Hum... e que coisas contém esse interior que é ela? Que sentimentos existem nela?

Paloma: Ela representa assim a meiguice, uma pessoa carinhosa, bondade. Deixa eu ver... é isso!

Lucélia: Ela representa a meiguice, ela representa o carinho, representa bondade!

Paloma: Isso!

Lucélia: Está certo! Estão ambas ali nesta caverna. Como você está ali? Você está deitada, de pé?

Paloma: Eu estou de pé! As duas estão de pé!

Lucélia: Você está parada?

Paloma: Isso!

Lucélia: Como você se sente em relação àquele seu outro Eu... rodando à sua volta?

Paloma: Me sinto assim, como se não... como se estivesse longe de mim!

Lucélia: Como se ela estivesse...

Paloma: O meu eu fosse ela, estivesse lá fora, mas estivesse longe de mim!

Lucélia: Como é que você disse? "Se o meu eu..."

Paloma: Ela é o meu eu! Como se eu fosse ela, meu Eu verdadeiro. Mas que ela está assim... guardada! Está longe de mim!

Lucélia: Ah! Ela não está acessível?

Paloma: Não!

Lucélia: Ah! Entendi! Não é acessível. Ela está dentro da redoma, não é?

Paloma: É!

Lucélia: E você faz alguma coisa, interfere de alguma forma? Você tenta tirá-la da redoma?

Paloma: Não! Eu só observo!

Lucélia: Você não quer fazer nada? Não pode fazer nada?

Paloma: Não adianta fazer nada!

Lucélia: Ah! Não adianta? Hum... e acontece mais alguma coisa?

Paloma: Não! Só isso!

Lucélia: Você a conhece há muito tempo?

Paloma: Uns dez anos atrás! Eu sei que ela está lá... protegida! Eu não preciso mostrá-la prá ninguém. Porque eu acho que eu não tenho que mostrar nada prá ninguém. E ela está bem guardada!

Lucélia: Ela tem que ficar ali mesmo, bem guardada dentro de uma caverna?

Paloma: Isso!

Lucélia: Falta alguma coisa nesta cena ou ela está completa?

Paloma: Ela está completa!

Lucélia: Está bem! Podemos então fechar esta janela da sua imaginação?

Paloma: Pode fechar!

Lucélia: Então, eu gostaria que você fosse se despedindo desta figura que representa o seu Ser feminino, e ao mesmo tempo fosse visualizando esta cena se tornando cada vez menor...

1.1) Amplificação e interpretação

A imagem do Ser feminino para o sujeito personificou-se na figura de uma moça loira, cabelos cacheados, olhos azuis, magra (o fenótipo de que se reveste seu ego ideal). Ela está trajada ao estilo romano da antiguidade clássica: roupa branca, fina. A moça abre e fecha os olhos alternadamente; ela está dentro de uma redoma de vidro equipada com rodinhas, e gira em torno de Paloma, que está de pé, parada. Ambas estão dentro de uma caverna, tendo se conhecido há dez anos.

A princípio, esta cena sugere um quadro delirante com supostos aspectos persecutórios, mas o sujeito todavia, parece tranqüilo, apesar da estranheza da situação e

ao longo do trabalho imaginativo encontra um fio condutor lógico, que possibilitou alcançar um grau de compreensão bastante engenhoso relativo ao tema em questão.

Os trajes usados pela moça, e o fato de estarem ambas dentro de uma caverna sugere que se trata de uma imagem muito arcaica, supostamente arquetípica da feminilidade inconsciente. Questionada acerca da razão pela qual a moça abre e fecha os olhos sucessivamente, após alguma hesitação, Paloma justifica que ela faz isso "para demonstrar que está viva," o que não deixa de ser no mínimo intrigante.

A redoma tem a finalidade explícita de proteger um Ser supostamente frágil, delicado e sensível a quem o contato direto com o meio externo é potencialmente perigoso. CIRLOT (1984) reitera esta idéia ao afirmar que o ato de incluir seres, objetos ou figuras no interior de uma circunferência (que facilmente pode ser associada à imagem de uma redoma) tem o seguinte sentido: "De dentro implica uma limitação e determinação; de fora, constitui a defesa de tais conteúdos físicos ou psíquicos, que deste modo se protegem contra os 'perigos da alma' que ameaçam lá do exterior, assimilado até certo ponto ao caos; perigos, sobretudo, de falta de limites e desagregação" (p. 164).

Do interior desta redoma a moça gira em torno de Paloma como quem descreve uma outra circunferência, talvez numa tentativa de restaurar o equilíbrio psíquico utilizando-se da sabedoria da psique inconsciente coletiva, reparando uma possível divisão interna mediante o símbolo do círculo. Conforme já mencionado no caso Diana, JUNG *et al.* (1969) empregou a palavra hindu "mandala" - círculo mágico - como uma representação simbólica do "átomo nuclear" da psique humana, cuja essência não é conhecida. Entre outros povos, os índios navarros realizam o tratamento de uma pessoa doente através de pinturas feitas com areia representando estruturas análogas a mandalas, a fim de que o enfermo encontre a harmonia consigo mesmo e com o cosmo, devolvendo-lhe assim a saúde. Nas civilizações orientais são empregadas pinturas análogas para consolidar o ser interior ou para auxiliar no processo meditativo. A contemplação de uma mandala conduz à paz interior, à sensação de que a vida voltou a encontrar sua ordem e seu significado.

Por outro lado, a caverna, local onde ambas se encontram representa o arquétipo do útero materno, figurando nos mitos de origem, de renascimento e de

iniciação de numerosos povos. A caverna simboliza a exploração do eu interior, e mais particularmente, do eu primitivo, recalcado nas profundezas do inconsciente. Templo subterrâneo, a caverna guarda também as lembranças do período glaciário, verdadeiro segundo nascimento da humanidade. É propícia às iniciações, ao sepultamento simulado, às cerimônias que circundam a imposição do ser mágico. Simboliza a vida latente que separa o nascimento obstétrico dos ritos da puberdade. A psicanálise revelou a equivalência simbólica da imagem da mulher e imagens de interior, tais como a casa, a caverna, equivalência confirmada pela psicoterapia do sonho acordado. Em numerosos contos a virgem a ser conquistada mora numa caverna (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

A caverna simboliza ainda o lugar da identificação, ou seja, o processo de interiorização psicológica, segundo o qual o indivíduo se torna ele mesmo, e consegue chegar à maturidade. Para isso, lhe é preciso assimilar todo o mundo coletivo que nele se imprime com risco de perturbá-lo, e integrar essas contribuições à sua própria psique, de modo a formar sua própria personalidade, uma personalidade adaptada ao meio ambiente em vias de organização (a organização do eu interior e de sua relação com o mundo exterior é concomitante). Desse ponto de vista, a caverna simboliza a subjetividade em luta com os problemas de sua diferenciação.

Não há comunicação verbal entre Paloma e a moça da redoma. Ambas se comunicam apenas através do olhar. Assim, ao olhar para a moça, Paloma reconhece nela uma extensão do seu próprio eu: "É como se eu fosse ela de verdade," afirma. Desta forma, o sujeito parece intuir que sua verdadeira essência é um outro Ser feminino mais sutilizado e volátil - uma projeção do self - constituindo-se no referencial mais genuíno e puro de si mesma: "É como se ela fosse meu interior verdadeiro," diz ela. Já o ego, aquele com quem no momento se identifica e lhe confere o sentido mais imediato do próprio Eu é assim definido: "É como se eu fosse apenas uma casca," ou seja, é o que existe de mais superficial e grosseiro, mas que ao mesmo tempo envolve, recobre e protege o precioso Ser que se aloja no seu interior. A moça loira representa a meiguice, o carinho, a bondade, atributos estes que sugerem um Ser feminino espiritualmente elevado, magnânimo, mas que está distante dela: "É como se o meu eu estivesse lá fora,

longe de mim," diz o sujeito. Ou seja, há um 'outro eu' (superior), que possivelmente por ter sido idealizado, tornou-se inacessível, tendo sido então projetado, dissociado. Segundo SEGAL (1975) a divisão ("splitting") está ligada à idealização crescente do objeto ideal (a moça loira), a fim de mantê-lo bem distante do objeto perseguidor (os perigos do meio exterior) e de torná-lo impermeável ao mal. Supostamente por isso tal moça está duplamente protegida, isto é, encontra-se dentro de uma redoma, que por sua vez está em uma caverna.

Desta forma Paloma sabe que a moça loira está "bem guardada," isto é, protegida e ao mesmo tempo escondida, e que não é necessário, nem ela tão pouco necessita mostrá-la a ninguém (basta que ela própria saiba que a moça está lá). Assim, parece ser esta a relação que o sujeito estabelece com o seu Ser feminino: uma presença à distância, pois ao mesmo tempo que ele está escondido, afastado, também nutre-a com suas forças cósmicas ancestrais, energizando-a, guiando-a com sua sabedoria, restabelecendo a sua inteireza e auxiliando-a a orientar-se no mundo. O sujeito não interfere, só observa; diz que "não adianta fazer nada," pois, na verdade, assim está determinado no "script." A cena está completa, diz Paloma.

2) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna referente à figura masculina, solicita-se ao sujeito que diga qual é a imagem que para si representa o Ser masculino. Paloma responde prontamente:

Paloma: Um homem das cavernas! (Riso)

Lucélia: Um homem das cavernas? Hum...

Paloma: Um homem das cavernas com aquele pedaço de pau na mão! (Riso)

Lucélia: Aquele pau característico que a gente conhece?

Paloma: Isso! Mas eu não estou perto não!

Lucélia: Ah! Você não está perto?

Paloma: Não! Estou vendo de longe como se eu estivesse em cima dele. Ele estivesse lá embaixo, e eu em cima!

Lucélia: Ah! Você está num outro patamar (vamos dizer assim), num outro nível? Você está olhando prá ele de cima?

Paloma: Isso!

Lucélia: E o que lhe sugere a imagem daquele homem lá embaixo?

Paloma: Pobre de espírito!

Lucélia: "Pobre de espírito!"?

Paloma: É! Pobre de espírito!

Lucélia: E o que ele está fazendo lá?

Paloma: Está parado! Mas não está fazendo nada.

Lucélia: Não está fazendo nada?

Paloma: Não! Não está fazendo nada. Está com aquele pedaço de pau, no ombro. Segurando com a mão, e a parte de cima apoiada no ombro. Mas não está fazendo nada! Nenhum gesto! Não está sé... está com a fisionomia normal do rosto. Não está sorrindo, nem chorando, nada!

Lucélia: Não está sorrindo, nem chorando? Não demonstra nenhuma emoção?

Paloma: Não! Nenhuma emoção!

Lucélia: Ah... E está parado ali também?

Paloma: É! Está parado!

Lucélia: Hum... E você faz alguma coisa do local em que está? Tenta se aproximar?

Paloma: Não! Só olho de cima mesmo!

Lucélia: Prefere ficar lá em cima?

Paloma: Prefiro!

Lucélia: E você pensa consigo: "Pobre...

Paloma: Pobre de espírito!

Lucélia: E o tempo passa e ele continua assim, parado, ou acontece alguma coisa?

Paloma: Não! Não acontece. Ele fica parado!

Lucélia: Totalmente parado?

Paloma: Totalmente!

Lucélia: Você sabe me dizer há quanto tempo ele está assim, parado? Sem manifestar nenhuma emoção, nenhum movimento?

Paloma: Desde o aparecimento do homem!

Lucélia: Desde o aparecimento do homem?

Paloma: É!

Lucélia: Ele está lá, nessa posição?

Paloma: É!

Lucélia:Ele está vivo ou está morto?

Paloma: Está vivo!

Lucélia: Mas não se movimenta. E também não demonstra nenhuma emoção?

Paloma: Não tem emoção! Eu percebo assim, que o vento bate no cabelo dele (ele tem um cabelo grande e bagunçado) o vento bate no cabelo, mas ele não se mexe! Eu vejo que ele está vivo porque pisca...

Lucélia: Você vê que está vivo porque pisca?

Paloma: Pisca! Mas não tem nenhuma emoção... na fisionomia!

Lucélia: Ah! Entendi! E o tempo passa... e passa, e ele continua assim?

Paloma: Isso!

Lucélia: E você lá em cima?

Paloma: Isso! Eu lá em cima!

Lucélia: Observando... sem fazer nada?

Paloma: Não! Sem fazer nada!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa, Paloma?

Paloma: Não!

Lucélia: É uma cena assim, que transcorre indefinidamente, não é?

Paloma: É!

Lucélia: Podemos fechar esta janela de sua imaginação?

Paloma: Pode!

Lucélia: Então agora eu queria que você do lugar em que está fosse mentalmente se despedindo desta imagem que representa o seu Ser masculino, e ao mesmo tempo fosse visualizando esta cena cada vez menor...

2.1) Amplificação e interpretação

A imagem que representa o Ser masculino para Paloma personificou-se na forma de um homem das cavernas (supostamente o cenário é o mesmo). Observa-se muito riso do sujeito que parece divertir-se ao se defrontar com a figura, a qual lhe parece ser no mínimo, curiosa. O acessório que complementa o quadro do homem das cavernas, o "pedaço de pau" que ele traz em uma das mãos, sugere uma representação pictórica de caráter burlesco e caricatural, o que explica o riso de Paloma, e confere um tom de deboche ao quadro.

O homem das cavernas está num plano inferior da caverna, enquanto Paloma o observa de um patamar superior. Ele está parado segurando o referido bastão, cuja parte superior está apoiada em seu ombro, diz ela. Na verdade, o homem das cavernas está absolutamente imóvel, não movimenta um músculo, ao mesmo tempo que sua fisionomia não transparece nenhuma emoção positiva ou negativa (não está sorrindo, nem chorando, assevera o sujeito). Paloma sabe que está vivo apenas porque pisca. É somente seu cabelo "bagunçado" quem é movimentado pelo vento.

Este quadro (que lembra a esquizofrenia catatônica) sugere o estado de petrificação que conforme CIRLOT (1984) trata-se dos aspectos contrários e particulares dos movimentos da evolução e involução; petrificar é deter, encerrar, paralisar. É fácil supor como neste caso específico, o ser masculino - o *animus* de Paloma - ficou estagnado, detido ainda na sua forma rude, grotesca e primitiva do momento em que foi criado, não acompanhando os passos da civilização, muito menos evoluindo para formas mais sublimadas, sutis e espiritualizadas do Ser. Ele com seu tacape, está mais próximo do animal, do instintivo e das formas mais inferiores de vida, do que das esferes supra-terrenais do cosmos.

Observando-o do alto do seu patamar, Paloma parece considerá-lo com escárnio e desprezo, pois pensa consigo mesma: "Pobre de espírito!", denotando com isso um tom pejorativo para qualificar o masculino: um ser para ela ainda muito primitivo e rude, paralisado na escala ascensional de evolução, destituído de potencial ou qualidades de ordem superior, condição esta que lhe impede o acesso a um plano de energia transpessoal, mantendo-o prisioneiro das forças telúricas. Além disso, fica evidente a

situação de superioridade, e até mesmo uma certa arrogância com que Paloma se coloca em relação ao homem das cavernas, seu *animus* e uma parte de si mesma, da qual se dissociou.

Desta forma, ela não tenta se aproximar ou estabelecer qualquer forma de comunicação ou contato; a distância em que está é relativamente confortável. Assim, ela também permanece parada, olhando de cima. Segundo CIRLOT (1984) olhar, ou simplesmente ver, identifica-se com conhecer (saber, mas também possuir). Por outro lado, o olhar é como os dentes, a barreira defensiva do indivíduo contra o mundo circundante (o que parece que se aplica a esta situação de Paloma); as torres e a muralha, respectivamente, da "cidade interior."

Finalmente, o tempo passa e nada acontece. O homem das cavernas continua totalmente parado e imóvel. A cena parece ter sido 'congelada.' Na verdade, ele está assim "desde o aparecimento do homem," afirma Paloma, isto é, desde o momento da sua criação. Trata-se, portanto, de uma cena que não tem idade, ou seja, ela é atemporal, por isso transcorre indefinidamente. Este caráter de atemporalidade e o tom numinoso da experiência indicam tratar-se de conteúdos do inconsciente coletivo, uma expressão arquetípica de um masculino ainda primitivo e incipiente.

Observe-se que neste caso o sujeito está muito longe da cura e de uma possível integração destes aspectos obscuros de seu lado masculino, pois tendo sido menosprezado, ridicularizado e dissociado, seu *animus* tende a permanecer relegado aos conteúdos da sombra, e ser projetado no primeiro homem que incorporar atributos como tendência à inércia, à passividade e à pouca inteligência (limítrofe). Assim, enquanto o homem está parado e imóvel, Paloma também está estagnada no seu desenvolvimento emocional.

FRANZ (1995) corrobora esta idéia ao afirmar que o *animus* não integrado é uma espécie de homem primitivo, assim como a anima não integrada é uma espécie de mulher primitiva que faz demais, depois fica prostrada.

JUNG (1982) afirma que é bem mais difícil conscientizar-se das próprias projeções do par *animus*-anima, do que reconhecer seu lado sombrio. Neste último caso, é necessário vencer certas resistências morais como a vaidade, a cobiça, a presunção, os

ressentimentos, ao passo que no primeiro caso devem ser acrescentadas dificuldades de ordem puramente racional, sem falar dos conteúdos, os quais já não se sabe como classificar. O autor acrescenta que a integração da sombra, isto é, a tomada de consciência do inconsciente pessoal, constitui a primeira etapa do processo analítico, etapa sem a qual é impossível qualquer conhecimento da anima e do *animus*. Só se pode conhecer a realidade da sombra em face de um outro, e a do *animus* e da anima mediante a relação com o sexo oposto, porque só nesta relação a projeção se torna eficaz. Este conhecimento dá origem, no ser humano, a uma tríade, um terço da qual é transcendente, ou seja: o sujeito masculino, o sujeito feminino, o seu contrário e a anima transcendente.

3) O encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto o encontro do Ser feminino com o Ser masculino, questiona-se ao sujeito o que acontece a partir disso. Paloma assim se manifesta:

Paloma: Ela está mais ou menos à distância de um metro dele, mas ela não conversa com ele, porque ela acha ele muito pobre de espírito! Muito...

Lucélia: Ela continua achando ele pobre de espírito?

Paloma: Isso! Ela se sente superior a ele, acha que ele é muito ignorante! Que não vale a pena nem conversar com ele!

Lucélia: Não vale a pena nem conversar?

Paloma: Não! Olha com ar de desdém!

Lucélia: Ela apenas olha prá ele com ar de desdém?

Paloma: Isso!

Lucélia: E ele?

Paloma: Olha prá ela também, mas não tem nenhuma atitude.

Lucélia: Nenhuma atitude?

Paloma: Não!

Lucélia: Continua parado?

Paloma: O olhar que ele tem em relação a ela é de inferioridade!

Lucélia: Hum... Então ele, por si mesmo, já ocupa esse lugar de ser inferior?

Paloma: Isso! Ocupa!

Lucélia: De subserviência, seria isso?

Paloma: É!

Lucélia: Ele também não se aproxima?

Paloma: Não! Ela é muito limpa! Aquela roupa branca, o cabelo claro, a pele clara... e sinto assim, que ele se sente inferior... Ele, sujo! Cabelo sujo! Roupa suja! Rude! E ela, meiga! Então, ele se sente inferior.

Lucélia: Ela está vestida com aquela roupa branca da época romana, não é?

Paloma: Está!

Lucélia: Então, ela se sente superior a ele, e ele se sente inferior a ela?

Paloma: Isso!

Lucélia: Cada um ocupando este lugar?

Paloma: Isso!

Lucélia: E um olha para o outro...

Paloma: Ela com ar de superioridade! Ele com ar de inferioridade!

Lucélia: Sim! Sim! Não se falam?

Paloma: Não se falam!

Lucélia: Não se tocam?

Paloma: Não! Ela tem nojo dele!

Lucélia: Ela tem nojo dele?

Paloma: Tem!

Lucélia: E ele? O que sente por ela?

Paloma: Ele até sente vontade de por a mão nela, mas ele tem medo, porque ele se sente inferior por estar sujo!

Lucélia: Então ele até tem vontade de tocá-la, mas tem medo?

Paloma: Isso!

Lucélia: Porque se sente inferior, não é? Está sujo!

Paloma: Isso!

Lucélia: Então ele nem ousa?

Paloma: Não!

Lucélia: Hum hum... E você faz alguma coisa, interfere?

Paloma: Também não! Só olho!

Lucélia: Você só olha! E o que você pensa disso?

Paloma: Eu penso a mesma coisa que ele. Que ele é sujo! Ignorante! Inferior a ela. Então eu acho que ela está certa!

Lucélia: Você acha que ela está certa.

Paloma: Acho!

Lucélia: E acontece mais alguma coisa, Paloma?

Paloma: Não!

Lucélia: Está bem! Podemos fechar esta janela de sua imaginação?

Paloma: Pode fechar!

3.1) Amplificação e interpretação

O ser feminino e o ser masculino de Paloma encontram-se a uma distância segura de um metro. Eles se olham, mas não se falam.

A moça loira não dirige a palavra ao homem das cavernas, por considerá-lo muito "pobre de espírito" e "ignorante." Ela se sente assumida e declaradamente superior a ele. Por isso considera que não vale a pena tentar entabular com ele uma conversação. Assim somente olha em sua direção com ar de desdém (isto já havia se manifestado no momento em que o sujeito se deparou com a figura masculina, tendo agora se explicitado).

O homem da caverna, apesar de fitá-la, não manifesta reação. Seu olhar para com ela denota sentimento de inferioridade. Assim ele assume o papel, isto é, ocupa o lugar de ser inferior, subserviente de forma que nem ousa aproximar-se.

Contrapondo-os, pode-se dizer que aparentemente ambos são extremo-opostos que não se atraem. Ela, muito limpa, roupa branca, cabelo claro, pele clara, meiga (a alvura e a brancura exterior refletem a candura de espírito, a pureza d'alma); ele, sujo, cabelo sujo, roupa suja, rude (o aspecto abjeto e repugnante do exterior reflete-se em sua rudeza de espírito). Na verdade, trata-se de uma projeção do *animus* de

Paloma, tal como uma figura da sombra, ressaltada pela alvura extremada (imaculada) da figura de identificação, seu ideal do ego.

ULANOV & ULANOV (1994) afirmam que todas as qualidades da sombra - qualquer coisa em si que o indivíduo renega como própria, preferindo culpar ou acusar o próximo - "contaminam" o *animus* e a *anima*. Assim, o ser humano encontra-se sujeito a este estado de coisas, embora isto lhe cause sofrimentos. *Animus* e sombra, ao invés de alargar e avivar (estimular) as fronteiras do ego, agrupam-se nele, deixando-o desamparado e sem recursos.

No caso de Paloma, a constatação recíproca de que as figuras masculina e feminina são como água e óleo (não se misturam), faz com que ela se sinta superior a ele, e ele, inferior a ela, fato que define um relacionamento assimétrico com posições hierárquicas bem definidas. A atmosfera de superioridade e inferioridade que os envolve e se depreende através do olhar de cada um, é a 'ponte' que os mantém em contato. E não há nada a fazer para alterar este estado de coisas. O sujeito não interfere na cena, apenas observa, declarando sua aquiescência e conivência com a situação.

A comunicação se processa então basicamente através do olhar; não há utilização da palavra ou do toque. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), o olhar é carregado de todas as paixões da alma e dotado de um poder mágico, que lhe confere uma terrível eficácia; é também o instrumento das ordens interiores: ele mata, fascina, fulmina, seduz, assim como exprime.

Já a perspectiva do toque desperta repugnância na moça loira; por sua vez o homem das cavernas sente o desejo de tocá-la, mas não se atreve. "Ele tem vontade de por a mão nela, mas ele tem medo, porque se sente inferior por estar sujo" (sic).

JUNG (1987b) afirma que o choque com a anima e o *animus* constitui um conflito e um problema difícil de se resolver, dentro dos quais se é colocado pela própria natureza. Não importa que se faça isto ou aquilo, de qualquer modo a natureza se ressente, pois o homem puramente natural deve morrer de certa forma durante sua própria vida. Aquele que se encontra a caminho da totalidade não pode escapar desta estranha suspensão representada pela crucifixão - o Cristo pregado na cruz por suas próprias virtudes. Com efeito, ele encontrará infalivelmente aquilo que atravessa o seu

caminho e o cruza, isto é, em primeiro lugar aquilo que ele não queria ser (a sombra, neste caso representada pelo lado masculino grotesco, abjeto, primitivo do sujeito), em segundo lugar, aquilo que não é ele, mas o outro (a realidade individual do tu) e em terceiro lugar, aquilo que é seu não-eu psíquico, o inconsciente coletivo. Aquilo que cruza o caminho do indivíduo também pode assumir a forma da anima (no caso do homem) e do *animus* (no caso da mulher).

> "O impulso em direção a uma consciência superior e mais ampla é que leva a forçar a conquista da civilização e da cultura. No entanto, esta meta não será atingida se a pessoa não se puser livremente a seu serviço. Para os alquimistas, o artífice da obra é o servidor, e não é ele, mas sim a natureza que leva à perfeição. Contudo, isso exige vontade e saber por parte do indivíduo. Faltando estas duas coisas, o impulso em direção à consciência (simbolizado pela limpeza, pela brancura e pela meiguice do Ser feminino) permanece preso ao nível do simbolismo primitivo e apenas perverte aquele desejo de totalidade. Este, para realizar seu objetivo, precisa de todas as partes da totalidade, inclusive as que são projetadas em um tu (homem das cavernas sujo). É aí que o artífice vai procurá-las, a fim de reconstituir aquele casal régio que está presente na totalidade de todo ser humano, ou seja, o ser primordial bissexuado 'que se basta a si mesmo' " (JUNG, 1987b, p.129).

Logo, Paloma, ao invés de desdenhar o homem das cavernas e qualificá-lo como inferior, precisaria reconhecê-lo como uma parte integrante e ativa de sua própria natureza, uma expressão primitiva do seu psiquismo onde deveria nutrir-se e buscar as respostas para seus questionamentos. Esta transmutação alquímica a capacitaria para compreender e assimilar seu lado instintivo-animal, tido como inferior, de forma que masculino e feminino pudessem então se integrar e conciliar-se harmoniosamente, numa verdadeira ação da coniunctio, pondo fim assim à dissociação de opostos.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 11: Vitória

1) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando uma imagem referente ao Ser feminino, o sujeito assim se expressa:

Vitória: Eu sei que eu sou forte! Que eu consigo as coisas! Mulher também consegue! E eu posso porque eu sou inteligente! É só eu querer e eu vou batalhar prá isso. Ninguém vai me impedir! Só Deus, se Ele quiser, mas os seres humanos não porque são iguais a mim. Se alguém consegue, eu também consigo um monte de coisas! Eu consigo sim, porque eu sou uma pessoa normal! E demorou muito para aprender isso. Eu não consegui aprender isso por meio da minha família, da minha mãe, mas com algumas pessoas que foram amigas, com os profissionais da área de psicologia, de educação, de humanas. Sei lá! Da parte de relacionamento mesmo do ser humano!
Lucélia: Muita gente te confirmou isso!

Vitória: Muita gente me mostrou através de um monte de coisas que eu participei, que eu fiz, que eu fui buscar algum jeito de conseguir isso. E agora eu sei que eu consigo romper... várias barreiras já rompi! E me encontrar! E ser feliz! Então, eu procuro aprender em cada coisa, em cada gesto, em cada dia para eu ficar bem. Só prá isso! E se eu vou estar bem, eu vou fazer com que as pessoas que estejam do meu lado também fiquem bem. Então, o mais importante é que eu fique bem!

Lucélia: Então, você está dizendo assim: que o seu Ser feminino é a força? É a sua própria força, Vitória? É essa competência e essa capacidade que você pôde exercitar, que você pôde por à prova no mundo?

Vitória: É! É a minha própria força! Isso! Às vezes, em certos momentos, eu até esqueço um pouquinho disso. Deixo isso desapercebido. Mas depois, eu mesma, sento na minha cama às vezes à noite, penso numa série de coisas que já aconteceram, que às vezes ainda acontecem, e eu volto comigo mesma, e daí eu consigo novamente entender isso... essa força, essa coisa. Porque eu acho que a força está dentro de cada um!

Lucélia: E essa força prá você tem alguma forma? Tem algum personagem que veste essa força, essa capacidade, essa competência? Você entende o que eu estou dizendo? Tem algum jeito de ser... Se você fosse escolher num camarim de um teatro uma fantasia prá vestir a sua força, para interpretar a sua força, que personagem seria?

Vitória: Seria uma bailarina clássica!

Lucélia: Ah! Uma bailarina clássica?

Vitória: É! Assim, quase que voando! Cada passo... mas seria com força! Leve, mas com força, sabe? Leve de um lado, mas assim bem forte, cada passo... cada movimento!

Lucélia: Hum... Leve, mais forte?

Vitória: Leve, mais forte! Às vezes, quase voando... e assim... às vezes, um salto tão alto, que poderia até cair! Mas não cai!

Lucélia: Mas não cai!

Vitória: Não! Ela consegue se equilibrar de novo no palco, e continua a dança!

Lucélia: E continua a sua dança?

Vitória: Às vezes é aplaudida! Muito aplaudida! E às vezes é criticada porque não... não saiu muito bom o passo!

Lucélia: Hum...

Vitória: Mas não tem problema. Dentro dela, ela sabe que... hum... foi uma coisa assim, sempre prá melhorar! Mesmo que deu errado! Mas o passo vai conseguir ser melhor!

Lucélia: Ela vai aprimorar esse passo.

Vitória: Vai! Ela vai aprimorar, e na próxima música ela vai conseguir fazer o passo mais perfeito!

Lucélia: Hum hum...

Vitória: E vai dançar, e vai ser mais aplaudida!

Lucélia: Hum hum...

Vitória: Mas aí ela já vai estar conseguindo... quase voando assim, sabe? Numa coisa já bem mais leve, mais solta! Porque foi muito difícil (ênfase) cada passo dessa dança!

Lucélia: Executar cada passo?

Vitória: Foi muito difícil!

Lucélia: Hum hum...

Vitória: Às vezes pensou em desistir, em fugir... Fugir não sei prá onde, porque o palco é aqui!

Lucélia: Não tem outro palco?

Vitória: Não! (Ênfase) O palco é esse!

Lucélia: Hum...

Vitória: É aqui que ela tem que dançar! E aqui que ela tem que aprender! Se hoje não conseguiu, amanhã ela que se esforce mais! E que faça os exercícios mais profundos. Se cansou? À noite ela descansa! E amanhã ela começa de novo, porque um dia vai ficar perfeito!

Lucélia: O objetivo dela é que fique perfeito?

Vitória: Não assim uma perfeição total! Mas uma perfeição prá ela!

Lucélia: Prá ela?

Vitória: É! Que esteja moldado com a realidade dela. A dança dela! Que ela se sinta bem nessa dança!

Lucélia: A dança dela! (Ênfase)

Vitória: É! A dança dela! Porque cada bailarina dança de um jeito!

Lucélia: Hum... E ela tem a dança que é dela. Que é só ela que dança daquele jeito, ninguém mais dança como ela!

Vitória: Não! Ela dança a dança à maneira dela. Que outros podem dançar até melhor ou pior, mas é de outros! E essa é dela! Dessa bailarina! E ela é quem tem que saber essa dança, neste palco!

Lucélia: Hum... Tem que ser a dança certa no palco certo?

Vitória: É! A dança certa no palco certo! Porque essa dança foi feita prá ela. Então, é ela quem tem que saber essa dança!

Lucélia: Então, ela já sabe executar esta dança instintivamente, naturalmente, porque foi feita prá ela?

Vitória: É! Assim... mais ou menos traçado as coisas prá essa dança. Foi montada! Não é traçada, montada... Um cenário, tudo direitinho prá essa bailarina. E ela apenas tem que saber ensaiar muito bem! Tem que saber a fantasia que ela tem que usar nesse dia.

Lucélia: Hum hum...

Vitória: O palco como está enfeitado... tudo! Vai se encaixar direitinho com a personalidade, com a música! A roupa... até a sapatilha!

Lucélia: Sim! Existe uma harmonia em tudo, uma coerência em tudo.

Vitória: Aí tudo vai sair perfeito! Mas foi muito ensaiado! (Ênfase) Muitas vezes o ensaio não dava muito certo.

Lucélia: Hum hum...

Vitória: Mas chega... no dia da apresentação vai dar tudo certo!

Lucélia: Ela está ensaiando? Já chegou o dia? Como é que é essa história?

Vitória: Está ensaiando!

Lucélia: Ah! Ela está ensaiando para o dia da apresentação?

Vitória: Hum hum... Mas ela já sabe de todas as coisas! Ela já ensaiou muito!

Lucélia: Então ela já domina bem a dança dela?

Vitória: Já! Já está assim, quase pronto prá apresentação. Falta só algumas coisinhas!

Lucélia: Hum...

Vitória: Umas coisinhas assim, que às vezes ela pensa que ainda não sabe, mas já sabe!

Lucélia: Já sabe?

Vitória: Precisa só ensaiar mais um pouquinho!

Lucélia: Hum hum...

Vitória: O dia que essas coisinhas, esses pequenos movimentos... mas são muito importantes! (Ênfase) Esses movimentos fazem parte da dança. Mesmo pequenos, se eles não estiverem prontos, não vai dar certo!

Lucélia: Então, eles têm o seu papel, o seu lugar na dança, e eles têm que ser desempenhados também, apesar de pequenos?

Vitória: Têm! Têm! Senão a dança não vai ficar perfeita! Então, está faltando um pouco. Mas logo, logo, em muito pouco tempo, a dança vai estar completa. O ensaio vai acabar, e ela vai entrar no palco prá uma platéia muito grande! E na primeira fila, vai estar sentado o Beto, o Daniel, essa pessoa que vai fazer parte da platéia e da vida da bailarina, a Luana...

Lucélia: Essa pessoa é o namorado da Vitória?

Vitória: É! É! E assim, alguns amigos... verdadeiros! E uma multidão de desconhecidos, de pessoas que foram assistir!

Lucélia: Hum hum... Vai ser a sua celebração, a sua apoteose, Vitória?

Vitória: Vai! E vai ser assim... depois da dança... uma outra vida! Como se fosse uma viagem! Que tudo já se encaixou! Que os movimentos foram perfeitos... e uma viagem para uma nova vida de paz! De conhecer novos valores! Dar valor a valores antigos, que não foram valorizados!

Lucélia: Resgatar algumas coisas... é preciso?

Vitória: É! Resgatar... Vai ser muito bom! E todas as pessoas da volta vão ficar bem!

Lucélia: Da volta?

Vitória: É! Da volta, que estavam assim bem próximas ao palco!

Lucélia: Ah, sim! Mas esse momento ainda não foi vivido? A bailarina, ela está ensaiando os seus últimos passos, não é?

Vitória: Isso!

Lucélia: Então, isso é uma projeção sua para o futuro, "de como será?" Não é?

Vitória: Hum hum...

Lucélia: Sim! Então a bailarina está lá ensaiando, você está visualizando isso... Nesse momento acontece mais alguma coisa ou termina aí?

Vitória: Não! Termina aí! As coisas ruins, a bailarina não vai mais deixar acontecer! (Ênfase)

Lucélia: Não vai mais deixar acontecer!

Vitória: Não! Acabou!

Lucélia: Hum hum...

Vitória: Já ficou prá trás, no passado...

Lucélia: Já estão no passado. Não aconterão mais?

Vitória: Por exemplo, se quebrar uma fita da sapatilha, ela sabe como arrumar! Ela já sabe consertar!

Lucélia: Ela já sabe... Ela aprendeu a consertar!

Vitória: Aprendeu! Então, não vai ser um problema tão assim (ênfase)... que vai deixá-la apavorada. Porque ela já sabe consertar. Ela já sabe pegar a agulha, costurar...

Lucélia: Hum hum...

Vitória: E conserta, e segue em frente! Continua...

Lucélia: Então, ela já tem os instrumentos? Ela já está preparada?

Vitória: Já!

Lucélia: Está certo! Mais alguma coisa ou termina aí?

Vitória: Não! Termina aí!

Lucélia: Termina? Está bem! Então, lentamente, sem pressa, procure ir se despedindo dessa bailarina. Em seguida, vá se afastando, se afastando, e enquanto isso visualize a bailarina se tornando cada vez menor, cada vez menor, até que você não consiga mais vê-la...

1.1) Amplificação e interpretação

Abruptamente, logo após ter sido proferida a consigna, o sujeito dá início a um monólogo que, a princípio parece ser totalmente desconectado do tema em questão e do que havia sido solicitado, discurso que todavia, não deixa de ter a sua coerência interna. Aparentemente Vitória parece não ter ouvido a consigna, sendo que os conteúdos que então surgiram, ao que tudo indica, altamente catexizados, parecem ter 'roubado a cena' da figura feminina, configurando-se como um complexo autônomo.

No seu discurso, o sujeito afirma estar ciente da sua força interior, reiterando que "consegue as coisas que deseja," feito que atribui à sua inteligência, ressaltando que não é o fato de ser mulher que vai impedí-la disso. "Somente Deus pode impedi-la! Os seres humanos não porque são iguais a ela," reitera. "Se alguém consegue, eu também consigo!" diz ela, colocando-se como uma "pessoa normal," logo, tão capaz quanto qualquer outra. Vitória salienta que "demorou para que conseguisse aprender isso," isto é, foi muito lento o processo de auto-afirmação, visto que a mesma não teve uma matriz familiar que lhe possibilitasse o desenvolvimento da auto-estima e da auto-confiança. O sujeito explica que foi no relacionamento com o ser humano, através da ajuda de profissionais da área de humanas (Psicologia, Educação), que conseguiu ter a dimensão de sua força interior, e pôde por à prova sua capacidade para a consecução de objetivos. Várias pessoas lhe mostraram isso através de uma série de atividades que

participou - os meios que buscou para conseguir apoio emocional - e que se constituíram na sua matriz social, possibilitando-lhe engendrar uma nova identidade. Estas pessoas (profissionais ou não) ajudaram-na a confirmar e reassegurar-se de sua força interior e sua conseqüente capacidade de superar obstáculos. Após ter vivido um intenso e difícil processo de auto-afirmação, Vitória agora sabe que consegue romper barreiras e superar limitações (nas entrelinhas de sua fala depreende-se avassaladores sentimentos de inferioridade e de incapacidade anteriores, além de baixa auto-estima e uma falta de confiança em si). Ela ressalta que tem procurado aprender com a vida: "Em cada coisa, em cada gesto, em cada dia," visando alcançar o seu bem-estar. O sujeito está consciente de que se estiver bem, as pessoas que estiverem ao seu lado também receberão os influxos positivos disto. Então, "o mais importante é que eu fique bem," conclui.

Após estas considerações preliminares Vitória confirma que o seu Ser feminino é a "força," a sua própria força (isto prova que ela ouviu e entendeu a consigna). Ela admite que em alguns momentos chega a perder o contato com aquela, mas depois recordando-se de fatos já ocorridos, e pensando em outros que estão ocorrendo no presente, ao retomar o contato com o seu Eu consegue novamente sentir e entender essa poderosa força dentro de si. "Porque eu acho que a força está dentro de cada um!" reitera.

Para Vitória parecia ser imperioso confirmar para si mesma e reassegurar-se de sua força, talvez até num movimento de supercompensação, mesmo perdendo momentaneamente a noção de adequação do contexto. Supostamente tal reasseguramento foi necessário pela 'posse' (e consciência) desta força ser um fato relativamente recente, de forma que não se encontra ainda consolidado ou cristalizado. Como o próprio sujeito salientou, foi muito longo o período em que ela se sentiu insegura e desorientada, desconectada de seus recursos internos, sem um referencial familiar externo que lhe proporcionasse a medida do seu próprio valor, confirmando isto para si mesma. A luta por se tornar um ser humano capaz, pleno de suas potencialidades, e até mesmo no sentido de sentir-se uma "pessoa normal" - isto é, que se reconhecesse em igualdade de condições com os seus semelhantes, possuindo tanto quanto, poder e força para a consecução de seus objetivos - parece ter sido o grande desafio que Vitória enfrentou ao

longo de sua vida, nas palavras de Jung, tendo se constelado um "complexo." Todavia, parece que no momento, esse complexo ainda exerce sua influência, pois ela não demonstra estar totalmente segura de sua força, visto que necessita comprovar e reafirmar isto constantemente para si mesma.

Segundo SAMUELS *et al.* (1988) um complexo é uma reunião de imagens e idéias, conglomeradas em torno de um núcleo derivado de um ou mais arquétipos, e caracterizadas por uma tonalidade emocional comum. Quando entram em ação - "tornam-se constelados" - os complexos contribuem para o comportamento e são marcados pelo afeto, quer a pessoa esteja ou não consciente deles.

JUNG (1991) define cientificamente um complexo afetivo como a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional, e além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria, além de gozar de um grau relativamente elevado de autonomia; vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite, e, por isso, se comporta na esfera do consciente como um corpo estranho, animado de vida própria. Pode-se reprimir o complexo, mas é impossível negar sua existência, e na primeira ocasião favorável ele volta à tona com toda a sua força original.

Na tentativa de expressar seus conteúdos através da plasticidade de uma imagem, Vitória busca no camarim de seu 'teatro interior' um personagem, uma fantasia com a qual possa 'vestir' e interpretar a sua força, e imediatamente acessa a imagem da bailarina clássica.

O sujeito afirma que a bailarina em sua dança parece estar "quase voando," tamanha é a sua leveza. Cada passo, cada movimento é executado de uma forma leve, por um lado, mas com força, por outro. "Bem forte!" reitera Vitória com ênfase, acrescentando que às vezes sua personagem executa um salto tão alto que poderia até cair, mas não cai, conseguindo recuperar novamente o equilíbrio, e continuando a dançar.

MALLARMÉ* explica que a bailarina não é simplesmente uma moça dançando, mas antes uma metáfora que simboliza alguns aspectos fundamentais da configuração terrestre... ela não dança, mas mais propriamente com miraculosas estocadas e "abreviações," escrevendo com seu corpo, sugere coisas que a palavra escrita poderia expressar somente em vários parágrafos de diálogo ou prosa descritiva.

Vitória observa que a bailarina algumas vezes é aplaudida, muito aplaudida, outras vezes é criticada porque o passo não foi executado satisfatoriamente. Mas isto não lhe importa, porque interiormente está consciente de que está sempre procurando dar o melhor de si; está sempre trabalhando no sentido de aperfeiçoar sua performance. Mesmo que não tenha sido bem sucedida, na próxima vez ela se esforçará, e conseguirá que "o passo seja melhor" (o seu desempenho na dança). Ela vai aprimorar a sua performance de forma que na próxima música conseguirá executar a coreografia num grau mais elevado de perfeição. E vai dançar, e será ainda mais aplaudida, afirma o sujeito com convicção.

CIRLOT (1984) considera a dança como imagem corporificada de um processo, devir ou transcurso. Assim, aparece com este significado, na doutrina hindu, a dança de Xiva em seu papel de "Natarâjâ" (rei da Dança cósmica, união do espaço e do tempo na evolução). Enquanto arte rítmica, é símbolo do ato da criação. Por isso, a dança é uma das mais antigas formas da magia. Toda dança é uma pantomima de metamorfoses (pelo que requer a máscara para facilitar e ocultar a transformação), que tende a converter o bailarino em deus, demônio ou uma forma existencial pretendida. Tem, conseqüentemente, função cosmogônica. A dança encarna a energia eterna: o círculo de chamas que circunda o Xiva dançante da iconografia hindu.

Há dois aspectos até aqui que merecem ser salientados: o forte entusiasmo do sujeito, a disposição e persistência na execução de sua dança, a determinação em aprimorar cada vez mais os níveis de sua performance, não se deixando esmorecer diante de eventuais falhas ou insucessos; e a sua obstinação por atingir a perfeição.

---

* MALLARMÉ *apud* HANNA, J. L. - **Dance, sex and gender: signs of identity, dominance, defiance and desire.** Chicago and London, The University of Chicago Press, 1987.

Continuando, Vitória afirma que tendo conseguido aprimorar sua performance, a bailarina já vai estar "quase voando," num nível já bem maior de soltura e leveza. "Porque foi muito difícil cada passo dessa dança!", ressalta, revelando que sua personagem pensou algumas vezes em desistir, e até mesmo em fugir. Ela observa que, todavia, a bailarina não tem para onde fugir: "O palco é aqui!" Afirma com propriedade. Na verdade o palco é a própria vida, a escola da vida. A dança se equipara aos desafios que a vida impõe à bailarina, com seus testes de resistência e suas provas de força e tenacidade. Cada passo da dança são os obstáculos cotidianos que ela deve ultrapassar, ou etapas específicas a serem vencidas. A bailarina, na verdade, é o próprio sujeito tentando alcançar o sucesso "no seu passo," isto é, nas suas tentativas de responder às exigências e provas da vida. Para ela não basta fazer, nem tão pouco fazer bem, mas é preciso se esforçar para atingir a perfeição. E os passos devem ser executados de forma leve, mas com força. Isto é, sua postura na vida deve ser pautada (regulada) com segurança e firmeza, e em harmonia com o ritmo cósmico. A ilusão de voar lhe é conferida pela extrema habilidade e destreza após longas horas de treinamento intensivo e pertinaz, onde repetidamente executa a sua dança, melhorando paulatinamente sua performance. Voar nos palcos da vida significa alcançar desempenho o mais perfeito possível nas tarefas e desafios que esta lhe impõe. Uma outra interpretação poderia ser que na medida em que ensaia o passo, a bailarina lida com suas imperfeições e seus limites humanos; quando já quase 'voa,' isto pode ser um dado significativo no sentido de que ela conseguiu se desprender das viscosidades telúricas, para finalmente ascender a níveis mais elevados na escala da evolução, através da ascenção de um princípio volátil (espiritual), de caráter supra-terrenal.

Vitória reitera que "é neste palco que a bailarina tem que dançar. É nele que ela tem que aprender," reafirmando com isso que não é possível fugir ou se esquivar ao desafio e ao chamamento da vida, espaço pré-determinado onde se daria seu aprendizado e o seu crescimento. Observe-se que a bailarina age sob o comando de uma rígida auto-disciplina e uma extraordinária determinação em vencer e alcançar a perfeição: "Se hoje não conseguiu, amanhã ela que se esforce mais! E que faça os exercícios mais profundos. Se cansou? À noite ela descansa! E amanhã ela começa de

novo, porque um dia vai ficar perfeito." Tais admonições parecem partir de uma figura investida de autoridade, no caso supostamente um papel de que se vale o sujeito para infundir energia, disciplina e força à bailarina.

Vitória explica que o objetivo daquela não é atingir a perfeição total, "mas que fique perfeito para ela," observa. Que a coreografia da dança tenha sido elaborada de acordo com a realidade da bailarina, sendo uma expressão de sua personalidade e seu modo de vida. Que seja "a dança dela! Que ela se sinta bem nessa dança!" acrescenta, porque cada bailarina dança de um jeito, explica Vitória, reiterando que a mesma executa a dança à sua maneira. Outros podem apresentar um desempenho melhor ou pior, mas trata-se da dança alheia. "Essa é a dança dessa bailarina!" E ela é quem deve saber executar essa dança, nesse palco, "a dança certa no palco certo" porque essa coreografia foi feita especificamente para ela, justifica o sujeito. Observe-se aqui uma relação de exclusividade e reciprocidade entre a bailarina, a sua dança e o palco, onde os dois últimos são a expressão da primeira, e existem em função desta. Vitória acrescenta que "as coisas foram traçadas, montadas para ela, o cenário, tudo direitinho para essa bailarina." Portanto, cabe a ela conhecer e executar muito bem seus passos no ensaio; saber qual fantasia deverá usar no dia da apresentação (em que linguagem deverá se expressar). Tudo foi feito para se constituir na mais pura e perfeita expressão de sua personalidade: a forma como foi enfeitado o palco, a música, a roupa, e até mesmo a sapatilha. Todos esses detalhes compõem um conjunto plenamente harmonioso, um todo coerente e perfeitamente integrado, sendo a bailarina uma manifestação do feminino, e uma projeção do sujeito no mundo.

A relação de reciprocidade e exclusividade entre a bailarina e sua dança (e também com o palco) acima referidas, sugere não só ser a dança uma expressão da personalidade da bailarina - devendo portanto satisfazê-la e ser prazerosa a sua execução - como também a forma feminina como esta se comunica com o mundo, seu modo único e singular de Ser na vida. A coreografia elaborada para ela pode ser considerada tal como um presente e uma homenagem, para que pudesse finalmente triunfar naquilo que seria a sua apoteose após longas e incansáveis lutas - passos imperfeitos repetidamente ensaiados - procedimento que sugere também os passos de um ritual de iniciação.

Vitória assegura que tendo a bailarina assim se preparado e ensaiado, seu desempenho será perfeito no momento de sua apresentação ao público. Ocorre que nem sempre o ensaio se dava a contento, mas no dia de sua exibição Vitória reassegura-se de que tudo correrá bem, tentando afugentar possíveis sombras de insegurança. Observe-se que da forma como é descrito, em seu relato há alguns elementos comuns em estórias de contos de fadas: as extremas dificuldades com que lutou a donzela para atingir seu objetivo; o grau de absoluta perfeição de sua dança; a certeza de que "tudo dará certo" (trazendo implícito a negação do insucesso ou de eventuais falhas); a disciplina militar a que se submeteu. Estas características indicam tratar-se de uma estória idealizada, 'encantada' (cheia de sacrifícios e provações para finalmente encontrar a glória), tal como o sujeito gostaria que fosse, e que tem impresso dentro de si.

No momento, a bailarina ainda está ensaiando para a apresentação, mas já sabe executar todos os passos da dança, pois já ensaiou com afinco. Ela já está quase preparada para a apresentação; só restam "algumas coisinhas..." (detalhes sem muita importância), "coisinhas" que ela pensa que ainda não sabe, mas que já sabe, salienta o sujeito. Desta forma, precisa ensaiar "só mais um pouquinho." Vitória observa que esses pequenos movimentos são muito importantes, pois eles também compõem a dança, e têm nela o seu papel e a sua função. Mesmo pequenos, se não estiverem prontos, a dança não será bem sucedida. Eles possuem o seu papel, o seu lugar na dança, e devem ser desempenhados satisfatoriamente apesar de pequenos, senão a execução não será perfeita. Neste ponto, o sujeito parece estar fazendo uma referência à interligação das partes com o todo e vice-versa - sugerindo a composição de uma "gestalt" - quando cada passo tem o seu lugar na dança e deve ser executado com o mesmo empenho e consideração. Não existe uma 'hierarquia de passos,' isto é, todas as situações da vida são igualmente relevantes. Segundo FADIMAN & FRAGER (1979) o sentido geral da palavra alemã "gestalt" é de uma disposição ou configuração, uma organização específica de partes que constitui um todo particular. O princípio mais importante da abordagem gestáltica é o de que uma análise das partes nunca pode proporcionar uma compreensão do todo, uma vez que o todo é definido pelas interações e

interdependências das partes. As partes de uma "gestalt" não mantêm sua identidade quando estão separadas de sua função e lugar no todo.

Continuando, Vitória afirma que a bailarina ainda não completou o seu treinamento, mas assegura que em muito pouco tempo este será concluído (a dança estará completa). Quando o ensaio chegar ao seu término, ela entrará no palco para se exibir para uma imensa platéia. Na primeira fila estarão sentadas quatro pessoas em especial, sendo que uma delas Vitória afirma que se trata do atual namorado da bailarina, que integrará sua vida no futuro (na verdade, os filhos e o namorado da própria Vitória), alguns amigos verdadeiros, e uma multidão de desconhecidos (pessoas que foram assistir à apresentação). Será um momento muito ansiado e esperado pela bailarina, um grande acontecimento, para o qual ela se preparou intensivamente. Ao mesmo tempo será também a celebração e a apoteose de Vitória nos palcos da vida, já que uma é a outra. Neste ponto fica evidente que o sujeito tem consciência de sua projeção; ela parece saber o tempo todo que a bailarina é ela própria, sendo uma prova disto as pessoas que destaca da platéia, acima citadas.

Após ter assegurado que durante a dança "tudo se encaixaria," e os movimentos seriam perfeitos, o sujeito acrescenta que depois da dança haverá "uma outra vida," como se a dança fosse uma 'viagem' para uma nova vida, pressupondo que algo muito bom aconteceria à bailarina. Isto corrobora a idéia de que a dança funciona como um ritual de passagem e uma porta de entrada que dá acesso a outro mundo, um mundo 'mágico' e particular, a visão do paraíso para Vitória, onde ela projetou seu ideal do bom, do bem, do belo e também de sabedoria, e onde a personagem poderá cultivar uma vida cheia de paz. Nesta nova vida, a bailarina poderá conhecer novos valores e resgatar valores antigos (atribuir valor a elementos que antes não haviam sido valorizados). "Vai ser muito bom!" ressalta Vitória. E todas as pessoas que estiverem bem próximas ao palco (na curva da primeira fila) também serão beneficiadas, pois receberão os influxos positivos desta cadeia invisível de energia mobilizada pela bailarina.

Todavia, isto ainda é a projeção de um futuro tal qual Vitória sonha e anseia para a bailarina. Este momento ainda não foi vivido na imaginação, pois a história

termina no momento em que aquela está ensaiando os seus últimos passos. Talvez o sujeito não desejasse por em xeque seus pressupostos, e se defrontar com o que de fato aconteceria, preservando desta forma o seu ideal de perfeição absoluta, que não correria riscos de ser destruído ou de sofrer abalos.

Vitória reitera que "as coisas ruins" (dificuldades), a bailarina não deixará que aconteçam novamente, assegurando que esta fase terminou, pertence ao passado, diz ela. Se acaso se romper uma fita da sapatilha, ela saberá como resolver o problema, pois já aprendeu a consertar, desenvolvendo habilidades e utilizando-se de seus recursos internos. Então não será um problema dessa magnitude que vai fazê-la perder o controle da situação ou entrar em pânico, pois já sabe manejar a agulha e costurar (ela tem os instrumentos e desenvolveu as habilidades necessárias). Imponente e destemida, a bailarina "conserta e segue em frente!" Continua a sua dança com energia e determinação, sem desorientar-se ou perturbar-se pelo incidente, observa Vitória. Ela já está preparada para a jornada que então se inicia (a nova vida).

2) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando uma imagem referente ao Ser masculino, Vitória assim se manifesta:

Vitória: É o poder... Lembra uma pessoa que tinha que ser obedecida! Não de vontade, mas foi porque eu não tive outro jeito. Porque falava e mandava e dominava... e tinha que fazer! E tinha também a parte financeira que eu dependia. Então tinha que ser daquele jeito, na época. (Pausa)

Lucélia: Hum... E o que aconteceu?

Vitória: Ah! Isso durou muito tempo! Muito tempo! Mas só... que nesse tempo... foi arrumando meios... de... dessa coisa assim de poder... desse poder mudar! Demorou! Passou muitos anos! Mas, devagarinho, esse poder vai acabando! Esse poder vai acabando! E... aí consegue não ficar mais sobre esse poder. Mas esse poder era muito forte! Passou muitos anos...

Lucélia: Hum hum... Sim! E se também neste caso esse poder assumisse a forma de um personagem? Se você fosse 'vestir' o seu Ser masculino através de um personagem que incorporasse esse poder... Que personagem seria esse?

Vitória: Aqueles de tempo romano! Que guerri... Que dominavam! Lutavam com espada!

Lucélia: Ah! Um guerreiro? Ou um imperador?

Vitória: Um imperador!

Lucélia: Um imperador?

Vitória: Hum hum... E ele que botava as leis!

Lucélia: Ah! Ele ditava as leis?

Vitória: Ele ditava as leis! Ele.. é... Fazia do jeito dele! As leis eram ele! Ele era tudo! Ele era o poder!

Lucélia: Ele era tudo!

Vitória: Então ele comandava da maneira que ele queria. E o povo tinha que respeitar!

Lucélia: Hum hum...

Vitória: Mesmo assim, era massacrado, sacrificado... Muitos até não agüentavam!

Lucélia: Muitos súditos não agüentavam?

Vitória: Não! Era muita maldade! (Ênfase)

Lucélia: Hum hum...

Vitória: Muito massacre! Muita injustiça...

Lucélia: E o que acontece com esse imperador?

Vitória: Ah! Um dia ele estava numa cadeira bem alta... num topo assim... um lugar bem alto... com muito cuidado... uma pessoa foi lá... bem devagarinho... na ponta do dedo... só com a pontinha do dedo...

Lucélia: Hum hum...

Vitória: Deu um empurrãozinho nele...

Lucélia: Não precisou um empurrão muito forte?

Vitória: Não! Um empurrãozinho... e ele caiu... lá de cima! Se esborrachou no chão!

Lucélia: Se esborrachou no chão!

Vitória: Mas caiu assim, sabe, aqueles tombos lá do alto?

Lucélia: Hum hum...

Vitória: E acabou (ênfase) com o imperador!

Lucélia: Acabou?

Vitória: Acabou! (Ênfase)

Lucélia: Acabou com a prepotência dele? Com a onipotência, com a arrogância? Com tudo isso?

Vitória: Com tudo isso!

Lucélia: Hum hum... Quem foi essa pessoa que fez isso? Que deu esse empurrãozinho?

Vitória: Eu! (Risos) Mas bem (ênfase)... devagarinho assim... na ponta do pé!

Lucélia: E você teve prazer em fazer isso?

Vitória: Eu tive! Uma delícia! Caiu assim! Mas bem (ênfase) do alto! E caiu lá embaixo! E eu não tive nenhum sentimento de culpa por ele ter se esborrachado. Eu achei ótimo! (Ênfase)

Lucélia: Ah! Você não experimentou nenhum sentimento de culpa?

Vitória: Nenhum! Achei ótimo! (Ênfase) Até que enfim, esse imperador, que pensava que tinha o poder, não existe mais! Virou um nada no chão!

Lucélia: Hum hum... Um nada! E você, como está se sentindo?

Vitória: Muito bem! Nossa! (Ênfase) Muito bem!

Lucélia: Hum hum... É que você precisou lutar muito contra esse imperador? Não é, Vitória?

Vitória: Muito! E muito tempo!

Lucélia: Muito, e muito tempo! (Ênfase) Está bem! Acontece mais alguma coisa ou termina aí?

Vitória: Não! Eu saio super feliz lá de cima!

Lucélia: Hum hum...

Vitória: Porque o imperador não existe mais!

Lucélia: Não existe! E você sai feliz da vida?

Vitória: Bem lá do alto! De onde ele estava lá em cima!

Lucélia: É como quem ganhou uma batalha? A felicidade de quem sai vencedor?

Vitória: É!

Lucélia: Hum hum... E você sai feliz...

Vitória: Muito! Muito! Muito!

Lucélia: Termina assim, essa parte?

Vitória: Hum hum...

Lucélia: Está bem! Então eu gostaria que você fosse se despedindo dessa imagem...

2.1) Amplificação e interpretação

Muito embora lhe tenha sido solicitada uma imagem, Vitória se refere ao "poder" como sendo o primeiro elemento que lhe vem à mente quando se lhe é falado sobre o Ser masculino. E se refere a uma pessoa com quem parece ter convivido, a qual

deveria ser obedecida. Vitória explica que se sujeitou a isto não por vontade própria, mas porque naquele momento não tinha outra alternativa. "Porque falava e mandava e dominava, e tinha que fazer..." Diz ela, parecendo ter se sentido fortemente impelida à sujeição, supostamente por estar numa situação de desvantagem, inclusive do ponto de vista financeiro, visto que dependia economicamente da pessoa. Então, naquela época, "tinha que ser daquele jeito," isto é, parecia não haver outra saída. O sujeito relata que esta situação durou muito tempo, e passaram-se muitos anos, o que sugere uma sensação de atemporalidade. Todavia, nesse período, ela foi buscando meios de modificar essa relação de poder, e de sair da condição de sujeição em que se encontrava (supostamente porque foi se fortalecendo e buscando saídas). Entretanto, apesar do processo ter sido muito lento e prolongado, "devagarinho, esse poder vai acabando," relata o sujeito, supostamente enquanto Vitória vai conseguindo vencer paulatinamente dentro de si o subjugo, a imobilidade e o medo face a uma figura (masculina) de poder. Finalmente chega o momento tão ansiado em que ela consegue romper com o jugo masculino, superando uma sujeição a uma forma de poder que a aniquilava. O sujeito reitera que "esse poder" era muito forte, e foi preciso que se passassem muitos anos. Todas essas evidências indicam que Vitória está falando de seu ex-marido, uma pessoa do sexo oposto com quem conviveu e mateve esse tipo de relacionamento.

Tomando como pressuposto que o Ser masculino para o sujeito seria o poder, (ou seja, o poder para Vitória tem uma 'face' masculina) tal como na figura feminina foi preciso que a pesquisadora emitisse a mesma consigna suplementar, que traduzisse as considerações abstratas do sujeito na forma de uma imagem, sendo então solicitado um personagem que 'vestisse' e incorporasse esse poder. Em outras palavras, que o poder assumisse a forma de um personagem. Vitória então se remeteu à antiguidade clássica, mais especificamente ao povo romano, onde haviam pessoas que guerreavam, dominavam e lutavam com espada - e vislumbrou a imagem do imperador (supostamente aquela que melhor parecia acolher a projeção do seu *animus*).

JUNG (1986) relata que entre os romanos existia a "presunção dos Césares," o que não era apenas uma propriedade do imperador, mas atingia a todo o cidadão - *civis Romanus sun* (sou cidadão romano). O cristianismo, por sua parte, se

apresentou como um adversário dessa presunção, e por isso foi a única religião perseguida de fato pelos romanos. O autor reflete com sagacidade:

> "A história da tentação mostra-nos claramente com que poder psíquico Jesus colidiu: o 'demônio do poder,' existente na psicologia dos seus contemporâneos, que no deserto o levou a uma grave tentação. Seguindo a voz interior, sua designação e vocação, Jesus se expôs de livre vontade ao ataque da presunção imperialista, que a todos inflava - vencedor e vencido. Com isso reconheceu a natureza da realidade psíquica objetiva que colocava o mundo inteiro em estado de sofrimento e ocasionava o desejo de salvação. Esse ataque psíquico com o qual conscientemente se defrontou, ele nem o sufocou nem se deixou sufocar por ele, mas o assimilou. E deste modo surgiu do César dominador do mundo um reino espiritual, e do império romano o Reino de Deus, que é universal e não pertence a este mundo. Enquanto todo o povo judeu esperava um Messias, que ao mesmo tempo fosse um herói imperialista e atuante na política, cumpriu Cristo sua designação messiânica, não tanto para sua nação, mas muito mais para o mundo romano, ao chamar a atenção da humanidade para essa verdade antiga, que onde domina o poder não existe o amor, e que onde reina o amor o poder desaparece. A religião do amor era exatamente o traço psíquico oposto ao que havia de demoníaco no poderio romano" (JUNG, 1986, p. 186).

Em referência à figura do imperador CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), por sua vez, afirmam que a lâmina do Imperador - quarto arcano do Tarô - simboliza precisamente o que representa: o império, a dominação, o governo, o poderio, o êxito, a hegemonia, a supremacia da inteligência na ordem temporal e material. Na sua manifestação, a ação é o alvo da inteligência, e a Sabedoria de nada serviria se não se aliasse à força: uma vez unidas essas duas coisas, sua energia penetra no interior deste mundo, do qual ele é o soberano indiscutível. Este quarto arcano maior, também denominado de "Pedra Cúbica," representa o governo, a proteção, o trabalho construtivo e inteligente, a solidez, o tino (conselho, prudência), a tradição, a autoridade ou, num sentido desfavorável, a oposição tenaz, o preconceito hostil, a tirania, o absolutismo. No plano psicológico, o Imperador convida "a que se tome posse de si mesmo," a tudo ordenar no sentido da vontade de poder.

Para Vitória o imperador ditava e impunha as leis, e tudo fazia à sua maneira, agindo com arbitrariedade e não com justiça e sabedoria, isto é, longe de atuar

de forma humanitária, ele exercia o poder com tirania e absolutismo. O sujeito acrescenta: "As leis eram dele!" Ele era tudo! Ele era o poder!" Ou seja, como ditador, ele incorporava e personificava o poder de uma forma despótica e absoluta. Ele elaborava a lei que desejava, conforme seus caprichos e os desígnios de sua vontade, e cabia ao povo respeitar isto, na verdade, o sujeito observa que as leis eram impostas ao povo, que ainda assim era "massacrado, sacrificado," sendo que muitos súditos não suportavam, pois era "muita maldade, muito massacre, muita injustiça," diz o sujeito.

Tal como num conto de fadas, Vitória relata que um dia o imperador estava numa "cadeira bem alta" (um trono), num lugar alto, tal como um topo, e uma pessoa foi até lá, e com muito cuidado, bem devagarinho, na ponta do dedo, "só com a pontinha do dedo," deu-lhe um "empurrãozinho," e ele caiu do seu pedestal "e se esborrachou no chão," acrescenta o sujeito em tom sarcástico e zombeteiro. Vitória esclarece que são aqueles tombos 'magistrais' onde a pessoa é projetada de uma grande altura. E assim "acabou com o imperador!" acrescenta em tom de triunfo. Vale ressaltar que para o imperador ter caído apenas com um toque tão leve e suave, isto significa que já havia uma fragilidade na sua postura, e supostamente o golpe já estava sendo preparado há muito tempo (Vitória precisou vencer primeiro o imperador interno, então tornou-se fácil derrubar o externo).

Além disso, a queda parece ter destruído não só o poderio e a prepotência do imperador, que estavam representados pela altura do trono e do lugar (um tôpo), mas em linguagem simbólica sugere a própria morte do imperador, sendo que o sujeito atesta isso através de duas expressões: "Se esborrachou no chão!" ou seja, foi fatal, e "acabou com o imperador!" isto é, ele não existe mais, foi eliminado. Neste caso foi eliminado junto com o imperador, tudo o que ele representa: o despotismo, o exercício arbitrário do poder (o poder maléfico-demoníaco acima referido), o subjugo do outro, o sofrimento causado pelos desmandos da tirania. Ao fazer isto, o sujeito parece ter tomado posse de si mesmo, conforme acima citado, estando assim de plena posse de sua 'vontade de poder,' desta vez utilizando-se das formas positivas e construtivas de poder.

Vitória assume como sendo ela própria, a pessoa que empurrou o imperador, e admite que experimentou uma grande sensação de prazer ao fazer isso (na

verdade, parece ser esta uma reedição em forma de conto-de-fadas de uma cena já vivida de sua própria vida). Ela descreve que foi "bem devagarinho," na ponta do pé, como se quisesse fruir lentamente do prazer desta experiência. São suas palavras: "Foi uma delícia!" O sujeito enfatiza que a queda foi bem do alto, e ela parece ter acompanhado tudo em câmara lenta experimentando o prazer em cada segundo da queda, até que ele caísse "lá embaixo," isto é, do poder absoluto e ditatorial à condição de subserviência humilhante. O sujeito admite que não teve nenhum sentimento de culpa ao vê-lo assim "esborrachado" (isto é, destruído, "morto," destituído de todo poder), pelo contrário, assevera que "achou ótimo!" observando-se nessa expressão o doce sabor da vingança. Vitória expressa ainda uma sensação de alívio dizendo: "Até que enfim, esse imperador que pensava que tinha poder não existe mais! Virou um nada no chão!" Esta última expressão é muito forte, e indica que ela conseguiu não só aniquilar o seu verdugo, como também reduzí-lo a pó e à inexistência absoluta, depreendendo-se nas entrelinhas do seu discurso a sensação avassaladora de poder de quem esmaga o inimigo.

Na verdade, o imperador, que não existe mais, e que ela conseguiu destituir dos pináculos de seu poder ditatorial parece ser aquele interno - seu *animus* e senhor absoluto - que estava comodamente e por muito tempo instalado num trono dentro dela oprimindo-a e aniquilando-a, e que ela ao mesmo tempo temia e odiava (daí a sensação de prazer ter sido tão grande). Tendo vencido este imperador, tornou-se bem mais fácil vencer o outro, o externo, sobre o qual projetou o primeiro. Por sua parte Vitória reitera que está se sentindo "muito bem" agora, no entanto, conta que precisou lutar muito e por muito tempo contra esse imperador. Com a 'missão cumprida,' ela se retira de lá de cima "super feliz," com a sensação de quem saiu vitoriosa, e segura de que o imperador (e tudo o que ele representa) não existe mais. O sujeito reitera que sai "bem lá do alto, de onde ele estava lá em cima," isto é, para finalizar Vitória ocupa o lugar do imperador, e experimenta a sensação de se ter poder. Agora que ele já não mais existe, pode se sentir poderosa e com o controle da situação; a sensação de felicidade que a envolve é de quem ganhou uma batalha, de quem saiu vencedora. Vale salientar que ao lado disto, o seu discurso vem pontuado do início ao fim de um tom jocoso e burlesco, atribuindo à sua vingança requintes de um sadismo destilado.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Logo após ter sido proposto o encontro entre as imagens que para o sujeito representam o Ser feminino (a bailarina) e o Ser masculino (o imperador), Vitória assim se expressa:

Vitória: O imperador não existe mais!

Lucélia: E o que existe agora, nesse que seria o encontro entre o seu Ser feminino e o seu Ser masculino, nessa imagem? O que você visualiza?

Vitória: Bom! A bailarina continua! Ela já passou todas as etapas e está firme...

Lucélia: Hum... Firme e forte?

Vitória: Firme e forte! Inteirinha! Agora, o imperador se esborrachou no chão! Então, viria... o encontro dela... até pode ser no palco mesmo, mas com... com um Ser humano de valores verdadeiros, honesto, sincero!

Lucélia:Esse Ser humano, que você está dizendo se trata de um homem?

Vitória: É! De um homem! Seria assim... Um bailarino! Um bailarino homem!

Lucélia: Hum...

Vitória: É! Um bailarino... que devagarinho... ia começar a dançar ao lado dela...

Lucélia: Hum...

Vitória: Ia segurar a mão... E começar a fazer os passos junto com ela. Tem vários passos que ele não sabe!

Lucélia: Ah! Ele não sabe?

Vitória: Não! Mas ele vai aprender!

Lucélia: Hum...

Vitória: E tem alguns passos que ela não sabe! Daí ele vai ensinar prá ela!

Lucélia: Então, um vai aprender com o outro!!

Vitória: Vai!

Lucélia: Hum...

Vitória: Aí, cada um vai ter assim... um pouquinho de dificuldade para aprender o passo do outro, porque é diferente! Mas vai aprender!

Lucélia: Hum...

Vitória: Prá no final, os dois vão dançar juntos!

Lucélia: Sim! E eles estão em que fase?

Vitória: Do... treinamento! Do ensaio!

Lucélia: Do ensaio? Eles estão ainda aprendendo um o passo do outro? É isso?

Vitória: É! Eles estão ensaiando juntos. Porque os dela, ela sabe todos! Os dele, ele sabe. Mas ela não sabe todos os dele. Ela sabe alguns! E ele sabe alguns dos dela. Então, ele está ensinando prá ela os mais difíceis, e ela também está ensinando prá ele. Então, eles vão ensaiar juntos por algum tempo... Depois, que eles aprenderem direitinho, aí eles vão dançar juntos!

Lucélia: Ah! Aí eles vão dançar juntos? Com platéia e tudo? É assim?

Vitória: Com platéia e tudo! É! Porque daí a platéia vai ver que legal que ficou a dança dos dois!

Lucélia: Hum... Uma dança que eles tiveram que criar e harmonizar entre si? Que aprender cada um o passo do outro?

Vitória: Isso! É! Porque os dois não sabiam a dança completa. Sabiam uma parte. Então, a outra parte eles tiveram que ensaiar juntos!

Lucélia: Hum hum... Entendi!

Vitória: Mas no final a dança ficou muito bonita, foi legal... Deu certo!

Lucélia: Ah! Agora já acabou a fase do treinamento?

Vitória: Já estão... É! Já estão dançando!

Lucélia: Já estão dançando os dois juntos!

Vitória: Hum hum...

Lucélia: E deu certo?

Vitória: Deu certo! E assim... Deu tão certo, que no final parece assim, que a bailarina... Sabe quando você vai encaixando uma coisa assim na outra que vai... que penetra assim... e vira uma coisa só?

Lucélia: Sim!

Vitória: Assim... uma coisa vai encaixando assim na outra...

Lucélia: Na outra... e vira uma coisa só?

Vitória: É!

Lucélia: Hum... Foi assim que aconteceu com os dois?

Vitória: Foi! Foi assim!

Lucélia: Como você se sente observando os dois bailarinos?

Vitória: Muito feliz!

Lucélia: Muito feliz? E qual a mensagem que você deixa prá eles, Vitória?

Vitória: Prá eles serem persistentes, fortes! Acreditar muito! Ter muita fé assim... no futuro, que outras danças eles vão conseguir!

Lucélia: "Outras danças eles irão conseguir!"

Vitória: Irão juntos!

Lucélia: "Irão juntos para outras danças!"

Vitória: Hum hum...

Lucélia: "Tenham muita fé no futuro, que outras danças virão!" Hum hum... Acontece mais alguma coisa, Vitória?
Vitória: Não!

Lucélia: Sim! Então, eu gostaria que você fosse se despedindo desse casal de bailarinos que agora dança harmoniosamente, que se entenderam na sua nova dança...

3.1) Amplificação e interpretação

Ao ter sido proposta a situação de encontro entre o Ser feminino e o Ser masculino, o sujeito lembra que o imperador, o seu Ser masculino, já não mais existe, pois ele "se esborrachou no chão," isto é, está morto. Todavia a bailarina se mantém "firme e forte," pois ela passou por todas as etapas, e continua "interinha," isto é, preservada, completa, pronta para um novo desafio. O sujeito determina que o encontro pode ser no palco mesmo, mas com "um Ser humano de valores verdadeiros, honesto e sincero." Na verdade, trata-se de um homem, um bailarino, que, devagarinho começa a dançar ao lado dela, como que convidando-a para dançar consigo.

Observe-se que diante da proposta de encontro, para substituir o imperador, que foi 'morto' anteriormente pelo próprio sujeito, e personificava a face maléfica/demoníaca do poder masculino, Vitória procura "um ser humano de valores verdadeiros, honesto e sincero." Ou seja, um homem de boa índole, íntegro, em quem ela possa confiar, e com quem pudesse praticar a máxima já citada anteriormente: "Onde domina o poder não existe o amor, e que onde reina o amor o poder desaparece." Alguém do sexo oposto com quem ela pudesse executar a 'dança do amor,' e viver plenamente esta experiência sem correr o risco de ser aniquilada pelo poder demoníaco masculino.

Vitória relata então que o bailarino segura nas mãos da bailarina e começa a executar os passos junto com ela. Há vários passos que ele não sabe, mas está disposto a aprender. Por outro lado, existem passos que ela não sabe, mas que ele vai ensiná-la.

Assim, um irá aprender com o outro. A princípio cada um irá experimentar um pouco de dificuldade para aprender o passo um do outro, porque cada passo novo é diferente para o outro, mas ambos irão (querem) aprender. No final, ambos deverão dançar juntos. No momento, eles estão ainda na fase de ensaio e treinamento, isto é, estão aprendendo o passo um do outro.

Enquanto ambos estão tentando harmonizar a dança de um com a dança do outro, cada um tentando aprender os passos do outro que ainda não sabe, e sentindo uma certa dificuldade nisso por encontrarem-nos diferentes dos próprios passos, além disso, estão também tentando descobrir se possuem passos em comum, de forma a poderem compor uma coreografia coerente, harmoniosa, criativa e bela. Em outro plano, estão testando sua estrutura psíquica e xecando suas arestas a fim de investigarem se é possível um ajustamento enquanto homem e mulher, cada um conhecendo o outro nas suas similaridades e diferenças, tentando assimilar a dança do outro, na verdade, o jeito de ser masculino e feminino de cada um (a personalidade do outro enquanto homem e mulher). Além disso, enquanto um aprende o que não sabe com o outro, eles exercitam um tipo de relação de simetria, não hierarquizada, e negam o velho modelo das relações de poder institucionalizado pelo patriarcado, onde "a minha verdade é a única verdade realmente correta e legítima aos olhos de Deus, portanto, me sinto à vontade para impor minhas crenças, meus valores e meu modo de vida a quem estiver do meu lado!" (Sic)

O sujeito acrescenta que eles estão ensaiando juntos, porque os passos dela, ela sabe todos. Da mesma forma, os dele, ele também sabe. Mas na 'dança do ajustamento,' ela não sabe executar todos os passos dele, e nem ele tão pouco sabe todos os passos dela. Ambos sabem executar apenas alguns dos passos do outro. Então, ele está ensinando para ela seus passos mais difíceis, e ela, por sua vez, faz a mesma coisa. Eles vão ensaiar juntos por algum tempo, e depois que dominarem cada um a dança do outro, então irão dançar juntos diante de uma platéia. Assim, a platéia "verá como ficou legal a dança dos dois," diz o sujeito. Uma platéia que aprova o espetáculo neste caso representaria o reconhecimento público de que de fato, aquele casal de bailarinos funciona bem juntos, e não só é capaz de aprender um com o outro, como também de executar com harmonia a sua dança.

Esse jeito de funcionar enquanto bailarinos e enquanto homem e mulher encontra na dança um tipo de linguagem e um canal para a livre expressão, uma busca de uma dança nova que nasceu da tentativa de harmonizar o passo de um com o passo do outro, e do paciente aprendizado do que parecia ser o difícil e diferente passo do outro. Vitória reitera que ambos não sabiam executar a dança completa, mas apenas uma parte. Assim, a parte que faltava, eles tiveram que ensaiar juntos. Isto os forçou a se defrontarem e avaliarem suas possibilidades.

Quando finalmente completaram o treinamento, e dançaram juntos diante da platéia, "a dança ficou muito bonita!" "Deu certo!" Afirma Vitória com alegria e encantamento. Ela salienta que "deu tão certo..." (o ajustamento na dança foi tão perfeito...), que no final um parecia ir "se encaixando no outro," de forma a se interpenetrarem e "virarem uma coisa só," isto é, um ser híbrido, macho e fêmea.

A idéia do encaixe, da penetração e de tornarem-se "uma coisa só" é uma referência explícita ao ato sexual, expressão máxima do ajustamento entre homem e mulher (ou masculino e feminino) do ponto de vista físico/biológico, uma total e completa união dos opostos - para os alquimistas uma expressão da já citada *coniunctio oppositorum* - podendo ser transposta do plano físico para o psicológico.

Segundo JUNG (1987b) a *coniunctio* é uma imagem apriorística, e um arquétipo do funcionamento psíquico. Desde os primórdios ocupa um lugar da maior relevância no desenvolvimento do espírito humano. Remontando à sua origem, deriva de duas fontes: uma cristã e outra pagã. A fonte cristã é incontestavelmente o ensinamento do Cristo e da Igreja, o do esposo e esposa. A fonte pagã é o Hierosgamos por um lado, e, por outro, a união conjugal do místico com a divindade. Segundo SAMUELS *et al.* (1988) a *coniunctio* simboliza um padrão de relacionamento entre dois ou mais fatores inconscientes. Pelo fato da *coniunctio* simbolizar processos psíquicos, o renascimento e a transformação subseqüentes ocorrem dentro da psique. Como todos os arquétipos, a coniunctio representa dois polos de possibilidade: um positivo e outro negativo. Trazê-la à consciência significa a redenção de uma parte anteriormente inconsciente da personalidade (para o sujeito, supostamente conteúdos da sombra relacionados ao seu *animus*).

Vitória sente-se muito feliz e realizada observando os dois bailarinos. Este sentimento de felicidade e bem-estar provavelmente é resultante da união de opostos, que faz apaziguar conflitos internos, serena e gratifica o ego. A mensagem final que ela lhes deixa é para que sejam "persistentes, fortes!" "Que acreditem muito! Tenham muita fé no futuro, que outras danças eles vão conseguir! Irão juntos!" reitera. Agora que estão juntos, se tornaram ainda mais fortes, estão preparados para enfrentar qualquer desafio, e podem conseguir todas as 'danças' (projetos de vida) que desejam. O sujeito que iniciou o trabalho da figura feminina reiterando a sua força e a sua capacidade na consecução de seus objetivos, mas que na dança enquanto bailarina executou solitariamente a sua coreografia, obteve aquilo que estava faltando, isto é, um parceiro para sua dança, e com isso pôde proceder à redenção do *animus* negativo, recriando o elemento masculino de uma forma que atendesse às suas necessidades. Assim, partiu-se de uma relação de poder exercida como despotismo e tirania no quadro anterior para um outro modelo de relação de gênero, onde a figura masculina, agora em uma relação de simetria, tem o seu lado feminino mais fluente e acessível ao domínio consciente. Desta forma, o quadro está completo, nada lhe falta.

O trabalho de imaginação ativa cumpriu neste caso com a sua finalidade, isto é, o diálogo do consciente com o inconsciente, e uma elaboração interna decorrente disso.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 12: Ivone

1) Figura feminina

Enquanto estava sendo proferida a consigna o sujeito sofreu um forte ataque de tosse, para logo em seguida dizer as seguintes palavras:

Ivone: Uma imagem que vem na minha cabeça...

Lucélia: Hum...

Ivone: É aquele dia que eu tinha ido para um motel com o Patrício! (Tosse)

Lucélia: Hum... sim!

Ivone: Que uma hora eu dei um beijo nele, e falei que ele poderia ser o homem mais feliz do mundo se um dia... (pausa) ele não tivesse me deixado! Eu não sei por que, mas veio essa imagem (tosse forte).

Lucélia: Hum... o seu Ser feminino seria então... eu não entendi bem! Na imagem tem você e o seu marido no motel? É isto?

Ivone: Não é o meu marido!

Lucélia: Ah! Não é o seu marido?

Ivone: Não! É o Patrício!

Lucélia: Ah! É o outro?

Ivone: É! Foi o primeiro dia que eu saí com ele!

Lucélia: Hum...

Ivone: E eu não sei por que não sai essa... veio essa imagem na minha cabeça. Eu em cima dele falando que ele poderia ser o homem mais feliz do mundo...

Lucélia: Você em cima dele?

Ivone: Hum hum... se ele não tivesse um dia me deixado!

Lucélia: Se ele não tivesse um dia te deixado!

Ivone: Hum hum...

Lucélia: E vocês estavam transando? É isso?

Ivone: Estava!

Lucélia: Está certo! E ele te deixou quando?

Ivone: Quando nós namorávamos!

Lucélia: Ah! Vocês foram namorados! Hum... e me fala desse momento, dessa transa, dessa Ivone que está num motel com o Patrício, não é? Ele se chama Patrício! Como ela está se sentindo?

Ivone: Acho que fazendo aquilo que eu não fiz com quatorze anos, com quinze anos, que eu namorava ele!

Lucélia: Era a idade que você tinha? Quatorze, quinze anos?

Ivone: Hum hum... mas tinha... ao mesmo tempo tinha o meu marido o tempo inteiro junto, porque tinha remorso! Eu falei prá ele que eu era bem casada! Que eu era muito feliz!

Lucélia: Hum hum...

Ivone: E falei da mulher que ele tinha perdido! (Voz embargada)

Lucélia: Que era você?

Ivone: Hum hum... aí bateu o remorso nele. Depois, principalmente, bateu em mim também pelo que nós tínhamos feito! Mas na hora, o que vem agora no meu pensamento foi isso. Que eu falei prá ele: "Ah! Você não sabe como eu teria feito você feliz!" E ele era um homem infeliz, mas até essa hora eu não sabia!

Lucélia: Sim! Então, o seu Ser feminino é você ali transando com o Patrício?

Ivone: Acho que sim!

Lucélia: Acha que sim? Hum hum... e de onde você está observando essa cena?

Ivone: Onde... como?

Lucélia: Eu estou entendendo que esta é uma imagem! É uma imagem?

Ivone: É!

Lucélia: Tem uma Ivone que está lá transando com a pessoa que ela gosta, não é? E tem uma outra Ivone que estaria observando esta cena. Ou não? Está tudo junto, misturado prá você?

Ivone: Não! Eu acho que é uma pessoa só. Sou eu!

Lucélia: É você lá e pronto? Não tem nenhuma outra Ivone em nenhum outro ponto?

Ivone: Que eu estou vendo não!

Lucélia: Sim! Você diz a ele que se ele não tivesse lhe deixado, você teria feito dele o homem mais feliz do mundo. E o que acontece em seguida? Não se importe em ser fiel à realidade. Lembre-se que esta cena está acontecendo neste momento na sua imaginação!

Ivone: Agora, não sei se é o que aconteceu...

Lucélia: Hum...

Ivone: Em seguida desta cena...

Lucélia: O que vem à sua mente neste momento? Não pense muito não!

Ivone: Acho que veio... eu indo embora triste por causa do que eu fiz. Daquilo que estava acontecendo!
Lucélia: Você está indo embora triste?

Ivone: Estou!

Lucélia: Hum hum...

Ivone: Essa primeira cena não teve amor!

Lucélia: Não teve amor?

Ivone: Não! Essa primeira cena, acho que teve... tipo assim... aquela coisinha mesmo assim, que eu não pude fazer quando era nova, sabe? Hoje eu estou fazendo! Não que eu queria fazer, é que aconteceu para ser feita!

Lucélia: Não era bem o que você queria que acontecesse?

Ivone: Não! Não! Eu tive nojo de mim! Eu tive... nojo dele! Eu tive... não! Foi depois assim... dos arrependimentos, de começar a pensar no que nós erramos, que aí começou a ter amor, a ter as coisas. Mas esse dia foi doído! Não teve prazer! Não teve nada de gostoso!

Lucélia: Sim! Então, a Ivone vai embora triste?

Ivone: Hum hum...

Lucélia: Termina assim? Pensando no que ela tinha feito?

Ivone: Eu acho que sim!

Lucélia: Com esse gosto amargo, não é? Não foi gostoso, foi amargo.

Ivone: Foi!

Lucélia: Está bem! Acontece mais alguma coisa com essa imagem que representa que o seu Ser feminino?

Ivone: Não!

Lucélia: E a Ivone está indo embora sozinha?

Ivone: Não! Como que eu iria embora sozinha do motel?

Lucélia: Eu não sei! Eu estou te perguntando.

Ivone: Ele teve que me trazer, mas não teve muita conversa!

Lucélia: Não teve muita conversa?

Ivone: Eu só senti a tristeza no meu coração!

Lucélia: Sentiu a tristeza? Hum hum... então você vai embora acompanhada desta tristeza?

Ivone: É!

Lucélia: E você está sentindo agora esta tristeza?

Ivone: (Silêncio)

Lucélia: Hum hum... Está bom! Podemos fechar esta janela da sua imaginação?

Ivone: Pode!

Lucélia: Sim! Então imagine esta cena ficando cada vez menor, e você se afastando dela! Imagine a Ivone indo embora com a sua tristeza, se despedindo da pessoa com quem ela saiu...

1.1) Amplificação e interpretação

Tendo sido solicitado a Ivone uma imagem que representasse o seu Ser feminino, esta se refere a uma cena de sua história passada como sendo o primeiro conteúdo que lhe vem à mente após ouvir a consigna: ela está com o amante num quarto

de motel mantendo relações sexuais com ele pela primeira vez. Observe-se que o sujeito utiliza-se o tempo todo de imaginação reprodutora, visto que a cena é uma lembrança, uma recordação e não envolve o uso de imaginação criadora. Na cena Ivone beija Patrício e lhe diz que "ele poderia ter sido o homem mais feliz do mundo, se um dia ele não tivesse lhe deixado!" O sujeito, que teve um acesso de tosse enquanto estava sendo proferida a consigna, volta a tossir nesse momento. Esta frase parece ter uma carga de energia bastante grande, e corresponde a uma fantasia de amor romântico, fantasia idealizada e longamente acalentada, ao mesmo tempo que se depreende dela um tom de lamento e dor motivado por supostos sentimentos de abandono do sujeito, tendo com isso sido impedida a realização de um desejo de união carnal.

Ivone afirma que ignora porque esta imagem está tão viva e presente em sua memória ("não sai de sua cabeça"): ela deitada sobre ele (posição do coito) e dizendo as palavras citadas acima enquanto mantinham a relação sexual. Ivone explica que Patrício - seu amante - deixou-a na adolescência quando ambos ainda eram namorados. No momento do coito ela afirma que se sente fazendo aquilo que não fez na idade entre quatorze e quinze anos, quando então ambos eram namorados, isto é, estavam satisfazendo um desejo frustrado na juventude, tendo sido há muito reprimido, contido, aguardando doze anos em estado de latência. Ivone acrescenta que simultaneamente seu marido estava presente na cena o tempo todo, por isso não era possível deixar de sentir "remorso" (sentimento de culpa). Ela disse a Patrício que era "bem casada," e que era "muito feliz" (o que é questionável, tomando por base os dados da entrevista semi-dirigida), e com a voz embargada falou também a ele "da mulher que ele havia perdido". Isto sugere um sentimento de perda ante uma fantasia de felicidade nirvânica apenas pressentida, pois se trata de uma situação não vivida no passado, e que se tornou irremediável no presente porque as escolhas já haviam sido feitas, o que acentua ainda mais o caráter da perda. O sujeito reitera o grande "remorso" - sentimento de culpa - que invadiu a ambos pelo ato que haviam praticado conjuntamente, o adultério.

Ivone acentua ao amante as seguintes palavras: "Você não sabe como eu teria feito você feliz!" Sendo que ele era um homem infeliz no casamento, e ela não sabia (havia uma comunicação télica operando num nível de co-inconsciente). O sujeito

demonstra aqui a onipotência dos amantes, que se sentem plenamente responsáveis pela felicidade do outro, como se fossem capazes de suprir todas as suas lacunas internas e externas, e satisfazer todas as suas necessidades emocionais. Ao mesmo tempo o lamento pela perda e pelo irremediável - o desejo não realizado na juventude - continua sendo o tom dominante.

Inquirida sobre o seu Ser feminino, o sujeito concorda sem muita convicção que talvez seja ela própria mantendo relações sexuais com o amante. Talvez a expressão máxima da feminilidade para Ivone, e cuja imagem tenha se tornado tão catexizada quanto uma idéia obsessiva em sua imperiosa manifestação, seja a satisfação de um desejo sexual contido desde a adolescência (por isso mesmo, idealizado), mas vivido com intensos sentimentos de culpa em uma experiência do adultério. Além disso, o sujeito não consegue utilizar-se do recurso do 'espelho,' isto é, visualizar a cena à distância no papel de observadora, estando o ato de observar e protagonizar a cena fundidos numa só pessoa e num único momento, o que demonstra que o sujeito parece ter uma reduzida capacidade de simbolização e fantasia, fazendo quase nenhum uso do raciocínio abstrato. Não há nenhuma outra Ivone em nenhum outro ponto observando a cena, afirma ela. Evidencia-se assim, que o sujeito não consegue transpor os limites que o próprio ego lhe impõe, estando muito fixado ao nível da realidade concreta.

Apesar da pesquisadora salientar que não era necessário ser fiel à realidade, e que, muito pelo contrário este era um exercício de imaginação e fantasia, o sujeito, contudo, não consegue deixar de se preocupar em reproduzir suas lembranças, tal como aconteceram no passado.

Finalmente, Ivone relata que vai embora "triste pelo que havia feito," isto é, ela entristeceu-se pela culpa resultante do ato de adultério cometido. O sujeito afirma que nesta primeira vez não houve "amor," mas apenas e tão somente a satisfação de um desejo através do ato sexual, segundo ela um ato puramente instintivo, cuja realização foi impedida na juventude em decorrência da interrupção do namoro. O ponto nevrálgico da questão parece ter sido o fato do desejo sexual - e de todas as fantasias que o envolvem - não ter sido satisfeito no passado, sendo que repentina e magicamente o momento

presente lhe oferece a chance de fazer isto. Não que ela houvesse buscado, simplesmente as circunstâncias propiciaram isto, afirma o sujeito.

Ivone confessa que sentiu "nojo" de si mesma, e também "nojo" do amante. Na verdade, o ato de "trair" seu marido (que é indizível, a palavra não tendo sido verbalizada em momento algum) era repugnante perante os seus valores morais, éticos e religiosos, tendo sido a sensação visceral do nojo, provavelmente desencadeada em seus componentes psico-fisiológicos por avassaladores sentimentos de culpa. Somente após o sincero arrependimento de ambos: "Depois de começar a pensar no que nós erramos", diz ela, é que num ato de contrição e expiação do pecado, pôde florescer algum sentimento positivo. Assim, o amor só teve lugar para nascer na relação quando foi expiada a culpa, pois o ato em si era por demais abjeto, e supostamente inaceitável para os padrões morais de ambos. O sujeito afirma que essa primeira vez foi uma experiência dolorosa; não houve prazer, nem tão pouco nada de gostoso ou prazeroso 'assim como deveria ser,' visto que ambos precisavam se auto-punirem e expiarem o seu pecado.

Corroborando e demonstrando mais uma vez o fato de ser totalmente alheia a recursos de imaginação criadora, Ivone estranha ter sido questionada "se estaria indo embora sozinha do motel." Ela estava usando de imaginação reprodutora, e portanto, estava sendo fiel aos dados de realidade e às situações concretas. Assim, o sujeito não consegue atinar como isto seria possível, e explica que Patrício a trouxe de volta, acrescentando que no referido percurso não houve "muita conversa," pois ela "só sentiu a tristeza no seu coração!" Ivone vai embora em estado de profunda solidão, acompanhada da tristeza, visto que não podia sentir alegria ou prazer. A realização de um desejo e um sonho do passado, apesar de ter sido pintada com as cores douradas do amor romântico, constituindo-se em uma imagem altamente catexizada, perdeu todo o brilho e legitimidade face às circunstâncias em que isto se deu.

Restou a vivência culposa de um feminino sedutor, uma sexualidade exuberante, mas com potência para ferir e causar dano a um masculino incauto. Logo, a noção que persistiu foi a do feminino mau, por estar vinculado a uma sexualidade abrasadora, que ao mesmo tempo que conduz às loucuras da paixão, também queima e destrói.

2) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando uma imagem relativa ao Ser masculino, o sujeito assim se manifesta:

Ivone: Veio eu enchendo um filtro d'água de lá do SOS! (Riso). Não sei por que, mas veio essa cena.

Lucélia: Você está enchendo um filtro de água...?

Ivone: É! Em cima da cadeira, enchendo aquele filtro do canto da pia de água!

Lucélia: Ah! E o que você pensa enquanto você faz isso? Enquanto você enche o filtro de água?

Ivone: Não sei! Eu sei que estava vazio. Eu estava pegando o caneco e enchendo ele!

Lucélia: Meio que automaticamente?

Ivone: É! Como se fosse... meu lado masculino fosse assim... a água! Talvez fosse isso. Alguém tem de fazer prá poder ter prá beber, né?

Lucélia: Como é?

Ivone: Alguém tem de colocar a água lá prá poder ter água filtrada!

Lucélia: Ah, sim!

Ivone: Uma coisa assim, o lado masculino. Uma coisa boa que eu estava fazendo!

Lucélia: Hum... você estava cuidando para que as pessoas tivessem água filtrada para beber?

Ivone: É uma coisa assim. Hum hum... eu me vi ali!

Lucélia: Enchendo o filtro de água?

Ivone: Hum hum...

Lucélia: E esse filtro, ele conversa com você? (Você sabe que você pode conversar com a imagem). Você conversa com ele? Como você se relaciona com esse filtro?

Ivone: Com carinho!

Lucélia: Com carinho?

Ivone: É! Depois que está limpinho, sabe? Você lava... está limpinho! Parece que ele está feliz daquela água clarinha. Dentro das velas dele é limpinho!

Lucélia: Quem que está feliz?

Ivone: O filtro! Feliz de estar limpinho!

Lucélia: Ele está limpinho, com a água clarinha?

Ivone: É! Bem lavadinho! Aquela água clarinha entrando dentro dele!

Lucélia: Ele está feliz com a água clarinha entrando dentro dele! E você, como se sente?

Ivone: Eu também estou feliz!

Lucélia: Hum... feliz porque você pôde cuidar dele? Cuidar para que ele ficasse limpinho?

Ivone: É!

Lucélia: Então existe uma relação de carinho ali entre você e ele?

Ivone: Existe!

Lucélia: Mas não existem palavras?

Ivone: Não!

Lucélia: Hum hum... e acontece mais alguma coisa com esta imagem?

Ivone: Não!

Lucélia: Não? É só isso? É apenas um "flash"?

Ivone: Só! Hum hum...

Lucélia: E você sabe dizer do que esse filtro já viu e já ouviu? Das histórias que ele tem para contar?

Ivone: Esse filtro mais sabe do que nós duas juntas! Porque realmente quanta coisa não passou ali naquele cantinho da pia do SOS!

Lucélia: Enquanto você está ali limpando, cuidando dele, tem alguma coisa de especial que lhe surge nesse momento? Algo que ele possa lhe contar?

Ivone: Não! Eu vejo ele e vejo o filtro de água também da oficina. Agora, porquê eu não sei!

Lucélia: Ah! Tem também outro filtro de água?

Ivone: É! Só que o da oficina não é de barro! É com aquele galão em cima, de água comprada! Aquela água é ruim!

Lucélia: Sei! E este você não precisa limpar?

Ivone: Não! Eu lavo embaixo de vez em quando, mas só que com o galão não precisa filtrar a água.

Lucélia: Sim! Exatamente! Não precisa!

Ivone: Aí, eu vejo assim... aquele frasco azulzinho! E eu vejo o outro, o de barro!

Lucélia: Hum hum... o de barro? E você tem mais carinho pelo de barro? É isso?

Ivone: Não sei! Acho que os dois são a mesma coisa. O conteúdo que tem nos filtros, a água, as duas são limpinhas! São bonitas! Só que o de barro é mais trabalhosa porque já não vem...

Lucélia: Não vem limpa? Precisa ser purificada?

Ivone: É! Precisa ser filtrada!

Lucélia: Tem que ser filtrada. Mas o produto final é esse? A água fica limpa, fica clara?

Ivone: É!

Lucélia: Hum hum... a água é um produto precioso?

Ivone: Hum hum...

Lucélia: A água limpa? Especialmente a água limpa?

Ivone: É!

Lucélia: Sim! E essa é a função do filtro: limpar a água, depurar a água. Está bem! Acontece mais alguma coisa?

Ivone: Não!

Lucélia: Então, procure ir se despedindo dessa imagem, desse filtro, para que possamos fechar essa janela da sua imaginação....

2.1) Amplificação e interpretação

Curiosamente o sujeito se refere a uma imagem de si mesma "enchendo um filtro d'água" na instituição em que trabalhou há alguns anos atrás (o SOS/Ação-Mulher e Família), como a primeira que lhe vem à mente após ter sido proferida a consigna referente ao Ser masculino. Assim como no quadro anterior esta imagem foi evocada a partir de uma lembrança, um fato ocorrido no passado, e envolve portanto, imaginação reprodutora. Na imagem Ivone está sobre uma cadeira enchendo o filtro, que é de barro e se situa acima da pia, no alto de um canto da parede. Ivone parece fazer isso automaticamente como quem cumpre uma função rotineira: ela sabe que o filtro está vazio, então apanha o caneco e reabastece-o com água. "Alguém tem que fazer para poder ter para beber," diz ela, referindo-se à sua iniciativa de cuidar para que a água seja filtrada.

Ao mesmo tempo, confusa, tenta explicar que seu lado masculino talvez fosse a água, ou ainda a "boa ação" que estaria realizando, pois ao reabastecer o filtro de água, estaria cuidando do bem-estar de todos, de forma que as pessoas do lugar tivessem disponível água filtrada para beber.

Ivone afirma que se relaciona com o filtro com carinho: "Depois que você lava... está limpinho! Parece que ele está feliz daquela água clarinha... dentro das velas dele é limpinho!" O sujeito explica que "o filtro se sente feliz" por estar "limpinho, bem lavadinho," com aquela água clarinha entrando dentro dele. Ela própria admite que está feliz também. Nota-se uma especial preocupação do sujeito em manter o filtro "limpinho" e a água "clarinha," ísto é, uma preocupação geral em estar eliminando as impurezas, e como ela se sente satisfeita e até orgulhosa por ter favorecido isto.

Provavelmente a 'felicidade' do filtro nada mais é do que uma projeção dos sentimentos de bem-estar e prazer do próprio sujeito, enquanto está se ativando a filtragem da água, libertando-a de suas impurezas. Supostamente seja terapêutico para Ivone cuidar da purificação e da depuração da água, tendo sua ansiedade aplacada, pois desta forma estaria também se depurando de sua própria 'sujeira' interior, isto é, estaria se redimindo de seus pecados no amor.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) uma sindicância conduzida por Jules Gritti, em 1976, para o Centro de pesquisas sobre a informação e a comunicação, e destinada a preparar uma campanha em prol da depuração e regeneração da água, revelou a persistência da "simbólica da água" entre os habitantes das cidades e aldeias. A água poluída infunde horror, pois associa-se à sujeira, imundície, doença, morte: "A poluição é o câncer da água." Todos vêem na água o elemento vital primordial: fonte de vida, tão necessária quanto o sol. O autor da pesquisa em suas conclusões observou que símbolos fundamentais persistem no coração e na imaginação das pessoas, na mentalidade coletiva.

Correlacionando a sujeira da água aos pecados do amor, pode-se evocar o quadro anterior (figura feminina) quando Ivone vai para o motel com o amante, e citar CIRLOT (1984) para quem o filtro simboliza a fatalidade do amor. Assim, "quem bebe do filtro já não pode manter as regras feudais nem os deveres de sua situação, e pode até mesmo por esta fatalidade ser empurrado para a morte, como no caso de Tristão" (p.254). Assim, ao beber do 'filtro proibido,' o sujeito cometeu o ato de adultério, e acabou se consumindo pela tristeza e por intensos sentimentos de culpa (e ainda cometeu tentativa de suicídio, dado obtido informalmente no aquecimento que antecedeu a coleta-de-

dados). Desta forma, a simbologia do filtro tem esta dupla conotação: ao mesmo tempo que corrompe e leva à perdição (se a água é contaminada), também limpa e purifica a alma.

Retomando a questão da água, suas significações simbólicas podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. Examinando mais detidamente a temática da água como um instrumento de purificação ritual, ela é usada do Islã ao Japão, passando pelos ritos dos antigos "fu-chuel" taoístas (senhores da água benta), sem esquecer a aspersão dos cristãos e a ablução, que tem papel essencial. "A natureza da água leva-a à pureza," escreve Wan-tse. Ela é, ensina Lao-tse, o emblema da "suprema Virtude" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Todavia, se por um lado a água simboliza a pureza e é empregada como instrumento de purificação, por outro lado a perversão se acha figurada pela água misturada à terra (desejo terrestre) ou pela água estagnada que perdeu suas propriedades purificadoras: o limo, a lama, o pântano.

Continuando com os relatos do sujeito, apesar de existir uma relação de carinho deste para com o filtro, não há uma comunicação verbal. Ivone afirma que nada mais acontece à imagem, logo, terminaria aí. Todavia, tentou-se investigar possíveis conteúdos não revelados: coisas que o filtro já 'viu' e 'ouviu' naquele cantinho de pia, ou alguma coisa especial que lhe ocorra enquanto limpa o filtro, e que ela possa relatar.

O sujeito então acrescenta que vê o filtro de barro do SOS, mas que também vê o filtro da oficina mecânica em que trabalha com o marido. Todavia, este último não é de barro, mas do tipo daquele "galão azul de água comprada" (água mineral) que é colocado sobre um suporte. Enquanto o filtro de barro é um produto fabricado artesanalmente, o barro remontando à natureza bruta, e proveniente das entranhas da terra, o galão de plástico azul é fabricado em escala industrial pelo homem. Então, poderia-se dizer que enquanto um filtro fornece "água natural," o outro fornece "água artificial," o que explicaria a afirmação de Ivone de que a água do galão de plástico azul é ruim. Esta água tem uma particularidade muito significativa, a de que ela não precisa ser filtrada, bastando lavar embaixo ocasionalmente, talvez por isso, sua

qualidade seja comprometida aos olhos do sujeito. Ivone vê alternadamente o frasco "azulzinho," e "o outro, o de barro." Ela afirma que os dois são a mesma coisa, tentando com isso justificar porque não teria mais carinho pelo filtro de barro. O conteúdo de ambos, a água, é "limpinho" tanto no filtro de barro quanto no frasco azulzinho, reconsidera ela; "ambas são bonitas," todavia, a água obtida do filtro de barro decorre de um processo mais laborioso: a filtragem (e talvez por isso, mais valorizada) visto que ela não vem purificada. O produto final todavia é uma água limpa e translúcida.

Esta comparação entre os dois filtros, na verdade, pode ocultar algo mais profundo. Pode-se aventar a hipótese (fundamentada por comentários do próprio sujeito posteriores ao trabalho de imaginação) de que o filtro representaria na verdade o Ser masculino, sendo que a alternância das imagens dos dois filtros, o de barro e o galão azul, simbolizaria os dois homens com os quais Ivone está envolvida no momento: o amante e o marido, respectivamente, expressando assim toda a dualidade do conflito. Enquanto o filtro de barro condensa em si toda a ambigüidade do amor - ao mesmo tempo que é natural, rústico e encantador, traz também em si a força magnética das energias telúricas, precisando por isso ser purificado - o galão de plástico azul contém uma água comercializável e socialmente aceita, portanto, uma expressão do *status quo* que condensa em si todos os atributos socialmente aprovados do amor 'bem comportado.' O ato de reabastecer o filtro para que a água seja filtrada e purificada demonstra um trabalho de elaboração do conflito e uma reparação dos supostos danos provocados por este seu duplo envolvimento.

A água é um produto precioso, especialmente a água limpa (potável), pois é fonte de vida e saúde. O filtro, como um instrumento de purificação da água torna-se essencial e indispensável nesse processo de complementaridade, pois, ao tornar a água pura e cristalina, devolve ao amor a sua legitimidade e a sua pureza, assim como a possibilidade de exercer uma sexualidade sem culpas.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Enquanto estava sendo proposta a situação de encontro entre o Ser feminino e o Ser masculino, o sujeito sofreu outro forte ataque de tosse. Em seguida, afirmou que não havia entendido, e ainda, após alguma dificuldade de compreensão da consigna proferiu as seguintes palavras:

Ivone: A imagem que eu tenho desde quando você começou a falar é de mim na igreja, cantando, louvando, estando feliz! Esse tipo de coisa assim. Um Ser só!

Lucélia: Um Ser só!

Ivone: É! Mas contente!

Lucélia: Contente?

Ivone: É! Contente! Buscando uma coisa muito importante, e se sentindo muito feliz! Muito vencedora! Sabe assim? Uma coisa que me faz muito forte, que é Deus!

Lucélia: Hum hum...

Ivone: E quando você falou Ser masculino, eu vejo meu marido também no mesmo papel que eu dentro da igreja, cantando, sendo feliz e contente!

Lucélia: É o seu marido que está na igreja com você? Dá prá ver isso?

Ivone: É ele que vai para a igreja comigo!

Lucélia: Sim! Ele está ali do seu lado na igreja, ambos estão cantando, e você está muito contente?

Ivone: Estou!

Lucélia: E esta imagem representa o encontro do seu Ser feminino com o seu Ser masculino?

Ivone: É!

Lucélia: É isso mesmo?

Ivone: É assim que eu vejo.

Lucélia: Está certo! E você está ali louvando a Deus?

Ivone: Hum hum...

Lucélia: Sim! E o que você diz a Deus através do seu louvor?

Ivone: Eu gosto quando eu canto. Canto bastante! E quando a gente canta, todo mundo se torna uma pessoa só, a bem dizer. Porque o objetivo é o mesmo, é chegar até Deus! Então é aquela coisa que vem. Do jeito que passa pelo meu coração, passa pelo dele também!

Lucélia: E todos se tornam uma pessoa só?

Ivone: Uma só carne! Uma coisa assim muito forte! Uma coisa muito gostosa! Uma coisa assim, você sai, sabe, como se estivesse nas nuvens. Porque o amor de Deus é uma coisa muito, muito boa! Então eu acho que é esse amor, que faz de mim mulher quando eu tenho que ser mulher! Sensível, bonita, gostosa! (Ênfase) Feliz! E faz de mim, quando eu tenho de lutar, uma pessoa forte. E saber que eu sou vencedora, que eu vou vencer e que eu tenho a capacidade disso!

Lucélia: Hum... é o amor de Deus que faz tudo isso? Que lhe dá toda essa força?

Ivone: É!

Lucélia: E as palavras que você tem para com Deus são o seu próprio canto?

Ivone: É! Eu gosto de cantar! Eu louvo ele também. Falo tanto que ele é importante na minha vida! Eu gosto das músicas também. Eu gosto de ouvir a pregação que tem prá falar. Tudo o que o pastor fala, quando eu tenho um problema, eu já chego em casa, e falo: "Eu quero a resposta disso hoje!" Realmente eu chego na igreja, aquilo que eu pedi, eu tenho em troca! Eu recebo!

Lucélia: Hum hum...

Ivone: Então é assim, eu vejo.

Lucélia: E você está na igreja cantando juntamente com o seu marido?

Ivone: Hum hum...

Lucélia: E ambos são uma só carne diante de Deus? É isso?

Ivone: É! Uma coisa só!

Lucélia: Hum hum... e a sua alegria, o seu êxtase está em cantar?

Ivone: É! Apesar de eu não ter voz, mas eu gosto de cantar.

Lucélia: Sim! Haveria mais alguma coisa nesse encontro?

Ivone: Não!

Lucélia: Está bem! Então, visualize esta cena, esta imagem, e vá se despedindo lentamente de tudo isso....

3.1) Amplificação e interpretação

Ao ter sido proposto o encontro entre o Ser feminino e o Ser masculino, o sujeito apresentou a princípio uma dificuldade de compreensão quanto ao que estava sendo solicitado. Quando finalmente conseguiu entender, Ivone então afirmou que assim que a pesquisadora havia iniciado a consigna, visualizou uma imagem sua na igreja em que costuma freqüentar, cantando e louvando a Deus juntamente com outros fiéis, todos como se fossem um único Ser, situação em que está muito contente. Ali, Ivone diz estar

em busca de uma coisa importante, e se sentindo "muito feliz e vencedora." Ela ressalta que "Deus a faz sentir-se muito forte."

Todavia, o Ser masculino nesta imagem é o próprio marido de Ivone, que está ao seu lado na igreja "cantando, sendo feliz e contente," desempenhando desta forma o mesmo papel que ela. Ambos, ao fazerem "o que tem que ser feito," manifestando a sua felicidade e alegria através do canto, agem em conformidade com um outro "script" mais amplo: ele desempenhando o papel de contra-parte dela diante de Deus, e ela, o de esposa dedicada e fiel, resultando em última instância no fortalecimento do vínculo do casal, e dos laços para com Deus.

Ivone está ali "louvando" a Deus. Ela afirma que sente prazer quando canta. Acrescenta que costuma cantar bastante, apesar de não ter uma boa voz. E quando todos cantam "todo mundo se torna uma pessoa só!", diz ela. Porque todos estão unidos pelo mesmo objetivo: chegar até Deus. Assim, a mesma energia e os mesmos anseios que passam pelo "coração" dela (por coração entenda-se psique), passam pelo dele também. E todos se tornam "uma só carne." Ivone ressalta ainda que gosta das músicas que são cantadas nos cultos, e de ouvir as pregações. Ela costuma reassegurar com freqüência a importância de Deus em sua vida. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o canto é o símbolo da palavra que une a potência criadora à sua criação, no momento em que esta última reconhece sua dependência de criatura, exprimindo-a na alegria, na adoração ou na imploração. É o sopro da criatura a responder ao sopro do criador.

Ivone afirma que o seu laço com Deus é não só muito forte, como também uma experiência muito prazerosa para si. Algo que a eleva de sua condição de ser ctoniano - isto é, sujeito às súbitas e imprevisíveis influências dos subterrâneos da terra, que ameaçam desvelar seu caráter noturno enquanto esposa e mãe - e exalta o seu espírito de uma forma que ao sair, sente-se "nas nuvens," isto é, confirmada em seus ideais mais elevados. Nesse sentido o amor de Deus é "uma coisa muito boa," reitera ela, e também muito conveniente, pois a protege de todo o perigo. Assim, Ivone projeta no amor de Deus, a fonte de toda a sua força e dos seus recursos positivos: "É esse amor que faz de mim mulher, quando eu tenho que ser mulher! Sensível, bonita, gostosa! Feliz! E faz de mim, quando eu tenho que lutar, uma pessoa forte. E saber que eu sou vencedora,

que eu vou vencer, e que eu tenho a capacidade disso!" Além disso, a crença no amor de Deus reassegura e corrobora sua confiança em si e reflete positivamente em sua auto-estima, levando-a a funcionar em níveis de potência plena.

O sujeito expressa seu conhecimento imediato e intuitivo de união com Deus e o próximo (sentido de unidade) ao reiterar que na igreja são todos "uma só carne" diante de Deus, "uma coisa só!"

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) Deus é e simboliza o Um, para o qual tendem todas as manifestações, a Vida, na qual se realiza toda vida. Todos os seres aparentes e sensíveis da natureza são participações do Ser: da mesma forma, todos os mistérios da "vida da graça" são para os crentes, participações na mesma natureza de Deus. DIEL* afirma que "as divindades simbolizam as qualidades idealizadas do homem" (p. 333). A expansão destas qualidades é acompanhada de alegria (tal como ocorreu com Ivone); sua destruição gera a angústia, a inibição, a impotência, o tormento. O mito, para exteriorizar essa luta interior, mostra o homem pelejando contra monstros, símbolos das inclinações perversas. As divindades são imaginadas ajudando o homem ou fornecendo-lhe armas. Mas o que vem de fato em socorro do homem são as suas próprias qualidades (simbolizadas pela divindade auxiliadora e pelas armas emprestadas pelas divindades). No plano dos conflitos da alma a vitória se deve à força inerente ao ser humano, reitera o autor.

JOÃO,** referindo-se ao amor de Deus afirma:

> "Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor... Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em Ele nos ter amado e enviado seu Filho, vítima de expiação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus assim nos amou, também nós nos devemos amar uns aos outros... E nós havemos conhecido e acreditado no amor que Deus tem para conosco. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele..." (p. 92).

---

* DIEL *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

** JOÃO apud JUNG, C.G. - Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** Petrópolis, Editora Vozes, 1990, vol. XIV, t. 2. 429 p.

Mostrando que está com Ele (ou no amor Dele), o sujeito relata que tem o hábito de dialogar com Deus. Em casa sempre que está com um problema, costuma pedir a Deus: "Eu quero a resposta disso hoje!" Mais tarde, na igreja, infalivelmente recebe a resposta esperada.

Ivone parece ter solucionado desta forma o grande conflito que a consumia - a experiência do adultério - explicitado no quadro referente à figura feminina, e que teve sua continuidade no trabalho de elaboração veiculado pela imagem do filtro (figura masculina). Nesta terceira situação, ela reassegurou-se e retomou o caminho de Deus, através da redenção do pecado e da sublimação do instinto, atendo-se desta forma ao aprovado socialmente.

Segundo CUSANUS* a divindade é uma totalidade que reúne em si os opostos - *coincidentia oppositorum* - e deste modo, embora não elimine o conflito, pelo menos o abranda. Todavia, Deus se mantém ao mesmo tempo acima dos opostos. O ser humano é uma analogia de Deus, visto que o homem é Deus, mas não de um modo absoluto, pois é homem. Logo, ele é Deus humanamente. O homem também é o cosmo, mas não em todos os aspectos, pois é homem. Logo, ele é um microcosmo. Daí decorre a *complexio oppositorum* como uma possibilidade, bem como um dever ético: nessas regiões profundas todo o esforço do espírito humano deveria tender a elevar-se àquela simplicidade onde todos os opostos coincidem.

Por outro lado, JUNG (1987a) afirma que a repressão dos instintos conduz à formação de sucedâneos religiosos, ao chamado e já citado "amor a Deus," no qual só um cego é incapaz de ver as características sexuais. Existe aí um fator de "extensidade psicológica," lembrando que o conceito de "extensidade de energia" refere-se a uma quantidade de energia que se acha vinculada a uma determinada estrutura, e não pode ser transferida para uma outra, sem que haja transferência de partes da primeira. Desta forma, a libido não abandona uma estrutura com pura intensidade nem passa para uma outra, de modo completo, mas transfere os caracteres da antiga função para a nova. Por exemplo, a quantidade de libido de uma determinada forma sexual passa para uma outra

* CUSANUS, N. *apud* JUNG, C.G. - Ab-reação, análise dos sonhos, transferência. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** Petrópolis, Editora Vozes, 1987b, vol. XVI, t. 2. 220 p.

estrutura, levando consigo as particularidades de sua antiga aplicação. Neste caso, se é tentado a pensar que o dinamismo da nova estrutura é também de natureza sexual. "Qualquer mudança de estado nada mais é do que uma sublimação das antigas substâncias básicas e, conseqüentemente, uma expressão inapropriada deste mesmo antigo fato" (JUNG, 1987a, p. 20-1).

Refletindo sobre o drama do sujeito, ao ter abdicado de sua explosiva paixão, Ivone deslocou então uma substancial carga dessa energia para Deus, cujo amor projetado e idealizado é convenientemente restabelecido e reassegurado. Desta forma ela agora não corre mais riscos de ter conspurcada sua auto-imagem, seu auto-conceito, nem tão pouco de ter sua imagem denegrida perante o meio, e vir a perder a consideração de pessoas de cujo afeto e aprovação depende e necessita.

4.2.2) Casos de homens

CASO nº 1: ALDO

1) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna o sujeito assim se manifesta:

Aldo: É uma imagem...

Lucélia: É uma imagem...

Aldo: Minha...

Lucélia: Sua?

Aldo: Quando criança...

Lucélia: Quando criança. Hum hum...

Aldo: Fazendo xixi!

Lucélia: Fazendo xixi! Sim! Continue!

Aldo: Em pé!

Lucélia: De pé...

Aldo: E mostrando que eu estou fazendo xixi!

Lucélia: Mostrando que está fazendo xixi. E para quem você mostra?

Aldo: Para as primas... para os primos da mesma idade!

Lucélia: Ah! Às primas e primos da mesma idade. Que idade tem o menino?

Aldo: Cinco, seis anos!

Lucélia: Cinco, seis anos. Hum hum... E o que diz ele?

Aldo: Nada! Ele sorri!

Lucélia: Sorri? E as crianças que estão observando?

Aldo: Também sorriem!

Lucélia: Também sorriem? Hum hum... E você? O Aldo adulto, de que ponto está observando essa cena?

Aldo: Observando de fora a uma certa distância.

Lucélia: O menino te vê?

Aldo: Não!

Lucélia: E você tenta se aproximar? Chegar mais perto?

Aldo: Não!

Lucélia: Também não? Tenta conversar com ele à distância?

Aldo: Não!

Lucélia: Você apenas observa?

Aldo: Entendo essa cena!

Lucélia: Como?

Aldo: Entendo a intenção da cena!

Lucélia: Entende a intenção. A intenção da cena, qual é?

Aldo: Mostrar que as meninas não fazem xixi de pé!

Lucélia: Ah! Mostrar que as meninas não fazem xixi de pé! Hum... Só os meninos (ênfase) podem fazer isso!

Aldo: Só!

Lucélia: Ah! Como está se sentindo o garotinho de cinco anos fazendo xixi de pé?

Aldo: Feliz!

Lucélia: Feliz! Orgulhoso?

Aldo: Sim!

Lucélia: Hum hum... Naquele grupo existem meninos e meninas, é isso?

Aldo: Meninos e meninas!

Lucélia: Meninos e meninas. Hum hum... O que diz o grupo?

Aldo: Sorri!

Lucélia: Ah, sim! Você disse que o grupo apenas sorri. Hum hum... E o menino está contente, está feliz...

Aldo: Sim!

Lucélia: Está bem! É isso ou acontece mais alguma coisa?

Aldo: Só isso!

Lucélia: Só isso! Então, procure ir se despedindo da imagem deste menino, visualize-a ficando cada vez menor, para que possamos fechar esta janela da sua imaginação...

1.1) Amplificação e interpretação

O sujeito se refere à imagem do Ser masculino como sendo ele próprio criança, entre os cinco e os seis anos de idade. Ele está "fazendo xixi de pé," e mostrando isso para um grupo heterogêneo de meninos e meninas, primas e primos da mesma idade. O menino sorri, sentindo-se feliz e orgulhoso de sua façanha, e as outras crianças também sorriem. Para o sujeito a intenção explícita do menino é "mostrar que as meninas não fazem xixi de pé!" Só os meninos podem fazer isso.

Supostamente o ato de "fazer xixi de pé" é para o menino a sua façanha maior e a sua marca de originalidade. Isto, além de refletir seu interesse narcísico pelos órgãos genitais revela um privilégio masculino que não só o distingue como também o coloca numa posição de superioridade em relação às meninas, cuja constituição anatômica não lhes possibilita isso. Assim, num atestado público de sua identidade sexual, o menino ostenta orgulhoso sua habilidade especial e exclusiva num ato de inocente exibicionismo infantil, mas verdadeiramente afirmativo de sua virilidade junto ao seu grupo social, constituído por meninos e meninas da mesma faixa etária. Ou seja, ao invés de se constituir simplesmente numa peculiaridade e um elemento de distinção entre os sexos, quando se estabelece a diferença, também fica declarada a inferioridade e a incapacidade feminina, já que por uma questão de pura anatomia a posição 'sentado' ou 'de cócoras' é a que se mostra mais confortável para as meninas urinarem. O menino ostenta seu pênis de pé como prova de sua virilidade e de sua superioridade e se sente feliz e orgulhoso por isso, sendo que o fato de urinar diante de uma platéia parece ser um elemento adicional para ele bastante prazeroso. A comunicação entre o menino e o grupo não se processa por palavras, mas através de sorrisos mútuos (comunicação não verbal), o que se por um lado sugere a malícia ingênua da criança, por outro lado demonstra cumplicidade.

FREUD (1987b) referindo-se ao significado (importância) do pênis para o menino, afirma que essa parte do corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações, ocupa o interesse deste em alto grau, de forma que constantemente estabelece novas tarefas ao seu instinto de pesquisa. Ele quer vê-la também em outras pessoas, de modo a poder compará-la com a sua, e comporta-se como se tivesse uma

vaga idéia de que esse órgão poderia e deveria ser maior. A força impulsiva que essa porção masculina do corpo desenvolverá posteriormente na puberdade, expressa-se nesse período da vida sobretudo como premência a investigar, como curiosidade sexual. Asssim, muitos dos atos de exibicionismo e agressão cometidos pelas crianças demonstram, na verdade, ser experimentos empreendidos a serviços da pesquisa sexual. No decurso dessas pesquisas o menino chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as crianças que a ele se assemelham. Uma visão acidental dos órgãos genitais de uma irmãzinha ou companheira de brinquedo proporciona a ocasião para essa descoberta. Em crianças inusitadamente inteligentes, a observação de meninas urinando terá despertado, mais cedo ainda, a suspeita de que existe aqui algo diferente, pois terão visto uma postura diferente e escutado um som diferente, e terão efetuado tentativas de repetir suas observações, de modo a conseguir esclarecimentos.

FREUD (1987d) afirma que mais cedo ou mais tarde o menino, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, não pode deixar de convencer-se da ausência do mesmo numa criatura assim semelhante a si próprio. O conhecimento deste fato gera nele duas reações, capazes de se tornarem fixas e, se assim for, quer separada, quer conjuntamente, quer em conjunto com outros fatores, determinarão permanentemente as relações do menino com as mulheres: "Horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante por ela" (p. 314). Esses desfechos, contudo, pertencem ao futuro, embora não muito remoto.

Continuando, o sujeito afirma que o homem adulto está observando a cena "de fora," e a uma certa distância. O menino não o vê, nem ele tão pouco tenta se aproximar ou interagir de alguma forma com o garoto. No papel de observador, o sujeito limita-se a entender "a intenção da cena," mantendo-se afastado a fim de efetuar uma compreensão psicológica do que está se passando ali.

Claramente, esta imagem não é arquetípica, pois não houve a manifestação do numinoso, nem tão pouco motivos advindos dos efeitos da imaginação criadora. Neste caso foi utilizada imaginação reprodutora, ou seja, a imagem veiculada foi supostamente uma lembrança, uma recordação, abordando-se um fato provavelmente já vivido pelo sujeito em sua infância.

Considerando que toda a temática do quadro é de natureza infantil, é interessante observar que o sujeito, um homem de quarenta e quatro anos, extremamente bem sucedido em sua vida profissional, tenha buscado um motivo em sua infância, um tema aparentemente simplista e regressivo que denota imaturidade, tendo sido ele próprio o personagem que 'incorporou' o seu Ser masculino. Assim, não houve uma imagem destacada e diferenciada de si mesmo em que pudesse se inspirar e engendrar sua identidade, mas um retorno às impressões primevas, talvez como uma forma de supercompensar uma suposta unilateralidade com que ele possa estar vivenciando o seu papel de adulto/profissional, cuja persona tem como identidade.

JUNG (1991) afirma que nossa vida civilizada exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando deste modo o risco de um considerável distanciamento do inconsciente. A unilateralidade é uma característica inevitável, porque necessária, do processo dirigido, pois direção implica unilateralidade. Quanto mais capazes formos de nos afastar do inconsciente por um funcionamento dirigido, tanto maior é a possibilidade de surgir uma forte contraposição, a qual, quando irrompe, pode ter conseqüências desagradáveis. A unilateralidade é ao mesmo tempo uma vantagem e um inconveniente; mesmo quando não parece haver um inconveniente exteriormente reconhecível, existe, contudo, sempre uma contraposição igualmente pronunciada no inconsciente. A contraposição é inócua enquanto não contiver um valor energético maior. Mas se a tensão dos opostos aumenta, em conseqüência de uma unilateralidade demasiado grande, a tendência oposta irrompe na consciência, e isto quase sempre precisamente no momento em que é mais importante manter a direção consciente.

2) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando ao sujeito uma imagem que representasse o Ser feminino, ele assim se manifesta:

Aldo: Sou eu mesmo...

Lucélia: É você mesmo? Hum...

Aldo: Adulto!

Lucélia: Adulto! Continue...

Aldo: Lavando pratos...

Lucélia: Lavando pratos! Hum hum... Onde você está fazendo isso?

Aldo: Na minha casa!

Lucélia: Na sua casa. Sim!

Aldo: Aquilo me aborrece!

Lucélia: Você se sente aborrecido.

Aldo: Sinto! Eu penso que eu preciso arrumar alguém prá fazer isso prá mim. Porque eu não gosto!

Lucélia: Ah, sim! Você está pensando que precisa arrumar alguém prá fazer isso prá você. Porque não é agradável. Você não gosta de lavar pratos!

Aldo: Isso!

Lucélia: Sim! Mas continua lavando? Ou vai atrás de alguém que faça isso prá você? O que você faz em seguida?

Aldo: Eu termino de arrumar os pratos!

Lucélia: Termina de arrumar, de lavar os pratos. E depois?

Aldo: E fica a idéia de que eu preciso arrumar alguém prá fazer essas coisas prá mim!

Lucélia: "Alguém tem que fazer essas coisas prá mim!"

Aldo: Tem!

Lucélia: "Alguém tem que fazer isto!" Quem poderia ser este alguém? Isto lhe ocorre?

Aldo: Uma empregada!

Lucélia: Uma empregada! Hum hum... Não é seu papel lavar pratos. É isso?

Aldo: Isso! Não é!

Lucélia: Hum hum...

Aldo: Eu preciso fazer uma coisa!

Lucélia: Sim!

Aldo: Eu preciso fazer xixi!

Lucélia: (Riso) Nesse exato momento?

Aldo: Posso?

Lucélia: Pode! (Interrupção).

O sujeito manifestou que precisava de um tempo para sair da posição em que se encontrava (decúbito dorsal, olhos fechados), pois estava se sentindo muito relaxado. Logo após, se retirou para urinar, e quando retornou afirmou que realmente estava sentindo uma "necessidade imperiosa de fazer xixi," e que não teria interrompido o trabalho se isto não fosse urgente, sob o risco de "fazer xixi na calça." Aldo sugeriu que talvez o fato de ter visto o menino "fazendo xixi" tivesse provocado isso, pois quando iniciamos o trabalho de imaginação ativa, não estava sentindo tal necessidade fisiológica. Em seguida o trabalho foi retomado a partir do ponto que houve a interrupção, não sem antes que a pesquisadora fizesse uma preparação prévia e um reaquecimento do sujeito, recolocando-o de novo naquela situação. Assim, após ele ter se deitado novamente e fechado os olhos, foi proposto que retomasse o contato com as suas sensações coporais: a respiração, o coração batendo, a sensação de alívio e de relaxamento após ter 'feito xixi,' voltando a sentir novamente todo o seu corpo funcionando em estado de perfeita harmonia e bem-estar. Em seguida é dito o seguinte:

Lucélia: A gente estava tratando do seu Ser feminino. A imagem era aquela de você adulto, lavando pratos. Você estava aborrecido na cena, porque achou chato fazer isto. (Havia outras coisas mais gostosas para se fazer). Quando terminou de lavar pratos, ficou pensando que outra pessoa deveria fazer isto, que não você mesmo. Uma empregada poderia ser esta pessoa. E agora? Acontece mais alguma coisa depois desse momento, que você sai pensando em arrumar uma empregada (que é o papel de uma empregada, e não o seu, lavar pratos)? Hein?

Aldo: Eu tenho coisas mais importantes prá fazer!

Lucélia: Você tem coisas mais importantes prá fazer.

Aldo: Coisas das quais eu gosto mais!

Lucélia: Coisas que você gosta mais. E que coisas são essas?

Aldo: Ficar com os meus filhos!

Lucélia: Ficar com os seus filhos...

Aldo: Ler...

Lucélia: Ler...

Aldo: Trabalhar...

Lucélia: Trabalhar...

Aldo: Descansar...

Lucélia: Descansar!

Aldo: Passear...

Lucélia: Passear... "Existem muitas outras coisas que eu gosto mais, que eu prefiro fazer do que lavar pratos!" É isto?

Aldo: É!

Lucélia: Está bem! (Pausa) Acontece mais alguma coisa?

Aldo: Não!

Lucélia: Não? Você fica com essa reflexão, e com esse sentimento de que lavar pratos, realmente não é uma coisa gostosa, não é um papel que lhe compete? É isto?

Aldo: É chato!

Lucélia: É chato! É muito chato lavar pratos! Está bom! Procure então, ir se despedindo desta imagem do Aldo lavando pratos...

2.1) Amplificação e interpretação

A imagem que representa o Ser feminino para o sujeito é a dele mesmo, só que desta vez se trata do homem adulto, lavando pratos em sua casa. Ele afirma que a execução desta tarefa o aborrece; pensa que precisa de alguém para fazer isso para si, porque não gosta de lavar pratos. Ao terminar a tarefa, permanece a idéia de que, de fato precisaria de alguém que desempenhasse tais funções, mais especificamente uma empregada. Não é o seu papel lavar pratos.

Neste momento o trabalho é interrompido, pois o sujeito é acometido por uma necessidade imperiosa de "fazer xixi." Ao retomarmos a execução da técnica imaginativa Aldo acrescenta que ao invés de lavar pratos, haveriam outras tantas coisas as quais considera mais importantes de serem feitas. Coisas que lhe são mais prazerosas (e das quais ele gosta mais) tais como estar com os filhos, ler, trabalhar, descansar, passear. Atividades estas supostamente consideradas por ele como mais nobres, valorizadas e imbuídas de um fim útil (por isso, mais prazerosas), abrangendo diferentes aspectos da vida tais como o trabalho, a informação, o lazer, o relaxamento, o exercício

da paternidade. Na sua apreciação lavar pratos é uma tarefa "muito chata," ou seja, trata-se não só de uma função menor e sem importância que não o dignifica, como também uma atividade em si desagradável, "uma perda de tempo," algo que nada acrescenta, seja do ponto de vista do desenvolvimento pessoal ou social.

Esta é, pois, a expressão do feminino que o sujeito porta em si e que executa como sendo uma tarefa maçante e que o diminui diante de si mesmo. Enquanto o ato de "fazer xixi de pé" - uma ação tipicamente masculina - exaltava o menino e afirmava a sua masculinidade diante do grupo social, lavar pratos - uma ação culturalmente tida como feminina - reduz a auto-estima e desqualifica o homem adulto. A evolução de um quadro para o outro demonstra que houve uma perda de *status,* onde todo aquele orgulho pueril que refletia os sentimentos de grandeza e potência do menino na habilidade que o distinguia enquanto macho, colocando o sexo oposto em uma situação de inferioridade, desvaneceu-se dentro do homem adulto que foi obrigado a se curvar ante a execução de tarefas 'degradantes' (menores) tidas como femininas, resultando num decréscimo da auto-estima e da afirmação pessoal. Portanto, esta manifestação da feminilidade pode ser entendida como uma ameaça, e uma virtual desqualificação de sua virilidade.

Além disso, fica evidente a ausência da figura feminina *(anima),* que neste caso é necessária somente para desempenhar este tipo de função, perfeitamente suprida por uma empregada. Isto sugere que o sujeito supostamente tenha reprimido uma manifestação mais profunda e valorada do feminino interior, talvez por sentir que isto se constitua numa ameaça ao seu ego e à sua identidade masculina, que neste caso estaria identificado com a *persona.*

A interrupção provocada pela solicitação de urinar imediatamente parece não ter interferido no desenvolvimento do trabalho. Quanto a isto vale corroborar aqui o que foi aventado pelo sujeito, isto é, que o ato de "ver o menino fazendo xixi" através da imagem, possivelmente o tivesse estimulado (supostamente por ter sido uma ação por demais prazerosa para o garoto). Vale lembrar que o sujeito foi estimulado duplamente: estando no papel de observador, como "voyer" de um ato de exibicionismo, e como protagonista da ação, considerando que neste caso o menino também era ele próprio

(Aldo tem o menino dentro de si). O fato da manifestação da necessidade de urinar ter ocorrido no decorrer do trabalho da figura feminina a princípio parece não evidenciar uma relação direta com o assunto tratado, considerando-se ter sido este o trabalho imediatamente posterior. Supostamente, permaneceu um efeito residual da imagem do menino "fazendo xixi de pé," principalmente no sistema genito-urinário do sujeito que foi estimulado psiquicamente pela visão imaginária do garoto realizando esta proeza. Todavia, pode-se aventar a hipótese de que esta talvez tenha sido a forma utilizada pelo sujeito para compensar seu desconforto psíquico ao lavar pratos, e a resposta mais imediata que ele pôde dar naquele momento àquela situação constrangedora.

Tais evidências sugerem que o ato de "fazer xixi de pé" parece ter sido extremamente prazeroso, e experimentado de forma tão vívida e intensa pelo sujeito, que a imagem literalmente roubou a cena no trabalho da figura feminina.

Além disso, evidencia-se que o Ser feminino para o sujeito parece ser de fato um elemento muito secundário e menor no seu psiquismo, visto que a expressão de sua masculinidade é tão extensa e intensa que se apropria de um tempo e um espaço que não seriam a ela destinados. Um Ser masculino assim tão 'magnificente' evidencia o alto valor e a importância psíquicos que lhe são atribuídos, uma unilateralidade que, todavia, redunda fatalmente na concepção e na experiência de um feminino desqualificado e desprezível.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto o encontro entre as imagens que representam o Ser masculino (o menino que "faz xixi" de pé) e o Ser feminino (o homem que lava pratos), diz o sujeito após uma pausa:

Aldo: O menino pergunta para o homem por que ele está chateado.

Lucélia: Ah! "Porque você está chateado?!" Pergunta o menino.

Aldo: E o homem fala que... ele está chateado perdendo tempo lavando pratos!

Lucélia: Hum... Ele está perdendo tempo lavando pratos!

Aldo: Ele poderia estar fazendo outras coisas...

Lucélia: Coisas mais importantes...

Aldo: E mais gostosas de serem feitas!

Lucélia: E até mais gostosas. Hum hum... Continue Aldo!

Aldo: Que aquilo enche!

Lucélia: Aquilo enche! (Pausa) Hum hum... O que diz o menino ao homem adulto?

Aldo: "Por que ele não deixa os pratos sujos?"

Lucélia: Hum... "Por que você não deixa os pratos sujos?"

Aldo: Porque se ele não lavar, os pratos vão ficar sujos. Quando ele for comer de novo, ele vai ter que lavar os pratos para comer.

Lucélia: Hum... Quando ele for comer novamente, ele vai precisar lavar esses pratos...

Aldo: Sim!

Lucélia: Senão vão ficar sujos!

Aldo: Então ele lava logo!

Lucélia: Ele lava logo (ênfase) prá se ver livre disso!

Aldo: Sim!

Lucélia: Porque é necessário que os pratos estejam limpos na hora da refeição.

Aldo: Sim! (Pausa) E o menino sorri prá ele!

Lucélia: E o menino sorri!

Aldo: Ele sente que ele deveria arrumar alguém prá fazer aquilo.

Lucélia: Quem sente? O homem adulto?

Aldo: O menino!

Lucélia: Ah! O menino! Hum... Sente que ele, o adulto, deveria arrumar alguém prá fazer aquilo.

Aldo: Se ele não gosta de fazer, ele arrume alguém que faça prá ele!

Lucélia: Ah, sim! Se ele não gosta, então que arrume alguém. Hum hum... (Pausa) E como termina?

Aldo: O homem adulto vai arrumar alguém para lavar os pratos!

Lucélia: O homem adulto decidiu que vai arrumar alguém para lavar os pratos.

Aldo: Se ele não arrumar, ele vai ter que continuar lavando!

Lucélia: Ah! Porque senão, ele vai ter que continuar lavando.

Aldo: Ou... vai comer coisas que não sujem pratos!

Lucélia: Vai comer coisas que não precisam de pratos.

Aldo: Isso!

Lucélia: Hum... Que não sujam os pratos. Então ele encontrou uma solução prática?

Aldo: Sim! Mas eu não quero mais lavar pratos!

Lucélia: "Eu não quero mais lavar pratos!" (Ênfase) E isso é o que decide o homem adulto, o Aldo adulto?

Aldo: Sim!

Lucélia: Hum hum... Acontece mais alguma coisa entre o homem adulto e a criança?

Aldo: Não!

Lucélia: Não? Termina aí esta cena?

Aldo: Termina!

Lucélia: Está bom! Então, procure ir se despedindo destas imagens e visualizando esta cena cada vez menor...

3.1) Amplificação e interpretação

No encontro entre as imagens que representam o Ser masculino e o Ser feminino, diferentemente das situações anteriores, há um diálogo verbal entre os personagens. Assim, o menino pergunta para o homem: "Por que você está chateado?" O homem responde que "ele está chateado perdendo tempo lavando pratos," pois poderia estar fazendo outras coisas mais gostosas de serem feitas; "aquilo enche!" Acrescenta, demonstrando com isso sua irritação. O menino sugere a solução mais simples e óbvia para o problema: "Que ele deixe os pratos sujos!" O adulto, por sua vez, utiliza a mesma linha de raciocínio, e responde com base na lógica elementar de uma operação matemática, aplicada aos problemas do cotidiano: que "se ele não lavar, os pratos ficarão sujos, e quando precisar dos pratos novamente para comer, terá que lavá-los." Então, ele lava logo, para se ver livre o mais rápido possível desta tarefa desagradável, relata o sujeito. O menino sorri e "sente" que o homem deveria arrumar alguém para fazer aquilo. "Se ele não gosta de fazer, ele que arrume alguém que faça prá ele!"

O trabalho termina com o homem adulto decidindo que vai contratar alguém para desempenhar para si esta função, pois se ele não fizer isto, vai ter que

continuar lavando pratos, ou terá que comer coisas que não sujem pratos, modificando os seus hábitos alimentares através de soluções mais práticas. "Mas eu não quero mais lavar pratos!" afirma decidida e categoricamente.

Os sentimentos do homem aqui são os mesmos do quadro anterior, ou seja, ele demonstra irritação ao desempenhar uma tarefa maçante, irrelevante, insignificante (e supostamente degradante), que rouba-lhe o tempo sem uma finalidade e uma aplicação mais nobre e prazerosa. A atividade de lavar pratos ocupa um tempo e um espaço em sua vida que poderia ser tomado com "coisas mais importantes," por isto é sentido por ele como uma "perda de tempo." Lembre-se que a imagem de si próprio adulto e lavando pratos é a personificação do feminino, portanto, um feminino tido por ele como irrisório e insignificante.

É importante ressaltar que é o menino quem, após algumas propostas práticas e imediatas, autoriza ou corrobora a opinião do homem no sentido de que ele deve mesmo contratar uma empregada, ou seja, cabe a ele dar a última palavra sobre o que o adulto deve ou não fazer. Ele é seu guia e conselheiro. Isto supostamente se deve ao fato de que se o homem está às voltas com o feminino que o degrada, o menino é a personificação do masculino que o exalta e lhe lisonjeia o ego, portanto, um Ser superior, cuja potência exuberante (vigorosa) justifica sua condição de conselheiro e guia, visto que só ele confirma a sua virilidade.

Como a resolução do conflito se deu num nível muito elementar de corroboração do masculino infantil, e de deslocamento do feminino degradante para a figura de "alguém" (supostamente uma mulher) que desempenhe tais serviços profissionalmente, sem que houvesse uma recriação do feminino em um outro nível que transcendesse a sua limitação original, pode-se considerar que não houve um genuíno encontro de opostos, mas pura e simplesmente a resolução de uma situação prática imediatamente incômoda após uma categórica tomada de posição do sujeito ("...Mas eu não quero mais lavar pratos!"), permanecendo-se a mesma ordem de valores anteriormente manifestados.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 2: Rafael

1) Figura masculina

Tendo entrado em profundo estado de relaxamento, e após ter sido proferida a consigna relativa à figura masculina, o sujeito se expressa em tom murmurante de voz:

Rafael: Prá mim está parecendo assim... feito uma estátua enorme...

Lucélia: Uma estátua?

Rafael: É!

Lucélia: Hum... e uma estátua de quê? De quem?

Rafael: Uma estátua como se fosse uma porcelana, né.

Lucélia: Porcelana?

Rafael: Parecendo um corpo moldado, né.

Lucélia: Um corpo?

Rafael: Isso!

Lucélia: E esse corpo, ele é humano? É de gente?

Rafael: Isso! É aparência de ser humano.

Lucélia: E é homem ou mulher?

Rafael: Prá mim é homem!

Lucélia: Sim! Então é um corpo de um homem moldado. Uma porcelana. Uma estátua. Ótimo! E o que acontece depois? O que acontece com essa estátua?

Rafael: A estátua fica fixa, não é?

Lucélia: Ela está fixa? E em que lugar ela está?

Rafael: Está assim na minha frente, parada! Como se fosse um... a gente pegar um objeto, e colocar lá no canto de uma casa... numa estante, que ela fica...

Lucélia: Ah, sim! Ela está numa estante de uma casa. No canto de uma casa. É isso?

Rafael: Isso!

Lucélia: Então ela não é muito grande?

Rafael: Não!

Lucélia: Ela cabe em uma estante?

Rafael: Isso! É pequena! Não é uma coisa enorme!

Lucélia: Então não é uma estátua de corpo inteiro?

Rafael: Não! O corpo forma... feito uma imagem... mas ela seja pequena.

Lucélia: Sei! É pequena! E ela está nessa estante que fica no canto de uma casa?

Rafael: Isso!

Lucélia: Hum... você sabe quem a colocou lá?

Rafael: Não!

Lucélia: Hum... há muito tempo que ela está nesse canto da casa, nessa estante?

Rafael: Não! Eu imagino que isso é uma 'memória' que eu formei assim, no momento, né. Que ela me apareceu... numa casa...

Lucélia: Ela lhe pareceu...

Rafael: Assim como eu imaginei... uma... um corpo. Assim, o corpo de um homem, né? Aí apareceu, veio formando essa imagem, como se tivesse uma... em primeiro lugar numa estante.

Lucélia: Tem gente perto dela? Tem alguém olhando prá ela?

Rafael: Não! Ela está sozinha! É como se fosse... uma casa vazia!

Lucélia: Como se fosse?

Rafael: Uma casa vazia e ela está lá dentro.

Lucélia: Ah! Uma casa vazia e ela está lá dentro?

Rafael: Tipo: um quarto, uma sala, e ela esteja bem no canto!

Lucélia: Ah! E onde você está? Você está lá nessa casa?

Rafael: É! Ali eu estou... lá perto também, olhando, né?

Lucélia: Olhando?

Rafael: Como se eu estivesse assim... deitado e aquela casa estivesse em volta de mim. Como se eu fosse um todo no quarto!

Lucélia: Como se fosse...?

Rafael: Se eu fosse o quarto... as paredes estivessem no meio e eu sozinho olhando.

Lucélia: Olhando? Como se você estivesse deitado, e olhando para as paredes?

Rafael: Isso!

Lucélia: E dali, de onde você está deitado, qual a visão que você tem da estátua? O que você acha dela? O que você sente a respeito dela?

Rafael: Ah! como se fosse uma imagem... de aparência de um... de qualquer uma outra imagem de uma pessoa, né.

Lucélia: "...aparência de qualquer uma outra imagem de uma pessoa?" É isso o que você está dizendo?

Rafael: Seria um tipo de um molde de uma imag... de uma foto, né. Só que ela seria... moldado, isso!

Lucélia: Um molde de uma imagem? Tem um molde, uma foto, e ela foi moldada já?

Rafael: Isso!

Lucélia: Ela já está moldada. Ah! Entendi! E você conversa com a estátua? Você a toca, sente sua textura, sua temperatura? Ou você se mantém lá, deitado, apenas observando?

Rafael: Me mantenho lá. Ela está na estante, e eu de longe olhando ela.

Lucélia: Olhando? Hum...

Rafael: E... prá mim é como se fosse o tipo de uma porcelana! Mas está ali como um quadro, não é? Um... um arranjo dentro de um... (inaudível) nessa estante.

Lucélia: Hum... ela se mantém ali como um quadro? Um arranjo?

Rafael: Isso!

Lucélia: Ah! E você continua deitado, observando?

Rafael: Isso!

Lucélia: Hum hum... você não diz nada a ela?

Rafael: Não!

Lucélia: Hum hum... você sente alguma coisa ali? Ela te faz lembrar de alguma coisa?

Rafael: Eu me sinto como se eu estivesse dentro dessa sala, deitado... como se fosse... é... dormindo, e eu estivesse olhando prá ela!

Lucélia: Ah! Você se vê olhando prá ela?

Rafael: Isso!

Lucélia: Mas só isso?

Rafael: Só!

Lucélia: Está certo! Haveria mais alguma coisa?

Rafael: Não!

Lucélia: Está bem! Então eu vou pedir para você ir se depedindo dessa imagem que representa o seu Ser masculino...

1.1) Amplificação e interpretação

A princípio Rafael refere-se à imagem que representa o seu Ser masculino como "uma espécie de estátua enorme," como se fosse uma estátua de porcelana, "um corpo moldado," o corpo de um homem, diz ele. O fato do material que a compõe ser de porcelana, um material que se quebra com facilidade e por isso deve ser manuseado com cuidado, denota a fragilidade da estátua, um objeto supostamente raro e precioso.

Rafael acrescenta que a estátua está "fixa," parada, na sua frente. "É como se fosse o movimento de pegar um objeto e colocá-lo em uma estante no canto de uma casa." Ao dizer isso, o sujeito reconsidera o tamanho da estátua: "Ela é pequena, não é uma coisa enorme," diz ele. Com isso Rafael indica que o sentido e a significação da estátua está mais para um objeto de decoração; o fato de que ela tenha diminuído de tamanho, ajustando-se às devidas proporções para ornamentar uma estante no canto de uma casa, corrobora esta idéia. A estátua, que era enorme e que possuía estrutura física para estar em outros espaços de maior destaque e relevo, agora é pequena, visto que se constitui em ornamento de uma estante. Por sua vez o lugar que a estante ocupa na casa não é um lugar de destaque, mas apenas e tão somente um canto que por vezes pode passar desapercebido, e ser ignorado. Extrapolando, pode-se dizer que o masculino que viu seu poder impresso nas formas e na imponência das estátuas gregas, decaiu em prestígio e poder, tornando-se um objeto de decoração, mas que não deixou de ter um valor e uma significação supostamente afetiva no reduto privado. Ele perdeu todavia sua importância, e a supremacia que dantes usufruía na esfera pública.

Rafael não sabe informar quem colocou a estátua na estante. Tentando explicar melhor, ele refaz então o processo que deu origem à imagem no momento em que foi proferida a consigna: a princípio imaginou um corpo, o corpo de um homem, "aí veio formando essa imagem," em primeiro plano numa estante. Não há ninguém olhando para ela; a estátua está sozinha, "como se fosse uma casa vazia," e ela estivesse dentro desta casa: "Um quarto, uma sala, e ela esteja bem no canto." Isto sugere que a estátua não está ali exposta para ser contemplada (não é, ou não cumpre o papel de uma obra de

arte), mas ao contrário, ela parece ser tudo que existe nessa estante, nessa casa vazia, o que sugere um profundo estado de solidão e vazio interior.

Quanto a si próprio, o sujeito afirma que está próximo, observando. E acrescenta que 'é como se' estivesse deitado, e aquela casa estivesse à sua volta, "como se ele fosse um todo no quarto!" Através destas expressões aparentemente sem sentido e uma suposta impressão de experiência oceânica, o sujeito parece estar tentando buscar um estado de integração e totalidade, estado este caracterizado por uma amplidão espacial e experiência de unidade junto ao cosmos.

Freqüentemente se expressando de uma forma bastante vaga e fragmentária, algumas vezes sem sentido, o sujeito demonstra uma certa dificuldade de expressão, como neste trecho: "Como se eu fosse o quarto... as paredes estivessem no meio e eu sozinho olhando." Aqui não fica muito claro se ele realmente está deitado olhando para as paredes, após ter se 'identificado' com o quarto (o que soa bastante estranho, mas que todavia, não parece se tratar de um discurso delirante).

Inquirido sobre a visão que tem da estátua do ponto em que se encontra, que sentimentos ela lhe desperta, Rafael afirma que 'é como se fosse' uma imagem, cuja aparência é "de qualquer uma outra imagem de uma pessoa;" seria um tipo de um "molde de uma imagem, de uma foto," o que seria moldado, acrescenta. O sujeito parece estar se referindo à estátua como a uma imagem genérica do elemento humano, visto que não há menção específica ao sexo masculino, e a palavra 'pessoa' é utilizada para designar indistintamente homens e mulheres. Portanto, uma imagem indiferenciada e sem identidade de gênero, sugerindo tons de absoluta neutralidade. A expressão "molde de uma imagem, de uma foto" sugere um padrão reproduzível de um determinado modelo - que tanto pode ser um vago ideal, um objetivo a ser atingido, ou o corpo estilizado de um homem - com a característica explícita de ser moldável.

Segundo ULANOV & ULANOV (1994) quando o ego não emerge de seu "estado nascente de identidade" com o casal parental, com uma causa, uma ideologia ou o meio social do qual é dependente, se é facilmente inundado por conteúdos que vêem através da ponte *animus/anima*. Mantido dentro de grandes "containers," o indivíduo ainda não encontrou seu próprio ponto de vista, isto é, não alcançou a diferenciação.

Fica-se então trancado dentro do círculo parental, circunscrito ao mundo achatado do literal. "Pinta-se a paisagem e tudo que se mostra é a paisagem," ou seja, a pessoa não consegue perceber nada mais além do que lhe foi mostrado. Assim, não há qualquer composição (mescla) da "paisagem" e da atitude pessoal do sujeito para com ela, não produzindo este nada mais que "cópias carbono." Não se desenvolve também nenhuma originalidade no trabalho, nenhuma distância para criticar a si próprio ou o mundo à sua volta. "Vive-se a partir de estereótipos porque não se pode conectar de forma pessoal com o arquétipo" (ULANOV & ULANOV, 1994, p. 178).

Continuando, o sujeito reassegura que a estátua está na estante, e ele olha para a mesma à distância. Rafael (sempre no 'como se fosse') reitera a natureza do material de que é feita: porcelana, ressaltando que ela está ali como num quadro, um arranjo na estante. Com estas atribuições adicionais, o sujeito corrobora as qualificações de seu Ser masculino como uma figura decorativa, que está disposta como num quadro, sugerindo uma representação sem movimento, um ser cuja essência vital foi artificialmente paralisada. Este ser parece não ter assim autonomia, individualidade ou vida própria, tendo sido moldado e supostamente disposto por outrem em um frio arranjo, constituindo-se em última instância em uma frágil e tremulante imagem do estereótipo.

O sujeito continua deitado observando confortavelmente, sendo que não se estabelece qualquer diálogo entre eles. Rafael acrescenta: "É como se eu estivesse dentro desta sala... deitado... como se fosse... dormindo, e eu estivesse olhando para ela." O aparente paradoxo contido no ato de estar dormindo e ao mesmo tempo olhando para a estátua, sugere um sonho ou um estado alterado de consciência, em que o sujeito estabelece uma comunicação visual com o objeto, mas olha para ele com os olhos de sua fantasia e imaginação.

O sujeito se expressa através de um discurso vago e impreciso, e algumas vezes contraditório, sempre dentro da linguagem do 'como se fosse,' uma forma de 'falar não falando,' isto é, sem se comprometer com a realidade, reassegurando as fronteiras do faz-de-conta, o mundo da fantasia e da imaginação (ver explicações sobre o 'como se' à p. 255-6).

Em suma, a figura masculina para Rafael parece não possuir ainda uma forma própria, uma individualidade, sendo um simulacro, um produto dos moldes e arranjos das produções sócio-culturais, e de alguma coisa que o sujeito vagamente pressente que seja esperado dele.

2) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando uma imagem que representasse o seu Ser feminino, o sujeito assim se manifesta:

Rafael: É uma mulher...

Lucélia: Uma mulher? Hum hum...

Rafael: Ela está toda de vestido...

Lucélia: Está de vestido?

Rafael: Isso!

Lucélia: Hum...

Rafael: E a roupa é como se fosse... tipo xadrez. Uma roupa xadrez!

Lucélia: Uma roupa xadrez?

Rafael: Isso!

Lucélia: Ah! Então ela está usando um vestido xadrez, é isso?

Rafael: Isso! E ela está aparentando... um movimento!

Lucélia: Ela está em movimento?

Rafael: Como se fosse uma pessoa que estivesse trabalhando dentro de uma casa.

Lucélia: Ah! Ela está trabalhando dentro de uma casa?

Rafael: Isso!

Lucélia: Hum hum...

Rafael: Ela sempre alegre! Sempre disposta!

Lucélia: Sempre alegre e sempre disposta!

Rafael: Como se fosse uma pessoa que realmente... que gosta de trabalhar, que gosta de cuidar de uma casa! Tipo assim.

Lucélia: Hum hum... ela demonstra isso: que gosta de trabalhar, que gosta de cuidar de uma casa.

Rafael: Isso!

Lucélia: Hum hum... e ela está fazendo isso nesse momento?

Rafael: Isso!

Lucélia: Trabalhando e cuidando da casa... com seu vestido xadrez!

Rafael: É! Um vestido bem longo!

Lucélia: Bem longo?

Rafael: Isso! Um vestido. Não é roupa curta. É bem longo!

Lucélia: Está certo! Enquanto trabalha, ela diz alguma coisa? Chega a conversar com você? Ou faz isto em silêncio?

Rafael: Não! Na minha imaginação ela está sorridente! Trabalhando, mas sem dizer nada. Como se fosse outra pessoa que estivesse trabalhando, e a gente estivesse num buraco de uma porta vendo os movimentos dela.

Lucélia: Ah! Entendi! Então você está do lado de fora, olhando pelo buraco da fechadura?

Rafael: Isso! E ela esteja lá dentro... e ela não percebendo que eu estou olhando ela!

Lucélia: Ah! Entendi! Você está olhando do lado de fora pelo buraco da fechadura?

Rafael: Isso!

Lucélia: Certo! E do seu posto de observação, lá do lado de fora, olhando pelo buraco da fechadura, o que você sente por esta mulher? O que você pode notar e observar nela?

Rafael: Ah! Parece uma mulher assim, casada, né?

Lucélia: Casada?

Rafael: Uma mulher que... jovem, mas que ela dedica a sua pessoa no lar!

Lucélia: Hum... dedica a sua pessoa ao lar? Hum hum... e é casada?

Rafael: Casada! Como se tivesse arrumando a sua... os seus deveres... a sua casa, é... deixando um lar alegre! Um lar bonito! Talvez... prá poder deixar essa casa arrumada para o recebimento de visita. "Ah! Vou deixar sempre a casa... no dia-a-dia, bem arrumada, né?" Prá aquele momento que vai receber alguém!

Lucélia: Se preparando para o momento que vai receber alguém, uma visita?

Rafael: Isso!

Lucélia: Hum... e ela tem muito prazer em fazer isso?

Rafael: Com certeza! Pelo jeito está bem...

Lucélia: Satisfeita ali?

Rafael: Satisfeita!

Lucélia: Hum hum... o marido dela não está presente na cena?

Rafael: Não! Estou imaginando ela sozinha.

Lucélia: Sozinha? Hum hum... e você continua lá fora, olhando pelo buraco da fechadura ou você abre a porta? Você entra? O que acontece depois?

Rafael: Não! Eu só estou vendo essa pessoa só, sem que ela assim, percebesse. Sem tirar aquele... entusiasmo da pessoa!

Lucélia: Aquele...?

Rafael: Entusiasmo que ela faz o trabalho. Você fica num canto, assim, observando ela, sem que ela nota a presença de alguém olhando!

Lucélia: Sim! Então ela não sabe que está sendo observada?

Rafael: Não!

Lucélia: E você também não quer se mostrar, se eu estou entendendo?

Rafael: Não! Eu estou só olhando, sem mostrar que... que não atrapalha o trabalho!

Lucélia: Você não quer atrapalhar o trabalho e não quer quebrar o entusiasmo dela, é isso?

Rafael: Isso! (Pausa)

Lucélia: Ah, sim! Você sabe quem é o marido dela?

Rafael: Ah! Apresenta fosse por exemplo... fosse minha esposa, quando ela está trabalhando, que a gente fica olhando, observando, né?

Lucélia: Ah, sim! Pode ser que seja você o marido dela?

Rafael: Isso!

Lucélia: Está certo, Rafael! Acontece mais alguma coisa ou a gente pode fechar essa janela?

Rafael: Não! É isso mesmo!

Lucélia: Está bom! Então vamos fechando essa janela...

2.1) Amplificação e interpretação

A figura feminina para o sujeito é a imagem de uma mulher, o que poderia ser uma projeção da *anima*. Ela está usando um vestido longo, com uma estampa do tipo xadrez. Rafael a vê em movimento, como se estivesse ocupada em executar suas tarefas

domésticas. Ela aparenta estar sempre alegre e disposta, demonstrando de fato encontrar prazer no exercício de suas funções, "como se fosse uma pessoa que gosta de cuidar de uma casa," acrescenta Rafael. Assim, a manifestação do feminino que o sujeito observa e admira está na forte ligação que a mulher parece ter com a casa. Vale lembrar que a casa é entre outros um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

O sujeito acrescenta que neste momento a mulher está trabalhando, isto é, "cuidando da casa" (sentido específico com que ele utiliza o termo trabalho), com seu vestido longo e xadrez. Em sua fantasia, a mulher trabalha sorridente, mas sem nada dizer. Enquanto isso, Rafael está do outro lado da porta, olhando pelo buraco da fechadura, observando os movimentos dela. A mulher está lá dentro, sozinha, sem perceber que está sendo observada. O comportamento do sujeito de olhar pelo buraco da fechadura faz lembrar a atitude de um "voyer," cujo prazer está em olhar e contemplar o objeto de desejo, sem que sua presença seja notada. Todavia o "voyer" típico em sua voracidade visual se delicia em perscrutar e 'comer' com os olhos, os dotes e atributos sexuais do seu objeto de prazer. Neste caso, o prazer para Rafael parece estar na contemplação de uma mulher de forma inocente e livre de interesses escusos (obscenos), mulher que, com seu vestido comprido/xadrez, não parece estar vestida de forma sedutora, mas cuja preocupação parece voltada para a execução de seus afazeres domésticos, tarefa em que está absorta e realiza prazerosa e alegremente, com energia e disposição. Além disso, FRANZ (1990) lembra que observar através da fresta da porta é interpretado no "I Ching" como sendo uma perspectiva muito estreita e subjetiva. Limitada desta forma, a pessoa é incapaz de ver o que realmente se passa.

Dessa perspectiva, Rafael observa que a mulher aparenta ser casada, é jovem, e se dedica ao lar, o que para ele parece ser o seu verdadeiro encanto. O vestido longo, xadrez, lhe confere um ar de sobriedade que a sua condição de mulher casada exige (o que pode lembrar a figura materna). O sujeito acrescenta que enquanto ela arruma a casa diariamente, e cumpre com os seus deveres e as suas funções de dona-de-casa, organizando e limpando tudo com gosto e primor, estaria mantendo o lar sempre "alegre e bonito" (isto é, aconchegante, acolhedor), preparado para o momento de

receber visitas, quando então se dá a relação do casal com o círculo social mais amplo. Note-se que há uma expectativa do sujeito projetada na imagem, quanto ao ato de receber visitantes. Com isto Rafael evidencia que a tônica por excelência da sua relação com o feminino está no caráter simbólico do lar, no aconchego e no acolhimento encerrados na acepção mais profunda do símbolo, e na legitimidade atribuída pela valorização do contexto social, sendo isto viabilizado e intermediado pela mulher, numa expressão de sua feminilidade essencial.

Segundo CIRLOT (1984) o lar é uma forma de "sol familiar," símbolo da casa, da conjunção dos princípios masculino (fogo) e feminino (recinto) e, em conseqüência, do amor.

Rafael enfatiza que a mulher parece desempenhar suas funções com muito prazer, demonstrando estar bastante satisfeita ali, enquanto ele continua escondido observando tudo pelo buraco da fechadura. O sujeito explica que não se adentra no recinto, pois não deseja quebrar o entusiasmo dela, nem tão pouco atrapalhar a execução do trabalho, coisas que, assegura, aconteceriam. Neste ponto o sujeito parece seguir a estrutura dos contos-de-fadas em geral, quando, se o personagem que está sendo observado disso se aperceber, instantaneamente o encanto se quebra. Para Rafael o encanto seria o entusiasmo e a alegria com que a mulher executa suas funções domésticas, o que para ele se constitui em motivo de admiração e enlevo.

Inquirido sobre quem seria o suposto marido, o sujeito acaba revelando indiretamente que poderia ser ele mesmo, pois a cena na verdade trata-se de uma reedição de uma outra cena familiar, quando ele muitas vezes observa sua própria mulher trabalhando em casa (houve uma tomada de consciência da projeção).

Finalizando, esse "voyer" compassivo e assexuado do qual o sujeito se faz transvestir leva a suspeitar de uma formação religiosa cujo legado essencial constituiu-se no recato, no pudor e em conformidade com os padrões vigentes do que é ser um bom marido e uma boa mulher. Assim, FRANZ (1990) afirma que em cada civilização há uma concepção universal, com uma determinada imagem de Deus, e com decorrentes hábitos ou estilos de vida, "com uma certa forma de sentir e de viver o Eros," que influenciam o relacionamento das pessoas umas com as outras. A tônica do sentimento afetivo da

sociedade ocidental estaria, pois, cristalizada em torno da imagem da Virgem Maria, a "Rainha do Céu," que, como tal estabeleceu um modelo de comportamento feminino, e um padrão para a *anima* do homem. Nos países católicos, as mulheres tendem a se adaptar naturalmente a esse modelo, e "os homens tendem a educar a *anima* para se enquadrar neste estilo de relacionamento e comportamento erótico" (FRANZ, 1990, p. 60). Isto parece estar consentâneo com o relato de Rafael, lembrando que a função básica da mulher ali - que parece estar na condição de "Rainha do lar" - é de limpar e ordenar, isto é, cuidar para que sejam eliminadas a sujeira e a impureza, e seja mantida a ordem (externas e internas), portanto, um agente que preserva a castidade e a ideologia da moral católica.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto ao sujeito a situação de encontro entre o seu Ser masculino (a estátua) e o seu Ser feminino (a mulher que cuida do lar), ele assim se manifesta:

Rafael: É o Ser... o segundo... a mulher está lá próxima desta estante... e que ele está bem pequenininho, e a mulher maior!

Lucélia: Maior? E ele pequeninho lá? A estátua pequenininha?

Rafael: Isso! Pequenininha! Ele está bem... como se fosse um... um objeto bem pequenininho!

Lucélia: E o que está fazendo a mulher?

Rafael: Ela está trabalhando... e cuidando de todas as coisas que tem em volta da estante.

Lucélia: De todas as coisas em volta. E ela tem um cuidado especial com a estátua? Ou não?

Rafael: Não! No meu ver... ela simplesmente... só cuida da limpeza! E cuida mais do outro lado da casa!

Lucélia: Ah! Ela cuida da limpeza e fica mais detida no outro lado da casa?

Rafael: Isso!

Lucélia: Ela não se atém muito em cuidar da estátua, da estante, tirar pó, limpar?

Rafael: Não! Ela tira o pó, tudo, mas... o outro lado que ela cuida mais são... o canto, como se fosse... como se estivesse limpando o sofá... o carpete, entendeu?

Lucélia: Ah! O sofá, o carpete...

Rafael: E aquela estátua fica lá perto. Então em comparação com ela, ela maior lá dentro, e ele bem (ênfase) pequenininho!

Lucélia: Ela muito maior e a estátua bem pequenininha?

Rafael: Isso!

Lucélia: Então ela limpa a estátua normalmente e...

Rafael: Mas ela não dá tanta importância prá aquele objeto!

Lucélia: ...prá aquele objeto. Ela não conversa com a estátua? Não diz nada?

Rafael: Não!

Lucélia: Ela não dá importância ao objeto. Hum hum... somente tira o pó e coloca lá. É isso?

Rafael: É uma coisa rotineira só...

Lucélia: Rotineira?

Rafael: Isso!

Lucélia: Hum hum... e vai para outro canto da sala e fica mais tempo nesse canto, você disse, né?

Rafael: É! Ela fica mais no outro canto do que próximo daquele objeto.

Lucélia: Hum hum... então a estátua é ali puramente um objeto de porcelana?

Rafael: Isso!

Lucélia: E no que a mulher está pensando enquanto limpa tudo ali? Enquanto ela limpa a estátua? Enquanto ela limpa o outro canto da casa?

Rafael: Acho que eu não sei. Ela está dando mais importância de arrumar, do que importância ao objeto!

Lucélia: Ao objeto?

Rafael: Isso!

Lucélia: É mais importante arrumar do que o objeto em si. E você? Onde você está?

Rafael: Eu estou no canto da parede, olhando bem assim, o jeito dela... modificar. Olhando bem por cima, vendo todos os movimentos!

Lucélia: Você está no canto da parede, olhando bem por cima, de forma que você possa ver todos os movimentos?

Rafael: Isso!

Lucélia: Mas esse canto da parede significa o quê? Que você está do lado, que você está vendo pelo buraquinho, ou que você está mesmo de corpo presente ali dentro, e observando isso?

Rafael: Hum... estou de corpo presente, mas na parede, por fora e olhando aquele lado!

Lucélia: Por fora?

Rafael: É!

Lucélia: Então você está do lado de fora?

Rafael: Do lado, olhando por cima. Como se fosse numa laje, olhando.

Lucélia: Como se fosse...?

Rafael: Tivesse no quarto, numa sala... e uma parede, e eu estivesse por cima da parede olhando. De cima prá baixo, olhando o movimento das pessoas!

Lucélia: Ah, sei! Você está olhando de cima para baixo o movimento dela?

Rafael: Isso!

Lucélia: E ela está te notando ou não?

Rafael: Não! Não está percebendo nada.

Lucélia: Sei! E você também não...

Rafael: Não demonstro que eu estou olhando prá ela.

Lucélia: Não demonstra que está olhando nem que está presente? Não conversa, não se aproxima?

Rafael: Não!

Lucélia: Fica lá no seu canto, apenas observando?

Rafael: Só observando! Não atrapalhando o movimento dela.

Lucélia: Ah, sim! Você se preocupa com isso: em não atrapalhar o movimento dela?

Rafael: Isso!

Lucélia: Você não deseja se aproximar? Não existe um desejo?

Rafael: Sim! Mas... se realmente... se eu descer, aí fatalmente vai parar, né, todo o trabalho! Então, aí, fatalmente ela vai... como se fosse uma flor: murchar e ficar quieta!

Lucélia: "Como se fosse uma flor: murchar e ficar quieta!"?

Rafael: Isso!

Lucélia: Então você não pode descer porque senão ela pode murchar. É isso?

Rafael: Isso! Acaba toda aquela sensação que ela está trabalhando.

Lucélia: Toda aquela sensação de prazer no trabalho que ela está tendo?

Rafael: Isso! Porque se eu mostrar, ela fatalmente vai... perder assim, todo aquele entusiasmo! Vai acabar é... impedindo ela.

Lucélia: Vai impedir, vai atrapalhar, vai perder o entusiasmo.

Rafael: Isso!

Lucélia: Está bom! Acontece mais alguma coisa, Rafael?

Rafael: Não!

Lucélia: Está certo! Então eu gostaria que você fosse agora se despedindo dessas imagens, que representam o seu Ser masculino e o seu Ser feminino...

3.1) Amplificação e interpretação

Na situação de encontro entre as imagens - a estátua de um homem (o Ser masculino) e a mulher que cuida do lar (o Ser feminino) - o sujeito acentua que a mulher está próxima da estante onde está a estátua, e há um nítido contraste entre o tamanho dos dois. A estátua torna-se "pequenininha" diante da mulher, que parece ser maior do que ele (o Ser masculino).

Rafael relata que a mulher continua trabalhando e cuidando de todas as coisas em volta da estante. Com a estátua especificamente, ela não demonstra nenhuma atenção especial, a não ser os devidos cuidados com a limpeza; ela retira o pó, faz o que é necessário, mas mecanicamente. Na verdade, a mulher se detém mais (cuida com mais esmero) do outro lado da casa, o canto onde está o sofá, o carpete, afirma Rafael.

A estátua está próxima, mas ao compará-los o sujeito reitera suas diferenças de tamanho: "Ela maior lá dentro, e ele bem pequenininho!" A mulher limpa a estátua, "mas não dá tanta importância prá aquele objeto," observa ele. Ela não 'conversa' com a estátua e não tem qualquer outro tipo de interação com a mesma a não ser o próprio ato da limpeza em si. Sua atividade é rotineira e automática (ela retira o pó e a coloca novamente no lugar). Ela se mantém mais próxima do outro canto da casa do que do "objeto de porcelana" (parece ser não mais que isto, o que a estátua representa para ela). O sujeito revela que a mulher atribui mais importância à arrumação em si do que ao próprio objeto.

As diferenças de tamanho e a pouca atenção que a mulher dispensa para a estátua são os aspectos que se evidenciam quando se dá o encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino, revelando aspectos significativos da relação destas duas polaridades. De imediato, o masculino parece se sentir fortemente ofuscado pela presença da mulher,

a grande senhora, que parece 'reinar' absoluta sobre tudo em torno, terminando inclusive por negligenciá-lo, manifestando preferência por outros espaços da casa. Ao ressaltar várias vezes que ela é maior que ele, Rafael está dizendo que o Ser feminino é mais forte, tem mais poder, alcança maior destaque e evidência, explicitando com isso uma suposta condição de inferioridade do Ser masculino. A única modalidade de relação possível entre os dois parece ser no nível de objeto, quando uma estátua de porcelana qualquer, objeto de decoração de uma estante recebe os devidos cuidados de limpeza. Observe-se que na condição de propriedade de alguém, a estátua, apesar de frágil e delicada, não recebe um tratamento especial da mulher, ou seja, não existe uma relação de afetividade para com o objeto, mas puramente mecânica, automática e de indiferença. Em certa medida, a mulher parece até rejeitá-la ou menosprezá-la, pois se detém com mais esmero e atenção em outro canto da casa, que supostamente é mais importante para si.

O fato do Ser masculino ter sido relegado à condição de simples objeto de decoração do elemento feminino, além da já apontada situação de inferioridade sugere ainda um certo escárnio e menosprezo do próprio sujeito para com o seu Ser masculino, privando-lhe de alma, consciência e poder de ação, colocando-o à mercê da 'Grande' mulher.

Após uma certa dificuldade e confusão enquanto tentava explicar onde se encontrava, Rafael afirma estar observando a cena de um patamar superior, "bem por cima," diz ele, olhando a mulher de cima para baixo, de forma a poder observar todos os seus movimentos sem ser visto.

Assim como no quadro anterior, aqui também ela não percebe que está sendo observada. Rafael, por sua vez, procura passar desapercebido, ele não se aproxima e não se deixa notar, pois na sua concepção isto iria "atrapalhar o movimento dela." O sujeito parece se preocupar muito em não atrapalhar a mulher (isto já apareceu no quadro anterior), sendo que a estátua é esquecida. Ele afirma categoricamente que se descer do local em que se encontra, "fatalmente vai parar todo o trabalho" (referindo-se ao que a mulher está fazendo); e acrescenta: "Como se fosse uma flor, fatalmente vai murchar e ficar quieta," isto é, em sua grande susceptibilidade, ela perderia sua espontaneidade e parte de sua energia vital.

Referindo-se à suscetibilidade da *anima*, EMMA JUNG (1995) afirma que os seres élficos costumam se vingar quando são desprezados ou ofendidos, pois são extremamente sensíveis e costumam guardar um ressentimento que não é atenuado por nenhuma espécie de compreensão humana. No conto de fadas "A Bela Melusina," esta estabelece como condição para sua união com Raymond que ele lhe permita recolher-se todos os sábados sem que ninguém a espreite. Raymond concorda e durante longos anos ambos vivem muito felizes juntos, e ela dá a ele muitos filhos que sempre tinham algo de anormal. Inquieto com os rumores que corriam sobre sua esposa, seu marido um dia a espia no banho, e vê com horror que ela tem uma cauda de peixe ou serpente. Quando tudo vem à tona, ela não o perdoa por ter violado o acordo e desaparece, retornando apenas ocasionalmente durante a noite para ver seus filhos pequenos. A condição imposta por Melusina neste caso consiste em que ela, um dia por semana possa retornar ao seu elemento e assumir a forma de ninfa. Este é o seu segredo, que não deve ser divulgado. O não humano, ligado à natureza, neste caso o rabo de peixe, não deve ser visto.

Embora na imagem de Rafael a mulher que personifica a sua *anima* não aparente ter nada de anormal, todavia parecem ter sido mantidos os mesmos princípios, visto que ela "fatalmente murcharia e ficaria quieta" caso viesse a ser surpreendida por ele. Da mesma forma que no quadro anterior, Rafael reitera que se ele se mostrasse, fatalmente ela perderia aquele entusiasmo, acabaria-se toda a sensação de prazer e satisfação enquanto realiza o trabalho, e isto por fim, terminaria por impedí-la de executar sua tarefa. Ou seja, seria quebrado o encanto.

Vale ressaltar a absoluta certeza e segurança com que o sujeito se exprime nas considerações acima, tendo isto sido corroborado pelo uso do advérbio 'fatalmente.' Permanece a mesma noção de quebra do encanto do quadro anterior, o que se daria por meio de uma ação sua, e em última instância da sua própria presença, a qual parece ser sentida por Rafael como maléfica para a mulher.

Neste caso a situação de encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino ocorreu de uma forma anômala e com grande distanciamento. Não houve integração de opostos, no máximo, um ato mecânico e circunstancial, sem consciência e sem nenhum comprometimento de ambas as partes.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 3: Isac

1) Figura masculina

Tendo sido proferida a consigna referente à figura masculina, o sujeito assim se manifesta:

Isac: É um homem e um garoto na beira do rio...

Lucélia: Os dois juntos na beira do rio?

Isac: É!

Lucélia: Um homem e um garoto? Hum... o Ser masculino é o homem ou é o menino?

Isac: É o homem! (Silêncio)

Lucélia: Eles estão pescando?

Isac: É!

Lucélia: Você quem é?

Isac: O garoto!

Lucélia: Hum... Você é o garoto...

Isac: Eu acho que o homem é o meu pai!

Lucélia: É o seu pai?

Isac: É!

Lucélia: Hum... Eles estão lá pescando?

Isac: Hum hum...

Lucélia: Acontece mais alguma coisa?

Isac: Não! Lá é muito sossegado!

Lucélia: É muito sossegado? Eles conversam entre si, o pai e o filho?

Isac: Pouco!

Lucélia: Como está se sentindo o garoto aí?

Isac: Muito tranqüilo!

Lucélia: Hum hum... está bem ali naquela situação, pescando com o pai?

Isac: Está!

Lucélia: Hum hum... sim! Está tranqüilo! E o pai?

Isac: Também!

Lucélia: Quantos anos tem esse garoto?

Isac: Uns seis, cinco!

Lucélia: Cinco, seis anos?

Isac: É!

Lucélia: Eles sempre vão na beira desse rio pescar?

Isac: Sim!

Lucélia: É prazeroso prá eles isso? A companhia um do outro, pescando, os dois?

Isac: Sim!

Lucélia: E o pai ensina o filho a pescar?

Isac: Ensina!

Lucélia: Quanto tempo eles passam ali?

Isac: Muito tempo!

Lucélia: Muito tempo? Não dá para precisar quanto tempo?

Isac: Não!

Lucélia: Hum hum... que espécie de peixe eles pegam?

Isac: Vários!

Lucélia: E esse rio, como ele é? É de águas mansas? Águas bravias?

Isac: É... mansas!

Lucélia: Mansas? Hum hum... águas mansas! Águas escuras ou claras?

Isac: Escuras!

Lucélia: Escuras! Não dá prá ver o que tem lá dentro?

Isac: Não! É barrento!

Lucélia: Águas barrentas... hum hum... mas eles gostam de estar ali?

Isac: Gostam!

Lucélia: Gostam? Falam pouco, mas gostam de estar ali pescando?

Isac: É!

Lucélia: O Isac adulto, como está em relação a esta cena?

Isac: Está observando os dois.

Lucélia: Mas não está ali na cena? Está fora da cena?

Isac: Eu estou olhando!

Lucélia: Olhando? Está bem! Acontece mais alguma coisa?

Isac: Não!

Lucélia: Está bem! Vamos então fechar esta janela da sua imaginação, para que a gente possa abrir outra. Eu gostaria que você visualizasse essa cena à distância ficando cada vez menor, cada vez menor, até que você não pudesse vê-la mais...

1.1) Amplificação e interpretação

Quando foi proferida a consigna relativa ao Ser masculino, e a pesquisadora solicitou do sujeito a primeira imagem que lhe viesse à mente Isac referiu-se a uma cena de "um homem e um garoto na beira do rio." Como se expressava monossilabicamente e parecia estar num estado hipnagógico de consciência, a pesquisadora se viu forçada a questionar repetidamente. Isac afirmou que o homem, seu Ser masculino, deveria ser o pai do garoto, o qual, por sua vez era ele próprio quando criança, tendo entre cinco e seis anos de idade (uma cena de sua história passada, portanto). Cumpre salientar aqui a forma vaga, imprecisa e reticente, com que o sujeito se expressa, como se lhe estivessem gradualmente assomando à consciência reminiscências, impressões remotas e longínquas. Num primeiro momento vê-se o homem e o garoto; depois o sujeito se reconhece como sendo o garoto, até a revelação de que o homem pode ser o seu pai (trata-se de pai e filho). A impessoalidade inicial, que vai gradualmente se desvelando até se mostrar como uma cena da história do próprio sujeito, com personagens comuns a ele, sugere a princípio uma consciência ofuscada, que paulatinamente vai ganhando sucessivos níveis de clareza que se sobrepõem.

Continuando, o homem e o garoto estavam na beira do rio pescando. Na verdade, o pai "ensina o filho a pescar," isto é, ensina o menino a ser homem. E o menino tem no pai seu espelho, mentor e guia. O sujeito afirma que ambos costumam vir com frequência praticar a pesca à beira daquele rio, uma atividade e um local já bastante familiares, onde o pai silenciosa e repetidamente transmite ao filho os segredos sobre o universo masculino, e o fluir da própria vida com sua alternância de estações.

Na beira deste rio é tudo muito calmo e sossegado. O rio é de águas mansas, mas escuras; são águas barrentas, diz ele. Apesar de pouco conversarem, o garoto está tranqüilo e o pai também. Isac afirma que é prazeroso para ambos, estarem na companhia um do outro. Eles passam ali um tempo indefinidamente longo. Esta situação de atemporalidade remete aos domínios do inconsciente.

Na verdade, uma cena tão plácida e aparentemente tão simples e corriqueira remonta a um mito que é o cerne da psicologia masculina: "O mito de Parsifal e a busca do Santo Graal."

JOHNSON (1995) refere-se ao mito como uma entidade viva que existe dentro de cada ser vivente. Apesar de ter ele surgido no século XII (século que muitos estudiosos consideram como marco da era moderna), pode-se encontrar no mesmo a 'receita' para nosso próprio tempo. Eis o mito, rememorado nas palavras do autor:

> "O Castelo do Graal está com sérios problemas porque o Rei Pescador está ferido. Conta-se que ainda durante a adolescência, ele estava percorrendo os bosques praticando para ser um cavaleiro andante, quando se deparou com um acampamento abandonado. Curiosamente, havia um salmão - o 'peixe da sabedoria' - sendo assado num espeto. Faminto, serviu-se de um pedaço do peixe, sem perceber que estava muito quente. Seus dedos se queimaram de uma forma horrível. Deixou o peixe cair e levou os dedos à boca para aliviar a dor. Ao fazê-lo, pôde sentir um pouco do gosto do salmão, um gosto que jamais esquecerá. Essa é a ferida do Rei Pescador, assim chamado por ter sido ferido por um peixe, e que empresta seu nome ao que rege boa parte da psicologia moderna. O Rei Pescador é transportado numa liteira, por onde quer que vá, e está sempre gemendo e gritando em seu desespero. Para ele não há alívio, a não ser quando está pescando. Isso significa que aquela ferida, que representa a consciência, só é suportável quando o ferido está executando seu trabalho interior, dando prosseguimento à tarefa da conscientização, da individuação, que ele,

despreparado, iniciou com o ferimento em algum momento de sua juventude" (JOHNSON, 1995, p. 14).

O homem que sofre, hoje, em nossos dias, é o herdeiro direto desse evento psicológico, que culturalmente teve lugar há cerca de oitocentos anos, afirma o autor. Supostamente Isac com sua imagem proveniente de sua história pessoal, está reeditando este mito em busca da conscientização e da individuação, um evento universal e transgeracional.

Segundo JOHNSON (1995) de acordo com a tradição, potencialmente existem três estágios no desenvolvimento psicológico do homem. O padrão arquetípico é aquele em que um ser passa da perfeição inconsciente da infância para a imperfeição consciente da meia idade, para depois atingir a perfeição consciente da velhice. No caso de Isac, há duas gerações representadas, sendo que o homem adulto transmite para a criança, alguns dos conhecimentos que adquiriu na "arte da pesca."

Segundo VEDEL,* "o caminho do Graal ficou assinalado por numerosos milagres; um dos irmãos se chamava Brous e também 'o rico pescador,' porque havia conseguido pescar um peixe com o qual havia saciado a fome de toda a assembléia. Mas é chamado 'pescador de homens' e o peixe converte-se em símbolo de Cristo" (p. 460). Este fragmento de lenda expõe claramente o sentido místico da pesca e do pescador, que é ratificado por todos os pesquisadores de mitologia e antropologia. O ato de pescar equivale à extração dos conteúdos profundos do inconsciente, dos 'tesouros' difíceis de obter de que falam as lendas, quer dizer, da sabedoria. Pescar almas é uma conseqüência, simplesmente, de saber pescar nas almas. O peixe é um animal místico e psíquico que vive nas águas (dissolução, mas também renovação e regeneração). O pescador é o homem capaz, como o médico, de atuar sobre as próprias fontes da vida, pelo conhecimento que possui das mesmas. Por esta razão, Parsifal encontra o rei do Graal como pescador.

Quanto à água CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o afirmam:

* VEDEL *apud* CIRLOT, J.E. - **Dicionário de símbolos**. São Paulo, Editora Moraes, 1984. 614 p.

"A água é símbolo das energias inconscientes, das virtudes informes da alma, das motivações secretas e desconhecidas. Acontece muitas vezes nos sonhos a gente estar sentado à borda da água a pescar. A água, símbolo do espírito ainda inconsciente, encerra o conteúdo da alma, que o pescador se esforça para trazer à superfície, e que deverá alimentá-lo. O peixe é um animal psíquico" (p. 22).

JUNG (1989) reitera o significado da água como inconsciente, ou melhor, a inconsciência, o estar oculto.

Já a 'perversão' se acha figurada pela água misturada à terra (desejo terrestre tido como impuro) ou pela água estagnada que perdeu suas propriedades purificadoras: o limo, a lama, o pântano. No caso das "águas barrentas e escuras" de Isac, elas supostamente representam aqueles conteúdos de seu inconsciente que, por serem fonte de conflitos e conterem os aspectos mais abissais de sua psique, foram relegados à sombra. Todavia, são águas mansas, o que significa que apesar de haver conteúdos ocultos, eles não representam perigo ou ameaça à integridade do ego.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que as águas calmas significam a paz e a ordem. No folclore judaico, a separação feita por Deus, quando da criação das águas superiores e inferiores, designa a partilha das águas masculinas e femininas, simbolizando a segurança e a insegurança, o masculino e o feminino.

Além disso, o simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas, o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a corrente da vida e da morte. Seja descendo as montanhas ou percorrendo sinuosas trajetórias através dos vales, escoando-se nos lagos ou nos mares, o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Por outro lado, o peixe por que procuram o homem e o garoto (pai e filho), constitui o emblema da água, e é símbolo da fecundidade e da sabedoria na iconografia dos povos indo-europeus. Escondido nas profundezas do oceano, ele é penetrado pela força sagrada do abismo. Dormindo nos lagos ou atravessando os rios, ele distribui a chuva, a umidade, a inundação, controlando, assim, a fecundidade do mundo.

O sujeito (o homem adulto) apenas observa, permanecendo a olhar à distância, sem interferir. Além disso, centra-se nesta única cena, não evoluindo para uma sequência de imagens.

Observe-se que partindo de uma imagem da história pessoal o sujeito evolui para um tema eminentemente arquetípico: a pesca e toda a simbologia que lhe é subjacente.

2) Figura feminina

Tendo sido proferida a consigna referente à figura feminina, Isac assim se expressa:

Isac: É... uma mulher... adulta... (inaudível) ... está indo prá roça!

Lucélia: Hum... Espera um pouquinho só! Deixa ver se eu entendi! Uma mulher adulta...

Isac: É!

Lucélia: ...e duas garotas?

Isac: Não! Um garoto e uma garota.

Lucélia: Ah! Um garoto e uma garota menor?

Isac: É!

Lucélia: Sim! E o Ser feminino aí no caso, é essa mulher?

Isac: É!

Lucélia: E esses dois... esse garoto e essa garota, são filhos dela?

Isac: Filhos!

Lucélia: Ah, sim! E ela está indo prá roça?

Isac: Prá roça...

Lucélia: Sim! Continue!

Isac: Com uma enxada nas costas...

Lucélia: Ah! Ela está com uma enxada nas costas?

Isac: É! Os garotos vão brincando em torno dela!

Lucélia: Hum hum... ela vai para o batente? Vai trabalhar na roça?

Isac: É!

Lucélia: Hum hum... vai carpir?

Isac: Exato! São pequenininhos os garotos!

Lucélia: Mais ou menos, que idade eles têm?

Isac: Uns cinco, quatro... por aí. Uma coisa assim!

Lucélia: Quatro ou cinco anos? Hum hum... Eles brincam em torno dela?

Isac: É!

Lucélia: Hum... Essa imagem já é familiar sua?

Isac: É!

Lucélia: Por quê?

Isac: Porque acho que eu vivi isso!

Lucélia: Sei! Você por acaso é o menino?

Isac: Eu creio que sim!

Lucélia: Hum... Você é o menino, indo com a mãe e com sua irmã menor prá roça. Uma imagem familiar!

Isac: É!

Lucélia: E como se sente o menino?

Isac: Hum... ele está feliz! Parece!

Lucélia: Está feliz?

Isac: Está!

Lucélia: E a mulher?

Isac: Acho que ela está cansada!

Lucélia: Cansada! Ela parece estar cansada.

Isac: É!

Lucélia: Cansada do trabalho?

Isac: Não! Porque eu acho que ela está indo para o trabalho.

Lucélia: Hum... e ela já está indo cansada?

Isac: É! Ela está cansada!

Lucélia: Hum hum... é cedo?

Isac: É! Mais ou menos umas seis horas da manhã.

Lucélia: Ela chega afinal na roça?

Isac: Chega!

Lucélia: Hum... e então?

Isac: Os garotos vão... prá baixo de uma árvore e ficam lá brincando!

Lucélia: Brincando... enquanto ela?

Isac: Trabalha!

Lucélia: Trabalha! Ela trabalha! E o tempo passa...

Isac: É!

Lucélia: O que tem plantado nessa roça?

Isac: Uma plantação de arroz!

Lucélia: Ah! É uma plantação de arroz! O tempo passa e ela ali... carpindo o arrozal.

Isac: As crianças dormem na sombra!

Lucélia: As crianças dormem.

Isac: É!

Lucélia: E ela?

Isac: E ela trabalha!

Lucélia: Trabalha sempre?

Isac: Sempre!

Lucélia: Quanto tempo ao todo nessa labuta?

Isac: Até voltarem prá casa.

Lucélia: Voltam mãe e filhos?

Isac: É!

Lucélia: Como termina?

Isac: Acho que termina assim!

Lucélia: Um dia de trabalho na vida de uma mulher e seus dois filhos?

Isac: É!

Lucélia: Hum hum... Um dia de muito trabalho? Trabalho pesado?

Isac: É!

Lucélia: Está bem! Então, vá se despedindo dessa imagem que representa o seu Ser feminino...

2.1) Amplificação e interpretação

Da mesma forma que no item anterior, ao ser solicitada a imagem do Ser feminino, o sujeito trouxe uma cena. Nesta cena há "uma mulher indo para a roça com uma enxada nas costas," juntamente com duas crianças pequenas, aproximadamente de quatro e cinco anos. Da mesma forma que na situação anterior, a imagem, antes impessoal, vai se tornando familiar (Isac intui que já viveu isso), de forma que admite que os garotos são filhos da mulher, e que possivelmente o menino seja ele próprio (trata-se de sua família, portanto, sendo que a figura paterna está ausente).

Inquirido, o sujeito confirma que a mulher (implicitamente, sua mãe) representa para si a imagem do Ser feminino. Prosseguindo, Isac relata que enquanto ela caminha para a roça os dois garotos vão brincando em torno dela. Ambos são ainda muito pequenos e vivem a inocente alegria da infância. O objetivo da mulher é chegar a uma plantação de arroz, onde vai carpir. O menino parece feliz, mas ela todavia, parece cansada, apesar de estar apenas começando o seu dia de trabalho, assevera Isac. Ainda é muito cedo (em torno de seis horas da manhã).

Quando finalmente chegam na lavoura, as crianças vão para baixo de uma árvore e lá permanecem brincando, enquanto a mulher trabalha. O tempo passa até que os irmãos dormem à sombra da árvore. A mulher, no entanto, continua a sua labuta incessante. Ela trabalha ininterruptamente, até que chega a hora de voltarem para a casa.

Trata-se de um dia de trabalho na vida de uma mulher e seus dois filhos. Trabalho duro, pesado e contínuo.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que a lavoura é universalmente considerada um ato sagrado e, sobretudo, como um ato de fecundação da terra. A festa do traçado do primeiro Sulco, na antiga China, ainda hoje na Tailândia e no

Camboja, é, dizem os sociólogos, um ato de desconsagração do solo. Seria de defloração? Questiona o autor, porque é, sobretudo, a tomada de posse e a fecundação da terra virgem, realizada pelo Homem transcendente, intermediário entre o Céu e a Terra. É digno de nota que o soberano chinês tivesse de pedir previamente a chuva, que é o *sêmen* do Ceú; que a primeira lavoura tivesse de ser efetuada por casais e que ela fosse acompanhada de uniões sexuais. A enxada ou a relha do arado estão ligadas a um simbolismo fálico, enquanto o sulco corresponde à mulher.

É interessante observar que neste caso a 'tomada de posse' e a 'fecundação da terra virgem' é efetuada por uma mulher, e não por um homem. Esta mulher, que, vista de outro ângulo, já traz consigo os produtos da terra fecundada, suas crianças pequenas. Vale salientar que por se tratar de trabalho muito pesado, a função de lavrar a terra atualmente em nossa sociedade é desempenhada predominantemente por homens[47] , porque se trata de um trabalho braçal que exige resistência e força física além de longas horas de exposição ao sol. No caso, a mulher que representa o ser feminino para o sujeito (supostamente sua mãe), parece estar sendo testada além do seu limite e da capacidade de suas forças, o que sugere um sacrifício do Ser feminino talvez para manter sua prole (objetivo mais imediato) e alcançar outros níveis de consciência.

O Ser feminino para Isac não se destaca por sua capacidade de sedução, beleza e magnetismo para atrair o sexo oposto, mas pela força interior da figura materna, que se revela em sua imensa e inesgotável resistência no trabalho, muito embora o seu cansaço físico seja evidente. Assim, a relação do Ser feminino não parece estar voltada para o masculino (o sexo oposto), mas única e exclusivamente para a sua progênie e a plantação de arroz. Além do cansaço que o sujeito vê transfigurado em sua fisionomia,

[47] Nem sempre foi assim, no entanto. No período neolítico da história da humanidade, compreendido entre o VIII e o VI milênio a.C., uma época em que os homens começam a dominar a natureza ao invés de sofrer seus efeitos, as mulheres estão na linha de frente. No Oriente Médio (que precedeu o Ocidente em cerca de quase dois mil anos), são elas que fazem crescer os produtos da terra, associando o poder de fecundidade ao de fertilidade. BADINTER (1986) revela estar de acordo em pensar que a agricultura é uma "invenção feminina." O homem, ocupado em perseguir os animais na caça, e mais tarde em levar os rebanhos para o pasto, quase sempre estava ausente. A mulher, pelo contrário, segura de sua tradição de coletora, tinha a oportunidade de observar os fenômenos naturais da semeadura e da germinação. Era normal que ela tentasse reproduzí-los artificialmente, afirma a autora.

possivelmente decorrente de sua labuta diária de sol a sol, e por uma luta mais ampla pela sobrevivência, também evidencia-se nas entrelinhas um estado de profunda solidão. Isto é, uma mulher que trabalha sozinha num campo de arroz enquanto suas crianças brincam ou dormem. Sequer se cogita a presença (ou ausência) de um parceiro, sendo que tudo transcorre como se este, de fato não existisse. Esta mulher em sua luta solitária e silenciosa lavra a terra, enquanto 'lavra' (burila) a sua alma, perfazendo paciente e persistentemente todos degraus da consciência humana, na ânsia de garantir o tão precioso alimento para os seus filhos, e o 'maná' para seu espírito.

> "Como o pão ou o trigo na Europa, o arroz constitui na Ásia, o alimento essencial: comporta, pois, a mesma significação simbólica e ritual. O arroz é a riqueza, a abundância, a pureza primeira. Deve-se observar que, no próprio Ocidente, ele é o símbolo de felicidade e de fecundidade: lançam-se punhados de arroz nas cerimônias de casamento. O arroz é de origem divina; como o maná no deserto, cresce e enche celeiros espontaneamente. Todas as lendas da Ásia Oriental dão testemunho disso. A laboriosa cultura do arroz é consecutiva à ruptura das relações entre o céu e a terra. Ele é para os japoneses o símbolo da abundância, devida ao poder celeste. É também, como o pão, símbolo de alimento espiritual" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996, p. 82).

Tendo supostamente rompido as relações com o masculino (Céu), a mulher (associada à Terra) precisou nutrir-se junto a seu animus, que dotou-a de preciosos atributos - força para o trabalho, coragem, determinação, perseverança - com os quais pudesse se munir para o desafio que então se lhe impunha: a cultura do arroz, o que fez dela um ser quase andrógino, que embora feminino exteriormente tivesse o poder, a força e o instrumento (a enxada) para fecundar a terra.

Não vamos nos esquecer todavia, que estamos falando da *anima* do sujeito, que parece ter sido sutilmente projetada sobre a figura materna. Evidencia-se ainda no estilo lacônico e quase monossilábico do sujeito, uma profunda sensibilidade e a sensação de que suas imagens parecem provir de muito longe, um espaço imaginário situado entre reminiscências do inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Logo após ter sido proposta a situação de encontro entre as imagens que representam o Ser masculino e o Ser feminino, o sujeito afirma:

Isac: Eles... não estão se encontrando!

Lucélia: Não estão se encontrando?

Isac: Pelo menos até agora...

Lucélia: Hum... e onde eles estão, cada um deles?

Isac: Cada um no seu lugar!

Lucélia: Cada um no seu lugar?

Isac: É! Apartados!

Lucélia: Apartados? Hum! Eles não se encontram?

Isac: Não!

Lucélia: Então, o pai continua com o menino na beira do rio, e a mãe está com os dois filhos na plantação de arroz, carpindo?

Isac: É!

Lucélia: E agora, não tem jeito deles se encontrarem mesmo?

Isac: Não!

Lucélia: Nenhum jeito?

Isac: (Sinal sonoro de negação)

Lucélia: Por quê não? O que impede que eles se encontrem?

Isac: Não sei! Sei lá! Não tenho essa resposta!

Lucélia: Não tem essa resposta?

Isac: Não!

Lucélia: Mas eles por acaso, são marido e mulher? Moram na mesma casa? Ou não?

Isac: É! Sim! Mas não se encontram!

Lucélia: Mas não se encontram. Então, continua assim? Um na beira do rio e o outro... o outro na plantação de arroz?

Isac: É!

Lucélia: Hum hum... eles têm naturezas muito opostas? São muito diferentes um do outro?

Isac: Eu diria que não!

Lucélia: Vivem juntos há muito tempo como marido e mulher?

Isac: Sim!

Lucélia: Hum... Interessante! Vivem juntos, compartilham a mesma casa, têm filhos, mas não se encontram como homem e mulher?

Isac: Não!

Lucélia: Hum hum... se você fosse deixar uma mensagem prá eles, de onde você está, do seu ponto de observação, o que você diria?

Isac: Eu não sei te dizer!

Lucélia: Não sabe também o que impede o encontro?

Isac: Exatamente não!

Lucélia: Hum... você sabe dizer qual é o sentimento que eles nutrem um pelo outro? Se é de amor? De ódio? De indiferença? Assim, o primeiro que vem, sem pensar muito.

Isac: Acho que é indiferença!

Lucélia: Indiferença? Hum... indiferença! E vivem assim os dois?

Isac: É!

Lucélia: Compartilham a mesma casa há muito tempo, mas são indiferentes um ao outro.

Isac: É! São... estranhos!

Lucélia: São estranhos um para o outro?

Isac: É!

Lucélia: Ah! Teria mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Isac: Não! Eu acho que não!

Lucélia: Então, eu vou pedir que você se despeça dessas figuras, dessas imagens que representam o seu Ser masculino e o seu Ser feminino, cada uma no seu lugar, e que você vá lentamente fechando essa janela da sua imaginação...

3.1) Amplificação e interpretação

Tendo sido proposta a situação de encontro, de imediato o sujeito afirma que as imagens que representam o Ser masculino - o homem da beira do rio - e o Ser feminino - a mulher da plantação de arroz - não se encontram. Isac continua afirmando firme e reiteradamente ao longo do trabalho, que não há nenhuma possibilidade deles se

encontrarem, assegurando que ambos estão definitivamente "apartados." Assim, cada um permanece no seu respectivo lugar: o homem, na beira do rio, e a mulher, na lavoura.

Diante disso, a pesquisadora tentou então explorar a situação em busca de maiores dados. Isac acrescentou que ambos são marido e mulher, e, apesar de viverem juntos há muito tempo, compartilharem a mesma casa, terem filhos comuns, e de não possuírem naturezas muito distintas, todavia como Ser masculino e feminino eles não se encontram. O sujeito afirma ignorar a razão pela qual o encontro não pôde ocorrer. E esclarece que o sentimento que ambos nutrem um pelo outro não é nem de amor ou ódio, mas uma "indiferença" glacial. Na verdade, são "estranhos" um ao outro, acrescenta.

Supostamente o encontro não pôde ocorrer em função desta estranheza, isto é, apesar do vínculo ser de marido e mulher, o que pressupõe o compartilhar do mesmo espaço e a existência de filhos comuns, eles talvez 'não falem a mesma língua,' isto é, do ponto de vista psicológico não possuem pontos de identificação, o mecanismo que vai engendrando uma rede feita de crescente cumplicidade, que leva ao compartilhar mútuo de experiências, e faz crescer a intimidade e o afeto entre os sexos. Por isso a afirmação do sujeito de que ambos não possuem naturezas muito distintas possa ser apenas uma meia verdade, talvez referindo-se apenas a alguns aspectos exteriores aparentemente similares. O fato de ambos protagonizarem cenas do campo pode ser um ponto em comum, todavia a pesca e a faina agrícola são atividades distintas: à primeira vista a pesca é uma atividade de lazer e descontração ao passo que a lida na lavoura é um trabalho pesado e extenuante. Os 'segredos' da pesca e os da lavoura também são distintos.

Por sua vez, a indiferença é exatamente aquele estado emocional que mantém os casais congelados onde estão, isto é, nem o amor que leva à aproximação, nem o ódio, que leva ao afastamento. Anestesiados e afastados pela indiferença pode-se viver muitos anos em situação de aparente normalidade, mas na verdade nutrindo nos subterrâneos da consciência profundos e insidiosos ressentimentos, enquanto cada um se mantém no seu lugar (a lavoura e a beira do rio).

Considerando que a *coniunctio oppositorum* neste caso não tenha se processado internamente, cumpre refletir ainda sobre os processos que levaram a isso, ou

até mesmo em suas possíveis implicações. Apesar do sujeito ter acessado o Ser masculino e o Ser feminino, sua *anima* parece estar definitiva e fortemente alienada de seu lado masculino, estando ambos separados e cindidos por um 'bloco' gélido de indiferença. Por sua vez o sujeito parece ter se fixado nessas reminiscências de infância (em ambas as imagens ele é o menino) e não ter evoluído a partir desse "imprinting" inicial, acrescentando dados e atribuindo novas formas e configurações à sua *anima*, modificando por conseguinte, o "script" do relacionamento com o feminino a partir da experiência vivida, e de outras mulheres que tenha conhecido. Talvez Isac tema este encontro, pois ignora o que aconteceria então, o que o homem pescador e a mulher lavradora fariam ou teriam a dizer um ao outro, ou até mesmo não se sabe da existência de novos códigos para reeditar esta cena (haveriam outros conteúdos para colocar no lugar disto?).

Por outro lado, já se prenunciava tal quadro no item anterior, dado o estado de solidão em que se encontrava a mulher, sendo a única relação explicitada (e supostamente possível) aquela com os filhos, parecendo ter se eclipsado da cena o elemento masculino - a ruptura entre o céu e a terra - já apontada anteriormente.

Além disso, a comunicação parece estar interceptada não só entre o Ser masculino e o Ser feminino, como também do próprio sujeito para com eles (Isac não tem nenhum mensagem a dizer), parecendo ser muito difícil para ele estabelecer relações, fazer contato, seja em que nível for.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

CASO nº 4: ARQUIMEDES

1) Figura masculina

Tendo sido proferida a consigna referente à figura masculina, solicita-se ao sujeito que diga qual é a imagem que a representa, e relate tudo o que se sucede a partir disso:

Arquimedes: ...Um peixe!

Lucélia: É um peixe? Hum... Continue...

Arquimedes: Um peixe no fundo do mar...

Lucélia: No fundo do mar! Hum...

Arquimedes: As águas bem claras...

Lucélia: Águas bem claras!

Arquimedes: Um silêncio total...

Lucélia: Silêncio total! Hum hum... Existem outros peixes ao redor?

Arquimedes: ...bem pequenininhos!

Lucélia: Bem pequenos! Esse peixe... é bem maior que os outros?

Arquimedes: Um pouco! Ele não é muito grande.

Lucélia: Você sabe que tipo de peixe é?

Arquimedes: Não! Eu desconheço.

Lucélia: Que cor ele tem?

Arquimedes: É meio escuro... cinza! Meio cinzento!

Lucélia: Meio cinzento? Hum...

Arquimedes: É! Parece... que está dançando um balé na água!

Lucélia: Está dançando um balé!!

Arquimedes: É! O jeito que ele nada... assim na água parece que... está dançando um balé!

Lucélia: Certo! É bonito vê-lo assim, nadando?

Arquimedes: É!

Lucélia: Você sabe me dizer como ele se sente, como ele está?

Arquimedes: Acho que relaxado que nem eu! (Riso)

Lucélia: (Riso) Relaxado que nem você?

Arquimedes: É!

Lucélia: Hum hum... Está de bem com a vida?

Arquimedes: Sim!

Lucélia: Hum... Você conversa com esse peixe?

Arquimedes: Não! Só observo!

Lucélia: E de onde você observa? Onde você está?

Arquimedes: Ao mesmo tempo... que eu vejo assim... como se... como se ele estivesse perto.

Lucélia: Como se ele estivesse perto?

Arquimedes: É!

Lucélia: Mas você não está no fundo do mar com ele? Ou está?

Arquimedes: Não!

Lucélia: Não? Você está fora, então? Não está lá?

Arquimedes: Estou fora! De onde eu estou dá prá ver um lindo horizonte!

Lucélia: Ah! Dá prá ver o horizonte! Um lindo horizonte! Hum hum... E de onde você está... você diz que está observando o peixe... você está em terra firme, eu entendo, é isso?

Arquimedes: Isso! Na margem!

Lucélia: Você pode ver o horizonte, e está observando o peixe. Ele te vê? Ele sabe que você está lá olhando prá ele?

Arquimedes: Não! Não!

Lucélia: Ah! Ele não te vê! Está certo! (Pausa) E você então se mantém ali à distância? Você não tenta se aproximar, chegar mais perto, conversar?

Arquimedes: Não! Só observo! (Pausa) Eu vejo assim... como se tivesse duas montanhas para os lados. E lá no fundo, assim... aquela imagem do oceano, e lá no fundo assim, um sol! Bem bonito! Como se ele estivesse se resfriando dentro da... se pondo. O sol se pondo assim... mas parece que ele está descendo dentro da água, assim...

Lucélia: Dentro da água! Essa é a visão que você tem do ponto em que você está?

Arquimedes: Exatamente!

Lucélia: Então, se eu estou entendendo você tem duas visões!

Arquimedes: Exatamente!

Lucélia: Uma é a do peixe, e a outra é esta... do sol, do oceano?

Arquimedes: Isto!

Lucélia: Ah, sim! Esse sol que é como se estivesse penetrando o oceano?

Arquimedes: Isto! Exatamente! Fazendo leves ondinhas assim, na água, e o peixe mergulhando!

Lucélia: O peixe...?

Arquimedes: ...por ali nadando!

Lucélia: Por ali nadando! Ah... ele faz parte desta paisagem? Você havia dito que ele estava no fundo do mar...

Arquimedes: Isto!

Lucélia: Ele continua nadando no fundo ou na superfície?

Arquimedes: Ele continua assim... é... não tão profundo, né. De um lugar que dá prá ver o peixe!

Lucélia: Ah! Dali você consegue ver o peixe... e toda essa paisagem?

Arquimedes: Isso!

Lucélia: Sim, entendi! Hum hum...

Arquimedes: Uma visão ampla de tudo!

Lucélia: Uma visão ampla de tudo! E para que direção nada esse peixe? Você sabe dizer? Para onde ele vai?

Arquimedes: O caminho do sol, parece.

Lucélia: Ah! Ele está seguindo o caminho do sol...

Arquimedes: Isso!

Lucélia: Ele busca o sol?

Arquimedes: É! Ele busca a claridade... a luz do sol!

Lucélia: Ah... a luz do sol! A claridade! Hum hum... O peixe conversa com o sol? Diz alguma coisa para o sol?

Arquimedes: Não!

Lucélia: Não há diálogos! (Pausa) Então é isso: o peixe está nadando em direção à luz do sol, e do ponto em que você está, em terra firme, você observa toda essa paisagem?

Arquimedes: Sim!

Lucélia: E ao lado do peixe, conforme você disse tem outros peixes menores. Como ele não tem nenhum?

Arquimedes: Como ele não! Nenhum semelhante a ele!

Lucélia: Nenhum semelhante a ele?! Acontece mais alguma coisa nesta cena, com esta imagem?

Arquimedes: De vez em quando passa uma ou outra gaivota por cima do sol! Bem no fundo assim, da imagem.

Lucélia: Ah! No fundo da imagem passa uma ou outra gaivota. Está certo! Seria basicamente isso?

Arquimedes: Seria!

Lucélia: Você gostaria de deixar uma mensagem prá esse peixe?

Arquimedes: Não!

Lucélia: Não?! Está bom! Podemos então fechar esta janela da sua imaginação?

Arquimedes: Podemos!

1.1) Amplificação e interpretação

Como imagem que representa o seu Ser masculino, Arquimedes visualizou um peixe cinzento, nadando no fundo de um mar de águas claras em meio a outros peixes pequenos, envolto no mais profundo silêncio, o que logo de imediato sugere a idéia de um santuário, um local sagrado.

Segundo EDINGER (1995) o símbolo do peixe exibe um duplo sentido. De um lado, trata-se de uma criatura de sangue frio, das profundezas, e por isso representa o instinto inconsciente semelhante ao dragão. Por outro lado, a simbologia do peixe estendeu-se ao cristianismo, sendo o próprio Cristo simbolizado pelo peixe (a palavra grega "Ichtus" = peixe, é tomada pelos cristãos como ideograma, sendo cada uma das cinco letras a inicial de palavras assim traduzidas: Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador - "Iesus Christós Theou Uios Soter"). Neste caso Cristo é considerado ao mesmo tempo Salvador e instrumento da revelação; simboliza tanto o redentor, quanto aquilo que deve ser redimido.

Em termos gerais CIRLOT (1984), define o peixe como um ser psíquico, um "movimento penetrante," dotado de poder ascensional no inferior, isto é, no inconsciente. SCHNEIDER* assinala que o peixe é o barco místico da vida; transvestido nas mais variadas formas é sempre "o fuso que fia o ciclo da vida seguindo o zodíaco lunar." Em essência, possui uma natureza dupla: por sua forma de fuso é uma espécie de "pássaro das zonas inferiores" e símbolo do sacrifício e da relação entre o céu e a terra.

Conforme já citado anteriormente (caso Isac), na iconografia dos povos indo-europeus, o peixe, emblema da água, é símbolo da fecundidade (pela profusão de suas ovas e prodigiosa faculdade de reprodução) e da sabedoria. Escondido nas

* SCHNEIDER *apud* CIRLOT, J.E. - **Dicionário de símbolos**. São Paulo, Editora Moraes, 1984. 614 p.

profundezas do oceano, ele é penetrado pela força sagrada do abismo. Dormindo nos lagos ou atravessando os rios, ele distribui a chuva, a umidade, a inundação. Ele controla, assim, a fecundidade do mundo (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Além disso, o peixe também é símbolo fálico, sendo que o Deus do amor, em sânscrito, se chama "aquele que tem por símbolo o peixe." Nas religiões sírias, ele é o atributo das deusas do amor e está também associado ao nascimento e à restauração cíclica.

Na astrologia, os peixes simbolizam o psiquismo, esse mundo interior tenebroso, através do qual se faz a comunicação com deus ou com o diabo. Aqui o Úmido reina soberano enquanto princípio de difusão, de diluição, de fusão das partes em uma totalidade, sendo esta extensividade até o oceano cósmico infinito. Sob a tutela de Netuno, este signo representa o arquétipo da dissolução e da integração universais, do limo à fusão final.

O peixe que representa a figura masculina para Arquimedes é único e singular, isto é, não há nenhum semelhante ao seu lado, somente outros bem menores ("pequenininhos"); o próprio sujeito desconhece a espécie a que pertence. De cor acinzentada e de tamanho médio, ele nada como se estivesse a dançar um balé. Tudo isso são evidências da busca de diferenciação do sujeito, e de sua trajetória rumo a níveis mais elevados de consciência individual. Um nado que se assemelha a uma dança sugere leveza, flexibilidade, harmonia de movimentos, e perfeita integração com o cosmos. Nas tradições chinesas, a dança permite organizar o mundo. Ela pacifica os animais selvagens e estabelece a harmonia entre o Céu e a Terra. É a dança de Yu-o-Grande que põe fim ao transbordamento das águas, à superabundância do "Yin" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Vale salientar que o sujeito revela sua identificação com o peixe quando afirma: "Ele está relaxado que nem eu!" Apesar do peixe estar no fundo do mar, Arquimedes pode vê-lo muito próximo a si, ou seja, psicologicamente ele o tem muito perto e muito dentro de si. Todavia, não há diálogos entre os dois, e o sujeito permanece observando o peixe. Este último não se dá conta de que é observado. Arquimedes, por sua vez, não tenta se aproximar ou estabelecer contato.

Por outro lado, o mar, o *habitat* natural do referido peixe, é símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes, uma situação de ambivalência que é de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte.

O oceano, o mar são ainda, em virtude de sua extensão aparentemente sem limites, as imagens da indistinção primordial, da indeterminação original. O mar é também o símbolo das Águas superiores, da Essência divina, do Nirvana, do Tao. Segundo SHABESTARI* o oceano é o coração, o conhecimento; a margem é a gnose; a concha, a linguagem, e a pérola que ela contém, a ciência do coração, o sentido secreto da linguagem.

Da margem do oceano, o sujeito observa o peixe. Do ponto em que se encontra Arquimedes possui "uma visão ampla de tudo," de forma que é possível vislumbrar um "lindo horizonte," com duas montanhas em um plano mais imediato, o mar em um plano posterior, e ainda mais afastado, ao fundo, o sol se pondo como se estivesse "se resfriando," descendo dentro da água, penetrando o oceano.

Segundo JUNG (1991) o curso diário do sol e o alternar-se regular dos dias e das noites supostamente refletem-se na psique sob a forma de imagem gravada aí desde tempos imemoriais. Não é possível demonstrar a existência desta imagem, mas o autor descobriu analogias mais ou menos fantásticas deste processo físico: "Cada manhã um herói divino nasce do mar e sobe no carro do Sol. No ocidente, espera-o uma Grande Mãe, que o devora, assim que anoitece. No ventre de um dragão o herói atravessa o fundo do mar da meia-noite. Depois de um combate terrível com a serpente noturna, ele renasce na manhã seguinte" (p. 90).

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o sol, se não é o próprio deus, é, para muitos povos, uma manifestação da divindade. Pode ser concebido como o

---

* SHABESTARI *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

filho do Deus supremo e irmão do arco-íris. O Sol é a fonte da luz, do calor, da vida. Seus raios representam as influências celestes - ou espirituais - recebidas pela Terra.

Se a luz irradiada pelo Sol é o conhecimento intelectivo, o próprio Sol é a inteligência cósmica, assim como o coração é, no ser, a sede da faculdade do conhecimento. Em astrologia, além das atribuições acima, o Sol também é símbolo do dia, do princípio de autoridade cuja encarnação primeira é o pai, do princípio gerador masculino e de tudo que brilha; representa o ser nas suas funções realizadoras de marido e de pai.

Enquanto símbolo cósmico, o Sol ocupa a posição de uma verdadeira religião astral, cujo culto domina as grandes civilizações antigas, com as figuras dos deuses-heróis gigantes, encarnações das forças criadoras e da fonte vital de luz e calor que o astro representa (Atum, Osíris, Baal, Mitra, Hélio, Apolo).

Sua gama de valores estende-se do superego negativo, que esmaga o ser com proibições, regras ou preconceitos, ao ideal do ego positivo, imagem superior de si mesmo, cuja grandeza procura-se alcançar. Portanto, o astro do dia situa o ser na sua vida policiada ou sublimada, é o rosto que a personalidade apresenta nas suas mais elevadas sínteses psíquicas, no nível da sua mais forte individualização, ou no malogro feito de orgulho ou de delírio de poder (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

No caso de Arquimedes especificamente, seu significado parece ter uma conotação francamente positiva, isto é, o sujeito se orienta em busca de seu Eu Superior, que o conduz rumo ao self através do processo de individuação. O fato do sol estar "se resfriando," penetrando o oceano, sugere a imagem da "imersão no mar."

JUNG (1987 b) afirma que a imersão no mar é o mesmo que dissolver no sentido físico da palavra, e também resolver um problema. É uma volta ao obscuro estado originário, ao líquido amniótico do útero grávido (o inconsciente). Numa variante da série de gravuras do Rosarium Philosophorum, uma obra alquímica sobre os mistérios que envolvem a *coniunctio oppositorum*, o sol e a lua aparecem dentro d'água, mas ambos têm asas, logo representam os *spiritus*, isto é, seres do ar ou do pensamento. Nos textos alquímicos observa-se que sol e lua são dois vapores ou *fumi* que se desenvolvem

pouco a pouco sob a ação do fogo cuja intensidade aumenta gradativamente e que se elevam, como que levados por asas.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) acrescentam que o Sol imortal nasce toda manhã e se põe toda noite no reino dos mortos; portanto, pode levar com ele os homens e, ao se pôr, dar-lhes a morte; mas, ao mesmo tempo, pode guiar as almas pelas regiões infernais e trazê-las de volta à luz no dia seguinte.

Especificamente nas tradições meso-americanas, o mesmo não é visto como uma morte (ao contrário do caso da lua durante os três dias de obscuridade), mas como uma descida do astro às regiões inferiores, ao reino dos mortos. Ao contrário da Lua, o Sol tem o privilégio de atravessar o inferno sem se submeter à morte.

O sujeito esclarece que o peixe, que se destaca como figura em uma imagem cujo fundo é o oceano e mais ao longe, o sol, nada em direção a este último; ele busca, pois, a claridade, a luz do sol, que lhe dá o sentido de orientação, o qual nada mais é do que o sentido da sua própria evolução psíquica. Para completar o quadro, Arquimedes vê ainda na parte posterior ao fundo da imagem, gaivotas voando por sobre o sol.

Conforme um mito dos índios "lilloets" da Colúmbia Britânica, a gaivota era primitivamente proprietária da luz do dia, que ela conservava ciumentamente dentro de uma caixa, apenas para seu uso pessoal. O corvo, cujas qualidades demiúrgicas são conhecidas nas culturas do noroeste, conseguiu romper a caixa usando de astúcia, em benefício da humanidade. O mesmo mito explica em seguida como o corvo organiza uma expedição ao país dos peixes, a bordo da barca da gaivota (barca de luz) para conquistar o fogo (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Em suma, o princípio masculino para o sujeito parece estar representado por um peixe (ser psíquico) que nada nas águas profundas do inconsciente em busca da diferenciação e da transcendência: a luz brilhante do sol, que nada mais é do que a luz da consciência.

2) Figura feminina

Após ter sido proferida a consigna referente à figura feminina, o sujeito assim se expressa:

Arquimedes: Parece assim uma bailarina! Linda bailarina!

Lucélia: Uma linda bailarina!

Arquimedes: Num palco de gelo...

Lucélia: Num palco de gelo! Continue...

Arquimedes: Ela... ela desliza assim... fazendo aquele balé clássico, assim...

Lucélia: Ah! Ela está dançando, deslizando no gelo?

Arquimedes: Isso! Exatamente! Como se fosse... não um balé, assim artístico. Como se fosse o balé da vida!

Lucélia: O balé da vida. Ah... Como se fosse o balé da vida!

Arquimedes: Exatamente!

Lucélia: E nesse balé da vida... ela dança, ela desliza no gelo! Hum hum... e como ela se sente ali, deslizando no gelo?

Arquimedes: Se sente em paz... como se estivesse no ventre de sua mãe...

Lucélia: Como se estivesse no ventre de sua mãe!

Arquimedes: Também é uma imagem vazia, só ela, sozinha.

Lucélia: Ah! Ela está sozinha? Hum... Não existem outros bailarinos?

Arquimedes: Não! Somente ela!

Lucélia: Não existem pessoas assistindo?

Arquimedes: Somente eu!

Lucélia: Você está ali... diante dela?

Arquimedes: Sim!

Lucélia: Hum... ela pode te ver?

Arquimedes: Não! Creio que não!

Lucélia: Não! É só você que pode vê-la?

Arquimedes: Só eu posso vê-la!

Lucélia: Hum hum... E o que lhe parece esta dançarina?

Arquimedes: Um anjo!

Lucélia: Ah! Um anjo... Hum... tal é a leveza dela?

Arquimedes: Exatamente!

Lucélia: E para quem ela está dançando? Ela dança para você ou ela dança para festejar a vida?

Arquimedes: Acho que... para festejar a vida!

Lucélia: Hum... continue... acontece alguma coisa depois disso? Por quanto tempo ela continua dançando?

Arquimedes: Quanto tempo ela continua dançando?

Lucélia: Hum hum...

Arquimedes: Acho que até enquanto durar a imaginação!

Lucélia: Indefinidamente?

Arquimedes: Indefinidamente!

Lucélia: Então seria isto, a sua imagem? Ela dança, dança e dança.

Arquimedes: Sim!

Lucélia: E você ali assistindo.

Arquimedes: É!

Lucélia: Hum hum... E ela dança para festejar a vida.

Arquimedes: Isso! (Pausa) Ela dança de uma forma assim, que ela se sente realizada!

Lucélia: Ela se sente realizada! E como você se sente?

Arquimedes: Como eu me sinto ali?

Lucélia: É! Observando-a dançar, vendo-a dançar, como você se sente?

Arquimedes: Eu me sinto... relaxado também.

Lucélia: Relaxado!

Arquimedes: Sinto... como se fosse um paraíso!

Lucélia: Como se fosse o paraíso! (Pausa). Acontece mais alguma coisa com esta imagem, com esta bailarina? Ou nós podemos fechar esta janela da sua imaginação?

Arquimedes: Podemos fechar!

Lucélia: Então, da mesma forma vá se despedindo mentalmente dessa bailarina...

2.1) Amplificação e interpretação

A imagem que personificou a figura feminina para Arquimedes tomou a forma de uma linda bailarina, deslizando sozinha num palco de gelo. Esta imagem parece ser uma expressão genuína da *anima* do sujeito, aquela que condensa em si os aspectos femininos de sua personalidade, e que lhe serve de guia interior - psicopompo - em sua caminhada rumo ao self e ao processo de individuação.

Muito embora a bailarina seguisse o padrão de uma dança clássica, sua dança não possuía, entretanto, uma finalidade artística, mas supostamente a de vibrar e efetuar movimentos em consonância com os ritmos do universo, executando com perfeição o "balé da vida." A dança, segundo CIRLOT (1984) é a imagem corporificada de um processo, devir ou transcurso. Assim aparece com este significado na doutrina hindu, a dança de Xiva em seu papel de "Natarâjâ" - rei da dança cósmica, união do espaço e do tempo na evolução, o que se coaduna perfeitamente ao balé da vida a que o sujeito se refere.

GONDA (1976) reitera o acima exposto ao afirmar que Xiva é o rei dos dançarinos, atores e musicistas, e como tal é ainda hoje venerado em diferentes partes da Índia. Dançando o devir da vida no universo e suas critaturas, o deus é também seu primordial e eterno propulsor. Qualquer que seja a origem de suas várias danças, elas são uma imagem extremamente clara de seu ser e função. Sua dança selvagem é tão graciosa, que uma famosa beleza é conhecida por possuí-lo, incorporando ao tom alegre e brincalhão de sua execução, o tremor e a agitação da serpente. Além disso, a dança é uma completa e inteligível parte do culto de deus, e serve para legitimá-lo no cumprimento de suas funções.

Arquimedes acrescenta que ao executar a sua dança, a bailarina sente-se em paz "como se estivesse no ventre de sua mãe," isto é, tivesse reconectado sua ligação com a Terra-Mãe, a fonte primeva e arcaica de sua feminilidade. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o ventre, símbolo da mãe, reflete particularmente uma necessidade de ternura e proteção; seu calor facilita todas as transformações, das quais é a sede por excelência, mas é preciso que tenha para cada um e a cada momento de sua evolução, o grau e a intensidade adequados. Neste caso, o grau e a intensidade para o

sujeito estão na suavidade e na leveza do bailado executado pela bailarina, que na condição de psicopompo, conhece todos os mistérios para iniciar o sujeito em sua feminilidade inconsciente e conduzí-lo ao "self."

Arquimedes permanece observando; só ele pode ver a bailarina, o que sugere que o sujeito permanece oculto para a imagem ou não deseja ser visto. Segundo EMMA JUNG (1995) quando um conteúdo do inconsciente vem à superfície (no caso, a *anima* do sujeito personificada na imagem da bailariana, através da técnica da imaginação ativa), ele está tão pouco coordenado com o eu consciente que torna a mergulhar à menor oportunidade. Que seja preciso tão pouco para que isto ocorra mostra como tais conteúdos são frágeis e voláteis, afirma a autora (daí o cuidado do sujeito em não ser visto). Esta idéia é corroborada pelo fato de Arquimedes associar à imagem da bailarina a figura de um anjo, por si mesma etérea, volátil e translúcida.

Em alquimia o anjo simboliza a sublimação, a ascensão de um princípio volátil (espiritual). Os anjos aparecem na iconografia artística desde a origem da cultura, no quarto milênio antes de Cristo, confundindo-se com as divindades aladas. A arte gótica expressou em numerosíssimas imagens prodigiosas o aspecto protetor e sublime do anjo, enquanto que o românico acentuava melhor seu caráter supra-terrenal (CIRLOT, 1984).

Outros ainda vêem nos anjos, símbolos das funções divinas, símbolos das relações de Deus com as criaturas, ou, ao contrário, símbolos de funções humanas sublimadas ou de aspirações insatisfeitas e impossíveis. De modo ainda mais amplo, o anjo simboliza a criatura na qual já surge realizada a transformação do visível em invisível (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

A bailarina continua dançando para ser uma só com o cosmos; ela o faz indefinidamente, sem interrupção de forma a manifestar o aspecto da dança que encarna a energia eterna: o círculo de chamas que circunda o Xiva dançante da iconografia hindu. Sua dança a faz sentir-se "realizada," isto é, tendo alcançado a unidade com o "cosmos," vibra agora em consonância com ele, e atinge a esfera do numinoso, de forma que pode sentir o universo como sendo o próprio paraíso, tal como afirma Arquimedes.

Desta forma, a *anima* do sujeito, com sua dança, levou-o a aproximar-se da instância do numinoso, o que lhe possibilitou alcançar indiretamente as dimensões dos Jardins do Éden. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o paraíso representa o desejo de superar de uma maneira natural, a condição humana e de recuperar a condição divina. O retorno ao estado edênico é, com efeito, a obtenção de um estado central - o "self" - a partir do qual se pode fazer simbolicamente a ascensão espiritual ao longo do eixo terra-céu.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto o encontro das figuras masculina e feminina, o sujeito assim se manifesta:

Arquimedes: Se fosse para haver um encontro, o peixe não seria mais um peixe. Ele seria... seria como abrir uma caixinha de música e ver aquele casalzinho. A bailarina e o homem juntos! Dançando em volta assim, em círculos!

Lucélia: Hum... dançando em círculos?

Arquimedes: É! E uma musiquinha bem bonitinha!

Lucélia: Abrindo uma caixinha de música?

Arquimedes: É! Como se fosse uma caixinha de música!

Lucélia: E o peixe então, se transformou no homem. É isso o que você está me dizendo?

Arquimedes: É! Ele agora é um bailarino junto com a bailarina!

Lucélia: ...junto com a bailarina! Hum hum...

Arquimedes: Eles dançam alegremente... ao timbre e som da caixinha de música!

Lucélia: Ah! Ao timbre e ao som da caixinha de música... E dançam alegremente!?

Arquimedes: Isso!

Lucélia: Mas não são bonecos? São...

Arquimedes: Não! São pessoas!

Lucélia: Pessoas? Sim! Pessoas, de carne e osso?

Arquimedes: De carne e osso!

Lucélia: Hum hum... Está certo! E de onde você está observando tudo isso?

Arquimedes: De longe, como se fosse um palco.

Lucélia: Ah! Como se fosse um palco? E eles sabem que você está lá?

Arquimedes: Não!

Lucélia: Tem uma platéia diante desse palco? Ou só tem você?

Arquimedes: Só eu!

Lucélia: Hum hum... como você se sente ali?

Arquimedes: Me sinto bem!

Lucélia: E eles dois, como se sentem? Os bailarinos?

Arquimedes: Se sentem bem porque não sabem que eu estou ali. Se descobrirem que eu estou ali... eles desaparecem!

Lucélia: Eles desaparecem se descobrirem que você está lá?

Arquimedes: Sim! Eles deixam de ser a imaginação!

Lucélia: Deixam de ser...

Arquimedes: ...a imaginação!

Lucélia: A imaginação! Então eles não podem descobrir que você está lá?

Arquimedes: Não! Por isso em todas as três... as três janelas, foi total silêncio!

Lucélia: Um total silêncio? Exatamente para que não seja desfeito o encanto da imaginação?

Arquimedes: Isto! Exatamente!

Lucélia: Está bom! E... voltando aos dois... Eles continuam dançando ou eles pararam de dançar? O que eles estão fazendo agora?

Arquimedes: Eles continuam dando círculos, mas não dançam mais.

Lucélia: Ah! (Pausa) Mas fazem círculos?

Arquimedes: É! Andam em círculos.

Lucélia: Porque antes eles dançavam em círculos?

Arquimedes: Isso! Agora eles andam em círculos!

Lucélia: Andam em círculos! Hum...

Arquimedes: Como se fosse uma aliança entre os dois!

Lucélia: Ah! Como se fosse uma aliança entre os dois... estes círculos que eles fazem ao andar.

Arquimedes: Isso!

Lucélia: Hum... Termina assim, ou acontece alguma outra coisa? Eles param de andar, como termina?

Arquimedes: Ah! Eles não param de andar! No meio... no intervalo que param de andar, eles continuam dançando! Incansavelmente!

Lucélia: Incansavelmente! Então, ou eles estão andando em círculos, ou eles estão dançando em círculos!

Arquimedes: Isso... é interminável. A partir do momento em que um deles parar está desfeita a aliança!

Lucélia: Está desfeita a aliança! Existem palavras? Eles dialogam um com o outro?

Arquimedes: Não! Não que eu possa ver!

Lucélia: Está certo! Mas... assim, como eles estão um com o outro?

Arquimedes: Estão bem! Tudo é amor entre eles!

Lucélia: Hum hum... então não é um casal de bailarinos que dança profissionalmente. Eles dançam porque se amam, porque se gostam?

Arquimedes: Exatamente! Isso!

Lucélia: Hum... Eles dançam a dança do amor deles e a dança da vida, é isso?

Arquimedes: Isso! Exatamente!

Lucélia: Existiria mais alguma coisa?

Arquimedes: Não!

Lucélia: Você não tenta se aproximar, se comunicar, se mostrar?

Arquimedes: Não! Eu só observo!

Lucélia: Então termina assim? Podemos fechar a janela?

Arquimedes: Podemos!

Lucélia:Está bem! Então visualize este casal de bailarinos dançando. Vá se despedindo deles...

3.1) Amplificação e interpretação

Como nos contos de fadas em que tendo encontrado sua contra-parte, aquela que lhe era destinada, o herói assume finalmente sua forma humana, resgatando seu antigo lugar na escala hierárquica da evolução, no encontro da figura masculina com a feminina, o peixe sofre uma metamorfose e se transforma em homem.

Como num passe de mágica, abre-se uma caixinha de música e encontra-se "o casalzinho" (não são os tradicionais bonequinhos, mas duas pessoas de 'carne e osso') dançando em círculos ao som de uma música. "São dois bailarinos dançando alegremente ao timbre e ao som da caixinha de música", afirma o sujeito.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) a caixa, símbolo feminino, pode ser interpretada como uma representação do inconsciente e do corpo materno; por outro lado ela sempre contém um segredo: encerra e separa do mundo aquilo que é precioso, frágil ou temível. Embora proteja, também pode sufocar. As caixinhas em si podem conter bens e riquezas, assim como tempestades, ruína e morte. A caixinha de música de Arquimedes contém um bem precioso: seus lados masculino e feminino tendo ganhado alma e vida ao som da música, mostram-se em perfeita harmonia revelando o par de opostos plenamente integrado, dançando em círculos, em sintonia com o cosmos.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que desde a mais remota Antiguidade, o círculo tem servido para indicar a totalidade, a perfeição, englobando o tempo para melhor o poder medir. Do círculo e da idéia do tempo nasceu a representação da roda, que sugere a imagem do ciclo correspondente a um período de tempo (etmologicamente, o hebraico associa a torre, que é circular, com o verbo mover-se em círculos, girar, dar a volta; da mesma forma, liga a geração humana a esse 'mover-se em círculos'). Por outro lado, a dança circular dos dervixes "mawlavis," denominados dervixes rodopiantes, inspira-se num simbolismo cósmico: eles imitam a ronda dos planetas em torno do Sol, o turbilhão de tudo o que se move, mas também imitam a busca de Deus, simbolizado pelo Sol.

O sujeito acrescenta que seus personagens nos intervalos em que param de dançar, continuam andando em círculos. Se não estão dançando, estão andando em círculos. Eles dançam incansável e interminavelmente. Se um deles parar "está desfeita a aliança," afirma Arquimedes. Nesse sentido, lembre-se que o círculo também exprime o sopro da divindade sem princípio nem fim. Esse sopro processa-se continuamente e em todos os sentidos. Se o sopro parasse, haveria imediatamente uma reabsorção do mundo.

O simbolismo do círculo abrange assim o da eternidade ou dos perpétuos reinícios (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

O sujeito afirma que enquanto andam em círculos o casal de bailarinos perfaz entre si uma aliança. O termo aliança possui o sentido de compromisso ou de pacto, relativo a uma pessoa ou coletividade. O anel, por sua vez, concretiza este pacto e serve essencialmente para indicar um elo, para vincular. Segundo FRANZ (1990) além da propriedade de ser redondo, que o faz uma imagem do "self," o anel tem, em geral, duas funções: ele simboliza ou uma conexão ou um grilhão. O anel de casamento - a aliança - por exemplo, pode significar uma aliança com o parceiro, mas também uma algema (é por isso que algumas pessoas tiram-no e o guardam no bolso quando viajam). Então, depende do sentimento em relação a ele para que seja ou um grilhão ou uma união significativa. Se um homem dá um anel a uma mulher, ele expressa o desejo de se ligar a ela de uma maneira suprapessoal, e não somente como um caso de amor efêmero. Ele quer dizer: "Isto é para sempre! É eterno!" E significa uma conexão via "self" e não somente via caprichos do ego. "O anel expressa uma ligação eterna através do 'self' " (FRANZ, 1990, p. 85).

A ambivalência desse símbolo (o anel une e isola ao mesmo tempo) faz lembrar a relação dialética senhor-escravo. Poder-se-á observar ainda que, de acordo com a tradição, durante a celebração do casamento os noivos devem permutar entre si os anéis. Isso quer dizer que a relação acima evocada se estabelece entre eles duplamente, em dois sentidos opostos: com efeito, uma dialética duplamente sutil e que exige que cada um dos cônjuges se torne, assim, amo e escravo do outro (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Isto não fica explícito, todavia, no discurso de Arquimedes, que deixa entrever somente o lado luminoso do relacionamento: "Eles estão bem um com o outro... tudo é amor entre eles!", afirma. Assim, os bailarinos dançam para celebrar o amor e a vida que pulsa entre eles; dançam porque se amam, porque se querem, pressupondo assim evidências da *coniunctio oppositorum*.

Lembre-se que o antes peixe se transformou em homem para ser o bailarino ao lado da bailarina, e juntos realizarem a suposta *coniunctio oppositorum*.

JUNG (1985) observa que os casamentos cristãos primitivos eram representados com o homem e a mulher segurando-se as mãos, tendo entre elas "o Peixe." O autor acrescenta:

> "O Peixe está entre eles e o Peixe é Cristo. Assim o casal está unido no Peixe. Estão unidos e separados por Cristo, que é o intermediário, o representante da força que se destina a separar o homem dos poderes meramente naturais. ... Se nos voltarmos às origens do cristianismo veremos que aí se inicia a crença de que não somos casados meramente como homem e mulher; somos casados 'in Christo' " (JUNG, 1985, p. 146).

Arquimedes permanece observando à distância, como se estivesse num palco. Ele esclarece que não há mais ninguém ali além de si próprio, e acrescenta que de onde está, sente-se à vontade. Em nenhum momento, tenta se mostrar ou intervir; ao contrário permanece ritualisticamente em estado de quietude absoluta, a fim de não ser notado: "Nas três janelas foi total silêncio," afirma. Se por um lado, o silêncio é um prelúdio de abertura à revelação, ele abre uma passagem, e é considerado "uma grande cerimônia," conforme rezam as regras monásticas, por outro lado, o cuidado do sujeito para não ser notado evidencia o caráter vaporoso e etéreo das imagens, que facilmente se diluiriam caso houvesse qualquer interferência externa, desfazendo-se assim o encanto da imaginação.

Desta forma, ignorando a presença de um expectador, os bailarinos se mantêm então tranqüilos sem o risco de desaparecerem, o que fatalmente ocorreria caso viessem a ser descobertos, conforme assegurou Arquimedes. Tendo preservado o seu bem-estar e a sua privacidade, a revelação dos mistérios da união dos princípios masculino e feminino pôde, enfim, se processar através de sua dança, religando-os ao cosmos. Referindo-se ao caráter fugaz da imagem da *anima* EMMA JUNG (1995) salienta que o desaparecimento da ninfa em seu elemento descreve justamente aquele processo em que um conteúdo do inconsciente vem à superfície, mas está tão pouco coordenado com o eu consciente que torna a mergulhar à menor oportunidade. Que seja preciso tão pouco para que isso ocorra corrobora como tais conteúdos são voláteis e frágeis.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 5: Yuri

1) Figura masculina:

Tendo sido solicitado do sujeito a imagem que para ele representaria o Ser masculino, o mesmo assim se expressa:

Yuri: Eu, de uniforme, no... bem criança... uniforme de escola!

Lucélia: Hum hum... uniforme de escola...

Yuri: Eu com uniforme prá ir prá escola! Parece coisa bem de pré-primário, assim.

Lucélia: Quantos anos você tem?

Yuri: Seis, sete anos!

Lucélia: Você está uniformizado, e está se preparando para ir à escola?

Yuri: Eu estou uniformizado e estou no pré-primário. Estou na escola!

Lucélia: Então o local que você está é a escola?

Yuri: Na escola!

Lucélia: Está na escola. Existem outras crianças ao redor?

Yuri: Tem outras crianças! Tem a professora!

Lucélia: E você está na sala de aula?

Yuri: Eu estou na sala de aula, eu estou pintando!

Lucélia: Ah! Você está pintando! O que você pinta?

Yuri: Não sei!

Lucélia: Não sabe? Não dá prá saber?

Yuri: Está certo... estou num ambiente cheio de criança, sabe... e diretamente, assim, é o uniforme e cabelo curto!

Lucélia: Ah! O que mais se destaca, uniforme e cabelo curto?

Yuri: Hum hum...

Lucélia: Mas você pinta assim mergulhado nessa atividade ou você também está ali conversando?

Yuri: Não! Não! Não! Não tem diálogos!

Lucélia: Você está ali megulhado na sua atividade.

Yuri: Hum hum... parece que eu estou... como se eu estivesse filmando! Eu estou me vendo!

Lucélia: Sim, exatamente o que eu estou te pedindo. Então você está se vendo assim? Mergulhado nessa atividade?

Yuri: Isso!

Lucélia: E como está se sentindo esse menino?

Yuri: Bem!

Lucélia: Está tranqüilo ali na atividade dele?

Yuri: Tranqüilo!

Lucélia: Você intervém? Quero dizer, o Yuri adulto intervém nessa cena? Ou só tem mesmo a criança?

Yuri: Não! Tem! Tem bem forte essa imagem da professora!

Lucélia: A professora? Hum...

Yuri: Ela assim... supervisionando! E dá uma sensação de segurança!

Lucélia: Ah! O menino Yuri se sente seguro...

Yuri: Exatamente!

Lucélia: ...com a professora por perto? É uma figura forte?

Yuri: Sim! Bastante!

Lucélia: Hum... Está certo! E como continua esta cena? O menino está pintando, a professora está por perto dando segurança prá ele... e depois? Acontece mais alguma coisa?

Yuri: Não! Está meio misturado! A sensação de dentro de você... ah... de dentro da sala com a professora, e aquela... eu me vejo no parque brincando com as outras crianças!

Lucélia: Ah! Tem também essa outra imagem do parque?

Yuri: É! Junto! Mas é bem... é bem escola. No parque eu não vejo a professora.

Lucélia: No parque são outras crianças?

Yuri: As mesmas crianças, né? Eu estou de uniforme também...

Lucélia: Hum... e essas crianças são meninos e meninas?

Yuri: Meninos e meninas!

Lucélia: Tem alguma brincadeira em especial?

Yuri: Não! É... balanço... gangorra... assim!

Lucélia: Hum hum... Como você se sente ali no parque?

Yuri: Bem!

Lucélia: É tão bom quanto estar pintando em sala de aula?

Yuri: Sim! Quer dizer, tem uma sensação de liberdade maior. Eu me vejo mais solto!

Lucélia: Ah, sim! Mais livre? Mais solto?

Yuri: Hum hum...

Lucélia: (Pausa) Acontece mais alguma coisa nesta cena, com este menino?

Yuri: Não! Assim, eu... ah... eu estou esperando o meu pai vir me buscar!

Lucélia: Ah!

Yuri: Eu tenho essa sensação! Ou seja, numa sequência à imagem... acho que isso vem logo depois!

Lucélia: Ah! Entendi! Num terceiro momento, você está esperando que o seu pai venha lhe buscar. E como você está?

Yuri: Estou tranqüilo!

Lucélia: Pensa em alguma coisa especificamente ou está só nessa expectativa?

Yuri: Não! Só isso!

Lucélia: Está certo! E depois...

Yuri: Depois eu vejo meu pai me buscando e me levando prá casa. Isso na parte da manhã. Eu estou chegando em casa e tem almoço... tem todas essas...

Lucélia: Hum hum... E como é a sensação de chegar em casa com o almoço pronto?

Yuri: A sensação é acolhedora!

Lucélia: Acolhedora? Hum hum... uma sensação de acolhimento!

Yuri: Sim! Segurança!

Lucélia: Segurança? Certo! Acontece mais alguma coisa?

Yuri: Não! A cena acaba aí.

Lucélia: Existe alguma coisa que o menino tenha dito ao pai?

Yuri: Não! Não! Não teve fala nenhuma na...

Lucélia: Não existe verbalização?

Yuri: Não! Nada! Nada! Só imagem!

Lucélia: Só imagens? Hum hum... e você não interfere no que está acontecendo?

Yuri: Não! Parece que eu estou vendo uma fotografia, assim, um filme!

Lucélia: Um filme?

Yuri: Ele já está lá!

Lucélia: Ah! Então, é como se você estivesse do lado de cá assistindo esse filme?

Yuri: É! Exatamente! Foi o que eu falei prá você. Eu não estou me vendo, eu, com os meus olhos. Eu estou enxergando uma pessoa que eu suponho que seja eu!

Lucélia: Você sabe que esse menino é você.

Yuri: Hum hum...

Lucélia: Está certo! Então termina assim: você chega da escola, o almoço está pronto e a sensação é de acolhimento?

Yuri: Hum hum...

Lucélia: Então, eu gostaria que você fosse se despedindo dessa cena, desta imagem que representa o seu Ser masculino...

1.1) Amplificação e interpretação

A imagem que para Yuri representa o Ser masculino é a dele próprio criança, em idade pré-escolar, entre os seis e sete anos, de uniforme. A natureza do material obtido sugere uma reedição de cenas da história pessoal, portanto a princípio parece não se tratar de material arquetípico, oriundo do inconsciente coletivo. Todo o relato é feito na primeira pessoa e no tempo presente do indicativo, o que demonstra que o sujeito possivelmente estivesse vivenciando os acontecimentos de sua imaginação no aqui e agora, o que indica que apesar de tais conteúdos sugerirem à primeira vista uma lembrança do cotidiano de um menino, na verdade, tudo estava sendo intensamente vivido.

As referências ao uniforme aparecem em diversos momentos do seu relato, terminando por compor a imagem, o cabelo cortado, e a escola, como um pano de fundo, que situa o quadro em um contexto social. Supostamente a imagem de um garoto de cabelo cortado e uniformizado com esmero sugere o enquadramento de uma *persona*, que situa o sujeito em seu meio social a partir do papel de menino-aluno, sendo a escola o primeiro, e talvez o seu mais fundamental grupo de referência. Por outro lado, por se tratar de uma imagem infantil, tendo como motivo a persona, o nível mais externo na estrutura da psique segundo o modelo preconizado pelo referencial teórico da Psicologia

Analítica, isto indica que o sujeito ainda está num nível bastante regressivo, do desenvolvimento de sua personaldade, e por conseguinte de diferenciação de sua identidade masculina.

Segundo SAMUELS *et al.* (1988) o termo *persona* deriva do latim, e designa a máscara usada por atores na época clássica. O significado mais amplo do termo refere-se à máscara ou face de que uma pessoa se utiliza para confrontar-se com o mundo. A *persona* pode se referir à identidade sexual, a um estágio do desenvolvimento (tal como a infância ou a adolescência), um *status* social, um trabalho ou profissão.

A concepção de JUNG* da *persona* como um arquétipo compreende uma inevitabilidade e ubiqüidade a ela referentes. Assim, em qualquer sociedade um meio de facilitar o relacionamento e intercâmbio é exigido; essa função é parcialmente efetuada pelas *personas* dos indivíduos em questão. Diferentes culturas estabelecerão diferentes critérios para a *persona*. Às vezes a *persona* é referida como o "arquétipo social," envolvendo todos os compromissos próprios para se viver em uma comunidade. Há um risco de patologia, se a pessoa se identifica de forma demasiadamente íntima com sua *persona*. Isto implica uma falta de conscientização de um papel muito além do social, ou do papel sexual, e também uma falha de levar em conta a maturação, uma evidente dificuldade em se adaptar ao fato de ter crescido. A identificação com a *persona* leva a uma forma de rigidez ou fragilidade psicológicas. O ego, quando identificado com a *persona*, é capaz somente de uma orientação externa.

Jung considerava a *persona* um mediador entre o ego e o mundo externo (quase do mesmo modo que *anima* e *animus* mediam entre o ego e o mundo interno). Portanto, pode-se especular quanto ao fato da *persona* e da(o) *anima/animus* serem opostos. Enquanto a *persona* volta-se para uma adpatação consciente e coletiva, *anima/animus* buscam uma adaptação àquilo que é pessoal, interior e individual.

Voltando à imagem do sujeito, aparecem, na verdade quatro cenas seqüenciais: na primeira ele está na sala de aula pintando. Há muitas crianças em torno. Ele está tranqüilo, mergulhado nessa atividade lúdica. A professora está por perto

* JUNG, C.G. *apud* SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. - **Dicionário crítico de análise junguiana.** Rio de Janeiro, Imago Editora, 1988. 236 p.

supervisionando; sua imagem *"é bem forte,"* e traduz uma sensação de segurança ao menino. Ela desempenha o contra-papel do adulto-feminino, elementos que na dinâmica psíquica de Yuri constituem o papel complementar à sua condição de menino-criança, direcionando, oferecendo continência e um suporte emocional estável de forma a propiciar a sensação de segurança a que o sujeito se refere. Lembre-se ainda que a professora na escola, como figura de autoridade, é uma extensão da mãe no lar, sendo um referencial importante no desenvolvimento psicológico da criança principalmente nesta faixa etária, quando então a formação de um vínculo positivo professora-aluno é fundamental.

A segunda cena é um pouco difusa porque ela se mistura com a primeira. Todavia, o sujeito consegue divisar que desta vez ele está no parque brincando com os coleguinhas (são as mesmas crianças da sala de aula), sendo que a professora não está presente. No parque da escola ele experimenta uma sensação maior de liberdade e soltura, mas continua vestido de uniforme, um referencial forte que o acompanha em toda a sua permanência naquele ambiente. O uniforme lhe confere um sentido de identidade enquanto ser social, aluno e menino.

Em seguida há a "sensação" de estar aguardando o pai vir buscá-lo a fim de levá-lo para casa - o masculino que o reconduz à segurança e ao acolhimento do feminino tranqüilizador. O menino Yuri está tranqüilo. O pai chega e o leva para casa.

Em um quarto momento ele chega em casa, o almoço já está pronto; a sensação é de acolhimento e também traduz segurança (a figura da materna é aludida indiretamente).

Em todos esses "flashes" de cenas não há diálogos, somente imagens (ou melhor, sensações que tomam forma através de imagens). Assim, a sensação para o sujeito parece ser bem nítida e presente em cada um destes momentos: parte-se de uma segurança inicial na presença do feminino supervisor (cuja função de autoridade é sentida positivamente) para experimentar a sensação de liberdade e soltura na ausência deste mesmo elemento feminino - o que o leva a confirmar e exercitar o seu papel junto ao grupo social - para logo em seguida vivenciar a sensação de espera do masculino

condutor e guia, e finalmente retornar ao acolhimento e à segurança do útero materno, simbolizados pela casa e pelo almoço.

Todas essas sensações parecem ter sido muito prazerosas e reconfortantes para o sujeito, que demonstra ter tido uma formação e um desenvolvimento bastante satisfatórios e uma matriz fertilizadora do crescimento pessoal. Todavia, o nível de gratificação talvez tenha sido muito alto, o que pode ter feito com que Yuri permanecesse fixado nesta fase do seu desenvolvimento, prevalecendo o desejo sempre insatisfeito de retorno ao útero nutridor, acolhedor, protetor, cálido, pronto para aplacar a fome e a ansiedade.

O sujeito em nenhum momento interfere na cena. Parece existir uma distância muito grande entre a cena e ele, ou melhor, entre o ego e a imagem que o representa, de forma que Yuri explicita que é como se estivesse contemplando uma fotografia, assistindo um filme que "já está lá," ou seja, o filme já está previamente acabado, não há como intervir, só lhe resta observar. "Eu estou me vendo," diz ele, revelando com isso o duplo papel do sujeito como observador e protagonista, sendo esta a única relação possível entre o homem adulto e a criança, que parecem não poder se encontrar em uma única e mesma cena. Mais adiante Yuri assim explicita o distanciamento entre o ego e a imagem: "Eu não estou me vendo, eu, com os meus olhos. Eu estou enxergando uma pessoa que eu suponho que seja eu!", afirma.

2) Figura feminina

O sujeito já emite prontamente uma resposta, tendo apenas sido iniciada a emissão da consigna referente à figura feminina:

Lucélia: Deixe que venha à sua mente, todas as memórias que você tem guardadas sobre o Ser feminino... Da mesma forma observe qual é a primeira imagem que lhe ocorre...

Yuri: Ah! Minha mãe!

Lucélia: É a sua mãe?

Yuri: Hum hum...

Lucélia: Então, deixe-me só concluir, e a gente continua. Você já achou a imagem. Ótimo! Agora, concentre-se nesta imagem! Verifique como ela adquire vida e movimento. Não censure, não critique nada, apenas observe, e me diga o que está acontecendo, o que ela está fazendo, onde ela está... me fala disso!

Yuri: Ela está meio confusa com a primeira imagem. De repente quando você falou na imagem feminina, eu lembrei diretamente da imagem da minha mãe e eu chegando em casa!

Lucélia: Mas você chegando em casa... aquele menino?

Yuri: É! Aquele menino! Parece que deu uma continuidade, o filme. A primeira imagem que me veio...

Lucélia: Então me fale! É a sua mãe?

Yuri: É a minha mãe! É a imagem dela! A figura dela!

Lucélia: E o que ela está fazendo? Onde ela está?

Yuri: Ela está coordenando a casa. Parece que ela está esperando, eu, meu pai e meus irmãos!

Lucélia: Ela está à espera?

Yuri: Exatamente!

Lucélia: Hum... chegam todos juntos então? Seu pai, você e seus irmãos?

Yuri: São meus irmãos! Exatamente!

Lucélia: Ah! Ela está esperando. E está lá coordenando, organizando. E depois? O que acontece em seguida?

Yuri: Diretamente não tem uma continuidade assim. A imagem está voltando nisso.

Lucélia: Hum... aí volta naquele ponto onde o menino chegou em casa?

Yuri: Exatamente! Está rodando nisso. Não vejo muita continuidade.

Lucélia: Aí, então é aquilo que você disse? O menino chega, tem o almoço pronto... ela preparou o almoço ou mandou preparar?

Yuri: Não, não! Ela mandou preparar. Ela chegou também, mas chegou antes de estar... preparou a casa para esperar as outras pessoas!

Lucélia: E o menino já chegou?

Yuri: Sim! Toda a família!

Lucélia: Agora, me fale um pouco assim, do menino. O que esse menino sente em relação à mãe? Como é prá ele essa figura feminina?

Yuri: Segurança!

Lucélia: Segurança?

Yuri: Segurança! É! Ela é bem o... está junto com o conceito de casa! De segurança! De abrigo!

Lucélia: De casa? Ah...

Yuri: Uma coisa só! Quer dizer, na hora que eu imaginei a casa, já imaginei minha mãe, já imaginei... quer dizer, dá aquela sensação de conforto!

Lucélia: Hum... de conforto... de segurança... e de se sentir abrigado?

Yuri: Isso! Exatamente!

Lucélia: Hum... Feminino! Mãe! Casa! Abrigo! É isso?

Yuri: Hum hum...

Lucélia: Está certo! E como esta mãe se sente em relação ao menino? Dá para dizer?

Yuri: Eu não sei!

Lucélia: Não sabe!

Yuri: Eu me sinto à vontade em relação a ela assim!

Lucélia: À vontade? Hum hum...

Yuri: Livre!

Lucélia: Livre? Hum...

Yuri: Não tem nenhuma imagem de repreensão!

Lucélia: "Não está me censurando... não está me repreendendo..."

Yuri: Não! Não! Não, não, não!

Lucélia: "Ela me deixa à vontade... prá eu poder ser eu!"

Yuri: Isso! Exatamente!

Lucélia: Hum hum... Existe alguma coisa assim que esteja acontecendo ou o que fica mais forte é a sensação mesmo?

Yuri: Não! Não! É mais uma sensação mesmo!

Lucélia: Você se fixa nesta sensação?

Yuri: É! Eu não consigo distinguir muito as coisas! Eu imagino...

Lucélia: Então, assim, o que fica forte é essa sensação...

Yuri: Isso!

Lucélia: ...desta mãe?

Yuri: Essa sensação de abrigo! De segurança! Referência!

Lucélia: Referência! (Ênfase)... Essa mãe, essa figura que representa o Ser feminino, ela passa tudo isso prá você?
Yuri: Sim! Hum hum...

Lucélia: Acontece mais alguma coisa? Ou a gente pode fechar esta janela?

Yuri: Não! A cena está bem fechada nisso. Eu não vejo movimento, eu não vejo nada!

Lucélia: Está bom! Então, vamos fechar esta janela. Vizualize a imagem de sua mãe, e vá mentalmente se despedindo...

2.1) Amplificação e interpretação

A imagem que representa o Ser feminino para o sujeito é de sua própria mãe, tendo sido eliciada antes mesmo que a pesquisadora concluísse a consigna. Esta prontidão de resposta indica que na verdade a referida imagem já estava implícita na finalização do quadro anterior, sendo que a consigna apenas viabilizou o canal para sua manifestação. Assim, como se observa no texto, ao ouvir a solicitação referente à figura feminina, o sujeito imediatamente associou a imagem da mãe juntamente com a de si próprio ainda criança (o mesmo menino uniformizado, que representava a figura masculina) chegando em casa. Na verdade, Yuri afirma ter sido dado continuidade à cena anterior, que termina quando o pai retorna à casa trazendo-o consigo após tê-lo apanhado na escola, sendo que encontram o almoço já preparado.

Aqui ele especifica que enquanto sua mãe o aguarda juntamente com seu pai e seus irmãos, ela coordena os afazeres domésticos (na realidade, acabou de chegar um pouco antes): cuidou para que fosse preparado o almoço, e também organizou a casa para esperá-los. Ela está, portanto, à espera. Chegam todos juntos. A princípio, uma cena absolutamente doméstica e rotineira, que não traz maiores emoções e/ou acontecimentos extraordinários, a não ser o reasseguramento de um ambiente acolhedor e de uma suposta união, atestado isto na reprodução fiel de um momento no cotidiano de sua família - a hora do almoço - o que indica não ter havido aqui imaginação criadora, mas reprodutora.

Além disso, a cena não se desenvolve muito, revelando-se aquilo que de fato ela é: o "flash" de um momento em família. O sujeito constanta assim, que sem uma continuidade retorna-se à imagem da figura materna recebendo-os; "está rodando nisso," diz ele. Yuri ressalta o fato de que o menino sente segurança em relação à mãe, e associa isto ao conceito de "casa," de "abrigo." No seu entendimento tudo representa uma só

coisa: "Quando eu imaginei a casa, já imaginei minha mãe; veio também a sensação de conforto," afirma.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) a casa é, de fato, um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção do seio maternal, entre outros significados. Além disso, a psicanálise já revelou a equivalência simbólica da imagem da mulher e imagens de interior, tais como a casa, a caverna, equivalência confirmada pela psicoterapia do sonho acordado. A mãe é (exatamente como diz Yuri) a segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação; é também, em contrapartida, o risco da opressão pela estreiteza do meio e pelo sufocamento através de um prolongamento excessivo da função de alimentadora e guia.

Esta face opressiva da mãe parece não ter se manifestado nos conteúdos explícitos do sujeito, que diz sentir-se à vontade e livre em relação à figura materna, salientando o fato de que ela não efetua nenhuma repreensão (não é repressiva). Ela o deixa à vontade para ser ele mesmo, não abafa ou faz restrições à sua individualidade, portanto.

Na análise moderna, o símbolo da mãe assume o valor de um arquétipo. A mãe é a primeira forma que toma para o indivíduo a experiência da *anima*, isto é, do inconsciente, tendo este um lado construtivo e outro destrutivo. Assim, devido à superioridade relativa que procede de sua natureza impessoal e da sua qualidade de fonte, o inconsciente pode voltar-se contra o consciente nascido dele, e destrui-lo: seu papel é, então, o de uma mãe devoradora indiferente ao indivíduo.

> "Do lado do filho pode-se também encontrar uma imagem deformada da mãe e uma atitude involutiva sob a forma de fixação na mãe. Nesse caso, a mãe continua a exercer uma fascinação inconsciente, que ameaça paralisar o desenvolvimento do eu. A mãe pessoal recobre o arquétipo da mãe, símbolo do inconsciente, isto é, do não-eu. Esse não-eu é visto com ressentimento como sendo hostil, em função do medo que inspira a mãe e da dominação inconsciente que ela exerce" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996, p. 582).

A afirmação acima é bastante provável no caso de Yuri, pois tendo já sido salientado o aspecto regressivo das imagens, acrescenta-se o caráter simplista e óbvio da

natureza de suas associações (recusa em descer aos domínios do "não-eu"). Entretanto, por outro lado foi demonstrado um sentido acurado de percepção e análise dos conteúdos manifestos. Ou seja, se por um lado o sujeito demonstra possuir bons níveis de raciocínio analítico e uma evidente percepção racional consciente, por outro o mesmo não consegue acessar os níveis mais profundos do inconsciente, dos quais parece ter se dissociado, estando seus conteúdos isolados à custa desta aparente linearidade, resultando assim na manifestação deficitária e pobre da imaginação criadora. Tais hipóteses são corroboradas pela afirmação do sujeito de que "não consegue distinguir muito as coisas," sendo que aquilo que fica mais forte para ele é a experiência da sensação. No caso, sensações "de abrigo, de segurança, de referência," desencadeadas pela experiência de contigüidade à casa, e conseqüentemente de proximidade da mãe.

Todavia, a presença da figura materna é muito forte e parece ter obscurecido tudo o mais. O simples fato dele tê-la como referência denota que a figura materna é o seu próprio sentido de identidade. Talvez por isso a cena não tivesse tido uma continuidade, permanecendo o sujeito adstrito às sensações eliciadas pela mãe. Isto também reitera o acima exposto no sentido de que a fascinação inconsciente que a figura materna inspira ao sujeito pode ter contribuído para o fato de que a mãe pessoal recobrisse o arquétipo da mãe.

Observa-se de uma maneira geral que o discurso de Yuri parece ser muito polido, muito bem dosado, despido de grandes emoções ou de acontecimentos extraordinários. O colorido afetivo-emocional parece ser sutil e levemente sugerido, permanecendo o sujeito adstrito ao máximo à realidade dos fatos e de algumas sensações básicas.

Fica bastante evidente que o sujeito funciona segundo o tipo sensação. Segundo FADIMAN & FRAGER (1979) a função psicológica da sensação refere-se a uma forma de apreender informações, e está relacionada a um enfoque na experiência direta, na percepção de detalhes, de fatos concretos - o que uma pessoa pode ver, tocar, cheirar. A experiência concreta, tangível, tem prioridade sobre a discussão ou a análise da experiência. Os tipos sensitivos tendem a responder à situação imediata, e lidam

efetiva e eficientemente com todos os tipos de crises e emergências. Em geral eles trabalham melhor com instrumentos e utensílios do que qualquer um dos outros tipos.

Segundo JUNG (1985) a sensação, a função dos sentidos, seria o que os psicólogos franceses chamam "la fonction du réel," a soma total das percepções de fatos externos, vindas até o indivíduo por meio dos sentidos. Dentro desta concepção, o autor considera a denominação dos franceses "totalmente feliz." E acrescenta: "A sensação diz o que alguma coisa é; não exprime o que é, nem qualquer outra particularidade da coisa em questão" (JUNG, 1985, p. 8).

Portanto, Yuri em sua relação com o mundo parece sobretudo se deixar guiar pelos seus sentidos, que lhe informam não o conceito das coisas, mas situam-no a respeito das condições externas, adjetivando-lhe o mundo circundante.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto ao sujeito o encontro entre as figuras masculina e feminina, solicita-se em seguida um relato das circunstâncias em que isto ocorre:

Lucélia: ...Agora eu quero que você me diga como acontece esse encontro, se eles se falam, onde eles estão, a que distância, enfim, como se dá a relação entre eles.

Yuri: Eu não vejo muita... hum... liberdade!

Lucélia: Como assim?

Yuri: Liberdade entre esse menino e a mãe. Liberdade, como que eu vou dizer prá você? Assim, não é liberdade de... censura de alguma coisa assim!

Lucélia: Essa é "outra" liberdade? (Porque você dizia que o menino era livre, não é?)

Yuri: Isso! Exatamente!

Lucélia: Que ele podia ser ele mesmo?

Yuri: Hum hum... Agora tem uma... como assim, uma distância emocional!

Lucélia: Ah! Uma distância emocional da mãe?

Yuri: Isso!

Lucélia: Hum... Isso quer dizer o quê exatamente? Isso quer dizer que eles não se tocam, que mantêm um distanciamento físico, ou que eles até se tocam, mas que se mantêm emocionalmente à distância?

Yuri: Não, eles se tocam, mas se mantêm à distância. É bem definindo... ah... parece um encontro, não tem emoções!

Lucélia: Ah... não tem emoções?

Yuri: Isso! Elas têm, mas não são explícitas!

Lucélia: E essas emoções, esses afetos, são afetos de amor? São afetos de raiva? Afetos...

Yuri: Afetos de amor!

Lucélia: De amor! Mas isto não poderia ser explicitado?

Yuri: Não! Não, não, não. Está contido lá!

Lucélia: Hum hum...

Yuri: É literalmente contido mesmo!

Lucélia: Esse afeto, é um afeto contido?

Yuri: Isso!

Lucélia: Hum hum... É como se eles não pudessem gostar um do outro? Ou pudessem se gostar só até um certo limite? Seria isso?

Yuri: Não! Não! Eles podem gostar, mas existem... ah... eu acho que não... não existe porquê ter uma demonstração.

Lucélia: Ah! Não precisa demonstrar?

Yuri: Isso!

Lucélia: Hum hum... E a coisa se mantém assim, num nível abstrato? Ou você pode me dizer assim: "Eles estão num determinado lugar... eles estão..."

Yuri: Não! Não! Está bem em abstração!

Lucélia: Você não visualiza os dois assim, num espaço físico concreto?

Yuri: Não! Não, não não. Eu não vejo cena nehuma.

Lucélia: Então, tudo o que você pode me dizer é isso: que eles se gostam, mas que ambos mantêm uma distância emocional, não é?

Yuri: Isso!

Lucélia: Que está contido o afeto entre eles, é o que você me disse.

Yuri: O afeto! Hum hum...

Lucélia: E haveria mais alguma coisa?

Yuri: Não! É só isso assim. Eu tenho uma sensação estática da coisa!

Lucélia: A sua imagem não adquire movimento, é isso o que você está me dizendo?

Yuri: Não! Exatamente! No começo, ela adquiriu (aquela imagem anterior). Essa não! Essa está uma coisa bem abstrata, assim. Não vem uma imagem, vêm... situações. Mas eu não consigo ver uma imagem, assim.

Lucélia: Hum... Vêm situações? Vêm sensações?

Yuri: Sensações! Eu acho que se encaixa melhor ainda!

Lucélia: Sensações?

Yuri: É! Mas da primeira vez, era uma imagem clara. Parecia um filminho!

Lucélia: Está certo! E uma última questão: você continua assistindo tudo isso "do lado de cá da tela?" Quero dizer, você não interfere na cena?

Yuri: Não!

Lucélia: Então, terminamos aí? Ou você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Yuri: Não! Está bem encerrado nisso, sabe? A não ser se eu quiser imaginar alguma coisa diferente! (Riso) Mas, assim, só está nisso só. Só me vem esta cena. Acho que qualquer coisa, estaria interferindo.

Lucélia: Está certo! E eles ali também não se falam?

Yuri: Não! Não!

Lucélia: Podemos então, fechar esta janela da sua imaginação?

Yuri: Sim!

Lucélia: Está bom! Então, eu gostaria que você visualizasse, ou melhor, que você sentisse... (visto que você não está conseguindo visualizar muito bem) esta mãe e este menino... que você fosse se despedindo deles onde quer que eles estejam, dentro de você, onde quer que você os possa sentir... que você fosse se despedindo, e que você os fosse sentindo cada vez mais distantes na sua imaginação, na sua lembrança, até que eles não estejam mais presentes. Tendo se despedido, agora você pode fechar esta janela da sua imaginação.

3.1) Amplificação e interpretação

Yuri inicia o seu relato dizendo que não sente que há "liberdade" no encontro entre o menino e a mãe. A princípio isto soa como contraditório, principalmente porque na situação anterior (a imagem referente ao Ser feminino) ele havia afirmado que o menino se sentia livre em relação à mãe. Tentando se explicar, o sujeito afirma que não se trata de não haver liberdade no sentido de censura, mas que há uma "distância emocional" entre os dois. Eles podem até se tocar, mas se mantêm à distância; trata-se, portanto de "um encontro onde não tem emoções," afirma. Imediatamente, o sujeito reconsidera isto dizendo que na verdade, as emoções existem, mas elas não são

explicitadas. Estas emoções consistem em sentimentos positivos de amor, "afetos de amor," diz ele. Yuri reitera que este afeto está "literalmente contido."

Na verdade, estas associações do sujeito, pontuadas por contradições e repressões subjacentes parecem uma tentativa de encobrimento de conflitos em relação ao complexo de Édipo, sendo esta distância emocional e esta contenção do afeto possivelmente motivada pelo tabu do incesto. Logo, é mais conveniente e mais seguro que tais emoções não sejam explicitadas, pois isso traria constrangimentos a nível social e angústia e ansiedade motivadas por conflitos internos, caso viessem a ser exteriorizadas. O afeto existe e deve ser preservado, permanecendo sua legitimidade restrita e privativa ao âmbito pessoal consciente. A ligação do sujeito com a mãe parece, na verdade, ser muito mais profunda e intensa do que ele parece sugerir, o que corrobora a hipótese de "fascinação inconsciente" em relação à figura materna apontada no item anterior, ao mesmo tempo que evidencia e desvela o caráter aparentemente contraditório de suas racionalizações: "Eles podem gostar um do outro, mas não existe por que ter uma demonstração," diz ele.

Um complexo afetivo segundo JUNG (1991) é a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou a atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior, tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia; vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isso, se comporta na esfera do consciente como um corpo estranho, animado de vida própria. Com algum esforço de vontade pode-se reprimir o complexo, mas é impossível negar sua existência, e na primeira ocasião favorável ele volta à tona com toda a sua força original.

Quando um adulto regride de modo incestuoso, o que configuraria o complexo de Édipo, pode-se considerá-lo como se estivesse tentando recarregar suas baterias, regenerar-se espiritual e psicologicamente (portanto, a regressão tem de ser avaliada como alguma coisa a mais que uma defesa do ego). Da abstenção temporária do comportamento egóico adulto advém um novo e restaurador encontro com o mundo interno e com os fundamentos do ser. Para uma criança ou para um adulto

incestuosamente fixado em uma pessoa, o elemento sexual é o registro simbólico de tal estado e sua recompensa. Refletindo simbolicamente, as duas pessoas que se estariam engajando no ato sexual representam diferentes partes da psique que ainda não estão integradas. A relação sexual assinalaria tal integração (SAMUELS *et al.*, 1988).

Continuando com as impressões de Yuri, a situação é abstrata. Ou seja, não existe um quadro a ser visualizado, uma imagem clara, uma cena que pudesse ser relacionada a um cenário bem definido, mas apenas sensações advindas de uma idéia. Vale ressaltar que no item um, quando foi feita a investigação da imagem que representaria o Ser masculino, houve todos esses elementos, como o próprio sujeito explicita. Todavia, quando se deparou com a figura materna, a partir do item dois, Yuri parece ter se desconectado destes recursos, talvez porque tivesse sido muito inquietante o confronto, fato que supostamente o levou a acionar mecanismos defensivos, em virtude dos sentimentos e ansiedades que lhe foram despertados. A partir disso passou então a ter "uma sensação estática da coisa," fixando-se somente às sensações provenientes da idéia da mãe.

Sem a imagem que dê concretude à idéia tornou-se muito difícil para o sujeito dialogar com o inconsciente enquanto ego-observador, como de fato não houve interação, apenas associações para análise. Parece que Yuri acredita que se interferisse na cena, estaria induzindo os resultados e deturpando os dados: "Está bem encerrado nisso, a não ser se eu quiser imaginar alguma coisa diferente," diz ele.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 6: Alexandre

1) Figura masculina

Tendo sido proferida a consigna referente à figura masculina, o sujeito assim se expressa:

Alexandre: Meu Ser masculino é meu pai (tom de voz baixo, quase murmurante).

Lucélia: Seu pai? Hum hum... Então me fala desta imagem que é o seu pai. Onde ele está? O que ele está fazendo...

Alexandre: Ah! Está comigo!

Lucélia: Hum... onde?

Alexandre: Em casa... conversando comigo!

Lucélia: Conversando com você. Na sua casa. E você tem que idade?

Alexandre: Seis anos!

Lucélia: Seis anos! Hum... O que ele está lhe dizendo?

Alexandre: Conversando só, não sei o que ele está dizendo...

Lucélia: Ah! Você não sabe o conteúdo, você não sabe o quê ele está dizendo...

Alexandre: A lembrança que eu tenho é isso!

Lucélia: ... que ele está conversando com você?

Alexandre: É!

Lucélia: Hum hum... É uma lembrança, isto?

Alexandre: É uma lembrança!

Lucélia: Não se preocupe em ser muito fiel aos dados de realidade... à lembrança, ao passado, sim? Na imaginação você pode criar, pode inventar, e pode conversar com a imagem!

Alexandre: Ele está me dizendo como eu devo ser, como não devo... é ai que eu estou lembrando de um homem... um homenzinho!

Lucélia: Um homenzinho?

Alexandre: É! (Pausa)

Lucélia: Hum... hum hum... E ele está lhe ensinando... está ensinando esse homenzinho a ser um homem adulto. Está ensinando esse homenzinho a ser homem, é isto?

Alexandre: É!

Lucélia: Ele está dando as primeiras lições?

Alexandre: Sim!

Lucélia: Hum... Existe alguma lição que se sobressai, que se destaca, que você consiga ouvir?

Alexandre: Ah... sim! Prá não brigar... com os outros meninos!

Lucélia: Ah! Não pode brigar com os outros meninos. "Não é para brigar com os outros meninos!" Hum hum...

Alexandre: Respeitar os outros!

Lucélia: Respeitar os outros é importante.

Alexandre: Não falar à hora que ele está falando!

Lucélia: Ah! Não falar enquanto ele está falando!!

Alexandre: Sim!

Lucélia: Certo! E onde está esse menino em relação ao pai? Ele está no colo dele? Ele está ao lado? Ele está distante? Você consegue ver?

Alexandre: Ele está... em pé!

Lucélia: O menino?

Alexandre: O menino! E o pai está sentado no sofá.

Lucélia: Ah! Então o menino está de pé! Existe uma distância entre eles?

Alexandre: É... está distante!

Lucélia: Hum.. Enquanto o pai está sentado. Hum hum... E como esse menino se sente ali diante daquele pai, recebendo aquelas lições, aqueles ensinamentos?

Alexandre: Se sente como qualquer menino, calado, ouvindo.

Lucélia: Ah! Ele está calado! Ele está ouvindo! (Pausa) O que parece a ele a figura daquele homem que é o pai dele?

Alexandre: É o que ele quer ser!

Lucélia: Ah! É o que ele quer ser!! É o espelho que ele tem!

Alexandre: Sim! É o espelho!

Lucélia: E ele admira este homem, este pai, não é?

Alexandre: Admira!

Lucélia: Admira! Hum hum... E ele diz alguma coisa para o pai ou só ouve?

Alexandre: Só ouve!

Lucélia: Hum hum... só ouve. Ele olha em direção ao pai? Ou olha prá baixo? Como é o olhar dele?

Alexandre: Olha em direção ao pai!

Lucélia: Sim! Ele continua olhando e vê naquele homem, o homem que ele quer ser?

Alexandre: Sim! Escutando o pai...

Lucélia: Sim! Ele está escutando, e está registrando. Registrando aquelas palavras...

Alexandre: Sim!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa, Alexandre? Nesta cena, nesta imagem entre o menino e o pai?

Alexandre: Não!

Lucélia: Não? Hum hum... Você aqui, o homem adulto, o Alexandre adulto, interfere nesta cena ou somente observa à distância?

Alexandre: Observo à distância.

Lucélia: Hum... O homem adulto não interfere.

Alexandre: Não!

Lucélia: Então podemos fechar esta janela da sua imaginação?

Alexandre: Pode!

Lucélia: Então vá mentalmente se afastando. Visualize esta cena se tornando cada vez menor, e ao mesmo tempo vá se despedindo desta imagem que representa o seu Ser masculino...

1.1) Amplificação e interpretação

Alexandre afirma textualmente: "Meu Ser masculino é meu pai," sugerindo com isso tratar-se de figura de forte identificação. BOECHAT (1997) afirma que o "ser-homem" e o "ser-pai" são características básicas dos arquétipos masculinos que moldam a identidade do homem; na verdade, o papel sexual é "o elemento fundante da individuação" (p. 15).

Em seguida, o sujeito reporta-se a uma cena de sua história pessoal - uma lembrança - como se ela estivesse acontecendo naquele exato momento (ele atualiza a cena vivenciando os fatos no 'aqui e agora'), referindo-se inclusive ao lugar em que se encontra a imagem do pai: "Está comigo... sentado no sofá" (a casa da família), e ao momento em que tudo acontece: "Eu tenho seis anos." Nesta cena o pai conversa com o filho, mas o sujeito a princípio ignora o conteúdo do que está sendo dito.

Após uma intervenção da pesquisadora no sentido de que não é necessário ater-se aos fatos reais (mas que através da imaginação é possível criar, inventar) o sujeito reconsidera e acrescenta que o pai está dizendo ao menino "como ele deve ser, como não deve..." isto é, o pai supostamente está ministrando as primeiras lições, definindo (determinando) assim as formas, as cores e os principais referenciais de identidade (masculina) para o menino. A partir disso, o sujeito apreende que quem está ali ouvindo as prescrições paternas na verdade é um "homenzinho," ou seja, não uma criança com

sua personalidade, sua linguagem e comportamentos próprios, mas um homem em miniatura, que possui internalizados os preceitos e códigos necessários para ser no futuro um homem por inteiro. Nada lhe falta; basta desenvolver e deixar que cresçam as sementes que nele já germinaram. Assim, o menino que almeja se tornar "grande como o pai," poderá ingressar no mundo adulto e se tornar um homem de bem.

O pai então prescreve ao menino três principais mandatos:

O primeiro consiste em "não brigar com os outros meninos." O pai - que representa a consciência diante dos impulsos instintivos, dos desejos espontâneos, do inconsciente - assevera por um lado, que não se deve responder ao apelo imediatista do impulso da agressividade, mas que é preciso aprender a sublimar tais desejos e tendências, de forma a utilizar esta energia para fins construtivos. Por outro lado, ele está doutrinando o filho no sentido de não entrar numa relação de rivalidade e competição com os outros meninos - seus iguais - com quem deve cultivar uma relação de amizade e companheirismo, desenvolvendo as alianças exclusivas da classe masculina.

"Respeitar os outros" é o segundo mandato. Indistintamente do gênero, as pessoas devem ser respeitadas. São princípios de moralidade social, regras de boa convivência em sociedade a serem introjetadas pelo homenzinho.

O terceiro mandato refere-se a uma conduta de relacionamento com a autoridade (personificada por ele, o pai) no que tange ao uso da palavra: "Não falar à hora que ele estiver falando," o que numa explicitação da relação de hierarquia e assimetria do vínculo, funciona como uma imposição de sujeição e subserviência ao menino. Como prova de obediência, além de adotar a postura silenciosa do ouvinte que de imediato se ressalta, o menino está de pé diante do pai, que está sentado (a postura respeitosa que convém a uma criança diante da autoridade paterna); há ainda uma certa distância entre eles (não existe a proximidade, o aconchego e o calor do colo que um pai dá a seu filho, mas distância e uma relativa frieza, índices do respeito a uma figura de autoridade na cultura patriarcal).

A figura daquele homem forte, grande e sábio é tudo o que o menino deseja ser, afirma Alexandre. Trata-se do seu ideal do ego, uma figura por ele "admirada," isto é, idealizada, deificada.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o pai figura na simbologia muito mais como legislador (veja os mandatos acima especificados), do que como genitor igual à mãe. Ele é fonte de instituição; como o senhor e o céu, é uma imagem da transcendência ordenada, sábia e justa. Sua influência pode aparentar-se à do atrativo exercido pelo herói ou pelo ideal. "O pai é não somente o ser que alguém quer possuir ou ter, mas também que a pessoa quer vir a ser, e de quem quer ter o mesmo valor" (p. 678). Continuando, o autor reitera que esse progresso passa pela via da supressão do pai "outro," para o acesso ao pai "eu mesmo." Tal identificação com o pai traz consigo o duplo movimento de morte (ele) e renascimento (eu).

Prosseguindo no trabalho imaginativo, o sujeito afirma que o menino apenas olha em direção ao pai e, conforme já foi acentuado, escuta silenciosamente suas recomendações. Enquanto escuta vai mentalmente registrando, assimilando, introjetando as palavras do pai.

Enquanto isso, o sujeito observa à distância; ele não interfere na cena nem dialoga com a imagem, talvez porque ali não houvesse lugar para o homem adulto, mas somente para o menino de seis anos. Sua experiência vivida e seu 'pé na realidade' possivelmente empanariam a aura de poder e magnificência paternas, e por conseguinte esfacelar-se-ia o herói, tão necessário à estruturação da identidade do homenzinho naquele momento.

Pode-se conjeturar que supostamente através de uma imagem de recordação, foi possível ao sujeito acessar o 'arquétipo do pai.' JUNG (1991) corrobora esta idéia ao afirmar que as realidades mais imediatas e mais próximas de nós como o marido, a mulher, o pai, a mãe e os filhos, os eventos mais corriqueiros da vida quotidiana, que se repetem eternamente, produzem os arquétipos mais poderosos, cuja atividade incessante é imediatamente acessível em toda parte. Tomando como exemplo os dogmas cristãos, a Trindade é constituída por Deus Pai, Filho e Espírito Santo, que era representado pela "ave de Astarte," a pomba, e também se chamava Sofia e possuía natureza feminina nos primeiros tempos do Cristianismo. Assim, a sedimentação de todas as experiências ancestrais da humanidade - ricas de afeto e de imagens - com as figuras acima citadas, com a "personalidade mágica," com os perigos do corpo e da alma, erigiu

este grupo de arquétipos em princípios formuladores e reguladores supremos da vida religiosa e até mesmo da vida política, num reconhecimento inconsciente de suas tremendas forças psíquicas.

2) Figura feminina

Após ter sido proferida a consigna referente à figura feminina, solicita-se ao sujeito que mencione que tipo de imagem então se trata:

Alexandre: Não sei! Nenhuma (Tom baixo de voz, quase um murmúrio).

Lucélia: Hein?

Alexandre: Nenhuma!

Lucélia: Nenhuma? Não existe nenhuma imagem que para você representa o feminino?

Alexandre: Não! Que eu estou vendo, não!

Lucélia: Que você esteja vendo, não...

Alexandre: Não!

Lucélia: Nem quando você pensa: "O feminino?" O que é o feminino prá você?

Alexandre: Estou vendo! Estou tentando pensar numa mulher.

Lucélia: Hum... sim! Então é uma imagem de mulher?

Alexandre: É! Agora eu estou conseguindo ver já!

Lucélia: Hum hum... Sim, e como é essa mulher?

Alexandre: É loira...

Lucélia: É loira...

Alexandre: tem olhos verdes...

Lucélia: Olhos verdes...

Alexandre: ...menor que eu! Tem seus dezenove anos. Eu tenho uns dezesseis.

Lucélia: Hum hum... ela tem dezenove anos e você dezesseis.

Alexandre: É!

Lucélia: Sim! E ela é um pouco mais baixa que você, não é?

Alexandre: É mais baixa!

Lucélia: Sim! Continue!

Alexandre: Ela é... ela é bonita!

Lucélia: Hum hum... Você está com ela?

Alexandre: Estou!

Lucélia: E onde vocês estão?

Alexandre: A gente está num bar numa rua em Pirassununga!

Lucélia: Ah! Numa rua em Pirassununga...

Alexandre: Num barzinho. Eu estou conhecendo ela.

Lucélia: Ah! Você está... acabou de conhecê-la, então?

Alexandre: Sim!

Lucélia: Estão se conhecendo. Hum hum... E como que se dá este contato? Esse conhecimento?

Alexandre: Ela chegou... ela estava sentada na mesa... eu a vi... me encantei... cheguei nela!

Lucélia: Hum hum...

Alexandre: Ela estava com uma amiga, só que a amiga não me interessou.

Lucélia: Hum hum... o que ela tem que te encantou?

Alexandre: Não sei! Quando eu olhei... eu vi... me encantou!

Lucélia: Hum hum... Foi um olhar?

Alexandre: Foi! Eu... estou conversando com ela o tempo todo! (Sussurrando) Estou namorando com ela... Estou convidando ela prá sair... E a gente sai... A gente começa a caminhar... (Ela tem um carro que ela detesta dirigir). A gente caminha mais ou menos quase três quilômetros! (Sussurrando)

Lucélia: "A gente anda quase três quilômetros!!" (Ênfase)

Alexandre: É!

Lucélia: Hum hum...

Alexandre: Daí, eu chego na casa dela, desde o início eu estava morrendo de vontade de dar um beijo nela. Daí... eu dou um beijo nela! (Sussurando)

Lucélia: Hum hum... Você dá um beijo nela.

Alexandre: Dou um beijo nela... e falo que vou me encontrar com ela!

Lucélia: Hum hum...

Alexandre: Eu só saio... (inaudível) é muito louco! Daí, a gente começa a se encontrar por alguns meses.

Lucélia: Por alguns meses!

Alexandre: ...depois a gente não se encontra!

Lucélia: Ah... depois, não se encontram mais?

Alexandre: É! A magia acabou!

Lucélia: A magia acabou...

Alexandre: É!

Lucélia: Hum... Foi mágico! Foi um encontro mágico.

Alexandre: Sim!

Lucélia: Um encontro que durou meses, mas acabou...

Alexandre: É! Aí começou a aparecer outras, outras e outras... mas esse foi mágico!

Lucélia: Esse foi mágico! (Pausa) "Vieram muitas outras, mas esse foi mágico!!"

Alexandre: É! A gente não transou!

Lucélia: Não houve transas?

Alexandre: Não! Durou sete meses... interessante!

Lucélia: Durou sete meses?

Alexandre: É! A gente nunca se transou! Só beijamos, só!

Lucélia: Hum hum...

Alexandre: E eu também nesses sete meses, não transei com nenhuma outra!

Lucélia: Com nenhuma outra?

Alexandre: Não! A gente só... brincava! Se conhecia! Mas nada... avançado! A gente não chegava às vias de fato!

Lucélia: Não chegavam às vias de fato...

Alexandre: Não! Só se acariciava! Se segurava, mas não fazia! Por isso, eu acho que foi mágico!

Lucélia: Por isso, foi mágico! "A gente se tocava, se acariciava, se sentia, mas não fazia nada! Não chegava às vias de fato."

Alexandre: Não!

Lucélia: Hum hum...

Alexandre: E também não me senti menos homem por causa disso!

Lucélia: "Não me senti menos homem por causa disso!" (Pausa) Você teria uma mensagem prá deixar prá esta figura, prá esta mulher que representa o Ser feminino?

Alexandre: Sim!

Lucélia: Qual é a mensagem, Alexandre?

Alexandre: "Que eu amo essa mulher! que foi um amor recolhido, uma mulher que eu nunca vou poder ter!"

Lucélia: "Eu amo esta mulher até hoje! Foi um amor recolhido, um amor que eu nunca vou poder ter!" É isso?

Alexandre: Um amor proibido!

Lucélia: "Um amor proibido! E talvez por isso, eu a ame até hoje!"

Alexandre: Sim!

Lucélia: "E ele continua mágico! Continua especial prá mim! Encantado!"

Alexandre: Sim! Continua do mesmo jeito! Apesar de já ter casado, já ter feito de tudo. Continua...

Lucélia: Sim! Então esta é a sua mensagem?

Alexandre: É!

Lucélia: Podemos fechar esta janela da sua imaginação?

Alexandre: Pode!

2.1) Amplificação e interpretação

A princípio, o sujeito não associa qualquer imagem referente à figura feminina. Afirma simplesmente que "não consegue ver nada." Somente quando a questão é colocada de uma forma genérica e fora dele, é que então ele consegue se reportar à figura de uma mulher (referência indefinida que permanece por todo o relato, apesar desta possuir um identidade própria) que conheceu no passado, mais especificamente na adolescência.

Este 'não ver nada,' supostamente parece sugerir conflitos do sujeito em relação à sua identidade sexual, como se o fato dele encontrar e trazer à tona o Ser feminino oculto dentro de si, comprometesse sua virilidade. Por isso, precisou buscar alguém no mundo externo, uma imagem de mulher que de fato existe, na qual pudesse

então projetar sem risco e de maneira segura, as suas fantasias inconscientes (um objeto conveniente que acolhesse suas projeções) sem riscos para sua auto-imagem masculina.

A seguir Alexandre descreve a garota: é loira, olhos verdes, mais baixa que ele; "é bonita," afirma concluindo (provavelmente corresponde à imagem e ao tipo físico de mulher que mais facilmente se ajusta à projeção de sua *anima*). A cena a que se refere inicialmente foi aquela em que se conheceram (uma imagem de recordação, o que evidencia o uso de imaginação reprodutora): num barzinho de uma cidade interiorana, ele ficou "encantado," fascinado ao vê-la. Aproxima-se. Ambos começam a se entender. Namoram. Eles saem e caminham juntos por quase três quilômetros até chegarem ao destino, fato que para Alexandre parece denotar o caráter especial e singular daquele momento. Ele sela o primeiro encontro com um beijo de amor.

O sujeito, que já estava falando num tom de voz bastante baixo, em decorrência do relaxamento a que havia se submetido previamente ao trabalho de imaginação ativa, neste momento começa a sussurrar e a falar no tempo presente do indicativo, e na primeira pessoa (anteriormente parecia estar narrando fatos). Tudo se passa como se Alexandre estivesse assistindo a um filme, e fosse simultaneamente expectador (observador) e protagonista; assim, ele vai acompanhando e registrando passo a passo as cenas que então se sucedem.

O sujeito não sabe explicar exatamente o que o encantou na moça. Disse apenas: "Quando eu olhei... eu vi... me encantou!" Como uma forma possível, o conteúdo oculto nestas reticências poderia ser: "Quando eu olhei prá ela, eu vi algo que me encantou." Este algo poderia ser o reflexo de sua temida feminilidade inconsciente, que de repente tomou forma e ganhou concretude em um corpo de mulher (minimizando assim o perigo), fato que resultou na constatação: "Foi mágico!"

O encantamento e a magia a que se refere o sujeito várias vezes no texto sugerem impressões de caráter numinoso, que arrebatam e controlam o sujeito humano, muito mais sua vítima que seu criador, visto que trata-se de uma experiência que independe de sua vontade. Além disso, "parece conter uma mensagem individual que, embora misteriosa e enigmática, também é profundamente impressionante" (SAMUELS *et al.*, 1988, p. 136).

Este encontro fulgurante com o feminino parece ter sido uma grande descoberta e um acontecimento extraordinário para o sujeito. Ambos continuam saindo juntos por sete meses. Neste período trocaram beijos e carícias através de jogos eróticos que possibilitaram a cada um conhecer o corpo do outro através do toque; todavia, não houve relacionamento sexual, nem o sujeito tão pouco procurou qualquer outra mulher a fim de praticar sexo. "Interessante!" diz ele, demonstrando a sua admiração por um fato para si tão inusitado, e ao mesmo tempo asseverando que não se sentiu desqualificado enquanto homem por não manter relações sexuais com uma mulher supostamente acessível. Considerando tudo isso, o sujeito conclui com segurança e dedução lógica: "Por isso foi mágico," observando que quando a magia terminou, os encontros então cessaram. Alexandre revela assim um dado bastante significativo: foi a magia - o elemento numinoso contido na experiência - quem propiciou a aproximação de ambos, sendo que os encontros subseqüentes somente aconteceram em função dela.

O sujeito relata que depois vieram muitas outras mulheres, mas considerando criticamente os fatos a partir de uma visão retrospectiva, reitera que este encontro para si foi mágico.

Em sua mensagem, o sujeito revela toda a essência e o significado do seu drama: confessa que ama aquela mulher, entende que este foi um "amor recolhido" (reprimido), alguém que, sabe, nunca terá, tratando-se pois de um "amor proibido," impossível, e por isso mesmo, para sempre amado, mágico e encantado.

Segundo CIRLOT (1984) "a mulher amada" deixa de ser o vaso escolhido para a perpetuação da espécie para converter-se num ente profundamente espiritual (portanto idealizado, destacado do mundo real das humanidades imperfeitas para elevar-se ao plano das hierarquias celestiais). ROUGEMONT* com referência a esta mística diz em seu artigo:

> "No amanhecer do terceiro dia que se segue à morte terrestre, se produz o encontro da alma (do homem) com seu eu celeste à entrada da ponte Chivat... num cenário de

* ROUGEMONT *apud* CIRLOT, J.E. - **Dicionário de símbolos**. São Paulo, Editora Moraes, 1984. 614 p.

montanhas chamejantes na aurora e de águas celestiais. Na entrada eleva-se sua Daena, seu eu celeste, mulher jovem de refulgente beleza que lhe diz: 'Eu sou tu mesmo' " (p. 74).

Desta forma, como imagem arquetípica, a mulher é complexa e pode ser sobredeterminada de modo decisivo. No caso específico de Alexandre, sua *anima* manifesta-se em seus aspectos superiores, particularmente aqueles da suprema virtude e beleza angelical, personificados por Maria. Como imagem idealizada da *anima,* a mulher é superior ao homem por ser o reflexo da sua parte superior e pura (daí estarem interditadas as relações sexuais no caso do sujeito).

Por outro lado JOHNSON (1995) em sua leitura psicológica das inquietações da alma masculina tomando como base o mito de "Parsifal e a busca do Santo Graal," refere-se à personagem Branca Flor, formosa donzela, como a mulher interior do homem, sua *anima:* "É servindo Branca Flor que Parsifal se dá conta de sua tarefa heróica; ela é sua amada e sua inspiração, núcleo da ação heróica que está em tudo que realiza daí para a frente. ...Como sua feminilidade interior, lá no fundo do coração do homem, ela é o âmago da inspiração e a que dá sentido às coisas" (p. 47-8).

Um dos conselhos que Parsifal recebe de sua mãe quando resolve dar início à sua carreira como homem é "respeitar sempre as donzelas," isto é, ele não deve manter relações carnais com mulheres enquanto estiver à procura do Graal. Na verdade esta interdição não se refere ao relacionamento do homem com a mulher corpórea, mas com a mulher interior, sua *anima.* Assim, quando Parsifal passa a noite com Branca Flor, "eles dormem juntos no mais íntimo dos abraços - cabeça com cabeça, ombro com ombro, quadril com quadril, joelho com joelho, pés com pés" (JOHNSON, 1995, p. 48). Esse abraço é casto, pois, de acordo com os votos do cavaleiro, ele nunca poderia seduzir ou deixar-se seduzir por uma formosa donzela, pois precisaria manter seu voto, se quisesse conquistar a visão do Graal.

Curiosamente, o Castelo do Graal é o local da mais preciosa feminilidade, e o Graal é a síntese de tudo que é feminino, é o seu mais puro símbolo, a quintessência da expressão feminina, afirma JOHNSON (1995).

O mito é uma entidade viva que existe dentro da estrutura psicológica de cada um. Neste caso, Alexandre, vivenciando à sua moda o mito, busca reconciliar-se

com a sua contra-parte feminina, por ele temida e renegada porque ameaçadora de sua masculinidade imberbe, integrando-a à sua estrutura psíquica.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Após ter sido proferida a consigna referente ao encontro das figuras masculina e feminina, o sujeito assim se manifesta:

Alexandre: Eles se encontram!

Lucélia: Ah! Como acontece o encontro?

Alexandre: Eu levo ela até em casa... (sussurrando)

Lucélia: Como?

Alexandre: Eu levo ela até em casa!

Lucélia: Ah... Você a leva até sua casa... Hum...

Alexandre: Eu levo... várias vezes!

Lucélia: Hum... E os dois se conhecem, então?

Alexandre: Se conhecem! E depois, quando eu vou lá, ele sempre pergunta: "Por que ela não veio?" E daí, eu falo que é porque a gente não está mais junto!

Lucélia: Ele sentiu a ausência dela, sentiu a falta dela.

Alexandre: Sentiu! ... (inaudível)

Lucélia: Como?

Alexandre: Sentiu a falta.

Lucélia: Ele sentiu a falta...

Alexandre: É, acho que é só...

Lucélia: Então, o encontro se deu na medida em que ela freqüentou a sua casa.

Alexandre: Sim!

Lucélia: Isto intermediado por você?

Alexandre: Sim!

Lucélia: Está certo! Ambos conversam? Existe algum diálogo?

Alexandre: Ah! Sim, mas muito pouco!

Lucélia: Muito pouco! Hum hum... você sabe o que ela pensa sobre ele e o que ele pensa sobre ela?

Alexandre: Não!

Lucélia: Não sabe? Não imagina?

Alexandre: Não! .... (inaudível)

Lucélia: Hum hum...

Alexandre: Eu acho que... ele acha ela bonita! Pode ser também!

Lucélia: Ele deve achá-la bonita.

Alexandre: Sim! Todo mundo achava... simpatia também!

Lucélia: Simpatia dela?

Alexandre: Dela e dele! (Pausa) A simpatia atrai as pessoas!

Lucélia: Hum hum... A simpatia atrai as pessoas...

Alexandre: Muito mais que a beleza! A beleza de vez em quando... (inaudível)

Lucélia: Hum hum... E havia simpatia ali entre os dois?

Alexandre: Havia simpatia. ... A família toda sentiu!

Lucélia: A família toda sentiu. Hum hum... Está bem! Mas entre eles dois é isso então?

Alexandre: Só!

Lucélia: É um contato de poucas palavras, mas que existe simpatia, não é?

Alexandre: Hum...

Lucélia: Está bem! E quando acabou, ele sentiu falta, ele perguntou.

Alexandre: Perguntou!

Lucélia: Lembrando agora daquilo que ele ensinou ao menino sobre ser homem... esta parceira, esta mulher que você levou para a sua casa... correspondeu àquilo que lhe foi passado? (Não sei se eu me fiz entender...)

Alexandre: Sim! Correspondeu!

Lucélia: Correspondeu! Então "era do agrado dele" (vamos dizer assim), é isto?

Alexandre: Era!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa ou a gente pode fechar esta janela?

Alexandre: Pode fechar!

3.1) Amplificação e interpretação

O encontro entre as figuras que representam o Ser masculino e o Ser feminino ocorreu tendo por base o plano da realidade do sujeito, manifestando-se portanto, através de uma imagem de recordação, que trouxe à baila fatos de sua história passada. Neste caso, não se trata de imaginação criadora, mas reprodutora, a qual está relacionada à faculdade de evocar imagens de objetos que já foram percebidos (AURÉLIO, 1986).

Fiel à ordem dos fatos, Alexandre relata que intermediou o encontro dos dois, conduzindo a mulher até sua residência (várias vezes), quando então ela e seu pai se conheceram. O contato parece que se deu num plano formal, mas cordial (como convém a um 'sogro' e a uma 'nora,' ou seja, a partir dos papéis sociais, que cabem a cada um desempenhar). Ambos pouco dialogam um com o outro, comunicando-se sobretudo pelo canal da simpatia ("simpatia atrai as pessoas mais que a beleza," afirma o sujeito), que parece ter sido bilateral. O sujeito não se atreve a dar voz aos pensamentos deles, o que talvez lhe pareça acintoso, visto que no seu psiquismo são figuras hierarquicamente superior a ele. No máximo, arrisca-se a dizer que talvez o pai a considerasse bonita, opinião que, aliás, era de consenso geral. Por outro lado, talvez não houvesse mesmo muito a ser explicitado no subtexto, visto que a relação entre eles carecia de profundidade.

O foco aqui, na verdade, parece ser outro. O diálogo parece ser de homem para homem, ou melhor, de filho para pai. Primeiro o homenzinho recebe os ensinamentos, depois sai ao mundo e encontra a sua contra-parte, aquela que o confirma enquanto homem, e finalmente, ele volta como homem para ser reconhecido pelo pai. Assim, o sujeito ao levar consigo mulher tão especial a fim de que esta fosse conhecida pelos seus, parece na verdade estar solicitando a aquiescência/aprovação paterna, demonstrando ter cumprido com fidelidade e prontidão o mandato para ser homem (tal qual lhe havia sido designado). A mulher que trazia consigo, para ele a quintessência da expressão da feminilidade, logo estaria confirmando indiretamente sua identidade masculina. E assim parece ter se sucedido, pois sua escolha atendeu satisfatoriamente às expectativas do pai.

Todavia, quando Alexandre retorna ao pai sozinho, este questiona: "Por que ela não veio?", demonstrando com isso que se por um lado a mulher que o acompanhava foi para ele uma figura marcante (cuja ausência se faz notar), por outro lado havia um vazio inquietante, como se ela devesse estar com ele. A resposta: "A gente não está mais junto," confirma que o lugar reservado à figura feminina na vida de Alexandre estava de novo vazio, e com ele (este lugar vazio) vinham novamente as dúvidas, temores, ansiedades de um masculino ainda instável, cujas feições se revelavam pouco definidas.

Portanto, o sujeito parecia ainda estar à procura de uma definitiva identidade, um modelo viril de masculinidade que reservasse espaço para o feminino etéreo, e que pudessem ambos conviver sem que a presença de um ameaçasse e/ou anulasse o outro. Uma identidade, síntese de opostos reconciliados, que lhe conferisse a solidez e consistência do mundo real, e sobretudo, que não naufragasse ao teste da realidade.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 7: Diógenes

1) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna referente à figura masculina, o sujeito verbaliza:

Diógenes: Seria um animal...

Lucélia: Um animal? Que animal é esse?

Diógenes: Seria um elefante, cara! (Riso)

Lucélia: Um elefante? Isso te faz rir?

Diógenes: Faz!

Lucélia: A imagem do elefante te faz rir?

Diógenes: Isso! Ah, não, né, eu nunca fiz isso antes, parece que é engraçado!

Lucélia: Está bem! É um elefante! E onde ele está? O que ele está fazendo? Ele está sozinho, está acompanhado? Me fale mais desse elefante...

Diógenes: Está acompanhado... de um outro elefante!

Lucélia: Mas, são machos os dois?

Diógenes: Não, não! Um é macho e outro é fêmea!

Lucélia: Esse elefante que representa o Ser masculino é macho ou fêmea?

Diógenes: Macho!

Lucélia: E ele está com uma companheira ali?

Diógenes: Isso!

Lucélia: E onde eles estão?

Diógenes: Eles estão no zoológico! (Riso)

Lucélia: Num zoológico?

Diógenes: Pensei que eu ia ver uma selva, mas eu vi um zoológico! (Risos)

Lucélia: Diógenes, você me faz rir! (Riso) Estão num zoológico... e depois?

Diógenes: Depois? Então, estão num zoológico. Eles estão comendo capim!

Lucélia: Estão comendo capim!

Diógenes: Isso!

Lucélia: Eles conversam, os dois?

Diógenes: Eles estão se conversando!

Lucélia: O que um diz ao outro?

Diógenes: "Nossa, como você come!" (Risos)

Lucélia: "Como você come!"? Cada um tem mais inveja do outro, de quanto o outro come?

Diógenes: Você vê que coisa!

Lucélia: Eles comem muito?

Diógenes: Comem! Um come mais que o outro!

Lucélia: Estão competindo ali prá ver quem come mais?

Diógenes: Não! Um diz: " - Nossa! Como você come!" O outro fala: " - É! Mas eu como prá ficar forte! Ficar cada vez mais forte, e crescer ainda mais!"

Lucélia: E crescer ainda mais! Eles são grandes?

Diógenes: O macho é maior do que a fêmea.

Lucélia: E eles estão em fase de crescimento?

Diógenes: Estão!

Lucélia: E há muito tempo que eles estão neste zoológico?

Diógenes: O macho, há mais tempo do que a fêmea!

Lucélia: Ah! Ele chegou primeiro?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Sei! E eles gostam de estar no zoológico ou eles preferiam estar na selva?

Diógenes: O macho preferia estar no zoológico e a fêmea, na selva!

Lucélia: O macho gosta de estar no zoológico. Ele está bem adaptado à vida ali?

Diógenes: Isso!

Lucélia: E a fêmea preferia estar na selva.

Diógenes: Isso!

Lucélia: Hum hum... Existem pessoas que vão vê-los?

Diógenes: Ah... tem bastante!

Lucélia: E como é prá eles aquelas pessoas que vão lá observá-los?

Diógenes: Eles não ligam muito não!

Lucélia: Não ligam muito? Meio que ignoram as pessoas?

Diógenes: Isso! Eles estão se importando mais um com o outro.

Lucélia: E você disse que eles estão crescendo. Eles já têm vida sexual ou não?

Diógenes: Não! Ainda não!

Lucélia: E eles se dão bem, os dois ali?

Diógenes: É, estão se dando bem!

Lucélia: Hum hum... se relacionam bem. Qual é a idade desse macho? Você sabe dizer?

Diógenes: O macho? Deve ser uns dez anos.

Lucélia: Uns dez anos! E você Diógenes, de que ponto está vendo esta cena? Você faz parte do público que observa? Você está ali perto ou está lá dentro com eles?

Diógenes: Eu estou observando eles, faço parte do público.

Lucélia: Você faz parte do público?

Diógenes: Isso!

Lucélia: E você interage com eles de alguma forma? Você tenta entrar em contato?

Diógenes: Eu só fico observando!

Lucélia: E o que lhe parece, aquele elefante com sua parceira?

Diógenes: Ah, eu acho legal!

Lucélia: Só isso? Acha legal?

Diógenes: É! Admiro bastante os elefantes! Pelo tamanho, está certo?

Lucélia: Pelo tamanho...

Diógenes: Pela força, pelo modo dele ser!

Lucélia: O que tem no modo dele que te atrai, que você admira?

Diógenes: É, eles não são tão agressivos!

Lucélia: Ah! Não são tão agressivos?

Diógenes: Isso! Até mesmo pelo formato, né?

Lucélia: Hum... pelo formato? Você gosta do formato deles?

Diógenes: Isso! Isso!

Lucélia: Eles são no seu ponto de vista, mais amigos, 'sociáveis,' seria isso?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Está bem! Mas ali você se mantém do lado de lá, junto ao público, e não se aproxima, não puxa conversa?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa depois disso?

Diógenes: Acontece! Eles ficam se acariciando... passando a tromba...

Lucélia: Um no outro?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Se acariciam, passam a tromba um no outro, mas eles ainda não chegaram à maturidade sexual?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Então, eles ficam só nesses jogos e não vão além disso?

Diógenes: Perfeito!

Lucélia: Seria basicamente isso?

Diógenes: Seria!

Lucélia: Então agora eu vou pedir que você feche essa janela da sua imaginação...

1.1) Amplificação e interpretação

A imagem do Ser masculino para o sujeito tomou a forma de um animal, o elefante, cuja percepção acompanha-se de muito riso por parte do sujeito e contagia também a pesquisadora durante vários momentos do trabalho. O animal está num zoológico, juntamente com uma elefanta, sua companheira. O fato do sujeito ter pensado que o veria na selva, mas o que viu foi um zoológico (risos) é bastante significativo, e corrobora a autonomia das imagens eliciadas pela técnica de imaginação ativa, onde o motivo não pode ser direcionado pela ação da vontade ou do intelecto, mas já existe aprioristicamente.

JUNG (1989) assevera que o símbolo do animal aponta para o extra-humano, para o suprapessoal, pois os conteúdos do inconsciente coletivo são, não só os resíduos de modos arcaicos de funções especificamente humanas, como também os resíduos das funções da sucessão de antepassados animais do homem, cuja duração foi infinitamente maior do que a época relativamente curta do existir especificamente humano.

Além disso, o símbolo do animal também expressa mais apropriadamente a parte da libido não educada, não diferenciada e não humanizada, de caráter ainda impulsivo, coercitivo; logo, ainda não domesticado.

No que se refere à simbologia específica do elefante, contrariamente ao conceito dos ocidentais de que o elefante é a imagem viva do peso, da lentidão e da falta de jeito, na Ásia, o animal é símbolo, não de peso bruto, mas de estabilidade, de imutabilidade. Assim como o touro, a tartaruga, o crocodilo, o elefante desempenha na Índia e no Tibete, o papel de animal-suporte-do-mundo: "O universo repousa sobre o lombo de um elefante." E é igualmente considerado como um animal cósmico, devido à

semelhança de sua estrutura com a do cosmo: quatro pilares que sustentam uma esfera. Na África, segundo as crenças dos baoulés, o elefante simboliza a força, a prosperidade, a longevidade e a sabedoria (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

O elefante também serve de atributo à castidade, pois, enquanto sua fêmea está prenhe (período de dois anos), esse animal não se aproxima dela, e nem cobre nenhuma outra fêmea, e seria até mesmo o vingador do adultério.

CIRLOT (1984) afirma que o simbolismo do elefante tem certa complexidade e determinações secundárias de caráter mítico. No sentido mais amplo e universal, é um símbolo da força e da potência da libido. Na tradição da Índia, os elefantes são as cariátides do universo. Nos desfiles, são a montaria dos reis. É muito interessante que, por sua forma arredondada e sua cor cinza esbranquiçada, seja considerado símbolo das nuvens. Pelo curso do pensamento mágico, disto segue-se a crença de que o elefante pode produzir nuvens e a mítica suposição da existência de elefantes alados. Como provável derivação destes conceitos, de clara impressão primitiva, houve o uso do elefante na Idade Média como emblema da sabedoria, da temperança, da eternidade e até mesmo da piedade.

O casal de elefantes que Diógenes visualiza está se alimentando. Ambos comem com sofreguidão, sendo que cada um parece muito preocupado com a quantidade de capim que o outro está ingerindo: "Nossa, como você come!", é o que um diz ao outro. Na verdade, dominados por uma imperiosa gula, cada um parece querer comer mais que o outro, e está temeroso de que lhe falte o alimento. Como dois adolescentes, presos às manifestações ainda pueris e aos jogos da idade, parece que um tem "inveja" do quanto o outro come, ou estão competindo para ver quem come mais (um tipo de jogo). A justificativa: "Eu como para ficar cada vez mais forte e crescer ainda mais!" corrobora o motivo da adolescência/infância trazido pelo sujeito. O próprio Diógenes afirma que eles ainda estão em fase de crescimento (o macho tem 10 anos) e, portanto, não atingiram a maturidade sexual. Independente disso, ambos parecem ser companheiros, tendo já se habituado à presença um do outro. Assim, eles cultivam um bom relacionamento, e antecipam os futuros jogos sexuais, quando, após comerem juntos (lembrando que comer, no português chulo também significa coito, relação sexual), resolvem se acariciar,

roçar a tromba (que no caso parece ser um órgão erótico) um no outro, numa autêntica manifestação de sensualidade e carinho.

Com isso, o sujeito demonstra que apesar de conter em si o potencial para a transcendência expresso na acepção de nobreza contida na simbologia do elefante (explicitada acima por CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996), apesar disso, ele permanece preso ao nível das emoções e das necessidades básicas, fixado que está a uma escala anterior do desenvolvimento, onde a libido aparentemente domesticada parece ter sido canalizada para uma excessiva voracidade. Talvez isto explique porque o riso - que relaxa as tensões - tenha estado tão presente no trabalho.

Continuando, Diógenes afirma que foi o macho quem primeiro chegou ao zoológico; ele parece estar adaptado ali. Já a fêmea preferiria estar na selva. Ambos parecem ignorar o público visitante, pois estão mais voltados um para o outro. Diógenes, faz parte deste público, observando os elefantes do lado de fora da jaula. Ele permanece no seu posto de observação e não procura se aproximar ou interagir com os animais, todavia de onde está é capaz de sentir admiração por eles.

O sujeito admira os elefantes pelo seu tamanho, pelo formato do seu corpanzil, pela força, pelo seu modo não agressivo de ser (são tranqüilos e pacatos). Possivelmente ele se identifica ou gostaria de ter em si tais atributos destes animais. Sobretudo sua massa gigantesca (são os maiores mamíferos terrestres), que sugere a idéia de uma insofismável solidez, e a sua força poderiam supercompensar possíveis sentimentos de fragilidade e inferioridade, provenientes de períodos mais arcaicos do seu desenvolvimento (talvez por isso os elefantes comam tanto). Aos olhos de uma criança, os elefantes são animais imponentes, encantadores e magníficos (daí sua segura presença em todo circo que se preze).

Como figura de identificação do ser masculino possivelmente este animal representa para o sujeito seu ideal de virilidade, força e potência sexual. Vale salientar que o elefante já possui sua parceira, com quem troca carícias, muito embora não se acasalem, pois ambos não atingiram sua maturidade sexual. O fato dele estar num zoológico e não na selva sugere, todavia, a domesticação dos impulsos instintivos a que foi submetido e se deixou domar. É importante lembrar que Diógenes afirma que o

elefante gosta de estar no zoológico, ou seja, ele não só se adaptou, como parece ter aceito a condição de sujeição (do instinto) a que foi submetido (o que é no mínimo bastante duvidoso para qualquer animal). Curiosamente a parceira do elefante preferia estar na selva, o que sugere que o sujeito projetou na contra-parte feminina de sua figura de identificação seu desejo pela liberação do instinto.

Com tudo isso, Diógenes demonstra que possui conflitos inconscientes relativos ao domínio e à sublimação de seus impulsos instintivos em oposição à sua livre manifestação no exercício do papel sexual. Assim, apesar de sua identidade masculina já estar definida, o exercício da sexualidade está interditado.

2) Figura feminina

Tendo sido proferida a consigna referente ao Ser feminino, o sujeito, a princípio, apresenta alguma hesitação:

Diógenes: (Silêncio)

Lucélia: Quando eu digo 'o seu Ser feminino,' 'o Ser feminino,' o que lhe vem à mente?

Diógenes: Ah... seria o lado feminino, não é?

Lucélia: Sim, o lado feminino! Mas, a imagem, qual é a primeira imagem que lhe vem à mente? Sem pensar muito, sem criticar e sem censurar. Qual a imagem que lhe vem à mente?

Diógenes: Ah... vem uma planta!

Lucélia: Uma planta? Sim, e que tipo de planta é? Onde ela está? Existem outras plantas ao redor dela? Me fale um pouquinho sobre ela.

Diógenes: Seria uma orquídea!

Lucélia: Uma orquídea? Hum... uma planta rara, então! Ela está florida ou só tem a planta mesmo?

Diógenes: É com flor!

Lucélia: Com flor? Ah! Sim. E onde está essa orquídea?

Diógenes: Numa árvore! Bem assim, na ponta da árvore!

Lucélia: Bem na ponta? Bem no alto?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Ela não está muito acessível, nem muito visível para qualquer um?

Diógenes: Não! Está bem assim no alto, longe! Está certo? Só está no meio das árvores!

Lucélia: No meio das árvores...

Diógenes: Meio escondida, né!?

Lucélia: Meio escondida. E onde você está em relação à orquídea?

Diógenes: Eu estou embaixo admirando!

Lucélia: Ah! Você está embaixo da árvore, seria isso?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Hum... O quê você admira na orquídea?

Diógenes: A boniteza, né. A beleza dela!

Lucélia: De que cor é essa orquídea?

Diógenes: Que cor? É roxa!

Lucélia: Roxa! (Pausa) Hum hum... De onde ela está existem outras orquídeas ao lado, ou só ela?

Diógenes: Existem outras! Mas, mais distantes, né.

Lucélia: Hum... nessa árvore...

Diógenes: ...só ela!

Lucélia: Só ela! E é prá ela que você olha, é ela que você observa.

Diógenes: Isso!

Lucélia: E você diz alguma coisa? Faz alguma coisa ou fica parado lá no seu ponto de observação?

Diógenes: Não! Eu subo até a árvore. Prá poder pegar ela!

Lucélia: Ah! Você colhe a orquídea?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Você a leva consigo?

Diógenes: Levo ela prá casa!

Lucélia: Você a leva prá casa... e aí? O que acontece depois?

Diógenes: Eu plantei ela, né.

Lucélia: Ah! Você a plantou! Você a tirou daquela árvore onde ela estava originalmente, e a plantou em outro lugar.

Diógenes: Claro!

Lucélia: Então você levou não só a flor? Você trouxe a planta inteira, é isso?

Diógenes: Ah! Sim! Trouxe tudo!

Lucélia: E você plantou... e aí? Ela se aclimatou, foi em frente?

Diógenes: Ela foi em frente. Não morreu não!

Lucélia: Desenvolveu-se?

Diógenes: Isso!

Lucélia: E em que lugar você a plantou?

Diógenes: Plantei num vaso!

Lucélia: Num vaso! Hum... bem diferente da árvore em que ela estava antes, não é?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Hum hum... e ela se deu bem lá naquele vaso?

Diógenes: Se deu bem!

Lucélia: E você conversa com ela?

Diógenes: Se eu converso?

Lucélia: Isto! Com a orquídea! Com a planta!

Diógenes: Converso!

Lucélia: O que você diz a ela?

Diógenes: "Nossa! Como você é bonita, né... bem diferente das outras!"

Lucélia: "Diferente das outras!" Das outras orquídeas?

Diógenes: É! Das outras orquídeas, das outas plantas!

Lucélia: Das outras plantas! E o que a torna tão especial?

Diógenes: O modo de ser!

Lucélia: O modo de ser dela?

Diógenes: Isso! É bem diferente, né!

Lucélia: Hum... e você gosta disso? Você gosta desse modo de ser diferente dela?

Diógenes: Isso!

Lucélia: E acontece mais alguma coisa?

Diógenes: Eu começo a acariciá-la!

Lucélia: Como ela responde às suas carícias?

Diógenes: Responde ficando mais bonita!

Lucélia: Hum... ela fica mais bonita, mais viçosa! Ela gosta dos seus carinhos?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Uma relação muito íntima que você criou com esta planta, a orquídea?

Diógenes: Perfeito!

Lucélia: E vocês se entendem bem? Você e a orquídea?

Diógenes: Claro!

Lucélia: Teria mais alguma coisa? Acontece mais alguma coisa?

Diógenes: Eu não deixo faltar água, está certo? Coloco ela prá tomar um sol de vez em quando.

Lucélia: Você cuida muito bem dela!

Diógenes: Muito bem!

Lucélia: Hum hum... não deixa faltar água! Coloca ela no sol! Ou seja, você a mantém viva, viçosa e bonita.

Diógenes: Isso! Até mesmo uma chuva de vez em quando!

Lucélia: Você não deixa de cuidar dela. Você está sempre atento às necessidades dela!

Diógenes: Perfeito!

Lucélia: Hum... seria isso? Ou teria mais alguma coisa?

Diógenes: Só isto!

Lucélia: Está bom! Então vá se despedindo da planta-orquídea...

2.1) Amplificação e interpretação

Uma flor, especificamente a orquídea, simboliza para Diógenes o feminino. A orquídea é roxa, e está na ponta de uma árvore, bem no alto, meio escondida entre as outras árvores, portanto não é acessível nem visível para qualquer pessoa, confirmando assim a noção popular de que se trata de uma flor rara e incomum. Há outras flores desta espécie em outras árvores, mas nesta ela é única.

Segundo CIRLOT (1984) no simbolismo geral da flor, pode-se considerar dois aspectos: a flor em sua essência e em sua forma. Por sua natureza, a flor é símbolo

da fugacidade das coisas, da primavera e da beleza. Considerando-se a sua forma, corresponde a uma imagem do centro e, por conseguinte, uma imagem arquetípica da alma.

JUNG (1987b) assevera que "a linguagem das flores" revela uma relação de ordem simbólica que tem por meta realizar o processo de individuação.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) de maneira geral a flor é símbolo do princípio passivo. O simbolismo tântrico-taoísta da Flor de Ouro revela o alcance de um estado espiritual: a floração é o resultado de uma alquimia interior, da união da essência e do sopro, da água e do fogo; é também o retorno ao centro, à unidade, ao estado primordial. No caso das lendas celtas, a flor parece ser um símbolo não de uma versatilidade que seria própria da mulher, mas da instabilidade essencial da criatura, voltada a uma perpétua evolução e, em especial, símbolo do caráter fugidio da beleza.

As orquídeas, especificamente, muito apreciadas e inigualáveis, são comumente conhecidas como flores exóticas, produto de estufas e de climas quentes, mas existem muitas espécies menores que crescem nos campos como flores silvestres. Todas elas têm manchas, que são sua marca peculiar de beleza. Como diferentes sub-espécies têm flores variadas de formatos curiosos, a orquídea foi chamada de língua-de-serpente, dedos-de-mortos, chifres-de-carneiro, além de ser associada à fêmea do ganso com sua ninhada, devido à maneira como as flores se agrupam em torno do talo (PICKLES, 1992).

Na China antiga, as orquídeas eram associadas às festas da primavera, onde eram utilizadas para expulsão de influências perniciosas, sendo a mais ameaçadora, a esterilidade. A orquídea, como seu nome indica, é um símbolo de fecundação, sendo que também na China favorece a geração e é uma garantia de paternidade. A beleza da flor faz dela, entretanto, um símbolo de perfeição e de pureza espirituais (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Diógenes está embaixo da árvore admirando à distância a beleza da flor, como quem busca o estado supra-terrenal e sublime do Ser perfeito, mas que no momento lhe é inacessível. Ele cobiça para si a orquídea, como quem ousa possuir num passe de mágica, atributos que se lhe manifestariam espontaneamente somente com o

lapidar paciente do espírito através dos anos. Então, sem pestanejar, sobe na árvore a fim de tomar para si objeto tão exclusivo e singular. Ele colhe não só a flor, mas toda a planta, e a leva consigo.

Assim, Diógenes precisou passar pela árvore, galgá-la, para enfim alcançar a orquídea. Referindo-se ao simbolismo da árvore CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) reputam-na como símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascenção para o céu, evocando todo o simbolismo da verticalidade. Por outro lado serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Sobretudo as frondosas evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de folhas todos os anos. A árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do "cosmos:" o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. Além disso, pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu. Além disso, todas as crenças apontam para o fato de que sexualmente, o simbolismo da árvore é ambivalente; em sua origem, a árvore da vida pode ser considerada como imagem do andrógino inicial.

A árvore foi, pois, o instrumento ou o caminho de que se valeu o sujeito para ultrapassar as esferas ctonianas, que o relegam às imperfeições e aos limites de sua condição humana, e desta forma, ascender às alturas, e colher então a preciosa e rara orquídea, símbolo do que há de mais belo, exótico e perfeito. Intuitivamente, Diógenes segue as pegadas do caminho do seu processo de individuação.

Em sua casa, o sujeito acondiciona a preciosa planta num vaso, e para seu deleite, lhe dispensa todos os cuidados necessários expondo-a à influência revitalizadora dos raios solares, regando-a com regularidade, e ocasionalmente expondo-a à ação regeneradora da chuva. Estando sempre atento às suas necessidades, Diógenes procura mantê-la viva, viçosa e bonita. A orquídea parece ter se aclimatado bem à nova casa, e ao vaso, pois, não definhou, tendo prosseguido no seu desenvolvimento, afirma o sujeito.

Tendo-a somente para o regalo de seus olhos, Diógenes parece encantado contemplando a beleza da flor, pois ela lhe parece muito distinta das demais orquídeas. Ele afirma que seu modo de ser singular e único é o que a torna tão especial. Enlevado e magnetizado, Diógenes começa então a tocá-la e acariciá-la. A planta responde positivamente tornando-se mais bonita e atraente. Com isto, engendra-se uma relação de intimidade com envolvente sensibilidade, tornando-os exclusivos (e cúmplices) um para o outro.

Todos estes elementos concorrem no sentido de corroborar-se o caráter arquetípico das imagens percebidas pelo sujeito, podendo-se considerar a orquídea como uma expressão simbólica de sua *anima*. Assim, a referida flor parece funcionar como sua fonte de inspiração e de energia, de forma que mesmo à distância, ela lhe está acessível, estimulando-o a concentrar e direcionar seus esforços para alcançá-la.

Além disso, está implícito nas entrelinhas do discurso do sujeito a questão da posse do objeto de desejo. Isto é, Diógenes colhe a flor que admira e a leva consigo (para sua casa) para seu deleite único e exclusivo. Chegando lá se esmera em cuidados para que ela se sinta perfeitamente bem. Na sua percepção, a orquídea parece satisfeita, e não ter se 'ressentido' por haver sido retirada de seu *habitat*. Aqui há duas hipóteses: ou o sujeito não consegue ver que 'violentou' a planta para satisfazer seus impulsos egoístas (visto que na natureza, dificilmente um vegetal não sofreria abalos ao ser retirado de seu *habitat* natural e ser obrigado a se aclimatar a outro ambiente), ou de fato a orquídea não sofreu constrangimento algum e está ali como *anima*, única e exclusivamente para servir de fonte de inspiração ao sujeito e para despertar nele o anseio pela transcendência. O quadro seguinte (o encontro das figuras masculina e feminina) oferece alguns subsídios para clarificar esta questão.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto o encontro do Ser masculino com o Ser feminino, o sujeito a princípio parece demonstrar alguma dificuldade de compreensão da consigna. A proposta, então, é retomada reapresentando-se a Diógenes suas figuras masculina e

feminina, para que este se situe. A partir disso, a dificuldade parece ter sido superada, de forma que o fluxo da imaginação segue seu curso (possivelmente o bloqueio foi motivado pela censura ao diálogo entre os dois personagens, pois este de chofre se impõe):

Lucélia: ...Tudo o que eu lhe digo é que eles estão no mesmo espaço físico. Eles se encontraram! Agora o que acontece nesse encontro, é o que você vai me dizer. Deu prá entender? Ou está difícil imaginar?

Diógenes: Acho que deu!

Lucélia: Prá entender, deu, não é? Agora, o que acontece?

Diógenes: "Nossa, orquídea! Como você é bonita!"

Lucélia: Quem diz isso?

Diógenes: O elefante!

Lucélia: O elefante diz para a orquídea.

Diógenes: "Você veio até decorar aqui o lugar que eu estava! Ficou até mais bonito!"

Lucélia: "Você veio decorar (ênfase) o lugar que eu estava..."

Diógenes: Isso!

Lucélia: Ela veio trazer beleza! (Pausa) E o lugar é a jaula do elefante? É esse o lugar?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Ah! E em que lugar da jaula ela está?

Diógenes: Bem em cima da árvore! (Riso)

Lucélia: Bem em cima da árvore! Naquela árvore?

Diógenes: É! Ela voltou na árvore!

Lucélia: E ela diz alguma coisa para o elefante?

Diógenes: Diz: "Ah, elefante! Aqui está bem melhor! Voltei para o meu lugar que eu estava!"

Lucélia: Ela preferiu?

Diógenes: Preferiu a ca... (interrompe com riso)

Lucélia: (Riso) Ela não gostou muito do vaso!

Diógenes: Não! Não gostou! Ela preferia mais a árvore onde ela nasceu!

Lucélia: E como ela se sente ali, na árvore que era o lugar dela, o seu lugar de origem, tendo agora um elefante que a admira lá embaixo?

Diógenes: Ela pôde se sentir mais importante!

Lucélia: Ah! Ela se sentiu mais importante! (Pausa) Acontece mais alguma coisa entre a orquídea e o elefante?

Diógenes: É! Digamos que o elogio que ele fez prá ela retorna a ele também. Porque ela faz a mesma co... o mesmo, digamos assim, o papel dele, não é? Cria uma certa harmonia!

Lucélia: Então, eles se relacionam harmoniosamente?

Diógenes: Isso!

Lucélia: Cada um no seu canto, do ponto em que estão se relacionam harmoniosamente!

Diógenes: É! O elefante consegue tocá-la!

Lucélia: Ah, é? Como ele faz isso?

Diógenes: É! Até ele molha ela... (riso)

Lucélia: Como?

Diógenes: Até ele molha ela!

Lucélia: E como ele toca a orquídea?

Diógenes: Com a tromba, né!

Lucélia: Ele molha a orquídea! Ele toca a orquídea com a tromba. (Pausa) E ela gosta?

Diógenes: Gosta! Eu acho que quando ela estava na outra árvore, ela estava muito sozinha! Daí agora ficou melhor. Pelo menos, ela não está tão sozinha!

Lucélia: Pelo menos ela não está tão só?

Diógenes: Isso!

Lucélia: E tem o elefante que está sempre ali por perto. Cuidando, molhando, tocando-a!

Diógenes: Isso!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa?

Diógenes: (Pausa) Não!

Lucélia: Hum hum... Está bem! Então, se não acontece mais nada, eu vou pedir prá você ir se despedindo desta imagem, do elefante e da orquídea juntos ali...

3.1) Amplificação e interpretação

Quando o elefante encontra-se com a orquídea, ele parece encantado com a sua beleza, e imediatamente lhe diz: "Nossa, como você é bonita! Você veio decorar o

lugar onde eu estava, ficou mais bonito!" A beleza ainda continua sendo o fator preponderante, que de imediato se impõe quando se se depara com o arquétipo da feminilidade (seja o próprio Diógenes, ou o elefante, a figura que para ele representa o Ser masculino). O fato dela vir 'decorar' o ambiente, ao mesmo tempo que sugere uma função utilitária, evidencia a sensibilidade do sujeito.

Nesta situação, a orquídea voltou agora para sua antiga morada; ela está bem no alto da árvore, aquela mesma onde estava antes de ter sido levada para o vaso por Diógenes. Ela parece satisfeita por ter retornado ao seu lugar de origem, e afirma que ali está bem melhor. A orquídea, na verdade, não se adaptou ao vaso (apesar disto não haver sido explicitado na ocasião supostamente para não se desconcertar, tão embevecido estava Diógenes), e continuou preferindo a árvore onde nasceu. Este fato evidencia que para o sujeito, o alcance da perfeita *coniunctio* não pode ocorrer com o sacrifício de uma das partes, em prol do deleite e do prazer do outro, que de forma egoísta se arvora direitos de posse e exclusividade sobre o ser aparentemente mais frágil. É preciso respeitar a singularidade e as condições peculiares que compõem a existência individual e garantem a autonomia e a própria sobrevivência do outro-diferente. É preciso respeitar as leis da natureza.

Ali com o elefante, a orquídea sente-se importante e valorizada. Supostamente a relação com o masculino que para ela é mais confortável e conveniente é aquela personificada pelo macho-animal-elefante, que viabiliza por outra via, a realização da perfeita *coniunctio*. A saída encontrada para a trama proposta parece, de fato, ter tido um desfecho resolutivo.

Por sua vez, o elogio que o elefante fez a ela retorna a ele, porque a orquídea complementa, isto é, "faz a mesma coisa," criando-se um clima de harmonia entre os dois, diz o sujeito. Cada um a seu modo, respeitando-se as devidas diferenças, e de lugares distintos, consegue estabelecer um relacionamento não só harmonioso, como também íntimo com o outro. Assim, do ponto em que se encontra, o elefante toca a orquídea com a tromba, chegando inclusive a molhá-la. Ela parece beneficiar-se disso.

Lembrando que do ponto de vista da anatomia das plantas, as flores representam seus órgãos genitais, além do fato de que a tromba do elefante contém um

simbolismo fálico evidente, o ato acima sugere uma simulação perfeita do ato sexual, sendo que, quando o elefante molha a flor com sua tromba, isto simboliza a ejaculação (a consumação da *coniunctio*).

Por tudo isso, a orquídea obtém a satisfação plena e completa, pois além de ter conseguido estabelecer a relação com o masculino que para ela é mais propícia e natural, isto favoreceu inclusive sua condição original, pois na antiga árvore estava muito só. Agora já não está mais sozinha, e o elefante está sempre por perto cuidando, molhando-a, tocando-a com sua tromba.

Ela parece que encontrou de fato o seu parceiro, apesar de que aparentemente ambos pareçam tão incompatíveis. Partindo do fato de que na escala dos reinos da natureza pertençam a distintas classificações, o elefante com toda a solidez de sua estrutura corpórea, a sua volumosa massa muscular e suas proporções gigantescas é o extremo oposto de quaisquer plantas (arbustos), que, em geral frágeis e indefesas, correm o risco não só de serem pisoteadas e esmagadas, como de lhe servirem como alimento. As espécies raras como é o caso da orquídea, costumam ser ainda mais frágeis, delicadas e sensíveis. Apesar, ou talvez devido a essas mesmas diferenças, ambos se relacionam harmoniosa e perfeitamente bem. Interessante observar que talvez para protegê-los de eventuais perigos provenientes dessa condição ímpar de sua natureza, um está na terra, e o outro bem no topo de uma árvore, próximo ao céu. Assim, poderia-se conjecturar que sua estrutura essencial mais profunda é o que de fato os aproxima e os une.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 8: Adriano

1) Figura masculina

Após ter sido proferida a consigna, seguido de uma pausa, o sujeito assim se expressa:

Adriano: Parece uma... planta!

Lucélia: Parece uma planta. Continue...

Adriano: Parece uma planta!

Lucélia: Que planta é essa?

Adriano: Não está dando para distinguir a planta.

Lucélia: Não está dando para distinguir? Sim! Ela é grande? Alta? Baixa?

Adriano: Pequena!

Lucélia: É pequena! É um arbusto, então?

Adriano: É!

Lucélia: Hum... Ela tem flores? Ou não tem?

Adriano: Não!

Lucélia: Não tem? Hum... E onde ela está? Ela está num jardim, num campo, numa mata?

Adriano: Num campo!

Lucélia: Num campo? Ah! Há outras plantas em volta?

Adriano: Tem!

Lucélia: Parecidas com ela ou diferentes?

Adriano: Parecidas!

Lucélia: Parecidas! Da mesma espécie?

Adriano: É!

Lucélia: Hum... São outras plantas também. Hum hum... E acontece alguma coisa ali com ela?

Adriano: Não!

Lucélia: Não acontece nada? Ela apenas fica ali no campo?

Adriano: É!

Lucélia: Hum hum... Existem pássaros que vêm pousar nela?

Adriano: Existem!

Lucélia: Hum... E pequenos animais que vêm se refugiar em sua sombra? Ou só passarinhos?

Adriano: Só pássaros!

Lucélia: Só pássaros! E você? De onde você vê esta planta? Você está lá no campo também ou está mais afastado, à distância? Ou você está 'do lado de cá' observando?

Adriano: Não sei! Acho que eu só estou 'do lado de cá!'

Lucélia: Ah! Você está 'do lado de cá!' Você não está lá na cena com ela?

Adriano: Não!

Lucélia: Sim! Então, no caso, não daria para você conversar com ela de onde você está. E aí? Essa planta conversa com as outras plantas ao redor dela? (Pausa) Elas podem conversar! Na imaginação, você sabe que tudo pode acontecer! Elas conversam entre si?

Adriano: Não! Não estão conversando não!

Lucélia: Não? Está tudo quieto?

Adriano: Está tudo quieto!

Lucélia: Hum hum... E como está o dia? É um dia de sol? É um dia nublado? É um dia de chuva?

Adriano: Está nublado!

Lucélia: Nublado? Ah! Está nublado! (Pausa). Essa planta é jovem ou é velha?

Adriano: É jovem!

Lucélia: Jovem? Você sabe me dizer como ela está se sentindo ali, naquele campo, nesse dia nublado, ao lado de outras plantas?

Adriano: Não estou sabendo não!

Lucélia: Ah! Você não sabe dizer! O que você sabe me dizer então é isto: que ela está neste campo, com outras plantas da mesma espécie ao seu redor, que é um dia nublado, que tem passarinhos nos seus galhos, que ela é pequena (um arbusto), e que você não está ali presente na imagem com ela, não é?

Adriano: Não!

Lucélia: Não está presente! Está bem! Você me disse naquele momento que não acontecia nada. Acontece mais alguma coisa, algo que você queira acrescentar, ou a gente pode fechar esta janela da sua imaginação?

Adriano: No momento não!

Lucélia: Não tem mais nada? Está bem! Então nós vamos fechar esta janela da sua imaginação. Visualize esta planta à distância como se você estivesse se despedindo dela....

1.1) Amplificação e interpretação

Adriano afirma que parece ser uma planta, a imagem referente à figura masculina. Todavia, acrescenta que não lhe está sendo possível distinguí-la bem. Ele consegue vê-la apenas vagamente, e de forma muito imprecisa. Tudo o que pode e sabe dizer a seu respeito é que se trata de uma planta jovem, pequena (portanto, um arbusto), e que não porta flores. Ela está num campo, com outras plantas semelhantes ao seu redor

(supostamente da mesma espécie). Ou seja, parece ser uma planta qualquer, genérica e indiferenciada, que em nenhum aspecto se destaca do ambiente à sua volta.

Estes dados adicionais foram extraídos à custa de um constante questionamento por parte da pesquisadora, pois o sujeito se limitou simplesmente a dizer do que se tratava, referindo-se ao caráter pouco definido da imagem, e não apresentou qualquer prosseguimento. Apesar da imagem parecer ser uma expressão simbólica arquetípica em função de seu caráter aparentemente grotesco e primitivo, e da vaguidade de suas percepções, que, sugerem muito mais impressões nebulosas vistas à distância (o que indica um contato direto com conteúdos do inconsciente), traduzidas por um "parece que..." ou "não vou saber dizer," o sujeito todavia, pareceu não saber o que fazer com elas. Não se fez notar a ação de imaginação criadora, pois Adriano não conseguiu atribuir movimento à imagem, ou elaborar uma seqüência de fatos na imaginação que denotassem o uso da criatividade. Assim, não houve a construção de uma cena a partir da imagem inicial da planta, visto que durante todo o trabalho a imagem permanece destituída de movimento, tal como uma gravura de um quadro na parede: parada, fixa e sem vida.

Desta forma, o sujeito afirma que nada acontece com esta planta; ela permanece no campo, como se sempre houvesse estado ali, e não houvesse qualquer perspectiva de mudança deste panorama. Pássaros vêm pousar em seus galhos, mas não há outros pequenos animais. Somente pássaros. Adriano não está presente na imagem; ele apenas observa a planta à distância. Portanto, o sujeito não 'conversa' com a planta, e nem tão pouco esta 'conversa' com as demais plantas ao seu redor (ele parece inclusive, estranhar a possibilidade de plantas conversarem entre si, o que corrobora a hipótese de falta de capacidade de abstração). Está tudo quieto e o dia está nublado, diz ele. Tudo isto demonstra pobreza de conteúdos e recursos imaginativos.

Adriano afirma que não sabe dizer como a planta está se sentindo ali naquele campo, ao lado de outras plantas, nesse dia nublado, o que indica uma dificuldade de expressar sentimentos, ou de atribuí-los a um sujeito não-humano. Tudo o que ele sabe (ou pode) dizer é o que já foi dito até então (na verdade, um material

extraído palavra por palavra). Ele assegura que nada mais acontece, e não há nada que queira acrescentar.

A postura lacônica e cortante do sujeito resultou em sucessivos questionamentos, o que talvez se dado de forma excessiva, todavia, Adriano não acrescentou nada mais do que caberia aos contornos de sua lógica concreta e racional. Inclusive, em alguns trechos parecia-se estar questionando aspectos acima do nível de compreensão do sujeito, ou do que ele supostamente estaria acostumado a funcionar: este último um nível de raciocínio concreto, e não tão abstrato e sutilizado, necessário para se abstrair os 'sentimentos' de uma planta, por exemplo.

Adriano permanece seguramente à distância, sem que possa estabelecer com a planta qualquer tipo de comunicação. Supostamanente, não se trata de um objeto em cuja presença se sinta à vontade, mas que ao contrário, lhe desperta estranheza. Da mesma forma não há diálogos entre as plantas. Tudo isto demonstra a impossibilidade de comunicação e acesso entre os níveis consciente e inconsciente.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que em relação com o princípio vital masculino, as plantas significam o crescimento, no sentido do Salmo 144, 12: "Nossos filhos serão como plantas que crescem em sua juventude." As plantas trazem as suas sementes. Algumas delas, tais como o hissopo, exercem um papel purificador.

Segundo CIRLOT (1984) as plantas, como imagem da vida, expressam a manifestação do cosmo e o aparecimento primeiro das formas. O homem, que se sabia biologicamente próximo dos animais, em compensação, por sua posição ereta mantém mais semelhança com a árvore, o arbusto e as próprias ervas, e não com a posição ao rés do chão do animal. Assim, enquanto o totemismo estabeleceu relações entre os homens e um determinado animal, a época astrobiológica apresenta numerosas assimilações ou conexões de seres míticos e plantas. Particularmente as vidas que haviam tido um fim violento, supuseram-se continuadas sob a forma de vegetação, em metamorfose. Osíris, Atis, Adônis, entre tantas outras divindades, relacionam-se intimamente com as plantas.

O sujeito parece estar muito distante dos conteúdos acima, em se tratando de nível de consciência. Todavia, apesar de sua natureza aparentemente grotesca e primitiva, Adriano intui a presença do etéreo e transcendente, através da presença dos

pássaros. De modo geral, os pássaros simbolizam os estados espirituais. Os documentos mais antigos entre os textos védicos mostram que o pássaro ou ave era tido como um símbolo da amizade dos deuses para com os homens. Na medida em que os deuses são tidos por seres voadores, os pássaros são, de algum modo, símbolos vivos da liberdade divina, eximida das contingências terrestres. O pássaro é tomado também como símbolo da imortalidade da alma no Corão e na poesia (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Em suma, o masculino para Adriano se manifesta de forma primitiva e indiferenciada, onde parecem estar fechadas, toda e qualquer possibilidade de movimento, qualquer tipo de comunicação, encontrando-se ainda o sujeito num nível muito incipiente de seu crescimento e desenvolvimento (a planta é jovem, pequena, e não tem flores, ou seja, ainda está muito distante de atingir a sua maturidade).

2)Figura feminina

Após ter sido proferida a consigna, e seguido de uma pausa, o sujeito assim se exprime:

Adriano: Um animal...

Lucélia: É a imagem de um animal? E que animal é este?

Adriano: Está parecendo um cão...

Lucélia: Um cão?

Adriano: Parece!

Lucélia: Hum... Você diz, um cão. É um cão macho ou fêmea?

Adriano: Fêmea!

Lucélia: Fêmea? Sim! Então, podemos dizer que é uma cachorra?

Adriano: Pode ser!

Lucélia: Ela é de alguma raça específica? É grande? É pequena?

Adriano: Pequena!

Lucélia: Ela é pequena?

Adriano: Sim!

Lucélia: E onde está esta cachorra? O que ela está fazendo?

Adriano: Está numa casa! Parece uma casa.

Lucélia: Ah! Numa casa! É onde ela mora, onde ela vive?

Adriano: Parece que sim!

Lucélia: Parece que sim? E o que esta cachorra está fazendo?

Adriano: Está brincando!

Lucélia: Hum... E com quem?

Adriano: Com uma criança! Parece!

Lucélia: Com uma criança? Ah! Ela está brincando com uma criança! Hum hum... E como ela lhe parece estar ali brincando? Como ela está se sentindo?

Adriano: Feliz!

Lucélia: Ela está feliz ali! Hum hum... Ela gosta de brincar? Ela gosta daquela criança?

Adriano: Gosta!

Lucélia: Hum hum... Há outros animais na casa, ou só ela?

Adriano: Só ela!

Lucélia: Sim! E elas continuam brincando?

Adriano: Continuam!

Lucélia: Hum hum... Você está presente na cena? Ou não?

Adriano: Também não!

Lucélia: Também não! Então ali, só existem a cachorra e a criança?

Adriano: Isso!

Lucélia: É uma criança ainda pequena?

Adriano: Pequena!

Lucélia: Quantos anos, mais ou menos?

Adriano: Uns oito anos!

Lucélia: Uns oito anos. Sim! E a cachorra, ela é novinha ou já é adulta?

Adriano: Nova!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa?

Adriano: Não!

Lucélia: Está bem! Então é uma cena onde elas brincam muito. E brincam e brincam?

Adriano: Certo!

Lucélia: Não param de brincar?

Adriano: Não param!

Lucélia: A criança e a cachorra, elas conversam entre si?

Adriano: Não! Só brincam!

Lucélia: Só brincam? Ah, sim! A linguagem, o meio de comunicação delas é a...

Adriano: Brincadeira!

Lucélia: Brincadeira! Está certo! Elas só brincam. Você disse então, que é isto? Que não acontece mais nada?

Adriano: Não!

Lucélia: Está certo! Podemos fechar esta janela da sua imaginação?

Adriano: Pode!

Lucélia: Então vamos lá! Da mesma forma que da outra vez, imagine que você está se despedindo desta cachorra. Visualize-a se tornado cada vez menor, até que você não possa mais vê-la...

2.1) Amplificação e interpretação

Adriano afirma que a imagem do Ser feminino para ele se trata de um animal, mais especificamente "um cão." Inquirido sobre o sexo do animal, observa ser uma fêmea. A cachorra, que assim passou a ser chamada, está numa casa onde supostamente ela mora ou vive. Adriano não sabe ao certo. Não há outros animais no recinto. "Ela está brincando com uma criança, parece!" arrisca-se o sujeito com alguma hesitação. A criança possui aproximadamente oito anos de idade. A cachorra, que é de porte pequeno, tão pouco atingiu a sua maturidade. E ela está se sentindo "feliz" brincando ali com a criança, de quem parece gostar, afirma o sujeito. E elas brincam continuamente. Adriano afirma que também neste quadro, ele não está presente na cena, onde só há mesmo a cachorra e a criança.

Ambos os personagens não interrompem a brincadeira, todavia não há diálogos; somente a brincadeira, que é o seu meio de comunicação. Não acontece mais nada seqüencialmente a isso.

Continua predominando a vaguidade do sujeito em suas percepções. Como no quadro anterior, a figura do cão também não é nítida e bem definida: "Está parecendo um cão," diz ele. Neste quadro parece ser ainda mais difícil ter certeza sobre o sexo do animal, que parece ter sido supostamente intuído pelo sujeito. Mais uma vez isto corrobora a idéia de um contato direto com conteúdos do inconsciente, prevalecendo na experiência imaginativa do sujeito, conteúdos com o caráter de impressões nebulosas percebidas à distância.

Da mesma forma que no quadro referente à figura masculina, Adriano também não está presente na cena, e mantém seu posto de observação à distância, aspecto este já discutido anteriormente.

Segundo CIRLOT (1984) os animais desempenham um papel de suma importância no simbolismo, tanto por seus atributos particulares, como por sua relação com o homem. Enquanto a identificação com animais significa uma "integração do inconsciente," a primitividade do animal indica a profundidade do estrato. O animal domado é muito característico e seu significado pode corresponder à inversão do que teria aparecendo em estado selvagem. O autor afirma ser opinião corrente o fato de que enquanto o homem é um ser "equívoco" (mascarado), o animal é unívoco, e possui qualidades positivas ou negativas constantes, que permitem relacioná-lo a um modo essencial de manifestação cósmica. Os animais, em seu grau de complexidade e evolução biológica, expressam a hierarquia dos instintos. O aparecimento de animais em sonhos ou visões expressa "uma energia indiferenciada, ainda não racionalizada nem submetida ao império da vontade, entendendo-se esta como dirigida contra os instintos" (CIRLOT, 1984, p. 83). Isto parece ser exatamente o caso de Adriano, que desde a primeira situação trouxe conteúdos indiferenciados. O fato dele ter se referido a um cão e não a um cachorro, quando este último vocábulo é provavelmente muito mais próximo do seu linguajar cotidiano, indica tratar-se de um animal primitivo não domesticado (os instintos do sujeito ainda não 'domados'), muito embora ele supostamente estivesse brincando

com uma criança e parecesse ser um cão doméstico. Lembre-se que a palavra cachorra não partiu do sujeito inicialmente, e este parecia não muito convicto ao confirmar o seu uso.

JUNG (1989) afirma:

> "O símbolo do animal aponta para o extra-humano, para o supra-pessoal, pois os conteúdos do inconsciente coletivo são, não só os resíduos de modos arcaicos de funções especificamente humanas, como também os resíduos das funções da sucessão de antepassados animais do homem, cuja duração foi infinitamente maior do que a época relativamente curta do existir expecificamente humano" (p. 89).

Especificamente sobre o cão, CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que não há, sem dúvida, mitologia alguma que não tenha associado o cão - Anúbis, T'ian-k'uan, Cérbero, Xolotl, Garm - à morte, aos infernos, ao mundo subterrâneo, aos impérios invisíveis regidos pelas divindades ctonianas ou selênicas. À primeira vista, portanto, o símbolo bastante complexo do cão está ligado à trilogia dos elementos terra, água, lua, dos quais se conhece a significação oculta femeal, (o que explicaria o fato do cão para Adriano tratar-se de uma fêmea, e atestaria sua adequação como figura feminina) ao mesmo tempo em que é vegetativa, sexual, divinatória e fundamental, tanto no que concerne ao conceito de inconsciente, quanto ao de subconsciente. A primeira função mítica do cão, universalmente atestada, é a de psicopompo, isto é, guia do homem na noite da morte, após ter sido seu companheiro no dia da vida. De Anúbis a Cérbero, passando por Thot, Hécate e Hermes, ele emprestou seu rosto a todos os grandes guias de almas, em todos os escalões de nossa história cultural ocidental.

São aspectos gerais da simbólica do cão apontados pelos autores: herói civilizador, ancestral mítico, símbolo de potência sexual, e portanto, de perenidade, sedutor, incontinente - transbordante de vitalidade como a natureza, na época de sua renovação, ou fruto de uma ligação proibida - fazem aparecer o cão como a face diurna de um símbolo. Mas convém que sua face noturna seja igualmente observada.

No Extremo Oriente, o simbolismo do cão é essencialmente ambivalente: benéfico, porque o cão é um achegado companheiro do homem e o guardião vigilante de sua casa; e maléfico porque, aparentando-se ao lobo e ao chacal, ele aparece como animal impuro e desprezível. Esses aspectos não correspondem a nenhuma limitação geográfica, sendo ampla e igualmente difundidos.

FRANZ (1990) corrobora o acima exposto ao afirmar que não se pode negligenciar o fato de que o cachorro é uma parte desconhecida da psique humana, uma parte que se expressa melhor através da imagem de um cachorro (como todos os símbolos ele é a sua melhor expressão). Se se quiser circunscrever seu significado, deve-se lembrar que na antiguidade o cachorro era visto como o guardião da vida eterna. Na mitologia egípcia, o deus Anubis com sua cabeça de chacal é um guia para o mundo inferior. Os sacerdotes que faziam os rituais de mumificação se vestiam à semelhança de Anubis. Na Grécia, o cachorro pertencia ao deus da cura, Esculápio, porque ele sabe se curar sozinho comendo grama. O cachorro, via de regra, tem uma relação muito positiva com o homem: ele é um amigo, um guardião e um guia. Mas ele era também muito temido nos tempos antigos, pois, sendo portador da raiva e da loucura (hidrofobia), viam-no como aquele que traz doenças e pestes. De todos os animais o cachorro é o que melhor se adapta ao homem, que mais corresponde aos seus sentimentos, imita-o e compreende o que é esperado dele. É a essência do relacionamento.

Referindo-se à criança, CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que infância é símbolo de inocência: é o estado anterior ao pecado e, portanto, o estado edênico, simbolizado em diversas tradições pelo retorno ao estado embrionário, em cuja proximidade está a infância. Esta é símbolo de simplicidade natural, de espontaneidade, e este é o sentido que lhe é dado pelo taoísmo. A criança é espontânea, tranqüila, concentrada, sem intenção ou pensamentos dissimulados. A imagem da criança pode indicar uma vitória sobre a complexidade e a ansiedade, e a conquista da paz interior e da auto-confiança. Segundo JUNG (1991) a criança é dotada de uma "totalidade inconsciente" da qual os primitivos gozam em medida cada vez maior, e o animal selvagem possui em grau eminente.

Na imagem de Adriano, vale salientar que enquanto a criança brinca com o cão uma brincadeira interminável, atividade esta aparentemente muito prazerosa, isto parece ser na verdade um procedimento ritualístico, onde o cão muito embora seja ele mesmo um animal jovem, paradoxalmente desempenha em relação à criança o papel de psicopompo (seu guia de alma), iniciando desta forma aquela no sentido de transpor a barreira do mundo dos instintos, da indiferenciação e do primitivismo animal em direção à consciência e à diferenciação. O papel do cão, portanto, se evidencia em sua face diurna, pois ele encaminha a criança das trevas da inconsciência para a luz da consciência, e da indiferenciação para a definição clara de uma identidade (lembre-se que a palavra criança é neutra, e vale para ambos os sexos). O fato da criança e o cão ainda estarem ambos na 'primavera da vida' pode funcionar como um agente facilitador da comunicação, pelo fato de em algum nível possuírem uma linguagem em comum.

Sobre o despertar da consciência JUNG (1991) se questiona:

> "Como surgiu a consciência no homem? Não o sabemos, porque não estávamos presentes quando os primeiros homens se tornaram conscientes. Mas podemos observar o despertar da consciência nas crianças pequenas. E o que podemos ver é o seguinte: quando a criança reconhece alguém ou alguma coisa, sentimos que a criança tem consciência. Indubitavelmente, foi este também o motivo pelo qual a árvore do conhecimento, no paraíso, produziu frutos tão fatais" (p. 339).

HILLMAN (1995) reitera que o ego e todas as suas fantasias de desenvolvimento nunca foram, nem no começo, o fundamento da consciência, porque consciência refere-se a um processo que está mais relacionado com imagens do que com vontade, com reflexão do que com controle, com um "insight" reflexivo da realidade objetiva do que com a manipulação dessa realidade.

Considerando que para Adriano o cão/cadela corresponde à imagem da *anima,* que, como psicopompo o auxilia a galgar os degraus de sua consciência, HILLMAN (1995) assevera que a *anima* é tanto o arquétipo da vida quanto o da alma, assim diferenciados das funções biológicas, de forma que ela seria o arquétipo que tanto representa a abstração (que para Adriano ainda é muito incipiente) através da reflexão,

quanto personifica a vida e a alma numa forma refletida. A *anima* é "a natureza agora consciente de si mesma através da reflexão" (para o sujeito, o trabalho de elaboração resultante das brincadeiras entre a cadela e a criança). Se tornar-se consciente tem suas raízes na reflexão e se este instinto[48] refere-se ao arquétipo da *anima,* então a própria consciência poderia ser mais apropriadamente concebida como tendo sua base na *anima* e não no ego.

O autor acrescenta que é uma verdade histórica que nossa tradição ocidental tem identificado ego com consciência. Todavia, o sentido do 'Eu' - a consciência do ego - surge da vida inconsciente. Para Jung o que traz a cura é uma consciência arquetípica mediada pela *anima,* e essa noção de consciência definitivamente não está baseada no ego.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Logo após ter sido proposta ao sujeito a situação de encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino (a planta e a cadela), ele assim se manifesta:

Adriano: Agora, a planta está no jardim da casa, parece.

Lucélia: Ah! A planta agora veio para o jardim da casa!

Adriano: Isso!

Lucélia: Hum...

Adriano: E a cadela ainda brinca com a criança!

Lucélia: Ah! E a cadela ainda brinca com a criança. Ela continua brincando?

Adriano: Isso! Perto da planta, parece!

Lucélia: Perto da planta?

Adriano: Isso!

Lucélia: Ah! Mas ela mantém a atenção dela voltada para a criança?

Adriano: Isso!

---

[48] HILLMAN (1995) considera cinco impulsos instintivos: fome, sexualidade, atividade, reflexão, criatividade.

Lucélia: Hum... Ela nota esta planta, assim, diferente, que antes não havia ali? Ou não? Como ela reage em relação à planta?

Adriano: Não! Ainda não está notando nada!

Lucélia: Ainda não? Não está notando nada?

Adriano: Não!

Lucélia: Ela continua a brincar e não nota a presença desta planta.

Adriano: Isso!

Lucélia: Ela, em algum momento chega a perceber a planta? Chega a se dar conta de que agora existe aí uma planta que antes não havia? Ou ela só brinca, brinca, brinca...

Adriano: Só brinca!

Lucélia: Só brinca?

Adriano: É!

Lucélia: Então, ela de fato não percebe a existência da planta?

Adriano: Não!

Lucélia: Hum hum... Tudo o que ela quer saber...

Adriano: É brincar!

Lucélia: É brincar! Ela quer brincar. Ela gosta de brincar. E brincar com a criança!

Adriano: Isso!

Lucélia: Com a planta não! Hum hum... Você interfere nesta cena, neste encontro? Você faz alguma coisa?

Adriano: Não!

Lucélia: Não? Você está presente na cena?

Adriano: Não!

Lucélia: Está bem! Então, esta cena continua assim, indefinidamente.

Adriano: Isto!

Lucélia: A cadela brincando com a criança, e a planta ali no jardim da casa.

Adriano: Isso!

Lucélia: Hum hum... A cadela não percebe a planta.

Adriano: Não!

Lucélia: E a planta? Percebe? Como é para a planta estar ali próximo da cadela, nesse novo mundo? Ela percebe alguma coisa? Ela se manifesta de alguma forma?

Adriano: Não! Também não!

Lucélia: Também não? Hum hum... Então ela não diz nada e não se manifesta de forma alguma?

Adriano: Não!

Lucélia: Hum... Ela continua tão viva quanto antes? Assim...

Adriano: Continua!

Lucélia: Continua? Não murchou, nada?

Adriano: Não!

Lucélia: Está certo! Acontece mais alguma coisa, Adriano?

Adriano: Não!

Lucélia: Está bem! E o tempo passa e continua tudo daquele jeito?

Adriano: Daquele jeito!

Lucélia: A cachorra brincando com a criança...

Adriano: Isso!

Lucélia: E a planta no jardim. Está bom! Podemos fechar esta janela da sua imaginação?

Adriano: Pode!

Lucélia: Está bem! Então, vamos lá! Da mesma forma, vá se despedindo da planta, da cadela e da criança. Visualize esta imagem se afastando, tornando-se cada vez menor....

3.1) Amplificação e interpretação

Ao ter sido proposta a situação de encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino, o sujeito sem qualquer hesitação, afirma que agora a planta está no jardim da casa, como se fosse muito natural e adequado que ela ali estivesse. E a "cadela" ainda brinca com a criança, "e perto da planta, parece," acrescenta o sujeito. Todavia, ela mantém toda a sua atenção voltada para a criança, e de imediato, não nota algo diferente no ambiente, isto é, que agora há no jardim da casa uma planta que antes não havia. Assim, a cadela continua a brincar.

O sujeito assegura que em nenhum momento ela chega a perceber a planta, isto é, a tomar consciência de que ali agora há um ser estranho e diferente que até

então não existia. Absorvida e completamente voltada para sua brincadeira, atividade soberana para ela, a cadela de fato não percebe a existência da planta. Tudo o que lhe interessa é brincar, e especialmente brincar com a criança, não com a planta. Esta atividade para ela é tão prazerosa e importante, que nada pode interrompê-la (lembre-se que isto já havia sido iniciado no quadro anterior).

Refletindo sobre a imperiosidade da cadela em brincar, FRANZ (1992) observa que muitos dos padrões de comportamento dos animais não servem a nenhum objetivo utilitário imediato, tal como o da propagação da espécie, o da alimentação, o da sobrevivência. PORTMANN* explica que trata-se de rituais que expressam "o significado da existência do animal." Executando-os, o animal manifesta o seu próprio ser, ou, poder-se-ia dizer, "expressa o significado de sua existência sobre a terra." Se ele é impedido de executar esses rituais, acaba adoecendo e sua vitalidade diminui, de modo que a autora presume que até mesmo nesse nível existe tal necessidade, e é mais do que provável que os rituais mais arcaicos e mais originais do homem fossem de natureza semelhante. Assim, quando o homem não está ocupado em copular, caçar, comer ou dormir, e se ainda lhe restou alguma energia, então se dispõe a fazer coisas que para ele "expressam o significado de sua existência" - a expressão zoológica - e tais coisas são, em geral, jogos rituais ou rituais lúdicos, os quais agrupam-se em sua grande maioria em torno do simbolismo do "self."

Isto parece muito próximo do que ocorre com a cadela e a criança, ambas muito ocupadas em executar ininterruptamente seu ritual lúdico.

O sujeito, por sua vez, não interfere na cena, nem tão pouco está presente nela. Seu posto de observação continua sendo aquele à distância. Adriano conclui que a cena continua assim, indefinidamente, isto é, a cadela brincando com a criança, e a planta ali no jardim da casa, sem que seja percebida pela cadela.

Inquirido sobre como é para a planta estar ali neste novo mundo, no jardim de uma casa, visto que anteriormente o campo era seu *habitat*, o sujeito afirma que ela tão pouco se manifesta, parecendo este não saber acrescentar maiores

---

* PORTMANN *apud* FRANZ, M.L. von - **A alquimia e a imaginação ativa.** São Paulo, Editora Cultrix, 1992. 154 p.

informações sobre a planta. Adriano observa, todavia, que ela continua tão viva quanto antes: não murchou, nem há qualquer sinal de desfalecimento.

O tempo passa e tudo continua da mesma forma: a cachorra brincando com a criança interminavelmente, próximo à planta, que está no jardim.

O sujeito reitera ao longo de todo o quadro até o seu fechamento o que já se fazia notar no quadro anterior: a premência da cadela em brincar com a criança. Por nenhum motivo ela interrompe sua brincadeira, atividade em que parece estar completamente envolvida e concentrada, visto que a presença da planta - o Ser masculino, seu contra-papel em potencial, aquele com quem ela supostamente teceria algum tipo de relação e/ou complementaridade - passa totalmente desapercebida. Para ela a única relação que parece interessar, e que importa, parece ser aquela com a criança.

Observa-se que diante da proposta de encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino, o sujeito apresenta um tipo de relação em que os dois personagens são estranhos e indiferentes à presença um do outro. Na verdade, ambos se ignoram complementamente. Enquanto a cadela parece mais viva e presente, tendo marcado sua presença de diversas formas, inclusive seus afetos e estados de humor, com toda a sua exuberante energia, a planta permanece muito distante e apagada, e quase não se nota sua presença, constituindo-se apenas em mais um elemento que compõe o pano de fundo de um jardim, onde a figura em relevo é a cadela (juntamente com a criança). Considerando a cadeia da evolução, ambas pertencem ao reino animal e vegetal, respectivamente, sendo que a planta está numa posição da escala de desenvolvimento biológico mais primitiva que o animal. Talvez por isso, ela pouco se manifeste ou quase não se note sua presença (ela esteja aparentemente mimetizada com o ambiente). Portanto, a única relação plausível que pode-se estabelecer entre as figuras masculina e feminina para Adriano parece ser a de proximidade física.

Neste caso, houve um terceiro personagem que se interpôs entre os dois e 'roubou a cena,' apesar de não ser do gênero masculino ou feminino: a criança (uma figura neutra). Sua presença, contudo, é fundamental, pois ela é a via através da qual o sujeito terá acesso à consciência, questão esta que é anterior à de gênero. É ela o instrumento e/ou o agente que despertará o sujeito de sua condição de planta - um nível

de consciência vegetativo - para a condição e um nível de consciência humano. Todavia, Adriano não conseguirá fazer isto sozinho e precisará de um guia que lhe abra os caminhos (estamos pressupondo que a criança é um representante do próprio sujeito, seu ego ainda imaturo). A cadela o está iniciando e preparando-o para a jornada, através de suas brincadeiras. Por isso se faz tão importante e premente o brincar, visto que desta forma ele estaria sutilizando (refinando) seu 'faro' (o animal que nele existe, que continuaria presente em sua natureza humana), e sua intuição para fazer a passagem para o outro mundo.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 9: Átila

1) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando uma imagem que para o sujeito representasse o Ser masculino, ele assim se expressa:

Átila: Ah! Seria eu... me sentindo forte!

Lucélia: É você mesmo?

Átila: Hum hum...

Lucélia: Se sentindo forte! Continue...

Átila: Hum... Parece que eu estou assim... em paz!

Lucélia: Em paz!

Átila: Assim... Eu não devo nada prá ninguém!

Lucélia: "Eu não devo nada a ninguém!" (Pausa) E onde você está?

Átila: É... Não consigo ver onde que eu estou...

Lucélia: Não consegue ver?

Átila: Não!

Lucélia: E o que você está fazendo?

Átila: Eu estou me vendo no espelho!

Lucélia: Está se vendo no espelho... E o que você vê nessa imagem do espelho?

Átila: Que eu estou forte!

Lucélia: Você vê a sua força. E o quê mais você vê?

Átila: Uma tranqüilidade!

Lucélia: Uma tranqüilidade! (Pausa) O Átila que está do lado de cá do espelho tem alguma coisa a dizer para o Átila do espelho?

Átila: Não!

Lucélia: Não? Você não conversa com a sua imagem?

Átila: Não! Só com o olhar!

Lucélia: Só com o olhar? Hum... Se comunica através do olhar!

Átila: É!

Lucélia: Sim! E quais são as palavras do olhar?

Átila: Confiança! Tranqüilidade! Maturidade!

Lucélia: Hum hum... Confiança! Tranqüilidade! Maturidade! É isso o que dá prá ver no olhar do Átila que está lá do outro lado do espelho.

Átila: Hum hum...

Lucélia: Você tem a idade atual ou tem uma outra idade?

Átila: Idade atual!

Lucélia: Atual? Vinte e três anos?

Átila: Hum hum...

Lucélia: Acontece mais alguma coisa? Você faz algum movimento? Interfere de alguma forma?

Átila: Não!

Lucélia: É só você se olhando no espelho?

Átila: Hum hum...

Lucélia: E o espelho? Ele diz alguma coisa?

Átila: Não!

Lucélia: Podemos então fechar esta janela da sua imaginação? Ou você quer acrescentar mais alguma coisa?

Átila: Não!

Lucélia: Está bem! Então, observe o Átila do espelho ficando menor... enquanto isso você vai se distanciando, se despedindo mesmo desta imagem, e ele vai se tornando cada vez menor até que você não mais o visualiza.

1.1) Amplificação e interpretação

A imagem que para o sujeito representa o Ser masculino é a dele próprio, com a mesma idade que possui no momento (vinte e três anos), "se sentindo forte." Átila acrescenta que ele parece "estar em paz," e com a sensação de que não deve nada a ninguém. E esclarece que não consegue ver onde está, apenas que está se mirando num espelho. Na imagem do espelho ele se vê forte e tranqüilo.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o espelho reflete a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência. Por outro lado, a inteligência celeste refletida pelo espelho se identifica simbolicamente com o sol: é por isso que o espelho é freqüentemente um símbolo solar. Mas ele é ao mesmo tempo um símbolo lunar, no sentido em que a lua, como um espelho, reflete a luz do sol. Na tradição do Veda, o espelho é a miragem solar das manifestações; ele simboliza a sucessão das formas, a duração limitada e sempre mutável dos seres. O reflexo da luz ou da realidade certamente não transforma a natureza, mas comporta um certo aspecto de ilusão, de mentira em relação ao Princípio. Existe identidade dentro da diferença, dizem os textos hindus: a luz se reflete na água, mas na realidade não a penetra; assim faz Xiva. Desta forma, a especulação (originalmente 'especular' era observar o céu e o movimento das estrelas com o auxílio de um espelho) não é senão um conhecimento indireto, lunar. Além disso, o espelho proporciona uma imagem invertida da realidade: aquilo que está no alto é como aquilo que está embaixo, diz a Tábua de Esmeralda hermética, mas em sentido inverso. Símbolo lunar e feminino, o espelho é ainda na China o emblema da rainha. O espelho toma o fogo do sol.

Continuando, o sujeito afirma que ele não conversa com sua imagem, sendo que há apenas uma comunicação do tipo não-verbal, que se processa basicamente pelo olhar. No olhar de sua imagem refletida através do espelho, ele vê atributos como confiança, tranqüilidade e maturidade.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o olhar é carregado de todas as paixões da alma e dotado de um poder mágico, que lhe confere uma terrível eficácia. O olhar é o instrumento das ordens interiores: ele mata, fascina, fulmina, seduz, assim como exprime (o que parece ser o caso de Átila). As metamorfoses do olhar não revelam somente quem olha; revelam também quem é olhado, tanto a si mesmo como ao observador. O olhar aparece como o símbolo e instrumento de uma revelação. Mais ainda, é um reator e um revelador recíproco de quem olha e de quem é olhado. O olhar de outrem é um espelho que reflete duas almas.

O sujeito assegura que não acontece mais nada, a não ser ele se olhando no espelho (nem o espelho tão pouco 'diz' alguma coisa).

Todo este quadro referente à figura masculina parece relacionar-se a uma única imagem 'congelada,' visto que o sujeito não atribui movimento a ela, isto é, não se observa uma seqüência de imagens que venham a compor uma cena. Átila parece se deter numa atividade puramente contemplativa, onde tudo o que precisa fazer é estar diante do espelho contemplando sua imagem, supostamente a fim de obter dele algumas respostas (lembre-se que no conto "Branca de Neve e os Sete Anões," a rainha costumava consultar periodicamente seu espelho para se certificar de que em todo o reino, era ela de fato a mais bela).

Segundo CIRLOT (1984) relacionou-se o espelho com o pensamento, enquanto este é o órgão de auto-contemplação e reflexo do universo. Este sentido liga o simbolismo do espelho ao da água que reflete e o mito de Narciso, aparecendo o cosmo como um imenso Narciso que vê a si próprio refletido na consciência humana.

Transpondo do nível do macrocosmo para o microcosmo de Átila, seu suposto narcisismo manifesto na atividade contemplativa de sua imagem parece ser mais no sentido de certificar-se, e corroborar aspectos importantes de sua masculinidade: sua força e sua presumida maturidade. Em outras palavras, o que o sujeito parece querer saber do espelho é se ele 'de fato é homem.' O que ele consegue vislumbrar como resposta na imagem refletida parece reverter positivamente no sentido de fortalecer sua auto-estima, sua auto-confiança, e aquietá-lo, aplacando sua ansiedade sobre sua virilidade. Assim, Átila sente-se tranqüilo e em paz, e com a sensação "de não estar

devendo nada a ninguém" (isto é, ele está quite com o juízo social). Portanto, o espelho parece dar ao sujeito uma resposta satisfatória às suas angústias e ansiedades, revelando aquilo que ele esperava saber.

Jung afirma que nos sonhos um espelho pode simbolizar o poder do inconsciente para "espelhar" objetivamente o indivíduo, dando-lhe uma imagem de si mesmo que, talvez, nunca conheceu antes. Só por meio do inconsciente pode obter-se uma imagem tal (que, com freqüência choca e altera a mente consciente). Isto não parece ser o que se deu com Átila, pois ele se ateve somente à 'face luminosa' do espelho, provavelmente os aspectos de domínio consciente e que atendem ao juízo social. A face oculta e sombria, que representam suas dúvidas e ansiedades sobre sua identidade sexual só irão aparecer mais claramente no item relacionado à figura feminina.

2) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna referente à figura feminina, o sujeito assim se manifesta:

Átila: Eu me vejo agora com uma cara sarcástica... assim!

Lucélia: É você também?

Átila: Hum hum...

Lucélia: É o mesmo Átila?

Átila: Sou eu!

Lucélia: Só que com uma cara sarcástica (ênfase)?

Átila: É! Eu estou com maquiagem (riso desconcertado)...

Lucélia: Com maquiagem! Hum hum... Continue Átila!

Átila: É... e... ao mesmo tempo que é uma coisa que é sem restrições assim... é uma coisa que não... que não é legal, sabe?

Lucélia: Sim! Ao mesmo tempo que é sem restrições, é uma coisa que não é legal? É isso?

Átila: Hum hum...

Lucélia: Sim!

Átila: Hum... É uma coisa... que... esse meu lado feminino é uma coisa que... pode ser bom até um certo ponto! Mas que se... parece que tem um limite, assim. Pode ser muito perigoso se... se for além...

Lucélia: Sim! E o que está fazendo este Átila com maquiagem? Ele está nesse além do limite? Em que limite ele está? Onde ele está?

Átila: Ele está com uma cara de deboche!

Lucélia: De deboche?

Átila: Hum hum...

Lucélia: De quem ele está debochando? Do quê ele está debochando?

Átila: Não! Ele mostra que o mundo é cheio de possibilidades!

Lucélia: Ah! Ele está dizendo que tem outras possibilidades...

Átila: Hum hum...

Lucélia: Sim! É isso que ele quer dizer com essa cara de deboche?

Átila: É!

Lucélia: Hum... E você? O que diz a ele?

Átila: Eu digo que... é... apesar de ter um monte de possibilidades eu não vou... eu não vou aceitar todas elas! Porque me parece uma coisa meio... como eu vou dizer? Assim, existe alguns valores, sabe? Tipo... Apesar de não ter mais... (inaudível) Me vem à cabeça, por exemplo... uma falta de moral completa! Assim... uma falta de... Como eu vou dizer? O que vem na cabeça assim... Por exemplo, são cientistas clonando tudo o que eles imaginam, sabe? Uma falta de ética, de limite!

Lucélia: Hum... Falta de ética, de limite...

Átila: É!

Lucélia: É isso o que você diz lá para o Átila...

Átila: Debochado!

Lucélia: ...debochado. É isso o que você diz prá ele: " - Olha! Está havendo muita falta de limite no mundo! Muita falta de ética! E apesar de haver muitas possibilidades, você não vai aceitar todas elas!"

Átila: Não! É! Essas possibilidades... Eu sei que existem várias, mas, não... assim, tem uma ética que limita tudo isso, uma... Não sei o que limita, mas tem uma coisa que é muito forte, que não... não sei, não é bom, sabe!

Lucélia: Hum hum... Essas possibilidades de que fala o Átila debochado, ele está se referindo à feminilidade? Não é isso?

Átila: É! Exatamente!

Lucélia: À homossexualidade? É a isso que ele está se referindo? Não é?

Átila: Hum hum...

Lucélia: Sim! E você está dizendo prá ele que isso não é bom? É por aí?

Átila: Hum hum... É tipo uma coisa... Ele fica me testando... assim... sabe?

Lucélia: Ele está te testando?

Átila: Sabe? É assim... Eu tenho uma necessidade de falar que... de saber que eu não sou, que eu não gosto disso! Então ele fica: " - Mas você gosta!" " - Não! Eu não gosto!"

Lucélia: Você tem que provar prá ele o tempo todo que você não gosta?

Átila: É! Exatamente!

Lucélia: Tem que provar?

Átila: É uma chatice!

Lucélia: E ele fica te testando, te testando...

Átila: Fica!

Lucélia: Sim! (Pausa) É desgastante isso? Esse embate entre os dois Átilas?

Átila: É!

Lucélia: Hum hum... Você dialoga com ele, quer dizer, argumenta, se eu estou entendendo. Mas, você faz alguma coisa?

Átila: Não! Porque é uma coisa que... é meio nova prá mim, esse lado feminino!

Lucélia: É uma coisa nova prá você, esse lado feminino?

Átila: É! Então, como é uma coisa nova, eu não sei lidar direito!

Lucélia: Hum hum...

Átila: E como é novo, eu não sei até onde isso vai e onde não vai! Então, ele fica me provocando... esse Átila fica falando!

Lucélia: Esse outro Átila?

Átila: É!

Lucélia: Hum hum... Acontece mais alguma coisa entre os dois Átilas?

Átila: Não! Mais uma vez, é só no olhar!

Lucélia: Ah! É pelo olhar? Sim! O que diz o olhar de cada um?

Átila: O olhar do Átila debochado... é que... ele sabe que... ele está falando assim... como se fosse uma pergunta: "Você sabe que existe um monte de possibilidades?"

Lucélia: Hum hum...

Átila: E eu... Eu sei que... na verdade, quem eu sou, o que que eu gosto. Então ele fica me testando! Eu tenho que toda hora provar prá ele aquilo que eu gosto.

Lucélia: Sim! Então, no seu olhar tem uma necessidade de provar prá ele aquilo que você gosta?

Átila: É! Ele toda hora fica me questionando!

Lucélia: Hum... Te questionando! Te questionando!?

Átila: É!

Lucélia: E você ali, provando, provando? Ele questionando, e você ali do outro lado, demonstrando?

Átila: Hum hum... Mas esse Átila, não... eu mesmo, o que não é debochado...

Lucélia: Sim!

Átila: Na verdade, eu sei que... aquilo que eu sou, aquilo que eu gosto. Só que ele tem uma necessidade de provar que... Ele não se permite sentir certas ações! Então, por isso, ele já acha que...

Lucélia: Ele não se permite sentir certas...?

Átila: É... Certos... sentimentos! Assim!

Lucélia: Hum...

Átila: São menores do que aquilo que o debochado está achando que ele é!

Lucélia: Certo!

Átila: Então, a partir do momento que... daí ele ganha força! O debochado começa já... a trabalhar em cima das inseguranças!

Lucélia: Hum hum... Sei!

Átila: Ele já começa a supor um monte de coisas que... na verdade, eu sempre que... eu sempre soube que não é! Mas... mas como eu me cobro muito... eu não admito nada assim no meu pensamento, então eu... ele acaba ganhando espaço!

Lucélia: Ele ganha espaço! (Pausa). Para concluir, você gostaria de deixar alguma mensagem registrada para o Átila debochado?

Átila: Não! É que... Hum... (pausa) Uma coisa que eu sempre me prometi muito, é que eu sempre vou ser sincero comigo!

Lucélia: Hum hum... "Eu sempre serei sincero comigo!"

Átila: É!

Lucélia: Sim! Continue!

Átila: Hum... E que... Eu tenho aprendido muito que... que a vida não é assim. Nada é cem por cento! Por exemplo, sempre eu vou sentir um pouco de medo! Sempre eu vou... Tem homem que eu acho bonito! Tem...

Lucélia: "Tem homens que eu acho bonitos!" Assim: "Eu me permito isso!"

Átila: É! Mas não é por causa disso que...

Lucélia: "...Eu serei menos homem?"

Átila: É! Eu achava que... a vida era assim... Sempre muito... Tudo o que acontecia, era sempre com muita convicção, sabe?

Lucélia: Hum hum...

Átila: Agora, eu percebo que não é assim!

Lucélia: Que homem também pode sentir medo?

Átila: Sentir medo! Sabe, sentindo... que tem homem bonito!

Lucélia: Hum hum...

Átila: Pode... ficar inseguro!

Lucélia: Também pode sentir insegurança...

Átila: É!

Lucélia: "Eu tenho aprendido estas coisas!"

Átila: Hum hum...

Lucélia: "E eu quero deixar isso registrado para o Átila debochado!"?

Átila: É! Eu achava que as coisas eram mais simples! Mas não são!

Lucélia: Hum hum... Nem tudo é preto, nem tudo é branco! Tem uma mistura?

Átila: É! Exatamente!

Lucélia: Sim! É isso? Ou teria mais alguma coisa?

Átila: Acho que só isso!

Lucélia: Está bem!

Átila: E que... Ah! Que esse Átila debochado... ele cobra que eu só veja preto com o branco!

Lucélia: Ah! Ele cobra isso, é?

Átila: É! Por isso que ele fica... todo dia... me enchendo!

Lucélia: Ele cobra que você... como é que é? Ou só veja preto ou só branco? É isso?

Átila: É! Exatamente!

Lucélia: Ah!

Átila: Com a convicção cem por cento!

Lucélia: Convicção cem por cento! Hum hum... Está bom! Então, vá lentamente se despedindo do Átila debochado, aquele que representa o seu Ser feminino...

2.1) Amplificação e interpretação

O Ser feminino para o sujeito, assim como em seu Ser masculino, é também ele mesmo, só que agora com uma fisionomia "sarcástica." Átila acrescenta em seu discurso entrecortado de reticências que ele está usando maquiagem, e que "ao mesmo tempo que é uma coisa que é sem restrições... é uma coisa que não é legal," diz ele. Ou seja, a permissividade absoluta já traz em si a censura e a negação de seu conteúdo, observando-se logo de início uma contradição inerente à situação.

Átila afirma que o seu lado feminino pode ser "bom até um certo ponto," mas existe um limite, isto é, pode se tornar perigoso se se for além do limite. Ele está demonstrando com isso que existe uma ambigüidade e um conflito intrínsecos à questão do gênero, pois aquilo que é bom pode deixar de sê-lo se se ultrapassar a tênue linha divisória que estabelece as fronteiras entre o masculino e o feminino. Inquirido sobre onde está este Átila com maquiagem e o que ele está fazendo, o sujeito acrescenta que ele está "com cara de deboche," e lhe mostra que "o mundo é cheio de possibilidades!", referindo-se com isso a diferentes formas de exercer e vivenciar o seu lado feminino, incluindo-se inclusive o extremo da homossexualidade manifesta. O sujeito responde ao seu outro lado que apesar de haver muitas possibilidades no mundo, ele não vai, todavia, aceitá-las todas. E justifica sua resposta com base nos valores existentes na sociedade em que vive, considerando a sugestão como "uma falta de moral completa," tal como se cientistas começassem a clonar quaisquer seres que se lhes ocorresse à mente, indiscriminadamente. Átila acrescenta que vê nisto uma falta de ética, de limite (aqui, quem emite tais juízos parece ser o superego do sujeito, uma instância psíquica que, segundo os conceitos da teoria psicanalítica, é responsável pela introjeção dos códigos e valores morais da sociedade, cujos agentes de transmissão são os pais).

Átila afirma saber que, de fato, existem várias possibilidades, no entanto, há uma ética que limita e regula esta prática. Ele diz não conhecer exatamente o que limita, isto é, quais seriam esses códigos reguladores, mas "tem uma coisa que é muito forte, que não é bom," afirma, numa clara referência à censura. Assim, parece ter sido introjetado pelo sujeito via superego, e ficado fortemente estabelecido, uma conotação negativa de valor referente às "possibilidades" aventadas pelo outro Átila, trazendo implícito nas entrelinhas uma sensação de perigo iminente de que alguma coisa estaria irremediavelmente perdida se fosse ultrapassada a linha divisória.

Todavia, tais respostas parecem não satisfazer o "Átila debochado" - a figura de cara sarcástica e maquiada, em quem ele projeta suas tendências homossexuais - que fica continuamente testando o sujeito (na verdade, o seu lado masculino com o qual se identifica), o qual, por sua vez admite que tem uma necessidade de falar e de saber "que não é..." (supostamente homossexual), que "ele não gosta disso." Contudo, o outro Átila parece estar sempre a desafiá-lo dizendo: "- Mas você gosta!" "- Não! Eu não gosto!" Responde o sujeito. Este embate entre os dois Átilas é constante e ininterrupto dentro do sujeito, chegando até a ser desgastante, visto que ele precisa provar o tempo todo para si mesmo que não gosta da idéia de ser homossexual. Isto "é uma chatice," diz ele, pois o 'Átila debochado' está sempre lhe colocando em xeque.

Essa constante oposição e luta interna travada entre o apelo à homossexualidade por um lado, e por outro, o desejo pela auto-afirmação enquanto heterossexual, sugere a tenacidade e a força dos conflitos provenientes de idéias obsessivas. Assim, talvez por ter sido muito negada, a possibilidade de exercer a homossexualidade é um motivo dominante, que se lhe impõe ostensivamente na psique. A necessidade imperiosa do sujeito de provar sua masculinidade parece ser devido ao fato de que ele se encontra muito inseguro desta, e confuso em relação a padrões de masculinidade e feminilidade, visto que tomou como base conceitos puros e absolutos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher.

Átila se ocupa em argumentar e dialogar com o seu Ser feminino, todavia não há movimento em seu processo imaginativo, isto é, ele não atua a nível de ação. O sujeito justifica dizendo que esse seu lado feminino ainda é algo novo para si, por isso

não sabe exatamente como lidar como ele: "E como é novo, eu não sei até onde isso vai e onde não vai," acrescenta. Ou seja, como ele não tem domínio sobre a situação e não conhece bem a fronteira entre um e outro lado, e em que medida ele pode transitar entre os dois mundos sem perder a sua identidade, paira uma ameaça em potencial dele se ver de repente, involuntária e irremediavelmente no outro lado, sem poder voltar. Tudo isso fortalece o 'Átila debochado,' que fica a provocá-lo.

Como no quadro anterior, toda a comunicação se processa através do olhar. No olhar do 'Átila debochado' há uma pergunta: "Você sabe que existe um monte de possibilidades?" No olhar do sujeito há uma necessidade de provar para o seu outro lado aquilo que de fato ele gosta (qual é seu objeto amoroso), apesar dele afirmar saber-se homem e ter claro para si suas preferências sexuais. Enquanto isso, o 'Átila debochado' fica a testá-lo e a questioná-lo, "porque toda hora ele provoca," diz ele. Desta forma, o sujeito revela um movimento constante e ininterrupto dentro de si: enquanto o seu lado masculino reafirma e prova a sua identidade e a sua escolha heterossexual, seu lado feminino, negado, relegado à sombra e à clandestinidade porque sentido como escuso, fica a questioná-lo e a testá-lo. Um testa e o outro prova, um testa e o outro prova: seqüência que se repete indefinidamente. Parece que quanto mais um se esforça em provar sua virilidade, mas o outro se delicia em apontar-lhe sua feminilidade, evidenciando-se até um certo sadismo nesta conduta.

O sujeito reitera e explica que o Átila que não é debochado, apesar de estar cônscio de sua identidade e suas preferências sexuais, se vê com uma necessidade de provar isto porque não se permite ter certos sentimentos e/ou ações - não aceita sentir certas coisas - que "são menores do que aquilo que o debochado está achando que ele é," coisas que aparentemente sem muita importância, são sentidas como ilícitas e não aprovadas socialmente (por isso, indefinidas, e não explicitadas). Então, como Átila é muito rígido e severo consigo mesmo, visto que "não admite nada assim no seu pensamento," isto se configura numa fraqueza sua, o que faz com que "o debochado" ganhe força e espaço, e comece a atuar sobre suas inseguranças, pressupondo muitas coisas que na verdade o sujeito "sempre soube que não são."

Tentando deixar uma mensagem final para o seu Ser feminino, o sujeito afirma que algo que sempre prometeu para si mesmo foi que "sempre seria sincero consigo mesmo" (ele parece estar falando de uma intenção e de uma exigência de ser honesto e coerente consigo mesmo, todavia, isto é colocado de uma forma um tanto radical e idealizada). O sujeito afirma ter aprendido que a vida não é assim, pois "nada é cem por cento," isto é, não é possível se exigir perfeição e pureza absoluta dos elementos quaisquer que sejam eles. Neste caso, nunca se é totalmente masculino ou totalmente feminino. Exercer a masculinidade inclui também experimentar o medo, a insegurança ou se sentir à vontade para admirar a beleza de outro homem sem culpas ou constrangimentos. Isto não o diminui e o desqualifica enquanto homem, releva o sujeito, muito embora acreditasse que na vida "tudo o que acontecia era sempre com muita convicção!" (ele parece estar se referindo aqui ao radicalismo e à irracionalidade das verdades absolutas). Átila, que acreditava na simplicidade e transparência dos fatos da vida, acabou percebendo ao longo de sua experiência que, na realidade, as coisas são bem mais complexas do que imaginava. Nem tudo é preto, nem tudo é branco, mas os vários matizes dessas duas cores parecem confundí-lo sobre a veracidade e a autenticidade do preto e do branco. O sujeito afirma que o 'Átila debochado' cobra que ele "só veja preto com o branco... por isso que ele fica todo dia me enchendo," explica. Isto é, preto e branco são opostos complementares e deveriam se agrupar ou estar lado a lado, "com a convicção cem por cento," ressalta. Assim, na dinâmica psíquica do sujeito não há espaço para dúvidas, incertezas ou meias-verdades, a relação entre as polaridades devendo ocorrer conforme o dito popular: "É preto no branco." As combinações dos iguais - o preto com o preto ou o branco com o branco - trariam confusão mental e supostos sentimentos de culpa a Átila; são "possibilidades" portanto, censuradas, que devem ser banidas da consciência.

Olhando de outra perspectiva parece estar havendo uma dissociação - ou se é só preto ou só branco, ou se é só masculino ou só feminino - em função de uma negação e uma repressão de aspectos da feminilidade ocorridos anteriormente, posto que sentidos como estranhos e ilícitos. Assim, existem claramente dois Átilas: "o debochado," que o sujeito não reconhece como fazendo parte de si próprio (sendo

portanto, ego-distônico), e aquele de orientação sexual masculina, com o qual se identifica a nível consciente, e que parece ser ego-sintônico.

Inversamente ao que ocorreu no primeiro quadro, quando o sujeito apenas e tão somente insinuou uma situação de maneira muito breve e superficial, aqui ele expõe corajosa e abertamente toda a sua problemática, onde fica explícito o intenso conflito que o domina, que é relativo à sua identidade sexual. Apesar de saber-se como homem e ter nas mulheres sua escolha como objeto sexual consciente, todavia seu lado feminino - o 'Átila debochado,' uma ameaça sempre presente - o alerta para recônditos e escusos desejos homossexuais, uma possibilidade para ele inadmissível. Por isso, a dissociação revelou-se a forma mais segura e eficaz de alijar o indesejável (o 'Átila debochado') da consciência, e de prevenir-se de eventuais riscos dele entrar em sintonia com o ego, preservando assim sua identidade masculina.

Átila reconhece que a sua necessidade de provar quem é e aquilo que gosta, vem do fato de ter certos sentimentos e pensamentos em relação ao sexo masculino, os quais não aprova, não aceita e não vê com naturalidade. Ele acaba exigindo de si mesmo uma postura de "convicção cem por cento," e dada a impossibilidade de corresponder a isso pelas próprias contradições e a falibilidade de sua condição humana, ele se fragiliza, demonstrando insegurança diante do 'Átila debochado.' Quando conseguiu aprender que as situações na vida não são tão simples quanto imaginava que fossem, Átila, pelo menos racionalmente, pôde relativizar os conceitos de masculinidade e feminilidade. Dentro do masculino passa a existir lugar para certas manifestações tidas como femininas e vice-versa. Na verdade, a rigidez parece vir do 'Átila debochado' (foi projetada nele), que cobra do sujeito o branco ou o preto puros. Seus infindáveis e intermináveis testes a fim de comprovar sua masculinidade, decorrem da impossibilidade de Átila de corresponder a um mandato desarrazoado e sobre-humano, que nasceu da divisão interna do sujeito por não aceitar seu lado feminino.

Todo esse rigor para consigo mesmo revela um superego muito rígido - talvez a razão e a fonte de todos os seus conflitos - que se evidencia na ação da censura

presente nas inúmeras reticências que entrecortam a fala do sujeito do início ao fim, nas cobranças internas e na exigência de "convicção cem por cento" a que se refere.

Parece inadequado considerar-se o 'Átila debochado' como uma imagem autêntica da *anima* do sujeito, pois esta sugere mais o aspecto caricaturesco daquela. A verdadeira *anima* parece que se encontra oculta por esta projeção deformada e contorcida de si próprio realizada pelo sujeito.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Logo após ter sido proposta a situação de encontro entre o Ser masculino (o próprio Átila se sentindo forte) e o Ser feminino (o 'Átila debochado'), o sujeito assim se exprime:

Átila: Ah! Se misturar, aí já é um Ser muito mais sensível...

Lucélia: Hum...

Átila: Mais maduro!

Lucélia: E como é esse Ser sensível que você está dizendo? É um ser humano?

Átila: É um ser humano!

Lucélia: E ele é homem ou mulher?

Átila: Ele é um homem! Só que é um homem muito mais aberto a sentir as coisas, sabe? Tudo aquilo que a vida proporciona...

Lucélia: É um homem... Ele é mais sensível... Ele é mais aberto... Continue...

Átila: É... Vivendo uma vida sem mitos...

Lucélia: Sem mitos? Hum hum...

Átila: Tentando fazer com que tudo seja... assim... como eu vou dizer? Uma pessoa muito mais... ele entende muito mais as coisas! Ele...

Lucélia: Entende as coisas?

Átila: É! Uma intuição muito mais forte...

Lucélia: Ele é mais intuitivo... (a intuição dele é mais aguçada). É um Ser completo?

Átila: Hum hum... É! Mas essa... essa... parecendo completo dá um... Eu não sei como falar de completude, eu não sei!

Lucélia: Completude?

Átila: É! Nada mais é do que saber que a gente é muito pouco! Assim, então a gente tem que... A gente sempre vai sentir medo! A gente sempre vai...

Lucélia: Ele também sente medo, não é? Esse homem também sente medo?

Átila: É! Exatamente!

Lucélia: Esse homem que tem dentro de si a parte masculina e a parte feminina aflorada, ele também sente medo?

Átila: É! Em vez de tentar eliminar isso, ele vai entender e tentar...

Lucélia: Ah, sim! Então, não é prá eliminar?

Átila: Não!

Lucélia: É prá entender?

Átila: É!

Lucélia: Hum... Certo! Onde está este Ser, este homem, esta pessoa? Em que lugar ele está?

Átila: Está no cinema!

Lucélia: Está no cinema?

Átila: É!

Lucélia: E ele está sozinho ou está com alguém?

Átila: Está sozinho!

Lucélia: Hum... O que acontece ali com ele no cinema?

Átila: Ele assiste ao filme relaxado... Assim, ele próprio está relaxado assistindo o filme!

Lucélia: Ele está relaxado assistindo um filme... Hum hum...

Átila: Ele ri e chora... sem peso na consciência!

Lucélia: Sem peso na consciência... Ele pode rir e chorar...

Átila: É!

Lucélia: Hum hum... Que filme é esse que ele está assistindo?

Átila: Chama... "Melhor impossível!"

Lucélia: "Melhor impossível!?" Hum hum... E ele está tranqüilo ali?

Átila: Hum hum...

Lucélia: E depois? Como termina esta cena?

Átila: Ele sai leve do cinema!

Lucélia: Leve? Ele sai leve! Sim! (Pausa) Qual é a mensagem que ele leva do filme que assistiu?

Átila: Hum... Todo mundo sente as mesmas coisas!

Lucélia: "Que todo mundo sente as mesmas coisas!"

Átila: Todas as pessoas são iguais!

Lucélia: "Todas as pessoas são iguais!" (Pausa) Acontece mais alguma coisa? Senão, nós vamos fechar esta janela!

Átila: Não!

Lucélia: Hum... não?

Átila: Não!

Lucélia: Então, nós vamos fechando esta janela...

3.1) Amplificação e interpretação

A proposta de encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino curiosamente despertou no sujeito a idéia de "misturar" um e outro. Segundo ele, hipoteticamente, o "Ser" produto desta mistura já seria alguém mais sensível e mais maduro. Átila esclarece que se trata de um ser humano, especificamente um homem "muito mais aberto a sentir as coisas... tudo aquilo que a vida proporciona," acrescenta ele. Isto é, alguém que não estaria sujeito aos ditames de censuras e/ou limitações de qualquer ordem, e que estaria "vivendo uma vida sem mitos." Os "mitos" a que Átila se refere parecem tratar-se da idealização de posturas, atitudes e padrões de comportamentos relativos à masculinidade e à feminilidade, e que quando não acabam se revelando como utopias e metas fantásticas, traduzem expectativas falsas sem correspondente na realidade. "Viver uma vida sem mitos" significa viver ao nível humano, com todas as limitações, possibilidades, ambigüidades e contradições inerentes a esta condição.

Continuando a descrever este Ser-síntese, o sujeito acrescenta tratar-se de uma pessoa que "entende muito mais as coisas," e possui uma intuição muito mais aguçada. Um Ser aparentemente mais completo em si mesmo que, em sua sabedoria,

sensibilidade e intuição parece estar mais sintonizado e em harmonia com as leis cósmicas, e que supostamente teria em si funcionando em perfeito equilíbrio as quatro funções de Jung (pensamento, sentimento, sensação e intuição). Átila tenta explicar esta "completude," mas sente alguma dificuldade. Em seguida apresenta a sua definição: "Nada mais é do que saber que a gente é muito pouco... a gente sempre vai sentir medo!" Fica claro nestas palavras que o sujeito está se referindo à condição de fragilidade e falibilidade humanas, que, integradas ao todo da pessoa tornam-na um Ser mais inteiro e autêntico. Átila explicita que este Ser sensível a que se refere, e que possui dentro de si a parte masculina e a parte feminina aflorada também sente medo. O sujeito ressalta que ao invés de tentar eliminar tais manifestações tidas como femininas (e portanto, sentidas como ego-distônicas para um homem que tenta se firmar dentro de uma orientação sexual masculina), ele deve tentar entendê-las. Quando Átila decide por não eliminar o indesejável, mas, ao invés disso, tentar entendê-lo, ele deixa de proceder a uma cisão de uma parte sua sentida como alheia ao ego, e promove a elaboração e assimilação de conteúdos da sombra. Agindo assim, atua terapeuticamente em favor da integração da personalidade e de sua saúde mental.

Vale salientar que o sujeito apresentou neste quadro uma resolução para o drama vivido no item referente ao Ser feminino. Os elementos femininos que antes estavam dissociados, agora foram integrados à personalidade, em conseqüência da "mistura," ou seja, os opostos masculino e feminino antes cindidos e inconciliáveis uniram-se em uma só pessoa, e deram origem a um novo Ser, cuja nova personalidade resultou em uma estrutura psíquica mais coerente e flexível, tendo aflorado sentimentos e potencialidades - a sensibilidade e a intuição, por exemplo - antes tidos como ilegítimos e indesejáveis. Esta pessoa, todavia, é fictícia; ele fala o tempo todo na terceira pessoa sendo que em nenhum momento Átila assume o papel deste Ser superior (supostamente por emocionalmente ele se encontrar ainda preso a seus conflitos, a solução parecendo ter vindo de um nível mais intelectual), apesar de saber-se estar falando de si, nos termos de uma projeção do seu ideal do ego. Cumpre observar que a despeito da inquietante e ameaçadora inquisição do 'Átila debochado' a respeito da presumida homossexualidade do sujeito, neste item prevaleceu a androginia psíquica, com caracteres sexuais

manifestos masculinos. Desta forma o conflito expresso através da angustiante questão subliminar: "Serei homem ou mulher?" deu origem a um ser que integrou em si estas duas polaridades no seu corpo de homem, corroborando uma identidade masculina que o sujeito insistia por reassegurar-se dela, muito embora suas incertezas, agora mais sólida e flexível.

Continuando, o sujeito relata que seu personagem fictício no momento está no cinema, e, relaxado, assiste ao filme "Melhor Impossível!" Ali ele ri e chora "sem peso na consciência," afirma. Isto é, ele pode agir com espontaneidade e externar seu estado anímico e seus sentimentos sem culpas, pois os mandatos e as dúvidas que anteriormente cerceavam e regulavam o exercício de sua masculinidade agora já não mais existem. Átila afirma que seu personagem sai "leve" do cinema (ele parece estar bem consigo mesmo, tendo serenado e apaziguado suas angústias e ansiedades). A mensagem que leva consigo relativa ao filme que assistiu é que "todo mundo sente as mesmas coisas!" "Todas as pessoas são iguais!" já não se observando uma distinção em termos de gênero, mas um produto final resultante da alquimia processada pela mescla de elementos masculinos e femininos, observando-se em ambos os sexos as mesmas dúvidas, ansiedades, incertezas, desejos e esperanças. Neste caso as fronteiras entre os sexos tornam-se muito tênues e facilmente intercambiáveis, sem prejuízo para a identidade de cada um, constituindo-se tais peculiaridades em uma essência básica universal (supostamente arquetípica) que transcende a questão do gênero e os reporta à sua condição humana, qualificando-os como iguais. Quando o 'personagem' assiste ao filme "Melhor Impossível," na verdade, este parece ter sido o meio encontrado pelo sujeito a fim de que pudesse elaborar seus conflitos. Estando ali sentado na posição de observador, ele toma distância da tela onde está projetada a trama que ele próprio está vivendo, e passa a ver a situação com maior clareza e menos envolvimento. Além disso, o nome do filme indica que a resolução que foi dada ao conflito foi satisfatória.

Conforme já salientado, o "Ser" a que Átila se refere evoca o arquétipo do andrógino. Segundo CIRLOT (1984) psicologicamente não se deve esquecer que a idéia de androginia representa uma fórmula da "totalidade," da "integração" dos contrários, ou seja, traduz em termos sexuais, e portanto muito evidentes, a idéia essencial de

integração de todos os pares de opostos na unidade. CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) acrescentam que o andrógino aparece no final e no começo dos tempos, sendo que na visão escatológica da salvação, o ser reintegra-se a uma plenitude na qual a separação dos sexos se anula. Isso é o que evoca o mistério do casamento em inúmeros textos tradicionais, aproximando-se assim à imagem de Xiva e de sua Xácti. Todavia, essa crença tão universalmente afirmada na unidade original a que o homem deve reintegrar-se após a morte está acompanhada também, na maioria dos sistemas cosmogônicos, de uma necessidade imperiosa de diferenciar totalmente os sexos neste mundo. Porque - e neste caso as crenças mais antigas unem-se às lições mais modernas da biologia - o ser humano não nasce jamais totalmente polarizado em seu sexo. É uma lei fundamental da criação que cada ser humano seja a um só tempo macho e fêmea em seu corpo e em seus princípios espirituais, afirmam os bambaras. Daí a explicação mais corrente dos ritos de circuncisão e de excisão, que seriam destinados a fazer passar a criança de maneira definitiva para seu sexo aparente, estando o clitóris na mulher como sobrevivência do órgão viril, e o prepúcio no homem como sobrevivência feminina. Também os símbolos hindus referem-se não somente ao andrógino primordial, mas também ao retorno final a esta indistinção, a esta unidade. Uma reintegração semelhante é a finalidade do Ioga. O retorno ao estado primordial, a liberação das contingências cósmicas fazem-se pela *coincidentia oppositorum* e a realização da Unidade primeira: fundir "ming" e "sing," dizem os alquimistas chineses, as duas polaridades do ser.

Sempre que se evoca o mito do andrógino, em certos relatos concernentes ao estado andrógino de Adão ou ainda nas doutrinas de gnoses cristãs, a androginia é apresentada como o estado inicial que deve ser reconquistado. Também em sua forma primitiva, segundo certa tradição, o homem e a mulher possuíam um só corpo provido de dois rostos; Deus separou-os, dando a cada um deles um dorso. É a partir desse momento que eles começam a ter uma existência diferenciada. Dizer - conforme o mito do Gênesis - que Eva foi tirada de uma costela de Adão significa que o todo humano era indiferenciado em sua origem. Tornar-se uno é a finalidade da vida humana. A deificação à qual o homem é convidado faz com que ele reencontre essa androginia, perdida pelo

Adão diferenciado e restabelecida graças ao novo Adão glorificado (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Observe-se que o sujeito pode perfazer a trajetória acima citada ao longo dos itens propostos (da figura masculina à feminina e desta ao encontro entre as polaridades): do reconhecimento de Si como homem à vivência de intensos conflitos provenientes das dúvidas de sua suposta homossexualidade (na verdade, acenos de uma bissexualidade mais arcaica) e sua ânsia por se diferenciar e auto-afirmar enquanto homem, até a fusão final que o levou à solução da androginia psíquica.

HOPCKE (1994) afirma que "a orientação sexual de um indivíduo ou de qualquer grupo de indivíduos é determinada por meio de uma interação complexa entre o arquétipo do masculino, o arquétipo do feminino e o arquétipo do Andrógino" (p. 143-4). Para o autor pressupor que toda orientação sexual contém estes três dominantes arquetípicos é ir mais longe e mais fundo em direção à plenitude, que é o impulso teleológico da sexualidade em seu nível mais básico. Os homens heterossexuais não são atraídos pelas mulheres simplesmente devido à projeção da *anima*, pela necessidade de recapturar uma feminilidade perdida ou inconsciente. A teoria acima proposta implica em reconhecer que um elemento fundamental da heterossexualidade pode ser a necessidade de realização das exigências do Andrógino, a plenitude inerente em ser tanto masculino como feminino no ato da união sexual. O autor acrescenta que os homens nem sempre são apenas homens, conforme a definição da cultura ocidental, mas podem às vezes ser no plano arquetípico e emocional, mulheres e andróginos.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 10: Pedro

1) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna referente à figura masculina, o sujeito assim se expressa:

Pedro: A primeira coisa que vem... foi a mim mesmo...

Lucélia: Você mesmo... hum...

Pedro: Assim, com uns dez anos, acho.

Lucélia: Hum hum... com dez anos. Então, o Pedro menino!

Pedro: Isto!

Lucélia: Hum hum... continue! E onde você está? O que você está fazendo?

Pedro: Estou em casa...

Lucélia: Hum...

Pedro: Num dia... eu me lembro, minha avó, minha mãe, minha tia, eu acho. Elas fizeram uma brincadeira, falando de namorada!

Lucélia: Ah!

Pedro: Eu devo ter uns dez anos!

Lucélia: Então, você está ali entre seus familiares... sua mãe, sua avó e sua tia.

Pedro: Isto!

Lucélia: E elas estão ali, fazendo uma brincadeira com você sobre namorada. Estão falando sobre namorada.

Pedro: É! Insinuando que eu pudesse ter uma. Alguma coisa assim!

Lucélia: Sim!

Pedro: O que me vem, é que eu não gostei da brincadeira!

Lucélia: Hum hum...

Pedro: Eu fiquei com muita vergonha! Algo assim!

Lucélia: Sim! "Eu não gosto dessa brincadeira! Isso me deixa envergonhado!"?

Pedro: Hum hum...

Lucélia: Sim! Desse tipo de... "Eu não gosto desse tipo de insinuação!" Não é? "Que eu posso ter uma namorada!"

Pedro: Isto!

Lucélia: E você verbaliza isso ou você fica quietinho, na sua? Como você demonstra que você não gosta?

Pedro: Acho que eu demonstro... não sei se eu fiquei bravo e saí, eu acho. Acho que foi isto.

Lucélia: Ah! "Fico bravo e saio!" Hum hum... E qual é o seu sentimento?

Pedro: É misturado! É raiva e vergonha!

Lucélia: Raiva e vergonha. Hum hum... você sai e vai prá onde?

Pedro: Acho que eu devo ter ido... para a rua, eu acho. Ou para o quarto, eu não me lembro.

Lucélia: Você não precisa se ater necessariamente aos fatos, está bem? Ao que aconteceu exatamente. Você foi ficar sozinho, é isto?

Pedro: É! Acho que sim!

Lucélia: O Pedro adulto interfere nesta cena? (Já lhe foi dito que você pode conversar com a imagem) Você conversa com a criança?

Pedro: Por enquanto eu só observo a cena de um canto. De um lugar!

Lucélia:O menino te vê? Ou não?

Pedro: Não! Não vê!

Lucélia: Não vê? Você ali, não é visto pelas pessoas?

Pedro: Não!

Lucélia: E você tenta se aproximar do menino? Ou não?

Pedro: Acho que o que dá... eu quero fazer... é ficar próximo a ele. Hum... dizer-lhe algumas coisas que ele possa ter como resposta!

Lucélia: Sim! E você faz isso?

Pedro: Faço!

Lucélia: Então o que é que você diz para o menino?

Pedro: Eu digo prá ele brincar com a situação!

Lucélia: Hum...

Pedro: Prá ele responder que é verdade, e que ele gosta disso!

Lucélia: Ah, sim! Aprender a brincar com a situação?! Hum hum... e o que o menino lhe responde a partir desse seu argumento?

Pedro: Ele responde que gostou da idéia! Que ele vai fazer isso!

Lucélia: Hum hum... ele gostou da idéia. E ele continua se sentindo com vergonha, com raiva? Ou já não se sente mais assim?

Pedro: Ao experimentar isso, não!

Lucélia: Não? Está certo! E o que acontece depois? Essa cena termina assim ou tem um prosseguimento?

Pedro: Ela termina aí!

Lucélia: Ah! Ela termina aí. Hum... está bem! Então, eu vou pedir para você ir se despedindo mentalmente desse menino, que representa o seu ser masculino...

1.1) Amplificação e interpretação

A imagem que para o sujeito personifica o Ser masculino é a dele próprio quando criança, aos dez anos de idade. Trata-se neste caso de uma lembrança, onde são evocadas imagens do passado, com conteúdos do inconsciente pessoal, processo este que envolve a utilização de imaginação reprodutora. Neste contexto, o fato da imagem ser ele próprio criança, e não uma outra figura masculina adulta sugere entre outras possíveis interpretações a falta de um 'ego auxiliar,' uma figura masculina forte, em que possa se inspirar e se apoiar. Além disso, o retorno à infância não deixa de ter uma conotação regressiva, e sugere uma fixação nesta fase do desenvolvimento, retomando conteúdos não resolvidos.

Na referida imagem, o sujeito está em sua casa juntamente com três figuras femininas: a avó, a mãe e a tia. Nota-se, portanto, a flagrante ausência de uma figura masculina - para um menino, uma suposta e provável figura de identificação - menino este cuja identidade masculina ainda é bruxuleante e incipiente, e que, apesar disso, precisa apoiar-se em si mesmo como única referência masculina presente na cena. Se por um lado, a mãe e a avó representam o peso de duas gerações que o antecederam, por outro, a mãe e a tia como irmãs sugerem uma cumplicidade reveladora. O aspecto comum é que as três mulheres parece que se juntam para fazer uma brincadeira em um tom malicioso, insinuando que o menino Pedro pudesse ter uma namorada. O sujeito reitera que o menino só tem dez anos. Elas tocam num ponto crucial, a virilidade do garoto, que ainda imaturo para suas funções sexuais sente-se atingido e ridicularizado, vítima do feminino maledicente.

JOHNSON (1987) no mito de Eros e Psique refere-se às irmãs de Psique (aquelas que a persuadiram com seu plano diabólico no sentido de quebrar a promessa feita a Eros de nunca fitar a sua face, nem fazer-lhe qualquer pergunta sobre seus atos), como sendo aquelas vozes internas que resmungam sem parar, dentro de cada um. Este comportamento no mito é eternizado através dos séculos, pelas próprias mulheres reunidas, que, na tecitura de seus mexericos (conversas venenosas), provocam-se

mutuamente para falar dos maridos e do próprio casamento. São as irmãs de Psique manifestando-se. Poderia-se então correlacionar este aspecto do feminino maledicente trazido à baila pelo sujeito, através das insinuações das mulheres de sua família com a trama venenosa das irmãs de Psique. A diferença está em que o mito refere-se ao desenvolvimento do psiquismo e da identidade feminina, e não masculina, o que permite pressupor um direcionamento inicial para os caminhos da feminilidade, visto que o elemento masculino está ausente.

O sujeito afirma que o menino não gostou da brincadeira, ele "ficou bravo" (demonstrou irritação), e se afastou da companhia das três mulheres, tomado pelos sentimentos de vergonha e raiva. Vergonha por ter se sentido exposto na intimidade de seus desejos, e raiva, pelo caráter burlesco e malicioso do gracejo, insinuando o exercício de uma sexualidade adulta, quando na verdade, ele estava vivendo a sexualidade infantil. Movido por um grande desconforto psicológico, buscou o isolamento para recuperar sua essência masculina.

Pedro, por sua vez, observa a cena "de um canto, de um lugar." A princípio ele não interfere. O menino não o vê, ninguém ali o vê.

Inquirido a respeito, o sujeito manifesta o desejo de estar próximo do menino, e apresentar a ele algumas alternativas de resposta. O homem adulto propõe então ao menino que "brinque com a situação," isto é, que responda afirmativamente (a respeito da possível namorada), e que demonstre "que gosta disso." No papel informal de um ego auxiliar, o homem adulto sugere ao garoto uma saída criativa para a situação, o menino responde que gostou da idéia, e acrescenta que vai colocá-la em prática. Os sentimentos de vergonha e de raiva então desaparecem, o que sugere ter sido esta uma saída resolutiva para a situação. O menino, carente de referenciais masculinos para compor e estruturar a sua identidade masculina, todavia, pôde contar com o homem adulto em quem ele próprio se tornou, tendo sido então capaz de oferecer a si mesmo a continência e o suporte de que necessitava.

2) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna, solicita-se ao sujeito que diga qual é, e como é a imagem que para ele representa o Ser feminino:

Pedro: Ela é a menina da primeira paixão de adolescente!

Lucélia: E como é esta menina?

Pedro: Ela é... ela mora próximo. É muito (ênfase) bonita! Quase a mesma idade!

Lucélia: Quantos anos ela tem na sua imaginação?

Pedro: Tem uns doze, treze anos!

Lucélia: Doze? Hum hum... sim! Ela mora próximo e é muito bonita. Continue!

Pedro: Ela diz que vem à minha casa porque tem amizade com a minha irmã.

Lucélia: Hum...

Pedro: Eu sei que eu gosto dela, mas eu não sei se ela gosta de mim!

Lucélia: Hum hum...

Pedro: Nunca lhe perguntei, nunca saímos, nunca fizemos nada!

Lucélia: Sim!

Pedro: Um amor à distância!

Lucélia: Ah! É um amor platônico?

Pedro: É!

Lucélia: Hum hum... e você não revela a ela o seu amor? Não diz a ela sobre isso?

Pedro: Não, ela sabe! Ela sabe! Mas eu nunca lhe falei diretamente.

Lucélia: Vocês não falam sobre isso?

Pedro: Não!

Lucélia: Sim! E ela vem à sua casa conversar com a sua irmã?

Pedro: É! A gente brinca tudo junto. Tem mais colegas que vêm também!

Lucélia: Ah! E você está satisfeito assim: gostar dela sem poder falar sobre isso? Como você se sente em relação a isso?

Pedro: No momento está satisfatório porque é como assim, esperar mais um pouco para que isso se resolva!

Lucélia: Hum hum...

Pedro: Não está ruim!

Lucélia: Sim! E ela? O que ela pensa, o que ela sente em relação a você?

Pedro: Não sei!

Lucélia: Não sabe dizer?

Pedro: Não!

Lucélia: Hum... o que você sabe dela é que ela sabe, não é?

Pedro: Sim! Isso ela sabe!

Lucélia: Ela sabe o que você sente por ela. Dos sentimentos dela, você não sabe dizer!

Pedro: Não! Acho que não deve ser o mesmo!

Lucélia: Você acha que não é correspondido?

Pedro: Acho que não!

Lucélia: Mas você está na expectativa, você está à espera, é isso?
Pedro: Sim!

Lucélia: Hum... está bem! Vamos imaginar que o tempo passou. E que o tempo lhe trouxe esta resposta! Você esperou, esperou, e de uma forma ou de outra, você teve essa resposta. Qual foi a sua resposta?

Pedro: Cada um seguiu o seu caminho!

Lucélia: Ah! Cada um seguiu o seu caminho! Então, esse amor, de fato não foi vivido?

Pedro: Não!

Lucélia: Está bem! Cada um segue o seu caminho. Mas permenece a imagem? Quero dizer, cada um leva consigo a imagem do outro? Ou não?

Pedro: Não sei! Acho que já foi esquecido!

Lucélia: Já foi esquecido?

Pedro: É! Não ficou nada não!

Lucélia: É? Ela esqueceu?

Pedro: Eu acredito que sim! E eu também!

Lucélia: Você também esqueceu?

Pedro: Hum hum...

Lucélia: Certo! Cada um tocou a sua vida!

Pedro: É!

Lucélia: Está bem! Termina assim?

Pedro: Termina!

Lucélia: Está bom! Então da mesma forma, eu vou pedir para você se despedir dessa figura, desta imagem que representa o seu Ser feminino...

2.1) Amplificação e interpretação

Pedro refere-se à imagem que representa o Ser feminino para si como a garota que foi sua "primeira paixão de adolescente." Mantendo-se na mesma linha do quadro anterior, o sujeito continua utilizando imaginação reprodutora, e relata suas experiências já vividas, mas no tempo presente do indicativo, procurando sempre ser fiel aos fatos. Todavia, ele se reporta agora a uma figura da adolescência, como se houvesse sido dado uma continuidade ao quadro anterior, quando havia um menino de dez anos, envergonhado quando se lhe foi insinuado que teria uma namorada. Desta vez ele parece ter dado um passo à frente, assumindo explicitamente seu desejo por uma namorada.

"Ela mora próximo," diz ele tentando descrevê-la; "é muito bonita, quase a mesma idade," acrescenta. Tem entre doze e treze anos. Ela afirma que freqüenta a casa de Pedro para estar com sua irmã, de quem é amiga. Pedro nutre pela garota um amor platônico, nunca revelado. Assim, ele afirma que é consciente de que "gosta dela," mas ignora se é correspondido. Na verdade, o sujeito pressupõe que os sentimentos dela em relação a ele não devam ser os mesmos. Ele nunca ousou lhe questionar a respeito. Ambos nunca fizeram um programa a dois ou trocaram carícias, sua convivência tendo sido basicamente em grupo. "A gente brinca tudo junto," diz ele, referindo-se a outros colegas que também freqüentavam a casa, demonstrando com isso que ainda não haviam se desligado da infância, e que o grupo lhes conferia identidade. Tal como num acordo tácito, a garota tem conhecimento do encantamento dele por ela, mas Pedro nunca lhe falou sobre isso diretamente, nem esta se manifestou.

O sujeito afirma que esta situação de amor platônico, chamada por ele de "amor à distância" está satisfatória para si, sendo considerada quase uma condição natural, onde ele se mantém na expectativa, à espera de que o tempo traga uma solução

para o caso. Não está desconfortável, explicita. Pedro reitera que não sabe o que ela sente em relação a ele (talvez não deseje saber, pois neste caso se quebraria o encanto).

Talvez o mito de Parsifal em sua busca do Santo Graal, em sua natureza arquetípica e atemporal, nos auxilie a entender as motivações psíquicas do sujeito. Segundo JOHNSON (1995) Parsifal é criado humildemente sem pai, apenas por sua mãe. Um dia, em seus primeiros anos de adolescência, enquanto brincava fora de casa, avista cinco cavaleiros que se aproximam. Estes, vestidos com todos os seus atavios e equipamentos, ofuscam e encantam o jovem adolescente de tal forma que ele sai correndo para contar à mãe que vira "cinco deuses," e decide partir imediatamente para juntar-se a eles. A mãe que até aquele momento lhe havia ocultado sua linhagem, ao perceber que nada poderia fazer para dissuadí-lo de seguir as pegadas do pai, que também fora um cavaleiro e encontrara a morte ao tentar salvar uma donzela, conta ao filho como haviam morrido seu pai e seus dois irmãos, também cavaleiros. Ao dar início à sua carreira como homem, Parsifal sai à procura dos cinco cavaleiros, e sua mãe morre de "coração partido," logo após sua partida. Ele nunca mais torna a ver a mãe, que está morta, mas em lugar disso depara-se com o castelo de Branca Flor, a qual encontra em desespero, pois seu castelo está sitiado. A jovem então lhe implora que resgate seu reino. Para atender a solicitação da donzela, Parsifal realiza uma série de façanhas heróicas, e faz valer a lei de que um homem não se dá conta de sua própria força até que dela necessite. Assim, é servindo Branca Flor que Parsifal se dá conta de sua tarefa heróica; "ela é sua amada e sua inspiração, o núcleo da ação heróica que está em tudo que ele realiza daí para à frente" (JOHNSON, 1995, p. 47). Tudo o que faz Branca Flor é ficar no seu castelo como um símbolo de inspiração ou, talvez, como um "talismã da representação do afeto," quando Parsifal, ocasionalmente, volta para usufruir um instante de sua beleza e confiança. Vista, porém, como sua feminilidade interior, sua *anima*, ela é o âmago da inspiração e a que dá sentido às coisas. Uma rosa vinda das mãos da jovem, ou um olhar de aprovação é o suficiente para dar motivação e força para a mais heróica das tarefas. Quando Parsifal passa a noite com Branca Flor, isto se dá através de um casto abraço ("cabeça com cabeça, ombro com ombro, quadril com quadril, joelho com joelho,

pés com pés"), pois era preciso cumprir os votos do cavaleiro - de que não seduziria nem se deixaria seduzir por uma formosa donzela - a fim de conseguir a visão do Graal.

Desta forma, Pedro talvez estivesse reeditando de forma simplificada e adaptada à sua época (século XX), um tema vivido na Idade Média com toda intensidade e ardor. Assim, como parte do seu desenvolvimento enquanto homem, o sujeito necessitava de uma figura feminina para manter idealizada e à distância, aquela que fosse a sua Branca Flor, e que se constituiria na projeção de sua *anima*, a que permaneceria para sempre intocada e pura, mas que seria sua eterna fonte de inspiração.

Pedro relata que com a passagem do tempo, a situação entre os dois se definiu e cada um seguiu o seu caminho separadamente. O amor platônico, de fato, não foi vivido e permaneceu intocado; para sempre um enigma, uma imagem idealizada. Talvez por isso mesmo, tenha sido a primeira imagem que tenha acorrido à mente do sujeito ao ser proferida a consigna. Isto é flagrantemente contraditório com a afirmação do sujeito de que a experiência "já foi esquecida," não só da parte dele como também da parte dela, reiterando que "não ficou nada não!", na tentativa de minimizar a importância do fato vivido. Supostamente não tenha ficado nada em sua realidade cotidiana, visto que tal experiência não pertence à esfera do mundo real e da mente consciente, mas é referente às impressões anímicas e às inquietações da alma, considerando ter sido uma fantasia amorosa vivenciada somente no plano das idéias, tendo sido relegado à esfera do inconsciente pessoal.

Esta garota tão bonita, que Pedro conheceu num momento em que a sua sexualidade estava despertando para o sexo oposto, foi a que primeiro deve ter tocado a *anima*. Amores platônicos, impossíveis, enigmáticos contribuem para a constelação do referido arquétipo, tornando a experiência especial por toda a vida.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Tendo sido proposto o encontro das imagens que representam o Ser masculino e o Ser feminino, o sujeito assim descreve o que então se sucede:

Pedro: Eles se abraçam! Se tocam! Se gostam!

Lucélia: Hum hum... se gostam...

Pedro: Trocam beijos, carícias!

Lucélia: Hum hum...

Pedro: Gostam de estar juntos!

Lucélia: Trocam beijos e carícias. É prazeroso esse encontro!

Pedro: Bastante!

Lucélia: Hum hum... e a comunicação, se eu estou entendendo, ela é sobretudo corporal, física?

Pedro: Ela é de olhar! Mas é mais corporal!

Lucélia: Hum... Mais corporal! Existem palavras?

Pedro: Não existe! Existem olhares e sorrisos!

Lucélia: Olhares e sorrisos. Sim! Toques e beijos!

Pedro: Isto!

Lucélia: Hum hum... está certo! E como cada um se sente?

Pedro: Bem! Muito bem!

Lucélia: Hum hum...

Pedro: Achando que é isso mesmo que tem que ser... (inaudível) Estão bem! Consigo e com o outro!

Lucélia: Cada um bem consigo e com o outro?

Pedro: É!

Lucélia: Sim! E de onde você visualiza esta cena? Onde você está? O Pedro adulto?

Pedro: À distância! Assim, uns dez metros.

Lucélia: Eles te vêem? Sabem que você está ali? Ou não?

Pedro: Não! Não sabem!

Lucélia: E você deseja se aproximar? Ou você se mantém lá à distância?

Pedro: Não! Não me aproximo não. Estou contente com o que vejo!

Lucélia: Sim! Está contente com o que vê e se mantém à distância!

Pedro: Isso!

Lucélia: Hum hum... se você mentalmente pudesse deixar uma mensagem prá esses dois adolescentes, o que você diria prá eles, Pedro?

Pedro: Que eles explorem toda a alegria desse momento!

Lucélia: Explorem?

Pedro: É! A alegria do momento!

Lucélia: "Explorem toda a alegria desse momento!"

Pedro: Estiquem tudo o que puderem!

Lucélia: "Estiquem ao máximo! Vivam intensamente!"

Pedro: É isso aí!

Lucélia: É esta a sua mensagem. Hum hum... acontece mais alguma coisa?

Pedro: Não!

Lucélia: Não? Podemos fechar esta janela da sua imaginação?

Pedro: Podemos!

Lucélia: Então, da mesma forma...

3.1) Amplificação e interpretação

Após ter sido proposta a situação fictícia de encontro entre o Ser masculino (o menino de dez anos) e o Ser feminino (a garota de doze anos), o sujeito então surpreendentemente para a situação anterior, onde permaneceu fiel aos dados de realidade, tendo cada um tomado rumos opostos, neste quadro, contudo, numa vivência de fantasia, elabora uma situação de encontro vivida plenamente, sem limites ou reservas, com exploração máxima de todas as possibilidades. Evidencia-se o fato de que tal fantasia vivida na imaginação envolve a realização de um desejo profundamente acalentado e idealizado.

Assim, "eles se abraçam, se tocam, se gostam!", diz ele. "Trocam beijos e carícias," acrescenta; sentem prazer em estar juntos. A comunicação é sobretudo corporal, mas também se processa através do olhar. Não existem palavras, mas olhares e sorrisos. Cada um se sente muito bem, "achando que é isso mesmo que tem que ser," ou seja, é como se o encontro estivesse já predestinado a acontecer, tendo apenas se cumprido um desígnio (na verdade ele foi intensamente desejado e corresponde à mais genuína expressão dos desejos amorosos do sujeito).

O encontro do masculino e feminino adolescente traz a sensação de apaziguamento e serenidade interna e externa: "Estão bem consigo e com o outro," diz ele. Pedro observa a cena a uma distância grande. Ambos ignoram sua presença. Ele não tenta se aproximar, pois afirma que está contente com o que vê (não é necessário interferir). A mensagem que Pedro intimamente deixa para o casal de adolescentes é que "explorem toda a alegria daquele momento, que estiquem tudo o que puderem!", diz ele enfaticamente, projetando seu desejo de prolongamento de um encontro com o feminino idealizado, encontro este tão ansiado e desejado, fruindo desta forma todo o prazer e a alegria possíveis. A alegria e a beleza do encontro parecem aplacar as próprias ansiedades do sujeito, que não só se alegra, como também parece sentir e viver intensamente esta experiência.

Logo, tendo sido impedido e frustrado de realizar no plano da realidade seu mais profundo desejo, o amor por uma garota então distante e inacessível, ao ser-lhe oferecida a possibilidade de vivenciar isto no plano da fantasia e da imaginação, Pedro então explora todas as possibilidades daquele momento tão precioso. As palavras parecem ser totalmente prescindíveis, sendo os canais por excelência de exploração e conhecimento do outro, a linguagem corporal e o olhar. Através deles se pode 'ver a alma' do outro, e sentir pelo toque, com beijos, abraços, carícias e sorrisos, a linguagem dos amantes, sendo desta forma impossível dissimular aquilo que realmente se é.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 11: Wotan

1) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando uma imagem referente ao Ser masculino, o sujeito assim se expressa:

Wotan: É uma cena!

Lucélia: Uma cena? Hum...

Wotan: É! Sou eu bebê...

Lucélia: Ah! Você ainda bebê... Continue!

Wotan: Na beira da praia...

Lucélia: Na beira da praia...

Wotan: Brincando na beira do mar!

Lucélia: Brincando à beira do mar... Hum hum...

Wotan: No comecinho da água do mar.

Lucélia: No comecinho da água do mar. Existe alguém com você ali?

Wotan: Minha mãe!

Lucélia: Sua mãe! Hum hum...

Wotan: Ah! (Respiração profunda e prolongada)

Lucélia: Ela lhe diz alguma coisa?

Wotan: Não! Tem o sol brilhando na água...

Lucélia: Hum...

Wotan: O cheiro do mar...

Lucélia: Tem o sol brilhando na água, e o cheiro do mar.

Wotan: O som do mar também...

Lucélia: E o som do mar! Hum hum... (Pausa) E como está se sentindo o bebê, ali no mar, brincando na beira da praia?

Wotan: Muito bem!

Lucélia: Muito bem?

Wotan: Muito prazer...

Lucélia: Muito prazer! Com muito prazer! Hum hum...

Wotan: Energia...

Lucélia: Energia... Você está sentindo toda a energia daquele lugar, deste mar, desta amplidão... Sim! Quantos meses você tem aí?

Wotan: Um ano!

Lucélia: Um ano. Hum hum... Lembre-se que você também pode intervir. Eu digo você, o Wotan adulto. Você pode conversar, se aproximar... Onde você está agora, o adulto? De de que ponto você observa esta cena Wotan?

Wotan: (Respiração profunda e prolongada) Hum... Agora! De agora!

Lucélia: Como?

Wotan: Observo de agora! Do presente!

Lucélia: Do presente? Quem está lá no mar é só a criança, o bebê?

Wotan: Não! Eu estou também!

Lucélia: Você também está? Hum...

Wotan: Eu estou na cena o tempo inteiro...

Lucélia: Hum hum... E vocês se aproximam?

Wotan: Hum hum... Eu estou junto! Também sou esse bebê.

Lucélia: Você está junto? Como?

Wotan: Eu também sou ele!

Lucélia: Você também é este bebê?

Wotan: Isso! Agora... (Respiração profunda e prolongada).

Lucélia: Hum hum... Como é a comunicação, o contato entre você e o bebê? É verbal? É visual? É táctil?

Wotan: (Respiração profunda e prolongada). É um contato transcendental porque... é um contato com uma experiência de um outro tempo!

Lucélia: Hum hum...

Wotan: Então não é verbal. Não é... E nem passa por nenhum órgão do sentido! Passa por... (inaudível). Está dentro de mim mesmo!

Lucélia: Está dentro de você mesmo?

Wotan: Está! Está dentro de mim! É um sentido que se volta prá dentro.

Lucélia: Um sentido que se volta prá dentro? É isso?

Wotan: É! É uma audição interna... Um olfato interno...

Lucélia: Hum hum...

Wotan: E está tudo aqui dentro! Essa experiência...

Lucélia: E o que você consegue decodificar dessa comunicação entre você e o bebê?

Wotan: Não há nada a dizer. Talvez agradecer ao bebê!

Lucélia: Agradecer? Por...

Wotan: Por ter vivido isso! Por estar vivo ali em mim...

Lucélia: Por ele estar vivo ali em você?

Wotan: Hum hum...

Lucélia: Sim! E acontece mais alguma coisa nesta cena?

Wotan: Tem uma outra cena.

Lucélia: Hum...

Wotan: É... Eu já estou um pouco mais velho, um pouco maior, e a minha mãe me leva no fundo do mar...

Lucélia: Ah! Você agora está mais velho, já cresceu um pouquinho mais, e sua mãe te leva para o fundo do mar!? É isso?

Wotan: É!

Lucélia: Hum...

Wotan: Ela me puxa pelas mãos, e, eu vou batendo o pé até lá no fundo...

Lucélia: Hum... E como você se sente batendo o pé até lá no fundo?

Wotan: Ah! É... é muito emocionante! (Ênfase).

Lucélia: Hum hum...

Wotan: Gostoso! (Sussurrando).

Lucélia: É emocionante! É gostoso!

Wotan: Dá um pouco de medo...

Lucélia: Hum hum...

Wotan: Não dá pé...

Lucélia: Não dá pé?

Wotan: Não dá pé... para pisar... não tem chão...

Lucélia: Não tem chão para pisar. Então dá um pouco de medo?

Wotan: É!

Lucélia: Hum hum...

Wotan: Mas é gostoso! Eu estou solto! É muito solto!

Lucélia: Uma sensação de liberdade!

Wotan: Aquela água toda em contato... no corpo (respiração profunda e prolongada)... o corpo inteiro... molhado... de água...

Lucélia: É muito bom se sentir envolvido por aquela água então?

Wotan: Hum hum... É imensa! (Ênfase)

Lucélia: É imensa a água!

Wotan: Hum... (respiração profunda e prolongada).

Lucélia: É uma sensação muito prazerosa estar no fundo do mar!

Wotan: Hum hum...

Lucélia: Estar em harmonia com esse mar! Sentir a plenitude e a beleza desse mar! (Pausa) Existe mais alguma coisa ou a cena termina assim?

Wotan: Termina assim!

Lucélia: Hum... Você ali nadando no fundo do mar? É assim que termina?

Wotan: Hum hum... Acho que outra cena é nadando sozinho!

Lucélia: Ah! Agora você nada sozinho? Mas você já é adulto ou ainda é criança?

Wotan: Criança!

Lucélia: Criança? Hum hum... E como você se sente nadando sozinho?

Wotan: (Respiração profunda e prolongada). Era mais gostoso com a minha mãe puxando...

Lucélia: Ah! Era mais gostoso quando a mãe estava puxando. Era mais confortável...

Wotan: Mais seguro!

Lucélia: Mais seguro! Você se sentia mais protegido.

Wotan: Hum... (Respiração profunda e prolongada)

Lucélia: Mas você continua ali nadando sozinho?

Wotan: Hum hum...

Lucélia: Continua!

Wotan: É bom também!

Lucélia: É bom também!

Wotan: Hum... (Respiração profunda e prolongada). (Pausa). Agora estou num barco... remando... com amigos!

Lucélia: Hum hum... Com amigos? Está remando num barco com amigos.

Wotan: A gente vai até no fundo do mar e mergulha! O mergulho... Mergulho de cabeça... E... não tem fundo!

Lucélia: Não tem fundo!

Wotan: É muito fundo! Aí, fica um pouquinho lá no fundo e volta correndo.

Lucélia: Fica um pouquinho lá e volta correndo...

Wotan: É! Respira! (Wotan respira com força). É emocionante!

Lucélia: Hum hum... E respira... Um mergulho no fundo do mar...

Wotan: É! Tem que ter muita coragem!

Lucélia: Hum hum... Tem que ter coragem! É emocionante!

Wotan: (Respiração profunda e prolongada). É muito bom!

Lucélia: É muito bom! É muito bom! Acontece mais alguma coisa?

Wotan: É isso! Eu já sou homem, já posso fazer isso!

Lucélia: Hum... Você já é homem e já pode...?

Wotan: Posso... mergulhar no fundo... sozinho!

Lucélia: Pode mergulhar no fundo sozinho, e isso não é mais perigoso? É assim?

Wotan: É!

Lucélia: Hum hum... Não há mais nenhum risco?

Wotan: Eu sei... Eu sei voltar... na hora certa! Não vou morrer afogado!

Lucélia: "Eu aprendi a nadar..."

Wotan: Hum hum...

Lucélia: "...Eu posso ir até o fundo do mar e voltar. E não me afogar!"

Wotan: É!

Lucélia: Sim! Como você se sente agora, Wotan? Homem feito, podendo nadar até o fundo do mar?

Wotan: Poderoso!

Lucélia: Poderoso! Hum hum... Poderoso. Está bem! Podemos fechar esta janela da sua imaginação? Ou existiria mais alguma coisa?

Wotan: Podemos!

Lucélia: Então, eu gostaria que você se despedisse deste bebê, deste homem feito que aprendeu a nadar, e sabe ir até o fundo do mar sem se afogar. Procure ir tomando distância, e vá mentalmente se afastando, se afastando...

1.1) Amplificação e interpretação

Referente ao Ser masculino, Wotan menciona uma cena (uma imagem com movimento), onde ele é um bebê de um ano de idade brincando à beira do mar, na praia, "no comecinho da água." Sua mãe o acompanha. O sujeito respira de forma profunda e prolongada, o que se repete várias vezes ao longo do trabalho. Enquanto isso, se faz notar o brilho do sol na água, o cheiro do mar, assim como o som que ele produz. Como num primeiro passo de sua iniciação e de seu aprendizado, o bebê sente-se muito bem e à vontade ali naquele ambiente, brincando à beira da praia. Ele parece estar em plena harmonia e sintonia com todos os elementos ao seu redor - terra, água, ar - o que se traduz em seus sentimentos de prazer e energia, o que pode ter sido despertado pela magia do lugar.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o mar é símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes (o bebê pode ser considerado uma realidade que ainda está por ser 'moldada'), uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte.

O Wotan adulto observa a cena de um tempo particular: o presente. Todavia, não existe um lugar específico que se constitua no seu ponto de observação, pois ele afirma estar junto com o bebê, ou ainda mais próximo: "Também sou esse bebê," explicita. "Eu também sou ele," reitera. Isto é, ambos parecem estar fundidos em um único ser, mas guardando as respectivas identidades. O contato entre o adulto e a criança é de ordem "transcendental," ressalta Wotan, porque remonta a uma experiência de outro tempo, explica. A comunicação, portanto, não é verbal, e nem se processa por nenhum órgão do sentido. "Está dentro de mim mesmo!" acentua o sujeito. "É um sentido que se volta para dentro!", uma audição interna, um olfato interno, reitera. O sujeito acentua que

se trata de uma experiência que está toda dentro dele, algo supostamente intuído e pressentido a partir dos registros mnêmicos corporais e espirituais de suas experiências mais remotas enquanto bebê (e talvez referentes às experiências ancestrais da humanidade). Wotan não tem nada a dizer ao bebê, exceto "talvez agradecê-lo por ter vivido isso, por ele estar vivo ali dentro dele." Ao mesmo tempo que ambos estão juntos, e que um é o outro, o que sugere uma relação de reciprocidade, no nível adulto o sujeito também traz o bebê dentro de si, e se reporta a ele com reverência e respeito, tal como a uma divindade. Isto faz lembrar o arquétipo da criança divina, a qual é símbolo do 'si-mesmo,' que, por sua vez é em si atemporal e pré-existe a qualquer nascimento (JUNG, (1987b, p. 52).

Uma outra cena que sucede a essa é dele agora um pouco mais velho e maior, um menino que a mãe puxa pela mão e o conduz até o fundo do mar, enquanto ele vai batendo os pés até lá no fundo. "É muito emocionante e gostoso," observa Wotan admitindo que chega a sentir um certo medo, pois não encontra solo firme para pisar, "não tem chão," observa. Apesar disso, parece que a sensação de prazer supera o medo, pois ele reitera sussurrando que "é gostoso," e que está muito solto. "É muito solto!" acentua, supostamente referindo-se a sensações de relaxamento na experiência. Parece-lhe ser particularmente prazerosa a sensação da "água toda em contato" com o seu corpo; "o corpo inteiro molhado," ao mesmo tempo denotando uma vivência de totalidade e inteireza, assim como uma descoberta de uma sensualidade corporal. "É imensa a água!" diz o sujeito, sugerindo a imensidão do oceano (e implicitamente uma "sensação oceânica"). Novamente se faz notar sua respiração profunda e prolongada.

Há elementos significativos que são ressaltados nesse trecho: a mãe como guia para alcançar o fundo do mar (a projeção do que é mais recôndito e perigoso); a água envolvendo-o por inteiro, e a imensidão oceânica.

O oceano, o mar são, em virtude de sua extensão aparentemente sem limites, as imagens da indistinção primordial, da indeterminação original. O mar é também o símbolo das Águas superiores, da Essência divina, do Nirvana, do Tao.

Conforme já citado anteriormente, SHABESTARI* afirma que o oceano é o coração, o conhecimento; a margem é a gnose; a concha, a linguagem, e a pérola que ela contém, a ciência do coração, o sentido secreto da linguagem. O simbolismo do oceano está relacionado com o da água compreendida como origem de toda vida. Pelo simbolismo do oceano, que corrobora suas funções mitológicas, ele se liga à primordialidade.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) as águas, massa indiferenciada, representando a "infinidade dos possíveis," contêm todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. JUNG (1987b) afirma que a imersão no mar é o mesmo que dissolver, no sentido físico da palavra, e também resolver um problema. É uma volta ao obscuro estado originário, ao líquido amniótico do útero grávido (a sensação de soltura de Wotan, e de estar todo envolvido e molhado por aquela água).

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) a valorização feminina, sensual e maternal da água foi magnificamente cantada pelos poetas românticos alemães:

> "É a água do lago, noturna, leitosa e lunar, onde a libido desperta. A água, essa filha primeira, nascida da fusão aérea, não pode renegar sua origem voluptuosa e, na terra, ela se mostra com uma celeste onipotência como o elemento do amor e da união. E as nossas sensações, agradáveis ou não, não são mais, afinal, que as diversas maneiras do escoar em nós dessa água original que existe em nosso ser. O próprio sono não passa do fluxo desse mar invisível, universal, e o despertar é o começo do seu refluxo. Dos símbolos antigos da água como fonte de fecundação da terra e de seus habitantes, pode-se passar aos símbolos analíticos da água como fonte de fecundação da alma: a ribeira, o rio, o mar representam o curso da existência humana e as flutuações dos desejos e dos sentimentos. A água é símbolo das energias inconscientes, das virtudes informes da alma, das motivações secretas e desconhecidas" (p. 21).

Posteriormente, em uma terceira cena, que representa um terceiro momento de sua evolução, Wotan já nada sozinho, mas ainda é uma criança. Ele observa que "era mais gostoso" quando a mãe o puxava, pois sentia-se mais seguro e protegido.

---

* SHABESTARI *apud* CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

Todavia, continua nadando sozinho, e diz que "é bom também!" Este é o momento de separação da figura materna, como psicopompo e guia espiritual, pois, agora mais crescido, Wotan precisa prosseguir sozinho sua jornada, supostamente para consolidar o processo de sua auto-afirmação, que pressupõe ganhar mais confiança e segurança em si mesmo, e como um passo mais avançado requerido no seu processo de iniciação. Assim, da mesma forma que o Ser adulto implica em conseguir fazer algumas coisas sozinho, a proximidade do feminino a partir de um certa etapa de sua evolução constituiria uma ameaça à sua masculinidade ainda incipiente. Então, mãe e filho se separam. A perda da figura materna se faz sentir, sobretudo, na falta da segurança e proteção que antes ela lhe proporcionava, o que lhe desperta uma certa saudades da situação nirvânica para sempre perdida. Todavia, o sujeito consegue se reorganizar e se adaptar a essa nova situação, vindo a considerá-la também agradável assim que adquire mais confiança em si.

Segundo JOHNSON (1995) nenhum filho consegue a maioridade sem que num certo sentido, seja desleal para com a mãe. Se ele permanecer ao lado dela, consolando-a e confortando-a, não logrará libertar-se do complexo materno. É comum que a mãe faça tudo para conservar o filho junto de si, e uma das formas mais sutis de conseguí-lo é inculcar-lhe a idéia de conservar-se sempre leal a ela. Ele não deve, porém, submeter-se completamente, pois ela acabará por ter junto de si um filho com a masculinidade gravemente enferma. O filho deve "cavalgar" e deixar a mãe, mesmo que isso se pareça uma deslealdade; a ela, por sua vez, caberá suportar esse golpe. O autor acrescenta que tanto a batalha exterior quanto a interior são etapas do trabalho (de iniciação). Para vencer o oponente de fora (no caso de Wotan, o mar) e tornar-se o bom, o garoto precisará ser capaz de reunir e dirigir suas energias masculinas de modo a superar sua covardia e seu desejo de ser sempre protegido pela mamãe. Portanto, se não vencer sua luta interior, não vencerá os adversários fora dele. Entretanto, serão poucos os que obterão essa vitória apenas interior. O confronto com obstáculos externos, que desafiam sua vontade e identidade, é necessário para consolidar definitivamente a masculinidade dentro de si.

Continuando, Wotan relata uma quarta e última cena, onde ele se encontra num barco, remando com amigos. Eles vão até o alto-mar e mergulham. "É um mergulho

de cabeça, e não tem fundo," diz ele, para logo depois ressaltar "É muito fundo!" talvez tentando com isso expressar sua percepção da profundidade ilimitada do oceano, e a impossibilidade de sentir o chão. Em seguida, Wotan permanece por alguns instantes lá no fundo, e volta rapidamente para a superfície a fim de respirar. Ele respira com força. "É emocionante!" observa, ressaltando logo após que é preciso ter muita coragem para realizar a façanha de mergulhar até o fundo do mar (a coragem de Wotan é demonstrada pelo mergulho de cabeça, que sugere o jogar-se por inteiro na situação, correndo todos os riscos, sem medo). O sujeito reitera que "é muito bom," e acrescenta que "agora já é homem," e já pode fazer isso, ou seja, mergulhar no fundo do mar sozinho, o que deixou de ser perigoso, pois aprendeu a voltar na hora certa. Ele sabe que não corre mais o risco de morrer afogado.

Wotan sente-se então "poderoso," homem feito, podendo nadar sozinho até o fundo do mar. Esta última etapa parece ser o coroamento final de sua iniciação, a prova definitiva para sua virilidade, que, ao ser desempenhada satisfatoriamente, possibilitou-lhe a fruição de uma sensação de grande poder. Paradoxalmente quem o iniciou nos caminhos de sua masculinidade, passo a passo conquistada, foi uma figura feminina (a mãe, questão já discutida anteriormente). Supostamente, antes de se aventurar a correr riscos e 'desbravar' as profundezas do mar, o sujeito precisa da continência e do suporte emocional que só o feminino pode lhe proporcionar. Com a mãe, Wotan exercitou a confiança em si e vivenciou a unidade junto ao cosmos ainda enquanto brincava. Desta forma o passo seguinte foi fácil: ele aprendeu a nadar, e se mostrou capaz de ir sozinho até o fundo do mar e voltar, sem se afogar. Vale ressaltar que um aspecto essencial da prova parece ser o de conseguir realizar a prova sozinho.

Vale lembrar que nas concepções tradicionais celtas o filho da deusa gaulesa "Arianrhod" (roda de prata), "Dylan eil Ton" (Dylan, filho da onda), vai ao mar desde o nascimento e nada como um peixe. O mago Merlim é "Mori-genos," nascido do mar, e Pelágio (Morien) é "Mori-dunon," fortaleza do mar. Um dos sobrenomes gauleses de Apolo é também "Moritasgus," aquele que vem por mar. O mar tem a propriedade divina de dar e tirar a vida. Mergulhar nas águas para delas sair "sem se dissolver totalmente," salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se de novo

num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza em primeiro lugar, a origem da criação. O "mem" (M) hebraico simboliza a "água sensível:" ela é mãe e matriz (útero). Fonte de todas as coisas, manifesta o transcendente e deve ser, em conseqüência, considerada como uma hierofania. Todavia, a água, como, aliás, todos os símbolos, pode ser encarada em dois planos rigorosamente opostos, embora de nenhum modo irredutíveis, e essa ambivalência se situa em todos os níveis. A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora.

Continuando, observe-se que a sequência de cenas sucessivas elaboradas pelo sujeito - o bebê brincando com a mãe na praia; o menino conduzido pela mãe, nada até o fundo do mar; o menino nada sozinho até o fundo do mar; e finalmente, já homem feito, mergulha de cabeça até o fundo do mar com segurança e presteza - pressupõe os passos de um ritual de iniciação, do qual os grandes iniciadores são a mãe de Wotan e o próprio mar. Por um lado o simbolismo da mãe está ligado ao do mar na medida em que eles são, ambos, receptáculos e matrizes da vida. Por outro lado, nesta situação específica parece haver uma diferenciação no sentido de que a figura materna funciona como um psicopompo, aquela que mais do que a função de lhe oferecer segurança, como guia espiritual lhe indica o caminho a ser feito: a "travessia noturna" pela noite do seu inconsciente, ajudando-o a se confrontar com todos os perigos que lá residem. Enquanto isso, o mar constitui-se no seu grande desafio, pois, conforme já foi mencionado, em sua ambigüidade ele implica nas possibilidades de vida e morte. Ou seja, até que não dominasse por completo a técnica de nadar no mar, e voltasse à superfície no tempo certo para respirar, Wotan sabia que estava lidando o tempo todo com a real possibilidade de se afogar. Na medida em que saiu vencedor - isto é - aprendeu a ir sozinho até o fundo do mar e voltar sem se afogar, a vida triunfou sobre a morte, e ele pôde comprovar o seu poder ao mesmo tempo que se auto-afirmava enquanto homem.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) iniciar é de certo modo fazer morrer, provocar a morte. Mas a morte é considerada uma saída, a passagem de

uma porta que dá acesso a outro lugar. À saída, então, corresponde uma entrada. O iniciado transpõe a cortina de fogo que separa o profano do sagrado, passa de um mundo para outro, e sofre com esse fato uma transformação, muda de nível, torna-se diferente. A morte iniciática representa a morte aos olhos do mundo, enquanto superação da condição humana. O neófito parece operar um processo de regressão, seu novo nascimento é comparado a um retorno ao estado fetal no ventre de uma mãe. É verdade que ele penetra na noite, mas uma noite que lhe diz respeito; embora comparável à do seio materno, é, de maneira mais ampla, a noite cósmica. Todos os rituais comportam processos particulares com relação à morte iniciática. São os ritos de passagem, que simbolizam o nascimento de um novo ser, entre eles o batismo. Especificamente o batismo praticado por João Batista nas águas do rio Jordão, denominado "batismo por imersão," tal como foi por longo tempo praticado, é um rito de imersão e como tal, símbolo de purificação e de renovação. Era conhecido nos meios essênios, mas também em outras religiões (que o associam aos ritos de passagem, especialmente aos de nascimento e morte) além do judaísmo e suas seitas.

Observe-se que esta incursão imaginativa do sujeito, apesar de não ser acompanhada da expressão de figuras surreais e de ter ele próprio como protagonista da ação, parece ter sido marcada pela experiência do numinoso, o que sugere seu caráter arquetípico. As manifestações do numinoso - um efeito ou instância dinâmicos que arrebata e controla o sujeito humano e que desafia explicações - observam-se pela maneira intensa e vívida pela qual o sujeito realizou a técnica de imaginação ativa, emocionando-se (o que foi explicitado por ele posteriormente ao término do trabalho), e alterando o ritmo de suas reações fisiológicas, tal como o da própria respiração (as expirações passaram a ser profundas e prolongadas), o que pôde ser constatado objetivamente.

2) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando uma imagem referente ao Ser feminino, o sujeito assim se manifesta:

Wotan: Hum... (Respiração profunda e prolongada) Não veio uma imagem... uma cena...

Lucélia: Veio também uma cena.

Wotan: A cena sou eu bebê...

Lucélia: Você bebê, também.

Wotan: Na cama ou no berço, eu não sei. A minha mãe... passando talquinho... me trocando...

Lucélia: Sim! Continue!

Wotan: Passando talco no bum bum... (inaudível)

Lucélia: Passando talco no bum bum?

Wotan: É!

Lucélia: Hum hum... Você está então, no berço ou na cama, e sua mãe está cuidando de você. Está passando talco... está te trocando...

Wotan: Hum hum... Eu estou recebendo um carinho...

Lucélia: Está recebendo um carinho... E esse carinho envolve toque, envolve tato. É isso?

Wotan: É tato, e é olfato também.

Lucélia: Também! Você sente um cheiro?

Wotan: Um cheirinho do Talco Jonhson...

Lucélia: Ah! O cheirinho do talco... Talco Jonhson. Hum hum... Continue, Wotan!

Wotan: É só isso!

Lucélia: É só isso?

Wotan: Uma sensação gostosa... gostosa de estar recebendo... (sussurrando).

Lucélia: É gostoso estar recebendo esse carinho.

Wotan: Hum hum... Esse toque... (sussurrando).

Lucélia: Esse toque! Esse toque feminino na pele.... É gostoso!

Wotan: Hum... (respiração profunda e prolongada)

Lucélia: Hum hum...

Wotan: Esse contato...

Lucélia: Esse cheirinho e esse contato...

Wotan: É muito bom!

Lucélia: É muito bom! As duas coisas são muito boas.

Wotan: Hum hum...

Lucélia: Existem palavras? Ou não?

Wotan: Não tem som!

Lucélia: Não tem som? Hum...

Wotan: Só tem cheiro...

Lucélia: Só tem cheiro...

Wotan: ...E tato!

Lucélia: E tato? Hum hum... Sim! É isso?

Wotan: Talvez uma cantiga de ninar...

Lucélia: Ah, sim! Uma cantiga de ninar!

Wotan: Um acalanto... vindo de longe...

Lucélia: Um acalanto! Hum hum... Você ouve essa cantiga, esse acalanto vindo de longe... Acontece mais alguma coisa?

Wotan: Um abraço... Um contato... com o colo e depois com o seio.

Lucélia: Um contato com o colo, com o seio, e um abraço. Um contato mais íntimo, mais próximo

Wotan: É quente!

Lucélia: "É quente!"

Wotan: É muito aconchegante!

Lucélia: "É muito aconchegante!"

Wotan: Hum hum... (Respiração profunda e prolongada)

Lucélia: O bebê chega a mamar no seio da mãe?

Wotan: Só na mamadeira!

Lucélia: Na mamadeira? Hum... No seio não?

Wotan: Não!

Lucélia: Hum hum... Acontece mais alguma coisa ou esta cena termina aí?

Wotan: Termina!

Lucélia: Termina? Sinta então esse abraço, esse toque, essa sensação de aconchego, de calor, esse cheiro... Deixe que tudo isso vá sendo registrado na sua memória corporal. Comece agora a ir se afastando, se despedindo do bebê, sem pressa. Visualize o bebê no colo da mãe sendo aconchegado, ninado, veja como ele vai se tornando cada vez menor, cada vez menor, enquanto você vai se afastando, se afastando até que finalmente você não consegue mais vê-lo, e fecha esta janela da sua imaginação....

2.1) Amplificação e interpretação

Como resposta à consigna referente ao Ser feminino, o sujeito refere-se à mesma imagem de si próprio, bebê, que serviu como ponto de partida para iniciar o trabalho sobre o Ser masculino, todavia, agora em outra situação. Ele não sabe afirmar com certeza se está na cama ou no berço, mas observa que sua mãe está lhe dispensando cuidados: ela está "passando talquinho no seu bum bum," e também está trocando suas roupas. O ato de "passar talco no bum bum" ao mesmo tempo que denota intimidade, harmonia e uma perfeita sintonia entre mãe e filho, vem acompanhado também de um caráter lúdico e sensual, sugerindo tratar-se de algo muito prazeroso para ambos.

Para JUNG (1987b) a imagem da mãe é um arquétipo que indica origem, natureza, o "procriador passivo" (logo, matéria, substância), e portanto a natureza material, o ventre (útero) e as funções vegetativas, e por conseguinte também o inconsciente, o instinto e o natural, a coisa fisiológica, o corpo no qual habitamos ou somos contidos. Mãe, enquanto vaso, continente oco (e também ventre), que gesta e nutre, exprime igualmente as bases da consciência.

JUNG (1987b) acrescenta:

> "Mãe, esta palavra tão familiar, refere-se aparentemente à mãe mais conhecida de todas, à nossa mãe individual, mas enquanto símbolo, 'minha mãe' designa algo que no fundo se opõe à formulação conceitual, algo que se poderia definir vagamente e intuitivamente como a vida do corpo, oculta e natural. Mas esta definição ainda é por demais limitada..." (p. 29).

JUNG *et al.* (1969) afirma que em sua manifestação individual, o caráter da *anima* (a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique de um homem) via de regra, adota a forma da mãe, a qual corresponde à primeira experiência que o homem tem da mulher com todas as sensações, emoções e sentimentos que isto envolve, permanecendo num nível pré-consciente. FRANZ (1995) assevera, por sua vez, que é assim que a mãe marca não só os aspectos femininos do filho, como

também a imagem que ele cria da mulher - suas aspirações, exigências e temores face às mulheres.

Continuando, Wotan acrescenta que "está recebendo um carinho" de sua mãe, manifesto através do toque materno no seu corpo. Isto é decodificado não só pelo sentido do tato, mas envolve também o olfato, pois ele sente "o cheirinho do talco Johnson" (o cheiro do talco passou a ser um elemento discrimanador de uma situação onde o sujeito se sente cuidado/amado, traduzindo-se portanto, em sinônimo de carinho; o talco passa a ter simbolicamente 'cheiro de carinho'). O sujeito ressalta ainda "uma sensação gostosa de estar recebendo" (recebendo os cuidados e o afeto da mãe). Este toque feminino na sua pele, esse contato com o seu corpo "é muito bom!" reitera ele. Isto é, a experiência do toque feminino/materno - uma linguagem corporal que expressa carinho, amor, cuidado, atenção e erotismo - parece ser muito prazerosa e vivificante para o sujeito. Não existem palavras, não há nenhum som na comunicação entre mãe e filho a não ser uma cantiga de ninar, um acalanto. Wotan ouve essa cantiga como que vinda de longe, corroborando o quadro de perfeito envolvimento e complementaridade no relacionamento entre mãe e filho. Finalmente ocorre um abraço, através de um contato mais íntimo e mais próximo com o colo, e depois com o seio da mãe. Wotan ressalta suas sensações fisiológicas (e quase viscerais) de que o seio materno é "quente e muito aconchegante." Todavia, ele esclarece que o bebê não chega a mamar no seio, só na mamadeira.

Refletindo sobre as sensações que parecem ser muito intensas na experiência do sujeito enquanto bebê, ECHENIQUE & FASSA (1992) afirmam que nos momentos iniciais do seu desenvolvimento, o bebê tem as sensações originais do "eu-corporal," mas não percebe bem os limites entre espaço interior e exterior, entre o "eu" e o "não-eu." Sua percepção é globalizadora e tudo envolve. Os elementos só existem em contato com ele, a mãe só existe quando o está amamentando e, neste momento, o que ele percebe é o seu "eu," a sua sensação de calor, de conforto, a sua sensação olfativa, táctil, retiniana do corpo da mãe (tal como foi salientado por Wotan). As autoras especificam que este "eu" percebido já começa a ser diferente para meninos e meninas porque os estímulos relacionais não são iguais. Ambos direcionam o afeto maciça e

exclusivamente para a mãe, desfrutando do prazer erótico do contato materno e da amamentação, e "as diferenças que advêm em relação a cada um são mobilizadas pelo imaginário da mãe e consubstanciadas nas respostas do erotismo materno, que estimula de maneira muito diferenciada o menino da menina" (p. 26). A vivência sensual e prazerosa do contato corporal pele-a-pele é igual para ambos os sexos, no entanto, projetando no filho o seu imaginário da figura masculina, a mãe se mobiliza fortemente pelo fato do filho ter um pênis e se relaciona com ele como um complementar sexual, o que erotiza o vínculo e o faz, por sua vez, vivenciar a fusão como contato com o sexo oposto. Por sua vez, considerando a menina como igual a si mesma, a mãe não se mobiliza pela sua genitália e, portanto, não a coloca na posição de objeto sexual; ao invés disso comunga com ela uma sexualidade difusa que promove a experiência fusional como um processo de identificação. As autoras consideram de decisiva importância esta diferença na posterior evolução da identidade. O menino experimenta a intensa fusão inicial com um colorido erótico (o que ficou bastante evidente nas impressões de Wotan), e a menina vive a mesma fusão como identificação. Na fase puerperal e logo a seguir, a mãe está emocionalmente mergulhada na relação com o bebê, funcionando com uma dedicação e exclusividade que não se repetirão em nenhum outro momento da vida do mesmo, conferindo às experiências vividas por este último um caráter especial que também será único, dada a intensidade da fusão (talvez por isso Wotan tenha se reportado de imediato a esta imagem como a que representa o seu Ser feminino, pois tal como um "imprinting," ela ficou gravada de maneira forte e indelével). Enquanto nesta fase inicial da evolução da criança a mãe prioriza a 'cria' a tudo o mais, nos momentos subseqüentes ela vai gradativamente criticando este auto-abandono e entrando em contradições e ambivalências geradas pelo social, que a pressiona a romper com a simbiose puerperal, retomando sua vida e suas obrigações.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o seio é sobretudo, símbolo de maternidade, de suavidade, de segurança, de recursos. Ligado à fecundidade e ao leite - o primeiro alimento - é associado às imagens de intimidade, de oferenda, de dádiva e de refúgio. Qual taça inclinada, dele, como do Céu, flui a vida. Mas ele é também receptáculo, como todo símbolo maternal, e promessa de regenerescência.

A integração (e a comunicação) entre mãe e filho parece ser plena e absoluta, sugerindo na linguagem junguiana uma expressão da *coniunctio oppositorum* vivida pelos pares de opostos mãe-filho (JUNG, 1987b, p. 67). Isto não só se observa na forma como o bebê se sente cuidado pela mãe, mas também no 'abraço' final, quando há um contato com o colo, e depois, com o seio materno, manifestando ao mesmo tempo intimidade e uma profunda cumplicidade. A cena de uma maneira geral exala harmonia, erotismo e totalidade. Igualmente, a sensação de calor e aconchego a que se refere o sujeito parece ser acalentadora e apaziguadora (nirvânica), a figura materna, neste caso, podendo ser associada a uma expressão arquetípica da Mãe divina, que simboliza "a sublimação mais perfeita do instinto e a harmonia mais profunda do amor" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996, p. 580).

Curiosamente o bebê não mama no peito - "só na mamadeira" - um traço destoante do perfeito enlevo entre mãe e filho, que sugeria uma situação de entrega total, e até então estava sendo vivenciado desta forma. A relação com a mãe não ocorre então a nível da nutrição direta, mas parece ser uma experiência essencialmente corporal, cujo canal predominante é o toque físico, envolvendo um prazer mais globalizante, carregado de erotismo e sensualidade. Por um lado, pode ter havido uma censura ao ato de amamentar, que seria a coroação de uma seqüência de passos e cuidados (o 'passar talco no bum bum,' a troca de roupas, o contato com o seio, o abraço), traduzindo-se na manifestação plena de unidade entre mãe e filho. Esta censura pode ser compreensível se pensarmos que o bebê estava sendo visto e vivido a partir dos olhos do Wotan adulto, para o qual toda esta interação com a mãe poderia ter ares incestuosos.

Por outro lado, ele poderia estar simplesmente se defendendo do risco da opressão pelo sufocamento através de um prolongamento excessivo da função de alimentadora e guia, visto que no símbolo da mãe encontra-se a mesma ambivalência que nos da terra e do mar. Ao mesmo tempo que é a segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação, é também a generosidade transformando-se em captadora e castradora, a genitora devorando o futuro genitor (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Vale ressaltar que durante todo o trabalho o sujeito não esteve fazendo um relato distante de si ocorrido no passado, mas ele pareceu de fato estar vivenciando o

que estava dizendo naquele exato momento, tal como as sensações anteriormente descritas, o que evidencia sua condição de relaxamento e entrega à técnica de imaginação ativa.

Concluindo, a experiência e o conhecimento do feminino para Wotan - sua *anima* - passam pelos contatos mais primevos e arcaicos com a figura materna, que moldaram de maneira marcante e definitiva a sua feminilidade inconsciente. Tais experiências foram sentidas como muito prazerosas, tendo sido vividas e registradas predominantemente ao nível das sensações tácteis e olfativas.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Logo após ter sido proposta a situação de encontro entre o Ser masculino (o bebê em relação ao mar, em sucessivos momentos de sua evolução) e o Ser feminino (o bebê sendo cuidado pela mãe), o sujeito assim se manifesta:

Wotan: Tem um... tem uma... uma alternância!

Lucélia: Hum...

Wotan: Um só encontra o outro... quando... Quando um chega, o outro termina!

Lucélia: Hum hum... Ah! Eles se alternam!

Wotan: Eles se alternam! Eles não estão juntos ao mesmo tempo!

Lucélia: Hum... Ora um, ora outro?

Wotan: É!

Lucélia: Sim! São "flashes" das duas cenas? Seria isso?

Wotan: É um ou outro!

Lucélia: Ou um ou outro! Ora o bebê está no mar, brincando, aprendendo a nadar.... Ora ele está sendo cuidado pela mãe no berço. É assim?

Wotan: É! No seio!

Lucélia: No seio! Hum hum... É sempre essa alternância ou existe alguma alteração nesta dinâmica?

Wotan: É sempre assim!

Lucélia: As duas imagens se alternando?

Wotan: Hum hum...

Lucélia: E elas não se fundem?

Wotan: Não! Tem um momento em que está na transição de um para o outro...

Lucélia: Hum...

Wotan: Uma transição... uma transição quase imperceptível! Neste momento talvez tenha os dois.

Lucélia: Ah! Sim! Quando um vai embora...

Wotan: Está passando... É! Passando de um para o outro. Nesta hora, é meio neutro!

Lucélia: Ah! Fica neutro, essa hora?

Wotan: É muito... A passagem é quase... imperceptível.

Lucélia: Aí fica neutro?

Wotan: É!

Lucélia: Nem masculino, nem feminino? É neutro?

Wotan: Tem uma passagem... tem movimento!

Lucélia: Tem sempre esse movimento: ora um, ora outro? Sim! Acontece mais alguma coisa ou termina assim?

Wotan: Não! É sempre assim!

Lucélia: Você não interfere? O Wotan adulto?

Wotan: Não! Eu deixo vir! Às vezes tento interferir...

Lucélia: Hum...

Wotan: Mas não dá certo!

Lucélia: Não dá certo interferir?

Wotan: É melhor deixar acontecer!

Lucélia: É melhor deixar acontecer. É melhor seguir o fluxo desse movimento?

Wotan: É! De dentro!

Lucélia: De dentro? Sim! Podemos fechar esta janela da sua imaginação?

Wotan: Hum hum...

Lucélia: Ou existe mais alguma coisa?

Wotan: Não!

Lucélia: Sim! Então, vá lentamente se afastando, se despedindo dessas imagens que se alternam, para que possamos fechar esta janela...

3.1) Amplificação e interpretação

O sujeito afirma que no encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino há uma alternância das imagens: "Quando um chega, o outro termina!", diz ele. Sua aparição nunca é simultânea, mas alternada: "Ou um ou outro!" Ora o bebê está à beira do mar brincando (e, mais tarde aprendendo a nadar), ora ele "está sendo cuidado pela mãe no seio," afirma Wotan.

Subseqüentemente, não há nenhuma alteração nessa dinâmica. As duas imagens continuam se alternando, sendo que há sempre um movimento na passagem de uma situação para outra. Assim, não há, de fato, um encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino, com a ressalva de que no momento de transição de um para o outro, "uma transição quase imperceptível," existe uma possibilidade de que talvez os dois estejam juntos ao mesmo tempo, por um relance, no breve e fugaz momento da passagem. O sujeito reitera que é quase instantâneo este momento, e que então tudo "fica neutro," isto é, nem masculino e nem feminino.

O movimento de alternância é contínuo: "Ora um, ora outro." O sujeito não interfere; apenas "deixa vir" as imagens, diz ele. Qando tenta interferir, verifica que isto não funciona bem. Wotan conclui então que é melhor seguir o fluxo do movimento que vem de dentro - o fluxo do seu psiquismo - e deixá-lo acontecer natural e espontaneamente.

Observe-se que a relação entre o masculino e o feminino para Wotan, por ser ela de alternância pressupõe uma excludência recíproca, pois enquanto um está presente o outro está oculto. O aparecimento de um implica no afastamento do outro. Eles não podem coexistir, portanto. Assim, não há um encontro de fato, visto que ambos não podem estar presentes ao mesmo tempo, no mesmo espaço físico, exceto por alguns segundos, quando então parecem se anular. A hipótese de uma união de opostos neste caso parece estar afastada, pois apesar do sujeito vivenciar intensa e plenamente as manifestações em separado do masculino e do feminino, todavia, diante da proposta de encontro, estes dois princípios polares se comportam tal como sol e lua na sucessão dos

dias e noites, isto é, quando um aparece, o outro já se pôs. Eles não se encontram e não se misturam, a não ser por um breve momento em que está aberta a passagem, tal como num "flash" de uma câmara fotográfica, não havendo portanto, um recriação de uma nova situação onde ambos possam estar juntos ao mesmo tempo, no mesmo lugar.

Fica ainda obscuro e requer maiores estudos, as razões que impediram o sujeito de efetuar esta integração de opostos.

Segundo FRANZ (1990) a lua está intimamente relacionada com o sol, mas tem menos luz e é do sol que recebe sua claridade. O sol é, de fato, uma divindade, fonte da consciência no inconsciente - ele representa um fator ativo psíquico capaz de criar uma consciência maior. A lua, entretanto, simboliza uma consciência menos clara, mais difusa, primitiva e doce. A lua revela o mesmo princípio do sol, mas é mais feminina, menos concentrada, menos intensa; é a luz da consciência, mas uma luz tênue.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

Caso nº 12: Heródoto

1) Figura masculina

Logo após ter sido proferida a consigna solicitando ao sujeito a imagem que representaria o Ser masculino, Heródoto hesita um pouco antes de começar. Quando o faz é num tom muito baixo de voz, quase num murmúrio (supostamente em função do estado de relaxamento em que se encontra), e entremeado com sucessivas pausas, de forma que ele de fato, parece paulatinamente ir assimilando e sentindo cada passo. Houve vários trechos em que o gravador não 'alcançou' a fala do sujeito, o que resultou no uso freqüente da expressão: 'Inaudível,' e na apreensão indireta do discurso deste através da fala da pesquisadora, que muitas vezes repetia o que estava sendo dito, tentando acompanhar e encorajá-lo a continuar. Todavia, isto não prejudicou a compreensão geral do trabalho.

Inicialmente, Heródoto assim se refere ao seu Ser masculino:

Heródoto: É um pé de ipê...

Lucélia: Um pé de ipê... continue! Onde está esse pé de ipê? Ele tem flores ou não? Tem outras árvores em volta? Fale mais sobre esse pé de ipê!

Heródoto: Tem flores!

Lucélia: E de que cor são as flores? É ipê amarelo? Ipê roxo? Branco?

Heródoto: Amarelo!

Lucélia: Amarelo! Ele está florido?

Heródoto: Todo florido!

Lucélia: Todo florido! E ele é alto, baixo, é jovem, é velho?

Heródoto: ....Ele está só...

Lucélia: Hum hum... Ele está só... num campo? Numa mata? Num jardim? Onde ele está?

Heródoto: Numa calçada...

Lucélia: Numa calçada...

Heródoto: Em frente a uma casa!

Lucélia: Hum... Em frente a uma casa? Hum hum...

Heródoto: Tem a altura da casa!

Lucélia: Tem a altura da casa. É jovem ou é velho, esse pé de ipê?

Heródoto: (Inaudível) velho não.

Lucélia: Não é velho. E ele está sozinho nesta calçada? É isto?

Heródoto: Hum hum...

Lucélia: Isso quer dizer que não tem ninguém embaixo da sombra dele, nos galhos dele?

Heródoto: É!

Lucélia: É isto o que você está dizendo? Não existem pessoas por perto e nem tampouco outras árvores?

Heródoto: As árvores estão mais distantes!

Lucélia: Mais distantes! Ali na calçada, só ele mesmo?

Heródoto: É!

Lucélia: E tem passarinhos nos galhos?

Heródoto: Não!

Lucélia: Não? Hum... Então é só ele com suas flores?

Heródoto: É!

Lucélia: Hum... E como ele se sente, esse pé de ipê?

Heródoto: Observado!

Lucélia: Observado!! Quem está olhando prá ele?

Heródoto: Algumas pessoas do outro lado da calçada.

Lucélia: Hum... E o que essas pessoas dizem a respeito dele (se é que dizem ou pensam)?

Heródoto: Acho que admiram as flores!

Lucélia: Admiram as flores! Hum hum.... Admiram a beleza das flores! E você? Onde você está em relação ao pé de ipê?

Heródoto: Atrás do pessoal...

Lucélia: Atrás do pessoal...

Heródoto: Olhando-os e olhando o ipê!

Lucélia: Ah! você olha as pessoas e o ipê?

Heródoto: Isso!

Lucélia: Hum... Você tem um ponto de observação mais amplo?

Heródoto: Hum hum...

Lucélia: O que você observa naquelas pessoas? O que você observa no pé de ipê?

Heródoto: Sinto-me privilegiado de ver o momento.

Lucélia: Você se sente privilegiado...

Heródoto: De poder ver aquele ipê num momento... eu acho que raro.

Lucélia: Num momento raro?

Heródoto: É! Ele está todo florido!

Lucélia: Ah sim! Você se sente privilegiado de poder vê-lo neste momento em que ele está todo florido!

Heródoto: É!

Lucélia: É o momento em que ele está florido!? Nem sempre ele está assim!?

Heródoto: É uma vista única!

Lucélia: Uma vista única? Hum hum... Você sabe que pode conversar com o pé de ipê, e ele também pode conversar com você. Você se comunica com ele de alguma forma? Diz alguma coisa a ele?

Heródoto: Eu o vejo, mas não sei se ele me vê!

Lucélia: Ah! Você não sabe se está sendo visto.

Heródoto: Sim! Há pessoas na frente!

Lucélia: Há pessoas na frente? Hum hum... Você tenta se aproximar? Chegar mais perto?

Heródoto: Posso!

Lucélia: Sim! Você pode! Mas você tenta?

Heródoto: Sim!

Lucélia: Hum... E até que ponto você chega?

Heródoto: Eu estou sentado ao lado dele!

Lucélia: Está sentado agora ao lado dele? Hum hum... Bem mais próximo! Como você se sente estando sentado ao lado do pé de ipê?

Heródoto: (Silêncio). Me sinto bem ali ao lado dele.

Lucélia: Você diz a ele alguma coisa? Registra alguma mensagem?

Heródoto: Só contemplo!

Lucélia: Só contempla!?

Heródoto: Olho prá cima!

Lucélia: Olha prá cima... Hum hum.... E se sente bem ali ao lado dele?

Heródoto: Me sinto bem ali!

Lucélia: Você chega a tocar o tronco? Ou somente fica ali ao lado, sentado, olhando prá cima?

Heródoto: É! E com as costas apoiadas nele!

Lucélia: Ah, sim! Com as costas apoiadas no seu tronco? Hum hum...

Heródoto: Isso! E com a cabeça prá cima!

Lucélia: Com a cabeça prá cima. E permanece ali?

Heródoto: Sim!

Lucélia: Ele diz alguma coisa a você?

Heródoto: Ele me olha!

Lucélia: Ele está te olhando?

Heródoto: Em silêncio!

Lucélia: Em silêncio! Hum hum...

Heródoto: Eu me levanto...

Lucélia: Você se levanta e...

Heródoto: Começo a subir no ipê!

Lucélia: Ah! Começa a subir no ipê? Hum hum... Vai subindo pelo seu tronco.

Heródoto: Isso! E sento num galho...

Lucélia: E se senta num galho.

Heródoto: Bem confortável no meio das flores!

Lucélia: Bem confortável no meio das flores...

Heródoto: Acariciando as flores!

Lucélia: Hum hum... E acaricia as flores.

Heródoto: É! Brinco com elas!

Lucélia: Brinca com elas! Acontece mais alguma coisa? Ou termina assim, Heródoto?

Heródoto: Passam pessoas por baixo sem se dar conta.

Lucélia: Ah! Há pessoas passando embaixo pela calçada. E você continua lá?

Heródoto: Continuo lá! (Pausa) Eu me deito no galho.

Lucélia: Agora você se deita no galho. Hum hum... Você está deitado no galho do pé de ipê.

Heródoto: É! Brincando com as flores!

Lucélia: Continua brincando com as flores.

Heródoto: E tentando me proteger do sol...

Lucélia: Tentando se proteger do sol...

Heródoto: Me cobrindo com as flores!

Lucélia: Cobrindo-se com as flores... Hum hum...

Heródoto: (Inaudível) sol forte!

Lucélia: Para se proteger do sol forte! Hum hum... Acontece mais alguma coisa, Heródoto?

Heródoto: Eu estou com os olhos... prá fora da árvore!

Lucélia: Prá fora da árvore?

Heródoto: É! E tento olhar o mundo a partir dali!

Lucélia: E qual é a visão que você tem do mundo a partir dali?

Heródoto: (Inaudível) antes da árvore, eu começo a enxergar mais embaixo... vejo um monte de prédios!

Lucélia: Hum hum... Vê os prédios altos...

Heródoto: De lado, um pequeno rio fazendo zig-zag...

Lucélia: Hum hum... Um pequeno rio fazendo zig-zag...

Heródoto: E que se perde de vista!

Lucélia: ...Até se perder de vista.

Heródoto: Isto! Águas muito (inaudível) ...

Lucélia: Águas claras? É isto?

Heródoto: É! Agora, eu tenho a sensação de que em cima da árvore, eu estou (inaudível) deitado nas nuvens...

Lucélia: Hum... A sensação é de que você está deitado nas nuvens observando o mundo. Dali de cima, deitado naquele galho do pé de ipê!

Heródoto: Isso! Me dá vertigem! [49]

Lucélia: Hum hum... Dá vertigem!

Heródoto: ...Altura!

Lucélia: Altura! Sim!

Heródoto: Aquela nuvem fria que passa...

Lucélia: Hum hum... Aquela nuvem fria passando! E como termina essa cena? Como termina tudo isso, Heródoto?

Heródoto: Termina eu olhando para as flores de novo!

Lucélia: Olhando para as flores. Daquele ponto mesmo (deitado, em cima do galho)?

Heródoto: Isso!

Lucélia: E olhando para as flores?

---

[49] Após o término de todo o trabalho de imaginação ativa, o sujeito fez referência às vertigens sofridas, demonstrando com isso o seu caráter de realidade naquele momento.

Heródoto: Isso!

Lucélia: Você desfoca então a visão de fora do mundo, e volta a olhar para as flores?

Heródoto: Isso! E voltei... recuperei a... uma certa segurança, uma certa tranqüilidade.

Lucélia: Hum hum... E recuperou a sua tranqüilidade, a sua segurança. É isso? Podemos fechar essa janela da sua imaginação?

Heródoto: Pode!

Lucélia: Está bem! Então, procure ir mentalmente se despedindo do seu pé de ipê, deste pé de ipê amarelo que representa o seu Ser masculino...

1.1) Amplificação e interpretação

O sujeito se refere à imagem de um pé de ipê amarelo, sozinho numa calçada defronte a uma casa, como sendo a que para si representa o Ser masculino. A referida árvore está toda florida e tem a altura da casa. Heródoto acrescenta que o ipê não é velho, mas parece não saber precisar exatamente a sua idade. Não há ninguém se abrigando sob sua sombra, nem passarinhos em seus galhos. Há outras árvores, todavia, mais distantes. O ipê está só, com suas flores.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) de uma maneira geral, a árvore, símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascenção para o céu, evoca todo o simbolismo da verticalidade. Além disso, serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Sobretudo, as árvores frondosas evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de folhas todos os anos. A árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. Ela estabelece, assim, uma relação entre o mundo ctoniano e o mundo uraniano. Pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu. Por isso, tem o sentido de centro. Figura axial, ela é naturalmente o caminho ascensional ao longo do qual transitam aqueles que passam do visível ao invisível. É o pilar central que sustenta o templo ou a

casa, na tradição judaico-cristã, e é também a coluna vertebral a sustentar o corpo humano, templo da alma.

O sujeito acrescenta que o pé de ipê sente-se observado, pois algumas pessoas estão olhando para ele do outro lado da calçada, admirando a beleza de suas flores. O próprio Heródoto se encontra um pouco mais além, "atrás do pessoal," de forma que do ponto em que está pode ter uma visão ampla de tudo. Como as demais pessoas, ele também está olhando e admirando o ipê, sentindo-se privilegiado por poder contemplar a árvore naquele momento raro de sua florescência. Heródoto acentua que o ipé "está todo florido... é uma vista única," diz ele.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) a flor é a imagem das virtudes da alma, e o ramalhete que as reúne (as flores do ipê estão dispostas num pequeno ramalhete), a imagem da perfeição espiritual. A flor é também o símbolo do amor e da harmonia que caracterizam a natureza primordial. O simbolismo tântrico-taoísta da Flor de Ouro é também o do atingimento de um estado espiritual: a floração é o resultado de uma alquimia interior, da união da essência e do sopro, da água e do fogo. A flor é idêntica ao "Elixir da vida;" a floração é o retorno ao centro, à unidade, ao estado primordial. Muitas vezes a flor apresenta-se como figura-arquétipo da alma, como centro espiritual. Quando isto ocorre, seu significado se explica conforme suas cores, que revelam a orientação das tendências psíquicas; o amarelo, neste caso revela um simbolismo solar.

O fato das pessoas pararem para admirar a beleza da árvore, inclusive o próprio sujeito, indica que se trata de um grande acontecimento e um acontecimento público, que causa impacto e deslumbramento. A magnificência da floração do ipê (a imagem do próprio "self") sugere um estado de realização espiritual, representado não só pela beleza das flores em si, mas pelo fato da árvore no seu todo estar majestosamente coberta por um 'manto' amarelo, cujo significado está abaixo relacionado. Esta realização plena do Ser, ao mesmo tempo que encanta e fascina, é supostamente almejada pelas pessoas da calçada, particularmente Heródoto.

Intenso, violento, agudo até a estridência, ou amplo e cegante como um fluxo de metal em fusão, o amarelo é a mais quente, a mais expansiva, a mais ardente das

cores, e que extravasa sempre dos limites em que o artista desejou encerrá-la. O amarelo é o veículo da juventude, do vigor, da eternidade divina. É a cor dos deuses: Zoroastro significa astro de ouro brilhante, liberal, astro vivo. Vixenu é aquele que usa vestes amarelas, e o ovo cósmico de Brama brilha como o ouro. A Luz de Ouro se torna, por vezes, um caminho de comunicação nos dois sentidos, um mediador entre os homens e os deuses. Sendo de essência divina, o amarelo-ouro se torna, na terra, o atributo do poder dos príncipes, reis, imperadores, para proclamar a origem divina do seu poder. O amarelo é a cor da eternidade, como o ouro é o metal da eternidade. Um e outro são a base do ritual cristão: o ouro da cruz na casula do padre, o ouro do cibório, o amarelo da vida eterna. É em meio a todos esses ouros e amarelos que os padres católicos conduzem os defuntos para a vida eterna. Todos os psicopompos têm assim, em maior ou menor grau, o amarelo a seu serviço, como é o caso, por exemplo, de Mitra (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Apesar de estar olhando para o pé de ipê, o sujeito diz que ignora se está sendo visto por ele, pois há pessoas interpostas. Inquirido se tenta ou não se aproximar, afirma que pode fazer isto, e logo em seguida já está sentado ao seu lado. Heródoto explicita que se sente bem ali ao lado do pé de ipê, mas não diz nada, apenas o contempla.

Nessa atitude contemplativa, ele olha para cima, e explica que não chega a tocar o tronco com as mãos, pois está com as costas apoiadas nele, e com a cabeça voltada para cima. O ipê olha para ele em silêncio. Em seguida, Heródoto se levanta e começa a escalar a árvore. Finalmente, senta-se num galho "bem confortável" no meio das flores. E acaricia as flores, brinca com elas. Passam pessoas embaixo da árvore sem perceber o que está acontecendo lá em cima.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) relatam que os índios "pueblo" têm em sua cosmologia o grande abeto do mundo subterrâneo, que retoma o simbolismo ascensional da migração das almas ao fornecer a escada por meio da qual os Ancestrais, puderam galgar até a terra do sol (símbolo do poder espiritual). Mas essa árvore central é também necessariamente a árvore da vida, quer seja de folhas perenes como o loureiro, símbolo da imortalidade, quer de folhas caducas (como o ipê), cuja regeneração

periódica exprime o ciclo das mortes e renascimentos, e, portanto, a vida em sua dinâmica: se está carregada de forças sagradas é por ser vertical, é porque cresce, perde suas folhas e torna a recuperá-las, e porque conseqüentemente, se regenera: morre e renasce inúmeras vezes.

Em sua trajetória rumo à espiritualidade e à sutilização do Ser, o sujeito vai se sentindo mais confiante quanto à segurança dos galhos do ipê, de forma que após permanecer um tempo sentado acariciando e brincando com as flores, e observando o trânsito das pessoas lá embaixo, agora mais relaxado, arrisca-se a se deitar no galho, mas de forma que continua brincando com as flores. O contínuo movimento de acariciar e brincar com as flores, ao mesmo tempo que denota uma expressão de afetividade, possibilita ao sujeito ir conhecendo e se familiarizando com as flores, de forma que tornando-se íntimo de sua natureza, possa incorporar sua essência. Em seguida, estando ainda deitado Heródoto tenta se proteger do sol forte (a luz intensa pode ofuscar e cegar quando não se está preparado), cobrindo-se com as flores, que representam a materialização do etéreo, luminoso e transcendente, mas que todavia, mantêm suas raízes no mundo ctoniano.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que em astrologia, o Sol é símbolo de vida, calor, dia, autoridade, sexo masculino, e tudo o que brilha. Mais propriamente, o Sol é a fonte da luz, do calor, da vida. Seus raios representam as influências celestes - ou espirituais - recebidas pela terra. Além de vivificar, o brilho do Sol manifesta as coisas, não só por torná-las perceptíveis, mas por representar a extensão do ponto principal, por medir o espaço. Sob outro aspecto, é verdade que o Sol é também destruidor, o princípio da seca, à qual se opõe a chuva fecundadora. Assim, na China, os sóis excessivos deveriam ser abatidos por meio de flechas. Os ritos para a obtenção de chuva incluem, às vezes - como por exemplo, no Camboja - a morte de um animal solar. A gama de valores representada pelo sol estende-se do superego negativo, que esmaga o ser com proibições, regras ou preconceitos, ao "ideal do ego positivo, imagem superior de si mesmo, cuja grandeza procuramos alcançar" (o que parece se aplicar ao caso de Heródoto). Portanto, o astro do dia situa o ser na sua vida policiada ou sublimada, representa o rosto que a personalidade apresenta nas suas mais elevadas sínteses

psíquicas, no nível das suas maiores exigências e mais elevadas aspirações, da sua mais forte individualização, ou no malogro feito de orgulho ou de delírio de poder.

Em seguida Heródoto gira os olhos para além da árvore, e tenta olhar o mundo a partir dali. A visão que ele tem de um ponto abaixo é a de uma série de prédios, e de outro lado um pequeno rio de águas claras, que se perde de vista fazendo zig-zag. Evidencia-se neste panorama uma coabitação de elementos que representam a zona urbana e a zona rural. Os prédios suscitam as aglomerações, a vida agitada das cidades com seus problemas e peculiariadades, enquanto o rio é um elemento da natureza (muito embora também haja rios nas cidades), que sugere um outro modo de vida, com seus contornos particulares (seus zig-zags), e suas águas claras denotando transparência de intenções e conteúdos. Assim, parece haver uma oposição silenciosa entre elementos urbanos e rurais, apesar de uma coabitação aparentemente pacífica e harmoniosa. O fato do ipê estar situado numa calçada, sugere que supostamente ele esteja deslocado de seu *habitat* natural. Por isso, apesar dele ter estar na exuberância e plenitude de sua manifestação e ser objeto da admiração de outros, está só. Não tem um outro alguém ao seu lado que 'fale sua língua' e com quem possa compartilhar suas ansiedades, alegrias e frustrações.

O simbolismo do rio e do fluir de suas águas é ao mesmo tempo o da possibilidade universal e o da fluidez das formas, o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a corrente da vida e da morte. Seja a descer as montanhas ou a percorrer sinuosas trajetórias (o zig-zag do rio de Heródoto) através dos vales, escoando-se nos lagos ou nos mares, o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e a variedade de seus desvios (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Em seguida o sujeito, que estava confortavelmente deitado num dos galhos da árvore, tem a sensação de estar deitado nas nuvens. Isto é, deitado no regaço da árvore, ele parece ter atingido um profundo estado de relaxamento (tal como se estivesse nas nuvens), de forma que se 'dissolvendo' e se 'misturando' ao pé de ipê em uma situação de entrega, pode integrar-se à sua natureza de uma forma plena e absoluta. Assim, Heródoto não só corrobora como assimila à sua personalidade, todos os

elementos anteriormente citados que o ipê simboliza, e que representam seu ideal do ego. Esta situação é tão nirvânica que chega a ser perigosa, sendo que "a nuvem fria passando..." a que se refere o sujeito, sugere o gélido frio da morte, o que é corroborado pelas vertigens advindas da altura. Na verdade, enquanto sobe na árvore e se aloja em um de seus galhos, Heródoto lida o tempo todo com o perigo de uma queda (não explícito). É o preço que se paga por ousar sair do chão (mundo ctoniano), das viscosidades da matéria bruta e dos seus limites humanos, para se aventurar a explorar as alturas (mundo uraniano), o etéreo transcendente.

O quadro termina com o sujeito ainda deitado no galho do ipê, mas agora voltando os olhos para as flores, e restabelecendo assim a sua segurança e a sua tranqüilidade. Ou seja, o perigo estava na visão do mundo de lá de cima, estava no fato dele tomar consciência da altura e do lugar em que se encontrava, e por avizinhar-se do céu. As flores, tão próximas e palpáveis, lhe devolvem o sentido do mundo concreto e da sua dimensão humana. Alçar vôo para outras dimensões é perigoso e temeroso, e envolve riscos até fatais.

Atente-se para o esquema de aproximações sucessivas em que o sujeito vivenciou o processo imaginativo: inicialmente apenas observa o ipê à distância $\Rightarrow$ depois aproxima-se e senta-se recostado ao seu tronco $\Rightarrow$ começa a subir na árvore $\Rightarrow$ senta-se num galho e brinca com as flores $\Rightarrow$ deita-se no galho e continua brincando com as flores $\Rightarrow$ tenta se proteger do sol cobrindo-se com as flores $\Rightarrow$ busca uma visão do mundo de lá de cima $\Rightarrow$ passa uma nuvem fria, sente vertigens $\Rightarrow$ retorna a vista e reassume o contato com as flores, que lhe devolvem a segurança.

Este parece ser o sentido da evolução para o sujeito, a trajetória indicada no processo de individuação, intermediado pelo pé de ipê amarelo, cuja tonalidade viva e brilhante lembra o ouro, metal que traduz a condição de pureza dos elementos, finalidade última das operações alquímicas. Por sua vez, o 'ouro' das flores do ipê possibilita ao sujeito vislumbrar e acessar as dimensões do "self," num momento raro e único de florescência.

Este elemento em que se constitui o Ser masculino para o sujeito - o pé de ipê amarelo, sua figura de identificação - corresponde ao veículo que o conduz à transcendência, e aos reflexos dourados do mundo uraniano.

2) Figura feminina

Logo após ter sido proferida a consigna, desta vez solicitando a imagem do Ser feminino, Heródoto assim se manifesta:

Heródoto: É da natureza...

Lucélia: É da natureza? Mas que figura é?

Heródoto: Parece um bosque!

Lucélia: Um bosque?

Heródoto: Com várias árvores...

Lucélia: Com várias árvores?

Heródoto: Compridas!

Lucélia: Hum... Altas?

Heródoto: Altas! Num lugar silencioso! Calmo!

Lucélia: Então, se eu entendi, o seu Ser feminino é a própria natureza? É esse bosque com essas árvores? É isso o que você está dizendo?

Heródoto: É!

Lucélia: Hum... Um lugar calmo...

Heródoto: Com muitas árvores próximas!

Lucélia: Muitas árvores? Umas próximas das outras?

Heródoto: Compridas! Longas!

Lucélia: Longas... altas... compridas... Hum hum...

Heródoto: Ali a luminosidade não é tão forte!

Lucélia: Ah, sim! A luminosidade não é tão forte.

Heródoto: Não!

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: Um cheiro forte de natureza...

Lucélia: Um cheiro forte de natureza!

Heródoto: É! De plantas e flores!

Lucélia: Plantas e flores! Existe alguma coisa, alguma figura que se destaca nesse cenário?

Heródoto: Uma fonte! Quer dizer, um chafariz, um pequeno chafariz.

Lucélia: Um pequeno chafariz...

Heródoto: No meio...

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: Cercado por flores!

Lucélia: Cercado por flores! Um pequeno chafariz, uma fonte, cercada por flores...

Heródoto: A água sai sem muita pressão!

Lucélia: Hum hum... A água sai sem muita pressão. Ela flui naturalmente.

Heródoto: É! Desce...

Lucélia: Desce...?

Heródoto: Por uma pequena canaleta!

Lucélia: Por uma canaleta, uma pequena canaleta...

Heródoto: E ela se esparrama pela grama!

Lucélia: Ah! Até um ponto onde ela se espalha pela grama.

Heródoto: Isso!

Lucélia: Hum hum... Ela continua se espalhando?

Heródoto: Sim!

Lucélia: E você? Onde você está?

Heródoto: Estou encostado no muro que cerca este bosque.

Lucélia: Ah! No muro que cerca este bosque! Hum hum... Do lado de dentro ou do lado de fora?

Heródoto: Do lado de dentro!

Lucélia: E o que você está fazendo aí?

Heródoto: Respirando...

Lucélia: Respirando!

Heródoto: ...aquele ar!

Lucélia: Hum hum.... Respirando aquele ar!

Heródoto: Observando...

Lucélia: Observando...

Heródoto: ...aquelas árvores!

Lucélia: Observando as árvores...

Heródoto: É um lugar silencioso...

Lucélia: Um lugar silencioso...

Heródoto: Onde eu me encontro... (inaudível).

Lucélia: "Onde eu me encontro...?"

Heródoto: Só!

Lucélia: Só? Você está só?

Heródoto: Não há movimento aparente de outras pessoas!

Lucélia: Ah, sim! Não há movimento de outras pessoas. Só você e a natureza!

Heródoto: Hum hum... E aquelas árvores imensas!

Lucélia: Hum hum... As árvores imensas, e também a fonte, o chafariz...

Heródoto: A fonte fica mais longe! (Inaudível)

Lucélia: Hum hum... Cores das flores! Como são essas cores?

Heródoto: Muito coloridas!

Lucélia: Muito coloridas! Hum hum...

Heródoto: Laranja!

Lucélia: Como?

Heródoto: Tem flores cor-de-laranja...

Lucélia: Flores cor-de-laranja...

Heródoto: Vermelhas...

Lucélia: Vermelhas...

Heródoto: Amarelas...

Lucélia: Amarelas... Cores muito vivas!

Heródoto: Chama a atenção!

Lucélia: Chama a atenção. São as flores que cercam o chafariz? É isto?

Heródoto: É!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa, Heródoto?

Heródoto: Eu vejo um portão...

Lucélia: Um portão? Continue!

Heródoto: Fechado...

Lucélia: Hum... Um portão fechado.

Heródoto: É!

Lucélia: Você vai até ele?

Heródoto: Não! Fico observando!

Lucélia: Fica observando?

Heródoto: ...Um muro... de tijolo!

Lucélia: Um muro de tijolo...

Heródoto: Úmido...

Lucélia: Úmido...

Heródoto: É! Alto!

Lucélia: Alto!

Heródoto: É! Tem grades....

Lucélia: Hum hum... Perfeito!

Heródoto: De um lado...

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: E de outro...

Lucélia: Ah, sim! Dá para perceber o que existe para além dessas grades, do outro lado. De um lado é o muro, do outro lado são essas grades.

Heródoto: E eu estou sentado de costas para o muro!

Lucélia: Você está sentado de costas para o muro.

Heródoto: Sinto um pouco... da umidade desse... que há. Ele é um pouco frio!

Lucélia: Hum hum... Ele é um pouco frio.

Heródoto: Eu estou olhando prá frente, lá longe...

Lucélia: Você está olhando prá frente, e lá longe.

Heródoto: Olhando as árvores, os troncos...

Lucélia: Por entre as árvores...

Heródoto: Eu vejo uma cerca de ferro...

Lucélia: Hum hum... Uma cerca de ferro!

Heródoto: Como um grande portão! Uma grande cerca!

Lucélia: Uma grande cerca!

Heródoto: De ferro! De grade, que dá acesso a quem passa lá!

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: Passam pessoas pela calçada!

Lucélia: Lá fora? Na calçada, passam pessoas?

Heródoto: É! Rapidamente!

Lucélia: Rapidamente! E não notam as árvores nem a própria fonte?

Heródoto: Não!

Lucélia: E você continua sentado encostado no muro?

Heródoto: Continuo!

Lucélia: E o que você sente de onde está? Observando esta paisagem, sentindo este cheiro de natureza, respirando este ar... O que você sente?

Heródoto: Só!

Lucélia: Você se sente só?

Heródoto: Sinto...

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: Naquele ambiente!

Lucélia: Você se sente só naquele ambiente...

Heródoto: Com pouca claridade do sol!

Lucélia: Com pouca luz do sol? Com pouca claridade? Hum hum...

Heródoto: Me deito... na grama... e olho prá cima!

Lucélia: Você se deita na grama e olha prá cima.

Heródoto: Vejo as folhas se balançarem!

Lucélia: As flores se balançarem?

Heródoto: As folhas!

Lucélia: Ah! As folhas! As folhas das árvores! Se balançarem lá em cima...

Heródoto: Bem devagar...

Lucélia: Bem devagar...

Heródoto: Lentamente!

Lucélia: Lentamente! Acontece mais alguma coisa?

Heródoto: (Inaudível) formigas!

Lucélia: Existe na grama um pequeno caminho de formigas?

Heródoto: É! Aquelas listradinhas!

Lucélia: Hum... Formigas listradas...

Heródoto: É! Elas caminham numa única direção.

Lucélia: E em que direção elas caminham?

Heródoto: Caminham para a fonte!

Lucélia: Na direção da fonte!! (Ênfase) Hum... Elas vão na direção da fonte. Continue!

Heródoto: (Inaudível)

Lucélia: O caminho por onde elas passam é bem feito.

Heródoto: Bem feito!

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: Parece uma terra batida, assim! É limpo!

Lucélia: É limpo! Parece terra batida. Hum hum... (Pausa) Você diz alguma coisa para as formigas?

Heródoto: Não!

Lucélia: Hum... Elas notam a sua presença?

Heródoto: Não!

Lucélia: Também não? E como termina tudo isso?

Heródoto: Eu me levanto...

Lucélia: Você se levanta...

Heródoto: Me dirijo ao portão!

Lucélia: Ah! Você se dirige ao portão! Aquele que dá acesso ao mundo lá fora?

Heródoto: É! Está fechado!

Lucélia: Hum hum... Está fechado! E então?

Heródoto: Eu saio pela lateral do portão!

Lucélia: Você sai pela lateral? Hum...

Heródoto: Do lado! E subo aquela parte de grade... vou escalando...

Lucélia: Vai escalando a grade...

Heródoto: E desço do lado da rua.

Lucélia: Desce do lado da rua. Hum hum...

Heródoto: Desço na calçada...

Lucélia: Agora, já está na calçada.

Heródoto: É! Atravesso a rua!

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: E sigo a rua que surge de frente àquele portão!

Lucélia: Ah, sim! Segue a rua que fica defronte ao portão?

Heródoto: Que nasce em frente ao portão e segue em frente a ele!

Lucélia: Hum hum... E você vai embora? É isso?

Heródoto: É! Mas olho prá trás!

Lucélia: E diz alguma coisa para aquela natureza, aquele bosque que você deixou prá trás? Se despede com palavras ou só com o olhar?

Heródoto: Com o olhar!

Lucélia: Com o olhar!! E qual é o seu sentimento no momento em que você olha para tudo aquilo e se despede?

Heródoto: Que ele está indo comigo!

Lucélia: Como?

Heródoto: Que tudo aquilo vai comigo!

Lucélia: Ah! Tudo aquilo vai com você! "Tudo aquilo vai comigo!" É o que você pensa. Podemos fechar essa janela da sua imaginação?

Heródoto: Hum hum...

Lucélia: Está bem! Então imagine que este bosque, esta natureza com suas árvores compridas, a fonte, as formigas, o portão, tudo isso vai ficando cada vez menor, enquanto você vai se afastando, indo embora...

2.1) Amplificação e interpretação:

Heródoto afirma que o Ser feminino para si "é da natureza" (um elemento desta), pois trata-se de um bosque com várias árvores compridas, altas. O local é calmo e silencioso, com muitas árvores próximas umas das outras. Heródoto acentua que as árvores são compridas, longas (a diferença com o ipê amarelo, a árvore específica que representava o Ser masculino para o sujeito, parece se destacar na altura das árvores). Neste caso aplica-se a mesma simbologia apontada anteriormente referente ao ipê, acentuando o caráter da verticalidade, isto é, um movimento de ascensão e de subida em direção ao céu. Vale acrescentar que segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) sexualmente, o simbolismo da árvore é ambivalente (a própria altura da árvore a que se refere o sujeito sugere mais um caráter masculino que feminino). Algumas vezes a árvore é considerada como macho e, outras vezes, como fêmea: entre os "tchuvaches," a tília é usada para fazer postes funerários para o ofício das mulheres mortas, o carvalho, para o ofício dos homens mortos. Ou então, pode ocorrer que as duas polaridades se adicionem, o que levou Jung a uma interpretação do símbolo em termos de androginia, ou melhor, de hermafroditismo. Essa ambivalência do simbolismo da árvore, a um só tempo falo e matriz, manifesta-se ainda com maior clareza na "árvore dupla," que simboliza o processo de individuação no decurso do qual os contrários se unem.

O sujeito especifica que entre tais árvores a luminosidade já não é tão forte como o era no caso do ipê (pois neste caso imperava a luminosidade solar

masculina), e acrescenta sentir "um cheiro forte de natureza," cheiro de plantas e flores (a penumbra e tais odores supostamente atributos de feminilidade, podendo ser este último relacionado com o odor característico do órgão genital feminino). Heródoto ressalta que há uma figura que se destaca neste cenário: uma fonte, na verdade, um pequeno chafariz, no centro do bosque, cercado por flores. Estas flores se destacam por uma tonalidade muito viva de cores: alaranjado, amarelo, vermelho. "São muito coloridas! Chama a atenção!" diz ele. O escoamento da água se dá através de uma pequena canaleta, sem muita pressão, e se esparrama pelo gramado, sugerindo a idéia de abundância, fertilidade e tendência à expansão.

De imediato, a fonte (supostamente de formato circular) cercada por flores coloridas no centro do bosque sugere a imagem de uma mandala, uma representação arquetípica. JUNG (1991) afirma que a mandala consiste em uma forma básica, relativamente simples e cujo significado pode ser considerado como "central." Símbolo do si-mesmo ("self"), a mandala expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo-se a relação entre o homem e o conjunto da natureza. Todavia, embora esta apareça como a estrutura de um centro, contudo, não se tem ainda certeza se o que é mais acentuado no interior dessa estrutura é o centro ou a periferia (no caso de Heródoto, a própria fonte ou as flores que a circundam, as quais atraem muito a atenção), a divisão ou a indivisibilidade.

Uma outra interpretação que pode ser feita seria considerar-se a pequena canaleta pela qual se escoa a água como um correlato da vagina, enquanto a fonte pode ser associada ao próprio útero, sendo o conjunto uma imagem dos órgãos reprodutores femininos. Esta idéia é corroborada pelas considerações abaixo, que têm na fonte um símbolo da maternidade.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que o simbolismo da fonte de água pura é expresso principalmente pelo manancial que brota no meio de um jardim, ao pé da "Árvore da Vida," no centro do Paraíso terrestre, e que depois se divide em quatro rios, suas águas correndo para as quatro direções do espaço. Essa é segundo as diversas terminologias a fonte da vida ou da imortalidade, ou da juventude, ou ainda, a fonte do ensinamento. No constante dizer da tradição, a fonte da juventude nasce ao pé

de uma árvore. Uma outra leitura é que em virtude de suas águas sempre cambiantes, a fonte simboliza, não a imortalidade, mas sim um perpétuo rejuvenescimento.

A sacralização das fontes é universal, pelo fato de constituírem a boca da água viva ou da água virgem. Através delas se dá a primeira manifestação, no plano das realidades humanas, da matéria cósmica fundamental, sem a qual não seria possível assegurar a fecundação e o crescimento das espécies. A água viva que delas corre é, como a chuva, o sangue divino, o *sêmen* do céu. É um símbolo da maternidade. Por isso, são freqüentemente protegidas por tabus: para os descendentes dos "maia-quichés," na América Central, é proibido pescar nas fontes ou podar as árvores à sua volta.

Na Bíblia, os poços no deserto, as fontes que se oferecem aos nômades são outros tantos lugares de alegria e encantamento. Junto das fontes e dos poços operam-se os encontros essenciais. Como lugares sagrados, os pontos de água têm papel incomparável. Perto deles nasce o amor e os casamentos principiam. A marcha dos hebreus e a caminhada de todo homem na sua peregrinação terrena estão intimamente ligadas ao contato exterior ou interior com a água. Esta se torna, então, um centro de paz e de luz, um oásis. Vale salientar ainda que a Palestina é uma terra de torrentes e fontes. Jerusalém é regada pelas águas tranqüilas de Siloé. Os rios são agentes de fertilização de origem divina, as chuvas e o orvalho trazem consigo a fecundidade e manifestam a benevolência divina. Sem água, o nômade seria imediatamente condenado à morte e crestrado pelo sol da Palestina. Assim, a água que ele encontra no caminho é comparável ao mana celeste: 'desalterando-o,' ela o alimenta. Todo o Antigo Testamento celebra a magnificência da água.

Quanto às cores das flores que circundam a fonte - o alaranjado, o vermelho e o amarelo - o alaranjado a meio caminho entre o amarelo e o vermelho, é a mais actínica das cores. Entre o ouro celeste e o vermelho ctônico, esta cor simboliza antes de tudo o ponto de equilíbrio entre o espírito e a libido. A pedra de jacinto, de cor alaranjada, era considerada como um símbolo de fidelidade. Constituía o emblema de uma das doze tribos de Israel sobre o peitoral do Grande Sacerdote de Jerusalém; voltamos a encontrá-la sobre a coroa dos Reis da Inglaterra, onde simboliza a temperança e a sobriedade do rei. Passada no fogo, esta pedra se descolore, o que explica que se

tenha visto nela a expressão da fé constante que triunfa sobre o ardor das paixões e as apaga. Mas o equilíbrio entre o espírito e a libido é algo tão difícil que o alaranjado se torna também a cor simbólica da infidelidade e da luxúria. Esse equilíbrio, segundo tradições que remontam à Terra-Mãe, era buscado na orgia ritual, que devia conduzir à revelação e à sublimação iniciatórias (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

O sujeito acrescenta que o bosque é cercado por um muro alto de tijolos. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) a muralha ou muro é tradicionalmente a cinta protetora que encerra um mundo e evita que nele penetrem influências nefastas de origem inferior. Ela tem o inconveniente de limitar o domínio que encerra, mas a vantagem de assegurar sua defesa, deixando, além disso, o caminho aberto à recepção de influências celestes. A significação mais fundamental do muro talvez fosse a idéia de separação: "Separação entre Deus e a criatura; entre o soberano e o povo; separação entre os outros e eu" (p. 626). O muro é a comunicação cortada, com a sua dupla incidência psicológica: segurança, sufocação; defesa, mas prisão. Ele se aproxima ainda do simbolismo do elemento feminino e passivo da matriz. Acrescente-se que no Egito, é na altura da muralha (lembre-se que é alto o muro a que se refere o sujeito) que se apóia seu valor simbólico: ela significa uma elevação acima do nível comum, e está ligada ao simbolismo do vertical mais do que ao horizontal.

Sentado, recostado na parte interna do muro, o sujeito sente que o mesmo é um pouco frio e úmido. Mas ele continua respirando "aquele ar..." (o ar ambiente) e observando as árvores. Heródoto reitera que o lugar é silencioso e que ele está só, ali (assim como no quadro do ipê). Não há movimento aparente de outras pessoas. É só ele juntamente com aquelas árvores imensas, especifica. O silêncio é considerado por CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) um prelúdio de abertura à revelação; ele abre uma passagem, e dá às coisas grandeza e majestade; segundo as regras monásticas "é uma grande cerimônia" (p. 834), ressaltam os autores.

Observe-se que pelas condições peculiares do local, referidas de forma iterativa pelo sujeito: um lugar calmo, silencioso, habitado por árvores imensas, protegido e delimitado por um muro, com uma atmosfera que suscita o sacrossanto (supostamente da esfera do numinoso), ele parece estar tratando de um "temenos."

FRANZ (1990) relata que na Grécia, um "temenos" era simplesmente um pequeno local sagrado num bosque, ou numa montanha no qual a pessoa não pode entrar sem que tome certas precauções, um local onde as pessoas não podem ser mortas. Se alguém que está sendo perseguido refugia-se num "temenos," ela não pode ser nem capturada, nem morta, enquanto estiver lá. Um "temenos" é um asilo, e dentro dele a pessoa é um "asulos" (inviolável). Como um lugar do culto divino, ele significa o território que pertence a Deus. Tal local tem um função dupla: de proteção e de concentração para o que está dentro e exclusão do que está fora. A palavra "temenos" vem de "temno:" cortar. Indica cortar o aspecto sem significado e profano da vida, "uma parte cortada fora, isolada para proprósitos especiais" (FRANZ, 1990, p. 87). O fato de não haver ninguém presente no bosque a não ser o próprio sujeito, sugere que se trata de um "temenos" particular, interior, uma condição de sua própria alma.

Heródoto explica que a fonte fica mais afastada do local em que se encontra. Do ponto em que está pode visualizar um portão: "Um grande portão... uma grande cerca," diz ele. De um lado ele vê o muro, de outro lado são as grades do portão. Olhando para a frente, estão as árvores, os troncos das árvores, por onde ele pode ver uma cerca de ferro; é como se o portão fosse uma grande cerca, uma grade de ferro que dá acesso e torna visíveis aqueles que passam do lado de fora. A permeabilidade do portão estabelece e torna possível um certo tipo de comunicação (ou de observação) com o mundo lá fora. Heródoto pode ver que passam pessoas rapidamente pela calçada, todavia elas não observam o interior do bosque.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) a porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério, mas ela tem também um valor dinâmico, psicológico, pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além. A passagem à qual ela convida é, na maioria das vezes, na acepção simbólica, do domínio profano ao domínio sagrado (o bosque supostamente seria um território de domínio sagrado). Assim são os portais das catedrais, os "torana" hindus, as portas dos templos ou das cidades Khmers, os "torii" japoneses. Nas tradições judaico-cristãs, a importância da

porta é imensa, porquanto é ela que dá acesso à revelação; sobre ela vêem se refletir as harmonias do universo. As portas do Antigo Testamento e do Apocalipse, ou seja, o Cristo em sua majestade e o último Julgamento, acolhem o peregrino e os fiéis. A porta tem também uma significação escatológica. Como local de passagem, e, particularmente, de chegada, torna-se naturalmente o símbolo da iminência e da possibilidade de acesso a uma realidade superior (ou, inversamente, da efusão de dons celestes sobre a terra). A porta evoca também uma idéia de transcendência, acessível ou proibida, dependendo de se a porta estiver aberta ou fechada, se tiver sido transposta ou simplesmente vista.

O simbolismo do ferro - o metal de que é composto o portão - é ambivalente, tal como o das artes metalúrgicas: o ferro protege contra as más influências, e é também o instrumento destas mesmas influências; é o agente do princípio ativo que modifica a substância inerte, embora seja igualmente o instrumento satânico da guerra e da morte. De uma maneira geral os metais têm a propriedade de passar por transformações cujo objetivo, na alquimia, é a extração do enxofre. A fusão dos metais é comparável a uma morte, o enxofre extraído representa sua virtude, isto é, o núcleo, ou o espírito do metal. O aspecto impuro dos metais, signo da solidificação cíclica, é determinante da sua proibição dentro dos altares hebreus e da proibição dos utensílios metálicos na construção do templo de Salomão. Essa proibição visa, acima de tudo o ferro, pois como indica a doutrina dos quatro "Yuga" (as idades de ouro, de prata, de bronze, de ferro), existe uma hierarquia descendente dos símbolos metálicos em relação com a solidificação, o endurecimento progressivo das idades do mundo (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Enquanto símbolos de energia, os metais foram associados à libido no simbolismo de Jung. Seu caráter subterrâneo os aparenta com os desejos sexuais. Sublimar estes últimos é operar uma transformação de vil metal em ouro puro, seguindo os princípios da alquimia. Trata-se de se liberar das servidões carnais como dos influxos planetários e metálicos nocivos. A via da individualização é comparável à das transmutações. A sublimação ou a espiritualização, como a Grande Obra dos alquimistas, passa pelo fogo, pela destruição, pela restauração a um nível superior. De acordo com

uma outra tendência, trata-se não apenas de se liberar dos influxos metálicos e planetários, mas de os integrar em uma existência totalmente equilibrada.

Por sua vez, o tijolo, o elemento de que é feito o muro, simboliza a passagem da humanidade à vida sedentária e a origem da urbanização: casa, cidade, templo. É o símbolo do homem preso à sua casa, sua terra e sua família, procurando organizar-se em aldeias ou cidades, com seus recintos de culto. "O tijolo traz ao homem a segurança da moradia, da cultura, da sociedade, da proteção divina; embora lhe traga também o limite, pois o tijolo significa a regra, a medida, a uniformidade. Será o início da sociedade fechada, em contraposição à sociedade aberta ou nômade" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996, p. 885). Poder-se-ia acrescentar que um muro feito de tijolo lembra também o barro e a argila, a matéria-prima de que proveio, elementos da natureza, entre tantos outros presentes naquele ambiente. Evidencia-se assim, sua rusticidade própria e seu caráter manufaturado.

Heródoto continua sentado recostado ao muro, observando as árvores, e reitera que se sente só naquele ambiente com pouca claridade, com pouca luz do sol. Em seguida ele se deita na grama e olha para cima. Vê as folhas das árvores se balançarem acima dele bem devagar, lentamente. Poder-se-ia dizer que o caminho para o processo de individuação, que é intermediado pela *anima* - a natureza, as árvores com sua pouca luminosidade - é lento, e se processa passo a passo, mas sobretudo, ele parece ser feito em solidão, pois o sujeito está sempre sozinho. Subitamente, ele observa um pequeno caminho de formigas listradinhas. Elas caminham numa única direção; seguem a direção da fonte (supostamente a direção a ser seguida pelo sujeito no processo de individuação). O caminho por onde elas passam é bem feito, e assemelha-se a terra batida (um caminho que já está aberto); "é limpo!", diz ele. As formigas, contudo, não notam a presença de Heródoto.

Já tornou-se conhecimento de senso comum que a formiga é um símbolo de atividade industriosa, de vida organizada em sociedade, de previdência (por isso, o caminho bem feito, de terra batida, limpo). CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) acrescentam que a formiga tem importante papel na organização do mundo segundo o pensamento cosmogônico dos "dogons" e bambaras do Mali. Nas origens, quando da

primeira hierogamia céu-terra, o sexo da terra era um formigueiro. Na última etapa da criação do mundo, esse formigueiro tornou-se uma boca, de que saíram o verbo e seu suporte material, a técnica da tecelagem que as formigas transmitiram aos homens. Os ritos de fecundidade permaneceram associados à formiga: as mulheres estéreis vão sentar-se em cima de um formigueiro para pedir ao deus supremo, Amma, que as faça fecundas. A associação formigueiro-sexo feminino acarreta uma série de aplicações práticas: os bambaras acreditam que as formigas ditas "indiginew" estejam em ligação com a água invisível do subsolo. Também, quando se quer perfurar um poço, não se poderia escolher melhor lugar que o de um formigueiro. A terra desse formigueiro, utilizada ritualmente por determinadas sociedades iniciáticas, em relação com o abdomem e as funções digestivas do homem, simboliza a energia circulando nas entranhas da terra, prestes a manifestar-se sob a forma de fonte ou nascente.

Em seguida Heródoto se levanta e se dirige ao portão. Ele está fechado, o que significa que não há livre trânsito entre os dois mundos (o sagrado e o profano), visto que a circulação está interceptada pelo caminho oficial (padrão), o que obriga o sujeito a buscar uma saída alternativa - caminhos laterais - para transpor para o outro lado. Assim, ele escala o portão subindo pelas grades, e vai descendo até alcançar a calçada, atravessa a rua, e segue a rua que surge defronte ao portão (nasce em frente a ele e segue perpendicularmente). O sujeito vai embora, de volta ao mundo profano, mas olha para trás, despedindo-se com o olhar. Seu sentimento é o de que "tudo aquilo vai com ele," ou seja, este bosque sagrado e tudo o que ele contém, Heródoto levará consigo tal como uma jóia preciosa, uma genuína experiência de totalidade - o consciente e o inconsciente unidos - que é dotada de um potencial para a transformação, pois contém a chave para a individualidade. JUNG (1985) afirma que o significado de "totalidade" é tornar sagrado ou curar. Em suas palavras:

> "A descida à profundidade trará a cura. É o caminho para o encontro pleno, para o tesouro que a humanidade sempre buscou sofrendo, e que se esconde num lugar guardado por um perigo terrível. É o lugar da inconsciência primordial, e ao mesmo tempo de cura e redenção, pois contém a jóia da inteireza. É a caverna onde mora o dragão do caos, e também

a cidade indestrutível, o círculo mágico ou 'temenos,' o recinto sagrado onde todos os fragmentos separados da personalidade se encontram" (p. 114).

Observa-se que neste quadro o feminino está diluído e representado em vários elementos: as árvores compridas (apesar do sujeito afirmar de que se trata de um elemento feminino, o comprimento avantajado das árvores sugere, todavia, atributos de masculinidade, pressupondo em última instância a androginia e o hermafroditismo anteriormente referidos), a fonte, a penumbra do ambiente, a umidade e o frio do muro.

Todavia, as formigas, como verdadeiros psicopompos - figuras tidas como 'guias da alma,' e mediadoras no processo de transição do ego ao inconsciente - indicam sabiamente o caminho da fonte para atingir a meta da feminilidade transmutada. Em outras palavras, simbolicamente indicam de forma clara e bem definida os passos e os meandros que delineiam o processo de individuação, o qual por sua vez conduzirá ao self, perfazendo em última instância o eixo ego-"self." Isto parece resolver o conflito com as pulsões sexuais despertadas por este mesmo feminino, mas que tem sua representação mais contundente nas fortes cores das paixões (o vermelho) e que também está presente nas energias telúricas do ferro. O profano e o sagrado, se não for possível fundir-se e chegar a uma nova síntese, poderiam encontrar uma coexistência harmoniosa, o que está expresso pela presença pacificadora do alaranjado, e pela saída alternativa que o sujeito encontrou para sair do bosque (ele escalou o portão para acessar o mundo lá fora - o profano).

Finalmente, vale ressaltar que os motivos simbólicos de que se valeu o sujeito inconscientemente para expressar seus conteúdos psíquicos, abundantes e ricos, estão plenos de representações arquetípicas, sabiamente interligadas e relacionadas: por exemplo, não é por acaso que as formigas se dirigem para a fonte, ou que esta última está próxima das árvores. Cada detalhe tem o seu sentido e a sua lógica e se coaduna perfeitamente à composição do todo.

3) Encontro das figuras masculina e feminina

Logo após ter sido proposta a situação de encontro entre as imagens que representam o Ser masculino (o pé de ipê amarelo) e o Ser feminino (o bosque com as árvores altas, a fonte e as formigas), o sujeito assim se expressa:

Heródoto: Cada um tem uma sensação diferente!

Lucélia: Cada um tem uma sensação diferente? Como é isso? Qual é a sensação de cada um?

Heródoto: O ipê estava só...

Lucélia: Hum... O ipê estava só?

Heródoto: É! E ao mesmo tempo tinha... aquele sol!

Lucélia: Hum... E agora? Existe sol ou existe sombra?

Heródoto: É... o ipê fica meio... um pouco num mundo meio estranho!

Lucélia: Ele se vê num mundo estranho?

Heródoto: Porque...

Lucélia: Onde ele está exatamente?

Heródoto: Ele está junto às árvores!

Lucélia: Aquelas árvores?

Heródoto: Aquelas árvores do bosque!

Lucélia: Sim! As árvores do bosque.

Heródoto: Mas que a luz não chega até ele!

Lucélia: Ah! A luz não chega até ele!

Heródoto: Não! Porque... tinha muito mais luz quando ele estava só! (Inaudível)

Lucélia: As árvores como são maiores, elas ofuscam a luz. Elas impedem que toda aquela luz chegue até o ipê.

Heródoto: É! Mas ele gosta daquele cheiro, que lá de onde ele estava não tinha!

Lucélia: Não tinha! Hum... Então, se por um lado ele perdeu a luminosidade, por outro lado ele ganhou um cheiro diferente, que lá onde ele estava não havia?

Heródoto: É! Ganhou a companhia!

Lucélia: Ganhou a companhia! De quem é esta companhia?

Heródoto: Companhia das árvores! Daqueles que pertencem ao seu mundo!

Lucélia: Companhia das árvores... que também pertencem ao seu mundo. É isso?

Heródoto: É!

Lucélia: Sim!

Heródoto: Da natureza!

Lucélia: Da natureza? Ele também faz parte dessa natureza!

Heródoto: Não está só!

Lucélia: Não está mais só? Hum hum...

Heródoto: (Inaudível) Aquelas árvores altas, elas não tinham flores!

Lucélia: Não tinham? Sim! Lá no bosque não tinha!

Heródoto: (Inaudível) Interessante! Achei o mundo mais bonito com aquela árvore dali!

Lucélia: Ah! Veio acrescentar também para as árvores? O ipê veio trazer flores para as árvores porque elas não têm flores, elas só têm folhas?

Heródoto: É! O ipê deu as flores prá elas! O ipê daquela casa!

Lucélia: Hum...

Heródoto: ...da qual... (inaudível)

Lucélia: Ele não tinha casa?

Heródoto: O ipê estava sozinho, isolado!

Lucélia: Ah! Ele estava sozinho e isolado. Não tinha casa, e com isso, estando ali com as árvores, ele ganhou uma casa?

Heródoto: Ganhou uma família!

Lucélia: Ganhou uma família! Quem é essa família do ipê?

Heródoto: As árvores...

Lucélia: As árvores...

Heródoto: As flores...

Lucélia: As flores...

Heródoto: ... que eram não das árvores, mas daquelas flores que estavam na fonte.

Lucélia: Hum hum... Flores em volta da fonte? Não é?

Heródoto: Isso!

Lucélia: Eles se complementaram! É isso o que você está dizendo?

Heródoto: É!

Lucélia: Eles se completaram. Um enriqueceu a vida do outro. O ipê, que era só, ganhou uma família. Em contrapartida, as árvores ganharam flores.

Heródoto: É!

Lucélia: Hum hum... Onde você está aí?

Heródoto: (Inaudível)

Lucélia: Está num pé... numa destas árvores...

Heródoto: Em pé! (Interrompendo)

Lucélia: Ah! Em pé, perto da fonte?

Heródoto: ...que fica embaixo, olhando o ipê lá em cima!

Lucélia: Hum... Você está de pé próximo à fonte, olhando o ipê? Seria isso?

Heródoto: Isso!

Lucélia: Hum... Que por sua vez está próximo das árvores? Junto das árvores?

Heródoto: Isso! O ipê está mais elevado, mais em cima.

Lucélia: O ipê está mais elevado. Hum hum...

Heródoto: E na fonte, eu sinto os raios de sol que... que... (inaudível) perto da fonte!

Lucélia: Você sente os raios de sol chegarem até você. Você sente o calor dos raios de sol porque você está perto da fonte.

Heródoto: Isso!

Lucélia: Hum hum... E ali não existem árvores.

Heródoto: As árvores a circundam.

Lucélia: Hum hum... Como você se sente ali naquele ambiente?

Heródoto: Me sinto bem! Me sinto todo ali!

Lucélia: Você se sente todo ali! (Ênfase) Inteiro ali!

Heródoto: Ali!

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: Olhando as árvores e o ipê!

Lucélia: Olhando as árvores e o ipê. E vocês conversam entre si? Se comunicam de outra forma que não seja o olhar?

Heródoto: Não! É silencioso!

Lucélia: Aqui também é silencioso. Hum... Você por sua parte se mantém em silêncio.

Heródoto: Sim!

Lucélia: Acontece mais alguma coisa, Heródoto?

Heródoto: (Inaudível)

Lucélia: ...Sobe...?

Heródoto: ...até a árvore!

Lucélia: Você sobe numa das árv...

Heródoto: Até o ipê!

Lucélia: Hum?

Heródoto: Vou até o ipê!

Lucélia: Ah! Até o ipê. Hum...

Heródoto: Eu subo!

Lucélia: Sobe novamente? Você sobe no pé de ipê?

Heródoto: É! Pego aquele galho! Sento naquele galho!

Lucélia: É aquele mesmo galho que você se sentou da outra vez? Que você se deitou?

Heródoto: Hum hum...

Lucélia: Sim...

Heródoto: Faço o mesmo que eu estava fazendo quando deitado na grama. Olhando prá cima, as árvores! Talvez... parece até aqueles coqueiros, mas cujas folhas parece que se constituem a... Seria como um telhado da casa! Um telhado!

Lucélia: Hum... Parece um telhado?

Heródoto: É! Eu fico assim, olhando! Deitado no ipê, olhando aquelas... aquelas... (inaudível)

Lucélia: ...Deitado no ipê, olhando os galhos e as folhas das outras árvores. É isso?

Heródoto: Das outras... das árvores, cujas folhas estão bem acima de mim!

Lucélia: Hum... elas estão acima. Elas são muito altas, não é?

Heródoto: É! E eu as fico olhando, procurando por entre as folhas brechas que me possam permitir olhar para o azul do céu!

Lucélia: Olhar para o azul do céu...

Heródoto: É! Mas como as folhas estão junto, então no movimento do vento algumas folhas se movem, e permitem olhar para o céu!

Lucélia: Olhar para o azul do céu! O movimento do vento permite isto.

Heródoto: Isso! E muda as folhas de lugar.

Lucélia: Ele muda as folhas de lugar.

Heródoto: E com isso, são pequenos espaços... (inaudível)

Lucélia: Então, você olha o céu através desses espaços!?

Heródoto: Sim! Pequenos buracos no meio da folhagem...

Lucélia: Nesses pequenos buracos da folhagem, você vê o céu azul.

Heródoto: Que vão aparecendo em vários cantos da folhagem.

Lucélia: Que aparece em vários pontos! Então você está lá... observando o céu... através dos buracos entre as folhas das árvores... que o vento propicia... E como termina tudo isso, Heródoto?

Heródoto: (Inaudível)

Lucélia: Você desce do pé de ipê?

Heródoto: Isso!

Lucélia: Hum hum... E então?

Heródoto: Eu começo a subir numa das árvores...

Lucélia: E sobe numa das árvores...

Heródoto: ...(Inaudível) Aí vai vendo a folhagem... e poder ver acima delas o céu!

Lucélia: Ah, sim! Para ir além da folhagem, e poder ver o céu por completo acima delas!

Heródoto: É!

Lucélia: Hum hum... O seu desejo é ver o céu por completo! Em toda a sua amplitude!

Heródoto: Isso!

Lucélia: E você vê? Você chega lá acima das árvores?

Heródoto: O caminho é longo e difícil...

Lucélia: O caminho é longo e difícil.

Heródoto: É difícil! (Inaudível)

Lucélia: O tronco é largo?

Heródoto: É! (Inaudível) galhos....

Lucélia: Não tem galhos laterais que facilitem a escalada?

Heródoto: É como um pé de coqueiro. Bem largo!

Lucélia: Ah! É como um pé de coqueiro! Largo, e sem galhos laterais?

Heródoto: Isso!

Lucélia: O que acontece então?

Heródoto: Estou tentando subir! Eu páro um pouco para descansar.

Lucélia: Você pára para descansar.

Heródoto: (Inaudível)

Lucélia: Agora o tronco afinou e dá prá segurar melhor!

Heródoto: É!

Lucélia: Hum hum... E dá para se firmar melhor com os braços.

Heródoto: Isso!

Lucélia: Hum hum... E então?

Heródoto: Chegam os primeiros galhos!

Lucélia: Sim! Chegam os primeiros...

Heródoto: Os primeiros são os mais grossos, mais seguros!

Lucélia: Os galhos mais grossos?

Heródoto: É!

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: Olho prá baixo... sinto vertigem.

Lucélia: Hum hum... Também dá vertigem?

Heródoto: É muito alto!

Lucélia: É muito alto! Muito alto!

Heródoto: Eu continuo a subir...

Lucélia: Mas assim mesmo você continua a subir.

Heródoto: Eu começo a ver os galhos mais finos.

Lucélia: E você começa a visualizar os galhos mais finos...

Heródoto: É arriscado!

Lucélia: É arriscado! Você se dá conta de que é arriscado.

Heródoto: É! Prá poder ver o céu é!

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: Porque há muitas folhas!

Lucélia: "Porque há...?"

Heródoto: Muitas folhas!

Lucélia: Muitas folhas! É arriscado chegar a... poder ver o céu.

Heródoto: É!

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: (Inaudível)

Lucélia: Você pisa em dois galhos finos...

Heródoto: Estão próximos...

Lucélia: Sim! Continue!

Heródoto: (Inaudível)

Lucélia: ...Não dá para afastar muitas delas? Muitas das folhas?

Heródoto: Mas como eu estou quase na ponta, já dá prá puxar os galhos cheios de folhas com a ponta dos dedos... Com estas folhas afastadas já dá prá ver o céu!

Lucélia: Agora deu prá olhar o céu! Com estas folhas afastadas já é possível ver o céu!

Heródoto: Sim! Aí, eu com muito cuidado pisando em alguns galhos... e segurando em outros... começo a descer da árvore.

Lucélia: Com muito cuidado... pisando em alguns galhos e segurando em outros com a mão...

Heródoto: Vou me apoiando em outros galhos... tentando equilibrar...

Lucélia: Você vai se apoiando em outros galhos buscando se equilibrar.

Heródoto: Eu desci um pouco mais e estou me sentindo mais seguro.

Lucélia: Agora sim, você desceu um pouco mais e se sente seguro. E...?

Heródoto: Só a tensão da descida que é perigoso também!

Lucélia: A descida ainda é perigosa!

Heródoto: Qualquer erro...

Lucélia: Qualquer erro pode ser fatal!

Heródoto: Pode cair!

Lucélia: Hum hum... Você pode vir a cair....

Heródoto: Eu vou descendo devagar...

Lucélia: Você vai descendo devagar... vai descendo devagar...

Heródoto: Já dá para encontrar os galhos mais fortes.

Lucélia: Ah! Agora já dá para encontrar os galhos mais fortes...

Heródoto: (Inaudível)

Lucélia: Você atinge o último galho, até que finalmente não há mais nenhum galho.

Heródoto: Aí eu me abraço no tronco...

Lucélia: Hum hum...

Heródoto: E deixo-me deslizar... vagarosamente...

Lucélia: Você se agarra ao tronco e se deixa deslizar vagarosamente.

Heródoto: Abaixado!

Lucélia: Sim! Até embaixo. Até atingir o chão!

Heródoto: (Inaudível)

Lucélia: Você desceu e olhou para o ipê.

Heródoto: Ele sorriu!

Lucélia: Ele sorriu prá você?

Heródoto: Eu também dou um sorriso prá ele.

Lucélia: E você retribui esse sorriso! Você também sorri prá ele!

Heródoto: Aí eu me afasto!

Lucélia: E você vai se afastando...

Heródoto: Com o sorriso dele.

Lucélia: Com o sorriso dele. Levando consigo o sorriso do ipê. É isso?

Heródoto: É! E aquele azul do céu!

Lucélia: E o azul do céu que você vislumbrou lá de cima, correndo todos os perigos. É isso?

Heródoto: É!

Lucélia: Sim! Termina assim?

Heródoto: Termina! E eu saio devagar!

Lucélia: Você sai devagar... Sai do bosque?

Heródoto: Passo pela fonte...

Lucélia: Passa pela fonte...

Heródoto: E saio não mais por aquela saída que eu saí, mas continuo descendo bosque abaixo!

Lucélia: Você desce pelo bosque abaixo, buscando uma outra saída!

Heródoto: Uma outra saída! Eu desço pelas escadarias que têm lá embaixo...

Lucélia: Hum hum... Você desce pelas escadarias que têm lá embaixo...

Heródoto: Há um enorme portão aberto...

Lucélia: Ah! Há um enorme portão aberto! (Ênfase)

Heródoto: E por ele eu saio!

Lucélia: E por ele você sai! Você vai embora?

Heródoto: Eu vou embora.

Lucélia: Hum hum... E termina assim?

Heródoto: Termina!

Lucélia: Está certo! Podemos fechar essa última janela da sua imaginação?

Heródoto: Pode!

Lucélia: Então visualize a imagem desse bosque, que você vai deixando prá trás, tornando-se cada vez menor, cada vez menor...

3.1) Amplificação e interpretação

Heródoto afirma que no encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino - o ipê por um lado e as árvores por outro - cada um tem uma sensação diferente.

Originalmente o ipê estava só numa calçada defronte a uma casa (isto é, num ambiente urbano) e ao mesmo tempo havia o sol forte. Agora, nesta nova situação, inicialmente ele se sente "num mundo estranho," pois encontra-se no bosque junto às árvores, onde predomina a penumbra, a umidade e um silêncio ritualístico. Neste novo recinto a luz não o atinge, sendo que esta era muito mais intensa quando ele estava só na calçada (talvez sua estranheza se deva exatamente à penumbra do ambiente em flagrante contraste com a luz fulgurante do sol). O sujeito explica que as árvores por serem muito altas, ofuscam a luz solar, e impedem que toda aquela luminosidade chegue até o ipê.

HARDING (1980) relata que na filosofia chinesa o princípio feminino, "Yin," está em direção oposta ao princípio masculino, "Yang." "Yang" é energia criativa, é o luminoso, quente e poderoso (o pé de ipê de Heródoto com todo o seu esplendor em meio à irradiante luz do sol). "Yin" é o escuro, úmido, ilusório, vago e sombrio (a penumbra do bosque em que estão as árvores, e a umidade do muro que o circunda). Além disso, o "Yin" representa o poder receptivo que é também criativo porque ele conduz ao nascimento e à manifestação do movimento criativo da energia masculina. O "Yin" tem poder equivalente ao "Yang," pois ele traz todas suas efervescências em manifestação.

Refletindo, Heródoto acrescenta que esta relação de aparente oposição na verdade veio enriquecer e renovar a ambos, pois, num saudável mecanismo de troca e complementaridade (que lembra a simbiose na natureza), cada um ganhou alguma coisa. Assim, observa que o ipê gosta do cheiro característico daquele novo ambiente, inexistente no local onde estava anteriormente. No bosque ele ganhou companhia, a companhia das árvores, dos seres vivos que pertencem ao seu mundo, isto é, o reino vegetal, a própria natureza. Ele também faz parte dessa natureza, é um elemento desta, e agora não está mais só.

Por sua vez, aquelas árvores altas do bosque não possuíam flores, apenas folhas. Então o ipê veio enriquecer, veio alegrar e dar vida às árvores com suas flores. "O ipê deu as flores prá elas!", diz o sujeito. Desta forma eles se complementaram, e desenvolveram uma saudável 'simbiose:' o ipê estava sozinho, isolado, e neste novo

quadro ganhou uma família: as árvores e as flores que circundavam a fonte. Enquanto isso, as árvores ganharam flores.

O sujeito, por sua vez, está de pé, próximo à fonte, situada logo abaixo. Ali, ele está observando o topo do ipê, o qual fica um pouco mais elevado que as outras árvores (o ipê não se mistura às árvores, mantendo-se numa posição estratégica e privilegiada). Na fonte, Heródoto, atingido pelos raios do sol, pode sentir seu calor e sua luminosidade explosiva, pois as árvores apesar de circundarem a fonte, não interceptam a passagem dos raios solares.

Heródoto sente-se bem naquele ambiente, "me sinto todo ali!", diz ele (integrado, e também parte daquela natureza), observando as árvores e o ipê. O sujeito afirma que não há comunicação verbal, pois o ambiente continua silencioso, o que sugere um santuário em estado natural. Em seguida, Heródoto se aproxima do pé de ipê e faz a mesma coisa, quando do encontro com o Ser masculino: sobe novamente no ipê, procura aquele mesmo galho em que anteriormente havia se sentado e se deitado, e da mesma forma nele se senta. Logo após executa ritualisticamente o mesmo procedimento, quando então no bosque, deitado no gramado, olhou para cima, e permaneceu a observar o balançar das folhas das árvores. Agora, confortavelmente instalado no referido galho do pé de ipê, ele olha para cima, mas para as árvores, como se de um ponto seguro e já conhecido, estivesse planejando uma incursão (ação), definindo metas, limites e possibilidades para explorar o desconhecido. Perante seus olhos as árvores assemelham-se a coqueiros - sugerindo símbolos mais propriamente masculinos que femininos - sendo que suas folhas lembram o telhado de uma casa. O sujeito permanece assim um tempo: sentado no galho do pé de ipê observando os galhos e as folhas das outras árvores, folhas estas que estão bem acima dele, por serem as árvores muito altas.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que na linguagem maçônica "telhar" ou cobrir o templo simbolicamente significa abrigá-lo das intempéries resultantes da intrusão de profanos na assembléia. Não sendo telhado ou coberto, o templo (neste caso específico, um 'santuário' em estado natural) deixa entrar a chuva, daí a expressão 'está chovendo' que assinala a intrusão de profanos na assembléia. A telha significa assim, a proteção do segredo que o templo encerra e, noturnamente, o

fechamento à influência espiritual e às forças evolutivas, uma restrição ao adquirido e ao instalado (neste caso, parece que mais se aplica a primeira leitura). Os segredos do templo para Heródoto parecem estar relacionados às vicissitudes, ambigüidades e preciosidades que guardam entre si o masculino e o feminino, delineando no seu intercurso uma trajetória tortuosa e incerta, mas que, todavia deixa as pegadas para o processo de individuação, na jornada do sujeito rumo ao "self."

Heródoto fica observando por entre as folhas, à procura de brechas que lhe permitam olhar o azul do céu. Mas como as folhas estão muito próximas umas das outras, elas se movem somente com o movimento que o vento propicia. O vento muda as folhas de lugar, abrindo com isso pequenos espaços que vão aparecendo em vários cantos da folhagem. O sujeito então, contempla o céu azul através destes espaços, "pequenos buracos no meio da folhagem," diz ele. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) o vento é sinônimo do sopro e, por conseguinte, do Espírito, do influxo espiritual de origem celeste. Nas tradições bíblicas, os ventos são o sopro de Deus. Foi o sopro de Deus que ordenou o caos primitivo, e animou o primeiro homem. Os ventos também são instrumentos da força divina: dão vida, castigam, ensinam; são sinais e, como os anjos, portadores de mensagens. São manifestações de um divino, que deseja comunicar as suas emoções, desde a mais terna doçura até a mais tempestuosa cólera.

Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) os egípcios consideravam o azul como a cor da verdade. A Verdade, a Morte e os Deuses andam sempre juntos, e é por isso que o azul-celeste é também o limiar que separa os homens daqueles que governam, do Além, seu destino. Esse azul sacralizado - o azul-celeste - é o campo elísio, o útero através do qual abre seu caminho a luz de ouro que exprime a vontade dos deuses: Azul-Celeste e Ouro, valores respectivamente feminino e masculino. No budismo tibetano, o azul é a cor de Vaicorana, da Sabedoria transcendente, da potencialidade, e, simultaneamente, da vacuidade, da qual a imensidão do céu azul é, de resto, uma imagem possível. A luz azul da Sabedoria do "Dharma-dhâtu" (lei ou consciência original) é de uma ofuscante potência, embora seja ela que abra o caminho da Liberação.

Por sua vez, o símbolo do céu, conforme CHEVALIER & GHEERBRANT (1996), congrega em torno de si os seguintes conteúdos:

> "O céu é uma manifestação direta da transcendência, do poder, da perenidade, da sacralidade: aquilo que nenhum vivente da terra é capaz de alcançar. O simples fato de ser elevado, de encontrar-se em cima, equivale a ser poderoso (no sentido religioso da palavra) e a ser, como tal, saturado de sacralidade. A transcendência divina se revela diretamente na inacessibilidade, e na força criadora do céu (a chuva). O céu é universalmente, o símbolo dos poderes superiores ao homem, benevolentes ou temíveis. É a insondável imensidão, a esfera dos ritmos universais, a das grandes Luminárias, a origem, portanto, da luz, o guardião, talvez, dos segredos do destino. Na tradição bíblica, o céu é identificado com a divindade. Cronistas e profetas evitam sistematicamente o emprego do nome divino. Assim, Céu substitui a expressão 'Deus do Céu'. Também emprega-se a palavra, com freqüência, para significar o absoluto das aspirações do homem, como a plenitude da sua busca, como o lugar possível de uma perfeição do seu espírito, como se o céu fosse o espírito do mundo" (p. 227-30).

Observa-se então que o vento, o azul e o próprio céu, são cada um a seu modo, manifestações da divindade e expressões diversas dos anseios do elemento humano por alcançar a transcendência. Nesta dinâmica, o vento funciona como um agente facilitador que propicia ao sujeito contemplar o azul do céu. Vislumbrar o azul do céu através destes pequenos "buracos" no meio da folhagem parece ser para o sujeito um evento precioso e de suma importância, pois representa o acesso momentâneo da transcendência divina, mesmo que seja de forma diminuta - por pequeninas brechas - e por um relance, até que o vento não mude novamente as folhas de lugar.

Em seguida, Heródoto desce do pé de ipê e começa a subir numa das árvores. CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que na qualidade de símbolo de vida, a árvore pode ser considerada como um vínculo, um intermediário entre a terra, onde ela mergulha suas raízes, e a abóbada do céu, que ela alcança ou toca com sua copa. E parece que foi exatamente este o papel da árvore, que o sujeito escolheu para encetar a sua escalada.

Enquanto vai subindo, Heródoto vai olhando a folhagem para poder ver o céu acima delas. Seu desejo é ver o céu por completo, acima das árvores, em toda a sua

amplitude. Para chegar acima das árvores o caminho é longo e difícil. O tronco da árvore que ele escolheu para escalar é largo, e não possui galhos laterais que facilitem a escalada. Assemelha-se a um pé de coqueiro, "bem largo," reitera ele. O sujeito continua tentando subir. A uma certa altura pára para descansar. Quando se restabelece e retoma a jornada o diâmetro do tronco se reduz, o que lhe possibilita segurar-se com mais facilidade, e se firmar melhor com os braços. A seguir ele tem acesso aos primeiros galhos, os quais são os mais grossos, portanto, mais seguros. Apesar disso, Heródoto olha para baixo e sente vertigens, pois onde ele está é muito alto em relação ao chão. Mas, mesmo assim continua a subir, pois seu desejo de alcançar o topo da árvore, e dali vislumbrar a imensidão do céu, é pertinaz e inabalável. Observe-se que o sujeito não quer apenas ver o céu através de brechas ou buracos contando com o favorecimento do vento, mas ele deseja efetivamente alcançar o céu, a imensidão do azul, e isto só as árvores podem lhe proporcionar, tendo portanto que se posicionar nos galhos mais altos e perigosos, pois supostamente são os mais finos. Portanto, apesar dele parecer possuir maior identificação, familiaridade e confiança no ipê, são somente as árvores, representantes do feminino (com sua altura característica e sua aparência tão peculiar) que lhe permitem alcançar o céu, e contemplá-lo em toda a sua amplitude. São elas então o verdadeiro psicopompo, ou o veículo que o possibilita e o prepara para alcançar as alturas celestiais.

Quando Heródoto começa a visualizar os galhos mais finos da árvore, somente então se dá conta dos riscos que envolvem a sua proeza. "Para poder ver o céu é arriscado porque há muitas folhas," diz ele. Supostamente as folhas estão interceptando e bloqueando a sua visão do céu, sendo necessário usar de outros recursos para afastá-las, parecendo ser insuficiente o auxílio do vento, somente. Prosseguindo, o sujeito pisa em dois galhos finos, que estão próximos. Todavia, muitas das folhas ainda não é possível afastá-las por estarem muito altas. Então, como já se encontra quase na ponta dos galhos, usa de um artifício, puxando com as pontas dos dedos os galhos cheios de folhas, desta forma conseguindo, enfim, ver o azul do céu.

Note-se que a sua trajetória para chegar ao topo - acima das árvores - e alcançar o céu (a divina transcendência), é de fato acidentada e envolve muitos perigos e

dificuldades, a começar pelo tronco de diâmetro avantajado, e sem galhos laterais, o que não facilita a escalada. Assim, o sujeito precisa parar para descansar. Quando encontra os primeiros galhos (os mais grossos e seguros), todavia, sente vertigens ao olhar para baixo, o que supostamente parece ser a expressão fisiológica do seu medo, as vertigens funcionando como um sinal de alerta e perigo, no momento em que toma consciência da altura em que se encontra e do possível risco de queda e de dano físico (o risco de morte está implícito).

Quando Heródoto consegue finalmente olhar o céu em toda a sua imensidão azul: "Com estas folhas afastadas já dá para ver o céu!" diz ele, inicia rapidamente o caminho de volta. Diferente da situação em que escalou o ipê - o Ser masculino - quando o sujeito confortavelmente instalado no galho ficou a contemplar o mundo lá de cima (apesar de que o risco de queda também estava presente), o desafio de subir nas árvores - o Ser feminino - parece ser muito mais difícil e perigoso e envolver bem maiores riscos e perigos, pois estas, desafiadoras em sua imponência e em seu estranho perfil de palmeira, parecem não lhe oferecer quase nenhuma segurança. Assim, com muito cuidado, pisando em alguns galhos, e segurando em outros com a mão, Heródoto começa a descer da árvore. Ele vai se apoiando em outros galhos, tentando equilibrar-se. Agora que desceu um pouco mais, Heródoto se sente mais seguro. Todavia, há tensão na descida em função dos riscos e perigos que ainda existem, pois qualquer erro pode resultar em uma queda. Heródoto vai descendo devagar e cautelosamente, passo a passo, até que possa tocar os galhos mais fortes. Finalmente ele atinge o último galho. Em seguida, se abraça ao tronco, e se deixa deslizar vagarosamente, abaixado, até atingir o chão.

Tendo efetuado a descida da árvore, o sujeito retoma imediatamente o contato com o pé de ipê olhando para ele, sugerindo com isso uma provável cumplicidade entre os dois. O ipê lhe sorri. Heródoto também sorri, corroborando desta forma a hipótese apresentada. Finalmente, o sujeito se afasta, mas leva consigo o sorriso do ipê e aquele azul do céu que vislumbrou lá do alto, correndo todos os perigos - revelando assim o masculino e o feminino amalgamados, integrados, unidos. O fato do sujeito ter se ocupado em escalar tanto o ipê (operação já realizada anteriormente) quanto

uma das árvores (ambos símbolos masculino e feminino, respectivamente) pode sugerir também uma forma de domar e conquistar a ambos, ao mesmo tempo assimilando e incorporando seus mistérios e sua verdadeira essência. Curiosamente, o fato de Heródoto ter escolhido subir primeiro no ipê quando já havia feito isso, sugere uma tentativa de se assegurar de sua masculinidade e da força inerente a ela, para então se deparar, sem medo, com o feminino desafiador manifestado nas árvores. Por sua vez, esta essência correspondente ao jeito de ser masculino e feminino de cada uma das árvores, conforme já salientado, parece muito ambígüa em se tratando de caracteres de gênero: um ipê com flores, e árvores altas que se assemelham a coqueiros - observação feita com base nos caracteres de suas folhas e no tronco (atributos masculinos) - indicam uma manifestação de androginia, ou seja, o masculino está presente no feminino, e vice-versa.

Heródoto sai do bosque devagar. Passa pela fonte, e sai, não mais por aquela saída alternativa que utilizou anteriormente (escalando o portão), mas continua descendo bosque abaixo, em busca de uma outra saída. Ele desce pelas escadarias que existem logo abaixo, onde se defronta com um enorme portão aberto. Heródoto sai por este portão e vai embora. Lembre-se que da vez anterior o portão estava fechado. O fato dele estar agora aberto (na verdade, trata-se de um outro portão, situado em outra extremidade do bosque) sugere que tendo se efetuado a união dos opostos - *coniunctio oppositorum* - por meio da perigosa aventura do sujeito até o céu, e na volta, levando consigo o sorriso do ipê e o azul do céu, os caminhos agora para ele se abriram como que por encanto.

Vale salientar que no encontro entre o Ser masculino e o Ser feminino, o sujeito, mais do que as árvores em si, tem um papel extremamente ativo, e na verdade é ele quem efetua a união dos opostos - masculino e feminino - dentro de si, feito este intermediado pelo ipê e pelas árvores-coqueiro. A transcendência divina - em última instância o próprio "self" - objetivo final do processo de individuação, este último aqui simbolizado pelo ritual de subir nas árvores, é a excelência da união dos opostos constituídos pela masculinidade e feminilidade inconscientes.

Tendo efetuado o casamento interno, é possível então ao sujeito efetuar o casamento externo. Segundo CAVALCANTI (1987) o homem e a mulher são regidos por

princípios internos diferentes, mas eles se necessitam para se complementarem (a complementação que foi possível realizar-se entre as árvores e o ipê, que juntos formaram uma família e trocaram entre si seus preciosos elementos, enriquecendo-se mutuamente). O homem precisa aprender a abandonar a sua consciência solar para permitir ser iluminado pela lua (aprendizagem que Heródoto efetua ao subir numa das árvores altas), e também a mulher necessita que a luz solar a ilumine (neste caso, a fonte de Heródoto iluminada pelo sol). Mas, muitas vezes, as exigências da consciência solar entram em conflito com as exigências da lua. Logos não quer ceder a Eros. É preciso a compreensão profunda desses aspectos para haver harmonia entre o sol e a lua, afirma a autora. Esta compreensão o sujeito obtém à medida em que escala cada uma das árvores.

Muito embora Heródoto não tenha feito qualquer referência à lua, a citação acima se aplica perfeitamente à relação masculino/feminino por ele estabelecida, no encontro proposto entre o Ser masculino e o Ser feminino.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

LUCÉLIA BRAGHINI

B C

MASCULINO E FEMININO NUM ESTRATO CULTURAL BRASILEIRO: mandatos de gênero e expressões simbólicas arquetípicas

- VOLUME II -

CAMPINAS

2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

SUMÁRIO

VOLUME I

1 - INTRODUÇÃO ..... p. 37

1.1) Objetivos

1.1.1) Objetivo geral ..... p. 41

1.1.2) Objetivos específicos ..... p. 41

1.2) Justificativa ..... p. 42

2 - REVISÃO TEÓRICA ..... p. 43

2.1) Os arquétipos e os mandatos de gênero ..... p. 45

2.1.1) Macho ou fêmea: o ponto de vista da biologia ..... p. 48

2.1.2) Perfazendo a trajetória de construção das identidades masculina e feminina: os passos de Adão e Eva ..... p. 50

2.1.3) Lilith, o lado sombrio de Eva ..... p. 57

2.1.4) Como ser homem ou mulher??? Consultar "script" ..... p. 65

2.1.5) A herança arquetípica: a busca do essencial ..... p. 69

2.1.6) *Animus* e *anima:* 'Esse outro estranho que me habita' ..... p. 71

2.1.6.1) Relacionamento com o *animus/anima* ..... p. 75

2.1.6.2) Diálogos com a *persona* ..... p. 77

2.1.7) Uma visão simbólica do masculino e feminino ..... p. 80

2.1.8) O papel do símbolo ..... p. 82

2.2) Identidade, cultura e religião ..... p. 85

2.2.1) A tradição judaico-cristã e a despatriarcalização das escrituras ..... p. 85

2.2.2) Identidade feminina nas escrituras: ser mulher é ser mãe ..... p. 87

2.2.3) Aspectos psico-sociológicos da identidade ..... p. 87

2.2.4) As representações coletivas e a identidade coletiva das mulheres ..... p. 91

2.2.5) A identidade étnica brasileira ..... p. 96

2.2.5.1) As raízes luso-hispânica-ameríndias do brasileiro ..... p. 99

2.2.5.2) A contribuição do elemento negro e outras raças ..... p. 101

2.2.5.3) O princípio feminino na cultura brasileira ..... p. 103
2.2.5.4) O princípio masculino na cultura brasileira ..... p. 106
2.2.6) O caminho aberto pela mulher ..... p. 108
2.2.7) Buscando um caminho para ser homem ..... p. 109
2.2.8) Relação homem/mulher: a complexa urdidura de uma tentativa de ajustamento ..... p. 112
3 - METODOLOGIA ..... p. 119
3.1) Considerações metodológicas ..... p. 121
3.1.1) As idiossincrasias do movimento: consciente ⇔ inconsciente..... p. 121
3.1.2) As técnicas imaginativas ..... p. 123
3.1.3) A técnica simbólica ..... p. 128
3.1.4) O método fenomenológico aplicado à entrevista semi-dirigida ..... p. 132
3.1.5) O uso do questionário ..... p. 137
3.1.6) Algumas considerações sobre o método fenomenológico em Psicologia ..... p. 139
3.2) Método ..... p. 144
3.2.1) Sujeito ..... p. 144
3.2.2) Amostra ..... p. 144
3.2.3) Instituição ..... p. 145
3.2.4) Procedimento para coleta-de-dados ..... p. 145
3.2.4.1) Imaginação ativa ..... p. 146
3.2.4.1.1) Cuidados tomados quanto a não indução na aplicação da técnica de imaginação ativa ..... p. 147
3.2.5) Pesquisa-piloto ..... p. 150
3.2.6) As hipóteses de trabalho ..... p. 151
3.2.7) Procedimento de análise
3.2.7.1) Entrevista semi-dirigida ..... p. 153
3.2.7.2) Imaginação ativa ..... p. 154
4 - RESULTADOS ..... p. 157
4.1) Perfil dos sujeitos ..... p. 159

4.2) Imaginação ativa ..... p. 162

4.2.1) Casos de mulheres ..... p. 162

Caso nº 1: Cibele

1) Figura feminina ..... p. 162

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 167

2) Figura masculina ..... p. 175

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 177

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 181

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 184

Caso nº 2: Verônica

1) Figura feminina ..... p. 187

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 189

2) Figura masculina ..... p. 195

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 198

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 204

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 206

Caso nº 3: Ester

1) Figura feminina ..... p. 210

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 213

2) Figura masculina ..... p. 217

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 220

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 223

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 225

Caso nº 4: Judite

1) Figura feminina ..... p. 228

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 232

2) Figura masculina ..... p. 235

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 237

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 239

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 242

Caso nº 5: Aline

1) Figura feminina ..... p. 244

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 251

2) Figura masculina ..... p. 256

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 261

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 264

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 266

Caso nº 6: Laura

1) Figura feminina ..... p. 269

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 271

2) Figura masculina ..... p. 274

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 276

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 277

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 279

Caso nº 7: Samanta

1) Figura feminina ..... p. 281

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 282

2) Figura masculina ..... p. 284

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 286

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 290

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 292

Caso nº 8: Letícia

1) Figura feminina ..... p. 294

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 297

2) Figura masculina ..... p. 300

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 302

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 305

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 307

Caso nº 9: Diana

1) Figura feminina ..... p. 308

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 312
2) Figura masculina ..... p. 317
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 320
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 323
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 326
Caso nº 10: Paloma
1) Figura feminina ..... p. 328
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 330
2) Figura masculina ..... p. 333
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 336
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 338
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 340
Caso nº 11: Vitória
1) Figura feminina ..... p. 343
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 347
2) Figura masculina ..... p. 355
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 357
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 362
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 364
Caso nº 12: Ivone
1) Figura feminina ..... p. 367
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 370
2) Figura masculina ..... p. 374
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 376
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 380
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 381
4.2.2) Casos de homens ..... p. 386
Caso nº 1: Aldo
1) Figura masculina ..... p. 386
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 388

2) Figura feminina ..... p. 390
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 393
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 395
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 397
Caso nº 2: Rafael
1) Figura masculina ..... p. 399
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 402
2) Figura feminina ..... p. 405
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 407
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 410
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 413
Caso nº 3: Isac
1) Figura masculina ..... p. 416
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 418
2) Figura feminina ..... p. 422
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 425
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 428
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 429
Caso nº 4: Arquimedes
1) Figura masculina ..... p. 431
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 435
2) Figura feminina ..... p. 440
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 442
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 444
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 446
Caso nº 5: Yuri
1) Figura masculina ..... p. 450
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 453
2) Figura feminina ..... p. 456
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 459

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 462
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 464
Caso nº 6: Alexandre
1) Figura masculina ..... p. 466
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 469
2) Figura feminina ..... p. 472
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 475
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 479
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 481
Caso nº 7: Diógenes
1) Figura masculina ..... p. 482
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 486
2) Figura feminina ..... p. 489
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 492
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 495
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 497
Caso nº 8: Adriano
1) Figura masculina ..... p. 499
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 501
2) Figura feminina ..... p. 504
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 506
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 511
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 513
Caso nº 9: Átila
1) Figura masculina ..... p. 516
1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 518
2) Figura feminina ..... p. 520
2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 525
3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 530
3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 532

Caso nº 10: Pedro

1) Figura masculina ..... p. 536

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 539

2) Figura feminina ..... p. 541

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 543

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 545

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 547

Caso nº 11: Wotan

1) Figura masculina ..... p. 548

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 554

2) Figura feminina ..... p. 560

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 563

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 567

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 569

Caso nº 12: Heródoto

1) Figura masculina ..... p. 570

1.1) Amplificação e interpretação ..... p. 576

2) Figura feminina ..... p. 582

2.1) Amplificação e interpretação ..... p. 589

3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 598

3.1) Amplificação e interpretação ..... p. 606

VOLUME II

4 - RESULTADOS (continuação) ..... p. 25

4.2.3) Síntese dos resultados obtidos na técnica de imaginação ativa

4.2.3.1) Figuras de identificação ..... p. 27

A - Quadro resumo: figuras de identificação dos casos de mulheres .... p. 31

B - Quadro resumo: figuras de identificação dos casos de homens ..... p. 32

C - Discussão dos dados obtidos nas figuras de identificação..... p. 34

4.2.3.2) Figuras de sexo oposto: *animus/anima* ..... p. 41

A - Quadro resumo: investigação da *anima* (casos de homens) ..... p. 43
B - Quadro resumo: investigação do *animus* (casos de mulheres) ..... p. 44
C - Discussão dos dados obtidos nas figuras de sexo oposto ..... p. 45
4.2.3.3) Encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 52
A - Casos de mulheres ..... p. 55
B - Casos de homens ..... p. 61
C - Discussão dos dados obtidos no encontro das figuras masculina e feminina ..... p. 70
4.3) Entrevista semi-dirigida ..... p. 79
4.3.1) Casos de mulheres ..... p. 79
Unidades significativas relacionadas ..... p. 79
Análise das unidades significativas ..... p. 80
1ª UT: Quando e como 'eu comecei a me sentir mulher' ..... p. 80
Caso nº 1: Laura
O discurso do sujeito ..... p. 80
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 81
Caso nº 2: Cibele
O discurso do sujeito ..... p. 82
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 83
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 85
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 86
Caso nº 6: Aline
O discurso do sujeito ..... p. 88
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 90
Caso nº 9: Ivone
O discurso do sujeito ..... p. 93
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 94
Caso nº 11: Vitória
O discurso do sujeito ..... p. 96

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 98
Síntese da 1ª UT: quando e como 'eu comecei a me sentir mulher' .... p. 101
2ª UT: O lado prazeroso do relacionamento ..... p. 107
Caso nº 3: Paloma
O discurso do sujeito ..... p. 107
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 107
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 108
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 108
Caso nº 6: Aline
O discurso do sujeito ..... p. 109
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 109
Caso nº 8: Diana
O discurso do sujeito ..... p. 110
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 111
Caso nº 9: Ivone
O discurso do sujeito ..... p. 111
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 112
Caso nº 10: Judite
O discurso do sujeito ..... p. 114
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 114
Síntese da 2ª UT: o lado prazeroso do relacionamento ..... p. 114
3ª UT: Os conflitos do relacionamento ..... p. 118
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 118
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 119
Caso nº 6: Aline
O discurso do sujeito ..... p. 121
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 122

Caso nº 7: Letícia

O discurso do sujeito ..... p. 124

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 125

Caso nº 8: Diana

O discurso do sujeito ..... p. 128

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 129

Caso nº 10: Judite

O discurso do sujeito ..... p. 132

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 134

Caso nº 12: Verônica

O discurso do sujeito ..... p. 136

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 137

Síntese da 3ª UT: os conflitos do relacionamento ..... p. 142

4ª UT: As diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher ..... p. 148

Caso nº 1: Laura

O discurso do sujeito ..... p. 148

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 148

Caso nº 4: Ester

O discurso do sujeito ..... p. 149

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 150

Caso nº 5: Samanta

O discurso do sujeito ..... p. 152

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 152

Caso nº 6: Aline

O discurso do sujeito ..... p. 154

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 155

Caso nº 7: Letícia

O discurso do sujeito ..... p. 157

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 158

Caso nº 9: Ivone

O discurso do sujeito ..... p. 161

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 162

Caso nº 11: Vitória

O discurso do sujeito ..... p. 164

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 164

Síntese da 4ª UT: as diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher ..... p. 165

5ª UT: A 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados .... p. 173

Caso nº 2: Cibele

O discurso do sujeito ..... p. 173

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 173

Caso nº 3: Paloma

O discurso do sujeito ..... p. 174

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 175

Caso nº 5: Samanta

O discurso do sujeito ..... p. 177

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 178

Caso nº 6: Aline

O discurso do sujeito ..... p. 181

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 182

Caso nº 7: Letícia

O discurso do sujeito ..... p. 184

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 185

Caso nº 8: Diana

O discurso do sujeito ..... p. 187

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 188

Caso nº 9: Ivone

O discurso do sujeito ..... p. 190

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 191
Caso nº 10: Judite
O discurso do sujeito ..... p. 194
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 195
Caso nº 12: Verônica
O discurso do sujeito ..... p. 197
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 199
Síntese da 5ª UT: a 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados ..... p. 204
6ª UT: O relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla p. 212
Caso nº 1: Laura
O discurso do sujeito ..... p. 212
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 212
Caso nº 2: Cibele
O discurso do sujeito ..... p. 213
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 213
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 214
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 215
Caso nº 5: Samanta
O discurso do sujeito ..... p. 215
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 216
Caso nº 7: Letícia
O discurso do sujeito ..... p. 217
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 218
Caso nº 8: Diana
O discurso do sujeito ..... p. 220
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 220
Caso nº 9: Ivone
O discurso do sujeito ..... p. 222

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 222
Caso nº 12: Verônica
O discurso do sujeito ..... p. 224
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 225
Síntese da 6ª UT: o relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla ..... p. 228
7ª UT: A descoberta do sexo oposto ..... p. 236
Caso nº 8: Diana
O discurso do sujeito ..... p. 236
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 236
Caso Nº 10: Judite
O discurso do sujeito ..... p. 237
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 238
Caso nº 11: Vitória
O discurso do sujeito ..... p. 241
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 241
Caso nº 12: Verônica
O discurso do sujeito ..... p. 242
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 243
Síntese da 7ª UT: a descoberta do sexo oposto ..... p. 245
8ª UT: A importância de se ter um vínculo amoroso ..... p. 248
Caso nº 4: Ester
O discurso do sujeito ..... p. 248
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 249
Síntese da 8ª UT: A importância de se ter um vínculo amoroso ..... p. 251
9ª UT: A experiência de um relacionamento extra-conjugal ..... p. 251
Caso nº 9: Ivone
O discurso do sujeito ..... p. 251
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 252

Caso nº 10: Judite

O discurso do sujeito ..... p. 254

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 255

Síntese da 9ª UT: a experiência de um relacionamento extra-conjugal p. 257

10ª UT: 'Receitas' bem-humoradas para lidar com o sexo masculino ..... p. 259

Caso nº 1: Laura

O discurso do sujeito ..... p. 259

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 259

Caso nº 11: Vitória

O discurso do sujeito ..... p. 261

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 261

Síntese da 10ª UT: 'receitas' bem-humoradas para lidar com o sexo masculino ..... p. 262

11ª UT: Separando para estar junto ..... p. 263

Caso nº 1: Laura

O discurso do sujeito ..... p. 263

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 264

Síntese da 11ª UT: separando para estar junto ..... p. 265

4. 3.2) Casos de homens ..... p. 267

Unidades significativas relacionadas ..... p. 267

Análise das unidades significativas ..... p. 267

1ª UT: Quando e como 'eu comecei a me sentir homem' ..... p. 267

Caso nº 1: Aldo

O discurso do sujeito ..... p. 267

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 268

Caso nº 2: Heródoto

O discurso do sujeito ..... p. 269

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 271

Caso nº 4: Pedro

O discurso do sujeito ..... p. 274

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 274
Caso nº 5: Rafael
O discurso do sujeito ..... p. 276
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 278
Caso nº 8: Diógenes
O discurso do sujeito ..... p. 281
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 281
Caso nº 9: Alexandre
O discurso do sujeito ..... p. 283
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 283
Síntese da 1ª UT: quando e como 'eu comecei a me sentir homem'.... p. 285
2ª UT: O lado prazeroso do relacionamento ..... p. 289
Caso nº 1: Aldo
O discurso do sujeito ..... p. 289
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 289
Caso nº 3: Isac
O discurso do sujeito ..... p. 289
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 290
Caso nº 4: Pedro
O discurso do sujeito ..... p. 290
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 291
Caso nº 7: Wotan
O discurso do sujeito ..... p. 292
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 292
Caso nº 9: Alexandre
O discurso do sujeito ..... p. 292
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 293
Caso nº 12: Arquimedes
O discurso do sujeito ..... p. 293
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 294

Síntese da 2ª UT: o lado prazeroso do relacionamento ..... p. 294
3ª UT: Os conflitos do relacionamento ..... p. 298
Caso nº 1: Aldo
O discurso do sujeito ..... p. 298
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 299
Caso nº 2: Heródoto
O discurso do sujeito ..... p. 300
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 301
Caso nº 3: Isac
O discurso do sujeito ..... p. 304
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 304
Caso nº 7: Wotan
O discurso do sujeito ..... p. 305
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 306
Caso nº 8: Diógenes
O discurso do sujeito ..... p. 308
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 308
Caso nº 11: Adriano
O discurso do sujeito ..... p. 311
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 311
Caso nº 12: Arquimedes
O discurso do sujeito ..... p. 315
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 315
Síntese da 3ª UT: os conflitos do relacionamento ..... p. 317
4ª UT: As diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher ..... p. 323
Caso nº 1: Aldo
O discurso do sujeito ..... p. 323
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 324
Caso nº 2: Heródoto
O discurso do sujeito ..... p. 326

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 327
Caso nº 3: Isac
O discurso do sujeito ..... p. 329
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 330
Caso nº 4: Pedro
O discurso do sujeito ..... p. 332
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 333
Caso nº 9: Alexandre
O discurso do sujeito ..... p. 335
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 335
Caso nº 10: Yuri
O discurso do sujeito ..... p. 338
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 339
Síntese da 4ª UT: as diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher ..... p. 342
5ª UT: A 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados .... p. 350
Caso nº 1: Aldo
O discurso do sujeito ..... p. 350
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 351
Caso nº 2: Heródoto
O discurso do sujeito ..... p. 354
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 355
Caso nº 3: Isac
O discurso do sujeito ..... p. 357
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 358
Caso nº 4: Pedro
O discurso do sujeito ..... p. 359
Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 360

Caso nº 6: Átila

O discurso do sujeito ..... p. 362

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 363

Caso nº 7: Wotan

O discurso do sujeito ..... p. 365

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 366

Caso nº 9: Alexandre

O discurso do sujeito ..... p. 369

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 370

Caso nº 10: Yuri

O discurso do sujeito ..... p. 372

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 372

Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito ..... p. 374

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 375

Síntese da 5ª UT: a 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados ..... p. 377

6ª UT: O relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla p. 384

Caso nº 1: Aldo

O discurso do sujeito ..... p. 384

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 385

Caso nº 2: Heródoto

O discurso do sujeito ..... p. 387

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 388

Caso nº 3: Isac

O discurso do sujeito ..... p. 393

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 393

Caso nº 4: Pedro

O discurso do sujeito ..... p. 396

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 397

Caso nº 7: Wotan

O discurso do sujeito ..... p. 399

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 400

Caso nº 8: Diógenes

O discurso do sujeito ..... p. 402

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 403

Caso nº 10: Yuri

O discurso do sujeito ..... p. 405

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 406

Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito ..... p. 408

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 409

Síntese da 6ª UT: o relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla ..... p. 410

7ª UT: A descoberta do sexo oposto ..... p. 419

Caso nº 3: Isac

O discurso do sujeito ..... p. 419

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 420

Caso nº 5: Rafael

O discurso do sujeito ..... p. 422

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 422

Caso nº 8: Diógenes

O discurso do sujeito ..... p. 424

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 424

Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito ..... p. 426

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 426

Síntese da 7ª UT: a descoberta do sexo oposto ..... p. 428

8ª UT: A importância de se ter um vínculo amoroso ..... p. 431

Caso nº 7: Wotan

O discurso do sujeito ..... p. 431

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 431

Síntese da 8ª UT: a importância de se ter um vínculo amoroso ..... p. 432

9ª UT: A experiência de um novo relacionamento ..... p. 432

Caso nº 9: Alexandre

O discurso do sujeito ..... p. 432

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 433

Síntese da 9ª UT: a experiência de um novo relacionamento ..... p. 436

10ª UT: O irmão gêmeo, "um grande companheiro," em substituição à figura feminina ..... p. 438

Caso nº 6: Átila

O discurso do sujeito ..... p. 438

Unidade transformada em linguagem psicológica ..... p. 438

Síntese da 10ªUT: O irmão gêmeo, "um grande companheiro," em substituição à figura feminina ..... p. 440

4.4) Questionário de gênero ..... p. 442

4.4.1) Apresentação dos resultados ..... p. 442

4.4.2) Conclusões resultantes do questionário de gênero ..... p. 446

5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ..... p. 449

5.1) Quanto aos objetivos específicos da pesquisa ..... p. 452

5.1.1) Objetivo nº 1 ..... p. 452

5.1.1.1) Sobre o essencial ..... p. 452

5.1.1.2) Sobre o relacional ..... p. 455

5.1.1.2.1) Aspectos concernentes ao relacional na atribuição do masculino e feminino indicados por sujeitos de ambos os sexos ..... p. 456

5.1.2) Objetivo nº 2 ..... p. 464

5.1.2.1) O cultural se interligando ao relacional ..... p. 470

5.1.3) Objetivo nº 3 ..... p. 472

5.1.4) Objetivo nº 4 ..... p. 472
5.2) Em referência às hipóteses ..... p. 473
5.2.1) 1ª Hipótese ..... p. 473
5.2.2) 2ª Hipótese ..... p. 475
5.2.3) 3ª Hipótese ..... p. 476
5.3) Aspectos de significativa relevância a serem destacados ..... p. 479
5.3.1) Como se processa a estruturação do gênero para homens e mulheres p. 479
5.3.2) Como se dá a diferenciação ..... p. 480
5.3.3) Em que direção aponta o relacionamento homem/mulher hoje na sociedade de Campinas e região ..... p. 486
5.3.4) Algumas significativas aprendizagens efetuadas pelos sujeitos a partir de suas experiências de relacionamento com o sexo oposto ..... p. 487
6 - CONCLUSÃO ..... p. 489
7 - SUMMARY ..... p. 495
8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... p. 499
9 - ANEXOS ..... p. 513
Anexo 1: Dados biodemográficos do sujeito ..... p. 515
Anexo 2: Roteiro para aplicação da entrevista semi-dirigida ..... p. 517
Anexo 3: Questionário de gênero ..... p. 519
Anexo 4: Questionário de Morbidade Psiquiátrica para Adultos (QMPA) .... p. 521
Anexo 5: A relaxação progressiva de Jacobson ..... p. 523

4 - RESULTADOS

(continuação)

4.2.3) Síntese dos resultados obtidos na técnica de imaginação ativa

4.2.3.1) Figuras de identificação

Estão sendo chamadas 'figuras de identificação' aquelas que correspondem à primeira imagem eliciada pelo sujeito, e em cuja consigna, solicita-se uma figura do mesmo sexo deste. Vale ressaltar que tais 'figuras de identificação' no caso das mulheres, conforme a concepção de HILLMAN (1990) correspondem também a manifestações da *anima*. Lembrando que, de acordo com a noção de contra-sexualidade proposta por Jung, não há *anima* nas mulheres, pois esta é tida como uma figura compensatória para a consciência masculina. Baseado no par de opostos, as mulheres possuem em vez dela, o *animus*. Todavia, é bastante significativo que Jung chame a *anima* de "arquétipo do feminino" e "arquétipo da vida." HILLMAN (1990), considerando as analogias feitas por Jung entre a *anima* e "yin" e a alma "p'o" chinesa, entre a *anima* e as idéias indianas de Maya e Shakti, e ainda, entre a *anima* e a Sofia gnóstica, observa que dificilmente pode-se atribuir a *anima* apenas ao sexo masculino. O feminino e a vida, assim como as analogias chinesas, indianas e gnósticas com relação à *anima* são relevantes igualmente para homens e mulheres. Isto, considerando a *anima* como uma "imagem arquetípica feminina," um arquétipo como tal não pode ser atribuído ou localizado dentro da psique de nenhum dos sexos.

HILLMAN (1990) afirma:

> "Uma noção adequada de *anima* requer olhar para além dos homens e para além do homem, e até mesmo para além da psique. ... queremos fazer com que se compreenda que a *anima*, como arquétipo, é por demais ampla para ser contida na noção de contrassexualidade. Livre desta limitante definição, *anima* incide também na psique das mulheres" (p. 69).

Ainda para fundamentar sua posição, o autor cita o caso das "mulheres-*anima*," aquelas mulheres que representam a *anima* para os homens e que são chamadas em psicologia analítica tipos anímicos. Tais mulheres representam melhor este papel de *anima* por serem em si "vazias," e absorverem as projeções dos homens, espelhando-as e

imitando-as, de forma que a mulher interior do homem possa ser vivida externamente por este tipo anímico.

HILLMAN (1990) assegura que os papéis que Jung atribui à *anima* - relação com os mistérios, com o passado arcaico, representação da boa fada, da bruxa, da prostituta, da santa, e associações com animais tais como o pássaro, o tigre, a serpente - todos aparecem freqüente e acertadamente na psicologia das mulheres. Assim, a fenomenologia da *anima* não se restringe somente ao sexo masculino. As mulheres também sonham com garotinhas e prostitutas; elas também são atraídas por mulheres desconhecidas e misteriosas (tal como se pode ver abaixo no caso Cibele). A Santa, Safo e a Bela Adormecida também fazem parte de suas paisagens interiores.

Já CASTILLEJO (1997) em resposta a uma discussão sobre se de fato as mulheres não têm *anima*, visto que este conceito é referente à psicologia masculina, sugeriu o termo 'alma,' ou mais propriamente, 'imagem da alma da mulher.' Com uma maior diferenciação das imagens do inconsciente torna-se claro que o padrão da psique da mulher não é simplesmente um 'desvio alternativo' daquele do homem. No exato começo de sua vida ela emerge de um ser feminino, como ela mesma, que nenhum homem produz, e isto em si mesmo deve fazer uma grande diferença em sua atitude em relação ao mundo.

Os quatro itens relacionados para elaboração da síntese (imagem, tema, manifestação arquetípica, relação do sujeito com a imagem) são os que, considerando os objetivos da pesquisa, melhor possibilitam uma apreensão global de cada caso, e os pontos mais recorrentes.

Vale salientar que o critério utilizado para classificar uma imagem como arquetípica refere-se essencialmente à presença do numinoso[1] (conceito já definido anteriormente) na experiência imaginativa, o que pode ocorrer quando se utiliza na composição do trabalho tanto imaginação criadora quanto reprodutora (neste último caso evocando-se do inconsciente pessoal imagens de recordação, e acessando a partir disso o arquétipo). Assim, imagens de fatos do cotidiano podem ser consideradas arquetípicas,

[1] Numinoso: JUNG (1991) observa que os arquétipos quando surgem têm um caráter pronunciadamente numinoso, atributo que define simplesmente como espiritual ou mágico.

caso aquela imagem específica permita acessar o arquétipo a ela referente. JUNG (1991) afirma que as realidades mais imediatas e mais próximas de nós, e que envolvem nossos familiares (o marido, a mulher, o pai, a mãe, os filhos), os eventos mais corriqueiros da vida quotidiana que se repetem eternamente, produzem os arquétipos mais poderosos, cuja atividade incessante é imediatamente acessível em toda parte.

Segundo HILLMAN (1990) a psicologia arquetípica colocou em dúvida a própria noção de ego:

> "A identidade egóica não é uma coisa única, mas numa psicologia politeísta o ego reflete qualquer dos vários arquétipos e representa diversos mitologemas. Ele tanto pode ser influenciado por uma Deusa, como por um Deus ou Herói, e também pode apresentar estilos 'femininos' no comportamento sem que isto seja um indicador de fraqueza egóica ou de uma incipiente perda de ego" (p. 29).

Além disso, na elaboração desta síntese estão implícitos alguns conceitos básicos - pressupostos e mecanismos utilizados pelo sujeito no processo de produção das imagens - que se encontram discutidos abaixo.

Segundo ULANOV & ULANOV (1994) o processo de identificação é uma espécie de "operação simbólica." Assim, responde-se não somente a uma pessoa em particular, mas ao que se tem associado a ele ou ela, símbolos de personalidade, "sinais de experiência," elementos que são significativos para a pessoa. Fatos físicos podem estar envolvidos; elementos psicológicos estão obviamente presentes. Todos esses elementos são bastante reais, e podem ser comparados a dados alimentando um computador. Todavia, não se movimentam os símbolos em torno da pessoa de acordo com um programa fixo de um computador; o ser humano responde com a complexidade de sentimentos e pensamentos que lhe é característica, sejam explicitados ou não. Na verdade, quem determina suas respostas é o arquétipo do *animus/anima*; lembrando que o arquétipo não procede de fatos físicos, mas descreve como experiências psíquicas os fatos físicos.

ULANOV & ULANOV (1994) relacionam os termos de sua "gramática psicológica" básica: identidade, identificação, projeção e introjeção, identificação

projetiva e introjetiva, e "relating." A identidade é primária, tanto cronologicamente na infância, quanto anos mais tarde em qualquer novo começo da vida. Os autores consideram que as pessoas existem em um estado de equação inconsciente de sujeito e objeto, independente de se aquele objeto é uma pessoa, uma idéia ou uma parte de si mesmo. Assim, não há uma separação precisa ou uma distinção entre o 'eu' e o 'não eu.' O significado genuíno do termo identificação, todavia, indica que a unidade total com o outro já não é tão satisfatória. Tão cedo quanto se começa a tomar consciência do 'eu' ou da possibilidade de imitação do outro, se reconhecem diferenças, e pelo menos, uma espécie de "neblina" de separação; sente-se então uma necessidade consciente do outro. Neste caso, pode-se destacar uma uniformidade entre as pessoas como uma defesa contra o medo do abandono, ou como um paliativo perante qualquer insinuação de hostilidade entre as partes. Entretanto, "sabemos que o outro existe objetivamente lá fora, além de nós," afirmam ULANOV & ULANOV (1994).

Os autores acrescentam que neste estado de ser, a projeção e a introjeção ocorrem normalmente e naturalmente. Desta forma, a projeção de uma parte de si mesmo em alguém - ou em uma causa política, uma instituição social ou uma religião - ocorre quando o estado inicial de identidade do eu e do outro começa a se quebrar, e procura-se então uma consciência maior. É como um "ritual" em que se deve primeiro lançar (expelir) o conteúdo psíquico de que se deseja tornar-se consciente até a face do outro, antes que se possa vê-lo como próprio. A projeção constitui o primeiro passo em direção à consciência e ao relacionamento porque ela liga a pessoa com o outro (alvo de suas projeções) tão bem quanto ao conteúdo que nele foi depositado.

O papel da introjeção é mais vago. Toma-se uma parte do outro para usar na construção do 'eu,' e algumas vezes deve-se "cuspir fora" novamente essas partes, porque elas claramente não pertencem à pessoa, como, por exemplo, a imagem degradada do feminino, que as mulheres não podem evitar partindo de uma cultura misoginista, não devendo neste caso tomá-la como própria se reivindicam o valor de sua feminilidade. Freqüentemente, também o que é introjetado dos pais e do parceiro amoroso é assimilado na própria identidade de maneira que se pode dizer onde um termina e onde começa o outro.

Identificação projetiva vai mais longe que projeção. Aqui, não somente se deposita uma parte de si mesmo no outro, como também se define o outro em termos do que depositar. Identifica-se o outro com conteúdos que se deixa somente por um tempo com ele, para reivindicá-los no futuro, e reintrojetá-los em si mesmo. Usa-se o outro como um 'estacionamento;' quando se sente que se está pronto para lidar com os próprios conteúdos, apanha-se então o que se havia deixado. Identificação introjetiva trabalha o mesmo processo em direção oposta: 'agarra-se' os conteúdos bons (ou maus, conforme o caso) do outro. "Relating" é o processo através do qual esforça-se em conectar-se com cada um, usando todos estas diferentes possibilidades: identidade, identificação, projeção e introjeção, identificação projetiva e introjetiva (ULANOV & ULANOV, 1994).

Após essas relevantes considerações, relaciona-se abaixo um quadro resumo que contém a síntese de cada caso correspondente às figuras de identificação.

A - Quadro resumo: figuras de identificação dos casos de mulheres

	Imagem	Tema	Manifestação arquetípica	Relação do sujeito com a imagem
Cibele	mulher-fada correndo em busca da liberdade;	a busca da transcendência tendo como guia uma imagem arquetípica artemisiana;	imagens de caráter seguramente arquetípico;	Cibele se identifica e se relaciona com a imagem explorando todas as possibilidades.
Verônica	menina correndo num campo florido;	projeção do ego ideal em um cenário paradisíaco;	conteúdos arquetípicos levemente 'esboçados;'	Verônica somente observa a menina e pressupõe que esta seja ela própria.
Ester	adolescente num cenário paradisíaco encontra-se com o belo rapaz;	projeção do ego ideal e realização do desejo de encontro com a sua contraparte sexual;	as imagens parecem ser expressões simbólicas arquetípicas.	Ester, que estava 'absorvendo' a emoção do encontro junto da adolescente, acaba por tomar o lugar da imagem.
Judite	uma orquídea murchando em meio a ramos secos;	necessidades de afeto e relacionamento não satisfeitas / contraste entre vida e morte;	a imagem parece ser uma expressão simbólica arquetípica;	Judite permanece observando a imagem e olha para a flor com tristeza, visto que não consegue alcançá-la, nem falar com ela.
Aline	uma rosa no gramado;	censura à sexualidade projetada na imagem da rosa;	a referida imagem parece ser uma expressão simbólica arquetípica;	temerosa, Aline estabelece um diálogo com a imagem no plano do 'como se,' e no papel de ouvinte.

Laura	'mulher dançante' dança para festejar;	celebração da vida e da liberdade através do ritual da dança;	a imagem sugere uma expressão simbólica do arquétipo artemisiano;	Laura apenas observa ('olha') a imagem sem interferir, e sem se fazer notar.
Samanta	mocinha de treze anos vestindo sutiã;	o sutiã como um 'passaporte' mágico que legitimará seu ingresso no mundo feminino;	Imagem de recordação destituída de caráter numinoso manifesto; trata-se portanto de uma expressão simbólica não-arquetípica;	Samanta assume o papel da imagem, o que impede um distanciamento para uma possível relação.
Letícia	bailarina 'petrificada' (ela imobilizou-se enquanto tentava um passo);	a paralisia da energia vital;	a imagem parece ser uma expressão simbólica arquetípica;	a comunicação entre Letícia e a imagem ocorre através do olhar, todavia ela não responde ao chamado da bailarina.
Diana	"mandala mutante:" sucessão de formas, luzes e cores, com ênfase na imagem da luz;	a busca da transcendência através de manifestações etéreas de luz e cores sem uma forma definida;	expressões simbólicas seguramente arquetípicas;	como não há uma imagem definida, Diana não pode assumir uma relação com a mesma.
Paloma	moça loira dentro de uma redoma na caverna, abre e fecha os olhos girando em torno do sujeito;	projeção do ego ideal na imagem da moça loira, sua essência de feminilidade, mas com indícios de dissociação;	expressões simbólicas aparentemente fragmentadas com provável caráter arquetípico;	a comunicação entre o sujeito e a imagem não é verbal, mas corporal e visual.
Ivone	ela própria em cena de sexo com o amante;	uma cena de adultério vivenciada com intenso sentimento de culpa;	imagem de recordação, de caráter supostamente não-arquetípico, todavia o tema de adultério pode ser arquetípico.	Ivone assume o papel da imagem, o que inviabiliza um distanciamento para uma possível relação com a mesma.
Vitória	bailarina que personifica sua força preparando-se para exibição pública;	exercício de auto-afirmação e superação de limites;	tema supostamente arquetípico, mas a imagem provavelmente não, pois Vitória se mantém consciente da projeção.	O sujeito implicitamente assume o papel da imagem, o que inviabiliza um distanciamento para uma possível relação.

B - Quadro resumo: figuras de identificação dos casos de homens

	Imagem	Tema	Manifestação arquetípica	Relação do sujeito com a imagem
Aldo	menino (ele mesmo) 'fazendo xixi' de pé;	manifestação narcísica de virilidade;	imagem de recordação oriunda do inconsciente pessoal, de caráter não-arquetípico;	Aldo observa a imagem 'de fora,' e preocupa-se apenas em entender a "intenção da cena."

Rafael	uma estátua de um homem;	a falta de uma individualidade própria, e a adoção de um modelo estereotipado do masculino;	vivência do masculino a partir do estereótipo impede a conexão de forma pessoal com o arquétipo;	Rafael apenas observa a estátua, todavia está presente no contexto mais amplo da casa.
Isac	um homem e um garoto na beira do rio (ele próprio quando criança e seu pai);	a busca da sabedoria (conteúdos do inconsciente) através da 'pesca;'	tema eminentemente arquetípico acessado a partir de uma provável imagem de recordação;	Isac apenas observa ("fica olhando") os dois, sem interagir ou se mostrar.
Arquimedes	peixe nadando ('dançando um balé') no oceano;	a busca da diferenciação e da transcendência (o peixe nada em direção ao sol);	imagem de caráter seguramente arquetípico;	o sujeito faz parte do cenário, todavia não interage diretamente com a imagem.
Yuri	ele mesmo criança (entre 6 e 7 anos) usando uniforme escolar;	o uniforme, a escola, a estrutura familiar como fortes referências de identidade;	imagem de recordação oriunda do inconsciente pessoal. A forte conotação de estereótipo do uniforme indica tratar-se de imagem não-arquetípica;	o sujeito apenas observa sem interferir como se estivesse a assistir a um filme (ou seja, no papel de espectador).
Alexandre	figura paterna;	a transmissão de pai para filho (menino de 6 anos) dos 'mandamentos' para ser homem;	através de uma imagem de recordação foi possível acessar um tema arquetípico (o pai como legislador);	o homem adulto observa 'de fora' a cena entre o menino (ele próprio) e o pai.
Diógenes	elefante em um zoológico, ao lado de uma elefanta;	conflitos entre a manifestação do instinto (potência da libido) e sua dominação e/ou sublimação;	imagem de caráter potencialmente arquetípico utilizada pelo sujeito para expressar suas ansiedades básicas;	o sujeito faz parte da platéia que observa os elefantes, de forma que ele não interage com a imagem.
Adriano	planta pouco perceptível;	forma masculina de ser ainda muito primitiva e indiferenciada;	muito embora a imagem pareça ser arquetípica, não lhe foi infundido movimento e vida;	Adriano se mantém observando 'do lado de cá.'
Átila	ele mesmo mirando-se no espelho;	tentativa de confirmação da virilidade através da imagem refletida;	embora o tema do espelho possa ser arquetípico, o sujeito se mantém num nível consciente, portanto, não-arquetípico;	Átila não dialoga com a imagem, mas se comunica com ela através do olhar.
Pedro	ele próprio criança (10 anos);	o feminino maledicente interferindo negativamente na estruturação da identidade masculina do sujeito;	embora o tema das conversas venenosas das mulheres possa ser arquetípico, o sujeito se manteve no nível de sua dinâmica psíquica inconsciente	a princípio Pedro apenas observa o menino de um canto. Em um segundo momento passa a interagir com ele verbalmente.
Wotan	ele próprio num ciclo evolutivo (bebê ⇒ criança ⇒ adulto);	os passos de um ritual de iniciação como um desafio para ser homem. Prova: aprender a mergulhar sozinho no fundo do mar;	incursão imaginativa marcada pela experiência profunda do numinoso, o que evidencia seu caráter arquetípico;	Wotan assume o papel da imagem, o que impossibilita um distanciamento para uma possível relação.

Heródoto	um pé de ipê amarelo;	a busca da transcendência viabilizada pelo elemento masculino (o ipê amarelo);	experiência marcada fortemente pelo caráter numinoso corrobora a natureza arquetípica das expressões simbólicas;	o sujeito se relaciona intensamente com a imagem demonstrando explorar todas as possibilidades.

C - Discussão dos dados obtidos nas figuras de identificação

Referente aos casos de mulheres, excetuando-se Ivone e Samanta que manifestaram imagens de recordação (a primeira evocando um passado relativamente recente, e a segunda um passado remoto), demonstrando, portanto, o uso de imaginação reprodutora, nos demais casos houve maior ou menor uso de imaginação criadora, sugerindo em suas imagens expressões simbólicas com conteúdo arquetípico às vezes 'intuídos,' levemente esboçados, ou explicitamente manifesto.

Também foi bastante freqüente a tomada de consciência da projeção. Isto é, em um nível mais ou menos claro o sujeito se apercebe de que a imagem representa ela própria, ou está relacionada com a sua pessoa.

Em três casos (Ester, Samanta, Verônica) as mulheres evocaram imagens de si mesmas (conscientes ou não da projeção) em outras fases de suas vidas, buscando elementos na infância ou adolescência.

Casos como o de Cibele e Diana envolveram um uso mais elaborado de imaginação criadora, com uma seqüência de imagens (abstratas, no caso de Diana) altamente simbólicas, envolvendo questões significativas do ponto de vista da psicologia analítica e da alquimia. Em contrapartida, Ivone se manteve estritamente no nível da sua realidade concreta, ocupando-se em reproduzir fielmente um fato intensamente vivido e, ao que tudo indica, ainda muito presente e altamente catexizado em sua psique.

Judite e Aline, apesar de não terem apresentado produções altamente elaboradas, expressaram o seu drama pessoal em linguagem simbólica utilizando-se de imagens oriundas do reino vegetal, as quais, em função do caráter numinoso com que foram vivenciadas parecem tratar-se de expressões simbólicas arquetípicas.

Laura, Vitória e Letícia encontraram na dança um canal de expressão por excelência, muito embora as duas primeiras e esta última tratassem o tema de maneira diametralmente oposta. Enquanto para Vitória e Laura a dança é a linguagem para exprimir sua luta em direção à auto-afirmação e por superação de limites e, ao mesmo tempo, uma forma de libertação do espírito e de festejar a vida (uso positivo e saudável do símbolo), Letícia revela uma bailarina imóvel ('petrificada') que está pronta para dançar (tem o potencial), mas não executa sua dança. Isto é, está paralisada a sua energia vital e conseqüentemente o seu acontecer na existência, impedindo que o seu potencial seja atualizado. Assim, observa-se que cada uma expressa o momento em que está vivendo e a forma com que se relaciona com a vida através do símbolo. Considerando-se que nestes casos houve uma manifestação arquetípica, isto estaria diretamente relacionado à experiência da pessoa, que acessou o arquétipo correspondente.

Levando-se em conta que a técnica da imaginação ativa tem como objetivo prioritário promover o diálogo do consciente com o inconsciente, observou-se que na maioria das vezes o sujeito se manteve à distância observando a imagem (a qual muitas vezes ignorava que estava sendo observada), sem interagir diretamente com ela. Em alguns casos, todavia, este relacionamento é direto, intenso e muito próximo, tal como ocorre com Cibele. Em outros é necessária uma 'cortina de proteção,' isto é, a linguagem do 'como se' para que então pudesse se dar a comunicação ("é como se eu sentisse que ela olhasse e dissesse que isso é desnecessário..." diz Aline referindo-se ao medo que sente da rosa). Nos casos de Aline e Letícia, o olhar é um importante canal de comunicação, sendo que Aline fez uma significativa observação relativa ao uso da comunicação verbal: "Parece que eu acredito que é uma coisa prá eu admirar! Prá ser observada... não prá ser conversada." Letícia também faz uma referência no sentido de que "fica só olhando e admirando" a imagem (no caso, a bailarina imóvel). Por outro lado, quando há um canal aberto de comunicação entre o sujeito e a imagem (ambos se apercebem da existência um do outro, e podem interagir entre si), isto se dá através do olhar.

Desta forma, evidencia-se que, quando acessado o arquétipo, a comunicação raramente é verbal (no caso das mulheres, em nenhum momento),

supostamente por se tratar de uma experiência de outra ordem, da esfera do numinoso, que desafia explicações, visto que não pode ser traduzida em palavras. Os sujeitos que permanecem a distância observando sem seres vistos têm um tipo de comunicação com o inconsciente, diferente daqueles que interagem com a imagem. Neste último caso, haveria uma fluidez maior, uma certa plasticidade na seqüência de imagens e uma abundância de conteúdos. Por outro lado, a postura de observar 'de fora' sugere a princípio uma defesa dos sujeitos, que agindo assim se protegeriam do desconhecido que a imagem representa, e do perigo de uma suposta revelação indesejada e perturbadora que poderia ocorrer a partir do confronto direto com a imagem. Por outro lado, poderia estar havendo simplesmente um cuidado para que o encanto não se quebre, visto que tais imagens mentais são, em sua natureza, etéreas e voláteis.

Continuando a relacionar os dados, Ester tomou literalmente o lugar da imagem, ao passo que em casos que envolvem o uso de imaginação reprodutora, o sujeito simplesmente assume o papel da imagem (casos de Ivone, Samanta e, implicitamente, Vitória).

Quanto aos temas a serem destacados, dos conteúdos trazidos houve projeção do ego ideal nos casos Paloma, Ester e Verônica. A busca da transcendência evidenciou-se nos casos de Cibele e Diana e, no caso de Vitória, a luta pela auto-afirmação e a superação de limites em busca da perfeição. Entre todos, ressalta-se o caso Ivone por sua resposta aparentemente inadequada à consigna, e por sua total falta de imaginação criadora, o que sugere, além de uma limitada capacidade de abstração com predomínio do raciocínio concreto, a existência de um conflito altamente mobilizador, o exercício culposo da sexualidade que, vinculado à sua feminilidade, constituir-se-ia numa expressão do Ser feminino para si.

Se se fosse classificar os casos das mulheres em um *continuum*, onde em um extremo ter-se-ia o uso de imaginação criadora com seguras manifestações de expressões simbólicas arquetípicas e, de outro, o uso de imaginação reprodutora pura e simples (aparentemente sem símbolos visíveis), haveria Cibele e Ivone, respectivamente, nos extremos. Vitória estaria no centro, e as demais tenderiam para a direção de Cibele.

Em referência aos casos de homens, inversamente ao que ocorreu com as mulheres em que na elaboração das imagens houve um predomínio de imaginação criadora, nas produções imaginativas daqueles predominou o uso de imaginação reprodutora. Assim, excetuando-se os casos de Diógenes, Arquimedes, Heródoto e Adriano (este último, talvez em menor grau), que se utilizaram de imaginação criadora na elaboração de suas imagens, os demais partiram da imagem de si mesmos em diferentes momentos de suas vidas (como bebê, criança, adolescente ou adulto) com revivescência de cenas passadas, algumas vezes com novo final (Pedro); outras, com fidelidade, mas de maneira fria e lacônica (Yuri), ou com intenso colorido emocional. Este foi o caso de Wotan, que partiu de uma imagem de si mesmo enquanto bebê para encadear uma seqüência de cenas, supostamente já vividas por ele, mas agora envolvendo todo um trabalho de elaboração simbolizando os passos de um ritual de iniciação. Tanto no caso de Wotan quanto no de Isac, partiu-se de uma cena da história pessoal para acessar temas eminentemente arquetípicos.

Referindo-se a esta diferença de predominância entre imaginação criadora e reprodutora entre os sexos, vale lembrar CAVALCANTI (1987) em seus comentários sobre as diferenças entre o princípio masculino e o feminino:

> "O masculino é diretor, penetrante, organizador, separador, ético, conceitual, executivo, histórico, racional, censor e regulador. O sol [tido pela autora como símbolo do princípio masculino] todas as manhãs traz um novo dia, ele organiza o tempo, é regular no seu surgimento, previsível, certo e esperado. O sol nos desperta da noite da inconsciência para a vida consciente. Ele é o contato claro com o real que pressupõe limites e obrigações. ... A lua é o símbolo do princípio feminino, e apresenta um outro tipo de saber, a sabedoria que vem do inconsciente, da natureza e do instinto. O conhecimento da intuição que não segue um plano lógico. Este princípio é não conceitual, obscuro, inexato, imprevisível, irregular, irracional, atemporal. Possui ritmo e natureza próprios difíceis de definir porque escapam a toda tentativa de conceituação. Suas qualidades aparecem ligadas à fertilidade, à receptividade. É acolhedor, nutridor, propiciador do crescimento" (p. 24-5).

Supostamente tais diferenças interferiram no tipo de produção apresentado pelos sujeitos, correlacionando os resultados à variável sexo, e determinaram em maior

ou menor grau, o uso de imaginação criadora. Sujeitos do sexo masculino que se destacaram pelo uso de imaginação criadora, supostamente teriam dentro de si o 'Ser feminino' - a *anima* - mais desenvolvido (consciente).

As imagens em que se constituíram as figuras de identificação de Aldo, Rafael, Yuri, Átila e Pedro não pareceram tratar-se de expressões simbólicas arquetípicas, muito embora abordassem aspectos de significativa relevância para sua história pessoal e a psicologia masculina.

Em dois casos, Alexandre e Isac, a figura paterna foi acessada de maneira distinta, emergindo dados da história pessoal, mas cujo caráter numinoso da experiência (especialmente no caso Isac) possibilitou o acesso do arquétipo referente ao complexo paterno (Alexandre) e ao velho sábio (Isac). Isto é corroborado por KAST (1997) que afirma que por trás da figura do pai pode-se também reconhecer o arquétipo do velho sábio, ou seja, pode-se considerar e aceitar uma sabedoria que nada tem a ver com lutas por autonomia ou com problemas para se desligar dos pais biológicos, uma sabedoria que não está relacionada a problemas de diferenciação.

Yuri e Rafael na falta de uma identidade masculina mais essencial são fortemente marcados pelo estereótipo (uniforme e estátua, respectivamente). ULANOV & ULANOV (1994) afirmam que se é facilmente "inundado" por conteúdos que vêm através da ponte *animus/anima,* quando o ego não emerge de seu estado nascente de identidade com os pais ou uma causa, uma ideologia, uma instituição, um trabalho ou o meio social a que se pertence e do qual ainda não se diferenciou. "Nós vivemos em estereótipos porque não podemos nos conectar de uma forma pessoal com o arquétipo" (p. 178), afirmam os autores.

Curiosamente Pedro, Yuri, Aldo, Wotan e Átila tiveram na imagem de si próprios quando criança (exceto Átila que tomou sua imagem já adulto) a figura de expressão do seu Ser masculino. Entre outras possíveis interpretações, isto sugere a falta de uma figura masculina de autoridade com a qual poderiam ter se identificado (não que na realidade esta figura não tivesse existido, mas que supostamente no plano psíquico parece não ter representado para os sujeitos um modelo forte e atraente de masculinidade, inversamente ao que se deu com Alexandre). Há ainda a hipótese de uma

tendência regressiva, com aspectos marcantes, mal resolvidos ou muito prazerosos nesta fase do desenvolvimento, onde o sujeito retornaria ao *status nascendi* do conteúdo que possivelmente o mobilizou. Além disso, o fato de se estar centrado na imagem de si próprio, faz lembrar um certo egocentrismo que muitas vezes é atribuído à figura masculina, além de um predomínio de raciocínio lógico/concreto que os caracteriza, o que dificultaria a simbolização.

A busca da sabedoria e da transcendência revelou-se de forma profunda, carrregada de sensibilidade e beleza plástica nos casos de Isac, Arquimedes e Heródoto. Wotan descreveu com igual sagacidade e sensibilidade os passos de um ritual de iniciação, como prova para se tornar homem. Os conteúdos destes quatro casos suscitaram impressões da instância do numinoso, o que indica ter sido acessado o arquétipo a ele relacionado.

Em referência à forma como o sujeito se relaciona e se comunica com a imagem, assim como nos casos das mulheres, a maior parte deles permanece apenas observando à distância e, na maioria das vezes, sem seres vistos (isto é, sem estabelecerem um canal de comunicação direta com a imagem). Outras vezes assumem o papel da imagem. O caso de Heródoto requer uma referência especial, visto que ele, tal como Cibele, se relaciona com a imagem de forma intensa, profunda e pessoal, em termos de aproximações sucessivas. Valem aqui os mesmos comentários feitos anteriormente para as mulheres.

Utilizando-se da mesma imagem do *continuum* descrito nos casos das mulheres, no extremo da imaginação criadora haveria Arquimedes e Heródoto, e no extremo da imaginação reprodutora, Yuri e Aldo. Adriano, Diógenes e Wotan (pelo aspecto numinoso gradualmente presente em sua experiência) tenderiam em ordem crescente para o extremo de imaginação criadora, ao passo que os demais se concentrariam próximos ao polo da imaginação reprodutora.

Fazendo uma comparação entre os casos de homens e mulheres, pode-se observar similaridades e diferenças. Ambos têm praticamente a mesma forma de se relacionar com a imagem, ou seja, a maioria permanece à distância ('de fora'), sem serem vistos, enquanto poucos deles são capazes de se comunicar diretamente,

explorando várias possibilidades de interação, e se aprofundando no conhecimento daquela. Também se observou entre as mulheres (Verônica, Ester e Samanta) o que já havia sido apontado nos casos de homens, isto é, a presença intrigante de imagens de si mesmos enquanto crianças ou adolescentes, aspecto já discutido anteriormente. Além disso, Diógenes e Ester apresentaram uma contraparte sexual das figuras de identificação, o que revela um nível maior de elaboração. A diferença que se destaca, todavia, é o pequeno uso de imaginação criadora no caso dos homens em contraposição à maior utilização no caso das mulheres, isto implicando aparentemente, em uma maior freqüência de imagens arquetípicas entre estas últimas.

ULANOV & ULANOV (1994) afirmam que encontrar a identidade no "pântano" das partes conflitantes significa descer em profundidade, no lugar do inconsciente. Em suas palavras:

> "Nós devemos ir além dos limites de nossa história pessoal, de nossas memórias, até o inconsciente coletivo - o objetivo psíquico - que constitui a base de toda a vida humana. Nós devemos sentir nossos egos sendo 'puxados' através dos limites de nosso próprio mundo até o 'país do Self,' aquele lugar distinguido por suas próprias demandas particulares e objetivos" (ULANOV & ULANOV, 1994, p.13).

Com base nas considerações acima, pode-se conjeturar que cada sujeito no confronto com sua figura de identificação tem estabelecido para si mesmo qual é o limite e a profundidade para sua "descida" no processo de tomada de consciência de sua identidade. Em nível crescente de profundidade parte-se do contato com os padrões culturais através dos mandatos de gênero (casos de Samanta, Rafael e Yuri), para impressões da história pessoal através de imagens de recordação provenientes do inconsciente pessoal (casos de Pedro, Aldo, Alexandre, Yuri e Ivone), e destas à conexão direta com o arquétipo no inconsciente coletivo (casos de Cibele, Arquimedes, Diana e Heródoto). Nem todos os casos chegam até o terceiro nível de profundidade, assim como alguns se destacam por evidenciar mais um aspecto do que outro. Da mesma forma, alguns permanecem mais no nível consciente enquanto outros se avizinham ou penetram no inconsciente. Os fatores que determinariam isso poderiam ser não só a estrutura

psíquica de cada um (o tipo psicológico a que pertence, sua leitura mais racional ou instintiva da realidade), como também sua disposição emocional (se se encontra mais ou menos temeroso de conhecer e se defrontar com seus conteúdos internos).

4.2.3.2) Figuras de sexo oposto: *animus/anima*

Segundo ULANOV & ULANOV (1994) a figura da *anima/animus* apresenta-se ela mesma ao ego como o "outro," ao mesmo tempo familiar e estranho. Esta "pessoa" é humana, mas fala de um ponto de partida sexual oposto ao do próprio sujeito. "A sexualidade funciona como uma metáfora de diversidade; o espiritual se esconde no sexual" (p. 13), afirmam os autores. Pode-se somente "possuir" o sexo oposto como a imagem da *anima* ou *animus*, nunca como uma parte do corpo, todavia isto abre dentro de si um espaço onde ambos os sexos podem se encontrar na imaginação.

ULANOV & ULANOV (1994) afirmam que a contra-sexualidade, seja ela como *anima* ou *animus*, forma uma 'ponte' entre o ego, centro da identidade consciente, e o "self," centro da psique total, ambos consciente e inconsciente. Desta forma, as figuras da *anima/animus* delineiam uma rota para certas experiências do "self" que trazem as pessoas mais à vida, tornando-lhes possível encarar a realidade e trabalhando a fim de construir uma ponte através da qual os conteúdos do "self" possam ser endereçados ao ego, para colocar-lhes questões sobre sua verdadeira existência.

Os autores ressaltam que as funções da ponte *anima/animus* são no sentido de conectar o ego ao "self," não de fundi-los ou amalgamá-los.

> "Os arquétipos contra-sexuais são 'figuras de borda' [fronteira, limite] levando-nos de um ponto de vista sexual para outro, do pessoal para o coletivo, do consciente para o arquetípico, do ego para o 'self.' O que parece privado volta a ser social, pois nossos esforços para conectar com um outro em nosso próprio centro também revelam conexões para um centro distante de nós. Neste esforço, não sentimos como se estivéssemos em alguma jornada isolada, mas antes estivéssemos intimamente atados [enredados] com outra pessoa - uma mulher, por exemplo, com outras mulheres e com a natureza feminina, e ao mesmo tempo,

como um homem, identificado com o ponto de vista dos homens, quase na 'pele' de um homem" (ULANOV & ULANOV, 1994, p. 13-4).

Quando a 'ponte' acima referida encontra-se ativada *anima* e *animus* se movem em direção ao ego, para o confronto com as demandas do "self," visando trazê-lo para os domínios do ego. Se se dispensa atenção e encara-se com seriedade estes movimentos internos, o espaço da ponte irá crescer em extensão, profundidade e duração, construindo um campo em que símbolos florescem e servem de suporte para novas identidades, e o indivíduo se torna mais complacente consigo mesmo em se tratando de questões essenciais. Este diálogo interno é sentido como um espaço de tempo contínuo em que qualquer coisa é possível, pelo menos para fins de contemplação. Quando através do diálogo interno o arquétipo penetra a psique, descobre-se então a extensão da identidade pessoal, e o pequeno "self" do indivíduo se move em direção ao "Self" do ser. Tanto a *anima* como o *animus* trazem energias arquetípicas, fantasias e um sentido de um agente vital movendo-se na psique para inspeção do ego consciente, o qual responde impelindo energicamente suas necessidades, objetivos, esperanças e possibilidades dentro da *anima* ou *animus*. A conversação que se segue encarna o espírito na vida do indivíduo, assegurando-o de sua presença pessoal no mundo em torno de si.

Quando, por qualquer razão, a ponte de conversação arquetípica não funciona, ocorrem crises com tendência à dissociação.

"Neste estado ofensas parecem irreparáveis. Igualmente, sentimo-nos traídos; nosso amor nos deixa, nosso país nos abandona. Nada permanece para nós; a bondade não existe, nem nossa capacidade para dar ou receber qualquer coisa de significativo. O cinismo oferece seu dúbio consolo ao fazermos inexoráveis votos de nunca permitir que qualquer coisa ou alguém adquira novamente um significado especial em nossa vida. Além disso, pecamos contra o Espírito negando sua existência em três níveis de conversação - 'Self,' ego e Espírito - e negando que ele tenha se desvirtuado em nós. Perder o 'Self' é sério. O 'Self' em conversação com o ego potencializa o Espírito. O 'Self' em nós não é Deus, mas é em nós aquilo que conhecemos sobre Deus" (ULANOV & ULANOV, 1994, p.174).

Tais conceitos são essenciais para a discussão que será feita logo abaixo. A seguir, proceder-se-á à apresentação dos quadros referentes à figura de sexo oposto para os doze homens e as doze mulheres, conforme os itens de maior recorrência já apontados nas figuras de identificação.

A - Quadro resumo: investigação da *anima* (casos de homens)

	Imagem	Tema	Manifestação arquetípica	Relação do sujeito com a imagem
Aldo	ele mesmo, adulto, lavando pratos;	a desqualificação da virilidade ao exercer uma atividade culturalmente tida como feminina;	imagem não-arquetípica (a *anima* está ausente);	Aldo assume o papel da imagem, não havendo assim um distanciamento que viabilize uma relação.
Rafael	uma mulher cuidando da casa;	a figura feminina associada à idéia do lar como imagem de acolhimento e receptividade;	cena do cotidiano do sujeito evoca um tema arquetípico: o lar como expressão do feminino;	Rafael observa a mulher pelo buraco da fechadura da porta.
Isac	mulher indo para a roça com uma enxada nas costas;	o 'lapidar' paciente do espírito enquanto se lavra a terra;	reminiscências de uma cena já vivida pelo sujeito evocam um tema arquetípico;	no papel de criança o sujeito acompanha a mãe na lavoura; como adulto observa a cena 'de fora.'
Arquimedes	bailarina deslizando sozinha num palco de gelo;	a conexão com o "self," efetuada através da dança da bailarina; / a ascensão espiritual realizada ao longo do eixo terra-céu;	imagem de caráter seguramente arquetípico;	Arquimedes observa a bailarina dançando, mas esta não o vê; não há, pois, uma interação entre os dois.
Yuri	figura materna;	a segurança, o abrigo, o conforto e o senso de referência proporcionados pela mãe/ casa;	mãe pessoal recobre o arquétipo da mãe (imagem não-arquetípica);	Yuri assume o papel da imagem como menino.
Alexandre	uma mulher loira, de olhos verdes, conhecida na adolescência;	projeção espiritual da *anima*, o feminino idealizado;	vívidas reminiscências de uma imagem de recordação sugerem um tema arquetípico;	Alexandre assume o contra-papel ao relacionar-se com a imagem enquanto adolescente.
Diógenes	uma orquídea;	a 'conquista' de uma flor rara e bela: o alcance de um estado espiritual elevado;	imagem eminentemente arquetípica;	Diógenes age com energia e decisão de forma a tomar para si a orquídea.
Adriano	um cão brincando com uma criança;	o despertar da consciência viabilizado pelo cão (psicopompo);	imagem supostamente arquetípica;	o sujeito não está presente na cena, não interagindo desta forma com a imagem.

Átila	'Átila debochado' (ele mesmo maquiado, com cara de deboche);	conflitos relativos à identidade sexual / recusa ao apelo sedutor de seu lado feminino para exercer a homossexualidade;	imagem não-arquetípica (não foi acessada a *anima*);	existe um constante e exasperante diálogo interno entre o sujeito e a imagem, todavia a comunicação ocorre através do olhar.
Pedro	garota de 12 ou 13 anos, sua primeira paixão de adolescente;	amor platônico não correspondido (projeção primeva da anima);	imagem de recordação suscitou, todavia, um tema arquetípico;	Pedro se relaciona diretamente com a imagem enquanto adolescente.
Wotan	o próprio sujeito, bebê, sendo cuidado pela mãe no berço;	revivescência das primevas sensações de prazer e unidade com a figura materna (simbiose puerperal);	tema eminentemente arquetípico (expressão da *coniunctio oppositorum)*;	o sujeito assume o papel da imagem (ele é o próprio bebê).
Heródoto	um bosque com árvores altas, uma fonte com formigas próximas e um muro circundando;	resolução do conflito entre o sagrado e o profano / a busca do ponto de equilíbrio entre o espírito e a libido;	imagens de caráter seguramente arquetípico;	o sujeito 'entra' na imagem (ele está dentro do bosque) e se relaciona com ela de forma vívida, intensa e pessoal.

B - Quadro resumo: investigação do *animus* (casos de mulheres)

	Imagem	Tema	Manifestação arquetípica	Relação do sujeito com a imagem
Cibele	touro preto, bravo e forte, tendo uma ovelha como contra-papel;	vencendo o aspecto intimidativo do *animus*, e recriando o que antes era uma relação de dominação;	imagens de caráter seguramente arquetípico;	identificada com a ovelha, Cibele se confronta com o touro; em termos de ego observa o desenrolar da estória e sente 'afeto' pelos personagens.
Verônica	não há uma imagem aparente, somente a escuridão, o que é justificado pela falta de um 'filho-homem.'	censura à figura masculina (e implicitamente à sexualidade), cuja relação só poderia se dar via maternidade;	como não há imagens, apenas associações (de alto valor), isto não pode ser classificado como conteúdo arquetípico;	sem um contra-papel, o sujeito se queixa da 'não-imagem,' isto é, da falta de um 'filho-homem.'
Ester	urso forte e bravo;	a domesticação do urso / aceitação e integração do aspecto animal e primitivo do *animus*;	imagem de caráter seguramente arquetípico;	Ester vence o medo de aproximar-se e 'dá colo' ao urso que reage com doçura.
Judite	um tronco de árvore;	realização de fantasias edípicas com a figura paterna;	imagem eminentemente arquetípica;	no contra-papel, como criança, Judite se regozija e brinca com o tronco.

Aline	a figura paterna;	tentativa frustrada de receber atenção do Ser masculino idealizado e hierarquizado, através de tímida aproximação;	foi acessada uma expressão simbólica arquetípica do complexo paterno através da imagem do pai pessoal (prova: o seu pai na realidade não fuma);	enquanto criança Aline tenta 'ser vista' pelo pai sem sucesso; como adulta fica impassível, apesar do desejo de que a menina fizesse algo para ser notada.
Laura	homem dançando solto / homem de terno e chapéu caminhando;	as faces opostas (e aparentemente inconciliáveis) do seu *animus*;	imagens supostamente arquetípicas;	Laura dança com o dançarino, mas se mantém à distância do homem de terno e chapéu.
Samanta	mocinha de quinze anos que usa tênis, calça jeans, camisa;	renúncia à 'bola masculina' e a escolha de um sapato feminino: tentativa de adequação a um padrão convencional de feminilidade;	expressão simbólica não-arquetípica, na qual prevalecem conflitos pessoais em relação a padrões sociais de gênero;	Samanta se mantém 'olhando a menina de longe,' e afirma que nada sente em relação a ela.
Letícia	um cavalo muito lindo;	encantamento e temor (ambigüidade) ante a magnificência e a realeza do animal, diante do qual não ousa se aproximar;	imagem eminentemente arquetípica;	Letícia permanece admirando o cavalo a distância, pois sente medo de aproximar-se. Ela supõe que este não pode vê-la.
Diana	marinheiro Popeye (imagem em desenho animado);	sátira ao padrão masculino instituído socialmente (fica encoberto qual seria de fato o *animus*);	imagem não-arquetípica;	o marinheiro ignora que está sendo observado. Diana debocha dele o tempo todo.
Paloma	homem das cavernas;	menosprezo e caricatura do *animus*, sugerindo involução no desenvolvimento psicológico e quebra da ponte ego-"self;"	muito embora o caráter involutivo da imagem, o tema parece ser arquetípico;	Paloma se mantém seguramente a distância, observando a imagem do alto de um patamar superior.
Ivone	filtro d'água, que é duplicado no final da imaginação;	a purificação (depuração) dos pecados do amor (adultério);	imagem de recordação suscita um tema de aparente caráter arquetípico;	Ivone limpa o filtro com carinho e ele lhe parece feliz.
Vitória	imperador romano / poder;	a 'destruição' do imperador (das formas de poder despótico e autoritário exercidas pelo *animus*);	embora a imagem tenha se originado de uma vivência pessoal, o tema parece ser de natureza arquetípica;	o sujeito interage com a imagem no nível de contra-papel, e tem um papel decisivo na cena.

C - Discussão dos dados obtidos nas figuras de sexo oposto

Referentemente aos casos de homens, observou-se em alguns deles (Átila, Aldo e Yuri) a ausência da *anima*, com a imagem deles próprios assumindo o lugar daquela (Átila e Aldo). Isto sugere não só uma censura e repressão ao feminino, como também conflitos quanto à identidade de gênero.

Dentre todos, Átila foi o que maior conflito manifestou sobre a sua identidade sexual. Assim, o 'Átila debochado' pretendia ser uma grosseira caricatura do seu lado feminino, pois tencionava seduzi-lo (ele que tinha para si uma identidade sexual masculina) à prática do homossexualismo. Por outro lado, a imagem de si próprio com traços femininos sugere a idéia do andrógino. HOPCKE (1994) afirma que "a orientação sexual de um indivíduo ou de qualquer grupo de indivíduos é determinada por meio de uma interação complexa entre o arquétipo do masculino, o arquétipo do feminino e o arquétipo do andrógino" (p. 143-4). Para o autor, pressupor que toda orientação sexual contém estes três dominantes arquetípicos é ir mais longe e mais fundo em direção à plenitude, que é o impulso teleológico da sexualidade em seu nível mais básico. Assim, os homens heterossexuais não seriam atraídos pelas mulheres simplesmente devido à projeção da *anima*, pela necessidade de recapturar uma feminilidade perdida ou inconsciente. A teoria acima proposta implica reconhecer que um elemento fundamental da heterossexualidade pode ser a necessidade de realização das exigências do andrógino, a plenitude inerente em ser tanto masculino como feminino no ato da união sexual. O autor acrescenta que os homens nem sempre são apenas homens, conforme a definição da cultura ocidental, mas podem às vezes ser, no plano arquetípico e emocional, mulheres e andróginos.

Também Alexandre evidenciou conflitos nesse sentido, mas que foram logo dissimulados pela imagem da "linda mulher." Alexandre e Pedro manifestaram como imagens da *anima* paixões da adolescência que se constituíram em amores platônicos, projeções da figura feminina espiritualizada, sendo as relações sexuais proibidas havendo, inclusive, cerceamento de contato físico, total ou parcialmente.

Por outro lado, sempre que havia uma figura feminina, esta era muito linda (casos de Pedro, Alexandre, Arquimedes), obedecendo ao padrão etéreo (loira de olhos verdes) dos seres élficos, o que se constitui num indício de projeção da *anima*, por sua característica idealizada, não-humana, que beira a divina perfeição.

Com exceção de Arquimedes, outros que se utilizaram de imaginação criadora esboçaram imagens não humanas do Ser feminino: as árvores altas de um bosque, um cão (fêmea), uma orquídea.

Yuri, Wotan e Isac, com diferentes nuances, tiveram na imagem da figura materna, a fonte mais forte de inspiração em que foram buscar suas impressões primevas do feminino, havendo nos dois últimos casos projeção da *anima*.

Pode-se dizer que nos casos de Arquimedes e Heródoto, a *anima* cumpriu o seu papel de ponte que liga o ego ao "self." Segundo ULANOV & ULANOV (1994) quando a ponte *anima/animus* funciona bem, ocorre uma conversação interna, havendo de um lado um permanente senso de identidade e, de outro, elementos emergindo no indivíduo. Neste caso, o arquétipo tende a abrir espaço entre a consciência do ego e o "self" mais profundo. Algumas vezes a personificação representa o arquétipo, outras vezes este significado não é tão claro, mas o procedimento sim. Enquanto o *animus* conduz o indivíduo até o conteúdo do "self," a *anima* é notada trazendo com ela uma concepção universal do inconsciente, apropriando-se de um grande território para si. De maneira que o ego dialoga não com um outro ponto de vista, mas com a possibilidade de diferentes formas de vida, uma nova orientação.

Em casos como o de Adriano e Diógenes, observaram-se no primeiro, inquietações relativas ao despertar da consciência ainda incipiente e, no segundo, vivências relativas a uma etapa posterior do processo evolutivo, marcada pela conquista e 'apreensão' de um estado espiritual elevado. Neste segundo caso, em que o nível de consciência era mais diferenciado, verificou-se uma preocupação por ascender na escala de evolução, de forma a alcançar o inatingível, tomá-lo para si e levá-lo consigo, tal como um bem raro e precioso.

A não ser nos casos em que o sujeito assume o papel da imagem, ele normalmente está 'de fora' observando, isto é, sem interagir e sem ser visto pela imagem. Rafael, curiosamente, observa do lado de fora da fechadura da porta. Heródoto, entretanto, explora ao máximo todas as possibilidades de interação com a imagem.

Seguindo o mesmo padrão das figuras de identificação, os sujeitos do sexo masculino utilizaram-se predominantemente de imaginação reprodutora, parte deles acessando temas arquetípicos através de imagens de recordação (Pedro, Rafael e Isac). Casos em que as respectivas imagens não parecem tratar-se de expressões simbólicas arquetípicas foram os de Yuri, Átila e Aldo.

Ainda relativo aos casos de homens, o caso de Aldo deve ser salientado, pois foi um daqueles em que a figura feminina não apareceu, tipificando a ausência da *anima*, sendo que em seu lugar estava o próprio sujeito executando uma ação substitutiva culturalmente tida como feminina. Isto aparentemente não pode ser associado à idéia do andrógino que requer traços femininos internalizados, mas ao exercício puro e simples do papel social feminino.

Em referência aos casos das mulheres, o *animus* adquiriu a forma de um animal nos casos de Ester, Cibele e Letícia, sendo que nos dois primeiros, tais animais (um urso e um touro) eram fortes e bravos e, no terceiro, além de ser bravo, o animal (um cavalo) era também possuidor de grande beleza. Nos dois primeiros casos, evidenciou-se o aspecto selvagem do animal, que precisava ser 'domesticado' ou confrontado. Já o cavalo assemelhava-se mais a um ser humano aprisionado na 'pele' de um animal, vítima da magia de uma bruxa malvada, dado o seu porte nobre e majestoso. Neste caso parece já ser o instinto 'domado' ou sob controle, representado na sua mais alta linhagem.

Já a figura paterna apareceu como expressão simbólica arquetípica nos casos de Aline e Judite (esta última, na forma de um tronco de árvore). Sobre o significado do pai na psique das mulheres, HILLMAN (1990) afirma:

> "Todos sabemos que pais criam filhas; mas filhas também criam pais. A atuação da filha-donzela, com todo o seu charme receptivo, sua tímida disponibilidade e sua manha masoquista faz com que apareça um espírito paternal. Mas esta aparição e a vitimização da filha são criações da própria filha. Até a idéia de que ela é um resultado do pai (ou de um pai ausente ou de um mau pai) faz parte da fantasia-de-pai do arquétipo da *anima*. E assim, ela precisa estar 'tão ligada' ao pai porque a *anima* é o reflexo de uma ligação. Ela cria o pai figurativo e a crença nesta responsabilidade, que serve para confirmar a metáfora arquetípica da Filha que tem sua origem não no pai, mas na *anima* inerente também à psique da mulher" (p. 79).

Todos esses comentários são muito pertinentes, principalmente se se pensar no caso de Aline, que em sua "tímida disponibilidade" e em sua "manha masoquista" não consegue obter a atenção de seu pai, reiterando assim seus sentimentos de rejeição e sua autopiedade.

Vitória precisou vencer ('eliminar') o aspecto despótico e tirânico de seu *animus*, personificado na figura do imperador. Em seus comentários sobre o conto "Neve Branca e Rosa Vermelha," FRANZ (1995) identifica o tema da estória no problema da integração do aspecto masculino, das qualidades viris, ao mundo feminino. Segundo a autora, um mundo em que não se admite nada de rude não corresponde à realidade da vida, o que toca num problema caracteristicamente feminino. Quanto mais uma mulher é feminina, menos seu *animus* é agressivo e mais a vida tende a aniquilá-la. Se não é adequado para uma mulher agir como um homem, é igualmente malsão que ela seja por demais unilateralmente feminina, pois corre o risco de ficar à margem da vida e ser incapaz de enfrentá-la.

No conto, o urso chega na rudeza do inverno, como um novo personagem na vida de três mulheres (a mãe e suas duas filhas). Ele possui uma bondade natural e mostra-se doce com as meninas, mas quando captura o anão (que na estória personifica o *animus* negativo, as meninas tendo se mostrado condescendentes e sentimentais demais em relação a ele), não hesita em matá-lo com um pontapé (tal como o faz Vitória com o imperador). Sem ser inutilmente agressivo, ao atingir o fim de sua prova, sabe o momento exato em que deve passar à ação e terminar, de uma vez por todas, com uma situação absurda. Esta atitude em um contexto feminino trata-se do instinto viril agressivo corretamente vivido: ele sabe por que razão está agindo e o faz sem hesitações ou fraqueza devidas à incerteza. Esta é a aprendizagem pela qual Vitória está passando no confronto com seu *animus*: para ter uma relação satisfatória e saudável com o homem posteriormente ela precisa integrar em si este aspecto da agressividade masculina, aplicada de forma adequada.

É flagrante a forma como Paloma, Diana e Ester divergem entre si na abordagem de seu *animus*. Enquanto este é para Paloma uma primitiva e grotesca caricatura da figura masculina (um homem das cavernas), que ela parece menosprezar e ridicularizar, Diana toma como figura masculina um personagem oriundo das charges de desenho animado (o marinheiro Popeye) e refere-se a ele com uma boa dose de sarcasmo e ironia mordaz. Em uma postura completamente oposta, Ester oferece seu regaço para aconchegar o urso, muito embora o temesse inicialmente, e vivencia com ele um

encontro pleno e vivificante, delineando um quadro de perfeita harmonia e união de opostos. Depreendem-se, na postura de Paloma e Diana cujas figuras caricaturizadas parecem encobrir a face de seu verdadeiro *animus*, supostos sentimentos de ódio e ressentimento em relação à figura masculina.

No caso de Ivone, a imagem dupla do filtro, que a princípio parece desconectada do tema proposto, representa sua ambivalência diante da figura masculina e seu desejo por vivenciar o amor sem pecado.

Laura também apresenta um *animus* com dupla face, todavia com uma outra conotação: um lado mais solto e descontraído personificado pela imagem do bailarino, e outro mais conservador e tradicional, personificado pelo homem de terno e chapéu.

No caso de Verônica, todavia, a escuridão fala por si só da ausência e da censura ao *animus*, visto que somente um 'filho-homem' (que ela não teve) poderia lhe proporcionar uma vivência pura e sem mácula com o Ser masculino, isto por ser a relação mãe-filho, no seu entender, destituída de quaisquer conotações de cunho sexual.

Já Samanta expressa sua concepção do masculino a partir de sua identidade feminina - uma mocinha que usa tênis, calça "jeans" e gosta de jogar bola - sugerindo com isso um jeito de ser andrógino, o qual, todavia, não foi aceito pelo juízo social, forçando-a a renunciar a esta sua *persona* masculina para ser aceita socialmente. Em lugar disso, Samanta foi levada a escolher sapatos "bem femininos" para usar, isto é, foi direcionada a aderir a uma *persona* tida socialmente como feminina.

Vale salientar que, tanto nos casos de homens quanto nos casos de mulheres, sua produção em geral não esteve relacionada ao nível de escolaridade, ou à condição sócio-econômica de cada um. Produções ricamente elaboradas que envolveram o uso de imaginação criadora observaram-se em sujeitos de uma condição heterogênea em relação às variáveis citadas. Poder-se-ia dizer que a variável 'sexo,' esta sim, tenderia a apresentar uma influência mais determinante e significativa nesse sentido.

EMMA JUNG (1995) corrobora estas constatações ao observar que a mulher em geral é mais aberta em relação ao inconsciente que o homem. A mentalidade feminina é menos avessa ao irracional que a consciência racionalmente orientada do

homem, que, conforme já mencionado anteriormente, apresenta a tendência de negar tudo o que não é razoável, e que por esta razão freqüentemente se fecha ao inconsciente.

Continuando, a imagem da bailarina e as referências feitas à dança remontam a um tema de significativa recorrência, tanto em casos de homens quanto em mulheres, com freqüência maior entre estas últimas. A linguagem da dança parece expressar com surpreendente propriedade o contato com o "mundo do self," e o aspecto numinoso desta experiência, que não deixa de ser um lampejo do divino pois, tal como acentuaram ULANOV & ULANOV (1994), a conexão com o "Self" acessa aquilo que se conhece sobre Deus. Desta forma, quando está ativada a ponte *animus/anima* isto se faz notar pela sua ação terapêutica, o que nos casos de Arquimedes, Laura, Vitória, Cibele e Letícia (considere-se para esta última somente o potencial) foi externalizado através da dança.

Vale salientar que o tema específico da busca da transcendência ou a conquista de um estado espiritual elevado, para o que a imagem da *anima/animus* serve de guia (psicopompo), foi detectado com uma freqüência maior entre os casos de homens do que entre as mulheres (no caso dessas isto ocorreu nas figuras de identificação), revelando exatamente a finalidade última do papel da *anima/animus* como ponte que liga o ego ao "Self," a experiência mais aproximada do divino que se possui.

Considerando tanto sujeitos do sexo masculino quanto do feminino, pode-se dizer que a maioria das imagens manifestadas tem como base a história de vida de cada um, reportando-se a fatos já vividos ou a impressões mnêmicas, e pouco se referem ao fantástico ou ao surreal. Todavia, a partir de uma vivência pessoal pode-se abordar temas eminentemente arquetípicos (Vitória, Ivone, Alexandre, Rafael e Pedro o atestam). Algumas vezes estas imagens podem ser consideradas expressões simbólicas arquetípicas, outras vezes não, sendo que aquelas de natureza mais autenticamente arquetípica são as que abordam o tema da transcendência (que pode ter como ponto de partida elementos da história individual, como é o caso de Isac). Por outro lado, com exceção de Diana, os sujeitos que se utilizaram de imaginação criadora partiram de elementos conhecidos na natureza. Experiências de caráter numinoso de uma maneira geral puderam ser observadas tanto nos casos de homens quanto entre mulheres, tendo

sido talvez mais freqüentes entre estas últimas. Nos dois grupos, tanto nas figuras de identificação quanto naquelas de sexo oposto houve produções altamente elaboradas, construindo-se uma estória em torno da imagem, que em alguns casos envolveu inclusive uma contraparte sexual da figura de identificação. Todavia, houve também produções menos estruturadas, e que implicaram no uso da imaginação em menor escala, tendo o sujeito se fixado na imagem inicial, não sendo capaz de lhe atribuir movimento de forma que pudesse compor uma estória. Isto se deu tanto entre homens quanto entre mulheres, embora fosse mais comum entre os primeiros.

Constatou-se ainda que o material obtido tanto nas figuras de identificação quanto nas figuras de sexo oposto possui uma estrutura semelhante para cada caso em particular, obedecendo ao perfil psicológico do sujeito.

Além disso, os conteúdos que compõem o *animus* feminino parecem mais ricos e interessantes que aqueles que constituem a *anima* masculina, para a metade dos casos de homens fria e 'bem comportada,' sem grandes emoções, evidenciando uma linearidade que torna pobres as produções masculinas (com exceção de Heródoto, Arquimedes, Isac, Wotan e Diógenes).

A idéia da androginia psíquica é corroborada tanto por casos de homens (Átila e Wotan) quanto por casos de mulheres (Samanta), quando para expressar a figura do sexo oposto partem da mesma imagem de si próprios utilizada na figura de identificação, mas em diferentes situações e com diferentes temáticas.

4.2.3.3) Encontro das figuras masculina e feminina

Para se falar do encontro entre as figuras masculina e feminina há dois eventos psíquicos muito importantes a serem considerados: a questão do conflito entre as partes que é tão mobilizadora quanto a própria atração entre os opostos, que é instintiva, e a união de opostos *(coniunctio oppositorum)*.

Segundo HARDING (1980), o conflito externo entre homens e mulheres é tão somente uma mostra de um conflito subjetivo de igual ou maior prevalência, que se processa dentro de cada indivíduo, embora, talvez sem que se tenha consciência disso.

Considerando que nenhum indivíduo é inteiramente macho ou fêmea, mas um composto de ambos os elementos, estes dois constituintes estão, todavia, freqüentemente em conflito dentro da psique. Até este aspecto pessoal do problema ser resolvido, o homem ou a mulher como indivíduos não serão capazes de encontrar uma solução para suas dificuldades externas em seus relacionamentos, pois cada um inevitavelmente projetará a parte menos consciente e disciplinada de sua própria psique sobre seu parceiro. O homem, por exemplo, encontrará elementos de sua própria feminilidade não domesticada em sua relação com a esposa, e verá tudo o que ela é e tudo o que ela faz através da névoa de sua própria demoníaca e não redimida *anima*. A autora ressalta que para ser uma totalidade, o homem deve encarar sua dissociação honestamente. Por sua vez, o conflito interno somente será resolvido quando cada um tiver encontrado uma relação para ambos os aspectos de si mesmo e se reconciliado com aqueles poderes dominantes da psique, os princípios masculino e feminino, que são inerentes à genuína natureza de todo indivíduo.

JUNG (1990) reitera que o conflito reclama uma solução real e exige uma terceira coisa na qual as oposições possam unir-se. Neste caso costuma falhar o intelecto com sua lógica, pois em uma oposição lógica não existe um terceiro termo. O que traz a solução somente pode ser de natureza irracional. Na natureza, a compensação dos opostos constitui sempre um processo, isto é, um acontecimento energético: age-se de maneira simbólica conforme o sentido mais verdadeiro da palavra. Faz-se, pois, aquilo que exprima os dois lados assim como uma queda d'água ilustra de modo palpável o "em cima" e o "embaixo," e intermedeia entre eles. Neste caso ela é o "meio termo" incomensurável. No estado de conflito manifesto e indeciso, surgem sonhos e fantasias que, à semelhança da queda d'água, tornam como que palpável a tensão e a espécie de opostos existentes e desse modo iniciam e põem em andamento a síntese.

BOSNAK (1998) lembra que na alquimia a oposição fundamental é retratada pela tensão entre o homem e a mulher. Através do processo alquímico, esta tensão pode resultar na imagem do hermafrodita, o homem-mulher cujos elementos conflitantes são unificados de maneira que uma nova identidade venha a surgir. Neste ponto, é como se elementos opostos tivessem a mesma raiz (essência).

Por sua vez, JUNG (1990) considera a conjunção *(coniunctio)* a idéia central do processo alquímico (o que para nós confere a imagem do conflito solucionado). Para os adeptos da alquimia a 'conjunção' se tratava sempre de uma 'união,' como eles a designavam. Por meio dessa união, esperavam eles atingir a meta da obra, a saber, a produção do ouro ou de um equivalente simbólico dele. A conjunção *(coniunctio)* é sem dúvida o protótipo do que hoje se designa: "Combinação química." Quando o antigo adepto falava de uma união das naturezas, ou de uma liga de ferro e cobre, ou de uma combinação de *S* (enxofre) e *Hg* (mercúrio), então queria indicar ao mesmo tempo algo de simbólico: *Fe* (ferro) é Marte e *Cu* (cobre) é Vênus, e assim a fusão dos dois é simultaneamente um caso amoroso. A união das 'naturezas' que se abraçam não é tanto uma coisa física e concreta, pois são naturezas celestes que se multiplicam por ordem de Deus. As substâncias que realmente procuravam combinar tinham para eles (por causa do desconhecimento da natureza delas) constantemente um caráter de certo modo numinoso, que de modo claro ou velado visava a personificação de algum espírito. Eram elas substâncias que, à semelhança de seres vivos, se fecundavam reciprocamente e desse modo geravam o ser vivo procurado pelos filósofos. As substâncias se lhes afiguravam como de natureza hermafrodita, e a união que procuravam alcançar era uma operação filosófica, isto é, a união de forma e matéria.

Assim, tem-se na idéia da superação da dissociação, na relação entre as polaridades (masculino e feminino) que então se tornou possível e, na conseqüente imagem do hermafrodita que é em si mesmo uma expressão da *coniunctio* (conjunção), uma solução efetiva para o conflito entre os opostos.

Logo após estas considerações, pode-se então apresentar a síntese do encontro entre as figuras masculina e feminina, cujos itens foram elencados tendo por base o quarto objetivo específico deste estudo,[2] pretendendo desta forma contemplar de forma o mais precisa possível todas as questões ali contidas.

[2] 'Observar como se dá a inter-relação do masculino e do feminino num nível mais profundo: onde se chocam, onde se encontram, onde se complementam.'

A - Casos de mulheres

1) Cibele

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, no nível arquetípico (inconsciente coletivo);

b) Como ocorre: através da dança e do toque, e com a ocorrência de metamorfose (o touro se transforma em homem);

c) Resolução do conflito: ocorre através do conhecimento mútuo, sem pressa, "com o tempo e a sutileza a seu favor;"

d) Onde se chocam: não há choques, mas reconhecimento e assimilação das diferenças;

e) Onde se identificam: não está explícito; o elemento que domina o quadro sendo a percepção das diferenças;

f) Onde se complementam: na síntese entre as pulsões instintivas e primitivas e as sutilezas do espírito;

g) Relação do sujeito com a imagem: muito embora esteja apenas como observadora narrando o que vê, o sujeito parece viver intensamente os acontecimentos de sua experiência imaginativa, o que se verifica na mensagem final que deixa para o casal.

2) Verônica

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: o encontro não acontece;

b) O que impede: a distância física e psíquica (há uma montanha se interpondo entre eles);

c) Resolução do conflito: não ocorre, observando-se apenas a inacessibilidade do masculino;

d) Onde se chocam: não está claro, podendo-se constatar apenas o efeito (a menina se entristece ao ver o escuro);

e) Como se dá a relação: a menina fica parada olhando o escuro;

f) Relação do sujeito com a imagem: Verônica se identifica profundamente com a imagem (o choro da menina é o seu próprio choro). Ela promete que vai tentar se encontrar com a menina, mas não sabe quando.

3) Ester

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, no nível arquetípico;

b) Como ocorre: inicialmente as figuras feminina e masculina se reconhecem pelo olhar e pelo toque. Depois passeiam de mãos dadas pelo gramado sem fim;

c) Resolução do conflito: a domesticação do urso e o subseqüente vínculo afetivo que foi criado com a adolescente indica que houve resolução do conflito

d) Onde se chocam: não há choques, apenas um temor inicial diante do desconhecido;

e) Onde se identificam: muito embora tenham se tornado amigos e experimentado juntos a sensação de liberdade, os pontos de identificação não estão explícitos (muito mais as diferenças);

f) Onde se complementam: na cumplicidade de sua aliança. Isto é corroborado na imagem da adolescente passeando de mãos dadas com o urso;

g) Relação do sujeito com a imagem: após estar atrás acompanhando ou assumindo o papel da adolescente, Ester se interpõe definitivamente entre a adolescente e o urso (ela pega nas mãos de cada um).

4) Judite

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, no nível arquetípico;

b) Como ocorre: muito embora haja uma desorientação e um constrangimento inicial, a orquídea "gruda no tronco" depois de passar pela cerca de arame;

c) Resolução do conflito: partindo do isolamento inicial em que se encontrava a orquídea, pode-se considerar que a solução apresentada foi plenamente resolutiva, sugerindo uma expressão da *coniunctio oppositorum*;

d) Onde se identificam: não está explícito, mas é evidente que se atraem nas diferenças;

e) Onde se complementam: enquanto um proporciona a solidez, a resistência, a longevidade e a força, o outro traz em si a delicadeza, a fragilidade, a beleza e a etérea fugacidade;

f) Relação do sujeito com a imagem: Judite afirma que sente "a maior inveja da felicidade deles," mas permanece observando.

5) Aline

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: o encontro não ocorre;

b) O que impede: o medo de descobrirem que o outro não é tão forte e nem tão fraco quanto cada um pensa que é;

c) Onde se chocam: no contraste entre um pai forte demais e uma rosa frágil demais;

d) Como se dá a relação: a figura masculina (o pai) menospreza a fragilidade e a feminilidade da figura feminina (a rosa), e ao mesmo tempo esta se assusta com a postura dele ("muito forte, muito racional, muito cheio de certezas");

e) Resolução do conflito: não ocorre, pois o sujeito permanece apenas no nível de constatação das diferenças (opostos absolutos e inconciliáveis);

f) Relação do sujeito com a imagem: apesar de sentir o desejo de se aproximar, Aline apenas observa sem intervir, pois a situação tal como se encontra parece ser mais conveniente para os dois personagens e para si própria (nenhum deles parece disposto a fazer concessões ou a compreender o outro).

6) Laura

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, supostamente no nível arquetípico;

b) Como ocorre: logo após a condensação da figura masculina (que havia se manifestado de forma dupla), o homem de terno e chapéu começa então a dançar, e o sujeito dança com ele na calçada de uma rua (Laura parece ter assumido o papel da imagem referente à figura feminina);

c) Resolução do conflito: Laura parece estar dançando alegre e prazerosamente com o homem de terno e chapéu, o que indica que ela conseguiu elaborar o conflito, e integrar os aspectos aparentemente inconciliáveis do masculino dentro de si;

d) Onde se chocam: não há choques nesta fase;

e) Onde se identificam: a não ser a linguagem da dança que é comum, não estão claros outros pontos de identificação, mas é evidente que se atraem;

f) Onde se complementam: o sujeito e a figura masculina condensada passaram a ser parceiros e co-participantes ("partners") na dança da vida;

g) Relação do sujeito com a imagem: Laura tomou o lugar da 'mulher dançante' e não sabe dizer para onde foi a imagem.

7) Samanta

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: o encontro não ocorre;

b) O que impede: as duas imagens pertencem a mundos (e épocas) diferentes; a mocinha de sutiã ficou "perdida" no tempo;

c) Onde se chocam: a adolescente que usa "jeans" e camisa desconfirma a feminilidade da outra (por isso elas foram separadas irremediavelmente);

d) Como se dá a relação: não há relação de qualquer espécie, mas uma cisão completa;

e) Resolução do conflito: a dissociação impede o encontro e, por conseguinte, qualquer possibilidade de resolução do conflito;

f) Relação do sujeito com a imagem: Samanta não intervém.

8) Letícia

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, supostamente em nível arquetípico;

b) Como ocorre: a bailarina monta no cavalo com extrema facilidade e cavalga, sugerindo com isso a domesticação do *animus*;

c) Onde se chocam: não há choques, mas um relacionamento plenamente harmonioso;

d) Onde se identificam: na leveza e na suavidade de movimentos;

e) Onde se complementam: na perfeita sincronicidade e integração entre cavalo e cavaleira, vindo ambos a constituir uma unidade;

f) Resolução do conflito: o encontro entre os opostos parece ter sido plenamente resolutivo, tendo sido 'domado' o cavalo e com ele o temor face ao instinto e à agressividade personificadas pelo masculino-animal. Observe-se que aqui a bailarina saiu do estado de torpor e paralisia em que se encontrava no quadro inicial;

g) Relação do sujeito com a imagem: Letícia não intervém.

9) Diana

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, no nível arquetípico; com a ressalva de que a figura masculina aqui é tão somente o azul-escuro, e não mais o marinheiro Popeye;

b) Como ocorre: evidencia-se o contraste entre as imagens: o azul-escuro funciona como um pano de fundo para as luzes, que se transformam em uma bola de cristal facetado, girando e ganhando distância no espaço;

c) Onde se chocam: não há choques, mas uma perfeita complementaridade;

d) Onde se identificam: como elementos do espaço sideral, compondo uma imagem arquetípica da gênese do universo;

e) Onde se complementam: no contraste entre os opostos representados pelo fundo azul-escuro e a claridade da luz/cristal;

f) Resolução do conflito: o sujeito ao mesmo tempo que consegue superar o nível de fragmentação inicial, também abandona o tom de ironia mordaz com que se refere ao Ser masculino personificado pelo marinheiro Popeye, para compor uma imagem coerente de formação do universo. Tudo isto sugere uma resolução do conflito;

g) Relação do sujeito com a imagem: o cristal parece girar e orbitar em direção ao sujeito. Diana, por sua vez, pede vida e paz ao cristal, que responde com suas luzes e seu movimento próprio.

10) Paloma

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: o encontro não ocorre;

b) O que impede: ambos são o extremo oposto um do outro. Este fato ao invés de atraí-los, constitui-se em fator de afastamento (o homem das cavernas parece representar, na verdade, a própria sombra do sujeito, aspecto obscuro de sua personalidade, por ela renegado e dissociado);

c) Onde se chocam: na diferença extremada, que funciona como um fator conflitante para ambos;

d) Como se dá a relação: a atmosfera de superioridade e inferioridade que os envolve é a 'ponte' que os mantém em contato, e se processa via o olhar de cada um;

e) Resolução do conflito: não ocorre, pois não houve qualquer tipo de elaboração, apenas uma constatação da posição em que cada um se encontra;

f) Relação do sujeito com a imagem: Paloma "só olha" e afirma estar plenamente de acordo em relação ao que se passa, corroborando que a distância deve ser mantida.

11) Vitória

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, com símbolos do inconsciente coletivo, mas com elaboração no nível consciente, inserindo elementos da realidade cotidiana do sujeito;

b) Como ocorre: recriando um novo modelo de masculinidade, antes tirânico e autoritário, agora mais igualitário e com o lado feminino mais consciente, foi possível ocorrer o encontro saudável e executar a 'dança do ajustamento;'

c) Resolução do conflito: através da domesticação e recriação do *animus* foi possível o ajustamento entre o jeito masculino e feminino de ser através da dança. Ela aprende com ele os passos que ainda não sabe, assimilando o jeito de ser dele, e vice-versa;

d) Onde se chocam: não há choque com o novo Ser masculino por ela criado, apenas a aprendizagem dos passos que cada um não sabe do outro (aquilo que se constitui na diferença para cada um);

e) Onde se identificam: no desejo de aprender cada um os passos do outro que ainda não sabe, e desta forma vir a compor uma coreografia nova, que será apresentada diante de uma platéia;

f) Onde se complementam: no "encaixe" perfeito entre o jeito masculino/feminino de ser dele e o jeito feminino/masculino de ser dela e tornando-se finalmente um só nesta interpenetração;

g) Relação do sujeito com a imagem: Vitória está tão dentro da cena, e tão consciente da projeção que não há um distanciamento que propicie a relação com a imagem.

12) Ivone

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: o encontro se dá a partir de uma nova síntese, e intermediado pela imagem de Deus, elaboração esta que se processa no nível consciente.

b) Resolução do conflito: ocorre através da escolha do marido em detrimento do amante. A síntese final se dá através do perdão de Deus, que contém em si o masculino e o feminino integrados.

c) Como ocorre: na verdade o encontro é com Deus. É diante de Deus que todos se tornam "uma só carne" (uma união coletiva, e não a dois) através do canto, e se processa então a *coniunctio oppositorum.*

d) Onde se chocam: tendo atingido a síntese final, parece não haver conflitos internos, pois todo sentimento de culpa em relação ao adultério foi transmutado ao ser restabelecido o laço com o divino, e ter sido escolhido o caminho socialmente aceito.

e) Onde se identificam (ela e o marido): no amor para com Deus e no reasseguramento de sua força interior.

f) Onde se complementam: ele (o marido) desempenhando o papel de contraparte dela diante de Deus, e ela, o de esposa dedicada e fiel.

g) Relação do sujeito com a imagem: Ivone é um personagem da cena; ela tampouco consegue se ver como observadora.

B - Casos de homens

1) Aldo

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: não houve um genuíno encontro de opostos, mas simplesmente um 'pensar junto' visando a resolução no nível racional/consciente de um problema prático imediatamente incômodo e desconfortável para o sujeito: a necessidade de realização de algumas tarefas domésticas tidas como femininas, especificamente, o lavar pratos.

b) Como se dá a relação: o menino orienta o homem adulto sobre o que fazer, sugerindo-lhe a princípio uma solução pueril, e em seguida, outra mais racional. Aldo acata a segunda sugestão, e decide que irá contratar "alguém" que faça o que ele não gosta de fazer.

c) Resolução do conflito: ocorre num nível elementar de corroboração do masculino infantil e eliminação da única matiz do feminino pelo sujeito manifestada - o desempenho de tarefas domésticas - transferindo sua execução para outra pessoa (provavelmente do sexo feminino), assegurando-se assim da suposta masculinidade que o menino lhe confere.

d) Onde se chocam: não há conflitos entre o menino e o homem adulto, mas somente deste último com a tarefa de lavar pratos, função culturalmente tida como feminina e dissociada de sua identidade masculina.

e) Onde se identificam: o homem adulto e o menino parecem se identificar na sua presumida masculinidade, ainda que, incipiente, imatura, mas lisonjeira.

f) Onde se complementam: o homem adulto se une em conluio ao menino na tentativa de juntos eliminarem o indesejável, isto é, o feminino degradante. Com o feminino propriamente dito não há qualquer tipo de complementaridade, mas uma situação incômoda e desconfortável de antagonismo.

g) Relação do sujeito com a imagem: o homem adulto é um personagem da cena, e encontra-se tão dentro dela, que praticamente não há espaço para o observador.

2) Rafael

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, mas num ato puramente mecânico e automático, sem consciência, e sem nenhum comprometimento de ambas as partes.

b) Como se dá a relação: a mulher limpa a estátua mecanicamente e com indiferença, sem lhe dispensar uma atenção especial e se detém mais no outro canto da casa. Neste caso, a única modalidade de relação possível entre as figuras masculina e a feminina parece ser, pois, no nível de objeto.

c) Resolução do conflito: não foi apresentada uma resolução para a problemática de coisificação explicitada entre as figuras masculina e feminina. A mulher, ao limpar mecanicamente a estátua não a percebe, dada a sua pequenez e insignificância.

d) Onde se chocam: não há conflitos aparentes, mas uma situação onde um simplesmente não percebe o outro.

e) Onde se identificam: não parece haver pontos de identificação entre eles, visto que são 'objetos' de distintas naturezas, e constituem uma relação assimétrica de possuidor (a mulher) e objeto possuído (a estátua).

f) Onde se complementam: na medida em que há um objeto inanimado (de decoração) necessitando de cuidados de limpeza, e uma mulher se dispõe a fazer isso.

g) Relação do sujeito com a imagem: o sujeito observa a mulher de um patamar superior. Ele manifesta uma grande preocupação em não ser notado por ela, pois se isto ocorresse, esta perderia a sua espontaneidade ("murcharia como uma flor"). Enquanto isso, a estátua é esquecida na sua insignificância.

3) Isac

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: o encontro definitiva e claramente não ocorre, o sujeito afirmando categoricamente que as figuras masculina e feminina estão "apartadas."

b) O que impede: Isac não sabe dizer; afirma simplesmente que ambos são "estranhos um ao outro," muito embora não tenham entre si uma natureza muito distinta. A condição de 'estranho' sugere que não há familiaridade, intimidade ou pontos de identificação.

c) Como se dá a relação: socialmente e mesmo em termos de economia doméstica são marido e mulher, têm filhos comuns, todavia em um nível afetivo de relação homem/mulher são "indiferentes" um ao outro.

d) Onde se chocam: o conflito não está explícito; apenas manifesta-se a indiferença, conforme afirma Isac.

e) Onde se identificam: um conhece a arte da pesca, o outro, a faina da lavoura, todavia parece não haver qualquer elemento de identificação entre as figuras masculina e feminina. O menino, por sua vez, alterna com os dois, cada um no seu espaço.

f) Onde se complementam: a princípio parece não haver nenhum tipo de complementaridade, visto que ambos são estranhos um ao outro. Todavia, talvez haja um acordo tácito quanto ao seu modo de vida enquanto casal e uma correspondência recíproca na indiferença.

g) Relação do sujeito com a imagem: Isac observa a distância. Ele tão pouco nada tem a dizer. O tom definitivo e categórico de suas palavras demonstra que parece ser muito difícil para si fazer contato com as imagens, seja em que nível for.

h) Resolução do conflito: tudo indica que o conflito está encoberto e reprimido por uma gélida camada de indiferença e conformismo.

4) Arquimedes

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, sem dúvida, no nível arquetípico.

b) Como ocorre: o peixe se transforma em homem, e 'emerge' de uma caixinha de música como um bailarino em "carne e osso" ao lado da bailarina (a figura feminina). Ambos dançam alegremente em círculos ininterrupta e incansavelmente. Quando não estão dançando em círculos estão andando em círculos. Eles não podem parar a fim de que a "aliança" não seja desfeita.

c) Resolução do conflito: neste caso parece ter se processado a *coniunctio oppositorum*, isto é, a união dos opostos masculino e feminino, o que indica ter sido solucionado o conflito, isto é, a solidão que cada um sentia no seu próprio mundo.

d) Onde se chocam: não são evidenciados conflitos de qualquer espécie.

e) Onde se identificam: na dança e no desejo de manter viva a aliança.

f) Onde se complementam: no compromisso mútuo de manter viva a aliança, um tipo de 'pacto' em que nenhum dos dois interrompe a 'dança do amor.'

g) Relação do sujeito com a imagem: Arquimedes observa de longe, "como se fosse um palco." Enquanto isso, faz-se um "total silêncio," pois ele não pode ser notado. Se isto ocorrer as imagens dos bailarinos com sua dança podem desaparecer.

5) Yuri

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: apesar de haver uma proximidade física, não se dá o encontro de fato, visto que ambos mantêm entre si uma distância emocional. Isto se passa no nível consciente.

b) Como ocorre: o sujeito vivencia a proposta de encontro muito mais em termos de sensações. A partir do momento que detecta que há uma distância emocional, tudo fica a girar em torno disso, como se o fluxo natural das imagens tivesse sido paralisado.

c) Resolução do conflito: o grande nódulo que está implícito, na verdade, é o tabu do incesto, o que justifica um medo inconsciente da proximidade emocional. A questão não parece ter sido resolvida a contento, pois o afeto amoroso está contido.

d) Onde se chocam: o conflito se evidencia no perigo de se infringir o tabu do incesto, para o qual a "falta de liberdade" se constitui numa defesa.

e) Onde se identificam: não foram explicitados pontos de identificação.

f) Onde se complementam: observa-se um acordo tácito no sentido de se manterem afastados e reprimirem manifestações de afeto.

g) Relação do sujeito com a imagem: Yuri não interfere no que está acontecendo, e apenas registra mentalmente suas sensações.

6) Alexandre

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: o encontro ocorre, todavia, no nível social, no plano da realidade, revivido em uma imagem de recordação.

b) Como ocorre: o sujeito leva a mulher loira (a figura feminina) até a casa em que mora o pai (a figura masculina), por várias vezes. Apesar de não haver muita conversação, há simpatia entre eles.

c) Resolução do conflito: Alexandre tenta provar ao pai sua masculinidade através de uma figura feminina que a confirme, todavia, o vazio deixado pelo rompimento precoce e o questionamento da figura paterna indicam que se tratou apenas de um ensaio para sua frágil identidade, e que o sujeito não conseguiu atingir seu objetivo.

d) Onde se chocam: não há conflitos aparentes.

e) Onde se identificam: não há reais pontos de identificação, apenas uma relação superficial vivenciada no contexto social com mútua simpatia.

f) Onde se complementam: no exercício dos papéis sociais de potenciais sogro e nora.

g) Relação do sujeito com a imagem: como se trata de uma imagem de recordação, Alexandre apenas narra fatos de sua história passada, sendo ele próprio um personagem da cena.

7) Diógenes

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, supostamente no nível arquetípico.

b) Como ocorre: a orquídea volta para o topo da árvore agora situada no zoológico onde está o elefante e ele toca-a e molha-a com sua tromba.

c) Resolução do conflito: considerando o primeiro e o segundo quadros, a finalização (síntese) apresentada pelo sujeito no item do encontro parece ter sido plenamente resolutiva e ter se constituído numa expressão da *coniunctio oppositorum.* O sujeito corrobora esta idéia através da afirmação de que a orquídea "já não está mais tão só."

d) Como se dá a relação: Enquanto o elefante admira a orquídea por sua beleza, esta lhe é grata por estar de volta à sua árvore de origem. Além disso, os cuidados recíprocos resultam em que cada um se sinta importante para o outro; a atenção que o elefante dispensa à orquídea eleva sua auto-estima, e o vínculo se fortalece.

e) Onde se chocam: não há sinais de quaisquer conflitos entre eles.

f) Onde se identificam: supostamente no fato de serem ambos elementos da natureza, e, apesar de diferentes, conhecerem profundamente as necessidades um do outro.

g) Onde se complementam: na extrema oposição de suas diferenças: enquanto ele se destaca por sua sólida e gigantesca estrutura corpórea, ela é a expressão máxima da beleza, da fragilidade, da delicadeza e fugacidade. Este fator ao invés de afastá-los, acaba por aproximá-los, constituindo-se num elemento de atração mútua.

h) Relação do sujeito com a imagem: Diógenes não interage com os personagens e nem tampouco, faz parte da imagem.

8) Adriano

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: apesar de estarem no mesmo espaço físico, pode-se dizer que o encontro não ocorre, pois um não tem consciência da presença do outro.

b) O que impede: o nível de consciência regressivo do sujeito, expresso na imagem da planta. Ele precisa primeiro desenvolver sua consciência, o que se dá através das brincadeiras da cadela com a criança.

c) Como se dá a relação: não há qualquer tipo de relação entre a figura masculina e a feminina, mas desta última com um terceiro personagem, a criança. Assim, a cadela brinca continuamente com a criança, e a planta, apesar de estar próxima, permanece apenas como um pano de fundo no jardim da casa.

d) Resolução do conflito: ocorre de uma forma indireta, paulatina e semi-consciente, na medida em que a cadela brinca com a criança, e o sujeito adquire consciência.

e) Onde se chocam: não há conflitos simplesmente porque um não se apercebe da existência do outro.

f) Onde se identificam: por não haver uma relação entre as figuras masculina e feminina, não há também pontos de identificação a serem destacados.

g) Onde se complementam: a complementaridade entre a planta e a cadela se faz apenas por meio de uma presença e uma proximidade silenciosas e inconscientes.

h) Relação do sujeito com a imagem: Adriano não interfere na cena e permanece observando a distância.

9) Átila

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: segundo o sujeito ocorre uma "mistura" dos elementos masculino e feminino, no nível hipotético e intelectual, resultando em um único 'Ser' do sexo masculino. Vale lembrar que no item referente à figura feminina já teria havido um confronto (o encontro propriamente dito) entre as figuras masculina e feminina originais.

b) Como ocorre: um 'Ser' especial que contém em si estas duas polaridades igualmente afloradas (ele é mais sensível, intuitivo, mais aberto e vive uma vida sem mitos) está no cinema assistindo relaxado ao filme: "Melhor Impossível!"

c) Resolução do conflito: ocorre no nível hipotético na medida em que o sujeito integra os opostos masculino e feminino (androginia psíquica) em um 'Ser' singular mas, mantendo sua identidade masculina. O fato de poder rir e chorar e manifestar sentimentos, especialmente o medo, não faria com que deixasse de ser homem. Ao invés de tentar eliminar sentimentos desconfortáveis, ele tentaria entendê-los.

d) Onde se chocam: neste momento não aparecem conflitos, considerando que estes foram pelo menos teoricamente solucionados.

e) Onde se identificam: o 'Ser' resultante já é um produto da mistura alquímica dos dois elementos, de forma que já ultrapassou este nível (a identificação pressupõe dois seres distintos).

f) Onde se complementam: o que foi dito acima também é válido para a questão da complementaridade. Todavia, vale salientar que a 'fusão' entre o masculino/feminino internos efetuada anteriormente leva o sujeito a conectar-se à sua humanidade mais básica e essencial, e anular todas as diferenças quanto ao gênero. Isto é, a descoberta de que "todas as pessoas são iguais," independente de que seja homem ou mulher, ocorre porque ambos os sexos experimentam os mesmos sentimentos.

g) Relação do sujeito com a imagem: Átila narra os fatos e elabora a síntese, mas não participa da cena enquanto personagem.

10) Pedro

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, numa situação vivida no nível de fantasia referente à realização de um desejo da adolescência, envolvendo o Pedro adolescente (figura masculina) e a linda garota (figura feminina), seu objeto de desejo.

b) Como ocorre: os dois jovens adolescentes vivem intensamente um encontro amoroso, explorando sobretudo os canais do toque e do olhar.

c) Resolução do conflito: houve a satisfação de um desejo longamente acalentado, no plano da fantasia e da imaginação.

d) Onde se chocam: não há conflitos aparentes.

e) Onde se identificam: no desejo de estar com o outro amorosamente.

f) Onde se complementam: no relacionamento de toque, no olhar e na entrega total.

g) Relação do sujeito com a imagem: Pedro assiste a tudo sem se fazer notar, mas intimamente vive intensamente esta experiência, desejando que a mesma se prolongue ao máximo.

11) Wotan

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: o encontro não ocorre, a não ser no breve instante da passagem de um para o outro, quando "tudo fica neutro," isto é, masculino e feminino parecem se anular reciprocamente.

b) O que impede: o movimento de alternância entre as imagens que funcionam como sol e lua, isto é, quando um chega o outro termina.

c) Como se dá a relação: a relação é de alternância, o que impede qualquer possibilidade de um encontro real ou uma integração de opostos, visto que as duas imagens não podem coexistir no mesmo espaço ao mesmo tempo.

d) Resolução do conflito: a impossibilidade de se chegar a uma síntese e à coexistência harmoniosa de masculino e feminino indica que não houve resolução do conflito, mesmo que este não tenha sido manifestado claramente.

e) Onde se chocam: em suas naturezas supostamente opostas e inconciliáveis.

f) Onde se identificam: parece não haver pontos de identificação, visto que não é possível o encontro.

g) Onde se complementam: parece não haver complementaridade, a não ser no jogo regular de alternância, que define um tipo de relação onde as figuras masculina e feminina nunca se encontram, pela simples impossibilidade de coexistência no mesmo espaço físico/psicológico.

h) Relação do sujeito com a imagem: quando Wotan tenta interferir no fluxo das imagens, observa que isto não funciona. Por isso, decide "seguir o fluxo de dentro," e deixar que as coisas aconteçam naturalmente.

12) Heródoto

a) Se o encontro de fato ocorre e em que nível: sim, no nível arquetípico.

b) Como ocorre: na situação de encontro o ipê fica no bosque, junto às árvores, e estas passam a ser sua família. Por sua vez, ele lhes deu as flores (fertilidade) que elas não possuíam. Neste ambiente há menos luz do que na calçada em que antes estava o ipê e também um cheiro peculiar.

c) Resolução do conflito: processa-se através da escalada do sujeito, primeiro no pé de ipê, e depois em uma das árvores. Escalando o ipê, Heródoto se certifica de sua masculinidade, e escalando as árvores enfrenta o desafio que se lhe impõe o feminino: alcançar o azul do céu (a divina transcendência). Tendo conseguido isso a despeito do risco fatal de queda, efetua dentro de si a união de opostos *(coniunctio oppositorum)*, e resolve assim o problema de sua solidão.

d) Onde se chocam: não são explicitados conflitos entre o ipê e as árvores, mas uma relação amistosa de complementaridade.

e) Onde se identificam: tanto o ipê quanto as árvores são seres da natureza, e comungam do mesmo 'santuário.'

f) Onde se complementam: enquanto o ipê traz flores (fertilidade) para as árvores (estas não as possuíam na situação de origem), aquelas se constituem na sua família.

g) Relação do sujeito com a imagem: é extremamente ativa, sendo seu papel mais destacado em relação às figuras masculina e feminina, do que destas entre si. Heródoto narra passo a passo a forma como vai vencendo as dificuldades na escalada do ipê (o que se revela ser bem mais fácil) e de uma das árvores (tarefa verdadeiramente arriscada) rumo ao azul do céu.

C - Discussão dos dados obtidos no encontro das figuras masculina e feminina

A questão mais imediata que se impõe é que tanto nos casos de homens quanto de mulheres, o encontro nem sempre ocorre.

Relativo ao grupo das mulheres, para 1/3 (um terço) delas o encontro não ocorre. Entre outras hipóteses explicativas para o fenômeno, os conflitos que aparecem

na seqüência dos quadros 1 e 2, nem sempre são solucionados. Os opostos muitas vezes funcionam como elemento de atração (Judite, Diana, Ester) outras vezes de repulsão, impedindo assim o encontro (Paloma, Aline). Quando prevalece o fator de repulsão, observa-se uma inconciliável incompatibilidade, isto sugerindo que a figura de sexo oposto parece estar personificando elementos da sombra do sujeito. Desta forma, se um é muito sujo e grotesco, o outro é branco e etéreo (Paloma); ou se um é muito forte, o outro é frágil demais (Aline). Neste caso, o encontro maximiza e põe em evidência as diferenças, que, ao invés de interagirem entre si num mecanismo de complementaridade, isto parece funcionar muito mais como um fator de aniquilação da personalidade, negação do auto-conceito, ou da própria feminilidade. No caso de Verônica o que impede o encontro é a própria distância e os obstáculos a serem transpostos (há uma montanha entre eles), ou seja, o masculino parece ser inacessível para ela. Para Samanta o elemento impeditivo é o fato de que as imagens pertençam a mundos diferentes (isto é, elas parecem ser estranhas uma à outra e não ter quaisquer pontos de identificação), e a ameaça de que um suposto encontro entre as figuras feminina e masculina desconfirmaria sua feminilidade.

Por outro lado, em outros casos é interessante observar a resolução e a elaboração apresentadas ao longo dos quadros 1, 2 e 3. No caso de Judite, onde a orquídea estava abandonada em meio a uma folhagem ressequida com a anuência do próprio sujeito, ela enfim se sentiu revitalizada no encontro com o tronco, o elemento masculino que a despertou do torpor, do medo de viver e buscar a total aderência com o seu oposto através da *coniunctio oppositorum*. Laura, logo após efetuar a condensação das imagens referentes à figura masculina, pode enfim unir-se através da dança ao elemento masculino que antes lhe provocava estranheza e reserva. No caso de Cibele, um ser etéreo/élfico (a 'mulher-fada') e um touro (a mais concreta expressão do instinto) puderam se unir com o crescente conhecimento mútuo através do toque, do olhar e da dança em círculos, processo que levou à humanização do *animus* que se metamorfoseou em homem. Já Vitória precisou destruir a face perversa do elemento masculino que ameaçava aniquilar sua personalidade com seu despótico poder, e somente então pôde outorgar uma face mais humana ao seu *animus*, e se unir a ele. Letícia, que no primeiro

quadro apresentou uma bailarina que havia 'petrificado' enquanto tentava um passo, no encontro com o *animus,* cavalgando, encontrou toda a pujança e a versatilidade de seus movimentos.

Além disso, vale salientar ainda que quando ocorre o encontro, nem sempre isto se passa a nível arquetípico. Muitas vezes a elaboração se processa no nível consciente, ou no máximo até as profundezas do inconsciente pessoal. Este é o caso de Ivone, que encontrou uma solução muito engenhosa para o seu drama, vivido na seqüência dos dois primeiros quadros. A resolução do conflito através da renúncia ao amante e da escolha do marido representou o reasseguramento dos laços para com o divino.

Observando como ocorre o encontro, freqüentemente isto se dá através de um processo prévio de conhecimento mútuo, no caso de Ester acompanhado de um certo receio. Neste sentido, a dança se revelou um interessante canal e um meio de expressão adequado através do qual foi possível conhecer e se dar o ajustamento com o outro diferente (Cibele, Vitória, Laura), além do próprio ato de cavalgar (Letícia). O canto representou outra via de conexão (Ivone). Também o contraste entre as imagens com diferentes matizes de luzes e cores (o azul-escuro funcionando como um pano de fundo para o brilho das luzes) favoreceram o encontro.

Tomando por base os casos em que se deu o encontro, a resolução do conflito entre os opostos internos processa-se a partir do progressivo conhecimento mútuo, com o reconhecimento e assimilação das diferenças (Cibele, Ester, Vitória). Observou-se ainda a domesticação (ou recriação) do *animus* (Ester, Letícia, Vitória), ou a integração de aspectos deste aparentemente inconciliáveis através do mecanismo de condensação, para posterior união com ele através da dança (Laura). Além disso, a resolução do conflito se processou através de uma síntese com imagens arquetípicas de formação do universo (Diana), de imagens simbólicas da *coniunctio oppositorum,* e do reasseguramento dos laços com o divino através da escolha do marido em detrimento do amante. Nos casos em que não houve o encontro (Aline, Verônica, Samanta), ou que este se deu apenas em termos de espaço físico, permanecendo uma distância psicológica (Paloma), não houve condições favoráveis para a resolução do conflito.

Observou-se a complementaridade na síntese entre as pulsões instintivas e as sutilezas do espírito (Cibele e Letícia); na cumplicidade na aliança (Ester); na parceria através da dança (Laura e Vitória); no contraste entre os opostos (Diana, Judite); na perfeita sincronidade e integração entre as figuras feminina e masculina (Letícia); no "encaixe" perfeito (símbolo de cópula e união de opostos), cada um aprendendo com o outro a se manifestar de acordo com a tendência sexual oposta (Vitória); e ainda no desempenho de papéis socialmente esperados (Ivone).

De uma maneira geral ficou um pouco difícil observar claramente pontos de identificação, mas muito mais uma tendência dominante e centralizadora no sentido de uma atração de opostos, comunicando, expressando e vivendo isso através de linguagens corporais (a dança, a cavalgada, a caminhada de mãos dadas, o toque, o olhar), e também através do canto.

Nos casos em que não houve encontro não pôde ser observado onde as figuras masculina e feminina se identificam e se complementam. Em lugar disso foi estudado o que estaria impedindo o encontro, aspecto já discutido anteriormente.

Em contrapartida, nos casos em que se deu o encontro praticamente não há elementos de conflito, pois isto já teria sido solucionado nesta fase, as diferenças sendo assimiladas através do conhecimento mútuo, muito embora tivessem aparecido nos quadros anteriores.

Na relação do sujeito com a imagem, em alguns casos de mulheres o sujeito toma o lugar da imagem (Laura) ou se interpõe entre as figuras masculina e feminina (Ester) ou, ainda, se identifica profundamente com a imagem, como é o caso de Verônica (ela admite que o choro da menina é o seu próprio choro), mas de uma maneira geral a postura mais comum é a de observadora, o que sugere tendências defensivas através do não envolvimento. Uma relação interessante se estabelece no caso de Diana, onde a imagem da bola de cristal se comunica com o sujeito através de suas luzes e seu movimento próprio, girando e orbitando para ela, enquanto esta responde pedindo-lhe: "Vida e paz sempre!" Ou seja, trata-se de uma relação espiritualizada - a bola de cristal podendo ser considerada em última instância símbolo do "Self" - através da qual o sujeito se nutre de energias e força.

Referente aos casos dos homens, assim como com as mulheres, nem sempre ocorre o encontro de fato, o que parece se dar numa freqüência ainda menor que o daquelas. Assim, nos casos de Isac e Wotan, o encontro definitivamente parece não ocorrer. Em outros cinco casos (Aldo, Rafael, Yuri, Alexandre e Adriano) não ocorre um encontro autêntico e genuíno, mas apenas em termos de proximidade física e geográfica, de conveniências entre papéis sociais, ou de uma estranha conivência no sentido de eliminar o feminino indesejável. O verdadeiro encontro parece ter se dado nos casos de Arquimedes, Heródoto e Diógenes, com uma ressalva especial para Pedro e Átila, aquele, pela vivência de um certo tipo de encontro que consiste na realização de desejo a nível de fantasia, e este, pela apresentação de uma solução hipotética de androginia psíquica.

Em alguns casos, a relação entre as imagens se dá literalmente a nível de objeto através da execução automática e inconsciente de uma ação (no caso Rafael, uma mulher limpa mecanicamente uma estátua), numa manifestação de pura indiferença (Isac), ou através do exercício de atividades lúdicas a fim de desenvolver a consciência (no caso de Adriano, uma cadela e uma criança brincam), ou ainda numa inversão da ordem natural das coisas quando o menino orienta o homem adulto insatisfeito (a figura feminina) sobre o que fazer (Aldo). Obser va-se ainda uma relação de alternância entre as imagens, quando ambas não podem coexistir no mesmo espaço ao mesmo tempo (Wotan), ou o simples desempenho de papéis sociais, mas mantendo uma distância emocional (Alexandre, Yuri). Neste item parece não haver muitas regularidades entre os sujeitos, cada um com suas especificidades.

Igualmente a resolução do conflito na maioria dos casos não se deu de forma satisfatória e terapêutica. Se para Heródoto isto se processou através da escalada simbólica do sujeito em uma das árvores que representavam a figura feminina, para Aldo isto ocorreu num nível elementar de corroboração do masculino infantil e eliminação da única matiz do feminino pelo sujeito manifestada: o desempenho de tarefas domésticas. Para Pedro a resolução do conflito ocorreu através da satisfação de um desejo de encontro com a figura feminina altamente catexizado, e longamente acalentado, no plano da fantasia e da imaginação. Se para Átila a resolução do conflito ocorre num plano hipotético ao integrar os opostos masculino e feminino em um Ser andrógino (do sexo

masculino), para Diógenes isto se processa através de uma autêntica união de opostos, partindo de uma imagem simbólica de cópula. Todavia, para Isac e Wotan, a resolução do conflito de forma alguma ocorre, pois não há sequer o encontro entre as figuras masculina e feminina, ou porque se alternam, ou porque estão definitivamente "apartadas."

Perscrutando onde as imagens se chocam, observou-se que nem sempre os fatores de conflito estão explícitos, mas encobertos. No caso de Isac há uma gélida camada de indiferença, que mantém a ambos paralisados. Outras vezes a ameaça está no perigo de se infringir o tabu do incesto (Yuri). No caso de Adriano não há conflitos simplesmente porque um não se apercebe da existência do outro (a relação é mais incipiente e primitiva). Para Wotan a motivação do conflito pode ser atribuída às naturezas supostamente opostas e inconciliáveis do masculino e feminino. Nos casos de Heródoto, Arquimedes e Diógenes parecem não haver choques de qualquer espécie nesta etapa, visto que o encontro não só foi harmonioso e terapêutico, como a resolutividade que foi dada ao conflito sugere tratar-se de uma expressão da *coniunctio oppositorum* na busca da transcendência divina.

Tal como nos casos das mulheres, os pontos de identificação parecem não estar muito claros (Alexandre, Yuri). Ou estes são muito genéricos (casos de Heródoto e Diógenes, onde as figuras masculina e feminina são elementos da natureza) ou prevalecem muito mais elementos de conflito (Isac, Wotan, Aldo), ou ainda a fria indiferença (Isac, Rafael). Ainda há que se destacar os casos em que as imagens são impelidas pela atração mútua e pelo desejo de união (Pedro, Diógenes, Arquimedes), elementos estes que não são reais pontos de identificação.

A questão da complementaridade, quando ocorre, se processa muito mais por fatores externos e de conveniência (Rafael, Aldo, Isac) do que de uma maneira mais efetiva, o que só se verifica claramente nos casos de Heródoto, Arquimedes e Diógenes. Assim, enquanto no caso Arquimedes nenhuma das figuras ousa interromper a dança para manter viva a aliança, a complementaridade no caso Yuri se observa num tipo de acordo tácito no sentido de se manterem afastados e reprimirem manifestações de afeto. Enquanto para Heródoto o ipê passa a coabitar junto às árvores do bosque trazendo-lhes

flores, e estas passam a ser sua família, para Wotan a relação de alternância determina uma dinâmica onde ambos nunca se encontram.

De uma maneira geral na relação do sujeito com a imagem, tal como nos casos das mulheres, a maioria dos sujeitos do sexo masculino não interage diretamente com a imagem, preferindo se colocar na posição de observador. Todavia, isto parece se dar por razões diversas. Assim, no caso de Arquimedes, muito embora isto aconteça, o sujeito chega a salientar, contudo, que não pode ser notado pelos personagens, e deve ser guardado "total silêncio," pois se os bailarinos percebessem que estavam sendo observados, poderiam desaparecer. Ou seja, parece haver um sentido profundo em sua atitude que estaria relacionado à quebra do encanto e à magia do momento. Igualmente Rafael manifesta a preocupação de não ser notado, pois se a imagem (a mulher de vestido comprido, xadrez) notasse que estava sendo observada, perderia sua espontaneidade e "murcharia como uma flor." Pedro, por sua vez, apesar de não se utilizar de imaginação criadora e permanecer no papel de observador, parece viver intensamente os acontecimentos de sua experiência imaginativa. Isto é diferente dos casos em que o sujeito, em uma postura defensiva, observa a distância sem 'tomar partido,' e sem se envolver emocionalmente (Yuri, Alexandre, Adriano, Aldo, Diógenes, Wotan, Átila e Isac o atestam).

Casos como o de Heródoto são uma flagrante exceção, pois a relação que ele próprio desenvolve com as imagens é muito mais intensa e se destaca mais que a relação das imagens entre si. Alexandre pode ser considerado o extremo oposto de Heródoto, pois ele se restringe a narrar fatos de sua história passada, reportando-se a uma imagem de recordação, uma cena corriqueira, destituída de qualquer colorido emocional aparente.

Além disso, Heródoto, Arquimedes e Diógenes são os sujeitos do sexo masculino que mais parecem responder ao 'apelo' da técnica de imaginação ativa pelo uso de imaginação criadora, e pelo seu grau de envolvimento com a imagem, enquanto Alexandre e Yuri são os que menos se deixam envolver, pois eles apenas reproduzem o vivido, e não são capazes de criar (Yuri fica preso ao registro de suas sensações).

Referente à forma como os sujeitos de ambos os sexos interagem com suas imagens, e também verificando a seqüência dada aos quadros (figura feminina/masculina ⇒ figura masculina/feminina ⇒ encontro entre as figuras), JUNG (1990) faz importantes observações:

> "As mudanças que se sucedem a partir do momento em que se fixa e se concentra em imagens de fantasia refletem os processos psíquicos ocorridos no fundo inconsciente da cena, e isso sob a forma de imagens formadas do material das recordações conscientes [ou seja, imagens de recordação também são válidas]. Neste modo se une o consciente e o inconsciente, como a queda d'água une o 'em cima' e o 'embaixo.' A partir daí se desenvolve uma cadeia de imagens da fantasia, que aos poucos toma aspecto dramático, isto é, do simples processo surge a ação. Esta é, por ora, representada por figuras projetadas, e as imagens são vistas como as cenas no palco. Em outras palavras, sonha-se de olhos abertos. ... O que é representado no palco é sempre ainda um processo realizado no fundo da cena, que propriamente não diz respeito ao observador, e quanto menos for ele tocado interiormente, tanto menor é também a atuação catártica desse teatro particular. A peça representada não quer apenas ser observada sem participação pessoal, mas procura convencer a tomar parte nela. Se o observador compreender que nesse palco interior está sendo representado seu próprio drama, então a peripécia e o desfecho não podem permanecer indiferentes para ele. Ele notará que as figuras que aparecem e os nós dos problemas que se emaranham estão em relação intencional para com a situação de sua consciência, e que ele está sendo interpelado pelo seu inconsciente, o qual faz com que lhe surjam espontaneamente essas imagens da fantasia. Por isso ele se sente impelido, ou é advertido por seu médico, a se imiscuir ele próprio no espetáculo e a fazer da peça de teatro inicial um verdadeiro confronto com seu próprio opositor interior. Essa confrontação com 'o outro' em nós é compensadora, pois deste modo ficamos conhecendo aspectos de nosso ser, que não permitiríamos que outros nos mostrassem e jamais admitiríamos perante nós mesmos" (JUNG, 1990, p. 250-1).

Reportando-se aos resultados da presente pesquisa, conforme já foi salientado nem todos os sujeitos respondem espontaneamente a esse apelo do inconsciente, preferindo a maioria adotar a posição defensiva de observador.

Comparando o encontro das figuras feminina e masculina entre os casos de homens e mulheres, pode-se observar que de uma maneira geral ocorrem mais encontros 'autênticos' entre as mulheres do que entre os homens. As mulheres parecem

mais dispostas a vencer suas resistências e o medo perante o outro (exemplos de Ester, Cibele, Laura, Vitória, Letícia, Diana, Judite), enquanto os homens parecem utilizar-se de mais defesas (casos de Yuri, Alexandre, Aldo, Adriano, Isac, Wotan). Exceto isto, há semelhança quanto à forma com que o sujeito se relaciona com a imagem (em ambos os grupos os sujeitos se colocaram no papel de observador com uma significativa freqüência) e na questão de pontos de identificação (que em geral não são muito claros). O encontro, quando ocorre, se dá por atração entre os opostos, que se complementam a partir de suas diferenças. Quando, todavia, a figura do sexo oposto representa uma figura de sombra para o sujeito, isto funciona como um fator de afastamento e repulsão. Vale salientar ainda o fato de Arquimedes, Vitória, Laura e Cibele terem escolhido a linguagem da dança como o canal de expressão do encontro entre as figuras masculina e feminina, uma linguagem que parece ir além da questão do gênero, e um meio para se alcançar a transcendência, o que corrobora o papel do *animus/anima* já apontado anteriormente como ponte que liga o ego ao "self." Além disso, nos casos de Arquimedes e Cibele dá-se a metamorfose no encontro, o que ocorre através da dança e do movimento em círculos. Desta forma, o *animus* (para ela) e a figura de identificação (para ele) deixam o nível animal para ascender à condição humana e ter um encontro pleno com a sua contraparte sexual.

4.3) Entrevista semi-dirigida [3]

4.3.1) Casos de Mulheres

Unidades significativas relacionadas

1) Quando e como 'eu comecei a me sentir mulher'

2) O lado prazeroso do relacionamento

3) Os conflitos do relacionamento

4) As diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher

5) A 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados

6) O relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla

7) A descoberta do sexo oposto

8) A importância de se ter um vínculo amoroso

9) As duas faces de um relacionamento extra-conjugal

10) 'Receitas' bem-humoradas para lidar com o sexo masculino

11) Separando para estar junto

[3] Face ao grande volume de material coletado na totalidade dos casos, visando uma exposição mais sucinta, estão sendo mostrados apenas os casos considerados mais representativos dos resultados obtidos junto a cada unidade significativa relacionada. Na exposição dos casos selecionados, conforme o método fenomenológico de interpretação, o trecho do discurso do sujeito em questão referente àquela unidade específica virá sempre seguido da 'unidade transformada em linguagem psicológica.' Vale lembrar que os dados obtidos em todos os casos de homens e mulheres foram analisados e interpretados na íntegra, e estarão sendo feitas referências aos casos não selecionados para aquela unidade especifica nas respectivas 'sínteses das unidades transformadas.'

Análise das unidades significativas

1ª UT: Quando e como 'eu comecei a me sentir mulher'

⇒ Caso nº 01: Laura

O discurso do sujeito

Laura: Eu acho que foi mais pela vaidade mesmo! Eu comecei a ficar mais vaidosa... Hum... Não sei! O que eu estou lembrando assim... a primeira coisa é pela vaidade mesmo. Eu acho que com uns dez, onze, doze anos eu já tinha uma preocupação super grande com isso... com a vaidade!

Lucélia: E que aspectos você valorizava, pensando assim... na sua vaidade?

Laura: Eu sempre fui bem gordinha! Minha preocupação grande era o corpo, né?! Manter a linha... fazer regime... É... mais era o corpo, o cabelo... (silêncio) Acho que mais isso! As roupas e tal, era mais secundário. Mais o corpo, que eu queria sempre emagrecer; sempre preocupada com isso. Na verdade, eu achava que o corpo, era o meu cartão de ... de... de apresentação!
Lucélia: De apresentação! E se você estava gorda, não estava bem apresentável?!

Laura: Isso! Era um... não referencial... àquela gordinha, por exemplo. Quer dizer, em casa você vai experimentar uma roupa: "Aqui você está mais gordinha," "É porque você é gordinha..." Com certeza, isto estava sempre no contexto. Então, eu achava que o corpo era a minha representação, você entendeu? Sem ver o que eu era, o que eu tinha, primeiro era o corpo! Era o meu cartão de... de... apresentação.

Lucélia: Era essa coisa mais voltada prá aparência, para o social?

Laura: Isso! Na verdade, eu era assim...super tímida! Não era assim uma pessoa que... me libertasse em outras áreas; não tinha nenhuma coisa assim que eu... ou lutasse, ou que eu era... na classe falava muito (ênfase) Eu sempre fui assim, muito reservada, muito tímida! Então, a maneira de eu me comunicar era a minha presença, a matéria. Por isso, é que a minha preocupação era muito mais o corpo. Eu não tinha muitas idéias. Ou, eu devia ter idéias, só que eu não me colocava. Era assim, uma adolescência bem... onde eu estava buscando as coisas. Eu nunca fui líder de alguma coisa... eu sempre estava mais tímida.

Lucélia: Então você se relacionava com o mundo via corpo. Você não tinha outras formas de contato com esse mundo, a não ser através do seu corpo.

Laura: Isso! Quando eu tinha uns dezoito anos, dezenove... quando eu me senti estável com o meu corpo, eu me lembro que aí eu comecei a me expandir em muitas coisas! Por isso que eu acho que esse foi o fato mais marcante. Isso eu tenho bem em mente. Eu emagreci bastante, comecei a me sentir bem com meu corpo. Eu comecei a ousar em todas as... eu me soltei! Aí eu já me mostrei muito inteligente. Quer dizer, isso é a minha avaliação, né! (Risos) Já me mostrei assim... super interessante, não só pelo corpo, mas com idéias interessantes. Eu consegui me soltar em todas as outras coisas. A parte intelectual eu liberei! Liberei! Liberei a forma de me comunicar com as outras pessoas... de passar nos lugares... de andar pela rua... de tudo! Prá mim ficou tudo muito grande! Ficou normal, entendeu? O que eu percebia é que eu não era normal! Que eu me travava, que eu me... inclusive hoje, assim, eu tenho resquícios disso... (pausa). Se eu não estou bem, se eu começo a ficar muito gorda... eu já começo a me sentir mal. Eu já não chego no lugar tão atrasada prá não... É uma coisa bem marcante! Se eu chegar atrasada e tem muita gente, eu já sei que o povo começa... Ah! É melhor chegar mais cedo!

Lucélia: Ah! É melhor chegar mais cedo prá não ser notada?!

Laura: É um relacionamento bem... Eu fico mal quando eu estou mais gordinha! Super mal!! É que agora, como eu já sei disso, eu tento me policiar a cada vez porque eu sei que vai me impedir nas outras coisas...

Unidade transformada em linguagem psicológica

A tomada de consciência de seu corpo de mulher constituiu para Laura, um evento fundamental para a formação de uma identidade feminina, o que se deu, contudo, de uma forma restritiva para a sua auto-estima, principalmente por ter percebido que este corpo não se ajustava aos moldes e medidas dos padrões sociais vigentes, isto é, ela parecia aos seus próprios olhos e aos olhos daqueles ao seu redor, com excesso de peso, o que lhe valeu o auto-conceito de garota 'anormal.' Este conflito se desencadeou a partir da pré-adolescência, quando entrou em confronto direto com o seu narcisismo, com a sua vaidade feminina, tal qual afirma.

Laura, sempre muito preocupada com o seu peso, se ocupou sobremaneira em fazer dietas que lhe possibilitassem atingir o peso ideal, perseguindo assim a imagem perfeita de um corpo feminino. Enquanto se sentia gorda, Laura se relacionava com o mundo de uma forma tímida e contida (de tipo introvertido); sem se colocar, não se destacava nos eventos escolares, mantendo-se sempre à sombra, a estratégia ideal para quem preferia passar desapercebida. Quando finalmente conseguiu estar bem com seu corpo, isto é, "se sentiu estável com ele," o sujeito então desabrochou para o mundo, entrando em franco movimento de expansão. Ela não só deu mostras de sua capacidade intelectual, como também abriu para o mundo externo os canais de comunicação interpessoal. Laura "liberou" o que estava interditado socialmente quando se harmonizou com seu corpo: "Se mostrou muito inteligente, super interessante não só pelo corpo, mas por suas idéias". Ficou "tudo muito grande," diz ela, isto é, as fronteiras do seu mundo se ampliaram, tendo mudado inclusive seu auto-conceito para o de uma pessoa 'normal.' Anteriormente o seu movimento era o de travar o fluxo com a vida, impedindo o livre fluir se sua auto-imagem estivesse comprometida.

A partir desse "imprinting" inicial, Laura passou a ter no seu corpo de mulher o instrumento básico, a via régia através da qual se relacionava com o mundo, pois, segundo ela, sem que se visse o seu mundo interno, o corpo era a imagem mais

concreta e palpável do seu Eu (eu = corpo). Sua primeira forma de contato com o mundo, ele sempre foi o seu "cartão de apresentação," a sua "representação," isto é, seu auto-retrato, sua auto-imagem materializada. Se estava se sentindo gorda perdia o seu referencial enquanto pessoa e enquanto mulher. Sua auto-estima também era retirada dos contornos e dos limites deste corpo; se seu peso era extrapolado, sua condição psicológica ficava comprometida.

Atualmente em sua vida adulta existem resquícios desta primitiva forma de contato com o mundo, isto é, há uma tendência de 'travar' a relação com o meio se a imagem corporal está em dissonância com a imagem idealizada, pois o sujeito não se aceita com seus quilos a mais, e se pune privando-se de gratificações no mundo. Assim Laura não se atrasa em uma reunião social quando está se sentindo 'gorda' para não chamar a atenção sobre si.

Na verdade, o corpo de Laura, com suas oscilações no peso, nada mais faz do que refletir uma relação anterior do sujeito com suas próprias emoções, o que como um círculo vicioso, reverbera novamente em seu estado emocional: "Se eu não estou bem fico gorda, me sinto mal."

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 02: Cibele (em referência à unidade nº 1)

O discurso do sujeito

Cibele: Eu acho que... na adolescência, quando eu tive o primeiro namorado com treze anos... "isso me tornou mais mulher!" Mas não tinha nada a ver até aí... e a gente começou a ter intimidade, né. Foi aí, que eu fui descobrindo o meu papel, mas não tinha essa consciência ainda. Eu ia no embalo, digamos assim. Depois, a gente terminou o namoro. Foi meio dramático por parte da minha mãe, porque ela queria que a gente casasse... porque eu tinha perdido a virgindade!

Lucélia: Então, você chegou a ter relações sexuais com ele?

Cibele: Isso! E... eu queria também! Mas era ilusão da minha parte. Eu demorei prá esquecer desse rapaz! Mas não deu muito certo, não. E nem poderia ter dado... eu com treze, ele com dezessete! E aí, minha mãe passou a me vigiar constantemente! Porque ela tinha medo que eu virasse uma qualquer. Então ela me controlava muito! Eu gostava de sair com outras pessoas, mas fiquei com aquele medo... que minha mãe já tinha colocado na cabeça... "Menina que 'dá' uma vez não pára mais de 'dar!' " Mas eu tinha também,

muita vida! Eu queria sair, queria me divertir. Eu era rebelde também! E... e me gostava demais, enquanto adolescente. Eu tinha um corpo assim, perfeito! Então, eu estava assim feliz comigo. Eu queria sair mais, queria namorar. E... inclusive, antes de conhecer o José, meu marido, antes disso eu já tive uns namoradinhos! E... com esse namorado, eu não gostava muito dele não. Por que ele queria sempre avançar o sinal! Eu não queria ter mais relação sexual com nenhum! Eu terminei o namoro... foi terrível! Foi muito negativo!

Lucélia: O término ou a relação sexual?

Cibele: O término! Porque minha mãe colocou muita culpa na minha cabeça. E aí eu passei a ter um pouco de medo de homem! E nesse intermédio de tempo... (eu estava com quatorze) eu comecei a achar que eu iria virar... sapatão, digamos assim! (Risos). Eu comecei a folhear revistas, tipo assim, que vinham às vezes parar na minha mão... "Playboy" e tal... Não que eu comprasse! Mas às vezes eu folheava, o meu irmão tinha, e eu ficava admirando o corpo da mulher... e eu achava que eu ia virar sapatão, nessa época! E eu não me envolvia, tinha medo. Aí, foi indo, foi indo... tive umas experiências sem importância, até que eu conheci o José. E, no início, ele não me atraía nem um pouco. Na minha cabeça ele era um garoto bobão, tímido! Então eu era uma adolescente bem... bem rebelde!

Lucélia: E para os seus padrões ele era bobão e tímido?

Cibele: É! (Risos). Aí, ele começou a me conhecer. Ele me tratava muito (ênfase) bem! Demais! Demais! Ele me levava no cinema, no shopping, em festas... e... dava flores e mais flores prá mim... E quando eu fui ver, eu estava gostando dele! Demorou um bom tempo! Demorou meses! E, eu tinha medo também, de falar prá ele que eu não era mais virgem e ele não me aceitar. Quando eu consegui falar, ele disse que não tinha problema nenhum, e então a gente começou a namorar. E a gente teve um ano de namoro! E durante esse um ano, tipo... setembro mais ou menos eu engravidei dele, e aí a gente casou em dezembro. A gente se gostava! Era um amor assim, de adolescente. E... eu achava naquela época, que nunca iria se acabar. Eu adorava ele! Porque ele tapou todos os buracos que eu tinha!

Lucélia: E que buracos eram esses?

Cibele: Da família! Pai, mãe! E... enquanto isso eu não me percebia tanto assim! Eu comecei assim a ter um pouco mais de consciência, me gostei... quando eu traí! Isso me elevou, assim... me deu muita auto-estima! E... ele me gostava demais! Nessa época, acho que eu estava com vinte e três, vinte e quatro anos... e eu comecei a me ver em outros olhos! Não só do José, porque eu não me via nos olhos do José. Era um cotidiano muito... assim... todo dia a mesma coisa. E essa pessoa me fez ver além daquilo! Porque naquele tempo, eu não era muito mais importante para o José, eu não era o centro da atenção dele mais. Então eu comecei aí, a me descobrir como mulher! Principalmente na parte sexual! Só que depois, eu me cobrei por muito tempo... o acontecido. E agora, que eu me dei conta mesmo, foi uma passagem... meus trinta anos! Os meus trinta anos me fizeram olhar no espelho e me ver mesmo! Tipo assim: "Olha, Cibele, você está com trinta anos, mas você está... inteira!" (Risos), digamos assim. Aí que eu comecei a me descobrir enquanto mulher! E estou me descobrindo ainda. É um processo! Eu acredito que... tipo, eu cheguei aos trinta, daqui a cinco anos eu vou estar diferente, com outras idéias! É isso prá mim!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Para Cibele, sua história de relacionamento com o sexo oposto parece ter sido fundamental na descoberta de si mesma enquanto mulher, e contribuiu decisivamente para a formação e consolidação de sua identidade feminina. Na trajetória da adolescência até os trinta anos de idade, houve alguns fatos que se destacaram: a

experiência com o primeiro namorado, o casamento precoce, as ambigüidades vividas com o amante e a virada da década dos trinta.

A descoberta do primeiro namorado se deu no início da adolescência, aos treze anos de idade. Foi com ele que Cibele pode ter um contato mais íntimo com o corpo masculino, e conhecer as reações do seu corpo de mulher ao toque de um homem. Conforme afirma o sujeito, ela "ia no embalo" e as coisas aconteciam sem que tivesse muita consciência disso. Assim, aconteceu sua primeira relação sexual. Este evento, apesar de ter iniciado o desvelamento de sua feminilidade/sexualidade latente não foi uma experiência positiva, pois além dele estar sempre querendo romper a barreira da intimidade, o término do namoro teve um sabor amargo. Se por um lado sua mãe conseguiu lhe incutir um grande sentimento de culpa, imputando-lhe subliminarmente a pecha da "mulher perdida" e controlando-a a fim de que esta não caísse numa compulsão ninfomaníaca, por outro, a figura masculina também saiu denegrida.

Apesar de sua exuberante vivacidade de adolescente levá-la a querer fazer sucesso junto ao grupo masculino exibindo suas formas perfeitas, Cibele paradoxalmente passou a ter "medo de homem," e se esquivava de um contato mais profundo a fim de não se envolver emocionalmente com nenhum deles. Ao mesmo tempo viu também manifestarem em si tendências homossexuais com conotações voyerísticas em relação ao corpo feminino, o que supostamente são ocorrências relacionadas ao fenômeno da bissexualidade humana, que se encontra em estado de latência. Neste caso, a tendência homossexual aparece quando a identidade sexual ainda não está muito bem definida ou ocorrem problemas de relacionamento com o sexo oposto.

O José, contudo, conseguiu demovê-la de suas defesas mostrando-lhe uma outra face da figura masculina, uma face amiga, companheira, gentil, afetuosa. No início Cibele não se sentia atraída, e para os seus códigos de garota rebelde catalogou-o como "um garoto bobão e tímido," mas, apesar disso ele conseguiu conquistá-la depois de algum tempo suprindo suas necessidades emocionais, preenchendo as faltas e lacunas deixadas pelas figuras parentais. O sujeito cultivava então um sentimento muito positivo e fortemente idealizado em relação a seu futuro marido: "Eu o adorava, porque ele tapou todos os meus buracos de pai e de mãe." Não houve sequer clamores machistas em

relação ao fato dela não ser virgem, sendo isto aceito com naturalidade. O casamento foi antecipado pela gravidez de Cibele, que, a partir desse momento passou então a constituir família.

Houve uma outra fase, contudo, em que o casamento perdeu o brilho e o desgaste do cotidiano começou a imperar entre eles, e Cibele já "não se via mais nos olhos de José," pois ela já não constituía mais o centro de suas atenções. Foi então que se abriu espaço na relação para um terceiro e ela começou "a se ver em outros olhos." Esta relação com outro homem investiu-se de um caráter ambivalente na sua dinâmica psíquica, pois ao mesmo tempo que elevou sua auto-estima, ampliando as fronteiras do seu cotidiano e levando-a a explorar estratos até então desconhecidos de sua feminilidade/sexualidade, esta experiência, contudo, resultou-lhe em pesados e duradouros sentimentos de culpa e cobranças internas (auto-punição).

Os trinta anos de Cibele também representaram um marco importante e uma mudança de ciclo. Assim, tendo completado tal idade, relata que "se olhou no espelho e se sentiu inteira," isto é, ela passou por uma experiência de integração de aspectos emergentes de sua feminilidade. A descoberta de si enquanto mulher consiste, pois em um constante desvelamento de camadas e camadas até então inexploradas, sendo que cada etapa da vida traz um elemento novo para o sujeito, que afirma: "Estou me descobrindo ainda... daqui a cinco anos, eu vou estar diferente!"

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 04: Ester (em referência à unidade nº 1)

O discurso do sujeito

Ester: Demorou prá eu ver isso. Eu acho que quando eu me senti mulher, foi quando eu tive notícia que eu estava grávida. Até então, eu era uma menininha (ênfase) brincando de que achou o seu príncipe, e tudo bem. Acho que quando eu recebi notícia que eu iria ser mãe... aí sim, eu me senti mulher! Eu iria poder ter um filho! Diferente... mudou o corpo... porque antes, eu achava que era como brincar de casinha! Esperar marido, cheirosinha, sabe? Não tinha muita noção de... de mulher! O que tinha que fazer, que agir... Eu casei com dezenove anos! Mas naquela época, menina assim, de dezenove, era muito mais infantil... bem sem juízo mesmo! (Riso)

Lucélia: Você estava dizendo que com a maternidade notou mudanças no seu corpo. Foi aí que você se percebeu como sendo mulher?

Ester: É! Hum hum... O seio, né, modifica. Eu me achei assim. Aí, eu me olhava, eu me achava mais bonita! Ficava imaginando logo a barriga crescer! Enfim... eu curti a gravidez. Parece que eu estava necessitando daquilo, porque eu fiquei não tomando remédios e não engravidava e estava apavorada! Porque parecia que era uma questão de honra, eu ter um filho! Eu levei oito meses para engravidar. Porque eu morava com a minha sogra, e ela falava prá mim que se eu não engravidasse, era porque eu não prestava prá engravidar! Aqueles ditos de pessoas antigas, que mulher tinha que parir muito filho prá ser...

Lucélia: Prá mostrar que valia alguma coisa e que era mulher?

Ester: Isso! Eu, como não engravidava nunca, me dava desespero! Porque eu acreditava nela! "Que eu não prestava mesmo prá ser mãe!" Que eu não era uma mulher assim, que era prá ser normal: casar, ter filhos e ir em frente! Eu não aceitava a idéia de ter alguns problemas e não ter filhos. Quer dizer, eu não pensei muito, assim, a nível da criança, o que eu poderia dar de conforto, educação. Eu queria engravidar porque eu tinha que provar que era capaz! (Riso) Eu não sei se você está entendendo? (Riso)

Lucélia: Perfeitamente! Você queria engravidar prá provar que era capaz! Não era tanto pela criança.

Ester: É! Não! Não mesmo! Porque até quando ele nasceu, eu não esqueço disso. Depois que ele nasceu, eu queria ir embora sozinha da maternidade! Eu não queria levar... (riso) mas eu não falei prá ninguém. Era um sentimento assim, interno meu. Coisa minha. Eu estava me sentindo culpada com isso. Ele era meu filho! Carreguei nove meses! Depois que ele nasceu, eu falei: "Mas o que eu vou fazer com essa coisinha?" (Riso) Sabe? Socorro! Internamente eu pedi socorro, mas não sei quem poderia me ajudar! Mas correu tudo bem. Eu cuidei bem dele. Eu acho que eu posso colocar essa situação dentro daquela... como fala? Depressão pós-parto! Então eu fico mais tranqüila imaginando ter sido isso aí: depressão pós-parto! (Ênfase) E eu cuidei muito bem dele! (Riso) E estou bem! Agora a parte sexual que ficou feia, não é?

Lucélia: Então, eu estou entendendo que a experiência da maternidade prá você foi marcante na sua descoberta enquanto mulher! E como foi a descoberta do homem?

Ester: Olha! Prá mim... eu achei que... que era aquilo lá que eu queria mesmo, aquela pessoa! O pai do... meu filho. Eu achei que eu ia ser feliz eternamente com ele, assim de ficar de bengalinha na mão, e amava muito! Mas eu tive azar mesmo. Não deu certo. Mas foi muito bom e foi ruim porque a partir do momento que eu descobri que foi uma experiência boa - a primeira relação sexual com ele - eu achei que ia ser assim uma coisa boa prá sempre, e de fato foi uma coisa muito dolorida porque ele me rejeitou desde o começo. Foi muito complicado! Foi uma coisa inesperada! Eu acho que ele é... tem problemas! Na época, nenhum dos dois foi atrás de ver isso. Eu acho que é problema de infância. Eu penso até agora, que ele poderia ter sido assim, homossexual, sabe? E pela educação dele, ele não ter coragem de assumir. Agora depois de muito tempo que passou, eu fico pensando... eu fiquei com essa culpa nas minhas costas, de não ser uma mulher... de ser uma mulher fria que não proporcionava prazer. Mas eu acho que é problema dele. Comigo não tem nada. Ele é todo fechadão!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Referindo-se à formação de sua identidade feminina, o sujeito afirma ter sido um processo lento e tardio. Um marco fundamental nesse sentido, foi a constatação de sua gravidez, um objetivo que já há oito meses, vinha sendo perseguido. Ester, que aos seus dezenove anos se comportava de forma ainda muito infantil (como muitas

garotas de sua geração), até esse momento vivia embalada pela fantasia de "menininha brincando que achou o príncipe." Ao saber de sua maternidade vindoura, foi como se subitamente tivesse se tornado mulher, tendo a gravidez magicamente lhe conferido o tão precioso passaporte para ingressar nesse grupo seleto de mulheres, para si tão inacessível. Ester só tomou consciência de que era mulher, de fato, quando o seu corpo, principalmente os seios, começou a assumir novos contornos e formas. Anteriormente era como "brincar de casinha," acrescenta ela, justificando ser esta a impressão mais aproximada que possuía relativo ao papel da mulher, do qual, admite, tinha vagas noções.

"Eu me olhava, eu me achava mais bonita! Ficava imaginando a barriga crescer!", diz ela. Ester afirma que havia uma necessidade psicológica especial que envolvia o seu desejo pela maternidade. A gravidez para si tornou-se uma 'questão de honra,' pois havia a ameaça aterradora de confirmar o veredicto da sogra, de que "ela não prestava para engravidar," ansiedade que se somava (ou talvez até provocasse) à dificuldade de concepção. Uma mulher para ser reconhecida enquanto tal, e ao mesmo tempo demonstrar não só o seu valor, como também a sua competência neste papel, tinha que cumprir ao mandato de "parir muito filho," reitera Ester.

Tendo introjetado o mandato, o sujeito já estava sedimentando dentro de si a pecha de que "não prestava mesmo para ser mãe," logo, não seria uma mulher 'normal' capaz de corresponder ao que dela era esperado socialmente: "Casar, ter filhos e ir em frente!" Tendo em última instância o seu auto-conceito ameaçado, Ester inverteu a ordem natural das coisas no processo de amadurecimento, e talvez por isso, não teve 'tempo' para pensar muito na criança propriamente dita. Seu desejo de engravidar atendia, pois, a uma necessidade mais premente de "provar que era capaz!"

Todavia, assim que a criança nasceu seu desejo mais íntimo e inconfessável (visto que era motivo de um perturbador sentimento de culpa) era deixar a maternidade sem o bebê. "O que eu vou fazer com essa coisinha?", era a atordoante indagação, cujo vacuidade na resposta, demonstrava não só o seu despreparo, como também o medo que sentia diante da inexorabilidade do fato iminente. Desta forma, foi muito confortável e tranqüilizador para Ester quando pôde enquadrar essa situação no

quadro mórbido denominado depressão-pós-parto que acomete certas mulheres após o nascimento do bebê (o que parece não ser o caso).

Tendo sido o papel de mãe, determinante direto na definição do seu papel de mulher, a descoberta e o relacionamento com o sexo oposto, contudo, parece não ter sido uma experiência positiva para o sujeito, no sentido de confirmar e reforçar sua feminilidade ainda incipiente. Apesar de sua primeira relação sexual ter sido prazerosa, não houve uma continuidade disto, a despeito das expectativas de Ester, que, embalada pelas estórias de contos de fadas, acreditava que seriam "felizes para sempre." Assim, foram inesperados e até mesmo surpreendentes para ela, os problemas e dificuldades encontrados. Atualmente, suspeita que o seu ex-marido tenha uma tendência homossexual latente, a qual somente não se manifestou devido às interdições do meio. Esta experiência lhe valeu a contragosto, a pecha de "mulher fria," a qual no momento acabou descartando.

Contudo, frígida ou não, Ester parece não saber exatamente quem é como mulher, pois somente suas atribuições enquanto mãe não lhe bastam.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 06: Aline (em referência à unidade nº 1)

O discurso do sujeito

Aline: Olha! Na minha infância mesmo, com sete anos, me deu uma noção da questão de eu ser mulher. O problema de abuso sexual! Não que chegou de fato a acontecer alguma coisa, mas foi... com um vizinho nosso. E eu acho que isso me deixou com muita... ou culpa... me deu uma noção de que eu tinha um corpo. Eu comecei a me perceber! Com sete anos! Na minha cabeça, foi como uma coisa que eu é que provoquei. Como se ficasse muito difícil eu determinar que eu tinha sete anos, e a pessoa tinha vinte e um anos. Então, com essa idade, aquilo deu a noção de corpo e de ser mulher! A questão de que... o que é mulher! O que é ser mulher! A questão de como o homem me percebia! Que tinham pessoas que me percebiam. Porque na verdade, eu achava que todo mundo era anjinho. Quer dizer, foi nessa época que eu comecei a perceber que existia uma diferença. E eu acho que isso aí me deu uma... muito cedo ainda, me deu uma noção! Eu comecei a me perceber, a ver corpo... e eu ficava até com uma certa culpa em relação à sexualidade, como se eu fosse a culpada e não ele, né? "A culpa é minha!" E é meio o contrário. Aí foi onde teve... eu acho que um corte mesmo! Aí depois começou a coisa mais evolutiva. Na adolescência... o primeiro namorado. Com quinze anos, eu comecei a namorar. Aí que eu fui começar a me perceber mesmo. Mas aí, foi uma coisa mais... acho que normal da adolescência. Os primeiros namorados! Aquela questão de descobrir o homem, né? De ver o outro! De perceber! De gostar! De achar bonito! De enxergar!

Lucélia: E como foi para você essa descoberta do homem?

Aline: Acho que eu fui descobrindo namorando (murmurando). Não sei se era a descoberta do homem, do sexo oposto, talvez. Essa descoberta prá mim teve duas fases. Tanto a descoberta do homem quanto a descoberta do sexo oposto. Tipo assim, esse primeiro namorado por exemplo: é uma coisa que causa... parece que um certo estranhamento, né? Os primeiros contatos são muito estranhos! Essa coisa do corpo do outro, do abraço do outro, do beijo do outro! É muito estranho! Mas ao mesmo tempo, me estimulava muito a coisa da paquera, a coisa do olhar, a coisa de se sentir gostada, de se sentir desejada! O olhar do outro também era muito importante prá mim. Essa coisa fazia bem prá mim!

Lucélia: É lisonjeiro?

Aline: É! É bem essa a palavra! Mas a princípio, é uma coisa de estranho. Eu acho que por mais que você tenha na infância, todas aquelas fases de ir vendo todas as diferencinhas bonitinhas entre homem e mulher, é nessa fase do namoro que você começa ter contato no abraço, contato com o corpo do outro! É aí que você começa a perceber que a pele é diferente, o contato é diferente. A gente sente a textura de pele... que é aquele nu do corpo... que tem diferenças do meu corpo. Então é aquela coisa de estranheza e de perceber como é o outro. Como é o corpo do outro! Eu acho que esse primeiro contato foi muito de perceber a questão de personalidades diferentes também. Porque tem uma fase que a gente acaba convivendo muito com menina, e depois você começa a conviver com meninos, e você começa a perceber como a cabeça deles funciona diferente, como são mais agressivos! Os tipos de brincadeiras, o jeito de ser, a questão da educação deles. O que eu via era que era diferente da minha educação, da forma como as minhas colegas eram. Parece que foi um pouco da descoberta: "Nós somos diferentes!" (Riso)

Outro trecho

Aline: São coisas diferentes! Uma coisa é se descobrir como mulher, e outra, descobrir as diferenças um do outro. Quer dizer, eu tive outros namorados, que me deu uma noção de corpo e de ser mulher, mas não muito boa. Eu acho que eu fui descobrir ser mulher mesmo (ênfase), plena, muito tempo depois. Muito tempo depois da primeira relação que eu tive, que, na minha cabeça, seria uma coisa que ia me dar uma noção muito grande do ser mulher! Que provavelmente, nessa primeira relação ia ser assim: "Ouvir sininhos!" Eu ia sentir muitas coisas que eu não senti. Não foi uma coisa boa, não foi uma coisa gostosa. Isso, assim, lá no Espírito Santo com esse meu namorado. Depois, eu saí de lá. Fui para outra cidade tabalhar. E desta cidade eu fui para o Paraná. Lá eu conheci uma pessoa, que a gente tinha uma atração muito (ênfase) boa. E a gente teve um relacionamento lá de uns três meses. E foi com esse cara que eu fui me descobrir. Acho que eu descobri o meu corpo, o corpo do outro, e fui descobrir a sensualidade e viver isso bem! Acho que, prá mim, em termos de descoberta, de me sentir mulher, de querer prazer, de querer dar prazer, de saber buscar... acho que a minha descoberta sexual e como mulher foi nessa época, e com essa pessoa! Eu assim, saí do Espírito Santo e fui lá para o Paraná, bem longe do pai e da mãe! (Risos)

Lucélia: Ah! Isso foi marcante? O fato de ter sido longe do pai e da mãe?

Aline: É! Eu acho que assim. Era uma coisa que me incomodava muito! Depois que eu percebí isso. Que os outros namorados que eu tive lá na minha cidade, que eu tive algum contato sexual assim... parece que era muito reprimido! Depois acho que eu saí e parece que eu descobri a pólvora! Como mulher foi uma experiência marcante, sabe? Nem comparo com os outros. Descoberta como mulher foi essa que eu tive no Paraná, e não os outros relacionamentos que eu tive. Os outros não me marcaram, não tinha aquele prazer!

Lucélia: Sua experiência no Paraná parece que foi algo muito intenso?

Aline: Extremamente! Muito intenso! Muito bem vivido! Aquela sensualidade assim... à flor da pele! Então, coisas que eu não tinha vivido. Prá mim, foi uma descoberta muito boa, foi uma coisa assim, que eu me senti... "meu Deus do céu!" Eu descobri que eu tinha perna, eu decobri que eu tinha bunda, eu tinha tudo! E parece que nas outras relações, eu não percebia isso. Quer dizer, eu descobria o corpo do outro, mas eu não

conseguia me ver. Parece que eu não percebia o meu corpo! E parece que esse é quem me deu a dimensão de quem eu era! Do que era o prazer, de como era o prazer! Os outros, eu não sei. Parece que eu me vejo numa relação de uma pessoa que recebia, mas que não estava dando. Não era uma coisa muito... não era gostosa! Não era uma troca! Não era uma coisa sensual! Esse sim foi um bom relacionamento. Eu acho... hoje eu não viria embora!

Lucélia: Não deu prá continuar junto?

Aline: Não deu. Eu estava fazendo especialização lá, terminou o curso, eu tive uma bolsa prá desenvolver um projeto lá. Mas na unidade, a bolsa não conta! E ele falou: "Sem trabalho, não dá! Prá viver um grande amor só... né?" Aí, vim embora, e a gente acabou se distanciando, mas foi uma coisa que me marcou muito!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Diante da questão de sua descoberta enquanto mulher, a primeira experiência relacionada pelo sujeito foi o abuso sexual sofrido aos sete anos de idade. O 'incidente' fez com que ela tomasse consciência, mesmo que de forma ainda incipiente, do fato de que tinha um corpo, levando-a a que se percebesse como mulher de forma súbita e muito precocemente em sua vida. Questões como 'o que é ser mulher,' 'o que é ter um corpo de mulher,' e como o homem a percebia vieram à baila. Além disso, Aline viu-se às voltas com intensos sentimentos de culpa, pois a sensação resultante foi a de ter provocado a situação, atribuindo a si toda a culpa, como se o fato dela ser uma criança e ele, um adulto, não possuísse nenhuma relevância. O sujeito descobriu de repente que havia pessoas do sexo oposto que a percebiam, e que tais indivíduos podiam agir com má fé, descoberta para ela surpreendente, pois até então acreditava que "todo mundo era anjinho." Foi então a partir desta idade que ela começou a perceber que existia uma diferença entre as pessoas, que não pensavam e não agiam da mesma forma, e esta diferença passava por questões não só de gênero e sexo, mas também de caráter, temperamento e índole. Tal experiência - o momento em que teve um primeiro contato com o mundo masculino adulto - foi sentida pelo sujeito como um corte no seu desenvolvimento, pois com ela adveio a perda abrupta da pureza e da ingenuidade infantis.

Após este fato marcante seu desenvolvimento psico-sexual se processou de forma normal e evolutiva. Na adolescência, teve o primeiro namorado aos quinze anos de idade. Foi através do namoro que ela pôde descobrir o outro de uma forma segura e gradual, experimentando as diferentes possibilidades de 'ver' e perceber o sexo oposto,

de poder "enxergar" e "achar bonito" aquele que era seu objeto de desejo. Desta forma, pôde experimentar o "gostar" de um outro-diferente que despertava sensações estranhas em seu corpo. Observe-se que ao mesmo tempo que Aline tomava contato com o sexo oposto através de uma percepção desveladora e reveladora, isto também vinha impregnado das nuances e cores que ela própria atribuía à experiência.

Aline relata que a princípio esta experiência lhe causou um certo estranhamento, qualificando como tal os primeiros contatos com o corpo do homem (o outro), a experiência do abraço e do beijo. Ao mesmo tempo ela se sentia estimulada pela 'paquera;' o exercício do olhar, o fato de "se sentir gostada" e desejada eram para ela muito excitantes e fazia-lhe muito bem ao ego.

O sujeito acrescenta que apesar de haver um período na infância, onde paulatinamente se vai descobrindo um ao outro e conhecendo as "diferencinhas bonitinhas" entre meninos e meninas, é nessa fase que se começa a ter um contato propriamente dito com o corpo do outro. A ingenuidade da infância cede lugar ao desvelamento do real quando se percebe através do abraço, de sensações tácteis oriundas do toque as sutilezas da pele, suas diferenças de textura, o nu do corpo do outro que se revela como diferente do seu próprio corpo. "O contato é diferente," assinala Aline. Assim compreende-se que a sensação resultante de se conhecer como é o corpo do outro é a da já citada estranheza.

Além disso, neste primeiro contato foi possível perceber também as diferenças de personalidade. O sujeito se remete novamente à infância para dizer que há uma fase em que se convive muito com meninas, e quando se passa a conviver também com meninos percebe-se que eles são mais agressivos, e que as brincadeiras também são diferentes. O jeito de ser, de agir, e a questão da própria educação são igualmente diferentes. Assim, referindo-se ao grupo de meninos e meninas, Aline ressalta sua descoberta: "Nós somos diferentes!"

O sujeito assinala ainda que o fato de se descobrir as diferenças um do outro é diferente da experiência de se descobrir como mulher. Ter tido outros namorados lhe deu uma noção de corpo e de ser mulher, "mas não muito boa," acentua Aline, afirmando que somente foi se descobrir como mulher, de fato, tendo decorrido muito

tempo após sua primeira relação sexual. Suas expectativas eram que uma relação sexual constituir-se-ia num 'passaporte' para um mundo mágico e encantado onde iria "ouvir sininhos," e obter de repente a revelação e o conhecimento pleno do que é 'ser mulher.' Suas expectativas evidentemente foram frustradas, pois ela esperava que fosse sentir muitas coisas que não sentiu. "Não foi uma experiência boa, prazerosa," avalia o sujeito. Foi somente quando fixou residência temporariamente em outro estado, distante daquele onde residiam seus pais, que ela se sentiu liberta de sua própria censura e repressão introjetadas das imagens das figuras parentais, e pôde explorar e descobrir de fato a sua sexualidade no sentido mais amplo que isto possa ter (o seu corpo, o corpo do outro).

O sujeito situa a descoberta de sua sexualidade e de si enquanto mulher - "se sentir mulher, querer prazer, dar prazer, saber buscar" - precisamente nessa fase de sua vida, e com uma pessoa específica. Aline constatou mais tarde que com outros namorados em sua cidade natal, eventuais contatos sexuais foram todos muito reprimidos. Ela equipara a importância do sair da terra natal à descoberta da própria pólvora para o mundo, pois isto lhe possibilitou libertar-se das censuras internalizadas para descobrir e viver plenamente a sua feminilidade. Como mulher, esta foi uma experiência marcante e muito intensa, sendo que Aline relata assim o que vivenciou: "...Aquela sensualidade à flor da pele, coisas que eu não tinha vivido antes. Eu descobri que eu tinha perna, eu tinha bunda, eu tinha tudo!" Ou seja, o despertar da sensualidade em cada parte do seu corpo, possibilitou-lhe o reconhecimento de sua própria feminilidade, numa expressão concreta e genuína do que é ser mulher. Comparando com outros relacionamentos, os mesmos não foram significativos, pois não havia prazer, não era gratificante. Aline ressalta que com outros parceiros era capaz de descobrir e perceber o corpo do outro, mas "não conseguia se ver," sendo que a sensação era de que ela não percebia o próprio corpo; havia sim uma pessoa que recebia, mas que não estava dando, não havia troca, portanto; não havia sensualidade, ressalta. O referido relacionamento, entretanto, deu-lhe "a dimensão de quem ela era, do que era o prazer, de como era o prazer" (a descoberta do prazer e de sua própria identidade enquanto mulher). Apesar de ganhos tão significativos e valiosos, a relação foi interrompida por questões de ordem

profissional, pois segundo ela não havia uma continuidade em termos de trabalho para si naquele estado. Todavia, Aline afirma que hoje não viria embora.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 09: Ivone (em referência à unidade nº 1)

O discurso do sujeito

Ivone: Eu acho que prá gente se perceber mulher, tem que ter um sofrimento muito grande primeiro, né? Prá mim teve! Aí, eu tive de aprender a ter valor prá me sentir mulher, prá me sentir gente! Prá conseguir lutar contra todas as coisas que eu lutei. Vício, tudo... o meu marido, ele era alcóolatra! Então, eu aprendi sofrendo, buscando ajuda. Foi assim que eu aprendi a gostar de mim. Aí, depois disso, ninguém me segurou mais, né? Porque depois que eu aprendi a ter valor, aí as coisas começaram a se encaminhar, a se resolver. Parece que depois disso, que eu aprendi a ter domínio sobre a minha casa, sobre a situação, sobre como ajudar o meu marido. Então, todas as coisas que aconteceram foram através daí. Porque desde essa época, eu aprendi a ser o que eu sou hoje.

Lucélia: Antes de você ser o que você é hoje, como você era?

Ivone: Antes? Eu acho que... Eu não era! Eu não era eu! Eu vivia só através dele. Eu não tinha uma identidade mesmo! Eu não tinha. Eu vivia assim, na dependência de todo tipo. Se ele não estivesse em casa, não estava bom. Se ele não... Eu vivia assim: "Que horas que vai chegar? Será que vai chegar bom? Será que não vai?" Depois eu comecei a viver naturalmente. Eu vivia a vida dele e não a minha! Depois, quando eu comecei a viver a minha vida, eu voltei a estudar. Quando eu resolvi que a vida dele era dele, e a minha era a minha! Largar ele de uma vez, se ele optou pela bebida, pelo jogo, e fazer as coisas que ele gostava... Eu aprendi: "Não! Vou criar meus filhos! Vou viver prá mim! Vou trabalhar! Vou lutar! Vou largar ele!" Foi quando as coisas começaram a mudar. Aí, foi quando ele deixou de beber. Quando ele viu que ia me perder mesmo. Eu acho que eu comecei... a sem querer, eu comecei a achar minha identidade. Foi daí prá cá porque antes eu não achava. Porque prá mim, eu pensava que eu nunca ia conseguir viver sem ele! Eu pensava um monte de coisas desse tipo, na época.

Lucélia: Ah, sim! Você se casou muito jovem?

Ivone: Com dezesseis anos! E ele tinha vinte e um. Eu vivi bastante anos assim. Acho que uns dez anos! É aquela história: saí da casa do pai e da mãe com dezesseis anos. Minha mãe era contra o meu casamento. Aí, tudo o que acontecia, eu agüentava, achava: "Não! Eu escolhi essa opção de casar! Ou bem ou mal, eu vou viver!" E aí, eu procurava fazer de tudo prá viver, mesmo sofrendo. Porque eu sofri bastante! Meu Deus! Como eu sofri! Levou uns bons anos da minha vida prá eu poder mudar aquela situação. Levou bastante tempo! Nossa! Eu até lembro assim que, às vezes quando brigava, quando eu mandava ele optar por mim ou pela bebida... Quando ele falava que ele ia optar pela bebida eu pensava que eu não ia agüentar, que eu ia morrer sem ele! E depois, eu fui vendo que eu tinha capacidade prá viver sozinha. Foi quando eu decidi a largar ele, a mudar a minha vida. Eu acho que foi por isso que eu consegui. Porque quando eu decidi que eu poderia mudar a minha vida, eu mudei a vida dele antes de mudar a minha! Foi isso o que aconteceu! (Riso) Cheguei a marcar com a advogada prá gente separar. Mas aí não precisou nem ele ir porque deu uma virada tão rápida na vida! Nas nossas vidas! Depois teve alto e baixo, largou de beber, voltou, largou, voltou! Mas daí, era ele e ele só! Eu já não sofria igual antes.

Lucélia: Você já não vivia mais a vida dele?

Ivone: Não! Aí, eu aprendi a colocar: "Não! Eu gosto de mim! Eu vou gostar de mim!" Porque é a tal história, se eu não gostar, o outro não vai gostar, né? E foi isso, o que foi acontecendo. Eu deixei ele ser... Se ele queria chegar bêbado, ele chegava. Se ele queria tomar banho prá dormir, ele tomava. Se ele queria não tomar, não tomava. Larguei! Larguei ele de vez! Aí, depois que ele deixou de beber, que ele viu que eu tinha valor prá ele, daí eu fui até fazendo o homem que eu queria. Fui transformando! Fui moldando ele! Com jeitinho... aos poucos, mas eu fui. E acho que depois que eu moldei ele do jeito que eu queria... Parece que depois que eu consegui assim, vencer aquela batalha, ele deixou de ser tão interessante, igual era quando eu tinha de lutar por ele, né? Eu acho que é por isso que eu não gosto de parar de lutar, viu? Eu não estava sabendo disso, mas é isso mesmo. Quando eu consigo uma coisa parece que não está bom! Eu quero começar a conquistar outras coisas, entendeu? Nunca ficar parada, acomodada!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito afirma que para a tomada de consciência de si enquanto mulher, foi necessário um "sofrimento muito grande." Assim, Ivone se viu forçada a aprender na dor o seu valor enquanto mulher, e pôde viver também a experiência de "ser gente." Isto tornou-a mais forte para lutar contra as dificuldades no casamento, tais como o alcoolismo do marido. O sujeito ressalta que desenvolveu sua auto-estima sofrendo e buscando ajuda. Após isso, não houve mais forças capazes de lhe constringir o Eu, pois desde essa fase ela aprendeu a ser o que é hoje: passou a ter domínio sobre sua casa, sobre a situação que estava vivendo, sobre o melhor meio de ajudar seu marido. Foi então que as coisas começaram a se encaminhar e a se resolver em sua vida.

Antes que Ivone fosse o que é hoje e tivesse firmada a sua identidade, ela assegura que vivia exclusivamente através do marido, pois não tinha a experiência de funcionar a partir de uma identidade própria: "Eu não era eu!" afirma, acrescentando que na época acreditava que nunca iria conseguir viver sem ele. Foi depois de aproximadamente dez anos de casamento que ela passou a existir na relação, e começou a pensar e a agir por si mesma. Antes disso, Ivone vivia na dependência de todo tipo. Se ele não estivesse em casa, ela não estava tranqüila, de forma que estava sempre na expectativa do horário de sua chegada, e como ele voltaria para casa (se sóbrio ou alcoolizado). O sujeito sintetiza em uma frase a sua condição psicológica dizendo que "vivia a vida de seu marido e não a sua." Quando começou a viver sua própria vida, e decidiu que "a vida dele era dele e que a sua era sua" muitas coisas mudaram: Ivone retomou os estudos, e principalmente, resolveu "largá-lo de uma vez." Se a opção dele

foi pela bebida, pelo jogo e por fazer as coisas que lhe davam prazer, por sua vez ela decidiu criar os filhos, viver para si mesma, trabalhar, lutar por uma vida melhor. Enfim, ter a sua própria vida. Foi então que a situação do casal assumiu novos contornos, pois quando ele sentiu que a estava perdendo, resolveu deixar a bebida. Tudo isto fez com que "sem querer" Ivone fosse definindo e imprimindo novas formas à sua identidade até então incipiente.

O sujeito explica que saiu da casa dos pais aos dezesseis anos, e que sua mãe não aprovou o casamento. Ela relata que o fato de ter agido contra a vontade dos pais atuou como um fator precipitante no sentido de levá-la a assumir obstinadamente a sua escolha, apesar de todos os conflitos e frustrações que estava vivendo: "Já que eu escolhi casar, ou bem ou mal eu vou viver!", disse ela. Assim, numa atitude de orgulho masoquista, Ivone fazia tudo o que podia para manter seu casamento, asseverando que levou ainda muito tempo para que conseguisse mudar a configuração das coisas.

O sujeito relata que seu marido tendo sido pressionado por ela para que optasse pela esposa ou pela bebida, fez a segunda escolha, o que para ela foi avassalador, pois era-lhe insuportável a idéia de viver sem ele (parece que até esse momento Ivone, "cegada" por sua dependência, não tinha consciência da rejeição e do menosprezo à sua pessoa contidos nesta escolha). Somente mais tarde ela descobriu que era capaz de sobreviver sozinha, física e psicologicamente. Foi então que decidiu separar-se dele e transformar sua vida, e com isso acabou fazendo uma descoberta surpreendente: "Quando eu decidi que eu poderia mudar a minha vida, eu mudei a vida dele antes de mudar a minha," diz ela.

Ivone chegou a agendar com a advogada para tratar da separação, mas não foi necessário o seu comparecimento, pois antes disso, a vida de ambos mudou radicalmente. Num movimento de altos e baixos, ele abandonou a bebida e voltou a beber por duas vezes, "mas daí era ele e ele só," reitera o sujeito, assegurando que já não sofria mais como antes. Ivone aprendeu a se colocar em primeiro plano, dizendo para si mesma: "Não! Eu gosto de mim! Eu vou gostar de mim!" Assim, ele poderia fazer o que bem entendesse: chegar bêbado ou não em casa, tomar banho ou não antes de dormir, que para ela seria indiferente.

Quando finalmente seu marido deixou a bebida, pois reconheceu que sua esposa tinha valor e era importante para si, Ivone aos poucos e com "jeitinho" foi "moldando-o," transformando-o, fazendo dele "o homem que queria para si." Todavia, após ter conseguido vencer a "batalha," e tê-lo moldado a seu gosto, este deixou-lhe de ser tão interessante quanto o era anteriormente, situação em que tinha de lutar por ele. O sujeito conclui que sua reação se deve ao fato de que necessita estar sempre em busca de novos desafios e conquistas, pois não gosta de parar de lutar e se acomodar.

Vale ressaltar que o caminho pelo qual Ivone empreendeu a descoberta de si enquanto mulher, e firmou a sua identidade feminina, além de levá-la a desenvolver sua auto-estima, colocando-se de uma forma menos dependente na relação com o sexo oposto, envolveu o desenredar-se de fortes tendências masoquistas, estando o masoquismo neste caso associado à experiência da feminilidade. Assim, ao mesmo tempo que ela foi se impondo e se fazendo respeitar pelo marido, isto ajudou-a a definir e fortalecer sua identidade (e vice-versa), quadro que por sua vez lhe conferiu muito poder na relação, de forma que ela se sentiu plenamente capaz de manipular o marido de forma a torná-lo no homem que desejava para si. A apreensão de sua identidade e a noção do seu próprio poder levou-a a inverter uma situação, onde ela partiu de uma condição de dependência quase que absoluta para uma outra de domínio, manipulação, e total controle da situação.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 11: Vitória (em referência à unidade nº 1)

O discurso do sujeito

Vitória: Ah, Lucélia! Eu acho que não faz muito tempo não, sabe? Porque... eu me anulei muito! Eu casei muito nova, com quinze anos, né? É um absurdo na minha cabeça hoje! (Risos) Quer dizer, eu não casei! Me casaram! (Ênfase). Foram meus pais que na época... meu pai principalmente, que fez com que eu casasse, fez festa, fez tudo. Mas eu acho que eu nem sabia o que estava acontecendo. Eu acho, não! Tenho certeza!

Lucélia: Você não namorava o rapaz?

Vitória: Namorava! Mas eu era uma criança! Boba! Tonta! Sabe, uma menina assim do sítio, do interior, que a mãe não conversava muito? Eu não sabia assim, nada, Lucélia. Hoje, eu sei disso. Eu sei definir bem isso. Mas na época, sabe? Eu não entendia nada! Você sabe quando pega um barco, te colocam dentro e você vai? Você não sabe nem prá que lado está indo? Olhando prá trás, eu me sinto assim hoje, sabe? Que naquela época, eu fui colocada dentro de um barco, e naveguei com ele prá todos os lados. Enrosquei em todos os barrancos e pedras que tinham no rio, e fui até chegar aqui!

Lucélia: Desses enroscos, houve algum significativo? Alguma coisa marcante?

Vitória: Eu sempre acho que há alguma coisa porque mesmo das piores coisas, a gente aprende. Eu aprendi sim, sabe? Hoje, se eu vou fazer alguma coisa, eu penso antes: "Olha! Isso eu não vou fazer porque isso eu fiz errado! Isso não é legal! Isso, alguém fez errado prá mim, que eu não gostaria que fizesse mais!" Então, eu acho que a gente aprende. Mesmo das piores coisas! Mesmo dos medos, dos choros, sabe? Mesmo esse negócio de eu ter estudado agora. Eu fui tanto chamada de burra pelo meu primeiro marido (o pai da Luana e do Daniel): "Você é burra! Não sei o quê..." Sabe? Qualquer coisinha, ele falava assim. Porque eu não tinha estudado. Eu tinha feito até o quarto ano só. E hoje, Lucélia, eu que sou burra, fiz uma filha se formar, me formei, e eu tenho absoluta certeza que eu converso a mesma linguagem que ele hoje! Que ele jamais vai poder me chamar de burra, sabe?

Lucélia: Ou seja, você provou prá você mesma e para as pessoas à sua volta, para o seu ex-marido, para quem quer que seja, que você é uma pessoa competente, capaz?!

Vitória: Exatamente! Eu não me sinto melhor que ninguém. Acho que a gente não é melhor que ninguém. Mas ele hoje, acho que pode parar e pensar, em algum momento que: "Nossa! Ela conseguiu isso! Conseguiu aquilo! Fez os filhos formarem! Fez deles gente decente!" Isso eu sinto muito orgulho, viu Lucélia! Foi aos trancos e barrancos, foi com um monte de coisa errada, mas eu estou aqui inteirinha! Essa outra coisa da Luana, de achar até que eu fosse autoritária... Mas sabe, Lucélia, eu precisei brigar com o mundo prá criar os dois! Se eu queria alguma coisa, ninguém ia atrás. Eu tinha que ir! Eu tinha que conseguir! Eu tinha que pedir licença ou empurrar e passar! Prá mim dar comida para os meus filhos! Prá mim me alimentar! Prá mim ter minha casa! Meus pais não ajudaram quase nada.

Lucélia: Hum hum... Você se separou muito cedo, Vitória?

Vitória: Separei, fiquei um ano. A Luana era muito pequena! Depois voltei. Fiquei mais nove anos. O Daniel tinha cinco anos, quando nós separamos mesmo definitivo. Então, foi bastante coisa sofrida! Uma luta! Mas eu acho que a gente tem que ver o lado bom de tudo, certo? E não ficar remoendo o lado ruim, porque senão ninguém vive! Eu sei que eu tenho muitas qualidades! Lógico, que alguns defeitinhos, né? (Riso) Ninguém é perfeito! Mas eu sou gente assim como todo mundo! Eu consigo as coisas! Teve época até que eu ficava com isso dentro de mim, achando uma série de coisas ruins. Mas agora não mais, sabe? E eu agradeço muito a Deus as coisas que eu tenho. E a mim também, Lucélia! Porque eu lutei muito! Porque eu briguei com o mundo, mas eu consegui! Eu acho que eu mereço o que eu tenho, sabe? Às vezes, tem pessoas que falam assim: "Nossa! Mas você mora numa mansão!" Eu não acho que eu moro numa mansão. Não é mansão a minha casa! Mas é uma casa boa, uma casa grande, com conforto! Mas eu mereço, Lucélia! E foi conquistada à custa do meu trabalho, do meu esforço, de batalha mesmo! Não caiu nada assim fácil do céu, de mão beijada não. Eu não ganhei nada de ninguém, sabe? Eu tenho bem consciência disso. O André saiu de lá (que foi o meu segundo marido) porque ele não merecia ficar lá, Lucélia! Sabe? As coisas que eu tenho lá, na casa, principalmente. Cada tijolo, cada caminhão de pedra, quem comprou, quem negociou, fui eu! É lógico, que na época, com o dinheiro dele também. Mas aquilo pertencia a mim, porque eu sabia quanto custou cada coisa de lá, sabe? Cada tijolo, pedreiro, discussão com pedreiro, preço de mão-de-obra, coisa errada, que pedreiro faz bastante serviço errado, era tudo eu que discutia. Sabe? Eu que negociava! E eu ia pedir opinião, ele: "Ah! Você faz o que você quiser!" Então, acho que assim, aquilo lá era mais que merecido meu mesmo, sabe? Que ele construa o dele, a partir do momento que ele saiu de lá com a parte que ficou prá ele. Ele aprende a construir o dele! Porque o meu, eu construí.

Lucélia: Então, você está dizendo assim, que você conseguiu isso praticamente sozinha. Porque você foi abrindo caminhos, às vezes pedindo licença, às vezes empurrando! Mas assim, você conseguiu isso pelo o seu próprio esforço?

Vitória: É! No geral, as coisas, sim! A parte financeira teve a ajuda do André, lógico, no momento que estava junto. Mas assim, o sacrifício da luta de correr atrás, desde a primeira casinha, que foi uma casa popular. Eu que ia nas reuniões! Eu corria atrás dos documentos! Ele não ia atrás! Então, eu acho que é um direito meu de brigar por aquilo que é meu. Hoje eu não me sinto melhor e nem pior que ninguém. Mas eu sei que eu consigo as coisas que eu quero. Eu luto! Eu vou atrás! Porque se a gente não for assim, o vizinho não vai lutar pela gente, vai?

Unidade transformada em linguagem psicológica

Vitória afirma que a tomada de consciência de si enquanto mulher é relativamente recente, pois se casou muito jovem, aos quinze anos de idade, e admite que "se anulou muito" no relacionamento. Considerando a situação com os olhos da mulher adulta, ela julga absurdo que isso tivesse ocorrido desta forma, e salienta: "Eu não casei! Me casaram!" O sujeito relata que foram seus pais que a impeliram ao casamento, tendo sido seu pai particularmente quem tomou a iniciativa e todas as providências necessárias, inclusive a festa. Mas ela própria não sabia ao certo o que estava acontecendo. Apesar de estar namorando o rapaz, era ainda "uma criança" ingênua, "boba! Tonta!" (atributos auto-depreciativos), uma menina de sítio, do interior, cuja mãe lhe dispensava pouca atenção. Assim, Vitória quase nada sabia da vida. Ela se sentia como se a tivessem colocado dentro de um barco, e estivesse navegando à deriva, sem saber para que direção estava indo. O sujeito relata que navegou com este barco para todos os lados, enroscou-se em todos os barrancos e pedras que havia no rio (obstáculos do caminho), até que conseguiu chegar no ponto em que hoje se encontra (um 'porto' seguro e estável).

Apesar disso, Vitória consegue extrair um saldo positivo de suas experiências, pois acredita que é possível aprender mesmo das piores situações. Ela pontua que hoje pensa antes de agir, e se recusa a reproduzir as experiências mal sucedidas do passado. Se alguém agiu errado consigo, também ficará vigilante para que isto não se repita. "Mesmo dos medos, dos choros," e até o fato de ter completado os estudos tardiamente, nada disso deixa de ser uma experiência enriquecedora.

Vitória revela que o seu primeiro marido a chamava freqüentemente de "burra," porque ela havia cursado somente até a quarta série primária. E hoje para si é uma questão de auto-afirmação e tem sabor de vitória, o fato de ter se formado (no nível

de 2º Grau), e ter custeado os estudos de uma filha até que esta concluísse o nível universitário, e também o fato de ter feito de seus filhos "gente decente" (ou seja, ter-lhes proporcionado uma boa formação educacional, baseada na retidão de caráter e em valores morais e éticos). Com isso, ela está convicta de que pode conversar com seu ex-marido em condição de igualdade, e ele jamais poderia vir a chamá-la de "burra" outra vez. Vitória provou para si mesma, para seu ex-marido, e para quem mais estivesse ao seu redor que é uma pessoa competente e capaz, superando assim seus sentimentos de inferioridade. Muito embora saiba que "não é melhor do que ninguém," afirma que se orgulha muito disso, tendo este fato corroborado e fortalecido sua auto-estima. O sujeito admite que apesar de ter sido aos "trancos e barrancos," pelo método de ensaio e erro, todavia hoje ela está "inteirinha," isto é, se manteve preservada.

Observe-se que a luta pela auto-afirmação, por ser alguém, e se mostrar e se sentir capaz (obtendo inclusive o reconhecimento público disso) para Vitória foi feroz e obstinada e obscureceu todos os outros aspectos de sua personalidade, tal como o desenvolvimento de sua identidade de gênero. Como ela própria afirma, o descobrir-se como mulher ainda é uma conquista muito recente, pois o que esteve por muito tempo em jogo era a sobrevivência pessoal e da prole e a defesa de sua personalidade da aniquilação. Isto irá permear todo o seu discurso.

Assim, algum traço de autoritarismo em sua personalidade apontado por sua filha, ela atribui ao fato de que precisou "brigar com o mundo" para conseguir criar seus filhos. Se necessitava de alguma coisa, ninguém saía em busca por ela, mas era obrigada a conseguir isto por si mesma. Assim, muitas vezes "tinha que pedir licença, ou então empurrar e passar." Tudo pelo sustento da prole, de si própria, e da conquista da casa própria. Seus pais pouco lhe ajudaram. Desta forma, a luta pela sobrevivência fez com que ela se tornasse mais agressiva, competitiva e até um pouco autoritária.

Vitória relata que viveu nove anos com seu primeiro marido, tendo sido esta uma convivência bastante sofrida e difícil. Todavia, procura lançar o foco para o aspecto positivo de suas experiências, e não ficar "remoendo coisas ruins." O sujeito admite que no passado já chegou a cultivar sentimentos negativos, mas no momento presente, seu movimento é expulsar de dentro de si essa carga negativa. E ressalta: "Eu

sei que eu não sou isso! Eu sei que eu sou bem melhor! Tenho minhas qualidades!" Vitória acrescenta que assim como as outras pessoas, também consegue as coisas que deseja. E "agradece a Deus e a si mesma" as coisas que possui, acentuando que lutou muito e que precisou brigar com o mundo para conquistá-las. "Eu mereço o que eu tenho!" ressalta em tom enfático. Apesar das pessoas exclamarem: "A sua casa é uma "mansão!" Ela sabe que não é, mas admite que se trata de uma casa grande e confortável. Coisas que reassegura que merece, pois foi conquistado à custa do seu trabalho, do seu esforço, das suas lutas. "Nada caiu do céu, de mão beijada," ressalta Vitória acentuando que "não ganhou nada de ninguém."

Antes de tomar consciência de si enquanto mulher, parece que o sujeito precisou se sentir "gente" e medir seu valor, o que supostamente passava por garantir a sobrevivência pessoal e da prole e pela conquista de bens materiais. A aquisição da casa própria, especificamente, parece ter sido um importante instrumento de auto-afirmação.

André, seu segundo marido, saiu da casa porque "ele não merecia ficar lá," diz Vitória. Era ele quem tinha que sair, pois cada tijolo, cada caminhão de pedra foi ela quem comprou, quem negociou, apesar de terem entrado também recursos dele. O sujeito observa que a casa lhe pertencia, pois só ela sabia quanto custou cada peça ali. Até mesmo discussão com pedreiro, preço de mão-de-obra, era ela quem assumia e negociava. Ele simplesmente se omitia. Então, "que ele construa a dele, a partir do momento que saiu de lá," e do que lhe coube na divisão dos bens, diz ela com determinação. Além do fato de ser a casa instrumento de auto-afirmação, produto de sua luta e seus esforços, ela também pode ser considerada uma expressão do ego e uma extensão do próprio sujeito, algo sólido com o que se identifica, uma prova concreta de sua força e sua competência na vida. Daí o fato de ter lutado tanto para ficar com ela na ocasião da separação de seu segundo marido.

Vitória reitera que tudo o que conquistou foi por merecimento e resultado de seu próprio esforço. O sacrifício da luta de sair em busca desde a primeira casinha popular (era ela quem ia às reuniões e cuidava de providenciar a documentação) era todo seu, por isso, brigou ferozmente pelo que julgava lhe pertencer. Hoje o sujeito tem para si no seu auto-conceito que não é melhor nem pior que ninguém, mas provou para si mesma

que é capaz. Ela vai à luta porque se não fizer isto, o vizinho não irá fazer por ela. Cada qual deve lutar pelos seus direitos.

A questão mais propriamente do gênero e da sexualidade, Vitória aborda na sétima unidade: "A descoberta do homem." Já foi mencionado nesta unidade que antes de se descobrir como mulher, o sujeito precisou se auto-afirmar como pessoa. A sua luta com pedreiros, com o barco à deriva, e com todos os obstáculos que enfrentou pelo caminho foi tão intensa e avassaladora que, com todos os seus sentidos em alerta, naquele momento não restou espaço para qualquer outra coisa.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 1ª UT: quando e como 'eu comecei a me sentir mulher'

Viu-se que a tomada de consciência de si enquanto mulher pode ter múltiplas conotações para os doze sujeitos do sexo feminino, e não se restringe à questão do gênero propriamente dita. Assim, apenas Aline, Samanta, Cibele e Letícia respondem à questão com relatos de sua experiência de relacionamento com o sexo oposto propriamente dito, e vivências especificamente relacionadas à sua sexualidade. No caso destas mulheres a história de relacionamento com o sexo oposto foi uma via importante na definição do papel e formação de sua identidade feminina. Para Cibele e Letícia (principalmente no caso desta última), o relacionamento com o sexo oposto ocorreu através de um processo bastante tumultuado. Após ter tido sua primeira relação sexual, Cibele passou a ter "medo de homem," principalmente após sua mãe ter feito a advertência: "Menina que 'dá' uma vez não pára mais de 'dar'!" No caso de Letícia isto envolveu episódios de agressividade, violência, "traição" e abandono. Ela assevera que só veio a descobrir de fato o que era sexo, depois que se separou, tendo decorridos vinte e quatro anos de casamento. Conforme veio a descobrir mais tarde, seu ex-marido era impotente e bissexual. Isto também é bastante semelhante com as declarações de Ester, no sentido de que em seu casamento as relações sexuais constituíam-se num evento raro, o que a fez suspeitar que seu ex-marido tivesse tendências homossexuais.

Tanto Aline quanto Samanta tiveram uma fase do relacionamento com o sexo oposto caracterizada por frustração porque não havia trocas, isto é, troca de prazer e de afetividade. Havia somente um que estava dando e o outro recebendo. Samanta, particularmente, corroborou através de sua experiência o estereótipo masculino que veicula uma imagem do homem como machão/presunçoso/egoísta. Seus parceiros comumente se julgavam "o bom," "o experiente," "o todo sabichão" e "o todo poderoso," e não tinham 'olhos' e sensibilidade para perceber a parceira, suas necessidades psicológicas, seu prazer. Samanta sentia que para ela ficava sempre faltando alguma coisa. Contudo, posteriormente, tanto Samanta quanto Aline encontraram um parceiro onde suas necessidades foram satisfeitas, e o relacionamento foi pleno, isto é, houve uma gratificação e a descoberta do prazer sensual e sexual, assim como troca de afetividade.

Paloma e Letícia não se sentiram preparadas para uma vida sexual nem psicologicamente nem em termos de informação, de forma que quando ambas perderam a virgindade, o evento foi traumático para ambas. Enquanto Paloma sentia-se envergonhada no contexto social, como se tivesse todos os olhares voltados sobre si, Letícia teve uma hemorragia e foi obrigada a interromper temporariamente as relações sexuais. Aline, por sua vez, sofreu abuso sexual na infância, todavia, o evento parece não ter lhe deixado maiores marcas, a não ser a tomada de consciência de si enquanto mulher ainda muito precocemente, através da perda abrupta da pureza e da ingenuidade infantis.

Além disso, viu-se que a estruturação e o fortalecimento do Eu antecede a formação da identidade de gênero propriamente dita. Exemplos disso são os casos de Vitória, Verônica e Ivone, que, muito embora seu relato venha permeado de experiências com o sexo oposto, o ponto alto do discurso de cada uma foi a questão da auto-afirmação: tentativas de adquirir domínio e controle sobre a própria vida, e provar a si mesma sua capacidade para atingir objetivos. Parece que quando existe o risco de aniquilação da personalidade e a questão é de sobrevivência física e psicológica, questões de gênero deixam de ter relevância. Assim, no caso de Vitória a luta pela auto-afirmação, pela sobrevivência e para provar sua capacidade foi feroz e obstinada e obscureceu todo o resto. Ainda para esta última a aquisição da casa própria foi importante instrumento de auto-afirmação, uma representante e uma extensão de si própria, algo sólido com o que

pudesse se identificar. Já Verônica inicialmente aprendeu a desempenhar o seu papel como mulher através do exercício de tarefas e prendas domésticas, pesadamente impingidas por sua mãe através de castigo e punição. O aniquilador domínio de sua mãe sobre sua personalidade, além de "castrá-la" psicologicamente tendo naquela um severo guardião de sua virgindade, também tornou-a muito dependente da figura materna em todos os eventos do cotidiano. Assim, para Verônica o ato de descoberta de si enquanto mulher consistiu numa declaração de independência perante a figura materna para fazer as coisas mais simples da vida. O fato de ter sido obrigada a trabalhar muito cedo (uma medida utilizada pela mãe para lhe impingir a aprendizagem das prendas domésticas) ao mesmo tempo em que se constituiu na exploração de sua força de trabalho infantil, privou-a de uma infância e uma adolescência normal. Para Ivone, o caminho através do qual firmou sua identidade implicou no desenredar-se de fortes tendências masoquistas, havendo uma inversão de uma situação onde ela não tinha poder algum e era totalmente dependente do marido, até o absoluto controle da situação, podendo manipulá-lo e "moldá-lo" como quisesse. Assim, por meio do processo de auto-afirmação que lhe deu a consciência do 'ser mulher,' da não existência psicológica ela passou a existir na relação, e a viver a sua vida e não a de seu marido. Para esta mudança, a tomada de decisão sobre a separação e a recusa ao sofrimento foram atitudes de grande valia, pois fortaleceram sobremaneira a sua auto-estima, deram-lhe poder na relação, e consciência de si como um ser separado (à parte).

Para Judite o processo de descoberta de si enquanto mulher foi vivenciado a partir dos papéis de esposa e mãe em função da educação que recebeu. Todavia, havia uma grande insatisfação, pois ela não se sentia amada no casamento, nem reconhecida em suas capacidades como pessoa. Se por um lado, o casamento lhe deu uma identidade, por outro ele lhe deixou muitas lacunas. O amante veio preencher a lacuna que então existia, tendo sido uma experiência nova e altamente confirmadora em vários aspectos (sua feminilidade, por exemplo), mas clandestina.

Laura começou a se descobrir como mulher a partir das impressões e registros que o seu corpo lhe impunha. Toda a sua auto-estima, a sua noção do Eu e a sua identidade feminina foram estruturadas a partir desta primeva e arcaica forma de relação

consigo e com o mundo. O sujeito observa que o corpo era o seu "cartão de apresentação," uma via importante de contato com o outro. Então se o seu corpo para si não estava bem, ela também se fechava para o mundo à sua volta. Desta forma Laura só conseguiu estar bem consigo mesma quando perdeu peso. A partir daí "liberou-se" em todas as áreas para a vida e o relacionamento social. Assim, a tomada de consciência de seu corpo, e o sentido de adequação deste corpo a um padrão externo, foi um evento fundamental para a formação de sua identidade.

Para Ester e Paloma a maternidade foi um marco que definiu e 'sacramentou' a sua condição de mulheres para si e para o mundo. Enquanto para a primeira foi um acontecimento muito desejado e objeto de insistentes tentativas por longos oito meses, para a segunda foi uma gravidez indesejada estando ainda solteira. Nenhuma das duas, contudo, estava preparada para o papel e psicologicamente sentiam-se adolescentes. Enquanto Paloma não conseguia aceitar que tinha um filho, tendo-o para si mais como a um irmão (ela própria estava identificada ao papel de filha), Ester teve o filho para provar a si mesma "que era capaz," isto é, ela precisava obedecer ao mandato de "parir muito filho" para provar o seu valor enquanto mulher. Todavia, ainda era muito imatura, e a maternidade era o passaporte mágico que a ingressaria no mundo encantado das mulheres que, tal como num conto de fadas, esperavam "cheirosinhas" o marido chegar do trabalho. Para Paloma, o evento que definiu socialmente e para si mesma a sua condição de mulher, a maternidade, foi um fardo vivenciado com grandes dificuldades de adequação ao papel, pois ao invés de receber cuidados, tal como estava habituada, teria agora que dispensar cuidados para outro ser que lhe era dependente.

Diana começou a tomar consciência de si enquanto mulher ainda na infância através das primeiras 'insígnias' que definiam para si o papel da mulher: os laçarotes, saiotes, cabelo comprido e roupas de menina. Desta forma, foram-lhe marcantes as "mágoas" decorrentes de episódios onde ela ganhou uma camiseta de menino, e teve seu cabelo cortado como um "Joãozinho da vida," pois não foi reconhecida e confirmada pelo meio social a sua feminilidade de que tanto se orgulhava. Tal como nos casos de Aline, Cibele, Ester e Paloma a relação afetiva e sexual com a figura masculina se deu na adolescência, sendo que seu primeiro parceiro sexual foi seu

ex-marido. Mais tarde em sua relação com o sexo oposto, ela desenvolveu uma ostensiva rivalidade com a figura masculina, principalmente se esta se recusava a ceder.

Alguns casos explicitam que o processo de descobrir-se como mulher é contínuo e ininterrupto. No caso de Letícia, isso continua acontecendo apesar de seus cinqüenta e três anos, sendo que ainda há muito de desconhecido nisto. O mesmo ocorre com Cibele. Vitória admite que esta descoberta para si é relativamente recente. Para Ester este foi um processo muito lento e predomina ainda uma certa vaguidade no papel, visto que seus contatos com a figura masculina foram muito escassos.

Tanto Cibele quanto Judite relataram experiências com o amante. Em ambos os casos foi uma experiência positiva no sentido de que isto reverteu favoravelmente para a estima de si, e para a confirmação de sua feminilidade, pois elas já não estavam mais se sentindo amadas e sexualmente atraentes e desejáveis pelos respectivos maridos. Todavia, relacionamentos extra-conjugais não deixam de ser uma experiência vivida com ambigüidade, pois ao mesmo tempo que isto pode confirmá-las enquanto mulheres na sua capacidade de sedução, e que pode ser altamente prazeroso e gratificante para o ego, tal vivência também vem acompanhada de muito sentimento de culpa.

Cibele e Verônica sentiram como bastante opressiva a relação com a figura materna, o que resultou em riscos de aniquilação da personalildade e consideráveis esforços de afirmação e independência. Enquanto Cibele lutava à sua maneira pelo direito de exercer a sua sexualidade sem se tornar promíscua, Verônica lutava por existir e pelo direito de comprar suas próprias calcinhas, visto que sua mãe era uma mulher altamente castradora e dominadora.

Na relação com o sexo oposto Letícia prioriza o lado afetivo ao sexual, mas como obter isto para si se tornou muito difícil, admite que "desistiu." Além disso, pela própria inversão sexual que observou no ex-marido, ela perdeu os referenciais do que é ser um 'homem viril.' De uma maneira geral, uma história de relações quebradas com o sexo oposto a impediu de consolidar e se sentir confiante de uma feminilidade/ sexualidade que levou muito tempo para saber o que era e como era. Traumatizada e insegura de seu poder de sedução e sem ter se sentido amada e confirmada pelo sexo

oposto, Letícia parece não ter ainda fechado a "gestalt" de sua identidade feminina, processo este que parece ainda caminhar a passos incertos e temerosos. Da mesma forma para Ester sua experiência negativa com o sexo oposto não lhe ajudou a confirmar e a reforçar sua feminilidade ainda incipiente.

Aline, por sua vez, faz uma interessante observação no sentido de que descobrir o outro é diferente do processo de descobrir-se a si própria. Um fator determinante para ela nesse sentido, equivalente à descoberta da pólvora para o mundo, foi ter se mudado para um outro estado distante daquele onde residiam seus pais. Este fato parece ter contribuído decisivamente para que ela se libertasse das censuras internalizadas e da repressão à sua sexualidade, o que resultou no desvelamento interno e externo e no surpreendente despertar de sua sensualidade como uma experiência global no nível corporal.

Entre todas Aline é a que descreve com maior acuracidade e propriedade toda a riqueza do processo de descoberta do sexo oposto (toda a estranheza e prazer que isto envolve), e a progressiva consolidação de sua identidade feminina, do seu papel de mulher, processo para o qual a expressão da sexualidade parece ser um elemento essencial.

Em suma, a tomada de consciência de si como mulher foi vivenciada a partir das idiossincrasias, da história de vida e da compreensão particular de cada uma sobre o papel, com algumas similaridades de um caso para o outro. De qualquer forma, entre os doze casos estudados este não foi um processo homogêneo.

2ª UT: O lado prazeroso do relacionamento

⇒ Caso nº 03: Paloma (em referência à unidade nº 2)

O discurso do sujeito

Paloma: O lado bom é quando você sai prá namorar, se divertir mesmo. E não se fala em problema, fala só que sentiu saudade durante a semana. Então, sai prá ir ao cinema, assistir um filme, depois volta do cinema. Naquela hora não se fala dos problemas. Naquela hora você se prepara prá ver o seu namorado, porque você sabe que vai passear! E depois talvez, vai prá um motel ficar junto!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O prazeroso do relacionamento para Paloma é a fase do namoro, quando as coisas ainda são novidade, o 'tesão está em alta,' e não houve o desgaste ocasionado pela convivência. O sujeito assevera então que a mulher experimenta uma agradável expectativa ao se preparar para ver o namorado, pois "sabe que irá passear." Assim, o casal se encontra e faz um programa para se divertir, vai ao cinema, e "depois talvez a um motel ficar junto." Não se fala sobre problemas, mas apenas do quanto cada um sentiu saudades do outro. O clímax do encontro é o intercurso sexual.

Este estado nirvânico e ilusório é passageiro, pois nega a realidade das coisas. É onde estão operando as projeções positivas, sendo que o lado obscuro de cada um (a sombra) ainda não emergiu.

Isto demonstra que o sujeito ainda não conseguiu auferir ganhos no cotidiano do relacionamento com o sexo oposto, o que, por sua vez, sugere que não foi possível até então amadurecer e evoluir para um novo padrão de relacionamento, onde se negociam e solucionam os conflitos tornando mais prazeroso o cotidiano da vida-a-dois.

⇒ Caso nº 04: Ester (em referência à unidade nº 2)

O discurso do sujeito

Ester: Eu acho que no meu casamento não teve muita parte boa. Eu fiquei muito tempo com ele, mas esperando assim que ele melhorasse. Ele não gostava de sair, de ir ao cinema, de comer fora, passear... nunca saiu comigo! Eu saía sozinha com o meu filho. Então não tem coisas boas. Pouquíssimas (ênfase) vezes a gente teve uma relação sexual que foi muito boa, sabe, pouquíssimas! Dá prá contar no dedo. Raramente, assim, que não sei se ele estava empolgado, sei lá. Ele me procurava assim, de seis em seis meses ou demorava mais que isso, aí era muito bom!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito menciona ter havido uma quase total ausência de aspectos gratificantes em seu casamento. Ester destaca a falta do lazer em família, visto que ele não apreciava nenhum dos programas que as pessoas normalmente fazem em sociedade (personalidade anti-social). Assim, ela sempre realizava seus programas sozinha com o filho. Quanto à vida sexual, as próprias relações sexuais foram extremamente escassas ao longo dos seus dez anos de relacionamento, o que não deixava de ser prazeroso quando ocorria. A frequência era uma relação a cada seis meses.

Em função de tudo isso, o sujeito reitera que de fato não alcançou o mínimo grau de satisfação no seu relacionamento, e justifica que somente permaneceu este longo tempo casada "à espera de que ele melhorasse" (este aspecto está discutido mais profundamente na terceira unidade: 'Conflitos do relacionamento').

Resta salientar os ganhos secundários da relação, aos quais o sujeito não tem um domínio racional consciente, como por exemplo, tendências masoquistas inconscientes.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 06: Aline (em referência à unidade nº 2)

O discurso do sujeito

Aline: Olha! Eu acho que eu tenho... fazendo uma comparação, mas eu tenho, eu considero um excelente relacionamento! Eu acho super gostoso, prazeroso, viver o companheirismo. Poder contar, trocar, aprender junto, passear junto, rir junto! A gente faz muitas coisas junto. É companheiro mesmo! A gente faz muitos planos juntos e realiza também. Está sempre buscando, vibrando um com as conquistas do outro. E a gente está tentando, tipo assim, no relacionamento, crescer junto. Profissionalmente! Afetivamente! Então, a coisa que prá mim é muito importante, é a questão do companheirismo. É uma coisa que eu vejo assim, como extremamente positiva na relação. E acho que contrapõe àquilo que eu já tive também em muitas relações, a relação que o cara está lá em cima, e eu estava me sentindo lá embaixo! Então... (riso) graças a Deus, que foi uma experiência de namoro e não de convivência, mas eu já tive esse tipo de relacionamento. Então prá mim é uma coisa nova, uma coisa gostosa, é um relacionamento de igual prá igual, quer dizer, isso é o positivo que eu acho. A gente está procurando sempre acertar, conversar...

Lucélia: Se ajustar....

Aline: Sim! Por exemplo, dificuldades que a gente tem são conversadas. Se está me incomodando alguma coisa, é conversado. Pelo menos tentando crescer, tentando viver bem a relação. A gente não está deixando dar espaços para... daqui a três meses descobre: "Olha! Há três meses atrás eu estava com isso! Eu estou com raiva." A gente está tentando colocar aquela conversa em dia, assim: "Olha! Não gostei!" Prá mim é uma experiência nova! Um diálogo novo que eu nunca tive! Não é que eu nunca tive, já tive, mas hoje fazer isso constantemente está sendo muito bom! "Olha! Isso não está legal!" Quer dizer, não que não seja difícil, mas falar de problemas ou de que alguma coisa não está bem, está sendo um exercício muito bom. E isso, eu acho que melhora muito a relação. Então, eu acho que está sendo uma troca muito boa!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Comparando com seus relacionamentos anteriores o sujeito considera sua atual experiência de concubinato "um excelente relacionamento," sendo que os aspectos que mais se destacam são o companheirismo e o diálogo.

O companheirismo é vivenciado na constante troca de experiências com o parceiro, na mútua aprendizagem, no fato de ambos passearem e rirem juntos, na elaboração de planos em conjunto e na posterior realização destes planos. Eles estão sempre buscando revitalizar o vínculo do casal, sendo que cada um "vibra com as conquistas do outro." Além disso, ambos estão tentando juntos crescer enquanto indivíduos no relacionamento, tanto profissional quanto afetivamente.

Aline vivencia o companheirismo na relação como algo "muito gostoso e prazeroso," ao mesmo tempo que o considera como um aspecto extremamente positivo nesta sua experiência de vida a dois. Além disso, vê como bastante significativo o fato de que não exista hierarquia na relação ("o cara está lá em cima, e eu me sentindo lá

embaixo"), tal como já viveu em outros relacionamentos. Para o sujeito é uma experiência nova e prazerosa o fato de poder cultivar uma relação de simetria, "de igual para igual," onde ambos direcionam seus esforços no sentido de "acertar" ou aplainar as diferenças através do diálogo.

Assim, as dificuldades encontradas na convivência são "conversadas." Dialogar e administrar suas dificuldades tem sido a estratégia usada para tentar buscar o crescimento psicológico e vivenciar a relação de forma satisfatória. O casal não está permitindo que se instale entre si o ressentimento e a mágoa, guardando questões mal resolvidas do passado sem que estas tivessem sido colocadas e discutidas. Ao contrário, ambos praticam o exercício constante de exteriorizar suas insatisfações no momento em que ocorrem: "A gente está tentando colocar a conversa em dia," afirma Aline. Desta forma, num exercício de assertividade ambos podem explicitar um ao outro: "Olha! Não gostei!" ou "Olha! Isso não está legal!" sem o receio de que isto possa ser destrutivo para o outro. Para o sujeito tal prática é uma experiência nova, "um diálogo novo que eu nunca tive," diz ela, reiterando que realizar isto constantemente está sendo "um exercício muito bom." O fato de se poder falar de problemas, poder manifestar insatisfação, ou apontar que alguma coisa não está bem é sentido pelo sujeito como uma prática muito saudável e terapêutica. Isto favorece a relação e "está sendo uma troca muito boa!", diz Aline.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 08: Diana (em referência à unidade nº 2)

O discurso do sujeito

Diana: Olha! O lado bom é o lado assim da amizade, sabe? Da troca mesmo! Do companheirismo! De você poder contar com o outro, daquela... hum... contar incondicionalmente, certo? Isso é importantíssimo, sabe? Esse incondicional é fundamental na relação. Eu acho que é por isso que ela se mantém. É aquela coisa: "Eu quero estar porque eu quero estar! Não porque você me obriga!" E os dois se colocam muito assim. Porque os dois são muito "gatos," sabe? Assim, de reservar o espaço e tal. O Aroldo se posiciona assim, prá reservar o espaço dele. Cada um tem o seu espaço. Então isso eu acho que é um incondicional, saber que o outro pode estar do lado na hora da necessidade!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Diana se refere ao lado gratificante do relacionamento como a questão da amizade, da troca e do companheirismo, especialmente o fato de poder contar com o outro, incondicionalmente. Ela considera o "contar incondicional" com o parceiro um elemento fundamental e importantíssimo na relação, a ponto de atribuir-lhe papel decisório na manutenção e na continuidade do relacionamento. Desta forma ela pode sentir-se livre para fazer cotidianamente a escolha do parceiro: "Eu quero estar porque eu quero estar! Não porque você me obriga!"

O sujeito assevera ainda que para si a questão do espaço é importante na relação, sendo que no seu atual relacionamento cada um tem isto reservado e muito bem definido. Diana define a si e ao seu companheiro como "muito gatos," demonstrando com isso ser ao mesmo tempo prazeroso e relevante para ambos, manter um espaço reservado e usufruir dele de forma privativa. Além disso, o sujeito assevera que é uma expressão da presença incondicional do outro (e que fortalece o vínculo): "Saber que o outro pode estar do lado na hora da necessidade," ou seja poder contar com o parceiro em qualquer circunstância.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 09: Ivone (em referência à unidade nº 2)

O discurso do sujeito

Ivone: Eu acho que a parte boa é quando tudo é entrado em acordo, é conversado entre os dois. Porque tudo é assim: eu sento, eu converso: "O que você acha que nós vamos fazer? Vamos decidir!" Acho que a parte boa não é só o lado de tomar a decisão, são os dois lados! Não é um só, sabe? Tem que conversar! Tem que... "Hum! Eu estou errado nisso! Eu estou errado naquilo!" Não é? Vamos ver o caminho prá consertar. Nós juntos! Porque não adianta nada ele chegar prá mim: "É! Porque eu não gosto que você faz isso! Não gosto que você faça aquilo!" Aí nós sentamos e achamos um caminho prá aquilo que eu estou fazendo que ele não gosta. E eu vice-versa dele. Às vezes, ele é estúpido com os moleques, tudo. E eu fico brava com ele: "Bem! Eu não gosto que você faz desse jeito! Não tem outro jeito de você chegar até os meninos e conversar?" Sabe? Mas assim, só prá aprender a não se exaltar, a não gritar, a não brigar. Esse dia, essa semana, eu comentei que eu tenho saudade daquelas brigas de antigamente! Não sei nem o que é isso mais! Com todas as coisas, eu não tenho briga. Porque eu lembro que antigamente assim, ele... brigava, falava, bebia, enchia a cara. Ele chorava de um lado, eu chorava do outro. Aí, quando fazia as pazes era aquela coisa doentia. Não é uma relação de duas pessoas, é uma coisa de criança! Envolvia a dependência,

envolvia a bebida. Porque às vezes eu ficava desgostosa, tinha que ir lá beber alguma coisinha dentro de casa. Então hoje não! Hoje eu converso: "Olha! É assim, assim, assado! Vai ser desse jeito! O que você acha?" Apesar de que eu ando muito autoritária. Mesmo sabendo que o homem dá a última palavra, mas aconteceu o inverso. Acho que faz tempo que acontece isso. Que no fundo, a última palavra lá em casa sou eu que dou. Mas assim: "Bem! O que você acha de tal coisa?" Eu falava: "Decide você!" Ele falava: "Não! Fala você!" Enquanto ele não falar: "Eu acho que é por esse caminho..." Eu acho que de tanto que ele quebrou a cara, que ele aprendeu agora a ouvir minha opinião e... sabe? Não que diretamente, não sou eu que decido as coisas. Mas indiretamente, ele só faz aquilo que ele acha que a minha opinião valeu, sabe? A dele vale, mas é menos até! É igual fala, "por trás de um grande homem tem que ter uma grande mulher." Eu acho que no fundo, não é só na vida do casal, não é só no criar os filhos que os dois têm que ter essa coisa, esse diálogo, eu acho que é em tudo.

Unidade transformada em linguagem psicológica

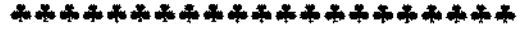
O sujeito afirma que o aspecto positivo do relacionamento para si ocorre quando "tudo é conversado entre os dois," (ou seja, é possível dialogar) de forma que se possa chegar a um acordo. Não é a questão da decisão propriamente dita que importa, mas sim o fato de se ponderar o ponto de vista de cada um, ambos procurando encontrar o melhor caminho dialogando, evitando-se assim decisões unilaterais. Nesse diálogo, é importante aprender a "dar a mão à palmatória," isto é, admitir que se está errado, e procurar com boa vontade o caminho para reparar os erros. O fato do homem simplesmente colocar de uma forma autoritária que não gosta de determinadas coisas é absolutamente inútil do ponto de vista do sujeito, pois, mais do que isso, é preciso que ele se disponha a "sentar" (descer do pedestal) e a conversar com a mulher, propondo-lhe "um caminho," isto é, uma nova alternativa para o comportamento que ele não gosta. Muitas vezes o marido de Ivone é estúpido com as crianças, e ela não gosta disso. Por isso, insiste para que ele aprenda a não se exaltar, a não gritar, a não brigar. O sujeito considera que a prática do diálogo deve ser executada o mais amplamente possível, estendendo-se a todos os aspectos da vida do casal.

Aqui o sujeito está falando claramente de manifestações de domínio e poder que via de regra se estabelecem nas relações homem/mulher. O autoritarismo de que muitas vezes se arvora o homem, assumindo um 'lugar de poder' que ele considera seu por natureza, fato que o leva a subjugar a mulher e a menosprezar sua opinião, e tudo o que venha dela como sendo insignificante, menor, e indigno de crédito. Parece que o sujeito conquistou na sua relação com o marido o direito de ser ouvida e respeitada como

sua igual, fato que levou-a a apontar o exercício eqüitativo do poder através da tomada de decisões conjuntas, como sendo o lado prazeroso do relacionamento.

Assim, Ivone pôde afirmar que a relação entre eles tem estado tão harmoniosa, que ela sentiu "saudades" das brigas de antigamente, reiterando que "não sabe nem o que é isso mais," ou seja, ela desaprendeu o sentido disto. O sujeito relata que nas brigas de antigamente ele se embriagava, e brigava com ela, falando sem pensar. Quando "faziam as pazes" era uma reconciliação doentia que não era devida a duas pessoas adultas, mas a duas crianças, pois envolvia muita dependência psicológica de ambas as partes. Outras vezes Ivone ficava desgostosa e ia beber. Hoje, ao invés de beber, ela procura conversar, dizer o que pensa e também quer saber a opinião dele, pois aprendeu a ser mais assertiva e afirmativa. Ivone admite que tem estado mais autoritária ultimamente com seu marido, e relata que mesmo sabendo que "cabe ao homem dar a última palavra," em sua casa a situação se inverteu, pois quem faz isto é ela. Hoje eles jogam um jogo de poder onde cada um empurra para o outro a decisão final, apesar de que ela sempre insiste para que ele emita a sua opinião. No fim, ele decide 'oficialmente,' mas na verdade, simplesmente corrobora a opinião dela, pois aprendeu a ouví-la e a relevar o seu ponto de vista após sucessivos 'golpes' sofridos na convivência diária. Assim, diretamente não é ela quem decide as coisas, mas indiretamente a opinião dela acaba prevalecendo, pois a dele passou a ter menor valor. Para ilustrar isto Ivone cita o conhecido provérbio: "Por trás de um grande homem tem que ter uma grande mulher," o que sugere que quem de fato domina a situação é a mulher.

Esta inversão do poder na relação que agora está nas mãos do sujeito (da mulher), se por um lado lhe parece uma situação anômala, por outro lado é motivo de deleite e fruição, pois se trata de uma situação nova que nunca havia sido antes experimentada, e a fez se sentir importante, respeitada e valorizada.



⇒ Caso nº 10: Judite (em referência à unidade nº 2)

O discurso do sujeito

Judite: Eu acho que o lado prazeroso... prá mim eu acho que é só os filhos, o que me restou. Só os filhos! Porque dinheiro, eu não tenho. Amor eu não tenho!

Lucélia: Você é dependente financeiramente dele?

Judite: Eu sou totalmente dependente! Então, o que me sobrou de prazer? Somente os filhos! Mais nada.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Em meio a uma série de frustrações que está vivendo no casamento (o que se encontra especificado na unidade que se refere aos 'conflitos do relacionamento'), Judite afirma que não encontra gratificação nem na parte afetiva, nem tão pouco no lado financeiro, pois, como dona-de-casa nunca teve um emprego, sendo totalmente dependente de seu marido. Por isso, refere-se à maternidade como o único aspecto prazeroso em seu relacionamento, a única coisa que lhe "sobrou," diz ela.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 2ª UT: o lado prazeroso do relacionamento

Surpreendentemente foi relativamente comum o fato de alguns sujeitos do sexo feminino afirmarem que não havia nenhum aspecto prazeroso (ou quase nada) na sua experiência de relacionamento com o sexo oposto. Assim, Ester asseverou que apesar dos seus dez anos de casamento não houve "nada de prazeroso," exceto raríssimas relações sexuais, as quais ela afirma, "podia-se contar nos dedos." Vitória observa que não se recorda de nenhum aspecto prazeroso em seus dois relacionamentos anteriores, a não ser talvez uma festa de final de ano, uma reunião em família, no último deles. Ela só consegue se lembrar que "estava vivendo as coisas que não queria viver," sendo que viveu mais cuidando das coisas práticas e materiais da vida, da educação dos filhos, e "não viveu a parte sentimental," isto é, não obteve gratificações de ordem afetiva, o que só está podendo fazer em seu atual relacionamento. Judite, por sua vez, afirma que a

única coisa que "sobra" são os prazeres da maternidade, visto que em seu casamento não tem "nem amor, nem dinheiro."

Cibele, Aline e Diana indicam o aspecto do companheirismo na relação. Todavia, enquanto Diana acentua o "estar incondicional com o outro," aspecto por ela considerado fundamental, com um papel decisivo na manutenção do relacionamento, Cibele ressalta a aceitação mútua incondicional, isto é, o fato de poder "ser ela mesma," com seus defeitos e suas qualidades, "estar por inteiro, sem máscara!" e sentir-se aceita pelo parceiro. Já Aline vivencia o companheirismo na constante troca de experiências, na mútua aprendizagem, no fato de ambos passearem e rirem juntos, e ainda no fazer planos em conjunto e colocar em prática estes planos. Por outro lado, embora ambos estejam sempre buscando revitalizar o vínculo do casal, tal como acontece no caso de Cibele, onde se preserva a individualidade de cada um no vínculo, Aline aponta que ainda há espaço para se crescer enquanto indivíduos dentro do relacionamento.

Já Paloma reitera que o que de fato é prazeroso no relacionamento é a fase do namoro. É bom se preparar na expectativa de ver o namorado e, enfim, sair para realizarem um programa juntos, diz ela. Neste caso, não se fala então em problemas, apenas que "sentiu saudades." No cotidiano da vida-a-dois, contudo, ela não aponta quaisquer aspectos positivos.

Ivone, Aline e Diana acentuam o diálogo, embora com ênfases diferentes. Para Ivone, através do diálogo exercido a partir de uma relação de simetria, o homem e a mulher podem chegar a um "acordo," isto é, ambos pensam juntos buscando uma nova alternativa para o que não está satisfatório, evitando assim decisões autoritárias e unilaterais. Ela ressalta que é importante aprender a "dar a mão à palmatória," isto é, admitir o erro, e dispor-se a conversar, abandonando a postura machista e autoritária do "eu é que tenho sempre razão." Ivone relata que no passado, após uma briga buscava alento na bebida. Hoje, afirma que ao invés de beber procura conversar, pois aprendeu a ser mais assertiva, e assim "não sabe mais o que é briga." Para Aline o fato de poder falar sobre o que não está bem (problemas) sem com isso destruir a relação "é uma troca muito boa." Assim, ela assegura que ambos não guardam questões mal resolvidas do passado, mas estão sempre tentando "colocar a conversa em dia," administrando-se as

dificuldades através diálogo, o que resulta numa vivência satisfatória e prazerosa da relação. Aline ressalta que tudo isso é uma experiência nova, "um diálogo novo que nunca teve," observa. Diana, por sua vez, fala de "amizade e troca," o que supostamente reflete o exercício frutificante do diálogo.

Já Laura considera prazerosa sua vida sexual com o companheiro, e destaca na relação com o masculino de uma maneira geral, seu modo prático e objetivo de pensar, que, em oposição à sua forma vaga, obscura e fragmentada de se comunicar, ajuda-a a clarificar e expressar suas idéias.

Ivone acentua que está vivendo uma inversão de poder na relação, pois após ter conseguido que ele ouvisse sua opinião, sua posição passou a ter mais peso que a dele, e tem sido ela há algum tempo quem dá "a última palavra." Isto para si é muito positivo, pois a fez se sentir importante, respeitada e valorizada, apesar de que, admite, tem estado mais autoritária. Aline também observa que é muito gratificante para si o que só está podendo vivenciar agora, isto é, uma relação de simetria com o parceiro, onde não há hierarquia ou o domínio do homem sobre a mulher.

Letícia considera "formidável" a capacidade dos homens de desvincular o sexo da parte afetiva e da família, e sugere que as mulheres deveriam aprender a fazer o mesmo, todavia reconsidera, pois neste caso o sentimento, sua 'marca registrada,' "seria diluído." Ela também reputa o sexo em si como "muito bom," assim como a proteção que o homem dá à mulher quando está interessado nela. Todavia, Letícia parece confusa em meio a sentimentos contraditórios e vivências avassaladoras com o sexo oposto. Aquilo que em outra unidade para ela se constituía em motivo de queixa (o fato de não ter se sentido amada, mas usada e traída), aqui é tido como um valor e uma qualidade. No seu caso, o bom e o ruim da relação parecem estar mesclados, amalgamados, faltando-lhe clareza e objetividade para discernir um do outro. Assim, ao tentar falar dos aspectos prazerosos do relacionamento, ela acaba criticando os homens no sentido de que "eles esquecem com a maior facilidade," e não procuram saber da parceira após haver terminado a relação. No fim, conclui: "As coisas boas são só os momentos!"

Para Samanta foi muito positivo o fato de ter encontrado no parceiro uma companhia para o cotidiano, uma experiência diferente das anteriores, onde ela de fato

conviveu com alguém, e conseguiu 'tecer' uma relação que durou seis anos. Além disso, ressalta que os próprios conflitos se constituíram em uma experiência de aprendizado. Samanta também citou a filha em comum como um aspecto prazeroso, muito embora não com o mesmo caráter remediativo de Judite.

E Verônica, apesar de qualificar seu marido como um ditador ou um coronel doméstico, considera-o "maravilhoso" quando se trata de clarificar suas dúvidas, pois sente que o mesmo dispõe de muita paciência consigo. Todavia, o que ela de fato parece considerar prazeroso e que está implícito, é a atitude professoral daquele, uma postura de autoridade muito próxima ao papel de pai. Neste momento, não um pai severo e repressor, mas afetuoso e tolerante, capaz de dispensar toda atenção que a 'sua criança' necessita.

Diferente das demais, Aline considera "excelente" seu atual relacionamento, o qual tem sido marcado pelo companheirismo e pelo diálogo. Esta avaliação parece ser embasada em uma experiência de aprendizagem, e em um sólido contato com a realidade. Ou seja, tudo indica que não se trata de uma relação idealizada, onde os problemas e dificuldades são negados, pelo contrário, os problemas existem, mas são encarados de frente e "conversados." Esta postura foi conquistada a partir de experiências anteriores nem sempre muito agradáveis e prazerosas.

Diana, por sua vez, apontou um aspecto por nenhuma das outras mencionado: a questão do espaço na relação. Qualificando a si e a seu parceiro como "muito gatos," ela fala do prazer de cada um em manter um espaço reservado para si, e usufruir dele de forma privativa.

Letícia ainda pondera que o relacionamento "é bom" (ou seja, é possível auferir gratificações do mesmo) até o limite de quatro anos. Em seguida, vem o que ela chama de "descontinuidade de sentimento" masculina, isto é, quando a paixão está para se transformar em amor, os homens "pulam fora," proeza que eles denominam "o pulo do gato." O sujeito observa sagazmente que "enquanto a mulher, quanto mais fica na relação, mais se apega ao parceiro, o homem quanto mais fica, mais ele quer novidade."



3ª UT: Os conflitos do relacionamento

⇒ Caso nº 04: Ester (em referência à unidade nº 3)

O discurso do sujeito

Ester: Bom, eu acho que nos dez anos que eu fui casada, não tem muita parte boa. Eu fiquei muito tempo com ele, mas esperando assim, que ele melhorasse. Ele também não melhorava. Eu acho que eu fui assim ficando acomodada, acostumando... Não me sentindo bem com a situação, mas não fazendo nada prá melhorar. Ele era ausente... eu era solitária! Ele ficava muito na rua, e a gente não tinha diálogo nenhum porque ele não gostava. Eu sempre puxava conversa, ele ia prá rua! Às vezes, ele me deixava falando sozinha! Então, foi assim como se eu tivesse morado com uma pessoa... casado... estranha!
Lucélia: Hum... dois estranhos casados?

Ester: Dois estranhos! Porque eu não sabia quando ele estava triste! Quando ele estava contente! Se ele estava com alguma dor! Se estava com fome, com frio. Ele era fechado, não mostrava nenhuma reação. Então ficava nisso. Duas pessoas morando juntas e estranhas. Nenhuma sabendo como é aliviar a dor do outro! Enfim, dividir, como é o esperado num relacionamento. Em tudo! Então, é como se eu tivesse morado dez anos com um estranho mesmo. Ele não gostava de sair, de ir ao cinema, de comer fora, passear. Nunca saiu comigo. Eu saía sozinha com o meu filho. Então não tem coisas boas! Pouquíssimas (ênfase) vezes, a gente teve uma relação sexual assim, que foi muito boa, sabe? Pouquíssimas! Dá prá contar no dedo! Raramente, assim, não sei se ele estava empolgado, sei lá. Ele me procurava assim de seis em seis meses... mais que isso, aí era muito bom!

Lucélia: E você não o procurava?

Ester: Nossa! Procurava sim! Eu procurava, eu queria conversar, eu mudei corte de cabelo, fiz coleção de camisola, "baby doll!" Trocava de perfume! Sempre estava acariciando ele, presenteava ele, ficava esperando ele tarde da noite quando ele ia prá farra e voltava assim, alegre! Eu fazia uma comida que ele gostava. Eu tentava assim, de tudo! E não via nenhuma reação nele, nenhuma assim de alegre: "Obrigada! Você fez isso!" Nenhuma! Nenhuma! Era fechado assim... às sete chaves! Então, eu acho que nesse comportamento ele foi me machucando tanto, porque eu acho que quando eu expus minha mulher - em todos os sentidos, assim, me mostrando feminina, com roupas, com perfume, tentando conversar, com carícias - ele me boicotava! Então, eu me sentia a pior das mulheres! Um lixo mesmo! "Se eu não estou agradando (ele não tem reação nenhuma) então é comigo!", eu achava. Aí foi quando eu acho que eu comecei a preencher meu vazio com comida! Meus sintomas que você já conhece (riso). Altas dores pelo ventre, problemas no coração, mil exames e não dão nada! Síndrome de pânico que eu não tinha. Eu fiquei ocupada com isso. Eu acho que diferente de outras mulheres, que, então iriam procurar ser feliz. Procurar outro parceiro, ver uma outra forma de levar a vida com o filho. Mas eu fiquei ali, esperando que ele melhorasse. "Quem sabe um dia, ele acorda e vê: Ah! Agora ela está me esperando! Ela não me abandonou!" Eu fiquei sofrendo e esperando. Dez anos eu esperei!

Outro trecho

Ester: Tinha vezes que eu insistia muito em acariciar. Em falar coisas assim prá ele... prá ver se... Ele olhava prá mim e falava: "Olha! Eu sinto muito! Eu não posso resolver o seu problema!" Quer dizer: "Eu sinto muito, mas não posso transar com você!" Porque eu imagino que ele fazia idéia que me magoava com o jeito dele ser. Mas, prá ele, ele não era capaz de me ajudar. Lá para o final, quando eu estava prá me separar dele, ele falou que me via como mãe! "E a gente não transa com mãe!", ele dizia isso prá mim. Eu via que ele tinha uma mágoa particular da mãe dele, sabe? Ela era muito durona! Assim, não gostava muito que

dava um beijo! Muito secona! Cuidava assim, se está doente, dá remédio, tudo, mas nenhum carinho! Agora, interessante o comportamento dele, eu dei tanto (ênfase) e ele não aceitava!

Lucélia: E foi ele que quis se separar ou foi você?

Ester: Olha, eu acho que as duas partes! Porque ele começou a aprontar muito e não tinha coragem de se separar. Então eu tomei a iniciativa e prá ele foi bom isso. Eu vi que ele sentiu que era isso o que ele queria. Ficou mais fácil, eu ir atrás de tudo porque acho que aí, ele sentia menos culpa. Porque qualquer dúvida da minha parte, a culpa seria minha! Porque não foi ele que foi atrás.

Lucélia: Sei! E o que era o aprontar dele?

Ester: O aprontar... ele voltava bêbado, de madrugada! Ele voltava com pintura! Às vezes, ele sumia três dias e não falava onde estava. Essas poucas vezes que ele me procurava, eu peguei doenças venéreas. Por exemplo, cuecas, ele perdia eu não sei onde. Então, ele começou a se ausentar, ficar muito na rua. Ele começou a beber e a chegar bêbado. Aí, era desagradável porque ele passava mal, vomitava nas minhas coisas! Na cama! Aí, ele começou a dormir na cozinha, no chão igual bicho, igual a um cachorro! No chão sem um colchão! Nada! E não tomava nenhuma atitude de melhorar isso. Não quer mais, sabe? Procurar outro lugar prá morar, ou outra mulher, sei lá. Mas não! Ele ficava, ali, sofrendo com aquela situação. Aí eu fui tomar a atitude! (Riso)

Unidade transformada em linguagem psicológica

Ester afirma ter tido uma convivência de dez anos com seu ex-marido, a qual foi bastante difícil. Durante esse longo período, ela esteve à espera "de que ele melhorasse," pois "não tinha coragem de deixá-lo." Ester admite ter se acomodado à situação, pois apesar de não lhe estar sendo satisfatório, não buscava outras saídas.

O sujeito explica que não era possível dialogar, pois seu ex-marido simplesmente a deixava falando sozinha e "ia para a rua." Assim, enquanto ele era ausente, ela era solitária. O quadro que então se configurava era o de duas pessoas casadas, coabitando sob o mesmo teto, mas estranhas uma à outra. Ester reitera que o mesmo era tão introvertido que ela ignorava não só o seu estado emocional, como também sensações fisiológicas de fome, frio, ou até memo de dor. Impassível, ele não emitia qualquer resposta. Ester acrescenta que não havia companheirismo, a prática de compartilhar as dificuldades, e "aliviar a dor do outro." Além disso, ele estava também sempre ausente em passeios e programas sociais, sendo que raras vezes houve uma relação sexual satisfatória (a freqüência era de uma relação sexual a cada seis meses).

Desesperada, Ester usou de todos os recursos possíveis para atrair seu marido e tirá-lo do estado de torpor em que se encontrava: tentou seduzí-lo, utilizando para isso todos os registros de sensualidade e feminilidade que trazia dentro de si, além

de dispensar-lhe cuidados tipicamente maternais. Apesar disso, do outro lado ele se mantinha impassível, sem nenhuma reação, gesto de agradecimento ou aceitação. Algumas vezes, inclusive, chegou a verbalizar explicitamente: "Eu sinto muito, mas eu não posso resolver o seu problema!", quando ela insistia muito em tentar seduzí-lo. Ester depreendia desta frase que ele, sarcasticamente, tinha consciência de que não era capaz de satisfazê-la como homem, isto é, de manter com ela uma vida sexual normal. Na verdade, acabou confessando que psicologicamente a tinha como mãe, o que funcionava como um fator proibitivo e um interdito ao exercício de uma vida sexual.

Consciente de que seu ex-marido trazia conflitos da infância, o sujeito não compreendia como ele recusava o seu afeto, se tanto lhe faltou da figura materna, tão seca e fria ela parecia ser.

Tendo o seu papel de mulher ainda muito incipiente, e estando, portanto, insegura quanto ao seu poder de sedução, Ester depositara no parceiro, o poder e a capacidade para confirmá-la ou desconfirmá-la nisto, através da aprovação ou não de sua conduta. Assim, ao se sentir rejeitada, visto que o seu ex-marido a boicotava sistematicamente, isto atingia frontalmente não só a sua auto-estima, como também o seu auto-conceito enquanto mulher. Para ela, a conclusão mais óbvia era a de que se não estava agradando o outro, era porque não estava sendo suficientemnte capaz de atraí-lo. Tendo sido progressivamente menosprezada e o seu ego, dilapidado, ela se sentia desqualificada enquanto mulher, "um lixo mesmo!", observa.

Nesse momento Ester começou a se alimentar compulsivamente, como uma forma de preencher seu vazio interno e a desenvolver uma série de sintomas, sendo que os exames não atestavam qualquer distúrbio. Ocupando-se com seus sintomas e usando a comida como tampão, Ester tentava desta forma anestesiar a sua dor, diferentemente de outras mulheres que, do seu ponto de vista, iriam procurar ser felizes de fato. Por outro lado, sua atitude em relação ao parceiro foi a de esperar; "esperar que ele melhorasse," diz ela. Esta atitude de espera, além de evidenciar uma tendência masoquista, visto que ela estava se sentindo infeliz, traduz ainda uma tentativa de negar a realidade dos fatos insofismáveis, tentando enganar a si própria, pois se as coisas são

vistas tal como são, isto obrigaria a remexer e desestabilizar outras tantas confortavelmente instaladas.

Quando o sujeito finalmente resolveu agir, a situação atingiu níveis extremos: ele, que não era alcóolico, começou a beber; ausentava-se de casa por vários dias e ao retornar, vinha com vômitos, manchas de batom e doenças venéreas, estranhos conteúdos que nela refletiam diretamente. No ápice do caos, submerso nas águas tormentosas de sua degradação psíquica, seu ex-marido dormia no chão tal qual um cachorro. Então ela própria resolveu tomar a atitude, isto é, a iniciativa de separar-se. Isto para ele foi muito conveniente, pois ao mesmo tempo que atendia ao seu desejo, o isentava de qualquer responsabilidade diante dos fatos e possíveis sentimentos de culpa; "qualquer dúvida da minha parte, a culpa seria minha," diz ela.

Em suma, os conflitos do relacionamento neste caso parecem ser muito mais insidiosos, pois através da via da sexualidade, envolvem a desconfirmação do feminino em sua capacidade de sedução, e resultam na desqualificação do Eu.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 06: Aline (em referência à unidade nº 3)

O discurso do sujeito

Aline: Eu nunca tinha dividido um apartamento, morado junto com alguém. Sempre morei sozinha! Talvez essa primeira fase de dividir, e de aprender a dividir... "eu não queria morar com ninguém, estou sozinha mesmo e está ótimo, está lindo e maravilhoso!" Eu dividi apartamento com mulheres,. mas assim, nunca morei com... namorado. Sabe aquele namoro de morar junto, de ter uma liberdade sexual maior? Então, agora que afetivamente, eu estou tendo essa oportunidade de viver isso plenamente. Então, eu acho que talvez a dificuldade no início, essa coisa de começar a dividir... o medo de dividir! O medo de estar me envolvendo! Fiquei com muito medo de apaixonar. De gostar! Ai, avançou. Acho que eu saí do medo de apaixonar porque eu já estava apaixonada, não adiantava mesmo. Mas mesmo assim, de começar a... a dividir, de perceber que tinha outra pessoa. Como negociar a divisão de algumas coisas, dividir espaços! Dividir tudo! Foi um exercício um pouco difícil prá mim em função de que eu não estava muito predisposta. Porque prá mim, era complicado negociar com mulheres mesmo. Não é uma questão nem do sexo oposto! Não é que era complicado, só que eu dividir o apartamento com mulheres é diferente de eu estar dividindo com uma pessoa, que eu estou dividindo a cama, né? (Riso) Dividir a cama é dividir um espaço muito grande! Talvez essa descoberta é que foi um pouquinho difícil. Outra coisa que eu acho que foi difícil e que às vezes ainda continua um pouco difícil, seria... é o ritmo sexual, a adaptação na vida sexual. Quer dizer... eu tive muitos relacionamentos esporádicos, não tive uma vida sexual normal. Então, acertar nisso "Olha! Não está bem aqui!" "Eu acho que, olha, está rápido demais!" Quer dizer, são coisas difíceis de conversar.

Porque prá mim era difícil conversar, e eu descobri que eu tenho que conversar! Que ninguém tem bola de cristal... Mas são coisas difíceis até pela própria educação que a gente teve. Primeiro, acho que a mulher não podia falar que não estava bom. Então eu acho que tem... isso são as adaptações mesmo. Sexual, que eu achei; essa coisa do estar dividindo! Também foi meio complicado essa coisa de... não complicada, mas que mexeu com tudo o que eu tinha. Estava tudo certinho! Bonitinho! Há muito tempo! Apartamento bonitinho, arrumadinho, do jeito que eu queria. Ou então, entender o ritmo do outro. Eu gosto de uma coisa de um jeito, ele gosta de outro. Uma coisa de ritmos mesmo. Eu acho que foi uma fase meio assim! Esse lado sexual, a gente conversava. E era uma coisa meio fantasiada também na minha cabeça. Eu achava que era aquela coisa de novela. Então, começar a viver isso me deu uma noção do que é o real disso! De que, provavelmente, outros casais têm dificuldade de ajustamento. Eu acho que tudo bem! Mas eu acredito que são questões que têm que ser conversadas e ajustadas.

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito está vivendo uma relação de concubinato há cerca de um ano, situação que ela qualifica como um "namoro de morar junto" e que favorece uma liberdade sexual maior, sendo que considera como prováveis focos de conflito no relacionamento a adaptação no que se refere à divisão do espaço e ao ritmo sexual.

No que tange à divisão de seu espaço físico, Aline relata que esta é sua primeira experiência com uma pessoa do sexo oposto, pois até então só havia vivido isto com pessoas do mesmo sexo. Todavia esta experiência é diferente daquela, pois envolve o ato de estar dividindo "tudo com uma pessoa" com a qual se possui um vínculo afetivo-emocional, e estar dividindo inclusive (e principalmente) a cama. O sujeito afirma que "dividir a cama é dividir um espaço muito grande," pois pressupõe uma relação de profunda intimidade e de interpenetração nos espaços físico e psicológico de cada um, e implica em disponibilidade e abertura de ambas as partes.

Aline explica que a aprendizagem relativa à divisão do espaço foi uma tarefa um pouco complicada para si, pois sua experiência anterior era a de morar só e não havia se predisposto voluntariamente a coabitar com uma outra pessoa. "Eu estava achando ótimo, lindo e maravilhoso morar sozinha," reitera.

Então no início havia o medo de começar a dividir; o medo de se envolver com uma pessoa do sexo oposto e "acabar se apaixonando." A experiência do dividir e do compartilhar um espaço externo e interno poderia favorecer a aproximação do outro, o que era potencialmente perigoso para suas defesas, pois apaixonada, poderia "cair nas mãos do outro," e ele passaria a ter então todo o controle sobre a sua pessoa, situação que lhe inspirava medo e temor. Todavia, quando tomou consciência de seu envolvimento

emocional, o medo tornou-se injustificado e desnecessário, pois não havia mais nada a ser defendido. Contudo, permaneceu a dificuldade de dividir o espaço, de assimilar a existência de outra pessoa num recinto que antes era exclusivamente seu. Nesta nova situação ela se viu forçada a "negociar" a divisão das coisas, do espaço, de tudo, enfim. Esta dificuldade, Aline entende que tenha sido devida ao fato de haver morado sozinha durante muito tempo, e que realmente não estava muito predisposta a dividir o seu espaço.

Quanto à questão da adaptação ao ritmo sexual do outro, ainda continua difícil explicitar queixas como: "Olha! Não está bem aqui!" Ou: "Eu acho que está rápido demais!" O sujeito ressalta que pela própria educação é difícil falar sobre sexo com o parceiro (principalmente quando o assunto a ser discutido envolve aspectos deficitários), todavia é necessário que seja dito porque "o outro não possui bola de cristal," ou seja, por uma questão de eficiência da própria comunicação. Aline reitera que é preciso romper com o mandato de que "a mulher não pode falar que não está bom," pois estaria implícito um questionamento à supremacia e à sempre perfeita "performance" masculina.

Estas adaptações impostas pela convivência de uma vida a dois causaram abalos em tudo que o sujeito trazia assentado, organizado e confortavelmente instalado dentro de si. "Estava tudo certinho! Bonitinho! Há muito tempo! Apartamento bonitinho, arrumadinho, do jeito que eu queria!", diz ela. De repente, Aline se viu "obrigada" a aceitar um outro-estranho naquele que era o seu espaço e uma extensão de si mesma, compartilhando o que antes era exclusivamente seu com esta pessoa. Além disso, havia a questão de se ajustar ao ritmo e às preferências do outro: "Eu gosto de uma coisa de um jeito, ele gosta de outro," isto é, permitir que ele ali imprimisse também a 'sua marca' e juntos recriassem uma nova totalidade.

Anteriormente a esta experiência Aline vivenciava as questões referentes à sexualidade com muita fantasia, e como algo sobretudo mágico, tal como acontece na telenovelas. Então o fato de começar a viver no seu cotidiano os problemas decorrentes de uma vida sexual ativa e regular, proporcionou-lhe uma compreensão da verdadeira

dimensão "do que é o real disso," além do fato de que para ela seja normal enfrentar-se dificuldades de ajustamento (outros casais têm), mas que isto deve ser "conversado."

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 07: Letícia (em referência à unidade nº 3)

O discurso do sujeito

Letícia: Meu casamento não foi legal, assim, na parte sexual. Porque eu saí da casa dos meus pais, assim... virgem, né? Casei aos dezenove anos com um homem que eu já conhecia desde criancinha. E a minha experiência na lua-de-mel já foi frustrante porque ele estava impotente! Ele era mais velho do que eu nove anos, e eu... muito assim... 'filha de Maria,' eu ficava rezando prá ele ficar legal! Só que quando nós tivemos a primeira relação, eu tive uma hemorragia. E eu fiquei muito assim... até traumatizada porque doeu! Porque ficou ruim! E depois, no decorrer dos vinte e quatro anos de casado, meu marido sempre tinha essas crises de impotência. Ele dizia que era porque tinha uma úlcera no estômago, tomava remédio para o estômago, que isso causava a impotência. Depois, ao longo do tempo, fui descobrir que ele era bissexual!

Lucélia: Bissexual?

Letícia: É! Que ele tinha relacionamento com homens! Foi quando eu terminei o meu casamento. Eu peguei ele com outro cara lá no sítio. Ele ainda me fez uma proposta da gente continuar vivendo junto, ele lá e eu aqui, que ele não queria se separar da família. Porque ele era um bom marido, bom pai! Ele era ótimo como homem, sabe? Só que depois disso ele mudou porque eu não aceitei. Eu disse: "Não! Imagina! Eu fico sem sexo tanto tempo, e não sei nem muito bem o que é sexo! E eu vou querer ter um namorado e vou querer passear de mãos dadas na rua com ele. Você acha que eu vou querer ser chamada de adúltera? Não!" Aí terminamos. E depois dele um cara lá, que era meu amigo, começou a sair comigo. A gente ficou três meses saindo prá jantar, e ele me dando aquele apoio e tudo. Mas eu achei que era amizade. Mas depois não! Depois ele queria, realmente, sair 'na marra' e tal... e eu comecei a ter um relacionamento com ele. Foi daí que eu descobri o sexo. Comecei tarde! Aí eu descobri realmente que era muito bom! Ficou muito efervescente principalmente depois de um período desse aí morno de casamento... E aí, esse cara estava separando da mulher. Estava montando apartamento prá gente morar. Mas nesse período, a filha dele ficou grávida, e ele já tinha um casamento de trinta anos! E a mulher falou prá ele: "Ah! Agora, a gente vai ter um neto! Não sei o que... melhor não separar! Vamos tentar mais uma vez!" E ele não falou nada prá mim. Quando eu descobri que eles tinham voltado através da própria mulher dele, e me certifiquei que era verdade, eu liguei prá ele e terminei. Ele continuou um tempo atrás de mim, mas depois, acho que viu que eu não queria mesmo de jeito nenhum! Aí passou. Daí, nesse tempo eu comecei a beber, sabe? Foi mais uma frustração! E eu comecei a beber, beber, todo dia. Nem voltava prá casa. Aí eu parava no 'Giovanetti,' tinha uma turma de amigas, eu comecei a sair todos os dias e beber... e conheci um cara. E que era meu amigo, e foi meu amigo durante seis meses, não sei o quê. Depois, no fim, acabamos ficando juntos. Quatro anos! Aí, um dia, eu o pego com uma outra, num restaurante. Aí eu dei-lhe uma surra! Isso que eu nunca pensei que poderia fazer na vida! (Riso) Eu fiz isso. Arranquei todos os botões da camisa dele. E depois me senti tão assim, mal! E dele não soube mais. Fiquei sozinha. Daí comecei a entrar em depressão! Um dia... eu fui num barzinho e conheci um cara. Fiquei um ano namorando com ele. Ele era casado, mas acabei que me apaixonei pelo tal do cara! Mas ele era muito católico, e não queria fazer adultério. Tinha assim, amor pela família! Eu também achava que ia complicar, falei: "Então está bom! Vamos dar um tempo... não vamos nos ver mais!" Eu liguei umas três, quatro vezes prá ele, ele não deu retorno. Então também eu nunca mais

liguei. E desse tempo, eu não tenho mais ninguém! Está fazendo uns dois anos, mais ou menos, que eu estou sozinha!

Lucélia: Então, você está me dizendo que o seu relacionamento com os homens, foi assim, meio que tumultuado, mesmo?

Letícia: É! Muito tumultuado! Tudo! Eu não tive assim... aquela coisa que a gente sonha, do complexo de Cinderela: "Até que a morte os separe..." aquela coisa de você viver, assim: de noite você se arrumar, botar uma camisola legal! Achar que o marido vem! Isso eu até fazia e tudo, mas chegava a hora, o cara vinha impotente, você vai fazer o quê? Porque enquanto eu namorava era muito bom! Beijinho, abracinho, esfreguinho... aquelas roçações todas. Então, prá mim isso é uma delícia! Até hoje eu amo fazer isso! Mas prá mim a relação em si não é importante! Não penso em ter relação com ninguém assim, desde que de vez em quando, eu dou uma vazão para os meus sentimentos de carinho. Eu saio, assim, à noite. Vou dançar com alguém. Dou uns beijinhos, uns abraços!

Lucélia: Hum hum... Você quer se sentir amada, na verdade?

Letícia: É! Mas está difícil! Como ficou muito difícil, então eu desisti. Porque quem já está assim sozinha, há uns dois anos, não é por falta de quem queira! Mas não sei o quê deu em mim! Não vai! Ainda mais depois que o meu marido foi fazer a ponte de safena, e eu fui ficar no hospital com ele, e o tal do 'bicha' apareceu lá querendo revindicar os direitos dele... e eu levei o maior susto! Desmaiei! Daí que eu tive a depressão mesmo. Aí, foi assim prá mim, uma negação de valores muito grande... meu marido é assim... ele é o tipo de macho. É o macho mesmo! Só que... não é! Não sei. Hoje em dia está tão assim todo mundo, que eu perdi o meu referencial em relação ao sexo oposto. Eu já nem sei mais! Às vezes eu estou com homem assim, e eu fico olhando... e falo: "Meu Deus! Será que ele não é também? Será que vale a pena investir nessa atração?" Eu realmente fiquei desiludida dos homens!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Em seu longo relato sobre a sua trajetória de relacionamento com o sexo oposto, o sujeito revela uma experiência bastante sofrida e tumultuada, envolvendo episódios de agressividade, violência, assim como vivências de "traição" e abandono. O aspecto negativo de sua experiência contribuiu para que Letícia se sentisse "desiludida com os homens," razão pela qual se mantém sozinha há dois anos.

Ela relata que se casou virgem e ainda muito jovem, com um homem que conhecia desde a infância (mais velho nove anos). A própria lua-de-mel já foi um evento frustrante, pois ele se mostrou impotente, fenômeno que foi uma constante ao longo de sua vida de casados. Letícia, na época muito religiosa e ingênua, orava para que o marido "ficasse bom." Quando de fato ocorreu a primeira relação sexual, isto se deu de uma forma bastante traumática, pois além do ato em si ter sido doloroso, foi provocada uma hemorragia.

Seu marido costumava justificar as constantes crises de impotência, como tendo sido desencadeadas pelo medicamento que utilizava para úlcera. Quando

finalmente o surpreendeu em flagrante com um outro homem e descobriu que ele, na verdade, era bissexual, Letícia não aceitou sua proposta de continuarem juntos socialmente, mantendo cada qual o seu espaço. Ela decidiu por fim ao casamento porque não desejava levar uma vida dupla; queria sim, conhecer de fato o que era sexo, o que não pôde fazer nos vinte e quatro anos em que foi casada, e não desejava ser chamada de adúltera aos olhos da sociedade, visto que gostaria de assumir publicamente um possível novo relacionamento.

Subseqüentemente, um amigo auxiliou-a a proceder à elaboração psicológica da separação, oferecendo-lhe "apoio moral" para enfrentar a sua nova situação. Após três meses de jantares calorosos o vínculo sexualizou-se, e eles começaram a manter um relacionamento homem/mulher. Foi somente com esta pessoa que Letícia conseguiu seu intento, isto é, descobrir de fato o que era o sexo, podendo então confirmar que "era realmente muito bom," e, inclusive viver isto com intensidade, pois "foi ficando muito efervescente," diz ela. O sujeito lamenta que tenha começado tão tarde, considerando que provinha de um "longo e morno" período de casamento, com três filhos e um homem impotente.

Seu novo parceiro estava se separando e ambos pretendiam morar juntos. Todavia a perspectiva inesperada dele ter um neto mudou a face das coisas. Letícia tomou conhecimento através da esposa deste com quem mantinha relações de muita rivalidade, pontuadas de provocações e agressões verbais, que ambos pretendiam retomar a vida conjugal. Tendo se sentido traída, enganada e menosprezada, ela pôs fim ao relacionamento.

Foi então que a mesma começou a beber compulsivamente e passou a ser uma assídua freqüentadora da noite campineira, junto a um grupo de amigas. "Foi mais uma frustração," explica. Até que conheceu um outro homem que também tornou-se seu amigo, e a relação se prolongou por seis meses, e tal como na situação anterior o vínculo foi sexualizado e ambos mantiveram um relacionamento homem/mulher por quatro anos. Uma cena muito chocante e patética pôs fim abruptamente à relação: tendo-o surpreendido em flagrante com outra mulher num restaurante, Letícia deu-lhe "uma boa

surra," fato que surpreendeu inclusive a ela própria, e a fez sentir-se "muito mal." O sujeito então ficou só e começou a entrar em depressão.

Finalmente, ela conheceu um outro homem por quem se apaixonou e namorou por um ano, todavia ele era casado e católico. Sentimentos de culpa e conflitos religiosos não permitiram que o mesmo levasse adiante o relacionamento. Ele não queria cometer adultério, tinha "amor pela família," diz ela.

Concluindo, Letícia reitera que está sozinha há cerca de dois anos. Em uma avaliação de sua experiência de relacionamento com o sexo oposto, considera que o sonho do "até que a morte os separe" para si não se concretizou. Além disso, o prazer de se sentir sensual e se portar sedutora para o marido não foi reforçado e correspondido porque "ele vinha impotente," diz ela.

O sujeito lembra que na fase do namoro tudo era muito bom. A relação sexual em si, todavia, afirma não ser importante para si, pois não se trata de algo que deseje; o que importa é "dar vazão aos seus sentimentos de carinho." Antes de mais nada e incondicionalmente, Letícia deseja se sentir amada, todavia reitera que "como ficou muito difícil, então desistiu." Apesar de que não tenham lhe faltado pretendentes, ela não sabe explicar exatamente a razão desta sua atitude. Todavia, observa que a situação para si tornou-se ainda mais difícil após o incidente em que seu marido foi internado para realizar uma cirurgia de ponte safena, e "o bicha" apareceu no hospital a fim de reivindicar seus direitos (o parceiro sexual dele estava ostensivamente rivalizando com ela). Para Letícia foi "uma negação de valores muito grande," uma inversão à qual não pode resistir. Assim, sofreu um 'curto-circuito' psicológico, que a fez desmaiar e posteriormente entrar em depressão. O sujeito assevera que seu marido é "o tipo de macho," que ninguém jamais suspeitaria. Além disso, observa que atualmente as pessoas de uma maneira geral transmitem uma imagem (*persona*) tão desvinculada de sua verdadeira identidade, e tão oposta aos valores que então se julgava possuir, que ela perdeu o seu referencial em relação ao sexo oposto. Letícia diz ter ficado realmente "desiludida dos homens."

Tendo se sentido várias vezes traída e menosprezada, tendo sido 'a outra,' e trocada por outro homem por seu marido, o sujeito não pôde vivenciar com os homens

relações que lhe fossem gratificantes para o ego e confirmassem positivamente a sua feminilidade, de forma que se sentisse atraente e desejável para o sexo oposto. Ao contrário, eventos traumáticos e conflitos no relacionamento com o sexo oposto, resultaram em profundas lacunas no conceito de si enquanto mulher, fato que se configura numa "gestalt" aberta.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 08: Diana (em referência à unidade nº 3)

O discurso do sujeito

Diana: ...Agora, a parte ruim no meu caso, é eu ter que manter financeiramente dentro da minha casa, quer dizer, ele tem uma renda eventual, está certo? Então, é desequilibrado nessa parte, entendeu? De auto-manutenção! Porque eu que sou a provedora, e isso me incomoda demais! Porque a parte sexual tem sido cada vez mais gratificante. Houve momentos em que não, sabe? Que não era não! Eu acho que eu não me permitia assim ter prazer, eu me sentia culpada pelo rompimento do primeiro casamento, nas primeiras fases. Mas também tinha um pouco do comportamento dele, sabe? Que era um cara solteiro, que só transava nas rapidinhas... E aí, realmente não dava prá eu subir minha curva, entendeu? (Risos) De jeito nenhum! No meu casamento eu tive assim, uma vida sexual muito feliz. Tanto que ele não se conformava que eu queria me separar porque prá ele noventa por cento do casamento era sexo! Na cabeça dele era: "Não pode! Se eu satisfaço essa mulher plenamente, como é que ela não me quer mais?" Só que... gozado! Nessa ruptura deixou de ser prazeroso pela falta que eu sentia das outras coisas. Dessa coisa da harmonia mesmo, do respeito, da consideração sem autoridade, sabe? Porque nisso, eu sou completamente rebelde! Aí comprometeu todo o resto bom! Eu não aceitaria jamais a coisa autoritária, de jugo, sabe: "É a minha vontade que tem que prevalecer!" Não sexualmente! Eu estou falando das outras coisas da casa, entendeu? Não havia assim, ombro a ombro, uma relação horizontal de parceria, mas uma relação vertical de pai autoritário prá filha. E ele me chamava de 'filhinha' prá cá, 'filhinha' prá lá! Era um horror! (Risos) Sabe? Eu não sei nem dizer ao certo, quando começou. Ele me chamava de 'filhinha' e eu detestava! Eu falava: "Eu tenho nome! Me chame de Diana! Eu não ouço você falar meu nome!" Imagina? (Risos) Aí foram doze anos assim de convivência, sendo os quatro últimos, a minha última tentativa de ver se as coisas se ajeitavam, sabe? Aí na hora que você vai fazer a separação: "Você não vai sobreviver sem mim! Você gosta de tomar vinho, comer queijo, você não vai se sustentar!" Sabe? Aí eu me dou conta também, que era super importante eu estar numa posição que eu estou hoje! Que homem nenhum ia ter que me sustentar, entendeu? Eu acho que tem esse componente!

Lucélia: Ver que você está numa situação invertida: você sustenta o homem e não o homem te sustenta?

Diana: Exato! Exato! Verdade! Você vê como é uma coisa 'intriguenta' mesmo. É alguma coisa assim, que eu acho que eu reproduzo aquilo que também eu condeno. Essa coisa da dependência até, que eu acho que acaba criando muitas vezes, do homem sustentar a mulher economicamente. Então, isso gera uma dependência e tal. Eu não sei! Essa coisa está meio embaralhada na minha cabeça. Está mal resolvido (ênfase), vai! Só que no fundo eu acho que eu estou conseguindo dar um basta. Começar a brigar por dinheiro, entendeu? Eu não quero mais ficar provedora total e irrestritamente. Parece que eu estou dando o

cargo de novo prá ele. Mas de repente, eu acho que prá mim era muito importante! Era ponto de honra, de amor próprio, entendeu? De eu estar numa posição que eu estive e ainda estou. Menos do que eu já estive, sabe? De ser auto-sustentável, entendeu? E até o contrário! Em vez de alguém me sustentar, eu sustentar muito mais pessoas!

Outro trecho (referindo-se ao ex-marido e ao atual companheiro)

Diana: ... E sempre com muita rivalidade com a figura masculina. Com o primeiro eu sempre briguei. Eu acho que o conflito se arrastou pela minha vida inteira! E ainda eu acho que não está esgotado. Aquela coisa das incoerências, sabe? "Faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço!" Eu me mordia! Eu não aceitava jamais esse tipo de coisa, entendeu? "Faça isso! Faça aquilo!" Mas ele mesmo não vai fazer. Então, essas contradições assim, da fala e das atitudes, eu jamais perdoei, entendeu? É difícil ver na figura masculina, raras exceções, pessoas assim mais... de igual prá igual, sabe? (Riso) Essa coisa mesmo, que eu acho que é até cultural, bem arraigada, que teoricamente pode um cara conversar com você coisas coerentes, de igualdade de oportunidades, tal, mas na prática é uma contradição, entendeu? Faz valer o machismo mesmo, a discriminação, a questão mesmo de relação sendo estabelecida: privilégio prá eles, sabe? Alguns privilégios, parece que a última palavra tem que ser masculina, sabe? Essa coisa do macho e da fêmea? Do vulgo? E é uma coisa que eu brigo e eu não vou aceitar isso jamais, entendeu? (Riso) E aí, eu vejo que eu me imponho às vezes assim, reproduzindo certas atitudes masculinas! Eu me vejo às vezes, muito masculina para me contrapor, sabe? Quer dizer, primeiro tem o confronto: "Eu também posso tanto quanto ou mais!" Está certo? É uma coisa assim! Eu tenho que sair prá briga, entendeu? Mas uma briga que eu acho que eu levo vantagem porque a gente, às vezes é até maquiavélica, sabe? Do ter mais perspicácia, mais sensibilidade prá perceber as coisas!

Lucélia: Você usa sua sensibilidade feminina para sair ganhando no jogo?

Diana: É! No jogo! Porque eu acho que é um jogo, sabe? Da relação! Porque quando eu penso algumas coisas, eu não sei se o Aroldo é esperto às vezes, sabe? Mas eu acho também que ele é muito esperto de admitir, de saber como funciona. Então é o seguinte: "Eu concordo com ela e tal... e ela vai aceitar!" Ele lida legal comigo, entendeu? Porque você percebe que é uma pessoa que tem também uma sensibilidade. Talvez ele tenha também um lado feminino que ele põe em uso, que dá prá ele perceber e lidar legal, sabe? Mas é uma relação que eu acho assim, que tem que ser a vida inteira... prá mim eu vejo assim, de desafios. Porque não pode ser um negócio muito sem altos e baixos, porque é muito monótono, sabe? Muito linear! (Ênfase) Muito... muito feijão com arroz! É o tempero, sabe? Eu acho que manter as diferenças e brigar pelas suas diferenças, quer dizer, pelas suas competições, é manter o crescimento da relação!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Diana afirma que o ruim no seu atual relacionamento é o fato dela manter financeiramante a casa, visto que o seu companheiro contribui apenas com uma renda eventual. Então, há um desequilíbrio na parte de manutenção por ela ser a provedora. "E isso me incomoda demais!", acrescenta o sujeito. Por outro lado, a vida sexual do casal tem sido cada vez mais gratificante. Houve momentos em que não era assim, pois ela não se permitia ter prazeres, por se sentir culpada pelo rompimento do primeiro casamento. Diana, contudo, sabe que também havia as dificuldades dele impedindo o livre fruir e a vivência plena da sexualidade do casal: como um homem solteiro que era, estava

acostumado a "transar nas rapidinhas," e Diana não conseguia acompanhá-lo: "Não dava prá eu subir minha curva," diz ela.

Quanto à sua vida sexual com seu primeiro marido, o sujeito afirma que foi muito feliz. Tanto que ele não compreendia e não aceitava o fato de que ela desejasse se separar, pois para ele noventa por cento do casamento era atribuído à vida sexual. Diana explica que o relacionamento deixou de ser prazeroso para si diante da falta de outros elementos, os quais considerava altamente relevantes: "A harmonia, o respeito, a consideração sem autoridade." Assim, a ausência desses elementos fez com que se comprometesse todo o resto que era bom.

No relacionamento homem/mulher o sujeito se define como "completamente rebelde," de forma que ela não aceitaria jamais a relação autoritária, de jugo, onde o que tem que prevalecer é a vontade do homem. No seu primeiro casamento não havia a relação horizontal, de igualdade e parceria, mas uma relação assimétrica, de pai para filha. Diana relata que era chamada pelo ex-marido pelo cognome de 'filhinha,' o que ela considerava "um horror," pois explicitava os tentáculos sedutores de um autoritarismo dissimulado, situação que abominava. Reiteradamente ela solicitava então que fosse chamada pelo nome, inutilmente. Ao todo foram doze anos de convivência, sendo que os últimos quatro anos constituíram a sua última tentativa para tentar "consertar as coisas." No momento da separação ela ainda ouviu que "não conseguiria sobreviver sem ele," isto é, não conseguiria se auto-sustentar e manter o mesmo padrão de vida a que estava habituada.

Este desafio lançado por seu ex-marido, levou Diana a estabelecer uma intrigante relação com o fato dela estar sendo a provedora em sua família hoje. Isto é, ela não só sustenta a si própria como também a outras pessoas que compõem o seu grupo familiar, inclusive o homem que está ao seu lado. Então, ao mesmo tempo que isto lhe traz conflitos e é "pesado," também é muito importante estar na posição em que se encontra, provando a si mesma e a quem estiver ao seu redor que ela não necessita ser sustentada por homem algum. Na verdade, existe um ganho e uma ambigüidade muito grande na condição de ser provedora.

Diana admite que reproduz uma situação que ela própria condena: a de estimular dependência ao sustentar economicamente uma outra pessoa (a mesma dependência que se estabelece quando o homem sustenta a mulher). O sujeito termina por reconhecer que isto para si está mal resolvido, mas que houve um progresso no sentido de que ela está agora conseguindo colocar um limite, em suas palavras: "Dar um basta!" Assim, ambos começaram a brigar por dinheiro porque ela não quer mais ser a provedora total e irrestritamente. Ao fazer isto ela se sente devolvendo o "cargo" (o papel) para ele.

Diana reitera que para si era muito importante - uma questão de "ponto de honra" e de "amor próprio" - estar na posição em que se encontra hoje (e já esteve): a de ser auto-sustentável. E até ocupar a situação inversa: ao invés de ser sustentada, ela própria sustentar outras pessoas, saindo da posição passiva da dependência para a postura ativa e empreendedora de quem tem poder e é capaz de prover a outrem. Tudo parece ser uma questão de afirmação pessoal em relação ao sexo oposto, uma resposta ao desafio lançado por um homem, o seu primeiro marido, cujo papel agora é desempenhado por outro homem.

Continuando em outro trecho, o sujeito afirma que sempre viveu com seu ex-marido uma relação de conflito, e aponta no homem algo que para ela é inaceitável conviver: a questão das incoerências, o "faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço!" Diana parece estar falando do descompasso existente entre as coisas que o seu ex-marido lhe dizia para fazer, e o que ele efetivamente fazia (ou melhor, não fazia) explicitando um modelo de relação autoritária, que o mesmo tentava lhe impingir. Diana assevera que essas contradições de fala e das atitudes, ela "jamais perdoou."

O sujeito observa que é difícil encontrar entre os homens, com raras exceções, aqueles que na sua práxis vivem relações de simetria com o sexo oposto. Ela justifica esse comportamento com base na própria formação cultural que é bastante arraigada, onde teoricamente existe todo um discurso coerente, de igualdade de oportunidades, mas na prática ocorre uma contradição, predominando o machismo e a discriminação. Assim, tendo sido firmada a relação, evidenciam-se logo de início os privilégios masculinos, onde vale lembrar, a última palavra "tem que ser sempre

masculina," o que está intrínseco na constituição dos papéis de macho e fêmea estabelecida pelo próprio vulgo. Diana assevera que não irá aceitar isso jamais.

Hoje, ela observa que a forma que encontrou para se impor foi reproduzindo certas atitudes masculinas. "Eu me vejo, às vezes, muito masculina para me contrapor," afirma. Diana relata que inicialmente se dá o confronto: "Eu também posso tanto quanto ou mais!" E logo em seguida relata que já "sai prá briga." Ela confessa que nessas contendas sente-se favorecida - "até maquiavélica" - pois enquanto mulher possui mais perspicácia, mais sensibilidade para perceber o implícito e o jogo nas relações.

Referindo-se ao seu atual companheiro, Diana ressalta que ele é esperto de "admitir," ou seja, é capaz de ceder face aos argumentos dela e "dar a mão à palmatória." O sujeito já percebeu que o princípio básico que o leva a agir assim é o seguinte: "Eu concordo com ela e ela vai aceitar" (ou seja, trata-se de um jogo de mútua anuência e condescendência). Isto leva Diana a deduzir que seu companheiro sabe lidar com ela, tendo este possivelmente uma sensibilidade e um lado feminino que põe em prática, o que lhe possibilita perceber e lidar bem com a situação.

O sujeito, todavia, ressalta que para si a relação homem/mulher tem que ser constituída de desafios. Se não houver os altos e baixos, a mesma se torna monótona e muito linear, diz ela. Isto é o "tempero" que contribui para que se mantenham as diferenças. Brigar pelas diferenças, defender as competições é manter o crescimento da relação, assegura Diana.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 10: Judite (em referência à unidade nº 3)

O discurso do sujeito

Judite: ...Porque eu tenho ele lá assim: "Ah! Eu tenho que trabalhar! Eu tenho que trabalhar!" Outro dia, eu falei prá ele: "Olha! Então, vai lá! Fica lá! Não precisa descer mais prá casa!" Então a gente não conversa, não tem um diálogo. Não tem assim... não tem um carinho especial. Não tem nada! Essas coisas que eu preciso, que eu necessito como mulher!

Lucélia: E quanto à vida sexual de vocês?

Judite: Não é nem um pouco gratificante, e eu acho que nunca foi. Então é difícil porque ele me cobra muito. Eu também cobro dele muito. Aí, ele fica bravo comigo! Eu fico nervosa, fico irritada com ele! E não tem jeito, não se encaixa. Sabe, assim, uma engrenagem que tem algum ponto quebrado, que não se encaixa? É assim há treze anos! Exatamente! A idade do casamento! E eu casei assim, pensando que eu fosse ser feliz, sabe? Que eu fosse ser enxergada! Que eu fosse ser vista assim como... sei lá! Como uma coisa assim... sabe uma peça que está lá na loja? Uma peça cara, e que você não pode encostar? Que se encostar ela cai e você não tem dinheiro prá pagar? Eu queria me sentir assim prá ele: valiosa! (Ênfase). E por outro lado, ele não me faz sentir assim. Eu queria ser valiosa assim, em todos os aspectos! Não só na vida sexual, mas assim, em casa, sabe? Eu não sei fazer uma compra. Nunca fiz uma compra depois de casada! A gente tinha o bar, tem a padaria, então tem tudo lá! Não tem tudo, algumas coisas tem, mas outras coisas, você sente vontade assim... de ir no mercado com o marido. É... de fazer compras com o marido! Andar de mãos dadas! Eu nunca andei de mãos dadas com ele. Essas pequenas coisas! Eu não sei, prá mim, eu acho que sempre fui muito romântica! Assim, sabe? À moda antiga! (Riso)

Outro trecho

Judite: Ele é um bom pai, sabe? Trabalhador... quando eu queria sair da minha casa e ter uma vida própria, então eu pensei em ser freira. Pensei em ser assim... missionária! (Ênfase), sair prá fora, ajudando os outros. Esquecer de mim e me dedicar somente aos outros! Já pensei muito isso! E já pensei em ser prostituta, sabe? Mas eu achei assim: "Não! Isso não vai me... não é meu ideal, isso aí. Meus princípios não dão prá isso.' Aí por outro lado, eu rezei, pedi a Deus: 'Meu Deus! Então coloque no meu caminho, alguém que seja trabalhador! Que seja honesto!" E meu marido é exatamente isso: trabalhador e honesto! Trabalhador e honesto! Nada mais que isso! (Risos) Então eu já falei muito isso prá ele.

Lucélia: E o que falta nele, Judite? Qual é o tempero que está faltando?

Judite: Ah! Eu acho que eu gostaria que ele fosse sem-vergonha! Sabe? A gente não fala besteira. Eu não sei falar besteira, sabe assim, falar bobagem! Eu não sei como são os outros casamentos, mas eu acho que que o marido deve falar alguma coisa assim prá mulher. Eu já falei prá ele: "Eu não sinto nenhum tesão por você!' Ele falou: "Como que pode, uma mulher falar que não sente tesão pelo marido?" Eu falei: "Olha! Eu não sinto mesmo! Você não me faz sentir esse tesão!" Se eu sentia? Nem sei se eu sentia. Não sinto! Sabe assim? Então, nesses últimos meses eu venho me perguntando todo dia: "Por que eu estou casada? O que eu estou fazendo nessa casa?" Já perguntei várias vezes, até prá ele: "Qual é o meu papel dentro dessa casa? Qual é o meu papel enquanto esposa prá você?" Eu não sei!

Mais um trecho

Judite: E eu reclamo para o meu marido, eu já falei diversas vezes: "Olha! Se eu te trair, o culpado vai ser você porque você não me dá nenhuma atenção que eu preciso!" Eu exijo dele todo dia. Às vezes, eu ligo lá e falo: " - Eu estou aqui sozinha. O que você está fazendo?" " - Ah! Eu estou aqui trabalhando! Você não sabe que eu estou trabalhando?" "- Desce aqui um pouco prá gente conversar!" " - Não! Eu não posso porque tem vendedor!; - Não! Eu não posso porque tem que ver o balcão!; - Não! Eu não posso porque tem que ver o pão!" Sabe? Então, é assim. E aí, o sexo à noite é aquela porcaria! Porque ele vem, ele dá uma passada de mão em mim e acha que eu estou pronta. E não! Eu estou com raiva. Não estou sentindo nada. Eu estou com raiva! Porque durante o dia inteiro, às vezes a gente se chateou, e aconteceu todas essas coisas... eu me senti abandonada! E à noite ele quer sexo. Como eu vou...? E o sexo dele é muito rápido, então eu não consigo aceitar, sabe? Já reclamei, já falei prá ele: "Procura um médico então! Sei lá! O que eu posso fazer prá te ajudar?" Mas ele não aceita. Encontro de casais, convidei ele já diversas vezes: "Vamos participar do encontro de casais prá gente ver onde está errado. Se você está errado ou, se eu estou em alguns pontos, prá gente melhorar!" Ele não aceita. Convidei muito ele, prá vir ao SOS, da outra vez.

Porque ia ter aquele encontro com a sexóloga, tudo; ele não quis. Então ele também foge da responsabilidade, sabe? E eu acho que ele é consciente de que ele foge. Ele não me encara. Ele não olha nos meus olhos!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Judite queixa-se que seu marido supervaloriza o trabalho e não lhe dispensa a atenção que necessita. Além de não dialogarem, não há também "um carinho especial, não tem nada!" diz ela secamente. O sujeito relata que já avisou ao marido, que "se traí-lo será ele mesmo o culpado." Freqüentemente, Judite o chama para estar com ela, mas o mesmo está sempre trabalhando (seu marido é proprietário de uma padaria); se não está com o vendedor, está no balcão, ou então está supervisionando a fabricação do pão. Na hora do sexo é muito ruim, diz ela, "porque ele dá uma passada de mão e acha que eu estou pronta." Na verdade, ela não está excitada, mas sim com raiva, porque o dia todo se frustrou, se sentiu abandonada. Então, à noite, quando ele a procura sexualmente, tudo que pode sentir é raiva. Além disso, "o sexo dele é muito rápido," diz ela (o que sugere um quadro de ejaculação precoce), e Judite não consegue se ajustar. Por sua vez, ele se recusa a buscar qualquer tipo de ajuda: orientação médica, encontro de casais, ou os serviços de uma sexóloga. Isto leva o sujeito a concluir que seu marido "foge da responsabilidade," e a pressupor que o mesmo é consciente disso, pois ele não consegue encará-la, o que sugere prováveis sentimentos de culpa.

Judite afirma que ao longo dos seus treze anos de vida de casada, nunca encontrou gratificação em sua vida sexual. Talvez na tentativa de encontrar um bode expiatório para seu desencontro e suas frustrações, ambos se cobram mutuamente sobre as deficiências de sua vida sexual. Enquanto ele se torna agressivo de um lado, ela se deixa dominar pelos humores, ficando nervosa e irritada, e ambos definitivamente não conseguem se entender. É como "uma engrenagem que tem algum ponto quebrado, que não se encaixa," diz ela (não há ajustamento sexual, e parece que isto é um mal crônico, pois ocorre desde o início do casamento).

O sujeito afirma que quando se casou tinha a expectativa de ser feliz, e de ser "enxergada," isto é, ser reconhecida em suas necessidades de afeto, atenção, carinho, e seu desejo por ter uma vida sexual mais excitante. Além disso, destaca que gostaria de ser para seu marido uma "peça cara e valiosa," tal como aquelas em que não se pode

esbarrar na loja, pois se cair e quebrar (é frágil e delicada, portanto), não haveriam recursos suficientes para pagá-la. Ou seja, ela está expressando seu desejo por se sentir especial, importante e valorizada pelo homem que está ao seu lado, alguém para ela também especial. E isto não só na vida sexual, mas no cotidiano do lar: gostaria de fazer compras, ir ao supermercado, ou simplesmente andar de mãos dadas com o marido. Pequenas coisas que nunca fez. Judite se considera uma "romântica à moda antiga."

Por outro lado, ela reconhece que o marido é um bom pai, um homem trabalhador e honesto. Na verdade, ela pediu a Deus em suas orações "alguém que seja trabalhador! Que seja honesto," depois de ter concluído que o melhor caminho para si não seria nem o da renúncia à sua sexualidade: o caminho da vida religiosa (a freira missionária), nem aquele da entrega total aos instintos: o caminho da prostituição. Na verdade, são dois extremos opostos que talvez ainda coexistam dentro dela: por um lado os clamores de sua formação religiosa, cujos ideais de pureza e santificação apregoam a abstinência sexual e a sublimação do instinto em prol de outrem, e por outro lado, a imperiosidade do instinto que exige satisfação, o que todavia é sentido como a 'devassidão' e a 'libertinagem' da prostituta. "Não é meu ideal, isso aí!", diz ela.

Judite pensou ter encontrado uma solução para este conflito através da saída do casamento. E seu marido é exatamente o que ela pediu a Deus: "Trabalhador e honesto," nada mais que isso, lamenta, afirmando que gostaria que ele fosse "mais sem-vergonha," obtendo assim a satisfação do seu lado libidinoso. Já, em conformidade com o seu lado puritano e pudico, o casal não tem o hábito de "falar besteira," e o sujeito parece sentir necessidade disso, pois acredita que isto deve fazer parte da saúde sexual dos casamentos de maneira geral. Na verdade, enganada pela ilusória satisfação de suas necessidades através do casamento, Judite teve a sua sexualidade refreada e contida, ao invés de exercê-la plenamente e de forma legítima perante a sociedade. O sujeito já afirmou textualmente ao marido que "não sente nenhum tesão por ele" (talvez na tentativa de provocá-lo), e acrescentou que "ele não a faz sentir isso por ele." Este último pareceu assombrado com tais palavras, como se ficar excitado e se sentir atraído pelo outro fosse uma manifestação natural e espontânea das pessoas casadas entre si.

Sentindo-se insatisfeita e mal-amada, Judite tem se questionado cotidianamente sobre o seu casamento: desde o por quê está casada, até o seu papel enquanto dona-de-casa, e o seu papel enquanto esposa.

Em suma, o sujeito explicita nesta unidade sua profunda carência afetiva e sexual no casamento, a solidão em que vive, e o conflito ainda maior que está vivendo relativo ao drama antigo entre o sagrado e o profano.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 12: Verônica (em referência à unidade nº 3)

O discurso do sujeito

Verônica: Outro dia a minha mãe veio perguntar prá mim, o que é orgasmo. E prá eu explicar prá ela o que era?! Uma coisa que eu nunca senti! Porque hoje de manhã, eu estava assim com dor-de-cabeça, e o meu marido: "O que você tem?" Porque ele é todo dia, né. Então, prá mim virou rotina. É como se eu fosse uma máquina, a qual ele... faz a função dele. Eu falei que eu sou depósito de esperma dele, só isso! Prá mim, tanto faz ele fazer. Eu sinto necessidade de carinho, do ombro amigo prá conversar... Talvez aí, eu pudesse pensar em alguma coisa depois. Então, eu acho que como mulher... Eu não sou mulher! Às vezes, eu sinto as minhas necessidades, mas eu procuro me virar sozinha. Mas não dá! Não tenho... sabe? Você fica pensando... Já cheguei até a comprar revistas... Comecei a ler livros, mas não dá. Eu não sinto nada! Depois é que mandaram eu fazer terapia sobre isso, e tal. Ele falou: "Qualquer dia, eu vou te dar um pifão [beber, assim, ficar bêbada] prá você se soltar! Porque a gente poderia ser muito feliz! Eu tenho vontade de fazer coisas com você que..." Já me levou em motel... E eu fui! E ele fez a parte dele. Desse ponto, eu não posso me queixar dele. Por isso que até eu acho que ele foi arrumar outra. O homem tem necessidade de alguma coisa... (inaudível). O problema é que a minha mãe entra no meio! A hora que nós estamos ali no... minha mãe chega. Eu a vejo e lembro dessa cena[4] do meu pai. É como se tivesse sido agora de pouco, você entende? Então, eu acho que isso fez mal a vida toda prá mim! Então, eu como mulher, eu não sei como...

Outro trecho

Verônica: Bom! A gente vive brigando, tentando separar. Porque ele é uma pessoa assim... Ele resolve o problema no ato! Ele não dá voltas como eu. Por exemplo, se ele tiver que falar alguma coisa... Ele é uma pessoa maravilhosa e ao mesmo tempo é um ditador! Ele é um... coronel! Sabe aqueles caras que só dão ordens? Um tipo de quartel em casa! Então, o que ele fala está certo. Se ele falar que a sua blusa é azul e sua calça é bege, eu tenho que concordar porque senão, vai ter briga o ano inteiro... Ele fala assim: "A gente não sai muito porque você não gosta de ir nos barzinhos! Eu gosto da noite! Eu gosto do bar! Você não gosta de bar porque você tem complexo!" Eu adoro dançar! Ele gosta, mas ele acha que eu não acerto com ele, sabe? Porque ele gosta de aparecer. Ele é uma pessoa que ele chega num lugar, ele quer ser ele a atenção do... Você está entendendo? Ainda mais agora que ele tem celular, tem carro novo, ele chega, ele

[4] A descrição da cena está na 5ª UT: A 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados.

quer expandir. Agora, está pior ainda! Eu fico quieta, na minha. Mas ele é assim... Ah! Por exemplo: "Oh, Bem, dá prá você me levar hoje?" Ele, na lata, fala: "Não! Hoje eu não quero te levar no serviço! Você vá de ônibus!" Então, eu acho que ele é bom nisso porque ele não te engrupe. Ele não te alimenta aquela... "Não! Vou te levar!" Chega na hora... Agora, eu não tenho coragem. Então, por exemplo, eu não posso levar, mas eu deixo de fazer uma coisa minha, e levo a pessoa. Eu não sei dizer não! Nosso relacionamento é feito muito de briga por causa disso. Então, ele é autêntico e eu não sou. Ele tenta me ensinar! Porque no sábado nós tivemos uma discussão. Depois disso, que essa gripe me abalou totalmente. Nós fomos na casa da irmã dele, buscar ela com o marido. Aí eu falei: "Bem! Na volta, você quer que eu venha sentada na frente ou você quer que o seu cunhado venha sentado?" Porque normalmente, são os homens que vêm sentados na frente e as mulheres vêm atrás. Mas eu acho ridículo. Eu acho que eu teria que vir na frente com ele! Então, ele virou e falou assim: "O problema não é meu! Você sente aonde você quiser!" Mas eu sei, o meu cunhado, o meu irmão, meu pai, se sair com ele, ele vai sentar na frente porque eles são machões, a mulher tem que sentar atrás! Mas prá mim eu acho que já mudou isso. Eu teria que sentar do lado dele porque eu sou mulher dele. E eu sou também dona do carro, que se é dele, é meu também! Você está entendendo? Tudo o que é dele é meu, e o que é meu é dele! O juiz falou isso, então agora eu acredito. Nós estamos juntos há tanto tempo! Eu achei que ele podia chegar e falar: "Oh, Bem! Sei lá! Se você acha que você deve sentar na frente, então você senta!" Mas eu não me acostumei ainda que ele é autêntico. Tanto é que eu comecei a chorar. Ele falou que eu era uma criança! Que eu vou fazer cinqüenta anos! Que eu não cresci! Que ele está com o saco cheio! Que ele já tentou "me fazer mulher de verdade... [ele usou esse termo] e eu sou apenas uma criança!" Eu tento crescer, mas uma porcaria de uma palavra, eu já comecei a chorar, me espernear, estragou o meu sábado, estragou o meu domingo, estragou a minha semana. "Eu não sou mais ninguém..." Então ele é autêntico! Eu acho que essa parte ele tem de bom. Ele é maravilhoso! Porque que nem hoje, eu falei: " - Bem, eu não estou em condições de ter uma relação com você!" " - Mas eu estou precisando! Fazem dez dias! Você ficou menstruada..." [eu não pude fazer nada porque eu não gosto de ter relacionamento] " - Eu não agüento mais! Eu já me virei três vezes! O que eu vou fazer? Sinto muito! Mas você vai ter que agüentar a sua dor-de-cabeça!" Eu me senti... O quê? Estuprada! Eu cheguei a ficar com dor! Eu me senti usada! Hoje foi um dos piores dias, por isso que eu acho que eu estou mais chorona! Porque eu achei que ele não respeitou a minha dor-de-cabeça, a minha gripe.

Lucélia: A necessidade dele prevaleceu?

Verônica: A necessidade dele prevaleceu! Mas ao mesmo tempo, no fundo eu dei razão prá ele porque faziam já doze dias que a gente não tinha nada. Porque eu, o quanto puder evitar, eu evito. Mas eu não escapo! Se não é todo dia, é um dia sim, um dia não. Ele falou: "Mas eu tenho tesão por você! Eu tenho uma paixão por você! É pena que você não saiba conciliar isso!" Mas o duro Lucélia, é que ele faz o que tem que fazer, vira de costas, e dorme. É a pior parte prá mim! Porque se eu ainda ficasse deitada no ombro dele... a gente ficasse conversando... e tivesse o preparativo antes! Porque eu acordei hoje, ele já estava sem roupa! Ele estava subindo pelas paredes! Mesmo assim, ele me acordou um pouquinho antes do horário normal. Porque de primeiro, ele me acordava a noite inteira! Eram duas, três vezes por noite! Ele tem uma potência violenta! Eu não sou a mulher ideal prá ele! Eu já falei isso prá ele. "Vá! Procure!" Ele falou: "Mas eu amo você! Do meu modo, eu amo você!" Certo? Agora, eu não sei se eu o amo. Eu sinto alguma coisa por ele, mas que é amor, não é. É alguma coisa que me segura, que o dia que eu saí com ele de casa, eu falei prá minha mãe: "Aqui, eu não volto mais!" Seis meses, depois que nós ficamos juntos, eu apanhei dele! Minha mãe falou: "Volta prá casa!" Mas eu sou de palavra!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Grande parte dos conflitos do sujeito no relacionamento com o companheiro envolvem a sua vida sexual. Verônica relata que há poucos dias sua mãe de setenta e dois anos veio lhe perguntar o que era o orgasmo, o que se lhe tornou muito

difícil explicar, pois nem ela própria sabia o que era, visto que nunca havia experimentado tal coisa.

O sujeito relata que pela manhã ela estava com dor-de-cabeça, e seu marido veio lhe procurar para manter relações sexuais (ele sente necessidades diárias de praticar sexo). Então, para si se tornou uma rotina estafante, em que acabou se sentido tal como uma máquina, onde ele desempenha "a função dele," e ela é pura e simplesmente o seu "depósito de esperma." Para o sujeito, é indiferente o fato de manter relações sexuais, pois ela aparentemente não participa do ato. Verônica justifica que sua necessidade maior é de carinho, de um "ombro amigo" para conversar, e acrescenta que a partir disso, talvez então ela pudesse pensar em alguma coisa depois. Com base nessas considerações ela conclui que "não é mulher." Às vezes sente suas necessidades (sexuais), mas procura "se virar sozinha" (supostamente praticando masturbação), mas "não dá certo," diz ela, justificando que já comprou revistas e tentou se informar em livros, mas que nada sente (o que sugere um quadro de frigidez sexual). Já lhe recomendaram inclusive que fosse procurar um terapeuta sexual.

Seu marido disse até que iria deixá-la bêbada a fim de que se soltasse, argumentando que ambos "poderiam ser muito felizes..." Ele já levou-a em motéis, e "fez a parte dele," diz Verônica salientando que nesse aspecto não pode se queixar. Por isso, ela supõe que o mesmo talvez tenha se aventurado em relacionamentos extra-conjugais, pois "o homem tem as suas necessidades," ressalta com indulgência, visto que ela estaria se sentindo incapaz de satisfazer seu marido.

Verônica confessa que não pode satisfazê-lo por completo porque "a sua mãe entra no meio," o que ocorre quando eles estão no momento decisivo do ato sexual. Na verdade, ela visualiza mentalmente a figura da mãe e se lembra da cena traumática ocorrida em sua infância, que envolveu também o pai. É uma cena que embora tivesse acontecido aos seus dez anos de idade, se tornou para ela 'atemporal,' tal como um fato acontecido recentemente ainda muito presente em sua memória. O sujeito acredita que o referido episódio tem lhe causado danos psíquicos durante toda a vida, principalmente no exercício de sua sexualidade.

No trecho seguinte, o sujeito afirma que ela e o marido vivem em conflito, isto é, "brigando e tentando se separar." Verônica explica que seu companheiro é um tipo de pessoa que resolve seus problemas "no ato," isto é, ele parece ser direto, e "não dá voltas como ela." "Se ele tiver que falar alguma coisa, ele fala" (aparentemente parece se tratar de uma pessoa 'assertiva'). Todavia, se nesse aspecto se trata de "uma pessoa maravilhosa," diz ela, por outro lado comporta-se como um ditador ou um coronel, pois é um homem muito autoritário que "só dá ordens," fato que a faz sentir estar vivendo em uma espécie de "quartel doméstico." Verônica ressalta que o que ele fala está sempre certo, e mesmo sabendo que está errado, ela é obrigada a concordar, "porque senão vai ter briga o ano inteiro," destaca. Ou seja, seu marido não admite ser contestado, característica própria dos machões convictos.

O sujeito relata que seu companheiro gosta muito de freqüentar barzinhos ("ele gosta da noite"), e reclama que eles não fazem este tipo de programa porque ela não gosta de bares, isto "porque tem complexo," justifica ele. Verônica afirma que "adora dançar" e ele também gosta, mas eles não se ajustam devido ao fato de que "ele gosta de aparecer." Ela observa que seu marido quando chega em lugares públicos quer ser o centro das atenções, e esta situação se maximizou ainda mais "agora que ele tem telefone celular e carro novo," afirma Verônica. Diante disso, ela prefere voltar-se para si mesma.

O sujeito aprecia e valoriza a assertividade de seu companheiro, dizendo que "ele é autêntico," postura que ela não consegue ter, mas que está aprendendo agora ("ele está tentando ensiná-la"). Muitas vezes quando ela lhe solicita que a leve até o trabalho, ele lhe diz sem rodeios: "Hoje eu não quero te levar no serviço." Ela considera isto um aspecto positivo no sentido dele não ficar prometendo em vão (e não leva em conta o fato de que poderia ser pura e simplesmente uma grosseria). "Porque ele não tem engrupe!" justifica, assumindo a defesa dele. Verônica afirma que a sua conduta seria a de levar a pessoa, independente de quem fosse, pois costuma deixar de atender às próprias necessidades para satisfazer às necessidades de outrem. Ela confessa que não sabe dizer 'não,' fato que além de prejudicá-la pessoalmente, resulta em muitas brigas entre o casal. A sua baixa auto-estima e a necessidade de aprovação do outro (o que para ela parece ter o sentido de não autenticidade) a faz sentir-se em situação de inferioridade

diante de seu marido, e a estaria impedindo de distinguir uma resposta assertiva de uma grosseria.

Verônica relata que no final de semana eles tiveram uma discussão que abalou profundamente a sua saúde (houve uma queda nas defesas do organismo, o que a fez contrair uma gripe). Ambos foram até a casa de familiares buscá-los com o carro, e ela ficou preocupada se na volta, deveria ceder o lugar da frente para o cunhado dele, pois tanto aquele quanto seu pai e seu irmão como reconhecidos 'machões,' entendem que a mulher deve sentar-se no banco de trás. Ela própria afirma que considera ridículo que os homens venham sentados à frente e as mulheres atrás, visto que se ela é a companheira dele, então é co-proprietária do veículo (o que pertence a ele, pertence a ela, e vice-versa, assegurou-lhe o juiz), e portanto, acredita que mesmo havendo outros homens presentes, seu lugar no automóvel ainda é o banco da frente ao lado do marido.

À sorrelfa, ela o inquiriu a respeito disso e este de maneira brusca e incisiva lhe deu a seguinte resposta: "O problema não é meu! Você sente aonde você quiser!" Verônica não esperava uma resposta tão seca, mas alguma coisa mais "melosa" e reticente, tal como: "Oh! Bem! Sei lá! Se você acha que você deve sentar na frente, então você senta!" acrescentando que não se adaptou ainda ao jeito "autêntico" dele ser. Diante disso, sua reação imediata foi entregar-se ao choro. Ele então lhe fez um discurso em tom de repreensão, tal como um pai faz à filha: disse-lhe que ela é apenas "uma criança, que ainda não cresceu," apesar do fato de estar por completar cinqüenta anos. E vociferou exaltado que já tentou "lhe fazer mulher de verdade," mas que ela "é apenas uma criança!" Seu marido ainda acrescentou que "está de saco cheio!" Verônica, por sua parte, assevera que tenta crescer, mas "uma porcaria de uma palavra," e ela já começa "a chorar e a espernear" (tal qual uma criança, como a querer dizer que a percepção dele estaria correta). Um incidente que poderia ter sido banal perturbou-lhe o sábado, o domingo, e a semana inteira. E "eu não sou mais ninguém," ressalta, tentando expressar a sua fragilidade. Apesar disso, Verônica supervaloriza o que considera a autenticidade de seu marido e o qualifica como "maravilhoso!"

Todavia, logo em seguida ela relata como este mesmo homem maravilhoso a forçou a manter relações sexuais. Ela já havia declarado não estar em

condições físicas para o coito, pois estava gripada e com dor-de-cabeça. Entretanto, ele impôs as suas necessidades de 'macho impetuoso' com energia: "Mas eu estou precisando! Faz dez dias! Você ficou menstruada! Eu não agüento mais! O que eu vou fazer? Eu já me virei três vezes! Sinto muito! Mas você vai ter que agüentar a sua dor-de-cabeça!" Ou seja, ele impôs de forma egoísta e impiedosa a satisfação de suas necessidades fisiológicas enquanto macho-viril, desconsiderando totalmente as condições físicas e psicológicas da parceira.

Verônica confessa que se sentiu "estuprada, usada" e inclusive chegou a sentir dor. Ela conjectura que estaria mais "chorona" naquele momento pelo fato dele não ter respeitado a sua dor-de-cabeça, a sua gripe. Todavia, intimamente ela lhe deu razão, pois já há doze dias que eles não mantinham relacionamento sexual. Isto prova que o sujeito compartilha com o marido a mesma ideologia machista, onde o homem tem necessidades fisiológicas prementes e imperiosas que requerem satisfação imediata, e que à mulher nada mais resta a fazer do que ceder em cumprimento às suas obrigações conjugais, independente de como ela esteja se sentindo. O sujeito confessa que se esquiva o quanto pode, mas que no fim não escapa de suas obrigações. Se não é diariamente, é em dias alternados. Ele diz que ela deve agradecer a Deus pelo fato dela não precisar usar anticoncepcional, e acrescenta que a ama, que sente "tesão" e tem paixão por ela. Assim, lamenta que ela não saiba conciliar isso. Verônica explica que se ressente pelo fato de que "ele faz o que tem que fazer, vira de costas e dorme!" Ela afirma que isto para si é "a pior parte," pois seu desejo seria o de ficar aconchegada no ombro dele, os dois conversando, e que houvesse um preâmbulo amoroso que antecedesse o ato sexual. Ela lembra que ao acordar pela manhã, ele já estava nu, "subindo pelas paredes." Ainda assim, houve um pequeno avanço, pois ele a acordou somente um pouco antes do seu horário habitual. Anteriormente costumava fazer isso a noite toda, com uma freqüência de duas, três relações por noite. "Ele tem uma potência violenta!" ressalta Verônica. O sujeito relata já ter dito ao seu marido que não é a mulher ideal para ele, inclusive recomendou-o que saísse à procura desta. Ele, todavia, diz que a ama a seu modo. Verônica afirma que o que sente pelo seu marido não é amor, mas "alguma coisa que a segura," e que a mantém ligada a ele. Lembra-se então do momento em que saiu da casa

de seus pais para ir morar com ele e disse à mãe: "Aqui eu não volto mais." Seis meses depois, ele lhe espancou. Sua mãe então chamou-a de volta para casa, mas Verônica recusou. Ela justifica sua atitude dizendo: "Eu sou de palavra!" Evidentemente há outros ganhos e conveniências dos quais o sujeito supostamente não teria consciência, sendo esta a justificativa mais plausível e conveniente para a sua lógica interna.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 3ª UT: os conflitos no relacionamento

Enquanto Paloma e Diana atribuem como aspecto principal de seus conflitos no relacionamento com o sexo oposto, a questão do poder na relação, Letícia, Verônica e Ester apontam distúrbios e desajustes na vida sexual. Judite, Diana e Aline também indicam um descompasso na vida sexual, especificamente diferenças quanto ao ritmo (o parceiro é "muito rápido"). Cibele cita a falta de diálogo como um problema grave no relacionamento de um casal, afirmando que quando cada um não consegue entender a linguagem do outro (isto é, ambos "falam línguas diferentes"), e há falta de sinceridade, adota-se posturas artificiais (uso de "máscaras") para tentar agradar o parceiro, o que acaba repercutindo negativamente na vida sexual.

Judite assevera que em seus treze anos de casada, nunca encontrou gratificações em sua vida sexual, sendo que ambos se cobram mutuamente sobre as deficiências de cada um. Ela ilustra o desajuste sexual do casal através da imagem de uma engrenagem que não se encaixa, pois uma peça está quebrada. Além disso, qualifica o marido como "trabalhador e honesto, e nada mais..." sugerindo com isso que estaria faltando alguma coisa, o que explicita logo em seguida: uma vida sexual mais excitante e 'apimentada.'

Enquanto Judite afirma que gostaria que seu marido "fosse mais sem vergonha" e falasse mais "besteira," o que segundo ela, faz parte da saúde sexual de um casal, Verônica reitera que seu companheiro "tem uma potência violenta" (ou seja, é muito ativo sexualmente), ao passo que ela dá mais importância aos jogos preliminares e

ao aconchego que, na sua concepção, deveria suceder o ato sexual (aspectos ausentes em sua experiência), e não ao sexo propriamente dito. Esta última declarou se sentir um "depósito de esperma" de seu marido, e admite que tem maiores necessidades de carinho do que de praticar sexo, fato que levou-a a concluir que não é a mulher ideal para ele. Verônica sente-se incapaz de satisfazer o parceiro, pois não consegue se soltar (nem tão pouco o consegue através da masturbação), de forma que "não se sente mulher." Ela explica que tudo isto se dá porque sua mãe "entra no meio," isto é, ocorre uma interdição provocada pela figura materna internalizada, na verdade, uma reedição de uma cena traumática ocorrida no passado que envolveu a figura paterna.

Em referência aos seus desajustes na vida sexual com o parceiro, Aline reitera que é preciso romper com o mandato de que "a mulher não pode falar que não está bom" (isto soa como um questionamento à sempre perfeita performance masculina). Todavia, para ela a adaptação sexual ainda continua difícil, pois é difícil falar sobre sexo com o parceiro. Considerando que sua tendência inicial era fantasiar muito todas as questões relativas à sexualidade, a vivência no cotidiano dos problemas decorrentes de uma vida sexual ativa e regular permitiu-lhe uma compreensão do real disso.

No caso de Ester a rejeição do marido às suas tentativas de sedução, o que se refletia na escassez das relações sexuais, causou-lhe graves distúrbios psicológicos, visto que em sua identidade feminina ainda incipiente e em sua baixa auto-estima, ela muito dependia da aprovação e da aceitação daquele, nele depositando todo o poder para confirmá-la ou desconfirmá-la enquanto mulher. Como esta confirmação não ocorreu, houve não só a desconfirmação do feminino, como a desqualificação do Eu: ela não estava agradando porque não estava sendo capaz de atraí-lo. Pôs-se então a esperar que ele milagrosamente "melhorasse," a comer compulsivamente e produziu também muitos sintomas que a mantinham bastante ocupada.

Em sua trajetória de relacionamento com o sexo oposto, Letícia revela uma experiência bastante sofrida e tumultuada, envolvendo episódios de agressividade, violência, assim como vivências de "traição" e abandono. O aspecto negativo de sua experiência deixou-a muito temerosa para se aventurar em novos relacionamentos, tendo declarado sua desilusão em relação ao sexo oposto, acrescentando que tem estado

sozinha há algum tempo, pois "como ficou muito difícil, então desistiu." Desta forma, eventos traumáticos, tais como ter sido trocada por outro homem por seu marido, impossibilitaram-na de engendrar uma imagem consistente de si enquanto mulher e da sua feminilidade, o que se configura até o presente numa "gestalt" aberta.

Embora não com a mesma intensidade de Letícia, para Samanta os conflitos no relacionamento com o parceiro se resumiam no fato de que este era muito mulherengo (fato que não o impedia de ser também muito ciumento em relação a ela), e na maneira absolutamente oposta com que ambos lidavam com a questão do dinheiro. Enquanto ela era poupadora e previdente, ele era muito esbanjador, e gastava o dinheiro com futilidades. Para ele bastava "ter o que comer hoje;" para ela era importante garantir a segurança de um teto e conquistar estabilidade.

Especificamente sobre a questão do poder, Diana acentua que no relacionamento homem/mulher ela é "completamente rebelde," e enfatiza que não aceitaria jamais uma relação autoritária, de jugo, onde prevalecesse a vontade do homem. Ela salienta que em seu primeiro casamento não havia uma relação de parceria, mas uma relação assimétrica de pai para filha. O desafio lançado pelo ex-marido - de que não seria capaz de se auto-sustentar - constituiu-se em uma questão de "ponto de honra" para ela. Possivelmente em resposta a esse desafio, tornou-se a provedora em seu atual relacionamento. Diana admite que tem conflitos e contradições em relação ao fato de estar desempenhando este papel, acrescentando que a forma que encontrou para se contrapor, foi estar reproduzindo certas atitudes masculinas. Por sua vez, Verônica afirma que vive em uma espécie de "quartel doméstico," pois o marido se comporta em casa como um ditador ou um general, cuja opinião é obrigada a aceitar (ele está sempre certo), se não quiser "ter briga o ano inteiro." Como uma expressão de seu poder, o mesmo forçou-a a manter relações sexuais consigo, impondo de forma egoísta e impiedosa a satisfação de suas necessidades enquanto macho-viril, ignorando as condições físicas e psicológicas da parceira. Verônica afirma ter se sentido "estuprada e usada," todavia acabou sendo indulgente em relação à atitude dele em função do estado de privação sexual a que o havia submetido (o senso comum parece ter como fato inconteste a noção de que o macho tenha necessidades fisiológicas prementes, que

requerem satisfação imediata). Já Paloma vive um conflito semelhante ao de Diana, pois não sabe o que fazer com o poder que seu parceiro está lhe outorgando (o que para ele é muito conveniente). Como tivesse vivenciado a submissão no seu primeiro relacionamento, o que foi para si uma experiência extremamente sofrida, agora teme estar partindo para o outro extremo: o autoritarismo. Paloma admite estar confusa sobre qual seria o papel que cabe de fato a uma mulher, e se questiona se não estaria desempenhando um papel de homem ao assumir o controle de situações relacionadas ao casal. Ela admite que é bom deter o controle da situação, todavia está se sentindo lesada e explorada em seu atual relacionamento, pois isto dá margem a que o parceiro se acomode e venha a auferir lucros a partir dos seus esforços e do seu dinheiro.

Ainda relacionado à questão da hierarquia e do poder na relação envolvendo entrelaçamentos com o social, Verônica lança ao marido a questão sobre o lugar que lhe caberia no automóvel de propriedade do casal, quando há outros homens presentes, solicitando infantil e inutilmente o protecionismo deste. Na verdade, parece que o que ela queria era testar a garantia e a permanência do lugar que ocupa na relação, saber se o marido lhe daria prioridade na presença de outros "machos."

Já a queixa de Judite é que seu marido supervaloriza o trabalho, e em contrapartida lhe dispensa pouca atenção. Ela teve frustradas as expectativas que trouxe para o casamento de se sentir "valiosa" e uma "peça cara" para seu marido, pois não há diálogo nem um carinho especial entre eles. Ela o chama para estar com ela, mas ele está sempre trabalhando. Tudo isto contraria seu desejo de ser feliz e "enxergada" (valorizada) pela pessoa que está ao seu lado, e reforça seus sentimentos de solidão e sua carência afetiva. Então, na hora do sexo ela não está excitada, mas com raiva, porque o dia todo se frustrou e sentiu-se abandonada. Também Ester sentiu-se solitária no casamento, pois seu marido estava ausente a maior parte do tempo; eram duas pessoas casadas compartilhando o mesmo teto, mas estranhas uma à outra. Não havia companheirismo.

Vitória afirma que em seus dois relacionamentos anteriores houve "muita mentira, falsidade e desonestidade" por parte de seus parceiros. Ela observa não ter tido com eles nenhuma gratificação afetiva, assegurando que viveu mais experiências

negativas do que positivas. No primeiro casamento ainda era muito jovem, e sentia-se impotente e desamparada. Apesar de estar vivendo "as situações que não queria viver," não conseguia encontrar uma resolução para o seu drama. No segundo relacionamento sentiu-se enganada como se o parceiro tivesse lhe 'vendido' uma falsa imagem.

Quanto a Ivone sua queixa é que em seu casamento faltava namoro, romantismo, afetividade e diálogo. Seu marido, além de alcoólatra, era muito seco, frio e estúpido no relação, ao passo que ela desejava ser uma "menina namorada." Com isto, tal como Judite, Ivone se envolveu em um relacionamento extra-conjugal. A terceira pessoa, do seu ponto de vista, serviu para que seu marido 'acordasse' e passasse a lhe dar mais afeto e atenção. Ela ressalta que "o desejo de sentir o amor do outro" é algo intrínseco à sua natureza e "a acompanhará por toda a vida."

Laura fala de seu medo de na relação com o sexo oposto acabar perdendo o "espaço para sonhar," pois ao mesmo tempo que o masculino ajuda-a a clarificar suas idéias através da linearidade de sua lógica racional consciente, ele pode cerceá-la, isto é, devassar ou restringir este precioso espaço. Por isso, ela luta para manter preservados e assegurados os limites de seu espaço interno, em defesa do seu direito inalienável ao sonho e à fantasia. Em uma só frase, Laura pede respeito à sua individualidade e à sua inteireza ao dizer: "Deixa-me ser como eu sou!" Enquanto isso, Aline e Samanta referem-se à dificuldade de compartilhar com o parceiro outro tipo de espaço: o espaço físico.

Aline relata que inicialmente havia o medo de dividir o espaço, pois isto poderia levá-la a envolver-se emocionalmente, e apaixonar-se. Assim, havia a noção de que compartilhar o mesmo espaço favoreceria a aproximação do outro, o que era sentido como potencialmente perigoso para si. Ela relata que as adaptações impostas pela convivência causaram abalos em tudo o que trazia organizado dentro e fora de si, considerando que o fato de morar só, ter um espaço só seu, lhe estava sendo muito prazeroso. Além disso, Aline salienta que "dividir a cama é dividir um espaço muito grande," pois se trata de compartilhar a própria intimidade e o espaço mais privativo. Igualmente Samanta apresenta como um motivo de conflito a divisão do espaço e da liberdade individual.

Por outro lado, Verônica confunde com assertividade a grosseria do parceiro, e não consegue ver isso pela sua baixa auto-estima e dificuldade de dizer 'não,' questão que gera constantes conflitos entre o casal. Movida por sentimentos de inferioridade, apesar de tê-lo como um ditador em casa, estranhamente também o qualifica como "maravilhoso" ("ele é direto, não dá voltas nem a engrupe," justifica ela).

Apesar de suas frustrações e da falta de gratificações no relacionamento, Vitória assim viveu por longo tempo, pois não aceitava a possibilidade de insucesso na relação. "Tinha que dar certo! Custasse o que custasse!" diz ela. A repetição do término em uma segunda tentativa gerava um sentimento muito grande de fracasso, e se configurava no veredicto de que ela não havia conseguido construir uma família. Hoje admite que as possibilidades de acerto e erro são inerentes à experiência humana, sendo a aprendizagem uma fato natural. Quando descobriu que na dinâmica da vida-a-dois havia situações que não dependiam só dela, e que não possuía controle sobre todas as coisas, mudou então sua maneira de encarar os conflitos no relacionamento, e diminuiu suas cobranças internas. A perspectiva de fracasso tornou-se menos pesada e ameaçadora, e a separação inevitável.

No caso de Samanta o desgaste da paixão contribuiu para por fim ao conflito, pois abriu espaço para a separação. Vitória salienta que independente de como ambos estejam vivendo, a separação é uma experiência muito dolorosa, pois envolve uma série de resoluções desgastantes a serem tomadas (além do próprio luto da perda).

Em suma, do ponto de vista das mulheres, questões como desajustes na vida sexual, conflitos de poder, falta de diálogo e relacionamentos extra-conjugais, parecem ser o ponto nevrálgico dos conflitos no relacionamento com o sexo oposto.



4ª UT: As diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher

⇒ Caso nº 01: Laura

O discurso do sujeito

Laura: Bom! Não sei! Eu acho as mulheres mais otimistas; acho os homens mais práticos. Os homens têm bem mais espaço nessa sociedade, é muito mais fácil prá eles. O caminho prá eles já está aberto! A gente tem que ir abrindo... tem que ir conquistando... a gente tem que ir vencendo... Acho que prá nós o caminho é mais difícil! Além disso fisicamente... e particularmente, eu estou numa fase difícil de climatério... Como me dói isso!! Eu falo que é essa 'bosta' de menopausa! (Riso). Nossa! Eu não vejo a hora que termine! Então, fisicamente, eu estou me sentindo mais tolhida porque eu estou numa fase de passagem. Até então, eu estava estabilizada! Quer dizer, a menstruação vinha dentro da escala normal... Agora eu tenho tolhido tudo isso... tem me complicado... hum... e com a possibilidade de passar por uma cirurgia, uma retirada de útero, prá poder me livrar desses sintomas, entendeu? Eu fico super mal... os dias que eu estou menstruada. Eu fico sem ânimo! Isso é o que eu não sinto neles! Não vejo neles!

Lucélia: Até do ponto de vista biológico, eles são privilegiados? É isso o que você está dizendo?

Laura: Eu acho! Eu acho! Estou falando... seriamente! Verdadeiramente! Se eu não estou passando bem... às vezes eu falo: "Vai você, vai! Vai você, porque eu não estou a fim de ir porque eu estou... estou péssima!" Ou eu estou menstruada... e é uma menstruação super... um fluxo super grande! Então, eu fico incomodada, fico tolhida, entendeu? Especialmente nesta fase que eu estou de... transição... entendeu? Sei lá o quanto que eu tenho que... e que não teria prá eles. Não tem! Então você ficou grávida e daí você teve um neném, aí eu acho que fisicamente a gente tem essas barreiras. Pode ser uma coisa super careta, isto que eu estou falando, mas refletindo... seriamente... eu sinto isso! Sinto que a gente é tolhida pela parte biológica!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito se refere à forma como cada um dos sexos ocupa seu espaço na sociedade, como sendo uma das diferenças básicas entre o jeito de ser do homem e da mulher. Para o homem "o caminho já está aberto," isto é, basta apenas ocupar um espaço que já lhe está destinado a priori; a mulher, em contrapartida, precisa ir abrindo o seu caminho, pois o seu espaço na sociedade não está pronto à sua espera, mas deve ser duramente conquistado, palmilhado palmo a palmo. Isto não só resulta no favorecimento de um em detrimento do outro, visto que para a mulher as coisas são bem mais difíceis, como também redunda no desenvolvimento de atributos e características de personalidade diferentes para cada um dos sexos.

Além disso, existem as diferenças de ordem biológica: a mulher engravida, menstrua e passa pelo período de transição conhecido como climatério. Laura está vivenciando este último no momento presente de sua vida, o que lhe tem sido

particularmente difícil e doloroso, pois as mudanças no seu organismo têm sido acompanhadas de muitas flutuações emocionais - com períodos de depressão - e outros sintomas decorrentes disto (alterações no fluxo menstrual). Ela vivencia estas alterações físicas e psíquicas com profunda dor, possivelmente não só pela perda de sua fertilidade e sua capacidade de gerar, um fato inconteste e uma mudança irreversível, como também pelo fato de que Laura sempre foi muito sensível a tudo o que acontecia com o seu corpo (veja a 1ª UT: quando e como 'eu comecei a me sentir mulher'), a expressão palpável do seu próprio Eu.

Fisicamente Laura sente-se tolhida e restringida em suas ações no mundo, por estar atravessando este período de transição. Anteriormente seu organismo estava estabilizado e funcionava de acordo com um certo ritmo; agora além de ter que se adaptar a um novo biorritmo, existe o risco de realizar uma histerectomia a fim de que seus sintomas sejam sanados. Além disso, ao mesmo tempo que maldiz os ciclos biológicos específicos da natureza feminina, o sujeito se refere com amargo ressentimento ao fato de que o homem não experimenta tais problemas.

Do seu ponto de vista a classe masculina então parece ter sido privilegiada não só pela natureza, como também pela ordem social.

Fazendo um paralelo o sujeito afirma que as mulheres são mais otimistas e os homens mais práticos. Laura acentua, contudo, nesta unidade, diferenças no nível social e biológico, sendo que aquelas de ordem psicológica foram mencionadas ao se referir ao lado prazeroso e aos conflitos do relacionamento.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 04: Ester (em referência à unidade nº 4)

O discurso do sujeito

Ester: Mulher é ser feminina... é ser carinhosa, paciente, amiga, ser lutadora no trabalho. E posso por mãe também, dedicada... não tenho muita noção não de mulher porque realmente... (inaudível) Eu acho que é o que eu sou! Eu luto pela minha sobrevivência, eu criei um filho acho que bem (dentro do que eu acho que é certo). Agora, homem... como eu posso falar 'homem?' Tenho pouca experiência! Eu acho que eles são

machistas! (Riso) Egoístas, pelos que eu conheço, sabe? É... mandão! Eu acho que eles são muito egoístas mesmo! (Riso) Eu acho que já vem desde o berço, isso aí, deles serem... machão, mandão, eles é que mandam na casa... E a mulher ainda tem muito isso (porque eu conheço) é bem assim... submissa mesmo! Tem umas que realmente... tem que ficar em casa, lavar, passar, cozinhar, fazer comidinha para o marido... esperar ele chegar nervoso porque então o chefe brigou com ele... aí ele não tem coragem, vem, desconta, e a mulher boazinha, tem que esperar quietinha porque isso acalma... enfim. Mas, eu acho que isso está mudando e assim, certas mulheres estão até trocando os papéis, estou percebendo. Eu acho que elas estão virando muito, ficando muito masculinas! Essa competição de homem com mulher prá provar assim... tem umas que estão esquecendo do seu lado de mulher. Assim, da casa. É uma competição acentuada demais...

Lucélia: Uma competição pelo poder? É o que você observa?

Ester: É! Pelo que eu tenho visto... as pessoas que eu convivo que agem dessa forma... mulheres que tomam a frente da casa como homens e se esqueceram da sua feminilidade... e ficou assim, machão! (Riso) Uma mulher assim... muito... machão! Eu acho que eu fiz isso! (Riso) Depois da separação, eu pus assim minha cabeça no trabalho, no filho. Quer dizer, outro dia, eu estava olhando meu guarda-roupa, eu não tenho uma saia, um vestido, é só calça, camiseta, assim... eu comecei a me vestir há muito tempo, com roupas de homem mesmo. Eu acho que eu abafei a minha mulher! Não, eu estou pensando isso agora. Acho que, de repente, quando eu a mostrei, ela não foi vista, não foi amada. Então ela tem que ficar escondidinha! Desaparecer! Porque não tem lugar prá ela aqui. "Deixa eu ser mais... mais assim, homem... mais forte," sabe? Encarar as coisas assim. Porque pelo jeito que eu vejo, de homem, assim... que estão prontos prá tudo! São bravos! Machão! É... como fala? "Mata a bola no peito!" Então, eu abafei minha mulher! Não sei onde ela está (riso). Perdi ela de vista! Eu tenho consciência que eu preciso achá-la, sabe? Que não é por aí, mas eu chego lá.

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito relaciona à mulher atributos como feminilidade, carinho, paciência, amizade, garra e esforço no trabalho. E também, ser dedicada enquanto mãe. Afirma, entretanto, não possuir muita noção do papel da mulher, e parte de sua própria experiência como um referencial, tendo ressaltado sua luta pela sobrevivência e o fato de ter desempenhado satisfatoriamente o papel de mãe.

Já o homem é para ela "machista, egoísta, mandão," estereótipos estes que lhe acorrem à mente quase que de imediato, ressaltando-se o aspecto do egoísmo. O sujeito atribui tais traços de personalidade à própria educação, a qual lhes imprimiu esta marca.

Ester acrescenta que ainda é muito freqüente o tipo da mulher submissa: aquela cujo mundo é o lar e a ocupação principal são as tarefas domésticas, particularmente o preparo da "comidinha para o marido" (estaria ela ainda "brincando de casinha"?). Também faz parte de suas funções "esperar o marido chegar nervoso do trabalho" (ele teria sido humilhado em altercação com chefe) e, subserviente, servir como válvula de escape ao alívio de suas tensões. Todavia, no extremo oposto está

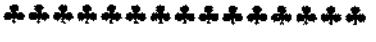
emergindo um novo quadro, onde as mulheres estão invertendo o papel com os homens. Segundo o sujeito, ambos os sexos estão competindo para provar alguma coisa um para o outro (supostamente quem é o mais forte), competição esta que tem estado muito acirrada do seu ponto de vista.

Assim, Ester observa que certas mulheres - rol no qual se inclui - estão se tornando muito masculinas, e parecem ter se "esquecido" de sua feminilidade. Como homens, assumem funções de arrimo de suas famílias, tomam decisões, e reproduzem junto com isso, o estereótipo característico do machão.

Relatando sua própria experiência, o sujeito afirma ter adotado uma *persona* masculina, vestindo somente roupas masculinas, porque quando expôs ao mundo "sua mulher," esta não foi amada - sequer foi vista - reconhecida, valorizada. Então considerou mais seguro e conveniente reprimi-la; a sua feminilidade estaria assim relegada à sombra, a "ficar bem escondidinha" porque não havia lugar para ela no mundo lá fora.

A partir de uma compreensão obtida no curso da própria entrevista, o sujeito toma consciência de que deixou que prevalecesse nas suas relações com o mundo, o seu lado masculino, no qual passou a se apoiar mais, desenvolvendo um "jeito masculino de ser mulher." Após uma profunda experiência de rejeição de sua feminilidade, Ester necessitava de elementos como força e poder, os quais culturalmente são tidos como atributos do homem, mas que garantiriam o seu equilíbrio emocional servindo-lhe de sustentáculo nas relações com o meio. Além disso, o imediato estado de prontidão que ela observa no sexo oposto, o "matar a bola no peito," se safando com maestria das mais difíceis situações, sua 'bravura' e sua 'macheza' diante da vida são recursos absolutamente surpreendentes e mágicos aos seus olhos, recursos estes que, parece, gostaria de apreendê-los para si. De acordo com esta concepção das coisas não é bom expor-se, demonstrar fragilidade; é sempre bom "estar por cima."

Isto prova que os atributos que compõem o ser homem e o ser mulher não são fixos e estanques, mas podem se modificar de acordo com a história de vida das pessoas.



⇒ Caso nº 05: Samanta (em referência à unidade nº 4)

O discurso do sujeito

Samanta: A mulher pensa mais na família, nos filhos, no lar! Mas não são todas, tem aquelas exceções. Mas de uma maneira geral, a mulher pensa mais. E o homem já pensa mais em si. É mais egoista! Se dá o direito de um monte de coisas que não dá à mulher. O homem pode muito e a mulher, de um modo geral ainda é muito limitada, discriminada, apesar de todas as conquistas. Mas o pior é que muitas ainda aceitam! A gente ouve muitas mulheres ainda falarem: "Não! Mas ele é homem!" Ele se dá o direito e infelizmente, algumas mulheres ainda concordam com isso: "Não! É porque ele é homem!" Infelizmente, as próprias mulheres, muitas delas ainda assinam embaixo. Eu não concordo com isso. Eu brigo até! (Riso) Dependendo do assunto, eu chego a brigar, sabe? Puxa vida! A própria mulher delegando esses direitos a eles, né? Elas deveriam estar lutando para que fosse exatamente o contrário! Então, o homem é colocado muito como o todo... ele se vê! E muitas mulheres ainda, infelizmente, não honram a classe! O homem é muito unido. Ele faz uma sem-vergonhice, o outro acoberta! E a mulher parece que não, adora crucificar a outra por qualquer coisinha!

Lucélia: Existe uma rivalidade maior entre as mulheres? Uma competição?

Samanta: Isso! Isso! E um preconceito, né? Aquela que quer fugir um pouquinho dos padrões sofre preconceito das próprias mulheres. Dependendo daquilo que acontece, as outras caem de pau em cima! Como se ao homem fosse permitido tudo e à mulher, nada! "Ah! Mas ele pode porque ele é homem!" E essa cumplicidade que existe entre os homens, não existe entre as mulheres!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Pensando nas diferenças entre o modo de funcionamento do homem e da mulher, o sujeito ressalta que de uma maneira geral a mulher se preocupa mais com a família, com os filhos e o próprio lar, apesar de haverem lá suas exceções. O homem já pensa mais em si mesmo, "é mais egoísta," diz ela, alegando que a posição de domínio que lhe foi outorgada pelo meio exterior é introjetada, e retroalimentada por ele próprio quando se vê e se sente como o "todo poderoso." Além disso, arbitrariamente se dá o direito de muitas coisas que são negadas à mulher, a qual fica relegada a uma posição de inferioridade e sujeição. Parece que informalmente existe uma 'lei' (mandato), onde para o homem tudo é permitido e à mulher, nada, observa Samanta indignada. "O homem pode muito," diz ela, e ainda goza de privilégios especiais pelo simples fato de ser homem. "Ah! Mas ele pode porque ele é homem!" é tal como se costuma justificar socialmente as prerrogativas do sexo masculino, como se pertencesse a uma categoria de seres especiais e super-dotados, inclusive na visão do próprio sexo feminino. Contudo, muitas mulheres apesar de estarem numa condição desprivilegiada, terem suas vidas limitadas e serem ainda discriminadas muito embora suas conquistas, apesar de tudo

isso, endossam essa concepção ideológica machista das relações, corroborando "infelizmente" a condição de sujeição e discriminação de que o seu próprio sexo é vítima. Elas "não honram a classe!" assevera Samanta.

O sujeito ressalta, todavia, que não está de acordo com esta postura. O seu posicionamento pessoal é de 'brigar' para fazer valer os seus direitos. Ela parece novamente sentir-se indignada pelo fato das próprias mulheres estarem delegando esses direitos e sendo tão indulgentes com os homens, quando deveriam estar lutando para que fosse exatamente o contrário. Observa-se que apesar disso não haver sido verbalizado explicitamente, o sujeito está abordando informalmente temas e questões específicas da bandeira feminista. Além disso, depreende-se nas entrelinhas do seu discurso, um certo ressentimento dirigido aos homens e também às mulheres. Aos homens, que, com a presunção de quem pertence a uma casta de seres superiores, se arvoraram um 'lugar de poder,' assenhoreando-se dele na qualidade de 'senhores da terra' como se este de fato lhes pertencesse por direito de nascença (quando na realidade, eles são profundamente dependentes da figura feminina, que, se não é a mãe, é a própria mulher); às mulheres, que, por serem tão desunidas, desleais e infiéis ao seu próprio sexo, e até por terem se deixado seduzir por esta ordem masculina de mundo, não se identificam com a visão feminina do mundo (mesmo porque o 'terreno' do feminino não tem uma forma muito definida, é lodoso, obscuro e acidentado), e tomam artificialmente como suas, bandeiras que não lhes pertencem.

Enquanto as mulheres competem entre si, e não "honram a classe," os homens, ao contrário, são muito unidos, observa o sujeito. Assim, se um homem faz uma "sem-vergonhice," o outro acoberta, enquanto a mulher "adora crucificar a outra por qualquer coisinha," compara Samanta. Além dessa rivalidade e competição entre as próprias mulheres, existe também preconceito, agressividade e menosprezo por parte delas próprias para com aquela que ousa fugir dos padrões.

O enfoque de Samanta também é voltado para os atributos masculinos e femininos definidos a partir do atrito com o grupo social e seu próprio código de valores; ela não focaliza, pois, características intrínsecas da psique masculina e feminina.



⇒ Caso nº 06: Aline (em referência à unidade nº 4)

O discurso do sujeito

Aline: Eu acho que hoje a gente está vivendo uma fase muito boa, mas ao mesmo tempo muito confusa! Acho que tanto para o homem, quanto para a mulher, né? A questão da sexualidade que foi reprimida e... acho que hoje, a gente está tentando achar... "O que eu vou ser? Como eu vou viver essa sexualidade?" Eu acho que é uma coisa que ainda traz culpa! A coisa de estar vivendo a sexualidade. A gente ainda está num momento, acho que de indecisão. E o homem, eu acho que ele está mais perdido ainda! A mulher totalmente diferente da mulher de que ele foi educado, e dos comportamentos que ele teria de cumprir. Então hoje, acho que a mulher está mais ativa, mais cobrando. E eu acho que tem um ranço de uma educação muito forte ainda, de provedor... do machão que não chora! Alguns... você ainda encontra homens sensíveis, que choram, mas que ao mesmo tempo se sentem culpados porque estão chorando. Então eu acho que está uma dificuldade de identificação de papéis! Mas eu tenho a impressão, de que a gente está vivendo um momento muito bonito também, quer dizer, de dificuldades, mas eu acho que muito rico!

Lucélia: Sobretudo é um momento de mudança?

Aline: Eu acho! Um momento muito bom de mudança, de reestruturação! Quer dizer, eu acho que a mulher hoje, ela já se encontrou profissionalmente. Antes, a gente acabava sendo aquela mulher que ficava em casa, por conta de atender sexualmente o marido. Então, hoje não! Quer dizer, hoje ela tem vários papéis a cumprir. Hoje ela não é uma mulher que... tipo assim, que está em casa de perna aberta para o marido! Quer dizer, ela impõe, ou ela quer ou ela não quer. Eu acho que ela está cobrando mais uma sensualidade. Eu vejo às vezes minha mãe, minha avó, e eu fico imaginando se elas falavam sobre sexo, se elas diziam quando estavam tendo prazer, ou quando não estavam tendo prazer! Então eu acho que hoje, as mulheres estão buscando isso. Eu acho que buscar isso assusta os homens. Chama um pouco... perturba um pouquinho a masculinidade deles. Eles acham que elas nunca podem questionar! Mas hoje também se encontra homens mais sensíveis, que você pode falar: "Olha! A gente está com problema na nossa vida sexual!" E o cara não vai se sentir desestruturado. Acho que para as mulheres é um espaço mais difícil de ser conquistado. É sofrido! Mas eu acho que a gente já caminhou bastante. Eu sinto que a gente está, tipo assim... saindo de uma década de repressão. Teve aquele período de sessenta, tal, que a gente teve a liberdade, que foi aquela liberdade total! Antes era repressão, liberdade total, acho que agora que está aquele momento assim de... "E agora? O que a gente faz? Tem AIDS aí! O que a gente faz?"

Lucélia: Você quer dizer que partiu-se de dois extremos, a repressão e a liberdade total, e agora as pessoas estão tentando 'se achar' no caminho do meio? É isso?

Aline: É! Tipo assim, de buscar o que a gente vai ser agora. Como é que a gente vai atuar agora com a AIDS aí. Então, eu acho que a gente está num caminho de se achar. Mas está um momento que está tanto homem e mulher, um pouco indeciso. O homem hoje, ele acha que a mulher está pegando o espaço de trabalho. Antes era o homem que era o provedor, hoje não é mais. Em algumas casas, quem faz isso é a mulher. Acho que acaba o homem se percebendo frágil. Que ele pode ser frágil! Que ele pode chorar! Mas que ainda é uma coisa bem complicada! E a mulher, ela está se vendo muito nesse papel de às vezes no lugar, em alguns casos, até de provedora mesmo. Mas que eu acho que ela está conquistando espaços, tanto profissional e sexual... Mas eu acho que agora que ela está começando a soltar um pouco as amarras, a subir, a cavar... "A hora não é bem por aí! O meu espaço é esse!" Eu fico fazendo muita comparação com a minha avó e minha mãe. Eu tenho impressão que elas nunca colocaram limite! Eu as vejo extremamente submissas! É o que ele falava: "- Olha! É isso!" "- É isso!" Então, hoje, acho que a mulher não está prá aceitar o: "- Olha! é isso!" "- Não! Pode ser isso! Mas também pode ser isso!" Quer dizer, eu acho que ela está negociando mais o relacionamento... eu vejo um período muito bom de companheirismo mesmo! Eu acho que não existia essa coisa de companheirismo. Eu acho que se a mulher não está vendo a relação como boa, eu acho que ela está saindo fora. Ela está buscando... "Olha não está me agradando! Isso está bom! Isto não está bom!" Acho que ela está se posicionando mais. Graças a Deus!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito considera que se está vivendo na sociedade uma "fase muito boa," isto é, profícua em termos de mudanças, mas ao mesmo tempo confusa para ambos os sexos. A questão da sexualidade que foi reprimida e que se está tentando resgatar e reaprender a vivenciá-la, continua sendo um foco de conflito, pois segundo ela ainda provoca intensos sentimentos de culpa. O momento sobretudo é de indecisão, pois ante a nova mulher que está surgindo, o homem ainda está muito "perdido." A mulher de hoje é diferente daquela da época em que este foi educado, assegura Aline; ela está reivindicando novos espaços na sociedade e na relação, ela está mais ativa e mais exigente. Além disso, o homem ainda precisa lidar com um ranço muito forte de uma educação patriarcal, onde papéis e atitudes já estão previamente definidos: dele espera-se que seja o provedor, "o machão que não chora." Todavia, em meio a este renitente direcionamento visando preservar esquemas conservadores nas relações de gênero, observa-se homens sensíveis capazes de chorar, mas que ao mesmo tempo se sentem culpados por não conseguirem corresponder ao mandato para serem "machões," o qual confere identidade e unidade à classe. Paralisados nessa incômoda zona intermediária, onde nem bem se assume uma postura nem a outra, experimentam dificuldades provenientes de ambigüidades e conflitos, que resultam em confusão no exercício do papel de homem.

Apesar disso, o sujeito reitera que este é um "momento muito rico" e fértil em termos de mudança e reestruturação de uma nova ordem nas relações de gênero. Aline acredita que hoje a mulher "já se encontrou profissionalmente." Antes a questão do trabalho feminino fora de casa era irrelevante, pois enquanto permanecia em casa a prioridade era atender sexualmente o marido. Hoje a mulher tem vários papéis a cumprir. Ela aprendeu a impor a sua vontade, e está cobrando uma sensualidade maior que amplia as fronteiras do relacionamento sexual. Assim, está paulatinamente se desvencilhando de suas amarras, e começando a 'subir' e a 'cavar' no contexto em que vive, redefinindo e legitimando seus espaços recém-conquistados. Hoje, mais auto-confiante, ao invés de acatar passiva e subservientemente a opinião do companheiro, ela pondera e oferece outras leituras da realidade. Aline entende que as mulheres estão negociando mais seus

relacionamentos, o que provavelmente fomenta relações mais igualitárias, que possibilitam cultivar um companheirismo antes inexistente. Neste quadro a mulher também está se posicionando mais, colocando explicitamente e com assertividade "o que está bom para ela e o que não está bom." Se ela não está vendo a relação como gratificante e promovedora do crescimento, então está se separando.

O sujeito reporta-se à geração de sua mãe e de sua avó, que qualifica como um tipo de mulheres "extremamente submissas," para ressaltar estas mudanças. Supostamente as mesmas não falavam sobre sexo com seus maridos, muito menos se estavam ou não sentindo prazer; o que era decidido por eles era acatado passivamente. As mulheres da atualidade estão buscando o prazer com determinação, postura que segundo Aline "assusta os homens" porque lhes foi incutido que elas não podem questioná-los, visto que a sua posição de 'machos' é tida como inabalável. Todavia, os já citados "homens sensíveis" aceitam discutir problemas e dificuldades na vida sexual, e não se sentem desestruturados ou ameaçados na sua virilidade por isso.

O sujeito assevera que para as mulheres este é um espaço difícil de ser conquistado, observando que a repressão sexual esteve presente por um longo período na história da humanidade. Entretanto, na década de sessenta partiu-se para o extremo oposto, obedecendo ao mandato da "liberdade total." Por sua vez, o momento atual é de indefinição e incerteza, as pessoas estão se questionando sobre o que fazer com a sua sexualidade, principalmente considerando o impacto da AIDS hoje em todo o mundo, que mudou os "usos e costumes" na alcova, os hábitos e práticas sexuais.

Assim, ambos os sexos parecem estar à procura do "caminho do meio" e de redefinir novos parâmetros sobre 'o que é ser homem' e 'o que é ser mulher.' "O que a gente vai ser agora?" (Qual vai ser a nossa identidade?) É a pergunta que se impõe. Homens e mulheres estão indecisos, "tentando se achar," diz Aline. Nesses novos tempos o homem parece estar se sentindo ameaçado pelo fato da mulher estar ocupando espaços no trabalho, que ele supostamente julgava lhe pertencerem. Se antes o papel de provedor era um *a priori* e o definia enquanto homem, hoje a configuração dos papéis já não é mais tão bem demarcada. Enquanto o homem está tomando consciência da sua fragilidade, está percebendo que ele pode ser frágil, e até chorar, a mulher está

assumindo o papel de provedora e tem conquistado novos espaços tanto na vida profissional quanto na sexual. O fato dos papéis não serem fixos e estanques, mas intercambiáveis torna um pouco complicado lidar com as novas demandas que se insurgem, o que em última instância leva não só a uma reestruturação de papéis de homem e mulher, como também deixa marcas profundas na identidade de cada um.

Não é possível, pois, atribuir ao homem e à mulher características fixas e estáveis, pois o momento é de mudança e de reestruturação de papéis. A pergunta "O que a gente vai ser agora?" demonstra que novas identidades de gênero estão sendo engendradas, mas que há uma incerteza muito grande sobre os conteúdos destas identidades, resultando em contradições e ambigüidades no exercício dos papéis de homem e mulher.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso n° 07: Letícia (em referência à unidade n° 4)

O discurso do sujeito

Letícia: Olha! Ser homem prá mim é ser forte! Porque eu acho que isso é uma fortaleza emocional, assim, não se envolver. Eu acho a mulher frágil, sem identidade mesmo... não! Sem a identidade própria que o homem tem. O homem tem a dele: "Não! É isso! É isso! E acabou! Eu vou lá, transo com você, vou embora e fim! Lavei o meu pênis e eu estou limpo! Você não!" Sabe? O homem ainda continua com esse pensamento. Não sei se todos, mas uma parte com quem eu convivo. Então, essa força deles de não se envolver com a gente, sabe? De transar, de dar prazer prá mulher, de fazer a mulher parar toda frágil, e nós não temos isso. A gente se deixa levar muito na conversa, como diz o outro! Não é bem na conversa, naqueles carinhos, naquelas coisas! Você acha que o homem está se entregando e ele não está. Então eu admiro isso no homem. Eu gostaria de ser assim também!

Lucélia: Então você estabeleceu aí dois parâmetros bastante opostos: um é forte, e o outro se fragiliza à medida que se envolve. Haveria mais alguma coisa sobre os atributos de cada um?

Letícia: Olha! Eu sempre passo assim, em bares, botecos, e vejo aquele monte de homem tomando cerveja. Mas só homens! Eles se adoram, né? Eles estão sempre juntos, você vê tanto no futebol, aquele monte de homem, eles estão felizes e realizados. Aí, você passa e vê um homem e uma mulher, casados. Ela segurando no braço dele. Estão andando na rua! Aí, você olha a cara do homem, ele está com uma cara assim... amarrada. Parece que ele está sendo levado para o... sei lá prá onde! É isso o que eu noto. Enquanto homem com homem, eles se identificam muito, eles se protegem muito. Os homens são muito assim, entre eles, honestos! A mulher não! A mulher, ela é diferente! Eu noto isso algumas vezes. Quando eu ia no "Blue" (bar), eu chegava lá, assim que dois, três, quatro homens, vinham ficar comigo, conversar, a mulherada toda olhava com cara feia prá mim! Sabe? Sempre aconteceu isso! Não se une! Os homens não!

Eles se unem até prá 'comer' a mesma mulher, entendeu? Tipo assim, olha: "Você vai! Depois eu vou!" E acontece! Eu não consigo chegar a um final disso... do que é isso, por que é isso. Mas você pode notar, que você sai por aí assim, à noite, ou mesmo à tardezinha, na hora do "happy hour," vai ver como eles estão entre eles lá: rindo, soltos, descontraídos! E se você vê uma mesa de mulher, não é assim. Elas estão sempre contando os problemas dos homens! Quando eu saio com um monte de amigas, elas só falam de homens! Falar de um ou outro assunto é muito difícil. E eles não têm isso! Eles falam de economia, xingam o governo, falam do problema do emprego. Eles são super divertidos! A mulherada não! A mulherada, ou reclama da empregada... ou reclama da profissão, ou reclama de não sei o quê!

Lucélia: É outro universo?

Letícia: É outro universo! Exatamente! É um universo completamente oposto! Quer dizer, ela não se identifica assim, como eles, né? Não pega a bandeira do feminismo. Tipo assim: "Eu sou uma mulher! Pôxa! Tenho o meu trabalho, eu vou me aprimorar!" Então, eu me sinto perdida, por isso que eu ando muito sozinha. Porque eu não gosto muito desse negócio, entendeu? Parece que a mulher não tem nada dela prá dar! Eu sinto falta de outros papos sem ser homem. Eu vivo sem homem. Muito bem! Quer dizer, estaria bem também se estivesse com um companheiro, mas prá porcaria, fico sozinha! Agora, as minhas amigas assim, elas... se sentem infelizes! Tem um cara. Às vezes o cara deixa de vir um dia, liga: "Oh! Vou trabalhar!' (Porque é um domingo, né) 'Tenho que fazer uma viagem, e não sei o quê..." Aí, elas ligam prá mim: "Ah, Letícia! Você acha? Domingo! Imagina se ele foi trabalhar! Ele deve ter saído com outra!" Então, eu falo: "Olha! Interessa o que ele foi fazer? Não interessa! Por que você está aí desse jeito? Será que você não é ninguém sem ele? Vai fazer um passeio! Vai..." Sei lá! Eu estou meio perdida, sabe, nesse universo aí... especialmente, porque eu tinha um valor de família, de continuidade do casamento. Eu não pretendia me separar! Eu não consegui descobrir o homem ideal, ainda. Nem sei se ele existe!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Letícia usa o atributo da 'força' para definir o homem. Todavia, sua concepção de força refere-se ao comportamento masculino de não se envolver emocionalmente com a parceira. Em contrapartida a mulher para si é "frágil e sem identidade," sendo que reconsidera logo a seguir, dizendo: "Sem a identidade própria que o homem tem." O sujeito está se referindo aqui ao comportamento masculino de definir, de impor sua vontade, e de sair incólume das situações como se nada houvesse acontecido: "É isso! É isso! E acabou! Eu transo com você, vou embora e fim! Lavei o meu pênis e estou limpo!" O fato do homem dar prazer à mulher e fazê-la chegar ao orgasmo, faz com que aquela muitas vezes acredite que ele "está se entregando," quando na verdade não está. O sujeito afirma que a mulher se deixa levar muitas vezes pelos carinhos do homem, e acaba acreditando naquilo que ela gostaria de acreditar.

Letícia tem o hábito de freqüentar barzinhos, local que facilita a observação de grupos de homens e grupos de mulheres, ressaltando suas diferenças de comportamento. De um lado está "aquele monte de homens" tomando cerveja, e parece que "eles se adoram," diz ela. Eles estão sempre juntos, seja em jogos de futebol ou

algum outro evento; em qualquer situação parecem "felizes e realizados." Ou seja, do ponto de vista do sujeito, os homens desenvolveram uma forte identidade enquanto classe ou grupo (masculino), o que lhes valeu uma grande cumplicidade, a qual festejam ritualística e simbolicamente quando se reúnem, procedimento que lhes proporciona grande prazer. Por outro lado, ao observar casais, Letícia nota que o homem está de "cara amarrada," parecendo estar ali a contragosto e sem aquele prazer que experimenta estando entre seus iguais.

O sujeito reitera que além de se identificarem enquanto grupo, os homens se protegem mutuamente, acobertam as trapaças um do outro, e são também muito honestos entre si, ou seja, são cúmplices de uma rede que mantém resguardados os segredos e as especificidades da classe masculina, garantindo assim a sua supremacia dentro de uma ordem machista reinante. Esta cumplicidade vai até o ponto extremo de se unirem para "comer a mesma mulher," ressalta o sujeito. Letícia não consegue compreender com clareza este comportamento masculino, sua conceituação e suas causas. Todavia suas observações são por demais evidentes e flagrantes: "É só sair no final da tarde e ver como eles estão entre si: rindo, soltos, descontraídos."

Por sua vez as mulheres não se unem. Cada uma vê a outra como uma rival e uma concorrente na obtenção da atenção e do amor dos homens. Enquanto os homens se reúnem para falar de economia, de problemas no emprego, e para 'xingar' o governo, o tema preferido das conversas entre as mulheres converge quase exclusivamente para seus problemas com os homens. Enquanto aqueles formam um grupo muito divertido, estas estão sempre reclamando: se não é da empregada, é da profissão, ou de qualquer outra coisa, afirma o sujeito.

Esta atitude das mulheres entre si e em relação aos homens talvez se justifique pela posição privilegiada que estes últimos ocupam na sociedade, que os torna 'esnobes' objetos de desejo das mulheres, e pelo fato de que o universo masculino não se restringe ao mundo dos afetos, mas ao mundo físico-concreto, enquanto a mulher tem na sua vida afetiva, seu motor de ação por excelência.

Continuando, Letícia reitera que os 'modos de ser' masculino e feminino remetem a universos completamente opostos, sendo que ela não se identifica com o jeito

feminino de ser, o que a leva a sentir-se muitas vezes "perdida" em meio a estes referenciais. Na sua concepção as mulheres "não pegam a bandeira do feminismo," isto é, elas não se assumem enquanto um grupo que tem uma identidade e especificidades próprias, ou como alguém que tem a sua própria vida, o seu trabalho, podendo nele se aprimorar, e direcionar aí a sua energia. Assim, Letícia assevera que quando as mulheres se reúnem para falar compulsivamente dos homens, elas estão demonstrando que "não têm nada de si prá dar," de forma que ela prefere muitas vezes sair sozinha, por não se identificar com esta conduta.

Se o companheiro não vem naquele final de semana porque foi fazer uma viagem de trabalho, ao invés de ficar se corroendo em dúvidas acerca da fidelidade dele, seria mais interessante pensar também num programa para si. É o que propõe a uma amiga, ao mesmo tempo que a questiona: "Será que você não é ninguém sem ele?" Com isto, o sujeito está enfatizando a importância da mulher ter uma existência própria, e uma vida independente da do homem, de forma que este deixe de ser o centro de suas preocupações. O sujeito afirma que escolheu "viver sem homem" a manter um relacionamento com um parceiro desqualificado. As mulheres em geral, todavia, parece que se sentem infelizes quando não têm um parceiro do lado, diz ela.

Letícia conclui reiterando que "está meio perdida" nesse universo feminino. Especialmente porque os seus valores passam pela manutenção da família, e prevêem a continuidade do casamento (possivelmente ela preferiria pertencer a um grupo familiar bem estruturado, bem diferente deste grupo de mulheres insatisfeitas e queixosas). Ela afirma que, na verdade, não pretendia se separar, e declara que até o momento não conseguiu descobrir o homem ideal: "Nem sei se ele existe!" observa.

⇒ Caso nº 09: Ivone (em referência à unidade nº 4)

O discurso do sujeito

Ivone: Ah! Eu acho que ser mulher é saber ser doce, sabe? É saber ser compreensiva! É saber mesmo tomando as decisões assim, das coisas mais importantes, mas é deixar o outro achar que as coisas mais importantes, quem decide é ele. Eu deixo ele pensar que ele é quem está decidindo, entendeu? Mas assim, dou a minha opinião, como quem não quer nada, mas querendo. Sabe como é? Eu faço isso. Eu valorizo ele também! Valorizo bastante nesse ponto. "Ah! O que você acha de tal coisa? Você acha que vai fazer isso?"

Lucélia: Então você está falando assim, que ser mulher é agir com astúcia?

Ivone: É ser sábia! Igual eu falo: "A mulher sábia edifica o lar! A tola destrói!" Então, eu acho que tem que ter sabedoria, sabe? Porque o homem tem que ser homem! No fundo, no fundo, ele é o lado forte! Ele é o homem! (Ênfase) Eu acho que a mulher não nasceu prá ficar debaixo dos pés do homem, mas sim do lado dele, entendeu? Porque muitos homens já apelam prá o machismo e aí eles humilham a mulher, pisam. Eles não vêem que a mulher é uma companheira, não prá ser pisada, mas prá ser valorizada, prá colocar do lado dele e os dois crescerem juntos!

Lucélia: Você está dizendo já do homem, que o 'ser homem' prá você passa pelo machismo?

Ivone: Os homens são criados machistas! E eles vêem as coisas da forma errada. É igual eu falo: tem homem que judia, que pisa. O meu já foi desse tipo de homem. Em vez de ver que se ele souber amar, se ele souber compreender, ele vai ter uma mulher do lado dele, e aí os dois vão crescer juntos! Muitos homens procuram outras mulheres na rua por quê? Não é porque o problema está com a mulher dele. É porque o problema está com ele! Em vez dele ser homem prá mulher dele, ele procura lá fora, prá se certificar se ele é macho de verdade, né? Então, eu penso que tem como mudar essa situação. Igual falam: "Se um homem ajuda a mulher..." Lógico que, a mulher não custa ajudar o homem também no trabalho dele, se ela puder. Ou ele também ir para o fogão ajudar ela, lavar uma louça, fazer uma comida de vez em quando. O meu, ele me ajuda em tudo hoje. Se a mulher tem um homem, e ela não gosta dele bigodudo, barbudo, vai lá, conversa com jeitinho e tira a barba dele, tira o bigode dele. Faz dele o homem que ela quer prá ela. Se o homem não gosta de tomar banho, vai com jeito. Põe ele no banheiro, dê até banho nele, mas faça dele o homem que ela quer prá ela! Tem como fazer isso. Eu fiz isso com o meu! Prá ela ter o homem que ela quer, ela vai ter que ter muita astúcia, muito jeitinho prá moldá-lo. Porque pela criação dele, ele não vai se deixar ser moldado fácil, entendeu? Uma vez, numa das primeiras consultas que eu tive, a psicóloga falou prá mim assim... "Que eu tinha que cair na realidade! Que eu não casei com um príncipe, igual eu queria. Porque o meu marido era um alcoólatra, era um doente!" Sabe? Eu saí, mas chorando aquele dia, sabe? Eu fiquei com aquilo engasgado. Eu falei: "Meu Deus! Porque não é o que eu queria?" Fiquei pensando muito naquilo. Isso, já faz uns pares de anos. Agora, hoje, no fundo, no fundo, com tudo o que aconteceu, hoje meu marido deixou de ser aquele sapo feio! Hoje, ele é um príncipe... ele é bonito em tudo. Ele mudou o jeito de se comportar, o jeito de se vestir, o jeito de lidar com as outras pessoas, o jeito de dentro de casa! Então eu acho que a mulher tem que ceder o lado prá o homem ser o marido, ser o homem mesmo da casa. E ele também tem que dar o lado da mulher na casa prá ser a companheira, ser a dona-de-casa, ser a participante dele em tudo! Ela vai desempenhar o papel dela de mulher e ele o de homem, mas não no lado ruim da coisa. É colaborando ela com ele, e ele com ela que fica um conjunto! Porque senão, vai continuar o homem sendo só ele, ele é dono de tudo, ele pode tudo, e ela continua sendo pequenininha e não ter chance de ser uma mulher, uma pessoa participante na vida dele.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Para o sujeito ser mulher é saber ser doce e compreensiva. É também agir com astúcia, pois mesmo tomando as decisões mais importantes, ela deve deixar que o companheiro pense que é ele quem está decidindo, isto é, ela deve se colocar numa posição secundária na hierarquia do lar para lisonjeá-lo. Ivone relata que faz isto com seu marido, e emite a sua opinião "como quem não quer nada, mas querendo." No seu entender este é um procedimento de valorização do companheiro, mas que na verdade é a mulher quem comanda através de seu poder subreptício.

Com isto Ivone pressupõe estar usando de sabedoria, pois acredita que "a mulher sábia edifica o lar, e a tola destrói," diz ela. O sujeito explica que a mulher deve ter sabedoria para permitir que o homem desempenhe o papel que tradicionalmente lhe foi designado: "O homem tem que ser o homem," ou seja, ele é o lado forte, diz ela. Se por um lado a mulher não deve disputar o lugar que é do homem, por outro lado, ela tão pouco deve se sujeitar a ele, mas se colocar ao seu lado em igualdade de condições. Muitos homens agem de forma irracional, pois ainda apelam para o machismo, a base de sua educação, subjugando e menosprezando a mulher.

Ao invés de maltratá-la e humilhá-la, o sujeito pondera que se soubessem amá-la e compreendê-la, valorizando-a e colocando-a ao seu lado em igualdade de condições, eles teriam então uma companheira, e ambos poderiam crescer juntos e tomar decisões em conjunto. Ivone ressalta que muitos homens procuram relacionamentos extra-conjugais não porque haja algum problema com a esposa, mas porque necessitam se certificar de que "são machos de verdade," testando desta forma a eficácia de sua virilidade (ou seja, o problema está com eles próprios).

O sujeito acredita que é possível mudar essa situação, cada um "vendo o outro lado," isto é, colocando-se no papel do outro, e colaborando mutuamente no exercício de suas funções, na medida de suas possibilidades. Assim, o homem deve e pode ajudar no preparo das refeições (ou ele mesmo fazer isto sozinho ocasionalmente), lavar a louça. Ivone levou seu marido a colaborar com ela executando tais tarefas. O sujeito acentua que se a mulher não gosta de alguma coisa no "seu homem," ela deve conversar com "jeitinho" (agir de forma doce e sedutora) e conseguir por exemplo, que

ele tire a barba ou o bigode, ou mesmo até dar-lhe um banho, se ele não gosta de tomar banho. Mas fazer dele "o homem que ela quer prá ela."

Ivone enfatiza que para a mulher ter o homem que deseja, ela vai ter que usar de muita astúcia e "jeitinho" para poder "moldá-lo," pois devido à sua criação machista ele não vai se deixar moldar facilmente (isto envolve o medo de ser dominado e a virtual ameça da perda sua virilidade). Ivone relata que uma vez em consulta com a psicóloga, ouviu desta que deveria tomar consciência de sua realidade, visto que não havia se casado com um príncipe tal como desejava e havia sonhado, pois o seu marido era um alcoólatra, um "doente." Foi um choque ouvir isto, e levou algum tempo para que ela pudesse elaborar estes conteúdos, e assumisse o controle da situação. Hoje, todavia, seu marido deixou de ser aquele "sapo feio" e se tornou de fato o príncipe que tanto desejava: ele mudou o jeito de se comportar, o jeito de se vestir, a forma de se relacionar com as outras pessoas. E isto se deve a todos os fatos que ocorreram, nos quais ela teve uma participação direta e ativa (ver a 3ª UT: conflitos do relacionamento).

Segundo Ivone a mulher deve "ceder o lado" para o homem ser o marido, ser "o homem" em casa (ou seja, não competir com ele pelo poder no lar) e, por sua vez, o homem deve "dar o lado" da mulher na casa, para que ela possa ocupar seu lugar como dona-de-casa e ser também sua companheira e participante nos programas e decisões. Assim cada qual deve desempenhar o seu papel, mas fazer isto de uma forma harmoniosa, sem que um venha a subjugar o outro ou competir pelo poder na relação. O homem não precisa ser estúpido ou machista para ser homem, pois não é deixando de colaborar com a mulher que ele vai confirmar sua virilidade. Pelo contrário, é somente através da mútua colaboração que se forma um conjunto, uma totalidade. Se não for assim, reproduzir-se-ão os padrões antigos, o homem continuará sendo o solitário "dono de tudo," aquele que tudo pode, e a mulher sem poder continuará "pequenininha," sem a chance de uma participação ativa na vida de seu marido, diz Ivone.

Em suma, as diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher não são fixas e estáveis, mas podem mudar a partir do momento que a mulher decide usar as suas armas: astúcia, sabedoria, inteligência, sedução e "jeitinho de não querer querendo." Com isto pode-se recriar o velho "script," onde o homem antes machista e dono de tudo,

passa a ser gentil, afetiva e sedutoramente manipulado pela mulher, sem que disso se aperceba.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 11: Vitória (em referência à unidade nº 4)

O discurso do sujeito

Vitória: Bom! Na minha cabeça, no geral, a mulher é mais carinhosa, mais meiga, mais... assim, mais como um bibelô! O homem já é mais grosseiro! Isso é do homem.

Lucélia: Quando você diz que é do homem, você está dizendo assim, que é da natureza do homem?

Vitória: É! É da natureza porque ele também é educado assim! Isso daí, nós não vamos mudar hoje, nem amanhã, não é Lucélia? Talvez um dia! Já mudou bastante coisa, mas um dia talvez mude mais. Mas o homem, geralmente é educado assim, com mais grosseria pelo pai. Não assim, maltratado! Não é isso o que eu estou falando. Mas assim, mais grosseiro porque é homem, tem que ser macho, né? E mulher não! Mulher já é educada diferente. Com mais carinho, com mais mimo! É outra coisa! E eu acho que isso gera um choque para os dois.

Lucélia: Quando se encontram?

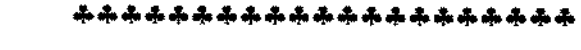
Vitória: É! Muitas vezes sim! Porque a mulher gostaria que o homem fosse mais carinhoso, mais meigo. E prá ele, isso é deixar de ser homem! Deixar de ser macho. Ele tem que ser macho daquele jeito. Então, isso aí gera um choque entre os dois. Porque às vezes, é difícil, as idéias do homem com as idéias da mulher. Porque mesmo com a educação dos filhos, Lucélia, a mãe sempre é muito mais meiga e carinhosa com os filhos. O pai já não. No geral, o pai já é mais grosseiro. E acha que a mãe está mimando demais o filho, essas coisas. Então, é assim, a característica do homem em si e da mulher, muitas vezes chega a ser um problema prático para o relacionamento. Se a gente não tiver bastante maturidade de entender isso, essas diferenças... Porque homem é homem, mulher é mulher! Existe diferença! Então fica meio complicado!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito qualifica a mulher como mais carinhosa e mais meiga que o homem, e a compara a um "bibelô," o que traduz não só a idéia de extrema fragilidade, como também de peça de ornamentação, incapaz de pensar e agir por si mesma (bem diferente do tipo de mulher ativa e determinada que é Vitória, o que faz supor que ela tenha se inspirado no estereótipo). O homem é considerado pelo sujeito como sendo mais grosseiro, afirmando que esta característica é específica deste, como se fosse esta a sua natureza. Inquirida a respeito disso, ela afirma: "É da natureza porque ele também é

educado assim!" Ou seja, a educação imprime marcas tão profundas e indeléveis, que já se tornou a própria natureza do homem. Vitória explica: "São coisas que não se mudam hoje nem amanhã. Já mudou bastante coisa, mas um dia talvez mude mais!" Isto é, parecem ser conceitos e padrões cujas raízes remontam há milênios, e a perspectiva de mudança é muito distante e remota.

O sujeito explica que o menino é educado pelo pai usando de mais "grosseria." Não que seja maltratado, mas ele precisa ser mais grosseiro porque se trata de um "filho-homem," porque "tem que ser macho." A mulher já é educada diferentemente: com mais carinho e mais mimo. Isso gera um choque para ambos quando se encontram. A mulher gostaria que o homem fosse mais carinhoso, mais meigo, todavia isto para ele representa a negação de sua virilidade. O mandato de ser macho impõe que ele o seja de forma grosseira e rude. Esta diferença de expectativas propicia um conflito entre os dois. O sujeito afirma que é bastante difícil conciliar as idéias do homem com as idéias da mulher, mesmo quando se trata da educação dos filhos. Geralmente o pai é mais grosseiro. Aos seus olhos, lhe parece que a mãe está mimando demais o filho. Muitas vezes, isto se constitui num problema prático para o relacionamento. Vitória assegura que se não se considerar tais diferenças com maturidade, e puder entender que "homem é homem, mulher é mulher," então podem ocorrer conflitos e desencontros, tornando-se bastante complicado o relacionamento. Depreende-se que para o sujeito homem e mulher parecem tratar-se de duas naturezas distintas, dois extremos opostos e inconciliáveis, com expectativas e modos diferentes de sentir e ver a vida.



Síntese da 4ª UT: As diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher

Referindo-se aos estereótipos que distinguem o homem e a mulher Samanta, Paloma e Ester perfilaram todos os antigos privilégios que o homem ainda possui em nossa cultura, salientando seu caráter presunçoso, sua arrogância e seu egoísmo, e ao mesmo tempo manifestaram os mesmos sentimentos de raiva,

ressentimento e mordacidade em relação à condição de desequilíbrio e desigualdade face aos direitos que foram negados à mulher. Assim, em nossa sociedade o homem simplesmente "pode," e a mulher parece que ainda existe em função do homem. Paloma de uma forma incisiva, delineia um quadro caricaturesco dos papéis de homem e mulher, demonstrando que o 'ranço' ainda é presente e atual. Assim, ela afirma que no jogo da relação o homem é quem manda, é quem pode tudo sentir e tudo fazer. Já a mulher "não pode sentir nada," devendo anular seus desejos, suas necessidades e reprimir seus sentimentos. O sujeito acrescenta que a mulher deve dar carinho, mas não o recebe em contrapartida. Além de contribuir financeiramente em casa ela tem os encargos da dupla jornada de trabalho, para o que não conta com o auxílio do homem. O mandato para o homem é que ele "tem que ser o machão," isto é, ele pode sair com todas, é o mais "gostosão" e o mais "bonitão," diz ela. Além disso, pesam as desigualdades sociais no que se refere ao fator idade: a mulher mais velha é desvalorizada e tem dificuldade de encontrar um parceiro enquanto para o homem isto é considerado um fator de charme. Ele pode escolher as mais novas porque é o "bom do pedaço." Samanta, que qualifica o homem como "o todo-poderoso," lembra que este tem prerrogativas especiais pelo simples fato de ser homem: "Ele pode porque ele é homem!" Pior do que isso é o fato de que muitas mulheres "não honram a classe," diz ela, e endossam esta justificativa arbitrária que serve de base a uma ordem masculina de mundo, renegando as especificidades do feminino, e deixando de defender seus direitos enquanto classe. Assim, enquanto há uma cumplicidade muito grande entre os homens acobertando a "safadeza" do outro, as mulheres rivalizam entre si.

Ester reiterou o fato de que os homens são "machistas, mandões, egoístas" (atributos esses que se devem à educação que receberam) sendo que para as mulheres o quadro é mais heterogêneo, pois enquanto ainda há aquelas que são muito submissas (e que se ocupam do lar e das tarefas domésticas), outras estão invertendo o papel com os homens. Ester observa que estas últimas estão se masculinizando e esquecendo de sua feminilidade, e admite que ela própria por não ter se sentido aceita em sua feminilidade reprimiu "sua mulher" e adotou uma *persona* masculina para se sentir mais forte no

mundo. Na sua concepção, os sexos parecem estar competindo na tentativa de provar alguma coisa um para o outro.

Laura e Verônica enfatizaram especialmente os privilégios da classe masculina, dos quais se ressentem explicitamente. A primeira referiu-se ao fato de que o homem é privilegiado duplamente: tanto no nível social quanto biologicamente. Assim, enquanto o caminho na sociedade para o homem já está aberto, a mulher precisa ir abrindo o seu por seus próprios esforços. Laura cita o climatério, experiência que para ela tem sido bastante penosa, como um dos fatos biológicos e uma sobrecarga que incide sobre a mulher, de que o homem está isento. Também Verônica afirma que para o homem a vida "é mais fácil." Assim, quando o mesmo está com problemas procura a companhia de outros homens, de preferência em um barzinho onde possa relaxar e ter o seu lazer. Enquanto isso, a mulher fica mais sozinha, principalmente aquelas de sua geração. Verônica faz uma crítica mordaz aos privilégios da classe masculina dizendo que gostaria de "ser homem por três dias" com a evidente intenção de desforra, quando então poderia fazer algumas coisas que são típicas do comportamento masculino: "Coçar o saco o dia inteiro," entrar no bar e "fazer tudo o que tem direito," e "cantar" todas as mulheres, transando com quem se lhe aprouver. Verônica observa que os homens sempre tiveram mais liberdade que a mulher. Isto é assim "desde o começo do mundo," afirma. Referindo-se ao mito bíblico, ela sugere ainda que Deus quando criou a mulher deveria ter se inspirado no Adão por inteiro, e "não em uma costelinha," tentando compensar desta forma a inferioridade social da mulher.

Esta tendência de mandatos tão pertinazes resultando em muito pouca liberdade de ação para o exercício do papel se opõe àquela apresentada por Aline, que enfatiza a fase de grandes mudanças e ambigüidades pelas quais atravessam as relações de gênero, fato que é encarado por ela de forma bem mais promissora e com menos 'ranço.' A seu ver, as mulheres de hoje, além de ter definida sua vida profissional, estão mais reivindicativas e mais exigentes no relacionamento, ao mesmo tempo em que estão se desvencilhando de suas amarras, e redefinindo e legitimando seus espaços recém-conquistados. Além disso, elas estão cobrando do parceiro uma vida sexual mais excitante e buscando o prazer com determinação, postura que assusta os homens, porque

isto quebra o mandato de que eles "não podem ser questionados." Paralelamente, esquemas conservadores de uma ordem patriarcal introjetados fazem com que homens sensíves capazes de chorar, sintam-se culpados por não corresponderem ao mandato. Sem referenciais definidos, o homem experimenta um conflito e uma ambigüidade que resulta numa confusão no exercício do papel. Na dinâmica da vida-a-dois há uma compensação da unilateralidade vivida até então, pois enquanto o homem toma consciência de sua fragilidade, a mulher está assumindo o papel de provedora e ocupando espaços, tanto profissionalmente, quanto na vida sexual. Aline reitera que as mulheres estão "negociando" mais seus relacionamentos e se posicionando quanto ao que está bom e o que não está bom na relação, o que fomenta relações mais igualitárias e de companheirismo. Desta forma ambos os sexos estão à procura do 'caminho do meio' e de uma nova identidade, pois os papéis intercambiáveis tornam mais difícil lidar com as novas demandas, agora que não é mais possível atribuir ao homem e à mulher características fixas e estanques. Por isso, apesar do momento ser difícil, trata-se de uma fase profícua e fértil, onde a sexualidade ainda é o foco do conflito.

Ivone faz uma importante contribuição relativa ao poder subreptício da mulher em meio à ordem masculina reinante. Ela afirma que agindo com astúcia e utilizando seu poder de sedução, a mulher pode conseguir do homem tudo o que deseja, isto é, pode "moldá-lo" e fazer dele o homem que sempre quis. Ivone salienta que ser mulher para si é saber ser doce e compreensiva, e também deixar o companheiro pensar que ele está decidindo, quando na verdade, quem decide é ela. Assim, a mulher deve agir com sabedoria, não disputar o lugar do homem, mas se colocar ao seu lado. Em sua concepção "o homem tem que ser o homem," isto é, já existe um lugar para ele pré-determinado na sociedade há milênios e a mulher não deve se confrontar com isso. Por outro lado, também não é de bom senso para o homem maltratar a mulher, subjugá-la ou menosprezá-la. Apesar disso, muitos ainda fazem isso, apelando para o machismo ao invés de tratá-la como companheira. O sujeito assevera que é possível mudar essa situação, todavia cabe à mulher ser o agente desta transformação. Se ela não aprecia algum aspecto no parceiro, ela deve "com jeitinho, moldá-lo a seu gosto," usando dos atributos acima mencionados. Neste jogo da boa convivência, cada um deve ceder um

pouco, de forma que ambos possam desempenhar seus papéis livremente e sem competição pelo poder. E, dentro do possível, cada um tomar o papel do outro, pois é somente através da mútua colaboração que se forma um conjunto. Assim, o jeito de ser do homem e da mulher podem ser modificados quando esta última decide usar suas armas: astúcia, sabedoria, inteligência, sedução, e o jeitinho de "não querer querendo." Com isto, o homem antes machista e dono de tudo passa a ser gentil, afetiva e sedutoramente manipulado pela mulher.

Judite, Cibele e Vitória consideram como atributos da mulher a delicadeza, a vaidade, a fragilidade e a sensibilidade, qualificando-a em última instância como uma "coisa preciosa." Em contrapartida, o homem é a própria "fortaleza," e também o provedor, sendo que não pode lhe faltar capacidade para seduzir uma mulher. Vitória enfatiza o fato de que o homem é mais "grosseiro," característica que o define enquanto homem. Para Cibele, enquanto o homem é mais razão, a mulher é emoção e sensibilidade. Esta também possui maior flexibilidade na relação, enquanto aquele é quem se joga mais na vida, características que possibilitam uma harmoniosa complementaridade de opostos. Judite ilustra esta complementaridade através da imagem da peça que se encaixa com o lado oposto, ou seja, enquanto a mulher é o côncavo, o homem é o convexo, e ambos se ajustam perfeitamente no encontro de suas linhas curvas. Judite compara a mulher a uma peça de cristal, linda e valiosa, ou até mesmo a uma flor exótica como a orquídea. O homem é também uma peça especial, que deve ser alegre, extrovertido, ter um olhar "meio sem-vergonha," e o "dom" de cortejar a mulher. Vitória, ao mesmo tempo que considera a mulher mais carinhosa e meiga que o homem, também corrobora o estereótipo da fragilidade, quando compara a mulher a "um bibelô," tal como se fosse uma mera peça de ornamentação destituída de conteúdos internos, bem diferente do tipo de mulher ativa e determinada que é ela própria. Por sua vez, o homem é mais grosseiro, pois ele assim foi educado por seu pai para ser "macho." A mulher já é educada com mais carinho e mimo. Vitória considera que a educação imprime marcas tão profundas na psique que estes atributos já passaram a fazer parte da própria natureza do homem e da mulher. Por sua vez, o encontro de duas naturezas tão distintas e opostas gera um choque. A mulher gostaria que o homem fosse mais carinhoso e meigo, o que

para ele representa a negação de sua virilidade. Para ser macho ele precisa ser grosseiro e rude. Esta diferença de expectativas, estes modos tão díspares de sentir e ver a vida produz tais conflitos entre os sexos, que parece ser muito difícil atingir a complementaridade de opostos de que falavam Judite e Cibele, visto que na visão de Vitória parecem ser dois extremos aparentemente inconciliáveis.

Diana considera que o 'ser pessoa' prevalece sobre as questões de gênero, pois condensa em si o aspecto essencial do humano que iguala a todos. Após tentar encontrar uma síntese para suas contradições e digressões um tanto confusas, ela concluiu que a 'máquina do corpo' (constituição anátomo-biológica) é que determina as diferenças entre o homem e a mulher, sendo difícil reconhecer quaisquer outras. Ela nota que há uma relatividade no que se refere às diferenças psíquicas entre os sexos, pois há também homens sensíveis e tudo depende da 'pessoa envolvida.' Assim como Aline, Diana observa que o limite entre os papéis se torna difuso, pois o ser homem e o ser mulher deixou de ter parâmetros definidos e bem delimitados. Neste caso as diferenças passam a ser em termos de comportamento masculino e feminino, atributos estes que no seu entender, estariam presentes em ambos os sexos. Diana enumera alguns atributos femininos: a intuição, a sensibilidade, o gosto pela estética e pela beleza. Por outro lado o masculino é mais racional, menos emocional, "uma coisa meio bruta," o próprio peso da mão é diferente, ressalta. Lembre-se que tais atributos haviam sido apontados por Cibele e Vitória como características do homem e da mulher.

Letícia destaca que o homem não se envolve emocionalmente, enquanto a mulher sim. A seu ver, a mulher é "frágil e sem identidade," isto é, ela não tem a mesma capacidade de sair incólume das situações. A mulher acaba se deixando levar pelos carinhos do homem, e acaba acreditando naquilo que ela gostaria de acreditar, observa o sujeito. Assim como apontou Samanta, Letícia observa que os homens desenvolveram uma forte identidade enquanto grupo, o que lhes valeu uma grande cumplicidade, a qual festejam ritualística e simbolicamente quando se reúnem. Os homens também se protegem mutuamente e acobertam as trapaças um do outro. São honestos entre si, de forma que acabam formando uma sólida e espessa 'rede' que garante a supremacia masculina. Letícia corrobora o exposto por Samanta ao afirmar que as mulheres não se

unem e não se assumem enquanto um grupo que tem uma identidade própria. Cada uma vê a outra como uma rival em potencial na obtenção do amor e da atenção dos homens. Enquanto as mulheres se reúnem para falar dos homens, estes se reúnem prazerosamente para falar de economia, política e problemas com o emprego. Na ausência do parceiro as mulheres ficam perturbadas, como se não tivessem uma vida própria e não soubessem o que fazer. Letícia não se identifica com esse comportamento feminino, o que a faz se sentir "perdida" e desorientada em meio a tais referenciais. Ela afirma que não conseguiu descobrir o homem ideal, e escolheu "viver sem homem" a ter que viver com "porcaria."

Sobre essa questão do grupo e da identidade de gênero Verônica considera importante cultivar relacionamentos de amizade com pessoas do mesmo sexo, o que possibilita que ao falar de um problema pessoal ela encontre ressonância e se sinta compreendida, pois supostamente se trata de alguém que estaria vivendo questões semelhantes e teria a mesma visão das coisas, favorecendo em última instância a cumplicidade. Ela relata que não possui amigas, sendo que a única pessoa com quem pode falar sobre si é o dono do salão de beleza em que trabalha, que é "metade mulher" (homossexual), e que, portanto, estaria capacitado a entendê-la.

Enquanto Samanta acredita que a mulher se preocupa mais com a família, com os filhos e o lar, Ester considera como atributos desta a feminilidade, o carinho, a paciência, a amizade, a garra, o empenho no trabalho, e também sua "dedicação enquanto mãe." Todavia, Verônica acentua que se a mulher é "uma coisa divina feita por Deus," ser mãe, entretanto, não é sinônimo de ser mulher. O exercício do papel para ela implica em "trabalhar bonitinha, arrumadinha," e dispor de horas de lazer para estar com as amigas.

Verônica apresenta uma visão bastante heterogênea sobre a condição da mulher hoje. De maneira geral, assim como Aline, ela observa que as mulheres estão se igualando aos homens, todavia ela própria afirma que "não conseguiu chegar lá," e justifica que as coisas não estão fáceis para as mulheres de sua geração. Já, muitas de suas clientes no salão de beleza vivem uma outra realidade, pois, tendo um alto poder aquisitivo, usufruem de um padrão e um estilo de vida mais elevado e sofisticado. Um terceiro grupo é aquele constituído pela geração de suas filhas, moças recém saídas da

adolescência, que estão vivendo intensamente os prazeres e as descobertas do relacionamento com o sexo oposto, e desafiam a autoridade dos pais afirmando que são maiores de idade e, portanto, donas de suas próprias vidas, num ostensivo movimento de auto-afirmação.

De uma maneira geral, os doze sujeitos do sexo feminino refletem a realidade heterogênea dos usos e costumes nas relações de gênero na sociedade atual, realidade esta que se encontra ainda numa fase de transição e mudança. Os padrões antigos parecem coexistir com as perspectivas alentadoras de mudança e transformação, todavia, o conflito está presente em qualquer situação. Seja em conseqüência da opressão e privilégios do antigo modelo, seja porque os novos papéis ainda não estão muito bem definidos, gerando confusão e ambigüidade. Esta confusão, a expressou muito bem Diana com seu discurso contraditório. Ao mesmo tempo que para Judite o encontro entre o homem e a mulher se dá no perfeito encaixe entre o côncavo e o convexo, para Vitória o encontro suscita choques e conflitos provenientes de diferenças inconciliáveis. Ivone acenou com a perspectiva do poder da mulher na relação, "moldando" o parceiro carinhosa, mas firmemente tal como massa de argila.

Enfim, o jeito de ser do homem e o da mulher parece que ainda estão sendo engendrados e definidos na própria relação, tendo como 'berço' uma sociedade patriarcal, onde o homem é o expoente de primeira grandeza e tem o seu lugar garantido, o que não impede, todavia, a contínua lapidação dos papéis. A recriação do jeito de ser de cada um dos sexos exige a sabedoria, a astúcia e sensibilidade femininas, visto que é a mulher que alavanca o processo de mudança.



5ª UT: A 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados

⇒ Caso nº 02: Cibele (em referência à unidade nº 5)

O discurso do sujeito

Cibele: Minha mãe sempre foi a parte forte do relacionamento. Entre ela e o meu pai, ela é quem dominava e domina até hoje a situação. E meu pai, assim, sempre ausente! O que eu mantive... foi assim, dela ser uma pessoa resistente, assim... às situações difíceis. E o que eu descartei foi a personalidade forte de querer dominar tudo e todos! Porque eu descartei com o decorrer do tempo, e através do processo psicoterapêutico. Porque eu nem me dava conta que eu era assim. Eu não tinha consciência! Mas eu era uma xerox nesse aspecto, de querer dominar tudo! E até hoje eu tenho que me policiar, em relação a isso. É bem menos! Bem menos mesmo! Mas de vez em quando, eu me pego assim...

Lucélia: E você disse antes que era rebelde. Você se rebelava contra... ?

Cibele: Eu me rebelava contra tudo e contra todos! E... apesar disso, minha mãe tinha uma força assim, esmagadora em cima de mim. Tanto que, apesar da minha rebeldia, ela conseguia me controlar, entendeu? E... o meu pai foi sempre muito ausente! Ele trabalhava fora, eu não tenho muita imagem dele. Agora, que eu estou conseguindo olhar meu pai. Ele é uma pessoa calma, tranqüila, serena. Eu gosto dele. Ele nunca tinha boca prá nada. Prá ele estava tudo sempre muito bom! E... foi com esse pai que eu cresci até... os quinze, porque daí eu me casei. Mas ele sempre foi assim, tipo um... uma sombra da minha mãe! Ele recebia todo o dinheiro dele, colocava na mão dela. Ela era quem distribuía, que pagava as contas... tudo. Era ela a chefe da família! Se deixar, ainda hoje ela quer mandar lá dentro da minha própria casa. Da minha vida! Eu tenho que estar sempre brecando! Isso eu não quero para o meu casamento. O que eu quero para o meu casamento é igualdade... de poder duas pessoas estarem conversando, e resolvendo tudo junto na medida do possível.

Lucélia: Mas... você chegou a exercer domínio dentro de casa?

Cibele: Cheguei, e odiava isso! Quanto mais eu dominava, assim, a situação, mais raiva eu tinha dele. Hoje eu tenho um respeito muito grande pelo José, que é o meu marido, porque a gente tem uma relação de igualdade. Não tem... de eu querer, e ele obedecer. Isso foi conquistado! E demorou... e foi também através do processo psicoterapêutico. Porque sozinhos, a gente não conseguiria perceber e mudar, não!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Em suas primevas impressões sobre o relacionamento homem-mulher, o sujeito partilhou de uma matriz que não correspondeu aos padrões tradicionais, ou seja, havia um pai passivo (sempre "calmo") e ausente, com embotamento da agressividade, e uma mãe extremamente dominadora e autoritária. Se por um lado para seu pai, "estava tudo sempre muito bom," e bastava ser a "sombra" de sua mãe, esta, na realidade desejava o tempo todo reassegurar-se de seu poder, sendo a chefe da família então constituída, controlando inclusive o salário deste. Nessa matriz onde o autoritarismo se impunha via um canal feminino, Cibele tentava reagir usando a única arma de que

dispunha, a rebeldia, ação que, no entanto era totalmente anulada pela força esmagadora da figura materna.

Apesar de toda resistência que conscientemente exercia ao domínio materno/feminino, paradoxalmente o sujeito acabou assimilando de forma inconsciente esta característica, de tal forma que, admite, tornou-se uma "xerox" da mãe e reproduziu esta mesma situação em seu casamento. Assim, Cibele afirma que, quanto mais dominava o marido e a situação, mais raiva sentia dele supostamente porque isto a fazia sentir-se muito semelhante à sua mãe.

Desde que, auxiliada pelo processo psicoterapêutico, tomou consciência disso, Cibele começou a fazer um esforço consciente no sentido de descartar este traço de autoritarismo de sua personalidade, esta tendência "de querer dominar tudo."

Por outro lado, a influência da mãe para o sujeito não foi totalmente negativa, pois ela também 'herdou' desta a resistência em enfrentar situações difíceis na vida, ao passo que o pai permaneceu sempre uma figura distante e obscura.

Cibele busca incansavelmente a diferenciação, através de um constante policiamento no sentido de não ser tomada por sua velha tendência, e numa tentativa de se manter coerente em relação aos valores e à sua nova concepção de um relacionamento a dois, que envolve igualdade no casamento e resolução de conflitos através do diálogo.

O policiamento acima referido não é somente interno, mas externo, visto que a mãe precisa ser o tempo todo refreada, visto que ainda hoje tenta controlar o lar e a vida de Cibele.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 03: Paloma (em referência à unidade nº 5)

O discurso do sujeito

Paloma: Da minha mãe eu senti que em algumas vezes, ela quis fazer com que eu lutasse pelo que eu quero. E também ser assim, uma pessoa dedicada com os filhos! É o que eu sentia dela comigo. Que ela é muito dedicada com os filhos, que ela se preocupa... igual agora, eu vou chegar, eu sei que ela vai ter uma comida me esperando! Essas duas coisas só eu assimilei! Só isso! (Riso)

Lucélia: Você quer dizer que faltou muita coisa?

Paloma: Faltou! Tudo! Eu queria assim, que ela tivesse me passado uma experiência do relacionamento a dois. O que eu sentia dela, é que ela sempre abaixou a cabeça, e abaixa até hoje, para o meu pai. Ela é totalmente submissa ao meu pai. E ela nunca me falou assim, como era um relacionamento. Apesar de eu ver, eu conviver, mas eu nunca consegui saber o que ela sentia. Eu nunca soube como ela pensa a vida-a-dois. Então, tudo o que eu sei é porque eu estou aprendendo com o que está acontecendo comigo, e com o que eu vejo nos dois! Ela vai lá, faz comida para o meu pai, lava, passa. Meu pai traz dinheiro prá casa, comida prá ela comer. Mas ela não tem autoridade prá nada. Não pode sentir nada, não pode escolher nada! Não pode fazer nada!

Lucélia: Você aprendeu observando, não é? Mas isso você não quer prá você?

Paloma: É! Eu estou tentando lutar contra isso! Quando eu casei, eu não saía muito na época, eu tinha começado a trabalhar. Eu comecei a trabalhar com dezenove anos! Aí que eu comecei a ter contato com outras pessoas. Então, o que eu aprendia era em casa. E o que eu via em casa? Minha mãe era empregada doméstica (ênfase) do meu pai! Depois de um ano que eu comecei a trabalhar, que eu comecei a perceber. Mas acho que foi pouco tempo prá eu aprender alguma coisa. Então eu tinha mais o modelo da minha mãe, que era uma pessoa totalmente submissa. Então, quando eu casei o que aconteceu? Eu fui ser uma pessoa totalmente submissa! E ele era o machão! Só que tinha uma pequena diferença: meu pai trabalhava, não era um cara que mexia com droga. Meu pai sempre procurou me dar educação, nunca deixou faltar comida. Meu ex-marido não. Ele mexia com droga, não gostava de trabalhar, nunca se preocupou com o filho! O leite dele, era eu que tinha que comprar. A roupinha, tudo, era eu que comprava, eu que ganhava. Mas assim, basicamente, eu sinto que do relacionamento da minha mãe, foi quase igual. Não foi igual, porque eu acho que eu sofri mais que ela! E eu acho que hoje, eu tenho mais experiência que ela, apesar da idade!

Lucélia: E do seu pai? O que você aprendeu com o seu pai?

Paloma: Nada! (Riso) O meu pai, é como se fosse uma estátua prá mim. Ele não tem nenhum significado!

Lucélia: Não passa nada de positivo nem de negativo?

Paloma: O que passa é que ele é um machão! Que ele manda! Ele é o bom! Ele é o gostosão! Ele não precisa fazer nada. Ele só deita lá e a minha mãe tem que fazer tudo. Só isso! Ele é homem! Vive de boca fechada, não tem expressão. Prá mim, ele é uma figura assim, que não significa nada. É como se fosse um vaso, que estivesse em cima da mesa. Uma estátua, um objeto qualquer. Não serve prá nada!

Unidade transformada em linguagem psicológica

A matriz familiar em que se deu a formação e o desenvolvimento do sujeito teve forte influência na formação de sua personalidade. Até que começasse a sair para o trabalho, o que se deu aos dezenove anos, Paloma "aprendia tudo em casa com a mãe," demonstrando com isso ser o lar o *locus* por excelência do seu desenvolvimento, tendo na mãe a principal mentora e o modelo preponderante na definição do seu papel de mulher.

Como um aspecto de sua educação que tenha assimilado, Paloma refere-se ao fato de sua mãe haver lhe ensinado a lutar por seus objetivos, destacando-se ainda sua

dedicação aos filhos, particularmente no aspecto da nutrição. Contudo, para o sujeito isto, na verdade, foi pouco.

Paloma diz que "faltou tudo" referindo-se ao fato de que sua mãe não compartilhou com ela sua experiência de relacionamento homem/mulher. Esta nunca conseguiu saber o que aquela sentia, o que pensava sobre a vida-a-dois. Tudo o que pôde aprender foi decorrente de suas observações do modelo constituído pelos próprios pais, e do que aprendeu pela sua própria experiência.

Assim, sua mãe pareceu aos seus olhos uma mulher totalmente submissa, que sempre "abaixou a cabeça para o seu pai" em sinal de sujeição, cumprindo as funções tradicionalmente designadas à mulher: lavar, passar e cozinhar para o seu homem. Ela era, na verdade, a "empregada doméstica" do seu pai, assevera o sujeito. Em contrapartida seu pai trazia dinheiro para casa, e também "a comida prá ela comer." Cumprindo ao tradicional "script" de atribuição dos papéis sexuais, sua mãe não dispunha de nenhuma autoridade: não possuía poder de escolha, poder de ação, nem tão pouco podia ter sentimentos. Para fechar o ciclo da dependência e da anulação de si, ela não podia também se auto-sustentar.

Por outro lado, Paloma refere-se à figura paterna como a "uma estátua, um vaso," um objeto qualquer de decoração; ele não lhe transmite nenhum sentimento, trata-se de uma figura aparentemente destituída de significado, a não ser a constatação inconteste de que pertence à categoria dos homens machões: "ele manda, ele é o bom, o gostosão." Continuando, o sujeito afirma que em casa seu pai não precisa fazer nada, ele pode repousar que a mulher se encarrega de todos os afazeres domésticos. Paloma reitera o fato de que seu pai é uma figura apática e distante, "não serve prá nada," afirma, sugerindo com isso que não o aceita como um modelo consistente do masculino ideado. Negando veementemente seu papel enquanto pai em sua vida, ela está descartando uma referência masculina mais ampla, aquela do homem machista em uma sociedade patriarcal-capitalista. Na verdade, o sujeito demonstra não só ocultar dentro de si um ódio reprimido muito intenso em relação à figura paterna, como também carrega uma representação bastante negativa e caricaturesca da figura masculina.

Por ter sido marcada tão profundamente por este esquema conservador e tradicional de divisão dos papéis sexuais, a tentativa do sujeito é de buscar a diferenciação de seu modelo feminino mais imediato (a figura materna), recusando-se à inexistência psicológica e procedendo ao resgate de sua identidade.

Paloma tem consciência clara de que chegou a reproduzir o modelo materno - aquele da mais completa submissão - assim que se casou. Seu ex-marido, por sua vez, comportou-se como um perfeito "machão." A única diferença entre o núcleo familiar constituído por ela e o de seus pais é que seu pai era um homem trabalhador e cumpria com rigor com o papel de provedor, sem negligenciar a educação dos filhos. Todavia, seu ex-marido além de não ter nenhum compromisso com o trabalho, era usuário de drogas, e furtou-se às atribuições mais básicas do papel de provedor: garantir o leite para o filho, e também o vestuário. Desta forma, Paloma assevera que sua experiência não foi exatamente igual à de sua mãe; foi pior "por ter sofrido mais que ela" (ela viveu mais intensa e profundamente o papel de vítima e as conseqüências da sua submissão), e acredita que por isso mesmo, ganhou mais maturidade, apesar de ser mais jovem.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 05: Samanta (em referência à unidade nº 5)

O discurso do sujeito

Samanta: Meu pai me passou um modelo de homem muito bom. Meu pai era um homem caseiro, e por incrível que pareça, diferente desses que eu falei aí! Era um homem que ajudava minha mãe, pelo menos quando a gente era pequeno e morava na roça. Minha mãe trabalhava na roça com ele, e quando chegava de noite, ele dividia com ela as tarefas. Também nem tinha como ser diferente, porque a gente era tudo pequeno, e se ele não ajudasse era... Meu pai era um homem bom! Não era mulherengo. Era um pai assim atencioso com a gente. E compreensivo também. Era um homem que via além da sua época! Era um homem simples, criado na roça. Ficou órfão muito cedo, mas tinha uma visão de mundo muito boa! Tanto que na educação da gente (principalmente na minha, que eu sou mulher) ele falava que não tinha que namorar muito cedo não. Tinha que estudar, arrumar uma profissão porque se um dia arrumasse um marido que não prestasse, não precisava ficar sofrendo ao lado dele por não ter como se virar! Então, por essas e um monte de outras coisas que ele falava e fazia, eu acho que ele era um homem bem à frente da sua época. Há vinte e cinco, trinta anos atrás pai nenhum criava a filha pensando que ela pudesse separar do marido. Achavam um escândalo! O meu não. O meu já tinha essa visão. Eu estou com quarenta e dois anos; ele falava isso quando eu era mocinha. Porque eu comecei a ter as primeiras paixões! Até tinha um rapaz perto de casa, que eu era

apaixonada por ele. E ele não me dava a mínima bola! E o meu pai falava que se eu fosse namorar aquele moço lá, que ele até me tirava da escola porque ele não ia me educar prá eu casar com um... 'sem-futuro!'

Lucélia: Ah! Ele percebia que o rapaz era sem futuro?

Samanta: Percebia! E tinha assim, um olho clínico! Porque numa família de dez filhos, esse é o único que continua no zero. Os outros todos estão assim, situados na vida. Aquele não! Aquele é um 'bebum;' mora no porão da mãe e vive de bico. Arrumou uma mulher lá, que até cuida muito bem dele, mas ele, em si... os outros irmãos todos têm um carrão bonito, têm uma casa, têm a família estruturada. Ele não virou nada! E o meu pai já anteviu isso há quinze, vinte e cinco anos atrás! Agora, minha mãe passou o quê prá mim? Ela passou aquele papel daquela mulher submissa, se bem que meu pai não era um homem opressor. Minha mãe era uma mulher prendada, boa dona-de-casa, mas já mais preconceituosa do que ele, sabe?

Lucélia: Preconceituosa em relação a quê?

Samanta: Em relação à moral! Em relação a casamento, em relação à mulher ter que casar virgem. Não pode namorar muito porque senão, fica falada! Inclusive, esse tipo de coisa, ela chegou a falar prá mim uma vez, que eu ia virar uma galinha, sabe? O namoro estava muito avançado para o gosto dela! "Com aquele tipo de atitude, eu ia virar uma galinha!" Não virei até hoje. Nunca me considerei uma 'galinha!' Me considero uma mulher bem vivida e experiente, mas jamais uma 'galinha!' E o fato de eu ter ido morar com alguém sem me casar, também não foi do gosto dela. Por ela, eu teria casado de papel passado, bonitinha! Para os conceitos dela, eu sou uma degenerada, mas eu fiz o que eu achava certo. O que poderia ser bom prá mim. E não me arrependo de ter agido como agi. Agora, prá ela não fui muito certinha, não! (Riso). Prá ela, sou meio que, assim... ovelha negra! Ela gostaria que tivesse sido diferente. Com certeza!

Lucélia: Parece assim, que você tentou se diferenciar por completo da sua mãe. Haveria alguma coisa que você assimilou, incorporou?

Samanta: Ah, sim! Eu sou uma pessoa muito econômica, uma pessoa que poupa. Isso eu aprendi com ela, sim! E... ela gosta de pintar, de fazer flores, esse tipo de coisa. E eu também sou uma pessoa que gosto de prendas. Prendas artísticas! Prendas domésticas! Então nisso eu também sou bem parecida com ela. E acho que só. Porque do resto, ela é assim muito fanática! Aquela religiosa fanática, sabe? Moralista! E eu já me diferenciei bastante dela desde mocinha.

Lucélia: Quanto a seus irmãos, você notou que foi diferente a criação deles pelo fato deles serem homens?

Samanta: (Pausa) Foi! Foi um pouco diferente quanto às obrigações! Quando a gente era adolescente... adolescente, não! Criança, mesmo! Eu com o meu irmão mais novo, são três anos de diferença. E quando eu tinha uns onze, doze, ele brincava na rua. E eu tinha que ajudar nas tarefas de casa! Ele era pouca coisa mais novo do que eu. Mas eu tinha obrigações em casa, e ele tinha só obrigação de estudar! Menino vai na escola, depois o resto do tempo, é prá ele brincar. Menina vai na escola, e depois ajuda a mãe.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Referindo-se à educação que recebeu, o sujeito afirma que o seu pai lhe transmitiu "um modelo de homem muito bom." Samanta o descreve como um homem "caseiro" (isto é, companheiro), muito diferente daqueles citados anteriormente; apesar de ser uma pessoa simples e ter se tornado órfão muito cedo, era um homem bom, de caráter reto e íntegro, que possuía uma visão de mundo para além de sua época. A família residia na zona rural, sendo que o casal trabalhava na faina agrícola. Ao chegarem juntos

do trabalho à tardinha, ele compartilhava com a esposa as tarefas domésticas. Não era um homem mulherengo.

Na educação dos filhos era um pai atencioso e compreensivo, sendo que priorizava os estudos e a definição de uma profissão, ao namoro precoce. Segundo ele, ter uma profissão era o caminho seguro para a sobrevivência e prevenia eventuais problemas futuros considerando-se a hipótese de fracasso do casamento. Naquela época, há aproximadamente trinta anos atrás, quando Samanta estava então na adolescência, nenhum pai previa uma eventual separação dos filhos ainda na fase de educação. Isto era considerado um escândalo.

Samanta relata o caso de um rapaz por quem era apaixonada na adolescência, mas que este, todavia, não lhe correspondia. Seu pai preveniu-a a respeito dele dizendo que "o moço era um sem-futuro," ameaçando-a inclusive de retirá-la da escola, caso insistisse no namoro.

O sujeito, longe de se rebelar diante deste arroubo de autoridade paterna, agora com olhos de mulher adulta parece enaltecer a atitude do pai afirmando que o mesmo possuía "um olho clínico." Após tantos anos transcorridos, Samanta observa que de uma família de dez filhos, o garoto de seus sonhos juvenis é o único que se manteve no ponto zero, pois não progrediu na vida. Seus irmãos estão hoje todos bem situados: têm um "carrão bonito," uma casa, uma família estruturada. Ele "não virou nada, é um bebum," diz ela, acrescentando que a residência dele é no "porão da mãe" (seria interessantíssimo investigar o simbolismo disso, todavia foge ao foco em questão).

Referindo-se à própria mãe, o sujeito afirma que ela lhe transmitiu o modelo da mulher submissa (apesar do pai não ter sido um homem opressor). Se por um lado, era uma mulher prendada e boa dona-de-casa, por outro, era preconceituosa e conservadora em relação a questões de moralidade e casamento. Assim, para os seus padrões morais "mulher não pode namorar muito porque senão fica falada," diz Samanta. Nesse sentido, ocorreu da mãe afirmar literalmente para a filha que, com a conduta que

então estava apresentando "ia virar uma galinha!"[5] , pois o namoro era muito avançado para seu gosto.

Irônica e incisivamente, o sujeito replica que "não virou galinha até hoje," nem nunca se considerou como tal, mas sim, uma mulher bem vivida e experiente, "jamais uma galinha!", reitera. O fato de Samanta ter optado por viver em situação de concubinato sem nunca ter regularizado a sua situação perante a lei dos homens, também não agradou à sua mãe, que preferia que a filha tivesse se casado judicialmente e estivesse quite com a sociedade. O sujeito afirma estar certa de que aos olhos da mãe é uma "degenerada," uma "ovelha negra," entretanto justifica dizendo que fez o que considerava correto, e do seu ponto de vista julgava ser bom para si.

Os únicos aspectos em que se considera semelhante à mãe (tendo possivelmente assimilado tais características da figura materna) consistem no fato de ser muito econômica financeiramente (ela considera importante fazer poupança), e no fato de apreciar atividades de prendas domésticas e artísticas. "E acho que só!", enfatiza o sujeito, citando o fanatismo religioso da mãe como mais um aspecto para justificar sua diferenciação.

Observa-se que se por um lado o sujeito se orgulha e até mesmo idealiza a figura paterna, por outro, ela parece se rivalizar e ter uma relação bastante competitiva com a figura materna, por quem não teve confirmada sua feminilidade, ao contrário, sentiu-se renegada e desqualificada enquanto mulher. Em seu ostensivo processo de diferenciação da figura materna, Samanta parece ter descartado quase todos os valores que lhe foram transmitidos, num declarado repúdio ao modelo de feminilidade então estandardizado, ao passo que parecia haver forte identificação com o masculino representado pela figura paterna. Isto, todavia, pode ter-lhe gerado conflitos na formação de sua identidade de gênero.

Ainda quanto à forma com que foram educados seus outros dois irmãos homens, houve diferenças significativas em relação a ela, observando-se desde cedo os privilégios especiais de que é beneficiado o sexo masculino. Samanta lembra-se que seu

[5] O termo 'galinha' no português chulo é aplicado à pessoa que tem um comportamento promíscuo para os padrões sociais vigentes; refere-se à mulher (e por vezes, ao homem) muito volúvel que se entrega com facilidade (AURÉLIO, 1986).

irmão mais novo (cuja diferença de idade é de três anos) já pré-adolescente brincava na rua, enquanto ela era obrigada a auxiliar a mãe nas tarefas domésticas. Assim, enquanto Samanta tinha obrigações em casa, as obrigações do irmão consistiam somente em estudar. Com isso, ela já aprendeu desde cedo que menino vai à escola, e ao retornar sua ocupação é brincar; menina vai à escola e no seu tempo livre é obrigada a ajudar a mãe.

Estas orientações contraditórias e confusas provenientes de diversas fontes podem ter provocado no sujeito uma confusão mental, no sentido de saber se de fato valeria a pena ser homem ou mulher, dificultando sua definição por uma orientação sexual específica. Isto porque se por um lado havia um masculino bom e justo, e um feminino agindo sob o signo da submissão e de padrões morais conservadores, por outro este mesmo feminino era explorado e subjugado desde a mais tenra idade, em nome do beneplácito e da supremacia de privilégios masculinos.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 06: Aline (em referência à unidade nº 5)

O discurso do sujeito

Aline: Como mineira, eu tive aulas de tricô e de crochê, de costura, de culinária, de tudo! Todas as prendas domésticas! Eu tive isso! E são coisas que eu não tinha um pingo de identificação, mas eu tinha que fazer porque eu tinha de fazer, porque eu tinha que casar e era bonito, né? Era uma coisa que você tinha que fazer! Então... são umas coisas assim, super engraçadas! Mas eu acabei tendo essa formação. E eram coisas que não tinha nada a ver comigo. Eu não queria isso. Meu pai queria que eu fosse professora, desse aula no prézinho. Casar, ser professora e fazer essas coisas. Eu não queria ser professora porque eu não tenho muita paciência com menino. Não tenho didática nenhuma! Não tenho vontade de caminhar nessa área de ensino. Então, eu comecei a fugir um pouco dessa coisa que eles tentaram passar prá mim, falando em termos de formação. E nisso de homem e mulher, eu acho que foi um pouco difícil. Foi um corte meio radical! Eu acho que eu comecei a desligar de muitas coisas do que eu aprendi, em relação ao papel de mulher e homem, quando eu saí de casa. Porque na verdade, eu representei muito esse papel de mãezinha, de irmãzinha, bem em cima... do que era esperado! Mas muito em função de que na minha adolescência, meus pais moravam em fazenda, e aí comprou uma casa na cidade. Então, eu fui tomar conta dos meus irmãos. Então, eu acabei sendo aquela mãezinha que tomava conta. Apesar de que eu tentava romper um pouco com isso. Eu falava: "Olha! vamos dividir tarefas em casa!" Mas, eu me sentia muito na obrigação de ser a irmãzinha boazinha. Ser a mãezinha! E quando eu terminei a faculdade e saí de casa, que eu comecei a romper muito com estes valores. Com o estereótipo! E hoje parece que é complicado perceber o que ficou. Eu tentei romper com tudo o que me irritava muito! Essa coisa de... por exemplo, dos irmãos homens: "Você tem que fazer isso porque seu irmão é homem!" Então existia aquela coisa de homem e coisa de mulher. Lavar roupa, não sei o quê, cozinhar, era coisa de... então isso me irritava muito! E aquilo de dar coisas na mão, prontinho! Então,

eu comecei a... sabe? "Quer? Quer!" "Não quer? Passa fome! Fica sujo!" Eu comecei: "Olha! Não vai ser bem assim!" Mesmo estando lá, algumas coisas eu já comecei a me livrar. Mas em termos de relacionamento que eu vivi, eu acho que essa coisa de não questionar! Por mais que eu fale da minha mãe, foi uma coisa que eu carreguei um certo tempo em algumas relações. A coisa da submissão! Mas não a mesma submissão da minha avó, da minha mãe, por exemplo. Mas no início da minha relação, principalmente adolescência, tipo, há vinte anos, eu acho que eu carreguei um pouco do que eu ouvi desse papel de homem e mulher nos meus primeiros namoros! Como se tudo: "Ah! Está bom! Se ele falou que está bom, está bom!" Acho que depois, eu comecei a ler, comecei a viajar, comecei a estudar. Então isso acabou mudando muito a minha cabeça. Eu comecei a perceber que o universo da minha mãe e da minha avó era um outro. Eu acho que foi, talvez um pouco disso que ficou, mas hoje acho que já foi!

Lucélia: A impressão é que não ficou nada hoje?

Aline: Está difícil eu achar alguma coisa que tenha ficado! Eu não sei se porque prá mim, foi uma coisa que sempre me irritou muito, e que depois eu comecei a tentar mudar: "Olha! Eu acho que a gente tem de... eu não quero ser igual à minha mãe e à minha avó!" E eu tenho uma luta muito grande hoje prá estar estabelecendo uma relação de igualdade, e não essas relações, tipo com a minha mãe e com o meu pai (inaudível). Então, eu faço um exercício muito grande para ter uma relação mesmo minha! (Ênfase) Eu sempre briguei muito com isso.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Fez parte da educação de Aline o desenvolvimento de habilidades em prendas domésticas: tricô, crochê, costura e culinária. Todavia ela afirma que não possuía nenhuma identificação com estas coisas, e acrescenta: "Mas eu tinha que fazer porque eu tinha que fazer, porque eu tinha que casar e era bonito!" Aline assim se manifesta em relação ao caráter compulsório e arbitrário destas atribuições, que simplesmente lhe eram impostas sem uma justificativa plausível, apenas porque fazia parte dos costumes da época e do papel social da mulher, sendo quase que um pré-requisito para o casamento.

O sujeito afirma que não queria isso, nem tão pouco desejava se dedicar à carreira do ensino pedagógico (professora de pré-primário) tal como desejava o pai, em função de que não possuía muita paciência nem didática para lidar com crianças. Aline relata que começou então a "fugir desse caminho que já estava traçado" para si, sem que lhe tivesse sido perguntado se era esta a sua vontade. Ela renegou tudo isso e começou a traçar por si mesma o seu próprio caminho.

Quanto às questões de gênero "foi um corte meio radical," qualifica Aline, dizendo que começou a neutralizar a influência dos mandatos interiorizados em relação aos papéis de homem e mulher quando deixou a casa dos pais. Na verdade, ela afirma ter desempenhado muito o papel de "mãezinha," de "irmãzinha," conforme o que era esperado socialmente. Aline explica que acabou sendo uma "mãezinha" de seus irmãos

mais novos, quando seus pais compraram uma casa na cidade, e de alguma forma lhe foi designado que "tomasse conta" deles. Apesar de não se submeter totalmente e ter proposto a divisão de tarefas, a verdade é que ela havia introjetado o papel de "irmãzinha boazinha," pois se sentia na obrigação de cumprir com o mandato. Foi somente quando concluiu o curso universitário e deixou a casa dos pais, que começou a romper definitivamente com o que lhe havia sido imposto arbitrária e autoritariamente.

O sujeito afirma que tentou romper com tudo o que a irritava muito numa clara atitude de rebeldia contra o domínio autoritário e defesa do eu contra a aniquilação, tornando-se então muito difícil associar alguma coisa que não tivesse descartado (suas impressões foram as de não ter assimilado coisa alguma), tamanhos foram os seus esforços para conquistar a diferenciação. Aline cita que uma das coisas que a irritava era o fato de ter que desempenhar tarefas para seus irmãos homens, simplesmente porque pertenciam ao sexo masculino (as prerrogativas especiais da classe); o fato de "ter que dar as coisas prontas na mão" (a subserviência feminina ao sexo 'forte'); a divisão e classificação de atividades por sexo. Até que ela começou a agir secamente rompendo com o mandato da "irmãzinha boazinha." Então, mesmo estando num meio que a induzia para a adequação aos papéis estandardizados, algumas 'conservas' já começaram a ser transformadas e postas em xeque.

Em termos de relacionamento com o sexo oposto o sujeito afirma que "carregou" consigo em algumas relações iniciais a atitude de não questionar, isto é, a submissão e a subserviência que lhe havia sido transmitida pela educação e pelo modelo dos próprios pais. Isto se deu principalmente na adolescência, com seus primeiros namorados, através de respostas como: "Está bom! Se ele falou que está bom, está bom!" Com o prosseguimento de seus estudos e tendo ampliado sua visão de mundo através de leituras e viagens, Aline acabou mudando sua concepção das relações de gênero. Ela pôde entender que sua mãe e sua avó pertenciam a um outro universo, sendo que seus valores eram de antigas gerações.

Talvez por sua reação fortemente aversiva a todas as condutas e valores que tentaram lhe imputar, e que depois começou a querer transformar isto, considerando que não desejava reproduzir os velhos modelos das mulheres de sua família, o sujeito

reitera sua dificuldade em encontrar algum aspecto que tenha assimilado. Aline acentua que hoje empreende uma luta muito intensa no sentido de estabelecer uma relação igualitária com o parceiro, e não reproduzir o modelo hierarquizado das figuras parentais: "Faço um exercício muito grande prá ter uma relação mesmo minha!" isto é, que não possua o ranço ou a marca redutora dos estereótipos e mandatos de gênero da sociedade a que pertence.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 07: Letícia (em referência à unidade nº 5)

O discurso do sujeito

Letícia: O que eu assimilei da minha mãe foi que ela era uma mulher muito forte! Muito possessiva! E muito maternal assim, com os filhos, tudo. Mas ela não foi assim, prá mim, um modelo, sabe? Não é a mãe que eu gostaria de ter. Mas ela me transmitiu força, coragem! Agora, eu não assimilei porque ela traiu o meu pai! E eu que descobri. Ela estava com um homem lá no quarto, e eu batia na porta, e chorava, chorava, e chorava... prá ela sair. Aí ela abriu a porta e me bateu muito! E aí, eu... não sei se eu passei a odiar a minha mãe nesse dia, mas já não foi o meu modelo mais! Eu tinha uns sete ou oito anos quando isso aconteceu.

Lucélia: Hum... E do seu pai? Haveria alguma coisa que você gostaria de destacar?

Letícia: Do meu pai, a única coisa que eu sei é que eu amava demais o meu pai! Quando ele morreu prá mim, quase que eu perdi a metade da minha vida! Porque ele me passou os valores morais, honestidade, sinceridade assim, com o outro ser. E um pouco... muito repressivo comigo! Ele não deixava eu sair sozinha, usar calça comprida. Até fazia, na época, assim escondido. Mas se ele descobrisse, ele ficava muito bravo. Ele passou uns bons valores morais prá mim. Um tanto repressivos, né? Mas ele foi um modelo de homem, assim, apesar dele beber. Honesto! Trabalhador! Sempre foi responsável assim, da família. Não deixava faltar nada. Meu pai me passou essa coisa assim, de que a gente tem que ser gente, sabe? Não tem que fazer mal prá ninguém! Tem que viver a vida e deixar os outros viverem!

Lucélia: Hum hum... então você tinha uma ligação afetiva muito especial com o seu pai?

Letícia: Tinha! Afetiva assim, no sentido de se eu estivesse com algum problema, de poder chegar no meu pai, e não na minha mãe, sabe? Porque a minha mãe sempre achava que eu estava errada. E se eu chegasse no meu pai, ele ponderava o que era certo e o que era errado. Por exemplo: ele ficou muito triste comigo, quando eu me separei. Porque ele não entendia, como sendo um casamento tão... eu pudesse... ele achava que eu era a culpada por ter me separado. Porque o meu marido era muito bom prá mim! Ele passava essa imagem. Daí, o meu pai não se conformava. Achava que eu tinha que ter paciência, que eu tinha que ficar com ele. Mas a minha mãe sabia que ele era homossexual. E minha mãe falou: "Mesmo que ele seja, você tem que ficar com ele!" Eu falei: "E se eu pegar uma doença? Eu não quero!" Aí, quando eu contei para o meu pai, ele falou: "Então está certo, minha filha! Agora eu posso entender porque você se separou dele!"

Lucélia: Você disse que seu pai era repressivo com você. Mas em relação à sua mãe como era a relação? Quem era ali, o dominador, o autoritário e o submisso?

Letícia: A minha mãe era a dominadora porque se ele bebia, por exemplo, ela nunca procurou entender, sabe? Ela já xingava, já jogava cadeira nele. Ficava um clima ruim em casa. Ela era muito brava, minha mãe. É ainda! Ela casou pela segunda vez com um outro homem, que por sinal, bebe também. Que por sinal, ela faz do mesmo jeito. Domina! Ela quer dominar todas as filhas. A única que ela não conseguiu dominar fui eu, porque eu nunca aceitei. Então eu fui a filha que mais apanhou! E depois outra! A minha mãe fazia muito aborto, sabe? A minha irmã, última que nasceu, nasceu porque ela foi fazer o aborto e eu chorava muito... (ela me levava sempre junto com ela) e eu chorava! Chorava! Eu dizia prá ela não fazer aquilo. Eu nem sabia o que era aborto, mas sabia o que ela ia fazer. Uma vez eu peguei o único irmãozinho que eu tive, que ela teve o abortinho dele lá em casa! Que ela foi lá fazer uns curativos que punha prá abortar! Umas parteiras assim... e ela acabou tendo uma hemorragia em casa. E eu que acudi e que peguei o bebezinho assim, prontinho, na minha mão! Depois eu... fiquei assim tão... assim! Eu que enterrei, que rezei prá ele! Prá o meu irmãozinho, o único que eu ia ter, que eu sempre quis ter um! Aí depois disso, ela tornou a ficar grávida e ela foi fazer novamente, e eu já tinha passado por essa experiência, então eu gritava na porta! Chutava a porta! Esmurrava! "Não faz! Não faz! Não faz!" Aí, ela acabou não fazendo. Nasceu a minha terceira irmã!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Letícia afirma que assimilou da mãe sua força e sua coragem, sua possessividade e seu caráter maternal com os filhos. Todavia, ressalta que esta não é a mãe que gostaria de ter tido, sendo que a mesma deixou de ser um modelo para si quando a surpreendeu em adultério com outro homem, na idade entre sete e oito anos. Após seus insistentes rogos para que saísse do quarto em que estava com o amante - Letícia batia na porta e chorava muito - quando esta finalmente saiu, espancou a filha. O sujeito afirma que não sabe se passou a odiar a mãe a partir desse momento, mas é certo que ela deixou de ser seu modelo.

Quanto ao pai Letícia diz que o amava muito, e sentiu como se tivesse perdido "quase metade de sua vida" após sua morte. Apesar de ter sido muito repressivo (ele não a deixava sair sozinha, nem tão pouco usar calça comprida), transmitiu-lhe bons valores morais: a honestidade, a sinceridade, a integridade de caráter e o respeito para com o outro; mesmo tendo o vício da bebida, era um homem trabalhador e responsável pela família, tendo sido um bom provedor. O sujeito parece se orgulhar ao dizer que seu pai ensinou-a "a ser gente," tomando-o como um "modelo de homem," cujos valores (acima especificados) assimilou.

Letícia assevera que encontrava abertura e acolhimento em seu pai, caso estivesse com algum problema, o que não acontecia com sua mãe, pois enquanto aquele ponderava se o fato em questão estava certo ou errado, esta já partia do pressuposto de

que ela estava errada. Assim, se de início seu pai considerou-a culpada por sua separação, visto que seu esposo transmitia ao grupo social a imagem de ser muito bom marido, seu pai aprovou sua atitude, assim que soube da homossexualidade daquele. Já sua mãe considerava que ela deveria continuar casada apesar disso. Essencialmente, o sujeito está dizendo que pôde contar com a aceitação incondicional e o afeto da figura paterna, fato que ajudou-a a relevar seus defeitos e a supervalorizar suas qualidades, enquanto que não se sentiu amada ou aceita pela figura materna. Ao contrário, foi punida injustamente.

Ao ter vivenciado a continência masculina e não a feminina, o sujeito aprendeu pela própria experiência que podia confiar no homem e não na mulher. Esse foi o seu referencial padrão de família, que constituiu-se em muito mais do que alguns aspectos assimilados ou descartados, e que Letícia levou para a vida, particularmente para a sua vivência de relacionamento com o sexo oposto, talvez de uma forma um pouco distorcida.

O sujeito ressalta que na relação com seu pai, sua mãe era dominadora e continua sendo "muito brava" até hoje, inclusive com as próprias filhas. Ela não procurava entender porque o marido bebia, observa Letícia; ao invés disso agia de forma agressiva e intempestiva movida pela raiva, "xingando-o" e agredindo-o fisicamente, sendo que chegou a atingí-lo com uma cadeira. Após sua viuvez, se casou novamente com um outro homem que também é alcoólatra, e continua reagindo da mesma forma, reproduzindo assim o velho "script." Letícia se coloca como a única filha que sua mãe não conseguiu dominar, porque nunca se sujeitou ao seu jugo; por isso mesmo foi a que mais apanhou, afirma.

Outro fato muito significativo refere-se ao hábito de sua mãe de praticar abortos, e que mais do que ter descartado, constituiu-se num elemento altamente traumatizante para o sujeito, e que acabou por denegrir o feminino já conspurcado. Assim, aquele que seria seu único irmãozinho, Letícia perdeu após a mãe ter se submetido a uma intervenção abortiva, no momento em que a socorria em uma crise hemorrágica. Para ela esta foi uma situação tão absurdamente avassaladora e patética, que não encontrou palavras para definí-la. Foi ela própria quem enterrou o bebezinho, "o único irmão que iria ter," reitera. Tendo passado por essa experiência na vez seguinte

em que a mãe ia praticar novo aborto, Letícia conseguiu interromper a "operação" com seus gritos, seu choro convulsivo, e à custa de muitos chutes e murros na porta. Esta sua ação salvadora resultou no nascimento de sua terceira irmã.

Este aspecto da mãe devoradora e assassina constituiu-se em um elemento que parece ter selado definitivamente para o sujeito sua visão do feminino como algo estranho, rejeitador e insensível, fato que impediu a assimilação de atitudes e aspectos a ele relacionados. Em suma, evidenciou-se a noção de um "feminino-mau" em contraposição a um "masculino-bom."

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 08: Diana (em referência à unidade nº 5)

O discurso do sujeito

Diana: Pois é! Eu aceitei essa coisa de mãezona. Minha mãe é muito mãezona mesmo, sabe? Muito responsável! É provedora mesmo. Eu acho que... foi legal! Amorosa! Sabe? Zelosa! Hum... atenta a tudo! E isso, eu acho que eu assimilei. Eu neguei assim... a submissão dela. Essa coisa de ceder sempre prá o meu pai. E até hoje ela é completamente submissa. O meu pai foi alcoólatra nos meus primeiros anos de vida. E ele parou de beber! Isso por volta dos meus cinco anos. Mas eu me lembro... numa fase aí que eu tinha pavor da figura dele. Minha tia já era complementar à minha mãe sendo assim cozinheira, provedora também. Ela fazia panificações mil lá em casa. A gente curtia! Era provedorissima da minha prima! (Risos) Sabe? Minha tia eu acho que até estragou a minha prima, que depois, ao longo da vida, apresentou alguns problemas quando ela morreu. Ela ia todos os santos dias depois do almoço para a casa da minha prima, para atender as necessidades da casa lá. Prá 'corujar' os netos! Sabe? Era demais! Estragou!

Lucélia: Sim! E quanto assim ao modelo do homem? Do seu pai...

Diana: Aí bagunçou a minha cabeça! O meu avô era viúvo há muitos anos. Minha mãe, quando se casou, ele já era viúvo e uma figura extremamente mulherenga, entendeu? Meu Deus do Céu! (Ênfase). Eu abominava a mulherenguice do meu avô! Sabe? De ficar na janela! De ficar maliciosamente olhando para as mulheres! Eu percebia isso. Assim, tinha algumas revistas de nu também no escritório dele. A descoberta do sexo também teve essa história de eu olhar as revistas. O meu tio era uma figura extremamente adequada do ponto de vista religioso. Ele era extremamente religioso! Ele era uma pessoa assim que eu amava, sabe? Que era paizão! O pai por dentro! Ele me dá uma saudade! Ele me punha no colo, contava histórias. Era esse tio! Então ficou muito assim. E meu pai, uma figura assim, violenta! Essa a idéia que eu tenho. Tudo dentro dessa casa! E também assim... não que a minha mãe reclamasse, mas que também ele era mulherengo, mas às escondidas, entendeu? Então, esse lado de traição, que eu jamais perdoei em homem algum! O sentimento de traição já é a morte prá mim desde pequenininha! É uma coisa que doía muito, e que eu sou completamente rebelde em relação a isso, entendeu?

Outro trecho (falando sobre o pai)

Diana: Meu pai era uma pessoa mais ausente. Talvez até não houvesse ausência assim: quando eu participava de algumas tarefas que ele ia fazer. Por exemplo: limpeza de carro, conserto de alguma coisa, sabe? Então minha troca mais de afetividade com o meu pai, era sempre em função de um trabalho em conjunto e eu de auxiliar. Tanto que eu adoro até hoje comprar ferramentas! (Risos) Eu adoro (ênfase) fazer isso! O Aroldo tem uma coisa que me faz lembrar isso aí. Me gratifica nisso, sabe? Ele gosta de consertar as coisas e eu estou sempre ajudando, entendeu? Eu organizo as ferramentas, eu classifico as coisas. Tem umas coisas assim. Porque eu acho que a troca de afeto com o meu pai sempre foi assim, voltada para uma tarefa que ele desempenhava. Eu entrava junto cooperando... ele gostava disso, e eu mais ainda porque eu estava próximo dele. Mas estou dizendo que era ausente no sentido de que não acompanhava a escola; não queria saber se você estava querendo alguma coisa. As carências assim... minhas ou da minha irmã... ele não era assim! Ele era muito centrado no próprio umbigo. Das necessidades dele! As conveniências dele! As minhas necessidades não estava interessando muito, entendeu?

Unidade transformada em linguagem psicológica

Conforme já citado anteriormente, além do pai, da mãe e da irmã mais velha, faziam parte do núcleo familiar do sujeito outros membros integrantes da família extensa: o tio e a tia e o avô materno, que era viúvo.

Diana afirma que assimilou da figura materna o papel de "mãezona," isto é, alguém muito responsável, provedora, amorosa, zelosa e atenta a tudo. Todavia, o traço que ela negou desta foi o da submissão extrema e absoluta; sua mãe cedia sempre para o seu pai, de forma que até hoje é uma mulher "completamente submissa," ressalta o sujeito. O pai, que era alcóolatra, pôs fim ao vício quando ela tinha cinco anos. Diana se recorda de uma fase em sua vida em que a figura paterna lhe despertava "muito pavor," sendo que só depois ela irá se referir ao fato de que ele era muito violento. Já a tia corroborava o papel de sua mãe: gostava de cozinhar, era igualmente "provedora," [6] fazia "panificações mil," o que agradava muito a toda a família; era também "provedoríssima de sua prima," acentua o sujeito, dizendo que todos os dias ela se dirigia até a casa da filha para atender as necessidades da família e para "corujar" os netos. Diana enfatiza que a tia "estragou" a filha, que após sua morte apresentou alguns problemas emocionais.

[6] A palavra 'provedora' aqui está sendo usada pelo sujeito no sentido de nutrir, e satisfazer as necessidades dos demais membros da família, tanto em termos de preparo dos alimentos, quanto de proporcionar-lhes uma atenção global, diferente de 'provedor' para os homens, que significa manter financeiramente o lar em suas necessidades de alimento, educação, vestuário, saúde.

Já o avô, viúvo há vários anos, era um homem extremamente mulherengo. O sujeito afirma que "abominava a mulherenguice do seu avô," o que ela muitas vezes podia observar quando ele se punha à janela, e ficava olhando maliciosamente para as mulheres. Além disso, ele possuía algumas revistas de nus no escritório, as quais também fizeram parte de sua iniciação sexual. Enquanto isso, Diana considerava o tio uma figura "extremamente adequada" do ponto de vista religioso. Era o tipo "paizão," que a punha no colo e lhe contava histórias, exercendo informalmente o papel do pai amoroso, cuja imagem ainda lhe desperta muitas saudades. O pai também era mulherengo, mas às escondidas, sendo que sua mãe não reclamava. Observe-se que para o sujeito se diluíam entre essas três figuras masculinas, dois tipos opostos de homem: o do homem mulherengo, agressivo e fraco, em contraposição ao homem amoroso, religioso e bem ajustado socialmente.

Diana então foi amalgamando a sua identidade a partir de todos esses modelos masculinos e femininos, que constituíram o seu grupo familiar, tendo assimilado algumas coisas e descartado outras tantas contra as quais se rebelava de maneira veemente e ostensiva, destacando-se entre estas últimas a infidelidade masculina e a submissão feminina. Talvez por isso mesmo, Diana se auto-denomine uma pessoa "completamente rebelde," isto é, uma mulher que se recusou a sujeitar-se e a adotar para si todo e qualquer modelo de comportamento autoritário e poder arbitrário.

Dos modelos masculinos, ela reitera o comportamento da "traição" como algo que lhe doía muito, e que ela "jamais perdoou em homem algum" ao longo de sua vida adulta. O sujeito se refere à infidelidade masculina como sendo "a morte para si, desde pequenininha."

Parece haver uma ambigüidade de Diana em relação à figura paterna, pois posteriormente ela acaba desvelando a imagem de vilão com que anteriormente o havia 'pintado,' e explica que em sua relação com o pai, só ocorria troca de afetividade quando havia algum trabalho em conjunto a ser desempenhado - tarefas tais como limpeza de carro, consertos em geral - com ela no papel de auxiliar. Diana estava sempre junto cooperando porque ele gostava disso, e ela ainda mais porque assim podia estar próxima a ele. O sujeito afirma que "adora" até hoje comprar ferramentas, sendo que de alguma

maneira ela pode reeditar isso com seu atual companheiro, pois ele também gosta de consertar as coisas e ela está sempre ajudando, reproduzindo desta forma a cena com o pai. Assim, gratifica-lhe o fato de estar com Aroldo organizando e classificando as ferramentas.

Todavia, o sujeito sentiu como ausência da figura paterna, o fato de que o mesmo não manifestava interesse de acompanhar o seu rendimento escolar, nem tão pouco em saber se ela ou a irmã estariam precisando de alguma coisa, ou que outros desejos houvessem. Para Diana seu pai era um homem egocêntrico, muito "centrado no próprio umbigo," e muito voltado para suas próprias necessidades, não estando neste caso interessado em saber das necessidades das filhas. Desta forma a troca afetiva só ocorria a partir do que era conveniente para ele.

Sentindo-se desta forma menosprezada e rejeitada, isto pode ter levado o sujeito a adotar diante da figura masculina um comportamento irreverente e ostensivo, muito mais no sentido de questionar e estabelecer limites do que de assimilar e incorporar passivamente valores pré-concebidos.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 09: Ivone (em referência à unidade nº 5)

O discurso do sujeito

Ivone: Eu acho que eu peguei tão pouco do papai e da mamãe... A mulher que eu sou hoje, é muito coisa assim do que eu aprendi com a vida! Assim, de ter curiosidade, de ir à luta, ir atrás, procurar, de saber. Porque a mamãe vive uma vida assim, até hoje, que dá dó! Ela era uma mulher sacudida, uma mulher que trabalhava, tinha seus negócios, e hoje está naquele comodismo dela. Ela não é submissa, mas é uma coitada! Na época, ela era uma mulher e tanto, sabe? A minha mãe quando separou do meu pai, teve muitos outros homens, andou com muita gente, e no fim arrumou esse cara que é da idade do meu irmão, e está até hoje com ele. Só que você vê a infelicidade no rosto dela! Está lá! Super mais velha hoje, mas ele não sai prá canto nenhum com ela. E hoje está o papai também lá, que só reclama. No fim, o papai bebia, nunca deu valor! É por isso que eu tentei corrigir tudo o que eu vi na minha casa e não gostei, entendeu? Nem ser dona-de-casa como minha mãe é, eu sou. Ih! Eu já fui muito dona-de-casa! Hoje, se eu faço, faço, se eu não faço, eu vou ter tempo prá mim e prá ele. Claro! Eu organizo as coisas. Não sou também relaxada não. Mas se falar assim: "Larga aí! Porque nós vamos em tal lugar!" Ih, minha filha! Pode estar tudo do jeito que estiver, eu me arrumo e vou embora. E a minha mãe deixa de viver, porque ela tem... "Não! Eu tenho que deixar comida feita para aquilo..." Eu acho que eu não herdei nada da minha mãe. Só que eu acho que assim,

em casa, eu era a mãe dos meus irmãos, a mãe da minha mãe, a mãe do meu pai! Continuo até hoje! Continuo essa mãezona de todo mundo. Quando precisam, todos ligam prá mim. Tudo eu resolvo! Acho que é por isso que eu deixei de às vezes, até 'quebrar a cara' num grande amor, de tentar, por causa disso. Ainda teve, Lucélia, o meu irmão mais novo que se viciou no "crack" e minha mãe deixou ele, foi com o marido dela prá outra cidade. E ele ficou com o pai dele! Quando nós descobrimos, eu levei esse menino comigo e recuperei ele. Só que daí ele começou a gastar muito à toa, eu mandei ele embora faz um mês. Mas eu lutei por causa desse menino também! Quando eu trouxe ele de volta, ela passou mal! Ela fez de tudo prá eu ter dó e não deixar ele ai, sabe?

Lucélia: E então, praticamente não houve coisas assim que permaneceram, da educação que você recebeu dos seus pais?

Ivone: Não! Tem! Tipo assim, se a gente pede emprestado, ser bom pagador! Tem essa coisa assim de honestidade. Isso sim! Porque a mamãe é ótima pagadora! O papai também! E dentro de casa, eu tenho irmão que não está nem aí, compra e dá calote. Eu tenho uma irmã que ganha cem e gasta trezentos e até hoje é desse jeito. Eu tenho um irmão que, de cinco que a mamãe teve, nós dois, na qualidade de ser bom pagador, de ser lutador, de ser vencedor... Mas só nós dois! Nos outros três já não teve essa qualidade. Sei lá! Eu respeito o papai, respeito a mamãe, mas eu acho que não teve uma coisa boa prá eu me espelhar neles. Eu sou uma coisa boa hoje! Se eu tivesse me espelhado nos dois, eu não seria isso. Esse irmão meu mesmo, que se viciou em "crack," não é filho do meu pai. É filho de outro homem que a minha mãe gostou. Então teve essas coisas, que não eram exemplo. O meu pai preferia que a minha mãe ficasse com ele tendo outro, do que deixasse dele prá viver com outro! Então, nós achávamos que não era digno. Mas eu tive um exemplo muito forte na minha vida prá me espelhar. Tipo assim: a minha mãe nos largou, largou meu pai e largou tudo prá viver o grande amor da vida dela. E o que aconteceu? O grande amor da vida dela deixou ela! Então, eu não queria isso prá mim. E eu também via quando minha mãe ia para os bares, ia para as coisas, eu sabia que ela arrumava pessoas, coisas... Então, eu nunca quis isso prá mim.

Lucélia: Sua mãe era uma mulher infiel? Sobretudo infiel?

Ivone: Era! Era! Mas não deixava de ser mãe, sabe? Era uma ótima mãe! Vivia prá gente! Nossa! Mas errou bastante. Então, eu não queria o mesmo caminho. Porque eu sofria! Eu já era casada quando eu soube que a minha mãe tinha esse outro homem. Nossa! Todo o mundo desabou na minha cabeça. Desabou mesmo! Só que, puxa! Ela gostava e o coração não tem cerca! Se a gente pudesse saber o que é certo e... se deve gostar ou não deve, ninguém ia errar. Então, eu não tive uma coisa bonita para se espelhar! Foi procurando, foi lutando, foi acreditando, foi tendo fé que eu me fiz. E foi mudando minha vida! Acho que a minha fé foi tanta, tanta, tanta, que quando eu estava lá na minha casa nova, eu determinei prá mim... "Eu ainda vou ter um negócio aqui na baixada! Eu tenho fé! Eu não tenho dinheiro, não tenho da onde, mas eu vou ter!" Teve gente que não acreditou nisso. Aí quando o meu marido montou a oficina, eles viram. Mas assim, sem ter dinheiro nenhum. Agora, estamos lá, com todas as dificuldades, mas trabalhando no que é nosso!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito afirma que assimilou muito pouco da formação que recebeu em família, asseverando que a mulher em que hoje se tornou é na verdade um produto do que aprendeu com a própria vida usando de curiosidade, indo à luta, procurando se informar por si mesma. Sua mãe, apesar de ter sido uma mulher forte, que trabalhava e tinha seus próprios negócios, hoje está acomodada e inspira piedade, diz Ivone. Ela não é propriamente uma mulher submissa, mas é uma "coitada," maximiza. Quando se separou do pai de Ivone, teve muitos outros parceiros até que tomou como companheiro um rapaz

que possuía a idade de seu filho. Este relacionamento, contudo, não a faz feliz ("a infelicidade está estampada em seu rosto," afirma o sujeito). Com o decorrer do tempo, a diferença de idade entre eles evidenciou-se, sendo que ambos não fazem juntos qualquer programa social.

Por outro lado, o pai de Ivone, assim como seu marido, também era alcoólatra, nunca valorizou a mulher que possuía, e hoje se nutre de reclamações. Por isso, o sujeito tentou "corrigir tudo o que viu em sua casa e não gostou," isto é, ao invés de assimilar ou de rebelar-se, ela recriou o velho modelo a partir do que considerava bom para si. Ivone observa que "não herdou nada de sua mãe" e não é semelhante a ela nem no exercício do papel de dona-de-casa. Se o marido a convida para sair, "pode estar tudo do jeito que estiver, eu me arrumo e vou embora," diz ela, assegurando que o trabalho doméstico não é prioritário para si. Ivone ressalta que não é relaxada e mantém uma organização das coisas, mas não se preocupa em deixar tudo em ordem para depois sair, contrariamente ao que faz sua mãe, que sempre foi muito preocupada com a casa e com os afazeres domésticos.

O sujeito confessa que na verdade, ela própria era e ainda é a grande "mãezona" de todos os membros de sua família: "Eu era a mãe dos meus irmãos, a mãe da minha mãe, a mãe do meu pai! Continuo até hoje!" Assim, todos eles recorrem a Ivone quando necessitam, pois ela tudo resolve (certamente a mesma obtém muitos ganhos secundários por se tornar assim tão necessária e indispensável para todos). Ivone acredita que talvez seja devido a isso, que tenha deixado de arriscar-se a viver "um grande amor:" havia muitas pessoas dependendo dela, e para as quais ela deveria ser modelo de conduta; estava em jogo a sua auto-imagem, o seu auto-conceito, e a sua necessidade de aprovação social. O sujeito relata que o seu irmão mais novo se viciou em "crack." Enquanto sua mãe o deixou com o pai e viajou com o jovem marido, ela levou o irmão para sua casa e o recuperou do vício. Posteriormente "devolveu" o garoto à mãe, porque o mesmo passou a esbanjar dinheiro, apesar desta ter usado de todos os subterfúgios possíveis para não ficar com ele (vitimizou-se através de um mau súbito, tentando despertar em Ivone sentimentos de culpa e piedade).

Apesar de não ter tido uma família bem estruturada em termos afetivo-emocionais, o sujeito afirma que herdou dos pais o traço da honestidade. Seu pai e sua mãe são ótimos 'pagadores,' diz ela. Todavia, três de seus irmãos não assimilaram esse traço de caráter: enquanto um compra e "dá calote," outra gasta três vezes mais do que os seus rendimentos lhe permitem. Ivone assegura que somente um de seus irmãos é como ela: honesto, bom pagador, batalhador, e disposto a vencer na vida.

O sujeito, apesar de respeitar seus pais, considera que não houve aspectos positivos nos quais ela pudesse se "espelhar" neles, referindo-se especificamente a princípios de moral e ética. Ivone considera a si mesma como "uma coisa boa hoje," mas assegura que se tivesse assimilado a conduta dos pais, certamente não seria isso.

Houve sérios problemas relacionados a questões de conduta irregular e infidelidade por parte de sua mãe. Seu irmão mais novo, por exemplo, é filho de um outro homem pelo qual ela se apaixonou. Já o seu pai preferia manter-se ao lado de uma mulher infiel, ao invés de separarem-se para viver cada qual a sua relação com transparência e legitimidade. Então houve posturas e fatos que não constituíam exemplo, e condutas que Ivone não considerava dignas de nenhuma das partes.

Por outro lado, o sujeito afirma que teve um exemplo muito forte para se mirar, mas no sentido oposto: sua mãe deixou o marido, deixou os filhos e a tudo o mais para ir viver "o grande amor de sua vida." Entretanto, este "grande amor" a deixou mais tarde. Ivone em suas ilações, assevera que não desejava que a situação se repetisse consigo, de forma que se recusou a abandonar a tudo e a todos para se arriscar em uma nova vida com o amante. Ela lembra-se que já era casada quando soube que sua mãe tinha um outro homem, e foi como se "o mundo tivesse desabado sobre sua cabeça." Enquanto filha, Ivone vivenciou com muita dor os deslizes da mãe. Apesar de entender que "o coração não tem cerca," que "ninguém escolhe errar," e não se decide antecipadamente se se deve gostar ou não de alguém, ela via a mãe indo para os bares, fazendo programas escusos, e sabia que não era bom, isto é, apesar dos 'desvarios do coração' era possível agir com consciência e um certo controle sobre suas ações.

O sujeito reitera que sem ter uma matriz que lhe oferecesse continência e princípios de integridade moral, ela se fez sozinha, procurando por respostas, lutando

para atingir seus objetivos, acreditando em si mesma, e sobretudo, tendo muita fé (Ivone é cristã fervorosa). E com isso a sua vida e a de seu marido foram assumindo novos contornos. Ativa e empreendedora, ela conseguiu montar o negócio que tanto queria, uma oficina mecânica para o marido trabalhar na praia, quando ambos não tinham nenhum recurso. Desta forma, conseguiu também se auto-afirmar diante de alguns segmentos do contexto social, que demonstravam ceticismo em relação ao seu sucesso, e confirmar para si mesma sua capacidade de vencer. "Agora estamos lá, com todas as dificuldades, mas trabalhando no que é nosso!" diz Ivone orgulhosa de suas conquistas.

Observe-se que o movimento de diferenciação do sujeito em relação ao modelo constituído pelas figuras parentais não apresentou respostas ostensivas. Ou seja, parece não ter havido uma atitude de rebeldia e contestação no sentido de descartar simplesmente valores pré-estabelecidos, numa tentativa cega e desorientada de auto-afirmação e de rompimento com as figuras parentais. O que houve parece ter sido uma busca de identidade orientada muito mais no sentido do crescimento interno, munindo-se de recursos saudáveis, seguindo uma orientação do Eu superior, e uma tendência reparadora e construtiva de sua personalidade supostamente inata.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 10: Judite (em referência à unidade nº 5)

O discurso do sujeito

Judite: Ah! Eu acho assim que esse lado meu aí de medo, esse lado assim, de tudo é feio, eu acho que a minha mãe me colocou muito! A minha mãe, sempre me dizia assim: "Que a mulher nunca pode chegar a procurar um homem... de jeito nenhum! Que isso é ser prostituta! Isso é ir contra os princípios religiosos. Mulher tem que ser procurada! E... a mulher tem que estar no seu lugar! Mulher não pode ser assim... expansiva!" Eu acho que é por isso, que eu nunca me deixei, assim, ser atraída! Esse lado, eu consegui levar até o... eu acho que eu estou conseguindo me libertar agora!

Lucélia: Você está me dizendo o seguinte: que agora é que você está se diferenciando?

Judite: É! E o meu pai me passou sempre assim: "Você tem que procurar sempre o melhor prá você!" Eu cheguei a namorar com um rapaz e ele era negro. O meu pai chegou prá mim e falou: "Não! Esse não te serve porque esse é negro!" E assim: "Não! Você é bonita! Você não pode namorar esse negrão feio! Você tem que procurar alguém mais bonito que você. Você tem que procurar alguém mais do que você!" E agora,

minha mãe, já me falava assim: "Não! Você tem que tomar cuidado! Mulher tem que ser recatada! Mulher não tem que ser assim!" E eu segui isso até agora. Aí, por isso que eu estou com medo! Acho que eu estou descobrindo agora que não é isso o que eu quero prá mim. Olha quanto tempo demorou! (Riso) E aí, eu fico com medo também, porque eu não quero passar isso prá minha filha! Eu tento deixá-la bem livre! É lógico, a gente conversa bastante sobre... sexo quase a gente não se fala em casa. Então, algumas perguntas, ela me faz e eu respondo aquilo que eu sei. Mas, é sempre assim: "Tem sempre a hora certa, o dia certo! Não tem que perguntar prá mim, o que é certo prá mim. Prá sua cabeça, o que é certo?" (ela falando à filha) Ela ficou assim me questionando: " - Mãe, eu quero ir no PlayCiência! Você me deixa?" Eu falo: "- Filha! Não tem que deixar. Você quer ir?" E também assim: "- Mãe! Com que roupa eu vou?" "- Ah, filha! Com que roupa você quer ir?" Sabe? Minha mãe, não! Minha mãe falava assim: "Você tem que vestir essa e tem que ser essa! Eu quero que você vista essa!"

Lucélia: Então, você está tentando ser uma mãe diferente para os seus filhos?

Judite: Diferente! Eu quero que ela seja assim totalmente indepentente, sabe? Que ela tenha o seu próprio pensamento. Eu não quero influir em nada na vida dela. Eu quero só assim, colocar todos eles num caminho, que vai ser bom prá eles no futuro. Sem culpa! Sem medo! Sabe assim? Então, eu estou tentando, não sei se vou conseguir. Tento ensinar religião. Eu fui catequista durante muitos anos na igreja. Agora não vou mais. Desisti mesmo porque eu não estava conseguindo passar... eu pensava diferente uma coisa e eu tinha que passar aquilo! E eu ensinei eles assim, sabe: "- Mãe! O que você acha que eu devo fazer?" Eu pergunto: "- O que você quer fazer? Prá você está certo? Prá você está errado?" Às vezes, eu entro em conflito com o meu marido porque ele acha ruim comigo. E a minha filha é um doce! Eu vou prá escola, eles estão me dando a maior força! Os três! (Riso)...

Unidade transformada em linguagem psicológica

Judite afirma que o medo a que tanto se refere "foi sua mãe quem colocou." As palavras da mãe para ela ainda ressoam fortemente como mandatos que norteiam o comportamento feminino, e funcionam como tabus que não podem ser quebrados, redundando em última instância na imposição de uma identidade pautada no comportamento comedido e na repressão da sexualidade: "Mulher nunca pode chegar a procurar um homem! De jeito nenhum! Isso é ser prostituta, é ir contra os princípios religiosos. Mulher tem que ser procurada! A mulher tem que estar no seu lugar. Mulher não pode ser expansiva! Mulher tem que ser recatada!"

Judite acredita que é devido a tais mandatos e admonições que nunca se deixou atrair pelo sexo oposto, mantendo-se fiel aos ensinamentos recebidos, de forma que somente agora está conseguindo se libertar da sua força restritiva e determinista, num movimento espontâneo em busca do crescimento e da diferenciação.

Por outro lado, o pai lhe ensinou que ela deveria "procurar sempre o melhor." Neste caso 'o melhor' seria um rapaz que não fosse negro, mas sim superior a ela, tendo-lhe sido apresentados os seguintes argumentos: "Você é bonita! Você não pode

namorar esse negrão feio! Você tem que procurar alguém mais bonito que você, alguém mais do que você!"

O sujeito afirma que está descobrindo somente agora, aos trinta e seis anos que não é isso que deseja para si, e esta descoberta a faz sentir medo. Preocupada com a geração de seus filhos, Judite afirma que não deseja transmitir-lhes os mesmos mandatos tacanhos, repressores e aniquiladores da individualidade. Assim, tenta deixar sua filha livre para que esta descubra por si mesma o que é melhor para si, enquanto exime a si própria de usar sua autoridade no sentido de 'pré-moldar' os desejos e a personalidade da filha, tal como sua mãe costumava agir. Judite estimula sua filha para que aprenda a pensar e a saber o que quer, desenvolvendo assim sua própria individualidade e adquirindo confiança em si mesma. Que ela saiba decidir sozinha que roupa usar, onde ir, com quem ir, o simples fato de ir ou não, tudo isto sem a interferência da mãe. Que ela desenvolva o seu próprio código de valores sobre o que é certo ou errado. Tal conduta é diametralmente oposta àquela que a mãe de Judite tinha para com ela, baseada no modelo autoritário do sistema patriarcal, onde a autoridade neste caso representada pela figura materna detém o poder e a verdade absoluta, que é impingida de forma arbitrária aos filhos.

O sujeito reitera seu desejo de que a filha seja "totalmente independente" e "tenha seu próprio pensamento." Judite assegura que não deseja induzir a filha a tomar suas decisões, mas pretende colocar todos eles num caminho que favoreça o seu futuro, proporcionando-lhes uma formação educacional básica. De acordo com isto, ela tenta ensinar-lhes religião dentro de alguns preceitos essenciais, muito embora como catequista tivesse desistido das respectivas funções por pensar diferente do que ensinava e pregava (tornou-se contraditório). Está implícito também que o sujeito 'desistiu' da formação religiosa tal como recebeu de seus pais, e certamente, neste momento de sua vida a religião não será o aspecto forte da educação que tenta transmitir aos filhos.

Seu marido nem sempre concorda com os seus métodos. Em contrapartida, ela pode contar com todos os seus três filhos, que estão "dando a maior força" agora que ela retomou os estudos.

No caso de Judite o caminho da diferenciação se deu não somente no sentido de redirecionar a sua própria vida, principalmente no que tange à relação com o sexo oposto através da liberação da parte sexual-afetiva, e a mudança na consideração de alguns princípios religiosos, como também no que se refere à educação dos próprios filhos. Ela se esforça sobretudo para não lhes transmitir os mesmos mandatos recebidos de seus pais, os mesmos valores 'rançosos' e tacanhos, que atrofiam a individualidade (e provocam insegurança emocional) ao invés de conduzir à livre expressão.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 12: Verônica (em referência à unidade nº 5)

O discurso do sujeito

Verônica: ...Eu não sei se realmente eu sou uma mulher de verdade, sabe? Assim, até pouco tempo atrás, eu não tinha coragem de enfrentar o meu marido. Hoje eu enfrento. Agora, sexualmente, eu não sou mulher! Porque todas as vezes que eu vou ter uma relação, a minha mãe está no meio! Vou te contar por quê. Aos dez anos de idade, era um sábado, minha mãe me tirou cedo da cama e falou: "Você vai passar toda a roupa prá mim!" Eu sempre gostava de dormir até um pouquinho mais tarde. Aí eu fui guardar a roupa no quarto dela. E meu pai usava... Sabe aquelas cuecas que abotoa aqui? O meu pai gostava de tomar umas e... minha mãe dizia que ele era meio alcoólatra. Ele estava deitado na cama... E eu cheguei lá, e o meu pai estava com o 'pinto' prá fora! Quer dizer, tinha um negócio no meio das pernas dele, que eu presumia que era o 'pipi' porque a minha mãe nunca me deixou ter acesso a nada. Você está entendendo? Aí, eu voltei com o monte de roupa prá cozinha de novo. E fui lá embaixo porque ela estava lavando roupa no tanque. E falei: "Mãe, eu não posso guardar sua roupa, porque eu entrei no quarto e o pai está meio esquisito lá!' 'Você está maluca! Porque ontem ele me encheu o saco! Veio bêbado prá casa..." Porque eu já ia dormir, eu não gostava dessa história. Aí ela falou: "- O que você viu?" "- Ah! Não sei! A cueca dele está desabotoada!" Ela entrou no quarto, viu ele daquele jeito, ela pegou a cinta e me deu uma surra, Lucélia! Eu nunca mais esqueci na minha vida! Ela falou que eu fiz o meu pai ficar daquele jeito. E isso é uma das coisas que eu não consigo tirar do coração. Eu nunca tinha visto nada! Sabe, não estava assim ereto, mas estava prá fora! Eu, como nunca tinha visto... E eu sempre senti necessidade de ter o carinho de pai. Porque quando eu era pequena, meu pai me levava prá passear de bicicleta. Eu era a princesa dele! Até hoje! Mas minha mãe nunca deixou! Depois que eu fiquei um pouquinho maior, nunca deixou eu sentar no colo do meu pai, dar um beijo nele. Hoje eu faço ele de 'gato e sapato.' Eu sento no colo! Deito na cama com ele! Se ele está deitado, eu vou lá, encho o saco dele, mexo com ele. Vou lá, beijo ele! Sopro a orelha dele! Você vê, o que eu tinha vontade de fazer, eu faço hoje. Mas agora já foi. Então, isso me marcou muito! Tanto é que eu nunca senti prazer na minha vida! Nem sei o que é! Então, eu acho que isso fez mal a vida toda prá mim!

Outro trecho

Verônica: Já a minha irmã, minha mãe criou de modo diferente. Porque a minha irmã antes de casar, ela cedeu prá todos os namorados dela, teve relacionamento com todos eles. Casou, separou, gandaiou a vida

inteira! E hoje, ela virou evangélica. De vez em quando arruma um homem, põe dentro de casa. Minha mãe apóia totalmente. Se eu falar que ela está errada fazendo isso, ela está pegando doença, porque hoje em dia, né? Minha mãe bate em mim até hoje! Pois ela viu a minha filha com quatorze anos, de mão dada, no ponto de ônibus, ela pegou o outro ônibus, chegou antes da minha filha, e me deu uma surra! Ela foi entrando e me batendo! Minha filha tinha quatorze anos! Foi há dez, nove anos atrás, isso. Ela pôs ela prá fora de casa. Eu fiquei um ano sem conversar com a menina. Eu falei: "A criação que a senhora me deu, eu não dei para as minhas filhas!" Tanto é que as minhas filhas namoram, dormem com o namorado. Eu sei totalmente! A minha filha, essa legítima, foi fazer uma cauterização esse mês. Eu acompanhei totalmente! Apóio totalmente! Eu criei as minhas filhas diferente da minha mãe. Eu nunca bati nas minhas filhas! Nunca! Pela educação que eu tive, eu sou uma heroína nessa parte. Você está entendendo? Enquanto na outra, eu não sou nada! Nessa, eu me considero uma super-mãe! Porque eu ensinei prá ela tudo o que eu sei. E que eu li! Porque o que eu sei, eu fui procurar ler. Eu falei prá ela: "O dia que você for ter o primeiro relacionamento, você faça com quem você ama, com quem ame você! E que seja com muito amor! Com muito prazer! Com a consciência feita do que você está fazendo. Não importa se você vai casar com ele ou não! Faça a sua vontade! Se você acha que é certo, você faz! Mas se previna prá evitar filhos! Se previna prá não pegar uma doença. Veja com quem você faz! E ame muito essa pessoa principalmente nessa hora! Se entregue de corpo e alma prá essa pessoa, como sua mãe não conseguiu fazer até hoje!" Falei prá minha enteada, falei prá minha filha, e falei prá esta outra aqui! Tanto é que camisinha vive de monte nas gavetas...

Lucélia: Você está tentando ser uma mãe totalmente oposta àquilo que a sua mãe foi prá você?

Verônica: Eu sou! Eu sou! Eu sou! (Ênfase). Eu não estou tentando! Eu sou! Eu não sou a Dona Maria! Eu sou a Verônica! (Riso) Dessa parte eu sou consciente. Bastante!

Ainda outro trecho

Lucélia: Houve algum aspecto do seu pai que você assimilou, que você incorporou? Ou não?

Verônica: Não! A minha mãe nunca deixou o meu pai conversar comigo sobre nada! Porque eu acho que o meu pai sempre bebeu por causa da minha mãe. Porque a minha mãe, na realidade, ela é um homem! Ela levanta parede, ela reboca a casa, ela pinta. Ela não é uma mulher delicada. Tudo o que ela vai fazer é abrutalhado! Já o meu pai nunca falou prá mim: "Filha! Eu não quero que você namora esse moço!" A minha mãe não se dá com o meu marido porque ele é de cor. Ele é mulato. Minha mãe é racista, além disso. Prá ela, se uma mulher é separada e vive com outro homem... Ela fala prá mim: "Você prá mim não presta! Você é uma puta! Porque você vive com outro homem!" Agora a minha irmã presta! Você acredita?

Lucélia: E tudo isso que você ouviu da sua mãe, hoje você está tentando fazer diferente? Seria isso?

Verônica: Eu assumi o que ela passou prá mim! Então, a hora que eu estou tendo relação com o Júlio, eu me considero uma prostituta! Eu não sou mulher de... Ela entra no meio... Eu tenho esperança que Deus vai me dar essa luz, que um dia eu vou tirar isso, certo? Porque eu acho que o Júlio... a maioria das brigas, a culpada mesmo sou eu! Eu assumi isso. Porque se eu fosse um pouquinho mais liberal na cama com ele, eu tinha conseguido já até arrumar a minha casa! Porque eu acho que a cama é o importante para o resto, certo? Porque quando eu fiz o curso de noivos prá casar com meu primeiro marido, eles frisaram bem isso. "Se você tem um relacionamento respeitoso e bom, na cama com o seu marido e com a sua mulher, a sua vida sem ser na cama... a sua vida normal é mil por cento melhor!" Isso há vinte e quatro anos atrás! E eu guardei, mas só que eu não consigo por em prática. A minha mãe aparece no meio! Porque a primeira noite minha foi um horror, sabe? Então, a minha mãe entrou no meio... Quer queira, quer não, ela está presente! Eu vejo ela sentada na minha cama direto. Mas é minha cabeça, isso! Hoje mesmo de manhã eu a vi. Ela parece que entra no meio, dentro de mim, assim... entre os dois! É para castrar! Para castrar mesmo! Prá mostrar que eu não tenho direito a isso! Então por isso que vem aquela dúvida: se eu realmente sou filha dela, ou se eu sou filha de um fruto do meu pai. Porque meu pai andava com várias mulheres por causa do tipo da minha mãe. E eu guardo um segredo do meu pai até hoje! A única filha que sabe do segredo do meu

pai, que a minha mãe fez questão de contar, fui eu! Meu pai matou um homem quando ele era guarda noturno, em legítima defesa. Então isso me remói por dentro. E eu não sei se é isso que me deixou... sei lá, com medo do homem. Que ele pudesse matar uma outra pessoa!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Verônica afirma que não sabe se é uma "mulher de verdade," porque sente que falta em si alguma coisa nesse sentido. Até pouco tempo atrás afirma que não se sentia com coragem para confrontar-se com seu marido, hoje ela "enfrenta," todavia, ainda persiste a noção de que "sexualmente não é mulher." As raízes deste problema, afirma, estão na sua criação. O sujeito assevera que todas as vezes que vai ter uma relação sexual, "a sua mãe está no meio," e relata a seguir uma cena de sua infância para explicar melhor essa questão.

Aos seus dez anos de idade, certo dia sua mãe a acordou bem cedo e mandou que ela fosse passar roupa. Quando foi guardar a roupa já passada no quarto da mãe, Verônica encontrou seu pai deitado na cama (ele havia chegado bêbado na noite anterior) descomposto, isto é, ele usava aquele modelo antigo de cuecas de abotoar na cintura e o seu pênis estava exposto. Ela, que nunca havia visto nada parecido, pelo fato de sua mãe tê-la mantido afastada e ignorante de todos os assuntos referentes à sexualidade, presumiu que "aquilo" fosse o "pipi" de seu pai. Em seguida, voltou e disse à mãe que não pôde guardar a roupa porque havia entrado no quarto, e "seu pai estava meio esquisito lá." Após ter ido ao quarto ver o quadro com seus próprios olhos, a mãe voltou e, com a cinta, impingiu à filha uma surra com tamanha violência, que deixou-lhe impressas profundas e indeléveis marcas, tanto em seu corpo quanto em sua psique: "Eu nunca mais esqueci," declara ela. Além disso, Verônica ouviu de sua mãe que "ela fez o pai ficar daquele jeito." Parece claro aqui que a mãe tinha na filha sua grande rival.

Verônica afirma que esta cena é um dos episódios do seu passado que "não consegue tirar do coração" (isto é, sem que tivesse sido elaborado psicologicamente, o incidente resultou na formação de um complexo, além de um profundo ressentimento da figura materna). O sujeito assegura que nunca havia visto nada parecido, e nem sequer estava ereto, apenas "prá fora" (mas isso bastou para ser o seu pecado). Esta primeira visão do corpo de um homem (mais propriamente de seus

órgãos genitais), que por acaso era o seu pai, foi a sua primeira experiência com a figura masculina, uma experiência terrivelmente traumática e avassaladora.

O sujeito ressalta que sempre sentiu necessidade de ter o carinho de seu pai. Quando pequena aquele a levava para passear de bicicleta, e ela se sentia "a sua princesa!" Até hoje é assim, observa, querendo dizer com isso que ela sempre teve um lugar especial no 'coração' do pai, e supostamente era sua filha preferida. Mas sua mãe nunca permitiu manifestações de afeto entre pai e filha, principalmente depois que Verônica cresceu um pouco mais. Havia sim, uma vigilância ostensiva da figura materna no sentido de manter afastados pai e filha, pressupondo como perigosa tal aproximação, atitudes estas que sugerem flagrantes evidências do Complexo de Édipo. Hoje, todavia, o sujeito declara que faz do pai "gato e sapato," isto é, "usa e abusa" tendo com ele um relacionamento sem restrições: senta-se no seu colo, deita-se na cama com o mesmo, "mexe com ele" deitado, "enche o saco dele," beija-o e até "sopra a sua orelha." Na verdade são brincadeiras picantes e excitantes (uma forma disfarçada de bulinação), através das quais ela realiza todas as suas fantasias proibidas (edípicas), embora tardiamente. O sujeito demonstra estar consciente destes aspectos quando afirma que faz com o pai no presente o que sempre quis fazer no passado e nunca pôde.

Verônica afirma que a cena anteriormente descrita lhe marcou muito, e supostamente lhe causou danos psíquicos consideráveis, afetando toda a sua relação com a figura masculina, visto que nunca sentiu prazer em toda a sua vida sexual.

Em outro trecho o sujeito se queixa que sua mãe agiu de maneira diametralmente oposta na criação de sua irmã, sendo muito liberal e permissiva quanto à vida sexual desta, e apoiando totalmente sua conduta irregular. Nem ela própria pode reprová-la face à freqüente troca de parceiros alertando-a, por exemplo, para o risco de se contrair uma doença sexualmente transmissível. O sujeito relata ainda que sua mãe a espancou há nove anos atrás quando viu sua neta, que na época tinha quatorze anos, de mãos dadas com o namorado em recinto público, porque na sua concepção Verônica não havia educado corretamente a filha. Além disso, no absolutismo de seu poder matriarcal, expulsou a garota de casa, e Verônica deixou de conversar com a filha por um ano. O sujeito observou então à mãe: "A criação que a senhora me deu, eu não dei para as

minhas filhas!" Demonstrando sua atitude liberal, Verônica relata que suas filhas namoram, e mantêm um relacionamento sexual com o namorado, fato que é de seu inteiro conhecimento e "total" aprovação. Além disso, ressalta que nunca espancou suas filhas, e que deu a elas uma educação diferente daquela que recebeu, qualificando-se nesse sentido como a própria "heroína." Portanto, o exercício da maternidade foi o aspecto em que o sujeito aparentemente se diferenciou dos 'valores herdados,' enquanto no exercício de sua vida sexual, o aspecto que a define enquanto mulher, mantém severas limitações e dificuldades ("ela não é nada") oriundas dos traumas sofridos, e admonições que não conseguiu descartar.

Verônica se considera uma "super-mãe," e se gaba pelo fato de ter ensinado às suas filhas tudo o que sabe, e que foi aprendido à custa de seus próprios esforços e do que procurou ler. Assim, já orientou-as sobre a importância da escolha do parceiro em sua primeira relação sexual, enfatizando que seja sobretudo alguém com quem mantenham um vínculo afetivo: "...Veja com quem você faz! E ame muito essa pessoa principalmente nessa hora! Se entregue de corpo e alma prá essa pessoa, como sua mãe não conseguiu fazer até hoje!" Verônica reiterou que esta fosse uma decisão consciente, um ato de sua própria vontade, que não estaria necessariamente vinculado ao casamento, mas que fosse sobretudo um ato de amor e prazer. Ressaltou ainda a importância da prevenção da gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis.

Através de um belíssimo discurso em que não conseguiu conter nas entrelinhas sua imensa amargura, o sujeito tentou mostrar de forma idealizada, tudo o que gostaria de ser e de ter vivido enquanto mulher, ao mesmo tempo em que tentou agir com suas filhas da forma como gostaria que sua mãe tivesse agido com ela. Para comprovar a sua conduta liberal cita o exemplo dos preservativos, que "vivem de monte nas gavetas!"

Quando a pesquisadora ia refletir que ela estava "tentando ser" uma mãe totalmente oposta ao modelo de mãe que conheceu, o sujeito reagiu enfática e reiteradamente: "Eu sou! Eu sou! Eu sou! Eu não estou tentando! Eu sou!" Disse que não era "a Dona Maria," senhora sua mãe, mas "a Verônica," e que "desta parte" estava muito consciente. Este excesso de convicção do sujeito pode ser entendido como uma

contra-reação no sentido de ocultar sua dependência e sujeição em relação à figura materna altamente dominadora e aniquiladora, uma tentativa de atingir a diferenciação através do exercício da maternidade, adotando uma posição que é o extremo oposto daquela (o que no fundo, não deixa de ser a mesma coisa, pois, a conduta extremamente liberal e aquela muito rígida e severa ocultam o mesmo conflito em relação à sexualidade).

Em um terceiro trecho o sujeito afirma que não houve nenhum aspecto que tivesse assimilado de seu pai pelo simples fato de que sua mãe nunca permitiu que se aproximassem. Verônica acredita que na verdade, seu pai bebia devido às frustrações causadas por sua mãe. "Porque a minha mãe, na realidade, é um homem!" observa o sujeito, justificando que ela executa o trabalho de um pedreiro, isto é, "levanta parede, reboca casa e pinta." Já o seu pai nunca lhe fez qualquer tipo de restrição, e nunca a impediu de namorar quem quer que fosse. Sua mãe, entretanto, não mantém um bom relacionamento com o seu atual companheiro pelo fato dele ser mulato. Ela acredita que uma mulher que é separada judicialmente, e vive maritalmente com outro homem (como é o caso de Verônica), não possui boa reputação. Inclusive já afirmou textualmente à filha: "Você prá mim não presta! Você é uma puta!"

A não ser no aspecto da maternidade, em que ocorreu a sua "diferenciação" (na verdade, uma negação dos valores transmitidos pela figura materna), em sua vida afetiva/sexual o sujeito assegura que "assumiu o que sua mãe lhe passou." Então, tal como foi preconizado e em obediência a ela, no momento em que está mantendo relações sexuais com o companheiro, Verônica se considera uma prostituta. "Ela entra no meio..." relata o sujeito, referindo-se à interdição da figura materna.

O sujeito declara ter esperança de que a providência divina irá lhe ajudar a "tirar isso de dentro de si algum dia," isto é, romper com a fidelidade e a subserviência aos mandatos e admonições proferidos pela figura materna. Ela reconhece que na maioria das brigas e conflitos com o seu companheiro, "ela é mesmo a culpada." E acrescenta que se fosse "um pouquinho mais liberal na cama com ele, já teria conseguido arrumar a casa," visto que a vida sexual condiciona os demais aspectos da vida-a-dois. Isto foi

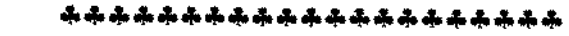
destacado no curso de noivos que realizou para se casar com o seu primeiro marido há vinte e quatro anos atrás, e ela jamais esqueceu. Todavia, não consegue praticar isto.

O sujeito relata que a sua primeira noite de casada foi "um horror," pois "a sua mãe entrou no meio." Verônica observa que independente de sua vontade, ela está presente, acrescentando que "a vê sentada em sua cama direto," isto é, a imagem da figura materna altamente catexizada assume um caráter persecutório e invade a sua intimidade, impondo-se continuamente e interditando a sua vida sexual. Verônica sabe que isso é produção de sua mente, mas observa que hoje mesmo ela a viu: "Ela parece que entra no meio, dentro de mim! Assim... entre os dois!" (fica claro neste trecho que não se trata de uma alucinação). O sujeito afirma textualmente, e com surpreendente clareza que isto "é para castrar mesmo," para lhe cercear o direito a uma vida sexual plena. Assim, ela parece estar totalmente à mercê desta poderosa influência da figura materna.

Verônica observa que todos esses fatos fomentaram a dúvida sobre sua origem, ou seja, se ela é realmente filha biológica de sua mãe, ou se não seria fruto de um relacionamento extra-conjugal de seu pai.

Além disso, o sujeito conserva um segredo referente ao fato de seu pai ter assassinado um homem em legítima defesa, quando era guarda noturno. Verônica, todavia, se ressente por sua mãe só ter dito isto a ela, e a nenhum outro de seus irmãos (parece que "fez questão de contar para ela"). Esta acredita que aquela assim agiu para lhe incutir "medo dos homens," mas não se apercebe que este pode ter sido mais um expediente para afastá-la definitivamente de seu pai.

Entre abundantes dados auto-biográficos, o sujeito demonstra que ainda está sujeita ao controle esmagador e aniquilador da figura materna, muito embora seus consideráveis esforços pela consquista da diferenciação.



Síntese da 5ª UT: a 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados

Nos casos de Ester, Paloma e Samanta a figura materna mostrou-se totalmente submissa à figura paterna, sendo que as duas primeiras reproduziram o modelo herdado em suas histórias de vida. Assim, Ester durante muitos anos em seu casamento suportou os maus-tratos, o abandono e o desamor do parceiro, pois possuía um medo paralisante de separar-se e vir a passar fome, visto que de acordo com o modelo herdado, a mulher era totalmente dependente do marido, e o casamento se constituía num meio de sobrevivência. Como sua mãe, "acovardou-se" até que se dispôs a agir. Paloma igualmente teve uma mãe passiva e extremamente submissa e por outro lado, um pai autoritário, que era "o bom," e "o gostosão," e que no jogo dos papéis era o provedor enquanto sua mãe era a "empregada doméstica" dele, efetuando desta forma a complementaridade. Paloma renegou este modelo do masculino prepotente, com base no julgamento de que o mesmo "não serve prá nada," tendo-o equiparado a uma estátua, um vaso, um objeto qualquer que não lhe transmite coisa alguma. Ela admite que assim que se casou reproduziu o modelo materno, todavia, pontua que sua história foi ainda mais difícil que a de sua mãe, pois sofreu mais que ela. Paloma avalia que o que faltou no modelo materno foi esta tê-la preparado para a realidade do relacionamento homem/mulher, visto que nunca soube o que sua mãe sentia ou o que pensava. A seus olhos a figura feminina parecia não ter poder de escolha, poder de ação e também estava impedida de manifestar sentimentos.

Por sua vez, Samanta afirma que muito embora sua mãe tivesse sido muito submissa, seu pai não era um homem muito autoritário, ao contrário, considerou-o como um "bom modelo de homem," muito avançado para sua época, pois não só dividia as tarefas domésticas com a esposa como privilegiava os estudos e a profissão ao namoro precoce. Em contrapartida, sua mãe era uma mulher conservadora, cheia de preconceitos morais e tabus no que tange ao exercício da sexualidade.

Se por um lado Samanta parece se orgulhar e idealizar a figura paterna, figura com a qual parece que se identifica mais, ela tende a se rivalizar e ter uma relação competitiva com a figura materna, por quem não teve confirmada sua feminilidade, ao contrário, sentiu-se renegada e desqualificada enquanto mulher (aquela considerava sinal

de promiscuidade o fato de que a filha tivesse tido vários namorados). Em seu ostensivo processo de diferenciação da figura materna, Samanta descartou quase todos os valores que recebeu, num declarado repúdio ao modelo de feminilidade que lhe foi transmitido. Além disso, orientações contraditórias e ambíguas podem ter lhe provocado uma confusão mental, dificultando sua definição por uma identidade sexual. Se por um lado havia um masculino bom e justo, e um feminino submisso e conservador, por outro lado este feminino era explorado e subjugado desde a meninice, em nome da supremacia e dos privilégios masculinos.

A diferenciação ocorreu entre os diversos sujeitos com algumas similaridades e diferenças. Nos casos de Verônica, Ester e Judite a forma mais imediata e palpável de diferenciação se deu através do exercício da maternidade, onde estas procuraram ser para seus filhos, senão diferentes, mães diametralmente opostas à que tiveram como modelo, e à forma como foram criadas. Supostamente porque estando no contra-papel podem dar agora a seus filhos aquilo que gostariam de ter recebido de suas mães no papel de filhas, compensando e reparando desta forma as falhas do antigo modelo. Assim, embora a mãe de Judite tivesse lhe transmitido conceitos antiquados e ultrapassados sobre o papel da mulher na relação com o sexo oposto (a iniciativa do encontro cabe sempre ao homem e nunca à mulher, por exemplo), Judite estimula a filha para que seja totalmente independente, deixando-a livre para que descubra por si mesma o que é melhor para si; que aprenda a pensar por si mesma, a saber o que quer, e a tomar suas próprias decisões; que desenvolva o seu próprio código de valores sobre o que é certo ou errado.

No caso de Ester, seus pais tinham os filhos como um estorvo e um desprazer, tendo instituído o mandato de que "ali, quem não trabalhava não comia." Em contraposição, Ester desenvolveu uma consideração positiva em relação ao filho, dispondo-se a não criticá-lo, e sobretudo tratando os assuntos referentes à sexualidade de uma forma aberta e desprovida de tabus.

Para Verônica, sua experiência ainda foi mais marcante e avassaladora de forma que ela faz questão de ostentar uma negação completa e absoluta do modelo materno, comportando-se de forma extremamente liberal e aberta, acompanhando o que

se passa com as filhas na sua intimidade, sem nunca tê-las espancado. Verônica se considera uma "super-mãe," e se gaba por ter ensinado às filhas tudo o que sabe. Assim, pontuou-lhes que na ocasião da primeira relação sexual, é importante saber escolher o parceiro, tomando como critério a existência de um vínculo afetivo. Verônica acentua veementemente o fato de ser uma mãe e uma pessoa diferente de sua mãe, e de ter sua própria identidade, negando assim toda e qualquer sujeição e dependência ao modelo.

Todavia, ainda há que se mencionar outros aspectos dos sujeitos, através dos quais ocorreu a diferenciação. Assim, Ester movida por necessidades de sobrevivência procurou se firmar numa profissão (até porque o mandato citado acima era por demais aterrador), e não se apoiar no casamento como um meio de vida. Sua mãe apenas se queixava das coisas que não podia ter, o modelo feminino neste caso veiculando uma dependência total e absoluta, tendo como um fato natural e esperado o sustento da esposa pelo parceiro. Já, as tentativas de diferenciação de Paloma recaem no sentido de não ser tão submissa como a mãe, tendo sido um aprendizado exercer o poder na relação com equilíbrio e moderação. Para Judite a diferenciação ocorreu na mudança de alguns princípios religiosos e na liberação de sua vida sexual e afetiva.

Diana teve vários modelos masculinos e femininos em sua matriz. Tanto a tia como a mãe eram igualmente "provedoras," isto é, do tipo "mãezonas," e estavam sempre prontas a nutrir e a acolher. Em contraposição houve dois tipos opostos de homem: aquele mulherengo, agressivo, ausente e egocêntrico (o avô e o pai), e o tipo "paizão" amoroso, religioso e bem ajustado socialmente (o tio). Diana se auto-qualifica como sendo "completamente rebelde," sendo que o alvo da sua rebeldia estava direcionado para a infidelidade masculina e a submissão feminina, e reitera que "jamais perdoou a traição," aspecto que considerava "a morte para si." Depreende-se em seu discurso ambigüidade em relação à figura paterna, a quem tecia severas críticas e ao mesmo tempo, nutria grande prazer em estar junto. Talvez por ter se sentido rejeitada e menosprezada pelo pai, que também possuía relacionamentos extra-conjugais, o fato é que o sujeito adotou um comportamento irreverente e ostensivo diante de todos os privilégios arbitrariamente concedidos ao sexo oposto, adotando uma postura muito mais no sentido de questionar e estabelecer limites do que de assimilar e incorporar valores.

Assim, Diana descartou veementemente a submissão feminina e a infidelidade masculina, reiterando que abominava a "mulherenguice do avô" (viúvo).

Cibele e Laura tiveram o mesmo modelo e o mesmo tipo de matriz, isto é, uma mãe extremamente autoritária (muito soberba e dominadora) ao lado de um pai passivo e ausente, sendo que nessa dinâmica a opinião daquela prevalecia sempre (o pai apenas acatava suas determinações). Observou-se neste caso uma inversão do modelo veiculado socialmente: um masculino passivo e fraco, e um feminino ativo e dominador. Cibele reagiu rebelando-se "contra tudo e contra todos," todavia, quando se casou reproduziu o modelo materno, tornando-se ela própria uma "xerox" da figura materna. Atualmente, na busca pela diferenciação, se policia para que esta tendência não se repita, procurando fazer prevalecer a igualdade no casamento. Laura, por sua vez, precisou aprender a lidar com a contradição de ter uma mãe autoritária, mas boa. Enquanto filha, sua experiência de sujeição em relação ao feminino-domindor foi bastante opressiva, de forma que conseguiu se impor somente na fase adulta, quando passou a ter uma noção mais nítida e consistente de quem era, e do que queria na vida. Apesar de a princípio haver descartado o modelo materno, que considerava demasiadamente prepotente e soberbo, Laura admite que aprendeu com a mãe os meios da auto-defesa, sendo que ocasionalmente recorre à postura materna quando invadem muito o seu espaço e se sente em risco de opressão e aniquilamento pelo outro.

Vitória não foi criada pela mãe, mas adotada por suas "madrinhas-avozinhas" que não só lhe dispensaram atenção e cuidados, como lhe transmitiram os valores de "bem antigamente," tidos por ela como verdadeiros e válidos para uma vida inteira. Enquanto a figura materna foi totalmente ausente, quase nada tendo lhe transmitido de positivo, o pai reproduziu o modelo do patriarca absoluto, que exercia um controle opressivo, que não funcionou para ela. Nesse caso, possivelmente motivada pelo fato de ter se sentido aceita e acolhida, e ter encontrado nas madrinhas que a adotaram não só um referencial afetivo forte, como também todo o lastro de que precisava para sua formação e seu desenvolvimento (daí seu valores serem tão preciosos), Vitória assimilou todos os ensinamentos de suas "mães afetivas," e nada descartou. Questões de gênero não

se constituíram no foco de seu desenvolvimento, e parecem ter sido ofuscadas e diluídas por questões de aceitação e auto-afirmação.

Enquanto Vitória assimilou tudo e não descartou nada, Aline fez o movimento inverso. Ela precisou descartar tudo para romper com toda a formação e o sistema de valores no qual estava inserida, sentidos como bastante opressivos e aniquiladores para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, foi necessário empreender um "corte meio radical," de forma que se rebelou e estabeleceu uma relação fortemente aversiva contra tudo que lhe era imposto. Ela não gostava e não exercia as atividades de prendas domésticas que lhe foram ensinadas, tendo em vista a ideologia que estava nelas implícita, e também deixou de ser a "mãezinha" de seus irmãos, pois havia aspectos desse papel que irritavam-na profundamente (o fato de "ter que dar aos irmãos as coisas prontas na mão," por exemplo). Já no relacionamento com o sexo oposto 'carregou' consigo inicialmente a atitude de não questionar, manifestando submissão e subserviência ao parceiro, atitude esta que mais tarde descartou. Aline empreendeu enormes esforços no sentido de conquistar a diferenciação e a autonomia, tendo sido decisivo o momento em que concluiu a universidade e deixou a casa dos pais, pois ao mesmo tempo em que rompia com o domínio familiar, ampliava sua visão de mundo.

Ivone é um caso à parte, pois por não ter podido contar com uma matriz que engendrasse de maneira positiva o seu crescimento, afirma que deve a si própria e a seus recursos internos (sua capacidade de luta, sua determinação em atingir os objetivos, sua obstinação em buscar respostas, sua grande fé religiosa, e sua auto-confiança) a pessoa em que se tornou. Seus pais, embora fossem pessoas honestas no circuito comercial, eram muito desestruturados enquanto casal, e, no que concerne a princípios de moral e ética não houve aspectos positivos nos quais pudesse se espelhar neles. Sua mãe era infiel e promíscua, e seu pai aceitava conviver com ela nesta situação. Ivone afirma que assimilou muito pouco da formação que recebeu em família, e tentou "corrigir" (recriar) o modelo herdado em sua própria vida, mas sem agir de maneira irreverente ou ostensiva. Talvez, na tentativa de desvincular a sua imagem de uma figura tão denegridora, o sujeito radicaliza dizendo que "não herdou nada da mãe," sendo que não é semelhante a ela nem como dona-de-casa. A mulher que é hoje é uma resultante do que

aprendeu por si mesma e com a própria vida, usando de curiosidade, indo à luta, e procurando se informar, reitera. Houve, no entanto, uma aprendizagem "às avessas:" o fato de sua mãe ter deixado o marido e os filhos para ir viver "o grande amor de sua vida," e depois ter sido abandonada por ele, funcionou como um exemplo negativo, quando, vivendo o mesmo dilema em sua vida pessoal, Ivone optou por ficar com o marido. Em seu movimento de diferenciação não houve uma atitude de rebeldia e contestação, que se configurasse numa tentativa desorientada de se auto-afirmar e romper com as figuras parentais. O que houve foi uma busca de identidade orientada no sentido do crescimento interno, munindo-se de recursos saudáveis, seguindo uma tendência reparadora de sua personalidade supostamente inata.

Letícia considera seu pai, apesar de alcoólatra e autoritário, "uma pessoa muito boa." A mãe deixou de ser um modelo de mulher para si quando a surpreendeu em adultério com outro homem, tendo sido espancada logo em seguida. Ela também tinha o hábito de praticar abortos, dos quais Letícia era co-participante involuntária. Se por um lado, o sujeito encontrava abertura e acolhimento junto ao pai, o mesmo não acontecia em relação à mãe para quem ela estava errada por antecipação, e era punida injustamente. O fato de Letícia ter contado com a aceitação incondicional e o afeto da figura paterna parece ter contribuído para que esta relevasse seus defeitos e supervalorizasse suas qualidades, ao passo que, por parte da mãe, além de não se sentir amada, era espancada, fatos que só contribuíram por corroborar a imagem desta como vilã. Tendo vivenciado a continência masculina e não a feminina, Letícia aprendeu que podia confiar no homem e não na mulher, e introjetou a imagem do "feminino-mau" (estranho, punitivo e insensível) *versus* o "masculino-bom" (amoroso, afetuoso, acolhedor).

No caso de Verônica, não houve nenhum aspecto que tivesse assimilado do pai porque sua mãe sempre os manteve à distância e desde cedo efetuou uma vigilância ostensiva de pai e filha no sentido de impedir sua aproximação ou possíveis demonstrações de afeto, pressupondo nisto um perigo. Hoje, afirma que faz do pai "gato e sapato" como a querer supercompensar tudo o que não pôde fazer na infância.

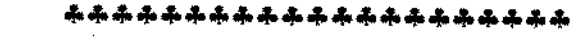
Referente aos aspectos que foram assimilados, a não ser na questão da maternidade em que ocorreu a sua diferenciação (na verdade, uma negação dos valores transmitidos pela mãe), no exercício de sua vida sexual Verônica mantém severas limitações e dificuldades oriundas de valores que assimilou, mas que não conseguiu descartar. Assim, afirma que "assumiu o que sua mãe lhe passou," pois sempre que vai manter relações sexuais a imagem da mãe se interpõe entre os dois ("entra no meio"), e ela acaba se sentindo uma "puta," não consegue relaxar e muito menos, ter orgasmo, demonstrando assim sua atitude de obediência e subserviência à figura materna. Verônica faz o seu próprio diagnóstico afirmando que "sexualmente não é mulher," e tem consciência de que a mãe "entra no meio para castrar," sendo que continua totalmente à mercê desta poderosa influência da figura materna, reproduzindo com fidelidade o mandato. Nesse sentido foi altamente significativa e determinante a cena traumática ocorrida na infância envolvendo as figuras materna e paterna, cena esta que não foi elaborada e deixou impressas profundas marcas físicas e psíquicas e afetou toda a sua relação com a figura masculina, visto que nunca conseguiu sentir prazer em sua vida sexual.

Já Samanta fez questão de se diferenciar em tudo da mãe, a não ser na execução de prendas domésticas, atividades que considera prazerosas, e na prática de poupar recursos. Ivone, apesar de não ter tido uma família bem estruturada em seus códigos de moralidade, do ponto de vista social herdou dos pais o traço da honestidade, visto que os considera "ótimos pagadores." Paloma, por sua vez, assimilou da mãe sua capacidade de luta para atingir os objetivos traçados, e sua dedicação aos filhos, particularmente no aspecto da nutrição. No caso de Cibele o aspecto positivo mantido da figura materna foi a resistência às adversidades da vida. Aline tentou romper com tudo que a irritava muito numa clara atitude de rebeldia contra o domínio autoritário e defesa do eu contra a aniquilação, e por isso, não consegue citar nada que tivesse assimilado. Letícia assimilou da mãe sua força e sua coragem, sua possessividade e seu caráter maternal com os filhos, ao passo que o pai ensinou-a "ser gente," tendo sido para ela um modelo construtivo de homem. Por outro lado, Diana afirma que assimilou da mãe o papel de "mãezona," mas negou sua submissão extrema e absoluta.

Vale salientar que a assimalação ou o descarte dos valores e mandatos transmitidos parecem não estar relacionados ao papel em si, nem tampouco com o conteúdo do que estava sendo transmitido, mas com o tipo de relação que o sujeito estabeleceu com seus progenitores ou com a atitude subjacente da pessoa que lhe transmitiu esses valores. Isto é, pesou, sobretudo o fato de que o sujeito tivesse se sentido aceito e amado e tivesse tido uma boa matriz para o seu desenvolvimento (Vitória, Samanta). Atitudes de domínio e autoritarismo exacerbados geravam em contrapartida uma reação oposta de rebeldia e negação dos conteúdos que estavam sendo transmitidos (Aline, Diana). Sujeitos que não tiveram uma boa matriz devenvolveram uma reação fortemente ostensiva e irreverente no sentido de descartar tudo e não assimilar nada (mesmo que esta assimilação algumas vezes tivesse ocorrido a nível inconsciente, como é o caso de Cibele e Laura).

Outro aspecto importante a ser destacado é que a propalada submissão feminina não é na verdade um traço genérico e presente em todas as mulheres, quando encetam relações com o sexo oposto (os casos de Cibele e Laura são o exemplo mais concreto e visível disto), o autoritarismo sendo na verdade um traço muito mais comum e freqüente do que se pensa.

Relativo às tendências de diferenciação observadas entre os doze sujeitos do sexo feminino, muito embora haja uma reação imediata que pode se enquadrar nos moldes de rebeldia na adolescência e, mais tarde, na vida adulta haja uma luta autêntica na conquista da própria identidade, todavia a assimilação dos valores herdados parece renitente, insidiosa e silenciosa, ocorrendo algumas vezes de maneira inconsciente, outras vezes até de forma claramente consciente resultando muito difícil ao sujeito "livrar-se de uma herança indesejável."



6ª UT: O relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla

⇒ Caso nº 01: Laura

O discurso do sujeito

Laura: Não sei, acho que os homens estão mais... eu vou falar uma palavra que me... estão permitindo, estão mais companheiros, permitindo mais espaço para as mulheres...

Lucélia: Estão mais permissivos? Mais abertos?

Laura: Mais abertos! E as mulheres também! Eu acho que estão conseguindo se posicionar mais! As mulheres estão conquistando o seu espaço. Assim, eu acho similarmente, o que eu enxerguei muito depois, entendeu? Mas eu acho assim: as mulheres estão conquistando seus espaços, permitindo prá elas... espaços que elas têm que conquistar mesmo. E os homens também estão mais abertos, mais receptivos, mais companheiros!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Laura referindo-se ao relacionamento homem/mulher na sociedade mais ampla, vê à sua volta nada mais do que um espelho de sua própria trajetória e experiência no relacionamento com o sexo oposto (conforme ela própria afirma: "Similarmente, o que eu enxerguei muito depois..."): os homens estão mais companheiros, estão mais abertos e permissivos em relação aos novos espaços que as mulheres reivindicam. Estas, por sua vez estão se posicionando mais, estão requerendo para si "tudo aquilo a que têm direito," pois ao saírem da posição de menoridade e subalternidade a que haviam sido relegadas, tiveram também fortalecida sua auto-estima, o que lhes despertou a consciência de que, tanto quanto o homem, têm direito a uma vida plena. Assim, elas estão paulatinamente conquistando seus espaços no lar e na sociedade.

Em sua perspectiva positiva e 'otimista' do relacionamento homem/mulher, o sujeito delineia uma curva ascendente e evolutiva, onde homens e mulheres são capazes de atender cada um às necessidades do outro em uma complementaridade harmoniosa, sem que o Eu seja obnubilado ou cerceado, e o vínculo possa então ser um espaço fertilizador do crescimento individual.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 02: Cibele (em referência à unidade nº 6)

O discurso do sujeito

Cibele: As pessoas com quem eu convivo, os casais... eu percebo que não vivem muito bem. Às vezes, não é nem pela questão financeira, mas por dificuldade de... de se entender mesmo! Enquanto duas pessoas que vivem debaixo de um mesmo teto, digamos assim... de um cotidiano mesmo, parece que vão em sentidos opostos. Caminham em sentidos opostos! Aparentemente, todo mundo fala: "Nossa! Mas que casal feliz! É um para o outro! Que felicidade! Transam todo dia!" Como eu conheço, a mulher desse casal a fundo, e o homem quase a fundo, não é nada disso! Ela é submissa! Enquanto ele sai com outras! E ela já presenciou isso e passou por cima, sem querer ir a fundo, sem querer descobrir mesmo. E ele diz assim: "Você não vai sair com as suas colegas!" E ela não sai! Então, a submissão dela faz com que o casamento se torne uma coisa linda e maravilhosa!

Lucélia: Socialmente, aparentemente eles vivem muitíssimo bem! Se dão maravilhosamente bem!

Cibele: É! Dentro também! Os dois quase não brigam, porque ela está sempre cedendo! Hoje, bem menos do que lá atrás... ela era mais submissa. E, isso é o que eles passam para as pessoas. Quem conhece mais a fundo percebe que não é bem aquilo. E, no resto, assim, tem um casal que briga constantemente; tem uma amiga que está entre um e outro, não sabe qual dos dois ela gosta... o namorado (que ela já está há três anos e meio) e um outro que ela conheceu. E... esses que eu falei são casados há dezesseis anos. E as pessoas com quem eu convivo normalmente são assim. Umas querem trair, mas não têm coragem! Têm medo de começar e não parar! E aí, ela não se permite nem a sair com um! (Risos) Ela é casada, mas já aconteceu de caras quererem sair com ela... ela tem vontade, mas ela desabafava comigo dizendo que tem medo dela... tem medo dela! Ela casou com quatorze anos. Hoje está com trinta e dois. E o único homem da vida dela é o marido! Ela tem medo do mundo aí fora!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Cibele afirma que, de uma maneira geral homens e mulheres estão desencontrados e insatisfeitos no relacionamento. Isto nem sempre é motivado por questões financeiras, mas por dificuldades de ajustamento e comunicação. Na verdade, freqüentemente duas pessoas que "vivem sob o mesmo teto," caminham em sentidos opostos, afirma ela.

O sujeito assevera que um casal que socialmente congrega em torno de si o ideal de felicidade, fidelidade e cumplicidade, associado a uma vida sexual intensa, na verdade pode estar ocultando sob uma aura de perfeição, uma relação de dominação sutilmente dissimulada, onde ambos reproduzem o modelo estandardizado socialmente, isto é, ele desempenha um papel de homem machista/autoritário complementado pela submissão/dependência dela. Assim, instituiu-se uma relação de posse e propriedade, onde ele não permite a ela uma vida social separada dele (ao que a mesma se sujeita), ao passo que ele pode ter lá os seus casos, que ela prefere ignorar.

UNICAMP BIBLIOTECA CENTRAL

Com isto Cibele conclui com argúcia que "a submissão dela faz com que o casamento se torne uma coisa linda e maravilhosa!" E ainda, se socialmente a imagem que é transmitida é a de um casamento perfeito, na vida privada do casal também não há brigas porque eles próprios precisam corroborar para si mesmos a idéia em que ambos acreditam, fato que a leva a estar sempre cedendo (apesar de que ao longo dos anos tem se tornado menos submissa).

O sujeito cita ainda os casais que brigam constantemente, e uma outra situação onde se vive uma relação aparentemente estável e bem sucedida, em que a mulher está vivendo o dilema da entrega a um relacionamento extra-conjugal. O desejo existe, mas o que a impede, contudo, é o medo de cair presa de uma compulsão ninfomaníaca, isto é, entregar-se ao sexo de uma forma indiscrimanada e promíscua. Isto revela a fantasia de um impulso sexual avassalador, sem freios, aliado à noção de um ego frágil, incapaz de conter e/ou dosar os apelos da paixão. Então, estas mulheres "têm medo de si mesmas e do mundo aí fora," diz Cibele, e para se resguardar dos perigos do desejo polimórfico não ousam romper a barreira da infidelidade e permanecem no terreno seguro, mas morno, do casamento monogâmico.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 04: Ester (em referência à unidade nº 6)

O discurso do sujeito

Ester: Ah! Eu acho que está menos o homem mandando... Depois não sei que palavras, você pode achar. Está uma divisão de trabalho, com os filhos, a mulher fica mais livre em todos os sentidos! Assim, a escolha de uma roupa, e o marido não fala assim: "Não! Você não vai por porque eu não quero!" Ou passear sozinha com o filho! Ou viajar, sabe? Tem mais compreensão! Não está mais aquela coisa que: "Eu mando e você obedece!" Não está mais isso. Apesar de que está tendo muito assim... pelas pessoas que me rodeiam... traição! E parece que a outra, a esposa sabe e não tem mais aquela briga de expulsar ele de casa, se ele arrumou outra não! É mais uma luta, para reconquistar, sabe? E vice-versa também! Não tem mais aquele... "Ah! Você me traiu, então eu vou te matar!"

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito observa no relacionamento dos casais em torno de si uma tendência a uma divisão mais eqüitativa quanto às tarefas a serem desempenhadas no lar, na educação dos filhos, no trabalho. Por sua vez, o homem está menos autoritário, isto é, há uma tendência para uma divisão do poder também. Já a mulher tem sido mais dona de si mesma, tendo inclusive mais autonomia para decidir sobre sua vestimenta. Além disso, observa-se mais compreensão entre os casais, estando em crescente declínio o antigo costume do "eu mando e você obedece." Uma visão moderna, positiva e otimista do relacionamento a dois, portanto.

Por outro lado, do seu ponto de vista têm se tornado muito comuns os relacionamentos extra-conjugais. Todavia, o olhar sobre o adultério também sofreu transformações. Muitas vezes a esposa tem conhecimento do que se passa, mas ignora o assunto voluntariamente por uma questão de conveniência para si mesma. Quando o fato inadvertidamente vem à baila, contudo, pouco se observa daquele antigo "mise-en-scène:" brigas e a expulsão do 'delituoso' da casa porque descobriu-se a existência de outra mulher em sua vida; ou até mesmo a utilização de uma medida bem mais radical: "Você me traiu, então eu vou te matar!", o velho e bastante conhecido (e ainda usado) expediente. Para o sujeito, a tendência atual válida para os dois lados, volta-se no sentido de empreender a reconquista do parceiro.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 05: Samanta (em referência à unidade nº 6)

O discurso do sujeito

Samanta: Bom! Dos casais que eu conheço, com quem eu tenho mais contato a mulher ainda come o pão que o diabo amassou! (Riso) Ainda come! Porque quase a maioria delas trabalha fora, ainda cuida da casa, cuida dos filhos, e o marido ainda é aquele folgadão que chega em casa à noite e não tem aquela... (acabou a fita) ... ela assumiu parte da responsabilidade do homem (que era manter a casa, né?) e o homem não pegou parte das tarefas dela, que seria o justo! A maioria dos casais que eu conheço ainda é assim. É muito comum a gente chegar à noitinha, nos botecos de bairro, nas padarias, e ver lá o homem tomando a sua cervejinha, e papeando com os amigos! E a mulher, que trabalhou o dia inteiro fora, às vezes está em casa, lavando,

passando, fazendo a janta. Então, no meio em que eu convivo, ainda tem muitas... Aí chega na segunda, a mulher fala: "Nossa! Lavei tanta roupa ontem!" E o maridão estava lá na padaria, tomando cerveja com o amigo! Porque empregada doméstica é uma minoria, pelo menos na minha classe. No meu padrão de vida, é a minoria que pode pagar para lavar uma roupa. Então acaba fazendo parte das tarefas do fim de semana. (Riso) E o maridão, domingo de manhã, às vezes eu vou na padaria, e a padaria está cheia... (ênfase) eu conheço o marido da fulana, o da fulana, o da outra... ou então, aquelas que eu converso no trabalho. Que moram longe e tal, mas a gente conversa: "Ah! Eu fiz isso assim! O meu fim de semana foi assim!" A outra então, no meio da semana fala: "Ah! Ontem à noite, eu aproveitei prá lavar um monte de roupa!" E o marido... Então, é muito comum, isso de mulher usar a noite, usar o fim de semana, usar o dia de folga. Então, no dia da folga, fala: "Ah! Ontem estava de folga e fiz uma faxina na casa!" Então é bem por aí. Eu acho que falta muita colaboração do homem nas tarefas domésticas!

Lucélia: Então, pelo que você diz a mulher não tem tempo prá descansar, prá tirar uma folga, prá relaxar?

Samanta: Pelo menos as casadas, têm muito pouco tempo! As solteiras que moram com a mamãe, é diferente. Mas aquelas que são casadas, que têm filhos e trabalham fora têm muito pouco tempo para o lazer, para o seu descanso. Tanto é que na folga, faz faxina!

Unidade transformada em linguagem psicológica

"A mulher ainda come o pão que o diabo amassou," afirma Samanta, referindo-se a uma descompensação que observa no relacionamento dos casais à sua volta. Enquanto a maioria das mulheres trabalha fora de casa, e ainda exerce as funções de dona-de-casa e mãe (a dupla jornada de trabalho), o marido continua sendo aquele "folgadão," pois apesar da mulher ter assumido parte de suas responsabilidades, ele, em contrapartida, não assumiu parte das responsabilidades dela. Não houve uma divisão eqüitativa das tarefas domésticas. O sujeito ressalta que os botequins e as padarias do bairro em que mora costumam ser à noitinha, freqüentados pontos de encontro de homens que se reúnem com os amigos para "bater papo" e tomar cerveja, relaxando as tensões de um dia de trabalho. Por sua vez, a mulher que também trabalhou o dia inteiro, está em casa lavando, passando, preparando o jantar. Samanta explica que na sua classe social é uma minoria, aqueles que podem pagar uma empregada doméstica, de forma que a mulher costuma usar o período noturno, os finais de semana ou seus dias de folga para realizar parte das tarefas domésticas. Ela relata que é comum ouvir das mulheres com quem se relaciona, seja no bairro em que mora ou no próprio trabalho: "Ah! Ontem à noite, eu aproveitei prá lavar um monte de roupa!" ou então: "Ah! Ontem estava de folga e fiz uma faxina na casa!" O "maridão" se não está na padaria, está no botequim, reitera ironicamente o sujeito.

Esta costuma ser a condição de um determinado grupo de mulheres que compõe o seu círculo social: aquelas que são casadas, têm filhos e trabalham fora de casa. Normalmente elas têm muito pouco espaço em suas vidas para o lazer e a descontração. Já as solteiras moram com a mãe, neste caso, uma outra mulher se encarrega desse papel. Em síntese, o que se destaca neste quadro é um desequilíbrio na relação.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 07: Letícia (em referência à unidade nº 6)

O discurso do sujeito

Letícia: Eu acho que é muito... assim, inconstante! Porque é tipo assim: "Ah! Eu fico! Mas eu continuo a minha vida!" Entendeu? "Não tenho nada!" Uma parte mora numa casa, o outro, na outra. E cada um tem a sua vida! Não sei se é ruim ou se é bom. Não cheguei a uma conclusão. Outros, que vivem casados, vivem sempre chateados! Vivem assim: "Ai!" Sempre reclamando um do outro! Ou então: "Ai! Porque eu não posso ir porque..." sabe? Uns negócios assim? Meio assim... pouquíssimos dos que eu conheço, acho que uns dez por cento, que vivem realmente legal! Que se gostam! Mas já são os mais velhos, bem velhos já! Porque os mais assim... estão assim. Uma boa parte ainda fala: "Estou com a minha mulher porque tenho filho! Porque eu tenho bens! Porque eu não posso separar por causa disso... por causa daquilo..."

Lucélia: Estão juntos por conveniência?

Letícia: Tem alguns que estão esperando o filho fazer dezoito anos para poder separar. Enquanto o filho é pequeno o homem... ele dificilmente separa da mulher. A não ser que a mulher peça o divórcio! Agora, os casais que vivem cada um na sua casa, esses vivem bons momentos, né, quando eles estão juntos. Eu considero que a convivência é boa, enquanto dure aquilo que está bom! Aquele... aquele núcleo do... eu gosto... paixão... sei lá, o tato! Quando começa a terminar, a coisa começa a ficar ruim! A convivência vai ficando... Ou ela vai ficando por obrigação. Ou ela vai ficando pelo respeito. Ou ela vai ficando, apenas por ficar. Por comodismo, entende? "Ah! Já estou com esta mulher mesmo! É tão difícil procurar outra! E ela é boa! Ela cozinha! Ela lava! Ela passa!" Ou ela... sabe? É companheira! Já ouvi muitos homens falarem prá mim, isso! "Eu fico com essa mulher porque ela é muito companheira." Não sei! É uma visão assim, né? Mas, tem que sair e ficar olhando como eu estou agora. Como eu estou sozinha, então você fica prestando atenção! (Riso) Eu observo porque eu freqüento tudo. Eu freqüento pessoas que são sozinhas. Eu freqüento muito família, porque tem a minha família que é muito grande, então pouco eu saio com as pessoas assim, livres! Mas saio também, de vez em quando, e convivo. Mas, com a família em si, eu convivo muito mais! E eu acho que os envolvimentos são mais ou menos nisso, sabe? Vai ficando também o costume da pessoa ficar. Fica junto, vamos supor. Eu tenho uma prima, ela separou do marido dela. Separou mesmo! Divorciou e voltaram agora! Agora mesmo eles estão viajando. Aí depois, o marido volta e ela fica lá. Mas ela fica pouquíssimo, assim, com ele, sabe? Mas eu já defini. Falei prá ela: "Olha! O seu relacionamento é costume! Vocês se acostumaram um com o outro!"

Lucélia: Hum hum... é mais fácil ficar junto do que enfrentar a nova situação?

Letícia: É! Porque ela enfrentou. Assim: ela mora em Florianópolis, e o tempo que ela ficou sozinha, ela procurou. E aí, ela viu que não tinha nada melhor do que o marido dela. E ele fez a mesma coisa aqui, porque ele ficou aqui em Campinas. Porque eu também acredito, que ele não achou uma melhor que ela, tanto que voltaram. Mas ela fala prá mim claramente que aquilo é uma fuga: "Olha! Eu fico com ele porque realmente não achei coisa melhor!" Então, ela não está vivendo com ele porque ela ama, porque é a paixão da vida dela. Ela vive porque não existe mesmo homem melhor aqui na praça, não tem! Você sai para procurar, é muito difícil você achar um cara. Os bons são casados! Ou então já têm alguém. Não saem na noite também. Dificilmente você encontra um homem na noite. Você encontra porque está viajando, que é um executivo que está de passagem por Campinas ou qualquer coisa assim. Então, é só o momento. E eu falei que eu acho que prá você encontrar um homem bom, só se você ficar esperando ali na porta do cemitério, quando morre, que está acabando de sair de um casamento fresquinho, viuvinho assim! Ou então, que está saindo de um divórcio. Mas geralmente o que está saindo do divórcio, já está saindo por causa de outra! Porque depois que ele cai na vida assim, na noite, eles não firmam mais compromisso com ninguém! Eles acham que é bom a liberdade... Ou pode até criar laço por alguns anos. Ontem teve um amigo meu lá em casa que ficou oito anos casado com uma amiga minha. Já é o terceiro casamento dele! Pela terceira vez, ele casa, mas agora já está separando de novo. Ele tem acho que uns... quatro, seis filhos. Duro é ele sustentar os filhos dele lá!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Letícia ressalta que suas observações do relacionamento homem/mulher provêm do fato de que é uma assídua freqüentadora da noite campineira, e como está sem parceiro no momento, sente-se mais livre para poder observar. O sujeito mantém relações tanto com pessoas que estão sozinhas, quanto com famílias, sendo que é neste último caso que seus contatos são mais intensos. Assim, o que pode constatar é que as relações entre os sexos estão muito inconstantes. Ao mesmo tempo que se está com alguém, cada um quer continuar a sua vida independente como se não tivesse vínculos com a outra pessoa. Outra situação são aqueles casais, onde cada um reside em lugares distintos, e eles se encontram apenas para fruir "bons momentos." Quanto a este modo de vida o sujeito afirma não saber avaliar se isto é bom ou ruim. Além disso, observa que aqueles que são casados parece que "vivem sempre chateados," sempre a reclamar um do outro.

Letícia considera que aproximadamente 10% dos casais é que realmente se gostam e vivem de forma satisfatória. Mas estes já são os casais mais velhos, diz ela. Na verdade a maioria permanece vivendo juntos por conveniência: ou porque têm filhos comuns, ou porque têm bens... eles sempre acabam encontrando alguma justificativa. Quando os filhos ainda são pequenos, os homens dificilmente se separam da esposa, a não ser que esta peça o divórcio, assegura o sujeito. Alguns esperam que o filho complete dezoito anos para enfim se separarem (na verdade, eles estão postergando a decisão).

O sujeito acredita que a convivência em si é boa enquanto dura "aquilo que está bom," isto é, quando a paixão e o 'tato' ainda estão em alta. No momento que isto começa a declinar, então o relacionamento deixa de ser gratificante. A partir daí a convivência passa a ser regida por outras motivações: se não é por obrigação, é por respeito, ou por comodismo: "Vai ficando apenas por ficar," diz ela. É uma situação que se torna conveniente para o homem, visto que ele se sente gratificado pela mulher em uma série de aspectos: ela cozinha, lava, passa, "é boa," isto é, corresponde ao papel que dela é esperado socialmente enquanto esposa e dona-de-casa, e sobretudo, é companheira.

O que para o sujeito fica mais forte é o "costume" da pessoa ficar com a outra. Letícia cita o caso de uma parente que se divorciou do marido, e agora estão juntos novamente, porque nenhum dos dois encontrou um relacionamento mais interessante e satisfatório no período em que estiveram separados (o fato de haverem retomado a relação segundo ela, atesta isso). Letícia pontua que ambos "se acostumaram um com o outro," e reitera que sua parente continua com o marido não porque seja a "paixão de sua vida," mas porque não encontrou mesmo "homem melhor na praça." Ela ressalta que até mesmo para sair na noite à procura de alguém, é muito difícil encontrar um homem interessante. Os "bons" já são casados ou têm alguém, diz ela, acrescentando que na noite é muito difícil encontrar um homem livre, interessante e disponível. Encontra-se apenas aqueles que estão de passagem por Campinas (executivos), os quais só estão disponíveis para viver o momento.

Expressando-se com um certa dose de humor negro, Letícia graceja que "para encontrar um homem bom só mesmo na porta do cemitério," após sua recém e ainda "fresca" viuvez, ou ao sair de um divórcio, mas neste caso provavelmente já existe uma outra mulher. A partir deste quadro, a probabilidade que o sujeito vislumbra de "encontrar um homem bom" parece ser tão distante e inacessível quanto aquela dos jogos de azar, que se não é impossível, são muito remotas as chances de que isto ocorra.

Letícia acrescenta que depois que "caem na noite," os homens dificilmente se dispõem a firmar compromisso com alguém, pois desejam usufruir da liberdade recém-conquistada. Alguns até estabelecem laços com o sexo oposto, mas

somente por alguns anos. Ela cita o caso de um amigo que se casou pela terceira vez, mas já está se separando novamente. Enquanto isso sua prole vai aumentando (até o momento são seis filhos), o que resulta difícil o seu sustento.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 08: Diana (em referência à unidade nº 6)

O discurso do sujeito

Diana: Olha! Eu vejo assim, hoje nós estamos vivendo para ambos os sexos um momento de desafio. Houve um tempo em que os homens tinham os papéis mais nítidos, provedores mesmo. À medida que a mulher conquistou mais espaço, desempenhou mais papéis, entrou no mercado mais competitivo, ela ganhou realmente espaços, e se fez respeitar pela sua competência, né? Tanto ou melhor que o homem! Não sei porquê 'quanto melhor,' talvez por mais empenho, por mais capacidade de desempenhar papéis variados, enfim! E eu acho que por conta disso, por essa competência que foi aumentando por parte das mulheres no desempenho de 'n' papéis, os homens que tinham papéis mais definidos e menos papéis a desempenhar, se vêem obrigados a atender mais às exigências da mulher! Porque eu acho que se passa por serem rejeitados, entendeu?

Lucélia: E as exigências da mulher para você quais seriam?

Diana: Dividir mais, desempenhar papéis mais diversificados! Quer dizer, que não houvesse mais esse divisor: "Isso aqui é de homem e isso de mulher!" Que realmente houvesse essa mobilidade nos papéis de acordo com as necessidades. Eu vejo os lares hoje, que se organizam, mais nisso. Os homens mais flexíveis a serem cooperadores, em trocar fralda de nenê, por exemplo. Eles vivem outros papéis que até então não se fazia! Eles não desempenhavam! E eu acho que por conta que a mulher alavanca isso. Eu acho que a mulher é que exige do homem o desempenho de mais papéis. Não quer dizer que são todas! Não é? Tem muitas mulheres que ainda se mantêm numa relação de submissão, numa relação mais tradicional de relacionamento. Tradicional que eu digo é o homem, o machão mesmo! Mas há uma tendência crescente de melhorar (eu acho) a relação, sabe? De ter mais qualidade na relação, por força das exigências femininas de cobrar dos homens mais desempenho! Ter vários papéis, dividir tarefas mesmo! Dividir responsabilidade!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito considera que atualmente ambos os sexos estão vivendo um momento de desafio, com a perspectiva de mudanças e o engendramento de um novo padrão de relacionamento. Houve um tempo em que os homens possuíam papéis mais nítidos e definidos, onde ser um bom provedor já era por si só uma garantia e uma salvaguarda de sua masculinidade perante a sociedade. Todavia à medida que a mulher foi desempenhando mais papéis e entrou no competitivo mercado de trabalho, "ela

ganhou realmente espaços e se fez respeitar pela sua competência," assevera o sujeito. Desta forma, a mulher então provou que podia ser "tão boa" ou até melhor que o homem no exercício das mesmas funções. O sujeito tenta justificar o melhor desempenho feminino pelo maior empenho, e pela capacidade das mulheres de desempenhar múltiplos papéis. Então, à medida que essa competência feminina vai sendo paulatinamente reassegurada, os homens que até então possuíam papéis mais definidos e menos diversificados, se vêem obrigados a atender às exigências da mulher, supostamente por medo de serem rejeitados.

As exigências da mulher consistem na divisão eqüitativa de tarefas, na diversificação de papéis, e na dissolução do "divisor de funções," isto é, que não haja delimitação de tarefas específicas do homem e tarefas específicas da mulher. Que realmente haja uma mobilidade de papéis, a partir das necessidades prementes. Diana observa que os lares hoje em nossa sociedade estão se organizando em função dessa nova ordem nas relações de gênero. Os homens parecem mais flexíveis a cooperar (a trocar falda de nenê, por exemplo), e com isso, mais dispostos a desempenhar papéis que até então não desempenhavam.

É crescente a participação do homem nas tarefas domésticas, mudança que está sendo alavancada pela ação das próprias mulheres ao exigir do sexo oposto o desempenho de múltiplos papéis. Todavia, o sujeito ressalta que há aquelas mulheres que ainda se mantêm numa relação de submissão, reproduzindo o esquema mais tradicional e conservador de relacionamento, onde o homem ainda é o machão e a mulher vive em sujeição à figura masculina.

De uma maneira geral o quadro é favorável, pois há uma perspectiva e uma tendência crescente de melhoria na qualidade das relações de gênero, por força das exigências femininas, no sentido de cobrar dos homens uma maior participação, uma diversificação no desempenho de papéis, e uma divisão de tarefas e responsabilidades.



⇒ Caso nº 09: Ivone (em referência à unidade nº 6)

O discurso do sujeito

Ivone: Eu acho que está tão difícil! As pessoas casam assim: "Ah! Se não der certo, tem um próximo passo: a separação!" Quer dizer, está muito fácil! Uma vez falaram prá mim, que antes de você se adaptar, se acostumar com uma pessoa, é melhor você mudar aquilo que você já tem dentro de casa. Procurar melhorar aquilo que é teu, do que procurar aí um totalmente desconhecido prá você. Porque é difícil fazer vida com uma pessoa desconhecida. E hoje, eu acho assim, que as pessoas não levam mais o casamento, não levam mais a relação a sério! Porque eu acho que a gente tem que gostar primeiro da gente, depois do outro e vice-versa. Para daí os dois se gostarem, para ser um conjunto! Se fosse para ser sozinha, não casaria, não procuraria o outro. E hoje tem também as doenças, tem um monte de coisas, que é melhor a pessoa procurar se relacionar bem. Falar mesmo: "Olha! Eu não gosto disso!" O que custa ser sincero um com o outro? "Olha! Eu não gosto disso que você faz! Eu não gosto dessa roupa que você coloca! Eu não gosto desse perfume que você usa!" Porque não? "Eu não gosto que você chegue com bafo de bebida! Eu não gosto que você fume no quarto!" Tem um monte de coisas! O que é que custa falar? O homem também pode falar o que ele não gosta na mulher. Mas por que não sentam os dois e... "Vamos ver!" Vai doer às vezes de ouvir? Claro! Se chegar em mim e falar: "Você fala muito! Mas você fala, hein meu!" Então... Puxa vida! Às vezes ele não gosta, mas às vezes eu tenho que dar razão prá ele. Não é com todo mundo que eu posso conversar, que eu posso brincar igual eu estou acostumada. Tem que dar razão para o outro! Não com discussão, mas acho que para uma relação dar certo hoje tem que ser muito pensada, tem que ser muito conversada.

Lucélia: O que você vê é que as pessoas estão conversando pouco. Não estão buscando ajuda diante dos problemas que encontram?

Ivone: Não buscam! Hoje em dia, quando começam a namorar, a primeira coisa é sexo. Dando certo ou não dando, prá eles é só aquele embalo do momento. Não se cuidam! Eu vejo menina de doze anos, que já é mãe! Onze anos! Deveria assim, ter namorado mais, ter mais diálogo. Ter uma preparação antes. Porque se vai ver se aquilo não é aquilo que você quer, não precisa dar um passo tão grande! Mas é igual eu falo, quer dar primeiro o passo prá depois ver. Aí, prá voltar atrás é difícil! Eu vejo até pessoas que casaram na época que eu casei, todo mundo já tem o segundo marido e todo mundo está vivendo a mesma porcaria que vivia. Que sempre viveu! Tipo assim, aquela que um dia largou porque o homem era mulherengo, hoje está comendo o pão que o diabo amassou com o outro marido, já tem filho desse outro também, e vê no cara o mesmo defeito do outro! Quer dizer: a culpa é do outro? Não! É dela! A culpa é da pessoa! Porque do jeito que ela permitiu o primeiro a ser desse jeito e não conseguiu... Eu acho que assim, ela não se moldou! Ela não mudou! Então, ela continua com o mesmo problema. Porque se você não mudar você próprio, não tem como mudar os outros. Não tem como você ajudar... Se você só tem coisa ruim prá passar para a outra pessoa, como você vai querer ajudar ela?

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito observa que o relacionamento entre os casais atualmente está difícil, supostamente por estar fácil demais (paradoxo). Homens e mulheres ao se casarem já sabem que existe um recurso quase que imediatamente acessável, se houver problemas: a separação. Talvez por isso não se esteja levando muito a sério o casamento. Ivone propõe que antes de se acomodar a um relacionamento insatisfatório, é melhor tentar mudar a situação que se está vivendo dentro de casa, e com ela, o próprio marido.

Na visão do sujeito, é melhor e mais fácil procurar "melhorar aquilo que é teu," do que procurar um outro parceiro totalmente desconhecido.

Ivone reitera a importância da auto-estima no relacionamento, pois para se tecer um vínculo com outra pessoa, e poder formar então uma totalidade, é necessário antes cada qual cultivar a estima de si, ter uma boa relação consigo mesmo, para depois então se voltar para o outro, e estabelecer com ele uma relação de afetividade. Pois, se fosse para cada um viver sozinho, não haveria sentido em procurar outra pessoa, justifica ela. As doenças sexualmente transmissíveis são também um outro fator que condiciona os casais a procurarem se relacionar bem dentro do casamento. Ivone acrescenta que é importante que cada uma das partes se posicione com assertividade explicitando o que não gosta no outro; pode ser a roupa, o perfume, o "bafo de bebida," ou o hábito de fumar no quarto. O exercício de falar o que se pensa pode ser doloroso para o companheiro e ele pode não gostar de ouvir: "Mas você fala, hein meu!", mas se trata de uma experiência salutar na relação. O sujeito acentua que essa abertura de falar o que se pensa, de brincar com o outro, não se estende as todas as pessoas, portanto, é um privilégio e prova de cumplicidade e intimidade poder exercer isso na relação. Ivone ressalta que para que um relacionamento seja bem sucedido, as diferenças têm que ser conversadas sem discussão, sendo que muitas vezes se faz necessário "dar razão para o outro," isto é, exercer o poder de forma eqüitativa sem que haja a dominância excessiva de nenhuma das partes.

Ivone salienta que atualmente, quando os casais iniciam o namoro, a prática do sexo é o que de imediato se impõe. Acertando-se ou não, o que interessa é entregar-se ao "embalo do momento." Ou seja, as pessoas parecem mais interessadas em se entregarem aos prazeres do corpo, do que em se conhecerem melhor para avaliarem se o parceiro de fato corresponde às suas necessidades e expectativas em um relacionamento. Não há uma preocupação de usar anti-concepcionais, nem tão pouco prevenir-se contra as DSTs, de forma que meninas de onze ou doze anos já se tornam mães. O sujeito enfatiza a necessidade de uma preparação preliminar, onde se exercite o diálogo, e haja um namoro gradativo para verificar se, de fato, é aquilo que se está procurando e que se deseja, para o que não se faz necessário dar "um passo muito

grande." Atualmente, os casais estão invertendo as coisas, primeiro "dão o passo," isto é, mantêm relações sexuais, depois avaliam se é o que querem ou não.

O sujeito afirma que aqueles que foram seus contemporâneos no casamento, a maioria já se separou e está em sua segunda experiência de relacionamento, vivendo os mesmos problemas que viviam no primeiro casamento. Assim, mulheres que se separaram porque o marido era mulherengo, após ter constituído uma nova família, e "estar comendo o pão que o diabo amassou," acabam por encontrar o mesmo defeito no atual companheiro. O sujeito deduz que possivelmente estas mulheres não mudaram a sua estrutura psíquica interna, continuando a se vincular a homens infiéis. Ivone assevera que quem não mudou a si próprio, não está preparado para mudar outra pessoa, pois a mudança pessoal/interna antecede quaisquer pretensões de modificar o comportamento de outrem. Não é possível ajudar o outro, se se possui somente conteúdos negativos para lhe transmitir, diz ela.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 12: Verônica (em referência à unidade nº 6)

O discurso do sujeito

Antes que se concluísse a pergunta sobre como se encontra atualmente o relacionamento entre os sexos, o sujeito exclama:

Verônica: Péssimo! (Ênfase) Péssimo! Péssimo! Porque o que eu ouço ali na minha mesinha fazendo unha, minha filha! Ave Maria! Essas mulheres poderosas... Porque lá só entra gente rica!

Lucélia: Você se relaciona com pessoas de diversos níveis sociais? Não é isso?

Verônica: É! A maioria, pessoas que tem dinheiro, certo? E, ao mesmo tempo com pessoas de um nível menor que são essas que eu tenho amizade de ônibus, colega que vai trabalhar que tem a mesma... Posso falar prá você! Olha! Não adianta ser rica, milionária... Porque lá tem gente milionária, tem rico e tem classe média, que vão lá no salão. Todas elas, não tem uma... Eu conheço um monte que tem amantes! As mulheres mais felizes que vão lá são as que têm amantes! E todos jovens sustentados por elas! E já me sugeriram ter um também, inclusive já me apresentaram vários rapazes. Chegaram a recomendar! Eu saí com elas algumas vezes... Assim: "Ô Verônica! Eu vou te dar uma carona! Vamos em casa tomar um chá!" Às vezes eu vou. Mas antes eu não ia. Não importa se eu chego nove horas, dez horas, porque nunca tem

ninguém em casa. Nem de domingo! Então, agora eu estou indo. Você vê! Eu chego lá, sempre tem um esperando. Então, eu deixei um clima! Você está entendendo? Porque: "Ai, Verônica..." Começa a contar os problemas, e eu falo: "Nossa! Mas é igualzinho o meu! Não adianta ter uma classe maior que a minha..." Então, nós mulheres, pelo contato que eu tenho... Homem é tudo igual! Só muda o nome e o endereço!

Lucélia: E qual é a característica básica dos homens? Qual é o jeitão deles?

Verônica: O jeitão deles é assim: Mandão! Não gostam de dar dinheiro! Adoram sair sozinhos! Fazer programas sozinhos! Com amigos! Por exemplo: pescar, jogar bola. Quer dizer, o meu não faz nada disso. O meu adora ficar no bar tocando violão, conversando... diz, né, eu já vi muitas vezes porque eu vou atrás! (Riso) Se estiver lá por perto de casa, eu vou atrás. Mas a maioria das pessoas com quem eu tenho contato, eles saem sozinhos. Viajam! (Ênfase) Eu acho muito bonito isso, o casal que combina: "Olha! Fulana, hoje eu vou tirar férias de você e dos filhos. Vou fazer uma viagem... [vamos supor] prá Europa!" O meu sonho é viajar prá Itália, mas sem ele. Certo? Gostaria de conhecer Veneza, mas sem o meu marido, prá eu poder fazer tudo o que vier na minha cabeça lá, até se achar um *'gato'* italiano lá e enfrentar de cara... Você entende? É o meu sonho! Mas ao mesmo tempo, eu queria estar com ele do meu lado para partilhar as coisas boas que eu iria ver lá. Que seria o meu sonho! Você está entendendo? E ele já gostaria de ir prá Paris, mas sem eu! Mas ele fala: "Ao mesmo tempo eu gostaria de levar você prá subir na Torre Eiffel!" Então, nós dois ali conversando a gente fala. Então, agora, voltando aquele assunto. As mulheres, todas elas são... "Homem é tudo..." E todas elas reclamam também. Os maridos! Os maridos! (Ênfase) Porque o relacionamento de amante é diferente. Os amantes têm uma preparação antes, têm um ato sexual maravilhoso, e têm o depois: "Você gostou? Como foi? Você me amou! Eu te amei!" Você entende? Tomam um drinque juntos! Isso é o que elas me passam porque eu nunca tive essa experiência, certo? Que não deitam, não viram e roncam! Então você é outra, ele é outro, vocês não têm compromisso. Então, uma coisa maravilhosa! Ela falou: "Verônica! Aí que a gente sente que é mulher!" Ela falou que todo mundo deveria ter uma terceira pessoa. Tanto homem como mulher! É o que elas me passam. Eu fico ali, uma hora e meia prá fazer pé e mão. Eu ouço coisas ali, e elas comentam comigo o que fazem. A vida íntima delas! São diferente dos maridos! Completamente! É coisa de cinema, minha filha! São esses filmes que você vê aí, que... Nossa Mãe! Sabe? Dá até vontade de ter um! Eu já pensei! Mas e o e medo? Com quem? Eu acho que prá mulher se entregar prá um homem, ela tem que pelo menos sentir alguma coisa. Agora, o homem não! Se ele tem a necessidade, ele vê uma 'mulher-violão,' prá ele... encara numa boa! Ele mesmo fala isso prá mim, o meu marido.

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito de imediato qualifica como "péssimo" a qualidade das relações entre os sexos atualmente, justificando que como manicure ouve muitas confidências de sua mesa de trabalho, o que lhe fornece subsídios para fazer esse tipo de julgamento. Verônica relata que muitas vezes permanece uma hora e trinta e minutos tratando das unhas dos pés e das mãos de cada cliente, e que ouve coisas ali, coisas estas muito íntimas, pois aquelas compartilham com ela sua vida pessoal, e o que fazem (quadro que sugere a idéia de um 'confessionário'). O sujeito situa a condição social da clientela que freqüenta o salão de beleza em que trabalha, como sendo em sua maioria constituída por mulheres de alto poder aquisitivo, "mulheres poderosas," e também outras de classe média. Além disso, Verônica mantém contato com pessoas de um "nível menor" (supostamente de classe média baixa), colegas de trabalho, e que se utilizam do mesmo

ponto de ônibus. Todas elas, ou melhor, a grande maioria, segundo suas constatações, têm amantes. Surpreendentemente, "as mulheres mais felizes que vão lá são as que têm amantes!" "E todos jovens sustentados por elas!" acrescenta.

Verônica revela que também já lhe sugeriram que tivesse um amante, sendo que já lhe foram apresentados vários rapazes, alguns inclusive, recomendados. Atualmente ela costuma algumas vezes aceitar convites para tomar chá na casa de uma delas. Chegando lá sempre encontra alguém especial esperando, e ao sair já deixa um clima amoroso no ar.

Quando suas clientes lhe confidenciam seus problemas, Verônica nota que os conflitos nas relações entre os sexos são bastante comuns, e independem de classe social ou de poder aquisitivo. "Homem é tudo igual! Só muda o nome e endereço!" conclui ela. Os comentários que ouve de suas clientes lhe possibilitam inclusive traçar um perfil do sexo masculino: eles são "mandões, não gostam de dar dinheiro, adoram sair sozinhos," ou ainda, fazer programas com amigos tais como: pescar, jogar bola (isto é, programas com outros homens, fortalecendo assim os laços da classe). Verônica ressalva que o seu companheiro, todavia, não faz nada disso. Seu programa preferido é freqüentar bares, e lá se alongar tocando violão, conversando. Ela afirma já tê-lo visto várias vezes no bar, pois confessa que costuma "ir atrás" para se certificar. A condição da maioria dos casais com os quais mantém contato, entretanto, é que cada uma das partes prefere sair sozinha, isto é, "tirar férias" do cônjuge e do filho (atitude que ela considera "muito bonita"), e fazer uma viagem. Verônica confessa que o seu sonho é viajar para a Itália (gostaria de conhecer Veneza), mas sem o marido, de forma a se sentir livre para fazer tudo o que quiser, inclusive se lhe aparecer um "gato italiano," poder assumir de chofre um programa com o mesmo (desejos alimentados em fantasia, que na verdade, são completamente opostos aos seus valores e à sua vida cotidiana). Ao mesmo tempo, Verônica sente-se dividida, pois também gostaria de estar com o marido ao seu lado para poder compartilhar com ele as coisas boas que lá iria ver. Fantasia semelhante ocorre com aquele, com a única diferença que o seu sonho seria viajar para Paris (sozinho, sem ela). Da mesma forma, ele também gostaria de tê-la consigo para compartilhar bons momentos, tal como escalar a Torre Eifel. Então, no nível da conversação eles até

conseguem confessar um ao outro suas fantasias e desejos mais secretos e ocultos. Entretanto, isto evidentemente não chega à práxis.

O sujeito reitera que as mulheres entre si conversando falam muita coisa sobre os homens (supostamente com base na sua cumplicidade de gênero). Elas são unânimes ao reclamar destes, mais especificamente dos "maridos," enfatiza o sujeito, visto que o relacionamento com amantes é "completamente diferente" daquele com os maridos, segundo o que lhe contam. No intercurso sexual, os amantes têm uma "preparação antes," isto é, o preâmbulo amoroso, têm "um ato sexual maravilhoso," e têm "o depois," onde cada um faz a sua apreciação da experiência: se gostou ou não, como foi para cada um. E para coroar o encontro tomam um drinque juntos. Verônica observa que "é coisa de cinema! Nossa Mãe!" o que na verdade, demonstra o caráter altamente idealizado dessa apreciação. O sujeito confessa que até sente vontade de ter um amante, afirma que já pensou nisso, mas admite que sente medo. "E com quem poderia ser?" se pergunta, pois considera que para a mulher se entregar a um homem, ela deve pelo menos sentir alguma coisa por ele, o que é diferente do que ocorre com os homens, que diante da premência do impulso sexual, basta ver uma "mulher-violão," para que já "encare numa boa," inclusive o seu próprio marido já lhe confessou isso.

Verônica parece fazer questão de salientar que tudo o que ela está relatando é o que suas clientes lhe relatam, porque ela própria nunca viveu esta experiência. Assim, os amantes "não deitam, não viram de costas e não roncam." (Logo parecem ser muito melhores que os maridos, supostamente outra 'categoria de homens' que deita, vira de costa e ronca). "Ela é outra, ele é outro..." - continua o sujeito, descrevendo o vínculo dos amantes - isto é, há uma certa estranheza e um distanciamento entre os dois, ambos não possuem um compromisso formal entre si, e supostamente se encontram com a única finalidade de compartilhar momentos de prazer. Quem lhe relatou isso, referiu-se à experiência extra-conjugal como "uma coisa maravilhosa," e garantiu que é neste vínculo específico que "se sente que é mulher," ou seja, que se ganha consciência plena de sua feminilidade. A mulher que lhe confessou tais coisas também recomendou que homens e mulheres em geral deveriam ter uma terceira pessoa, experiência que teoricamente beneficiaria e enriqueceria a todos.

A citada diferença entre os maridos e os amantes, supostamente não seja devida a uma categoria de homens individualmente mais sensíveis e preocupados com o bem-estar e o prazer da parceira e outra categoria mais egoísta, preocupados apenas consigo mesmos e com o seu próprio prazer, mas esteja situada no próprio vínculo do casal, que define os papéis de cada um em uma cultura machista e patriarcal. Provavelmente casais que são marido/mulher convivem com algumas especificidades no vínculo que são bastante diferentes daquelas entre os amantes, que foram, inclusive descritas acima pelo sujeito. É isto o que torna o relacionamento entre amantes tão "maravilhoso" e interessante.

Vale salientar que ao mesmo tempo que Verônica qualifica como péssimo a qualidade das relações entre os sexos atualmente, ela parece também nutrir um certo fascínio pelo novos e modernos modelos de relacionamento. Assim é o caso das férias conjugais, por exemplo, e o dos amantes como receita de felicidade conjugal. Esse modo de vida parece ser por ela muito idealizado, principalmente quando observa que as mulheres que têm amantes são as mais felizes (quando o amante vem na maioria das vezes para suprir uma falta e um vazio na relação, e quando este amante na verdade é um gigolô), inclusive ela própria possui a fantasia de tirar férias conjugais, todavia seus valores morais a impedem de colocar em prática essa idéia.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 6ª UT: o relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla

As doze mulheres trabalhadas apontaram duas tendências gerais: uma é a de que os casais à sua volta estão vivendo muito mal, com brigas constantes, casamento de aparências e relacionamentos extra-conjugais (Verônica, Vitória, Cibele, Paloma e Letícia atestam isso); outra é que está havendo uma participação crescente do homem na esfera doméstica, ao mesmo tempo em que as mulheres estão conquistando mais espaços na sociedade (Laura, Aline, Diana e Ester o atestam), o que resulta em incontestáveis ganhos na qualidade do relacionamento entre os sexos.

Verônica ao mesmo tempo que afirma que o relacionamento homem/ mulher "está péssimo" deixa transparecer uma fascinação inconsciente pelos novos e modernos modelos de relacionamento. O contato com a clientela do salão de beleza em que trabalha - mulheres de alto nível sócio-econômico, e também de classe média baixa - lhe possibilita ter acesso a informações significativas, confidenciadas por elas. Verônica salienta que os conflitos entre homens e mulheres são bastante comuns e independem de classe social ou de poder aquisitivo. Desta forma, as mulheres são unânimes em reclamar dos maridos, asseverando que o relacionamento com amantes é completamente diferente. No intercurso sexual com estes últimos, há um preâmbulo amoroso, um "ato sexual maravilhoso," e o depois onde cada um faz a sua apreciação da experiência. "Os amantes não deitam, não viram de costas e não roncam," assevera Verônica com base no relato de suas clientes, que asseguram que é com o amante "que se sente que é mulher." Assim, a diferença no relacionamento entre amantes e entre marido/mulher parece não se situar no fato de que haja um grupo de homens mais sensíveis e preocupados com o prazer da parceira, e outro grupo mais egoísta, preocupado somente com o próprio prazer, mas nas especificidades do vínculo de uma relação legítima ou ilegítima. O sujeito observa que em sua grande maioria, as mulheres têm amantes - todos jovens sustentados por elas - sendo estas as mais felizes, o que parece se constituir em receita de felicidade para si, muito embora nunca tivesse se arriscado a viver esta experiência, apesar de alimentar o desejo.

Para Vitória são poucos os casais que realmente estão bem em seus relacionamentos; a grande maioria está vivendo mal, tendo consciência que não é daquela forma que gostariam de conviver. Contudo, sentem-se inseguros de tomar uma decisão e se mantêm presos a um relacionamento insatisfatório por diversas razões. Neste quadro, Vitória se considera vitoriosa porque mesmo sendo necessário um longo processo de amadurecimento, provou a si mesma que é capaz de tomar decisões e se separar, tendo conquistado "a paz em sua casa." Cibele corrobora o acima exposto afirmando que em geral homens e mulheres estão insatisfeitos no relacionamento, o que é motivado por dificuldades de ajustamento e comunicação. Há casais que transmitem uma imagem de um casamento perfeito ("Como são felizes! Transam todo dia!"), que

não corresponde à realidade. Na verdade, ocultam uma relação de dominação sutilmente dissimulada: enquanto ele desempenha o papel de homem machista e autoritário, ela complementa com sua submissão e dependência (ele tem 'casos' lá fora que ela prefere ignorar). "A submissão dela faz com que o casamento se torne uma coisa linda e maravilhosa!" afirma Cibele. Há também os casais que brigam constantemente. E ainda o caso da mulher que tem uma relação aparentemente estável e bem sucedida, mas vive o dilema da entrega a um relacionamento extra-conjugal. Apesar da existência do desejo, ela teme cair presa de uma compulsão ninfomaníaca, e tem medo dos apelos do mundo lá fora.

Já Letícia fez suas observações com base em uma amostra da população que freqüenta a noite campineira. Segundo ela, está muito difícil encontrar na noite um "homem bom" porque estes já são casados ou têm alguém. "Só mesmo na porta do cemitério, saindo de uma fresca viuvez, pode ser que isto aconteça," diz ela, com uma certa dose de humor negro. Além disso, depois que "caem na noite" os homens dificilmente se dispõem a firmar compromisso com alguém, pois desejam usufruir da liberdade recém-conquistada. Letícia nota que as relações entre os sexos estão muito inconstantes, pois muito embora homens e mulheres se entreguem aos prazeres do sexo, não há um vínculo amoroso que sustente a união, e ambos prosseguem suas vidas sem qualquer compromisso entre si. Outros casais vivem separados e se encontram apenas para fruir bons momentos. Aqueles que são casados vivem sempre "chateados" a reclamar um do outro. A seu ver muitos casais permanecem juntos por conveniência (porque têm bens ou filhos comuns), ou porque se "acostumaram" um ao outro. Letícia assegura que apenas 10% dos casais é que realmente vive de forma satisfatória, sendo que a convivência somente é gratificante quando a paixão e o tato ainda estão em alta. Quando isso começa a declinar o casal continua junto por outras motivações: obrigação, respeito ou comodismo. Para o homem se torna muito conveniente, pois a mulher cozinha, lava, passa, é companheira. Neste sentido, o que se ressalta para Letícia é o "costume" da pessoa ficar com a outra; ela cita inclusive o caso de uma parente que voltou para o ex-marido porque não encontrou "homem melhor na praça." Neste caso o que o sujeito chama de "costume" pode ser entendido como um vínculo já estruturado e

cristalizado, cuja complementaridade é muito difícil de ser rompida em função de ganhos secundários.

Paloma considera que não existe amor ou respeito entre os casais, respeito ao limite e à liberdade do outro. Tal como Letícia, ela acentua que homens e mulheres freqüentemente vivem juntos movidos por outros interesses, neste caso, o financeiro. Normalmente o homem é mais preguiçoso e vive às expensas da mulher se esta tem uma condição financeira mais privilegiada. Paloma aponta também casos de mulheres que não têm capacidade para lutar por si mesmas e se ancoram no parceiro. Assim, estando homens e mulheres assentados e acomodados, ora na própria fraqueza, ora na falta de dignidade e caráter, as relações de gênero deixam de promover o crescimento mútuo, sendo que cada uma das partes optou por manter ganhos aparentes em detrimento de uma vida amorosa satisfatória. Na maioria das vezes é a mulher quem assume o papel de casada, visto que o homem não renuncia facilmente aos privilégios da vida de solteiro.

Judite aponta os dois extremos: por um lado há casais cujo relacionamento é saudável e gratificante, pois existe amor e respeito mútuo; por outro lado há os que vivem "totalmente em conflito." Judite se questiona, mas parece não ter as respostas sobre as causas pelas quais um relacionamento seja ou não bem sucedido. Utilizando este quadro como parâmetro, ela avalia o seu relacionamento com o marido como "bem melhor" do que os casos do extremo inferior, tentando desta forma minimizar os seus sentimentos de insatisfação no casamento (redução da dissonância cognitiva).

Ivone, por sua vez, afirma que atualmente, os casais ao iniciarem um relacionamento estão mais interessados em se entregarem aos prazeres do corpo, do que em se conhecerem melhor para avaliarem se a experiência é o que cada um espera e o que quer de um relacionamento. Não há tão pouco uma preocupação quanto à prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis através do uso de anti-concepcionais. Atualmente homens e mulheres estão invertendo as coisas, isto é, primeiro "dão o passo" da entrega sexual, para depois avaliarem se é de fato o que querem. Ou seja, age-se sem consciência, movido pelo instinto, o encontro, uma pura circunstância que não promove o crescimento pessoal, mas apenas e tão somente permite o relaxar de algumas tensões físicas e psíquicas.

Focalizando a tendência promissora nas relações entre os sexos, pode-se citar o caso de Laura, para quem os homens estão mais companheiros, mais abertos e permissivos em relação aos novos espaços que as mulheres reivindicam. Por sua vez, as mulheres estão se posicionando mais e requerendo tudo aquilo a que têm direito. Em sua perspectiva positiva e otimista do relacionamento homem/mulher, Laura delineia uma curva ascendente e evolutiva, onde homens e mulheres são capazes de atender cada um às necessidades do outro em uma complementaridade harmoniosa: enquanto as mulheres conquistam o seu espaço, os homens, em contrapartida, o estão cedendo na mesma medida. Aline corrobora o acima exposto observando que de uma maneira geral, a mulher está conquistando espaços tanto no lar quanto profissionalmente. No relacionamento ambos estão dialogando mais e se esforçando em acertar, de forma que cada um coloca para o outro, o que não está bom na relação a fim de obterem um saudável ajustamento. Assim, homens e mulheres estão questionando e ao mesmo tempo "negociando" mais suas próprias relações. Na visão de Aline os casais estão vivendo menos na expectativa do "felizes para sempre," isto é, estão menos preocupados em corresponder ao mandato, transmitindo para a sociedade a falsa imagem de um casamento maravilhoso, e se esforçam em viver relações mais autênticas, onde cada um procura ativamente a felicidade. Por outro lado, se não estão bem, então estão se separando, isto é, se está vivendo mais a própria realidade, ao invés de viver na expectativa do mito da felicidade eterna. Os casais que se separam continuam mantendo relações de amizade, enquanto as brigas que ocorrem são mais civilizadas e menos radicais. Todavia, ainda há uma pressão social sobre o casal para que permaneçam juntos.

Diana considera que este é um momento de desafio com a perspectiva de mudanças e novos padrões de relacionamento entre os sexos. Há uma tendência crescente de melhoria na qualidade das relações de gênero em função das exigências das mulheres que cobram dos homens uma maior participação com divisão eqüitativa de tarefas e responsabilidades, uma diversificação de papéis, e dissolução do "divisor de funções" (tarefas ditas masculinas e femininas). Os homens têm correspondido ao apelo feminino; eles parecem mais flexíveis a cooperar, sendo crescente sua participação nas demandas

do lar. Houve um tempo em que ser um bom provedor já era uma garantia de masculinidade perante a sociedade, hoje isto por si só já não basta, pois a mulher já não é a mesma. Ela ganhou realmente mais espaços, e se fez respeitar por sua competência, provando que podia ser tão boa ou até melhor que o homem no exercício das mesmas funções.

Tal como Diana, Ester observa uma tendência nas relações entre os sexos para uma divisão mais eqüitativa das tarefas a serem desempenhadas no lar, na educação dos filhos, no trabalho, o que por sua vez reflete uma mudança na dinâmica do jogo de poder entre o casal. Enquanto o homem está menos autoritário, a mulher tem sido mais dona de si mesma, e tem mais autonomia para decidir sobre sua vestimenta. Há também uma compreensão maior entre os casais. As relações de poder cujo padrão é o conhecido jargão: "Eu mando e você obedece," estão em declínio. Os relacionamentos extra-conjugais têm se tornado mais freqüentes, entretanto, mudou o olhar sobre o adultério. Muitas vezes a esposa tem conhecimento do que se passa, mas prefere ignorar o ocorrido. Quando o fato, apesar dos esforços em mantê-lo encoberto vem à baila, não há mais a expulsão do delituoso ou o assassinato do traidor, mas um esforço no sentido de reconquistar o parceiro.

Em meio a esse quadro promissor, tanto Aline quanto Diana acentuam que concomitantemente aos novos modelos de relacionamento ainda existe o tradicional, ou seja, o homem que é o "machão" e mulheres que vivem em sujeição à figura masculina, ou se recusam em aceitar a possibilidade de uma separação, admitindo que não possuem uma estrutura psicológica para o desenlace.

Já Samanta aponta para uma tendência oposta àquela apresentada por Diana, Aline e Ester, afirmando que a maioria das mulheres que conhece trabalha fora de casa, e convive com a sobrecarga da dupla jornada de trabalho. O marido é "folgadão," pois, a seu ver, não participa de maneira eqüitativa da execução das tarefas domésticas. Os botequins e as padarias do bairro costumam ser pontos de encontro de homens que se reúnem para 'bater papo' e tomar cerveja à noite. Enquanto isso, a mulher que também trabalhou o dia inteiro está em casa se esfalfando no preparo do jantar, na lavagem de roupas, ou na faxina da casa. Samanta salienta que em sua classe social, uma minoria

pode pagar empregada doméstica, de forma que a mulher costuma usar o período noturno, os finais de semana e seus dias de folga para realizar parte daquelas tarefas. Normalmente, estas mulheres que, têm filhos, são casadas e trabalham fora de casa, possuem muito pouco espaço em suas vidas para o lazer e a descontração. Já o perfil masculino que Verônica delineia a partir das queixas das mulheres, suas clientes, é o seguinte: "Os homens são todos mandões, não gostam de dar dinheiro, e adoram sair sozinhos." Ou ainda, preferem fazer programas com outros homens (seu companheiro gosta de freqüentar bares).

Completando o quadro até certo ponto contraditório, as mulheres, com base em sua experiência de vida, deram sugestivas 'receitas' para que um relacionamento seja bem sucedido. Assim, para um casal que pretende constituir uma vida em comum, Vitória considera como condição essencial que ambos atinjam um nível bastante profundo de conhecimento um do outro, e principalmente "conheçam bem as manias do outro prá se ajeitar," diz ela. É necessário ajustar o jeito de ser de um ao jeito de ser do outro, pois ao longo de sua vida cada um vai adquirindo e consolidando a sua identidade, o "como realmente eu sou." A questão financeira também é de grande importância dentro de um relacionamento, de forma que homens e mulheres devem ter conquistado sua independência econômica e atingido uma certa estabilidade antes de pensarem em constituir uma vida em comum.

Para Ivone "um tem que dar razão para o outro," isto é, aprender a ceder, o que sugere agir de maneira política também na vida-a-dois. A seu ver, o recurso da separação faz com que não se leve muito a sério hoje o matrimônio. Ela relata que a maioria daqueles que foram-lhe contemporâneos no casamento já se separou, e está em sua segunda experiência de relacionamento vivendo os mesmos problemas do primeiro casamento. Trata-se de mulheres que não mudaram sua estrutura psíquica interna, continuando a se vincular a homens infiéis. Ivone recomenda que antes de partir para um novo relacionamento e repetir o problema, é mais sensato tentar mudar a situação que se está vivendo. "É melhor procurar melhorar aquilo que é teu" (o próprio marido) do que procurar outro parceiro, assevera ela, observando que é importante que cada um coloque para o outro o que não gosta na relação. Além disso, Ivone acentua a importância de uma

auto-estima positiva, de se estar bem consigo mesmo, para depois se vincular e tentar transformar outra pessoa. Quem não mudou a si próprio não está preparado para mudar o outro, salienta, acrescentando que cada um deve procurar dentro de si o que possui de mais positivo para transmitir ao outro. Ivone também considera as doenças sexualmente transmissíveis outro fator desestimulante na busca de parceiros novos.

Já Aline recomenda que é importante que cada um deixe de ser "a extensão do outro," e comece a ter existência própria.

Verônica relata que para a maioria dos casais com os quais mantém contato, cada uma das partes prefere sair sozinha, ou seja, tirar férias do cônjuge e do filho, fazer uma viagem para 'sanear' a relação.

Vitória ressalta que um parceiro "faz falta." Ela considera importante ter alguém para compartilhar todos os atos da vida cotidiana, e que isto não seja por obrigação ou conveniência. É importante estar junto porque é gostoso e prazeroso, não por conveniência, dependência ou fraqueza, reitera.

De uma maneira geral observou-se uma tendência dos sujeitos de projetarem o que estão vivendo em seus relacionamentos com o próprio parceiro no círculo social à sua volta. Este foi o caso de Aline, Laura e Diana que estão se sentindo gratificadas em sua vida pessoal, e puderam ver uma realidade bem mais promissora que as demais, apontando uma perspectiva favorável do relacionamento homem/mulher na sociedade mais ampla. Da mesma forma, Paloma que traz profundas marcas de seu relacionamento com o sexo oposto delineou um quadro bastante negativo. Isto explicaria a aparente contradição no relato dos sujeitos. Há que se considerar também o fato de que a amostra em estudo parece tratar-se de uma realidade bastante heterogênea, de mudança, onde imperam simultaneamente várias tendências, o que também foi apontado e descrito por elas.

Muito embora a crescente participação masculina em todas as demandas do lar, participação esta reconhecida pelos casos já citados, parece que ainda persiste no inconsciente feminino um primitivo ressentimento em relação aos privilégios masculinos, o homem ainda sendo visto como "folgadão e preguiçoso," se beneficiando e oportunizando da força de trabalho feminino demonstrada na situação de dupla jornada.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

7ª UT: A descoberta do sexo oposto

⇒ Caso nº 08: Diana

O discurso do sujeito

Lucélia: Como foi prá você a descoberta do homem?

Diana: Olha! Veja bem! Eu me lembro assim... eu sempre fui muito intelectualizada! De ir buscar em livros, figuras, enciclopédia sexual. Eu sempre fui 'rato de biblioteca,' se é que pode dizer que rato lê livro! Mas, de pesquisar, de olhar e tal. Então, em termos de descoberta do corpo... alguma coisa, nada de excepcional, entendeu? É alguma coisa assim, que foi familiarizada em livros! E assim de ouvir minha irmã quando começou a namorar, minha irmã mais velha, de falar como é que era, como é que não era, de beijo, abraço, de pela lá, pega cá, entendeu?

Lucélia: Sim! Mas e a relação em si? O contato realmente com o sexo oposto?

Diana: Foi agradável, sabe? Eu, Graças a Deus não sofri assim nenhum trauma (ênfase), alguma coisa que pudesse ser desagradável. Não! Foi assim extremamente agradável, sabe? A descoberta corporal de si própria, e através do outro também. E ver o outro, e descobrir o outro, sabe? Eu acho que foi legal! Foi prazeroso! Foi assim... hum... feliz!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Diana afirma que habitualmente como uma expressão de seu lado intelectual, muitas vezes costuma ir buscar suas respostas em livros. Assim, no que tange ao conhecimento do sexo oposto esta foi a sua primeira forma de aproximação: procurar satisfazer sua curiosidade em livros, figuras, enciclopédia sexual, as revistas de nus do avô, realizando desta forma uma pesquisa bibliográfica informal sobre o tema. Então, a descoberta efetiva do corpo masculino quando ocorreu não foi nada de excepcional para o sujeito, pois ela já havia se preparado psicologicamente familiarizando-se através da literatura em voga. Além disso, Diana pode contar com a irmã mais velha como ego auxiliar, que compartilhou com ela sua experiência de namoro e de relacionamento com o sexo oposto: descreveu como as coisas aconteciam, falou sobre beijo, abraço,

relacionamento de toque, e disse como ela deveria agir. Enfim, orientou-a sobre o que era o namoro.

Quando aconteceu o contato propriamente dito com o sexo oposto, Diana afirma ter sido agradável, e agradece a Deus por não ter sofrido nenhum trauma, nada que pudesse ser-lhe "desagradável." Ao contrário, foi algo "extremamente agradável," afirma agora com ênfase, referindo-se à descoberta de seu corpo por si mesma e através do outro. Da mesma forma, foi satisfatório o ato de 'ver' e descobrir o outro; uma experiência "prazerosa e feliz," acrescenta ela.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 10: Judite (em referência à unidade nº 7)

O discurso do sujeito

Judite: Eu casei virgem com vinte e três anos. Eu não conhecia nem revistas. De jeito nenhum, de espécie nenhuma! Meu marido até reclama... porque teve uma vez, que a gente era namorado e ele falou assim: "Vamos no cinema?" Eu falei: "Tudo bem! Vamos! Se for filme pornográfico... [eu logo adiantei, né] eu saio e te largo lá!" Aí começou, não sei que filme que era. Não sei se era "Dona Flor e seus dois maridos..." não lembro mais. E... quando começou o filme, que eu vi que era pornô, eu levantei e fui embora. Deixei ele lá! Aí ele saiu atrás de mim correndo...(riso) E foi embora! E a gente tinha ido com um outro casal no carro deles. E aí, a gente teve que voltar de ônibus! Porque eu falei: "Eu não entro. Eu não vou voltar! Eu te avisei! Eu falei que eu não queria assitir essas coisas. Eu não gosto disso aí!" E até vinte e três anos eu não assistia filmes pornográficos. Eu nunca tinha ido a um médico ginecologista! Sabe assim? Eu tinha acho que... onze anos, doze anos, e um dia, a minha mãe me chegou com uma calcinha que existia naquela época, de fundo de plástico, que é calcinha protetora. Nem sei mais, como é que chama. Porque a minha menstruação veio muito tarde, quase quinze anos! Então, eu não tinha nenhuma informação. De ninguém! Eu não tinha amigas assim, na mesma idade que eu. Sobre menstruação eu sabia muito remotamente, porque a minha mãe falava assim: "Um dia você vai... [não lembro muito bem o termo que ela usava] um dia você vai perceber que alguma coisa vai mudar..." mas ela não falava claramente assim, que a mulher tem menstruação, que sangra. Aí eu fui trabalhar na casa de uma mulher, e ela chegou lá um dia. E tinha duas moças lá. Aí quando foi um dia, eu vi que elas estavam usando absorvente. E... achei estranho aquele negócio. "Mas o que é isso?" Falei assim, "nossa, usa no meio das pernas, mas o que é isso, né?" Sabe aquela curiosidade? Quinze anos! Não saber o que era uma menstruação! Então... "Meu Deus! Parece que eu estou em... que eu não nasci em 1960, eu nasci, sabe, muito longe!" Não podia estar acontecendo aquelas coisas comigo! De eu não saber. Minha mãe sempre escondeu tudo de mim, sabe, foi tudo muito bem encoberto? Aí, de repente, vinte e três anos, não sei o que é um médico ginecologista, não sei o que é um homem pelado! Sabe?

Lucélia: E como foi de repente ver um homem nu? Manter relações sexuais com esse homem?

Judite: Olha! Você sabe que eu não sei te dizer! (Riso) Não sei! Porque foi um negócio mágico. Porque de repente você está de um lado do rio, e de repente você já está do outro, sem saber por quê, sem saber como! Quando eu me casei, eu fui morar com a minha sogra. E eu achava que isso era o máximo! Morei um ano e meio com a minha sogra. E o meu marido é aquela pessoa assim... muito... no sexo ele não dá um pio. Ele não fala nada. Ele é quieto! Assim... totalmente mudo! Sabe? Isso me incomoda agora. Antes, não me incomodava nem um pouco porque eu não sabia, sabe? Eu não conhecia! Prá mim, eu achava que estava tudo bem! Prá mim era normal!

Lucélia: Mas não foi traumático prá você? Se eu estou entendendo?

Judite: Não! Não foi! De jeito nenhum, acho que não! Eu percebi que foi muito calmo! Foi muito devagar! Eu acho que se fosse hoje, minha primeira vez seria muito diferente.

Lucélia: A verdade é que você tem um furacão dentro de você?

Judite: Eu tenho! Tenho! Tenho! E aí é que é o meu medo. De repente você quer muito uma coisa. E você não tem! Não tem! Não tem! De repente você passa a ter, você não sabe como lidar com aquilo. Agora eu me preocupo com a minha calcinha, com o meu sutiã! Antes não. Antes eu não me preocupava porque o meu marido não olha prá essas coisas. Tanto faz ter ou não ter, estar velho ou não estar. Não tinha ninguém prá ver mesmo! Agora não! Agora, eu estou querendo mudar tudo. Estou querendo comprar coisa nova! (Eu não tenho dinheiro. Aí complica um pouco.) Eu estou querendo coisa diferente, você entende? Prá mim, aquilo não está bom mais! E vem um pouco de medo também: como lidar com a minha filha que tem doze anos? Eu quero ensinar totalmente diferente do que eu fui. E de repente, se ela me aparece grávida? A gente conversa de vez em quando em casa a respeito. Que a gente tem que se preservar até o momento que dá! Lógico. E tem que ter cabeça! A minha filha fala: "Eu quero fazer três faculdades! (Riso) Eu não quero casar logo. Eu quero demorar prá casar. Eu quero ir para o exterior!' Aí, por outro lado, ela fala prá mim: 'Mãe! Eu estou no momento de procurar um marido!" (Riso) É complicado também, sabe? E aí eu fico pensando: "Meu Deus!"

Lucélia: É complicado lidar com uma mulher desabrochando dentro de você...

Judite: ... E a outra desabrochando na filha! É, porque agora eu estou me descobrindo, né?

Unidade transformada em linguagem psicológica

Judite se casou virgem aos vinte e três anos de idade. Quando isto aconteceu não possuía quase nenhuma informação sobre sexo. Ela era então muito puritana e relata que chegou a deixar o namorado (que hoje é seu marido) sozinho no cinema, porque o filme era pornográfico, sendo que ela já o teria advertido a respeito disso. Assim, quando se iniciou a projeção, e percebeu do que se tratava, Judite provavelmente viu refletidos na tela, aberta e escancaradamente, seus mais obscuros e inconfessáveis desejos, os quais rechaçava fortemente, de forma que precisou sair para se proteger da ameça que isso representava para as suas defesas e suas crenças religiosas. Até esta idade o sujeito salienta que além de não assistir filmes pornográficos, nunca havia ido a um médico ginecologista, nem tão pouco conhecia um homem nu.

Ao longo de sua adolescência, não teve amigas da mesma faixa etária com quem pudesse trocar idéias a respeito do assunto, muito menos contou com uma orientação clara, segura e livre de tabus e preconceitos por parte da mãe. Ao contrário, tudo era muito velado, encoberto e reticente. Por volta dos seus onze, doze anos, sua mãe presenteou-a com uma calcinha protetora, tencionando talvez prepará-la para a menarca, que aconteceu somente aos quinze anos. Todavia, esta nunca lhe falou abertamente sobre sexo. Ela dizia apenas: "Um dia você vai perceber que a coisa vai mudar...", mas não dizia que a mulher menstrua, que sangra. Na verdade, sua mãe "sempre escondeu tudo dela," reitera o sujeito. Foi trabalhando em casa de família que Judite constatou com estranheza que as moças que lá residiam usavam absorvente higiênico, colocando-o "entre as pernas," descoberta que a deixou atônita, inquieta, e curiosíssima por saber o que seria aquilo. O sujeito sentia como se tivesse nascido numa outra época muito mais remota e distante, que não a década de sessenta, tal era o seu nível de desinformação. Ela não se conformava que estivesse acontecendo consigo, o fato de ignorar quase completamente os assuntos referentes à sexualidade.

Desta forma sua primeira relação sexual e a conseqüente perda da virgindade foram vivenciadas como "um negócio mágico," que ela compara a estar de um lado do rio, e de repente estar do outro lado, sem saber como e nem por quê. Basicamente o sujeito está se referindo à sua inconsciência quase que total e absoluta sobre os processos que envolveram a descoberta do "homem pelado" e a experiência de uma primeira relação sexual.

Quando se casou Judite afirma ter ido morar com a sogra, e o seu marido por outro lado, sempre foi muito 'contido' na hora de praticar sexo: "Ele não dá um pio, é quieto, totalmente mudo," diz ela (na verdade, ele parece ser reprimido). Se antes isto não a incomodava de forma alguma, porque ela não possuía parâmetros para o que poderia ser uma vida sexual plena e exuberante, hoje isto a incomoda. No passado, todavia, "estava tudo bem." Tudo que pôde perceber em sua primeira relação sexual, é que foi tudo muito calmo, muito lento, o que seria muito diferente se tivesse ocorrido nos dias de hoje. Judite admite que tem um 'furacão' - uma grande energia - dentro de si (o que também desconhecia naquela época), e é justamente nisto que reside o seu medo. Ela

explica que ao obter uma coisa muito desejada, coisa esta que não possuía e depois passou a ter (ser amada plenamente), ficou sem saber como lidar com isto. Liberar o 'furacão' poderia ser muito tentador e prazeroso, mas certamente não seria muito seguro, pois um furacão pode ser muito perigoso e destruir tudo que está no seu raio de ação. Agora Judite se preocupa com sua roupa íntima, a calcinha e o sutiã que está usando, coisa que anteriormente não era objeto de suas preocupações, pois seu marido não valorizava ("não se excitava com...") estas peças do vestuário feminino. O sujeito ressalta que "está querendo mudar tudo," está querendo coisa nova, diferente, e isto é ao mesmo tempo fascinante e assustador!

Fascinada com suas novas descobertas, Judite foi aos poucos perfazendo uma trajetória no paulatino desvelamento de sua sexualidade, e a conseqüente formação de uma identidade feminina: desde a completa ignorância da adolescência, até o estar num passe de mágica do "outro lado da margem do rio," a prática do sexo comedido com o marido, e o exercício pleno de sua sexualidade/feminilidade com o amante (o que aqui está implícito, mas se encontra claramente relatado na décima unidade). O momento presente que está vivendo é muito especial porque relaciona-se com o 'desabrochar' e a vivência plena da sua sexualidade, da sua feminilidade, com todos os medos, prazeres, alegrias e conflitos que isto envolve. Um destes conflitos seriam suas dúvidas e dificuldades sobre como lidar com a sexualidade emergente da filha, que tem doze anos, e que está desabrochando junto com ela. Judite está segura de que quer oferecer à filha uma educação totalmente diferente daquela que recebeu de sua mãe, todavia teme pecar por excesso de abertura, e ser surpreendida por uma gravidez indesejada daquela. Sua filha está deslumbrada com a vida, e com as perspectivas que se lhe abrem, mas ao mesmo tempo a irrupção dos hormônios femininos a deixa confusa.

Judite assevera que é complicado lidar simultaneamente com uma mulher desabrochando dentro de si (visto que ela se sente uma adolescente de quinze anos) e a outra desabrochando na filha. A competição entre as duas parece ser um fato inevitável.



⇒ Caso nº 11: Vitória (em referência à unidade nº 7)

O discurso do sujeito

Lucélia: Você falou que aos seus quinze anos 'lhe casaram' e que você foi totalmente ingênua para o casamento. Como foi prá você a descoberta do homem sexualmente?

Vitória: No susto! (Risos) Um susto mesmo! Eu acho que eu comecei a me sentir bem mesmo há alguns anos atrás, sabe? De verdade mesmo prá valer, não faz muito tempo. Porque antes era sempre um relacionamento mais íntimo por obrigação. Porque tinha que fazer! Porque era casado, sabe? E não era muito gostoso! Era assim... descobrir mesmo, eu acho que não faz muito tempo. Então aí é diferente, não é Lucélia? Mas na época... Aí! Eu nem sabia o que estava acontecendo direito, sabe? Você ouve um monte de conversas de comadres e vai indo, vai tocando a vida... Olha! Eu só queria falar uma coisa. Eu não quero ficar sozinha! (Risos) Eu não sei se eu quero morar junto assim, rápido com alguém. Mas ficar sozinha não! Eu acho que depois que você consegue descobrir esse outro lado bom, sem obrigações, sem outras necessidades, apenas falando de sentimentos, do lado bom, então aí é diferente. Aí é gostoso estar junto! Então, eu não quero ficar sozinha não!

Lucélia: Você está dizendo assim, que um parceiro é muito importante na vida de uma mulher?

Vitória: Eu acho assim... Que um precisa do outro. Mas precisa no bom sentido. Precisa no carinho, no sentimento de verdade, no colaborar! As outras coisas são conseqüências. Aí fica um relacionamento gostoso! Eu acho que não é impossível, Lucélia! E agora eu vou lutar prá isso. Vou! Com certeza! Porque uma série de outras coisas, eu já venci, eu já consegui, sabe. E por que isso eu não vou conseguir? Vou também! Será meu próximo desafio.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Referindo-se à descoberta do sexo oposto, mais especificamente no que tange à sexualidade, Vitória revela que para si, isto se deu "no susto." "Um susto mesmo!" ressalta ela, demonstrando com isso que houve falta de preparo e orientação nesse sentido. O sujeito acrescenta que somente começou a se sentir à vontade e bem com isto há alguns anos atrás. Trata-se, portanto, de uma descoberta relativamente recente. No passado, quando havia um relacionamento mais íntimo, isto ocorria por obrigação: "Porque tinha que fazer, porque era casado" (lembrando que se trata inclusive de uma das obrigações conjugais) "e não era muito gostoso," confessa ela.

Vitória relata que anteriormente, em sua vida sexual, freqüentemente não sabia o que estava acontecendo ao certo, e se guiava então por "um monte de conversas de comadres," e prosseguia meio às escuras. Ela precisou de um tempo bastante longo (supostamente porque haviam outras demandas mais urgentes) para adquirir o controle da situação, e sentir-se à vontade sexualmente consigo mesma e com o parceiro.

O sujeito ressalta que não deseja permanecer só, isto é, sem um parceiro fixo. Suas dúvidas são referentes a uma possível coabitação a curto prazo, mas está convicta de que não deseja permanecer sozinha. Após ter conseguido descobrir o lado prazeroso do relacionamento, sem obrigações, conveniências ou a satisfação de quaisquer outras necessidades, tratando apenas de "sentimentos" (isto é, do aspecto afetivo da vida-a-dois, e de se nutrir afetivamente na relação), então torna-se "gostoso" estar junto, assevera.

Vitória acredita que o homem e a mulher "precisam um do outro." Todavia, sua concepção desta dependência é no bom sentido da palavra. Ela explica que estas necessidades mútuas ocorrem no momento de se externalizar o carinho, os verdadeiros sentimentos, a colaboração mútua. Ou seja, na troca de afetividade, na soma de esforços que o companheirismo possibilita, e na complementaridade saudável. Outros elementos vêm como conseqüências. Neste caso, então o relacionamento se torna prazeroso, reitera ela. Vitória acredita que não é impossível obter isso, e assegura que irá lutar para conseguí-lo, certificando-se de que houve uma série de outras coisas que já conseguiu conquistar. Este será, portanto, seu próximo desafio.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 12: Verônica (em referência à unidade nº 7)

O discurso do sujeito

Verônica: Como minha mãe me prendia muito... (ela não deixava eu sair no portão, eu ia só à igreja) eu não tinha contato com rapazes. E era importante prá mim ter porque eu dava aulas de catecisimo, e era 'filha de Maria,' além de tudo! Então, tinha os rapazes que eram 'marianos,' que usavam aquela fita azul, e a gente usava aquele véu... Tinha quermesse, mas só que eu não podia conversar com ninguém! Porque a minha mãe subia, oito e meia, nove horas, com uma cinta na mão, e no meio de todo mundo ela me batia! Eu não sei o que ela tinha contra mim! Então, eu criei assim, um certo medo... do homem. Até hoje eu tenho medo!

Lucélia: Mas quem lhe batia era ela?

Verônica: É! Mas quem me pintou o homem muito feio foi a minha mãe! Eu não sei o porquê que a minha mãe tinha... Eu não sei se era raiva de mim, ou se era ciúme de mim. Porque meu pai me adorava! Tanto é que eu tenho aquela dúvida: se ela é realmente a minha mãe, ou se eu sou filha só do meu pai! Você está entendendo? Essa dúvida, eu vou morrer com ela porque ninguém até hoje me esclareceu. Muito menos ela!

Então, ela me pintou o homem... Tanto é que eu casei sem saber como era um homem pelado na minha frente, assim, em revista. Ela nunca deu chance! Eu namorei quase sete anos esse meu primeiro marido, e nunca fiquei sozinha com ele. Nunca ele fez isso comigo!

Lucélia: Não houve nenhum relacionamento de toque?

Verônica: Nada! Nada! Nada! Nada! Casei com vinte e seis anos! Já era velha para a minha idade. Na época que eu casei, em setenta e quatro, eu era uma velha! As meninas casavam com quinze, dezesseis anos. A turma já me chamava de tia. Eu já era tia de muitas meninas: "Ah! A tia não casou! A tia não casou!" Todo mundo! Só que a minha mãe nunca deixou eu ter uma amiga! Nunca deixou eu ter uma colega! Eu tinha que sair com o meu irmão prá o cinema, se eu quisesse. Ninguém podia chegar perto. Você está entendendo? Então, o homem prá mim foi muito assim... Eu tive muito medo! Certo? Assim, o primeiro namorado... Quando ela descobriu a foto dele na minha caixinha de terço... Era namorado assim, de olhar. Eu era apaixonada por ele! Eu tinha doze, treze anos. Ele era 'mariano' e eu era 'filha de Maria!' Quando ela descobriu... A foto estava dentro de uma caixinha de um tercinho, que eu fiz primeira comunhão. Ela foi e virou! Eu acordei sem cabelo! Ela me pegou por aqui e a minha cabeça malhando na parede. Aqui, tudo ensangüentado! Ela achava que eu já tinha saído com o moço, tinha... Tanto é, que o dia em que ele me deu um beijo depois de três anos só de olhar... Eu resolvi sair com ele, ele pegou na minha mão, e eu já tremi todinha! Aí, o dia em que ele me deu um beijo, eu saí correndo! Eu corri umas seis quadras, eu só parei porque eu torci o meu pé. Porque ela falou que o dia que um homem me beijasse, eu ficaria grávida. Essa foi a educação que ela me deu.

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito relata que como sua mãe a prendia muito em casa (esta não lhe permitia sair até o portão que fosse, somente ir à igreja), ela não tinha nenhum contato com rapazes, muito embora fosse importante para si ter esta experiência, ressalta. Verônica acrescenta que além de tudo, ministrava aulas de catecismo e era 'filha de Maria.' Haviam os rapazes que eram 'marianos,' os quais usavam uma fita azul, enquanto as moças usavam um véu. Nas ocasiões em que havia quermesse, Verônica não podia conversar com ninguém porque sua mãe aparecia com uma cinta na mão, e a espancava publicamente. O sujeito afirma que ignora as razões de sua mãe para agir desta forma contra ela, mas o fato é que engendrou dentro de si "um certo medo" da figura masculina, e confessa que o conserva até hoje. Muito embora quem lhe punisse fosse sua mãe, foi esta "quem lhe pintou o homem muito feio," pois nas ocasiões em que era espancada estaria implícito um possível contato com o sexo oposto (não lhe era permitido conversar com ninguém). Assim, punindo severamente a filha, a mãe estaria sufocando brutalmente qualquer desejo que dentro dela existisse de aproximação e contato com o sexo oposto. Verônica ignora os verdadeiros sentimentos que sua mãe nutria a seu respeito, mas conjetura consigo mesma que poderia ser raiva ou ciúme, porque o seu pai lhe adorava. Então, quase como um corolário destes acontecimentos

passou a cultivar dentro de si dúvidas referentes à sua origem, isto é, que um de seus progenitores talvez não fosse realmente seu pai ou mãe biológicos. O sujeito assevera que essa dúvida, "ela morrerá com ela" porque ninguém até hoje lhe esclareceu, muito menos sua mãe.

Verônica relata que tendo tido uma educação tão rígida e punitiva, chegou ao casamento sem saber como seria a imagem de um homem nu, mesmo que isto fosse somente em revistas, pois sua mãe nunca lhe possibilitou isto. Além disso, namorou seu primeiro marido por quase sete anos, sendo que ambos nunca tiveram momentos de privacidade um com o outro. Nunca houve nenhum relacionamento de toque entre os dois, por mínimo que fosse. Verônica casou-se aos vinte seis anos, e já era considerada velha para os padrões da época (década de setenta). Muitas meninas já lhe chamavam de 'tia' e zombavam dela por não ter se casado. Todavia, sua mãe nunca permitiu que ela tivesse sequer relacionamentos com amigos ou colegas até mesmo do sexo feminino, e da mesma faixa etária. Se quisesse ir ao cinema, deveria ir acompanhada do irmão. A ninguém era permitido se aproximar dela. "Então, o homem prá mim... eu tive muito medo" confessa.

O sujeito relata que entre doze e treze anos teve um primeiro namorado (que na verdade era apenas um flerte) pelo qual era profundamente apaixonada, sendo ele 'mariano' e ela, 'filha de Maria' (uma atração que se deu sob o "teto divino"). Sua mãe quando descobriu o fato através de uma fotografia deste, que estava guardada na caixinha do terço de sua primeira comunhão (sinal que atestava a pureza da relação), agrediu-a violentamente, pois acreditava que ela "já tinha saído com o moço," isto é, em sua fantasia, eles supostamente haviam tido algum tipo de intimidade ou talvez um relacionamento sexual.

Verônica acrescenta que depois de três anos só flertando, ela resolveu sair com o moço, e quando ele tocou em sua mão, todo o seu corpo estremeceu (supostamente por estar quebrando um tabu ao se permitir viver uma experiência proibida, e que se tornou por isso mesmo tão excitante). Quando aquele lhe beijou ela se pôs a correr, e só parou por haver torcido o pé. O sujeito explica que assim agiu porque sua mãe havia lhe dito que se um homem lhe beijasse, ela ficaria grávida.

Verônica conclui em tom amargo: "Essa foi a educação que ela me deu!" Observe-se que o sujeito em seu discurso não se atém somente ao tema em foco, mas faz referências constantes à figura materna e à educação que dela recebeu, tendo isto supostamente se configurado num complexo psíquico autônomo dada a energia que carrega.

Em suma, quanto à descoberta do homem, esta se deu de uma forma bastante traumática, pois veio acompanhada de muitos espancamentos, a figura masculina lhe tendo sido mostrada como um grande 'bicho-papão' e envolvida por um imenso tabu. Alguém como o personagem da fera do conto "A bela e a fera," que possuía um aspecto muito feio e terrificante, supostamente perigoso e ameaçador, de quem ela deveria manter-se afastada; por sua vez ninguém tão pouco poderia se aproximar dela. Daí a relação com o masculino ter sido marcada por toda a sua vida por muito medo e distanciamento. Isto também faz lembrar o conto de fadas "Rapunzel" (com o qual a história do sujeito parece ter grande similitude), onde a protagonista foi aprisionada na torre de um castelo por uma bruxa sem que pudesse ter contato com nenhuma figura do sexo oposto.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 7ª UT: a descoberta do sexo oposto

As mulheres que se referiram especificamente à descoberta do sexo oposto relataram experiências diversificadas com diferentes nuances. Enquanto para Verônica isto foi altamente traumatizante, Diana qualificou a experiência como "extremamente agradável," e Vitória disse que "foi um susto." Judite, por sua vez, está redescobrindo a figura masculina de uma forma totalmente diferente daquela que ocorreu no passado.

Assim, Diana, a princípio, tentou conhecer o sexo oposto indiretamente através de livros, figuras, enciclopédia sexual, e as revistas de nus do avô. A irmã mais velha também foi seu 'ego auxiliar,' compartilhando com ela sua experiência de namoro

e relacionamento com o sexo oposto, e orientando-a sobre como as coisas aconteciam. Então, quando se deu a descoberta efetiva do corpo masculino e o contato propriamente dito, isto não foi nada de excepcional, mas uma experiência feliz e prazerosa, pois já havia se preparado psicologicamente. Diana acentua que "não sofreu nenhum trauma," ao contrário, foi um acontecimento "extremamente agradável."

Já Vitória relata que a descoberta do homem para si ocorreu "no susto," pois não recebeu qualquer preparo e informação nesse sentido. Desta forma, em sua vida sexual agia às escuras, guiada apenas por "conversas de comadres," sendo que precisou de bastante tempo para se sentir à vontade sexualmente consigo mesma e com o parceiro, o que ocorreu somente há alguns anos atrás. No passado, quando tinha um relacionamento sexual com o marido isto ocorria por obrigação, e "não era muito gostoso," diz ela. Foi somente quando descobriu que o relacionamento com o sexo oposto de fato poderia se dar de uma forma prazerosa, sem obrigações ou conveniências, e nutrí-la afetiva e emocionalmente, foi que então se tornou realmente "gostoso estar junto."

Contrariamente, Verônica parece não ter muito de "gostoso" para mencionar em sua experiência. No seu caso, a descoberta do homem se deu de uma forma bastante traumática, tendo sido acompanhada de muitos espancamentos, a figura masculina tendo-lhe sido mostrada e experimentada como um grande 'bicho-papão,' envolta em um imenso tabu. O sujeito relata que em sua adolescência sua mãe a mantinha presa em casa, impedindo que ela tivesse qualquer contato com rapazes. Ninguém podia se aproximar dela, nem mesmo amigos ou colegas do sexo feminino. Punindo severamente a filha até mesmo em público, a mãe, ao mesmo tempo que transmitia àquela uma imagem muito feia da figura masculina, estava também reprimindo brutalmente qualquer desejo que existisse dentro dela de aproximação com o sexo oposto. Esta conduta materna fez com que Verônica engendrasse dentro de si um 'medo visceral' da figura masculina (e ao mesmo tempo um desejo inconsciente, agora maximizado), tendo sido o homem sentido como alguém perigoso e ameaçador, de quem ela deveria manter-se afastada. Diante de uma educação tão rígida e punitiva, Verônica chegou ao casamento ignorando como seria a imagem de um homem nu, mesmo que sua fonte de informação fossem apenas revistas. Ela relata que namorou por sete anos seu

primeiro marido e nunca houve nenhum relacionamento de toque entre os dois, por mínimo que fosse. Quando se casou, aos vinte e seis anos, já era considerada velha para os padrões da época.

Judite relata que se casou virgem, aos vinte e três anos, desconhecendo quase totalmente os assuntos referentes à sexualidade, sendo então muito puritana. Até esta idade nunca havia ido a um médico ginecologista, e também desconhecia o que era um homem nu. Assim como Verônica, em sua adolescência não teve amigas da mesma faixa etária com quem pudesse trocar idéias, nem contou com uma orientação livre de tabus e preconceitos da figura materna. Ao contrário, tudo era muito velado, encoberto e reticente. Sua primeira relação sexual e a perda da virgindade foram sentidas como um acontecimento mágico, que ela compara a transpor repentinamente a margem de um rio, sem saber como e nem porque. Tudo o que pôde perceber na ocasião é que foi "tudo muito calmo, e muito lento." Judite observa que seu marido é muito contido na hora de praticar sexo. Se no passado estava bem assim, hoje isto a incomoda. Ela descobriu com o amante que tem um 'furacão' dentro de si - uma grande energia - e é nisto que reside o seu medo, pois soltar este furacão pode ser muito perigoso.

Partindo de uma inconsciência quase que total e absoluta sobre os processos que envolveram a descoberta do homem em sua primeira relação sexual, Judite está vivenciando intensamente em seu momento presente o desabrochar pleno de sua sexualidade no relacionamento com o amante, uma redescoberta do homem e de sua própria feminilidade, experiência que é ao mesmo tempo fascinante e assustadora.

Tendo podido elaborar de uma forma positiva seu vínculo interno com a figura masculina, Vitória salienta que homens e mulheres necessitam um do outro, principalmente no momento de se externalizar o carinho e os verdadeiros sentimentos, na troca de afetividade e na complementaridade saudável. Ela reitera que não deseja ficar sem um parceiro, apenas tem dúvida sobre uma coabitação a curto prazo. Viver um relacionamento saudável a dois será seu próximo desafio, diz ela.

Verônica talvez não possa dizer o mesmo, em função de toda a repressão que sofreu, e pelo fato de cultivar ainda hoje muito medo (e desejo) da figura masculina, mantendo da mesma um seguro distanciamento psicológico.

Vale salientar ainda, o despreparo a que se referiram as mulheres citadas (com exceção de Diana) sobre os assuntos referentes à sexualidade, e o grande tabu que perpassava o assunto. Daí, muitas vezes sua total ignorância, sua estranheza e o caráter mágico do próprio ato sexual, tendo se dado a descoberta do sexo oposto senão "no susto," sem uma consciência clara dos fatos em curso ou de maneira até mesmo traumática.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

8ª UT: A importância de se ter um vínculo amoroso

⇒ Caso nº 04: Ester

O discurso do sujeito

Ester: E acho que o meu peso era uma espécie de... uma redoma assim: "Eu estou protegida!" quer dizer, eu estou gorda, nenhum cara vai mexer comigo, chegar perto de mim! Meu comportamento estava assim: se eu estivesse perto de uma moça magrinha, bonitinha e viesse uns caras, eu pensava assim: "Não! Eu estou gorda e feia! Eles vão mexer com ela. Se tentar até pegar prá estuprar, vai ela! Não vou eu!" Era minha segurança, a minha gordura. Mas de repente, ela se voltou contra mim. Ela está mexendo com a minha saúde. E agora eu vou ter que cuidar da saúde e cuidar da minha menina porque eu escondi a minha mulher. Ela estava escondida aqui no meio dessa gordura, com medo de aparecer!

Lucélia: Você está dizendo que o seu peso era a redoma que você usava prá se proteger dos homens? Prá se tornar menos desejável, menos atraente? Prá passar despercebida?

Ester: Isso! Eu pensava.que eu estava me protegendo dessa forma. Porque aí, quando eu me senti tão mal com o outro que me magoou tanto, era uma proteção, esse jeito. Quer dizer, eu não corro risco nenhum de ser gorda e feia, nenhum homem vai se aproximar de mim! Então, eu estou livre disso, sabe? Eu não corro risco nenhum com o sexo oposto. Uma proteção! Eu descobri isso a duras penas, mas ainda é um desafio prá mim. É uma coisa que eu vou encarar! Eu estou meio medrosa! Mas eu tenho que provar prá mim mesma que eu posso, sabe? Eu quero que deixe de ser uma coisa estranha, o meu relacionamento com homem. Que eu não conheça! Não, eu quero conhecer prá ver como eu vou lidar. Eu estou meia assustada com isso, mas é uma experiência que eu quero que aconteça ainda!

Lucélia: Seu ex-marido foi sua única experiência?

Ester: Foi a única! E uma experiência horrível! Eu me fechei completamente. Em dezembro eu estava... (riso) eu estava super gorda! Oitenta e quatro quilos! Eu estava tão assim... nervosa com os meus sintomas, assim de montão. Eu tive uma paralisia na minha corda vocal, eu não falava mais! Eu precisei de tratamento com fono prá descobrir que eu estava com... eram meus sintomas mesmo. Mas aí eu pensei: "Espera aí Ester! Acorda! Sabe? Onde você vai parar com isso?" Comecei a travar a minha perna. Falei: "É isso o que

você quer mesmo? Você quer se acabar? Se matar? É desse jeito mesmo que você quer?" Cheguei no limite! Pensei: "Ah! Não! Não é por aí!" Agora estou aí com os meus quilos a menos (preciso perder mais), dei um jeito no meu cabelo. Acho que eu fiquei mais bonitinha! (Riso) E vou começar a ver se eu me gosto. E alguém que me goste! (Riso) Estou precisando urgente! Não que uma pessoa me ame, mas que um homem me ame!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Consciente de seus mecanismos defensivos, Ester considera o seu peso excessivo, uma espécie de redoma que construiu em torno de si para se "proteger" do sexo oposto, impedindo assim uma possível aproximação. O fato de ter se sentido tão profundamente ferida pelo primeiro e único homem que conheceu, fez com que este jeito de ser, além de uma proteção, se constituísse na sua *persona* para o mundo masculino. Uma mulher assexuada, sem atrativos, não teria poder para seduzir e despertar o desejo de alguém do sexo oposto, logo, passaria desapercebida e não estaria exposta ao perigo de se envolver e vir a sofrer novamente.

Assim, o sujeito considerava o seu peso excessivo, a sua segurança em relação ao sexo oposto, pois se mantendo "gorda e feia," não correria nenhum risco de que homens afoitos dela se aproximassem. Com a redoma sentia-se "protegida" até de um eventual estupro, pois acreditava: "Se eu estou gorda, nenhum cara vai mexer comigo, mas com a moça magrinha e bonitinha!"

Este mecanismo, se era muito eficiente por um lado, por outro, começou a causar danos à sua saúde física e mental, e ela se viu forçada não só a realizar tratamento de emagrecimento, como também a "cuidar da sua menina" e "da sua mulher," as quais, por medo, escondeu entre as camadas de gordura a fim de que não fossem vistas (o sujeito está se referindo aqui a cuidados de ordem psicológica).

No momento Ester tem como um desafio para si estabelecer relações amorosas com um novo homem, experiência da qual sente profunda necessidade. A defesa que inicialmente havia sido não só eficiente como também necessária, agora cristalizou-se, e lhe tem sido muito difícil sair desta posição. Apesar do medo que admite sentir, Ester deseja provar para si mesma que pode realizar tal proeza, e que o relacionamento com o sexo oposto não lhe seja "uma coisa estranha." O sujeito reitera seu desejo de que este encontro com um "homem de verdade" realmente se concretize,

de forma que possa então conhecer o relacionamento com um parceiro normal, até para saber como vai lidar com a nova situação.

Ester acrescenta que foi necessário que se atingisse uma situação limite e soasse o 'alarme' de sua saúde mental, para que ela interrompesse o processo auto-destrutivo que há muito havia ativado, e realizasse então uma escolha consciente. Seu peso havia se tornado bastante elevado (oitenta e quatro quilos), além de terem se somado a isto outros tantos sintomas, os quais sabia, eram somatizações: a paralisia das cordas vocais que impediu-a de falar, e a perna travada, entre eles. Tudo isto se constituiu no estopim de uma crise, que levou-a ao limite do seu processo auto-destrutivo. Tendo chegado a este ponto, questionou-se sobre qual era de fato o seu desejo: "Se acabar, se matar... é desse jeito mesmo que você quer?" questionou-se. Sua resposta foi a escolha pela vida e pela saúde física e mental.

Desde então, Ester já perdeu peso e procurou melhorar o aspecto de sua aparência. Seus esforços no momento estão direcionados no sentido de elevar sua auto-estima, e "abrir-se" (relaxar suas defesas) para que um homem possa se aproximar, e com isto, haja a possibilidade de formação de um vínculo amoroso, permitir que isto aconteça. O sujeito afirma que "está precisando urgente que um homem a ame!" isto é, que um homem enxergue a mulher que existe dentro de si, que reconheça e valorize esta mulher. Evidencia-se ainda nesta sua fala o caráter gritante de sua carência afetiva, considerando que de fato em toda a sua vida, Ester nunca se sentiu nem foi verdadeiramente amada.

O acima exposto evidencia, além da profunda percepção de si mesma de que parece imbuir-se o sujeito, uma imagem internalizada da figura masculina como um "Ser estranho e muito perigoso," capaz de feri-la profundamente, constituindo-se, portanto, numa ameaça. Daí a extrema dificuldade de estabelecer um vínculo de confiança e entrega com o sexo oposto, onde possa amar e ser amada, a despeito de toda a sua carência afetiva.



Síntese da 8ª UT: a importância de se ter um vínculo amoroso

Devido a traumas sofridos em seu casamento, Ester construiu em torno de si uma "redoma" protetora através de seu peso excessivo, de forma que estando feia e destituída de atrativos, poderia passar desapercebida ao sexo oposto, impedindo assim uma possível aproximação. Através deste expediente, Ester pretendia "esconder" a mulher que nela existia, ao mesmo tempo que tentava se resguardar de sentimentos de temor em relação à figura masculina. Todavia, esta sólida e pesada barreira se cristalizou, e tornou-se um obstáculo também para si mesma, resultando-lhe em um estado de profunda solidão e carência afetiva. Com o transcorrer do tempo agravou-se ainda mais o seu quadro, pois ela foi produzindo outros sintomas paralelos, que atingiram o ápice através da paralisia das cordas vocais e do travamento da perna (ela não conseguia mais falar e andar). Tendo atingido uma situação limite, Ester decidiu que desejava viver, e escolheu o caminho da saúde e da estima de si. Ela reitera, sobretudo, que deseja passar pela experiência de uma relação amorosa com um homem normal, da qual admite sentir "necessidade urgente."

Descrevendo como se esquivou de todo e qualquer contato com o sexo oposto, e como mais tarde, devido ao agravamento de seu quadro, fez a escolha interna de se abrir para um relacionamento amoroso, Ester está falando da importância de cultivar um vínculo dessa natureza para sua saúde física e mental.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

9ª UT: A experiência de um relacionamento extra-conjugal

⇒ Caso nº 09: Ivone

O discurso do sujeito

Ivone: Ele trabalhava fora, vinha só de final de semana. Aí eu só me produzia prá ele! Só fantasiava o final de semana! Aí, que eu fui me sentindo uma mulher assim... não aquela mulher de todo dia - de lavar, passar, cozinhar - mas a mulher do lado sensual! A mulher, sabe? Isso de fantasiar, de fazer as loucuras porque eu sou meia doida, assim. Fantasiava uma coisa! Inventava... Pode falar bobagem aqui? (Sussurrou a pergunta)

Lucélia: Pode!

Ivone: Ah! Tipo assim... Vinha final de semana, aí já falava: "Olha! Nós vamos chegar mais ou menos tal hora!" Aí, eu já punha... (dentro de casa, né) uma sainha curta. Esperava ele já sem calcinha! Aquelas coisas assim, sabe? Até mesmo... Nossa! Bastante coisa! Porque eu toda a vida... o meu casamento... mesmo quando ele bebia, foi muita fantasia! Eu sempre fantasiei! Sempre... Ih! Eu já quebrei pia de banheiro de casa que eu morava, entendeu? Ai! Não tinha um lugar não! Eu já pintei o sete mesmo! Já fiz de tudo! De tudo! De tudo! Sabe? De namorar em carro, de brincar com ele dirigindo! De... Ih! Essas coisas todas... Ih! Eu acho que é por isso que ele gosta de mim até hoje. E aí, quando ele vinha só aos finais de semana, aí eu já ficava a semana inteira pensando no que eu ia fazer de especial prá janta. Mas, mais especial era a 'sobremesa!' (Risos) Era eu! Eu falava a semana inteira no telefone: "- Bem! O que você quer jantar?" "- Não! Estou pensando na sobremesa!" (Risos) Só vinha bobagem, né? Aí, quando chegava em casa, era gostoso! Aí começou a ficar fácil! Mas eu acho que o casamento tem que ter fantasia, senão, não dá! Tem que ter loucura! Tem que mudar, sabe? Senão, vira aquela coisa do dia-a-dia. E aí não dá! Acho que a fantasia é se sentir amada! Eu acho que é isso que toda mulher precisa. Era isso o que eu precisava. Eu precisava ter certeza desse desejo do outro também! Não só o meu! Então, eu acho que as coisas eram difíceis antes, porque era só o meu desejo. Não havia o desejo dele! Não havia a loucura dele! Ele era aquele cara certinho que chegava em casa... e aquela coisa, entendeu? Não havia esse... esse outro lado de perda... porque ele teve que ter um estado de choque de perda prá poder mudar! Prá poder ser o que ele é hoje!

Lucélia: E o que é este estado de choque de perda? O que seria isso?

Ivone: É medo de perder... de me perder. Aí foi que ele começou a me valorizar. Aí ele viu o tanto que eu era importante prá ele. O tanto que ele gostava de mim! Porque antes ele tinha muita certeza de que eu era só dele, essas coisas todas! Quando ele viu que eu poderia não ser só dele, que ele poderia me perder para outra pessoa... Aí o que aconteceu? Ele foi capaz de me levar para o motel. Ele foi capaz de agir comigo... Aquilo que eu pedia, pedia, pedia e nunca tinha, eu passei a ter! Teve que aparecer uma terceira pesssoa. Uma pessoa prá balançar, entendeu? Prá me fazer sentir menina, me sentir mulher, me sentir... tudo! Para que o meu marido tomasse consciência da mulher que ele tinha. Eu acho que ele tinha uma mulher entre aspas 'especial,' e não sabia que ela era assim! Ele não sabia como eu era. Eu acho que no fundo, na cabecinha dele, eu era aquela menina de dezesseis anos que ele casou. Eu consegui mudar ele todinho, mas ele continuava... Eu sendo aquela, sabe, submissa a ele, aquela que só obedecia ele, aquela certinha! Quando ele viu que eu poderia errar, que poderia me perder, que eu tinha o direito de gostar de outra pessoa, e ter alguém que gostasse de mim sem ser ele, outra pessoa que me queria e eu também queria a outra pessoa, aí que ele foi ver, que ele podia mudar comigo. Tinha que ser diferente, sabe? Com todas as loucuras, com todas as coisas, mas ele pensava mais nele do que em mim. Hoje eu acho que ele pensa mais em mim do que nele. No fundo, no fundo, ele sabe que o valor que eu tenho hoje vem daquele sofrimento, né? Vem de tudo! Vem de sentir o sofrimento da perda. Ele quase me perdeu!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito relata inicialmente uma fase de seu casamento onde exercia plenamente a sua sexualidade. Nessa ocasião seu marido trabalhava em outra cidade e só vinha em casa aos finais de semana, quando Ivone então "se produzia" para ele, e ficava a fantasiar sobre como seria o encontro. Com isto ela começou a explorar o seu "outro lado mulher," não a dona-de-casa que lava, passa e cozinha, mas a mulher sensual, pondo em prática suas fantasias sexuais, "loucuras," e invenções diversas. Ivone relata que gostava de viver experiências excitantes: quando ele vinha já colocava uma saia curta e o

esperava sem calcinha. Ela ressalta que mesmo nos momentos difíceis do seu casamento nunca deixou de fantasiar, e que em se tratando de praticar sexo, já "pintou o sete, já fez de tudo." Não havia um lugar fixo para seus jogos e brincadeiras sexuais: já namorou em carro, excitando-o enquanto dirigia e inclusive chegou a quebrar pia de banheiro (possivelmente no furor de um relação sexual). Ivone acredita que é por esse seu jeito efervescente de ser que seu marido gosta dela, e está com ela até hoje.

O sujeito parece sentir um prazer especial ao relembrar outros fatos desta fase de sua vida, 'degustando-os' com um sabor picante e malicioso. Ela relata que, como ele vinha somente aos finais de semana, permanecia a semana toda na expectativa, pensando no prato especial que prepararia para o jantar. A sobremesa, todavia, era ainda mais exclusiva, pois era "ela própria." Desta forma, ambos se divertiam ao telefone em meio a insinuações picantes, que incitava seus desejos trazendo-os à flor da pele. Através de todos esses jogos amorosos, Ivone conseguia tornar muito excitante a sua vida de casada, como se se tratassem de dois jovens namorados. Ela ressalta que precisava se assegurar e ter certeza do desejo dele, não só o seu próprio, e o meio para conseguir e estimular isto eram as fantasias sexuais, a fórmula para si mais eficaz para se sentir amada, o desejo de toda mulher. Entretanto, as "coisas começaram a ficar fáceis," pois não havia o desejo dele, a loucura dele, visto que era o tipo de homem "certinho," de quem não se podia esperar nenhum ato "extra-script." Era só o seu desejo que parecia mover o casal, sendo que, na sua concepção, em um casamento se não há mudança e loucura a tendência é a estagnação e a rotina morna do cotidiano.

Assim, foi necessário que houvesse "o choque da perda" para que ele se transformasse e se tornasse no homem que hoje é. Ivone afirma que seu marido tinha muita certeza de sua fidelidade. Quando ele percebeu que poderia perdê-la para outra pessoa, foi capaz de fazer o que ela pedia reiteradas vezes e nunca acontecia (irem a um motel, por exemplo). Mas para isso, foi preciso que aparecesse alguém que sacudisse as estruturas cristalizadas e comodamente assentadas. Este outro homem tocou com o seu desejo a "menina"/mulher que havia em Ivone, de forma que esta se sentiu amada e valorizada. Então, foi somente ao saber que havia uma terceira pessoa em seu casamento, que aquele (o marido) tomou consciência da mulher que possuía. Ivone era uma mulher

"especial," e o mesmo até esse momento igonorava isso, pois não percebeu sua transformação e o seu amadurecimento ao longo dos anos, relacionando-se somente com aquela imagem internalizada da menina de dezesseis anos com quem se casou. Ela conseguiu "moldá-lo por inteiro," mas para ele, continuou sendo a mulher submissa de quem esperava obediência. Foi somente quando tomou consciência de que ela tinha o direito de amar outra pessoa, de ter outro homem que não fosse ele, alguém que também a amava, que a queria, e que havia uma correspondência nesse desejo por parte dela, foi então que se deparou com a perspectiva real da perda da esposa e começou a mudar. O resultado dessa experiência foi que se antes ele pensava mais em si do que nela, hoje a situação se inverteu e ele pensa mais nela do que em si mesmo.

Supostamente, este relacionamento extra-conjugal não foi um evento fortuito na vida de Ivone, mas tenha sido inconscientemente procurado por se tratar de uma forma eficaz de "sacudir" seu casamento e forçar seu marido a enxergá-la.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 10: Judite (em referência à unidade nº 9)

O discurso do sujeito

Judite: O meu primo é separado. Ele casou e separou. Aí, ele ficou dois anos da separação, namorando com uma moça e ninguém da família gosta dela. Então, agora ele separou. E ele vai muito na minha mãe. Teve um casamento em Goiás, e eu não fui por causa dele. O meu marido insistiu. Eu não fui com medo de... sabe? Porque eu falei: "Vai estar longe! Vai estar tudo propiciando para um encontro!" E não adiantou nada. Não adiantou porque ele ficou muito presente. Ele ligava na minha casa: "Sai comigo! Vamos tomar um suco! Vamos nos encontar! Eu preciso te ver!" Insistia! Insistia! Até o dia em que: "Tudo bem!" Aí, eu inventei uma consulta e fui me encontrar com esse bendito desse meu primo. Aí eu falei: "Tudo bem! É só um suco! Nós vamos só conversar. Eu só quero saber o que você tem prá me falar." Aí ele me levou para o motel! (Pausa/riso) Você acha?! Aí eu me envolvi. Aí foi longe! Agora não tem jeito mais, eu sinto falta dele! Eu tenho que ligar prá ele todo dia. Eu vou na escola, levo minha filha, volto. E vejo como é que estão as coisas lá na padaria, se dá prá eu ligar, eu chego em casa e ligo. Eu já falei prá ele: "Me espera! De oito a oito e meia, eu ligo prá você todo dia! Eu preciso ouvir a sua voz!" Sabe assim? Eu estou me sentindo uma garotinha de quinze anos, que nunca se apaixonou na vida! E aí que vem o medo!

Lucélia: É seu prazer e seu medo?

Judite: É! E eu acho que também a minha ruína porque agora que eu não vou conseguir sentir mais nada, absolutamente nada pelo meu marido! E tem os meus filhos! Domingo passado, a gente foi prá Águas de

São Pedro. E eu saio com os meus filhos. Meus filhos adoram ele! E ele é brincalhão! Ele cata os meus filhos e leva. Outro domingo, o meu filho, como é muito apegado nesse meu primo, pediu prá ele: "- Me leva no Outlet!" "- Tudo bem! Eu te levo!" E ele levou a família inteira. E ele carrega eu, os meus filhos, para o Outlet, para a casa da prima, para a casa não sei de quem... e vamos para o bosque! E vamos prá Águas de São Pedro! E ele carrega a família inteira! E ele se alegra com os meus filhos... e pega no colo! Então os meus filhos estão tão ligados nele, que a pequenininha ontem, falou assim: "Mãe! Eu estou com tanta saudade do Noel!" Porque o Rafael chega da escola e fala: "- Mãe! Advinha quem está na padaria?" "- Quem filho?" "- O Noel!" E não está nada! Então... ele está tão presente! Porque ao mesmo tempo que o meu marido é assim... pai excelente, trabalhador, educado, e dá tudo o que um filho precisa, por outro lado, ele não dá nenhum carinho! E os meus filhos, como eu, acho que estão se sentindo muito carentes de pai! E eu estou me sentindo assim, tão realizada com esse outro lado, que eu sou tão carente em casa!

Outro trecho

Judite: Eu estou preocupada com a minha filha mais velha, de doze anos. Eu comentei com o meu primo: "Olha, eu estou preocupada! A gente vai ter que parar um pouco de se encontrar porque eu acho que a minha filha está com ciúmes de mim!" Ela chegou prá mim e falou outro dia: "Mãe! O fulano cospe! O fulano é gordo! O outro não sei o quê!" Eu falei: "- Filha! Mas você só reclama dos seus amigos da escola!" "- Mãe! Você não sabe que eu estou em fase de procurar um marido? (Riso) Então, eu tenho que reparar em tudo nos meninos!" E aí, ela vê que ele me dá todo o carinho, esse meu primo, e eu acho que ela quer também um pouco de carinho! E aí então, ela ficou brava porque domingo, a gente foi lá em Águas de São Pedro, e eu acho que o meu marido deve ter ficado com a pulga atrás da orelha porque ele falou: "Caramba! Mas esse cara agora está... está demais!" Aí quando foi na segunda-feira, eu puxei assunto. Aí começou uma briga! Aí ele falou que se eu traísse ele... aquilo lá que eu já disse. Eu falei: "Você é doido! Você está com ciúme do meu primo? Onde já se viu um negócio desse? Se eu tiver que trair você, você acha que eu vou te trair com o meu primo? Eu abraço os meus primos! É todo mundo assim. Todos me abraçam iguais!" Aí quando a minha filha chegou... eu falei: "Puxa vida! O seu pai hoje está bravo comigo. Eu acho que o seu pai está com ciúme do Noel! Você acha que pode um negócio desse?" Ela mudou na hora. Ela ficou nervosa! Ela ficou irritada! "Ah! Mãe! Chega!" Sabe assim? Você sabe o que aconteceu no passeio? Ela veio e sentou no colo dele! Tudo bem, né? Eu fiquei olhando... observei assim, mas eu achei estranha, a atitude dela. Ela foi muito... você acha? Com doze anos? Agora eu tenho uma concorrente! E não sei o quê fazer (risos). Não sei o que fazer da minha vida mais!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Judite relata que seu primo-amante é separado, sendo que ele está muito presente junto a sua família. No início ela se esquivava de estar a sós com ele, pois estaria propiciando uma situação que favoreceria o encontro amoroso. Após muita insistência, ela acabou cedendo e aceitou o convite para sair, sendo que na realidade, isto foi apenas um pretexto para se entregarem ao intercurso sexual, seu mais intenso e recôndito desejo. Após isto, Judite se envolveu emocionalmente e agora afirma que "não sabe mais viver sem ele," sendo que ambos se falam todos os dias por telefone. Ela confessa que está se sentindo tão apaixonada quanto uma adolescente de 15 anos em sua primeira experiência de enamoramento.

Judite admite que sente medo dessa paixão e considera que ela pode ser "a sua ruína," pois isto a impediria definitivamente de sentir qualquer coisa pelo marido. Noel, o primo-amante, conseguiu conquistar e cativar toda a família, principalmente os filhos de Judite. Muito animado, divertido e brincalhão, ele leva a família inteira para passear, realizando os mais diversos programas. "Ele se alegra com os meus filhos, e pega no colo," diz ela. Quando o mesmo não está presente, seus filhos sentem muitas saudades, vivem na expectativa, e até realizam na fantasia o desejo de reencontrá-lo. Isto faz com que ele esteja sempre presente entre eles. O sujeito entende que assim como ela é muito "carente de marido," seus filhos são "carentes de pai." Porque apesar de seu marido ser um pai excelente, trabalhador, educado, e suprir todas as necessidades materiais de seus filhos, todavia, ele não lhes dá nenhum carinho.

Judite afirma que está se sentindo "tão realizada" nesta parte afetiva, e logo em seguida explica: "Que eu sou tão carente em casa!" referindo-se ao marido. Todavia, ao mesmo tempo que se sente profundamente amada, direta e indiretamente (através de seus filhos) e isto lhe faz um bem imenso, pois satisfaz todas as suas mais primevas necessidades, além de lhe possibilitar viver uma paixão de adolescente aos trinta e seis anos de idade, apesar de tudo isso, este amor é muito perigoso, pois pode destruir o seu casamento, do qual tem queixas, mas que é estável. A perspectiva da separação presente nas entrelinhas do seu discurso, implicaria em prováveis sentimentos de culpa em relação ao marido, com os quais teria que lidar, e na ameaça representada pela pecha da prostituta, que poderia denegrir sua reputação. Ou seja, o seu lado de "missionária" lhe cobraria pesados tributos.

Em outro trecho, Judite manifesta sua preocupação para com a filha de doze anos, pois ela parece estar com ciúme de sua relação com o primo Noel. A garota coloca defeitos em todos os colegas da escola: um cospe, o outro é gordo, e assim por diante, salientando que precisa "reparar em tudo" nos meninos, pois "está em fase de procurar marido!" Por outro lado, ela observa que Noel, o outro modelo masculino de que dispõe, dispensa à sua mãe todo o carinho que ela gostaria de receber, então Judite supõe que a filha também queira "um pouco de carinho" de uma 'fonte tão farta.' No passeio à estância hidromineral, a garota inadvertidamente sentou-se no colo de Noel,

parece que de maneira um tanto quanto atrevida e abusada. Judite reagiu com estranheza a esta atitude da filha, o que, independente da adequação ou não do ato, sugere ter se sentido ela própria também enciumada. Para o sujeito tornou-se evidente que tinha na filha uma "concorrente," uma rival. Assim, afirma não saber o que fazer diante de uma situação tão *sui generis*.

Outra pessoa que está enciumada é o próprio marido de Judite, que considerou que o envolvimento de Noel com sua esposa estaria excedendo os limites. Judite negou veementemente qualquer laço amoroso com o primo, situando o vínculo nos limites estritamente do relacionamento familiar, e afirmou que trai-lo com o próprio primo seria uma situação absurda e desarrazoada. Mais tarde, inconscientemente, talvez para testar a reação da filha, contou a ela que o pai estaria com ciúme de Noel. Por sua vez, a garota (supostamente sentindo-se também enganada) mudou repentinamente seu estado de humor: demonstrou nervosismo, irritação e interrompeu a conversa.

Noel parece ser a imagem de uma figura masculina carismática, transbordante de afeto e bom humor, de forma que ele conseguiu se entranhar profundamente na dinâmica consciente e inconsciente da família de Judite, causando um amor profundo em alguns, e ciúme em outros. Toda esta situação foi gerada supostamente pelo fato de que o marido de Judite parece ser uma 'fonte seca' em se tratando de afeto e carinho, deixando todos os membros de sua família carentes em termos desta necessidade básica.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 9ª UT: a experiência de um relacionamento extra-conjugal

Ivone, após descrever detalhes picantes de suas experiências sexuais com o marido, onde procurava por em prática todas as suas fantasias sexuais - uma forma de incitar o desejo do outro, e com isto certificar-se de que era amada - relata que foi preciso que o mesmo sentisse o "choque da perda" advindo de uma experiência extra-conjugal sua, para que ele de fato a percebesse, visto que ao longo dos anos não notou sua

transformação e o seu amadurecimento, tendo se fixado na imagem da menina de dezesseis anos com quem se casou, e com a qual pensava se relacionar. Ivone conseguiu "moldá-lo por inteiro," mas para ele, ela continuou sendo a mulher submissa de quem esperava obediência. Foi somente quando se deu conta de que ela tinha o direito de amar outra pessoa, de ter outro homem que não fosse ele, e de ser correspondida nesse amor, que se deparou com a perspectiva real da perda da esposa, e começou a mudar. Ivone avalia que sua crise conjugal foi importante no sentido de dar uma sacudida em seu marido, o qual estava muito seguro de sua fidelidade, e não atendia aos seus apelos e desejos de renovar e tornar mais excitante sua vida sexual.

Judite, por sua vez, relata uma situação bastante *sui generis* onde ela se tornou amante de seu primo, mas o fato, contrariamente ao que ocorreu com Ivone, não chegou ao domínio público, sendo inclusive negado veementemente por ela ao marido. No seu caso, o amante veio para suprir uma lacuna deixada pelo marido, onde ela e seus filhos se sentiam totalmente carentes de seu afeto e de sua atenção (enquanto ela era "carente de marido," seus filhos eram "carentes de pai"). Noel, o primo-amante, conseguiu conquistar e cativar toda a família, principalmente os filhos de Judite. Muito animado, divertido e brincalhão, ele congrega em torno de si a imagem de uma figura masculina carismática, transbordante de afeto e bom humor, de forma que acabou se entranhando profundamente na dinâmica consciente e inconsciente da família de Judite, causando um amor profundo em alguns, e ciúme em outros. Ao mesmo tempo que este relacionamento tem sido para ela muito prazeroso e excitante, tendo suprido todas as suas necessidades afetivas e sexuais, Judite afirma que "sente medo dessa paixão" e que ela pode ser a sua "ruína," pois pode representar o fim de seu casamento, do qual tem queixas, mas é um vínculo estável e garantia de uma boa reputação.

Ivone e Judite demonstraram que um relacionamento extra-conjugal, em seus "perigos e delícias," é vivenciado com bastante ambigüidade, e ao mesmo tempo que representa a crise de um casamento, também funciona como um sinal de alerta, e aponta a saída e a cura para um relacionamento saudável, quando não permanece encoberto e clandestino.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

10ª UT: 'Receitas' bem-humoradas para lidar com o sexo masculino

⇒ Caso nº 01: Laura

O discurso do sujeito

Referindo-se ao companheiro

Laura: Antigamente ele já ficava emburrado comigo se eu colocasse uma coisa diferente dele. Hoje não! Se ele fica emburrado, eu falo assim: "Se você fizer isso eu vou embora, e não participo mais!" Porque eles fazem cara que não gostaram... estão sempre mal-humorados! Isso, eu acho o 'ruim' do relacionamento. Estão sempre mal-humorados... quando eles não querem fazer alguma coisa, eles emburram! Pô! Isso eu acho... tipo, uma chantagem! E aquela dominância é por isso. Mas agora, parece que eu perdi o medo.

Lucélia: Você aprendeu a lidar com essa chantagem?!

Laura: Exatamente! Nossa! O dia que ele ficava emburrado... ("Burra! Também eu...") Teve muita literatura nesse sentido... Depois que a gente veio para o SOS. Muita coisa, muita literatura mesmo! Eu fui aprendendo!

Referindo-se ao pai

Laura: Meu pai era uma pessoa mais passiva, mas até um limite. Também era um pouco machista, mas só que sem grandes coisas, entendeu? Só que... às vezes meu pai emburrava, e a gente já sabia que ele estava bravo com alguma coisa. Mas nunca foi de falar, fazer discurso, bater! Ele tinha o jeito próprio dele - ficava quieto - a gente já sabia que alguma coisa ele não tinha gostado. E tem minha mãe, que sempre brigou, defendeu, falou...

Lucélia: Você falou que seu companheiro também emburrava, e que você aprendeu a lidar com isso. Isso prá você, tem a ver com uma característica masculina de ficar emburrado?

Laura: Eu acho! Eles falam que a gente fala demais, né? Eles falam que eu falo demais! Falam que eu falo sem parar, a mesma coisa: "- Prá que, mãe? Não precisa tanta coisinha!" "- Está bom! Já entendi!" E meu marido fica emburrado com algumas coisas... Ele prefere não falar naquela hora! E às vezes eu faço... (agora que eu aprendi) que esqueço! Eu finjo que não vejo! Às vezes ele está emburrado e eu não sei nem porquê! Eu faço que nem entendi. Não é tanto pelo lado da indiferença. É que eu faço que não está me incomodando. Se você fica perguntando: "O que é? Por que é?" no fim me dá aquela coisa, que eu quero saber... No fim sai briga sem saber por qual motivo! Agora, eu deixo...

Unidade transformada em linguagem psicológica

Laura afirma que seu marido "emburrava" quando ela se colocava de forma diferente dele, isto é, fazia uma tentativa de diferenciação.

O sujeito acrescenta referindo-se aos homens de uma maneira geral que "eles fazem cara que não gostaram, e estão sempre mal-humorados," o que se constitui num aspecto negativo do relacionamento. Eles "emburram" quando não desejam fazer alguma coisa, sendo esta uma eficaz forma de comunicação e controle, pois lhes garante o domínio sobre a companheira utilizando-se do seu medo. Laura, contudo, aprendeu a lidar com isso através das leituras que fez sobre problemas nas relações de gênero, e de ajuda psicoterapêutica. Hoje, tendo dominado o medo de uma personalidade mais forte, consegue se impor no relacionamento sem demonstrar dependência psicológica.

Assim desenvolveu algumas estratégias para lidar com o emburramento do marido: às vezes "finge que não vê," ou "faz-de-conta que esqueceu," ou "que não entendeu" (muitas vezes ela não sabe o real motivo do emburramento); ou ainda "faz-de-conta que aquilo não a incomoda."

Seu pai, um homem passivo, mas sem deixar de ser machista, também utilizava o recurso do "emburramento" como uma forma de comunicar os seus sentimentos, pois segundo o sujeito isto ocorria quando ele "estava bravo com alguma coisa." Laura reitera que se ele ficava quieto é porque de alguma coisa não havia gostado.

Se por um lado os homens ficam "emburrados" fácil e freqüentemente, eles consideram que as mulheres falam demais; falam a mesma coisa sem parar. Seu filho a critica por isso. Sua mãe também "sempre brigou, defendeu, falou," diz ela.

Segundo JOHNSON (1995) um homem que se vê "presa dos humores" imprime na realidade exterior o tipo de humor que o domina, e isso poderia convulsionar mulher e filhos, se eles não fossem sábios o bastante para entender o que se passa. A esposa que se sente culpada pelo mau humor do marido é um bom exemplo disso. Se o homem também a considera culpada, agravará ainda mais as coisas. No entanto, tudo estaria bem se a mulher se apercebesse de que não é por culpa sua, o estado anímico do marido. Os "humores" do homem, na verdade aparecem quando este foi dominado pela parte feminina de sua natureza na forma de uma possessão, inviabilizando, pois, a participação genuína da anima no seu crescimento psicológico. Portanto, isto compete ao próprio homem resolver, e neste caso a mulher auxiliaria mais permanecendo quieta ao seu lado (como faz Laura), o que poderia abreviar a duração da crise.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 11: Vitória (em referência à unidade nº 10)

O discurso do sujeito

Vitória: Eu acho que nós, as mulheres, deveríamos assim, usar a cabeça. Você vê: "Inteligente que nós somos" porque prá lidar com um homem, a gente precisa ter um jogo de cintura. E se a gente fizer de conta... É um jogo de faz-de-conta! Se a gente fizer de conta que sempre vamos deixá-los estar comandando... Não sempre, em toda situação, mas se em algumas situações eles pensarem que são os donos da situação, a gente consegue tudo! Eu realmente acho isso, sabe? Assim, como se eles fossem os donos da situação. Porque com jeitinho, com carinho, a gente tira deles o lado bom, muito mais do que eles possam perceber! Eles não conseguem perceber isso, a gente consegue.

Lucélia: Você está dizendo que a mulher deve usar de astúcia no relacionamento?

Vitória: É! É! Não ser desonesta, mas usar astúcia! Com jeitinho, você consegue assim, um monte de coisas deles, sem que eles percebam. Eles vão achar assim, que eles são donos da situação e que tudo é do jeito deles. E não é verdade! Eu acho que a gente consegue! É só você parar e pensar nisso a fundo, que geralmente com jeitinho, com carinho você consegue quase todas as coisas que você quer. E eles assim, achando que são os poderosos (risos), quando na verdade estão fazendo tudo o que a gente quer!

Lucélia: Mal sabem eles, que estão sendo manipulados?

Vitória: É! É! Mas é só você conseguir ver isso e lidar com isso, sabe? Daí eu acho que dá até para melhorar o relacionamento. E não é desonesto! Isso aí, é uma maneira de você conseguir viver bem!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Vitória deixa registrado seu recado para as mulheres: "Que estas deveriam usar mais a cabeça!" Ou seja, ela está falando da necessidade das mesmas colocarem em evidência o lado racional, normalmente posto em segundo plano em função da parte afetiva-emocional. E afirma que para lidar com o sexo oposto é necessário ter "um jogo de cintura," isto é, flexibilidade. Vitória explica que na verdade, trata-se de um jogo de faz-de-conta. E justifica que se as mulheres "fizerem de conta que sempre deixarão os homens estarem comandando..." (reconsidera a seguir: "Não sempre, mas em algumas situações"), e "eles pensarem que são os donos da situação," então estas podem conseguir tudo o que desejam de seus parceiros. Vitória acrescenta que "com jeitinho, com carinho" é possível extrair deles "o lado bom" (supostamente, conseguir sua disponibilidade em colaborar, ou que cedam às suas solicitações) muito mais do que eles

possam perceber. Os homens não conseguem perceber que na verdade, eles estão sendo comandados e manipulados pelas mulheres. "Somente elas conseguem perceber isso," afirma Vitória. Ela explica que não se trata de agir de forma desonesta, mas de usar de astúcia para favorecer o próprio relacionamento. Desta forma os homens vão acreditar que são os donos da situação, e que tudo funciona à sua maneira, de acordo com sua vontade. Ou seja, em sua vaidade e orgulho pessoais, eles precisam acreditar que têm o poder nas mãos, e se tornam cegos às manipulações das mulheres.

Vitória assegura que "com jeitinho, com carinho," (isto é, usando de astúcia e sedução) geralmente a mulher consegue quase todas as coisas que deseja no relacionamento. Ela zomba da presunção do sexo masculino com seu riso, ao afirmar que desta forma eles continuam acreditando que são os poderosos, quando na verdade estão fazendo tudo o que a mulher deseja. Ou seja, Vitória parece ter descoberto como lisonjear o ego masculino, jogar com sua vaidade pessoal, e seu amor pelo poder. E aprendeu a tirar vantagens disto.

Em seu recado para as mulheres, o sujeito acrescenta que é uma questão destas conseguirem perceber e aprender a lidar com isso. E assegura: "Desta forma é possível até melhorar a qualidade do relacionamento!" Vitória reitera que esta maneira de agir não implica em ser desonesta, mas em estar usando de inteligência e sagacidade para conseguir viver bem a dois.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 10ª UT: 'Receitas' bem-humoradas para lidar com o sexo masculino

Tanto Laura quanto Vitória sugerem alternativas para lidar com manifestações de poder e controle do sexo oposto, o que em última instância nada mais é do que um jogo de astúcia e faz-de-conta, onde ao invés de usar a emoção, conduta tradicionalmente feminina, estariam utilizando a razão e a flexibilidade. Laura observa que os homens "emburram" fácil e freqüentemente quando não desejam fazer alguma coisa ou se a parceira manifesta uma opinião diferente da sua, sendo esta uma eficaz

forma de comunicação e controle, pois lhes garante o domínio sobre ela. Eles "fazem cara que não gostaram, e estão sempre mal-humorados," o que se constitui num aspecto negativo do relacionamento, diz ela. Entre as estratégias que desenvolveu para lidar com o "emburramento" do marido estão: "Fingir que não está vendo," ou "fazer-de-conta que esqueceu," ou "que não está entendendo" (muitas vezes ela realmente não sabe o motivo), ou ainda "fazer-de-conta que aquilo não a incomoda."

Vitória, por sua vez, ensina às mulheres como se utilizar do amor pelo poder que os homens possuem, lisonjeando seu ego, de forma a conseguir as coisas que desejam deles. Ela explica que se as mulheres "fizerem-de-conta que sempre deixarão os homens estarem comandando..." e "eles pensarem que são os donos da situação," então estas podem conseguir tudo o que desejam de seus parceiros, "com jeitinho, com carinho," muito mais do que eles possam perceber. Desta forma os homens vão acreditar que são os "donos da situação," e que tudo funciona à sua maneira, de acordo com sua vontade. Em sua vaidade e orgulho pessoais, eles precisam sentir que têm o poder nas mãos, e se tornam cegos às manipulações das mulheres.

Isto demonstra que as mulheres têm um poder invisível, sub-reptício, muito maior do que o que se conhece, contrariando a tão propalada submissão feminina.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

11ª UT: Separando para estar junto

⇒ Caso nº 01: Laura

O discurso do sujeito

Lucélia: Você disse que é separada. O que te levou a manter esse tipo de relacionamento: estar separada judicialmente, e voltar a viver novamente com seu 'ex-marido?'

Laura: Olha! A separação me trouxe uma liberdade, entre aspas... Bom, vou colocar como eu senti: me trouxe essa liberdade, essa coisa mais solta... sem ficar tão tolhida! Mas também deixou bastante vazio, me deixou vazios dessa da companhia de alguém... Da companhia masculina! Eu sentia um amor pelo meu marido... Tinha hora que eu sentia um grande vazio assim... vou colocar no coração. Eu sentia um vazio bem grande! Muito grande! Chegava a ser no coração! Uma coisa assim apertada! E por mais que estava muito bom, porque eu estava livre fazendo o que eu queria... Eu gosto muito de teatro, de cinema, sabe? Essas

coisas não muito pé no chão! E eu pude viajar! Viagens pequenas... me relacionar com as pessoas... Meu marido era ciumento comigo... Ah! Como era! Tudo isso me tolhia: Eu não podia conversar com as outras pessoas, eu não podia sair, eu não podia... Com a separação teve isso de bom! Eu conquistei esses espaços! Eu tenho amigas que até hoje a gente sai! Se eu quero ir nas coisas que eu gosto, eu vou. Embora a gente esteja morando junto, esses espaços que eu conquistei foram mantidos. O que mais assim me levou a ficar junto... a gente teve um período de experiência... a gente voltou a namorar de novo: ele tinha a casa dele, eu tinha a nossa casa, e ele foi voltando aos poucos... até que com uns três meses, ele voltou definitivamente porque financeiramente, o apartamento que ele pagava estava assim sem utilidade. É isso que eu falo prá você, prá mim, ficar assim estava bom! Aí ele falou assim prá mim: "Olha, precisamos decidir porque eu estou pagando... financeiramente está difícil..." Eu não estava nem me lembrando desta parte! Ele pagava aluguel, tinha os móveis... e também vai ver, acho que é aquela coisa de vai prá lá, prá cá... às vezes ele tomava banho em casa e ficava assim com uma certa intimidade. Mas eu não estava me lembrando de nada disso. Aí ele volta e fala: "Olha, vamos decidir!" Como eu tinha conquistado todos esses espaços, e descobri o que eu também não sabia: à medida que eu peço, que eu conquisto, ele concede! Eu ganho esse espaço, e tudo bem!

Lucélia: E ele respeita!

Laura: E ele respeita! Exatamente! É claro que ele não vai oferecer prá mim! Não sei se não passa pela cabeça dele, porque a gente tem um tipo de criação... na casa dele é bem fechado assim... o pai cuida da mãe... Então, pelo jeito que é, não daria prá me conceder esse espaço. Mas à medida que eu procuro, ele respeita! E ele continua respeitando ainda! Eu achei que prá mim valeu! Achei que eu estou com mais... eu não estou achando a palavra... é que às vezes eu falo bem... como quem diz: "Cala a boca e fica quieto!" (Risos). Claro que eu não chego a isso! Eu brinco, né. Mas eu me imponho. Hoje eu falo: "Eu vou! Eu estou a fim de ir!" E às vezes, ele calça o sapato e vai junto. Porque ele não queria ir... A Cleusa, uma amiga minha, é que brinca e diz: "Fala que você vai comigo, que ele já se sente ameaçado!" (Risos) Ela é mais solta! Mas independente disso, ele me respeita mais ultimamente. Com certeza!

Unidade transformada em linguagem psicológica

A separação judicial para Laura foi vivida como uma faca de dois gumes: se por um lado simbolicamente trouxe a chave de sua liberdade (no casamento Laura era bastante cerceada pelo marido, que era muito ciumento), por outro deixou no seu "coração" (o sujeito faz referência ao próprio músculo cardíaco) um vazio aterrador. Vazio da presença do elemento masculino, vazio do homem que amava.

Os pontos positivos da separação foram que o sujeito pôde cultivar relações de amizade e dar livre curso à sua imaginação e fantasia freqüentando cinemas, teatros, fazendo pequenas viagens, coisas estas que até então não podiam ser feitas ao lado de seu ex-marido, visto que este foi educado num sistema tradicional e conservador, onde cabia ao homem 'cuidar' da mulher. O ex-marido de Laura 'herdou' um mandato de conotação aparentemente paternalista, em cujas entrelinhas na verdade se oculta a situação de menoridade e sujeição a que a mulher foi relegada.

No período de experiência ambos voltaram a namorar, recriando e renovando assim a relação, e gradativamente foram voltando à vida em comum, até que ele retornou para o antigo lar. Apesar de que o pretexto para reiniciarem uma vida em comum tenham sido questões financeiras (estava ficando anti-econômico para ele manter outra moradia, questão que ela praticamente ignorou), Laura pôde então preencher o espaço que havia ficado vazio em seu coração, agora que colocou suas condições e tinha a garantia da separação judicial. Os espaços conquistados foram, assim, mantidos. E com isso, o sujeito fez uma importante descoberta: "À medida que eu peço, ele concede."

Laura tomou consciência de seu valor como mulher para o seu companheiro. Com isso aprendeu a se impor mais no relacionamento praticando a máxima do "cala a boca e fica quieto!" e, de fato, o mesmo passou a respeitá-la mais. Ela apenas comunica: "Eu vou! Eu estou a fim de ir!" demonstrando com isso que não necessita da aprovação dele, e detém o controle da situação. Com isto resta a ele "calçar o sapato e ir junto," se quiser.

Desta forma, tendo seus espaços conquistados, mantidos e preservados, Laura alcançou um bom nível de gratificação e satisfação no relacionamento com o parceiro. Sua experiência de vida-a-dois, ao ter em sua longa trajetória suas antigas bases sacudidas, pôde ser recriada e transformada sob bases mais sólidas e saudáveis, de forma que garantissem a preservação das fronteiras do seu Eu e dos singulares matizes de sua feminilidade, consolidando assim sua identidade e favorecendo seu crescimento psicológico.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 11ª UT: separando para estar junto

Para Laura a separação judicial parece ter sido a estratégia ideal de boa convivência e de obtenção do respeito de seu companheiro, recriando e renovando assim, a relação. Ela relata que decidiu se separar, pois se sentia muito cerceada pelo marido, o qual, em obediência à sua formação tradicional tentava colocar em prática o mandato de

que 'cabia ao homem cuidar da mulher,' se mostrando desta forma muito ciumento e possessivo. Todavia, a separação propriamente dita ao mesmo tempo que lhe deu a chave de sua liberdade, e lhe possibilitou cultivar relações de amizade, e ainda, poder ir e vir, e até viajar sem pedir autorização dando livre curso à sua imaginação, deixou em seu "coração" um grande vazio, causado pela ausência do homem que amava.

Então, em um período de experiência, ambos recomeçaram a namorar, e gradativamente foram voltando à vida em comum, até que ele retornou para o antigo lar, mas ambos se mantiveram separados judicialmente. Muito embora o pretexto para a nova coabitação tenham sido questões financeiras, Laura preencheu o espaço que havia ficado vazio, ao mesmo tempo que fez valer suas condições, agora que tinha a garantia da separação judicial. Em sua nova convivência, ela pôde perceber que os espaços conquistados anteriormente foram mantidos, ao mesmo tempo que constatou: "À medida que eu peço, ele concede."

Desta forma, o sujeito tomou consciência de seu valor enquanto mulher na vida de seu companheiro, e aprendeu a se impor no relacionamento agindo com mais autonomia, sem solicitar aprovação, e com isso, aquele passou a respeitá-la.



4.3.2) Casos de homens

Unidades significativas relacionadas

1) Quando e como 'eu comecei a me sentir homem'

2) O lado prazeroso do relacionamento

3) Os conflitos do relacionamento

4) As diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher

5) A 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados

6) O relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla

7) A descoberta do sexo oposto

8) A importância de se ter um vínculo amoroso

9) A experiência de um novo relacionamento

10) O irmão gêmeo, "um grande companheiro" em substituição à figura feminina

Análise das unidades significativas

1ª UT: Quando e como 'eu comecei a me sentir homem'

⇒ Caso nº 01: Aldo

O discurso do sujeito

Aldo: Eu acho que tudo o que eu disser nesta fase da minha vida, vai fazer parte de um contexto único de formação. Formação de uma sexualidade muito bem demarcada, muito baseada no sexismo, vamos dizer assim. No sexo propriamente dito! O homem é sexualmente ativo, é ele quem decide tudo. E a mulher é passiva. Ela recebe, e cuida para que este homem esteja sempre bem. Isto é um conceito. Um ponto firmado. Eu acredito que o fato marcante foi descobrir que a mulher não era só aquilo que haviam me ensinado. Que a mulher era muito mais do que aquilo. Uma mulher participativa, que discutia, que tomava decisões sem precisar consultar o marido. Então, a mulher, ela tinha planos de ser uma profissional! Ela tinha planos de crescer financeiramente. E aí, ela não dependeria desse homem de uma forma tão passiva. Isso é um conceito que foi muito importante eu ter descoberto. Isso não invalidava a feminilidade e a masculinidade, mas invalidava a passividade feminina. A mulher não era boba! Isto me levou a repensar o conceito de mulher, a rever a minha postura também enquanto homem.

Lucélia: Você está dizendo assim em outras palavras: Você não gosta de mulheres passivas?

Aldo: Depende 'para quê?' (Risos) Eu acho que hoje a mulher, ela divide muita coisa. Mas sexualmente, ela tem vagina. Ela tem seios e o homem tem pênis! Ela tem uma biologia de receptividade. Mas ela pode dizer que ela não gosta desta ou daquela forma de receber. Eu acho que é aí que está a grande diferença. Ela não deixa de receber, mas ela pode exigir uma forma adequada à necessidade dela!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Sem se ater ao relato de fatos específicos que contribuíram por definir e corroborar a sua identidade masculina, o sujeito afirma que todos os fatos da fase inicial de sua vida, se reportam a um contexto único de formação, onde havia uma sexualidade muito bem demarcada, baseada no sexismo, isto é, na prática do sexo propriamente dito (o que se constituía num exercício e demonstração de virilidade). Segundo os preceitos e os mandatos deste contexto, o homem é sexualmente ativo e ele decide tudo (estaria implícito aí uma relação de causalidade ou seria apenas uma correlação?). A mulher é passiva. "Ela recebe e cuida para que este homem esteja sempre bem," diz ele. Isto é um conceito, um "ponto firmado," e tem a força de um dogma. O sujeito assim descreve os papéis sexuais que lhe foram transmitidos no seio de uma sociedade machista-patriarcal, papéis que, definidos *a priori*, vieram a constituir-se no arcabouço inicial no qual firmou a sua identidade.

Aldo afirma que o fato marcante que imprimiu novos contornos à sua identidade masculina, todavia, foi ter descoberto que a mulher não era somente aquilo que haviam lhe ensinado (que lhe foi dito a seu respeito), mas que na verdade, ela se revelou ante seus olhos, bem maior do que isso. A mulher era participativa, ela discutia e tomava decisões sem precisar da aprovação do marido. Também tinha planos de ser uma profissional, e aliado a isso crescer financeiramente. Ela já não dependia mais do homem de uma forma tão passiva. O sujeito afirma que foi muito importante que ele tivesse descoberto este novo perfil da mulher, fato que o levou a repensar o papel da mesma, engendrando diferentes expectativas a seu respeito, e fez com que ele reformulasse também a sua própria postura, e o seu papel enquanto homem.

"Tais descobertas não invalidavam a masculinidade e a feminilidade, mas invalidavam a passividade feminina," explicita com sagacidade o sujeito. A mulher demonstrou que "não era boba," contrariando a imagem transmitida por segmentos

conservadores da sociedade patriarcal, que distorceram a verdadeira natureza do feminino.

Aldo afirma que se por um lado hoje a mulher divide muitas funções, isto é, se nas relações sociais e mesmo na dinâmica do lar ela é ativa e independente, sexualmente contudo, ela tem vagina e seios, e o homem tem pênis. Isto significa que se por um lado ela tem uma biologia de receptividade, que é inerente à sua condição anatômica, e portanto, intransferível, por outro lado ela pode declarar e expor a sua vontade, verbalizando que não gosta desta ou daquela forma de receber. Para o sujeito a grande diferença reside nisto. A mulher não deixa de receber, mas ela pode exigir uma forma adequada à sua necessidade, exercendo assim um outro tipo de atividade.

As transformações que se efetuaram na identidade masculina do sujeito obedecem, pois, a uma relação dinâmica, onde à medida em que a mulher se transforma, e se coloca no meio de uma forma diferente daquela que lhe foi imposta pela tradicionalismo patriarcal, Aldo, ao constatar e sentir o efeito de tais mudanças também se transforma. É preciso se adequar ao novo modelo para que a relação homem/mulher seja então possível a partir de um novo "script."

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 02: Heródoto

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 1)

Heródoto: Eu acho que isso aí depende um pouco da história de cada um, né? Eu estou pensando aqui, por exemplo, numa primeira experiência que eu tive, que foi marcante no início, com cinco anos de idade. Já fui meio louquinho desde o início. Com cinco anos de idade, pedi uma menina em casamento! Foi engraçado! Quer dizer, a percepção do outro, enquanto mulher, prá mim, foi com cinco anos de idade! O primeiro acontecimento! Eu estava no Nordeste, e havia uma vizinha, uma menina, que eu gostava muito dela. E aí foi interessante porque foi esta que eu pedi em casamento. Me lembro que havia uma festa junina... mês de julho, e eu queria pedí-la para o pai dela em casamento, e não tinha jeito de tirá-la de dentro do forró. Aí, fui lá e falei prá ele que estavam falando mal dele, que eu queria falar prá ele algumas coisas que estavam circulando, e que tinha que ser fora do forró. Então, quando ele saiu, eu contei que não era nada, que eu queria pedir a mão da filha dele em casamento e... Quer dizer, foi uma cena, que hoje a gente lembra disso e dá risada! Mas enfim, ele disse que deveria esperar um tempo, e que não tinha oposição. Só que foi prá dentro do baile e esparramou prá todo mundo. Então, quando eu saí, coloquei a cabeça lá dentro, todo mundo: "Olha ele lá!" (Risos) Então foi uma situação assim, constrangedora. Então, prá mim isso marcou.

Depois de mais de trinta anos que eu não a via, e encontrei-a pessoalmente, e todos eles, os familiares relembraram esse acontecimento. Depois eu passei por uma experiência de seis anos de seminário. Então, nessa experiência, a sua vida é orientada num sentido que distancia de relacionamento com o sexo oposto. Porque eu acho que a partir desse relacionamento, é que você vai se descobrindo, você vai se percebendo!

Lucélia: Você se percebe como homem a partir do relacionamento com a própria mulher? É isso o que você está dizendo?

Heródoto: Exato! Eu acho que isso é fundamental mesmo porque, antes desse relacionamento, você é resultado de uma história de valores, de uma linguagem que você interiorizou, e dentro desta linguagem vem determinados estereótipos, né? Eu, prá mim, tinha um ideal de mulher, que era aquela meiga, mansa. E de repente, depois na convivência, eu vi que eu estava um pouco equivocado. Porque eram papéis que se passavam prá gente. Bom! Então depois que eu saí do seminário, eu comecei depois de seis anos, a ter alguns contatos. Dos quinze até os vinte e um anos, mais ou menos, eu estive vinculado ao seminário. Quer dizer, depois disso, é que eu tive essa possibilidade desse contato maior com pessoas do sexo oposto. E é nesse contato, que de repente, a gente vai se descobrindo numa nova identidade, porque no fundo, a gente idealiza muito as coisas. Nós que viemos de uma formação cristã, a gente idealiza muito o homem! E idealiza muito a mulher! E de repente, a partir do momento que você passa a ter uma certa vivência, e passa a aprender com este relacionamento, começa a desmontar um pouco essas coisas. E a partir da experiência concreta é que você passa a se reconstruir, a ter uma outra percepção, né? Prá mim foi importante no relacionamento com as mulheres, uma percepção anterior de desconfiança (ênfase) de muito daquilo que me tinham... que eu bebi dentro de uma tradição, e que eu começava a questionar. Por exemplo, eu comecei a perceber que nem tudo o que diziam que era bom, de fato era bom! Eu comecei a suspeitar daqueles valores, daqueles símbolos que eu interiorizei mediante uma educação e a minha cultura. Quer dizer, a percepção disso tem a ver com todos os aspectos da minha experiência humana, inclusive da relação homem-mulher! E aí, eu percebi uma certa consciência alienada, machista, que a gente tinha! Agora, o perceber é apenas um ponto de partida. Quer dizer, uma coisa é você perceber, mas antes do perceber, você tem uma estrutura e quando você pensa que já superou algumas coisas, você não superou nada! Essa estrutura interna, ela não é tão dialética quanto os nossos pensamentos. Às vezes a gente continua muito machista, mas de uma maneira muito refinada, né? Muito sutil! Então, eu comecei a perceber isso daí e algumas relações foram assim importantes. Então, o rompimento e a desconfiança desses valores me possibilitaram certas experiências, e nessas experiências a gente foi se reconstruindo (ênfase). De repente, experiências curtas, mas que você muitas vezes no relacionamento com a colega, você tinha essa experiência do prazer, do corpo, da sensibilidade. De repente, do olhar! Então isso foi marcando a gente. E prá mim, que sempre fui um curioso, que sempre fui buscar ir ver um pouco além... quer dizer, eu acho que a gente aprende com tudo! Eu acho que tudo ensina. Então, eu tive dois momentos básicos: eu acho que teve esse momento de seminário, e depois a ruptura com certos valores. E aí depois, nessa ruptura eu me descobri também enquanto homem que realizava papéis que estavam aí. E aí, qual era o caminho de busca de um novo homem? Quer dizer, prá mim esse caminho, foi mediante essas relações que eu estabeleci com o outro, com a mulher. Porque eu partia do pressuposto que percebendo as minhas contradições, eu também comecei a perceber as contradições que a mulher vivia na sociedade. E aí eu percebi que uma nova identidade prá mim, passava também pela descoberta de uma nova identidade da mulher, né? Quer dizer, à medida que ela se descobria de uma maneira nova, ela me possibilitava também a me perceber de uma maneira nova! Quer dizer, eu acho que é uma coisa intimamente ligada. À medida em que você permite que o outro seja, ele se expande, cresce, e também te cria as condições de realizar e ampliar seu mundo. E aí isso foi acontecendo! E às vezes, as experiências que eu tive, cada uma veio pontuar um aspecto e descobrir horizontes. Então, ou me chamava atenção, me abria o mundo através da sensibilidade, do jeito. Outra, através do prazer! (Ênfase). Eu não sei! Eu acho que cada uma tem o seu jeito, a sua maneira, e de repente você vai descobrindo essa plasticidade do ser humano, essas possibilidades infinitas de experiência humana! E aí eu acho que a gente foi avançando! Então, eu diria que eu superei um pouco daquela visão que eu tinha. Eu não diria que eu não seja machista. Eu acho que eu sou um neo-machista! Porque na verdade, aquelas coisas que estão lá dentro da gente, que interiorizou, é difícil você desligar!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Heródoto referiu-se a uma primeira experiência vivida aos cinco anos de idade, que representou o seu despertar para o sexo oposto, e consistiu num primeiro ensaio do que seria sentir atração e afetividade por uma garota. Ele relata que havia uma vizinha, uma menina, da qual gostava muito. Então, numa festa junina resolveu que queria pedí-la em casamento ao seu pai. Todavia, não tinha meios de tirá-la do forró para lhe dizer isto. Então valeu-se de um ardil: foi até lá e disse ao pai da garota que estavam dizendo infâmias e impropérios a seu respeito, e que gostaria de colocá-lo a par do que estava sendo dito. Quando conseguiu o momento de privacidade que desejava, admitiu ser mentira tudo que havia dito, e falou de suas reais intenções. O pai disse que era preciso esperar um tempo, mas que não havia oposição de sua parte. Contudo, ao voltar para dentro do baile, ele tornou públicos entre todos ali presentes os sentimentos e as intenções de Heródoto, de forma que quando o mesmo apareceu, as pessoas a ele se dirigiram num misto de curiosidade e zombaria. Naquele momento, ali, foi uma situação bastante constrangedora, reconhece o sujeito. Todavia, hoje, olhando para esta cena afirma que foi tudo muito engraçado, e que não deixa de ser hilariante a ele e a quem mais se recorde do ocorrido. Aconteceu recentemente, que após trinta anos sem vê-la, encontrou-se pessoalmente com esta 'menina,' e todos os familiares relembraram esse acontecimento entre risos e troças.

Mais tarde, Heródoto passou por uma experiência de seis anos de reclusão em seminário - dos quinze aos vinte e um anos de idade - quando se manteve afastado do relacionamento com o sexo oposto. Ao sair do seminário teve a possibilidade de ter alguns contatos com as mulheres, o que lhe possibilitou ir se descobrindo numa nova identidade. O sujeito acrescenta que em decorrência de sua formação cristã, aprendeu a idealizar muito o homem e também à mulher. Todavia a experiência prática de um relacionamento com o sexo oposto, e a aprendizagem que advém disto, fez com que muitos dogmas anteriormente estabelecidos começassem a ser desmontados. E a partir dessa experiência concreta ele pode efetuar a reconstrução de sua identidade, e ter uma outra percepção das relações de gênero. Heródoto atribui ao relacionamento com a mulher, o fato dele ir se percebendo e se redescobrindo enquanto homem, interseção que

considera fundamental. Anterior a isso, ele trouxe consigo uma bagagem, produto de uma história de valores, e de uma 'linguagem' que foi interiorizada, o que por sua vez, implicava em determinados estereótipos. Relacionado a isso, Heródoto afirma que possuía uma imagem de mulher idealizada (o estereótipo), que era aquela criatura meiga, mansa, e de repente na convivência descobriu que estava equivocado quanto a isso.

O sujeito revela que no seu relacionamento com as mulheres foi importante uma postura anterior de ceticismo em relação a muitos princípios e normas que vivenciou dentro de uma 'tradição' (supostamente religiosa e filosófica), e que passou a questionar. Assim, ele começou a se dar conta de que nem tudo o que haviam lhe dito que era bom, de fato, era bom. Heródoto ressalta que passou a suspeitar daqueles valores e símbolos que interiorizou mediante a sua educação e a sua cultura, e percebeu que ele próprio possuía uma consciência alienada e machista. O perceber, todavia, é apenas um ponto de partida. Anterior a isto existe uma estrutura já delineada e pré-estabelecida, que muitas vezes rouba a cena e reaparece quando se está pensando ter superado certos nódulos, para mostrar que, na verdade, nada foi superado. Heródoto admite que continua machista, mas de uma maneira mais refinada e muito sutil.

E acrescenta que tudo o que pôde ir percebendo e aprendendo abriu espaço para algumas relações que foram significativas, as quais, muito embora breves, marcaram aspectos de sua experiência. Contudo, foi o rompimento e a desconfiança em relação a valores tradicionais de sua cultura, que possibilitaram-lhe vivenciar tais experiências, as quais, por sua vez engendraram a reconstrução de sua identidade masculina. Então, foi no fugaz relacionamento com a colega que ele pôde fruir a experiência do prazer, do corpo, da sensibilidade, da profundidade do olhar. "A gente aprende com tudo," reitera o sujeito.

Heródoto ressalta que houve dois momentos básicos e marcantes em sua experiência: a vida como seminarista, e a ruptura com esta mesma tradição religiosa. Nesta ruptura ele se descobriu enquanto homem que desempenhava alguns papéis que se lhe ofereciam. E o caminho de busca de um novo homem delineou-se mediante essas relações que ele estabeleceu com o outro-diferente: a mulher.

Heródoto partiu do pressuposto de que percebendo as suas próprias contradições, ele poderia perceber as contradições que a mulher vivia na sociedade. E então, tomou consciência de que uma nova identidade para si passava pela descoberta de uma nova identidade da mulher. À medida que esta se descobria de uma maneira nova, ela lhe possibilitava também perceber-se de uma maneira nova. Ou seja, são coisas intimamente ligadas. O sujeito reflete que à medida que se permite que o outro "seja," (isto é, que o outro possa manifestar-se tal como é em toda a plenitude do seu Ser, sem as reservas, censuras ou limitações próprias das relações de dominação explícitas ou veladas) ele se expande, cresce e cria as condições para o parceiro de realizar e ampliar o seu mundo.

Heródoto afirma que cada uma das experiências que teve veio pontuar um aspecto, e ajudá-lo a desvelar horizontes até então desconhecidos. Ou alguém lhe chamava atenção e o despertava para a sensibilidade e o jeito de ser, ou era o próprio prazer que se impunha na experiência. Cada mulher tem as suas especificidades próprias, e uma janela muito particular através da qual se relaciona com o mundo. Tudo isto lhe permitiu ir descobrindo a plasticidade do ser humano, essas possibilidades infinitas da experiência humana, mas pelas cores e nuances do feminino que desvela. Com isto o sujeito foi avançando, e pôde superar parcialmente aquela visão machista que antes possuía. Heródoto se qualifica como um "neo-machista," pois admite que é difícil se desligar dos mandatos que foram interiorizadas, e que estão entranhados em sua estrutura psíquica.

Observe-se que a identidade masculina para o sujeito, não é algo pronto e acabado, mas encontra-se em constante processo de lapidação, e está intimamente ligada ao relacionamento com a mulher, que o enriquece e constantemente lhe revela novos aspectos de sua masculinidade - as inúmeras possibilidades de Ser homem - obrigando-o a rever suas crenças e posicionamentos. Todavia a influência da cultura ainda é algo muito forte, sendo que não é possível descartar isto ou negligenciar sua influência.



⇒ Caso nº 04: Pedro

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 1)

Pedro: Talvez devêssemos nos reportar assim, um pouco... bem lá atrás! Eu acho que a primeira fase de relacionamento assim, foi a de namoro, que depois acabou se convertendo em casamento. Isso tudo foi no período de dezoito anos! Então eu acho que, essa fase, ela foi assim fundamental em algumas coisas. Eu vejo assim, que durante esse período todo, ele foi montado em cima de uma visão de homem e de mulher, que hoje prá mim, ela não vale mais! E acho que isso é um avanço. Prá mim, eu acho. Primeiro, porque assim, era um relacionamento um tanto complicado, exatamente por ter papéis muito definidos, sabe? Uma coisa assim, dentro de uma educação religiosa-cristã que prá mim foi muito prejudicial! Por isso que eu já não tenho mais sabor de ir à igreja. Então, veja só! Os papéis definidos prá homem e prá mulher desde criança, tiveram forte influência dentro desse casamento. Então assim: Quem cuida do quê? Quem faz o quê? Isso não quer dizer que a minha ex-esposa não trabalhasse fora. Trabalhava! Mas não é isto. Então, um exemplo muito típico seria assim: estão os dois em casa, depois de um dia de trabalho, e tem que passar roupa... "Eu nem sei passar roupa!" (Isso lá atrás). Hoje eu já sei fazer e gosto até de fazer as minhas coisas, mas ela é assim! Só que de alguma forma, eu fui muito envolvido, principalmente na educação de filhos! E talvez até por estar assim, muito, sempre dentro de alguma escola! Tinha reunião de pais, que geralmente vão mães, era eu que sempre fui! Essa parte eu sempre fiz. Não era papel dela, era meu! Mas isso, porque eu tinha a minha preocupação educacional comigo. Então eu já transpunha e já ia com os filhos também. Eu nunca deixei esse espaço! Então, a forma de olhar... para o homem e para a mulher, nasceu um pouco dessas experiências, e também assim, acho que a sexualidade, principalmente, ela também entra por um canal muito forte! E dentro do meu casamento, ela não foi uma coisa saudável, não foi boa. Tanto é que eu só pude recuperar um pouco desse papel sexual, depois do casamento. Então, a adolescência, uma boa parte da vida adulta, eu joguei fora nesse aspecto. Foi extremamente ruim, jamais repetiria! Então, depois que eu saí do casamento, eu já trouxe uma forma de olhar para o homem e prá mulher, que já começava a ficar diferente. Então, assim, se eu tivesse que fazer uma nova escolha, a escolha já tinha que ser com outros critérios, vamos dizer assim. Não dava mais prá ser no anterior. Porque no anterior, tinha acho que assim, o coração é que escolhe, o primeiro, pelo menos. E depois de algum tempo, a razão também ajuda um monte porque você começa a ter experiências que te voltam. O teu passado vem na tua memória com mais freqüência e você fala assim: "Bom! Esse tipo de pessoa, que tem esse tipo de atitude e que pensa dessa forma, não dá prá conviver!" Porque você já teve essa experiência.

Lucélia: E porque você já sabe o que você quer?

Pedro: É! Não sei se a gente já sabe tanto! Mas... tanto é que eu arrisquei uma segunda vez, e até hoje eu não tenho muita certeza do que foi. Acho que assim... mas deve ter sido muito bom! Ficamos assim, acho que uns quatro anos, mais ou menos morando junto. Mas é uma coisa que a gente não valoriza, que é o aspecto assim: prá você poder olhar tanto para o outro, quanto para si, você carece, é muito necessário, que você tenha um tempo sozinho, eu acho. Isso prá mim era fundamental e eu nunca me permiti isso. De ficar um tempo de fora prá poder olhar um pouco as coisas. Então assim, sair de um relacionamento, entrar em outro, prá depois entrar em outro... isso era muito comum e já não é mais!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Para falar do processo através do qual foi se descobrindo como homem, o sujeito se reporta a um período de sua vida que durou dezoito anos, o qual teve início com a fase de namoro, sendo logo depois seguido pelo casamento. Esta fase foi

considerada pelo sujeito como fundamental, pois nela foram estruturadas as bases de uma visão de relação de gênero que já não mais possui.

Esta mudança é tida por ele como um avanço. Refletindo sobre seu casamento, Pedro o qualifica como tendo sido um relacionamento um tanto complicado porque os papéis de ambos eram muito definidos. Os papéis sexuais, moldados dentro dos princípios de religiosidade cristã, tendo sido já definidos desde a infância, influenciaram fortemente e de maneira bastante prejudicial, o seu casamento, diz ele. Assim, quando se casou, as tarefas e as funções já estavam definidas antecipadamente ("quem faz o quê"), sendo que ele próprio entrou no esquema pré-determinado. Somente mais tarde foi que aprendeu a cuidar de si mesmo.

Por outro lado, o sujeito afirma que no casamento foi muito envolvido, principalmente na educação dos filhos. Talvez por estar muito próximo dos processos educacionais e pedagógicos, constituindo-se em objeto de seu próprio trabalho, era sempre ele quem comparecia às reuniões de pais, conduta esta que foge ao padrão de comportamento comumente observado, visto que é a mãe que na maioria das vezes freqüenta estas reuniões.

Além disso, a vida sexual no casamento foi muito insatisfatória, não tendo se constituído numa experiência saudável ou prazerosa. Qualificando como "extremamente ruim" este aspecto da vida conjugal, ele afirma que jamais repetiria a experiência, explicitando que somente conseguiu recuperar uma parcela do seu papel sexual após a separação.

Pedro então conclui que o seu olhar para a relação homem/mulher nasceu e se moldou a partir destas experiências, sendo que após a separação já trouxe consigo uma visão diferente dos papéis do homem e da mulher. Assim, na hipótese de uma nova escolha, ela seria baseada em outros critérios, diz ele, asseverando que a primeira escolha é feita pelo "coração," isto é, a partir de critérios emocionais-afetivos. Contudo, acrescenta: "Depois de algum tempo, a razão ajuda um monte!", querendo dizer com isso que critérios emocionais somente são insuficientes na escolha do parceiro. Neste processo, após ter acumulado algumas experiências, o retorno do já vivido à memória lhe possibilita saber exatamente qual é o tipo de pessoa (perfil) com quem é impossível a

convivência: "Esse tipo de pessoa que tem esse tipo de atitude, e que pensa dessa forma não dá prá conviver," reflete consigo.

Todavia, apesar de toda clareza e objetividade destas conclusões, ele apresenta alguma dificuldade para avaliar sua experiência de concubinato imediatamente posterior. Pedro admite nunca ter se permitido ficar um tempo sozinho, necessidade tida por ele como fundamental, pois tal prática o auxiliaria a poder olhar com agudeza de espírito tanto para o outro quanto para si. Ele reitera a importância de "ficar de fora e poder olhar um pouco as coisas," explicitando desta forma sua necessidade de observar a cena à distância e obter outros "insights" a partir disso. Hoje afirma que já não faz mais isto, ou seja, sair de um relacionamento para logo em seguida entrar em outro.

Em suma, o sujeito descreve como o conceito de homem (e mulher) foi sofrendo transformações ao longo de sua vida, e ele foi se adequando a estas mudanças a partir das experiências vividas. Assim, em seu primeiro relacionamento partiu de uma visão tradicional e estereotipada dos papéis sexuais, os quais antes muito definidos e estanques, evoluiram para formas mais flexíveis, tomando como critério a disponibilidade de cada um no momento. Em sua trajetória de relacionamento com a mulher, Pedro pôde ir delineando e recriando com novas cores e formas a sua identidade masculina, um processo que envolve transformações, e um aprendizado ininterrupto ao longo de sua vida adulta.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 05: Rafael

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 1)

Rafael: Foi mais na fase... quando a gente está na faixa de quinze, dezesseis anos, você quer ter o seu lado, se propor realmente a ter... a arrumar uma mulher, entendeu? Aí, você quer dar um passo maior, você quer ser alguém na vida! Então você procura ter metas, conseguir algo... um objetivo prá si, melhor. Porque nem sempre você fica dependendo dos pais por toda vida, não é? Então, na faixa dos quinze e dezesseis anos... naquela época a gente queria servir o quartel prá pegar o documento. Eu me senti como... "Não! Eu quero ser... ah... homem! Eu quero ter um dia, namorada, porque quando fizer dezoito anos, já está pronto prá se casar," entendeu?

Lucélia: Quando você fala: "Eu quero ser homem!" Eu entendo assim: "Eu quero ser alguém na vida!" É nesse sentido?

Rafael: É! Ser esse alguém. Porque eu imagino, Lucélia, assim: ser um homem, é uma pessoa que tem que ter uma certa responsabilidade, tá? O que a gente está tendo. Ter uma profissão prá poder manter uma casa. Porque você também tem que ter... ah... alguma experiência prá poder conseguir! Naquela época, as coisas eram mais difíceis. Então, o meu pai dava serviço! Falava: "Olha! Esse aqui, eu vou deixar com terra, porque o que você realmente colher é seu! Você vai cuidar!" *N*a roça, o povo sempre destinava: "Olha! Isso aqui é seu!" Então se você quiser realmente, você colhe! "Nós vamos colher, e depois a gente vende prá fazer isso..." A gente morava no sítio e criava porco, galinha. Então, o primeiro relógio caro que eu comprei foi coisa minha que eu trabalhei e fiz! Então foi dessa época prá cá que eu consegui dizer: "Eu sou um homem! Eu estou procurando ter objetivos." Porque daí prá diante, você começa a levar as coisas prá poder pocurar uma companheira!

Lucélia: Você está dizendo que você queria ser alguém na vida prá então conquistar uma companheira, ter uma mulher do seu lado?

Rafael: ...Prá construir uma família. Eu acho que em família a gente tem que ter respeito, um pelo outro, certo? Eu não vou ter uma brincadeira que eu tenho na relação com um homem, como com você. Eu sempre tive esse receio. Com os meus pais, com a minha mãe, a gente tinha essa diferença! Quando era adolescente, se a gente via até um animal fazendo sexo na frente, a gente saía! Até naquela época, não se via... nem meus pais ficarem beijando, assim como existe hoje. O liberalismo que tem hoje! Naquela época já era mais fechado, entendeu? Ou se tinha alguém conversando alguma coisa de... pelo menos aquela parte... os meus pais: "Não! Você não pode escutar a conversa não! Sai fora! Essa conversa é de adulto e não de criança!" Então, é o tempo que eu fui crescendo, e que aí você vai ficando mais entrosadinho. Às vezes, uma piadinha, que você estava ali e o pessoal contando. Então aí você começou propriamente nos dezoito anos: "Hoje eu tenho dezoito anos! Eu sei o que estou fazendo, e posso assumir as minhas responsabilidades!" Aí foi assim que eu fui realmente aprendendo... dizer assim... ser um homem! A não ficar dependendo de falarem: "Não! Você não pode ficar aqui!" Porque naquela época, marcar um encontro na minha idade, era coisa difícil. Até as mulheres eram todas... se vestiam bem, entendeu? Até o posicionamento: se uma mulher sentava num certo sentido... poxa! A gente já saía meio fora realmente porque ficava com vergonha! Existia uma barreira que impedia aquilo. Então, aos poucos, depois dos dezoito anos, que a gente foi se abrindo mais. Porque é aí que a gente tem todos os documentos! Que você pode entrosar com os maiores, entendeu? Aí você podia ir nos bares. Chegar lá e dançar com as meninas, entendeu? Aí você tinha um outro temperamento. Eu já fazia coisas, que não precisava estar do lado dos meus pais! Antes, a minha mãe, onde você ia, ela tinha que estar levando, né? Com a mãe ou com o pai! Então, em termos de descobrir o que seria homem prá mim, foi a partir do momento... dos dezoito anos, que eu pude tirar meus documentos, e meus pais falaram: "Tudo bem! Agora você tem a sua responsabilidade!"

Lucélia: Responsabilidade? Ah! Eles próprios respeitaram isso? Já não era mais o menino?

Rafael: Isso! Eles ficavam de longe observando. Hoje, uma criança daqui vai lá no outro lado da cidade, faz o que tem que fazer; chega impondo. Eu não! Todos, era colocado em prática! Tinha que escrever bilhetinhos, chegava e pedia! Se a gente tivesse uma conta na venda, a gente não pedia nada porque senão, ele brigava com a gente. Então, a partir dos dezoito anos... final de semana, a gente trabalhava e recebia algum trocado em troca desse trabalho. E aí, a gente tinha certa liberdade de ir comprar o seu sorvetinho, a sua bala. A roupa não! A parte de vestuário, essas coisas... a gente sempre teve. E com dezoito anos, assim, podia dizer: "Não! Agora eu sou homem! Eu posso estar perto de uma mulher! Vamos trocar uma idéia!" Entendeu? Até na escola a gente separava. Eram mulheres prá um lado e os homens para o outro. E na igreja também: os homens sentavam de um lado e as mulheres de outro! Depois que houve aquela revolução, que se misturou tudo, né?" A partir dos dezoito anos, que a gente começou a ter um relacionamento mais... com a mulher! Então, você já começou a sentir alguma coisa... com a mulher! Começou a se abrir mais!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Para falar sobre quando e como "começou a se sentir homem," o sujeito se reporta à fase da adolescência, mais propriamente à idade entre quinze e dezesseis anos, momento em que se propôs a "arrumar uma mulher." Contudo, logo percebeu que para atingir esse objetivo era necessário dar "um passo maior," na verdade um pré-requisito e uma condição essencial: "Ser alguém na vida," o que pressupunha a definição de metas e objetivos. Especialmente, para se tornar homem e pensar em conquistar uma mullher era preciso garantir a sua independência econômica (e emocional) em relação aos pais, atingindo uma situação melhor na vida.

Rafael afirma que nesta fase de sua vida era seu desejo "servir o quartel para pegar os documentos," o que para ele consistia no passaporte que possibilitava seu ingresso no mundo masculino. Tal como numa elementar operação de álgebra, o sujeito queria "ser homem," isto é, ter uma namorada porque quando completasse dezoito anos já teria alcançado a maioridade, e portanto, estaria pronto para se casar.

Para Rafael ser homem significa ter responsabilidades; ter uma profissão que lhe permita "manter uma casa" (prover o lar), e ainda alguma experiência para poder alcançar os objetivos e as metas traçadas. Ou seja, o conceito de homem, tornar-se homem, parece não estar relacionado a princípio com a questão de gênero, mas muito mais com o *status* do ser adulto, aquele que adquiriu maturidade e conquistou um lugar na sociedade por meio do trabalho e de uma profissão, tudo isto lhe auferindo respeitabilidade social.

Referindo-se ao seu desenvolvimento enquanto homem, Rafael relata que na sua adolescência as coisas eram bem mais difíceis. Naquela época, na zona rural era costume do pai reservar ao filho um pedaço de terra para que este pudesse cultivar ali. Os recursos obtidos com o produto da colheita lhe pertenciam, e mesmo sendo minguados, lhe permitiam experimentar o sabor da independência e da autonomia. Assim, se ele se esforçasse, a colheita era certa, e com a venda poderia utilizar o dinheiro para o fim que desejasse (o primeiro relógio caro que adquiriu foi produto desse esforço próprio). Uma lição muito importante que o sujeito vivenciou literalmente, e levou para a vida adulta no exercício do papel de homem: "Quem planta colhe."

Foi quando conseguiu colher seus primeiros frutos que Rafael pôde afirmar com orgulho: "Eu sou um homem!" tendo então traçados seus objetivos. A partir desse momento direcionou seus esforços no sentido de procurar uma companheira e construir uma família.

Rafael afirma que em família deve-se cultivar respeito um pelo outro, princípio herdado de sua própria formação familiar. Contudo, o respeito para ele parece ter uma conotação de escrúpulos e acanhamento relacionados a questões de ordem sexual. Assim, os assuntos em referências à sexualidade sempre foram tratados à sua volta com muito pudor e até com um certo tabu. A simples visão de animais praticando sexo causava-lhe constrangimento, de forma que ele se afastava para não ser envolvido. Os seus pais também não costumavam se beijar em público. O sujeito afirma que naquela época não havia o liberalismo que existe hoje, "já era mais fechado," diz ele. Além disso, havia o costume de impedir crianças de ouvirem conversas de adulto.

À medida que foi crescendo Rafael foi se 'entrosando' com o seu grupo social. As pessoas já faziam chistes na sua presença, demonstrando com isso um crescente grau de aceitação de sua pessoa. Todavia, o verdadeiro marco que definiu a sua entrada para o mundo adulto e o capacitou para ser homem foi ter completado a idade de dezoito anos, limite a partir do qual já podia assumir responsabilidades, e passou a ter consciência de seus atos. Ele já não estava mais à mercê de que o mandassem embora em nome do velho preceito: "Criança não pode ouvir conversa de adulto."

O relacionamento com as mulheres naquela época era bastante difícil, assevera Rafael. Havia um distanciamento em relação ao sexo oposto que se observava não só através do vestuário (as mulheres se vestiam bem, o que parecia intimidar o sujeito), como também pelos próprios costumes. A postura delas ao se sentarem muitas vezes já o deixava envergonhado. Então parece que havia um pudor exacerbado da parte do sujeito, uma barreira interna que impedia a aproximação. Além disso, socialmente havia o costume de separar-se homens e mulheres tanto na escola quanto na igreja; "depois é que houve a revolução que misturou tudo," diz ele. Somente após ter ultrapassado o marco dos dezoito anos foi que Rafael se sentiu mais seguro para ter um relacionamento mais aberto com a mulher, e pôde "começar a sentir alguma coisa."

Rafael reitera que é somente a partir dos dezoito anos, quando se dispõe de todos os documentos, e se pode entrosar com os "maiores," que a pessoa passa a ser "um dos seus" para o seu grupo social, ganhando assim uma identidade e uma legitimidade até então inexistente. Ao ter completado esta idade ele pôde dizer com triunfo finalmente: "Não! Agora eu sou homem! Eu posso estar perto de uma mulher, vamos trocar uma idéia." Foi então que o sujeito se sentiu "autorizado" para começar a freqüentar os bares, dançar com as moças, e isto sem que estivesse acompanhado pela presença de um dos pais, costume adotado até aquele momento. Ao contrário, quando completou os dezoito anos e obteve seus documentos, os próprios pais instantâneamente lhe deram o aval para ser dono da própria vida: "agora você tem a sua responsabilidade" (ele já estava 'pronto' para ser um adulto). Rafael ressalta que as crianças da atualidade são muito independentes e até prepotentes, o que não era o seu caso. Na sua época as crianças eram muito subservientes e respeitavam a autoridade dos pais. As regras também eram mais duras; elas não tinham, por exemplo, autorização para comprar qualquer coisa sozinhas. No seu caso, foi só após ter atingido a maioridade que ele pôde comprar alguma coisa com o fruto do seu trabalho.

Em suma, o sujeito se sentiu plenamente homem a partir do momento que conquistou a maioridade civil (atingiu a idade de dezoito anos e obteve seus documentos), portanto esta autorização e esta prontidão que lhe foi dada pela sociedade que é externa e até jurídica, nos remete à formação da persona, e não a elementos mais profundos e internos da identidade masculina, para os quais Rafael parece se encontrar ainda num nível bastante incipiente.

⇒ Caso nº 08: Diógenes

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 1)

Diógenes: Prá mim foi interessante, certo? Isso foi mais assim, aos dez, onze anos! Digamos que eu fui me descobrindo praticamente assim, sozinho, sem ter orientação de pai e mãe, está certo? Foi através de mim mesmo! Depois que eu acabei vendo através de revistas, essas coisas, né? Depois, foi acontecendo...
Lucélia: Este 'através de mim mesmo' seria assim a descoberta do seu corpo por meio da masturbação? É isso o que você está dizendo?

Diógenes: Isso! Eu nunca tive esse negócio de ficar conversando com pai e mãe sobre isso. Assim: "O que é isso? O que deixa de ser..." Digamos que desde criança até a fase de casar (riso), foi sempre sozinho. Depois eu fui entrando em contato, trocando umas idéias com o meu irmão, está certo? Apesar de não acompanhar muito a idade, foi onde eu cheguei em relacionamento. O primeiro relacionamento com uma menina foi aos treze anos! Essa menina, lá na rua a gente brincava de esconde-esconde. Tem lá aquelas brincadeiras todas, e a gente se envolveu. Ela era uma colega de escola. Indo e voltando... está certo? E isso aconteceu dentro de uma construção ainda, né, brincando de esconde-esconde. Aí a gente acabou tendo uma relação ali! 'Relação' a gente fala hoje, né. Naquela época ali, sei lá, como poderia se chamar. Eu acho uma coisa gostosa, certo! Daí, a gente continuou. Depois... eu, em termos assim, de namorada mesmo, se tive duas ou três, foi muito. No decorrer do tempo, eu fui crescendo, fui ficando mais velho. Aí, pintou mais esse negócio de prostituta... essas coisas ai. Foi logo aos dezesseis anos. Quem me levou foi meu irmão mais velho, está certo? Porque ele já tinha condições de estar dirigindo, essas coisas. Eu não tinha como me locomover. Então, eu era mais na onda dele. E assim foi indo!

Lucélia: Então foi ele quem te levou prá 'zona?'

Diógenes: Digamos que a gente não foi na 'zona,' está certo? Eu, em termos de 'zona' só fui, acho que uma vez só! Porque existiam outros programas, pegava as meninas em pontos, prá não ir prá 'zona.' Eu acho esse negócio de 'zona,' um pouco carregado. Uma coisa assim que é muito arriscado. Porque em zona rola droga, rola maconheiro, rola tudo o quanto é coisa, está certo? E você fazer uma coisa mais escondida assim (por exemplo: passava, pegava, levava para o motel) acho que era uma coisa assim, segura! Então, aí depois veio tirar carta, comprar carro. Enfim, aí eu fazia meus próprios programas sozinho!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O exercício e a descoberta da sexualidade foram elementos fundamentais para a formação da identidade masculina do sujeito.

Diógenes afirma que "acabou descobrindo sozinho," por si mesmo, os mistérios do sexo, inicialmente através do contato com o próprio corpo motivado pelas manifestações emergentes da puberdade (entre os dez e onze anos). Não houve qualquer orientação sexual que seus pais tivessem lhe ministrado.

"Foi através de mim mesmo!", reitera ele, referindo-se à experiência da masturbação. Desde a infância até o casamento - que se deu aos 19 anos - Diógenes afirma "ter sido sozinho," no sentido de não ter tido qualquer orientação de uma pessoa

adulta ou mais esclarecida. A única ressalva é o seu irmão mais velho, que o iniciou no submundo da prostituição.

O sujeito refere-se à sua primeira relação sexual como tendo sido uma experiência prazerosa. Ele relata que o fato se deu aos treze anos de idade com uma garota da vizinhança, também colega no trajeto da escola. Foi uma brincadeira de esconde-esconde em um imóvel em construção, que tomou rumos inusitados e inesperados. Ambos ignoravam o que estava acontecendo; não sabiam, pois, nomear sua experiência, e não possuíam o menor controle da situação; apenas deixaram-se conduzir pelo instinto. Todavia, por ter sido prazerosa, a façanha se repetiu.

Suas experiências sexuais com prostitutas começaram aos dezesseis anos de idade, tendo sido intermediadas pelo irmão, conforme já mencionado. Diógenes admite que "ia na sua onda," isto é, deixava-se conduzir por ele. À zona do meretrício ele diz ter ido uma única vez, pois pelas suas constatações considerou o ambiente "um pouco carregado, arriscado mesmo," diz ele. Assim, julgava mais seguro agir "escondido" (discretamente), pois, estando motorizado era fácil apanhar as moças em pontos estratégicos espalhados pela cidade.

Quando atingiu a idade para tirar a carteira de habilitação, e pode adquirir o seu próprio veículo, ganhou mais autonomia e então começou a fazer seus próprios programas com as prostitutas, sem a intermediação do irmão. Diógenes admite que em sua vida teve no máximo duas ou três namoradas, pois logo se casou. Sua marcante experiência com a mulher prostituta e com namoradas em geral encontra-se especificada na 7ª UT (a descoberta do sexo oposto).

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 09: Alexandre

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 1)

Alexandre: Eu tive uma adolescência como eu acho que qualquer adolescente teve! Descoberta do corpo... nunca tive nenhum bloqueio quanto a isso. Foi tranqüila! Eu tive a minha primeira namorada com dez anos de idade! Foi a primeira vez que eu beijei, né, foi com dez anos. Mas foi um beijo infantil, um beijo de criança. Mas, prà mim já era o máximo! Foi um grande acontecimento! Depois eu fui no carnaval com doze anos, porque eu morava no interior... (no interior, você pode ir com doze anos no carnaval à noite, não é como Campinas). Então, o que aconteceu? Daí eu fui lá, e eu dei o meu primeiro beijo de verdade. Eu lembro que ela era fumante, e eu achei super estranho! Hoje eu sou fumante também... Acho que a mulher deve achar muito estranho! Beijar... (a que não fuma, né). Então eu tive que contar prá todo mundo! (Riso) Não é verdade? Depois que passou isso, daí comecei... nunca me interessei por homem na minha vida, sempre me interessei por mulher! E sempre tive muitas namoradas! Tive muitas! Com quinze anos eu comecei a ir na discoteca já, à noite. Com dezesseis, eu tinha três namoradas ao mesmo tempo! Daí, começou a revirar porque a cidade era muito pequena. Acabaram descobrindo. Mas, eu me relacionava bem e, nunca magoei mulher nenhuma! Apesar de...

Lucélia: ... de ter várias ao mesmo tempo?

Alexandre: Não! Nunca magoei, tá. Eu acho, na minha opinião, que eu causava simpatia, também! Porque também, eu nunca larguei... entendeu? A mulher! Eu nunca larguei! Nunca abandonei! Nunca! Eu sempre falo que terminou. Abandonar, não. Eu não falei: "Tchau! Estou indo embora! Não vou nunca mais voltar!" Daí com dezenove anos eu casei. Sem a mulher estar grávida! Sem nada! Eu casei porque quis casar. Eu já tinha a minha casa, eu consegui tudo. Eu trabalhei muito também na vida. Então, desde os dez, eu trabalhei! Daí, eu tinha a minha casa, e eu achei que podia casar.

Unidade transformada em linguagem psicológica

O descobrir-se como homem para Alexandre inicialmente passou pela experiência das manifestações pubertárias, próprias da adolescência, às quais se referiu como vividas dentro de um quadro de normalidade. Desta forma, reiterou que nunca teve problemas nos processos que envolviam a descoberta do próprio corpo.

As questões do gênero e da sexualidade parecem ter sido bem precoces para o sujeito: aos dez anos de idade já tinha a sua primeira namorada, com quem trocou o primeiro beijo, que, apesar de ter sido um beijo infantil, foi para ele um fato marcante. Aos 12 anos conheceu os bailes carnavalescos, que favoreceram a experiência de seu verdadeiro primeiro beijo. Suas impressões iniciais em relação ao beijo foram de estranheza, pois enquanto ela era fumante, ele não o era ("hoje a situação é inversa," afirma). Apesar disso, o fato foi por ele vivido de forma muito prazerosa e com muito alarde, encarregando-se ele próprio de torná-lo de domínio público.

Prosseguindo em sua ânsia de descobrir o mundo e o sexo oposto, e ao mesmo tempo tentando se afirmar enquanto homem, com quinze anos já freqüentava discoteca, e com dezenove já estava se casando.

Alexandre assevera que "nunca se interessou por homem, somente por mulher." E assegura que teve sempre muitas namoradas, sendo que aos dezesseis anos possuía três simultaneamente. Apesar disso, acredita nunca ter "magoado" qualquer mulher, pois relacionava-se bem com elas. O sujeito alegou ainda que de uma maneira geral gozava da simpatia delas, principalmente porque nunca abandonou nenhuma. Ele garante nunca ter "largado" suas parceiras, dizendo apenas que o relacionamento "terminou," assegurando-se com isto do afeto e da estima de todas elas. Esta parece ser a filosofia de um 'bom Don Juan,' isto é, a atitude própria de um conquistador que ao mesmo tempo que possui muitas mulheres e é bem quisto por todas elas, não tem nenhuma.

SAMUELS* afirma que certeza de gênero costuma esconder uma "confusão de gênero." Assim, o homem dinâmico que exalta sua capacidade de liderança esconde o menino infantil, efeminado, dependente. O Don Juan loquaz de suas conquistas, oculta desejos profundos de ser ele próprio mulher. Se na *persona* existe a certeza de gênero, na sombra haverá certamente a confusão de gênero. BOECHAT (1997) acrescenta que essa "confusão de gênero" possivelmente é a relativização dos arquétipos masculinos dentro do novo influxo cultural; ou seja, ela é provocada pelo novo modelo cultural que relativiza a dominância masculina. A decorrência fundamental dessa transformação é que ela não é pessoal, mas cultural e arquetípica, refletida nas próprias imagens que fundamentam a referência do gênero em todas as pessoas na sociedade.

Alexandre enfatiza que se casou por livre escolha (a moça não estava grávida). Isto se deu devido ao fato de que sendo ele muito precoce, iniciou sua vida profissional ainda criança aos dez anos de idade, sendo que aos dezenove já era

---

* SAMUELS *apud* BOECHAT, W. - Arquétipos masculinos: *animus mundi.* In: BOECHAT, W., org. - **O masculino em questão.** Petrópolis, Editora Vozes, 1997. p. 11-20.

proprietário de uma casa, fato que representou para si o passaporte e a medida de sua prontidão para o casamento.

O tornar-se homem para o sujeito parece assim envolver movimentos sinuosos num constante ir e vir, visando o tempo todo confirmar uma identidade masculina ainda incipiente, em decorrência da existência de um "relacionamento anterior" com o feminino interno mal resolvido.

Assim, ele continua buscando os referencias de uma identidade masculina através de sua experiência no casamento (veja 3ª UT: os conflitos do relacionamento) e, posteriormente, em um relacionamento mais maduro e satisfatório - uma situação de concubinato - que no momento está vivendo (veja 9ª UT: a experiência de um novo relacionamento).

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 1ª UT: quando e como 'eu comecei a me sentir homem'

Curiosamente três dos sujeitos (Rafael, Adriano, Arquimedes) indicaram como evento que marcou e definiu a sua identidade masculina, o momento da sua profissionalização, ao mesmo tempo em que passaram a assumir algumas responsabilidades na vida. Isto é, a questão do gênero parece ter sido confundida ou entendida como equivalente à conquista de *status quo* para um indivíduo adulto. Especificamente no caso de Rafael, o momento em que completou a idade de dezoito anos foi um marco fundamental, pois foi quando obteve a maioridade civil, isto é, pode tirar seus documentos, e com eles obteve a prontidão social e se sentiu apto para se relacionar com a mulher, figura diante da qual até então nutria um pudor exacerbado. São suas palavras na ocasião: "Agora eu sou homem! Posso estar perto de uma mulher!" Rafael ainda observou que para "arrumar uma mulher" era preciso "ser alguém na vida," enfatizando desta forma a importância de se ter um trabalho e uma profissão, e com isso mostrar-se capaz de prover uma família. Arquimedes manifestou valores semelhantes, acentuando a importância de "ser alguém! E "ser um vencedor!" Vale destacar ainda o

caso Alexandre, que aos dezenove anos decidiu que "já podia casar, pois já tinha uma casa." Ou seja, ser proprietário de uma casa foi o critério utilizado como medida de sua prontidão para o casamento. Assim, o fato de se ter uma profissão e ser capaz de prover um lar, e portanto constituir família, ainda são referenciais importantes para ser homem nesta amostra.

Dois outros casos (Isac, Wotan) declararam que não havia "nada marcante" ou simplesmente que "a coisa foi acontecendo." Tais respostas sugerem uma postura defensiva inicial de não querer se expor (o que foi superado posteriormente no decorrer da entrevista), ou eventuais conflitos em relação à formação da identidade. Wotan admitiu, contudo, que a mãe teve papel decisivo na formação de sua identidade de gênero, e que ele teria também sofrido influência dos 'princípios da natureza,' isto é, não só o influxo de uma energia "Yang," masculina, como também de uma energia feminina, visto que se vê muitas vezes assumindo uns "jeitos femininos" de ser, tendo sido isto reconhecido inclusive a nível social (ele é qualificado como "um homem muito feminino").

Os demais referiram-se todos à sua experiência de relacionamento com o sexo oposto como um elemento preponderante na formação de sua identidade masculina. Heródoto, Pedro e Aldo enfatizaram que a identidade masculina não é alguma coisa pronta e acabada, mas algo que vai sofrendo transformações e sendo construído a partir dos relacionamentos vividos. Assim Aldo, que partiu de um contexto de formação, onde o homem é sexualmente ativo e decide tudo, ao descobrir as mudanças no papel feminino reformulou não só suas expectativas em relação à mulher como também sua própria postura/papel enquanto homem. Tais mudanças refletiam uma mulher mais participativa, que aspirava por uma profissão e pela elevação de seus rendimentos, e que tão pouco necessitava da aprovação do marido para tomar suas decisões, enfim uma mulher que "não era boba," bem diferente da imagem que lhe haviam transmitido, onde os principais atributos eram a passividade e a dependência. Da mesma forma para Heródoto o relacionamento com a figura feminina enriquece sua experiência e constantemente lhe revela novos contornos de sua masculinidade. Assim, existe para o sujeito uma relação dinâmica, onde os papéis de cada um estão intimamente ligados; ao perceber suas

próprias contradições, ele percebe as contradições que a mulher vive em sociedade, e vice-versa. Já Pedro partiu de uma visão tradicional e estereotipada dos papéis sexuais em seu primeiro relacionamento, antes muito definidos e estanques, evoluindo para formas mais flexíveis, tomando como critério a disponibilidade de cada um no momento. Ele asseverou que os papéis sexuais moldados dentro dos princípios de religiosidade cristã influenciaram fortemente e de maneira bastante prejudicial o seu casamento, sobretudo a sua vida sexual. Portanto, também para Pedro a identidade masculina é um processo que envolve transformações, e um aprendizado ininterrupto ao longo de sua vida adulta.

Comparando os sujeitos do 'primeiro grupo' (aqueles que associam o tornar-se homem à questão de assumir-se responsabilidades na vida, isto muito mais relacionado ao papel do adulto-homem) e os do 'segundo grupo' (os que associam o ser homem a questões de relacionamento com o sexo oposto e à sexualidade propriamente dita), observa-se que os primeiros possuem um baixo nível de escolaridade (1º ou 2º Grau) enquanto os do segundo grupo possuem um nível de escolaridade mais elevado (Superior e Pós-Graduação). Poderia-se relacionar a isto o fato de que a cultura popular veicule como referenciais de uma identidade masculina, parâmetros onde o homem para ser homem deve "ser alguém" na sociedade e "ser um vencedor," isto é, ter uma profissão definida e bons rendimentos pecuniários, enquanto para uma camada mais elitizada intelectualmente o foco parece estar nas questões de gênero propriamente ditas (o que por si só não descarta a importância do homem provar sua capacidade enquanto um bom provedor).

Tanto para Diógenes quanto para Alexandre a formação da identidade masculina esteve muito marcada pela sexualidade propriamente dita, embora por caminhos um pouco diferentes. Diógenes observa que a questão da descoberta de si enquanto homem, inicialmente se deu através da descoberta do próprio corpo num ato solitário na puberdade, via masturbação, para a posterior e precoce descoberta do corpo da mulher aos treze anos, e mais tarde, aos dezesseis, no relacionamento com prostitutas. Diógenes enfatiza que esteve "sempre sozinho," isto é, não contou com ninguém que o orientasse e falasse sobre o assunto de forma aberta e sem preconceitos, apesar de que

seu irmão o tivesse conduzido em seus primeiros passos em programas com prostitutas. Ele se deixou guiar, sobretudo, pelo 'faro' e pelo instinto. Todavia, a mulher prostituta de alguma maneira ministrou-lhe os sacramentos de sua 'iniciação' no terreno pantanoso de sua virilidade, e deixou impressas indeléveis marcas em sua identidade de gênero. Já Alexandre manifestou a mesma precocidade no despertar da sexualidade, todavia, o caráter compulsivo e donjuanesco no seu relacionamento com as mulheres é algo que se evidencia fortemente, o que sugere tendências homossexuais latentes, um traço egodistônico e dissociado de sua personalidade consciente, visto que ele reitera enfaticamente suas preferências sexuais por mulheres. Alexandre continuou buscando os referenciais de sua identidade masculina no casamento, e atualmente em uma experiência de concubinato. Tudo isto evidencia movimentos sinuosos visando confirmar uma identidade masculina ainda incipiente.

Por sua vez, Átila pareceu ser o mais imaturo deles, pois na sua relação com o sexo oposto pareceu estar vivendo ainda um quadro tipicamente adolescente. Assim, no trato com as mulheres ele mantém uma característica básica que é a de não se envolver emocionalmente, não tendo citado nenhum relacionamento que tivesse sido marcante e significativo em termos de troca de afetividade ou que tivesse um conteúdo emocional expressivo. De uma maneira geral seus relacionamentos com as mulheres foram superficiais e relativamente breves, o que conota uma identidade masculina ainda frágil e carente de auto-afirmação.

Yuri ao mesmo tempo que vivenciou a descoberta do sexo oposto na adolescência como uma experiência "fantástica" e um grande acontecimento, também viveu o chamado 'amor platônico,' e o dilema de que para perder o medo de se aproximar era preciso perder o medo de ser rejeitado. Ele enfatiza que hoje, já tendo sido casado, seu critério para escolha de uma parceira não é somente a beleza, mas uma série de atributos que se tornam relevantes a partir da experiência do cotidiano.

Vale salientar ainda que tanto Arquimedes, quanto Alexandre e Diógenes se casaram precocemente, em torno dos dezenove anos. Arquimedes observou que sua esposa foi sua primeira namorada, tendo-a conhecido aos dezesseis anos. Ele afirma que ambos viviam "um para o outro... era só eu e ela!" diz ele, reiterando a unidade em que se

constituíram. O casamento ainda na adolescência sugere uma forma de fortalecer a identidade, apoiando-se um no outro e reassegurando-se de valores ainda não muito estáveis. Além disso, a garantia da legitimidade social para se exercer a sexualidade parece ser ainda um requisito importante para alguns segmentos da sociedade, principalmente na classe social média baixa, como é o caso de dois dos sujeitos acima.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

2ª UT: O lado prazeroso do relacionamento

⇒ Caso nº 01: Aldo

O discurso do sujeito

Aldo: Eu fui casado por dezessete anos. A parte prazerosa, é a parte que... A construção da família! É a produção da família propriamente dita, que seria o nascimento dos filhos, o exercício da sexualidade, a descoberta da sexualidade com aquela mulher específica. E a complementaridade de objetivos!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito afirma que o lado prazeroso do relacionamento refere-se à própria constituição da família, à "produção da família propriamente dita," isto é, o nascimento dos filhos, o exercício da sexualidade, a descoberta da sexualidade com aquela mulher específica. E a complementaridade de objetivos.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 03: Isac

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 2)

Isac: O lado bom do relacionamento, acho que é a cumplicidade mesmo. E o processo de ajuda mútua e de compreensão que você precisa!

Lucélia: E quanto à vida sexual, por exemplo, está mais para o lado complicado ou para o lado prazeroso?

Isac: Ah! Eu acho que é mais para o lado prazeroso. Não vejo mais complicação!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito refere-se à cumplicidade entre as partes como sendo um aspecto positivo do relacionamento, e acrescenta o processo de ajuda mútua e a compreensão do parceiro como elementos, que, juntos supostamente constituir-se-iam num tripé, todavia, não entra em maiores detalhes. Aparentemente, são aspectos dos quais usufrui.

Sua exposição sucinta levou a uma investigação do tema da vida sexual, mas sem muito resultado.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 04: Pedro

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 2)

Pedro: Bom! Eu fui casado por quase treze anos. Acho que a parte prazerosa, ainda que eu possa trazer várias, no meu último relacionamento, acho, foi a parte menor! Acho que uma parte muito legal, é quando você está dormindo à noite, e você acorda no meio da noite, e tem alguém que você gosta do seu lado. Eu acho isso ótimo! É uma coisa que eu valorizo prá caramba! Porque você pode abraçar naquele instante, fazer o que você quiser! Desde que o outro, claro, também concorde. Mas o abraço, no meio da noite, acho que é uma parte muito prazerosa! Não tem nada a ver com segurança, tem a ver com o prazer de estar juntos! Mais nada! Tem outros. Tem umas coisas assim: quando você se afina com uma pessoa, tem alguma coisa que você queira dividir... e acho que hoje, é muito difícil você ter pessoas prá dividir, assim, reflexões mesmo, né? Acho que é uma coisa que eu curto muito! Então, assim, era muito legal! De repente pinta uma coisa, um pensamento, uma idéia, e você poder olhar do lado, e você ter ali! Você não teve aquela assim: "Acho que eu vou procurar tal pessoa esta semana prá conversar isso!" Você já compartilha na hora! Isso, eu tive uma troca muito legal no meu último namoro. Foi muito dez isso! Mesmo porque nós temos muitos temas que eram afins, né? Quando você quer programar alguma coisa, os interesses são meio parecidos. Não totalmente, mas era mais facilitado. Acho que também algumas coisas ficam mais leves no dia-a-dia, em função da responsabilidade que se assume dentro do relacionamento. Desde assim, as despesas que oneram uma relação (sempre que você está junto, isto ocorre)... e quando você tem uma relação de gênero um pouco mais flutuante, assim, não tão estruturada, você não tem essa coisa: "Devo pagar ou não devo pagar?" Não! Você já sabe que vai rachar, e está tudo bem! Não é ruim prá ninguém. Ou ainda assim: "Bom! Hoje eu não tenho!' 'Não tem problema! Eu pago!" Isso também é muito oscilante! Então, acho que essas coisas eram muito prazerosas! De estar fazendo... "- Vamos fazer um almoço?" "- Vamos!" Ele começa às dez da manhã e termina às cinco da tarde! Isso é muito legal! Então, são coisas que você curte e você constrói. Ver filme junto... é muito... sabe? Não só no cinema, mas em casa mesmo, a dois só. Filmes que foram escolhidos de antemão, porque era interessante para os dois. Estas são coisas que eu sempre curti numa relação!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Entre os aspectos prazerosos que o sujeito cita na sua experiência de relacionamento com o sexo oposto estão algumas sensações de aconchego como o acordar no meio da noite, tendo ao lado alguém por quem se tem afeto. O fato de se poder abraçar esta pessoa naquele instante, e fazer o que quiser, representa infinitas possibilidades de Ser no vínculo e de ser bem recebido e aceito, aspectos que Pedro relaciona com o prazer de estar junto, e não com segurança.

Outro aspecto muito valorizado pelo sujeito é o ato de compartilhar reflexões - troca de pontos de vista - com a pessoa com quem se afina psicológica e emocionalmente. O fato de não ser preciso procurar uma pessoa para trocar idéias, mas poder fazer isso com a parceira no momento em que surge a necessidade é um exercício para ele muito gratificante e prazeroso. Também facilita o fato de que quando se deseja fazer algum programa juntos, os interesses sejam semelhantes.

Além disso, existe o aspecto prático a considerar de que a vida a dois facilita muito o dia-a-dia, em função do compartilhar de algumas responsabilidades, tornando as obrigações mais leves. Quando se está numa relação há sempre despesas que oneram, diz ele. Se a relação não é muito estruturada, há dúvidas relativas a qual dos dois caberia pagar tais despesas, mas quando há afinidades e uma certa cumplicidade, já se sabe que ambos irão dividir isto. Esta atitude já pressupõe que um pode assumir o total das despesas num momento em que o outro esteja com dificuldades.

Há ainda outros pequenos prazeres, tais como o fato de fazer um almoço juntos, o que podê se tornar um programa "deliciosamente prolongado." Ou então assistir um filme juntos, escolhido previamente a partir do interesse de ambos. "São coisas que você curte e você constrói," diz ele, enfatizando o elemento prazeroso que existe nestas programações, as quais, feitas em conjunto ajudam a construir e consolidar um relacionamento.

Em suma, independentemente de aspectos conflitantes que possam ter havido, o sujeito parece ter vivenciado experiências bastante edificantes, prazerosas e satisfatórias no relacionamento com o sexo oposto.



⇒ Caso nº 07: Wotan

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 2)

Wotan: Eu fui casado por vinte e um anos. É uma vida! Então, o lado prazeroso prá mim é aquilo que todo mundo gosta mesmo, né? É companhia, sexo... É isso, né! Companheirismo, cumplicidade! Cumplicidade no prazer! Intimidade! Intimidade é uma coisa fantástica! Só com o tempo, né? Intimidade total! Chega a ser uma falta de privacidade às vezes (riso), mas é legal! É bom! Tem um sentimento de fusão.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Wotan assevera que o lado prazeroso de sua experiência de casamento foi, tal como para a maioria das pessoas, a vivência do companheirismo, a prática de uma vida sexual regular, uma cumplicidade no prazer, e particularmente o exercício da intimidade no sentido amplo e sem reservas, tanto física quanto psicologicamente. Wotan ressalta que a experiência da intimidade é "uma coisa fantástica," e que ela é adquirida só com o tempo e a convivência. Ele acrescenta que a mesma é acompanhada de "um sentimento forte de fusão," e chega a ser tão grande que às vezes resulta em falta de privacidade, mas não deixa de ser bom, ressalta.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 09: Alexandre

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 2)

Alexandre: A parte mais gostosa, eu acho assim: quando você está com uma pessoa, e você não cansa de estar junto. Por exemplo, que nem eu estou aqui com você e estou pensando no que ela está fazendo agora... quer dizer que eu gosto dela! Quando isso acabar... é porque acabou! Quando falar assim: "Ah! Eu vou ter que ir prá casa, vou ter que encontrar a minha mulher! Ih, Meu Deus! Não!" Isso é gostoso! É gostoso acordar de manhã...

Outro trecho

Alexandre: ...Não tem problema comigo (relativo ao casamento), tanto é que eu gosto muito de ficar com ela! Eu gosto muito!

Lucélia: Quando você fala 'ficar,' você fala 'transar?'

Alexandre: Não, transar também. Eu transo todo dia (riso), quantas vezes ela quiser! Seria fazer coisas ao lado dela, qualquer coisa, tudo o que eu possa participar. Eu acho interessante isso.

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito aponta um indicador importante, que para ele atesta a qualidade do relacionamento: o fato de "não se cansar de estar junto," o fato de mesmo estando distantes geograficamente, estar com os pensamentos voltados para a pessoa. Ou seja, trata-se de um estar incondicional com o outro. Assim, quando a perspectiva de ir para casa e encontrar a companheira se tornar um peso e uma obrigação, então "acabou o relacionamento," diz ele.

Alexandre afirma que para ele é prazeroso "acordar de manhã ao lado da pessoa," referindo-se supostamente à sensação de aconchego e calor decorrente de se estar com alguém ao seu lado, uma mulher que satisfaça as suas necessidades afetivas e sexuais.

Ele acrescenta ainda que lhe é particularmente prazeroso ficar com Valquíria (sua atual companheira), isto é, participar de atividades ao seu lado, sejam estas quais forem. Praticar sexo pode ser uma destas coisas; Alexandre afirma que "transa todos os dias, quantas vezes ela quiser," 'arrotando' com isso sua excelente "performance" sexual.

Com tudo isso, depreende-se que este relacionamento de uma maneira geral é bastante gratificante para o sujeito. Nas entrelinhas, observa-se que ainda não houve o desgaste natural decorrente da convivência ao longo dos anos.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 2)

Arquimedes: Todo relacionamento tem as suas falhinhas, é que nem energia! De vez em quando ela dá uma apagada, mas volta logo em seguida. O relacionamento... o meu pelo menos, foi assim. Foi... maravilhoso!

Lucélia: Você poderia destacar alguma coisa desse 'maravilhoso?' Assim, o que você gostava mais, o que era melhor?

Arquimedes: Deixa eu ver! O mais maravilhoso do nosso relacionamento? Acho que os dois filhos que nós temos! Acho que foi a... a semente bem mais cultivada do nosso amor! Foi isso! (Risos). Os dois são lindos! Infelizmente as drogas passaram por cima! Eles estão com ela. Eles moram pertinho de casa, a cinco minutos de casa eu já vejo eles. Se bem que eu não estou vendo. Vou manter como a gente era, tudo certinho! Não vou passar os pés antes das mãos...

Unidade transformada em linguagem psicológica

Arquimedes se refere ao seu relacionamento repetitivamente como tendo sido "maravilhoso" (isto se observa também em outras unidades), o que sugere forte tendência à idealização, com negação dos aspectos negativos. Ele faz uma interessante comparação do relacionamento homem/mulher com o funcionamento da energia elétrica: "de vez em quando dá uma apagada, mas volta logo em seguida," querendo dizer com isso que o curso normal é restabelecido após breves "interrupções" (brigas, crises conjugais). O bem maior do seu casamento, todavia, afirma terem sido os dois filhos, ainda pequenos, referindo-se a eles como "a semente bem mais cultivada do nosso amor!" Isto é, uma semente que vingou, e que melhor frutos (gratificações) rendeu. O sujeito lamenta que as drogas levaram de roldão também os seus filhos, sendo que atualmente prefere manter-se à distância para tentar resgatar sua dignidade.

Referindo-se "en passant" (de passagem) ao lado prazeroso do relacionamento, o sujeito parece não ter muito a dizer a respeito, mas muito mais sobre os conflitos do relacionamento, tema em que se delongou bastante.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 2ª UT: o lado prazeroso do relacionamento

Ressalta-se de imediato o fato de que vários dos sujeitos (Adriano, Arquimedes, Rafael, Aldo e Isac) têm pouco a dizer sobre o lado prazeroso do relacionamento, isto sendo feito por alguns de forma lacônica e até superficial, ao mesmo tempo que apresentam a tendência a se delongar bem mais nos conflitos do relacionamento.

Entre os doze sujeitos do sexo masculino, Heródoto, Rafael e Arquimedes fazem uma referência especial aos filhos como sendo uma conquista e um aspecto prazeroso no relacionamento (na verdade, trata-se do exercício gratificante da paternidade, que foi viabilizado pelo casamento). Especialmente Arquimedes refere-se aos filhos como "a semente bem mais cultivada do nosso amor!" Rafael salientou particularmente a participação da esposa na obtenção de seus bens, na manutenção de sua estável situação financeira, e atribui a ela a bem sucedida criação e educação dos filhos. Com ela, o sujeito pôde concretizar e consolidar antigos sonhos: casar, constituir família, ter conforto. São aspectos estes decorrentes do estabelecimento de uma sociedade conjugal, que se constituem em parte importante do cotidiano de uma vida-a-dois e socialmente são extremamente relevantes, mas que não se referem aos aspectos psicológicos propriamente ditos. Aldo, ao mesmo tempo que reitera tais achados afirmando ter sido prazeroso a produção e construção da família propriamente dita (o nascimento dos filhos), acrescenta elementos específicos da temática de gênero, isto é, a descoberta e o exercício da sexualidade com aquela mulher específica.

Desta forma, observamos que questões periféricas assumem um caráter de grande relevância, e muitas vezes acabam por sustentar e se constituir na razão de ser de uma relação, muito embora não se tenha consciência clara das motivações mais essenciais que a sustentam.

Curiosamente, Heródoto e Yuri ressaltam como positivo o aspecto de que apesar de que o casal tivesse se separado permaneceram laços de amizade, afetividade e respeito mútuo. Isto é, muito embora a relação tivesse sido rompida enquanto homem e mulher, o vínculo de amizade foi mantido, e assim, preservado o lado saudável da relação. Desta forma, Yuri salienta que a separação se deu sem rancores, mágoas ou ressentimentos mútuos, prevalecendo tendências à reparação em detrimento de tendências destrutivas.

Como aspectos prazerosos propriamente ditos de sua experiência de casamento Heródoto ressalta as "conversas gostosas," a solidariedade, o apoio e o respeito mútuo. Outro ponto positivo apontado por ele foi a rede de relações que a convivência possibilitou engendrar, isto é, o fato de "cada um puxar o outro para o seu

mundo, o mundo dos amigos que estão ali," justifica ele. Além disso, mantinha boas relações com a família de sua ex-esposa, e era benquisto por todos. Ou seja, o sujeito parece estar estar falando das possibilidades de relacionamento social que o casamento propicia. Também haviam pontos de identificação, como o compartilhar de "uma certa austeridade e simplicidade no viver," acrescenta.

Referindo-se ainda à intensidade da experiência vivida, Heródoto enfatiza que muito embora tenha vivido relações duradouras, mas que terminaram, em alguns breves relacionamentos "o momento vivido tem sabor de eternidade," pois "o que é intenso e profundo, nada apaga a não ser a morte," diz ele solenemente.

Isac, Wotan e Adriano, por sua vez, acentuam a cumplicidade (seja o simples "estar junto de alguém" ou a cumplicidade no prazer), e o companheirismo que se reflete na ajuda mútua e na compreensão do parceiro. Heródoto também enfatiza a ajuda recíproca, seja desempenhando atividades pelo outro, ou simplesmente oferecendo apoio psicológico. Wotan acrescenta o aspecto da prática de uma vida sexual regular e acentua o cultivo da intimidade na relação no sentido mais amplo e sem reservas. Ele qualifica a intimidade como "uma coisa fantástica," e explica que a mesma advém da convivência, sendo próprio dela um "sentimento de fusão," que pode até implicar na perda de privacidade.

Já Átila chama a atenção para a influência positiva que o parceiro pode ter sobre o outro, relatando que passou a ter mais cuidados pessoais e com sua alimentação, despertando para aspectos que até então não tinha consciência a partir de alguns "toques" de uma ex-namorada. O fato da garota perseguir seus objetivos com determinação também foi objeto de sua admiração. Exceto isto, não houve outros elementos que parecem ter sido muito significativos na sua relação com as mulheres, visto que não havia envolvimento emocional, o aspecto prazeroso tendo sido restrito somente ao plano biológico (a prática sexual propriamente dita).

Pedro ressaltou como aspectos prazerosos o aconchego e a permissividade próprios de situações de intimidade: "o acordar no meio da noite, tendo ao lado alguém de quem se gosta, o fato de poder abraçar e fazer o que quiser," isto é, as infinitas possibilidades de Ser no vínculo, sentindo-se bem recebido e aceito. Também Alexandre

referiu-se indiretamente à sensação de aconchego, quando manifestou ser-lhe prazeroso acordar de manhã ao lado da parceira. Além disso, Pedro citou pequenos prazeres compartilhados em programas realizados a partir de interesses comuns (fazer um almoço prolongado ou assistir a um filme juntos, previamente escolhido pelos dois), atividades que, feitas em conjunto, ajudam a construir e a consolidar o relacionamento. Pedro salientou ainda que considera muito bom o fato de poder trocar com a parceira pontos de vista e reflexões, sendo desnecessário procurar alguém para fazer isto. Outro aspecto consiste em que a vida-a-dois facilita no sentido de se poder compartilhar as responsabilidades do dia-a-dia, tornando as obrigações mais leves, diz ele.

Para Diógenes a fase do namoro foi particularmente prazerosa, pois sem os encargos e as dificuldades da vida de casado, só lhes restava usufruir do prazer da crescente descoberta do outro. Durante a vida de casado propriamente dita, a conquista de autonomia e espaço em relação às famílias de origem, cujo relacionamento foi marcado por interferências opressivas, se deu através do rompimento dos laços de dependência e o enfrentamento das dificuldades na nova vida enquanto casal e família (baixa do padrão de vida, perda de instrumentos para exercer a profissão). Tal evento foi considerado pelo sujeito como muito positivo e da maior relevância: "Era a nossa vida.... sem ninguém para meter o bedelho," diz ele.

Alexandre aponta como um bom indicativo o fato de não se cansar de estar junto da parceira, e sentir prazer em realizar coisas com ela, inclusive sexo, "quantas vezes ela quiser!" afirma.

Adriano enfatiza que "é muito gostoso chegar em casa, estar com uma pessoa do seu lado. Ter uma companheira!" Ou seja, é prazeroso estar com alguém, aplacando momentaneamente o vazio da solidão. Todavia, a separação para ele tornou "muito difícil" a perda desses aspectos prazerosos, e a dor da solidão novamente se fez presente.

No caso de Arquimedes observa-se uma idealização do relacionamento, que qualifica como tendo sido "maravilhoso," face à separação e à perda dos filhos.

O falar sobre o lado prazeroso do relacionamento levou alguns sujeitos (separados) a refletirem sobre sua experiência de vida-a-dois. Assim, Yuri afirmou que o

que sustenta uma relação são as afinidades. No seu caso, o momento inicial de intensa paixão e deslumbramento ao arrefecer-se não encontrou base de sustentação porque não haviam afinidades (as concepções do cotidiano e da própria vida eram muito diferentes para cada um). Ainda assim, após a separação houve espaço para que ambos pudessem compartilhar e solidarizar-se com o outro em momentos de dor e nas consecutivas experiências amorosas de cada um. Já Pedro enfatiza que quando há afinidades e uma cumplicidade entre o casal, está implícito que ambos irão dividir as despesas. Heródoto, por sua vez, enfatiza que sua experiência de casamento foi positiva no sentido de ter sido um aprendizado. Causou-lhe apaziguamento interno saber que a separação não se deu por fragilidade ou incapacidade de ambos para solucionar seus problemas enquanto casal, mas por uma impossibilidade devida aos limites e diferentes expectativas e necessidades de cada um na relação. A partir dessa experiência tomou como critério para novos relacionamentos amorosos: "Eu não dou prá mim menos do que eu quero, do que eu desejo, do que eu mereço! Se não for isso, eu fico só!" Outra importante constatação foi que o "ponto de partida entre o casal deve estar bem afinado, senão não adianta começar."

Enfim, os sujeitos apontaram aspectos diversos no sentido do que teria sido positivo e prazeroso em sua experiência de relacionamento com o sexo oposto, havendo recorrências e similaridades.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

3ª UT: Os conflitos do relacionamento

⇒ Caso nº 01: Aldo

O discurso do sujeito

Aldo: A parte difícil, prá mim particularmente, seria o ciúme, tá? Onde havia uma marcação cerrada sobre: "Onde você estava? O que você estava fazendo? Eu ainda sou a sua única mulher!" Não é? Este controle era uma coisa que me deixava profundamente irritado. Prá mim, a relação tem que ser basicamente de confiança.

E quando essa confiança, ela passa a não ser exercida de uma forma plena, ela mina a relação! E também assim, começa a haver uma divergência de objetivos, tá? É basicamente isso.

Lucélia: Essa divergência de objetivos são maneiras diferentes de olhar a vida, expectativas diferentes enquanto indivíduos quanto ao que se deseja da vida? Seria isto?

Aldo: Isso! E como crescimento pessoal! E quando o crescimento pessoal passa a fazer com que o repertório entre o casal diminua. O próprio desenvolvimento pessoal... Então, isso foi, pelo menos no meu caso, separando esse casal, eu e minha esposa como casal. O objetivo de conversa e de troca, ele começa a diminuir. Então, assim, as conversas passam a ser completamente diferentes!

Lucélia: Você está dizendo assim, que um cresce muito e o outro fica estagnado? Seria isso?

Aldo: Não necessariamente! Pode ser visto dessa forma, mas eu não diria que fosse... o crescimento vai para níveis diferentes, lugares diferentes! À medida que eu não paro de estudar, continuo estudando, continuo conhecendo coisas novas... é como se o outro segurasse! Não é? Assim: "Por eu não acompanhar, eu acho que você não deve ir!" Isso, intelectualmente falando. "Fiquemos no mesmo conceito que nós temos!" Isso, eu acho que gera um desencanto, e vai minando o relacionamento. Foi uma das coisas que... aliada ao ciúme, até pelo próprio crescimento do outro. O ciúme já era antigo! (Riso)

Unidade transformada em linguagem psicológica

Os conflitos do relacionamento para o sujeito consistem basicamente na manifestação de sentimentos de ciúme do cônjuge e na divergência de objetivos do casal. Quanto ao ciúme Aldo refere-se à "marcação cerrada" que a esposa impingia sobre ele, inquirindo-o frontalmente, e declarando seus direitos de posse e exclusividade enquanto esposa: "Onde você estava? O que você estava fazendo? Eu ainda sou a sua única mulher!" exercendo um tipo de controle que o deixava profundamente irritado. O sujeito declara que para si a relação deve ser fundada num vínculo de confiança. Quando essa confiança deixa de ser exercida de uma forma plena, isto "mina a relação," diz ele.

Já a divergência de objetivos torna-se um problema quando o crescimento pessoal, ao invés de fortalecer o vínculo do casal, tende a levar à diminuição do seu repertório, isto é, resta muito pouco a se trocar, pois não há mais muitas coisas em comum. O próprio desenvolvimento pessoal faz com que ambos se tornem pessoas diferentes, que passam a ter diferentes visões de mundo, e tomam diferentes rumos na vida em busca de objetivos distintos. Então o objeto de conversa e de troca se restringe, e os assuntos passam a ser completamente diferentes, situação que vai paulatinamente separando o casal, visto que o elo de ligação vai se tornando cada vez mais tênue pela falta de elementos de identificação, e pela conseqüente perda da cumplicidade.

O sujeito explicita que não se trata necessariamente do descompasso resultante do crescimento de um e da estagnação do outro, mas do próprio sentido de evolução individual, que, após uma convivência prolongada, configurou-se em rumos distintos para cada um, estabelecendo-se diferentes necessidades e objetivos de vida. Assim, à medida que uma das partes continua estudando, e em busca de novos elementos que contribuam para o seu enriquecimento pessoal, 'é como se' o outro tentasse impedir esse movimento do cônjuge, essa sua tendência ao crescimento. Aldo sugere o que provavelmente estaria implícito nas entrelinhas: "Por eu não acompanhar, eu acho que você não deve ir!" Ou seja, as buscas de aprimoramento intelectual do sujeito evidenciam a estagnação da parceira, e trazem à baila supostos sentimentos de incapacidade desta, de forma que ela tenta impedir os esforços do marido. E ainda: "Fiquemos no mesmo conceito que nós temos!" Isto é, trata-se de um convite explícito para o não crescimento, para que ambos permaneçam estagnados e comodamente assentados nos velhos "scripts" e expectativas do momento em que se conheceram. A busca de elementos novos poderia ameaçar a estrutura e o falso equilíbrio de um antigo 'pacto de amor.' O sujeito afirma que essa atitude gerou um "desencanto" para com a relação, e a mulher que no passado havia escolhido como companheira. Isto, aliado ao ciúme que já era antigo, engendrou uma situação que foi minando o relacionamento, e levou à separação.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 02: Heródoto

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 3)

Heródoto: Você está falando do que é o inferno e do que é o paraíso?! Bom! Partamos das expressões infernais da experiência! Quer dizer, daquilo que foi dor, daquilo que foi... e que a gente conseguiu superar. A minha ex-companheira era uma pessoa que eu queria muito bem, tinha um sentimento profundo! Mas, desde o primeiro momento começou a pintar um problema, que eu acho que ele constituiu da minha parte, um problema maior, e que ao longo de um processo definiu a separação. Quer dizer... que foi a questão sexual! Ela, uma pessoa que tinha toda uma formação cristã, uma formação rígida familiar... Então isso de certa maneira trouxe também algumas dificuldades prá ela, na relação humana, na questão da sexualidade, ou mesmo na questão afetiva. E isso eu pude detectar logo no início. Mas aí prá mim, me vinha muito a idéia de que: "Olha! Você que pôde se trabalhar um pouco mais, trabalhar a sensibilidade, você, aqui, tem que

encarar isso como um desafio, no sentido de ajudar as pessoas a superar os seus limites. Se você, que passou por uma caminhada, se não fizer isso, vai talvez ser muito mais difícil prá outro. E também vai ser um elemento de você se trabalhar!" Então, ficamos muito tempo juntos, sem ter relação sexual ou coisa parecida, quer dizer, prá não violentar o outro, prá possibilitar o outro poder caminhar, né? Esperando o momento do outro. E aí, teve momentos que ficou difícil! Eu falei: "Olha! Procure ajuda porque eu sozinho não vou dar conta! Fica pesado!" Quer dizer, eu estou colocando isso porque prá mim, isso é o problema mais sério, né? Então: "Vai fazer análise!" Foi! Mas depois desistiu. Caminhou muito, eu acho que amadureceu muito nesse aspecto. E aí, a gente começou a viver uma contradição, que eu acho que estavam muito presentes, às vezes nas conversas da gente. Porque num momento ela reivindicava afeto para se abrir mais sexualmente. Por outro lado, em decorrência da experiência que eu tive, eu falei: "Não posso me abrir mais afetivamente porque eu também vou sofrer muito!" E já estava sofrendo! Então, isso daí foi um negócio que perpassou. Então, a sexualidade que ao mesmo tempo era um elemento de dor, era também alguma coisa muito prazerosa. Porque quando a gente estava junto, eu me realizava bem, quer dizer, era um encontro prazeroso não obstante o fato de não terem minhas fantasias...

Lucélia: Satisfeitas?

Heródoto: Satisfeitas! Quer dizer, prá ela, se a gente se encontrasse a cada três meses estava ótimo! E aí, eu acabava ficando numa subnutrição desgraçada! (Riso) Então, num primeiro momento eu cobrava. Depois, eu falei: "Não tenho direito de cobrar!" Fui amadurecendo prá isso. Porque prá ela também era um negócio sofrido. E aí eu comecei a me deparar com isso, e a respeitar esse processo dela. Bom! Por outro lado também, me vinham algumas angústias que eu colocava. Eu pensava: "Mas escuta! Será que você não comprou gato por lebre?" Quer dizer, nós conhecemos tão pouco de nós mesmos! Dessas motivações inconscientes que nos levam até o outro. De repente, a gente poderia ser alguém... o pai, que não teve, alguma outra coisa que vai interferir. Então eu levantava essas hipóteses: "Será que não é isso?" Se não for, tudo bem! Aprendemos com isso. Enfim, mas eu acho que essa coisa foi caminhando, e com o tempo isso foi me fazendo muito mal. Quer dizer, eu fui somatizando tudo isso. E chegou uma hora, que eu realmente falei: "Olha! Isso já é expressão de morte prá mim!" Prá ela, ela fez propostas de que poderia ficar lá a vida toda e eu ter a minha vida, mas eu falei: "Não é isso o que eu quero prá mim!" Então, quando eu percebi isso, prá mim foi assim uma experiência marcante, no sentido de sair, de buscar, porque eu tinha feito ao lado da casa, um quarto enorme prá gente! Do jeito que eu queria! Com um jardim, com tudo muito bonitinho! O quarto que eu sempre quis, simples, mas com todo... E aí, cinco dias depois que me entregaram o quarto, eu colocava a questão de partir para uma nova aposta. Quer dizer, então prá mim foi um pouco doído porque eu tinha que deixar algo que... mas prá mim, a vida era muito mais forte! Quer dizer, você tem que sair, buscar, e com isso você vai possibilitar a ela também buscar.

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito estabelece uma distinção quanto ao lado prazeroso e o lado difícil do relacionamento denominando-os como o "céu" e o "inferno," respectivamente. Ele parte então das "expressões infernais da experiência" para relatar os conflitos, isto é, aquilo que em algum momento foi doloroso, mas que ele conseguiu superar. Heródoto inicia com a ressalva de que possuía um sentimento profundo por sua ex-companheira, e explicita que desde o princípio eles se depararam com um problema, que no transcorrer do tempo e com a convivência tornou-se um problema maior (e o mais sério), que ao longo de um processo definiu a separação. O referido problema era de ordem sexual. Ela vinha de uma formação cristã e familiar muito rígida, que lhe trouxe dificuldades no

relacionamento com o sexo oposto, mais especificamente conflitos em referências à questão da sexualidade e da afetividade. Heródoto tomou este fato como um desafio para si, e se dispôs a enfrentá-lo por se considerar uma pessoa mais "trabalhada," isto é, alguém que 'lapidou' a sua sensibilidade e ampliou seu campo de consciência devido a sucessivos atritos com a vida, e que em função disso, se sentia mais preparado e com a responsabilidade de ajudar outras pessoas a superarem seus limites. "Se você que passou por uma caminhada não fizer isso, vai talvez, ser muito mais difícil para o outro," pensava consigo. Além disso, Heródoto tomou o problema como um elemento para ele próprio elaborar (supostamente o sujeito também deveria ocultar em si, em algum nível, conflitos relativos à sexualidade, o que pode ter contribuído para a formação do vínculo). Então, ambos apesar de serem marido e mulher e estarem juntos, não mantinham relações sexuais por períodos prolongados de tempo. O sujeito justifica sua atitude de sujeição a uma situação para ele causadora de sofrimento, com base no argumento da 'não violência,' e pensando em deixá-la à vontade para que ela própria pudesse delinear livremente sua trajetória.

Todavia houve momentos difíceis, onde ele sugeriu a ela que buscasse ajuda, pois sozinho não conseguiria. "Fica pesado!" disse ele. Até aqui o sujeito parece ter assumido informalmente o papel de 'psicoterapeuta,' ou seja, alguém que estivesse de fora e portanto, tivesse o poder de ajudá-la, quando ele na verdade, estava co-protagonizando o drama ao seu lado, e precisava tanto de ajuda quanto ela. Heródoto sugeriu então que ela se submetesse à psicanálise, transferindo para outra pessoa o papel que estava tomando para si (atitude esta muito saudável), mas sua companheira acabou abandonando o processo, muito embora já se mostrassem alguns progressos. A partir disso, o sujeito relata que ambos começaram a vivenciar uma contradição que estava muito presente nas suas conversas. Se por um lado ela reivindicava afeto para se abrir sexualmente (isto é, queixava-se de falta de amor), ele, por sua vez, impunha o seu limite emocional dizendo que não poderia se abrir mais afetivamente, pois isto intensificaria os seus sofrimentos.

Todavia, a sexualidade ao mesmo tempo que era um elemento de conflito e dor, também era vivida de uma forma satisfatória pelo sujeito, nos poucos momentos

em que estavam juntos, e dentro das limitações impostas por ela. Heródoto afirma que sentia-se realizado, pois o encontro era prazeroso, não obstante não terem realizadas suas fantasias sexuais. Entretanto, ficava pendente uma insatisfação e uma carência advindas dos longos períodos de abstinência, pois a freqüência de relações era muito baixa; para ela se o intercurso sexual ocorresse a cada três meses estaria ótimo. Havia, pois, um descompasso observado no jogo das necessidades sexuais de cada um, pois no esquema dela, ele se sentia em estado de grande "subnutrição" emocional e sexual. A evolução do quadro ocorreu da seguinte maneira: Heródoto que a princípio cobrava a participação e o envolvimento dela, acabou se sentindo sem o direito de continuar fazendo isto, pois sabia que ela também sofria com isto. Então, ele passou a "respeitar esse processo dela." Por outro lado, vinham-lhe dúvidas angustiantes relativas à identidade sexual dela, e quanto à possibilidade dele ter se equivocado em sua escolha, pois desconhecia as motivações inconscientes que a levaram a estar com ele. Inconscientemente ele poderia estar ocupando o lugar de pai para ela, conjecturava para si. Assim, o quadro foi evoluindo progressivamente ao longo do tempo, e foi causando grandes danos psíquicos ao sujeito, de forma que desencadeou na somatização de tais conflitos. Houve um momento em que ele pareceu ter atingido o seu limite, e afirmou que aquilo "já era expressão de morte para si." Ela propôs então que ambos continuassem coabitando na mesma casa, mas que ele tivesse a sua vida sexual extra-lar, proposta que Heródoto não aceitou, justificando que não era o que desejava para si.

O sujeito considera ter sido esta uma experiência marcante no sentido de sair de algo já conhecido e assentado, e se dispor a buscar o novo. Heródoto relata que havia construído ao lado de sua casa "um quarto enorme" para ambos, da forma que desejava e como sempre sonhou, com um jardim, e tudo muito bonito. "O quarto que eu sempre quis," diz ele, simples, mas cuja atmosfera estava impregnada do encanto e da beleza de quem idealizou viver ali uma vida sexual feliz e prazerosa. Todavia, cinco dias após o quarto lhe ter sido entregue, Heródoto tomou a decisão de "partir para uma nova aposta," isto é, separar-se. Foi doloroso deixar um objeto tão catexizado, e sobretudo lidar com a dura realidade de que aquela parceira não caberia no seu sonho de amor. O sujeito ressalta que o chamamento da vida para ele era muito mais forte, e o incitava a

"sair" da relação que o tornava infeliz, e a buscar um caminho novo, obedecendo a um movimento em prol de sua saúde mental. Heródoto afirma que na medida em que ele se permite viver isto, estará proporcionando para sua ex-companheira a mesma abertura para estas possibilidades.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 03: Isac

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 3)

Isac: Eu acho que o que é o ruim do relacionamento... eu acho que é essa demarcação de espaço. Acho que ela cria muito atrito, né? São coisas assim: de repente, você não sabe quem tem que trocar a lâmpada que queimou! (Riso) Aí, ela fala: "Isso é seu! Isso é trabalho de homem!" (Riso) São coisas mínimas, mas que vão criando... e assim, aquela coisa: a pia está cheia de louça, e você fica olhando prá louça! Aí passa na sua cabeça que aquele é um trabalho de mulher. Então, eu acho que essas coisinhas, elas... eu acho que isso é muito novo! Não é? Novo assim, eu sempre digo isso, mas é novo... você não vê as pessoas fazendo isso.

Lucélia: Você quer dizer que não se vê homens fazendo... por exemplo, lavando louça assim?

Isac: Não! Você não vê! Eu acho que tem pouco. Não está incorporado nos usos e costumes. Eu acho que ainda não! Acho que ainda tem... caminhado prá isso. Porque os homens estão morando sozinhos. Mas ainda não faz parte da rotina do dia-a-dia.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Isac acredita que a "demarcação de espaço" constitui um índice de conflito no relacionamento, porque acaba gerando muito atrito entre as partes. Existem certas "coisinhas do dia-a-dia" que não se tem muito claro a quem compete realizá-las: a lâmpada que queimou, a louça por lavar, etc. São coisas mínimas, aparentemente sem muita importância, mas que no seu conjunto acabam se tornando fonte de atrito, pontos de discussão e discórdia porque corroboram dissimuladamente uma antiga situação de poder e de privilégios masculinos na relação. Quando o sujeito fala da sua indecisão diante da pia cheia de louça para lavar parece estar se referindo à situação que para ele ainda está confusa, quanto ao desempenho de papéis dentro dos novos paradigmas de relacionamento homem/mulher. O seu dilema entre o permanecer olhando para a pia cheia de louça e arregaçar as mangas e lavar, reflete suas dúvidas quanto ao desempenho

de seu próprio papel. Talvez inconscientemente estaria se questionando se se tornaria menos homem se lavasse a louça.

Isac corrobora esta idéia afirmando que "isto é muito novo," ou seja, o novo modelo não está ainda incorporado nos usos e costumes. Não é comum se encontrar homens desempenhando tarefas que tradicionalmente são tidas como femininas. Todavia, se está caminhando nessa direção, assevera ele, porque os homens estão experimentando novos modos de vida, estão morando sozinhos, o que forçosamente os obriga a desempenharem "trabalhos de mulher." Pelo fato do novo modelo não estar ainda incorporado, ele não é sentido como uma coisa natural, tornando-se portanto, fonte de conflito entre as partes.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 07: Wotan

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 3)

Wotan: De parte ruim são os opostos, né? É a perda da privacidade. Eu acho que a parte ruim de estar junto de alguém, é que é muito mais fácil você projetar os seus próprios problemas! As dificuldades no outro, né? Também você é alvo de projeção do outro em você. E aí você fica responsabilizando o outro pelas coisas que não dão certo na vida. Então essa é a parte ruim, difícil de lidar, que eu acho que tem que tomar consciência e tal. Dá prá não fazer, mas é muito difícil! Aí fica assim, uma cumplicidade de... Geralmente o casal fica ligado por uma coisa ruim, por uma tensão. Muitos casais, ligados por uma disputa geralmente. "Quem de nós que está certo? O outro está errado." Uma competição! Mas essa parte eu acho que dá prá lidar. Eu ainda sou assim... Eu não tenho nenhuma dúvida que eu acho melhor estar casado ou junto de alguém, do que ficar separado. Do que estar sozinho, digamos. Não faço a menor questão de viver sozinho. Estas dificuldades... isto é perfeitamente administrável! Eu tive também muitas outras experiências. São uma outra coisa completamente diferente de um casamento. O casamento marca muito! Eu estava fazendo a conta, eu vivi mais tempo casado do que solteiro, no fim das contas, né? Foram vinte e um anos! Eu casei com vinte e um também. Então é como uma outra fase de vida. Dá a sensação de junto com a separação, estar fechando um ciclo também de vida.

Lucélia: Você tem essa sensação? Hum hum... E não foi possível administrar os problemas que apareceram?

Wotan: Eu não queria mais estar casado mesmo. Eu queria viver sozinho! Sozinho assim, eu queria me separar dessa pessoa que eu estava casado. Mas acho que prá mim, não pareceu como conflitos, uma coisa assim de brigas, né? Basicamente prá mim é assim: eu não estava vendo sentido em ficar morando junto, mantendo uma relação, um relacionamento sexual... sem... a afetividade não estava boa. É como se fosse um desgaste. A minha relação com ela foi boa durante um tempo, né, durante uns anos aí. Depois começou a ficar ruim, chata. Não estava mais... assim legal, né? Então, eu achei que precisava ser coerente comigo mesmo. Eu queria ter outros relacionamentos, queria conhecer outras pessoas, e é muito ruim fazer isso

casado. É muito desgastante... Ah! É ruim, né? É ruim mentir! Então... Eu acho assim, já deu! Os meus filhos estão adultos praticamente. Não vai fazer falta prá eles essa história dos pais estarem casados.

Lucélia: Foi um momento assim que você achou que já podia fazer isso?

Wotan: É! Eu esperei! Eu queria separar já fazia tempo, mas eu dei uma esperada. O meu filho estava fazendo vestibular, eu não sabia se ele ia sair de casa, se não ia. E por fim, até saiu mesmo. Acabou indo prá outra cidade. Mas aí nessa fase, eu resolvi esperar. Não estava ruim! A nossa relação nunca foi ruim, nunca foi de briga. Acho que eu esperei bem uns três anos! Protelando assim. E agora fechou o ciclo. Esse fechou! Abrem-se outros sempre, né. Sabe aquele negócio da "gestalt?" É uma "gestalt" que fecha. Abrem-se mais três, né? É o movimento da vida, de alternância...

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito aponta como um aspecto que traz conflitos para o relacionamento o que chama de "opostos," (supostamente ele está se referindo a confrontos e choques causados por posições opostas de cada uma das partes), e também a perda da privacidade. Wotan cita como um ponto negativo da vida-a-dois, o fato de que isto possibilita a projeção dos próprios problemas e dificuldades no parceiro, e vice-versa. E cada um vai responsabilizando o outro pelos fatos mal sucedidos em sua vida. O sujeito destaca que este aspecto é algo difícil de se lidar psicologicamente, mas possível, sendo necessário antes de mais nada tomar consciência disso. Pode-se deixar de fazer projeções e assumir cada qual seus próprios conteúdos, mas isto não é fácil, reitera ele. Então, acaba ocorrendo uma cumplicidade entre os dois, que permanecem ligados por um laço neurótico, que gera tensão, e freqüentemente consiste em uma disputa, uma competição, onde se pretende provar qual dos dois está certo, qual está errado. Todavia, Wotan considera esta dificuldade perfeitamente administrável, e afirma não ter dúvidas de que prefere estar casado ou junto de alguém, do que permanecer separado ou sozinho. E reitera: "Não faço a menor questão de viver sozinho!"

Wotan relata que teve muitas outras experiências, completamente diferentes daquela do casamento. Entretanto, este último foi marcante no sentido de que se constituiu numa experiência prolongada, sendo que ele afirma ter vivido, em termos, mais tempo casado do que solteiro (na realidade, tendo se casado aos vinte e um anos de idade, o casamento durou também vinte e um anos). Todavia, a sensação que se configurou para o sujeito em termos psicológicos parece ter sido a de "uma vida" no casamento, visto que ele ingressou na vida adulta estando casado, o que supostamente

também contribuiu para que a sua identidade masculina se engendrasse e consolidasse através deste papel. Wotan ressalta que se sentiu diferente após a separação. "É como uma outra fase de vida mesmo," observa, referindo-se à sensação de juntamente com a separação ter fechado um ciclo de vida também.

Falando sobre sua disposição de tentar solucionar os problemas que ocorreram no seu casamento, Wotan explica que simplesmente não era mais seu desejo continuar casado com aquela mulher. Mas ele considera que no seu casamento não houve conflitos no sentido literal da palavra, visto que não havia brigas. Todavia, ele já não encontrava sentido em continuar mantendo uma relação, que incluía a coabitação e o exercício de uma vida sexual regular, se o relacionamento afetivo não estava satisfatório. Wotan admite que pode ter havido um desgaste. Ele avalia que a relação foi satisfatória durante alguns anos. Depois afirma que esta se tornou desagradável, mencionando vagamente os termos "ruim" e "chata" sem especificar muito claramente o quê era chato ou ruim.

Continuando, o sujeito relata que considerou sua necessidade de ser coerente consigo mesmo. Ele desejava ter outros relacionamentos, conhecer outras mulheres, e sentia como muito ruím e desgastante fazer isso estando casado; "mentir é ruim," ressalta. Contudo, Wotan ainda "esperou" três anos, pois a relação "nunca foi ruim." Ele explica a aparente contradição lembrando que não havia brigas. Sua decisão ficou na dependência do 'destino' de seus filhos. Um deles estava cursando vestibular, e ele ignorava se o mesmo iria sair de casa ou não (por fim, saiu). Assim, foi postergando a separação até que se passaram três anos. Agora que os filhos já estão praticamente adultos, Wotan está tranqüilo, pois sabe que o fato de terem os pais separados não deixará lacunas na sua estrutura psíquica.

O sujeito reitera que fechou esse ciclo de sua vida. Todavia, lembra que abrem-se outros sempre, pois isto obedece ao movimento de uma "gestalt," sendo que para uma "gestalt" que fecha, abrem-se mais três. Isto reproduz, na sua concepção, o próprio movimento de alternância da vida e do ritmo cósmico.



⇒ Caso nº 08: Diógenes

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 3)

Diógenes: ...Quando passa a viver na mesma casa, aí você é obrigado a saber que existem duas pessoas lá dentro. E duas pessoas estão pensando! E duas pessoas querem agir! Depois que casa, parece que a coisa muda de figura. Falando do meu casamento, por exemplo, a Sirlene casou grávida. Então, acho que a gente não tinha maturidade prá isso. Não digo nem para o casamento, está certo? Mas de estar assumindo um filho, de estar casando dessa forma com um filho. Foi mais difícil segurar esse rojão! Isso aí apavorou.

Lucélia: Vocês ainda eram jovens quando se casaram?

Diógenes: Eu tinha quase vinte. A Sirlene, acho que dezesseis ou dezessete, se não me engano. Então, em termos de casamento não era assombroso. Normal! Todo mundo se casa e tal, mas o filho, isso aí foi um negócio de arrepiar os cabelos! Eu vejo também, em termos de família, dos dois lados não houve aquele amparo. Houve aquele sufoco. A gente já vinha sufocado pelo filho, está certo? Aí jogava mais água ainda prá encher o caldeirão! Então você partia mais prá o sufoco ainda. Então essa parte foi bem dura. Nossa senhora! Essa parte foi assombrosa! Desde que o nosso filho nasceu... graças a Deus nasceu bem prá caramba! Com quatro quilos e duzentas, o moleque veio! Mas, sabe, foi bem tumultuado. Não pelo que eu e minha esposa criava, ou pelo meu filho que veio, mas pelo que a família fazia. Era sufocante! Digamos que era uma disputa de ambas as partes. Porque "pô! Vocês são novos! Vocês não sabem criar! E porque não sei o que tem..." Estava um puxa tempo de chuva, a gente, pegava o moleque, enfiava embaixo da sombrinha e saía prá... sabe, bagunça! Sempre fomos assim! Debaixo de chuva, frio... não estava nem aí! A idade que ele tinha, um ano, dois anos, estava arrastando prá tudo quanto é canto. E as pessoas recriminavam muito isso aí. "Pô! O menino é novo, ele vai ficar doente!" Você viu o tamanho do cara hoje, né? Está quase do meu tamanho! Então, sabe, a família em vez de ajudar, ela sufoca. Não sei o porquê disso. Porque vinha de uma coisa gostosa. Namoro, tudo... aí pintou o casamento. Até aí, era gostoso. Mesmo grávida, era gostoso. Quando ele veio a nascer, já não deu tempo de você... sabe? Aquele doce que tinha na boca, parece que fez assim... sumiu! (Ênfase) Veio logo o sal! Mas não por parte da gente, por parte de fora. Minha mãe metia o bico prá caramba! Minha sogra então, nossa senhora!

Lucélia: E quando vocês tomaram pé da situação?

Diógenes: Acho que esse sufoco foi até os quatro anos de idade, cinco anos dele. Porque a Sirlene sempre ouviu muito a mãe dela. Então foi sempre esse perereco. Depois, parece que a gente começou a acordar. A gente começou a dar uns 'bicos' no pessoal. "Olha meu amigo! Eu sei que esse pedaço aqui é meu! Não invade não!" Digamos que a gente começou a viver em três porque antes a gente vivia em dez: nós três em casa, mais sete, oito prá fora. Mas parecia que estavam todos lá dentro de casa. Agora, a parte financeira também machuca prá caramba! E a gente também, em termos de financeiro, não ganhava muito bem. Então foi isso que permitiu que as pessoas de fora viessem prá dentro. Porque um ajuda daqui, o outro dá uma roupinha. Se você casa, e financeiramente você está bem, você manda todo mundo 'prá puta que pariu' e boa! Certo? Mas digamos que a minha esposa não podia fazer isso porque a mãe dela dava um monte de roupinha. Só que ela dava com a direita e queria tudo com a esquerda! (Riso) Eu acho que isso se torna muito difícil! Você tem que engolir um puxa sapão gordo porque a pessoa do lado de lá está te dando coisa aqui dentro. Então você entra em parafuso com isso!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Após o casamento o encanto se quebrou. Um fator decisivo para isso foi a experiência da coabitação. Cada um se viu forçado a se adpatar à nova realidade: eram

duas pessoas pensando e agindo (supostamente de forma distinta), dentro do mesmo espaço físico.

A gravidez de Sirlene foi um fator precipitante para o casamento. Como ambos eram ainda muito jovens e estavam em plena fase da adolescência, este não era de fato o momento adequado para o exercício da paternidade/maternidade. Assim, o casamento até foi possível assumir, porém o filho "apavorou." São palavras de Diógenes: "O casamento não foi assombroso, mas o filho foi de arrepiar os cabelos!" Com isto o sujeito está expressando o profundo medo que sentiu diante de uma demanda, um novo papel, que para ele assumiu proporções avassaladoras, aterrorizantes, pois exigiria de si recursos internos e externos que não possuía.

A despeito de toda esta desorientação, as respectivas famílias não conseguiram oferecer um suporte emocional ao jovem casal, ao contrário, só fizeram por maximizar a angústia, que então imperava entre eles. "Eles jogavam mais água prá encher o caldeirão!", afirma o sujeito, querendo dizer com isso que as famílias tumultuavam e sufocavam ainda mais o jovem casal. Com base no mandato às avessas, proferido num tom de verdade categórica e absoluta: "Vocês não sabem criar!", ambas as famílias competiam entre si, pois cada uma se arvorava o lugar de melhor preceptor.

Como dois adolescentes que despertam para a vida e descobrem com ela a perspectiva prazerosamente excitante dos programas e das novas experiências, (mas que por um lamentável acidente viram de repente sob sua responsabilidade a dura realidade de criar um novo ser), estavam mais interessados em explorar as diferentes possibilidades que se lhes ofereciam, sendo que não havia obstáculos que os impediria. A alternativa era levar a criança consigo para onde quer que fossem, mesmo se as condições do tempo fossem adversas (chuva, frio ou calor), comportamento este muito recriminado pelos adultos em torno, que ao invés de auxiliar o casal em suas verdadeiras necessidades, acabavam desqualificando-o.

O casal que vinha de uma experiência gratificante - num crescendo - do namoro ao casamento, e deste à gravidez, de repente teve o curso de sua vida em comum totalmente alterado e conturbado pelo nascimento do filho. De repente, o que era doce se tornou salgado, sem que houvesse um período de transição e uma adaptação. O "sal" veio

de fora, trazido pelas figuras de mulheres dominadoras tais como sua própria mãe e sua sogra, afirma o sujeito.

Além disso, havia muitas pessoas do círculo social interferindo na vida do casal, o que causou a sensação de que a família era muito maior do que na realidade era (de três expandiu-se para dez elementos). Quando começou a acordar, o casal pode então colocar seus limites: "Não invade esse pedaço que é meu!" Todavia, Diógenes e Sirlene somente conseguiram assumir o controle da situação muito tempo depois, entre os quatro e cinco anos de idade do garoto.

Não somente a falta de maturidade do casal, mas principalmente a falta de recursos financeiros, deixou expostos os flancos para que familiares interferissem. Isto dificultou uma atitude no sentido de fazer valer a privacidade do casal e os 'limites territoriais' da família, pois dependia-se destas pessoas do ponto de vista financeiro (e supostamente também emocional). Com isto ambos se viam obrigados a engolir "um puxa sapão gordo," pois ainda não possuíam condições de se auto-gerir.

O sujeito se viu então impelido a lutar muito pela sobrevivência não só de si próprio, como também dos membros de sua família, física e psicologicamente. Desta forma, foi preciso se defender do controle autoritário externo que ameaçava aniquilar o desenvolvimento de seu pequeno núcleo familiar, que estava tentando então se firmar em meio a grandes dificuldades. Esta demanda emergencial motivada por conflitos que envolveram as respectivas famílias de origem em torno do filho "que não sabiam criar," roubou a cena do casal. As questões de gênero ficaram relegadas a segundo plano e quase não apareceram. Com isto, os conflitos do casal enquanto homem e mulher neste momento ficaram obscurecidos, e parecem ter tido pouca relevância psicológica.



⇒ Caso nº 11: Adriano

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 3)

Adriano: É difícil quando aquele 'gostoso' acaba! É muito difícil, entendeu? Quando chega naquele limite, a coisa fica feia! Eu não queria estar passando por aquilo. Até hoje, às vezes... acabou tudo, mas a hora que eu penso, é um negócio que eu não queria terminar, mas também não queria continuar, entendeu? Porque ela era muito assim... ela não trabalhava. Também eu não cobrava. Eu nunca cobrei isso aí! Ela pensava muito diferente de mim. E aí, fui jogando, né? Até onde eu vi que dava prá levar, eu levei. Eu trabalhava em dois serviços. Trabalhava em um à noite e no outro de dia. Aí, eu chegava em casa do serviço... às vezes, durante a tarde, ela limpava a casa... Era uma das coisas que eu ficava mais 'puto da vida!' Era quando eu entrava no apartamento assim, e ela mandava tirar o sapato! Aquilo me acabava! Eu não falava nada, tirava e colocava no canto. Porque ela tinha às vezes, acabado de passar pano. Aquilo não entrava na minha cabeça. Era prá chegar em mim... Ôô... era para até tirar o meu sapato! "Pô! Você está cansado! Deita aqui!" Eu acho que era o mínimo. E outras coisas... Eu gosto de futebol! Ela não gostava! Mas pô! Ela acabava de assistir a novela, e ia dormir. Fosse dormir e eu ficasse assistindo o futebol! Acho que não tinha nada que atrapalhe! Aí ela não gostava. Tinha que dormir também. Eu já ia dormir com a cabeça cheia. Virava para o canto, o outro prá outro. No outro dia cedo, levantava, ia para o serviço.

Lucélia: Então havia uma raiva que foi sendo gerada, cultivada?

Adriano: Eu acho que foi! E, nessa parte foi muito difícil! Acho que foi pior do que eu ter que trabalhar o tempo inteiro. Estou com seis anos que eu não tenho férias. Enquanto eu fiquei com ela, eu fiquei direto trabalhando. Direto! Prá nunca deixar faltar nada, entendeu? Então acho que ela tinha que ter me dado mais valor! Mais valor! E é uma pessoa que não tinha motivo nenhum prá reclamar. Não era nem pelo trabalho, porque eu acho que ela não precisava trabalhar. Primeiro que a família dela tinha um poder aquisitivo até bom. E eu queria sempre suprir isso aí. Porque ela saiu da casa do pai dela. Na época que ela saiu, a gente teve um problema muito grande. A gente começou a fazer um curso junto. E começamos a nos conhecer, né. E eu não sabia de nada da vida dela. Aí chegou um dia, nós começamos a namorar e a mãe dela não queria. Estava pensando que eu queria dar o golpe! Aquelas coisas todas! A única pessoa que me dava força era o irmão dela. Até hoje! Aí chegou um dia, eu estava trabalhando, ela me ligou e falou: "Olha Adriano, eu estou indo embora para o Espírito Santo! Se você quiser que eu vá morar contigo, eu vou. Senão, eu vou embora porque a minha mãe não está deixando mais a gente..." Aí eu falei: "Então, você vai prá casa e a gente conversa..." mas eu não pensava que ela fosse assim prá morar. A hora que eu cheguei em casa, estava cheio de malas dela. Foi assim que nós fomos morar junto. Aí chegou um dia, a mãe dela apareceu em casa e tal... e o irmão dela sempre avisando prá mãe dela: "Olha! O Adriano não é assim! Não fique pensando que ele é assim..." Pô! Eu trabalhava vinte e quatro horas por dia! Você acha que eu ia precisar de... Aí tudo bem! Eu mostrei prá ela que eu não era aquilo que ela pensava. Cinco anos que eu morei com ela, quase seis, nunca precisei de nada da mãe dela. Pelo contrário! Às vezes, a mãe dela é que ia atrás de mim, me procurar prá fazer algum serviço prá ela. Quando eu saí, que a gente se separou, a mãe dela me falou: "Olha Adriano, sua vida é livre prá onde você quiser! Simplesmente, a gente vai ter que acolhê-la e..." Ela está bem hoje! Eu saí só... Saí com nada! Tudo o que eu tinha ficou! Tudo! Tudo, tudo, tudo. Microondas, fogão, geladeira, televisão... Deixei tudo! Não peguei nada! Telefone! Acho que até a roupa minha deve ter ficado. Foi um negócio assim meio... meio barra terminar. Foi uma das piores coisas...

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito afirma que para si torna-se muito difícil quando "o gostoso" do relacionamento termina. "Quando chega naquele limite, a coisa fica feia!" salienta, admitindo que não era seu desejo estar vivendo aquela situação onde "não queria

terminar, mas também não queria continuar" (a típica situação de conflito). Supostamente este limite de que fala o sujeito refere-se à perda da cumplicidade e da intimidade entre o casal, desfazendo-se o vínculo homem/mulher, permanecendo dois indivíduos estranhos dentro de um mesmo recinto.

Em seguida, Adriano se detém relatando os problemas que vivenciou em seu relacionamento. Sua ex-companheira não trabalhava. Nem ele tão pouco cobrava isso dela (contudo, isto parecia fazer uma grande diferença). O sujeito afirma que ambos diferiam diametralmente em sua concepção das coisas, e parece que não sabiam administrar tais diferenças, de forma que ele "levou até onde viu que dava prá levar." Adriano, na época, possuía dois empregos, um diurno e outro noturno. Muitas vezes, ao chegar do trabalho, ela havia acabado de fazer a faxina da casa, e lhe solicitava então que retirasse os sapatos antes de entrar, atitude que o deixava profundamente irritado. Todavia, ele não dizia nada. A contragosto, retirava os sapatos e os colocava no canto. Vale salientar que a recepção que Adriano gostaria de ter em casa era bem outra. Ele gostaria de ser recebido, senão com exaltação, pelo menos de uma forma mais calorosa e afetuosa; desejava ser acolhido no seu cansaço, e com a deferência que é devida ao "macho" na sociedade patriarcal: "Que ela própria lhe tirasse os sapatos."

Além disso, haviam muitos outros aspectos acerca dos quais divergiam. Por exemplo, quando se tratava de assistir jogos de futebol pela televisão. Enquanto para ele este era um programa prazeroso e interessante, não acontecia o mesmo com ela. Foi então que sua companheira impôs uma espécie de 'ditadura da intimidade' quando, após assistir a novela se recolhia para dormir, e não aceitava que ele ficasse sozinho assistindo seu programa preferido (ao que ele não via inconveniente algum); ao invés disso, deveria se deitar com ela. Adriano ia se deitar contrariado e com raiva. Neste estado de espírito, cada um virava para o seu canto e dormia. No outro dia pela manhã, seguia-se a rotina de levantar e ir para o trabalho.

O sujeito observa que lidar com os aspectos afetivos do relacionamento para si foi muito mais difícil, e bem pior do que trabalhar sem descanso. Ele ressalta que há seis anos não tira férias. Enquanto esteve com ela, trabalhava ininterruptamente a fim de corresponder com eficácia ao papel de bom provedor, e nada deixar faltar em casa.

Adriano salienta que por seus hercúleos esforços, ela deveria "ter lhe dado mais valor," demonstrando com isso ter se sentido desvalorizado e pouco amado no relacionamento. Ele observa que sua ex-companheira não tinha motivos para reclamação, pois enquanto sua família tinha um razoável poder aquisitivo, ele, por sua parte estava sempre preocupado em "suprir isto," isto é, em proporcionar-lhe o mesmo padrão de vida a que estava habituada. Infelizmente para ambos, o sujeito, norteado pelos valores da sociedade patriarcal/machista, na ânsia de provar seu valor e sua competência enquanto homem-provedor se exauriu chegando até o limite das suas forças, enquanto ela beneficiando-se desse aparente privilégio que a sociedade patriarcal confere à mulher - ser sustentada por outrem - na verdade, deixou de se desenvolver enquanto ser humano e de contribuir para que a sua relação se tornasse mais igualitária através da experiência do trabalho.

Continuando, o sujeito relata que sua ex-companheira saiu da casa dos pais para morar com ele, e na época em que isto ocorreu, o fato se deu de uma forma meio intempestiva. A princípio, eles faziam um curso juntos, e Adriano nada sabia a respeito dela. Foi então que ambos começaram a se conhecer, até que iniciaram o namoro. A mãe dela não aprovou isto, pois acreditava que ele estava querendo "dar o golpe," isto é, que ele estaria interessado no dinheiro da família. Certo dia, Adriano foi surpreendido em seu trabalho por um telefonema da moça, onde a mesma dizia que se ele não a aceitasse como parceira para "morar junto," ela iria embora para outro estado, visto que sua mãe não estava mais autorizando o namoro (o sujeito ressalta que a única pessoa que lhe "dava força" e acreditava na sua integridade de caráter era o irmão dela). Adriano sugeriu então que a mesma fosse até sua casa para conversarem e chegando lá, ela já estava com todas as suas malas. Pôde-se constatar a partir deste episódio que o sujeito foi de certa forma coagido e pressionado ao concubinato (muito embora ele teoricamente pudesse dizer 'não'), levando-se em conta que a moça instalou-se em sua casa voluntariosa e precipitadamente, sob a ameaça de que a perderia.

Quando a mãe dela fez uma visita ao casal, Adriano demonstrou à mesma através de argumentos que ela estava enganada a seu respeito, isto é, as "vinte e quatro horas por dia" que trabalhava constituiam-se num atestado mais que suficiente sobre sua moral e sua retidão de caráter, de forma que não precisaria "dar o golpe do baú." Talvez

fosse esta exatamente a razão por se esforçar tanto: uma tentativa de fazer crer ao juízo social que era capaz de ser um bom provedor - e de ser homem - o trabalho se constituindo numa via de auto-afirmação de sua identidade masculina. Assim, durante aproximadamente seis anos de vida em comum, o sujeito se gaba pelo fato de nunca ter necessitado do auxílio da mãe dela em qualquer circunstância. Ao contrário, era ela quem freqüentemente lhe solicitava favores. Adriano lembra-se que na ocasião em que se deu a separação a respectiva senhora lhe disse: "Sua vida é livre prá onde você quiser! Simplesmente a gente vai ter que acolhê-la!" (Nas entrelinhas desta frase está implícito que a mesma passou a respeitá-lo). Adriano afirma que hoje sua ex-companheira está bem, mas ressalta que ele próprio saiu só (ou seja, não teve a ajuda de familiares), e não saiu com quaisquer bens materiais adquiridos na situação de concubinato. Tudo o que ele possuía ficou: eletrodomésticos em geral, telefone, e até algumas roupas. Observa-se neste seu aparente desprendimento não só uma forma de deixar para trás a sua dor, estampada na história daqueles objetos, como também uma reiterada tentativa de estar demonstrando ao juízo social a sua integridade de caráter (isto é, que não estava ali para tirar, mas para dar). Assim, mesmo que isto já tivesse sido provado e ele não precisasse mais convencer sua 'sogra,' ficou introjetado e era preciso, pois, continuar demonstrando ao mundo, talvez por uma 'questão de honra,' que não levaria nada dela e nem de sua família, ao contrário, deixaria o que adquiriu com o fruto de seu sacrifício e suor.

Referindo-se à experiência emocional da separação, o sujeito afirma: "Foi um negócio assim meio... meio barra terminar," acrescentando que foi uma das piores situações que já vivenciou. Supostamente, porque isto envolveu perdas, desenlaces, o rompimento de um vínculo, e de tudo o que havia sido fantasiado e construído a partir disso.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 3)

Arquimedes: No caso da minha mulher, ela é filha única. A gente estava morando longe. Então, acho que na cabeça dela deve ter vindo isso quando começamos a ter problemas financeiros: "Puxa! Ele está desempregado! Eu tenho uma filha pequena, e eu estou grávida! O que eu faço agora? Será que se eu voltar prá casa do meu pai, ele vai me aceitar? Será que ele vai arrumar um emprego rápido?" Então começa com uma certa distorção! Mas no meu relacionamento... acho que, desde quando eu me casei, foi tudo maravilhoso! Tudo! Agora, a parte de conflitos que você diz, começou a partir de mim mesmo. Fui eu que desvei de certos caminhos. Eu fiquei usando drogas, assim... passei por isso. Fui eu mesmo que procurei... Como se diria? Eu mesmo que procurei me afundar! Foi a única coisa que... Mais nada! Eu sempre tive emprego bom. Até o tempo em que eu fiquei desempregado, isso não afetou em nada. A gente tinha apoio das duas famílias, mas a partir do momento que eu comecei a usar drogas...

Lucélia: Você não usava drogas antes do casamento?

Arquimedes: Não! Eu comecei a usar drogas, acho que um mês antes do casamento. Experimentei, né. Cocaína! Foi crescendo, crescendo, crescendo... Você vai se perdendo! É que nem uma bola de neve: quando você joga lá de cima, ela é bem pequenininha, quando chega lá embaixo, ela está mil vezes maior que você! (Riso) Se tornou muito grande! A gente batalhou, batalhou... e não conseguiu. Aí chegou a hora da separação! Quando você acorda, é como se fosse um pesadelo. Você deita, vai tendo um pesadelo... tendo um pesadelo... quando você acorda vê que tudo aquilo que você gosta já não está mais à sua volta! Ela se foi também... junto com o seu pesadelo! Isso é o problema mais grave!

Lucélia: Você está dizendo assim, que você perdeu sua mulher por causa das drogas?

Arquimedes: Exatamente! Eu acho que eu poderia passar o resto da vida desempregado, sem dinheiro, que ela ia estar junto comigo, mas sem as drogas! Agora se eu tivesse dinheiro... (podia estar rico!) com drogas, eu acho que eu iria continuar sozinho porque mulher nenhuma quer um marido assim. E eu sempre fui... até meu próprio sogro... todo mundo fala: "Nada atrapalha vocês!" Prá ele eu sou uma pessoa excelente. O único problema foram as drogas! Eu, muitas vezes, chegava tarde em casa. Ficava três, quatro dias sumido, desaparecido. Depois eu voltava prá casa, assim... sabe, as drogas só fizeram mal prá mim e para o meu bolso! Mais ninguém! E tem pessoas que... às vezes o marido chega na casa dele, bate na mulher, bate nos filhos. Eu acho que... sinceramente, é uma safadeza! É uma sem-vergonhice você chegar em casa drogado ou bêbado, e descontar isso em alguém. Eu acho que na realidade você está só se escondendo cada vez mais do seu problema. Então eu sempre chegava em casa assim... drogado, mas chegava normal! Não tocava em nada. Se havia um sermão prá mim, eu escutava. Eu nunca fui uma pessoa agressiva, graças a Deus! Nunca ergui um dedo! Hoje eu nem quero mais usar drogas. Graças a Deus! Foi muita angústia que eu sofri nesses dois anos e meio, três anos. E eu ainda passei por dois tratamentos!

Lucélia: Então a parte difícil do relacionamento veio a partir desse fator externo, que foram as drogas (vamos dizer assim), porque no relacionamento em si você não tem o que apontar, é isto?

Arquimedes: Não tenho o que apontar! A não ser assim, aquela coisa normal: um ciumezinho daqui, um ciumezinho dali (dos dois lados), mas nada que não se resolvesse com um beijo, um abraço!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Arquimedes se refere ao seu relacionamento de uma forma tão idealizada, que as dificuldades interpessoais parecem ter sido minimizadas. Ele afirma que "tudo era

maravilhoso" entre os dois, exceto um ciúme tolo de ambas as partes e dificuldades financeiras, problemas estes facilmente solucionáveis. O ciúme se resolvia com "um beijo, um abraço." Os problemas financeiros ocorridos em decorrência do desemprego, geravam nela inquietação, incerteza e insegurança emocional, mas ambos podiam contar com a ajuda das duas famílias.

Todavia, o evento realmente avassalador para Arquimedes, e que provocou reflexos devastadores em sua vida conjugal desencadeando a separação, parece ter sido o fato dele ter seguido o "caminho das drogas," tendo usado especificamente cocaína por um período de aproximadamente três anos. O sujeito afirma que, por si mesmo "procurou se afundar," isto é, ele se deixou naufragar nas 'águas tormentosas' do inconsciente através da possessão do arquétipo da sombra, entregando-se totalmente às forças destrutivas e aniquiladoras de sua personalidade. Arquimedes se referiu a este período de sua vida como a um "pesadelo" que, tendo chegado ao seu término, constatou que não era um sonho mau, mas uma voragem que levou consigo tudo que possuía de mais precioso em sua realidade cotidiana: seu emprego e seus maiores 'bens afetivos,' sua mulher e filhos.

A partir de sua própria experiência, Arquimedes afirma que o problema das drogas cresce em proporções astronômicas, tal qual uma bola de neve que rola em declive e leva o indivíduo a "perder-se de si mesmo," isto é, a fragmentar sua identidade. Além disso, isto gera um profundo isolamento social, visto que sua esposa (mulher nenhuma), entre outras pessoas, jamais o aceitaria com as drogas, mesmo que tivesse dinheiro.

Enquanto se entregou ao uso das drogas, o sujeito preservou contudo alguns valores essenciais (seu núcleo não havia sido corrompido). Desta forma, depois de desaparecer por três ou quatro dias, não descarregava suas frustrações na esposa como costumam fazer outros homens para tentar dissimular sua falta e inverter a situação através de rompantes de agressividade, mas ouvia quieto o "sermão." Arquimedes parece se orgulhar pelo fato de não ser um homem agressivo. Hoje, mesmo tendo perdido a família, parece se sentir profundamente aliviado e agradece à providência divina por ter conseguido dizer "não" às drogas, após se submeter a dois tratamentos.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 3ª UT: os conflitos do relacionamento

Aldo cita o ciúme exacerbado da parceira, que ele chama de "marcação cerrada," como um tipo de controle que o deixava profundamente irritado, e que contribuiu por "minar a relação," pois quebrou o vínculo de confiança entre o casal. Arquimedes cita também o ciúme, mas com uma tônica bastante diferente, isto é, havia um ciúme bilateral, "mas nada que não pudesse ser resolvido com um abraço ou um beijo," diz ele.

Aldo, Pedro e Adriano referem-se às diferenças individuais e de objetivos que, pela falência dos recursos e dos meios em administrá-las, ao longo da convivência se tornaram cada vez mais evidentes e acentuadas, determinando o término do relacionamento. Assim, Aldo observa que quando o crescimento pessoal ocorre somente de um dos lados, ao invés de fortalecer o vínculo do casal, isto tende a levar à diminuição do seu repertório, pois resta muito pouco a se trocar (por não conseguir acompanhá-lo, um não aceita o crescimento do outro). Neste caso, o desenvolvimento pessoal faz com que ambos se tornem pessoas diferentes, que passam a ter diferentes visões de mundo, e tomam diferentes rumos na vida em busca de objetivos distintos. Pedro cita algo semelhante ao referir-se à "incompatibilidade de interesses," o que resulta em tal distanciamento de projetos e escolhas que torna impossível a reintegração do casal. No caso de Adriano ambos divergiam diametralmente em sua concepção das coisas, e não sabiam administrar suas diferenças. Assim, sua companheira lhe solicitava que retirasse os sapatos antes de entrar em casa, situação que o deixava profundamente irritado, pois, no seu cansaço, esperava ser recebido de forma mais calorosa e afetuosa, e como 'bom machão' entendia que fosse papel dela retirar, ela própria, seus sapatos. Na 'ditadura da intimidade' estabelecida por sua companheira, havia uma censura ao seu programa de lazer predileto, e uma imposição de que fosse se deitar com ela. Desta forma, Adriano vivenciou a típica situação de conflito, onde não queria terminar, mas também não queria continuar. Átila, muito embora não tivesse a experiência prolongada de um casamento

passou pela mesma experiência, isto é, face à diferença de valores, escolhas pessoais, e expectativas de vida ambos foram se separando paulatinamente porque não havia uma identificação que favorecesse o fortalecimento do vínculo.

No caso de Heródoto, desajustes na vida sexual se manifestaram desde o início da relação, e, ao longo de um processo, acabaram por definir a separação. A princípio Heródoto tomou o problema (um descompasso quanto às necessidades e à freqüência de relações sexuais) como um desafio pessoal e se dispôs a enfrentá-lo, de forma que sujeitava-se a períodos prolongados de abstinência sexual, muito embora isto lhe deixasse em um estado de grande "subnutrição" emocional e sexual. A evolução progressiva deste quadro causou danos psíquicos ao sujeito, que passou a somatizar seus conflitos. Houve um momento em que detectou que aquela situação já era "expressão de morte" para si, até que decidiu "partir para uma nova aposta" (isto é, separar-se e buscar um novo relacionamento) obedecendo ao clamor da vida que o incitava a sair da relação que o tornava infeliz, rompendo assim o vínculo com a doença.

No caso de Isac, os limites ainda não muito bem demarcados entre os papéis de homem e mulher, em função das recentes mudanças nos usos e costumes das relações de gênero, se constituem em fonte de conflito e discussão entre o casal. Por considerar que "isto é muito novo," restam dúvidas ao sujeito sobre a quem compete realizar determinadas funções e tarefas do dia-a-dia, evidenciando com isso que as mudanças ainda não estão consolidadas.

Tanto para Rafael quanto para Diógenes a interferência de familiares causou transtornos no relacionamento, embora diferentemente. Rafael afirma que sua esposa tem o "temperamento difícil" e não aceita a interferência de famíliares, que, no seu entender "têm a intenção de atrapalhar" a vida do casal. Todavia, para ele é impossível estar casado sem manter uma relação com as demais pessoas do grupo familiar, sendo que muitas vezes costuma recorrer à sogra em situações onde não sabe como agir para pedir uma opinião e uma ajuda, o que desencadeia conflitos entre o casal. Esta dependência psicológica do sujeito em relação à família de origem, somada à imaturidade na relação desencadeia conflitos no relacionamento.

Já no caso de Diógenes ambos sentiram como perniciosa para a relação, a interferência de familiares. O despreparo do casal para a paternidade/maternidade observando-se sua condição de adolescentes, além da condição financeira desfavorável abriu uma brecha para a interferência das duas famílias, que, somado às dificuldades do casal, tornou ainda mais difícil a situação. Diógenes assegura que levou bastante tempo até que eles se organizassem enquanto uma família.

Para Átila, diferenças de faixa etária (de apenas três anos) foram sentidas como diretamente ligadas à maturidade emocional de cada um, refletindo em diferentes escolhas quanto a grupos de amigos (Átila considerava os amigos dela "meio bobos"), fato que redundou na separação. Assim, o desajuste e o descompasso entre eles observou-se no fato de que enquanto ela queria estar sempre fazendo programa com as próprias amigas, ele desejava que a mesma se entrosasse com o seu grupo de amigos, experiência que não foi bem sucedida. Átila critica as mulheres de uma maneira geral no sentido de que elas "falam demais," e ainda, de forma ininterrupta e cada vez mais alto, comportamento que o faz "explodir." Além disso, no seu ponto de vista elas têm também "preocupações bobas" em referências à maneira de se vestir, fazem "fofoca," e demonstram um certo controle em relação às pessoas com quem o parceiro se relaciona. Este tipo de comportamento o irrita.

Pedro relata que em uma de suas experiências foi difícil para a parceira a convivência com o "pacote" do seu casamento anterior, isto é, os filhos. Isto se torna um problema porque neste caso, o tempo do casal passa a ser dividido com os filhos. O peso da paternidade para o sujeito é tão grande, que Pedro optou por separar-se e "continuar sendo pai," os filhos representando a medida concreta de sua força e de seu poder de criação no mundo: "São tudo o que eu construi," diz ele, admitindo que muitas vezes "é tomado pelo papel de pai." Para Diógenes a paternidade precoce num momento em que ainda não estava pronto para ela parece ter sido o extremo oposto disto, isto é, um fardo e um desafio extremamente difícil, fato que o levou a confessar: "O filho foi assombroso!"

Para Wotan, o que motivou a separação foi o fato de que a troca de afetividade entre o casal não estava mais sendo satisfatória (apesar de que não houvesse brigas), e ele desejava ter outras experiências de relacionamento, não se sentindo à

vontade para fazer isso casado. Do seu ponto de vista, de uma maneira geral os conflitos no relacionamento são ocasionados por confrontos decorrentes de posições opostas de cada uma das partes, e também pela perda de privacidade. Por outro lado, a vida-a-dois parece ser o "setting" favorável para a projeção dos próprios problemas no parceiro, sendo que cada um atribui ao outro os fatos mal sucedidos de sua vida, dificuldades que para o sujeito são perfeitamente administráveis, tendo declarado: "Não faço questão nenhuma de viver sozinho!" Além disso, acrescenta que também pode ocorrer cumplicidade na doença, isto é, ambos permanecerem ligados por um laço neurótico e entrarem em disputa, na tentativa de provar qual dos dois está certo ou errado. Para Wotan, entre muitas outras experiências, o casamento foi uma experiência prolongada, que tomou aproximadamente metade de sua vida. Após a separação sentiu como se tivesse fechado um ciclo de vida (uma "gestalt"), e estivesse entrando em uma nova fase. Pedro cita também o que ele chama de "intemperanças da relação," que na verdade seriam as transferências. Neste caso, ocorre um problema quando há reprodução de padrões antigos de comportamento, e a pessoa não tem consciência disso.

No caso de Arquimedes, o uso de drogas (cocaína) provocou reflexos devastadores em sua vida conjugal, pois "destruiu o seu casamento," ocasionando a separação. Talvez por sua própria fraqueza ele tivesse idealizado tanto o relacionamento, visto que na sua concepção "tudo era maravilhoso!" Arquimedes afirma que "procurou se afundar," isto é, se entregou ao domínio das forças destrutivas e aniquiladoras de sua personalidade. Ele equipara sua incursão no mundo das drogas tal como a um pesadelo, o qual, quando terminou notou que não se tratava de um sonho mau, mas de uma dura realidade, pois ele havia levado consigo seus bens mais preciosos: seu emprego, sua mulher e filhos.

Já Alexandre considera que o seu relacionamento apesar de ter fluido bem inicialmente, acabou "ficando travado," pois ele estava se sentindo cerceado em relação a algumas coisas que gostava de fazer, e houve também a perda de "algumas liberdades." Isto é, havia o risco da perda da autonomia individual, da sujeição ao controle do outro, e o risco da anulação da personalidade. Por isso, após dois anos de elaboração onde ponderou para si mesmo: "Ou existe amor ou existe carma," concluiu que o seu

relacionamento havia se transformado num "carma," que deveria abandonar através da separação. Já sua atual companheira nem sempre aceita suas brincadeiras, o que reflete não só diferenças de temperamento (enquanto um é mais introvertido, o outro é extrovertido), como também de faixa etária, e culturais. Alexandre reitera que os chistes que faz são próprios de um rapaz de 28 anos, evidenciando com isso o peso da diferença de idade entre o casal.

Para Yuri a condição de 'amasiados' tornou-se um problema para o casal na medida em que a situação de coabitação era uma afronta à família dela, uma família tradicional gaúcha, que mantinha vivos os rígidos códigos de valores e opressivos mandatos daquela cultura, onde o relacionamento pode ser confuso e ter suas contradições internas, mas ele deve corresponder a um padrão socialmente aceitável. Como 'desviantes,' isto estava interferindo indiretamente de forma muito negativa no relacionamento, o que resultou na decisão pelo casamento, a fim de corresponder à expectativa e às pressões sociais. Todavia, eles se separaram sete meses depois, pois a paixão da mesma forma abrupta e intensa com que se iniciou, extinguiu-se e não havia afinidades para manter o relacionamento.

Adriano que se estafava no trabalho a fim de provar (principalmente para a mãe dela) que era um bom provedor e capaz de dar a ela o padrão de vida a que estava habituada, assevera que pior do que trabalhar sem descanso foi lidar com os aspectos afetivos do relacionamento. Assim, ele afirma ter se sentido desvalorizado e pouco amado pela parceira, que não enxergou nem reconheceu todo o seu esforço.

Diógenes acrescenta que se a situação financeira do casal não é estável, isto também é fonte de grandes problemas. Assim, eles ficavam sujeitos ao controle das respectivas famílias, pois dependiam financeiramente destas. Neste caso, os conflitos do casal enquanto homem e mulher ficaram obscurecidos e tiveram pouca relevância psicológica, pois foi preciso defender-se do controle autoritário externo que ameaçava aniquilar o desenvolvimento de seu pequeno núcleo familiar. Arquimedes também cita os problemas financeiros decorrentes de uma situação de desemprego de sua parte, gerando insegurança emocional e inquietação na parceira. Todavia, isto pôde ser contornado com

o auxílio das duas famílias, o que para ele não parece ter sido opressivo como no caso de Diógenes.

Por outro lado, Pedro salienta que é desagradável e constragedor para si quando um quer ficar sozinho em atitude de introspecção, e o outro sentindo-se excluído não compreende esta sua necessidade de isolamento temporário, e fica questionando o que está se passando.

Átila ainda explicitou alguns "insights" que nele se operaram através dos conflitos no relacionamento com o sexo oposto. Em sua tendência de querer sempre agradar o outro, ele observou que acabava se esquecendo de seus próprios valores e limites, neste caso a relação com o outro implicando em ameaça de invasão e perda de identidade. Além disso, aprendeu a se valorizar mais frente ao sexo oposto, e a não perder tempo com relações que, já sabia de antemão, não seriam bem sucedidas. Havia ainda necessidades de auto-afirmação e de manter a independência emocional perante o sexo oposto.

No caso de Rafael, problemas de comunicação também concorreram para a deflagração de conflitos na vida-a-dois, pois ao mesmo tempo que sua esposa se queixava que ele tomava decisões sem conversar com ela, todavia, ao tentar colocar o seu ponto de vista não sentia acolhida ou compreensão. "Ela é difícil de conviver!" reitera ele. Além disso, o sujeito se queixa que tal como uma criança, sua esposa manifesta necessidades imperiosas de sair para passear, e desconsidera outras demandas. Quando ela quer, tem que ser naquele exato momento, da forma como ela quer, ressalta.

Diógenes assevera que a própria experiência da coabitação conduz à "quebra do encanto," pois são "duas pessoas pensando," duas pessoas vivendo juntas e supostamente tendo que administrar e conviver com as suas diferenças. Para Pedro, a questão da paciência na relação, e que advém da convivência, é outro ponto nodal. "É um saco ter que agüentar o mau humor do outro," diz ele, salientando que o faz porque o outro também agüenta o seu. É uma questão, pois, de se dispor a colaborar para tornar possível a convivência.

Tanto Adriano como Alexandre referem-se à experiência da separação e ao rompimento de uma relação amorosa como tendo sido muito dolorosos. Assim,

Adriano qualifica como tendo sido "barra," e uma das piores experiências que já viveu. Alexandre, por sua vez, ressalta que apesar do sofrimento advindo de todas as perdas ocorridas em função da separação, não "escorreu uma lágrima de sentimento" (fato que não acontece desde os treze anos), acrescentando categoricamente: "Eu não tenho sentimento!"

Em suma, os sujeitos do sexo masculino, apesar de terem citado aspectos bastante diversos no que tange aos conflitos no relacionamento com a figura feminina, apresentaram uma certa regularidade no sentido de que estes conflitos acabaram levando à separação (casos de Aldo, Heródoto, Adriano, Wotan, Pedro, Átila, Alexandre), situação que é menos freqüente entre as mulheres que apesar das constantes escaramuças, se mantêm mais no relacionamento (casos de Verônica, Ester, Vitória, Laura), o que a princípio não significa que estas administrem melhor suas dificuldades.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

4ª UT: As diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher

⇒ Caso nº 01: Aldo

O discurso do sujeito

Aldo: Prá mim particularmente, o que diferencia é só uma questão sexual. Eu acho que tanto o homem, quanto a mulher hoje em dia, podem desenvolver as mesmas atividades a nível profissional. Então, hoje a mulher pode ser independente. Eu não vejo mais a mulher como uma dependente exclusiva do homem, que vai dar a ela afetividade, vai dar a ela o sustento financeiro. Eu acho que algumas coisas passam a ser compartilhadas, e vejo a mulher hoje em dia como alguém que discute e decide o seu próprio futuro. Isso faz com que o conceito de homem tenha que ser revalorizado, revisto. E o homem também passa a ter que se completar em outras coisas. Ele precisa compreender o mundo feminino prá ele também ser escolhido por essa mulher. Não é mais ele, o único que escolhe.

Lucélia: Quando você diz que o homem precisa compreender o mundo feminino, você quer dizer que ele precisa desenvolver em si mesmo características femininas?

Aldo: Não necessariamente! Ele precisa conhecer, saber. Quer dizer, o critério de julgamento dele começa a mudar. Agora, eu acho que existem diferenças psicológicas. Pelo menos prá mim... o homem, ele escolhe. Se eu tiver que escolher uma mulher, ela vai ter que ser alguém que compartilhe comigo, mas não alguém que me domine. Eu acho que ela não tem que ter mais as características de cuidar de mim especificamente do

básico. Lavar, cozinhar prá mim. Ela tem que ser alguém com quem eu possa ter uma identidade... de construção de ideais. Ou construção de planos! Não é alguém que aceita o meu plano. Eu sei que isso é uma visão muito machista que me foi passada. E muito compartimentalizada. Então o valor que a mulher passa a ter é muito maior. Ela passa a ser muito parecida em alguns aspectos, com aquele homem que me foi ensinado anteriormente. Ela se equipara. Hum... Então, por exemplo, a mulher na minha época, quando eu era moleque, ela não podia fumar. Era feio uma mulher fumar. Era detestável para o conceito familiar! E aí você tem que encarar (isso, pegando um exemplo bobo) com naturalidade uma mulher que fuma. Que era uma coisa muito masculina, né? Eu acho que a mulher, ela pode fazer tudo isso... ser competitiva sem perder os atrativos femininos que fazem com que o homem tenha por ela um apetite sexual, vamos dizer assim. Eu acho que apesar de toda essa evolução do papel da mulher, o homem corre atrás hoje, para poder ser aceito por ela, e para não ficar inferiorizado em termos de disputa social. Agora, em termos de característica de sexualidade, eu acho que existe uma definição muito firme em que a mulher é feminina e o homem é masculino, em termos de estereótipo.

Lucélia: E essa diferença persiste?

Aldo: Prá mim persiste! Ser uma mulher é ser perfumada, uma mulher, ela tem gestos mais femininos. Ela não perde essa característica. A mulher usa saia e o homem usa calça. Então, uma mulher pode usar de atrativos de sedução específicos a ela, e o homem, de atrativos de sedução específicos a ele. Ele seduz com a masculinidade e espera da mulher a feminilidade! Eu não me interessaria por uma mulher que se parecesse ou que se comportasse sexualmente, de uma forma diferente de uma mulher feminina!

Unidade transformada em linguagem psicológica

A princípio o sujeito afirma que é somente uma questão sexual, isto é, biológica, que diferencia os papéis de homem e mulher, pois tanto o homem quanto a mulher podem desenvolver as mesmas atividades a nível profissional. Atualmente a mulher pode ser independente, e não está mais à mercê do sexo oposto. Ela já não é mais dependente exclusiva do homem, e não permanece esperando passivamente que este lhe dê afetividade e o sustento financeiro. Algumas coisas passam a ser compartilhadas, e a mulher mostra-se capaz de discutir e decidir o seu próprio futuro. Isto faz com que o conceito de masculinidade tenha que ser revisto; novas demandas se impõem, de forma que o homem se dá conta da sua incompletude e busca se completar em outros aspectos pela parceira. "Ele precisa compreender o mundo feminino prá ele também ser escolhido por essa mulher," precisa conhecer, saber como funciona esse mundo, afirma com sagacidade o sujeito. Não é mais ele o único que escolhe. Seu critério de julgamento começa a mudar.

Aldo reconsidera dizendo que também existem diferenças de ordem psicológica, relativas ao mundo interno de cada um. Colocando-se hipoteticamente na situação de escolha de uma companheira, explicita que deverá ser alguém que

compartilhe com ele papéis e funções, mas não alguém que o domine. A mulher já não precisa mais lhe dispensar os cuidados básicos tradicionais: lavar, passar e cozinhar para ele. Mas necessariamente precisa ser alguém com quem mantenha pontos de identificação, que viabilizem a construção de ideais e a elaboração de planos em conjunto, e não que se sujeite e aceite irrestritamente o seu projeto de vida, atitude que corresponderia à visão machista que lhe foi transmitida. Com isto, a mulher passa a ter vulto expressivo para Aldo, pois seu valor torna-se muito maior.

Entre as novas demandas anteriormente citadas, o sujeito menciona que, por exemplo, "passa a ter que" encarar com naturalidade uma mulher fumante, comportamento que para a geração de seus pais era tido como muito masculino. O ato de uma mulher fumar era não só considerado "feio," como também "detestável" para o conceito familiar.

Para Aldo a mulher pode ser competitiva sem perder os atrativos femininos que a tornam desejável, e fazem com que o homem tenha por ela um "apetite sexual." Com toda essa evolução da condição da mulher na sociedade e no próprio lar, o homem "corre atrás" para ser aceito por ela (ele tenta se adequar ao novo "script"), e não se sentir inferiorizado na disputa social.

Em se tratando de estereótipos sexuais, o sujeito tem para si uma definição que é "muito firme" no sentido de que "a mulher é feminina e o homem é masculino." Aldo reitera que para ele essa diferença persiste e se mantém. Uma mulher é perfumada, e "tem gestos mais femininos." Ela não perde tais características. A mulher usa saia e o homem usa calça; ou seja, são atributos culturais, cujo valor e significados específicos como marca de feminilidade e masculinidade não devem ser perdidos, indo além da questão pura e simples do estereótipo. Desta forma cada um dos sexos pode usar de seus respectivos atrativos de sedução. "O homem seduz com a masculinidade e espera da mulher a feminilidade." Estes atributos são inalienáveis e inerentes a cada um dos sexos. Aldo afirma que não se interessaria por uma mulher que se comportasse sexualmente de uma forma diferente daquela de uma mulher feminina.

Apesar de se referirem a estereótipos, portanto um reflexo de conceitos e valores de uma cultura, os atributos de masculinidade e feminilidade para o sujeito

parecem ter se tornado essenciais, vindo a constituir a própria natureza do homem e da mulher, distinguindo-os um do outro tanto na esfera intra-psíquica quanto no próprio meio sócio-cultural. Ou seja, não é possível recriar-se os papéis sexuais sem deixar de se remeter a um contexto cultural maior, que forneça os parâmetros e o referencial de adequação para cada um dos sexos.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 02: Heródoto

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 4)

Heródoto: Olha! Eu acho o seguinte... que, no fundo, nós fomos formados dentro de uma tradição filosófica que marca muito o ocidente. E ela buscava definir a essência do ser humano, a essência da mulher. Isso depois, vai redundar nos papéis. Os papéis são decorrência de uma essência previamente definida de cada um. E que, quer dizer, o papel seria o desdobramento disso.

Lucélia: Sim! Mas pensa do ponto de vista prático! Como seria isso?

Heródoto: Sim! Veja você! Por exemplo, os papéis que cada um tem no dia-a-dia são estabelecidos muitas vezes decorrentes de certas concepções mais gerais do mundo, que definem a essência do mundo. E a partir disso, define a essência dos seres humanos. E a partir daí, estabelece papéis. Então, o que acontece? Sempre há aí uma definição rígida, absoluta, do que seja homem e do que seja mulher. Quer dizer, eu acho que essa concepção, essas coisas estão sendo profundamente questionadas! Eu acho que não existe uma essência! Eu não acredito! Eu acho que a existência é uma existência aberta. O que é homem e mulher aqui poderá não ser em outro lugar! Aquilo que se entende por homem, aquilo que se vive... tem a ver muito com os valores, com a cultura, com aquilo que foi se estabelecendo em cada momento. É claro que há uma distinção entre homem e mulher. Eu posso falar que há uma diferença em decorrência do nosso processo cultural!

Lucélia: Então, me fale disso!

Heródoto: Eu não tenho dúvida de que a mulher, hoje ela é muito mais sensível do que o homem. O homem é muito cabeça! É muito armação! É muito razão! Quer dizer, se antes, na sociedade medieval havia uma economia de subsistência, onde o homem e a mulher estavam ali no mesmo ritmo trabalhando, com a economia burguesa o homem vai para o espaço público, o espaço da competição, onde você não pode deixar expressar afeto. E a mulher fica no lar! Quer dizer, então, essas mudanças mais amplas na sociedade, elas vão definindo padrões de comportamento e de relacionamento. Mas veja! Nós podemos dizer que a essência... Não existe uma essência! O que existe é o resultado de um processo cultural e social! Mas podemos ser diferentes? Podemos! Quer dizer, eu acho que hoje, um desafio que se coloca prá mim, por exemplo, é trabalhar esse lado da sensibilidade. Caminhar mais nisso, porque eu acredito que isso é fundamental do ponto de vista do viver da vida! Eu acho que a vida passa pelo afeto, pelo que a gente sente, não tanto pelo que a gente pensa! E nesse sentido, eu acho que a gente tem muito o que aprender e viver com as crianças e com as mulheres. Então não há uma essência pré-estabelecida do homem e da mulher, porque o que existe é um homem e uma mulher em construção. E na medida em que eles estão juntos percebendo os seus limites e as suas possibilidades, eles vão se construindo. Nesse sentido, eu acho que a

dominação da mulher é muito mais antiga do que a dominação do homem pelo homem, e que essa situação tem que ser superada. Quer dizer, tudo isso, hoje nós estamos na crista de uma crise, de mudança de valor, de mudança de percepção de si mesmo! Eu acho que de repente, a mulher toma consciência disso, e alguns homens (ênfase) começam também a perceber isso daí, né? E é muito pouco! Eu acho que nesse sentido, a mulher vive muito mais essas contradições dessa sociedade. Eu acho que é muito difícil ser mulher numa ordem masculina. Os valores que estão aí, são os valores criados pelo homem, e que estão enraizados! Quer dizer, isso não se muda assim, a toque de caixa. Isso tem raízes subjetivas, que vai muito tempo prá pequenas alterações, sabe? As idéias mudam rápido, mas essa coisa que está entranhada nas nossas raízes, não muda assim! A mulher, aos poucos, ela começa a buscar outras possibilidades prá sua experiência. Então veja! A diferença, ela se dá muito a partir do que está aí, do cultural! Quer dizer, porque não temos como escapar à linguagem desses valores. E acho que é importante que, na medida que tanto o homem como a mulher compreendem essa situação... e não só compreendem porque só isto não é suficiente, quer dizer, é preciso sonhar! É preciso desejar outras possibilidades! Conhecer é insuficiente! Eu acho que é o que já está ocorrendo, só que são coisas esparsas.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Inicialmente, o sujeito ao invés de falar de sua experiência prática e suas observações pessoais sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, tende a elaborar uma teoria (com alusões à história) a respeito do assunto. Assim, Heródoto explica que a sua geração sofreu as influências de uma tradição filosófica, que marca muito o ocidente, a qual procurou definir a essência do ser humano, e em última instância, a essência da mulher. Isso depois vai redundar nos papéis, os quais decorrem desta essência previamente definida de cada um, o que seria em última instância, o desdobramento disso.

Apesar de observar no mundo à sua volta uma definição rígida e absoluta do que seja homem e do que seja mulher, o sujeito não crê na existência de uma essência relativa ao que seja homem ou mulher, e justifica dizendo que a existência é "aberta," isto é, o que é homem e mulher aqui poderá não ser em outro lugar (ele parece estar se referindo à relatividade dos conceitos de gênero). Assim, o que se entende por homem ou mulher está muito relacionado aos valores, à cultura, e com aquilo que foi sendo estabelecido como tal em cada momento histórico. Desta forma, Heródoto conclui que a a diferença que comumente se atribui a cada um dos sexos é devida ao processo cultural (ou seja, reporta-se à especificidade da cultura em questão).

Tomando por base os padrões da cultura em que vive, o sujeito afirma não ter dúvidas de que a mulher é muito mais sensível do que o homem. "O homem é muito cabeça! É muito armação! É muito razão!" diz ele. Heródoto extrapola comparando a

organização e a estruturação dos papéis de homem e mulher nas economias da sociedade medieval, com as da burguesia que se lhe sucedeu. Na sociedade medieval havia uma economia de subsistência, onde o homem e a mulher trabalhavam lado a lado no mesmo ritmo. Na economia burguesa, o homem ganha o espaço público, e se depara com a competição profissional, não lhe sendo permitido expressões de afetividade. Em contrapartida, a mulher permanece no lar. O sujeito observa que essas mudanças mais amplas na sociedade vão definindo padrões de comportamento e de relacionamento. Todavia, pode-se dizer que "não existe uma essência," reitera Heródoto, acrescentando que o que existe é o resultado de um processo cultural e social.

Entretanto, apesar destes determinismos sócio-culturais é possível exercer o papel de homem e mulher de forma diferente. O sujeito revela que um desafio para si hoje é "lapidar" a sua sensibilidade, desenvolver mais este aspecto de sua personalidade. Do ponto de vista do "viver a vida," Heródoto considera isso fundamental, pois para ele "a vida passa pelo afeto," pelo que cada um sente, e não tanto pelo que se pensa, explicita. Assim, para ele o homem tem muito a aprender com as crianças e com as mulheres (teoricamente mais sensíveis).

Então, "não há uma essência pré-estabelecida do homem e da mulher porque o que existe é um homem e uma mulher em construção" (ou seja, uma identidade masculina e feminina em constante processo), reitera o sujeito. E, na medida em que estes vão juntos percebendo os seus limites e as suas possibilidades, vão também juntos se construindo. Heródoto afirma que a dominação da mulher é muito mais antiga que a dominação do homem pelo homem, situação esta que deve ser superada, e que propicia também ao homem possibilidades de questionamento. O sujeito ressalta que "hoje estamos na crista de uma crise, de mudança de valores e de percepção de si mesmo." A mulher está tomando consciência disso, e alguns poucos homens estão começando também a perceber o caráter inexorável destas mudanças, todavia, ainda é pouco expressivo, diz ele. Nesse sentido, a mulher sente muito mais em si as contradições da sociedade, pois parece muito difícil ser mulher numa ordem social masculina. O sujeito observa que a nossa sociedade ainda é aquela feita pelos homens, cujos valores que aí estão são aqueles criados pelos homens. Tais valores têm "raízes subjetivas," o que

demanda um longo tempo para sofrer pequenas alterações. Essa ordem masculina na qual vivemos constitui a nossa herança cultural, e a mulher que se move nesse mundo aos poucos começa a buscar outras possibilidades para sua experiência.

Só se pode falar então de diferenças entre os atributos do homem e da mulher se se considera as especificidades da cultura a que se reportam, porque não é possível escapar à linguagem dos valores veiculados, reitera o sujeito. Tanto o homem quanto a mulher precisam compreender essa realidade, e se arriscar a transformar o mundo à sua volta. "É preciso sonhar! É preciso desejar outras possibilidades! Conhecer é insuficiente!", afirma Heródoto salientando que isto já vem ocorrendo, mas em pequena escala.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 03: Isac

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 4)

Isac: Bom! A primeira coisa que me vem à cabeça é a questão da sexualidade. A opção! Mas é muito delicado isso! Ah... acho extremamente delicado! (Pausa) Acho que essa coisa mudou muito. Antes eu faço aquela imagem antiga do homem caçador. Aquele que tinha que sair prá garantir sua subsistência. O homem trabalhando fora! Essa imagem do caçador, eu acho que ela está aí. Mas isso mudou muito, entendeu? (Riso) A idéia de que ele tinha que prover a família dele sozinho, tinha que cuidar da prole. Agora, isso eu acho que não tem nada a ver. Pelo menos eu desconheço isso. Inclusive na minha família, acho que quem sempre proveu a subsistência lá em casa foi a minha mãe! Nesse campo da subsistência, acho que essa coisa não diz muito. Tenho a impressão que esse papel está diluído entre os dois!

Lucélia: Se isso caiu por terra, possivelmente alguma outra coisa tomou o lugar disso. Partindo da sua experiência, o que define o papel do homem hoje?

Isac: É aí... (riso) Eu acho que o que substitui isso é essa divisão de tarefas. Porque eu diria que elas são iguais, inclusive. Eu não me vejo fazendo coisas diferentes da minha mulher. Acho que a gente faz exatamente as mesmas coisas! (Riso) Nós fazemos a nossa comida, nós lavamos a nossa roupa, nós limpamos a nossa casa! Agora tem empregada, mas quando não tem, é tudo feito dessa forma. Porque a gente faz tudo, ora um, ora outro. Levar criança na escola, pegar criança na escola, acompanhar as crianças fazendo tarefa. Eu não vejo uma... (riso) uma divisão aí.

Lucélia: Pensando em termos das características de personalidade, do jeito de ser do homem e da mulher, você vê alguma diferença?

Isac: Olha! Eu acho que nesse nível, eu não vejo muito. Lógico, excetuando as diferenças biológicas aí, que faz com que a mulher possa fazer determinadas coisas e o homem possa fazer outras... excetuando estas diferenças, acho que o mundo moderno passa como um trator em cima dessas coisas. Eu tenho impressão!

Toda essa mecanização da vida doméstica, ela cria um processo de facilitação que de repente... não é? Os dois estão fazendo a mesma coisa porque o mundo criou facilidade prá isso. Quando a mulher saiu prá trabalhar, não foi de uma hora prá outra porque a estrutura da sociedade foi mudando, economicamente ela foi sendo solicitada prá isso, uma renda só não sustenta mais o grupo! Não é? Depois isso vira rito!

Lucélia: Esta automatização do mundo moderno, todas essas facilidades contribuíram para que as diferenças entre o homem e a mulher também se diluíssem? Estou falando do lado psicológico, interno, mais intimista. Há coisas que você pode ainda dizer: 'Isto é do homem! Isto é da mulher!?'

Isac: Isso aí está uma confusão também! (Riso). Porque eu me vejo... além do casamento com uma mulher, eu tive muita experiência profissional, trabalhando com mulher. Aliás, a minha chefe é mulher! Eu convivi muito com elas, muito mais do que com homens. Isso eu estou observando agora (riso). E vendo essas mulheres no dia-a-dia trabalhando comigo, são comportamentos não muito diferentes do dos homens. Ah... o mesmo tipo de relação de poder que eu observei nos homens... acho que a mesma sedução pelo poder! Igualzinho! Já tive tapete puxado por mulheres no emprego, assim. De repente parece que são comportamentos diferentes, mas eu tenho a impressão que essa coisa iguala. A mulher vai assumindo papéis, e eu tenho a impressão de que ela assume do mesmo jeito que o homem. Com os mesmos vícios...

Lucélia: Isso, você está falando no mundo, no tabalho. E em casa? Na relação com o marido, com os filhos?

Isac: É! Aí eu já noto... pode ter alguma diferença. No trato com as crianças tem diferenças... pelo menos é assim comigo. Minha mulher tem bem melhores cuidados! Eu não sei dizer como é que é isso, mas ela trata mais carinhosamente! Eu tenho impressão que eu sou aquele que proíbe (riso), que é o último que bota limite mesmo. Uma espécie de autoridade, entre aspas! Bom! Aí eu vejo assim, uma diferença no papel, mas é dentro de casa, no trato com a prole!

Lucélia: E quanto aos dois? Você falou que vocês dividem as tarefas eqüitativamente, mas assim, um com o outro, no relacionamento pessoal, afetivo, existem diferenças?

Isac: Eu acho que sim! Ela é mais afetuosa do que eu! Tem diferença. Ah... não é nem... nem problemas porque pode ser um caso muito específico, mas existe uma espécie de... de briga por território! Eu acho que essa briga por território pode ser consequência de tudo. Dessa coisa mesmo... de você não saber... digamos assim, você tinha um papel, até então o mundo caminhava assim, porque você caminha de outro jeito? Reformulou os papéis e você de repente, não sabe se esse é o seu papel, ou se não é o seu papel! Eu acho que isso é dos dois lados. E aí, acho que acontece uma briga de territórios mesmo! (Riso) Literalmente! Aí, você tem demarcações... até que os territórios se demarquem! (Riso) Eu sinto que boa parte do relacionamento tem sido você estar demarcando territórios. Eu acho que é biológico isso, instintivo!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Em sua visão sobre os atributos do homem e da mulher, o sujeito manifesta uma visão bastante homogeneizadora e igualitária dos sexos. Demonstrando possuir já uma reflexão amadurecida em torno do tema, ele examina a questão sob diversos ângulos e contextos: na esfera profissional, no lar, no trato com a prole, no vínculo entre o próprio casal.

Referindo-se ao que é ser homem, o sujeito considera como um marco fundamental o momento da opção pelo papel sexual, reiterando que isto é "extremamente delicado." Ele afirma que os conceitos de masculinidade têm sofrido modificações ao

longo do tempo. A primeira imagem ainda é a do "homem caçador," ou seja, aquele que tem que sair para o mundo a fim de garantir a sua subsistência. Apesar deste papel ser ainda muito atual, a idéia do provedor solitário a cuidar de sua prole está sendo revista e questionada. Isac cita sua própria família como exemplo, onde quem sempre proveu a subsistência da prole foi a sua mãe. Ele acrescenta que atualmente a tendência é que o papel de provedor esteja sendo diluído entre os dois.

O sujeito afirma que o que está substituindo o antigo modelo é a divisão de tarefas, as quais para ele são iguais (eqüitativamente distribuídas entre os sexos), de forma que ele não se vê fazendo coisas diferentes de sua mulher. Isac arrola uma série de atividades no lar (cozinhar, lavar roupa, limpar a casa) e junto às crianças (levá-las à escola e trazê-las de volta, monitorá-las junto às lições) que ambos executam alternadamente. Ora um, ora outro.

Referindo-se aos papéis do homem e da mulher, Isac afirma que excetuando-se as diferenças biológicas, ele não observa maiores diferenças entre os sexos, afirmando que "o mundo moderno passa como um trator em cima dessas coisas." Toda essa mecanização da vida doméstica, diz ele, criou um "processo de facilitação," que levou a que ambos pudessem executar as mesmas coisas. Quando a mulher saiu para o trabalho, a estrutura da própria sociedade também sofreu alterações, de forma que uma só renda já não era mais suficiente para manter o grupo familiar. Isac conclui que "depois isso vira rito," consolidando desta forma o processo.

Quanto ao lado psicológico, interno, mais intimista de cada um, o sujeito confessa que isso para ele se torna confuso, pois apesar de conviver maritalmente com uma mulher há vários anos, e de ter se relacionado com muitas delas ao longo de sua vida profissional (conviveu com elas mais do que com os próprios homens), observando-as cotidianamente no exercício da profissão, pôde notar que seu comportamento não difere muito daquele tido como masculino. As mulheres desenvolvem o mesmo tipo de relação de poder, e se deixam igualmente seduzir pelo poder, observa o sujeito, ressaltando que na vida profissional já teve "tapete puxado" por uma delas. Isac conclui que, apesar de a princípio se esperar comportamentos diferentes, na prática, contudo, "a coisa se iguala,"

pois em sua escalada na sociedade a mulher vai assumindo papéis, e o faz da mesma forma que o homem.

Já no lar, no trato com a prole, o sujeito admite, contudo, haverem diferenças. Enquanto sua mulher é mais carinhosa e dispensa maiores cuidados e atenção às crianças, Isac, em contrapartida, desempenha o papel de censor, o "último que bota limite mesmo," isto é, a autoridade máxima.

No vínculo do casal, Isac também nota diferença: a mulher é mais afetuosa que o homem. Neste contexto existe uma outra questão ainda mais específica que ele nomeia como "briga de território," situação que entende ser uma espécie de consequência da transformação dos papéis ainda em curso: "Você tinha um papel, até então o mundo caminhava assim, de repente passou a caminhar de outro jeito" (mudou a direção das coisas). Os papéis foram questionados, revistos, sofreram reformulações e o sujeito acabou se perdendo, pois ficou sem resposta para suas dúvidas sobre qual seria de fato o seu respectivo papel.

Isac acredita que este movimento de disputa por territórios até sua ulterior demarcação seja bilateral, e ocorra no sentido mais literal possível. Ele observa que este tem sido o sentido e a finalidade de boa parte dos relacionamentos, comportamento que para si possui uma base biológica e instintiva.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 04: Pedro

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 4)

Pedro: Acho que existem algumas condições que são básicas, são intrínsecas ao homem e à mulher. Eu acho que funciona assim: existe uma coisa que é biológica, então não tem a ver com cérebro, tem a ver com corpo! Você pode até ser homem, mas se a sua estrutura física não é tão forte, é óbvio que você não vai realizar algumas habilidades. Tirando as questões biológicas, que são questões corporais... eu não vou amamentar, né? Isso me diferencia de uma mulher obviamente! Eu não vou gerar dentro de mim, vou gerar no conjunto! Eu posso ficar grávido junto com a pessoa, mas não sou eu que estou grávido de fato! Essas coisas são biológicas. Então isso é mais diferenciado. Eu não vejo diferença por exemplo nesses papéis que se auto-definiram assim: "A mulher é mais sensível! O homem é mais duro!" Porque eu tenho uma sensibilidade muito aflorada! Então, eu penso: "Bom! Se eu tenho, deve ter dúzias e dúzias de homens que

devem ter por aí!" Eu não acho que eu seja uma aberração, por ter uma sensibilidade assim. Acho apenas que eu a cultivei! Por algum motivo, não sei de onde vem, mas está aí. Então, se eu tenho, e tenho uma percepção, penso que isso não é uma característica fundamental que nos diferencia. Acho que isso fica muito parecido e nos aproxima! É mais fácil até prá eu lidar com a mulher em função disso. Porque é claro! Se eu consigo perceber uma característica em você, que eu também já desenvolvo, eu sei do que você fala! Eu posso falar algo parecido! Então...

Lucélia: Hum hum... isso facilita a aproximação? Facilita o contato? O relacionamento?

Pedro: Com certeza! Às vezes, pode atrapalhar no relacionamento com outro homem. Sabe aquela coisa de... você está num grupo de amigos e... às vezes, o cuidado que se tem é em função até do social. Não que eu ligue muito prá isso, porque eu acho que depois de algum tempo, a questão da sexualidade já fica firmada. Então, eu acho que assim... olhar prá uma mulher hoje, eu não consigo perceber, muita diferença nessa relação de gênero! As minhas relações são assim! Porque eu trabalho com mulher e trabalho com homem no meu grupo. E nessas relações... tenho dois filhos que são homens, tenho uma namorada, tem uma namorada de não sei quem que está no convívio. E olhar prá isso daí, acho que é assim... eu não tenho problema de pegar a minha roupa e botar lá prá lavar e passar a minha roupa. Eu não tenho esse problema hoje! Já teve lá atrás, quando era muito estruturado! Então, acho assim, tem uma coisa prá fazer entre o homem e a mulher. Quem faz? Quem tem disponibilidade? Quem tem facilidade? Quem pode neste momento? É muito mais assim! Eu nunca tive muito essa coisa assim: "Deixa que eu faço porque você é inferior!" Mesmo que não se declare e se pense, eu não penso assim! Eu nunca pensei assim! Mas é óbvio que há competição... eu tinha uma namorada que era uma mesma linha de trabalho. Havia uma competição. E sempre reconheci a enorme capacidade dela. Sua força! Sua iniciativa! Sua inteligência! "Bom, mas isso eu também tenho!" Só que em alguns momentos, cabia prá ela fazer e não prá mim. E em alguns momentos, ela falava: "Vai você porque disso eu não dou conta!" É uma acordo de momento! Em termos de atividade, né? E em termos de sentimento, de emoções... também acho que prá mim já misturou tanto! Eu não conseguiria descrever um quadro de homem e outro de mulher nesse aspecto! Não mesmo!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Referindo-se às diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher, o sujeito afirma que existe uma questão que é biológica, e não se relaciona com o cérebro, mas com o corpo, o que é um fato inconteste. Assim, a estrutura física pode privilegiar algumas mulheres e desfavorecer alguns homens, de forma que quem tem uma estrutura física mais frágil, é óbvio que não irá desenvolver determinadas habilidades. Excetuando as questões biológicas, que se manifestam via corpo e impedem o homem de amamentar e gestar outro ser dentro de si (ele somente pode engravidar psicologicamente), excetuando estas diferenças, o sujeito não reconhece aquelas diferenças psicológicas comumente atribuídas pelo social para diferenciar os sexos: "A mulher é mais sensível! O homem é mais duro!"

Pedro faz esta afirmação pelo fato de reconhecer em si mesmo uma "sensibilidade muito aflorada," e, entendendo que isto não se trata de uma aberração, supõe que, tal como ele, haja outros homens com esta mesma característica. Portanto, a

sensibilidade não é tida pelo sujeito como uma característica fundamental que diferencie os sexos. Ao contrário, torna-se mais fácil lidar com a mulher em função disso, podendo funcionar como um elemento de aproximação, pois ele é capaz de saber do que ela está falando, ele reconhece e identifica a sua linguagem, porque também desenvolve e cultiva esta mesma característica em si mesmo.

Todavia, junto ao grupo masculino isto pode causar dificuldades e constrangimentos, podendo ser confundido como uma característica de homossexualidade, principalmente quando se leva em conta o juízo social. Entretanto, o sujeito afirma que no momento não está muito preocupado com isso, pois a sua identidade sexual já está firmada.

Considerando as suas relações de uma maneira geral, e inclusive aquelas com as mulheres, Pedro observa uma indiferenciação quanto ao exercício dos papéis sexuais. Assim, ele ressalta que hoje não tem nenhum problema em lavar e passar sua própria roupa (já teve no passado). Se há alguma coisa a ser feita e se a dúvida é se isto cabe ao homem ou à mulher, o critério utilizado seria quem tem maior disponibilidade, facilidade, ou quem tem possibilidade naquele momento. Pedro afirma que vivenciou isso num relacionamento anterior, quando havia também competição pelo fato de ambos possuírem a mesma linha de trabalho. Independente das funções a serem desempenhadas, ele reitera que nunca a considerou inferior. Não havia: "Deixa que eu faço porque você é inferior!" O cumprimento das tarefas alternava-se entre eles com base nos critérios anteriormente expostos, consistindo essencialmente em "um acordo de momento," diz ele. Em termos afetivo-emocionais tudo está muito mesclado do seu ponto de vista, isto é, mulheres assumem características ditas masculinas, e vice-versa. Não haveria para ele um "quadro de homem e um outro de mulher," isto é, atributos que perfilados definiriam aprioristicamente o papel do homem e o papel da mulher.



⇒ Caso nº 09: Alexandre

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 4)

Alexandre: Ah! A sociedade diz que a mulher é o sexo frágil, não é isso? Mas eu acho que entre o homem e a mulher, não diferencia em nada. Eu acho que o que diferencia... é que são duas pessoas assim... que elas se gostam, elas se relacionam... Eu acho que a mulher com mulher é melhor ainda! Porque a mulher quando encontra uma mulher, eu acho tão legal! Elas chegam, beijam no rosto, elas dão dois, três beijinhos, se abraçam, pergunta que perfume está usando, qual é o sutiã da outra... o homem nunca...

Lucélia: As mulheres têm mais intimidade entre si?

Alexandre: É! O homem não mostra a cueca para o outro! (Riso) O homem não dá três beijinhos! É, vai mostrar o sutiã. "Ai! Comprei, comprei essa calcinha! Vamos lá ver!" Não tem isso entre mulher? "Eu estou com uma dor nas costas! Faz uma massagem prá mim?!" Homem não tem isso. Porque o homem é mais animal, ele é criado assim. A criança, quando ela está no pré-primário, o menino, ele tem que aprender a brigar. Ele não pode levar desaforo prá casa. Ele tem que bater! A menina não. A menina tem que ser delicadinha, tem que ter tudo cor-de-rosa, tudo isso. Então, a menina é tratada mais... mais... delicadamente. Eu acho que tudo já começa do próprio berço! Porque, não é o homem que é o mais forte, a mulher, o mais fraco. Eu acho, na minha opinião, que a sociedade faz o homem mais forte e a sociedade faz a mulher mais fraca! A própria mulher, quando você chega e fala prá ela: "Pega aquele botijão prá mim!" Ela diz: "Ah, não! Você é homem! Você pega prá mim!" Ela mesma fala isso, por mais feminista que ela seja. A mulher, eu acho que ela é mais forte que o homem. Porque ela consegue ter um filho, ela agüenta mais dor que um homem! Tanto é que no Karatê, a mulher agüenta mais pancada que um homem. O homem tem muito ponto vulnerável que a mulher não tem. O único ponto vulnerável que a mulher tem é o seio. Mas passou, protegeu bem isso... o homem tem muito mais! O homem tem a virilha, tem tudo, né, vulnerável! Perna, estômago! A mulher tem estômago mais forte. O homem já não conseguiria, acho que, ter um filho! (Riso)

Lucélia: Ela é mais preparada, inclusive, biologicamente, você está dizendo isso?

Alexandre: Biologicamente! Eu acho que ela é mais forte até prá agüentar. Porque uma mãe agüenta um filho drogado, um filho revoltado, rebelde! Ele é filho dela, ela viu nascer! Ela carregou ele. O pai já não agüenta! O pai expulsa, que é mais fácil! Tanto é que existe sempre 'o filho da mãe!' ' O filho do pai' não existe. Porque a mãe, eu tenho certeza que os filhos são dela, mas o pai, eu não tenho certeza se eu sou filho dele. Porque, a única prova que tem, é quando você sai da barriga, você é dela. Você é dela! Tanto é que a criança, ela fica mais com a mãe. Os segredos são contados prà mãe! O pai, ele tem papel do quê? Do repressor. Ele tem o papel do autoritário. Tipo assim, a mãe fala isso: "Olha eu vou falar para o seu pai!" Porque é a hora dele cumprir o papel de pai. Não existe mulher que fala assim: "Ah! Porque eu fui mãe solteira, eu fui pai e mãe!" Não! Ela não consegue ser isso. Ela não consegue ter esse papel do pai!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Alexandre, um pouco confuso a princípio, sugere que o homem e a mulher "não diferenciam em nada" quanto a suas características de personalidade. Ele parte então dos estereótipos e padrões sociais, onde ficou estabelecido que o homem seria o sexo forte e a mulher, o sexo frágil. Ao longo de suas reflexões pondera que esta diferenciação, todavia, "já começa do berço," isto é, "a sociedade faz o homem mais forte e a mulher, mais fraca." Assim, o menino, já no pré-primário é ensinado a brigar e a

não levar desaforo para casa (mandato para ser homem, onde o exercício e a manifestação da agressividade é fator determinante). Já a menina é tratada com mais delicadeza em obediência à tradição cultural de diferentes tons e nuances do cor-de-rosa, e é ensinada a agir delicadamente (vivendo em seu doce mundo artificial, ela recebe o mandato para a doçura, a fragilidade e o recato, sendo-lhe consideradas estranhas manifestações de agressividade). Além disso, a própria mulher usufrui de um ganho secundário em relação às convenções sociais, insistindo que cabe ao homem, por exemplo, sustentar pesos (botijão de gás).

Na verdade, a mulher é mais forte que o homem física e psicologicamente, afirma o sujeito. Fisicamente, ela possui maior resistência à dor. No Karatê isto está comprovado, pois além de suportar mais pancadas, tem menos pontos vulneráveis que o homem; seu único ponto vulnerável é o seio (curiosamente, a evidência mais ostensiva de sua feminilidade), diz Alexandre. Já o estômago é mais forte (a mulher 'engole mais sapos'). Além disso, ela consegue ter um filho e o homem não conseguiria isto, pondera o sujeito. A mulher consegue suportar um filho drogado, rebelde, porque o "carregou na barriga" e o viu nascer. Já o pai o expulsaria, porque seria o caminho mais fácil.

Até este ponto o sujeito parece estar tentando ressaltar a força e a superioridade física e psicológica da mulher. Todavia, nas entrelinhas do seu discurso depreende-se uma tonalidade masoquista da mulher, imposta e reforçada socialmente e por ela introjetada. DEUTSCH (1949) afirma que culturalmente, uma das funções da mulher é a de ter um certo masoquismo para se adaptar à realidade, que lhe exige uma quota de sofrimento. Assim, toda a preparação psicológica da mulher às funções sexuais e às funções de reprodução está ligada a idéias masoquistas. O coito, invariavelmente é associado ao defloramento e à violação, ambos comportando uma dolorosa penetração do membro viril. Além disso, os perigos reais inerentes para a mulher a serviço da espécie obrigam-na a assimilar seu masoquismo, onde todas as fantasias conscientes e inconscientes do parto, em todas as idades, têm um aspecto doloroso e perigoso.

Contrapondo o homem e a mulher através dos respectivos papéis de pai e mãe, o sujeito assevera que o homem como pai, exerce sobretudo o poder da autoridade e repressão (ao qual ela própria recorre) enquanto a mulher, como mãe, suporta, tolera e

ama mais. A mãe está mais próxima e se encarrega mais da educação dos filhos, sendo a escolhida como confidente de seus segredos, evidenciando com isso ser detentora de outro tipo de poder, um poder mais sutil e subreptício feito de cumplicidade, afetividade e tolerância. Por serem papéis tão diametralmente opostos, é inconcebível para a lógica de Alexandre que a mulher possa ser mãe e pai. "Não, ela só consegue ser mãe!" afirma ele categoricamente. E conclui sua asserção através da observação de que só existe "o filho da mãe" ("filho do pai" não existe), porque para a mulher o exercício da maternidade é inquestionável. "O filho é dela, saiu da barriga dela," afirma (é um pedaço do seu corpo trazido ao mundo, daí a legitimidade da posse).

O sujeito faz também uma comparação sobre as diferentes condutas do grupo masculino e do grupo feminino. As mulheres extravasam muito mais intimidade, afetividade e cuidados no relacionamento entre si: quando se encontram dão três beijinhos, falam do perfume e do sutiã que estão usando, fazem até massagem uma na outra, diz Alexandre, deixando entrever na sua fala uma certa admiração que parece estar mais próxima da inveja. Já os homens não. "O homem não mostra a cueca para o outro, nem dá três beijinhos!", diz ele ressentido. Finalmente, justifica este comportamento masculino argumentando que o "homem é mais animal," isto é, para ser viril ele não pode ser muito civilizado ou educado; precisa manter uma relativa proximidade com o instinto, o que lhe confere um jeito de ser rústico e arredio.

Fica evidente aqui que o sujeito parece se identificar muito mais com o jeito de ser do grupo feminino do que com aquele do grupo masculino, evidenciando com isto tendências homossexuais em estado de latência.



⇒ Caso nº 10: Yuri

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 4)

Yuri: Eu acho assim... você foi criado como homem! Ah... você tem toda aquela criação de que homem não chora. É uma pessoa forte! E a menina é... alguma coisa toda delicada. Eu tive uma educação assim. Nós somos em três irmãos... homens! E acho que de certa maneira, até hoje, nós somos criados assim. Você como homem, você tinha muito mais liberdade. Era permitido prá você muito mais coisas do que eram permitidas à mulher. A própria cobrança da sociedade! Tinha a estrutura católica em cima, preconceitos...

Lucélia: O homem teria alguns privilégios, é isto?

Yuri: É! Não seriam privilégios, seriam coisas normais, que para os homens seriam assim 'normais,' seriam privadas às meninas. Por exemplo, eu acho que a gente vive numa sociedade machista. Extremamente machista! Até hoje, eu acho isso. Eu vejo muito isso na empresa que eu trabalho. Toda a estrutura dela é muito voltada prá cargos de homens. A própria profissão de piloto no Brasil, é uma profissão... quer dizer, agora (ênfase), há questão de cinco, seis anos prá cá é que estão começando as primeiras mulheres a virarem pilotos no Brasil. Tanto é que a primeira garota a ser comandante no Brasil, ela é da VASP. Quando ela saiu comandante, saiu uma reportagem na Veja. E tem todo aquele negócio cultural: "É a mulher que está dirigindo! Não sabe dirigir!" Tem todo esse tipo de coisa. Então, por um lado, se você é homem, você tem cobrado o outro lado de você ser perfeito. Você não pode falhar! Você não pode expor os seus sentimentos! É o lado do 'ser homem' que eu acho. Quando você tem aquele compromisso de vencer! Eu acho que isso é uma cobrança da cultura. De você ser o dominador! Você vê uma família, quem é o chefe da família? É sempre o marido. É difícil você ter 'a chefe.' Está mudando isso agora. Eu acho que está começando, mas é muito pouco! Eu acho que você nasce e tem uma carga de cobrança desse tipo de coisa muito grande! Você pega os heróis, são sempre homens! Tem pouquíssimas heroínas! Não que não tenham existido, mas culturalmente, são poucas as divulgadas. Então, a mulher, eu acho que é exatamente assim: é o oposto! Eu acho que ela é criada, quer dizer, eu estou pondo assim há coisa de vinte anos atrás, ela é criada mais prá uma submissão. Ela é criada no molde dessa sociedade. Apesar disso, eu acho que as mulheres ganharam uma independência muito grande. Quer dizer, essa independência que eu estou falando, é em referência a essa pesquisa. Eu acho que é aqui, nesse meio. De repente você pega aqui, a UNICAMP, a mulher é de um jeito. Você vai pegar um bairro de periferia, é outro. É outra mulher! É aquela velha piada: "Que mulher precisa saber contar até seis!" Você sabe por quê?

Lucélia: Não!

Yuri: Você já viu fogão com mais de seis bocas? Então, é bem assim. Tem esses guetos assim, que ela se supera. Você vê agora, o próprio caso recente da Zélia, a primeira mulher que foi ministra. Mulheres que hoje chegam em cargos de chefia, é dada uma importância muito grande. Quer dizer, ela conseguiu chegar lá. Os homens estão preocupados porque as mulheres estão assumindo as chefias. E você vê que não é. Tudo isso depende da cultura, porque não era assim! Se estão dando importância a isso é porque não era prá ser. Não era prá ser assim, na cabeça de repente, do próprio jornalista: "Pô! Deixa eu escrever sobre isso, que eu sei que vai mexer com muita gente!" Então, a mulher se destacar ainda é uma coisa que incomoda! Você pega na nossa história recente. Pega a Indira Gandhi, Golda Mehir, a Tatcher! Sempre atribuem a elas atitudes de homens! Não é? Como se elas fossem homens! É o trabalho de uma mulher, mas estão fazendo o papel de homem. Então é assim, ao chefe de estado associa-se uma figura masculina. Você nunca associa a figura feminina! Aquela própria mulher, a Tatcher, que falam: "A dama de ferro!" Quer dizer, esse conceito 'ferro,' é uma coisa que leva para o masculino!

Lucélia: Então, você está dizendo assim, que tem alguns atributos que são especificamente do masculino, e outros atributos que são especificamente do feminino, independente de que seja homem ou mulher que está ali? É isso?

Yuri: Ah, sim! Sim! Mas sempre acaba se taxando isso para o masculino! O que se põe hoje? É que a mulher está assumindo o papel do homem na sociedade. Não é assim, que a mulher tem o papel dela na sociedade. É como se ela estivesse tomando o lugar de outra pessoa! Ela não está pegando o lugar que é dela, independente do que os homens façam. Então isso eu ainda acho que é decorrente de toda a educação nossa. De como a nossa sociedade é composta. A mulher não pode ter um lugar que seja dela. Parece ter sempre esse conceito, dela estar tirando o lugar de um homem!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Para o sujeito ser criado como homem significa ter o mandato para não chorar, e o desígnio de "ser uma pessoa forte." Já a concepção da menina é que se trata de "alguma coisa mais delicada." Sua educação foi norteada nestes termos, diz Yuri, ressalvando que não houve meninas em sua família (eram três meninos somente).

Traçando um paralelo, ele observa que o homem dispõe de muito mais liberdade do que a mulher no meio em que vivem, pois, lhe foram feitas muito mais concessões. A própria cobrança da sociedade, a estrutura da igreja católica, os preconceitos, corroboram isto privando a mulher de atribuições e prerrogativas, cujo acesso para o homem seria facilitado por uma via "normal" de manifestação (o que o sujeito entende que não sejam privilégios).

Yuri considera a sociedade da qual faz parte, extremamente machista, desta vez referindo-se à própria cultura paulistana/campineira. Assim, em termos trabalhistas toda a estrutura desta sociedade está montada com base em cargos para homens. Referindo-se à sua profissão (aeronauta), ele afirma que somente há cerca de cinco ou seis anos passaram a existir mulheres-aeronautas no Brasil. Relacionado a isto lembra aquele preconceito que já se tornou uma expressão cultural: "Mulher não sabe dirigir."

Continuando em suas reflexões sobre 'o que é ser homem' e 'o que é ser mulher' na cultura em que vive, Yuri aponta para o fato de que quando se é homem, espera-se dele que seja "perfeito," e obedeça ao mandato de que "não se pode falhar," e também "não se pode expor os próprios sentimentos." Acima de tudo, um homem tem o "compromisso de vencer," isto é, o mandato do sucesso a qualquer custo. Isto é uma cobrança que já se incorporou e passou a fazer parte da própria cultura. O mandato capital é no sentido de que o homem seja "o dominador." Um reflexo disso para o sujeito é o fato de que o chefe de família normalmente é o marido. O cenário contemporâneo das

relações de gênero, todavia, acena algumas mudanças no sentido de que a mulher está começando a assumir o poder no lar, isto é, ser "a chefe."

Yuri acredita que ao nascer, cada um já recebe a devida "carga de cobrança" (mandato) nesse sentido, o que é muito grande. Esta expressão 'carga de cobrança' sugere alguma coisa imposta, pesada, de caráter inquisitivo e nem um pouco atraente.

Quanto à mulher, é raríssimo encontrar-se heroínas; os heróis são sempre homens, reitera ele. As heroínas, segundo Yuri, podem até ter existido, mas culturalmente isto foi pouco divulgado. A situação para a mulher é exatamente oposta à do homem, assevera. Assim, o polo oposto ao do homem dominador é o da mulher submissa, de forma que a educação desta é voltada para a submissão, devendo ela se adaptar e enquadrar aos moldes de uma sociedade machista e patriarcal. Todavia, apesar desta formação, as mulheres conquistaram uma grande independência, ressalta Yuri, justificando sua colocação como tendo sido proveniente de dados de pesquisa (possivelmente da Revista Veja).

O sujeito atenta para a grande diversidade de tipos de mulheres existentes hoje no país, e reitera a importância de se contextualizar os diferentes perfis ao habitat e ao meio sócio-cultural do qual emergem. Assim, uma mulher da UNICAMP e outra da periferia de Campinas têm perfis diversos, diferentes modos de vida e diferentes visões de mundo. Ele considera que em determinados "guetos" (setores da sociedade, que ele assim chama, talvez por serem muito restritos estes espaços), a mulher consegue neutralizar o mandato e superar o 'destino' para o qual foi modelada. Este destino está muito bem decantado no chiste citado por Yuri: "Mulher só precisa saber contar até seis, porque não há fogão com mais de seis bocas." Ou seja, um setor machista e misógeno da sociedade patriarcal se arvorou do poder de limitar a capacidade física e intelectual da mulher; limitar sua visão de mundo, seus anseios, suas expectativas e sua própria auto-estima.

Yuri cita o exemplo de várias mulheres que fizeram o seu próprio caminho, algumas do cenário nacional e outras do cenário internacional, tendo sido atualmente muito valorizado, e um assunto bastante veiculado pela mídia, mulheres que

ascendem a cargos de chefia. O sujeito entende que "ela conseguiu chegar lá," isto é, atingiu as esferas mais elevadas do poder, de domínio exclusivo masculino. Na sua opinião os homens estão preocupados porque as mulheres estão assumindo as chefias. O fato de a mulher se destacar, ainda hoje incomoda aos circunstantes. "Se estão dando muita importância prá isso, é porque não era prá ser," isto é, não estava previsto nos códigos e valores daquela cultura.

Yuri ressalta o fato de que a algumas mulheres chefes de Estado, que atingiram projeção política internacional, costuma-se atribuir "atitudes de homens," isto é, elas são tratadas como se fossem homens, diz ele. "É o trabalho de uma mulher, mas estão fazendo o papel de homem!" esclarece o sujeito, assegurando que para cargos como o de chefe de Estado associa-se sempre uma figura masculina, e nunca uma feminina. Yuri cita o exemplo de Margareth Tatcher, a "ex-dama de ferro" da Inglaterra, explicitando que o conceito 'ferro' é uma atribuição do masculino. De fato, de imediato a palavra sugere dureza, força, estabilidade, solidez, frieza, segurança, todos conceitos associados ao princípio masculino.

De acordo com a terminologia junguiana poderia-se dizer que são mulheres, cujo animus encontra-se menos reprimido, e portanto, mais acessível ao domínio consciente, e talvez por isso estas mulheres se transvistam facilmente da persona masculina apresentando-a ao mundo sem pudores, se tornando alvos fáceis da projeção caricata do masculino. Deve-se levar em conta a unilateralidade com que a cultura patriarcal vivencia e releva os códigos e os valores do masculino, o que possivelmente contribuiu para que tais mulheres acabassem se identificando com esta persona, se mostrando a princípio incapazes de recriar o modelo masculino, utilizando-se de uma forma feminina de exercer o poder.

Na visão de Yuri não é considerado que a mulher tenha o seu papel garantido na sociedade, mas é tido que ela está assumindo o papel do homem (o qual pertence a ele por "direito de nascença e de herança"), isto é, ela "está tomando o lugar de outra pessoa!" explicita ele. Ou seja, a mulher é usurpadora do poder do outro. Yuri considera que isto acontece ainda em decorrência da formação cultural que se reporta a códigos e valores arcaicos e conservadores, que ainda são bastante atuais e dominam as

mentes (e o inconsciente coletivo) das pessoas. "A mulher não pode ter um lugar que seja dela," reitera o sujeito. Parece que ela está sempre tirando o lugar de um homem, diz ele. É realmente devastadora a força deste mandato enquanto perpetuador do *status quo* reinante, pois ao mesmo tempo que reitera o monopólio masculino, condena as mulheres à nulidade e à inexistência psicológica. Se alguma ousar mudar o seu destino, deverá a "duras penas" abrir o seu caminho na sociedade, tomando o que a princípio não lhe pertence, e por isso, sendo obrigada a provar a todo momento que é digna daquele lugar que ocupa.

Em uma discussão bastante inteligente, Yuri, com agudeza de percepção, traçou um instigante panorama dos meandros e idiossincrasias que permeiam as relações de gênero num âmbito sociológico. Com isso, demonstrou ser uma pessoa bastante informada e observadora dos dilemas contemporâneos que envolvem esta questão na sociedade em que vive. Observa-se, todavia, que as diferenças a que ele se refere entre os atributos de cada um dos sexos são todas relativas ao contexto sócio-cultural, isto é, referem-se ao desempenho do papel de homem e do papel de mulher, ambos tendo sido apreendidos e desenvolvidos via educação formal e informal. O sujeito não apontou nada mais interno, intrínseco ou constituinte do psiquismo de cada um dos sexos.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 4ª UT: as diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher

Foi bastante recorrente entre os sujeitos do sexo masculino, especificamente nos casos de Aldo, Adriano, Pedro, Isac e Alexandre, a afirmação inicial de que não há nenhuma diferença entre o homem e a mulher, a não ser aquelas de ordem biológica. Assim Pedro enfatiza que nem mesmo a sensibilidade é uma característica exclusiva das mulheres, pois há homens também muito sensíveis, como é o seu caso (o que socialmente é muitas vezes confundido como uma característica de homossexualidade). Para ele ter uma sensibilidade aguçada facilita o contato, a comunicação, e conseqüentemente a aproximação com as mulheres (o que pode ser

entendido como uma vantagem e um privilégio). Nas relações entre os sexos, Pedro também não considera que haja muita diferença, pois se há alguma tarefa a ser realizada, o critério utilizado é "um acordo de momento," isto é, quem naquele instante teria maior disponibilidade para desempenhar a função. Em termos afetivo-emocionais Pedro, assim como Wotan, afirma que "está tudo mesclado," isto é, mulheres assumem características masculinas, e vice-versa. "Não há um quadro de homem e outro de mulher," reitera.

Os sujeitos, no prosseguimento de seu discurso, deixam entrever que esta 'ausência' de diferenças torna-se mais visível quando se remete ao contexto social e profissional. Assim, Aldo, Isac, Rafael, Adriano e Yuri enfatizam que as mulheres, muito embora tenham sido educadas para a submissão, estão conquistando cada vez mais sua independência e abrindo espaço no mercado de trabalho, situação que as coloca em pé de igualdade com o homem. Atualmente a mulher pode ter uma profissão e desenvolver as mesmas atividades que o homem, se vestir como quiser, e inclusive reivindicar seus direitos na justiça. A posição em pé de igualdade da mulher fez com que Aldo revisse o próprio conceito de masculinidade, salientando que o homem precisa compreender o mundo feminino para que ele também possa ser escolhido pela mulher (não é mais ele o único que escolhe). Rafael, por sua parte, observa que o homem foi obrigado a se retrair e a pensar antes de agir, pois se der uma "cantada," pode ser processado.

Isac corrobora o acima exposto, afirmando que em termos profissionais homens e mulheres se comportam da mesma forma, isto é, estas últimas apresentam a mesma competição e o mesmo tipo de relação com o poder observados entre os primeiros. Na esfera doméstica, a divisão eqüitativa de tarefas está substituindo o antigo modelo, tanto dentro do lar, quanto fora deste. Nesse sentido, as facilidades da vida moderna (mecanização doméstica) "passam como um trator" em cima destas diferenças. O sujeito pontua que o velho padrão ainda não foi extinto, pois é muito presente nos dias de hoje o papel do "homem caçador," isto é, aquele que sai para o mundo a fim de garantir o sustento da prole. Todavia, a idéia do provedor solitário está sendo revista, em função do número crescente de mulheres provedoras (fato que também é apontado por Yuri). A tendência é a de que o papel de provedor esteja sendo diluído cada vez mais entre os dois. Isac afirma que quando a mulher saiu para trabalhar, a estrutura da

sociedade foi sofrendo alterações, e uma só renda deixou de ser suficiente. "Depois isso vira rito!" ressalta ele.

Da mesma forma, Adriano observa que não existem diferenças a não ser no que se refere à constituição anatômica e sexual. Além da situação no mercado de trabalho, já mencionada, no lar trata-se de uma questão de ajustamento entre diferenças de personalidade que podem causar atrito na convivência. Assim, o sujeito recomenda que para se obter um relacionamento harmonioso na vida-a-dois, cada um evite fazer as coisas que sabe que o outro não gosta. Desta forma são minimizados pontos de atrito decorrentes de diferenças de personalidade e estados de humor. Adriano assegura que não existe um "jeito pronto de ser," mas adaptações que devem ocorrer em função das vicissitudes do momento. Assim, o 'jeito' é definido pelas circunstâncias. Por exemplo, o homem deve "deixar quieto" quando a mulher está no período pré-menstrual, e por outro lado, se aquele chega nervoso em casa, cabe àquela se acalmar e acalmar o parceiro. Neste caso, parece que não existem para o sujeito, diferenças quanto ao gênero. Arquimedes corrobora a opinião de Adriano ao afirmar que se a situação financeira e afetiva entre o casal é satisfatória, então não há qualquer diferença entre eles. Todavia, a mulher demonstra insegurança se o homem fica desempregado, mudando de repente as cores de seu afeto e humor. Ou seja, tudo para o sujeito é uma questão de momento e circunstância, não tendo ele considerado a possibilidade de que as diferenças possam aparecer e se tornarem visíveis em momentos de crise.

Igualmente Alexandre afirma a princípio que "o homem e a mulher não se diferenciam em nada." As diferenças que existem entre os sexos são devidas à sociedade, que pela própria educação formal e informal "produz" o homem mais forte e a mulher mais fraca. Desta forma, o menino é ensinado a brigar e a "não levar desaforo prá casa," enquanto a menina é ensinada a "agir delicadamente."

Nesta mesma linha, Yuri aponta diferenças na educação e na forma como é estruturada a sociedade concorrendo para definir e instituir as diferenças entre os sexos. O sujeito observa que ao nascer, cada um já recebe a devida "carga de cobrança" (mandato): o menino não pode chorar, pois precisa aprender a ser forte, enquanto a menina, já se pressupõe que seja "alguma coisa mais delicada." Assim, o homem é

educado para ser perfeito e para ser o dominador. Ele não pode falhar nem tão pouco expor os seus sentimentos, pois isso o tornaria frágil e, portanto, menos capacitado para corresponder ao mandato. Desta forma, o "compromisso de vencer" já faz parte da própria cultura, tendo sido nele profundamente introjetado. Além disso, o homem tem mais liberdade que a mulher, pois no natural exercício de sua virilidade, lhe foram feitas mais concessões, as quais foram negadas àquela.

Yuri observa que a sociedade em que vive ainda é extremamente machista, sendo que em termos trabalhistas, o que existe ainda hoje são cargos para homens. O sujeito faz importantes constatações no sentido de que "a mulher não pode ter um lugar que seja dela" (ou seja, ela não tem o seu papel garantido na sociedade), de forma que quando ocupa um cargo de chefia, entende-se que "está tomando um lugar que não é dela." Às mulheres que são chefes de Estado atribuem-se atitudes de homens, porque elas estão desempenhando o papel de um homem. Nesta cultura ainda é muito raro encontrar-se heroínas, os heróis sendo quase sempre do sexo masculino.

Heródoto conflui para o mesmo ponto que Alexandre e Yuri, talvez de uma forma um pouco mais elaborada, contribuindo com o aporte de dados não só de sua experiência prática, como também de uma reflexão teórica. Assim, o sujeito afirma que não existe uma "essência" que diferencie o homem e a mulher, o que existe é o resultado de um processo cultural e social. No seu entender, todas as diferenças observáveis entre os sexos são devidas aos valores, aos padrões culturais, e ao momento histórico, de forma que o que é homem e mulher aqui poderá não ser em outro lugar. Desta forma, as mudanças mais amplas na sociedade e ao longo da história vão definindo padrões de comportamento e de relacionamento. Heródoto assevera que apesar dos determinismos sócio-culturais é possível desempenhar os papéis de homem e mulher de forma diferente, pois no seu entender "a vida passa pelo afeto, muito mais do que pelo racionalismo." Contrariamente ao que afirmou Pedro, Heródoto situa a sensibilidade como um atributo específico da mulher, sendo que cabe aos homens desenvolverem a sua sensibilidade.

Corroborando a idéia de que as mudanças ainda não foram assimiladas, Heródoto (assim como Yuri e Isac) afirma que "estamos na "crista de uma crise," de mudança de valores e de percepção de si mesmo, e que "a nossa sociedade ainda é aquela

feita pelos homens," de forma que a mulher sente mais em si as contradições da mesma. O que está entranhado nas raízes muda muito lentamente, diz ele. Nesse sentido, Isac afirma que no contexto do lar há uma "briga de território" em decorrência das mudanças dos papéis. O mundo passou a caminhar de outro jeito, e ele ficou em dúvida sobre qual seria de fato o seu papel. O sujeito afirma que essa demarcação de território é bilateral e ocorre no sentido mais literal possível, ou seja, é biológica e instintiva.

Aldo, para quem supostamente as mudanças parecem já estar mais consolidadas, postula que muito embora lhe pareçam muito positivas e promissoras todas as conquistas efetuadas pela mulher, as diferenças em termos de estereótipo devem ser mantidas. O sujeito defende a idéia de que a mulher pode ser competitiva sem perder os atrativos femininos que a tornam desejável, e se reporta a um princípio que para ele parece ser básico: "O homem seduz com a sua masculinidade e espera da mulher a feminilidade." Tais diferenças devidas aos estereótipos culturais (e que em psicologia junguiana poderiam ser atribuídas à persona) parecem se constituir numa referência importante como marca de feminilidade e masculinidade para o sujeito. Este padrão de diferenciação é para ele tão importante, que parece ter atingido a categoria de elementos constituintes da própria natureza do homem e da mulher.

Diógenes apresenta sua visão "de antes" e a "de hoje." Na visão do passado havia o modelo tradicional da figura paterna, que veiculava a imagem do homem como grande patriarca, e que, no contra-papel exigia dos demais membros da família a sujeição e a inexistência psicológica. A partir disso, o papel de 'trabalhador' era o eixo a partir do qual a existência era vivida, não havendo espaço para o lazer ou para o desenvolvimento de outros papéis. Em sua visão "de hoje" (a qual tenta por em prática) o homem dá espaço para os demais membros da família existirem e fomenta o seu desenvolvimento, colaborando e dialogando com todos os indivíduos, respeitando sua individualidade, e autorizando para que "sejam alguém." Neste novo modelo, o homem deixou de ser o opressor, todavia ainda detém o poder, com a diferença de que se dispõe a compartilhá-lo; aqui também é reservado um lugar para o trabalho, entretanto agora existe um novo espaço para o lazer.

Na tentativa de estabelecer as diferenças entre o jeito de ser do homem e da mulher, Wotan, de uma maneira muito vaga, tenta traçar um paralelo entre o princípio masculino e o princípio feminino, buscando paradoxalmente o modelo de funcionamento de casais homossexuais. Ele explica que enquanto a energia masculina é mais ativa, a feminina é mais receptiva e intuitiva. Wotan enfatiza que, contudo, esta diferenciação "é muito difícil e indefinível," pois não existem limites rígidos e bem demarcados entre o jeito de ser de cada um dos sexos (o "quadro" de que falava Pedro), pois tudo parece ser muito flutuante, visto que entre casais heterossexuais pode ocorrer de ambos intercambiarem entre si os papéis de homem e mulher. Ele próprio se observa invertendo, isto é, fazendo o papel feminino na relação.

Átila, em contrapartida, já consegue esboçar o que poderia ser um quadro através das comparações que estabelece entre um e outro, muito embora tivesse feito a ressalva de que não se trata de distinções fixas ou estanques, podendo tais atributos ser intercambiáveis entre os sexos. Assim, no seu ponto de vista o homem pensa mais no futuro, envolve-se com grandes projetos e não atribui muita importância a detalhes. Já a mulher é mais meticulosa, caprichosa, e está mais preocupada com o bem-estar do dia-a-dia. Esta postura para o homem redunda no prejuízo de que enquanto está a pensar e a planejar o futuro, ele perde o contato com o aqui e agora, e não percebe que sua vida está "uma porcaria." Sob esse ponto de vista, as mulheres parecem ser então "mais conscientes." Além disso, elas são mais preocupadas com a aparência (se enfeitam mais) e são mais vaidosas, sendo também mais práticas e imediatistas. O sujeito acrescenta que as mulheres caminham mais devagar, "vão agüentando," são mais tolerantes. Nesta mesma linha, Alexandre pondera que apesar de ser conhecida como 'o sexo frágil,' a mulher é mais forte que o homem tanto física quanto psicologicamente. Ela possui mais resistência à dor e tem mais tolerância com o filho viciado em drogas. Este alto nível de tolerância e a capacidade de suportar a dor e o sofrimento apontados por Alexandre e Átila sugerem tendências masoquistas impostas e reforçadas culturalmente, e introjetadas pela mulher.

Para Rafael, enquanto o homem deve ser responsável e "dar o exemplo" com sua conduta ilibada tanto no lar quanto fora dele, da mulher, antes de mais nada

espera-se que seja mãe. O sujeito reitera que aquele deve ser sobretudo "um esteio," isto é, alguém forte e capaz de cumprir com as funções de provedor. Assim como Alexandre, Rafael acredita que a mulher é mais forte que o homem, pois ela pode gerar um filho, o que na sua concepção é "um sacrifício muito grande." Desta forma, enquanto o homem é esteio, a mulher é mãe, cabendo a cada um cumprir com o seu papel sem que haja uma competição, disputa ou domínio de um sobre o outro. "Nunca um pode ser maior que o outro," reitera ele em termos bastante teóricos. Rafael observa que a mulher deve ter seus objetivos, e cabe ao homem respeitar isso. Ele acrescenta que na relação deve haver uma complementaridade e uma identificação, tal como "as engrenagens de um eixo," pois "duas idéias muito diferentes nunca dá certo," afirma. Assim, o jeito de ser de cada um dos sexos, supostamente devido aos diferentes sistemas em que foram criados, pode levar a choques e conflitos na relação do casal a partir do momento em que passam a conviver um com o outro. Por isso, é preciso aprender a administrar o fato de que não há somente um que está certo, mas duas diferentes verdades.

Isac observa que, se no plano social as diferenças entre o homem e a mulher quase se anulam, por outro lado no relacionamento entre o casal assim como no trato com a prole a mulher é mais afetuosa. Especificamente na relação com os filhos ela dispensa maior atenção, carinho e cuidados, enquanto o homem representa a autoridade máxima, isto é, "o último que bota limite." Da mesma forma, Alexandre considera que o homem como pai encarna o poder da autoridade e repressão. A mulher como mãe suporta, tolera e ama mais. É ela quem se encarrega da educação dos filhos, sendo a escolhida como confidente de seus segredos.

Comparando o grupo masculino e o grupo feminino, Alexandre nota que as mulheres se relacionam entre si com mais intimidade, afetividade e cuidados mútuos. Em contrapartida "o homem é mais animal" no seu modo de ser (isto é, mais primitivo e instintivo, e menos sujeito às normas do trato social), e mantém com o outro uma distância confortável para a sua virilidade. Arquimedes salientou o fato de que para si a natureza feminina é totalmente desconhecida e indomável, qualificando-a como "terra que ninguém pisa," o que significa que se intra-grupo, homens e mulheres têm os seus próprios códigos de relacionamento, entre um grupo e outro eles são estranhos entre si.

Alexandre, por sua parte parece se identificar mais com o grupo feminino, evidenciando tendências homossexuais em estado de latência.

Ainda no que se refere aos códigos sociais para o relacionamento de homens e mulheres, Arquimedes salientou diferenças quanto à ideologia dos padrões sociais de gênero vigentes, isto é, o homem tem enaltecida sua virilidade quanto maior o número de mulheres com quem tenha mantido relações sexuais, sendo que na situação inversa, a mulher tem a sua reputação posta em cheque.

Em suma, houve grande similaridade e coincidência entre os sujeitos, ao apontarem o fato de que em termos sociais e profissionais não há diferenças entre o homem e a mulher, a não ser aquelas de ordem biológica, visto que os papéis atualmente estão 'mesclados' e podem ser facilmente intercambiáveis. Todavia, alguns lembraram que estas mudanças ainda não se consolidaram, pois a sociedade ainda é machista e os cargos são criados para homens. No lar há reflexos disto, pois se por um lado as facilidades da vida doméstica tendem a anular as diferenças quanto ao gênero, e há um compartilhamento de tarefas, por outro lado ainda persiste uma 'disputa por território,' já que a transposição do velho para o novo deixou os papéis pouco estruturados ou demarcados. Além disso, houve sujeitos que apontaram que homens e mulheres diferem claramente no exercício do papel de pai e mãe, assim como no relacionamento entre si. Foi igualmente recorrente entre os sujeitos a afirmação de que as aparentes diferenças pelas quais homens e mulheres são conhecidos se devem à influência da educação, da cultura e do momento histórico, os quais determinam os respectivos papéis e a identidade de cada um. "O que está entranhado nas raízes muda muito lentamente," de forma que alguns papéis tradicionais conferidos ao homem e à mulher, assim como condutas e estereótipos ainda representam pertinazes referências de identidade para ambos os sexos.

Vale salientar que nesta unidade, surpreendentemente o discurso dos doze sujeitos apresentou uma admirável coerência interna e uma harmoniosa continuidade, pois se um não corroborava a fala do outro, parecia complementar, ou conferir-lhe maior consistência como se fossem as diferentes partes de um todo. Uma possível interpretação para isso seria que eles não falavam somente de si próprios, ou de sua particular visão de mundo, mas sobretudo veiculavam conteúdos da cultura em voga, constituindo os

próprios canais em que se refletiam estas mudanças mais amplas do contexto sócio-cultural.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

5ª UT: A 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados

⇒ Caso nº 01: Aldo

O discurso do sujeito

Aldo: Eu venho de uma família italiana, tradicional, onde havia o papel masculino e o feminino muito bem definido. Então, ao homem cabiam alguns papéis específicos, como ser o chefe da família, o que dá ordens, o que toma as decisões. E a mulher é que dava todo o suporte prá que essa família se mantivesse. Então o homem saía para trabalhar, e a mulher cuidava dos filhos, dos afazeres domésticos e da economia doméstica. Essa foi a imagem passada! O homem podia tudo! O homem era estimulado à sexualidade, com conversas, com demonstrações de masculinidade, desde força, desde poder de decisão e à mulher, era ensinado os afazeres domésticos. Isso, no início, na primeira infância. Então o homem é aquele que pode sair e a mulher é aquela que não pode sair. E o homem, ele tinha que ser dominador realmente! Então, ele era o que conquistava a mulher. Uma relação sempre monogâmica, mas que ao homem sempre era permitida a cobiça e a paquera. A mulher jamais! A mulher era recatada! Essa é a primeira imagem que me foi passada, o homem monogâmico e a mulher também. Mas ao homem sempre era permitido o exercício de uma sexualidade, pelo menos aparente! O homem conquistava ou podia exercer ainda o dom da paquera. Ele cobiçava a mulher! Ele demonstrava ostensivamente uma sexualidade, uma virilidade, vamos dizer assim!

Lucélia: Sim! E a definição do seu papel especificamente, enquanto homem, passou por aí? Você correspondeu a essa formação?

Aldo: Inicialmente sim! Inicialmente, há uma correspondência à expectativa que se tinha de mim enquanto homem dentro de uma família. Então, era o que tinha que estudar para ser alguém que viesse poder manter uma família. A mim era dado a incumbência, dentro de uma expectativa de continuar o nome da família. Então, a paternidade era uma coisa esperada. A paternidade, o casamento! A expectativa de continuidade da família, de nome, a expectativa de gerar filhos, e de corresponder à produção de um homem que pudesse criar uma nova família! Isso dentro da primeira infância e adolescência. E o homem pode experimentar todas as mulheres até escolher a dele! Eu vivi tudo isso. Vivi, namorei! Então assim, a mim era esperado notas boas e me preparar para ser um bom profissional na área que eu escolhesse. E o exercício da sexualidade estimulado. Então, você tem que namorar, você tem que sair bastante! A você é permitido e estimulado isso.

Lucélia: Você está enfatizando bastante a sua formação. A partir de que momento você se diferenciou dessa formação (desses valores que você assimilou)?

Aldo: A partir do momento em que você começa a conhecer outras culturas, outra definição de gênero. Por exemplo: a mulher também pode ser competitiva a nível profissional. Então, quando a mulher passa a ser competitiva a nível profissional, a imagem inicial de mulher começa a mudar. A mulher não é só bonita, nem

só uma dona-de-casa! Ela pode também estudar, tirar boas notas, ela pode trabalhar, ter o próprio sustento e fazer ela também as escolhas. A escolha não era uma escolha passiva. A mulher começa a ter uma escolha ativa! Então, começa a haver um interesse através do conhecimento de que a mulher também podia pensar, conhecer, conversar, viajar, e tomar decisões! A partir dessa descoberta mudou o meu conceito de homem... O papel de um homem mais participativo e de um compartilhamento de decisões mais abrangente. Então o homem não era só o que cuidava! Ele também tinha alguém com ele que podia compartilhar decisões, podia compartilhar atividades. A mulher deixa de ser dona-de-casa, ela pode trabalhar e pagar alguém prá fazer o serviço dela. E ao homem também! Essa incumbência de ser o que mantinha a família financeiramente, começa a ser atenuada. Então, a mulher começa a criar um contorno muito mais interessante, não é? Uma mulher mais completa! Por isso o homem também tem que ser mais completo! Ele tem que perceber a mulher de uma forma diferente!

Lucélia: Então assim, essa percepção diferente que você teve das mulheres, determinou que você também se modificasse enquanto homem?

Aldo: Sim! Na busca da parceira! Então a parceira, já não vai ser só a parceira dona-de-casa. Ela começa a adquirir o contorno de uma mulher que toma decisões também. Que pode pensar, que pode discutir!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito relata que vem de uma família italiana tradicional, onde o papel masculino e o papel feminino eram muito bem definidos. Ao homem cabiam alguns papéis específicos tais como ser o chefe da família, o que dá ordens e toma as decisões (a autoridade no lar), e também o que sai para trabalhar (o provedor). À mulher cabia proporcionar as condições básicas ("suporte") para o bom funcionamento da família: cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e administrar a economia do lar. O homem podia tudo. Ele era estimulado à sexualidade seja verbalmente, ou com demonstrações de masculinidade, desde força até poder de decisão. À mulher eram ensinados os afazeres domésticos. O homem podia sair e a mulher não podia sair. Essa foi a imagem transmitida para o sujeito relativa à organização da família, e aos papéis sexuais estruturados em uma relação de complementaridade no período entre a primeira infância e a adolescência.

Com uma demarcação tão precisa e bem acabada dos papéis sexuais, evidencia-se que estes são resultantes de uma educação diferenciada, perpassada por uma ideologia machista que lhe serviu de base, onde o homem "tinha que ser dominador realmente," e a mulher deveria subjugar-se a um poder masculino arbitrário e autoritário, não só ocupando uma posição secundária no lar e na sociedade, como também resignando-se à anulação de sua personalidade e à inexistência psicológica. Assim, no "script" das relações homem/mulher, cabia ao homem conquistar a mulher.

Apesar da monogamia ser um comportamento preconizado para homens e mulheres, todavia ao homem era sempre permitido o exercício de uma sexualidade "aparente" (supostamente extra-lar): ele cobiçava e conquistava a mulher, e podia exercer ainda o dom da paquera. "Ele demonstrava ostensivamente uma sexualidade, uma virilidade," afirma o sujeito de forma sagaz e incisiva. Ou seja, o homem não só podia fugir ao "script" oficial, como também era natural e esperado que o fizesse, para demonstrar virilidade. Havia assim uma dupla mensagem implícita nas dobras do modelo oficial, onde ao homem eram sempre permitidos privilégios especiais (a cobiça e a paquera) que à mulher jamais eram permitidos ou auferidos; ao contrário, o mandato imposto a ela era que fosse recatada. Estas contradições e ambigüidades, cuja hipocrisia é flagrante, são inerentes em última instância ao próprio sistema patriarcal, que não só institui como também legitima as relações de poder entre os sexos, onde o 'macho' goza arbitrariamente de uma posição de superioridade. O sujeito reitera que esta é a primeira imagem de família e de relacionamento homem/mulher que lhe foi transmitida.

Aldo afirma que inicialmente correspondeu ao que dele era esperado enquanto "um homem dentro de uma família," de forma que assimilou os valores que lhe foram transmitidos, e os reproduziu em sua vida prática. De acordo com isso, cabia-lhe estudar a fim de se preparar para ser um bom provedor de uma nova (futura) família. Assim, ele se ocupou em tirar boas notas e se esforçar para ser um bom profissional na área que escolhesse. Além disso, como o exercício da sexualidade era muito estimulado, ele "tinha que" namorar e sair bastante. Ao homem era estimulado e permitido tudo isso, justifica. E "o homem pode experimentar todas as mulheres até escolher a dele," afirma o sujeito.

Para constelar o mandato a ele foi dada a incumbência aliada a uma expectativa de dar continuidade ao nome da família, onde o casamento, a paternidade eram rituais necessários e tradicionais. Quando se configurou o quadro esperado, ficando assegurada a manutenção do nome da família através de filhos gerados no casamento, isto apaziguou suas ansiedades quanto a estar correspondendo à "produção de um homem" ('fabricação' de um determinado tipo de homem segundo uma mentalidade que obedecesse a determinados códigos e valores) que pudesse criar uma nova família.

A diferenciação quanto aos valores herdados se deu a partir do momento em que Aldo pôde conhecer outras culturas, e teve acesso a outra definição de gênero. A descoberta de que a mulher também pode ser competitiva a nível profissional fez com que a imagem inicialmente internalizada desta começasse a mudar. Assim, a mulher deixou de ser para ele somente uma materialização da beleza vazia e destituída de inteligência, ou a dona-de-casa prestimosa. Ela se mostrou capaz de estudar, tirar boas notas, demonstrou que pode trabalhar, garantir o próprio sustento e fazer ela própria também suas escolhas. A escolha feminina deixa de ser passiva, e passa a ser ativa. Começa a existir um crescente interesse por parte do sujeito por esta nova figura feminina, ao constatar que a mulher também podia pensar, conhecer o mundo ao seu redor, conversar, viajar e tomar decisões. Essa descoberta fez com que ele reformulasse para si mesmo o seu conceito de homem, e conseqüentemente o próprio desempenho do papel, tentando ser um homem mais participativo, e compartilhando de uma forma mais abrangente suas decisões com a parceira. Então o homem deixou de ser somente "o que cuidava" (provedor das necessidades da família), pois passou a ter alguém ao seu lado com quem podia compartilhar decisões e atividades, dividindo assim seus pesados encargos. A mulher pode fugir ao inexorável mandato de dona-de-casa, pois exercendo uma profissão no mundo lá fora, dispõe de recursos para pagar os serviços de outra pessoa que realize o trabalho doméstico, que lhe caberia desempenhar.

Tal como num efeito em cadeia, a situação muda também para o homem, e de uma forma supostamente positiva. O encargo de manter a família financeiramente começa a ser atenuado. A mulher começa a assumir um contorno bem mais interessante, parece mais completa em si mesma, o que leva o homem a tentar ser também mais completo. Então, ele não pode mais percebê-la como antigamente, porque ela de fato mudou.

Em suma, essa percepção diferente que o sujeito passou a ter das mulheres determinou que ele também se modificasse enquanto homem na busca da parceira (revendo inclusive o sentido de virilidade para o homem, e descartando com isso alguns valores de sua formação), que não vai ser somente a parceira dona-de-casa, mas que começa a adquirir o contorno de uma mulher que também pode pensar, discutir e tomar

decisões. Ou seja, um ser humano pleno em igualdade de condições com ele, e que no exercício de sua totalidade e inteireza revela inteligência, capacidade e poder para decidir o seu próprio futuro. Ela 'ensina' ao sujeito que o logos não é privilégio exclusivo da classe masculina, e neutraliza os mandatos de um "script" que parecia cristalizado, recriando o seu papel e indiretamente também o dele.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 02: Heródoto

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 5)

Heródoto: Olha! Eu acho que essa ruptura, ela nunca é radical. Quer dizer, não há uma ruptura porque de repente, muitos daqueles elementos, eles continuam habitando a gente, só que agora, não mais com aquela fisionomia que havia. Por mais que a gente caminhe... e eu me lembro da convivência com algumas feministas, com colegas, né? Morei em comunidades mistas, que prá mim foi muito importante... Então, tudo isso vai fazendo você se perceber, e de certa maneira, se recriar um pouco. Mas nós estamos marcados por esse passado!

Lucélia: Que atributos marcaram o seu passado, a sua herança (em termos de gênero)?

Heródoto: O que que a gente vive? Dentro da cabeça do homem, os valores que estão aí, quer dizer, a valorização da quantidade na relação. O bom... é aquilo que tem às vezes numa rodinha de rapazes... O bom é quem transa mais! É quem engana mais! É quem teve mais mulheres, ou coisa parecida. Quer dizer, a quantidade, ela é muito forte nisso daí. E depois eu percebi que a qualidade que é importante! Depois, a percepção da mulher como um ser frágil, que deveria se subordinar ao homem. Quer dizer, isso tem a ver com muitos valores da nossa cultura. E de repente eu percebi que isso era uma consciência alienada! Que na medida que eu impossibilitava a mulher de se expandir, ela também teria menos capacidade de me realizar enquanto homem. Eu também tinha uma imagem de mulher, que era aquela que cuidava da casa, boazinha, simples, meiga, que dissesse amém a tudo! E aí eu percebi que não. Que não é! Às vezes, isso daí é expressão de uma doença. Não que não possa ser meiga, ser tudo isso. Tem o seu valor! Mas isso pode ser expressão de todo um processo repressivo que a gente viveu de dizer amém. E aí, eu comecei a perceber que uma mulher assim, que obedece, não me servia. Depois outra coisa que passaram: "Não! A mulher não tem que ter opinião própria!" De repente, eu percebi que não é por aí. Quer dizer, se ela não for capaz de sonhar, e de me fazer sonhar e de me abrir o mundo, e não esperar determinação do companheiro, mas ela também ter iniciativa, ser ela... Eu acho que antes de sermos dois, cada um tem que ser ele mesmo! Só com o tempo é que eu fui perceber isso. Porque no fundo, o que passava muito é essa 'totalização,' quer dizer, você passa por cima do outro e você domina o outro. Depois eu fui perceber que a coisa não é bem isso daí. É muito difícil da gente garantir esse espaço para o outro, porque no fundo tem essa questão do controle. E aí eu percebi que o controle tem a ver muito com a insegurança do próprio homem. Então, eu falei: "Bom! Se tem a ver com a insegurança, então eu tenho que buscar essa segurança!" Quer dizer, a minha segurança não está no controle do outro porque ninguém é dono de ninguém! E que tudo na vida é uma aposta! E toda aposta tem os seus riscos e que não é o casamento que segura nada. E depois, outra coisa também que se fala muito... da necessidade de se conhecer profundamente o outro. Muitas vezes, eu comecei a perceber que quando a gente conhece muito o outro, acaba o relacionamento! E que o interessante é a gente desconhecer!

E desconhecer aí depende da busca de cada um porque se cada um está buscando, ele vai se tornar desconhecido para o outro. E o outro vai querer conhecer, certo? Vai querer buscar, e tal. Então, eu acho que a gente nunca pára na verdade de se buscar enquanto homem, de se encontrar enquanto homem, e isso depende muito também da busca do outro. Nas nossas contradições... porque de repente a gente é muito racionalista, a gente pensa que a coisa está assim e na verdade, a gente se surpreende lá atrás e tal. Mas eu acho que é essa dialética... É um processo de criação permanente.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Heródoto pontua que a ruptura face aos valores herdados nunca é radical. Na verdade, para ele não há uma ruptura porque muitos daqueles elementos continuam "habitando" a pessoa, só que agora transvestidos de outra fisionomia. A convivência com algumas feministas, colegas, o fato de ter morado em comunidades mistas (o que foi muito importante), tudo isso fez com que ele se percebesse enquanto homem, e recriasse o próprio papel até um certo limite. Heródoto admite que está marcado por esse passado, que se constitui na sua herança em termos de gênero.

Os valores que constituem essa herança são aqueles que ainda estão aí presentes, como por exemplo, a valorização da quantidade na relação: "O bom é quem transa mais! É quem engana mais! É quem teve mais mulheres," ressalta o sujeito. Somente mais tarde foi que ele pode perceber, que na verdade a qualidade é que importa. Heródoto continuou colocando em xeque vários outros valores herdados, tais como a concepção da mulher como um ser frágil, que deveria se subordinar ao homem. Isto para ele deixou de ter sentido, pois constatou que a fragilidade feminina é relativa e se reporta aos valores e mandatos da cultura em questão. Heródoto admitiu que considerar as coisas dessa forma era dar mostras de uma "consciência alienada," e compreendeu que na medida em que ele impossibilitava a mulher de se expandir, esta também estaria menos capacitada para realizá-lo enquanto homem.

Prosseguindo em sua xecagem dos valores herdados, o sujeito relata que possuía dentro de si uma imagem de mulher que lhe foi transmitida, que era a da dona-de-casa, boazinha, simples, meiga, "que dizia amém a tudo." Entretanto, ele conscientizou-se que, na verdade, este comportamento poderia ser a "expressão de uma doença." Não que a meiguice não tenha o seu valor, mas isto pode ser a expressão de um processo repressivo vivido, voltado para a submissão e a subserviência. Contrariando as

tendências iniciais, em uma situação hipotética de pré-escolha, uma mulher assim - obediente, passiva, submissa - não lhe serviria.

Outro elemento que caiu por terra foi o mandato de que a mulher não precisa ter opinião própria. Heródoto percebeu que as coisas não funcionam assim, pois se a sua parceira não for capaz de sonhar, e de fazê-lo sonhar, e de lhe abrir as portas do mundo, isto é, ter iniciativa própria e não esperar dele diretrizes e normas, enfim, "ser ela," então não haverá muito sentido em estar com ela. O sujeito reitera que "antes de sermos dois, cada um tem que ser ele mesmo," todavia, afirma que só com o tempo é que foi perceber que a dinâmica nas relações de gênero não era exatamente como lhe haviam dito que era, porque o que ficou registrado no inconsciente foi essa idéia de "totalização," isto é, "você passa por cima do outro e o domina," explicita Heródoto.

Refletindo sobre a questão do domínio e do poder na relação, o sujeito faz um parêntese e acrescenta que, apesar de que cada um deva manter a sua individualidade no relacionamento, fica muito difícil garantir esse espaço para o outro porque existe a questão do controle. Heródoto percebeu que a necessidade de controle está relacionada à insegurança do próprio homem, constatação que o despertou para a necessidade de buscar segurança. E reitera: "A minha segurança não está no controle do outro porque ninguém é dono de ninguém," e tudo na vida é uma "aposta." Toda "aposta" tem os seus riscos e não é o casamento que segura nada, afirma com propriedade.

Ainda outro valor que é muito propalado: a necessidade de se conhecer profundamente o outro. Heródoto descobriu que quando se conhece muito o outro, paradoxalmente o relacionamento acaba. Por isso, "o interessante é a gente desconhecer," ressalta ele. E isso depende do que cada um procura na relação, "da busca de cada um," explicita. Porque se cada um está "buscando" (isto é, não está comodamente assentado sobre confortáveis, antigas e rotineiras 'verdades'), ele vai se tornar desconhecido para o outro (mesmo porque estará em constante transformação), e o outro vai querer conhecê-lo. O sujeito acredita que essa busca enquanto homem é interminável, e depende também da busca do outro. Ele afirma que se trata de um processo dialético, que envolve uma criação permanente, e implica numa relação de mútua interdependência. Muitas vezes o homem acha que está muito evoluído, e se

descobre em um ponto muito atrás do processo. Isto delata uma contradição decorrente da unilateralidade do racionalismo de que se utiliza.

Em seu constante questionamento dos valores herdados, o sujeito parece estar engajado num processo contínuo de transformação, ao mesmo tempo que mantém um lastro com a cultura vigente, pois ela lhe oferece a base em que se fundam e se sustentam os elementos estruturais de sua identidade masculina.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 03: Isac

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 5)

Isac: Eu tive uma relação com o meu pai muito complicada! O meu pai bebia muito. Em compensação, a minha mãe acabava assumindo a parte da condução da vida. E... o que eu peguei do meu pai? Acho que algumas coisas do caráter: honestidade, vontade de trabalhar. Mas acho que não foi muito. Acho que a influência da minha mãe foi muito mais marcante. Na verdade, ela é que cuidava da gente. Então, acho que não foi um aspecto só. Foi um monte! Então aí, você já tem uma espécie de inversão de papel, né? (Riso). Digamos assim que isso que eu vi, de repente, e acontece no mundo, não ficou tão mais estranho! Porque já começou em casa. Lógico que isso... (eu não parei prá pensar muito sobre isso), que isso deve ter confundido mais minha cabeça ainda. Se o novo já está sofrendo este processo de mudança, e eu já vivi isso, isso deve ter digamos assim, é... embaralhado! Embaralhado os papéis!

Lucélia: Isto, porque por um lado você aprende que o homem é quem domina, é o mantenedor, é quem tem as rédeas na mão. É isso o que nós aprendemos na nossa cultura patriarcal, não é?

Isac: Hum hum... Aí de repente, isso já se rompeu lá atrás! Quer dizer, rompeu, mas o mundo não era assim. Isso deve ter feito os seus estragos naquele momento. Por outro lado, teve o lado bom da minha mãe, digamos assim. Eu não tive problemas em assumir coisas de mulher, entre aspas! (Riso)

Lucélia: Mas essas coisas de mulher que você assume, são coisas do mundo? Em casa, por exemplo, você não lava louça ainda? É isso?

Isac: Não! Lavo! Eu comprei a máquina de lavar prá evitar o problema! (Risos) A gente dividiu as tarefas, não é? Isso faz muito tempo. Não, aí eu cheguei com a máquina (riso), mas eu sempre quis dividir as tarefas! (Riso)

Lucélia: Você disse que a influência da sua mãe sobre a sua personalidade foi muito mais forte do que a de seu pai. Você se considera uma pessoa mais dominadora, já que na sua casa houve uma inversão de papéis?

Isac: Não! Dominadora, não! Mas eu não me considero... um frouxo, não é? Seria o outro extremo. Também não! Mas dominador não! Acho que não. Eu ainda não pensei nisso (riso), mas eu creio que não! Não tenho muito o que fale assim. Eu tenho noção e controle prá isso! Eu diria que não é uma coisa extremada. Digamos que eu estou mais ou menos no meio. No fio da navalha!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito diz ter assimilado poucos elementos da figura paterna (alguns traços de caráter: "honestidade, vontade de trabalhar"), pois a influência de sua mãe sobre a sua personalidade foi muito mais marcante.

Sua relação com o pai foi dificultada e tensionada pelo fato deste ter sido alcoólatra, fato que levou a mãe a assumir o controle da casa, tomando para si o papel de provedora, além dos encargos domésticos. Com a frase: "Era ela quem cuidava da gente," o sujeito revela que a tinha como um sustentáculo seguro no qual podia se apoiar, uma referência afetiva essencial, que, além de nutri-lo, também lhe proporcionava continência psicológica, e lhe servia como âncora para orientação no mundo.

Isac observou a ocorrência de uma inversão de papéis entre as figuras parentais, ou seja, um feminino ativo e dominante em contraposição a um masculino fraco e passivo, de forma que o que para ele acontece no mundo hoje na verdade não é considerado "tão mais estranho," porque se trata de uma reedição de uma cena primeva. Todavia ele acredita que isso deve tê-lo confundido, pois havia o contexto social mais amplo, onde o homem detinha funções de mando e poder enquanto a mulher deveria prestar-lhe obediência, não só no lar como também no mundo. Este conflito pode ter sido reativado com o advento dos novos tempos, que em seu processo de mudança, trouxe novamente à baila antigas inquietações relativas à identidade sexual, o que pode ter contribuído para que Isac "embaralhasse os papéis," apesar de seu discurso progressista.

"De repente o velho modelo já se rompeu lá atrás, mas o mundo não era assim," ressalta o sujeito a contradição explícita.

O lado positivo que ele diz ter assimilado da mãe foi a "naturalidade" para executar tarefas domésticas: "Eu não tive problemas em assumir coisas de mulher!" afirma. Assim, quando formou a sua própria família e teve a sua mulher, Isac fez questão de dividir as tarefas, todavia o velho conflito se manifestou no momento de lavar a louça (veja 3ª UT: conflitos do relacionamento), situação que ele resolveu comprando uma máquina de lavar louça (na dúvida a respeito de a quem cabe lavar a louça, a máquina lava). Na verdade ele se esquivou de resolver a questão, buscando uma solução mais confortável para todos.

Apesar de sua mãe ter tido uma grande influência na formação de sua personalidade (ele não a qualifica como uma pessoa autoritária), o sujeito, todavia, não se sente nem dominador, nem "frouxo," mas se colocou "mais ou menos no meio, no fio da navalha," diz ele. Isac usa de racionalizações para dizer que não é autoritário, contudo, o fio da navalha é uma posição não muito estável, onde é muito fácil pender para um lado ou para outro.

De uma maneira geral não ficam muito claros no discurso do sujeito os aspectos que ele tenha assimilado e os que tenha descartado da educação que recebeu, ressaltando-se em contrapartida, o conflito vivenciado em função da contradição de papéis.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 04: Pedro

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 5)

Pedro: Uma vez eu estava numa sessão de terapia, e a minha terapeuta me disse assim (dentro de um exemplo que ocorria): "A forma como mostram carinho prá você é assim!" Aí, eu fui ligando um pouco os fatos. Porque meu pai, ele mantinha a casa, era esse o papel! A minha mãe, era o de apaziguar... é muito um papel antigo, que estava aí. Agora, na medida que o tempo foi passando, eu percebi um pai muito afetivo. O compromisso afetivo que ele tinha quando não era aposentado, era o de prover mesmo, de estimular... E hoje eu vejo assim, um pai muito próximo! Então, ele tem uma certa segurança nas suas coisas, porque teve que batalhar muito prá ter! E não abre mão muito fácil. Mas ele é muito afetivo hoje! Não é assim do... do abraçar não. Porque isso eu tive que quebrar! Eu já tinha vinte e um anos, quando eu fui dar um beijo nele. Porque ele não vinha! E eu resolvi que eu queria e fui ver o que acontecia. E eu percebi que ele também gostava dessa relação afetiva. Então hoje a gente se cumprimenta com um beijo, e é bom para os dois. E não faz nenhuma marca na sexualidade de cada um, porque antes até se pensava. Então esse jeito afetivo, eu aprendi e eu acho que eu mantenho! Porque eu percebi nele mais agora, nos últimos, talvez dez anos, quinze anos. Mas com meus filhos não, porque eu já era de rolar com eles nas brincadeiras, mesmo trabalhando fora e também provendo a maior parte da casa. Isso meu pai não fazia não. Mas eu acho assim, dá para compreender. Acho que quem vira tear das cinco da manhã às cinco da tarde tem uma outra disposição do que quem trabalha em escritório, como eu trabalhava. É um trabalho muito mais duro! Ele fez isso a vida toda! Então: "Pô! Não fica brincando? Não sai prá andar de bicicleta?" Mas ele ia trabalhar de bicicleta. E longe! Não tinha vontade de ficar passeando de bicicleta com as pernas cansadas. Então essa questão da afetividade passava por outros canais. Porque por esses que eu fiz com os meus, ele não tinha suporte físico até prá fazer. E também não tinha muito do aprendizado afetivo na casa dele. Perdeu a mãe muito cedo! Trabalhou em olaria com oito anos de idade! Era uma situação muito sofrida! Então, acho que isso eu peguei. E acho que eu copiei dele uma parte assim, meio... início de autoridade e autoritarismo. Que eu brigo até hoje prá me desvencilhar, e às vezes sinto que é difícil. Mas acho que isso eu trouxe. É... o papel... (vamos dizer assim) onde a mulher serve. Minha mãe bota a comida prá ele até hoje! E isso não rompe! Agora, eu faço o meu almoço e faço prá quem estiver junto comigo. Ou fazemos juntos! Então esse papel

caiu fora. Mas nunca ninguém me serviu! Mas talvez fique uma coisa... tem uma coisa prá resolver na casa: quem decide? Eu não sei se eu puxei isso prá mim, ou se as outras pessoas foram ficando inseguras e deixavam prá mim mesmo! Algo assim: quem responde por último? Sabe? Porque é uma coisa que prevalece. Por exemplo: o meu garoto mais novo quer ir para o Canadá, e quem dá a última palavra? Está na minha mão, mas ela tem a posse legal dele (dos dois)! Só que eles nunca foram morar com ela, entendeu?

Lucélia: Quer dizer que na prática, você tem o poder?

Pedro: É! Na prática eu tenho a posse. Nunca briguei isso em cartório, nunca fui atrás dessas bobagens não. Mas é uma coisa assim, acaba ficando... isso porque eu não sei te garantir assim... eu copiei e mantive? Ou eu copiei e mantive, e as pessoas também cederam em volta no contra-papel? Ou eu não queria manter, mas não teve outro jeito? Eu sei que foi assim: chega uma hora que tem que decidir. "Não vejo ninguém, bom, então eu decido! Ué! Se eu tenho que decidir, eu decido!" Às vezes demora um pouco mais, porque é complicado decidir. Eu acho muito difícil decidir! Então, talvez eu tenha copiado, porque meu pai era quem decidia. Mas eu não vejo mal nenhum quando tem alguém por perto: "Vamos dar uma conversada e ver o que é melhor?" (Riso) Ufa! Que alívio! Porque abrem luzes! Quer dizer, a decisão é minha, mas eu não quero decidir assim. É um jeito simples até de fazer!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Para o sujeito o papel dos pais foi aquele tradicional: o pai provedor, e a mãe contemporizadora. Antes de se aposentar todo afeto que seu pai possuía para com a família se manifestava essencialmente através do papel de provedor. Ao longo dos últimos dez ou quinze anos, Pedro foi percebendo na figura paterna uma grande afetividade, aspecto que antes não via. Hoje ele afirma sentir o seu pai muito mais próximo (ambos os pais são vivos). O sujeito reconhece que seu pai apresenta tendências à avareza na relação com suas posses, pois tudo foi adquirido à custa de muita luta, mas independente disso reitera sua afetividade hoje mais explícita, manifesta à custa de um aprendizado com o próprio filho. Pedro salienta que o pai não é um homem naturalmente dado a expressões físicas de afeto, tal como o abraço (esta barreira o próprio sujeito decidiu quebrá-la aos vinte e um anos de idade). Pedro relata que resolveu que queria beijar seu pai, "e foi ver o que acontecia." Foi então que percebeu que seu pai também gostava dessa relação afetiva. "Então hoje a gente se cumprimenta com um beijo, e é bom para os dois," diz ele, o que não repercute desfavoravelmente para a sexualidade de nenhuma das partes.

Refletindo sobre o assunto, o sujeito então considera que esse jeito afetivo de ser, ele aprendeu se exercitando com o pai, e isso foi uma das características que manteve. Pedro compreende que seu pai tenha exercido a paternidade diferente da forma como ele próprio exerceu. Mesmo trabalhando fora, e provendo a casa em sua maior

parte, o sujeito sempre foi de estar junto com os filhos em suas brincadeiras, e de "rolar no chão com eles." Evidentemente seu pai não fazia isso, mas sua realidade e o seu cotidiano eram bem diferentes, pondera o sujeito: trabalhava no tear doze horas por dia, o que era muito mais duro e cansativo do que o trabalho de um escritório. Além disso, seu veículo de transporte era a bicicleta, sendo que normalmente fazia longos percursos. Com as pernas cansadas, não tinha disposição para passear de bicicleta, nem para outras brincadeiras.

Então é perfeitamente justificável que a questão da afetividade para ele passasse por outros canais, releva o sujeito. Pedro entende que seu pai não possuía o mesmo suporte físico nem o mesmo aprendizado afetivo-familiar que lhe possibilitasse um exercício mais fluente da sua afetividade na relação paterno-filial.

Além disso, o sujeito observa que assimilou de seu pai algo que denomina "início de autoridade e autoritarismo." Ele ressalta que até o momento presente, ainda tenta se desvencilhar dessa pecha, mas sente que é difícil. Na casa de seus pais, sua mãe ainda conserva o hábito de servir seu pai à mesa, comportamento que já está cristalizado. Pedro, todavia, aprendeu a cuidar de si: faz o seu próprio almoço, e para quem estiver do seu lado, ressalta. Então esta prática conservadora e tradicional foi descartada, "nunca nenhuma mulher o serviu." A sua dúvida, entretanto, quanto ao seu possível autoritarismo refere-se ao fato de que não sabe se assimilou e manteve este comportamento, ou se ao fazer isto contou com a anuência das pessoas, que no contra-papel se tornavam inseguras. Normalmente a sua conduta costuma ser esta, caso haja alguma coisa a ser resolvida: "Não vejo ninguém, bom, então eu decido!" Na realidade, o que acaba ocorrendo é que ele responde por último, de maneira que sua posição termina por prevalecer. Um exemplo disso é que apesar do fato de Pedro não deter judicialmente a guarda dos filhos, "na prática ele tem a posse." Então todas as decisões importantes (tal como a ida do filho mais novo para o Canadá), está em suas mãos decidir sobre isso. O sujeito reitera categoricamente que se tem que decidir, então ele decide.

Todavia, ele explica que às vezes demora um pouco porque é complicado, é muito difícil decidir, ressalta. Talvez para facilitar este processo, se há alguém próximo ele prefere conversar, pois isto o ajuda a ponderar, e a tentar encontrar a melhor solução,

independente de que no fim seja ele próprio quem irá dar a última palavra. Pedro procura decidir de uma forma não autoritária, o que pode ser entendido como uma tentativa de modificar - ou se distanciar o máximo possível - o autoritarismo herdado, visto que foi uma característica que não conseguiu descartar, apesar de suas incessantes lutas internas.

Em suma, o sujeito enfatiza basicamente dois aspectos quanto ao papel masculino apresentado como modelo pela figura paterna: a afetividade que assimilou e manteve, e o autoritarismo que tenta modificar, exercendo um certo tipo de "autoritarismo democrático" e mais consciente.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 06: Átila

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 5)

Átila: Uma coisa que eu aprendi com o meu pai, que até é diferente dos outros, dos meus amigos assim... é que meu pai é uma pessoa que tem o lado feminino forte, sabe? Ele não é aquele machão. É um cara que tem... que ele fala sobre tudo. Ele não mistifica nada. Não precisa ser o machão. Você não precisa... não sentir dor, você pode chorar, sabe? Ele não falava isso, mas sabe assim, dando um exemplo prá tentar ilustrar melhor. É um cara que também se preocupa com as coisas pequenas. Ele é um pouco mãe também, sabe? Não tem muito uma separação aí do meu pai e da minha mãe. Eu acho que foi legal, sabe? Eu nunca tive umas encanações que os meus amigos tiveram de... Então 'ser homem' não é prá mim o que é 'ser homem' para os meus amigos. Prá eles ser macho é tomar uma cerveja e ficar 'bebasso' [bêbado], 'encher a cara!' Meu pai sempre falou: "Ah! Não bebe porque é uma bobagem! Você vai passar mal!" Sabe? Sempre foi assim! O meu pai nunca jogou futebol. Assim, sabe essas coisas de pai? Ele achava legal, levava no jogo, mas nunca jogou. É diferente assim! E a minha mãe era muito machista assim. E daí, como a minha mãe e o meu pai são separados, quem ensinava um pouco mais sobre relacionamentos, se é que sabe, era minha mãe. Ela passava uma imagem prá gente, para os homens assim (prá minha irmã, eu não sei) mas prá mim e para o meu irmão, que mulher era... eram umas damas, umas coisas assim, totalmente delicadas... sabe? Uma visão bem machista mesmo. Assim, delicadas, mas ao mesmo tempo meio fúteis, sabe? Não como uma mulher é de verdade assim. Daí, só com o tempo que você vai corrigir a visão, assim. Porque eu achava que mulher era uma coisa meio... sei lá, não sei explicar... Uma coisa meio intocável! Aquela coisa bem conto-de-fadas, sabe? E depois eu fui percebendo que a coisa é bem mais prática... Ela é que é machista, na verdade. Que era até um sonho dela de ser assim, e ela fica passando prá gente. "Não! Mulher, você tem que tratar assim..." Sabe? Eu já até cheguei a pensar desse jeito, mas agora eu acho que não é muito assim não.

Lucélia: Sim! Agora, quanto ao que o seu pai passou, eu estou entendendo que você assimilou isso de uma forma positiva. Que você exerce esse papel assim como ele lhe transmitiu? É isso mesmo?

Átila: Exato! Eu acho isso legal! Porque com o tempo também você vai sentindo as coisas e... em vez de ficar... por exemplo, todo homem tem um lado feminino. Eu vejo que os meus amigos ficam tentando negar isso o tempo inteiro, sabe? Meu pai sempre foi numa boa. Eu acho que o meu pai tem mais intuição do que a

maioria das outras pessoas que eu conheço. Tem essa influência mais forte! Ele, por exemplo, nunca levou a gente na zona. Eu vejo pai de amigo meu que leva. Dá dinheiro para o cara comprar filme pornô. Não agora, mas na época, sabe assim? Meu pai nunca fez isso. Deixava rolar naturalmente. Não ficava forçando as coisas acontecerem. "Faz se estiver a fim! Se não estiver, não faz!" E eu achava muito legal isso aí!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito acentua que a sua 'criação' foi diferente daquela dos seus amigos devido ao fato de seu pai "ter o lado feminino forte," e uma intuição mais acentuada que a maioria das pessoas, não correspondendo, portanto, ao estereótipo do homem 'macho' veiculado pela sociedade. Átila relata que seu pai se dirige abertamente a todos os assuntos sem nada mistificar - não parece haver temas-tabu para ele - tendo lhe mostrado pelos recursos da comunicação não-verbal que para ser homem "não precisa ser o machão; não precisa não sentir dor, você pode chorar," ressalta. Ou seja, o exercício da masculinidade compreende manifestações de sensibilidade e afetividade, sendo que o mandato de "ter que ser o durão," a rigidez e a inflexibilidade que são impingidas ao homem em nossa cultura são características desnecessárias e irrelevantes para se provar que é macho, e nada dizem a respeito de sua virilidade. Átila continua descrevendo seu pai como um homem que também se preocupa com as "coisas pequenas" (tidas por ele como femininas). Logo, pelo fato deste ser dotado de tais características, o sujeito não observa uma distinção muito nítida entre o pai e a mãe, sendo que aquele também é "um pouco mãe," reitera.

Em função dos valores que lhe foram transmitidos, o conceito de homem para o sujeito é diferente daquele de seus amigos. Para a maioria deles ser macho "é tomar uma cerveja e ficar 'bebasso,' é encher a cara," ressalta. Todavia, seu pai sempre o alertou para os danos que a bebida em excesso poderia causar à sua saúde. Além disso, ele também tem a peculiaridade de nunca ter jogado futebol, apesar de que gostava do esporte, e levava os filhos para assistirem aos jogos. Átila ressalta orgulhoso, que seu pai "é um pai diferente," destacando o fato deste nunca tê-lo levado à zona do meretrício, diferentemente do pai de outros colegas seus, que inclusive os estimulavam para a compra de filmes pornográficos. Seu pai enfatizava que era importante deixar que as coisas acontecessem naturalmente, sem forçar. E costumava ainda recomendar aos filhos, que só deviam estar com uma mulher, se estivessem realmente desejosos disto. Caso

contrário, seria melhor não se expor à experiência. Átila considera que tudo o que pôde aprender e vivenciar com seu pai foi muito positivo para sua formação, e a definição do papel de homem, ressaltando o fato de nunca ter experimentado problemas semelhantes aos que seus amigos tiveram. Assim, foi fácil para ele constatar e reconhecer que "todo homem tem um lado feminino," enquanto seus amigos ficavam tentando negar isso terminantemente. O sujeito reitera que seu pai sempre aceitou e conviveu bem com seu lado feminino, de forma que ele assimilou e incorporou esta 'herança' aparentemente sem maiores problemas.

Por outro lado, Átila qualifica o modelo feminino veiculado por sua mãe como "muito machista," salientando que a imagem da mulher que ela transmitiu aos seus filhos homens era a de "umas damas... umas coisas totalmente delicadas," ao mesmo tempo que eram também fúteis. O sujeito ao mesmo tempo que manifesta sua estranheza, explica que esta visão das mulheres lhe parece ser machista, pois, na realidade elas não são assim (frágeis e fúteis). Todavia, como seus pais são separados e ele morava com a mãe, foi esta última quem acabou lhe ensinando o que concebia como sendo as vicissitudes e as contingências do relacionamento homem/mulher. Diferentemente do modelo herdado do pai, a imagem amalgamada via figura materna, apesar de ter sido a princípio introjetada, foi aos poucos sendo revista, e considerada como nem sempre verdadeira, contribuindo para isso, sua experiência junto às próprias mulheres.

Assim, Átila, que inicialmente via a mulher como "uma coisa meio intocável," um ser etéreo tal como um personagem de contos-de-fadas (isto é, uma figura idealizada, distante e inacessível, sem uma base real), em um segundo momento foi percebendo no próprio mundo ao seu redor, que "as coisas eram bem mais práticas." Com isto, ele pôde concluir que na verdade quem era machista era sua mãe - que talvez fosse um desejo seu corresponder a essa imagem de mulher - e acabou transmitindo isto aos filhos.

Vale salientar que curiosamente nesta unidade, o sujeito, ao contrário dos conteúdos apresentados no trabalho de imaginação ativa, parece não apresentar qualquer conflito quanto à sua presumida feminilidade, nem tão pouco ressalvas e/ou críticas relativas ao modelo de um masculino com matizes do feminino veiculado pelo pai. Muito

ao contrário, ele parece estar muito 'orgulhoso' da educação que recebeu. Note-se ainda que houve uma forte identificação com a figura paterna, e por outro lado, conflitos e dissidências com a figura materna relacionados à imagem da mulher. Nada disso parece ter abalado, todavia, a sua identidade sexual. Além disso, fica explícito a inversão do casal parental quando comparado aos estereótipos vigentes e ao modelo sócio-cultural: um pai feminino, intuitivo, "meio mãe," e uma mãe machista que lhe transmitiu uma imagem falsa e fantasiosa da mulher, tida por ela como um ser frágil, delicado, fútil e artificial.

Esta aparente contradição talvez seja devida ao fato de neste momento o sujeito estar sob o domínio de sua consciência de vigília, e de plena posse de sua racionalidade masculina. Assim, tudo o que disse parece ser o que ele acredita e pensa que é (e como tal tem sua estrutura interna e sua coerência lógica), mas não o que de fato sente, conteúdo que foi revelado na técnica de imaginação ativa, obtido através do relaxamento da censura e da consciência de vigília.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 07: Wotan

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 5)

Wotan: Eu não lembro de ter recebido ativamente nenhuma mensagem assim dos meus pais, mas tem uma coisa que eu acho que eu absorvi da sociedade toda... (meus pais nunca falaram nada) Uma coisa assim: "O homem não pode ser frágil!" E que foi uma coisa que eu descartei depois. Ainda hoje tem um pouco disso. É muito forte, né? "Homem não chora!" Alguma coisa assim! Mas não era dos meus pais. Era mais do grupo, talvez dos meninos. Eu descartei isso. Uma coisa machista mesmo! Acho que como todo mundo, tem essa fase. O ranço machista da força: "Homem tem que ser forte!" Fisicamente, e também emocionalmente, né? "Durão!" "Tem que ser homem!" Tem que ser frio também. Tinha uma coisa de ter que ser frio. Talvez isso seja até um pouco do meu pai, assim, essa coisa bem racional! Todas elas, eu fui uma a uma descartando. E relativizando, né? Até porque eu nunca fui nada dessas coisas! Eu nunca fui forte! Era um moleque fraquinho! (Riso)

Lucélia: E houve alguma coisa que você assimilou, que você manteve?

Wotan: Hum... Não! Acho que não! Acho que o 'meu homem' virou uma coisa completamente diferente mesmo, 'o meu homem.' Podendo ser frágil também, né. Mas também podendo ser forte! Alternando!

Podendo alternar! Podendo ser racional, mas também podendo não ser! Ser mais sentimento uma outra hora. Compor as duas coisas. No fundo acho que é compor o masculino e o feminino, né, a um equilíbrio.

Outro trecho

Lucélia: Não foi então importante a influência paterna, materna, na sua formação enquanto homem?

Wotan: Não! Enquanto homem em si não, mas assim, enquanto ser humano. Enquanto ser humano, sem dúvida! Os meus pais assim, eles me possibilitaram abertura suficiente prá questionar o modelo. Acho que me criaram livre o suficiente prá poder criar os meus próprios modelos. Acho que eu sempre fui muito estimulado prá criar, de criança. Prá escolher, também. Poder escolher! Eles me influenciaram assim. E talvez isso me ajudou hoje, eu não estar aí também oprimido pelo modelo, pela expectativa social de como é o ser masculino. Muitos homens estão assim oprimidos, travados, porque "Têm que ser macho!" "Têm que ser homem!" Às vezes não está podendo, né, então tem que ser outra coisa!

Lucélia: Sim! E com isso, você teve essa flexibilidade, essa liberdade de até também viver o seu lado feminino, de manifestar a sua feminilidade, e de se sentir à vontade com isso?

Wotan: É! E daí, portanto poder desfrutar disso. Porque eu lembro assim... Em casa a gente cantava, fazia música, tocava instrumentos e fazia muitas coisas com as mãos, coisas manuais. E eu acho que isso é uma coisa que é muito... a cultura machista, tradicionalista, isto é coisa feminina, né? As artes são coisas das mulheres! É o ócio e o negócio! Os homens têm que ficar no negócio, e as mulheres no ócio! (Risos) Então, eu acho que eu absorvi isso, e foi importante nesse ponto prá mim, né? Eu lembro das coisas da minha mãe, dela pintando, e tal... De eu poder experimentar também, que era uma coisa de mulher, né? Imagina, quem pintava prato de porcelana há quarenta anos atrás? Só mulher! Imagina que tinha um homem! Eu lembro até do cheiro da tinta, da porcelana. Acho que a influência foi essa. De abrir para o feminino também. Está liberado! Isso também pode! Também pode pintar. Pode tocar, fazer música!

Lucélia: E no caso, houve tratamento diferenciado em relação aos papéis sexuais, quanto a suas irmãs, por exemplo?

Wotan: Eu tenho só uma irmã bem mais velha, dez anos mais velha. Eu acho que as mulheres sofrem mais nesse... (riso) Acho que a minha irmã, coitada, foi mais reprimida mesmo, por ser uma mulher. Aí vai longe! Porque eu acho que ela foi muito... aquela bonequinha mesmo de porcelana. Ela não teve acesso ao masculino, da mesma forma como eu tive ao feminino. Até porque eu tinha a minha mãe e ela, que era irmã, que também era meio mãe, né? Eu convivia muito com duas mulheres. Elas ficavam em casa, quando eu era criança. Eu também estou lembrando assim, de uma coisa que é do mundo feminino, assim que é a vaidade. Logo que eu tive contato com elas, me propiciou também essa coisa da vaidade, de poder curtir a aparência. A minha mãe era toda... perfume e batom, né? Então, essa influência assim!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Wotan afirma que não se lembra de ter recebido ativamente de seus pais, nenhuma mensagem sobre o papel de homem, visto que eles nada disseram explicitamente nesse sentido. Todavia, um conceito que ele assimilou da sociedade como um todo e que descartou posteriormente é o de que "um homem não pode ser frágil!" Ou então: "Homem não chora!" Destes mandatos o sujeito admite que ainda hoje existem resquícios, pois se trata de algo muito forte e arraigado. Wotan ressalta que isto,

entretanto, não foi 'herdado' de seus pais, mas supostamente do grupo de meninos, e é uma expressão do ranço machista da força, tal como: "Homem tem que ser forte!" A manifestação da força neste caso, traduzir-se-ia não só em termos físicos, como também emocionais. Uma expressão deturpada de força do ego, que assume uma conotação de rigidez de caráter é o mandato: "Tem que ser durão! E também tem que ser frio" (isso, associado à dominância da racionalidade, ele admite que talvez tenha assimilado do pai). Enfim, "tem que ser homem!" foi o mandato imposto.

Cada um destes preceitos, Wotan afirma que os foi descartando um a um, e relativizando-os. E justifica: "Até porque eu nunca fui nada dessas coisas! Eu nunca fui forte! Era um moleque fraquinho!"

Refletindo, ele acredita que não houve nenhum aspecto que assimilou ou manteve, assegurando que o "seu homem" (jeito de ser homem) tornou-se algo completamente diferente disso. O exercício do papel de homem para ele implica em que se é permitido ser frágil, mas também se pode ser forte, podendo alternar estas duas possibilidades; podendo ser racional, mas também podendo não ser; eventualmente poder "ser mais sentimento" (deixar os seus sentimentos prevalecerem sobre a razão). Saber compor os dois elementos, "compor masculino e feminino," diz ele, harmonizando e reconciliando os opostos, de forma a se chegar a um equilíbrio entre as polaridades.

Questionado sobre a influência das figuras parentais na sua formação, Wotan afirma que seu papel foi importante no sentido de ajudá-lo a se definir enquanto ser humano, ou seja, como pessoa e cidadão, mas não enquanto homem. Ele explica que seus pais lhe proporcionaram uma abertura suficiente para questionar o modelo vigente, tendo se dado sua influência no sentido de lhe proporcionar liberdade para poder criar os seus próprios modelos. Assim, sua educação consistiu em ser estimulado a criar desde a infância. Além disso, seus pais também o estimularam no sentido de fazer suas próprias escolhas. Isto foi positivo no sentido de que hoje ele não se sente oprimido pelo modelo em voga, pela expectativa social de como é (ou deveria ser) o ser masculino. Muitos homens atualmente estão oprimidos, travados, imobilizados diante da força coercitiva do mandato do "tem que ser homem" ou "tem que ser macho!" Isto gera um padrão ideal muito distante e inacessível, de forma que, se não conseguem corresponder a isso,

muitos acabam "tendo que ser outra coisa." Isto é, oprimidos e desorientados face aos padrões impostos, assumem outra identidade.

Wotan, todavia, teve uma educação flexível o bastante, de forma a poder se sentir livre para viver o seu lado feminino, e manifestar a sua feminilidade, e não só se sentir à vontade com isso, como também poder desfrutar disso. Em sua casa juntamente com a mãe e a irmã, ele costumava cantar, tocar instrumentos e executar trabalhos manuais, como por exemplo, a pintura de porcelana, atividade que para a cultura machista tradicionalista da época, era considerada como muito feminina. As artes são tidas como coisas das mulheres, reitera ele, ilustrando a forma como se distribuíam e organizavam os papéis sexuais através do dito popular: "É o ócio e o negócio!" Enquanto os homens ficam "no negócio," as mulheres permanecem "no ócio," explicita.

O sujeito considera que foi importante ter assimilado isso, ou seja, foi relevante para o seu desenvolvimento enquanto homem, ele ter podido experimentar também o que era "uma coisa de mulher" (ficar pintando porcelana com a mãe), pois só mesmo as mulheres iriam pintar porcelana há quarenta anos atrás. Wotan salienta que se recorda inclusive do cheiro da tinta, da porcelana, o que sugere ter sido este fato muito marcante e significativo para a sua afetividade e o seu desenvolvimento psicológico.

O sujeito reitera que a influência dos pais foi então a de "abrir para o feminino," cuja experiência era permitida e liberada (pode tocar, fazer música, pintar porcelana), ou seja, a manifestação e a vivência do feminino deixa de ser proibida ou censurada, e nem tão pouco desqualifica o masculino.

Referindo-se à sua irmã, Wotan acredita que esta foi mais penalizada nesse sentido, pois apesar de ter compartilhado com ele a mesma matriz familiar, ela não teve acesso ao mundo masculino da mesma forma como ele teve ao feminino, justamente devido ao fato de ser mulher e por ter sido mais reprimida em função disso. Assim, ele a via como "aquela bonequinha mesmo de porcelana," e por outro lado também a tinha como mãe pelo fato dela ser dez anos mais velha (o que supostamente pode ter funcionado como agente inibidor e de repressão para ela). Desta forma, Wotan conviveu bastante com essas duas mulheres na sua infância (visto que elas ficavam muito tempo

em casa), mulheres estas que parecem ter marcado significativamente a sua personalidade e a sua identidade masculina.

O sujeito acrescenta outro elemento que socialmente pertence ao mundo feminino, e que também vivenciou e assimilou com a mãe: o cultivo e os prazeres da vaidade (sua mãe gostava de perfume e batom). Foi mais uma possibilidade que se abriu: a de "poder curtir a aparência."

Vale salientar que contrariamente ao que ocorreu no primeiro trecho do discurso do sujeito, quando este afirma que não assimilou nada de relevante das figuras parentais no que diz respeito à formação do seu papel de homem, (e tendo afirmado também na 1ª unidade, que não houve "nada marcante" no processo de tomada de consciência desta identidade), no segundo trecho ele contradiz isto, colocando aspectos de sua experiência pessoal que de fato foram marcantes e significativos para o seu desenvolvimento, e que contribuíram substancialmente para a formação de sua identidade masculina.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 09: Alexandre

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 5)

Alexandre: Tudo o que meu pai me ensinou, eu nunca descartei nada. Meu pai sempre me ensinou, desde pequeno, que homem é aquele que consegue manter suas responsabilidades! Ele tem que arcar com suas responsabilidades também. "Ele tem que conseguir vestir a calça sozinho!" A hora que ele não conseguir mais vestir sua calça sozinho, ele não é mais homem. Meu pai foi até a quarta série. Ele é do interior, tal... então ele não se preocupou em estudar. Mas ele tem uma filosofia de vida muito boa. O que ele passou prá mim de homem, é assim: Que o homem, ah... "ele não bate numa mulher! Não ofende uma mulher!" Tem que sempre tratar bem; e tratar bem um homem também, mas, assim distanciado. "Nunca dar intimidade prá um homem!" Eu acho que ele estava me preparando prá eu não ser bicha! (Riso) Não é verdade?

Lucélia: Você intuiu que ele devia ter alguma preocupação nesse sentido?

Alexandre: É, porque até os sete, oito anos, homem só anda com homem! Molecada anda junto! Depois, quando você está com uns dez anos, você já começa a olhar para as meninas. Aí começa a puberdade... dez, onze, doze anos! Começa a vir um sentimento diferente, que você não sabe o que é. É legal essa fase. Então, ele sempre fala prá mim, até hoje, que "eu sempre vou ser o menino dele!" Até hoje ele fala prá mim que eu não posso fazer ninguém sofrer. Que eu não preciso ter religião nenhuma, apesar de eu ter sido batizado na

Católica, ser crismado (eu fiz tudo, fui coroinha, fui tudo!) Mas, essa foi uma coisa que eu deixei. Foi uma coisa que eu não quis!

Lucélia: A religião?

Alexandre: É! A religião, eu deixei. A princípio, ele falou: "Por que eu era contra a igreja? Por que eu não queria ir?" Daí, ele falou assim: "Você só tem que seguir um mandamento que eu sempre te ensinei!" Que é assim: "Não faça nada para os outros, que você não quer que façam prá você!" Esse é o único mandamento que eu sigo. Não vou ficar decorando os dez mandamentos. Ah... "Não roubar." "Não matar." Então, às vezes você precisa roubar! Às vezes você precisa matar! Se eu chegar em casa, e alguém estiver violentando a Valquíria, eu mato! (Ênfase) Com certeza! Aquilo ali é parte da minha vida. Então eu mato. Se eu tiver um filho um dia, e eu não tiver condição de comprar uma comida prá ele, eu roubo! (Ênfase) Eu não vou deixá-lo sem comer. Então, quando foram feitos esses mandamentos, eu acho que eles não tinham visto o que era a realidade da vida! "Não cobiçar a mulher do próximo!" "Não cobiçar o homem do próximo" não existia. Porque naquela época, jamais se poderia cobiçar o homem do próximo! Eu observo muito essas coisas, sabe? Então, eu acho um absurdo tudo isso! Não sou obrigado a engolir isso!

Unidade transformada em linguagem psicológica

A figura paterna parece ter tido um papel decisivo na formação e no desenvolvimento da identidade masculina do sujeito, fato que o leva a afirmar inicialmente não haver descartado nada que o pai tenha lhe ensinado. Sobretudo, os mandatos para ser homem que lhe foram transmitidos e alguns princípios de solidariedade humana ressoam fortemente: "Não bater em mulher;" "Não ofender uma mulher;" "Tratar sempre bem a mulher e aos homens também" (mas destes, mantendo a devida distância).

Acima de tudo, um homem deve arcar com suas responsabilidades, e particularmente, "conseguir vestir a calça sozinho," atribuições estas que fornecem a exata medida da sua masculinidade. Assim, Alexandre acredita que seu pai tenha lhe recomendado manter distância de outros homens, temendo que ele se tornasse homossexual. E relembra que quando se é criança só existe o grupo dos meninos ("molecada só anda junto"); a diferenciação sexual começa a ocorrer no início da puberdade, momento em que se impõe a atração pelo sexo oposto. Brota um "sentimento diferente," diz ele, afirmando que não é possível definir exatamente a sua natureza. Este sentimento novo sugere excitação e deslumbramento diante do mundo recém-descoberto e das sensações que abruptamente irrompem pelo seu corpo.

Alexandre tem procurado ser o homem que seu pai gostaria que ele fosse, cumprindo a expectativa e introjetando assim os valores em referências ao gênero

masculino, sem desviar-se para o caminho fatídico/temido da homossexualidade. Para isto, contudo, foi preciso manter prisioneira a sua feminilidade relegando-a aos domínios da sombra.

Além disso, o legado paterno passa também por uma sólida formação religiosa (Alexandre foi batizado e crismado na Igreja Católica, tendo sido também 'coroinha'), cujo mandato essencial é "não fazer ninguém sofrer." O sujeito, todavia, diz haver descartado completamente sua herança religiosa, questionando veementemente os mandamentos da lei do Deus de Abraão (especialmente "não roubar;" "não matar"), porque do seu ponto de vista eles não se aplicam à "realidade da vida" e a algumas situações limite (ele mataria se encontrasse outro homem estuprando sua companheira; roubaria se não tivesse o que comer para dar a um suposto filho, afirma). O sujeito também aponta a inadequação dos mandamentos pelo fato de que não exista "não cobiçar o homem do próximo," mas somente: "Não cobiçar a mulher do próximo!" atestando com isso a ideologia machista que já permeava os primórdios de sua herança religiosa, pois nem se cogitavam os desejos da mulher quando foram instituídos os mandamentos.

De uma maneira geral Alexandre considera absurdos tais preceitos religiosos, ressalvando que o único mandamento que segue consiste em que "não faça para os outros aquilo que você não quer que façam com você" ('ame ao próximo como a si mesmo'), o qual foi recomendado pelo pai ao saber que o filho não mais freqüentava a igreja. A diferenciação do sujeito face aos valores herdados (que mais sugere uma atitude de rebeldia e contestação perante a ordem vigente em seus valores formalmente instituídos), passa então pela questão religiosa.

Possivelmente Alexandre tenha se rebelado pelo autoritarismo com que foram impostos os referidos preceitos religiosos, os quais foram apresentados como verdade absoluta e incontestável ("não sou obrigado a engolir isso," afirma), tentando buscar uma razão lógica e plausível que justifique o por quê de tais admonições.

Finalmente observa-se a existência de um forte laço afetivo e uma relação de exclusividade entre pai e filho, quando o primeiro segreda ao segundo "você sempre vai ser meu menino," declaração que se por um lado é sinal de afeto, por outro, reveste-se

do mandato para não crescer e continuar sendo sempre uma eterna criança para agradar ao pai (nem de todo homem, nem tão pouco mulher).

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 10: Yuri

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 5)

Yuri: Quer dizer, explicitamente, eu nunca tive uma educação assim de: "Olha! O homem é assim..." Agora, você sente pelo... como uma família é constituída. Quer dizer, eu fui criado numa família, que eu tinha assim, o meu pai como chefe da casa. Ele detinha o poder monetário! Embora minha mãe sempre tenha trabalhado. Mas todos os afazeres domésticos eram por conta da minha mãe. Então era bem isso assim! E por outro lado, eu sinto... é... o termo correto, seria... não seria 'manipular.' Manipular é uma coisa de certa maneira pejorativa, mas eu digo assim, o controle da família era da minha mãe. Então a 'primeira ministra...' (risos) era minha mãe, você entende? Mas oficialmente todo o poder de decisão era dado a ele! Então, hoje eu enxergo como eu fui criado numa estrutura assim: o homem tem o poder de decisão, mas necessariamente não é ele que vai tomar as decisões!

Lucélia: Houve alguma coisa que você tenha descartado? Assim: "Não! Isso não tem nada a ver! Isso não é prá mim! Isso eu não gosto!"

Yuri: Isso é muito difícil de responder. Assim, diretamente, se eu descartei alguma coisa ou não, eu não sei te dizer, sabe, acho que não. Em casa era uma família de classe média, e todo mundo era sócio de clube, ia prá escola, viajava de final de semana. Ah... quer dizer, teve o privilégio de ir a boas escolas! Assim, diretamente, eu não vejo nada que eu tenha descartado. Ah, sim! Só um, um... se der prá comentar. Por exemplo: eu tenho muito como referência de relacionamento, os meus avós! Quer dizer, eu sempre tive neles, uma convivência muito legal, muito sadia! Um modelo assim, de duas pessoas que tinham afinidade. Quer dizer, em casa eu nunca senti uma disputa ou briga entre o meu pai e a minha mãe. Eu sempre via que tinha um consenso das decisões. Embora sempre tenha aquele estereótipo que você vai ser o chefe da família... umas coisas assim. Quem dirige o carro é o meu pai! Quem vai ao supermercado é minha mãe! Quem leva o carro prá consertar é o meu pai! Então, essa divisão... já os meus avós da parte da minha mãe, eu não via tanto isso. E principalmente assim, no final da vida. O meu avô ficou doente, minha avó também ficou. Então, eu via um carinho entre eles e a distribuição de tarefas, principalmente dentro de casa, quer dizer, as tarefas ditas masculinas ou femininas eram misturadas! Não tinha muita definição... Com os meus pais já era bem definido!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito afirma ter sido criado numa família de classe média (alta), onde a distribuição dos papéis obedecia ao esquema tradicional: o pai oficialmente era o chefe-da-casa, isto é, ele detinha o poder monetário, enquanto a mãe, apesar de ter o seu trabalho fora de casa, desempenhava um papel aparentemente secundário no lar, o de

supervisora dos afazeres domésticos. Além disso, as tarefas e as funções eram bem definidas: o homem dirigia o carro e também era o responsável por levá-lo para o conserto; a mulher, por sua vez, fazia compras no supermercado. Todavia, Yuri observa que sua mãe possuía um papel paralelo e subreptício muito mais forte, que ele não denomina "manipulador" pelo caráter pejorativo da palavra, mas entende que no jogo das relações familiares ela "detinha o controle da família" em um plano subliminar. Por isso, lhe atribui espirituosamente o epíteto de "primeira ministra." Assim, se teoricamente, todo o poder de decisão era delegado ao pai, no entanto, na prática necessariamente nem sempre era ele quem, de fato, tomava estas decisões.

Após alguma hesitação, Yuri considerou que não tivesse descartado (pelo menos diretamente) nenhum aspecto significativo de sua formação, da educação que recebeu, apesar de nada haver sido explicitado verbalmente quanto ao papel de homem. Pesou muito o fato dele ter tido uma família bem estruturada, de um bom nível sócio-cultural e uma condição financeira privilegiada. Freqüentava-se boas escolas, clubes, viajava-se rotineiramente aos finais de semana.

Deve-se considerar ainda uma outra referência de relacionamento homem/ mulher citada pelo sujeito, que são seus avós maternos. Yuri sempre teve no referido casal o exemplo de uma "convivência muito legal, sadia!" diz ele. Um modelo de duas pessoas de sexo oposto que tinham muita afinidade, acrescenta.

O sujeito assevera que junto aos seus pais a divisão dos papéis sexuais era muito bem definida, as funções eram estanques e catalogadas por gênero, e eles transmitiam isso informalmente aos filhos. Todavia, diz nunca ter percebido uma disputa ou altercação entre eles; ao contrário, parecia haver sempre um consenso nas decisões do casal. Apesar disso, estava implícito o estereótipo de que Yuri seria o chefe de sua futura família.

Quanto aos avós maternos, todavia, a distribuição de papéis não era assim tão bem demarcada, muito ao contrário, as tarefas ditas masculinas e femininas eram intercambiáveis. Principalmente no final de suas vidas, quando ambos adoeceram, Yuri não só notou o carinho de um para com o outro, como também observou que o cumprimento das tarefas tornou-se ainda mais equânime.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 5)

Referindo-se ao pai

Arquimedes: ... Esse meu espelho... ele veio com bastante falhas, das quais eu acho que nos momentos que eu mais precisei, meu pai não estava! Principalmente nas decisões. O pai, por exemplo, é um papel importante na vida do casal. É difícil tomar uma decisão sem ter alguém do seu lado. Alguém forte! Então, muitas vezes, eu tomei minhas decisões sozinho. Eu fui casar... cheguei em casa e avisei: "A festa é sábado! Eu estou casando!" (Riso) Mei pai ficou de boca aberta! Eu não poderia procurar meu pai. Ele estava jogando baralho, estava pescando, nunca estava junto! Sempre uma figura distante. A começar, pela temporada que eu tinha vivido com meus avós até os oito anos de idade... Quer dizer... eu conheci meu pai realmente depois dos oito anos de idade. Eu acho que eu me inspirei mais no meu avô do que no meu pai, sabe? Meu avô era uma pessoa forte, trabalhadora. Aquele lá podia dizer: "Meu nome é trabalho!" (Riso) Aquele lá... enquanto o sol clareava as ruas das plantações, ele estava trabalhando!

Lucélia: Ele era agricultor?

Arquimedes: Agricultor! Eu morei no campo. E... eu vim prá cidade, eu sempre fui uma pessoa fácil de aprender as coisas. Logo já me adaptei na cidade grande. Mas assim, eu me espelhava no meu pai mesmo, só em família. De trabalho... o meu pai sempre foi bem sucedido. A gente nunca passou necessidade! De nada! Como agora que eu estou desempregado, quer dizer, ele está sustentando a mim e aos meus filhos, que estão na casa dos outros. Porque eu não tenho condições, desempregado, de conseguir dar uma pensão. Então, no momento, quem está ajudando é ele. Então, eu me espelhei nisso, sabe? Porque se ele não fosse uma pessoa prevenida, como é que ele estaria ajudando os meus filhos hoje? Como é que ele estaria me ajudando? Então, é isso o que eu gosto no meu pai. Ele é uma pessoa que antes de agir, ele pensa bastante prá não dar um pisão em falso e cair! Durante esse tempo que eu passei pelas drogas, eu agi errado. Resolvi me espelhar mais ainda nesse sentido. E foi um bom exemplo! E prá meus filhos também!

Lucélia: Agora que você tenha descartado, houve alguma coisa? Algo que ele lhe transmitiu não apenas verbalmente, mas pelo próprio jeito de ser, e você pensou assim: "Não! Isto não me serve!?"

Arquimedes: É, houve coisas assim. Por exemplo: meu pai gosta muito de chegar no bar, tomar cerveja e de jogar truco. Eu já gosto também, de tomar cerveja e jogar um truco, mas em casa! Meu pai não. Eu nunca achei... bar, um lugar prá um homem. Uma pessoa que tem uma família, eu acho que... Você acaba dando mais atenção prá os seus amigos do bar, do que para o seu filho, para a sua própria mulher! É isso que muitas vezes acaba um relacionamento também. Você chega em casa: "- Pô, aconteceu isso!" "- É? Mas que horas?" "- Na hora que você estava no bar!" Ela: "- Fulano veio aqui!" "- Quando? Que horas?" "- Ah! Enquanto você estava lá no bar." De vinte e quatro horas, vinte e três, você fica no bar! Que marido é esse? Que filho vai se espelhar num pai desse? Então, em vez de dar uma mamadeira, dá uma garrafa de '51' [pinga] para o filho que é melhor, né? Eu acho assim...

Lucélia: Seu pai é alcoólatra?

Arquimedes: Não! Ele bebe socialmente! Socialmente mesmo! Ele nunca chega... nunca! (Ênfase) Nunca chega bêbado em casa! Mas ele adora ir prá bar. Sempre, sabe? Não sei, parece aquelas novelas que junta

aquele punhado de velhinhos e ficam na praça prá conversar... (riso), sabe? É desse jeito! Uma vez ou outra, eu vou lá no bar... ah! Mas eu detesto! Você sabe quando a pessoa bebe, ela começa a falar mais. Aí fica aquele blá blá blá blá... blá blá... Eu vou no bar, só respondo: "É!" "Não!" e "Porque." Eu digo: "É... hum... ah! Hum... hum..." (risos) Eu não gosto! Difícil 'cortar' bêbado! (Risos). É horrível, não?

Unidade transformada em linguagem psicológica

O pai parece ter sido uma figura dominante na formação da identidade masculina do sujeito, pois além de suas referências ao mesmo serem maciças, estas são muitas vezes ambíguas, o que se constitui em índice de conflito em relação à figura paterna. Assim, Arquimedes se refere ao pai como a "um espelho" de três faces: - a primeira face revela exatamente o vazio, a falta de um referencial afetivo seguro, a quem pudesse se reportar em momentos de dúvida que envolvessem tomada de decisões; - a segunda face reflete um modelo consistente do papel tradicional do homem na sociedade patriarcal, isto é, o do chefe-de-família, bem sucedido no papel de provedor (no qual o sujeito se inspirou); - a terceira face revela o lado obscuro e sombrio do homem no papel acima referido na classe média baixa: o papel do "freqüentador de bar," que o sujeito descartou e abomina.

No primeiro caso, o sujeito aponta o pai como "um espelho com muitas falhas" e reitera sua dificuldade quando se trata de tomar decisões sem a presença de "alguém forte do seu lado," sendo que para demonstrar ao pai o estado de abandono em que se sentia, quando decidiu se casar, comunicou-o da seguinte forma: "A festa é sábado!" Se por um lado a carência do afeto da figura paterna é um fato inconteste, por outro isto também evidencia a imaturidade do sujeito, sugerindo a imagem de um garoto que necessita do apoio e da segurança de alguém mais experiente, já que para ele é muito difícil agir por si mesmo.

O sujeito lembra que viveu até os oito anos de idade com os avós reiterando com este fato o abandono e a omissão da figura paterna. Por outro lado isto também abriu-lhe a possibilidade de conhecer e ser influenciado pela forte figura masculina do avô, tendo tido este modelo, outro importante papel na formação de sua identidade masculina. Seu avô, que era um homem do campo, conferiu-lhe fortemente o mandato da dedicação ao trabalho: "Meu nome é trabalho!"

Quando veio morar na "cidade grande," que no caso seria Campinas, Arquimedes afirma ter tido facilidade de adaptação. O pai passou a ser então para ele o padrão e o "espelho" (modelo) de masculinidade, tendo um papel ambíguo. Por um lado funcionou como o elemento que congregou e constituiu em torno de si uma família estruturada no sistema patriarcal, destacando-se como um bom provedor, nos termos do sujeito: alguém "prevenido," bem sucedido profissionalmente, que pensa antes de agir evitando com isso eventuais acidentes por falta de planejamento. O sujeito salienta o fato de que a família nunca tenha experimentado necessidades materiais, sendo seu pai quem atualmente sustenta a ele próprio e aos filhos, visto que encontra-se desempregado. Assim, o pai é um referencial de força e potência masculina, não só para Arquimedes, como também para a geração que o sucede.

Por outro lado, a imagem do pai como modelo de masculinidade e esteio familiar sofre sério abalo pelo fato deste possuir o hábito de freqüentar bares, a fim de tomar cerveja (Arquimedes afirma que ele "bebe socialmente") e jogar truco. Este fato parece incomodar particularmente ao sujeito, que descartou tal comportamento do seu repertório afirmando textualmente: "Bar não é lugar prá um homem." Arquimedes critica especialmente os homens freqüentadores de bar no sentido de que dispensam mais atenção para os amigos do bar - reduto especificamente masculino - do que para a própria família. Assim, tornam-se figuras ausentes no lar, 'estranhos' visitantes que ignoram quase que por completo os pequenos acontecimentos que somados, constituem a vida em família, desempenhando com isso de forma deficitária e insatisfatória o papel de marido e pai. O sujeito então demonstra sua repulsa a bares e bêbados através das palavras: "É! Não! Porque," respostas estas lacônicas e monossilábicas que nas entrelinhas constituem uma manifestação passiva de resistência e oposição, que, sem complementar o papel, conduz à extinção de um discurso que Arquimedes qualifica como "horrível."

Vale ressaltar que no discurso do sujeito não há qualquer referência à figura feminina (anima ausente), como se no processo de formação de sua identidade masculina ela fosse desnecessária, ou até mesmo inadequada.



Síntese da 5ª UT: a 'criação' do sujeito e a diferenciação quanto aos valores herdados

De uma maneira geral a experiência dos sujeitos foi diversificada quanto à sua 'criação,' e aos aspectos em quem se deu ou não a diferenciação. Houve, no entanto, algumas similaridades. Nos casos de Isac e Átila ocorreu uma inversão do casal parental em relação ao padrão social, isto é, a figura materna era dominadora e autoritária enquanto a figura paterna era mais passiva e submissa. Assim, Isac relata que na formação de sua personalidade teve uma influência maior da mãe do que do pai, pois, em suas palavras: "Era ela quem cuidava da gente," isto é, quem supria todas as suas necessidades emocionais e materiais. Em contrapartida, com o pai teve grandes dificuldades de relacionamento devido, sobretudo, ao fato deste ser alcoólatra (o que resultou também que a mãe tomasse para si o papel de provedora). Então, esta inversão de papéis (um feminino ativo e dominante em contraposição a um masculino fraco e sem expressão) foi vivenciada já na família de origem, fato que o deixou bastante confuso, porque no mundo à sua volta as coisas não eram assim (o contexto social ainda é aquele da sociedade patriarcal). Na sua relação com a companheira também ocorre algo parecido, isto é, o compartilhar e a alternância de papéis, de forma que houve também no seu próprio lar um desvio do modelo oficial. Átila, por sua vez, considera a mãe "muito machista," sendo que sentiu dificuldades de lidar com o autoritarismo dela. A imagem do feminino transmitida pela figura materna - "umas damas" ou "umas coisas totalmente delicadas" - foi a princípio introjetada, e depois foi aos poucos sendo revista e descartada. Átila discorda do conceito de que as mulheres são frágeis e fúteis, e "uma coisa meio intocável." Ao invés disso percebeu que no relacionamento as coisas eram bem mais práticas.

Em sua 'criação' Átila e Wotan tiveram um contato maior com o mundo do feminino e expressões femininas de ser. Átila considera seu pai como diferente dos demais pelo fato deste ter um lado feminino (e intuitivo) mais em evidência, e ter lhe transmitido um conceito diferente de masculinidade. Segundo os códigos daquele, para ser homem não precisa ser o "machão," é permitido sentir dor e chorar. E ainda, "ter que ser o durão" não é atestado de virilidade. Átila relata que seu pai nunca o levou para a zona do meretrício, e dizia que era importante deixar que as coisas acontecessem

naturalmente, sem forçar. Ele considera todos estes aspectos de sua educação muito positivos, tendo sido fácil para si reconhecer e aceitar (no nível consciente) que todo homem tem um lado feminino, muito diferente do que observa com outros colegas da mesma faixa etária. Por sua vez, Wotan teve uma educação mais aberta e flexível, de forma que ele pôde se sentir à vontade para experimentar alguns aspectos do feminino e desfrutar disso, sem ter ameaçada a sua virilidade. A convivência com a mãe e a irmã foram marcantes nesse sentido (em sua companhia ele costumava cantar, tocar instrumentos e realizar trabalhos manuais). Seus pais lhe deram liberdade para poder criar os seus próprios modelos, isto é, havia a possibilidade de escolha. Apesar disso, ele também assimilou do contexto social mais amplo os mandatos de que o homem não pode ser frágil, não pode chorar, e em contrapartida, de que "tem que ser forte," "tem que ser frio." Wotan afirma que foi descartando e relativizando tudo isso, mas admite que ainda conserva resquícios dos antigos preceitos. O sujeito observa que no seu processo de diferenciação o "seu homem" (o novo homem que engendrou a partir dessa argamassa) tornou-se muito diferente disso, tendo definido os seus próprios códigos e parâmetros para exercer o papel de homem. Assim, para ele é permitido ser frágil, mas também se pode ser forte, isto é, há a possibilidade de alternância destas duas polaridades; pode-se ainda ser ou não racional, ou agir momentaneamente sob a égide do sentimento. Enfim, ele ressalta a importância de saber compor masculino e feminino em um funcionamento harmonioso. Wotan observa que da forma como lhe foi transmitido, não houve nenhum aspecto que assimilou ou manteve.

Enquanto para Átila e Isac a inversão do modelo parental era manifesta, Yuri traz um modelo de inversão mais velada. Entre seus pais os papéis eram bem demarcados, sendo que cada um possuía funções específicas e não intercambiáveis (o que não ocorria com seus avós maternos, onde o jogo dos papéis era mais eqüitativo e havia uma saudável convivência). Todavia, se aparentemente sua mãe coordenava o funcionamento do lar, e o pai era o chefe-da-casa e detinha o poder monetário, na verdade aquela era a "primeira ministra," pois possuía o controle da família em um plano mais sutil e subliminar.

Por outro lado Pedro, Diógenes e Aldo tiveram no casal parental, uma reprodução fiel do modelo tradicional: pai provedor/autoritário, e mãe submissa e contemporizadora.

Aldo, tendo sido criado em uma família patriarcal tradicional a princípio correspondeu a todos os mandatos no sentido de ser um macho viril: se esforçou para estudar, ter uma profissão e ser bem sucedido nela, aspecto que o capacitaria para ser um bom provedor. Além disso, era estimulado a namorar bastante e sexualmente, dar mostras de sua virilidade, tendo sido preparado para ser o dominador na relação. Para constelar o mandato a ele foi dada a incumbência aliada a uma expectativa de dar continuidade ao nome da família, onde o casamento, a paternidade eram rituais necessários e tradicionais. Todavia, a descoberta de que a mulher podia ser competitiva no nível profissional, que ela também podia pensar, conhecer o mundo e tomar decisões mudou o seu conceito de homem, que deixou de ser o provedor oficial quando passou a ter ao seu lado uma parceira em igualdade de condições. Isto fez com que ele próprio também se modificasse na relação com a companheira, tornando-se mais participativo e compartilhando com ela decisões e atividades.

Por sua vez Rafael, Diógenes e Adriano tomaram atributos de caráter, ajustamento social e cidadania como elementos constituintes da argamassa em que se funda o papel de homem, demonstrando não ter muita noção das questões de gênero propriamente ditas.

Rafael através das reminiscências e do delineamento da trajetória da família, trouxe à baila elementos que contribuíram fortemente para a formação de sua identidade. Assim, ele parece ter sido marcado profundamente pelo sofrimento de sua mãe, identificando-se com ela, e tendo assimilado uma tendência masoquista à sua personalidade. Neste caso, a imagem internalizada da figura materna parece ser a de 'mártir,' um exemplo de mulher sem mácula, cuja feminilidade foi urdida no sofrimento e na dor (o que corresponde ao ideal sacrossanto da Virgem Maria). Por sua vez, o pai não possuía vícios, sempre foi trabalhador e lhe deu bons exemplos, tais como a conduta pautada na honestidade e no rigor da palavra empenhada, valores para ele altamente relevantes. Assim sendo, Rafael tomou o pai como um modelo para si, e foi consolidando

seu conceito de homem no cotidiano tomando por base as noções acima. Além disso, mirou-se nos pais como um modelo de família bem estruturada; o fato destes não brigarem entre si e constituírem um casal aparentemente unido, foi um motivo mais do que suficiente nesse sentido. Desta forma, Rafael parece não ter rompido os laços paterno-filiais, demonstrando estar ainda num nível bastante incipiente de diferenciação, visto que não foi capaz de descartar qualquer elemento de sua formação.

Assim como Rafael, Diógenes deu muita ênfase ao traço de caráter da honestidade, que diz ter assimilado de seu pai, e afirma colocar em prática na relação com a esposa e o filho, e também no contexto social mais amplo. Desta forma, questões de caráter e de relacionamento humano parecem ser para ele pertinentes ao papel de homem (foram transpostas para o plano das relações de gênero). Adriano, muito embora tenha correspondido ao mandato de "ser homem prá trabalhar," entende que não se trata de um aprendizado ou de algo que tenha assimilado, pois para si a questão do homem como um provedor já faz parte da própria natureza das coisas; é algo previsível, certo e esperado. "Uma coisa que tinha que acontecer mesmo," afirma, visto que para si a finalidade do papel do homem é o trabalho, condição que o capacita a desempenhar satisfatoriamente as funções de provedor. Sem fazer referência às questões de gênero propriamente ditas, Adriano deu muito mais ênfase aos métodos educacionais punitivos de antigamente - os gritos e tapas, as punições indiscriminadas, irracionais e repetitivas que sofreu - os quais em veemente repúdio, descartou totalmente. Em lugar disso, prefere o castigo moderado e regular, mas sem perder a autoridade, tendo sido este o aspecto em que se deu a sua diferenciação.

De maneira muito semelhante a Diógenes, Rafael e Adriano, Isac também afirma que 'herdou' do pai a honestidade e a vontade de trabalhar, mas independente disso, este parece ter consciência das questões de gênero. Arquimedes também corrobora através da figura do avô o conceito de homem associado ao trabalho: "Meu nome é trabalho!" disse referindo-se ao avô. Diógenes recriou sua herança para o trabalho, que para seu pai era o que essencialmente definia o papel de homem, no sentido de que ele introduziu também um tempo para o lazer em sua vida e na de sua família, muito embora o trabalho continuasse tendo o seu lugar.

Arquimedes demonstra ambigüidade em relação à figura paterna, que para ele parece ter tripla conotação: o pai ausente que o abandona involuntariamente, pois nunca está presente para lhe ajudar a tomar decisões; o chefe-de-família exemplar em que ele e seus filhos se 'inspiram' por ser um bom provedor, um homem previdente que pôde amparar a si e à sua família num momento de crise (sua "queda" devido ao uso de drogas levou-o a uma situação de desemprego), portanto, um seguro sustentáculo; e o "freqüentador de bar," que parece atribuir mais valor aos amigos do que à família propriamente dita, aspecto que descartou totalmente, por não considerar "bar lugar prá homem." O hábito de freqüentar bares parece denegrir e depor de forma negativa e pejorativa contra o seu conceito de homem.

Já Pedro considera que assimilou da figura paterna a afetividade e tenta descartar o autoritarismo. Quanto à afetividade, que no início o pai somente manifestava via papel de provedor, posteriormente passou a demonstrá-la de maneira mais explícita e direta, após a intervenção de Pedro, que com um beijo, ajudou-o a liberar este importante aspecto de sua personalidade. Para descartar o autoritarismo o sujeito tenta por em prática um certo tipo de "autoritarismo democrático," onde procura conversar com quem está próximo para ponderar e encontrar em conjunto a melhor solução, mas a última palavra é sempre dele, de forma que fica evidente que apesar de sua intenção consciente o autoritarismo não foi descartado. Pedro procura decidir mascarando sua tendência, visando modificar o autoritarismo herdado, mas está ciente de que em todas as decisões importantes, está em suas mãos fazer isto (com o que parece contar com a anuência das pessoas à sua volta).

Alexandre aprendeu com seu pai alguns conceitos de virilidade e mandatos essenciais: "Um homem deve conseguir vestir a calça sozinho," ou que deveria "manter distância dos outros homens." Todavia, descartou veementemente sua herança religiosa, justificando que os mandamentos não se aplicam à realidade da vida e a algumas situações limite. Neste caso, a diferenciação do sujeito parece se tratar de uma atitude de rebeldia e contestação perante a ordem vigente em seus valores formalmente instituídos, e principalmente, uma retaliação face à forma autoritária com que foram impostos estes valores. Há fortes laços de exclusividade e fidelidade entre pai e filho,

sendo que diante do apelo: "Você sempre vai ser meu menino!" este último procura corresponder ao mandato para não crescer, e continuar sendo a eterna criança para agradar o pai (e com isso não amadurece enquanto homem).

Heródoto em seu constante questionamento dos valores herdados, descartou mandatos e modificou conceitos. Assim, ele descobriu que o que importava era a qualidade de um relacionamento, e não a quantidade (o número de parceiras com quem manteve relações sexuais). Além disso, colocou em xeque o conceito da mulher frágil que deveria se sujeitar ao homem, e refletiu que o fato de ser "boazinha," meiga e "dizer amém a tudo" poderia ser expressão de uma patologia. Uma mulher assim já não corresponde às suas necessidades, pois não seria capaz de realizá-lo. Seus novos critérios implicam em que a parceira ouse "sonhar" e possa "ser ela" (que tenha suas próprias aspirações e sua própria individualidade). Outro aspecto que descartou foi a questão do controle sobre o outro, pois considera que isto está a serviço da insegurança do ser humano. "Ninguém é dono de ninguém! Tudo na vida é uma aposta!" reitera. Heródoto também não julga relevante e necessário conhecer o outro. Em contrapartida, considera o desconhecimento muito mais desafiador por exigir uma conquista constante, que está relacionada à "busca de cada um" (o que cada um quer da vida). Todavia, ao mesmo tempo em que está engajado em um contínuo processo de transformação, mantém um lastro com a cultura vigente, pois ela lhe oferece a base dos elementos que compõem a sua identidade masculina. Heródoto pontua que a ruptura com os valores herdados nunca é "radical" (total), pois muitos dos antigos valores continuam presentes no psiquismo, apesar de terem perdido parte de sua energia original.

No caso de Diógenes, enquanto o pai era a figura de autoridade - o juiz que "apitava dentro de casa" - a mãe atuou como facilitadora do desenvolvimento (ego auxiliar) e correspondia ao que dela era esperado socialmente: era uma mãe extremada e esposa submissa. Apesar de Diógenes afirmar "nada ter a reclamar" da mãe no cumprimento deste papel (ela soube nutri-lo em suas necessidades básicas, e também no aspecto educacional), todavia esta não era dada a expressões de afeto (abraços e beijos), sendo sua afetividade transmitida somente através destas atitudes.

Isac afirma não ter nenhuma dificuldade em lavar pratos, aspecto que, afirma, assimilou da mãe, todavia, isto é uma meia verdade, pois diante do impasse em sua própria casa sobre a quem caberia tal função, acabou comprando uma máquina de lavar (isto é, ele se esquivou da tarefa buscando a solução mais confortável). Isac acrescenta que, entre o autoritarismo da mãe e a passividade do pai, procurou para si um ponto de equilíbrio - "o fio da navalha" - posição não muito estável.

No caso de Átila houve identificação com a figura paterna curiosamente pelo feminino que este carregava consigo (sensível e intuitivo), ao lado de conflitos e dissidências com a figura materna em função desta mesma imagem do feminino que aquela lhe transmitiu, de forte caráter machista e nada prático. Por sua vez, Wotan afirma que foi relevante para o seu desenvolvimento enquanto homem (a formação de sua identidade masculina) ter podido experimentar o que era "uma coisa de mulher," visto que em sua 'criação' o contato com o feminino era uma experiência permitida e liberada.

Enquanto no caso de Rafael, sua anima parece ter se impregnado em sua primeira fonte de influência de um matiz masoquista que marcaria fortemente a sua personalidade e sua relação com as mulheres, Arquimedes em compensação não faz nenhuma referência à figura feminina, tal como se este aspecto não tivesse sido marcante em sua formação (ou desconfirmasse sua masculinidade).

Yuri não encontra nada que tivesse descartado em sua formação, justificando ter sido criado em família de classe média, fato que lhe rendeu um elevado padrão de vida, tanto a nível sócio-econômico quanto educacional, tendo freqüentado boas escolas e tido boa formação cultural. A excelência de sua qualidade de vida nos aspectos acima mencionados parece ter obscurecido ou minimizado qualquer elemento negativo no aspecto psicológico.

Em suma, o processo de diferenciação para alguns se deu de uma forma bastante categórica (pelo menos num nível manifesto) enquanto para outros nada (ou quase nada) foi descartado. Neste último caso, isto se deu ou porque o 'berço' de fato era muito confortável e aconchegante, ou porque o sujeito ainda se encontra num nível muito primitivo de ligação com os pais.

Freqüentemente aspectos de caráter e ajustamento social parecem definir o papel de homem assumindo uma conotação de gênero, estando ainda muito ligado a questões de honestidade e trabalho. Isto é, existe uma noção clara do que é ser homem no contexto social, a qual é transmitida pelo casal parental, todavia, parece não se ter muita noção disso na vida privada e no nível intra-psíquico.

Além disso, tal como no caso das mulheres, a inversão das relações de poder no casal parental chama bastante a atenção, e parece ser mais freqüente do que o veiculado pela opinião de senso comum. Nesse sentido, é significativa a forma como Átila lidou com essa inversão de poder e tentou preservar o feminino dentro de si.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

6ª UT: O relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla

⇒ Caso nº 01: Aldo

O discurso do sujeito

Aldo: Eu acho que a idéia de relacionamento, ela está mudando muito rapidamente. Já mudou muito rapidamente e continua mudando. Apesar de que a grande dificuldade que eu vejo, é que essa mulher que sai para trabalhar, quando volta para casa, tende a ter que corresponder à expectativa da dona-de-casa, né? Então, é uma mulher que se vê obrigada a desenvolver os trabalhos rotineiros que uma mulher fazia. É a dupla jornada! E essa mulher, ela cresce muito em termos de conhecimento. O conhecimento que ela tem é muito mais abrangente! Ela discute mais. Ela já não é tão passiva dentro de uma relação. E junto a isso, a questão da sexualidade, né? Onde ela também vai ser ativa na busca da sexualidade dela. E na busca da realização plena da sexualidade dela. O homem já não pode mais ser aquele que transa, vira para o lado e dorme. As mulheres hoje querem o que é de direito. Elas querem igualdade até no prazer! Uma coisa que há bem pouco tempo atrás, não era uma expectativa tão presente! O sexo era um tabu muito pouco conversado. Hoje, a sexualidade é exercida na mídia, né? Isso confere à mulher... E a própria formação feminina dá a ela a consciência de sexualidade. Ela experimenta também antes de casar. Ela também faz uma escolha de um parceiro que corresponda à necessidade da sexualidade dela. Ela não casa mais virgem, sem saber o que é sexualidade. Isso é um fator muito importante, dentro da relação, tá? Ela é uma mulher mais exigente dentro da relação. E por isso que é falado que o homem tem que correr atrás da evolução feminina, né? Ela já não se contenta com aquilo que aquele único homem que ela conheceu oferece. Isso aconteceu com a minha mãe, possivelmente aconteceu com a sua. Mas jamais vai acontecer com a minha filha, ou com a sua filha! Isso muda o conceito de casal! Isso muda o conceito de exigência de participação familiar!

Lucélia: Você está dizendo que os casais estão se reestruturando, estão se reorganizando na sua forma de viver, de administrar a vida em comum?

Aldo: Sim! Em comum! Exatamente!

Lucélia: Ah, sim! E isso não quer dizer que haja mais ou menos separações? Tem alguma coisa a ver?

Aldo: Eu acho que hoje, hum... a gente pode dizer que existem mais escolhas conscientes. Com uma 'criticicidade,' se é que esta palavra existe! É, com um espírito crítico muito mais fundamentado. Não que o romantismo tenha acabado, mas o romantismo inocente, eu acho que... A inocência do romantismo, eu acho que acaba! O príncipe encantado, ele já não é mais tão encantado como ele era. E a donzela, já não é mais tão boba quanto era antigamente. Eu acho que isso é uma coisa fundamental! Eu vejo muita dificuldade também, na mulher descasada e no homem descasado. Porque a busca passa a ser uma busca muito mais de alguém que realmente corresponda a uma expectativa. O 'novo solteiro,' ele enfrenta dificuldades na busca.

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito afirma que a concepção de relacionamento em nossa sociedade já mudou muito e continua mudando muito rapidamente. A grande dificuldade que ele observa para a mulher, todavia, são as demandas da dupla jornada de trabalho, pois esta mulher que sai para o trabalho, ao retornar para casa precisa ainda desempenhar funções de dona-de-casa. Desta forma, apesar de toda a sua evolução social, ela se vê obrigada a realizar os mesmos trabalhos rotineiros e escravizantes - já que repetitivos e intermináveis - que realizava no passado. Assim, o produto de uma emancipação não resolvida tanto na esfera pública quanto privada resulta num acúmulo de funções para si.

Apesar disso, a mulher vem crescendo muito em termos de conhecimento, assevera o sujeito ressaltando que o conhecimento que ela acumula agora é muito mais abrangente. Esta mulher discute mais e já não é mais tão passiva dentro de uma relação. Além disso, ela também vai ser ativa na busca da realização plena de sua sexualidade. "O homem já não pode mais ser aquele que transa, vira para o lado e dorme," diz Aldo acentuando que as mulheres hoje querem o que lhes é de direito, e não estão dispostas a abdicarem às gratificações de uma vida plena. Assim elas reivindicam igualdade até no prazer, expectativa que não era tão presente há bem pouco tempo atrás, pois o sexo era tido como um tema tabu, e pouco se conversava a respeito. Hoje a sexualidade é veiculada através da mídia (isto é, tornou-se um evento público), e a própria formação feminina dá à mulher uma consciência de sua sexualidade. Na sociedade atual a mulher pode exercer a sua sexualidade antes do casamento sem que isto seja um fato desfavorável ou venha denegrir a sua reputação, ao contrário, torna-a mais preparada para efetuar com consciência e sabedoria a escolha de um parceiro que realmente corresponda

às suas necessidades sexuais. Hoje a mulher não se casa mais virgem, ignorando o que seja sexualidade, pois está consciente de que trata-se de um fator muito importante dentro da relação.

A mulher hoje está mais exigente no relacionamento, por isso é dito que o homem precisa "correr atrás" da evolução feminina. Ela já não se contenta mais com aquilo que aquele único homem que conheceu na vida possa lhe oferecer. Isto aconteceu com a geração de nossas mães, mas jamais irá acontecer com a geração de nossas filhas, assevera o sujeito, reiterando a importância desta nova configuração das aspirações femininas. Isto muda o conceito de casal e muda o conceito de exigência de participação familiar, explicita.

As novas demandas da evolução feminina forçaram os casais a se reestruturarem e se reorganizarem na sua forma de viver e de administrar a vida em comum, o que longe de ser um índice de aumento ou diminuição do número de separações, indica que as escolhas estão sendo feitas de forma mais consciente, e exercidas com uma "criticicidade" (sic), isto é, com um espírito crítico muito mais fundamentado. Não que o romantismo em si tenha findado, mas sim a "inocência do romantismo," é que parece ter acabado, observa Aldo. O príncipe encantado hoje já não é mais tão encantado quanto para as antigas gerações, e a donzela já não é mais tão "boba" quanto antigamente. Tal evolução na percepção e na forma de sentir e vivenciar as relações de gênero é "uma coisa fundamental," assevera o sujeito, pois elas passam a estar mais firmemente fundadas no plano da realidade em detrimento do mundo da fantasia, o que em última instância é um índice de que os relacionamentos homem/mulher estão sendo vividos com mais maturidade e uma expectativa mais realista e saudável.

Também a mulher descasada e o homem descasado enfrentam muitas dificuldades, porque a busca de um novo parceiro passa a ser a busca de alguém que realmente corresponda às expectativas. Assim, o "novo solteiro" enfrenta dificuldades na busca, diz ele.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 2: Heródoto

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 6)

Heródoto: A relação homem e mulher hoje, ela não escapa também a determinados acontecimentos que ocorrem fora dessa esfera. Eu acho que a gente vive hoje sob o signo do medo, sob o signo da incerteza, quer dizer, há uma interiorização do medo. É a violência em que nós vivemos. Então isso reflete também no relacionamento. E vivemos também numa sociedade profundamente superficial, aonde nós nos olhamos muito mais a partir dos olhos nos doados pela mídia, pelos meios de comunicação. Então, por um lado assim, estamos quase sem estrutura nesse nosso 'existir inautêntico'... Então, há de tudo! Quer dizer, de repente você vê pessoas que se querem muito bem, que se amam, mas diante da primeira dificuldade não têm estrutura para superar aquilo, e perceber que aquilo poderia ser um elemento para levar um pouco mais adiante, e em vez de mergulhar, sabotam o relacionamento. Quer dizer, por outro lado, a gente vê uma infinidade de pessoas separadas e em decorrência das 'cacetadas', eu acho que as pessoas vivem também sob o signo da covardia, no relacionamento a dois. De repente, as pessoas levam as 'cacetadas' e como já têm medo dos ladrões, medo disso, medo daquilo, têm medo de se entregar, medo de amar, medo de começar um novo relacionamento. E aí, a gente fala por caso, né? Muitas vezes, a gente ter um caso, ele expressa justamente isso! Essa falta de vínculo, de compromisso!

Lucélia: Ter um 'caso'?

Heródoto: É! Ele já conota um pouco isso. Quer dizer, a exclusão de sentimento! Porque sentimento é sempre um risco, uma possibilidade de fazer sofrer, e a gente não tem estrutura para isso. A gente foge! Quer dizer, agora a coisa ainda se complicou muito mais. Se antes havia o encontro dos corpos, agora já não tem nem mais o encontro dos corpos. É fantasia pura! É sexo virtual! É namoro virtual! Quer dizer, nós nos distanciamos ainda mais! Eu acho que isso denuncia a miséria humana que a gente vive hoje. Estamos cada vez mais distantes e isolados. Isso para mim é muito sério porque eu acho que nós nos desumanizamos. Quer dizer, eu acho que a relação homem e mulher... essa troca, esse intercâmbio de mundos, de sonhos, de afeto, isso é fundamental para outros horizontes! Então, isso implica, a gente se abrir, se expor, e hoje ninguém quer se abrir. Há dificuldade de se expor! Então isso acaba comprometendo muito a vida! E eu acho que a gente vive isso. Quer dizer, não tem mais aquele relacionamento que a gente tinha lá na cidadezinha, que encontrava a pessoa, conversava, via de novo já sabia quem era. Hoje não! Aliás, hoje muitas vezes, o que faz a mediação entre o encontro dos dois? É a agência de casamento! Você chega lá, ele dá toda a biografia dele, todo o histórico dele... então aquilo lá é uma coisa que dá segurança! Quer dizer, eu acho que isso é expressão da miséria humana. Então, isso dificulta um pouco a gente se encontrar. Mas eu acho que a vida passa pelo encontro! A vida passa pelo afeto! Eu acho que as 'cacetadas' não devem nos tornar covardes, mas devem nos tornar mais criterioso! E aí, eu acho que numa sociedade assim, sofre muito, sobretudo a mulher! E o homem também! Mas aquele que sonha um pouco mais alto, vê um pouco mais longe... porque às vezes, a gente se torna preso de determinadas verdades, que não tem mais jeito de voltar atrás. E conversando com várias colegas, várias mulheres, de repente você percebe, pessoas de uma sensibilidade bonita, que já apanharam um pouco, que têm um potencial de amar, uma capacidade de fazer qualquer pessoa feliz, e de repente, não tem ressonância! Quer dizer, não tem para quem doar tudo... Doar não! Com quem trocar tudo isso daí! Então isso é muito difícil! E de repente, a gente se submeter a determinados tipos de relacionamento, em vez de me ampliar o mundo, ele me reduz o mundo, me desumaniza, né? Porque os valores, eles continuariam os valores dessa sociedade consumista, machista! Mas eu acredito que, homem e mulher hoje, você pode até fazer uma certa distinção! Você pode situar uma grande parte de homens, que está marcada por certos valores que receberam. E de repente, você descobre também um grupo mais limitado de homens... não que seja melhor ou... mas em decorrência da vida, e das suas buscas, começaram a enxergar um pouco mais longe! E pagam o preço da solidão, de não encontrar outras pessoas com as quais pudesse descobrir... tendo os mesmos sonhos para viabilizar novas realidades. Porque eu acho que quando a gente se descobre no mesmo sonho, isso já é o início de uma nova realidade! Mas eu acho que as coisas, elas começam a acontecer. Os encontros já começam a ocorrer! As possibilidades de um relacionamento humano novo, ela vem junto também com as possibilidades de um novo

relacionamento com a natureza! Quer dizer, ela vem no bojo de uma nova cultura, de um novo horizonte de mundo! E isso é necessário porque, pela visão que nós temos, pela tradição cristã, grega, e que também se constitui a partir da idade moderna... quer dizer, está profundamente em crise! Ou a gente reconstrói o mundo da gente, tanto fora, como dentro - porque esses mundos não estão separados - ou eu não vejo saída para a gente! Então, eu acho que a relação homem-mulher se coloca também articulada à relação homem-mulher-mundo! Quer dizer, tem a ver com o econômico! Tem a ver com o conjunto da cultura! Isso faz parte do processo!

Lucélia: Está inserido nesse contexto maior?

Heródoto: É! Então, hoje, a situação é essa! Homem e mulher, grande parte se encontra fragilizada! Muitos daqueles valores que eles beberam foram detonados. E eles não tiveram muitas vezes, outros para colocar no lugar. Porque isso implica num processo de auto-afirmação. Não tendo, eles absorvem os valores dados pela mídia. Quer dizer, se tornam prisioneiros dessa própria mídia, né? Que vai jogando com as pessoas! Que vai criando desejos para as pessoas! Não só objetos para as pessoas, mas pessoas para os objetos! (como dizia muito bem Marx, né?) Então, prá mim a relação homem-mulher, numa perspectiva de vida, numa perspectiva de libertação, de crescimento, de humanização tem que escapar dessa ratoeira. E ela deve ser, eu acho que construção de pessoas... solitárias, vamos dizer! Não solitárias assim, no sentido... No encontro de pessoas solitárias, que fizeram a sua caminhada e vão se descobrindo...

Lucélia: Hum hum... Você diz solitária nesse sentido? Aquele que fez a sua descoberta pessoal, da sua própria identidade, que se diferenciou em relação a essa cultura que está aí?

Heródoto: Isso! E que às vezes, vive só, se sente só! E isso é muito forte! A solidão dos que vivem... dos outros! E a solidão é importante! Porque hoje, por exemplo, a indústria pornográfica ou coisa parecida, vive da solidão! Quer dizer, e aí, eles vão criando meios para aliviar... Quer dizer, cria as condições da miséria humana e depois capitaliza isso. Então, você pega um 145, onde as pessoas se comunicam... Esses telefones, essa onda de telefones: "Ligue para 0800..." Quer dizer, isso é uma capitalização da própria miséria humana! Isso é um aproveitamento da solidão humana! Porque, de repente a gente está fechado e a sociedade não dá condições das pessoas se expandirem, de crescer, se descobrirem, né? E poderem perceber outras possibilidades para a sua vida! Então, elas vão sendo engolidas por isso! E de repente... Quer dizer, então, eu vejo como a situação de homem e mulher hoje é dramática! É dramática! E eu não sei! Às vezes, a tendência da gente também, é racionalizar as possibilidades de saída. Eu acho que a racionalização aí não vale. Não adianta! Muitas vezes, a gente quer antecipar o futuro na cabeça da gente. E isso é uma prática muito comum, sobretudo da gente, decorrente dos valores ocidentais, tanto para o homem, quanto para a mulher. De repente a gente não consegue dormir bem hoje, se não tiver racionalizado e planejado tudo o que vai acontecer amanhã. Isso é um equívoco! Porque o amanhã escapa pelos meus dedos e eu fico frustrado com os meus esquemas! Então, eu acho que não! Mas eu vejo que de repente, isso que vai acontecendo, querendo ou não, algo vem debaixo (Foulcot chamava 'epistêmio'), mas de repente, alguma coisa começa a surgir a partir desses encontros, dessas subjetividades... Então eu acho que o caminho é esse! É o caminho dos que sonham a alternativa diferente! Não o sonho de quem sonha dormindo, mas o sonho de quem sonha acordado, com os pés no chão!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Segundo Heródoto a relação homem/mulher não escapa a influências do contexto sócio-cultural maior em que está inserida, no qual ele destaca especificamente a questão da violência: "Vivemos sob o signo do medo e da incerteza," ressalta.

E vivemos também numa sociedade profundamente superficial, acrescenta, onde cada um se olha a partir dos olhos que lhes foram doados pela mídia,

pelos meios de comunicação. O sujeito denomina esse estado de coisas como um "existir inautêntico," onde as pessoas do seu ponto de vista estão quase sem estrutura. "Há de tudo!" diz Heródoto, referindo-se à grande diversidade de modos de relacionamento. Existem aqueles casais que se amam, mas que não possuem estrutura para superar as dificuldades iniciais, e perceber que aquilo que se apresenta como um obstáculo poderia se converter num elemento para elaboração e aprofundamento. Ao invés disso, optam pelo caminho mais fácil e imediato sabotando o relacionamento. Por outro lado, há um grande número de pessoas separadas, e que, em decorrência dos traumas sofridos em relações anteriores, se "acovardaram" face a perspectiva de um novo relacionamento. "De repente as pessoas levam as 'cacetadas' e como já têm medo dos ladrões, medo disso, medo daquilo, têm medo de se entregar, medo de amar, medo de começar um novo relacionamento," diz ele. Então, a alternativa de se ter um 'caso' se oferece como a mais confortável e menos perigosa, pois expressa exatamente essa falta de vínculo, de compromisso, em outras palavras, a exclusão do sentimento. Heródoto explica que vivenciar os próprios sentimentos implica sempre num risco, numa possibilidade de sofrimento, para a qual homens e mulheres parecem não ter estrutura (ou não estão dispostos a passar por isto, de acordo com o princípio de economia psíquica), fato que os leva a se esquivarem do encontro.

Então o quadro que se impõe é que se antes havia o encontro dos corpos, mesmo que sem afeto, hoje isto já nem mais existe. "O que existe é pura fantasia! É o sexo virtual, o namoro virtual," afirma o sujeito com sagacidade. Isto demonstra que as pessoas estão cada vez mais distantes e isoladas, e denuncia as condições de miséria humana em que se vive hoje, a nível emocional. Heródoto considera muito sério tal estado de coisas porque isto revela a "desumanização do ser humano." Por outro lado a troca e o intercâmbio de mundos, de sonhos, de afetos que a relação homem/mulher propicia é fundamental para a descoberta de novos horizontes e merece ser vivida. Todavia, isto implica em abrir-se e expor-se para o outro, desafio que poucos encaram, pois há dificuldades e temores nessa exposição. Heródoto ressalta com nostalgia que hoje não existe mais aquele modelo de relacionamento que havia na cidadezinha do interior, onde encontrava-se com a pessoa, conversava-se e em um novo encontro, ambos já se

conheciam (isto é, homem e mulher tinham identidade, familiaridade e amizade entre si). Hoje quem faz a mediação do encontro dos dois é a agência de casamento. Se por um lado este recurso proporciona segurança, por outro perde-se em termos de espontaneidade, calor e afetividade. Heródoto considera as alternativas modernas para a aproximação entre os sexos uma "expressão da miséria humana," que, ao contrário do que se pensa, dificultam o encontro. O sujeito reitera que a vida passa pelo encontro e pelo afeto. "As 'cacetadas' nas relações devem nos tornar mais criteriosos e não covardes," diz ele. Numa sociedade assim sofre sobretudo a mulher, e também o homem. Heródoto ressalta que aquele que sonha um pouco mais alto e vê um pouco mais longe - isto é, quem ampliou o seu campo de consciência - se torna preso de determinadas verdades, que o impedem de voltar atrás. É preciso, portanto, agir com coerência.

Olhando à sua volta observa mulheres com rica sensibilidade, as quais se frustraram em relações anteriores com o sexo oposto, e que muito embora conservem um potencial para amar e uma possibilidade de fazer qualquer pessoa feliz, não oferecem, todavia, ressonância. Quer dizer, são mulheres solitárias que não têm um parceiro com quem possam trocar sua afetividade e a quem possam doar-se, e que, apesar disso, parecem preferir continuar solitárias. Isto acaba dificultando muito o encontro neste panorama tão heterogêneo do relacionamento homem/mulher.

Por outro lado, há outros casos de pessoas que se submetem a determinados tipos de relacionamento, que ao invés de ampliar as fronteiras de seu mundo, acaba reduzindo-as, e ao mesmo tempo desumanizando-se, pois obedecem aos mesmos valores desta sociedade consumista e machista que aí está. Heródoto ressalta que há um determinado grupo de homens que pertence a um segmento conservador e tradicional de nossa sociedade, que manteve na íntegra os valores recebidos, sem que tivesse efetuado qualquer revisão a esse respeito. Entretanto, há outro grupo mais limitado que em decorrência da sua própria experiência e de suas buscas, começa a enxergar um pouco mais longe e a ter outras expectativas de relacionamento. Todavia, eles pagam o preço da solidão, por não encontrarem outra pessoa do sexo oposto com a qual possam compartilhar sonhos comuns e viabilizar novas realidades. Heródoto lembra que "quando homem e mulher se descobrem no mesmo sonho, isso já é o início de uma

nova realidade." Todavia, apesar desta realidade não muito promissora, ele encara a situação com otimismo, pois para si os encontros entre os sexos, e com eles, as possibilidades de um relacionamento humano novo, já começaram a ocorrer. Do seu ponto de vista, esta perspectiva de um novo relacionamento humano (o que parece transcender a perspectiva de gênero) está vinculada às possibilidades de um novo relacionamento com a natureza, isto é, ela vem no bojo de uma nova cultura, de um novo horizonte de mundo.

O sujeito ressalta a necessidade premente de reconstrução do mundo em que vivemos, asseverando não haver outra saída. Referindo-se ao relacionamento homem/mulher, reitera que o mesmo encontra-se articulado com a relação homem/mulher/mundo, isto é, está relacionado com o setor econômico, com o conjunto da cultura e faz parte de um processo mais amplo. Heródoto assevera que hoje homens e mulheres se encontram fragilizados, pois muitos valores que eles "beberam" (e que constituíam suas identidades) foram detonados, e não tiveram outros para substitui-los. Isto está relacionado a um processo de auto-afirmação mal constituído. Não tendo amadurecido e firmado o respectivo papel neste nova ordem de coisas, homens e mulheres assumem os valores transmitidos pela mídia, e se tornam seus prisioneiros. Então a mídia vai jogando com as pessoas e vai criando desejos para as pessoas, não só objetos para as pessoas, mas pessoas para os objetos, afirma o sujeito com argúcia e sagacidade. A relação homem/mulher numa perspectiva de vida, de libertação, de crescimento, de humanização, tem que escapar dessa "ratoeira," ressalta ele, acrescentando que ela deve ocorrer a partir do encontro de pessoas solitárias, que realizaram a sua trajetória pessoal e vão se descobrindo em planos mais elevados de consciência. "A solidão é importante!" É um aspecto muito forte, reitera Heródoto, afirmando que a indústria pornográfica vive da solidão. Cria-se as condições da miséria humana, e depois se capitaliza isso, explica ele. A própria onda de serviços telefônicos no mundo moderno que promete diminuir a solidão, na verdade é um embuste. Heródoto reitera que todo este quadro é uma capitalização da própria miséria humana, uma exploração da solidão e da dor alheia. Isto, porque os indivíduos estão fechados e a sociedade não oferece condições das pessoas se expandirem, se descobrirem, crescerem,

e poderem perceber outras possibilidades para a sua vida. Assim, homens e mulheres vão sendo "engolidos" por esse sistema, daí os reiterados apelos do sujeito pela urgente transformação do mundo.

Heródoto observa enfaticamente que a situação do relacionamento homem/mulher hoje é dramática, e admite que diante desse quadro a sua tendência é racionalizar as possibilidades de saída. Mas a racionalização não resolve o problema, afirma. Uma prática muito comum na sociedade ocidental é tentar antecipar mentalmente o futuro. Assim, não se consegue dormir bem hoje se não se tiver racionalizado e planejado tudo o que vai acontecer amanhã. Na verdade, isso é um equívoco, considera ele. "Porque o amanhã escapa pelos meus dedos e eu fico frustrado com os meus esquemas," afirma com propriedade. Todavia, paralelamente aos acontecimentos, e independentemente da vontade dos protagonistas, "algo vem debaixo" (Heródoto lembra que Foucault denominava 'epistêmio'), alguma coisa começa a surgir a partir do encontro dessas subjetividades. O sujeito parece se referir aqui ao movimento inconsciente que se processa nas intersubjetividades, e que vai pouco a pouco engendrando um novo estado de coisas nos interstícios da cultura, até que finalmente possa eclodir à luz da consciência. O caminho é o daqueles que sonham uma alternativa diferente, diz ele. "Não o sonho de quem sonha dormindo, mas o sonho de quem sonha acordado, com os pés no chão," conclui.

Em seu longo e elaborado discurso, o sujeito demonstra vasto conhecimento a respeito do assunto, o que parece ser produto de profundo trabalho de reflexão e amadurecimento sobre o tema. Ao mesmo tempo sua inteligência brilhante, sua sabedoria, e sua profunda sensibilidade atribuem uma rara beleza ao texto, já por si pronto e acabado. Assim, quase como numa radiografia das relações, Heródoto contempla plenamente, cobrindo o amplo leque de possibilidades que envolve a relação homem/mulher.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 3: Isac

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 6)

Isac: Eu acho que está tão bagunçado isso. (Riso) Tem tanta mudança! Eu acho que está muito emaranhado! As pessoas estão confusas. Ah... eu acho que mudou muito das outras décadas, né? Muito! E mudou muito rápido! Eu acho que não deu tempo para as pessoas tomarem pé da situação. As pessoas já se casaram e separaram duas, três vezes. Eu tenho amigo que já está no quarto casamento! Com filho de um e de outro. É rápido: vai morar junto, carrega a mudança, bota a mudança no caminhão de volta! (Riso) Entra-sai, entra-sai. Uma velocidade isso! Assim, parece que... ah... perdeu a solidez. Eu diria que os casamentos estão muito superficiais. É o que me passa... pelo menos deve ser isso. Casar quatro vezes?! Parece um amigo meu que ele se casou três vezes num ano! E foi de morar junto. Foi inacreditável! Eu não acredito! (Riso) Tinha que alugar casa, depois voltar na imobiliária prá desalugar a casa, pagar multa. Tudo isso. Comprou móveis, vendeu móveis! (Riso)

Lucélia: Você está me dizendo que as pessoas parece que estão muito perdidas em relação ao que querem de um relacionamento a dois? Não sabem o que querem?

Isac: Eu acho que não! Eu acho que existe uma certa... uma certa assim... experimentação, parece. Vai morar junto sem pensar. É isso! Pensando já não dá certo! (Riso) É muito rápido! As decisões são rápidas! É comum mesmo. No trabalho, na escola, tudo tem que ser rápido. Então você decide rapidamente. Conhece a pessoa num dia e no outro, já está se separando! Eu tenho impressão que isso faz parte da nossa era moderna. Tudo fica muito... solto! Eu tenho impressão que a flexibilização da posição chegou no casamento. O casamento flexibilizou também. Quer dizer, agora você tem uma 'família flexível!' (Riso). Porque um dia que você está com um, no outro dia você está com outro! É... os filhos também. Eu acho que é como a produção, a fábrica está assim, a família está assim!

Lucélia: É interessante você usar a palavra 'flexível!'

Isac: É porque eu lembrei de 'automação flexível!' (Riso) Eu sou economista. É mais ou menos isso. Como o mundo e toda sua posição se flexibilizou, a família também! Assim, pegando Marx, que achava que depois da economia é que veio o homem, né? A princípio, eu gostava dessa... eu achei que era um... um avanço. Hoje eu acho que não é um avanço. Eu tenho sérias críticas a respeito disso. Você começa a perder valores, e uma série de coisas que eram importantes. Digamos assim, eu tenho a impressão que a relação virou muito mercantil! A relação homem-mulher, a relação familiar, ela se mercantilizou demais! E eu acho que isso não é bom! Aquelas famílias reunidas em volta da mesa... (risos)

Unidade transformada em linguagem psicológica

Referindo-se ao relacionamento homem/mulher de uma maneira geral na sociedade, o sujeito demonstra a sua perplexidade diante do "emaranhado" e da confusão em que as coisas se tornaram. "Está tão bagunçado isso!" diz ele.

As mudanças têm se processado num ritmo muito rápido, e as pessoas não tiveram tempo de se acomodar à nova situação, elas estão confusas. Isac afirma que mudou muito em relação às outras décadas (supostamente comparando à década dos anos

noventa), uma mudança não só qualitativa, isto é, em termos dos valores em si, como também pela própria aceleração do movimento.

Nesse ritmo as pessoas já se casaram e separaram várias vezes. Há filhos de um e de outro casamento. Assim, ao mesmo tempo que os casais decidem que vão morar junto, e transportam a mudança, "já bota a mudança no caminhão de volta!" diz ele. O sujeito faz um interessante paralelo entre a velocidade e a automação com que os casais entram e saem de uma relação, com a de quem realiza uma mudança de endereço. Uma importante decisão, que envolve a vida afetiva-emocional, torna-se um ato puramente mecânico e repetitivo, feito sem consciência. As pessoas se deixam levar por um movimento automático de "entra-sai, entra-sai," diz ele.

Isac afirma que com a velocidade com que as coisas acontecem, as relações parecem ter perdido a solidez. Os casamentos estão muito superficiais. Ele cita um exemplo inacreditável de um amigo que se casou três vezes em um ano. O ato de alugar casa e depois retornar à imobiliária a fim de rescindir o contrato (e pagar a respectiva multa), reflete a automação do casamento. Comprar e vender móveis, fazer e desfazer o que foi feito, fazer e desfazer laços emocionais são ações simultâneas, paralelas e aparentemente equivalentes.

Isac deduz que, neste movimento as pessoas parecem não ter clareza e nem estar muito seguras do que querem, demonstrando estar envolvidas numa certa "experimentação." Assim, homens e mulheres decidem emocionalmente viver a experiência da coabitação sem pensar racionalmente sobre o que isto significa. As decisões são muito rápidas, reitera o sujeito, observando esta premência pela rapidez em vários setores na sociedade (na escola, no trabalho). "Tudo tem que ser rápido!", acentua ele. A pressão por estar apresentando os resultados finais sem um tempo para a elaboração do processo, faz com que as pessoas se liguem precocemente e estabeleçam relações inconsistentes, o que conduz à fugacidade (efemeridade) dos encontros.

Segundo o sujeito isto é um reflexo da nossa era moderna, onde "tudo fica muito solto." Isac afirma que "a flexibilização da posição chegou no casamento!" O casamento "flexibilizou-se," agora tem-se "uma família flexível," diz ele, onde a troca de parceiros já se tornou rotina. O sujeito compara este processo ao ritmo de produção de

uma fábrica, sugerindo no mínimo, uma correlação entre os fenômenos: "A fábrica está assim, a família está assim," diz ele.

Questionado sobre o uso do termo 'flexível,' Isac se referiu ao conceito de "automação flexível," oriundo da Economia, e explicou: "Como o mundo e toda a sua posição se flexibilizou, a família também," justificando sua posição com base no constructo marxista de que depois da economia é que veio o homem.

VAITSMAN (1994) corrobora as acepções de Isac ao afirmar que o casamento e a família, empurrados pela dinâmica da mudança nas sociedades pós-modernas, assumiram novas formas, "tornaram-se plásticos e flexíveis, fazendo e refazendo seus limites com freqüência" (p. 190). O que era desvio há duas décadas, difundiu-se, institucionalizou-se e passou a conviver com institucionalidades já existentes. A heterogeneidade legitimou-se como um dominante cultural também no campo do casamento e da família.

A autora acrescenta que a identidade, como o casamento e a família, também tornou-se plástica e flexível, mas isto não significa que o indivíduo tenha anulado sua individualidade. Ele não perdeu sua capacidade de sentir, criar e produzir mudanças; ainda deseja algum tipo de segurança e estabilidade, não se deixando necessariamente, "atolar nas correntes de mudança caóticas e fragmentárias, como se isso fosse tudo que existisse." Há sempre resistência, invenção e construção de novos caminhos de interação e formas de sociabilidade.

Isac manifesta a resistência e o desejo de estabilidade acima mencionados, dizendo que se a princípio considerava tais modificações nos usos e costumes um avanço, atualmente ele tece algumas críticas quanto a isso no sentido de que com as mudanças perdem-se valores e uma série de outras coisas que eram consideradas importantes. A relação homem/mulher, a relação familiar "mercantilizou-se" em demasia, diz ele, o que do seu ponto de vista não é salutar.

⇒ Caso nº 4: Pedro

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 6)

Pedro: Bom! Eu vejo assim... se mantém aos tropeços! É conflito assim, de interesses não falados. Muita dificuldade! Acho que a tendência dos relacionamentos é se complicar mais um pouco. Talvez em função até de uma coisa que nós nunca aprendemos a fazer. Eu tenho um exemplo que eu carrego, que é assim: quando você é criança, pais principalmente, te ensinam e ficam em cima cobrando, que você faça sua higiene corporal, bucal, mas higiene mental, eles nunca ensinaram a fazer! E a gente nunca faz higiene mental! Mas higiene de boca, de corpo, tomar um banho, é todo dia! Se todos os dias tivésemos aprendido a fazer higiene mental, as relações não ficavam tão complicadas! Então, o que eu vejo é assim... À minha volta, mesmo casais que parecem felizes, às vezes eu me surpreendo. E até por ter a vivência da psicoterapia, eu já percebi assim: a casca encobre o que de fato é. Muitas pessoas sossegadas não o são de fato! Muitos casais felizes, é... são a um determinado preço. Então, quando eu pude me aproximar de um casal, o ano passado, que era o casal perfeito e feliz... até estão juntos! Vão morrer juntos provavelmente... mas o que eu pude perceber, assim, existe um preço para aquilo ali. O papel de homem e mulher ali, é bem estruturado até!

Lucélia: Cristalizado?

Pedro: É! Mas como está bem para os dois lados, não tem neurose. Você não precisa tratar de nada. Está tudo bem! O problema é quando um dos dois acorda, não é? Quer dizer, é bem a escolha! Mas isto não pode ser modelo, as pessoas são diferentes. Nos casais, pelo menos, o que eu percebo, é assim: existe uma cristalização dos papéis dos dois! Quando ambos, de alguma forma, aceitam ou se conformam, ou concordam mesmo, e permanece. Os que não permanecem, que lutam por alguma coisa diferente, que nem sabe se existe, né, ainda não nos encontramos, este tem um conflito muito mais generalizado! Eu acho que na medida em que a liberdade possa ser mais e mais experimentada, esses conflitos tendem a aparecer mais. Porque eu acho que vai demandar um certo tempo, até percebermos assim que dá para conviver com a diferença. Porque por mais que o discurso seja assim: "Você pode ser quem você é e eu sou quem eu sou!" Isso é o discurso mais belo. Mas no dia-a-dia, eu vou tentar moldar você e você vai tentar me moldar. É assim que eu vejo as relações. E nessa tentativa, é que a coisa pega! Porque se existe uma coisa já assim: "Eu não quero me deixar dominar, mas eu quero..."

Lucélia: Sim! E os problemas aparecem a partir do momento em que ocorre uma resistência de um dos lados: 'Não! Não quero me deixar moldar!' ?

Pedro: É! Ou então se estabelece uma competição! "Eu cedo aqui, mas você não cede ali na outra. Na outra agora eu não cedo!" E aí a coisa vai pegar, porque tem que ter uma solução. E acho que essa nossa formação cristã, ela é muito complicada porque ela nos educa para o eterno. Em termos de relacionamento humano, o eterno, ele é complexo. Ele não existe! Então assim: "Não! Vamos nos amar até a morte!" Isso é uma grande besteira, que a gente acaba cultivando e deseja. Isso é a questão: a idéia do céu, da felicidade eterna! Acreditar nisso faz com que dentro do relacionamento, eu trabalhe em função disso também. Como tem que ser eterno, então algumas atitudes se eternalizam, que é quando elas se cristalizam. Eu não posso romper... eu vou ficar mais agressivo prá não perder. Isso eu não tenho muita certeza se é biológico ou se é cultural mesmo. Isso é uma dúvida muito grande! O que eu sei é assim: o ser humano não é social, tanto quanto a gente gostaria que fosse. Biologicamente ele é egocêntrico, primeiro vem o instinto de sobrevivência! E por tabela vem o sócio-cultural, que nos obriga a determinadas atitudes em conjunto. Cada ser humano, se pudesse, teria um planeta só para si! É aquilo que se fala assim: "- Você aponta no outro aquilo que você tem em si!" "- Ora! Para quê eu preciso disso? Se eu não consigo consertar em mim, mas eu preciso consertar à volta?" Então, acho que todas essas coisas influenciam no relacionamento. Porque a nossa formação, ela é desse jeito. Então, nós somos educados como se fosse educado para o céu, para o bem! Então, eu não posso falar, eu não posso reclamar, eu tenho que concordar. É aquela história antiga da submissão, que o padre ainda reza: "Você foi tirada do homem, então você tem que ser submissa!" Tudo bem que se faça outras leituras... desde que os dois concordem, você tem o côncavo e o convexo! Se um

não concordar, você terá dois convexos e aí tem uma briga, e o rompimento obrigatoriamente. Eu tive que acreditar, acho, num de relacionamento de possibilidades assim: que nós podemos ferrar o tempo aqui, 'quebrar o pau,' e saber que a gente sobrevive a isso. Eu tenho que passar por essa experiência. Acho que a maioria desses casais não volta, não sabe que isso é possível. Arrisca uma briguinha pequena e pára. Não chega muito ao fundo das questões e vai acumulando problemas. Sabe aquelas histórias antigas do casal? Começa assim: "Ah! Mas aquele dia você... lembra? Você lembra? Há dois anos atrás? Cinco anos... ?" E aí vem! E nunca se resolve. Acho que a gente vive muito desse modelo. Então, é assim que eu vejo! Mas eu acredito que existe uma possibilidade de se modificar isso, na medida que a gente vai tomando consciência dessas possibilidades, né? E eu acho que está mais no 'experimentar'! Se não experimenta, não tem como você mudar nada porque já está, né? Se tiver o medo de se arriscar... já foi!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito observa que o relacionamento homem/mulher de uma maneira geral "se mantém aos tropeços," sendo que há um conflito de interesses não manifestos. A tendência é se complicar ainda mais, diz ele. Pedro acredita que isto ocorre em função da ausência de uma prática essencial: a "higiene mental." De acordo com ele isto é uma questão cultural que faz parte da própria educação, visto que os pais insistem na higiene corporal e bucal da criança, mas nunca ensinam a fazer higiene mental. Pedro argumenta que esta prática da higiene mental poderia contribuir para tornar as relações menos complicadas, diz ele.

Em suas observações do relacionamento homem/mulher, o sujeito verifica que "a casca encobre de fato, o que se é," pois muitas pessoas "sossegadas" não o são de fato, reitera. Casais que vivem aparentemente felizes e são considerados perfeitos, na realidade assim se mantêm à custa de um determinado preço. Este preço consiste no desempenho de "papéis estruturados de homem e mulher," isto é, papéis definidos rigidamente a partir da óptica do sistema patriarcal.

Tais casais não podem ser considerados como um modelo, pois o que na verdade existe é uma cristalização de papéis de ambas as partes, isto é, quando eles de alguma forma aceitam ou entram em conluio com a situação, e acabam permanecendo na relação. Por outro lado, há outros que se recusam a permanecer nos esquemas rigidamente estruturados, e lutam em busca de "alguma coisa diferente," que não sabem exatamente o que é. Estes casais também "não se encontraram," e segundo o sujeito vivem um conflito muito generalizado. O que Pedro parece estar dizendo é que há uma tentativa de algumas pessoas de sair do esquema tradicional antigo para buscar

intuitivamente um caminho novo que ignoram o que seja exatamente, mas que converge para esquemas de relacionamento menos rígidos, mais permeáveis e flexíveis.

Para o sujeito conviver com a diferença do outro não é uma coisa simples, e demanda um certo tempo. Apesar do belo discurso de que se aceita o outro como ele é: "Você pode ser quem você é! E eu sou quem eu sou!", na verdade cada um vai estar tentando "moldar" o outro à sua maneira. Todavia, é esperado que se encontre resistência, pois existe uma tendência para não se deixar dominar. O sujeito acredita que esta luta entre as partes é inerente ao relacionamento homem/mulher, sendo que os problemas começam a ocorrer quando há um movimento de resistência ou se estabelece uma competição. Nesta competição há uma negociação sobre o momento em que cada um deve ceder ("um cede hoje e o outro cede amanhã"), sendo isto logo seguido de 'pirraça' se o acordo é quebrado.

Pedro entende que boa parte das dificuldades nas relações entre os sexos encontram suas raízes em nossa formação cristã, que "nos educa para o eterno," isto é, para "amar-se até a morte." Todavia, em termos de relacionamento humano, o eterno simplesmente não existe, assevera o sujeito. Isto faz cair por terra o mito da felicidade eterna, idéia que as pessoas acabam cultivando e se torna seu maior desejo, juntamente com a promessa do céu (paraíso supremo).

Continuando com suas reflexões, o sujeito afirma que dentro do relacionamento procura-se cegamente garantir a ilusória promessa do céu e o mito da felicidade eterna, o que leva a que algumas atitudes se "eternalizem," isto é, se cristalizem. Não se pode romper com o pré-estabelecido, com os papéis tradicionais, sendo que utilizar-se-ia até de uma certa agressividade para garantir a manutenção disto.

O sujeito não sabe precisar exatamente se isto se atribui ao biológico ou ao cultural. Na verdade, para Pedro o ser humano não é tão social quanto parece ser; biologicamente ele é egocêntrico, pois é guiado *a priori* pelo instinto de sobrevivência. O sócio-cultural vem indiretamente, impondo de forma compulsória determinadas atitudes em conjunto (você aponta no outro, aquilo que tem em si, mas que não reconhece como sendo seu).

Pedro acredita que todas essas questões influenciam o relacionamento homem/mulher. Nós somos educados "para o céu," para o bem, reitera ele. Em vista disso não se pode falar, isto é, não se pode contestar, mas se é induzido à anuência, reproduzindo-se aquela antiga história de submissão. Se os dois em conluio desempenham os papéis de dominador e dominado, então tem-se "o côncavo e o convexo," isto é, uma relação de complementaridade. Se um não estiver de acordo, ter-se-ão "dois convexos," um desentendimento e o conseqüente rompimento. Normalmente, a maioria dos casais não se arrisca a uma discussão até que se chegue ao fundo das questões. Sem passar por essa experiência não se pode saber que é possível sobreviver a isso. E assim, vão se acumulando problemas não resolvidos, oriundos de fatos ocorridos no passado. E cada uma das partes cobra isto do companheiro trazendo à baila estes fatos, reeditando-os no presente, sem que de fato, a situação tivesse sido resolvida. O sujeito observa que este modelo ainda é muito utilizado na sociedade contemporânea, todavia ele acredita que existe a possibilidade de que isto seja transformado, na medida em que se vai tomando consciência dessas possibilidades. É preciso experimentar, condição para o que é essencial que não se tenha medo de arriscar, diz ele.

De uma maneira geral, observa-se que o sujeito em seu discurso, ao mesmo tempo que faz uma 'radiografia' sobre como estão as relações homem/mulher hoje à sua volta, foi também elaborando paralelamente uma compreensão psico-sociológica sobre o assunto, reflexão esta dotada de perspicácia e sagacidade.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 7: Wotan

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 6)

Wotan: Eu não sei bem! Porque no consultório eu recebo os problemas. E na convivência social... Eu tenho que balancear aí, senão eu vou ter um viés, né? Que é a clientela problemática mesmo, que vai porque está mais... No convívio social, eu estou sentindo o seguinte: que está havendo uma maior flexibilidade nos modelos de relacionamento. E essa flexibilidade está permitindo mais... os relacionamentos serem mais verdadeiros. Quer dizer, as pessoas estão se permitindo sair daquele modelo rígido de casamento, família...

Então, eu acho que estão encontrando outros caminhos porque o modelo tradicional faliu! Está difícil ver um casal satisfeito. Difícil mesmo! Eu acho que esse modelo só sobrevive por uma questão de... sobrevivência mesmo! De auto... Porque é difícil uma sociedade de repente prescindir dessa unidade familiar, né? Eu acho que isso é uma necessidade da forma como a gente funciona. Eu acho que essas mudanças são muito lentas. Mas a nível pessoal, eu acho que as pessoas estão sofrendo muito nos casamentos. Perda de liberdade muito grande! Perda de privacidade! Perda de identidade mesmo, o que eu acho que é o mais grave! É o mais grave! Mas isso assim, é um problema como se tem problema por exemplo, de saúde pública, de dengue (riso), de pobreza, de falta de informação, falta de tudo assim. Como você tem, sei lá, doença de Chagas! Eu acho que as pessoas vivem muito mal, de um modo geral. O machismo é uma coisa que também, tanto para homem, quanto para mulher que são machistas, acho que estraga muito, né?

Lucélia: E quando você fala dessa flexibilidade, você está dizendo assim de um novo modelo de relacionamento? É isso que você está dizendo?

Wotan: Mais horizontal mesmo, com mais liberdade pessoal, com liberdade econômica também. Que eu acho que é uma coisa que atrapalha muito, estraga muito a relação, a questão do dinheiro, da dependência. Dependência econômica, que em geral é da mulher. Mas nem sempre, também tem casos que seria o inverso. A dependência, não assim, a diferença. A diferença, tudo bem! Um ganha muito, o outro ganha pouco. Não tem problema. O problema é a dependência! Porque aí é uma relação verticalizada, não horizontal!

Lucélia: E do seu ponto de vista, a tendência é essa horizontalização das relações?

Wotan: É! É uma tendência para as pessoas continuarem se relacionando. Continuar existindo essa possibilidade. Senão essa possibilidade vai acabar, vai se extinguir, né? Vai ficar horrível! Porque as pessoas estão se separando cada vez mais, né? Estão casando cada vez menos! Estão casando cada vez mais tarde também. Não é isso o que se vê estatisticamente? Porque está muito difícil viver bem casado nesse modelo rígido e conservador. Então, a tendência que eu estou vendo é essa mesmo. As pessoas, por exemplo, vivem junto sem casar. Ou vivem cada uma no seu espaço, mas tendo uma relação estável. Se encontrando, tendo o espaço de um, e o espaço de outro. Tem gente que consegue viver assim, por muito tempo bem, né? Sei lá! É uma coisa assim pessoal mesmo. De cada um poder ter suas coisas, seus amigos, seus familiares. Acho que o casamento mesmo tradicional está em extinção! Mas vai ser uma coisa de décadas. Eu não acredito que seja uma coisa assim que vá mudar logo. Acho que é uma coisa que nós não vamos ver, talvez. Isso já é a era de Aquário.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Wotan assevera que enquanto psicoterapeuta, no seu consultório particular, ele recebe os casais com problemas, por isso, para que não ocorra um viés em suas considerações, observa que é preciso balancear esta sua amostra da clientela que traz dificuldades de relacionamento, com outros modelos extraídos de seu círculo social, alguns casais de amigos, conhecidos, realizando assim "uma mescla."

No convívio social ele observa que está havendo uma maior flexibilidade nos modelos de relacionamento entre os sexos, o que possibilita que as relações sejam vividas com maior autenticidade. Assim, as pessoas estão se permitindo sair do modelo rígido e conservador de casamento e família que lhes foi oferecido, e estão buscando outros caminhos, alternativas mais criativas e saudáveis para se exercer a relação. "O

modelo tradicional faliu!" ressalta Wotan, assegurando que está difícil atualmente encontrar um casal que se sinta gratificado no relacionamento.

Por outro lado, para a sociedade é difícil prescindir dessa unidade familiar, pois é uma necessidade resultante da forma como funcionamos e nos organizamos. Wotan observa que, todavia, no nível social essas mudanças são muito lentas. Já em sua vida privada, nos seus casamentos, homens e mulheres apresentam um quadro de sofrimento psicológico muito intenso. A queixa é de uma significativa perda de liberdade, perda de privacidade, e principalmente perda de identidade, situação considerada pelo sujeito como a mais grave. Ele equipara esta situação ao nível dos problemas de saúde pública, tais como dengue, doença de Chagas, pobreza ou falta de informação, asseverando que "as pessoas vivem muito mal de um modo geral."

O machismo, tanto masculino quanto feminino é apresentado pelo sujeito como um outro agravante, pois ele "estraga muito as relações," isto é, vai deteriorando, vai minando progressivamente o vínculo. Wotan acentua a necessidade de um novo modelo de relacionamento, mais horizontal, com mais liberdade pessoal e também liberdade econômica. O sujeito ressalta que problemas financeiros trazem grandes distúrbios para a relação. Não a questão da diferença salarial propriamente dita, mas da dependência econômica de uma das partes, que freqüentemente é a mulher, apesar de que também ocorra o inverso. Quando a dependência se instala no vínculo, cria-se um problema grave, pois a relação torna-se verticalizada, e não horizontal. Supostamente o sujeito está se referindo a relações de poder, específicas do vínculo homem/mulher, que tomam forma e se cristalizam através da dependência econômica (e indiretamente também emocional) de uma das partes.

Wotan observa que a tendência das relações entre os sexos é a "extinção" (afirmação que parece ser um tanto radical), pois estatisticamente os casais estão se separando em um número cada vez maior, enquanto a freqüência de casamentos é inversamente proporcional, e as pessoas estão se casando cada vez mais tarde. Está muito difícil viver bem casado nesse modelo rígido e conservador, salienta. Desta forma, para continuar existindo a possibilidade de relacionamento entre os sexos é imperioso que haja essa "horizontalização" das relações. Novas formas alternativas de relacionamento

entre os sexos já estão sendo praticadas: há casais que vivem maritalmente em sistema de coabitação, sem o vínculo formal do casamento (concubinato); há aqueles que na condição de solteiros, vivem cada um na sua própria casa, mas de acordo com o que hoje é considerado uma 'relação estável' (o que pressupõe um vínculo forte e duradouro entre o casal), podendo se encontrar, mas tendo cada um o seu espaço. Há pessoas que conseguem viver bem assim, por muito tempo, observa ele. Trata-se de uma decisão pessoal, onde cada um pode ter suas coisas, seus amigos, seus familiares; enfim, seu mundo privado e particular, onde o outro não interfere. Wotan reitera que o casamento tradicional está em extinção. Todavia, essas mudanças que se prenunciam, ainda requerem décadas para se instaurarem e se consolidarem. "Não se trata de algo que vá mudar logo, mas é alguma coisa que nós não vamos ver," diz ele, algo que já pertence à Era de Aquário.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 8: Diógenes

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 6)

Diógenes: Eu acho que existem assim, vários jeitos de casal! Tem casais que aparentam ser uma coisa e não é, está certo? Prá sociedade! Existem casais que respeitam um ao outro, mas há um gelo entre si. Estão juntos por estar. Só pela forma de estar juntos, mas não tem mais nada em comum. Mas que também não batalha prá ou reatar ou fazer isso aqui de vez. "Não vamos mexer! Vamos largar os dois ali." Está certo? Eu vejo assim. É como dois móveis, em cima de uma estante! Estão os dois ali. E existem aqueles que estão super bem...

Lucélia: O que seria mais comum no seu ponto de vista: essa posição 'vamos deixar como está!?' Ou aquele casal que pensa: "Não! Vamos ver os nossos problemas, buscar soluções... vamos fazer psicoterapia!?"

Diógenes: Olha! Eu falo por mim, está certo? Prá mim foi excelente! Foi super bom a gente estar descobrindo! Porque quando a gente foi fazer terapia, a gente não resolveu ficar junto. A gente foi fazer prá descobrir o que a gente queria. "Se o resultado for ficar junto, nós vamos ficar! Se não for, a gente vai separar!" falamos. "Vamos ter clareza do que está acontecendo aqui no meio!" Porque às vezes você tampa os olhos, e não quer ver o que está acontecendo. Então, você vai dez, quinze, trinta anos e morre juntos. Agora, eu acho que o mais comum é o casal que está congelado. Porque é mais fácil a pessoa ficar junto, do que mexer no que ela tem prá mexer. Às vezes o 'ficar junto' e o 'quebrar o pau' com o outro, é o sentido que eles precisam na vida prá poder seguir essa jornada! A minha esposa estava falando outro dia que o pai e a mãe dela brigam e discutem. E eu falei: 'Bem! Às vezes, a sua mãe e o seu pai precisam disso prá viver!' Está certo? Vai ver que o 'tesão' da vida deles é brigar prá poder ficar juntos! Se um dia eles pararem de

brigar, eles vão se separar, certo? Eles precisam disso prá poder dar continuidade na vida. Porque eles 'quebram o pau' hoje, amanhã estão numa boa! Numa boa, entre aspas. Se massacrando, tudo... Por quê? Porque, ou tem o medo de enxergar a realidade... "Pô! Não dá mais! O que eu vou fazer lá fora!" E outra coisa, eu acredito que a terapia prá muitos casais é uma coisa nova! "Pô! Eu estou ficando louco prá ir em terapia!" (Rindo) Eu já ouvi isso. Então eu acho que a população não está bem a par. Não sabe o que é uma terapia! Eles preferem mais ir se massacrando, se matando... e vamos vivendo! Se isola, não é? Porque eu acredito que quando há isso no casamento, um tem que se isolar! Um morre e o outro continua. Digamos que ele só vai na sombra do outro. Eu falo porque tem várias pessoas que eu conheço, dentro da minha família mesmo! Um que é casado recentemente e já está nesse ritmo. Então, se todos pudessem se descobrir, chegar naquele ponto: "Ou não dá mais! Ou eu vou mudar prá valer!" Mas o problema é que está como um cavalo: só enxerga pela frente! Está tapado! Porque se o cavalo olhar prá os lados, ele se apavora. Por isso ele usa aquilo lá. E o casamento assim, é mais ou menos isso. Ele tem medo de enxergar do lado! Ele não sabe o que ele vai ver!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Para o sujeito existem vários tipos de casais. Há aqueles que mantêm um relacionamento puramente de aparências e que vivem em função de alimentar esta *persona* para a sociedade. Há outros que se respeitam mutuamente, mas que, todavia, um "gelo" perpassa suas relações. Aparentemente não há mais nada em comum, e tudo leva a crer que estão juntos por puro comodismo. Observa-se uma completa estagnação no jogo de forças que mantém vivo o relacionamento, pois não há nenhum esforço no sentido de ir para uma ou outra direção: nem o reatamento dos laços, nem a separação. Sua dinâmica é semelhante à de dois objetos sobre uma estante, afirma Diógenes: estão os dois ali, parados, imóveis (isto é, a relação paralisou-se, petrificou-se). Em sua família ele vê acentuar-se o paradoxo: estão juntos, mas na realidade o que têm de sobra é motivo para separação, afirma. Por isso, os casais que procuram administrar suas dificuldades são ofuscados por esta contundente realidade, onde normalmente não se recorre a uma ajuda psicoterapêutica.

Referindo-se à sua experiência de psicoterapia de casal, o sujeito diz ter sido muito proveitosa, porque a intervenção os ajudou no sentindo de poderem ter clareza dos conflitos que permeavam a relação, e poderem descobrir o que de fato queriam, sem a expectativa inicial de uma reconciliação. Para a maioria da população, no entanto, psicoterapia ainda é novidade; falta informação e também há o preconceito de que os serviços de psicologia são dirigidos às pessoas com distúrbio mental severo, os chamados 'loucos.'

Desta forma, a maioria dos casais prefere "tampar os olhos" (não tomar consciência de), diz ele; como o cavalo, só enxergam pela frente (só enxergam aquilo que querem ver) porque têm medo de enxergar lateralmente, pois não sabem o que vão ver. Então estes casais, na realidade, não querem tomar consciência do que de fato está acontecendo na trama oculta da fina rede que compõe o enredo de suas relações, e vivem anestesiados, acomodados, petrificados pelo medo do desconhecido por longos anos a fio, "até que a morte os separe," cumprindo fielmente ao mandato que lhes foi designado pelo sacerdote.

Assim, Diógenes afirma que é mais fácil permanecerem juntos desta forma, do que mexer no que há para ser mexido. Na sua concepção, o que de fato dá sentido à sua existência e se constitui no linimento para prosseguir a jornada é o "quebrar o pau" rotineiro, e já tão conhecido. "Eles precisam disso prá viver," afirma o sujeito. "O tesão da vida deles é brigar prá poder ficar juntos; se pararem de brigar se separam," afirma. Já se tornou um vício: "Quebram o pau hoje, amanhã estão numa boa." Ficam se "massacrando" ou porque têm medo de enxergar a realidade, ou acreditam que psicoterapia é "coisa prá louco."

Diógenes está se referindo com argúcia e sagacidade ao vínculo de amor masoquista, cujas partes se nutrem de um prazer neurótico toda vez que entram em conflito. A continuidade das brigas está assegurada pela complementaridade no vínculo e o acordo tácito de ambas as partes, o conveniente acordo de não ver o que de fato está acontecendo. Da forma como estão, cada um possui uma necessidade neurótica que é suprida pelo outro, mas se se toma consciência das motivações ocultas isto poderá ameaçar o equilíbrio neurótico que os mantém unidos, e por conseguinte a satisfação desta necessidade. A separação prenunciada pelo sujeito em conseqüência da interrupção dos conflitos faz supor que alguém deixou de complementar o vínculo patológico. Neste quadro o "massacre" é apenas aparente, ele faz parte do "mise-en-scène." Assim sendo, os casais decidem "ir vivendo," isto é, continuarem com este jogo sem maiores perspectivas, a não ser os ganhos provenientes do "massacre" e da "morte" cotidiana.

Quando o relacionamento atinge esse grau de conluio e patologia, um se anula para que o outro continue ditando as regras, conjectura o sujeito. O primeiro se torna apenas e tão somente "a sombra do outro," segue suas pegadas. Isto porque as pessoas não se dispõem a empreender uma investigação interna que as conduziria ao ponto-limite, que definiria a separação ou a mudança consciente. É o que constata Diógenes do que pode observar no relacionamento dos casais à sua volta, inclusive em sua própria família.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 10: Yuri

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 6)

Yuri: Eu acho que a gente está começando uma mudança de relacionamento homem-mulher hoje. É meio difícil você dar opinião sem... cair no chavão. Eu acho que está começando a ter agora uma semente para um relacionamento harmonioso. Mas, no geral da sociedade, não digo de amor, não digo do lado da família, mas digo do lado de produção mesmo, de trabalho, quer dizer, o lado de entrosamento mesmo. Um relacionamento mais honesto, que você possa estar fugindo dos modelos de sociedade que a gente tinha antes.

Lucélia: Agora, quanto aos casais que você observa, aqueles com os quais você se relaciona, como está o relacionamento homem-mulher hoje prá você?

Yuri: Olha! Ah... depende da facção! (Riso) Eu trabalho na VARIG, que a gente tem um grupo de mil e quatrocentos pilotos. E praticamente cinqüenta por cento desses pilotos são separados! No avião que eu vôo, praticamente setenta por cento do quadro é separado! E desses setenta por cento, já tem lá os seus dez por cento, está no seu terceiro casamento. Mas eu vejo assim, uma harmonia entre ex-mulheres e ex-maridos, novas mulheres com ex-filhos, sabe? Uma congregação, quer dizer, as famílias crescendo por aí! E isso também, acho que dos meus amigos de convivência hoje aqui em Campinas, tem aqueles que estão num casamento legal. Agora, a grande maioria é separado. Então, já passou por uma separação, está no segundo casamento.

Lucélia: O que leva os casais a se separarem?

Yuri: Eu acho que é falta de afinidade! (Riso) Porque eu acho assim, quando você conhece alguém, quer dizer, depende da intensidade. Quando você conhece alguém lá em cima, apaixonado, tal, vai sempre tender a cair! Quando você começa aqui embaixo, tem afinidade, as coisas vão se agregando! Então, é bem como se fosse construir uma casa: você tem um alicerce. Lá em cima não! Lá em cima fica confuso, você não sabe no que você está pisando. Você vai descobrir com o tempo; pode ser que tenha um alicerce e tanto, pode ser que não tenha. Mas eu acho assim... Eu entendo assim, eu acho que esses problemas de... quer dizer de não gostar, de separar, quer dizer, sempre existiu! Mas antes, eu acho que a sociedade impunha uma posição na mulher que não podia separar. Nossa! Eu lembro, quando eu era criança... era aquela... "ele é desquitado!"

Então, tinha aquela carga para o resto da vida, que a pessoa era desquitada, não podia casar de novo. Hoje as pessoas estão sendo mais autênticas. Tanto é que o relacionamento extra-conjugal sempre teve. Sempre! Sempre! Desde quando o homem é homem, e a mulher é mulher, sempre deve ter existido. Quer dizer, o que leva ao relacionamento extra-conjugal é sinal que o seu relacionamento conjugal não está bem! Então, isso leva você para alguma coisa fora. Então, hoje, a coisa está assumida! Acho que as pessoas estão sendo mais honestas. Coisa que antes não! Quer dizer, de repente a mulher sabia que o marido... que é o caso típico, não é? O marido tem um caso com a secretária, mas ela não fazia nada... (acabou a fita) ...mais de aparência, o estigma de ser desquitada!

Lucélia: Sim! Então havia uma série de conveniências que mantinham a mulher presa ao homem?

Yuri: Sim! E eu acho que hoje essas conveniências estão sendo quebradas, quer dizer, pelo que eu estou enxergando... diferente, né. As pessoas estão sendo mais honestas consigo mesmas. Aquilo que eu falei, você tem afinidade e o lado do respeito! Você tem um relacionamento com uma pessoa e você respeita... de repente você tem uma atração por outra, alguma coisa assim, fala: "Olha! Não está legal!" Quer dizer, por respeito a essa pessoa você deve colocar o que está acontecendo! Dentro das possibilidades, você vê como você vai contar! (Riso)

Unidade transformada em linguagem psicológica

Yuri considera que em termos de cultura atual estamos vivendo o advento de mudanças promissoras no relacionamento homem/mulher, situadas no campo profissional, e em termos mais gerais da sociedade. Assim, ele vislumbra uma semente de um relacionamento mais harmonioso, em termos de produção e entrosamento no trabalho. A tendência é para que haja mais honestidade nas relações e que estas estejam menos sujeitas ao selo uniformizador dos modelos estereotipados.

Quando lhe é solicitada a sua visão sobre o lado afetivo da relação homem/mulher, e uma apreciação sobre a qualidade do relacionamento entre os casais na sociedade contemporânea, Yuri reitera que isto depende do contexto (o que de forma bem humorada chama de "facção"). Ele, inclusive, cita um dado estimado teoricamente relativo à situação dos casais na empresa onde trabalha, a VARIG, onde existe um quadro de um mil e quatrocentos pilotos. Na referida população aproximadamente 50% dos pilotos são separados. Já considerando o grupo de pilotos de sua aeronave específica, o panorama é ainda mais crítico: 70% deles já se separaram, sendo que 10% já está no seu terceiro casamento.

Desviando o olhar para o seu grupo de amigos, obviamente existem aqueles casos onde o casamento caminha satisfatoriamente, porém a grande maioria dos casos constitui-se de pessoas separadas, afirma Yuri, referindo-se à falta de afinidade como o provável fator determinante destas separações. Além disso, existe a questão da

intensidade. Quando se conhece alguém "lá em cima," isto é, apaixonado, diz ele, a tendência é cair. Entretanto, quando se inicia de um patamar inferior em termos de intensidade, mas em contrapartida se possui afinidades, as coisas vão se agregando paulatinamente, isto é, a situação é propícia para construir-se em conjunto. O sujeito compara o processo à construção de uma casa: "Você tem um alicerce!" afirma ele referindo-se às afinidades, que constituiriam as bases do relacionamento. Ao passo que se se está muito nas alturas da paixão, a pessoa sente-se confusa, pois desconhece em que terreno está pisando. Neste caso, o "alicerce" pode ou não ser seguro. Isto só será descoberto e comprovado com o tempo, o grande agente transformador capaz de descerrar as 'máscaras do enamoramento' e revelar a pessoa como ela realmente é.

Por outro lado, se observa uma harmonia maior no relacionamento entre ex-mulheres e ex-maridos, que por sua vez, estão se relacionando melhor com os novos parceiros de seus 'ex,' e repectivos filhos, sendo que aquela ostensiva animosidade de antigamente vai aos poucos saindo de cena. Segundo o sujeito este movimento leva a uma "congregação" das famílias, no sentido de que estão se formando novos núcleos e novas redes mais amplas contituídas por essa grande família que abarca todos os elementos que compõem o histórico amoroso da pessoa (uma visão bastante otimista, mas sem dúvida emergente).

Refletindo sobre isto, o sujeito acredita que desencontros, conflitos em relação ao sexo oposto, separações, sempre existiram. Todavia no passado a sociedade interditava à mulher o direito à separação, a não ser por um preço muito alto, pois isto depunha contra a sua reputação. Assim, eram muito mal vistas as pessoas "desquitadas" ou divorciadas (principalmente a mulher, mas isto ocorria também com o homem em menor grau) e estavam fadadas a carregar esta "carga" - estigma - pelo resto de suas vidas.

Quanto aos relacionamentos extra-conjugais, Yuri assevera que estes existem "desde que o homem é homem e a mulher é mulher," ou seja, são atemporais. Na sua concepção o que motiva a busca desse tipo de experiência está no fato de que o próprio casamento é insatisfatório. Por outro lado, existe o caso típico do marido que tem um 'caso' com a secretária, mas que a esposa se omite temendo o estigma da

'desquitada' ou simplesmente para manter as aparências. Hoje, no entanto, "a coisa está mais assumida," diz ele, assegurando que as pessoas estão sendo mais honestas.

As conveniências que mantinham a mulher presa ao homem estão sendo quebradas hoje, diz ele, pois as pessoas estão começando a enxergar sob outra óptica. O fator preponderante neste caso é o respeito. Assim, tendo isto para si quase como uma norma de conduta, Yuri assevera que se acontecer de se sentir atraído por alguém estando comprometido emocionalmente com outra pessoa, por respeito à pessoa com quem se está, isto deve ser-lhe colocado dentro das possibilidades.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 6)

Arquimedes: Eu vejo que hoje em dia um quer mandar no outro, um quer ser mais que o outro! No emprego que eu tive na serralheria, eu ficava bobo de ver. Mas bobo de ver mesmo! Eu acho que nem o homem deve tratar a mulher como... nem a mulher tratar o homem. Eu tenho um vizinho de frente, que ele trabalha das seis da manhã às seis da tarde (doze horas). A mulher dele também trabalha, mas o dinheiro dela, ela gasta com o que ela quer! E o dele, ela corrige no máximo! No máximo! (Ênfase) Inclusive eles compraram um carro, e ela leva... (ela não dirige) ela leva a chave do carro para o trabalho.

Lucélia: Então ela controla tudo?

Arquimedes: Exatamente! Ah! Eu acho que isso fica horrível para a mulher, você entendeu? Eu acho que fica horrível! Tudo bem se o seu esposo compra um carro... nós compramos um carro juntos, mas eu pego o carro e sumo todo dia! Aí sim, você deve me controlar! Mas agora não! É assim: "- Onde você vai?" "- Ah! Vou na avenida ali, fazer um jogo na loteria!" "- Vou ver algum colega!" Não é? Assim, algo de sair dali quarenta, trinta minutos, uma hora no máximo e estar em casa de volta! Eu acho que isso aí é normal, tem esse direito! Afinal de contas, né? Agora, "- Por que você não quer que eu saia? O que está acontecendo?" "- Não, você não dá atenção prá mim!" "- Tudo bem! Então, no final de semana, vamos pegar o carro! Vamos passear! Vamos para o clube! A gente pode deixar as crianças com alguém... com o avô, com a avó..." Hoje em dia o casamento acaba rápido porque quando você está namorando existe amor. Depois você casa e esquece de namorar... você não namora mais. Vira duas máquinas, dois robozinhos! Esquece o namoro, esquece o amor! O que não namora deixa de existir amor. Aí, em vez de ter amor passa a ter possessão! Um quer ter posse do outro, um quer ser dono do outro. Não pode existir isso, e sim, existir o amor! Por exemplo, eu saio para trabalhar, eu chego, acho que eu tenho o direito de ser independente. Assim, tanto na forma de dinheiro, quanto sair com o carro também, qualquer coisa assim... Então eu acho feio esse... a mulher controlar o homem... dessa forma, sabe?

Lucélia: Então você tem observado isso. E vice-versa também ocorre? Ou é mais a mulher que controla...

Arquimedes: É mais a mulher que controla o homem! Que nem esses dois casos aí, que eu estou dizendo, sim. E... eu acho que ela deve saber de alguma traição, não sei... Na verdade, você põe a insegurança para dentro do teu relacionamento! Dessa forma que eu estou dizendo, né. Você chega, pega o carro... e some! Volta cinco ou seis horas depois. Todo dia! Puxa vida! Quer dizer que você sai sozinho e se diverte, mas cadê? E a esposa? Você tem que também levá-la para se divertir, passear, continuar namorando! Então, quer dizer, a partir do momento que ainda existir amor, não vão existir dúvidas! Eu posso até encher o carro de mulheres e sair prá passear, que eu sei que a minha mulher vai... "- Ué, está levando elas prá passear!", sabe? Mas ela nunca vai impor: "- Não! Imagine ele vai me trair!" Mas a partir do momento que você deixa de amar sua mulher, você deixa de namorar, você pode ter certeza, heim (riso), você vai viver levando beliscão da outra! Porque acaba aquela segurança!

Unidade transformada em linguagem psicológica

No relacionamento entre os casais à sua volta, o sujeito observa um fato que o deixa estupefato: a disputa pelo poder no vínculo, ou seja, em suas palavras "um quer mandar no outro, um quer ser mais que o outro." Um comportamento feminino que o incomoda particularmente e que ele qualifica como "horrível," ou "muito feio" é o fato da mulher tentar controlar o marido, não só financeiramente como também através da posse do veículo do casal levando consigo a chave de ignição. Arquimedes argumenta que "se o homem não some com o carro," este comportamento não se justifica.

Outras vezes a mulher demonstra insatisfação pelas saídas do marido, mesmo que por um período curto, queixando-se que o mesmo não lhe dispensa atenção. Arquimedes explica que os casamentos atualmente possuem uma breve duração porque se no namoro existia amor, após o casamento o casal "esquece" de namorar; ambos se tornam "duas máquinas, dois robozinhos!" ou seja, a rotina, o desgaste leva ao automatismo das relações, e a perder de vista as motivações de sua união.

Outro aspecto de significativa relevância refere-se ao fato de que o relacionamento que anteriormente tinha no amor sua motivação explícita, adquire outras tonalidades, passando a imperar o sentido de posse e domínio sobre o outro. Diante disso, Arquimedes ressalta a importância de cuidar para que o namoro continue existindo no casamento (com programas de lazer incluindo a esposa), para que o amor continue prevalecendo. Se não há namoro, o amor não encontra um solo fértil para prosperar, e com isto o relacionamento está exposto às intempéries e adversidades da convivência, que o sujeito nomeia como "possessão" sobre a outra pessoa, onde cada um procura ser "dono do outro."

O sujeito reitera que continuar namorando auxilia a "espantar as dúvidas," e manter afastada a insegurança, pois a partir do momento que ainda existir o amor, não existirão dúvidas (se ele "encher o carro de mulheres," ela não se sentirá ameaçada), conclui.

Além disso, Arquimedes propõe que haja espaço no relacionamento para a independência de cada um, isto é, o direito de ir e vir, além de autonomia sobre o uso do veículo do casal e do dinheiro próprio.

Ele salienta ainda que, das suas observações é mais comum a mulher controlar o homem do que o inverso. É provável que o sujeito tenha focalizado e percebido na realidade exterior, o aspecto por ele mais temido. A partir disso tentou se proteger da melhor maneira possível, tentando elaborar uma teoria, onde aponta o caminho a fim de prevenir que se instaure o sentido de posse e domínio no relacionamento homem/mulher (com a 'receita' em mãos fica mais fácil esquivar-se ao domínio da mulher que lhe está mais próxima).

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 6ª UT: o relacionamento homem/mulher hoje na sociedade mais ampla

Wotan, Alexandre, Yuri, Rafael e Isac apontaram a tendência crescente de separações entre os casais atualmente na sociedade à sua volta. Assim, para Alexandre as separações já se tornaram um fato rotineiro e cotidiano, e ocorrem em número cada vez maior. Apesar disso, posterga-se ao máximo o momento decisivo porque ninguém quer separar, diz ele. Muito embora a banalização do fato social, do ponto de vista psicológico isto representa um sofrimento muito grande devido às perdas que ocorrem. "Perde-se muita coisa prá ganhar a liberdade," afirma. Alexandre acredita que os casais atualmente estão se separando porque tomaram consciência de que "nada é eterno." Ele considera a separação uma saída legítima e saudável que, mais do que o ganho da liberdade propriamente dita, o libera para uma nova tentativa diante do problema da solidão no casamento. Alexandre observa que a tendência das separações atualmente é ocorrerem

amigavelmente, sem a violência do passado. A antiga crença é que se queria a separação porque havia uma terceira pessoa, fato que para ele nem sempre corresponde à realidade. Alguns casais se separam, todavia, para recriar suas relações, isto é, a separação é apenas judicial. Yuri, por sua vez, salienta que na empresa em que trabalha 50% dos pilotos são separados, enquanto no seu grupo específico 70% já se separaram. Também no seu círculo de amigos a grande maioria dos casais já se separou. Apesar disso, o sujeito delineia um quadro bastante favorável no sentido de que observa uma harmonia maior no relacionamento entre ex-mulheres e ex-maridos, que, com isso estão formando novas redes constituídas por essa "grande família" que abarca todos os elementos que compõem o histórico amoroso da pessoa. Além disso, o panorama contemporâneo em relação a pessoas separadas mudou muito, ressalta ele. Antigamente havia um estigma tanto para homens quanto para mulheres separados. Hoje, as conveniências que mantinham uma mulher presa ao homem estão sendo quebradas, as pessoas vivem relações mais autênticas e são mais honestas, sendo que o respeito é um elemento básico no relacionamento. Apesar de que ainda haja a esposa que faz-de-conta que não percebe o caso do marido, a tendência é que as pessoas sejam mais honestas e estejam assumindo mais seus relacionamentos, afirma Yuri. Wotan corrobora o acima exposto afirmando que o modelo tradicional faliu, pois as separações estão se dando em número cada vez maior, e as pessoas estão se casando cada vez mais tarde, fato que pode levar à "extinção," as relações entre os sexos. Na sua visão torna-se difícil hoje encontrar um casal que se sinta gratificado em sua vida-a-dois. Entretanto, em função de uma maior flexibilidade nos "scripts" de relacionamento, as pessoas estão saindo do modelo rígido e conservador de casamento e família, e estão buscando outros caminhos. Segundo Rafael a convivência entre os casais tem sido cada vez mais breve, isto é, "casou, não deu certo, separa." Desta forma, as pessoas não demonstram empenho em se ajustarem e acertarem, atribuindo um caráter descartável ao casamento. A própria sociedade interfere estabelecendo metas e níveis elevados de qualidade de vida, vendendo produtos de consumo que o homem dificilmente poderia oferecer à sua família. Por sua vez, a mulher, ao entrar para o mercado de trabalho tem garantida sua independência

econômica, e resolve então contestar a supremacia masculina. Isto faz com que surjam conflitos que estavam mascarados pela condição de dependência da mulher.

Isac apontou com bastante propriedade a velocidade espantosa com que homens e mulheres se casam/amasiam e se separam, tendo a mesma automação e os trâmites burocráticos de quem realiza uma mudança de endereço. Demonstrando perplexidade diante do emaranhado e da confusão das relações, o sujeito observa que as pessoas já se casaram e separaram por várias vezes consecutivas. Assim, uma decisão que envolve a vida afetiva-emocional torna-se um ato mecânico e realizado sem consciência, ficando restrito ao nível do "entra-sai, entra-sai." As mudanças são muito rápidas, e com esta velocidade o casamento parece ter se automatizado, e as relações parecem ter perdido a solidez. Ao mesmo tempo as pessoas demonstram não estar muito seguras do que querem, parecendo muito mais estar mergulhadas num processo de experimentação. Isac observa que há uma premência pela rapidez em vários setores da sociedade. Isto parece ser um reflexo de um princípio da modernidade onde tudo fica muito solto, e a "flexibilização da posição" parece ter chegado também ao casamento. Tem-se uma "família flexível" onde a troca de parceiros já se tornou rotina, diz ele. Isac critica estas mudanças no sentido de que além da relação homem/mulher ter se mercantilizado em demasia, com toda esta rapidez perderam-se valores e outras elementos importantes no relacionamento (o sujeito parece manifestar aqui um desejo de estabilidade).

Contrariando a idéia de separação, Pedro, Diógenes e Alexandre (que também indica esta outra tendência concomitante) apontaram o "casamento fachada" - aquele que tem por base e por razão de ser, as aparências, e transmite para a sociedade uma imagem de perfeição e harmonia, que não corresponde ao que é realmente vivido - como um modo de funcionamento de vários outros casais. Diógenes afirma que apesar de se manter o respeito mútuo, perdeu-se o sentido da união, pois não há mais aspectos em comum, imperando uma completa estagnação no vínculo. Apesar disso, não há esforços nem no sentido do reatamento dos laços, nem pela separação. Também não se toma uma iniciativa de tentar resolver o impasse buscando uma psicoterapia de casal, pois além de ser pouco conhecida ("novidade"), ainda é opinião de senso comum que psicoterapia é "coisa prá louco." Além disso, em relações neuróticas, muitos casais paradoxalmente

"brigam para ficarem juntos," pois este é o "tesão" de suas vidas (o ganho secundário que dá sentido à sua existência, e denota um vínculo de amor masoquista), e eles precisam disso para viverem, assegura o sujeito. Diógenes relata que sua experiência de psicoterapia de casal foi proveitosa no sentido de que os ajudou a ter clareza dos conflitos que permeavam a relação. Todavia, a maioria dos casais prefere ignorar seus conflitos e só enxerga aquilo que deseja ver, pois têm medo do que irão encontrar caso tirem-lhes a venda. A seu ver, muitos casais vivem anestesiados, acomodados por medo da mudança e do desconhecido, e cumprem o mandato de "até que a morte os separe" (contrariamente ao que afirma Alexandre para quem o mandato caiu por terra). Neste esquema normalmente um se anula e se torna a "sombra" do outro para que aquele continue ditando as regras, assegura Diógenes. Pedro considera que as relações entre os sexos se mantêm aos tropeços e a tendência é se complicar ainda mais, pois não há uma prática de "higiene mental." Casais que aparentemente são 'felizes' e considerados 'perfeitos,' na realidade conseguem isso através do desempenho de papéis estruturados de homem e mulher ("casamento fachada" do sistema patriarcal). Tais casais não podem ser considerados modelos, pois o que existe é uma "cristalização de papéis." A seu ver, há tentativas de algumas pessoas de sair de um esquema tradicional antigo para buscar intuitivamente um caminho novo que ignoram o que seja, mas que converge para esquemas de relacionamento menos rígidos, mais permeáveis e flexíveis.

Em seus casamentos freqüentemente homens e mulheres vivenciam um grande sofrimento. Entre os fatores desencadeantes de conflito Wotan cita a perda de liberdade, perda de privacidade, e sobretudo, o mais grave, a perda de identidade. A seu ver, isto já se tornou um problema de saúde pública, visto que as pessoas vivem muito mal de um modo geral. O machismo, tanto masculino quanto feminino, também vai minando progressivamente o vínculo. Além disso, problemas financeiros trazem grandes distúrbios para a relação - não a diferença salarial em si, mas a dependência econômica de uma das partes - o que contribui por verticalizar a relação. Wotan propõe um modelo de relacionamento mais horizontal, com mais liberdade pessoal e também liberdade econômica, condição que considera essencial para que continue existindo a possibilidade de relacionamento entre os sexos. Já Alexandre justifica que alguns vivem o "casamento

fachada" porque do ponto de vista social não é bom para uma pessoa ser separada. Quando um homem se separa aumenta o número de mulheres à sua volta, pois ele procura mais. Em suas novas relações, o mesmo busca respostas para seus erros e dúvidas no antigo relacionamento. No seu caso pessoal, em sua aparente compulsão sexual, Alexandre procurava confirmar sua virilidade, isto é, saber se de fato conseguia agradar e satisfazer o sexo oposto.

Rafael contraria a crença geral de que os problemas de relacionamento entre o casal são devidos a desacertos na vida sexual. Ele atribui as dificuldades a falta de compreensão e diálogo entre as partes, criando-se então uma situação de conflito onde cada um declara guerra ao outro sem ter consciência das verdadeiras motivações de suas animosidades. Para Adriano a maioria dos casais está vivendo mal porque falta flexibilidade e maleabilidade no relacionamento, e também não há a pressuposta "união." Adriano cita o exemplo da mulher que agiu de forma tão pronta e decidida quando o marido a mandou embora, que parece que já estava há muito tempo esperando por esta oportunidade. O sujeito parece se identificar e estar sopesando o tempo todo sua experiência com a deste casal, e pondera que faltou ao rapaz mais tato e delicadeza no trato com a esposa. Em referência à sua experiência pessoal, Adriano relata que não conseguia dizer 'não' para sua companheira, e mesmo não querendo prosseguir o relacionamento, rezava para que ela tomasse a iniciativa do rompimento (o que de fato ocorreu). Já Pedro atribui parte das dificuldades de relacionamento entre os casais à nossa formação cultural cristã, que nos educa para o eterno e para se amar até a morte. No relacionamento procura-se cegamente garantir a ilusória promessa do céu e o mito da felicidade eterna. Normalmente, a maioria dos casais não se arrisca a ir até o fundo de uma discussão de forma que não se pode saber se é possível sobreviver a isso. A situação sem ter sido resolvida é reapresentada posteriormente na forma de cobrança pelo parceiro. É preciso "experimentar," para o que não se pode ter medo de arriscar, diz ele.

Pedro e Arquimedes apontam o sentido de posse e do controle sobre o outro como um ponto nevrálgico no relacionamento, sendo o aspecto que mais transtornos causa. Pedro observa que conviver com a diferença do outro não é tarefa simples. Apesar do discurso de que se aceita o outro tal como é, cada um vai estar

tentando moldar o parceiro à sua maneira, enquanto este último obedece a uma tendência que lhe é inerente de não se deixar dominar. Esta luta é inerente ao relacionamento homem/mulher, assevera Pedro, observando que os problemas começam a ocorrer quando há resistência ou competição entre as partes. Nesta competição há uma negociação sobre o momento em que cada um deve ceder. Já Arquimedes observa ser comum entre os casais uma disputa de poder no vínculo: "Um quer mandar no outro," diz ele. O caso de controle do marido pela mulher (que a seu ver é mais freqüente do que no sentido oposto) se manifesta não só financeiramente pela posse do carro, como também demonstrando insatisfação pelas saídas daquele. Arquimedes considera "muito feio" tal comportamento feminino. Ele afirma que depois que se casam os casais "se esquecem" de namorar e tendem a querer controlar o outro, razão pela qual os casamentos não duram. Para evitar que isso aconteça recomenda que o namoro no casamento não seja "esquecido." O namoro mantém viva a chama do amor e contribui para que não se caia no desgaste causado pela rotina, que leva ao automatismo das relações ("dois robozinhos"), e a perder de vista as motivações de sua ligação, onde cada um procura tão somente ser "dono do outro." Continuar namorando funciona em última instância como um tipo de prevenção ('antídoto') contra o sentido de posse sobre o parceiro, e também auxilia a "espantar as dúvidas" e manter afastada a insegurança. É provável que Arquimedes tenha percebido na realidade exterior o aspecto por ele mais temido, e a partir disso tentou se proteger elaborando uma teoria, onde aponta o caminho para um relacionamento amoroso saudável.

Tanto Rafael quanto Heródoto criticam a mídia, mas de forma diferente. Na concepção de Rafael os meios de comunicação de massa influenciam fortemente os casais em crise, estabelecendo novos padrões e modelos de comportamento. Assim, há um interesse oculto nas camadas dominantes que manipulam os segmentos menos favorecidos da sociedade, que fomenta a separação entre os casais e leva à desagregação familiar, o que é veiculado pela mídia através das telenovelas. Além disso, se estabelece padrões inacessíveis e níveis irreais de qualidade de vida para esta mesma classe, o que leva a conflitos entre o casal. Para Rafael, a mídia está corrompendo os antigos valores, e trazendo conflitos e animosidades no lar, pois as mulheres já não se sujeitam mais ao

homem. Heródoto afirma que não tendo amadurecido e firmado o respectivo papel nesta nova ordem das coisas, homens e mulheres assumem os valores transmitidos pela mídia, e se tornam seus prisioneiros. Então a mídia vai jogando com as pessoas e vai criando desejos para as pessoas, "não só objetos para as pessoas, mas pessoas para os objetos." Ele observa com pesar que hoje não há mais nem o "encontro dos corpos," pois o que existe é o "sexo virtual," diz ele. Nesse contexto homens e mulheres estão cada vez mais distantes e isolados, sendo que quem faz a mediação para o encontro dos dois é a agência de casamento, o que no seu entender nada mais é do que uma "expressão da miséria humana."

Átila e Aldo delineiam um panorama positivo da evolução das relações de gênero na sociedade contemporânea - e principalmente das conquistas da mulher - muito embora com diferentes ressalvas. Átila, como Yuri, observa que atualmente já é visto com mais naturalidade o fato de uma mulher ser separada, embora ainda haja muitos preconceitos. A seu ver, as mulheres hoje não são mais "bobas" e estão ficando "espertas" (mais conscientes). Assim, diante dos deslizes do marido, ao invés de tolerar resignadamente ou o mandam embora ou têm um relacionamento extra-conjugal. Antigamente, as mulheres se mantinham no casamento mesmo insatisfeitas. Atualmente não é mais considerado vergonhoso uma mulher ficar sozinha, sendo que o casamento perdeu o caráter de eternidade, observa ele. Hoje as mulheres brigam pelo que elas acham que é certo. No passado, elas sentiam vergonha de se expor e pareciam não se importar com fatos aparentemente incômodos. Em contrapartida, para os homens hoje, a situação está bem menos confortável do que antigamente.

Aldo, assim como Isac, afirma que o relacionamento homem/mulher está mudando muito rapidamente. A seu ver, a mulher hoje acumula conhecimento, ela discute mais, e dentro de uma relação já não é mais tão passiva. Ela também é ativa na busca de sua realização sexual. Aldo assevera que as mudanças no papel da mulher desencadeiam mudanças no papel do homem, que já não pode mais ser aquele que "transa, vira para o lado e dorme." Hoje a mulher não se casa mais virgem, o que não denigre a sua reputação. O homem, por sua vez, precisa correr atrás da evolução feminina, pois a mulher já não se contenta com aquilo que aquele único homem que

conheceu pode lhe oferecer. As novas demandas da evolução feminina forçaram os casais a se reestruturarem e se reorganizarem na sua forma de viverem juntos. Os novos paradigmas mudam o conceito de casal e de participação familiar. Há uma maior criticidade na relação, pois o príncipe já não é mais tão encantado, nem a donzela é tão boba. Os relacionamentos estão sendo vividos com mais maturidade dentro de uma expectativa mais realista e saudável. Entretanto, a mulher, apesar de suas conquistas e avanços na sociedade, ainda se mantém presa ao antigo "script" na medida em que está atrelada à dupla jornada de trabalho, o produto de uma emancipação não resolvida tanto na esfera pública quanto privada que resulta num acúmulo de funções e encargos para si.

Wotan afirma que novas formas de relacionamento estão sendo praticadas hoje, entre elas a relação de concubinato, e o que poderia ser chamado de uma "relação estável" (supostamente pela consistência e durabilidade do vínculo), mas cada um residindo em sua própria casa. Neste esquema, cada qual pode ter suas coisas, seus amigos, familiares, seu mundo próprio onde o outro não interfere. Estas mudanças que se prenunciam ainda requerem décadas para se instaurarem e consolidarem, observa ele. Heródoto também pontua a grande diversidade de modos de relacionamento existente, mas focando o desencontro entre os sexos e a opção por saídas alternativas que funcionam como um paliativo, visto que não atendem às reais necessidades de afeto de todo ser humano. Assim há aqueles casais que não conseguem superar suas dificuldades iniciais e se separam; há pessoas separadas que se "acovardaram" face a perspectiva de um novo relacionamento pelos traumas que sofreram em relações anteriores ('medo do amor'), e preferem o caminho da solidão; para outras ter um 'caso' é a alternativa mais confortável, principalmente quando se possui o medo de se expor diante do parceiro.

Yuri afirma que a "falta de afinidades" é o fator determinante das separações, de forma que quando a paixão acaba não há base de sustentação e o relacionamento também acaba junto. O sujeito observa que quando se inicia um relacionamento com pouca intensidade, a tendência é que haja a descoberta e o cultivo de maiores afinidades, o que contribui para se fortalecer o vínculo, pois estas afinidades formam o "alicerce" do relacionamento, e se somam para que o casal venha a constituir um o todo.

Por outro lado, Yuri considera que o que motiva relacionamentos extra-conjugais é o fato de que o próprio casamento está insatisfatório. Para Alexandre não existem homens ou mulheres traídos, mas casais que se traem mútua e rotineiramente. Forma-se um círculo vicioso: o marido trai, a mulher descobre, "dá o troco" para finalmente após terem se provado mutuamente cada qual a sua 'competência,' ficarem juntos de novo. Alexandre qualifica esta atitude como uma fuga ou a satisfação de um desejo pueril de variar de parceiro.

Arquimedes ressalta que é importante que haja espaço no relacionamento para a independência de cada um: o direito de ir e vir, a autonomia sobre o uso do veículo do casal e do dinheiro próprio.

Heródoto reitera que, sobretudo "a vida passa pelo encontro e pelo afeto." Assim, muito embora haja um grupo de homens conservadores que manteve na íntegra os valores recebidos, há outro grupo mais limitado que começa a ter outras expectativas de relacionamento, mas que estão sós. Heródoto delineia um panorama otimista no sentido de que as possibilidades de um relacionamento humano novo já começaram a ocorrer. Isto está ligado a uma maneira nova de se relacionar com a natureza, e vem no bojo de uma nova cultura. Especificamente, o relacionamento homem/mulher está relacionado com o conjunto da cultura como um todo, e sofre influência do setor econômico, entre outras. Nesse sentido homens e mulheres estão fragilizados, pois muitos daqueles que eram seus antigos valores foram detonados sem que houvessem outros para substituí-los.

No campo profissional, Yuri aponta a semente de um relacionamento mais harmonioso entre os sexos.

Em suma, de uma maneira geral os doze sujeitos do sexo masculino delineiam um panorama positivo e promissor nas relações entre os sexos na sociedade à sua volta, e apontam para uma tendência de mudanças muito rápidas no desempenho de papéis e nos valores que permeiam estas relações na atualidade. Todavia, tais mudanças ainda não se consolidaram (talvez devido à própria velocidade com que estão se dando), o que gera insegurança, incerteza e medo. Há vários modelos de relacionamento convivendo concomitantemente com o modelo tradicional, todavia as pessoas parece que ainda estão confusas, e recuam com medo do sofrimento no amor, preferindo algumas

vezes o caminho da solidão. A excessiva flexibilização no casamento parece ter conferido um caráter descartável às relações, onde não parece haver muito empenho por parte dos casais em acertarem. Neste contexto, a mídia encontra um campo propício de influência, e vai "corrompendo" valores e criando desejos para as pessoas.

A separação deixou de ter o estigma do passado, todavia há quem afirme que ainda hoje "não é bom uma pessoa ser separada," indistintamente de sexo. Como há um movimento dinâmico entre as partes, mudanças no papel da mulher desencadeiam mudanças no papel do homem, que é obrigado a "correr atrás" da evolução feminina. Todavia, a mulher ainda enfrenta o problema da dupla jornada de trabalho, oriundo de seqüelas de sua nova condição social. Ao mesmo tempo que é apontado uma tendência para se viver relações mais autênticas e saudáveis, outros sujeitos delatam a co-existência de relações neuróticas, onde o ganho secundário é justamente as brigas que ocorrem entre o casal, sendo que a tendência é eternizarem este quadro. Os sujeitos apontam diversas razões pelas quais os casais estão vivendo mal, entre eles a tendência a exercer domínio sobre o outro, a "verticalização" e a perda de identidade na relação.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

7ª UT: A descoberta do sexo oposto

⇒ Caso nº 03: Isac

O discurso do sujeito

Isac: Eu acho que a princípio, ela foi complicada. Foi um certo trauma! (Riso) Eu me lembro da adolescência... eu era uma pessoa extremamente tímida! Tímido, né? Baixinho, magrinho! Uma coisa... feinha! E... não fazia muito sucesso com as mulheres naquela época. E... então, digamos assim, eu tenho uma imagem um pouco negativa da minha adolescência por causa disso. Naquela época, ah... as primeiras relações sexuais que a gente tinha era com prostituta, né? E... nada, nada assim que desse muito prazer! Então, digamos assim, prá aprender a relação afetiva, prá conhecer as mulheres intimamente, foi um processo um pouco... lento, de tentativa, erro, conserto... Foi uma coisa cheia de atritos! Até eu diria que ainda tem atritos, mas ela foi se resolvendo assim, muito lentamente! Eu tenho a impressão que hoje eu conheço, devo conhecer razoavelmente a mulher, né? Eu tenho a impressão que tem gente que não conhece, mas teve uma época que eu tive muita curiosidade em conhecer a 'alma feminina.' Aí eu comecei a ler,

comecei a observar. Fiz muito isso. Acho que isso ajudou um pouco. Mas teve um momento na minha vida, que eu resolvi: "Preciso conhecer!" Aí eu comecei a investigar por conta própria, mas foi a nível de observar. E eu passei a observar simplesmente as mulheres por um longo tempo! Eu passei a conversar sem nenhum outro interesse, só prá ficar pegando as coisas. Então, eu lembro que eu conversava muito. Sempre estava dando um jeitinho prá ficar próximo de alguma mulher conversando, e tentando tirar coisas. Uma espécie de curiosidade científica! (Risos)

Lucélia: Exatamente, o que te levou a isto? Quais foram suas motivações?

Isac: Eu nem lembro que raio de motivação foi essa! É que era muito... mulher é uma coisa muito estranha! Eu acho que depois da análise, eu até consegui entender isso. Não sei se é bem isso. Acho que essa relação familiar da minha infância, ela colocou uma certa distância no... minha mãe tinha que cuidar de toda nossa vida! Eu acho que isso, digamos assim, criou um certo distanciamento. Quer dizer, de certa forma se tem toda essa importância, eu acho que eu fui privado de uma certa convivência com ela. E eu acho que isso deve ter pesado um pouco nessa... Isso é coisa de análise que eu andei fazendo, mas eu entendo sim, que prá mim, na adolescência, mulher era muito estranha! Eu não entendia. E acho que por isso que eu resolvi. Falei: "Não! Tenho que descobrir esse mistério mesmo!"

Lucélia: Bom! E nessas suas investigações, você chegou a alguma conclusão?

Isac: É! Eu acho que eu conheço um pouco mais, eu acho que sim. Não é mais aquele 'bicho-papão!' Porque era! Porque você tem medo do desconhecido, né? Hoje eu não tenho mais medo. Já não é desconhecido assim! Eu acho que tem lá os seus mistérios, mas não é mais estranha assim. Hoje não é! Essas coisas que me levaram a investigar, me levaram a ler! Aí eu fui conhecer a história da mulher na Idade Média. Aí eu li muito prá buscar isso lá atrás. Eu acho que eu aprendi alguma coisa, não sei se muito.

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito afirma que para si o processo que envolveu a descoberta da mulher foi bastante complexo, referindo-se de forma bem humorada a "um certo trauma." Para descrevê-lo Isac reporta-se à fase da adolescência, dizendo ter sido um adolescente extremamente tímido. Sua auto-imagem na época era muito negativa e correspondia à de um garoto "baixinho, magrinho, uma coisa feinha," que não fazia muito sucesso entre as mulheres. Suas primeiras relações sexuais se deram com prostitutas, o que para ele não foi nada prazeroso.

Já naquela ocasião a figura feminina para Isac era muito estranha e envolta em mistérios. Ele admite que "não entendia mesmo a mulher" (um enigma, portanto), por isso resolveu consigo que "tinha que" desvendar o "mistério" (denota-se uma imperiosidade e uma urgência nesta resolução).

Os primeiros ensaios visando a compreensão e descoberta do sexo oposto foram lentos e difíceis, e envolveram um procedimento composto pelos seguintes passos: "tentativa $\Rightarrow$ erro $\Rightarrow$ conserto," explica. Com isto ele pôde conhecer mais intimamente a

mulher, e aprender a se relacionar afetivamente com ela. Este processo foi pontuado por atritos, mas foi se resolvendo muito lentamente (apesar de que os atritos ainda persistem).

Todavia, já na fase adulta, houve um momento em que foi tomado por uma intensa curiosidade em "conhecer a alma feminina" e decidiu: "Preciso conhecer!" Desta vez Isac empreendeu então uma pesquisa informal, e começou a investigar por si mesmo, de forma intuitiva. Por um lado buscou subsídios na literatura em referência ao assunto, inclusive fazendo uma retrospectiva sobre a história da mulher até a Idade Média. Por outro lado, usou a observação como método. Isac relata então que passou a observar mulheres (seus sujeitos informais e involuntários) e dispendia uma boa parte de seu tempo conversando sem nenhum outro interesse, "só prá ficar pegando coisas." Movido por sua "curiosidade científica," o sujeito sempre encontrava situações oportunas para estar próximo de alguma mulher "conversando" (na verdade, entrevistando informalmente), de forma a extrair dados e informações de seu interesse.

Inquirido sobre as motivações que o levaram a empreender esta pesquisa informal, o sujeito afirma que a partir de "insights" obtidos em psicanálise, supostamente a relação com a figura materna influenciou nisto. Considerando que para Isac, a mãe era "a pessoa que tinha que cuidar de toda a nossa vida" (uma figura de autoridade, da qual todos dependiam), sua imagem se revestia de uma tal importância, que acabava gerando um distanciamento, de forma que ele se viu privado de "uma certa convivência" (supostamente ele está dizendo que não pôde ter uma relação menos hierarquizada e de abertura com a figura materna, pelo fato dela exercer o papel de provedora e grande matriarca).

Como produto de suas investigações, Isac observa com prudência e cautela que hoje considera "conhecer um pouco mais" a mulher ou dito em outras palavras: "Devo conhecer razoavelmente a mulher," afirmando que esta deixou de ser o "bicho-papão" para ele. O sujeito, que antes temia o 'desconhecido' - a figura feminina - hoje pode dizer que não tem mais medo da mulher, pois a mesma já não é mais tão desconhecida e estranha quanto foi no passado, apesar de continuar tendo lá os seus mistérios.

Isac conclui com modéstia: "Eu acho que eu aprendi alguma coisa, não sei se muito."

Observe-se que o sujeito buscou um caminho seu, muito particular, para conhecer e descobrir a figura feminina, e isto não se deu tanto através do relacionamento de pessoa para pessoa - homem/mulher - advindo da prática da vida, mas ele usou de sua curiosidade científica e entabulou um audacioso 'projeto de pesquisa.' Possivelmente tal estratégia foi acionada como um mecanismo de defesa e uma forma segura de aproximação, de forma a sentir-se protegido na sua empreitada, visto que seu 'objeto de estudo,' tão estranho, distante e inacessível (apesar de paradoxalmente ter convivido com tantas mulheres em sua vida), era também por ele muito temido.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 05: Rafael

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 7)

Rafael: A primeira namorada... foi mais assim, um incentivo de... eu até lembro dela hoje ainda, ela chamava-se Claudete. Tem um pessoal que a gente era compadre, eles davam força para os outros... gostar da gente... e daí davam um certo filho prá gente batizar, prá se consagrar. Então a gente se adaptava muito à família. E essa pessoa, chegou um dia, ela veio até trabalhar prá gente no terreno de algodão. E a gente se conheceu, entendeu? Então... aí começou a sentir aquela coisa que... não tivemos assim dizer... logo no início, já começou a sentir... dar beijos, abraços, como os jovens de hoje são. Não foi assim! Então, foi aquele namoro de se gostar. A gente se trocava mais era presente, você entendeu? Então, o primeiro presente que eu ganhei dela foi um sabonete. Um sabonete daquele 'Lux,' que tem aquela mulher da TV! Então, aquilo era luxo! Então, foi atração assim, na troca de presentes. Porque no sítio, a gente tinha o costume de levar alguma coisa. Precisava ter um prato diferente na casa, então levava, repartia. Na hora de ir, eu queria levar! Chegava lá, eu fazia questão, de entregar para a mãe dela, ou para ela. Realmente, conquistar a família, né? Mas prá dizer sinceramente, como primeira namorada, eu nunca cheguei a dar um beijo nela. A gente só se pegava na mão. Era meio distante um do outro. Então, ela foi a primeira namorada que eu tive, e depois com o empurrão dos colegas e um reforço... aí num segundo, você já vai já abrindo um pouquinho mais! Então, isso na hora que eu já estava com dezoito anos. Foi quando eu comecei a descobrir essa parte aí.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Falando especificamente sobre a descoberta da mulher, o sujeito relata sua experiência com a primeira namorada. Foi alguém que conheceu por intermédio de uma

família com quem a sua mantinha vínculos de amizade (eles eram 'comprades,' isto é, seus pais haviam batizado uma criança da outra família estreitando assim os laços). Ela veio trabalhar com eles na lavoura de algodão. No namoro de ambos não houve beijos ou abraços, nem qualquer outra expressão de carinho, a não ser a inocência pueril do ato de 'pegar na mão,' bem diferente da forma como acontece com a juventude atual, acentua o sujeito. "Foi aquele namoro de se gostar," o que era manifestado através da troca de presentes. Rafael lembra que o primeiro presente que ganhou dela foi um sabonete Lux, cuja propaganda era exibida na televisão. Talvez por ter sido veiculado por tão expressivo meio de comunicação, "aquilo era luxo" para ambos, tendo o fato ficado marcado na memória do sujeito. Igualmente, ao visitar a família dela, era importante para Rafael presenteá-los com um prato diferente, como era costume na zona rural, a fim de conquistar a todos. Todavia, o namoro não chegou a evoluir para outras formas de expressão. "Nunca houve um beijo que fosse," reitera o sujeito, explicitando que nesta sua primeira experiência com a mulher, eles se mantiveram assim "meio separados," distantes um do outro.

Já em uma segunda experiência, o "empurrão" dos colegas e um reforço adicional contribuíram para que ele relaxasse suas defesas em relação à figura feminina, o que, reitera, só aconteceu após ter completado dezoito anos.

Fica explícito na experiência do sujeito com a mulher o extremo pudor e o distanciamento com que ele a abordou, mantendo-se afastado de quaisquer manifestações de sensualidade/sexualidade. O relacionamento pareceu estar mais próximo de uma relação de compromisso social entre adolescentes do que um namoro propriamente dito. Na verdade, um ensaio e um temeroso arremedo de aproximação do sexo oposto.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 08: Diógenes

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 7)

Lucélia: Neste processo de descoberta do sexo oposto, no relacionamento com a prostituta, você notou muita diferença com as outras mulheres?

Diógenes: Existe! Uma enorme diferença! Nossa! Eu não sei se isso é bom ou é ruim. Prá mim, isso é bom em certos termos. Em certos termos é ruim. Depende com quem você convive, com quem você se relaciona. Que nem, por exemplo: você pega uma menina aí, ela não tem todo aquele gabarito. Então, é onde surge a dificuldade. E com a prostituta a coisa se torna mais fácil! Não falo assim, mais fácil em termos de estar conseguindo. Isso aí é óbvio! Você está pagando, então se torna mais fácil. Eu falo mais fácil de você se relacionar sexualmente. Como homem, eu vejo que existe os dois lados. O homem faz a parte dele e a mulher faz a parte dela. Os dois transam! Eu penso assim. Nunca é só o homem que administra, ou então é só a mulher que administra! E com a prostituta já acontece isso daí. Se é uma coisa assim, fria ou gelada, eu não sei. Eu acredito que sim. Mas no relacionamento, é uma coisa que leva o homem ao auge! Ela vai te suprir o que você quer, sem limites, sem nada! E talvez, com outra mulher, existam limites.

Lucélia: E a parte afetiva? Você falou da parte sexual, não é?

Diógenes: É! Foi isso o que eu falei prá você. Que existe a diferença, existe o bom e o ruim, está certo? A parte afetiva, você já não consegue, você não tem de jeito nenhum! Eu acho que a namorada é diferente desse relacionamento. Ela te dá a parte afetiva, ela te dá até a parte sexual. Mas eu acho que tem homens que está bom assim, daquele jeito. Mas tem homens que não está bom, certo? Vem uma imaginação ali! Porque eu vejo o seguinte: acho que tanto o homem como a mulher, existe fantasia, tanto um como o outro tem que preencher. Não existe esse negócio de... "Pô! Isso é feio! Ah! Isso aí não é legal!" Eu acho que não é por ai. A partir do momento que os dois gostam... porque às vezes você sente que o parceiro gosta, mas ele não faz porque ele tem algum preconceito daquilo lá. Mas ele gosta, está certo? Eu acho que isso é o que não é legal! É sério! Às vezes, sabe, a vontade está lá, quase saindo pela culatra, mas não vai porque tem um 'puta' preconceito atrás daquilo lá! Agora quando você sente que o seu parceiro não quer porque ele não gosta, aí você respeita o limite. De qualquer forma, há um respeito no limite. Mas você sente que não está sendo jogado limpo!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Considerando que o contato com a prostituta e com a namorada propriamente dita fizeram parte do seu processo de descoberta da mulher, Diógenes, de chofre, assevera haver "uma enorme diferença" no relacionamento entre uma e a outra. Ele diz não saber valorar se a priori isto é bom ou ruim, mas assegura que em cada um dos lados existem pontos positivos e negativos. Assim, a prostituta não oferece amor e afetividade (é conhecimento de senso comum que uma das regras básicas do 'adestramento' para a prostituição consiste em não se envolver afetivamente com o cliente, visto que a prática do sexo para ela é um exercício puramente profissional), mas em contrapartida supre o homem na totalidade de seus desejos, realizando todas as suas mais recônditas fantasias. Com isso, "ela é capaz de levá-lo ao auge!" afirma o sujeito.

Não há dificuldades, bloqueios ou limites nesta parte sexual. A prostituta atende o homem "naquilo que ele quer," salienta Diógenes, referindo-se às necessidades sexuais masculinas.

Quanto à namorada, esta é capaz de nutrir a alma masculina com todo o fluxo de afetividade que emana naturalmente de si, mas muitas vezes existem limitações de ordem sexual. Assim, ela pode dificultar as coisas e não proporcionar ao homem todo o prazer que ele deseja. Para o sujeito estes entraves são motivados por uma falsa moral feminina, isto é, apesar de determinadas práticas sexuais serem absolutamente prazerosas para a mulher, ela se recusa a participar por puro preconceito. Alguns homens se sujeitam a isso, outros não. De uma maneira geral, eles querem se sentir plenamente satisfeitos e vivenciar a sua sexualidade sem limitações, como é o caso do próprio sujeito que admite não existir para si no relacionamento sexual: "Isto é feio!" Ou "isto não é legal!" Diógenes considera desleal esta postura feminina, mas assegura que quando a parceira se recusa porque ela realmente não gosta, então "há um respeito no limite."

O sujeito entende que no relacionamento sexual, o homem e a mulher fazem cada um a sua parte, e afirma o que parece ser o óbvio: "Os dois transam." Na verdade, supostamente ele está querendo dizer com isso, que ambos são co-participantes de uma mesma cena, isto é, homem e mulher participam ativamente do que para eles deveria ser um ato vibrante, intenso, que lhes 'rouba' os sentidos e a consciência. A mulher, por sua vez, não ficaria relegada a uma postura de passividade sexual, esperando que o homem faça tudo sozinho. Com a prostituta isto acontece, afirma Diógenes. Afetivamente é "frio, gelado," mas no sexo atinge-se o êxtase (ou seja, há uma dissociação completa entre estas duas manifestações tão vitais e essenciais da natureza humana).

Nesta unidade, o sujeito referiu-se à chaga produzida pela falácia da moral dupla existente em nossa sociedade patriarcal/machista, que desde os tempos imemoriais cindiu afeto e sexo. Isto é fonte de muitos conflitos e resulta bastante difícil integrar estes dois elementos na mesma pessoa. A prostituta responde ao mandato do prazer absoluto e sem limites, ao passo que a mulher comum é regida pelo afeto em detrimento do sexo, tido como pecaminoso. Se não superado este difícil impasse - o desafio que a todos se

impõe - para o homem (Diógenes) a descoberta do sexo oposto de forma tão fragmentada e dissociada resulta em uma marca indelével e um caminho já pré-determinando - mandato - do qual ele dificilmente conseguirá se esquivar, integrando os dois aspectos na mesma mulher.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

⇒ Caso nº 12: Arquimedes

O discurso do sujeito (em referência à unidade nº 7)

Arquimedes: Eu acho que... que nem um amigo meu diz: "Se Deus fez coisa melhor que a mulher... (risos) ele guardou prá ele!" Então eu acho que a mulher deve pensar da mesma forma que o homem. Eu acho que... foi a melhor descoberta que eu tive!

Lucélia: E o que a mulher tem que a torna tão especial?

Arquimedes: A mulher... normalmente ela é amiga... ela é... sensível, Dá impressão de você ter... como se diria? Assim... uma bonequinha de cristal, que você precisa ter muito cuidado com ela. Ela é frágil assim... no seu ponto de vista, mas com a passagem do tempo ela se torna muito mais forte do que você! (Risos) Em muitas situações passa a ser você o cristalzinho! No caso, quando ela está prá ter filho! Eu acho que um filho na vida de uma mulher, assim... Não o filho em si, mas a questão da gravidez, de carregar... sabe... a mulher se torna muito mais forte que o homem! O homem sai de casa prá trabalhar de manhã, volta à tarde, tem roupa lavada, comida no prato. À noite, ainda tem amor e carinho da mulher! A mulher, não! Ela fica em casa e tem criança prá cuidar, tem a casa prá limpar... ela tem... Nossa! (Ênfase) Se contar as vezes... o que a mulher anda dentro de casa prá pôr a casa em ordem... olha... em quilometragem dá bastante, viu!

Lucélia: Sim! Então isso, você constatou a partir da sua convivência com a mulher... que na verdade, ela não é tão frágil quanto parece no primeiro contato, não é?

Arquimedes: Não! Não é! À primeira vista, é isto! Não só à primeira vista! Assim, ela se torna forte com seu... como se diz? Não digo em instinto, mas digo assim... no seu próprio ser. Porque no começo, você é mais forte que ela. Então, muitas vezes, você quer tomar a decisão de pedir ela em casamento... você vai tomar a decisão de construir uma casa. Na maioria das vezes é o homem quem toma essas decisões. Mas, aí chega o dia de amanhã, que ela vai cuidar de tudo aquilo. Então, quer dizer... de frágil, ela se tornou forte! É ela que vai tomar conta da sua vida, praticamente! Em termos assim... dos seus bens, dos seus filhos... e você, na maior parte do tempo, você está trabalhando, você está ocupado, essas coisas.

Unidade transformada em linguagem psicológica

Arquimedes se refere à descoberta da mulher como tendo sido a maior e a mais importante de sua vida, reiterando isto através do adágio popular: "Se Deus fez coisa melhor que a mulher, ele guardou prá ele." Todavia, a imagem desta que possui internalizada é a de "uma bonequinha de cristal," ou seja, é preciosa, mas frágil e inspira

cuidados. Enquanto a mulher se mantém no papel de bonequinha de cristal cabe ao homem - o contra-papel - tomar decisões quanto à realização do casamento, à compra da casa do casal, isto é, assumir explicitamente o papel e o polo mais forte da relação.

No entanto, através da convivência ela revela sua força, e então a situação se inverte, sendo o homem quem se torna o "cristalzinho," parecendo ser esta a verdadeira descoberta do sexo oposto para o sujeito. Assim, Arquimedes observa que a simples possibilidade da gravidez, a capacidade de carregar outro ser dentro de si, evidencia a superioridade feminina, condição esta que se confirma e consolida através de uma série de pequenos rituais domésticos: os cuidados 'maternais' que ela dispensa ao marido assim que este retorna do trabalho ("a comida no prato, a roupa lavada"), o fato de, enquanto fêmea, compartilhar com ele seu corpo num ato de doação, entrega e carinho.

Além disso, a mulher tem muitas obrigações enquanto dona-de-casa, que lhe rendem um excelente preparo físico. O sujeito afirma que esta, literalmente, atinge uma significativa quilometragem nas caminhadas que perfaz a fim de cumprir suas tarefas e sua rotina diária. Através de todas estas atribuições, Arquimedes enaltece significativamente a imagem da mulher dentro de si. A sua grande descoberta parece ter sido neste caso a força interior, o potencial para o aconchego, o acolhimento e o cuidar, próprios da alma feminina.

O sujeito então observa que a força da mulher não vem do exterior, não é artificial ou instintiva, mas é uma condição inerente ao seu próprio ser, uma expressão da natureza feminina. "No dia de amanhã, ela tomará conta de sua vida, dos seus bens, dos seus filhos enquanto você está trabalhando:" Arquimedes assim expressa a esfera de ação, o raio de influência e o poder da mulher na vida de um homem, ou seja, ela passa a ser "dona de tudo."

Síntese da 7ª UT: a descoberta do sexo oposto

Os sujeitos, em seus relatos, demonstraram diferentes formas de se aproximar e de abordar a figura feminina, com diferentes enfoques e nuances.

Enquanto para Diógenes a experiência de descoberta da mulher veio marcada pela dissociação entre afeto e sexo - duas manifestações tão vitais e essenciais da natureza humana - ocorrida através do contato com a prostituta e a namorada, no outro extremo, Rafael viveu o seu primeiro contato com a mulher de uma forma bem mais acanhada e retraída, onde só se podia mesmo "pegar na mão," e se manifestava a afetividade através da troca de presentes. Assim, Diógenes acentua que há uma enorme diferença no relacionamento entre a namorada e a prostituta, sendo que há pontos positivos e negativos em cada uma das partes. A prostituta não oferece amor e afetividade, todavia ela é capaz de satisfazer o homem na totalidade de seus desejos e fantasias sexuais, conseguindo desta forma "levá-lo ao auge." Já a namorada se vincula afetivamente ao homem, mas podem haver bloqueios de ordem sexual. Estes entraves freqüentemente são motivados por uma falsa moral feminina, pois apesar de sentir como prazerosas determinadas práticas sexuais, esta se recusa a participar por simples preconceito. Diógenes acentua que no relacionamento sexual "cada um faz a sua parte," isto é, ambos são co-participantes de uma mesma cena. Por outro lado, se afetivamente a relação com a prostituta é "fria e gelada," sexualmente atinge-se o êxtase, o que pode agradar sobremaneira os homens, que, de uma forma geral querem vivenciar a sua sexualidade sem limitações.

Em seu processo de descoberta da mulher Rafael, conforme já mencionado, demonstrou extremo pudor e distanciamento, mantendo-se afastado de quaisquer manifestações de sensualidade/sexualidade. O relacionamento com o sexo oposto - na verdade para ele, um compromisso social entre adolescentes - pareceu se constituir num ensaio e um temeroso arremedo de aproximação da mulher. Com sua primeira namorada nunca houve um beijo que fosse (apenas o respeitoso 'pegar na mão'), ambos se mantendo "meio separados," distantes um do outro, sendo o afeto manifestado apenas pela troca de presentes. O primeiro presente que ganhou ficou registrado na memória: um sabonete "Lux," para ambos um 'luxo' e prova de *status*,

tendo sua propaganda veiculada pela televisão. Em sua segunda experiência o empurrão e o reforço dos colegas contribuiu para que ele relaxasse suas defesas em relação à mulher, fato que só ocorreu após ter completado dezoito anos, o marco de sua entrada para a fase adulta, onde obteve a maioridade civil e com ela, se autorizou internamente para se aproximar de uma mulher.

Já Pedro afirma que a descoberta da mulher para si tem sido um processo lento, que ainda não terminou. Independente disso, ele assegura que a genuína descoberta da mulher ocorre quando deixa-se de ver "algo" (relação coisificada) no outro para ver "quem" está consigo. É quando se vê então um ser humano diferente junto a si, afirma. No caso da relação coisificada a escolha do parceiro é feita com base no critério do estereótipo cultural do belo, o que, a seu ver caracteriza uma escolha egocêntrica. Para Pedro a verdadeira descoberta não é a descoberta da mulher, mas a do ser humano além de si próprio, colocando desta forma sua visão humanista das relações que antecede a questão de gênero. Assim, quando se está relacionando com uma mulher, na verdade o que está se descobrindo nela é o ser humano, afirma. Se o processo de descoberta tem como motivação pura e simples o encontro sexual, então não se percebe o ser humano e o relacionamento permanece coisificado. Tudo é uma questão de ponto de partida.

Para Arquimedes a descoberta da mulher assumiu contornos de uma 'revelação,' afirmando ter sido "a maior em sua vida." A princípio, apenas uma "bonequinha de cristal," ela é preciosa, mas frágil, e cabe ao homem tomar as decisões importantes, assumindo o polo mais forte da relação. Na convivência, contudo, a mulher revela sua força e os papéis então se invertem, isto é, o homem se torna o "cristalzinho." A simples possibilidade de gerar outro ser dentro de si evidencia a superioridade feminina, ressalta Arquimedes. Além disso, os cuidados 'maternais' que dispensa ao marido e o fato desta se doar àquele à noite num ato de amor também corrobora a sua força. A quilometragem que perfaz na lida diária enquanto dona-de-casa, além de evidenciar seu excelente preparo físico, é outro fator que se agrega aos já citados. A força da mulher não vem do exterior, não é produzida artificialmente, mas, uma condição inerente do seu próprio ser, a expressão mais concreta da natureza e da alma feminina,

manifesta no seu potencial para o aconchego, em sua capacidade para a doação, para o acolhimento, o cuidar e o nutrir.

Isac, de maneira bastante original, buscou um caminho muito particular para conhecer e descobrir a figura feminina. Não foi através de um relacionamento espontâneo homem/mulher, mas de uma 'pesquisa informal,' e no papel de pesquisador informal usando de toda sua curiosidade científica, que empreendeu uma forma segura de aproximação deste ser para si tão estranho, misterioso e desconhecido. Isac revela ter sido um adolescente muito tímido, um garoto baixinho, magrinho, uma "coisa feinha" que não agradava às mulheres, manifestando com isso uma auto-imagem muito depreciativa, o que pode ter gerado o que ele chama de "um certo trauma." Os primeiros passos nesta sua arrojada tentativa de compreensão e descoberta da mulher foram lentos e difíceis, tendo utilizado o seguinte procedimento intuitivo: "tentativa $\Rightarrow$ erro $\Rightarrow$ conserto." Na fase adulta foi tomado por intensa curiosidade em conhecer "a alma feminina," e empreendeu então um processo de pesquisa mais ostensivo. Além de buscar subsídios na literatura reportando-se até a Idade Média, usou as 'técnicas' de observação e uma entrevista informal como método. Isac relata que passou a observar as mulheres e dispendia uma boa parte de seu tempo conversando "sem nenhum outro interesse" (a não ser 'colher dados'). Como produto de suas investigações, considera que "aprendeu alguma coisa," apenas "não sabe se muito," sendo que a figura feminina deixou de ser o "bicho-papão" de antigamente. Hoje pode afirmar que "não tem mais medo da mulher," pois esta já não é mais tão desconhecida e estranha quanto no passado.

Pode-se dizer que cada um dos sujeitos contribuiu a seu modo com um leque de significativas abordagens da figura feminina, e que cada um protagoniza formas diversas de contato e de descoberta do sexo oposto na sociedade de Campinas e região. Particularmente, Diógenes, através de sua experiência, traz à baila um processo bastante comum de descoberta e vinculação com o feminino de forma fragmentada e dissociada, que pressupõe um caminho já determinado e uma 'marca' - mandato - dos quais dificilmente conseguirá se esquivar, integrando os dois aspectos na mesma mulher. Vale salientar ainda o caso de Isac, cuja pesquisa informal foi uma forma muito curiosa de

aproximação e de abordagem do feminino, assim como Arquimedes que ressaltou o poder sub-reptício da mulher no cotidiano da vida-a-dois.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

8ª UT: A importância de se ter um vínculo amoroso

⇒ Caso nº 07: Wotan

O discurso do sujeito

Wotan: Olha! Eu sinto prá mim, que é muito importante ter um vínculo amoroso homem-mulher! Quer dizer, não necessariamente! Mas enfim, um vínculo amoroso estável! E, acho que não é tudo na vida, mas é muito importante. Eu sempre gostei! Estou num vínculo agora. Está muito bom! E não me vejo assim sozinho. O negócio é acertar a distância! (Risos) Sozinho não! Encontrar o ponto ótimo de privacidade por um lado, e também de fusão por outro. Poder alternar! Eu acho que é a alternância que é o gostoso, né? Eu estou feliz agora porque eu moro sozinho, por outro lado também eu estou muito ligado nessa minha namorada. Então, cada um está na sua... E poder falar disso na relação, tipo: "Hoje, eu estou precisando ficar sozinho!" A relação tem que comportar isso. Enquanto está comportando, então está muito legal!

Unidade transformada em linguagem psicológica

O sujeito reitera que considera como muito importante para si a experiência de cultivar um vínculo amoroso, de natureza homem/mulher. Generalizando, ele ressalta que pode até não ser um vínculo heterossexual, mas é importante que seja estável. Wotan pondera que este aspecto não é tudo na vida, todavia é muito importante, e admite que sempre gostou de ter alguém consigo. Ele ressalta que no momento está vinculado emocionalmente a uma mulher, sendo que o relacionamento está "muito bom!" Wotan reitera que não se vê sozinho, sem uma parceira. O segredo para ele está em acertar a "distância ideal," isto é, encontrar o ponto ótimo de privacidade por um lado, e de fusão por outro, mas assegura que permanecer sozinho, de fato, não é uma boa alternativa. Ele ressalta que "o gostoso" na relação é poder alternar comportamentos e posturas tidos como masculinos e femininos, isto é, inverter os papéis.

O sujeito ainda explicita que se sente feliz no seu presente relacionamento, porque supostamente conseguiu administrar bem a distância à qual se referiu acima. Se por um lado mora sozinho - isto é, tem o seu espaço e a sua privacidade garantidos - por outro, está muito ligado emocionalmente a esta namorada, e se sente suprido por ela em suas necessidades de afeto e prazer. O fato de haver espaço na relação para colocar uma eventual necessidade de estar só, é tido por ele como um sinal de que a relação está muito satisfatória. "Enquanto está comportando isso, então está muito bom!" diz ele.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 8ª UT: a importância de se ter um vínculo amoroso

Wotan acentua a importância de cultivar-se um vínculo amoroso estável de natureza heterossexual, ressaltando que ficar sozinho não é uma boa alternativa. Ele destaca que o segredo é descobrir a "distância ideal," de forma que ao mesmo tempo que se tenha resguardada a privacidade também se tenham supridas na fusão as necessidades afetivas e sexuais. Colocar uma necessidade ocasional de estar só para o parceiro, a seu ver é um sinal de saúde na relação.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

9ª UT: A experiência de um novo relacionamento

⇒ Caso nº 09: Alexandre

O discurso do sujeito

Alexandre: Eu tinha que sair de Pirassununga porque era muito pequena. Daí, passou um tempo depois que eu me separei. Daí, em abril do outro ano eu conheci a Valquíria. A gente começou a sair. E daí, eu mudei prá cá. A gente se combinou e foi. Daí, casar eu não quero mesmo! "Não vou! Casar, não caso mais!"

Porque casar é só um motivo prá separar. Porque se eu não estou casado, eu não tenho que me separar! (Riso) Daí, o que aconteceu? Eu estou com ela e a gente se dá super bem. Eu tenho as minhas liberdades, ela tem as dela. Ainda me sinto um pouco reprimido por causa... parece que eu não estou no espaço que é meu. O homem tem muito isso! É dela o apartamento, a minha casa está lá em Pirassununga. E a gente se dá super bem! Ela é mais velha que eu, eu estou com vinte e oito e ela tem trinta e oito. No começo eu fiquei pensando... "será que a idade vai atrapalhar em alguma coisa e tal?" Mas eu senti que não atrapalhou em nada, porque eu amadureci muito cedo. Eu tive que amadurecer muito cedo, entendeu?

Lucélia: E você falava daquelas liberdades que você não tinha no seu casamento. Essas liberdades, você tem agora nesse seu novo relacionamento?

Alexandre: Tenho! Algumas liberdades, eu tenho! Tipo, eu gosto de tomar cerveja, quando eu estou em casa. Tem algumas coisas que eu não podia, não dava prá eu fazer mais. Eu gosto de fumar! (Riso) Entendeu? Eu gosto, por exemplo, de ficar quatorze horas na frente do computador! Quando eu tenho tempo, eu gosto de ficar lá. Algumas coisas em relação ao computador, ainda não acertamos muito bem. Mas, eu não posso pecar de novo. Eu tenho que abrir o laço, entendeu? Tem que deixar a corda um pouco com ela porque se eu apertar muito, também eu posso destruir tudo isso. E também com ela, eu me abro mais! Com a minha ex-mulher, não, eu era fechado. Ela nunca soube o quê eu pensei. Em todos esses anos (seis anos de casado), ela não conseguiu me conhecer. Eu era muito fechado! Eu sempre fui extrovertido, eu brincava, tudo, a gente se divertia, ia prá praia, mas as coisas realmente que... essas eram travadas, não tinha jeito. Eu não me abria! E com a Valquíria, eu estou conseguindo me abrir, isso é importante, eu acho interessante!

Outro trecho

Alexandre: Ah! Eu sou um cara da noite! E eu não conheço a noite de Campinas há dois anos... ela dorme cedo. Nove horas da noite ela vai dormir. É a hora que eu acordei! Temos diferença de fuso horário. Eu não consigo transar de manhã. E ela gosta. Eu não consigo. Mas se quiser, às duas horas da manhã eu estou aceso! Só que agora, eu estou levando ela prá trabalhar todo dia. Então é cruel, eu tenho que acordar às seis horas da manhã! Mas eu vou dormir à meia-noite, meia-noite e meia, uma hora da manhã. Então, eu tenho vontade por exemplo de cantar num Karaokê, ou sair à noite, mas eu não vou! Por quê? Porque eu quero que ela esteja comigo. Mas, quando eu saio com ela, normalmente, a gente sai às oito horas e até as dez e meia, a gente está de volta, num sábado. Porque jamais eu faria isso! Tem vez que eu saio porque eu vou prá Pirassununga. Eu falo prá ela: "Oh! Eu estou indo prá Pirassununga!" Ela sabe. Ela dá esse espaço, que é passar a noite fora, entendeu? Lá eu saio às dez horas da noite, daí eu encontro com os meus amigos prá sair com eles. Quatro horas da manhã, por aí, eu estou chegando em casa, que é o que eu gosto de fazer. Mas só que com a Valquíria, eu não posso contar com isso. Mas eu estou ciente disso. Do mesmo jeito que ela está ciente, quando ela me conheceu e eu fumava, vamos supor assim. Ela não fuma, entendeu? Ela teve que se adaptar. E eu tive que me adaptar a isso, também. Mas, tipo assim, quando eu quero marcar de sair à noite, ela tem que dormir à tarde. O ritmo dela é outro. Ela não agüenta muito não. Até uma e meia, duas horas, no máximo, ela pode até agüentar, mas ela já está caindo! Eu consigo sentar com os amigos e varar a noite! Então... (pausa) Mas isso daí, eu acho que acostuma! Eu não sei se isso reprime, mas eu acho que eu tenho que me adequar a isso. Senão, eu não vou encontrar ninguém perfeito!

Unidade transformada em linguagem psicológica

Após Alexandre ter conhecido Valquíria, ambos passaram a viver maritalmente na residência dela em Campinas. Apesar de ainda estarem numa fase de experiência, ele já deixou claro que não é seu desejo casar-se novamente, muito embora

"se dêem super bem:" "Casar, não caso mais! Casar é só um motivo prá separar. Porque se eu não estou casado, eu não tenho que me separar." E afirma reiteradamente: "Eu estou com ela e a gente se dá super bem!" Nesta sua recusa em forma de trocadilho, poderia-se aventar a possibilidade de que Alexandre tenha se tornado avesso ao casamento devido ao fracasso de sua primeira experiência, contudo esta atitude é bastante comum junto ao sexo masculino. COLASSANTI (1984) afirma que os homens temem exercer o afeto que os levaria ao casamento. Disse-lhe um deles: "No sexo, somos caçadores, mas somos caçados no afeto. As mulheres estão sempre querendo nos agarrar, têm mania de casar. É disso que a gente foge" (p. 168).

A emoção é terreno onde os homens se sentem pouco à vontade, onde suas defesas lógicas se esboroam. É o terreno do imprevisível e da perda do domínio de si, que há séculos eles entregaram às mulheres. Mas há outra ameaça mais séria de desmasculinização contida no afeto: o estabelecimento da relação que fatalmente conduz à monogamia. O sexo para os homens não é apenas um instrumento de prazer, mas uma arma com que contam para ganhar a grande disputa entre machos. A monogamia impossibilita o uso desta arma, pois não há como se afirmar em sucessivas vitórias, resultando fatalmente na desmasculinização do homem (CAVALCANTI, 1984). Permanecendo no terreno seguro e conveniente do concubinato, Alexandre se previne de correr tais riscos, pois não há um compromisso formal de monogamia, deixando livre o caminho, pelo menos teoricamente, para o exercício de sua tendência poligâmica.

Continuando, o sujeito aponta alguns pontos positivos em seu novo relacionamento: ele "está se abrindo mais!" isto é, expondo sua fragilidade diante da companheira (fato que não ocorria anteriormente); também tem com ela "algumas liberdades" que antes não tinha: "Pode fumar, pode tomar cerveja em casa e ficar até quatorze horas diante do computador," por exemplo. Em outros aspectos, está havendo um ajustamento: Alexandre está aprendendo a "abrir o laço" e a "deixar a corda um pouco com ela," isto é, está aprendendo a relaxar o controle da situação e a compartilhar o poder com a parceira, para que o vínculo não seja "destruído."

Esta disposição do sujeito de não monopolizar o poder na relação parece que tem beneficiado a saúde do vínculo do casal, e ameniza o constrangimento sentido por ele, como homem, por estar residindo num espaço que é dela.

Além disso, a diferença de idade existente entre os dois (ela é 10 anos mais velha), foi um fator que a princípio causou inquietação ao sujeito (e que é de fato bastante significativo sugerindo no mínimo diferentes visões de mundo), mas que isto parece não estar interferindo, pois, segundo Alexandre, ele próprio "teve que amadurecer muito cedo" (amadurecimento este bastante questionável).

Em outro trecho, a chamada "diferença de fuso horário" observada no funcionamento do casal ocorre pelo fato de que um (Valquíria) é do dia - isto é, tem o seu movimento de expansão e a plenitude de sua energia enquanto brilha a luz do sol - e o outro (Alexandre) é da noite, isto é, mantém-se plenamente ativo e energizado depois que o sol se põe. Inversamente o movimento de recolhimento para Valquíria se dá durante a noite, enquanto para Alexandre ocorre durante o dia. Segundo as leis do taoísmo chinês no primeiro caso a pessoa está sob o influxo de uma energia "Yang" (masculina), e no segundo, uma energia "Yin" (feminina).

O caráter "yin" é composto de "yin" (que exprime a presença das nuvens, o tempo encoberto) e de "fu" (a colina, a encosta); "yang" é composto de "yang" (que designa o sol elevado acima do horizonte, a sua ação) e do mesmo radical "fu." Portanto, trata-se, originalmente, da encosta sombria e da encosta ensolarada de um vale. Por extensão, o "yin" e o "yang" designam o aspecto obscuro e o aspecto luminoso de todas as coisas; o aspecto terrestre e o celeste; o aspecto negativo e o positivo; o aspecto feminino e o masculino; é, em suma, a expressão do dualismo e do complementarismo universal (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996).

Esta diferença de fuso horário se observa nas coisas mais práticas e simples da vida do casal: Alexandre não consegue, por exemplo, manter relações sexuais pela manhã (em contrapartida, está alerta de madrugada), da mesma forma que acordar cedo para ele é "cruel." Já o movimento de Valquíria é o oposto disso. Enquanto ele tranqüilamente entra pela noite adentro em um programa com os amigos, ela normalmente se recolhe para dormir às nove horas da noite. Por outro lado, Alexandre

considera que "não tem graça" fazer tudo que lhe é prazeroso sem ela. Por isso, ele muitas vezes prefere ficar e tentar se ajustar ao ritmo dela.

Todavia, para "não se perder," isto é, não alienar-se de sua verdadeira natureza e de sua própria identidade, Alexandre retorna sozinho ocasionalmente à cidade onde cresceu para fazer aquilo que sempre gostou de fazer, ou seja, sair com os amigos à noite, e sentir cada momento em seu mais pleno e genuíno movimento de expansão.

O sujeito todavia, não se queixa, asseverando que "estava ciente disso," da mesma forma que ela estava ciente da sua condição de fumante. Ambos tentam praticar o exercício de aceitar as diferenças e ajustar-se ao modo de ser do outro, sem que para isto seja necessário anular-se nem subjugar o parceiro. Alexandre considera necessária esta adaptação (apesar de que tem algumas dúvidas se não estaria reprimindo suas tendências), pois está consciente de que não encontrará ninguém "perfeito," isto é, alguém moldado à sua imagem e semelhança.

CHEVALIER & GHEERBRANT (1996) afirmam que o "Yin" e "Yang," embora representem dois contrários, jamais se opõem de modo absoluto, pois entre eles sempre há um período de mutação que permite uma continuidade; tudo, espécie humana, tempo, espaço, ora é "yin," ora é "yang;" tudo relaciona-se com o dois simultaneamente, por seu próprio futuro e seu dinamismo, com a sua dupla possibilidade de evolução e involução.

Em suma, este novo relacionamento trouxe para o sujeito muitos ganhos, ao mesmo tempo que lhe foram apresentados outros tantos desafios com que lidar, principalmente no trato com as diferenças. Os ganhos, todavia, parecem superar as dificuldades.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 9ª UT: a experiência de um novo relacionamento

Em sua nova experiência de vida-a-dois onde vive com a parceira em sistema de coabitação, Alexandre afirma reiteradamente que não deseja se casar

novamente, e justifica sua decisão com base em diversos argumentos, dentre os quais o mais curioso e paradoxal talvez seja: "Casar é só um motivo prá separar." Alexandre assegura: "Eu estou com ela e a gente se dá super bem!" querendo dizer com isso que, no seu caso, o casamento é completamente desnecessário e prescindível para a manutenção da qualidade da relação.

Apesar de considerar estar ainda em fase de experiência, o sujeito avalia como muito positivo o relacionamento, tendo tido mais ganhos do que dificuldades. Entre os ganhos estão o fato de que ele não só mantém algumas "liberdades" individuais importantes para si (e vice-versa), como também consegue se expor mais com sua atual companheira, fato que não ocorria em seu casamento. Alexandre assegura que a diferença de idade não se tornou um problema entre o casal, todavia, algo que lhe causa ainda um certo constrangimento é o fato dele morar no apartamento dela. Além disso, ele está aprendendo a relaxar o controle da situação e a compartilhar o poder com a parceira, para garantir um vínculo saudável.

Por outro lado, Alexandre e sua companheira possuem uma diferença de ritmo biológico, no sentido de que enquanto um (Valquíria) é do dia, isto é, tem o seu movimento de expansão e a plenitude de sua energia enquanto brilha a luz do sol, o outro (Alexandre) é da noite, isto é, mantém-se plenamente ativo e energizado depois que o sol se põe. Inversamente o movimento de recolhimento para Valquíria se dá durante a noite, enquanto para Alexandre ocorre durante o dia. Isto se torna um problema para o casal quando ambos desejam fazer um programa juntos, pois enquanto a noite começa para um, para o outro já está terminando. Alexandre considera que não seria prazeroso para si fazer sozinho seus programas noturnos, de forma que ambos tentam administrar esta diferença de "fuso horário" se ajustando cada um ao jeito de ser do outro, cedendo na medida em que o seu próprio ritmo permite. Todavia, ocasionalmente, ele não deixa de obedecer à sua natureza e a seus ritmos circadianos, realizando suas saídas com amigos e estendendo a noite até a madrugada.



10ª UT: O irmão gêmeo, "um grande companheiro" em substituição à figura feminina

⇒ Caso nº 06: Átila

O discurso do sujeito

Tendo sido formulada ao sujeito uma questão sobre os aspectos que envolvem o lado prazeroso e os conflitos do relacionamento com o sexo oposto, o sujeito assim responde:

Átila: ...Até eu acho que tem um complicante aí que você não deve saber, que eu sou irmão gêmeo. E eu acho que o meu grande companheiro é o meu irmão gêmeo, sabe? Aliás, agora a gente se separou porque a gente morava junto em outra cidade. Eu percebo isso agora, porque a gente está mais separado. Eu acho que a gente era tão... andava tão junto, que a gente não precisava de uma mulher para viver no dia-a-dia. Era só na hora do sexo, na hora de beijar, essas coisas. Sabe, então eu acho que é por isso que foi criando um certo problema assim. Porque a gente fica meio dependente um do outro, sabe? Nós moramos juntos até cinco meses atrás. A gente morou quatro anos, três anos e meio. Fora, quando morava com a mãe, com o pai. A gente comenta isso. Ele também concorda plenamente, que foi assim! Que tem que ter a nossa independência mesmo, um do outro.

Lucélia: Que interessante! Então essa parte emocional era toda suprida pelo relacionamento com o irmão?

Átila: É! Eu percebo assim... Agora que separou, meu irmão fala: "Nossa! Como eu sou frágil!" Sozinho assim, sabe? Eu também me sinto frágil. Mas agora é bom porque eu estou aprendendo a ficar mais sozinho. Fumava também, muito cigarro, mas agora que eu parei, eu vejo também que eu fumava por causa da minha insegurança. Que agora eu estou ficando mais decidido e tal. Eu passava a tarde toda! Fumando... O meu irmão assim do meu lado. Que era fácil! Se está sem graça, o meu irmão está por perto. Você está meio inseguro com umas coisas, você vai lá, pergunta prà ele e ele te ajuda. Então, meio que supre a mulher, nesse sentido. Uma companheira, uma namorada...

Unidade transformada em linguagem psicológica

Átila atribui o fato dele ser irmão gêmeo como um fator "complicante" do relacionamento com o sexo oposto, pois isto chega a concorrer e até mesmo a 'roubar' o lugar que seria destinado à figura feminina. Sua afirmação literal: "O meu grande companheiro é o meu irmão gêmeo!" corrobora esta idéia. O sujeito relata que, excetuando-se o período em que ambos moraram com os pais, na fase adulta eles chegaram a morar juntos em outra cidade por três anos e meio, todavia esta convivência muito próxima e intensa foi criando um certo problema porque ambos se tornaram emocionalmente dependentes um do outro. Átila afirma que somente agora que estão separados, ele consegue perceber isto com clareza: ambos "andavam tão juntos, que não precisavam de uma mulher para viver no cotidiano." A figura feminina era totalmente

prescindível e dispensável - visto que um vínculo anterior e bem mais primitivo com o respectivo irmão gêmeo os supria e nutria em todas as suas necessidades emocionais - e a mulher neste caso, se fazia necessária somente quando se tratava de praticar sexo, beijar e ter intimidades, conferindo-lhes desta forma uma frágil, vulnerável e suposta identidade masculina.

Átila ressalta que até cinco meses atrás eles ainda moravam juntos. Então, o irmão era seu único, constante e presumido companheiro, sendo o forte laço que os unia, a manifestação de uma estreita e profunda identificação. Foi somente na ocasião da separação que ambos perceberam a situação de fragilidade interna em que cada um se encontrava, e o 'apoio' não muito saudável que tinham um no outro. Naquele momento foi desvelada a solidão de cada um, que até então havia sido mascarada pelo respectivo irmão. Agora Átila afirma estar aprendendo a ficar mais sozinho. Ele acrescenta que antes também fumava compulsivamente. Atualmente, após ter abandonado o vício, percebe que fumava muito devido a suas inseguranças. Em sua nova situação sente-se "mais decidido" (isto é, mais fortalecido e seguro de seus desejos e objetivos). Anteriormente o sujeito possuía duas muletas: o cigarro e o irmão, cuja presença ao seu lado era constante e anestesiava suas dores da alma. Se Átila sentia-se inseguro e desconfortável em relação a algum problema, poderia ir até o irmão, discutir com ele a situação, que certamente obteria ajuda. Desta forma ele acabava suprindo indiretamente e com outro objeto suas necessidades de afeto, conforto, solidariedade e apoio, resultando no preenchimento prévio e na tomada de um espaço que seria destinado a uma companheira, uma namorada, relações que até então não haviam sido vividas na sua totalidade (somente no nível sexual). Hoje ambos comentam e concordam: "Tem que ter a nossa independência mesmo," referindo-se a um distanciamento saudável, e redefinindo as fronteiras do vínculo de irmãos que havia extrapolado seus limites, agora com mais espaço para a individualidade de cada um, incluindo amplas possibilidades de abertura para outras relações, especialmente com o sexo oposto.

A questão mais imediata que uma situação como esta elicia é de uma propensão à homossexualidade implícita no vínculo fraternal. Todavia, parece-nos temeroso afirmar isso, considerando um dado significativo: a frágil e incipiente

identidade masculina do sujeito que parece encontrar-se ainda em um processo (tardio) de auto-afirmação. Ocorre que a pessoa mais próxima e mais semelhante a ele - o irmão gêmeo - seu igual, sua própria imagem refletida, foi aquele em quem de imediato se apoiou emocionalmente (e vice-versa), e de alguma maneira lhe outorgou uma identidade (masculina). Este apoio mútuo fomentou uma cumplicidade e uma amizade que foi se fortalecendo paulatinamente e tornando o vínculo tão estreito e privativo, que ele acabou monopolizando o quadro de suas relações e asfixiando aquelas mais incipientes, especialmente com o sexo oposto. Assim, o vínculo que antes protegia e confortava, tornou-se ameaçador, pois trazia implícito nas suas dobras uma identidade reversa e renegada. Então, como manifestação de sua saúde mental, e até como prova de sua opção por uma identidade sexual masculina (o que se deu bilateralmente), tal como um casal, ambos resolveram "se separar" e se confrontar cada qual com sua solidão individual, para em um segundo momento engendrar relações mais saudáveis, de cunho heterossexual.

♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣♣

Síntese da 10ª UT: o irmão gêmeo, "um grande companheiro" em substituição à figura feminina

Para Átila seu irmão gêmeo funcionou como um fator "complicante" no relacionamento com o sexo oposto, pois chegou a concorrer e até mesmo a 'roubar' o lugar que seria destinado à figura feminina. Ambos viviam tão juntos que não sentiam a falta de uma mulher, esta última uma mera participante do ato sexual, quando se tratava de satisfazer esta necessidade fisiológica. Contudo, sua convivência muito próxima e intensa acabou gerando um problema porque ambos se tornaram emocionalmente dependentes um do outro. Átila acabava suprindo indiretamente e com outro objeto suas necessidades de afeto, conforto, solidariedade e apoio, resultando no preenchimento prévio e indevido de um espaço que seria destinado a uma namorada. Em sua frágil e incipiente identidade masculina, a pessoa mais próxima e mais semelhante a ele - o

irmão gêmeo - seu igual, foi aquele em quem de imediato se apoiou, e de alguma maneira lhe outorgou uma identidade. Todavia o vínculo se tornou muito privativo e asfixiante, monopolizando o quadro de suas relações, ao mesmo tempo que trazia implícito em suas dobras uma identidade reversa e renegada de uma suposta homossexualidade. Então, tal como um casal, ambos se separaram, e se confrontaram cada qual com sua solidão individual, abrindo espaço para novas relações. O sujeito acentua que foi somente com a separação que eles perceberam a situação de fragilidade interna em que cada um se encontrava. Hoje ambos estão de acordo que é preciso ter cada um a sua independência. Por sua vez, Átila, está aprendendo a ficar mais consigo mesmo, e sentindo-se "mais decidido" e capaz de lidar com seus problemas.

4.4) Questionário de gênero

4.4.1) Apresentação dos resultados

Os resultados obtidos via questionário de gênero serão apresentados a partir de cada questão específica, sendo logo seguido das conclusões apontadas pelo referido instrumento, tal como segue abaixo:

1) Ser homem ou mulher:

1.1) ( ) já faz parte da própria natureza das pessoas, isto é, já se nasce assim.
( ) é definido a partir do relacionamento do homem com a mulher, isto é, se aprende.

Lembrando que esta questão investiga os seguintes fatores de influência sobre a identidade de gênero: essência x relacional, isto é, por um lado uma concepção da identidade como um produto pré-formado, que faria parte da própria natureza das coisas, e por outro lado, a de que ela estaria sempre "em relação a um outro" (CUNHA, 1985).

No grupo de homens, 66,66% (8) possuem uma noção da identidade como um produto 'relacional,' isto é, estaria sujeita às influências da relação com um outro diferente, enquanto 33,33% (4) concebem-na como um produto pré-formado, que faria parte da própria natureza das coisas, e estaria sujeita fortemente ao determinismo biológico, portanto, corroborando a visão essencialista.

Entre as mulheres, teve-se um percentual exatamente igual ao dos homens neste item.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

1.2) ( ) envolve jeitos de ser que são sempre os mesmos durante a nossa vida.

( ) envolve jeitos de ser que estão em constante mudança em nossa vida.

Esta questão investiga os aspectos estático x dinâmico como atributos da identidade de gênero que se contrapõem, isto é, por um lado uma concepção desta como um produto imutável, e por outro lado a de que ela estaria sempre sujeita a uma inovação constante e perceptível ao longo da vida do indivíduo. Entre os homens 75% apresentaram uma visão da identidade de gênero como algo dinâmico, e 25% possuem uma visão da mesma como sendo estática, envolvendo características e modos de ser que são fixos e não sofrem alterações ao longo da vida.

Já entre as mulheres, 100% consideram a identidade masculina e feminina como sujeita a uma constante mudança, reiterando por unanimidade o aspecto dinâmico.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

1.3) ( ) envolve jeitos de ser que são sempre os mesmos de uma geração para outra.

( ) envolve jeitos de ser que estão em constante mudança de uma geração para outra.

Esta questão ainda investiga a identidade em relação aos aspectos estático x dinâmico, todavia, focando agora a questão transgeracional. Entre os homens, 83,33% (10) afirmaram que a identidade envolve jeitos de ser que estão em constante mudança de uma geração para outra, isto é, corroboraram o aspecto dinâmico da identidade de gênero, enquanto para 16,66% (2) a identidade é estática e não sofreria alterações ao longo das gerações.

Cem por cento das mulheres responderam que a identidade envolve jeitos de ser que estão em constante mudança de uma geração para outra, isto é, estaria sempre sujeita a uma inovação constante e perceptível, corroborando por unanimidade o aspecto dinâmico da identidade.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

1.4) ( ) o jeito de ser do homem e o jeito de ser da mulher já estão definidos pela sociedade antecipadamente.

( ) estes jeitos de ser são definidos pelo homem e pela mulher a partir do que acontece em suas vidas.

Esta questão investiga os aspectos substância x situação, isto é, por um lado a visão de que a identidade manteria um suporte sempre idêntico que permaneceria e sobreviveria às transformações, e por outro lado estaria referida a contextos situacionais específicos funcionando como agentes de mudança. Entre os homens, 83,33% (10) afirmaram que os atributos do homem e da mulher são definidos a partir do que acontece em suas vidas, corroborando assim a visão situacional. Para os outros 16,66% (2), os atributos de cada um dos sexos já estão definidos pela sociedade antecipadamente, isto é, se posicionam favoravelmente à visão da identidade como substância.

Entre as mulheres, 91,66% (11) corroboram o aspecto situacional interferindo e ocasionando mudanças sobre a identidade, enquanto 8,33% (1) consideram o aspecto substância (o suporte sempre idêntico que sobrevive às transformações) como relevante.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

1.5) ( ) o jeito do homem e o jeito da mulher são sempre os mesmos, pois duram para sempre.

( ) o jeito do homem e o jeito da mulher nem sempre são os mesmos e não duram para sempre.

Esta questão visa investigar as concepções da identidade de gênero como perene x contingente, isto é, a identidade seria sempre uma constante, sua ocorrência sendo imperecível, contínua e perpétua, ou sofreria variações em decorrência da contingência de outros fatores, sua ocorrência, neste caso sendo eventual e incerta, podendo ou não acontecer. Entre os homens, 83,33% (10) responderam que os atributos do homem e os da mulher nem sempre são os mesmos e não duram para sempre, isto é, a identidade masculina e feminina estaria sujeita a contingências de outros fatores. Os 16,66% (2) restantes responderam que seus atributos são sempre os mesmos, pois duram para sempre, isto é, corroboram a concepção da identidade como perene.

Entre as mulheres, 91,66% (11) corroboram o aspecto contingente da identidade enquanto 8,33% (1) apresentam uma visão da mesma como algo perene.

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

2) Sobre o poder nas relações de gênero:

( ) o poder é importante na vida-a-dois.
( ) o poder não é importante na vida-a-dois.

Esta questão visa investigar se o poder teria um papel neutro (pouca relevância) ou uma influência significativa (alta relevância) sobre a identidade de gênero. Entre os homens, 58,33% (7) afirmaram que o poder é importante na vida-a-dois, isto é, exerceria influência sobre as identidades masculina e feminina, enquanto 41,66% (5) responderam que o poder não é importante na vida-a-dois, ou seja, não teria uma influência significativa (papel neutro) em relação a estas mesmas identidades.

Entre as mulheres, 83,33% (10) responderam que o poder não é importante na vida-a-dois (exerceria pequena influência sobre as identidades masculina e feminina), enquanto 16,66% (2) consideraram o poder importante na vida-a-dois (teria alta relevância para a identidade de gênero).

♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

4.4.2) Conclusões resultantes do questionário de gênero

De uma maneira geral os sujeitos, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, apresentaram uma linha de pensamento mais 'progressista,' com uma tendência acentuada para uma visão da identidade masculina e feminina a partir de aspectos relacionais ("está sempre em relação a um outro," negando a concepção de um produto pré-formado, que faria parte da própria natureza das coisas), dinâmicos (estaria sujeita a uma inovação constante e perceptível), situacionais (está sujeita a contextos situacionais específicos funcionando como agentes de mudança) e contingentes (a identidade sofreria variações em decorrência da contingência de outros fatores). Comparando o grupo de homens e o grupo de mulheres, os resultados destas últimas acentuam ainda mais esta tendência 'progressista.'

Estes resultados corroboram o exposto por STOLCKE (1991) em sua teoria do gênero, já citada no início deste trabalho, que implica em uma nova e subversiva forma de política de gênero. Neste quadro a concepção freudiana de caráter essencialista de que "natureza é destino" parece ter pouca relevância.

Homens e mulheres diferem, contudo, na sua concepção sobre a influência do poder na identidade de gênero. Enquanto para a grande maioria das mulheres o poder não teria influência significativa sobre as identidades masculina e feminina (83,33%), os homens apresentam uma leve tendência para considerar o poder relevante neste aspecto (58,33%). Uma possível interpretação para este resultado consiste em que a concepção do poder que os sujeitos, principalmente as mulheres, tenham se baseado para emitir esta resposta talvez tivesse sido a de domínio e autoritarismo, sua face mais conhecida nas relações entre os sexos ao longo dos séculos. Isto justifica porque o poder é importante para os homens (eles sempre tiveram o poder nas mãos) e não para as mulheres, que estiveram há milênios sujeitas ao jugo masculino sob o preço da aniquilação de suas personalidades. Há que se considerar todavia, que pode existir entre os sujeitos, tanto do sexo masculino quanto feminino quem tenha uma concepção de poder diferente dessa,

isto é, que o veja pura e simplesmente como energia e capacidade para realizar projetos e atingir objetivos, o que não deixa de influenciar mutuamente um ao outro gerando competitividade e rivalidade.

5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em cumprimento ao objetivo geral deste estudo, os dados obtidos evidenciaram uma grande diversidade e profusão de material, revelando mandatos de gênero e expressões simbólicas arquetípicas, muito embora sua ocorrência tenha se mostrado eventual e incerta.

A influência dos mandatos de gênero e dos conceitos tradicionais de homem e mulher na formação da identidade demonstrou que a cultura antiga (os velhos padrões) ainda se mostra uma poderosa fonte de influência, e persiste concomitantemente ao prenúncio dos novos tempos, sendo esta heterogeneidade a tendência dominante. Por outro lado, as expressões simbólicas arquetípicas não se revelaram ser criações fantásticas e surrealistas, mas se manifestaram freqüentemente através de figuras relacionadas à história-de-vida da pessoa ou de seu mundo cotidiano, sendo tais elementos um fio condutor e um referencial importante no material obtido da maioria dos casos. As imagens manifestadas consistiram em figuras de animais, plantas, flores, objetos inanimados, figuras humanas algumas vezes caricaturizadas, freqüentemente figuras parentais, imagens de si próprios e ainda diferentes gradações de luz e cores sem uma forma definida. Prevaleceram conteúdos diretamente ligados à dinâmica psíquica do sujeito, que a princípio emergiram do inconsciente pessoal na forma de imagens de recordação, acessando ou não o arquétipo, fato que se evidenciou pela intensidade e pelo caráter numinoso com que a experiência foi vivenciada.

Vale ressaltar que a discussão dos resultados elaborada a seguir será feita à guisa de hipótese explicativa exploratória, isto é, não se pretende fechar a questão e oferecer respostas definitivas/conclusivas, mas lançar algumas idéias matrizes que servirão de base para estudos posteriores na área. Nesse sentido, a técnica de imaginação ativa foi utilizada como uma via de acesso para se obter imagens do inconsciente, enquanto através da entrevista semi-dirigida tencionava-se obter dados veiculados pelo discurso racional consciente, e intermediados pela consciência de vigília. Por sua vez, o questionário de gênero apontou tendências da visão das relações homem/mulher a partir de um instrumento mais objetivo, que se utiliza sobretudo da via cognitiva para explicitar crenças e valores internalizados.

Os atributos do masculino e feminino então relacionados e o quadro que se apresenta remetem à população de Campinas e região, da qual foi extraída a amostra de doze homens e doze mulheres. Considera-se, pois, que a generalidade destes resultados, se isto for possível, se estende apenas à respectiva população.

5.1) Quanto aos objetivos específicos da pesquisa

5.1.1) Objetivo nº1: verificar o que se deve ao essencial (arquetípico) e/ou ao relacional na atribuição do masculino e feminino, procurando reconhecer as possíveis influências de cada uma destas modalidades na formação das identidades de gênero.

5.1.1.1) Sobre o essencial

Partindo-se do pressuposto de que as imagens de natureza mais genuinamente arquetípica são aquelas que abordam o tema da transcendência (casos de Heródoto, Arquimedes, Diógenes, Wotan, Isac, Cibele, Díana e Adriano em menor grau), o que é corroborado pelas já citadas afirmações de ULANOV & ULANOV (1994): "A sexualidade funciona como uma metáfora de diversidade; o espiritual se esconde no sexual..." (p. 13) e ainda que os arquétipos contrassexuais, em sua função de 'ponte' e como figuras de borda, "levam-nos de um ponto de vista sexual para outro, do pessoal para o coletivo, do consciente para o arquetípico, do ego para o 'self'...." (p. 13), pode-se considerar a partir do estudo realizado que o aspecto realmente essencial aponta para o fato das figuras de identificação e do *animus/anima* funcionarem como uma via de acesso para se atingir a transcendência, muito mais do que para definir e demarcar atributos ao masculino e ao feminino. Destaca-se assim seu papel como um veículo na busca de diferenciação e sabedoria, e enquanto psicopompo - a figura que guia a alma em ocasiões de iniciação e transição - auxiliando na passagem de um estado de consciência para outro (do consciente para o inconsciente, do ego para o "self") participando em última instância no processo de despertar da consciência. Isto pôde ser observado na experiência imaginativa dos sujeitos já citados no início deste parágrafo, cuja discussão será feita em seguida.

No caso de Heródoto, escalando o ipê, a imagem correspondente à sua figura de identificação, este se certifica de sua masculinidade, e escalando as árvores (a imagem da *anima*) enfrenta o desafio que se lhe impõe o feminino: alcançar o azul do céu, a divina transcendência. Tendo conseguido isso a despeito do risco fatal de queda, efetua dentro de si a união de opostos *(coniuncitio oppositorum)*, e resolve assim o problema de sua solidão. Na imagem de Adriano, enquanto o cão no papel de psicopompo brinca com a criança, vai ocorrendo o processo de lapidação de sua consciência ainda incipiente (e sua conseqüente diferenciação). Para Diógenes a colheita de uma flor rara e bela, tendo para isso que escalar também uma árvore representa a conquista e o alcance de um estado espiritual elevado, ao mesmo tempo que a posse de um objeto de desejo. Wotan, por sua vez, descreve os passos de um ritual de iniciação como um desafio para ser homem, onde a prova final consiste em aprender a mergulhar sozinho no fundo do mar, tendo a figura materna a função precípua de psicopompo. Isac simbolicamente trata do tema da busca da sabedoria através da pesca, trazendo à tona preciosos conteúdos do inconsciente coletivo. Cibele, através da imagem da mulher-fada correndo em busca da liberdade e a luz fulgurante do sol (o masculino fertilizador), indica o caminho para se chegar à transcendência tendo uma imagem arquetípica artemisiana como guia (psicopompo). Igualmente, no caso de Arquimedes, a imagem do peixe nadando no oceano em direção ao sol, aponta o caminho da divina transcendência. E finalmente Diana, em sua imagem de "mandala mutante" efetua a busca da transcendência através de manifestações etéreas/vaporosas de luz e cores sem uma forma definida, meta que parece ser atingida no encontro entre as luzes e o azul escuro, através de uma imagem dinâmica arquetípica da gênese do universo: as luzes se transformam em uma bola de cristal facetado que gira, ganha distância no espaço e interage com o sujeito.

Vale lembrar as palavras de Átila, quando do encontro entre as figuras masculina e feminina: "Todo mundo sente as mesmas coisas!" "Todas as pessoas são iguais!" querendo dizer com isso que quando se considera a essência de cada um, não há distinções quanto ao gênero, pois prevalece o aspecto humano onde todas as pessoas experimentam os mesmos sentimentos, os mesmos medos, inseguranças e alegrias, podendo rir ou chorar.

E ainda as palavras de Heródoto: "Não existe uma essência que diferencie o homem e a mulher; o que existe é o resultado de um processo cultural e social..." "As diferenças entre o homem e a mulher são devidas aos valores, aos padrões culturais e ao momento histórico."

Surpreendentemente, embora as mulheres sejam mais fluentes e tenham mais fácil acesso ao mundo da imaginação e da fantasia, tendo se utilizado com mais freqüência da imaginação criadora (fato este já apontado anteriormente neste estudo), os homens manifestaram em maior número conteúdos que abordaram o tema da transcendência (da ordem de 6 para 2), partindo conforme apontado acima por ULANOV & ULANOV (1994) do consciente (e junto com ele, vêm personagens e dados de sua história pessoal) para o arquetípico. Neste caso a via de acesso é sempre a *anima*, mesmo entre as mulheres tomando a figura de identificação como *anima* (HILLMAN, 1990). Entre os temas abordados pelas mulheres foram mais freqüentes a relação de enamoramento e tentativas de aproximação do outro masculino, isto ocorrendo de maneira explícita (Cibele, Judite, Ester, Laura), velada (Ivone, Aline, Letícia) ou simplesmente rejeitando e ridicularizando (Paloma, Diana), ou até mesmo negando (Verônica) a figura de sexo oposto.

Isto suposto, permite que se conclua que o que existe de essencial na questão de gênero de um ponto de vista arquetípico parece se referir paradoxalmente ao divino no elemento humano, aspecto que é comum a ambos os sexos, estando mais presente, contudo, no sexo masculino. Exceto este aspecto, parecem não haver diferenças essenciais que sejam devidas ao homem e à mulher propriamente ditas. Considera-se que as diferenças que são atribuídas a cada um dos sexos tal como salientou Heródoto, vêm sendo produzidas pela cultura há milênios e já se tornaram parte integrante de suas personalidades, tendo sido isto corroborado por Vitória, Aldo e Adriano, ao afirmarem que tais atributos já passaram a fazer parte da natureza de cada um.

Nas palavras de Vitória: "O homem já é mais grosseiro. Isso é do homem! (...) É da natureza dele porque ele também é educado assim! Isso daí, nós não vamos mudar hoje, nem amanhã. Talvez um dia! Já mudou bastante coisa, mas um dia talvez mude mais." O paradoxo contido nestas palavras acentua concomitantemente não só a

tenacidade e a força modeladora da educação - o instrumento que veicula a cultura - como a atemporalidade desta característica atribuída ao homem: ser mais grosseiro que a mulher.

5.1.1.2) Sobre o relacional

Se por um lado, o berço da cultura ainda traz um forte direcionamento relativo aos papéis sexuais, é no "setting" *(locus)* das relações entre os sexos, que estes papéis estão sujeitos a mudanças e transformações. Esta tendência é tão ou mais forte que a outra, sendo que ambas existem concomitantemente. Os resultados obtidos através do questionário de gênero, que contém uma visão mais geral da amostra em foco atestam a influência de fatores relacionais sobre as identidades feminina e masculina. Através do referido instrumento sujeitos de ambos os sexos apresentaram uma tendência acentuada para uma visão da identidade masculina e feminina como estando sujeita à influência de fatores relacionais, dinâmicos, situacionais e contingentes. Os resultados das mulheres quando comparados aos dos homens acentuam ainda mais esta tendência, sugerindo com isso que os atributos do masculino e feminino não estão sujeitos a um determinismo biológico (visão freudiana), não são um produto pré-formado e acabado, mas estão sujeitos à complementaridade e à ação mútua de ambas as partes, podendo ser moldáveis e intercambiáveis (STOLCKE, 1991).

O que vai definir a influência de fatores relacionais sobre a atribuição do masculino e feminino são elementos de personalidade, os valores cultivados, o nível de ganhos que se aufere daquela situação, e a insatisfação pessoal face ao estado imperante de coisas. Assim, existe para Heródoto uma relação dinâmica, onde os papéis de cada um estão intimamente ligados; ao perceber suas próprias contradições ele percebe as contradições que a mulher vive em sociedade, e vice-versa. Aldo, por sua vez, relata que muito embora tivesse partido de um contexto de formação onde o homem é sexualmente ativo e decide tudo, diante das mudanças do papel feminino, reformulou não só suas expectativas em relação à mulher, como também sua própria postura enquanto homem. Assim, as mudanças no papel da mulher desencadeiam mudanças no papel do homem, que precisa "correr atrás da evolução feminina," pois esta já não se contenta com aquilo

que aquele único homem que conheceu pode lhe oferecer. Aldo constata estar havendo uma maior criticidade na relação, pois o príncipe já não é mais tão encantado, nem a donzela é tão boba. Igualmente para Pedro o critério para se definir quem irá executar determinada tarefa é a disponibilidade de cada um no momento (não está determinado a priori se cabe ao homem ou à mulher). Nesta mesma linha Wotan afirma que "a diferenciação é indefinível," pois não existem limites rígidos entre os atributos de cada um dos sexos. Também Ivone acentua que no jogo da relação entre os sexos cada um deve ceder um pouco e tomar o papel do outro.

Nesse sentido, Pedro observa ainda que há tentativas de algumas pessoas de sair do esquema tradicional antigo para buscar intuitivamente um "caminho novo," que não se sabe exatamente o que é, mas que converge para esquemas de relacionamento menos rígidos, mais permeáveis e flexíveis.

Desta forma, na vida-a-dois ambos estão dialogando mais (cada um coloca para o outro o que não está bom na relação) e se esforçando em acertar, diz Aline. Assim como Aldo, Átila observa que as mulheres hoje já não são mais "bobas" como antigamente, e estão ficando "espertas," isto é, mais conscientes. Elas brigam pelo que acham que é certo, enquanto no passado pareciam não se importar com fatos aparentemente incômodos. Aldo ressalta que a mulher hoje acumula conhecimento, ela discute mais, e dentro de uma relação já não é mais tão passiva. Ela também é ativa na busca de sua realização sexual.

5.1.1.2.1) Aspectos concernentes ao relacional na atribuição do masculino e feminino indicados por sujeitos de ambos os sexos

- a nova organização dos papéis de homem e mulher, que até o momento não está bem definida e/ou demarcada. Assim, Isac afirma que no lar há uma "briga de território" em decorrência das mudanças dos papéis, que parecem não ter sido ainda totalmente assimiladas. "Isto é bilateral e ocorre no sentido mais literal possível," diz ele. Aline, por sua vez, afirma que na dinâmica da vida-a-dois está havendo um movimento compensatório, isto é, enquanto o homem toma consciência de sua fragilidade, a mulher está assumindo o papel de provedora e ocupando espaços. Segundo Diana há

uma tendência de melhoria na qualidade das relações de gênero devido às exigências das mulheres que cobram dos homens uma maior participação com divisão eqüitativa de tarefas e responsabilidades, uma diversificação de papéis e dissolução do "divisor de funções." Por sua vez, os homens parecem mais flexíveis a cooperar, sendo crescente sua participação nas demandas do lar. Esta mudança nos papéis implica em que novas formas de relacionamento estejam sendo praticadas simultaneamente ao lado do casamento tradicional: o concubinato propriamente dito, o sistema de união estável, mas cada um residindo em sua própria casa; e ainda, as relações não assumidas, onde ambos se encontram apenas para ter momentos de prazer, e os encontros via Internet, algumas vezes com a prática do chamado "sexo virtual" (Wotan e Heródoto o apontam). Além disso, há pessoas solitárias, separadas ou não, que por diversas razões não se arriscam a viver a experiência de um novo relacionamento.

- o jogo de poder na relação: muito embora haja sujeitos que reiterem a antiga situação de poder entre os sexos, outros apontam uma modificação neste estado de coisas em função de fatores relacionais. Assim, se por um lado, Aline afirma que as mulheres estão "negociando" mais seus relacionamentos, Ester, Paloma e Samanta asseguram que, a princípio, na micropolítica das relações de gênero o jogo de poder ainda é o tradicional, isto é, o homem é quem manda, é quem pode tudo sentir e tudo fazer, enquanto a mulher deve anular seus desejos e reprimir seus sentimentos. Estas últimas corroboram a opinião de senso comum de que os homens são machistas e egoístas, enquanto as mulheres tendem a ser submissas. Ester, entretanto, também aponta outra tendência paralela onde as mulheres estão invertendo o papel com os homens. Do seu ponto de vista está havendo uma competição entre os sexos, onde cada um pretende provar alguma coisa ao outro. Neste movimento as mulheres estão se masculinizando e esquecendo de sua feminilidade. Ester acrescenta que na medida em que há uma tendência para uma divisão mais eqüitativa de tarefas a serem desempenhadas no lar, na educação dos filhos, no trabalho, isto reflete uma mudança na dinâmica do jogo de poder entre o casal. Enquanto o homem está menos autoritário, a mulher está se

tornando mais dona de si mesma. Desta forma, Ester conclui que a despeito do que observou inicialmente, o antigo costume do "eu mando e você obedece" está em declínio. Por sua vez, Ivone afirma que agindo com astúcia, doçura e compreensão, e utilizando seu poder de sedução, a mulher pode conseguir do homem tudo o que deseja, isto é, pode "moldá-lo, e fazer dele o homem que sempre quis prá si." Ivone acrescenta em tom matreiro, que a mulher deve deixar o homem pensar que está decidindo, quando na verdade é ela quem decide. Segundo Laura os homens estão mais companheiros, mais abertos e permissivos em relação aos novos espaços que as mulheres reivindicam; enquanto as mulheres conquistam o seu espaço, eles o estão cedendo na mesma medida. Arquimedes observa que se a princípio a mulher parece ser apenas uma "bonequinha de cristal" (ela é preciosa, mas frágil, cabendo ao homem tomar as decisões importantes), na convivência ela revela sua força, e os papéis então se invertem, isto é, o homem se torna o "cristalzinho." Arquimedes corrobora desta forma a idéia de que o jogo de poder na relação não só é significativamente relevante para a identidade (conforme apontado pelos homens nos resultados do questionário de gênero), como também trata-se de algo dinâmico, mutável e contingente, ora estando com um, ora estando com outro, isto ocorrendo algumas vezes explicitamente, ou de maneira subreptícia.

Igualmente, Laura e Vitória atestam o acima exposto quando sugerem alternativas para lidar com manifestações de poder e controle do sexo oposto. Para elas, trata-se de um jogo de astúcia e faz-de-conta, onde ao invés de usar a emoção, estaria-se utilizando a razão e a inteligência (isto é, lançando mão de atributos do *animus* e desta forma efetuando sua integração à consciência). Os homens "emburram" freqüentemente quando se sentem contrariados, sendo esta uma eficaz forma de comunicação e controle, pois lhes garante o domínio sobre a parceira mobilizando nela sentimentos de culpa e medo. Laura então "finge que não está vendo," ou "faz-de-conta que não está entendendo," ou "que aquilo não a incomoda." Por sua vez, Vitória assevera que se as mulheres "fizerem de conta que sempre deixarão os homens estarem comandando..." e "eles pensarem que são os donos da situação," então estas podem conseguir tudo o que desejam de seus parceiros, "com

jeitinho, com carinho," muito mais do que eles possam perceber. Em sua vaidade e orgulho pessoais, os homens precisam sentir que têm o poder nas mãos, e se tornam cegos às manipulações das mulheres.

A questão do poder tem sido também foco de conflito entre os casais. Nesse sentido, Diana afirma que no relacionamento homem/mulher ela é "completamente rebelde," e não aceitaria jamais uma relação autoritária onde prevalecesse a vontade do homem. Talvez por isso, tenha desenvolvido ao longo de sua vida uma relação de muita rivalidade com a figura masculina, tendo se tornado "provedora" no seu atual relacionamento para responder ao desafio de seu ex-marido de que não seria capaz de se auto-sustentar. Já Verônica vive no que chama de "quartel doméstico," pois o marido comporta-se como um ditador, ou um general, cuja opinião é obrigada a aceitar "se não quiser ter briga o ano inteiro," sujeitando-se inclusive a relações sexuais forçadas. Paloma, em contrapartida, não sabe o que fazer com o poder que seu parceiro está lhe outorgando. Como foi muito submissa e passiva em seu primeiro relacionamento, teme agora estar tomando o papel de um homem, caso venha a se comportar de forma mais ativa, e assumindo o controle da situação. Ela admite estar confusa sobre qual seria de fato a conduta e o papel que caberia a uma mulher, quando a questão é o poder na relação.

Desta forma, os atributos do homem e da mulher parecem estar sendo engendrados, definidos e reformulados (portanto, são sujeitos a modificações) no jogo dinâmico da vida-a-dois, na medida em que ambos negociam o poder na relação, tendo como 'berço' uma sociedade patriarcal, onde o homem é o expoente de primeira grandeza e tem o seu lugar garantido, o que não impede a contínua lapidação de papéis. A recriação do 'jeito de ser' de cada um dos sexos exige a sabedoria, a astúcia - o jeitinho de "não querer querendo" - e a sensibilidade femininas, visto que é a mulher que alavanca o processo de mudança.

Por outro lado a ambigüidade que muitas vezes se observa quando o assunto é a relevância do poder nas relações entre os sexos (e conseqüentemente sobre as identidades masculina e feminina) pode ser corroborada nos resultados do questionário de gênero. Assim, enquanto para a grande maioria das mulheres o poder

não teria influência significativa sobre as identidades masculina e feminina, os homens apresentam uma leve tendência para considerar o poder relevante neste aspecto. Isto pode ser explicado pelo fato de que há milênios homens e mulheres se relacionam com o poder de lugares distintos e de maneira bastante diversa.

- os conflitos e prazeres da vida-a-dois: viver mais o "céu" ou o "inferno" (nas palavras de Heródoto) da vida-a-dois parece estar muito ligado à forma como os casais administram e encaram suas dificuldades na relação, e à tonalidade especial que se lhe atribuem. Assim, Heródoto se sujeitou por longo tempo a um relacionamento que não lhe trazia gratificações reais, e se tornou fonte de grande sofrimento e frustração para si, porque em decorrência de sua formação cristã entendeu que isto fosse um desafio para testar a sua força. Igualmente Vitória na mesma situação não conseguia aceitar a possibilidade de fracasso de sua relação porque isto representava a prova cabal de sua incapacidade enquanto pessoa e mulher. "Tinha que dar certo! Custasse o que custasse!" diz ela. Por outro lado, enquanto Aline considera "uma troca muito boa" o fato de poder falar o que não está bem sem com isso destruir a relação, Diana acentua o "estar incondicional com o outro," aspecto para si de papel decisivo na manutenção do relacionamento. Já Alexandre aponta como um bom indicativo da saúde da relação o fato de não se cansar de estar junto da parceira, e sentir prazer em realizar coisas com ela, inclusive a prática de sexo. Igualmente Isac, Wotan e Adriano acentuam a cumplicidade e o companheirismo que se reflete na ajuda mútua e na compreensão do parceiro como aspectos positivos da vida-a-dois. Todavia, os sujeitos de uma maneira geral destacaram e se delongaram muito mais nos conflitos do que no lado prazeroso do relacionamento. Assim, do ponto de vista das mulheres questões como desajustes na vida sexual, conflitos de poder, falta de diálogo, falta de amor e atenção, relacionamentos extra-conjugais, e reivindicação de espaço para a individualidade na relação parecem ser o ponto nevrálgico dos conflitos no relacionamento com o sexo oposto. Os homens, apesar de haverem citado aspectos bastante diversos nesse

sentido[7] , apresentaram uma certa regularidade no fato de que tais conflitos a médio ou a longo prazo acabaram levando à separação (casos de Aldo, Heródoto, Adriano, Wotan, Pedro, Átila e Alexandre), enquanto as mulheres se mantêm mais em um relacionamento insatisfatório que nem sempre tem seu desfecho na separação (casos de Verônica, Ester, Vitória, Laura), o que a princípio não significa que estas administrem melhor suas dificuldades. Vale salientar que entre as mulheres a experiência de relacionamentos extra-conjugais parece ser um acontecimento absolutamente revolucionário e avassalador em suas vidas. Trata-se de uma vivência ambígua: positiva, no sentido de que favorece a confirmação de sua feminilidade e possibilita exercer a sexualidade de uma forma plena, negativa porque vem acompanhada de intensos sentimentos de culpa e medo. Assim, Ivone e Judite demonstraram que um relacionamento extra-conjugal, em seus 'perigos e delícias,' ao mesmo tempo que representa a crise de um casamento, também funciona como um sinal de alerta, e pode ser um fator de aprendizagem para o casal, quando não permanece encoberto e clandestino. Segundo Verônica, as mulheres são unânimes em reclamar dos maridos, asseverando que o relacionamento com amantes é completamente diferente (diferença esta que parece se situar nas especificidades do vínculo de uma relação legítima ou ilegítima). Além disso, Ester ressalta que na sociedade à sua volta mudou o olhar sobre o adultério. Se o fato vem à baila, diferente dos antigos métodos do passado há um esforço no sentido de reconquistar o parceiro. Entre os homens, nenhum deles sequer os citou, embora provavelmente tivessem passado pela experiência, sua ocorrência podendo ser atribuída a um 'natural' exercício de virilidade.

---

[7] São fatores desencadeantes de conflito entre os casais segundo Wotan, Arquimedes, Pedro, Yuri e Rafael: a perda de liberdade; a perda de privacidade; a perda de identidade; o machismo masculino e feminino; problemas financeiros (dependência econômica de uma das partes ou do casal para com as famílias de origem); o sentido de posse e de controle sobre o outro; a convivência com a diferença do outro, onde cada um vai tentar "moldar" o outro à sua maneira; a falta de afinidades; dificuldades de ajustamento e comunicação. Aldo, Pedro e Adriano ainda referem-se às diferenças individuais e de objetivos que, pela falência dos meios em administrá-las, ao longo da convivência se tornam cada vez mais acentuadas, e acabam por definir o término da relação. Diógenes ressalta que a própria experiência da coabitação conduz à quebra do encanto, pois são duas pessoas pensando e tendo que administrar e conviver com as suas diferenças.

- a consolidação da identidade (feminina/masculina): é na relação com o outro que a identidade vai sendo engendrada e consolidada, afirmam os sujeitos. Nos casos de Letícia e Ester uma história de relações quebradas com o sexo oposto privou-as de vivências gratificantes que promovessem a reparação e a integração de aspectos conflitantes de sua sexualidade, e conseqüentemente confirmassem sua feminilidade. Inversamente, no caso de Aline, o processo de descoberta do sexo oposto levou à progressiva consolidação de sua identidade feminina e à plena expressão de sua sexualidade, com rica exploração de sua sensualidade. Vitória, por sua vez, afirma que é necessário ajustar o jeito de ser de um ao jeito de ser do outro, pois ao longo de sua vida cada um vai adquirindo e consolidando a sua identidade, o "como realmente eu sou!" Entre os homens, particularmente Heródoto, Pedro e Aldo referiram-se à sua experiência de relacionamento com o sexo oposto como um elemento preponderante na formação de sua identidade masculina, enfatizando que esta não é alguma coisa pronta e acabada, mas algo que vai sofrendo transformações e sendo construído a partir dos relacionamentos vividos. Para Heródoto o relacionamento com a figura feminina enriquece sua experiência e constantemente lhe revela novos contornos de sua masculinidade. Além disso, o casamento na adolescência ocorrido nos casos de Arquimedes, Alexandre e Diógenes pode ser uma forma de 'fortalecer' a identidade, apoiando-se um no outro e reassegurando-se de valores ainda não muito estáveis.

- a qualidade da vida sexual: a vida sexual de um casal parece estar diretamente ligada à forma como eles se relacionam e interagem entre si, e ao nível de gratificação e prazer que cada um deseja auferir da mesma. Assim, Aline observa que as mulheres hoje estão mais reivindicativas e mais exigentes no relacionamento, e estão cobrando mais prazer do parceiro em sua vida sexual. Aldo reitera esta mesma idéia ao afirmar que "o homem já não é mais aquele que transa, vira para o lado e dorme," em decorrência desta mesma reivindicação das mulheres. Por sua vez, Letícia, Verônica e Ester apontaram distúrbios e desajustes em sua vida sexual, que comprometeram seriamente sua relação com o sexo oposto e repercutiram desfavoravelmente em sua auto-imagem, sua auto-estima, ocasionando sentimentos de incapacidade e imprimindo

indeléveis cicatrizes em sua ainda incipiente identidade feminina. Já Diana, Judite e Aline indicaram especificamente diferenças quanto ao ritmo sexual de cada um (o parceiro é rápido demais) provocando dificuldades de ajustamento na vida sexual, tal como "uma engrenagem que não se encaixa." Enquanto Judite gostaria que seu marido "fosse mais sem-vergonha" e falasse mais "besteira," Verônica reitera que seu companheiro "tem uma potência violenta," enquanto ela dá mais importância aos jogos preliminares e ao aconchego, que, na sua concepção, deveriam anteceder e suceder o ato sexual. Referente aos desajustes na vida sexual com o parceiro, Aline reitera que é preciso romper com o mandato de que "a mulher não pode falar que não está bom," todavia, ela ainda considera difícil a adaptação sexual.

Em suma, o relacional é o *locus* por excelência do movimento de mudança, que engendra novos valores e atribui novas dimensões aos papéis de homem e mulher. Contudo, o relacionamento homem/mulher parece estar sujeito a esta dupla influência que caminha em sentidos opostos: por um lado a manutenção do *status quo* e a preservação da 'herança' recebida, e por outro lado a força dos agentes de mudança que depende do potencial contido em cada pessoa para a transformação, e de sua insatisfação com o estado reinante de coisas (para Rafael as coisas parecem muito bem como estão). De qualquer forma, o conflito está presente na maioria dos casos, seja pela opressão do antigo modelo, seja porque os novos papéis ainda não estão bem definidos, resultando em que homens e mulheres se sintam muitas vezes confusos sobre os atributos que são devidos a cada um, tal como o atestam Paloma, Aline, Átila e Isac. Conseqüentemente, isto também implica na formação de lacunas e complexos na estruturação da identidade de gênero.

5.1.2) Objetivo nº 2: observar e estudar a influência de fatores culturais e ideológicos sobre a formação das identidades masculina e feminina através dos respectivos mandatos de gênero.

A grande maioria dos sujeitos do sexo masculino negou quase que completamente a existência de diferenças psíquicas entre os sexos, reconhecendo apenas diferenças de ordem biológica (para Pedro, nem mesmo a sensibilidade é atributo exclusivo das mulheres), e asseverando que, na verdade é "a sociedade quem produz o homem mais forte e a mulher mais fraca." Desta forma, fatores culturais e ideológicos impingidos pela educação formal e informal (a 'criação' do sujeito), via mandatos de gênero, ainda possuem uma forte influência sobre a formação da identidade, gerando mau-estar e sentimento de culpa em quem não age em conformidade com ele (ver os relatos de Aline). Sua influência é tão grande que para alguns sujeitos isto passa a fazer parte da própria natureza de cada um e se constitui em uma forte referência de identidade (Aldo e Vitória o atestam), sendo algumas de suas manifestações inalienáveis. Assim, Aldo afirma: "O homem seduz com a sua masculinidade e espera da mulher a feminilidade."

Nesse contexto, o 'ranço' ainda é presente e atual, e continuam sendo válidos todos os atributos que definem e diferenciam o homem e a mulher, tidos como inerentes de cada um dos sexos. Assim, o homem é considerado mais grosseiro, pois o mandato para ser 'macho' implica em que ele precisa ser grosseiro e rude, afirma Vitória, asseverando que a educação se encarrega disso. Diana ressalta que o homem é mais racional, "uma coisa meio bruta," observando que "o próprio peso da mão é diferente," enquanto a mulher é emoção e sensibilidade. Vitória compara a mulher a um "bibelô" (peça de ornamentação destituída de conteúdos internos), muito embora esta característica (na verdade, um estereótipo) seja muito diferente de seu próprio jeito de ser. Samanta considera como atributos da mulher a feminilidade, o carinho, a paciência, a amizade, a garra, e sua dedicação enquanto mãe. Ou seja, aquilo que a cultura definiu como tal, e também uma projeção do seu próprio jeito de ser mulher.

Os mandatos de gênero, por sua vez, transmitidos através de um canal verbal, se constituem numa importante via de transmissão da ideologia de uma sociedade

patriarcal, onde o homem ainda 'tem que ser machão' e a mulher, mãe e dona-de-casa exemplar, contribuindo decisivamente por direcionar e exercer influência sobre a identidade masculina e feminina para formas ideologicamente aprováveis e corretas.

Assim são noções muito fortes e arraigadas a de que o homem deve ser um "esteio" e um "vencedor" (Rafael), o compromisso de vencer estando impregnado na própria cultura. O homem é educado para ser perfeito e para ser o dominador, ressalta Yuri. O mandato que o menino recebe ao nascer é que "não pode chorar, pois precisa aprender a ser forte." Posteriormente é ensinado a brigar e a "não levar desaforo prá casa," diz Alexandre, enquanto a menina é ensinada a agir delicadamente. Heródoto afirma: "O que está entranhado nas raízes muda muito lentamente," de forma que alguns papéis tradicionais, condutas e estereótipos ainda representam pertinazes referências de identidade para homens e mulheres. Desta forma "prá arrumar uma mulher é preciso ser alguém na vida!" (palavras de Rafael), ou seja, a condição para se ter uma companheira é ter uma profissão e mostrar-se capaz de prover uma família.

Em contrapartida, das mulheres ainda espera-se que sejam mães. Desta forma, Ester precisava obedecer ao mandato de "parir muito filho" para provar o seu valor e a sua capacidade enquanto mulher. Enquanto isso, na sociedade mais ampla "a mulher não pode ter um lugar que seja dela" (Yuri). E ainda um mandato dito em tom de advertência sobre os perigos que envolvem o exercício da sexualidade: "Menina que 'dá' uma vez não pára mais de 'dar'! " Verônica, por sua vez, mantém severas limitações e dificuldades oriundas de valores que assimilou, mas que não conseguiu descartar. Assim, afirma que "assumiu o que sua mãe lhe passou," o que subliminarmente trata-se de ser uma mulher frígida e assexuada, pois sempre que vai manter relações sexuais a imagem da mãe se interpõe entre os dois, e ela se sente "uma puta," esta interdição impedindo a fruição de qualquer sensação de prazer no exercício da sexualidade.

Entre os casos de mulheres, Ester e Paloma tiveram na maternidade um marco que sacramentou sua condição de mulheres, sendo que a princípio ambas reproduziram o modelo herdado de suas mães - a submissão - em suas histórias-de-vida. Conforme as normas do referido modelo, a mulher deveria ser totalmente dependente do marido, o casamento se constituindo num meio de sobrevivência. Assim, Ester, durante

muitos anos em seu casamento suportou os maus-tratos, o abandono e o desamor do parceiro devido ao medo que sentia de separar-se e vir a passar fome. No caso de Verônica a tomada de consciência de si enquanto mulher se deu através do exercício de tarefas e prendas domésticas - isto é, via o papel de dona-de-casa prendada - o conceito de mulher veiculado socialmente. Para Judite, isto foi vivenciado a partir dos papéis de esposa e mãe, o padrão estandardizado em sua 'criação.' Diana teve como símbolos primevos de feminilidade os laçarotes, saiotes, cabelo comprido e roupas de menina. Já Átila, Alexandre e Ivone apontaram na mulher seu alto nível de tolerância, sua capacidade de suportar a dor e o sofrimento, o que sugere tendências masoquistas impostas e reforçadas culturalmente e por ela introjetadas.

No contexto sócio-cultural de Campinas e região o homem ainda conserva privilégios especiais, o que é ressaltado por vários sujeitos. Assim afirma Samanta: "Ele pode porque ele é homem!" O homem simplesmente "pode!" diz Paloma, ou nas palavras de Aline: "Os homens não podem ser questionados!" Enquanto na sociedade, o caminho para o homem já está aberto, a mulher precisa ir abrindo o seu, observa Laura, corroborando o acima exposto, relativo a uma situação que ainda é presente e muito atual. Por sua vez, Verônica e Yuri afirmam que os homens sempre tiveram mais liberdade que a mulher. Para o homem "a vida é mais fácil," assegura Verônica. Também Heródoto destaca que a nossa sociedade ainda é aquela feita pelos homens, cujos valores que aí estão são aqueles criados pelos homens. Nesse sentido, a mulher sente muito mais em si as contradições de seu meio, pois parece muito difícil ser mulher numa ordem social masculina, diz Heródoto. Isto pode ser observado no próprio discurso das mulheres, sujeitos deste estudo (Samanta, Paloma, Verônica, Laura, Aline e Diana), que manifestaram ressentimento e mordacidade face aos privilégios de que usufrui o sexo masculino e aos direitos que lhes foram negados. Assim, em um tom de ironia mordaz, Verônica faz uma crítica aos privilégios masculinos dizendo que gostaria de ser homem por três dias caso Deus descesse à terra, e ela pudesse lhe fazer um pedido, usufruindo então de todos os privilégios a eles concedidos.

Além disso, casais que transmitem uma imagem de um casamento perfeito ("fachada," como é chamado por alguns sujeitos), na verdade, demonstram estarem

perfeitamente ajustados ao modelo veiculado socialmente, onde "a submissão dela faz com que o casamento se torne uma coisa linda e maravilhosa," conforme aponta Cibele em um de seus exemplos.

Parece ser também expressão da cultura, o despreparo a que se referiram várias das mulheres sobre os assuntos referentes à sexualidade, e o grande tabu que perpassava o assunto. Daí, muitas vezes, sua total ignorância (Vitória em sua vida sexual agia às escuras, guiada por "conversas de comadres"), sua estranheza e o caráter mágico do próprio ato sexual, tendo se dado a descoberta do sexo oposto muitas vezes "no susto," sem uma consciência clara dos fatos em curso, ou até mesmo de maneira traumática como foi o caso de Verônica. Com base nesses dados, pode-se afirmar que sexo ainda é tabu entre as mulheres. Por outro lado, Diógenes, através de sua experiência, protagoniza um processo bastante comum entre os homens de descoberta e vinculação com o feminino de forma fragmentada e dissociada - sexo com a prostituta, e amor e afetividade com a namorada/esposa - o que pressupõe um caminho já traçado (um mandato), do qual dificilmente conseguirá se esquivar integrando os dois aspectos na mesma mulher. Em contrapartida, Rafael e Isac protagonizaram o outro extremo desta manifestação cultural, vivendo sua experiência de aproximação e descoberta da figura feminina de forma bastante acanhada e retraída, revelando que o pudor, o medo, e o sentimento de inadequação também existe fortemente entre os homens, apesar de estar freqüentemente dissimulado. Isac, que em sua adolescência se sentia um garoto "baixinho, magrinho, uma coisa feinha," que não fazia sucesso entre as mulheres, tinha na figura feminina "um grande mistério" que precisava desvendar, razão pela qual empreendeu uma 'pesquisa' informal na tentativa de conhecê-la.

Além disso, para alguns sujeitos do sexo masculino, aspectos de caráter e ajustamento social, especificamente no que tange a valores como honestidade e trabalho parecem definir o papel de homem, assumindo o lugar de questões de gênero propriamente ditas. Assim, para Rafael, Diógenes, Isac e Arquimedes, o modelo paterno foi decisivo na formação de suas identidades, e na cunhagem da imagem do homem como um trabalhador, além de dar-lhes "bons exemplos," tais como a conduta pautada na honestidade e no rigor da palavra empenhada. Adriano entende que o mandato de "ser

homem prá trabalhar" não se trata de algo que tivesse assimilado, pois para si a questão do homem como um provedor já faz parte da própria natureza das coisas; é algo previsível, certo e esperado. Já Rafael salientou particularmente a participação da esposa na obtenção de seus bens, na manutenção de sua estável situação financeira, e atribui a ela a bem sucedida criação e educação dos filhos. Este último aspecto, os filhos, também foi citado por Heródoto e Arquimedes, referindo-se ao lado prazeroso do relacionamento. São aspectos estes, decorrentes do estabelecimento de uma sociedade conjugal, que se constituem em parte importante do cotidiano de uma vida-a-dois e socialmente são extremamente relevantes, mas que não se referem aos aspectos psicológicos propriamente ditos. Desta forma, questões periféricas e de cunho social assumem um caráter de grande relevância, e muitas vezes acabam por se constituir na razão de ser de uma relação, pois se trata da única noção do papel de homem conhecida, ou o nível onde as gratificações são mais visíveis e concretas.

Quanto aos aspectos que foram assimilados pelas mulheres das figuras parentais e que implicam indiretamente na assunção da ideologia vigente, Samanta considera prazerosas as atividades de prendas domésticas, e, como a mãe, também tem o hábito de poupar recursos. Ivone, do ponto de vista social 'herdou' dos pais o traço da honestidade. Paloma assimilou da mãe sua capacidade de luta para atingir objetivos e sua dedicação aos filhos. No caso de Cibele o aspecto positivo mantido da figura materna foi a resistência às adversidades da vida. Letícia assimilou da mãe sua força e sua coragem, ao passo que o pai ensinou-a a "ser gente," tendo sido para ela um modelo construtivo de homem. Diana assimilou da mãe o papel de "mãezona," muito embora tivesse negado sua submissão extrema e absoluta.

Apesar da 'criação' do sujeito ser considerada um caminho já traçado, que institui regras e mandatos do contexto cultural maior, e que ao nascer cada um tem por base como referência de identidade, pode ocorrer, entretanto, que o próprio *locus* familiar apresente seus desvios. Tanto entre os casos de homens quanto entre as mulheres houve uma inversão do casal parental em relação ao padrão social, isto é, uma figura materna poderosa e dominadora em contraposição a uma figura paterna passiva e sem energia. Assim, em sua 'criação' Cibele e Laura tiveram o mesmo modelo e o mesmo

tipo de matriz: uma mãe extremamente autoritária ao lado de um pai passivo e ausente. Por sua vez, em sua 'criação' Átila e Wotan tiveram um contato maior com o mundo do feminino e expressões femininas de ser. Átila aprendeu com seu pai que para ser homem "não precisa ser machão," sendo permitido sentir dor e chorar. E ainda, que "ter que ser o durão" não é atestado de virilidade. Curiosamente, Átila identificou-se com a figura paterna pelo feminino que este carregava consigo, enquanto apresentou conflitos e dissidências com a figura materna em função desta mesma imagem do feminino que aquela lhe transmitiu, de forte caráter machista e nada prático. Já Wotan teve uma educação mais aberta de forma que pôde se sentir à vontade para experimentar alguns aspectos do feminino e desfrutar disso, sem ter ameaçada sua virilidade. Ele considerou ter sido relevante para o seu desenvolvimento enquanto homem o fato de ter experimentado "o que era uma coisa de mulher," visto que em sua 'criação,' o contato com o feminino era uma experiência permitida e liberada. Apesar disso, Wotan não deixou de vivenciar conflitos e contradições, pois também assimilou do contexto social mais amplo os mandatos de que o homem "não pode ser frágil, não pode chorar," mas que "tem que ser forte, tem que ser frio." Yuri, por sua vez, traz um modelo de inversão mais velada onde o pai era o chefe-da-casa e detinha o poder monetário, enquanto a mãe funcionava como uma espécie de "primeira ministra," pois era a figura que centralizava o controle da família em um plano mais sutil e subliminar.

Freqüentemente, ao longo de seu desenvolvimento os sujeitos procuraram caminhos alternativos em resposta ao modelo tradicional, quando então encetaram o seu movimento pela diferenciação. Contudo, vale ressaltar que embora a tendência seja a de procurar tais caminhos novos o que se encontra explicitado no movimento de vários sujeitos (Aline, Aldo, Heródoto, Cibele, Diana, Verônica, Ester e Pedro, entre outros), em contrapartida há aqueles que não os procuram e que 'optaram' pela conservação do atual estado de coisas, como é o caso de Rafael, Yuri e Adriano.

Com base nos casos acima citados, poderia-se apontar uma tendência de que os homens tenderiam a ser mais conservadores, e as mulheres mais rebeldes, estas últimas supostamente por 'sofrerem na carne' as contradições e arbitrariedades da ideologia vigente.

5.1.2.1) O cultural se interligando ao relacional

O fenômeno das separações entre os casais oferece um exemplo bastante elucidativo de como os aspectos cultural e relacional estão interligados influenciando o comportamento de ambos os sexos.

É fato inconteste entre os sujeitos a tendência crescente de separações na sociedade à sua volta, tendo sido salientado por Wotan a falência do modelo tradicional. Alexandre, entre outros, acentua que as separações já se tornaram um fato rotineiro e cotidiano, e ocorrem em número cada vez maior. Isac apontou a velocidade espantosa com que homens e mulheres se casam/amasiam e se separam, as mudanças sendo tão rápidas que o casamento parece ter se automatizado, e as relações parecem ter perdido a solidez.

Se por um lado isto pode ser atribuído a uma iniciativa das partes que não estão mais se sujeitando a relacionamentos que não lhe sejam gratificantes, permitindo que mandatos seculares continuem regendo sua vida privada (uma interferência de fatores relacionais, portanto, e que é apontada por Aline, Átila, Yuri, Alexandre), por outro lado, o automatismo nas relações a que se referiu Isac, e que lhes confere um caráter descartável, parece já ter sido integrado pela própria cultura tendo sido veiculado pela mídia, causando reflexos na vida das pessoas que, ao mesmo tempo que "estão entrando já estão saindo" de suas relações (Isac, Rafael, Heródoto), conduta que funciona como um modelo para os demais.

Se culturalmente, havia um estigma tanto para homens quanto para mulheres separados, hoje as conveniências que mantinham uma mulher presa ao homem estão sendo quebradas, e a tendência é que as pessoas vivam relações mais autênticas e saudáveis, ressalta Yuri. Nesta mesma linha, Átila afirma que atualmente não é mais considerado vergonhoso uma mulher ficar sozinha, sendo que o casamento perdeu o seu caráter de eternidade. Ou: "Se os casais não estão bem, então estão se separando," diz Aline, tal como se fosse uma manifestação da ordem natural das coisas. Para alguns casos, todavia, a separação é apenas judicial, o objetivo sendo transformar e recriar a relação. Este é o caso de Laura, para quem a separação judicial parece ter sido a estratégia ideal de boa convivência e de obtenção do respeito de seu companheiro.

Separados, mas vivendo no mesmo espaço como marido e mulher, ela fez valer suas condições agindo com autonomia e sem solicitar sua aprovação, conseguindo manter desta forma os espaços conquistados com a separação judicial. Todavia, no sentido oposto a esta tendência Alexandre afirma que do ponto de vista social "não é bom uma pessoa ser separada," tendo ele próprio passado pela experiência (ou seja, na verdade o preconceito ainda existe, embora dissimulado e negado). Justificando as razões pelas quais não deseja mais se casar, Alexandre afirma curiosamente que "casar é só um motivo prá separar!" E acrescenta: "Eu estou com ela e a gente se dá super bem!"

Nesse quadro as mulheres apresentam suas 'receitas' para um relacionamento bem sucedido: segundo Vitória é importante atingir um bom nível de conhecimento um do outro, e, principalmente, "conhecer bem as manias do outro prá se ajeitar," ajustar o jeito de ser de um ao jeito de ser do outro, diz ela. "Um tem que dar razão para o outro," afirma Ivone, acrescentando que antes de partir para um novo relacionamento e repetir o problema "é melhor procurar melhorar aquilo que é teu!" Verônica observa que para a maioria dos casais com os quais mantém contato, cada uma das partes prefere sair sozinha, isto é, "tirar férias" do cônjuge e do filho. "É importante estar junto porque é gostoso e prazeroso, não por conveniência, dependência ou fraqueza," ressalta Vitória. Wotan, por sua vez, propõe um modelo de relacionamento mais horizontal, com mais liberdade pessoal e também liberdade econômica, condição para que a seu ver continue existindo o relacionamento entre os sexos.

A relação entre o social/cultural e o relacional parece ser bastante dinâmica, pois segundo Rafael, a própria sociedade interfere na vida privada dos casais estabelecendo metas e níveis elevados de qualidade de vida, e vendendo produtos de consumo que o homem dificilmente poderia oferecer à sua família. Assim, parece haver um interesse oculto nas camadas dominantes que manipulam os segmentos menos favorecidos da sociedade, que fomenta a separação entre os casais e leva à desagregação familiar, o que é veiculado pela mídia através da telenovelas. Para Heródoto, homens e mulheres se tornam prisioneiros dos valores veiculados pela mídia, na medida em que não amadureceram e firmaram o respectivo papel nesta nova ordem das coisas.

5.1.3) Objetivo nº3: situar os atributos do masculino e feminino dentro do referencial da cultura brasileira, mais propriamente da região de Campinas.

Isto já foi feito na parte introdutória desta discussão, além de outras referências que têm sido feitas ao longo do trabalho.

5.1.4) Objetivo nº4: observar como se dá a inter-relação do masculino e do feminino num nível mais profundo: onde se chocam, onde se encontram, onde se complementam.

A discussão referente à síntese do encontro entre as figuras feminina e masculina na técnica de imaginação ativa procura responder a estas questões em suas especificidades.

À guisa de comentários gerais, contudo, pode-se afirmar que a inter-relação entre o masculino e o feminino, tanto pode ser plenamente harmoniosa obedecendo a uma tendência de atração de opostos, sugerindo alguns deles expressões simbólicas do coito e da *coniunctio oppositorum* (casos de Diógenes, Judite, Vitória e Letícia), como pode ser carregada de conflitos, de distanciamento e repulsa, e até da mais completa oposição, estando em alguns casos definitivamente "apartados" (Paloma, Isac, Aline, Verônica e Rafael o atestam). Tais conflitos indicam senão uma problemática de coisificação, uma certa estranheza em relação ao outro, ou uma total negação da figura de sexo oposto personificando um elemento sombrio para o sujeito. Por outro lado quando ocorre o verdadeiro encontro, que algumas vezes se dá através da dança (lembrando que a dança é linguagem e um rito de celebração da vida), este pode ser uma via de acesso para se atingir a transcendência, estando neste caso a experiência impregnada de um caráter numinoso (Arquimedes, Cibele, Wotan, Heródoto, Diana e Laura o atestam).

5.2) Em referência às hipóteses

5.2.1) 1ª Hipótese: as identidades masculina e feminina são formadas a partir de uma essência básica - as expressões simbólicas arquetípicas - que, enquanto herança coletiva, antecedem e constituem o arcabouço em que se imprimem e se fixam os padrões culturais para ambos os gêneros.

Seja porque alguns sujeitos não conseguiram acessar no inconsciente expressões simbólicas arquetípicas, ou porque estas não estão presentes (não é possível afirmar isto com segurança, principalmente levando-se em conta a consigna utilizada, que foi elaborada visando ser o menos indutiva possível), o fato é que na amostra estudada e através do instrumento utilizado em estado de relaxamento psíquico, nem todos os casos apresentaram tais conteúdos, o que confirma apenas parcialmente a hipótese de número um. Desta forma, a referida essência básica que constituiria o arcabouço das identidades de gênero carece de uma generalização absoluta.

A consigna utilizada parece deixar o indivíduo mais à vontade para 'ir buscar' em sua psique o que lhe é mais facilmente acessível, e segundo suas próprias características de personalidade, e suas condições psíquicas do momento. Poderia-se citar por exemplo, o caso de Ivone cujo trabalho de imaginação ativa girou em torno de uma cena de adultério, experiência por ela vivenciada em seu passado recente, estando ainda muito presente em sua psique e altamente catexizada. No sentido oposto está Cibele cuja sensibilidade à flor da pele, seu fácil acesso ao inconsciente e profícua imaginação criadora possibilitaram-lhe de imediato acessar expressões arquetípicas e realizar um trabalho altamente simbólico. Pode-se citar ainda o caso de Yuri que no rigor de sua lógica concreta e racional, esteve o tempo todo preso à linearidade de sua experiência vivida deixando-se guiar apenas por algumas sensações básicas em obediência à sua tipologia.

Assim, o que o indivíduo tem como identidade imediata muitas vezes são os referenciais que a sua história pessoal lhe proporciona, que tomam a forma de expressões simbólicas, as quais algumas vezes chegam a acessar temas arquetípicos, dependendo da intensidade, da profundidade e do caráter numinoso com que são

vivenciadas. Este por exemplo é o caso de Isac, que das reminiscências de sua história passada (uma imagem com a figura paterna e outra com a figura materna) acessou temas eminentemente arquetípicos: a busca da sabedoria através da pesca e o lapidar do espírito enquanto se lavra a terra. Igualmente Wotan em sua incursão imaginativa partiu de uma imagem de si próprio com a figura materna vivenciada com um profundo impacto do numinoso e abordando um tema seguramente arquetípico: os passos de um ritual de iniciação como um desafio para ser homem. Por outro lado, no caso de Rafael a falta de uma individualidade própria e a conseqüente adoção de um modelo pré-concebido e estereotipado do masculino, a estátua de um homem, impede a conexão de forma pessoal com o arquétipo.

Outras vezes as impressões primevas da história coletiva são o que de imediato assoma à consciência, o que se dá, todavia, em uma freqüência menor. Este foi o caso de Arquimedes com sua imagem de um peixe perfazendo um balé no oceano e nadando em direção ao sol, e Heródoto em sua escalada do pé de ipê amarelo, e toda sua odisséia no bosque em que estavam as árvores, a figura feminina para si. As experiências imaginativas de tais sujeitos, intensamente vívidas e marcadas por impressões da instância do numinoso, em sua riqueza de conteúdos e profusão de expressões simbólicas evidenciaram imagens autenticamente arquetípicas.

Assim, quando manifestados, os sujeitos apresentaram diferentes maneiras de se conectar com seus conteúdos arquetípicos, o que parece estar diretamente relacionado à sensibilidade, à estrutura de personalidade, à tipologia, e ao nível de consciência de cada um. Observou-se que estas diferentes abordagens ocorreram em diversas gradações: alguns de uma forma mais próxima, intensa e vívida, outros, receosos e à distância, e outros ainda, de forma pouco perceptível. Nestas últimas situações pode-se citar o caso de Verônica que, em sua projeção do ego ideal em um cenário paradisíaco, apresenta conteúdos arquetípicos levemente 'esboçados' (isto é, partindo de uma temática pessoal ela não chega a acessar exatamente o arquétipo, mas parece se aproximar dele ou 'intuí-lo') ou de Adriano que, muito embora tenha acessado uma imagem supostamente arquetípica em sua figura de identificação, não conseguiu imprimir-lhe vida e movimento. Pode-se citar ainda o caso de Letícia que observa o

magnífico cavalo (a figura masculina) a distância, protegida além da cerca, por temê-lo e considerá-lo perigoso.

Considerando-se a dúvida já referida neste estudo sobre a presença de expressões simbólicas arquetípicas em sujeitos que não as manifestaram, poderia-se conjecturar sobre o fato de que tais sujeitos não estavam sendo terapeutizados, o que dificultaria a emergência destes conteúdos, diversamente do que ocorria nos relatos de Jung, que se referiam a vivências de seus pacientes. Neste caso, partiu-se do pressuposto de que a investigação interna propiciada pelo processo terapêutico facilitaria a emergência de conteúdos de estratos mais profundos da psique. Deve-se ainda levar em consideração que existe uma seqüência na ordem do desenvolvimento do ego para Jung, que nada mais são do que as etapas do processo de individuação: o desnudamento da *persona* → o confronto com a sombra → o confronto com o *animus/anima* → o desenvolvimento do "self." Se o sujeito da presente pesquisa ainda se encontra nas etapas iniciais, por exemplo, o desnudamento da *persona*, isto, por se tratar da dissolução de uma máscara que representa mais um elo de ligação entre o indivíduo e a sociedade do que para consigo mesmo, não facilitaria a manifestação de expressões simbólicas arquetípicas.

5.2.2) 2ª Hipótese: a somatória da herança coletiva, juntamente com as experiências da história individual e os padrões culturais são os elementos que compõem estruturalmente as identidades masculina e feminina.

Muito embora estes três elementos sejam recorrentes entre os dados obtidos, dificilmente esta somatória - a herança coletiva, as experiências da história individual e os padrões culturais - pode ser observada em um único caso, sendo mais comum que cada indivíduo receba um influxo maior de um ou dois destes elementos. De uma maneira geral, provavelmente o que seja acessado mais facilmente sejam as experiências da história individual, seguido dos padrões culturais, e de elementos da herança coletiva (este algumas vezes acessado via um personagem da história individual). Igualmente, a herança coletiva não aparece em todos os casos, de forma que esta

somatória da herança coletiva, juntamente com as experiências da história individual e os padrões culturais nem sempre é possível de ser visualizada na prática. Considerando-se os dados obtidos especificamente na técnica de imaginação ativa, dos três aspectos, as experiências da história individual talvez sejam o elemento observado com maior freqüência, seguido por manifestações da herança coletiva e dos padrões culturais, este último menos acessível à referida técnica.

No que se refere às experiências da história individual, os conflitos no relacionamento com o sexo oposto juntamente com as vivências de sua 'criação' e a família de origem assumem um caráter de alta relevância e significado, dado o espaço que ocupam nos relatos dos sujeitos. Supostamente estas vivências por serem altamente catexizadas, e congregarem em torno de si uma grande energia, tratando-se muitas vezes de questões não resolvidas, inibam a manifestação de conteúdos mais profundos pela energia que concentram em torno de si.

5.2.3) 3ª Hipótese: os mandatos de gênero são a via através da qual são impingidos unilateralmente os padrões culturais para o masculino e o feminino.

A hipótese de número três foi mais facilmente investigada através da técnica de entrevista semi-dirigida, que extrai seus dados a partir da consciência de vigília, e tem como via de acesso o discurso racional consciente. Na técnica de imaginação ativa pode-se citar os casos de Samanta e Alexandre, que manifestaram mandatos de gênero. Todavia, tais conteúdos não foram explicitados em todos os casos (eles nem sempre estão presentes), uma das razões pelas quais não é possível confirmar integralmente esta hipótese.

Pode-se considerar ainda que os mandatos de gênero supostamente se constituem na via mais explícita e direta através da qual são impingidos os padrões culturais para o masculino e o feminino, visto que se utiliza de um canal verbal, e se adota freqüentemente um tom imperativo. Todavia, os depoimentos dos sujeitos indicaram que há também outras formas em que são impingidos os padrões culturais para o masculino e o feminino. Eventos marcantes como a profissionalização, a tomada de

responsabilidades, a maioridade civil, ser proprietário de uma casa também atribuem a prontidão ('são marca de') para ser homem. As palavras de Rafael assim que completou 18 anos e tirou seus documentos corroboram o acima exposto: "Agora eu sou homem! Posso estar perto de uma mulher!"

Citar-se-á, a seguir, os mandatos de gênero verbalizados por sujeitos de ambos os sexos extraídos das técnicas de entrevista semi-dirigida e imaginação ativa:

Mandatos para ser homem

- Palavras de Rafael sobre a possibilidade de ter uma namorada: - "Prá arrumar uma mulher era preciso ser alguém na vida!" (era preciso ter uma profissão e mostrar-se capaz de prover uma família).
- Palavras de Arquimedes sobre ser homem: era preciso "ser alguém!" "Ser um vencedor!"
- Paloma assim define o papel de homem na sociedade à sua volta: "Tem que ser machão!" "Pode sair com todas!" "É o mais gostosão e o mais bonitão!"
- Samanta, referindo-se aos privilégios do homem em nossa sociedade: "Ele pode porque ele é homem!"
- Aline, reportando-se a um velho dogma: "Os homens não podem ser questionados!"
- Yuri, referindo-se ao mandato que o menino recebe ao nascer: "O menino não pode chorar, pois precisa aprender a ser forte!
- Ainda Yuri ressalta que o "compromisso de vencer" impingido aos homens já faz parte da cultura.
- Rafael afirma que "o homem deve ser um esteio."
- Alexandre aprendeu com seu pai que "um homem deve conseguir vestir a calça sozinho" ou que "deve manter a distância de outros homens."
- Verônica assim delineia o seu perfil masculino, o qual parece ter a força modeladora de um mandato: "Os homens são todos mandões, não gostam de dar dinheiro, e adoram sair sozinhos!"

Mandatos para ser mulher

- Mandato em tom de advertência dito a Cibele por sua mãe sobre os 'perigos' de se ter uma vida sexual ativa: "Menina que 'dá' uma vez não pára mais de 'dar'! "
- Ester, por sua vez, introjetou o mandato de que precisava "parir muito filho" para provar o seu valor e a sua capacidade enquanto mulher.
- Segundo Yuri, na sociedade "a mulher não pode ter um lugar que seja dela," sendo que quando ocupa um cargo de chefia está tomando um lugar que não é dela.
- Rafael disse com propriedade: "Da mulher, espera-se que seja mãe!"
- Palavras de Samanta sobre seu personagem (uma mocinha de quinze anos) na imaginação ativa: "O pai dela fala prá ela que não é mais prá ficar jogando bola com os meninos porque ela já está crescida! Já é uma mocinha! Não fica bem ela ficar no meio dos meninos jogando bola!"

Mandatos para o casal

Tendo sido citados por vários dos sujeitos (Diógenes, Pedro, Alexandre, Cibele, Aline) os já conhecidos por todos: " - Até que a morte os separe!" " - Sejam felizes para sempre!" ainda conservam a sua força. O "casamento fachada" (que Pedro define como uma "cristalização de papéis") encontra nele sua base de sustentação. Pedro afirma que nossa formação cultural cristã "nos educa para o eterno e para se amar até a morte." Entretanto, nas visões de Aline e Alexandre os casais estão vivendo menos na expectativa do 'felizes para sempre,' isto é, estão menos preocupados em corresponder ao mandato, e mais conscientes da própria realidade e empenhados em procurar ativamente pela felicidade. Isto é, parecem coexistir duas tendências opostas - o velho e o novo - o que pode ser justificado pela heterogeneidade nos 'usos e costumes' das relações de gênero já apontada no início desta discussão.

5.3) Aspectos de significativa relevância a serem destacados

5.3.1) Como se processa a estruturação do gênero para homens e mulheres

Para sujeitos do sexo feminino a tomada de consciência de si enquanto mulheres não foi um processo homogêneo e foi vivenciada a partir das idiossincrasias, da história de vida, do ritmo pessoal, da compreensão particular de cada uma sobre o papel, e da influência de fatores culturais e ideológicos. Nesta amostra ser mulher parece ter múltiplas conotações e não se restringe somente à questão de gênero. Assim, além do relacionamento com o sexo oposto, outros fatores são entendidos como definidores do papel: questões de auto-afirmação (a estruturação e o fortalecimento do Eu antecede a formação da identidade de gênero); a maternidade, o papel de esposa e mãe, registros e impressões da imagem corporal. O despertar da feminilidade e da própria individualidade mostrou-se em alguns casos bastante difícil. Assim, enquanto Cibele lutava pelo direito de exercer a sua sexualidade sem se tornar promíscua, Verônica lutava por existir e pelo direito de comprar suas próprias calcinhas. No caso de Aline a mudança para outro estado distante da cidade natal onde residiam seus pais, foi para ela um acontecimento tão revolucionário quanto a descoberta da pólvora para o mundo, pois representou a possibilidade de exercer sua sexualidade sem censuras. Algumas mulheres afirmaram que o processo de descoberta de si, além de recente, é contínuo e ininterrupto ao longo da vida, podendo assumir diferentes tonalidades dependendo do momento evolutivo.

Para os homens delineou-se um quadro onde, além da própria experiência de relacionamento com o sexo oposto como um elemento preponderante na estruturação de sua identidade masculina, com diferentes enfoques sobre a questão da sexualidade, ficou evidente que ainda é importante se ter uma profissão e ser capaz de prover uma família. Nesse sentido, o casamento precoce parece ser uma forma de fortalecer e firmar a identidade. A influência de fatores culturais e ideológicos aponta para o fato de que ainda é um referencial importante na formação da identidade masculina e atestado de que se é homem, o evento/marco da profissionalização e o fato de se passar a assumir responsabilidades na vida (Rafael, Adriano e Arquimedes o atestam). Neste contexto a idade de dezoito anos além de ser um marco de maioridade civil, também representa o

passaporte mágico de virilidade: "Agora eu sou homem!" Igualmente o fato de se ter uma casa é uma medida de prontidão para o casamento (ver caso de Alexandre). Além disso, a garantia de legitimidade social para se exercer a sexualidade (o casamento) parece ser ainda um requisito importante para alguns segmentos da sociedade.

5.3.2) Como se dá a diferenciação

Poderia-se dizer que o processo de diferenciação observado no relato dos sujeitos de uma maneira geral ocorre em várias etapas sucessivas do desenvolvimento psicológico, podendo assumir várias formas de expressão dependendo da personalidade, do momento evolutivo, e até mesmo do sexo de cada um. Inicialmente isto se observa no movimento de autêntica rebeldia da adolescência (casos de Aline, Cibele, Paloma), na atitude de franca contestação à autoridade instituída, aos conservadores códigos de moralidade e às leis arbitrárias que regulam as relações entre os sexos (Diana, Samanta, Alexandre). Pode ocorrer também de uma forma mais branda e/ou parcial (casos de Ivone, Verônica, Ester e Judite), ou simplesmente não ocorrer (casos de Rafael e Yuri). Posteriormente, numa fase mais madura cada um procura se estruturar a partir "daquilo que realmente é" (Vitória, Wotan), e do fortalecimento da auto-estima conectando-se com seus recursos saudáveis e aspectos adaptativos independente de como tenha sido a sua 'criação' (Ivone). Finalmente, numa etapa mais avançada do processo, há uma busca intuitiva da transcendência, nos passos ainda titubeantes e obscuros do processo de individuação (casos de Cibele, Diana, Heródoto, Arquimedes, Wotan e Diógenes).

Assim, entre os casos de homens Rafael parece não ter rompido com os laços paterno-filiais, demonstrando estar ainda num nível bastante incipiente de diferenciação, sua *anima* parecendo ter se impregnado em sua primeira fonte de influência de um matiz masoquista que marcaria fortemente a sua personalidade e sua relação com as mulheres. Aldo, por outro lado, tendo sido criado em uma família patriarcal tradicional, apesar de ter correspondido inicialmente a todos os mandatos no sentido de ser um 'macho viril,' mudou o seu conceito de homem através da descoberta de que a mulher também era ativa e uma pessoa que tinha vontades próprias. Já

Alexandre descartou veementemente sua herança religiosa, sua diferenciação parecendo tratar-se de uma atitude de rebeldia e contestação perante a ordem vigente em seus valores formalmente instituídos, e uma retaliação à forma autoritária com que foram impostos estes valores. Heródoto descartou o conceito da mulher frágil e submissa, observando que para si a parceira deve ser capaz de sonhar e ter personalidade própria. Além disso, descartou também a questão do controle sobre o outro, e a importância de se conhecer o parceiro, afirmando que o desconhecimento para si é mais desafiador. Heródoto, ao mesmo tempo em que está engajado em um contínuo processo de transformação, mantém um lastro com a cultura vigente, pois a ruptura com os valores herdados nunca é radical, afirma. Por outro lado, Yuri, não encontrou nada que tivesse descartado em sua formação justificando ter sido criado em família de classe média, o que lhe garantiu um elevado padrão de vida, tendo satisfeitas todas as suas necessidades materiais e educacionais, e com isso obscurecido ou minimizado qualquer elemento negativo do ponto de vista psicológico. Neste caso, isto se deve a duas hipóteses: ou porque o 'berço' era muito confortável e aconchegante, ou porque o sujeito ainda se encontra num nível muito primitivo de ligação com os pais. No extremo oposto pode-se citar o caso de Rafael que tendo sido criado em família humilde com parcos recursos econômicos e culturais, também nada teve a descartar, justificando ser importante para si contar com o suporte de uma "família unida," na verdade uma forte referência de identidade (talvez a única que possuísse) tendo em vista o modelo veiculado socialmente.

No caso das mulheres ficou evidente que a assimilação ou o descarte dos valores transmitidos parecem não estar relacionados ao papel em si, nem tampouco com o conteúdo que estava sendo transmitido, mas com o tipo de relação que o sujeito estabeleceu com seus progenitores, ou com a atitude subjacente da pessoa que lhe transmitiu esses valores (Aline, Vitória, Letícia, Verônica, Diana e Samanta o atestam). Nesse sentido, pesou o fato de que o sujeito tivesse se sentido aceito e amado e tivesse tido uma boa matriz para o seu desenvolvimento. Atitudes de domínio e autoritarismo exacerbados por parte dos progenitores geravam uma reação oposta de rebeldia e negação dos conteúdos que estavam sendo transmitidos. Sujeitos que não tiveram uma boa matriz desenvolveram uma reação fortemente ostensiva e irreverente no sentido de

descartar tudo e não assimilar nada (mesmo que esta assimilação algumas vezes tivesse ocorrido a nível inconsciente, como é o caso de Cibele e Laura). Assim, muito embora haja uma reação imediata que pode se enquadrar nos moldes de rebeldia na adolescência e, mais tarde na vida adulta haja uma luta autêntica na conquista da própria identidade, a assimilação de valores herdados parece por vezes renitente e silenciosa, ocorrendo senão de maneira inconsciente, até de forma claramente consciente resultando muito difícil ao sujeito 'livrar-se de uma herança indesejável.'

Além disso, a propalada submissão feminina não foi encontrada como um traço genérico e presente em todas as mulheres, quando encetam relações com o sexo oposto, o autoritarismo sendo na verdade um traço observado em alguns casos (Cibele e Laura).

Nos casos de Verônica e Ester a forma mais imediata e palpável de diferenciação se deu através do exercício da maternidade, onde estas procuraram ser para seus filhos, senão diferentes, mães diametralmente opostas à que tiveram como modelo, e à forma como foram criadas, agindo de forma mais liberal e aberta. Verônica ostenta uma negação completa e absoluta do modelo materno, acentuando veementemente o fato de ser uma mãe e uma pessoa diferente, e de ter sua própria identidade, a tomada de consciência de si enquanto mulher consistindo numa declaração de independência perante a figura materna, tentando se auto-afirmar pelo reverso do modelo que lhe foi transmitido. Já Paloma, em suas tentativas de diferenciação, ao mesmo tempo que renegou de forma radical o modelo do masculino prepotente está tentando não ser tão submissa quanto foi sua mãe, tendo sido um aprendizado exercer o poder na relação com equilíbrio e moderação. No caso de Judite, foi através do amante, um relacionamento clandestino, portanto, não aprovado socialmente e não assumido, que ela pôde confirmar sua feminilidade e descobrir sua sexualidade, visto que o casamento lhe deu uma identidade, mas lhe deixou profundas lacunas. Diana adotou um comportamento irreverente e ostensivo diante de todos os privilégios arbitrariamente concedidos ao sexo oposto, adotando uma postura muito mais no sentido de questionar e estabelecer limites do que de assimilar e incorporar valores. Desta forma, descartou veementemente a submissão feminina e a infidelidade masculina. Já Vitória,

possivelmente por ter encontrado nas madrinhas que a adotaram não só um referencial afetivo forte, como também todo o lastro de que precisava para sua formação e seu desenvolvimento, assimilou todos os ensinamentos de suas mães afetivas e nada descartou. Em contrapartida, Aline fez o movimento inverso. Ela precisou descartar tudo através de um "corte meio radical" para romper com toda a formação e o sistema de valores no qual estava inserida, estabelecendo uma relação fortemente aversiva contra tudo que lhe era imposto, sentido como bastante opressivo e aniquilador para o seu desenvolvimento. No caso de Ivone não houve uma atitude de rebeldia e contestação aos valores veiculados pelas figuras parentais, mas uma busca de identidade orientada no sentido do crescimento interno, munindo-se de recursos saudáveis, seguindo uma orientação do Eu superior e uma tendência reparadora de sua personalidade supostamente inata.

O sexo parece ser um fator que interfere decisivamente no processo de diferenciação, visto que homens e mulheres recebem educações diferenciadas (enquanto um é educado "para ser macho e meio bruto," o outro o é para a submissão e a negação de si) e mais tarde, na maturidade, passam por um longo processo tentando se desvencilhar da marca que receberam e procurando encontrar o que se chamaria de 'o caminho do meio.'

Ao explicitar seus critérios para a escolha de um novo parceiro, Paloma e Samanta repudiam o modelo estandardizado da sociedade patriarcal, ao mesmo tempo que estabelecem a sua luta pela diferenciação. Assim, Paloma e Samanta recusam o modelo de relação assimétrica de domínio de um masculino prepotente/presunçoso sobre um feminino passivo/conivente, ao mesmo tempo que reivindicam uma relação igualitária de participação e respeito mútuo. O desejo por um "companheiro" traduz perfeitamente a idéia de uma relação de simetria. Paloma salienta que antes de serem homem e mulher, ambos "são seres humanos com as mesmas necessidades," isto é, antes da questão de gênero existe a própria condição humana que nivela a todos. Como na sociedade patriarcal a relação homem/mulher pressupõe uma hierarquia, o resgate da essência - o lado humano de cada um - possibilita recriar a relação de forma mais igualitária e saudável.

O processo de diferenciação também envolveu o rearranjo criativo de atributos, como foi o caso de Wotan, que considerando todas as influências que recebeu, afirma que o "seu homem" constituiu-se numa resultante onde é permitido ser frágil, mas também se pode ser forte, ou seja, há a possibilidade de alternância destas duas polaridades, compondo harmoniosamente masculino e feminino.

Por sua vez, Aldo apresenta seus próprios parâmetros e sua concepção sobre o papel: "Um homem tem que ser ativo (atributo que para ele parece definir e se constituir na própria essência da masculinidade), ser capaz de efetuar suas próprias escolhas, ter seus projetos de vida, e respeitar a mulher, ela possui o mesmo direito e também é ativa." Ele acrescenta que a presença de um pênis não é marca de masculinidade por si mesma, sendo esta última engendrada a partir de um conjunto de atributos que perfazem uma totalidade: o caráter, a competitividade, a produtividade no seu meio social, e ainda, o carinho para com a companheira e o compartilhar de todas as atividades que envolvem a vida do casal. "O homem não é aquele que chuta a porta, mas aquele que faz com que a mulher se sinta mulher," e isto ocorre na medida em que a respeita como pessoa humana, e entende que ela é necessária para sua complementação (a agressividade não é sinônimo de masculinidade, portanto).

Vamos lembrar, todavia que, conforme já salientado no início desta discussão o processo de diferenciação envolve aspectos mais avançados e sutis. Segundo FADIMAN & FRAGER (1979), enquanto o crescimento para o ego é essencialmente a expansão do conhecimento consciente, a individuação é o desenvolvimento da comunicação ego-self, o objetivo sendo a união da consciência com o inconsciente. Por sua vez, SAMUELS et al. (1988) consideram a individuação uma "circumambulação do 'self'," este último tido como o centro da personalidade, que, com isso, vai sendo unificada, ocorrendo-se a integração de várias partes da psique: ego, *persona*, sombra, *anima* ou *animus*. No caso do confronto com a *anima* ou *animus*, isto traz em si todo o problema do relacionamento com o inconsciente e com a psique coletiva. FADIMAN & FRAGER (1979) afirmam que o conteúdo da *anima* ou do *animus* é na maioria das pessoas, fortemente determinado por valores culturais e papéis sexuais definidos em

sociedade, corroborando a nossa idéia de que o que é cultural já foi incorporado pela psique individual, que por sua vez remete ao 'reservatório' da consciência coletiva.

Casos como o de Paloma, Rafael, Aline, Aldo e Isac que em seu confronto com o *animus/anima* demonstraram estar absolutamente dissociados e "apartados" desta parte de si mesmos revelaram com esta atitude estar interceptando o desenvolvimento de suas personalidades. Entre eles, Paloma aborda seu *animus* em um tom caricaturesco, demonstrando desprezo e rejeição por um ser masculino primitivo e grotesco, que é apresentado de forma regressiva, sugerindo involução e quebra da ponte ego-"self." No caso de Aldo evidencia-se a total ausência da *anima* ao mesmo tempo que depreende-se a desqualificação de sua virilidade ao exercer uma atividade culturalmente tida como feminina. Para Rafael a única modalidade de relação possível entre as figuras masculina e feminina parece ser a nível de objeto, quando a estátua relegada à sua pequenez e insignificância não recebe qualquer atenção especial da mulher que a limpa.

Em contrapartida, Ester, Letícia, Diógenes, Arquimedes, Judite, Cibele e Heródoto demonstraram um entrosamento e um relacionamento perfeitamente harmonioso entre as figuras masculina e feminina, possibilitando a resolução dos conflitos apresentados inicialmente, revelando com isso um processo de abertura para a integração do *animus/anima* e o conseqüente desenvolvimento do "self." Assim, Ester efetua a domesticação do *animus* manifestado na forma de um urso bravo, estabelecendo com ele uma relação de proximidade, aconchego e extrema docilidade. Letícia revela uma perfeita sincronicidade e harmonia no encontro da bailarina, antes imóvel, com o cavalo, antes perigoso, montando-o com extrema facilidade e desenvoltura. No caso de Arquimedes, para se encontrar com a bailarina, sua contra-parte sexual, o peixe se metamorfoseia em homem e ambos dançam em círculos ao som de uma caixinha de música, ininterruptamente a fim de que não seja quebrada a aliança.

5.3.3) Em que direção aponta o relacionamento homem/mulher hoje na sociedade de Campinas e região

De uma maneira geral os doze sujeitos do sexo masculino delineiam um panorama positivo e promissor nas relações entre os sexos na sociedade à sua volta, e apontam para uma tendência de mudanças muito rápidas no desempenho de papéis e nos valores que permeiam estas relações na atualidade. Todavia, tais mudanças ainda não se consolidaram (talvez devido à própria velocidade com que estão se dando), o que gera insegurança, incerteza e medo. Há vários modelos de relacionamento convivendo concomitantemente com o modelo tradicional, entretanto parece que as pessoas ainda estão confusas, e recuam com medo do sofrimento no amor, preferindo algumas vezes o caminho da solidão. A excessiva flexibilização no casamento parece ter conferido um caráter descartável às relações, onde não parece haver muito empenho por parte dos casais em acertarem. Neste contexto, a mídia encontra um campo propício de influência, e vai corrompendo valores e criando desejos para as pessoas.

As doze mulheres, de uma maneira geral, se dividem entre apontar a tendência de que os casais à sua volta estão vivendo muito mal, com brigas constantes, casamento de aparências e relacionamentos extra-conjugais e, por outro lado, admitem que está havendo uma participação crescente do homem na esfera doméstica, ao mesmo tempo que elas estão conquistando mais espaços na sociedade.

A separação deixou de ter o estigma do passado, embora ainda haja resquícios disso. Obedecendo a um jogo dinâmico e inter-relacional, mudanças no papel da mulher desencadeiam mudanças no papel do homem, que é obrigado a "correr atrás" da evolução feminina. Todavia, a mulher ainda enfrenta o problema da dupla jornada de trabalho, oriundo de seqüelas de sua nova condição social. Ao mesmo tempo que é apontado uma tendência para se viver relações mais autênticas e saudáveis, outros sujeitos delatam a co-existência de relações neuróticas, onde o ganho secundário é justamente as brigas que ocorrem entre o casal, sendo que a tendência é eternizarem este quadro.

5.3.4) Algumas significativas aprendizagens efetuadas pelos sujeitos a partir de suas experiências de relacionamento com o sexo oposto

Letícia observa que o relacionamento é bom até o limite de quatro anos, observando-se em seguida a "descontinuidade de sentimento" masculina, isto é, quando a paixão está para se transformar em amor, os homens "pulam fora," proeza que eles denominam como "o pulo do gato." "Enquanto a mulher, quanto mais fica na relação, mais se apega ao parceiro, o homem quanto mais fica, mais ele quer novidade," diz ela. Estes diferentes modos de funcionar na relação com o parceiro refletem em diferentes visões sobre o encontro entre os sexos: enquanto para Judite este se dá no perfeito encaixe entre o côncavo e o convexo, Vitória entende que o encontro suscita choques e conflitos provenientes de diferenças inconciliáveis.

Heródoto a partir de sua experiência amorosa tomou como critério para novos relacionamentos: "Eu não dou prá mim menos do que eu quero, do que eu desejo, do que eu mereço! Se não for isso, eu fico só!" Outra significativa constatação: "O ponto de partida entre o casal deve estar bem afinado, senão não adianta começar."

Outra importante observação foi que quando a paixão acaba um casal pode continuar junto por outras motivações: obrigação, respeito ou comodismo, sendo que o que se ressalta mais para Letícia é o "costume" da pessoa ficar com a outra. Neste caso cada uma das partes opta por manter ganhos aparentes em detrimento de uma vida amorosa satisfatória. Wotan falando sobre a importância de se cultivar um vínculo amoroso, acentua que o segredo é descobrir a "distância ideal," de forma que ao mesmo tempo que se tenha resguardada a privacidade também se tenham supridas na fusão as necessidades afetivas e sexuais.

6 - CONCLUSÃO

A técnica de imaginação ativa como uma via de acesso à matriz inconsciente de imagens psíquicas de caráter arquetípico demonstrou uma eficácia parcial, isto é, podia-se através dela evocar imagens na consciência, porém a natureza destas imagens foi bastante diversificada, apresentando conteúdos do inconsciente pessoal ou coletivo (este último nem sempre manifestado). Isto demonstra que a técnica não é 'miraculosa,' e que nem todos os sujeitos têm acesso ao inconsciente coletivo através de uma consigna o menos indutiva possível, estando apenas sob o efeito de relaxamento psíquico. Considerou-se que os resultados obtidos na técnica apresentada originalmente por Jung, inclusive a maneira como os sujeitos interagiam com as imagens, permanece uma meta algo distante e talvez idealizada - um objetivo a ser atingido - que nem todos os sujeitos conseguem alcançar de chofre, necessitando de um conjunto de variáveis para sua ocorrência. Sujeitos do sexo masculino, muito embora de uma maneira geral tivessem um nível de escolaridade mais elevado, apresentaram uma tendência a se utilizar menos de imaginação criadora, e a se reportar mais à sua realidade cotidiana e história passada através de imagens de recordação. Inversamente, sujeitos do sexo feminino utilizaram-se com maior freqüência de imaginação criadora, apesar de seu nível de escolaridade mais baixo que o dos homens. A mais importante descoberta deste estudo, entretanto, parece residir no fato das imagens da *anima* constituírem uma via de acesso para se atingir a transcendência divina, "o espiritual se escondendo no sexual" (ULANOV & ULANOV, 1994), característica essencial no ser humano, que, de um ponto de vista arquetípico parece neutralizar as diferenças quanto ao gênero. Além disso, as diferenças que culturalmente foram atribuídas ao masculino e ao feminino parecem ter sido assimiladas pela psique de ambos os sexos e se constituem em uma sólida e imediata referência de identidade.

Um caminho para o qual aponta o presente estudo consiste em uma intrigante relação apontada por BOSNAK (1998) ao mencionar como processos psíquicos podem ser descritos como metáforas alquímicas, e mais do que isso como alquimia e imaginação se imbricam. Assim, imagens tal como a escuridão (caso Verônica), e a profundidade oceânica (caso Wotan) são também imagens do mundo da alquimia referentes mais especificamente à *nigredo,* concebida pelos alquimistas como a fase

inicial de todo processo de transformação, onde se desce ao mundo inferior/infernal, predominando estados de depressão e melancolia. Todavia, da 'escuridão' o alquimista fez o elixir, o remédio que consiste de veneno, e o envenenamento que traz a cura. Eles denominaram seu *pharmacon* como "veneno da cura." Por sua vez, todas as formas de relação entre o masculino e o feminino encontram sua expressão na *rubedo*, o mundo da libido, um mundo de conflito e choque, fusão e casamento, que tem no ouro, o "fogo congelado do sol," o metal específico desta fase. Os casos de Arquimedes, Cibele e Heródoto trazem belíssimas imagens relacionadas com o sol, a questão da libido e do casamento.

BOSNAK (1998) salienta que tanto quanto a forma arcaica da química, a alquimia é também considerada como o estudo dos processos de imaginação que ocorrem em paralelo com a impossível tarefa de transformar metais básicos em metais preciosos. Para os alquimistas foi de grande importância que Mercúrio, deus da imaginação, não fosse solto (liberto) no mundo em sua forma bruta. Eles falavam dele como um "pássaro da tempestade," um impudente demônio que incita os humanos à fúria. Isto faz lembrar o caráter ambíguo da imaginação, que, se por um lado pode nos mover em direção ao amor e atuar nos processos de cura, por outro lado também conduz a um frenesi de destruição que beira a insanidade.

Tais excertos apontam para esta intrigante e sempre indecifrável questão da alquimia das relações entre o masculino e o feminino, onde muito embora a imaginação funcione como uma via de acesso, ela ainda se oculta em insondáveis mistérios. Isto pode ser um caminho e uma abordagem, ainda não muito claros e intuitivamente pressentidos para prosseguir com os estudos sobre o assunto.

Além disso, permanece a questão se de fato os sujeitos que não manifestaram expressões simbólicas arquetípicas não as possuem, podendo isto ser atribuído a características de personalidade e à tipologia básica ou se isto não ocorreu nas condições específicas em que foi realizada a pesquisa. Esta dúvida demanda a realização de maiores estudos onde se possa ter um controle de variáveis como a estrutura de personalidade dos sujeitos, a tipologia, o fato de estar sendo terapeutizado no momento e estar vivendo alguma situação conflitante que congregue muita energia em torno de si.

Do ponto de vista metodológico, um nível crescente de profundidade pôde ser detectado nos resultados obtidos através das técnicas do questionário de gênero, da entrevista semi-dirigida e da imaginação ativa. A linguagem marcadamente 'progressista' apontada pela grande maioria dos sujeitos no questionário de gênero não revela conflitos mais profundos. Supostamente seus resultados apontam para aquilo que racionalmente os sujeitos parecem acreditar e têm para si como verdade dentro de uma linha de pensamento que pretende desviar-se de uma tendência mais reacionária.

A entrevista semi-dirigida, em contrapartida, possibilitou ao sujeito revelar-se num raio bem mais amplo e ir muito além das poucas questões relacionadas no roteiro, imprimindo ali a marca de sua personalidade e os passos de sua história-de-vida. Muitos dos sujeitos encontraram neste espaço o campo propício para se estender sobre seus conflitos com o sexo oposto e com a família de origem, verdadeiros pontos nevrálgicos que se revelaram altamente catexizados para a maioria deles.

Contudo, no que tange às técnicas de entrevista semi-dirigida e imaginação ativa, observou-se que além das linguagens e dos conteúdos apresentados serem bastante diferentes quando comparados entre si, em alguns casos houve uma aparente contradição e incoerência entre os dados obtidos por meio destes instrumentos. Pode-se citar os casos de Aldo, Aline e Átila, que na posse de sua consciência de vigília não evidenciaram conflitos ou contradições no discurso (muito ao contrário, pareciam dominar a situação perfeitamente bem expressando-se com fluência e sagacidade), conflitos estes que, todavia, emergiram no trabalho de imaginação ativa. Desta forma, Aldo, que apresentou um discurso altamente progressista e sagaz sobre a evolução das mulheres e as mudanças que estas desencadeiam nas relações com o sexo oposto, teve a imagem da *anima* eclipsada no trabalho de imaginação ativa, ficando ele às voltas com um padrão arcaico de feminilidade, o qual ameaçava sua virilidade, necessitando então buscar a confirmação desta junto ao menino. Átila, que na entrevista semi-dirigida enaltecia o modelo da figura paterna com seus códigos desviantes da cultura em voga e seu jeito feminino de ser homem, no trabalho de imaginação ativa, entretanto, revelou profundos conflitos com o seu feminino interior e a homossexualidade para a qual este parecia direcioná-lo. Estas contradições que sugerem uma aparente incongruência se

devem provavelmente ao fato de que a técnica de imaginação ativa, por encontrar o sujeito em estado de relaxamento psíquico, tendo também relaxada sua consciência de vigília e suas defesas, possibilita que muitos conteúdos que são barrados pelo controle racional consciente encontrem aí campo propício para se manifestar. Trata-se de diferentes níveis de profundidade que as técnicas possibilitam acessar.

Apesar disso, de uma maneira geral estes instrumentos parecem se complementar na medida em que proporcionam um perfil dos sujeitos em diferentes situações: na indiferenciação e na camuflagem que a massa possibilita; nas suas relações com o mundo externo através da *persona*; e nas suas relações consigo mesmos e com um mundo mais intimista, acessando conteúdos na maioria das vezes inconscientes, mas que eles intuem tratar-se de si próprios.

7 - SUMMARY

This thesis is based on a qualitative research on gender, having the study of masculine and feminine identity as the central issue, under the Analytical Psychology frame of reference. The general objective consisted in investigating the psychological expressions of men and women living in the city of Campinas and surroundings, trying to detect gender 'mandates' and archetypal symbolic expressions. The main specific objective was to investigate what could be essential (archetypal) and/or 'relational' concerning the atribution of masculine and feminine. The sample was constituted of twelve adult men and twelve adult women, with different education levels. The data procedure consisted of the follwing steps: biodemografhic informations, semi-directed interview, gender questionnaire and QMPA questionnaire (the last one is an inventory of questions about mental and emotional diseases developed in Brazil by Santana, 1982). We used the technique of Active Imagination, preceded by the Jacobson method of relaxation, for the investigation of psychic images.

The results showed that the 'old culture' exerts a powerfull influency over the gender identities formation, having the heterogenity as the dominant tendency. The prevalent contents were directly linked to the personal psychic dynamics of the subjects, which apparently came from the personal unconscious through recording memories, sometimes accessing the archetypal image, with the emotional intensity and numinous character that coloured the experience. In relation to what we named 'essential' we observed that the manifested images could work as a way to access transcendency, more than to define and demarcate the masculine and feminine attributes. In spite of women have demonstrated more accessibility to the world of imagination and fantasy, men manifested more contents which suggested the theme of transcendency, coming from day-to-day images in direction to the archetypal field. With the exception of this last aspect we could not find essential diversities related to gender diferences properly speaking. Finally we considered that the diferences atributed to each sex, are being produced by the culture many centuries ago and already became traditional components of the gender manifestations.

8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.I.M. de - **Masculino/feminino: tensão insolúvel: sociedade brasileira e organização da subjetividade.** Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1996. 148 p.

ALMEIDA PRADO, J.F. - **História da formação da sociedade brasileira: primeiros povoadores do Brasil.** 4.ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966. Vol. 37.

AURÉLIO, B.H.F. - **Novo Dicionário da Língua Portuguesa,** 2. ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

AZEVEDO, M.A. - **Mulheres espancadas: a violência denunciada.** São Paulo, Cortez Editora, 1985.

BADINTER, E. - **Um é o outro**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986. 309 p.

BELOTTI, E.G. - **Educar para a Submissão.** 2.ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada.** 39.ed. São Paulo, Edições Paulinas, 1982.

BIBLIOTECA SALVAT DE GRANDES TEMAS. - **A libertação da mulher.** Rio de Janeiro, Salvat Editora do Brasil, 1979. 143 p.

BLEGER, J. - **Temas de psicologia: entrevista y grupos.** 7.ed. Buenos Aires, Edicion Nueva Visión, 1977.

BOECHAT, W. - Arquétipos masculinos: *animus mundi.* In: BOECHAT, W., org. - **O masculino em questão.** Petrópolis, Editora Vozes, 1997. p. 11-20.

BOFF, L. - **O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas**. Petrópolis, Editora Vozes, 1979.

BOSNAK, R. - **A little course in dreams.** Boston & London, Shambhala Publications, 1998. 121 p.

BRAGHINI, L. - Mandatos em linhagens femininas: herança de sorte ingrata ou história recriada? **Cad. Pesq. N. E. P. UNICAMP, 1 e 2**:75-88, 1995.

CAMPBELL, R.J. - **Dicionário de psiquiatria.** São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1986.

CARDOSO, H. - O homem: sua alma, sua *anima*. In: BOECHAT, W., org. - **O masculino em questão.** Petrópolis, Editora Vozes, 1997. p. 21-71.

CASTILLEJO, I.C.de, - **Knowing Woman: a feminine psychology.** Boston & London, Shambhala Publications, 1997. 188 p.

CAVALCANTI, R. - **O casamento do sol com a lua.** São Paulo, Círculo do Livro, 1987. 153 p.

CERVENY, C.M.O. - **A família como modelo: influência da repetição de padrões interacionais das gerações anteriores nos problemas da família atual.** São Paulo, 1992. [Tese - Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

CHASTAIN, K. - **Developing second-language skills: theory to practice.** 2.ed. Boston, Houghton Mifflin Company, 1976.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. - **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996. 996 p.

CIRLOT, J.E. - **Dicionário de símbolos**. São Paulo, Editora Moraes, 1984. 614 p.

COLASANTI, M. - **E por falar em amor.** Rio de Janeiro, Salamandra Editora, 1984.

CUNHA, M.C. - **Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1985. 231 p.

CUSCHNIR, L. - **Masculino/feminina.** Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1992. 208 p.

DALBIEZ, R. - **O método psicanalítico e a doutrina de Freud**, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1947. tomo II.

DEUTSCH, H. - **La psychologie des femmes.** Paris, Presses Universitaires de France, 1949.

DURKHEIM, E . - **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.

ECHENIQUE, M. & FASSA, B. - **Poder e amor: a micropolítica das relações.** São Paulo, Editora Aleph, 1992. 150 p.

ECO, U. - **Semiótica e filosofia da linguagem.** São Paulo, Editora Ática, 1991.

EDINGER, E.F. - **Ego e arquétipo.** São Paulo, Editora Cultrix, 1995.

ERIKSON, E. - **Identidade, juventude e crise.** 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976. 322 p.

FADIMAN, J. & FRAGER, R. - **Teorias da personalidade.** São Paulo, Editora Harper & Row do Brasil Ltda., 1979. 393 p.

FIORINI, H.J. - **Teoria e técnica de psicoterapias.** 7. ed. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1987. 233 p.

FRANÇA, C.V. - **Psicologia fenomenológica: uma das maneiras de se fazer.** Campinas, Editora da UNICAMP, 1989. 124 p.

FRANZ, M.L. von - **A alquimia e a imaginação ativa.** São Paulo, Editora Cultrix, 1992. 154 p.

FRANZ, M.L. von - **A interpretação dos contos de fadas.** 2. ed. São Paulo, Paulus, 1990.

FRANZ, M.L. von - **O feminino nos contos de fadas.** Petrópolis, Editora Vozes, 1995.

FREUD, S. - Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Edição Standard Brasileira, 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987d. v. XIX, p. 301-9.

FREUD, S. - A organização genital infantil. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Edição Standard Brasileira, 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987b. v. XIX, p. 175-84.

FREUD, S. - Discurso perante a sociedade dos B'nai B'rith. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Edição Standard Brasileira, 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987e. v. XX, p. 311-7.

FREUD, S. - O ego e o id. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Edição Standard Brasileira, 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987c, v. XIX, p. 11-89.

FREUD, S. - O mal-estar na civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Edição Standard Brasileira, 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987f. v. XXI, p. 81-171.

FREUD, S. - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Edição Standard Brasileira, 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987a. v. VII, p. 117-161.

FREYRE, G. - **Sobrados e mucambos.** 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977. tomos I e II.

FRISCH, K. von - **Nós e a vida: uma moderna biologia para todos.** 3.ed. Porto Alegre, Editora Globo, 1975. 324 p.

GAIARSA, J.A. - **A estátua e a bailarina.** 2.ed. São Paulo, Ícone Editora Ltda., 1988.

GAMBINI, R. - **O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena.** Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988.

GIORGI, A. - **Phenomenology and psychological research.** 3. ed. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1988.

GIORGI, A. - **A Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica.** Belo Horizonte, Interlivros de Minas Gerais, 1978. 230 p.

GONÇALVES, C.S., WOLFF, J.R., ALMEIDA, W.C. - **Lições de psicodrama.** São Paulo, Editora Ágora, 1988. 110 p.

GONDA, J. - **Visnuism and sivaism: a comparison.** London, The Athlone Press University of London, 1976.

HANNA, J. L. - **Dance, sex and gender: signs of identity, dominance, defiance and desire.** Chicago and London, The University of Chicago Press, 1987.

HARDING, M.E. - **The way of all womem.** New York, C.G. Jung Foundation for Analytical Psychology, 1970.

HARDING, M.E. - **Woman's mysteries: ancient and modern: a psychological interpretation of the feminine principle as portrayed in myth, story, and dreams.** New York, Harper Colophon Books, 1980. 256 p.

HIGONNET, A. - Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência. In: FRAISSE, G. & PERROT, M., org. - **História das mulheres: o século XIX.** Edições Afrontamento, São Paulo, Ebradil Editora , 1991. v. IV.

HILLMAN, J. - ***Anima*: anatomia de uma noção personificada.** São Paulo, Editora Cultrix, 1990. 202 p.

HILLMAN, J. - **O mito da análise: três ensaios de psicologia analítica.** Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1984.

HOFFMAN, B. - **Terapia Hoffman da quadrinidade.** 4.ed. Campinas, Papirus Editora, 1987. 208 p.

HOLANDA, S.B. de - **Raízes do Brasil.** 16.ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1983.

HOPCKE, R.H. - **Jung, junguianos e a homossexualidade.** 2. ed. São Paulo, Editora Siciliano, 1994. 213 p.

JOHNSON, R. - **He: a chave do entendimento da psicologia masculina.** São Paulo, Editora Mercuryo, 1993. 119 p.

JOHNSON, R. - **She: a chave do entendimento da psicologia feminina.** São Paulo, Editora Mercuryo, 1987. 93 p.

JUNG, C.G. - Ab-reação, análise dos sonhos, transferência. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** Petrópolis, Editora Vozes, 1987b. vol. XVI, t. II, 220 p.

JUNG, C.G. - A energia psíquica. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** Petrópolis, Editora Vozes, 1987a. vol. VIII, t.I, 78 p.

JUNG, C.G. - AION: estudos sobre o simbolismo do si mesmo. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** Petrópolis, Editora Vozes, 1982, vol. IX, t. II.

JUNG, C.G. - A natureza da psique. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** 3.ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1991, vol. VIII, t. II. 402 p.

JUNG, C.G. - A prática da psicoterapia. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** Petrópolis, Editora Vozes, 1981, vol. XVI, t.I. 128 p.

JUNG, C.G. - **Arquetipos e inconsciente coletivo.** Buenos Aires, Editorial Paidos, 1977, vol. XIV.

JUNG, C.G. - Estudos sobre psicologia analítica. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** Petrópolis, Editora Vozes, 1978, vol. VII.

JUNG, C.G. - Fundamentos de psicologia analítica. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** 6.ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1985. vol. XVIII, t.I, 177 p.

JUNG, C.G. - *Mysterium coniunctionis:* pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** Petrópolis, Editora Vozes, 1990. vol. XIV, t. II, 429 p.

JUNG, C.G. - O desenvolvimento da personalidade. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** 3. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1986. vol. XVII, 223 p.

JUNG, C.G. - Psicologia do inconsciente. In: **Obras completas de Carl Gustav Jung.** 6.ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1989. vol. VII, t.I, 141 p.

JUNG, C.G. - **Tipos psicológicos.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

JUNG, C.G.; VON FRANZ, M.L.; HENDERSON, J.L.; JACOBI, J.; JAFFÉ, A. - **El hombre y sus simbolos.** Madrid, Aguilar Ediciones, 1969.

JUNG, E. - ***Animus* e *Anima*.** São Paulo, Editora Cultrix, 1995. 112 p.

KAST, V. - **A imaginação como espaço de liberdade.** São Paulo, Edições Loyola, 1997. 204 p.

KLEIN, M. & RIVIERE, J. - **Amor, ódio e reparação.** 2. ed. Rio de Janeiro, Imago Editora, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. 162 p.

KVALE, S. - **InterViews: an introduction to qualitative research interviewing.** Thousand Oaks, California, SAGE Publications, 1996. 326 p.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D.A. - **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1986. 99 p.

MATARAZZO, M.H. - **Amar é preciso.** 40. ed. São Paulo, Editora Gente, 1992. 136 p.

MAYER, E.L. - Uma apreciação da psicologia da mulher nas teorias da personalidade: Freud, Reich, Adler e Jung. In: FADIMAN, J. & FRAGER, R. - **Teorias da personalidade**. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1979. p. 371-86.

MEAD, M. - **Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação.** Petrópolis, Editora Vozes, 1971.

MICHAELES, **Dicionário ilustrado.** Inglês - Português. 57. ed. São Paulo, Edições Melhoramentos, v. I, 1995. 1151 p.

MINAYO, M.C.S. - **O desfio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo, Editora HUCITEC-ABRASCO, 1992. 269 p.

NEUMANN, E. - **História da origem da consciência.** São Paulo, Editora Cultrix, 1995. 323 p.

OLIVEIRA, R.C. - **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976. 118 p.

OSAKABE, H. - **Argumentação e discurso político.** São Paulo, Editora Kairós, 1979.

PAIVA, V. - **Evas, Marias, Liliths... as voltas do feminino**. 2. ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1993. 242 p.

PICKLES, S. - **A linguagem das flores.** São Paulo, Editora Melhoramentos, 1992. 111 p.

PRADO, P. - **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira.** 2. ed. São Paulo, IBRASA/INL/MEC, 1981.

REUCHLIN, M. - **Os métodos em Psicologia.** São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.

RICOEUR, P. - **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica.** Rio de Janeiro, Imago Editora, 1978.

RODRIGUES, J.H. & RIBEIRO, J. - **Civilização holandesa no Brasil.** São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940.

ROGERS, C.R. - **Terapia centrada no paciente**. São Paulo, Livraria Matins Fontes Editora, 1975. 525 p.

SAMPAIO, A. - Brasil: síntese da evolução social. In: **Coleção de estudos nacionais.** São Paulo, Editora Fulgor Ltda., 1961. vol. I.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. - **Dicionário crítico de análise junguiana.** Rio de Janeiro, Imago Editora, 1988. 236 p.

SÁNDOR, P. - **Técnicas de relaxamento.** 4.ed. São Paulo, Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda, 1982. 112 p.

SANTANA, V.S. - **Estudo epidemiológico das doenças mentais em um bairro de Salvador.** 1982 [Tese - Mestrado - Universidade Federal da Bahia].

SCHEEFFER, R. - **Aconselhamento psicológico.** 7.ed. São Paulo, Editora Atlas, 1980. 190 p.

SEGAL, H. - **Introdução à obra de Melanie Klein.** Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

SERRAT, S.M. e HOFF, M.S. - A técnica de entrevista. In: **Técnicas do exame psicológico.** Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1977. p. 152-63.

SICUTERI, R. - **Lilith, a lua negra.** 5. ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1990. 211p.

STOLCKE, V. - Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? In: **Estudos afro-asiáticos, 20**:101-19, 1991.

STOLLER, R.J. - **A experiência transexual.** Rio de Janeiro, Imago Editora, 1982.

TARDAN-MASQUELIER, Y. - **C.G. Jung: A sacralidade da experiência interior.** São Paulo, Paulus Editora, 1994. 221 p.

TUCKER, P. & MONEY, J. - **Os papéis sexuais.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

ULANOV, A. & ULANOV, B. - **Transforming Sexuality: the archetypal world of *anima* and *animus*.** Boston & London, Shambhala Publications, 1994. 448 p.

VAITSMAN, J. - **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.** Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994. 203 p.

WHAT, W. - **Mistérios revelados da Cabala.** Porto Alegre, Fundação Educacional e Editorial Universalista, 1982.

WOOLGER, J.B. & WOOLGER, R.J. - **A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas.** 4. ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1997. 346 p.

ZIMMERMANN, E.B. - **Integração de processos interiores no desenvolvimento da personalidade.** Campinas, 1992 [Tese - Mestrado - Universidade Estadual de Campinas].

9 - ANEXOS

Anexo 1: Dados biodemográficos do sujeito

Nome: .....

Sexo: ..... Raça: .....

Idade: .....

Local de Nascimento: .....

Estado Civil: .....

Situação de Fato: .....

Filhos: .....

Nível de Escolaridade: .....

Profissão: .....

Trabalha no momento: Sim ( ); Não ( ).

Renda Mensal: .....

Local de trabalho: .....

Religião: .....

Endereço Residencial: .....

.....

.....

Fone: .....

Observações: .....

Anexo 2: Roteiro para aplicação da entrevista semi-dirigida

Após um breve "raport," as seguintes perguntas adaptadas ao nível educacional do sujeito servirão de roteiro para nortear a entrevista:

"Partindo de sua experiência do sujeito de relacionamento com o sexo oposto:

- Como você foi se percebendo como mulher (homem) nos diferentes momentos de sua vida? Houve fatos que contribuíram especialmente para isto? [1]
- Fale sobre como você acha que deve ser o jeito da mulher (homem). E o jeito do (a) homem (mulher)?
- Na vida a dois, qual é a parte boa e qual é a parte ruim (lado prazeroso e desagradável)?
- Quais as diferenças entre o seu jeito de ser homem/mulher hoje e aquele que aprendeu com seus pais?
- O que você acha da vida a dois hoje em nossa sociedade (como estão vivendo os casais à sua volta)?"

(Todas as entrevistas serão gravadas e transcritas)

[1] O procedimento sobre esta pergunta depende da variável sexo, isto é, se o sujeito for do sexo feminino, então a pergunta ficará assim: "Como você foi se percebendo como mulher nos diferentes momentos de sua vida?", e vice-versa.

Anexo 3: Questionário de gênero

I - Para você, ser homem ou mulher:

1) ( ) já faz parte da própria natureza das pessoas, isto é, já se nasce assim.
( ) é definido a partir do relacionamento do homem com a mulher, isto é, se aprende.

2) ( ) envolve jeitos de ser que são sempre os mesmos durante a nossa vida.
( ) envolve jeitos de ser que estão em constante mudança em nossa vida.

3) ( ) envolve jeitos de ser que são sempre os mesmos de uma geração para outra.
( ) envolve jeitos de ser que estão em constante mudança de uma geração para outra.

4) ( ) o jeito de ser do homem e o jeito de ser da mulher já estão definidos pela sociedade antecipadamente.
( ) estes jeitos de ser são definidos pelo homem e pela mulher a partir do que acontece em suas vidas.

5) ( ) o jeito do homem e o jeito da mulher são sempre os mesmos, pois duram para sempre.
( ) o jeito do homem e o jeito da mulher nem sempre são os mesmos e não duram para sempre.

II - Para você:

( ) o poder é importante na vida a dois.
( ) o poder não é importante na vida a dois.

Nome: .....

Anexo 4: Questionário de morbidade psiquiátrica para adultos (QMPA)

Escore:

Questionário	Respostas	
	SIM	NÃO
1) Sofre falta de apetite?		
2) Tem dificuldades para dormir?		
3) Queixa-se de zumbidos no ouvido, agonia na cabeça?		
4) Sente dores ou pontadas freqüentes na cabeça?		
5) Sente fraqueza nas pernas, dores nos nervos?		
6) Fica agressivo, explode com facilidade?		
7) Fica períodos triste, com desânimo?		
8) Sente bolo na garganta, queimação ou empachamento no estômago?		
9) Sente tremores ou frieza nas mãos?		
10) Tem com freqüência crises de irritação?		
11) Tem dificuldades de aprender, lembrar ou entender as coisas?		
12) Consome bebidas alcoólicas?		
13) Às vezes fica parado, chorando muito?		
14) Já pensou em dar fim na vida?		
15) Já esteve descontrolado, fora de si, como se fosse doente da cabeça?		
16) Não consegue trabalhar por nervosismo ou doença mental?		
17) Já ficou sem falar ou enxergar?		
18) Fica fechado no quarto sem querer ver ninguém?		
19) Embriaga-se pelo menos uma vez por semana?		
20) Bebe diariamente?		
21) Queixa-se de palpitação ou aperto no coração?		
22) Sofre de nervosismo ou está sempre intranqüilo?		
23) Preocupa-se muito com doença? Queixa-se sempre?		
24) Já sofreu um ataque depois de um susto ou contrariedade?		
25) Tem medo excessivo de certas coisas, ou alguns bichos, ou de lugares fechados ou escuros?		

26) Após fechar as portas, verifica várias vezes se estão fechadas?		
27) Queixa-se de ouvir vozes ou vê coisas que os outros não vêem?		
28) Fala coisas sem sentido, bobagens?		
29) Fala ou ri sozinho?		
30) Acha-se perseguido, que estão querendo lhe fazer mal?		
31) Sente que está controlado por telepatia, por rádio ou espírito?		
32) Às vezes fica muito tempo numa posição estranha?		
33) Fica períodos exageradamente alegre sem saber porque?		
34) Fica andando muito, cantando ou falando sem parar?		
35) Já utilizou ou usa atualmente remédios para dormir ou acalmar os nervos?		
36) Não consegue freqüentar a escola?		
37) Sofre de acesso de loucura?		
38) Sofre de retardamento mental?		
39) Tem mania de limpeza ou arrumação? Exageradamente?		
40) Recebe tratamento para nervosismo ou doença mental?		
41) Sofre de ataques, caindo no chão, se batendo?		
42) É dado ao uso de drogas?		
43) Bebe exageradamente?		
44) Não sabe se vestir, urina ou defeca nas roupas?		
45) Não fala, não caminha, não reconhece as pessoas?		

Anexo 5: A relaxação progressiva de Jacobson

Segundo SÁNDOR (1982), este método implica em uma orientação mais fisiológica do que psicológica, onde a pessoa aprende a avaliar e realizar sistematicamente suas tensões nos diversos grupos musculares, para depois relaxá-las. Jacobson, através de extensas pesquisas estabeleceu critérios para o relaxamento somático, medindo a tensão dos músculos lisos por meios clínicos (tonômetro, galvanômetro), combinando-os com testes farmacológicos com cafeína e adrenalina. Seus resultados foram comprovados por outros pesquisadores que já utilizaram processos mais avançados (EEG, ECG).

Elaborou então um sistema de 'Seis Passos' manipulando os diversos grupos de músculos estriados, salientando, no entanto, que para atingir o relaxamento era necessário um intervalo prolongado (e realmente, a duração dos exercícios é uma desvantagem do método). O paciente, aprendendo o refinamento de suas percepções cinestésicas, saberá também registrar a diminuição das tensões musculares, podendo assim experimentar o relaxamento psíquico de modo consciente, sem necessitar de fenômenos hipnagógicos. Jacobson insiste no fato de que seu procedimento e resultados não se relacionam com efeitos de sugestão.

No processo fisiopsicológico dos exercícios trabalha-se com 'situações comuns' sem recorrer a estímulos mais específicos ou requintados, aprendendo-se a retesar e a descontrair os músculos repetidamente para chegar a uma automatização.

Eis a descrição dos seis passos do método:

1°) A relaxação dos braços

O paciente em decúbito dorsal fecha os olhos, permanecendo com as pernas estendidas tentando reduzir seus movimentos ao mínimo, conseguindo eventualmente uma completa imobilidade. Isto é um condicionamento preliminar, onde se tenta perceber sem qualquer esforço mental todos os fatores que surgem para impedir a execução deste estado preparatório. O paciente é orientado a não se preocupar nem tentar avaliar. A duração do exercício é de 50 minutos, podendo ser reduzida para 30.

Em seguida, tem início a fase de retesamento do braço. Mantendo a mesma posição, o paciente deve levantar o braço direito e fechar o punho; enquanto isto deve também estar atento durante a execução do movimento à tensão que surge no braço direito.

Descontração: a consigna aqui é que o paciente deixe cair o braço, abra o punho e permaneça com os dedos soltos (não esticados). Depois de 3 a 5 minutos de repouso, o exercício será repetido por duas vezes. Na mesma posição executa-se o exercício com ambos os braços. Aqui também, como antes de cada exercício, salienta-se a importância de experimentar conscientemente o retesamento voluntário e a descontração subseqüente. Em seguida, o paciente deverá permanecer em repouso. A duração do exercício é de 50 minutos, podendo ser reduzida para 30.

O exercício também pode ser executado apenas com o antebraço ou com o pulso.

2°) A relaxação das pernas

Aqui é aplicado o mesmo condicionamento preliminar que no exercício anterior.

Retesamento: o paciente executa uma flexão plantar com os tornozelos, flexionando também os artelhos, sem movimentar os joelhos.

Descontração: parada repentina da flexão dos pés e artelhos.

Depois de um repouso de 3 a 5 minutos, serão repetidos duas vezes o exercício e a pausa. Não deve ser feita uma execução forçada e/ou violenta a fim de não causar dores, o que desvirtuaria o propósito original.

No exercício seguinte, a posição é a mesma e o exercício também, mas a fase de descontração deve ser executada paulatinamente.

3°) A respiração

Em decúbito dorsal o paciente permanece com olhos fechados durante 10 minutos, acompanhando o ritmo da própria respiração sem nenhuma interferência. Depois respira 3 vezes de modo um pouco mais profundo, sem esforço ou mudança real

do processo. Durante todo o processo ele deverá observar a caixa toráxica atentamente, especialmente nas respirações mais profundas, para perceber o retesamento ao inalar, e a descontração ao soltar o ar.

4°) A relaxação da testa

Inicialmente o paciente, diante do espelho, é orientado para enrugar a testa e levantar com força as sobrancelhas; depois deve soltá-las lentamente. Em seguida, contrai as sobrancelhas com força ('olha feio') e solta-as de novo lentamente.

No segundo exercício, o paciente deita-se, e agora de olhos fechados, faz os mesmos exercícios anteriores.

5°) A relaxação dos olhos

Estando em decúbito dorsal, com olhos abertos, o paciente olha para a direita e permanece 30 segundos experimentando a tensão dos olhos. Logo após, volta os globos oculares à posição mediana sem mirar qualquer objeto, permitindo a descontração e o relaxamento dos músculos oculares. Depois de uma pausa de 1 minuto repete o exercício para o lado esquerdo, para cima e para baixo, sempre voltando à posição mediana e relaxando os músculos antes de iniciar uma nova fase.

6°) A relaxação dos órgãos da linguagem

O paciente permanece deitado como quiser, mas com olhos fechados.

Inicialmente ele é instruído para contar até 10 em voz alta, observando a atividade da língua, dos lábios, da mandíbula, do pescoço e da caixa toráxica. Deverá relaxar cada grupo muscular durante 3 minutos, repetindo sempre duas vezes o exercício com as necessárias pausas.

Na segunda etapa a contagem é feita em voz baixa e mais tarde, apenas sussurrando e depois, permanecendo em silêncio, experimentando da maneira descrita anteriormente o relaxar dos diversos grupos musculares.

É importante mencionar que os seis passos de Jacobson são apenas o modo simplificado do seu procedimento, que na forma mais extensa inclui séries de

outros exercícios; principalmente a percepção do 'senso muscular' que é a sensação da contração muscular, a princípio relativamente difusa e mal delineada.

BC